Mons. Bernard Tissier de Mallerais

# Vida de Mons. Marcel Lefebvre

Que Dieu vous bénisse
+ Marcel Lefebvre

Edição : Les amis de saint François de Sales

# Monsenhor Marcel Lefebvre

O percurso de Marcel Lefebvre (1905-1991) segue uma bela linha ascendente. O Papa Pio XII nomeou este sacerdote missionário de 42 anos Bispo do Senegal, e depois, um ano mais tarde, Delegado apostólico da Santa-Sé para a África francófona (o equivalente de Núncio). Em 1962 foi eleito Superior da Congregação do Espírito Santo, que conta mais de 5000 membros. O Papa João XXIII nomeia-o Assistente ao Trono Pontifical e membro da Comissão central pré-conciliar.

No entanto, em Outubro de 1968, sente-se constrangido a pedir a sua demissão da sua função de Superior Geral e, a 1 de Novembro de 1970, funda em Ecône (Suíça) a Fraternidade Sacerdotal São Pio X. Aquela fundação vale-lhe progressivamente uma celebridade mundial por causa da sua fidelidade à «Missa em latim», da sua oposição a algumas inovações do Concílio Vaticano II (1962-1965), e das suas disputas com o Papa Paulo VI.

Depois das sanções do Vaticano contra a sua Fraternidade e contra si próprio, a «Missa proibida» que ele celebra em Lille em Agosto de 1976, perante 10 000 fiéis, obtém uma enorme ressonância por causa do trabalho dos 400 jornalistas presentes. Em 1988, conquista uma nova celebridade consagrando 4 bispos em Ecône, apesar da interdicção do Papa João Paulo II, e perante as máquinas de filmar das televisões do mundo inteiro.

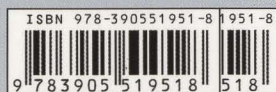
Quais são os recursos deste excepcional Prelado, considerado muitas vezes como um «cavaleiro solitário» na Igreja, e que afirma nunca ter actuado segundo as suas ideias pessoais?

Qual é o segredo da irradiação deste homem, filho dum resistente morto em deportação, doutor em Filosofia e em Teologia, Oficial da Legião de Honra, que conheceu os mais célebres homens e privou com eles, tais como o Doutor Schweitzer em Lambarene, o Presidente Coty e o General De Gaulle em França, bem como François Mitterand e Jacques Chirac, futuros presidentes, Jacques Chaban-Delmas e Pierre Messmer, futuros primeiros ministros, e ainda o Presidente Lyndon Johnson, o Presidente Eamon de Valera, o Presidente Léopolde Senghor, o Presidente Bongo, o escritor e Ministro André Malraux, o filósofo Jean Guitton, Santo Padre Pio, Marthe Robin, e muitos outros?

Ao longo duma biografia fascinante, desvenda-se pouco a pouco o mistério dum homem fora do comum, que foi tão extraordinariamente seguro de si apenas porque foi absolutamente seguro de Deus.

Bernard Tissier de Mallerais, nascido em 1945, titular de um mestrado em Biologia, juntou-se a Monsenhor Lefebvre desde Outubro de 1969 em Friburgo. Participou na fundação da Fraternidade São Pio X. Íntimo de Monsenhor Lefebvre, assumiu a seu lado responsabilidades importantes, nomeadamente enquanto Director do Seminário de Ecône. A presente obra é o fruto dum impressionante trabalho de indagação nos arquivos, e nas entrevistas com todas as pessoas que ladearam o Prelado nas diversas etapas da sua existência.

ISBN 978-3-905519-51-8

ISBN 978-3-905519-51-8 1951-8
9 783905 519518 518

Marcel Lefebvre

Bernard Tissier
de Mallerais

# Marcel Lefebvre

Tradução da Segunda Edição corrigida

**NA CAPA, MONSENHOR LEFEBVRE, NO DIA 15 DE AGOSTO DE 1985, EM LURDES CLICHÉ F. POINCET - SYGMA**

Depósito Legal: M-1826-2010
ISBN: 978-84-92654-27-7
Impresión: Cofás

# Agradecimentos

O minha gratidão vai em primeiro lugar para os meus superiores que me confiaram este encargo e me proporcionaram a alegria de escrever esta biografia.

Quero agradecer em seguida ao Senhor e à Senhora André Cagnon pela sua transcrição dos sermões e conferências de Monsenhor Lefebvre, o que me foi muito útil.

Ao Padre Jean-Marie Savioz pela sua tese muito rica, e ao Padre Jean-Marc Ledermann pelas suas indagações, bem como a todos aqueles que, tendo respondido às questões, figuram, por este motivo, na obra presente.

A todas as pessoas que me escreveram ou que me acolheram e me entregaram lembranças e testemunhos, que me abriram os arquivos, que me comunicaram correspondências, outros tantos documentos ou simples informações. A todos muito obrigado.

Vários dos meus interlocutores e dos Padres Savioz e Ledermann não esconderam o seu desacordo com a linha seguida por Monsenhor Lefebvre; portanto as suas intervenções neste livro não podem significar a aprovação das apreciações pelas quais eu assumo sozinho a responsabilidade.

Exprimo o meu reconhecimento particular a Sua Excelência Monsenhor Gérard de Milleville CSSp, aos Padres Pierre Blet SJ e Jean-Jacques Marziac SMA, Aos Padres Emmanuel Barras, Jules Bourdelet, Fernand Bussard, André Buttet, Joseph Carrard, Louis Carron, Michael O'Carroll e Alexis Riaud, CSSp, e ao Padre Charbel Gravrand OCSO.

Estou reconhecido igualmente aos Padres Alois Amrein, Paul Aulagnier, Claude Boivin, Damian Carlile, Emmanuel du Chalard, Fabrice Delestre, Vincent Grave, Patrick Groche e Philippe Toulza.

Devo também agradecer a Alphonsine Nyare Mbome, François Lagneau, Joseph e Michel Lefebvre bem como à Irmã Marie-Christiane Lefebvre, Françoise Le Panse, Vernor Miles Jr. , Marie-Agathe Mouenkoula, Michel de Penfentenyo e Marcel Toulemonde.

Um «obrigado« especial é dirigido aos «condutores de Monsenhor Lefebvre « pelas suas confidências, e ao Padre Juan Carlos Ortiz

cujos mapas pormenorizados enriquecem esta obra.

Não me esqueço daqueles que me vedaram os seus arquivos, deixando a entidades mais felizes do que eu o desvendar no futuro segredos conservados com ciúmes.

Os meus agradecimentos são dirigidos sem reserva à Irmã Chantal-Marie que procedeu à transcrição do texto e a Michèle Legros que assegurou a paginação, aos cuidadosos correctores que reviram os ensaios, e por fim a toda a equipa das edições Clovis, que empreendeu com entusiamo a publicação desta biografia, de que avaliou o desafio, duma actualidade sempre quente.

# Prólogo

Missionário, bispo, delegado apostólico. A trajectória de Marcel Lefebvre (1905-1991) é a de uma bela linha ascendente. Pio XII nomeou-o Bispo do Senegal aos quarenta e dois anos, e seu Delegado Apostólico na África Francesa aos quarenta e três anos. Em 1962, é eleito Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, que conta mais de 5.000 membros. João XXIII nomeia-o Assistente do Trono Pontifício e membro da Comissão Central Pré-conciliar. Durante o Concílio Vaticano II, Marcel Lefebvre é o chefe da minoria.

As duas décadas que se seguem (1968-1988) não abrandam nem o seu ritmo nem a sua reputação. Vai manter-se, sem esforço da sua parte, na primeira página dos jornais. A «missa interdita» que celebra na Feira Comercial de Lille no Verão quente de 1976 concede-lhe popularidade definitiva.

Enquanto Paulo VI denuncia «o desafio lançado às Chaves de São Pedro», Lille vê o nunca visto. Quatrocentos jornalistas da imprensa escrita, falada, filmada, vindos dos quatro cantos do mundo, acotovelam-se para arrancar ao bispo uma frase, para ouvir uma resposta. Ultrapassa as celebridades políticas ou outras. Os *Izvestia* soviéticos reclamam a Paulo VI o silenciamento do bispo rebelde; o Primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, suplica a Marcel Lefebvre, «em nome da França, filha mais velha da Igreja», que se reconcilie com o Papa.

Doze anos mais tarde, depois de ter dito «Não» á reunião interreligiosa presidida por João Paulo II em Assis, o arcebispo sagra quatro bispos, mau grado a proibição do Papa. Todas as câmaras das cadeias mundiais de televisão mostram a cerimónia «da grande fractura», que vale ao prelado de Écône a excomunhão por «cisma». É este o destino do «bispo de ferro»?

A carreira do filho de industriais – não da siderurgia, mas da tecelagem – do Norte de França iniciou-se quando, adolescente, Marcel Lefebvre se fez apóstolo metódico dos *«courées»*, pobres cursos de Tourcoing. Aluno do Seminário Francês de Roma sob os

olhos de Pio XI e ordenado padre em 1929, coroa os seus estudos com um duplo doutoramento na Universidade Gregoriana; na sequência do qual o Cardeal Linéart afecta o duplo doutor a um cargo piloto: vigário de arrabalde operário.

Mas, reviravolta inesperada, o jovem padre decide tornar-se missionário e ei-lo noviço em Orly, sob os helicópteros. Espiritano e barbudo, encontramo-lo no Gabão em 1932, formador dos padres africanos de amanhã, depois, sertanejo experimentado, nas margens do Ogoué e amigo do Dr. Schweitzer. A guerra compromete-o primeiro contra de Gaulle... e a seguir nas tropas de Leclerc, enquanto seu pai morre deportado por feitos na resistência.

Em 1945, é chamado a França para a sua «batalha da Normandia» no escolasticato de Mortain. Adeus missões! Não por muito tempo, porque quando o Delegado Apostólico de Dacar pede a demissão, a autoridade superior lança os olhares em Marcel Lefebvre. Sagrado bispo em 1947, é nomeado delegado apostólico no ano seguinte: diplomata sem pertencer «à carreira».

De Marraquexe a Tananarive, de Dacar a Gao, por vezes em companhia de François Mitterrand, torna-se o bispo andarilho, perspicaz observador da realidade africana da qual dá conta ao Papa Pio XII. De 1948 a 1962, Marcel Lefebvre está no centro dos debates sobre descolonização e independência, organizando uma hierarquia católica autóctone; três dos seus antigos alunos de Libreville serão elevados ao episcopado.

Em Dacar, as directivas do arcebispo são de uma modernidade resoluta, que contrasta com a imagem do «bispo tradicionalista». É preciso, recomenda ele, «saber ir adiante, combater a rotina, a estreiteza de espírito, um tradicionalismo antiquado e esclerozado que fecha os olhos ao materialismo, ao ateísmo que invade a juventude».

Eis o homem que Ângelo Roncalli, Núncio em Paris e futuro João XXIII, acolhe frequentemente na nunciatura, o homem que é recebido no Eliseu por René Coty, que Charles de Gaulle consulta várias vezes, que convive com o Presidente Lyndon Johnson, e que é ajudado na sua missa pelo irlandês Eamon de Valera.

Mas, independência obriga, Mons. Lefebvre deve deixar a África. Nomeado Arcebispo-bispo de Tulle, onde encontra Jacques Chirac, está muito próximo dos seus padres que vai visitar aos presbitérios

e que o julgam «excelente bispo no terreno, de uma presença extraordinária».

Eleito por mãos erguidas Superior Geral dos Padres do Espírito Santo, empreende na sua congregação uma obra de salvação pública que lhe atrai amizades e inimizades. Mas todos, protagonistas e adversários, concordam em reconhecer-lhe uma incontestável aura de encanto singular, uma boa presença formidável, uma paternidade amante e amável.

Na aula conciliar, não podendo acomodar-se em ser passivo espectador da grande fissura que se abre na Igreja em pleno *aggiornamento*, faz-se estratega de uma batalha encarniçada, apaixonadamente relatada pelos *media*; e, várias vezes, o que se chamará «efeito Lefebvre» inverte o curso das coisas.

Em 1968, recusando caucionar o que considera autodestruição da sua congregação, Mons. Lefebvre encontra-se, aos sessenta e três anos, na rua, de mala na mão, «bispo desempregado». Voltam-se para ele, em plena crise de sacerdócio, as vocações desamparadas: «Monsenhor – dizem elas – faça qualquer coisa por nós, funde um seminário!»

Sabe onde o levam essas súplicas? Que virtualidades da sua graça episcopal vão manifestar? E até onde? Mas os factos falam por si mesmos: vento em popa, rodeado pela juventude, o empreendedor ancião começa do zero e cria uma obra sacerdotal aprovada pela Igreja. Em breve se verá enriquecido com uma posteridade de mais de quatrocentos padres e duzentos religiosos e religiosas, presentes nos cinco continentes.

Qual é a energia deste optimismo realizador? Sem dúvida, a virtude da sua raça, porque o flamengo tenaz duplica em si o industrioso *faber* («operário, artezão, ferreiro»), como indicam, desde há três séculos, o nome e a profissão dos Lefebvre. Mas não será Marcel herdeiro de outra ordem? A hipótese poderia fornecer uma chave do destino excepcional do prelado, mediatizado como «cavaleiro solitário» por excelência, e que, todavia, sempre afirmou nunca ter agido segundo ideias pessoais.

Aplicamo-nos, portanto, a uma obra de pesquisa meticulosa de testemunhos e documentos que permitam esclarecer o itinerário do arcebispo não conformista. Era preciso avaliar todas as influências exercidas na adolescência e na juventude clerical daquele que

se tornaria o homem menos influenciável do mundo. Quisemos recorrer a todas as fontes e a todos os arquivos acessíveis, abri-los completamente aos nossos leitores.

A fim de nos mantermos no rigor que impõe o método histórico, confrontamos incessantemente as asserções e as recordações de um prelado que, durante duas décadas decisivas na evolução de uma Igreja em mutação comentou detalhadamente aos seus seminaristas cada novidade eclesial, explicou cada uma das suas reacções e das suas resoluções, à medida que se acelerava, no decorrer dos anos, o movimento giratório de um turbilhão de acontecimentos que ele dominava com tanto desembaraço, como docilidade punha em se deixar conduzir pelo seu curso.

Seremos, assim, obrigados a circunscrever os motivos profundos da acção espantosa deste bispo fora do vulgar, e a perscrutar os recônditos de uma personalidade que os melhores observadores descrevem como fortemente contrastada: tímido e arrojado, conciliador e intratável, dogmático e pragmático. Conseguiremos discernir a unidade escondida dessa figura que não é toda um bloco? Para o tentar, não hesitámos receber os testemunhos dos inimigos mais irredutíveis do arcebispo, que foram, em certos pontos, os amigos mais espontaneamente seus admiradores.

Talvez o leitor se sinta tentado a descobrir connosco, página após página, o segredo de Marcel Lefebvre, o mistério de um homem que não foi tão extraordinariamente certo de si porque foi absolutamente certo de Deus.

# Primeira Parte

# O HERDEIRO

# CAPÍTULO I

# O SANTUÁRIO FAMILIAR

## 1. ORIGENS

### *Uma bela descendência de lanifícios*

Tão longe quanto se pode remontar no tempo, parece que sempre se devem encontrar Lefebvre em Tourcoing. Quando, em 13 de Outubro de 1644, o comerciante-industrial Henri Lefebvre casou com Isabeau Desrumeaux,[1] a cidade é uma localidade florescente de cerca de quinze mil almas, dedicada à indústria da lã. Lille, cidade vizinha, é a grande praça comercial do têxtil, enquanto Roubaix não passa de um pequeno burgo.

A Flandres valónica, que se estende de Lys a Douai, é a parte meridional dos Países Baixos espanhóis, até que a sorte das armas de Luís XIV coloca Lille e a sua alcaidaria em França, em 1668. Após a Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1713), o Tratado de Utrecht fixa a fronteira que é ainda a de hoje; e Jacques-Antoine Lefebvre, filho de Pierre-Allard Lefebvre, é completamente francês quando casa em Waquehal, em 5 de Outubro de 1738, com Catherine Dumortier.

De seus filhos, Jean-Baptiste, comerciante, nascerão Louis, antepassado daquele que será o Cardeal Joseph Lefebvre, Arcebispo de Bourges, e Jacques, casado em 1799, em Tourcoing, com a filha de um comerciante de tecidos.

Comerciante-industrial em Tourcoing, Jacques Lefebvre compra a lã antes da tosquia e, após esta, lá chega ao seu entreposto. Depois da cardação, desengorduramento e secagem, as mechas são fiadas. A cardação e a fiação fazem-se no domicílio dos cardadores e fiadores. Dali, o comerciante-industrial vende as suas lãs em Lille ou expede-

[1] Genealogia manuscrita, Arquivos de Écône.

as para longe.[2] Tourcoing, então mergulhada entre verdura, muda de aspecto com a introdução dos teares movidos a vapor produzido por carvão: como Roubaix e Lille, eriça-se com chaminés de fábricas, e as três cidades envolvem-se em nuvens de fumo.

Filho de Charles – tratado por Carlos – Lefebvre, comerciante de lã, Eugène Lefebvre é industrial de fiação em Tourcoing, quando se casa em Lomme, em 1878, com Marie Théry, filha de Henri-Théodore (descendente de notários lilenses) e de Hortense Van Rullen. Hortense e sua filha Marie, ambas à frente da Ordem Terceira Franciscana das suas cidades, entregam-se ao apostolado, a primeira em Lille, a segunda em Tourcoing, onde toda a gente a chama «a boa Madame Lefebvre».[3]

Eugène Lefebvre, homem de negócios, de trabalho, em boas relações com os seus operários, dirigia bem a sua fábrica de fiação, a casa Vermersch-Lefebvre. Sem ser muito praticante, era homem de palavra: sua mulher, morrendo santamente em 8 de Outubro de 1917, pede-lhe que reze o Terço todos os dias – promessa cumprida: à tarde, com a cozinheira Adelaïde, rezava o Terço[4]. Morreu em 8 de Fevereiro de 1926. Teve dois filhos: René, nascido em 23 de Fevereiro de 1879, e Marguerite, esposa do industrial de Roubaix Alphonse Lemaire.

René Lefebvre, futuro pai de Monsenhor Marcel Lefebvre, tinha sido interno na rude escola dos jesuítas de Boulogne-sur-Mer.[5] Seu pai nada negligenciara para fazer dele um industrial completo: falava correctamente inglês e alemão, e tinha ido estudar a sua técnica à Alemanha. Todavia, filho único, de temperamento delicado e sensível, algo tímido e muito piedoso, refugiava-se no isolamento. Daí as suas aspirações à vida consagrada, em particular à beneditina.[6] Hesitava nesta via, quando foi apresentado a uma jovem de Roubaix, Gabrielle Watine.

## *Gabrielle Lefebvre-Watine*

Os Watine eram um belo exemplo de sucesso industrial de família patrícia do Norte. Louis Watine (1814-1843), industrial em Roubaix, filho de Philippe Watine-Meurisse, tinha casado com Élise Watine, neta de Pierre Wattines-Dewavrin (1749-1812), que tinha sido arqui-

---

[2] Delasalle, 84
[3] Valynseele; *UPUM*, 21.
[4]Joseph Lefebvre, carta Junho de 1997
[5] Pouchain 251.
*UPUM*, 21.

tecto e Presidente da Câmara de Tourcoing em 1800. O seu segundo filho, Louis Watine (1848-1919), fabricante de tecidos, Vice-Presidente da Caixa Económica,[7] seria para sua mulher, Gabrielle Lorthiois, com quem casou em Tourcoing em 27 de Junho de 1874, um guia seguro, um apoio sólido.

Optimismo realizador, fé católica militante, tais eram os traços salientes da família Lorthiois, que se tornou legião, pois os Louis Lorthiois-Duquennoy (1764-1810) contavam, em 1940, mil e duzentos descendentes, dos quais sessenta padres, religiosos e religiosas, espalhados pelas cinco partes do mundo. É desta linhagem abençoada por Deus que, em 1855, nasce Gabrielle Lorthiois, décima segunda de treze filhos de Floris Lorthiois, fabricante de tapetes em Tourcoing, e de Marie Van Dooren, sua esposa vinte anos mais jovem do que ele.

Duas das irmãs de Gabrielle Lorthiois fizeram-se religiosas; se ela própria não ouviu o apelo divino, foi consolada por ver treze dos seus netos consagrados ao Senhor. A terceira ordem franciscana de Roubaix, da qual era presidente, estava longe de absorver a sua actividade. Percorria, com o seu passo enérgico, as ruas da cidade, para procurar ajuda e trabalho em numerosas comunidades religiosas.

Do lar activo e fecundo de Louis Watine e Gabrielle Lorthiois, suscitou Deus uma alma de escol, a mãe de Monsenhor Lefebvre, Gabrielle Watine.

Se é verdade que «a alma de um padre é forjada nos joelhos da mãe», conhecer a alma de Gabrielle Watine far-nos-á adivinhar a de Monsenhor Lefebvre.

Gabrielle Watine nasceu em Roubaix, em 4 de Julho de 1880, quarta de sete filhos.

Jovem estudante, foi levada à piedade de maneira inequívoca, juntando os actos à oração e arrastando as suas companheiras. Pode-se descrevê-la numa única palavra: era filha do dever.

A vida familiar é impregnada de fé, de oração, de espírito de sacrifício e de zelo para aliviar as misérias do próximo. Gabrielle Watine corresponde generosamente à energia da sua mãe e mostra o bom exemplo.

Visita com a sua mãe as famílias operárias de tecelagem e os pobres da Conferência de São Vicente de Paulo; precioso conhecimento como o das *courées* leprosas e das pálidas faces dos pequenos anémicos.[8]

---

[7] Valynseele, 126.

[8] Irmã Marie-Louise, C. a I. Marie-Christiane Lefebvre, 20 de Junho de 1947; *UPUM*, 15, 17.

Com dezasseis anos foi enviada para o pensionato das Irmãs Bernardas d'Esquermes, em Lille, onde sua tia, Irmã Marie-Clotilde (Clara Lorthiois) era religiosa. Ali manifestou «humor, energia sorridente, encanto, modéstia e delicadeza».[9] A sua personalidade afirmava-se na discussão de ideias, que ela travava com animação, sem querer ceder por fraqueza.

Quando terminou os estudos, Gabrielle Watine hesitou sobre o seu futuro. Seria religiosa? Após reflexão, orações e consulta a Monsenhor Fichaux, seu director espiritual, decidiu-se pelo casamento.[10]

## 2. O LAR FAMILIAR

### *Casamento – Viagem de Núpcias – Instalação*

Que critério vai regular a escolha da jovem e de seus pais? As organizações industriais, no Norte, são tributárias das relações e das alianças familiares, sem que se possa dizer que o interesse comanda aqui relações que só valem pela sua espontaneidade. A vida quotidiana dos patrões do têxtil é tecida num encontro permanente entre os negócios e a família.

Mas o critério moral e religioso não é menos importante.[11] Um vigário de Nossa Senhora de Tourcoing garante as qualidades morais de René Lefebvre e vem apresentá-lo. O jovem é um ano e meio mais velho do que Gabrielle. Esbelto e bem alto, olhos garços muito doces, nariz bem direito e fino bigode, é rapidamente aceite pelo casal Watine e por Gabrielle.

René Lefebvre e Gabrielle Watine trocaram votos matrimoniais em 16 de Abril de 1902, na igreja de Saint-Martin de Roubaix, perante o cura-deão Berteaux.

A viagem de núpcias levou os esposos a Lourdes, junto da Virgem da gruta, pois René era hospitaleiro nos maqueiros desde 1987; depois, a Roma, onde receberam a bênção do Papa Leão XIII.[12]

De regresso a Tourcoing, instalou-se o jovem casal numa modesta casa da rua Leverrier, rua discreta de sóbrias fachadas de tijolo vermelho, com janelas impecavelmente alinhadas – tipo próprio do urbanismo racional e ordenado da região.[13]

---

[9] Dona Saint-Jean, C. a I. Marie-Christiane Lefebvre, 28 de Outubro de 1947.

[10] Pouchain, 145; *UPUM*, 21.

Pouchain, 92; *Biografia de M. François Flipo (1869-1941)*, citada por Pouchain, 82.

[12] Madame Lefebvre, C. à I. Marie-Clotilde, 17 de Maio de 1902.

[13] *UPUM*, 22

FILHO DA ORDEM TRECEIRA DE SÃO FRANCISCO

## *O santuário familiar*

O mais velho nasceu em 22 de Janeiro de 1903 e recebeu o nome de seu pai: René. Depois veio Jeanne, nascida em 1904. Marcel chegou ao lar na Quarta-feira, 29 de Novembro de 1905, a hora tardia para que fosse baptizado no mesmo dia. Foi no dia seguinte, na festa do crucificado Apóstolo Santo André, que a criança foi levada à pia baptismal da Igreja de Nossa Senhora pelo seu tio, Louis Watine--Duthoit, e sua tia, Marguerite Lemaire-Lefebvre, e lhe foi posto o nome de Marcel, François, Marie, Joseph: Marie, Joseph como em todas as famílias do Norte; François, decerto, nas famílias dos terceiros da ordem seráfica; e Marcel para vingar o ultraje da ignominiosa reclusão do Papa São Marcelo em Roma, cuja estrebaria-prisão tinha chocado Madame Lefebvre.[14]

A mãe nunca esperava recompor-se do parto para que os seus filhos fossem baptizados; a família ia à igreja sem ela, e era no regresso que ela abraçava o seu bebé, renascido para a vida divina e ornamentado com a graça santificante. E abraçando Marcel, que a criada Louise lhe apresentava, foi iluminada por uma dessas intuições que lhe eram habituais e diz: «Este terá um grande papel a desempenhar na Santa Igreja, junto do Santo Padre.»[15]

Persuadidos que o futuro de uma pátria católica depende do casamento cristão fecundo, os esposos Lefebvre-Watine quiseram rodear-se de uma bela coroa de filhos. Assim, a seguir nasceram Bernardette em 1907, da qual a mãe predisse que «seria um sinal de contradição», o que a futura Irmã Marie-Gabriel cumpriria, quando fundou, com o seu irmão, a Congregação das Irmãs da Fraternidade São Pio X; depois Christiane, a última dos «cinco mais velhos», em 1908, da qual a mãe predisse que seria carmelita: com efeito, seria mesmo a refundadora do Carmelo tradicional. Por fim, chegaram ao lar Joseph em 1914, Michel em 1920, e Marie-Thérèse em 1925.

A mãe de família é uma alma profundamente espiritual e extremamente apostólica: retenhamos estes dois traços da sua fisionomia moral, os quais Marcel herdará. Diplomada enfermeira da Cruz Vermelha, consagra um dia e meio por semana ao cuidado dos doentes do dispensário, procurando fazer o trabalho que desagrada aos outros. O seu marido e ela fazem parte das Conferências de São Vicente de Paulo, mas o seu grande apostolado é o da Ordem Terceira Franciscana: sob o impulso de Madame Lefebvre, escolhida

---

[14] Madre Marie-Christiane, *Mon frère Monseigneur Marcel*, p. 1.

[15] Marziac I, 55.

Presidente do Capítulo de Tourcoing, a fraternidade das «irmãs» da Ordem Terceira regista até oitocentos membros, com mestras de noviças por ela escolhidas, e retiros fechados.

Dirigida espiritualmente pelo padre Huré, Monfortinho, a sua alma acede a uma vida de união constante com Jesus Cristo; pratica a oração e a leitura espiritual; viril e magnânima. Exerce a mortificação, a renúncia e faz, em 1917, o voto mais perfeito (renovado em cada confissão). Vive de fé, ligando todos os acontecimentos a Deus, à Sua vontade. O traço mais constante do seu estado de alma e a acção de graças à Divina Providência.

Ela é, além do mais, excelente educadora. O seu marido tem um ideal elevado para os seus filhos mas fá-los praticar as suas exigências com uma severidade excessiva; ela, em compensação, muito equilibrada, prefere governar estabelecendo um regime de confiança que não obste à espontaneidade de uma criança, mas estimule a generosidade pela virtude do exemplo.[16]

O lar familiar dos Lefebvre é um santuário com o seu ritual. Enquanto o papá, acompanhado de Louise, vai à Missa das seis horas e um quarto cujo celebrante ajuda, a mamã acorda os filhos, traçando o Sinal da Cruz nas suas frontes, fazendo a oferta do dia, depois vai à Missa das sete horas com as crianças em idade de andar, a menos que, já maiores, eles vão à Missa ao pensionato.[17]

Todas as tardes a oração em comum repara os contratempos do dia e liga os corações na mesma caridade de Deus. Os filhos não vão dormir sem receber a bênção dos pais.

> «No mês de Maio – conta Christiane – fazíamos a peregrinação de La Marlière. No extremo da cidade de Tourcoing, perto da fronteira belga, diligenciávamos fazer uma novena de peregrinação durante o mês. Era preciso levantarmo-nos às cinco horas, tínhamos três quartos de hora de caminho a pé (e em jejum) para assistir à Missa das seis horas e voltar a tempo para as nossas aulas.»[18]

## *Primeira Comunhão*

Em Janeiro de 1908, a família instalou-se numa casa mais espaçiosa, no 131 (mais tarde 151) da Rua Nacional. Os dois mais velhos foram colocados em meia-pensão: René no Sacré-Coeur e Jeanne na Immaculée-Conception.

---

[16] *UPUM*, 28; Madre Marie-Christiane, E. 18 de Maio de 1996; Joseph Lefebvre, C. Junho de 1007.

[17] Madre Marie-Christiane, E. 18 de Maio de 1996; Joseph Lefebvre, C. Junho de 1997.

[18] *MFMM*, 4-5.

Situada no nº 7 da praça de Notre-Dame, esta última instituição tinha sido construída pelas Irmãs da Santa União.[19] Sucederam-lhes, em 1905, Ursulinas secularizadas.[20] A Imaculada admitia rapazes nas primeiras classes primárias. Marcel Lefebvre frequentou-a: um postal de 1911 mostra parte das crianças sentadas na relva à entrada do jardim, diante da estátua da Imaculada, e o jovem Marcel é reconhecível pela sua franja de cabelo que desce sobre os olhos, curiosos e atentos. Foi na Imaculada Conceição que Marcel fez a Primeira Comunhão, em 25 de Novembro de 1911, após um retiro preparatório e confissão, uma das primeiras, senão a primeira da criança. Com seis anos, não houve necessidade de permissão especial para comungar tão novo; o decreto de São Pio X, datado de um ano antes, foi aplicado de boa vontade pelo bom Padre Varrasse. Mas a decisão do Papa encontrou resistências aqui e ali, do que se queixou São Pio X a Mons. Chesnelong, Bispo de Valence: «Em França, criticam asperamente a comunhão precoce que decretámos. Pois bem! Cremos que entre as crianças haverá santos, e vereis.» E viu-se.

Foi na Missa da meia-noite, celebrada às sete horas da manhã pelo Padre Varrasse, que Marcel teve o seu primeiro colóquio íntimo com o Senhor Eucarístico. Era o mais jovem dos quinze primeiros comungantes;[21] de regresso a casa, pegou na sua mais bela pena e escreveu... Ao Papa, para lhe agradecer ter podido, graças ao seu decreto, comungar com a idade de seis anos.[22]

A partir daí podia comungar diariamente. A sua alma iluminada ia direita a Deus com a maior simplicidade, observa a sua irmã Christiane: «Sem se dar conta, irradiava o bom Deus, a paz, o sentido do dever.»[23] Mas a criança não está fechada aos acontecimentos que tocam á família: a empresa de seu pai e, em breve, a guerra.

---

Congregação de Irmãs docentes fundada em 1826 em Douai pelo Padre Jean-Baptiste Debrabant. Desenvolveu-se na Europa, na América do Sul e nos Camarões (Anuário das Missões Católicas de África, Delegação Apostólica de Dacar, 1959, p. 52).

[20] *Histoire de l'Immaculée*, por Madame Fidélio Henri-Rousseau, 3p. dactilo.

[21] *Cahier de l'abbé Varrasse*; Registo das primeiras comunhões feito pelo mesmo.

A carta foi concebida pelo irmão mais velho René, com desconhecimento dos pais, que só souberam pela resposta de Roma (Michel Lefebvre, C. 24 Jan. 2002).

[23] *MFMM*, 1.

## 3. UM PATRÃO, CRISTÃO DO NORTE, EM ACÇÃO

### *A empresa*

Marcel Lefebvre foi marcado pelo ambiente de trabalho reinante no Norte: é uma região onde se trabalha, dirá ele, e o trabalho comanda tudo. Desde as cinco horas e meia ouvem-se as fábricas pôr-se em marcha. Chegando às seis horas, o operário permanece no trabalho até ao toque do sino; e é assim seis dias em cada sete. Esta vida monótona decorre sob um céu cinzento, que não incita a perder tempo com ninharias, mas a trabalhar. As pessoas amam o trabalho e seriam infelizes se não fossem trabalhar; é a sua vida.[24]

Durante muito tempo, o patrão e a sua família habitaram no próprio local de trabalho, tal como o antepassado Floris Lorthiois (1793-1872). A habitação é, muitas vezes, unida à fábrica.[25] São numerosos os patrões que, chegando ao trabalho antes dos seus operários, fazem uma breve pausa ao meio-dia junto da sua esposa, e regressam ao trabalho até às nove ou dez horas da noite.[26]

René Lefebvre, formado por seu pai nessa severa escola, ama o seu trabalho mas, ainda por cima, sabe santificá-lo diariamente pela Missa e comunhão matinais. Depois, após ter tomado uma boa chávena de café preto, percorre em dez minutos o caminho que separa o seu domicílio do número 18 da Rua do Bus (mais tarde 10) onde se encontra a fiação paterna. Ali perpetua a tradição industrial de lanifícios da família, produzindo o fio para o novelo da marca de lã muito vendida da «Sphinx»[27]

### *Justiça e caridade sociais – As corporações*

Em relação aos seus operários, René Lefebvre é bom e benevolente mas, tributário das necessidades económicas, não pode renegar a sua autoridade.

No século XIX, o liberalismo envolvente tinha uma concepção inexacta do salário justo, considerado como simples componente do preço de venda. Para atenuar a insuficiência dos salários, os patrões do Norte desenvolveram obras de beneficência: o que eles não criam dever com justiça, davam graciosamente em caridade. Oposta a este compromisso, a escola social de René, de La Tour du Pin, sustentava,

[24] Cf. *PHLH*, 10-12.
[25] Pouchain, 94.
[26] Cf. *Georges Motte, industrial, 1846-1904*, citado por Pouchain, 95.
[27] Papel comercial com o cabeçalho da fabrica

pelo contrário, que o salário justo devia ter em conta as necessidades do operário e da sua família, e a encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII (15 de Maio de 1891), veio dar-lhe razão parcialmente.

Mas os patrões do Norte não se limitam às obras de caridade, tais como alojamentos gratuitos, caixas de socorro mútuo: criam verdadeiras obras de justiça social, tais como caixas de poupança, mas, sobretudo, reais corpos intermediários. Por iniciativa de Camille Féron-Vrau, em Lille, e do Padre Fichaux, em Tourcoing, é fundada por trinta e seis patrões, em 1884, a Associação Católica dos Patrões do Norte.[28] Cria corporações ou sindicatos mistos, agrupando patrões e operários, no plano da empresa e da profissão, em vez de os opor no plano da luta de classes.

Com perto de cinquenta anos de antecedência, os patrões do Norte aplicam eficazmente os dois princípios que Pio XI enunciará na *Quadragésimo anno* (1931): a justiça social nunca será tão perfeita que a caridade não deva atenuar as suas deficiências; perfeita que fosse para afastar todas as causas de injustiça, não produziria a união dos corações que só a caridade opera.[29]

Paralelamente às corporações, a ACPN fundou, em 1888, «confrarias Nossa Senhora da fábrica», reunindo quatro mil aderentes e baseadas no princípio do apostolado do operário exercido por trabalhadores exemplares nomeados pelos patrões: os *«dizeniers»*.[30] Os confrades têm as suas cerimónias e as suas procissões públicas. Graças ao binómio corporação-confraria, refloresce a ordem social cristã. René Lefebvre, ligado aos princípios de ordem e de hierarquia, será ardente defensor do sistema de corporações porque, pela sua própria natureza, são contra-revolucionárias, rebeldes à luta de classes e promotoras da caridade que une as classes.[31]

---

[28] René Talmy, *l'Association catholique des Patrons du Nord*, Fac. Catholiques, Lille, 1962.

[29] AAS 23 (1931), 223; BP VII, 167-168; cf. Calvez e Perrin, *Église e société économique*, Aubier, 1959, 226-227.

[30] Procurei a palavra nos dicionários e não a encontrei. A tradução mais aproximada seria «decuriões» – N.T.

[31] Talmy, 51-56.

# CAPÍTULO II

# A VOCAÇÃO

## 1. AS PROVAÇÕES DA GRANDE GUERRA

Veio a Grande Guerra, que marcou a infância de Marcel Lefebvre. Descreve-a tal como a viveu: de um dia para o outro todos os homens são mobilizados, ficando as mulheres sós, em casa, com os seus filhos. Nas escolas só permanecem os professores idosos ou doentes. Nas paróquias, os vigários partem: onde havia cinco ou seis padres, só ficam um ou dois.

Depois, rapidamente, são os combates. Chegam as notícias da frente, os feridos transportados para a retaguarda testemunham: há muitos mortos, muitos prisioneiros.

### *René e Gabrielle Lefebvre, dois combatentes patriotas*[1]

René Lefebvre, pai de seis filhos, não foi mobilizado, mas ofereceu os seus serviços à Sociedade de Socorro dos Feridos Militares de Tourcoing; ia, de automóvel, através dos postos alemães, à procura de feridos franceses. Bem depressa os exércitos inimigos ultrapassam Lille, em 2 de Setembro de 1914, mas é só em Outubro que a circunscrição administrativa de Lille será realmente ocupada. A entrada das tropas bávaras em Lille, em 13 de Outubro, foi precedida de intenso bombardeamento. De Tourcoing, Marcel Lefebvre apercebe-se das chamas e assiste, no dia seguinte, ao desfile dos hussardos e dos ulanos (lanceiros a cavalo).

Uma vez Tourcoing ocupada, René Lefebvre cuida dos feridos franceses prisioneiros e aproveita-se disso para favorecer a evasão de prisioneiros ingleses. Desde Janeiro de 1915, sentindo-se vigiado, esconde cuidadosamente o seu *stock* de lã e passa para a Holanda com documentos de um serviço belga de informações, depois para

---

[1] *PHLH*, 13, 15; *UPUM*, 24-25, 88-89; *MFMM*, 9.

a Inglaterra, donde assegura missões à Bélgica por conta do *Intelligence Service*. Regressado a França, tornou-se acompanhante dos serviços de radiologia da S.S.B.M, na frente, depois administrador do Hospital 60, em Paris.

Madame Lefebvre encontra-se só, velando pela família e pela fábrica. A sua força de alma impressiona, mais do que uma vez, o jovem Marcel. A população está em estado de quase faminta; Marcel recorda-se das sopas populares que se distribuíam nas salas da Câmara Municipal, das galinhas americanas que chegavam podres, do pão negro e viscoso sob a côdea...

Os alemães requisitam os *stocks* das fábricas em 1915, descobrem os esconderijos, depois retiram ou destroem as máquinas para infligir a um concorrente temido um atraso duradouro. Por fim, exigem a colaboração no esforço de guerra do Reich. Os patrões opõem um *Non possumus*. São presos no mesmo dia e rapidamente 131 roubanenses são deportados para Güstow, no Mecklenburgo: entre eles, Félix Watine, irmão de Madame Lefebvre.[2]

A valente cristã e patriota pratica *agere contra*, o contra-ataque: redobra o seu devotamento ao dispensário, onde contrai sarna. A religiosa que a trata declara aos filhos, com admiração: «A vossa mãe é uma santa!»[3] Não lhe repugna tratar dos feridos alemães, no ambulatório do colégio, mas quando as diaconisas alemãs se vão alojar em sua casa, as salas do rés-do-chão, onde a família habita, são-lhes fechadas, e às tropas de passagem só oferece os quartos nus do segundo andar. O copo extravasou: foi encerrada, durante vários dias, nas caves da Câmara Municipal de Tourcoing.

## *Provações impressionantes – Vocação de René*

A frente está sempre próxima, na Bélgica, em Ypres e no famoso Mont-Kemmel. Marcel Lefebvre lembra-se das tardes e das noites em que o horizonte era constantemente iluminado pelos obuses que explodiam; o céu estava em fogo e ouvia-se um ruído contínuo. No dia seguinte, viam-se chegar, ao hospital improvisado em frente à casa, cortejos de viaturas com feridos alemães.

Na Sexta-Feira Santa de 1916,[4] os alemães anunciam a mobilização de todas as raparigas válidas a partir dos 17 anos, para trabalhar nos centros de armamento. Ordem para todas as pessoas estarem

---

[2] Pouchain, 195-198; 200-201.

Madre Marie-Christiane, C. de 9 de Setembro de 1996.

[4] Mons. H. Masquelier, *Madame Paul Féron-Vrau*, Paris, Bonne Presse, 1931, p. 193 ; *PHLH*, 11.

prontas no passeio. Por detrás das cortinas, as crianças Lefebvre assistem à razia. As inquietações contínuas e, agora, o recrutamento cruel, imprimem-se nas suas almas.

> «Isso marcou a nossa infância – dirá Mons. Lefebvre; – mesmo não se tendo mais do que nove, dez, onze anos, não se podia impedir… A guerra é verdadeiramente uma coisa pavorosa… É claro que nos marcou, a nós, os mais velhos: nós, os cinco, ficámos marcados por esses acontecimentos, e penso que a vocação é, em parte, devida a isso. Porque vimos que a vida humana era bem pouca coisa, e que era preciso saber sofrer.»[5]

Em 1917, a guerra traz a Madame Lefebvre outra separação, que terá papel providencial no futuro de Marcel. René, o filho mais velho, tinha chegado aos catorze anos; para escapar ao trabalho obrigatório ao serviço da Alemanha, consegue, graças a um comboio da Cruz Vermelha, juntar-se a seu pai em Versalhes, em Abril de 1917. Ficará ali dois anos, para acabar os seus estudos no seminário menor de Grandchamp, não porque tivesse declarado uma repentina vocação missionária, que ele já apercebia, mas porque abriram as portas, de boa-vontade, ao jovem de uma região ocupada.

Eis, finalmente, o armistício de 11 de Novembro de 1918, que trouxe a paz sobre ruínas. O Sr. Lefebvre pode regressar.

Em 2 de Dezembro, toda a família parte para Lourdes, a fim de agradecer à Santíssima Virgem; depois, fica um mês em Versalhes, perto de René. O excelente Padre Henri Collin, seu professor de Filosofia, prepara o pequeno José, aos cinco anos, para a Primeira Comunhão, e até dá lições quase diárias a Marcel.[6] Ora, o Padre Collin era um fervoroso de Roma, ligado ao Seminário Francês de Roma, onde tinha estudado de 1910 a 1914. Quando soube da vocação de René, disse a M. Lefebvre:

- É preciso enviar o vosso filho para Roma!

E, como René ainda hesitasse, seu pai foi categórico:

- É absolutamente necessário que tu vás para Roma![7]

Na Páscoa de 1919, o pequeno seminarista René, de 16 anos, veste a batina. Regressa a casa no Verão, e parte para Roma em 24 de Outubro,[8] prenunciador de Marcel.

---

[5] *PHLH*, 19-20.

[6] Madame Lefebvre, C. Dona Marie-Clotilde, 23 de Janeiro de 1919

[7] René Lefebvre, carta a René 13 de Fevereiro de 1931.

[8] Dona Lefebvre, carta a Dona Marie-Clotilde, 12 de Novembro 1919

## 2. NO COLÉGIO SACRÉ-COEUR

### *Antes da guerra: 1912-1914*

Marcel Lefebvre ficou nas Ursulinas até 19 de Novembro de 1912[9] e foi num dia sombrio de Inverno, conduzido pelo seu irmão mais velho, que entrou como externo no Colégio Sacré-Coeur.

Fundado em 1666 pelos padres "Récollets", o Colégio São Boaventura fechou em 1790. Em 1802, a municipalidade de Tourcoing abriu no local uma escola secundária, cuja direcção é depressa confiada ao clero secular da diocese, que é a de Cambrai. Em 1853, o colégio implanta-se na Rua de Lille, numa fábrica desafectada e, em 1871, o Superior, Padre Lecomte, consagra-o ao Sagrado Coração.[10]

O centro da vida do Colégio é a vasta capela onde, orientados para o altar, se reúnem as centenas de alunos para a Missa matinal quotidiana, os retiros de entrada, e os recolhimentos preparatórios da Confirmação e da Comunhão Solene.

A rosácea sobreposta ao altar-mor atrai, todas as manhãs, o olhar de Marcel. Representa a Apresentação, em que a jovem Virgem Maria, num gesto muito decidido, transpõe os degraus do santuário para se dedicar ao Senhor. Esta visão de generosidade não pode de deixar de se imprimir na sua alma.[11]

Marcel entra na Nona Classe, na secção do Padre Beaudier. Tem como condiscípulo aquele que se torna seu grande amigo: Robert Lepoutre. O Superior é, então, o Padre Achille Leleu. O colégio está a cinco minutos a pé. Todas as manhãs, depois da Missa e da Comunhão em Notre-Dame, os dois rapazes partem, arranjados pela mãe ou pelas duas criadas, para a primeira aula, às 8 horas. Há aulas até às 10 horas, depois estudo das 10 horas ao meio-dia, hora em que se pode almoçar no colégio ou ir comer a casa, se não se mora longe. Recomeça-se às 13 horas e 30 com estudo de meia hora, depois retomam-se as aulas até às 16 horas, seguidas de recreio. Depois, estudo até às 18 horas e 30, a seguir conferência espiritual, e sai-se às 19 horas.[12]

Aconteceu a Marcel suportar as troças dos companheiros do seu irmão mais velho: «Piti, piti, pitchou!»

---

[9] Dona Fidélio Henri-Rousseau, Carta de 1998

[10] Placa de apresentação do Instituto Sacré-Coeur, 1989.

[11] Op. Cit.; Paul Loridant, E, 29 de Maio de 1997, ms. II, 23, 59.

[12] Dr. Henri Desbonnets, E. 16 de Maio de 1997, ms. II, 14, 1-4.

Marcel nada responde, senhor de si, sabendo que eles se cansarão mais depressa se ele fizer de conta que nada ouve.

Outro colega, franzino, fácil bode expiatório: logo que saem da vigilância do colégio, os seus colegas atiram-se a ele. Marcel vai em seu socorro e rapidamente fá-los dispersar, para vergonha deles.[13]

Na reabertura de 1913, entra na Oitava Classe, na secção do Padre Patoor; mantém-se com boa média, com cinco distinções.[14]

## *Anos de guerra, 1914-1918 – Vocação de Marcel*

Na reabertura das aulas em 1914, o Colégio não tinha numerosos professores, mobilizados como capelães, por vezes os melhores. Um padre substituto está desequilibrado. Há grande perturbação na pobre classe e Marcel está indignado por isso, tanto que a mãe teve de se queixar junto dos superiores. Decididamente, conclui Christiane, que relata o facto, a injustiça, seja nos jogos, seja na direcção, fá-lo-á sempre avançar.[15]

Marcel entra na Sexta Classe, a 1 de Outubro de 1915. Mantém-se num excelente nível: obtém doze nomeações para os prémios de Julho de 1916. Entra nesse ano na Congregação dos Santos Anjos, grupo de piedade organizado entre os colegiais da sua idade, e pronuncia um acto de consagração aos santos anjos com os seus camaradas Jacques Dumortier, Christian Leurent e Georges Donze.[16]

O ano de 1916-1917 foi perturbado pela ocupação parcial e depois total do colégio, à excepção da capela, pelo Exército Alemão. As aulas realizavam-se em locais de acaso. Alunos patriotas, detidos por delitos contra o Exército Alemão, foram libertados graças à intervenção do Padre Maurice Lehembre, professor de Alemão: a sua defesa, em belo Alemão, foi admirada pelos juízes e foram absolvidos.[17]

O ano de 1917-1918, sempre *extramuros*, foi decisivo no desenvolvimento espiritual, moral e intelectual de Marcel. Manifestou a sua coragem e piedade indo diariamente, antes do levantar do recolher obrigatório, às seis horas da manhã, ajudar à Missa do seu confessor, Padre Desmarchelier. Uma manhã, escapou à justa a uma patrulha alemã, que parecia esperá-lo e que facilmente o teria maltratado. Nestas condições, poderia continuar a ir ajudar à Missa? O padre

---

[13] *MFMM*, 5.
[14] Lista de Premiados de Julho de 1914, Arquivos do Instituto Sacré-Coeur.
[15] *MFMM*, 5.
[16] Arq. Do Instituto do Sacré-Coeur, 25 Z 16, livro 35.
[17] Instituto do Sacré-Coeur, álbum comemorativo, 1865-1965, pp. 31-32.

aconselhou simplesmente que Marcel passasse por outro lado, pela Rua do Abattoir. Era mais segura? O caso é que Marcel fez sempre, diariamente, um acto de fé e de coragem que Deus abençoou.

Quando se perguntou a Madre Marie-Christiane em que momento pensava que o seu irmão Marcel sentira a vocação, respondeu:

«Creio que sempre a teve!»[18]

Um dia, quando estudavam as suas lições, cada um do seu lado da mesa da sala de jantar, ela perguntou-lhe à queima-roupa:

- Que pensas fazer mais tarde? O que pensas ser?

Mas, de repente, compreendi que ele nada me diria, só me serrazinava; eu prossegui:

- Pensas ser Padre?
- Oh! Mais do que isso.
- Não podes querer ser Bispo!
- Posso, sim, São Paulo diz que se pode desejar sê-lo.
- Então, queres ser Bispo!
- Ou mais do que isso.
- Em todo o caso, não podes ser Papa, pois agora só os italianos são papas.
- Então, quase Papa!

Mas o tom não era de quezília, e eu calei-me por despeito. Curiosamente, não foi isto descobrir o que ele seria mais tarde, sem o querer nem mesmo pensar?[19]

O excelente Padre Louis Desmarchelier contribuiu para a revelação da sua vocação na adolescência, especialmente na Quarta Classe A1, durante a qual foi seu professor principal (1917-1918). Toda a classe o venerava e fez dela uma classe modelo. Marcel teve parte nisso? – pergunta-se Christiane. Acreditamo-lo de boa vontade, conforme os seus resultados escolares: primeiro prémio de diligência e de exercícios de grego (nova matéria), segundo prémio de recitação clássica e uma dezena de distinções, a sua segunda em instrução religiosa.[20]

No fim do ano escolar, toda a classe se uniu para fazer uma petição ao superior, para que o seu professor continuasse com eles na Terceira Classe, o que foi bem aceite. Director espiritual da maioria dos seus alunos, foi um instrumento de escolha da graça divina, pois de cada dez ou doze dos antigos alunos das duas classes do Pe. Desmarchelier, somente dois se casaram, tendo os outros entrado nas ordens.[21]

---

[18] E. 18 de Maio de 1996.
[19] *MFMM*, 6-7
[20] Lista de prémios manuscrita, anos de guerra 1917-1918. *MFMM*, 6.

Em Outubro de 1918, Tourcoing teve a delirante alegria da libertação, algumas semanas antes do armistício. A reabertura das aulas foi, finalmente, *intramuros*.

Marcel está, então, na Terceira Classe com o seu caro Pe. Desmarchelier. Foi o seu melhor ano, pois que nos prémios de 1919 teve catorze nomeações, das quais três primeiros prémios: diligência, tema latim e tema grego, e uma segunda distinção em Matemática. Entrou na Congregação da Santíssima Virgem do Colégio. A leitura dos relatos detalhados das reuniões mostra um verdadeiro cuidado de educação da Fé Católica e de devoção à Virgem, por exemplo, explicando o sentido das festas marianas.

Assíduo à Congregação Mariana, Marcel tornou-se seu assistente em 1918-1919, conselheiro em 1920, prefeito em 1922-23. Era também membro da Cruzada Eucarística, «cruzado», em 1920; usava orgulhosamente a insígnia. «Reza, comunga, sacrifica-te, sê apóstolo», é a divisa exigente da Cruzada, e Marcel praticou-a generosamente, tanto na escola como em casa.

## 3. ANOS DE AMADURECIMENTO, 1920-1923

### *Aluno do Padre Belle*

Após uma modesta Segunda Classe, Marcel Lefebvre entra em «retórica» em 1920-21, quer dizer, na Primeira Classe, na secção literária do Padre Belle.

A fotografia da classe, tirada por Tourte e Petitin,[22] mostra o jovem sentado, braços cruzados, no seu uniforme. O rosto é pálido, calmo, o olhar interior e ligeiramente malicioso. Nada revela as dificuldades que então Marcel encontra nos seus estudos e que são atestadas por resultados medíocres.

Todavia, o Pe. Maurice Belle, professor de Retórica, sacode a classe: «Pensa, vibra, apossa-se dos seus auditores para os fazer pensar e vibrar com ele.» Muito psicólogo, a um jovem aluno um pouco romântico – não era Marcel Lefebvre – escreveu: «É preciso endurecer, simplificar as suas maneiras de ver, amar a acção.»[23]

Acção é que não falta a Marcel, membro de várias congregações. Como explicar as suas dificuldades escolares? Crise de adolescência? Não o cremos, vendo o seu zelo pelas reuniões das obras e a sua qualidade de serviçal constante. Sem dúvida, nesse ano em que

[22] *Álbum de recordação* 1920-21.

[23] *Álbum comemorativo*, p. 41.

atingiu quinze anos, Marcel sofreu um crescimento muito rápido e fadiga cerebral. Sobretudo, sofre com a doença de sua mãe, atingida pelo mal de Pott. De Abril de 1920 a Maio de 1921, a sua mão permaneceu estendida, encerrada num colete de gesso, sem sono, pele esfolada, vivendo como Jesus na Cruz, no entanto de rosto irradiante e de alma unida a Deus. Que exemplo de sofrimento cristão para Marcel! Mas este sente dolorosamente a incapacidade de sua mãe em se ocupar dos seus.[24] No dia 1 de Julho, no entanto, apresenta a primeira parte do seu bacharelato[25] mas, sem dúvida, chumbou.[26] Vai repetir a sua Primeira Classe. A repetição, em 1921-22, muito consolou os seus pais, porque obteve nove distinções, além de um segundo prémio de excelência; a sua terceira distinção em Matemática atesta que Marcel é bom em todas as matérias, tanto científicas como literárias.

Tem assento, como conselheiro, nas reuniões da Congregação da Santíssima Virgem, cujos relatórios de Georges Donze revelam que um vento de reforma sacode a Congregação. Em 13 de Fevereiro de 1922, G. Donze pergunta: «O que é um congregacionista?» E «refuta, desde logo, as concepções erradas: não é nem funcionário da polícia secreta, nem um censor dos seus condiscípulos, é, em primeiro lugar, um aluno, e um aluno solidário com os seus camaradas».

Marcel Lefebvre parece insensível a esta má retórica. Assume a sua posição na reunião de 12 de Junho. O relatório do secretário começa com estas palavras: «Marcel Lefebvre esquece-se de ler o título do seu relato. Contudo, advinha-se que fala de casos de delação necessária.» O jovem orador trata «de três maneiras de reprimir o mal, em particular as más conversas»:

«1 – Não aprovar, abster-se de sorrir e de aquiescer,

«2 – Protestar,

«3 – Advertir o seu director…

«Casos de maus livros».[27]

Eis um adolescente que não domina a arte das exposições orais, mas que não tolera a desordem do mau exemplo e é cuidadoso em ajudar o exercício da autoridade.

[24] *UPUM*, 25.

[25] Madame Lefebvre, C. a Marie-Clotilde, 20 de Junho de 1921.

Lista de prémios de 1921, em que Marcel Lefebvre não figura entre os admitidos à sessão de Julho, nem entre os admissíveis.

[27] Arq. Do Instituto do Sacré-Coeur, caderno dos relatórios das reuniões da Congregação da Santíssima Virgem.

## *Uma filosofia musculada*

Em Outubro de 1922, Marcel entra na classe de Filosofia. O Padre Joseph Deconinck, seu professor, tinha sido aluno do Padre Lagrange OP, em Jerusalém. Em 1912, preparava uma tese sobre a Sagrada Escritura, quando compreendeu que esta iria colocá-lo em oposição às autoridades da Igreja (que se esforçavam em erradicar o modernismo)[28], e o Pe. Deconinck queimou o seu trabalho.[29] Mas fazia esta bela submissão, como tal, do padre, um formador de inteligências? Segundo o testemunho dos seus alunos, o Pe. Deconinck ocupava-se, sobretudo, a «formar a afectividade».[30]

Com essa intenção, percorreu dois anos seguidos a estrada de Verdun com os seus alunos de filosofia, para os levar ao local onde se tinha distinguido como capelão do seu regimento de zuavos. «Quero que compreendais qual foi o sofrimento destes homens, em Douamont, na trincheira das baionetas», dizia ele. Os jovens ficavam impressionados pela longa marcha através dos buracos de obuses, na busca de ossos que iam levar ao ossário.

Os jovens estudantes entram bem na «filosofia científica», ensinada pelo Pe. Deconinck, mas é em «Psicologia e Metafísica» que Marcel brilha com uma primeira distinção à frente do seu amigo Jacques Dumortier. Obtém outras distinções, mas sobretudo – adivinhará o leitor? – o primeiro prémio de Educação Física da sua secção! Um bom arcaboiço e bons músculos, não é já uma predisposição para a vida missionária?

Mas eis que o jovem ginasta parece lançar-se também no teatro, a crer no relato da sua irmã Bernadette:

> «Domingo à tarde, às quatro horas, o papá, Christiane e eu, fomos assistir à *Polyeucte*. Ficámos muito bem situados. (...) É inacreditável o mundo que vai haver. Marcel vai ser um pontífice: deve derramar água sobre Polyeucte. Mas não fala. Um artista, nos bastidores, cantará por ele. Ele deve fingir que canta.»[31]

E, com efeito, viu-se Marcel Lefebvre, pontífice, «baptizar» Christian Leurent, enquanto Robert Lepoutre fazia o papel de Félix, e Hippolyte Scalabre o de Pauline.

## *Os «antigos alunos do Padre Deco»*

As personalidades marcantes das classes primeira e final de Mar-

---

[28] Motu proprio *Sacrorum antistitum*, 1 de Setembro de 1910, BP V, p. 16.
[29] Cf. *nota manuscrita* sobre o Cónego Deconinck, de Georges Leclerc, 1975.
[30] Dr. Henri Desbonnets, E. 16 de Maio de 1997, ms. II, 15, 50-51.
[31] Bernadette, C. a Jeanne, 10 de Fevereiro de 1922; Madame Lefebvre, C. a Jeanne, 12 de Fevereiro de 1922; a representação teve lugar no colégio em 11 de Fevereiro de 1922.

cel Lefebvre são, além de Georges Donze, de quem já falámos, que será padre e depois Director do Seminário Maior de Lille, e cairá no campo da honra em Boulogne em 26 de Maio de 1940, Georges Lerclercq, futuro Reitor das Faculdades Católicas de Lille, e Henri Duprez, industrial, membro activo da «Burguesia Cristã», depois fundador da União Sindical Patronal de Roubaix-Tourcoing,[32] da qual Jacques Dumortier será secretário.

Os alunos de Filosofia dos dois anos em que o Pe. Deconinck ensinou em Tourcoing (1921-22 e 1922-23), conservaram com o seu mestre e entre si uma ligação que se concretizou numa associação intitulada *Os Antigos alunos do Padre Deco*; realizava uma reunião anual e redigia um boletim de ligação.[33]

A lista de 1945 contém 55 membros, dos quais 13 falecidos. Desses 55, contam-se 28 padres e religiosos, dos quais quatro missionários, um trapista, dois dominicanos e um jesuíta. Tal era a admirável fecundidade do Colégio que, respeitando a liberdade de cada aluno, conseguia obter os mesmos frutos de um pequeno seminário, como notava Mons. Lefebvre,[34] com a vantagem de lançar eficazmente os leigos na vida. Todavia, sublinhemos que o Colégio de Tourcoing contava na época trinta e cinco padres como professores.[35]

## *Ao serviço dos pobres*

Marcel tinha aderido à Conferência de São Vicente de Paulo do Colégio, fundada para «levar aos pobres socorro material, mas ao mesmo tempo estabelecer e manter entre os membros relações de verdadeira caridade e fraternidade».[36]

Quando Pe. Deconinck foi nomeado para o Colégio, juntou à conferência um círculo de estudos, ou Círculo Ozanam, que dirigia. O jovem aderiu na classe de Filosofia. Muitas das actas das reuniões são saborosas; redigidas por um aluno, manifestam grande liberdade de espírito e um humor sadio dos membros uns pelos outros. Marcel Lefebvre, secretário interino em 16 de Novembro de 1922, dá conta da exposição do seu camarada Albert Strée, sobre as causas dos conflitos sociais – a greve fora quase total em Tourcoing em

---

[32] Pouchain 269.

[33] *Les anciens du père Deco*, Arq. Do Inst. Do Sacré-Cœur, 25 Z 42 ; aloc. Do Padre Jean Leconte, 31 de Dezembro de 1945, depois da Missa de reunião dos Antigos do padre Deco; Paul Loridant-Motte. E. 29 de Maio de 1997, II, 24, 53-65.

[34] *COSPEC* 24 B, 27 de Novembro de 1975.

[35] *COSPEC* 24 B, 27 de Novembro de 1975.

*Álbum comemorativo*, p. 25.

Setembro e Outubro precedentes.[37] O Pe. Deconinck comentou a exposição, situando a origem das lutas «na má organização do século XIX, causada pela dissolução das antigas organizações profissionais». Mas quando a discussão abordou as soluções, só se tratou de «seguir a opinião pública e encontrar um entendimento benfazejo entre as duas partes» (patrões e empregados), em vez de concluir logicamente pela necessidade de reconstituir, adaptadas à época, as associações profissionais. Não se discerne aqui falta de fé na eficácia dos princípios?

Espírito prático, Marcel não se confinou nas teses do Círculo Ozanam: está mais à vontade com os pobres, aos quais se devota desde 1921. Em 1922-23, é Vice-Presidente da Conferência de São Vicente de Paulo e, a este título, apela, nas páginas de *Chez nous*, revista interna do Colégio, à generosidade dos seus camaradas: pequena esmola ao Domingo, vestuário usado, calçado, tudo será muito útil para as famílias em penúria. Do mesmo modo, organiza os seus tempos livres para visitar os seus pobres, informando-se junto dos curas sobre os mais abandonados e atribuindo-os aos seus associados. Um pobre, paralítico das pernas, estava deprimido e sem trabalho. Marcel visitou-o, pôs o seu alojamento em ordem, encontrou-lhe clientes e renovou-lhe o gosto pela vida.[38]

Nunca Marcel se gabou do que fazia. Em Lourdes, aonde se dirigia às vezes com a sua família, colocava-se naturalmente à disposição do Conde de Beauchamp,[39] Presidente da Hospitalidade, para ser maqueiro. A sua caridade era eficaz mas discreta, tal como o seu temperamento.

## *Um temperamento oposto e equilibrado*

Christiane é uma excelente testemunha,[40] que nos faz circunscrever o carácter do adolescente.

> «O Bom Deus – diz ela – tinha dotado Marcel de um temperamento dos mais equilibrados, dos mais pacíficos, numa força de alma pouco comum.»
>
> Com o seu irmão René, era a alma da festa do «bando dos cinco».
>
> «A mãe – diz Christiane – reflectia que tinha pouco que se ocupar com os jogos dos filhos desde os cinco anos; eles mesmos sabiam organizá-los em conjunto; havia muito entusiasmo e alegria entre

[37] Pouchain, 229.
[38] Cf. *MFMM*, 1-2; Marziac I, 64.
[39] Madame André Cagnon, E. 22 de Fevereiro de 1997
[40] *MFMM*, 1, 9, 11-12.

nós e, decerto, eram sobretudo os nossos dois irmãos [futuros] missionários que arrastavam o pequeno bando.»

René tomava a iniciativa, ao passo que Marcel era, acima de tudo, organizador. No Verão de 1920, preparou a excursão dos irmãos e irmãs desde Bagnoles-de-l'Orne ao Monte Saint-Michel. O jovem tinha também o dom de apanhar os sotaques regionais, tal com o do porteiro da fábrica que apreciava as visitas de Marcel, o qual, no regresso a casa, falava um patoá dos mais típicos.[41]

Marcel contrastava com a irmã mais velha, Jeanne, preocupada com a perfeição, mas facilmente moralizadora. «Marcel era também perfeito – diz Christiane – mas muito descontraído, espalhava paz, bastava vê-lo para se sentir feliz, tendo facilmente réplicas que nos punham em alegria.»

## *Sentido prático e julgamento notável*

Marcel tinha qualidades serviçais unanimemente louvadas pela família. Em casa, aplicava-se em tornar mais fácil o trabalho das criadas.[42] De boa vontade aceitava fazer à mesa a leitura de uma passagem da vida dos santos, enquanto que o seu irmão mais velho se desembaraçava bastante mal. Em 1917, o adolescente gostava de fazer companhia ao seu avô Eugène Lefebvre, que tinha preferência por Marcel porque, dizia ele, o seu neto tinha o dom de adivinhar a proveniência de um vinho apenas pelo aroma. Mas era, principalmente, sem que o confessasse, a caridade muito simples, mas efectiva, do adolescente que seduzia o avô.

A estas qualidades de coração, o jovem juntava uma inteligência aberta a todos os conhecimentos, servida por uma aplicação constante, orientava-se de boa vontade para as coisas práticas.

Depois da guerra, em 1919, Marcel decidiu que tinha de acabar a iluminação dos quartos com os grandes candeeiros a óleo. Assim, nos dias de folga, mergulhava num enorme livro sobre electricidade; depois, com o seu amigo e vizinho Robert Lepoutre, instalou a electricidade no primeiro e no segundo andar da casa, provendo a todas as necessidades. Quando terminaram o trabalho, fizeram o mesmo na casa do amigo, segurando mutuamente grandes escadas nas escadarias, arrostando todas as dificuldades.[43]

Hábil com as mãos, pelos dezasseis anos gostava de esculpir em madeira para fazer diversos objectos, por exemplo, uma grande

[41] O patoá "ch'timi" do Norte.
MFMM, 2; Madre Marie-Christiane, C. de 20 de Maio de 1993; Joseph Lefebvre, C. de Junho de 1997; Michel Lefebvre, E. de 28 de Abril de 1997, ms. II, 5, 22-27.
[43] *MFMM*, 3; Madame Lefebvre, C. a Marie-Clotilde, 4 de Janeiro de 1920.

peanha, finamente trabalhada, para uma estátua da Virgem.[44] Não lhe faltava o tino comercial: encarregou-se das galinhas e dos coelhos, ajudado por uma criada, fazendo a sua mãe pagar os ovos e, graças a esse dinheiro, pôde comprar uma bicicleta que lhe permitia fazer todos os recados que lhe pedissem e, sobretudo, visitar os seus pobres.

> «Dos dois irmãos – diz Christiane – René assumia facilmente a frente da sua classe, brilhava mais pela vivacidade da sua inteligência. Marcel, que se encontrava entre os segundos, era mais notado pela clareza do seu julgamento. Quando partiu para o seminário, a mamã teve esta reflexão: "Perguntamo-nos como a casa vai poder continuar a sua vida sem Marcel". A sua partida foi bem um dos mais duros sacrifícios.»[45]

## 4. A GRANDE DECISÃO

### *Uma decisão amadurecida*

Madame Lefebvre tinha a premonição do futuro de Marcel, mas impedia-se de influenciar a sua escolha. Foi provavelmente pelo Verão de 1919, quando a batina do irmão impressionava a família e soltava as línguas sobre este assunto, que Marcel se sentiu impelido a declarar a sua vocação aos seus pais:

– Quero muito ser padre![46]

Três semanas após a sua entrada no Seminário Francês de Roma, René, entusiasmado, escrevia a Marcel:

> «Só desejo uma coisa, é que te juntes a mim, aqui, dentro de três anos. Aqui terás alegrias que não se podem ter noutro lado, nem no mundo, nem noutro seminário de França, creio. Roma e o Seminário Francês são duas graças a pedir ao bom Deus.»[47]

Assim Marcel sentia crescer o seu desejo pelo sacerdócio. Mas quando, no último ano, à aproximação das férias da Páscoa, ouviu o Padre Deconinck advertir os seus alunos: «Atenção! É durante estas férias que deveis tomar uma decisão sobre o vosso futuro», ficou perplexo. Como decidir ele mesmo uma coisa tão grave? O seu director espiritual, Padre Desmarchelier, queria que o chamamento fosse ouvido directamente na alma, sem quer o director desse ne-

---

[44] Michel Lefebvre, E. 28 de Abril de 1997, ms. II, 8, 44-48.

[45] *MFMM*, 2.

[46] *PHLH*, 23.

[47] Madame Lefebvre, C. a M.-Clotilde, 12 de Novembro de 1919.

nhum conselho.[48] Marcel, pelo contrário, esperava a inspiração do seu director como vinda do Espírito Santo, e dele nada vinha.

Durante essas férias, confiou à sua irmã Christiane as suas hesitações, as suas reflexões:

– Portanto, não serei padre. É loucura alguém pensar que pode ser padre. Assim, farei como São Francisco: quero ser santo, serei irmão, mas não posso pensar ser padre.

– Não podes ficar em tal indecisão

respondia-lhe a irmã

– porque não vais fazer um retiro de uns dias?

Em certos momentos, sentia-se atraído pela vida austera dos Trapistas.

Ora, havia junto de Saint-Omer a Abadia Beneditina de Wisques, outrora sem dúvida frequentada por seu pai, aluno interno em Boulogne.

– Vai então a Wisques! – aconselharam seus pais. O padre hospedeiro toma conta dos participantes no retiro para os esclarecer.

Marcel optou por Wisques e, no regresso, toda a família tinha a mesma pergunta na ponta da língua:

– Então! Que disse o padre hospedeiro?

– Pensa que não sou chamado para ser beneditino, porque sinto atracção pelo apostolado.

Mas isto não bastava ao jovem, era-lhe preciso uma indicação positiva.

Ora, em Poperinghe, na Bélgica, encontrava-se a Trapa Saint-Sixte de Westvleteren, onde estava como familiar um tio de seu pai, Alban Théry.

«Fui vê-lo – conta ele – e aquela vida atraiu-me muito. Até quis entrar ali como irmão. Achei aqueles irmãos de tal modo admiráveis, tão próximos do Bom Deus. Na sua simplicidade, na sua candura, reflectiam uma felicidade celeste.»

Sem dúvida não podia pensar nisso... Mas, nessa abadia, encontrava-se também um monge reputado pela sua santidade e o seu dom de profecia, o Padre Alphonse.[49]

---

[48] *MFMM*, 7; Marziac, 65.

Julius Garijn (1861-1926); ordenado padre em Bruges em 1884, foi primeiro vigário em Armentières para os flamengos; em 1888, entrou para os "scheutistas" e partiu como missionário para o Congo Belga com o seu irmão mais velho. Em 1904, fez-se trapista em Westvleteren, onde é pregador e director espiritual dos retiros. Afável e modesto, pratica todas as virtudes religiosas e é «partidário inexorável de São Tomás d'Aquino». Em 1918, passa nove meses na Trapa de Sept-Fons, onde encontra dom Chautard

– Preciso de ir a Poperinghe – diz Marcel – falar com o Padre Alphonse.

Montou na bicicleta, chegou à Trapa, cumprimentou o tio Alban e pediu o parlatório com o Padre Alphonse. Ora, logo que entrou no parlatório, antes mesmo que Marcel lhe pudesse fazer a mínima pergunta, o padre diz-lhe:

– Vais ser padre… deves ser padre.[50]

Desta vez, não havia que hesitar. Faltava escolher o seminário…

## *Irás para Roma!*

«Não me via a partir para Roma – dirá mais tarde Mons. Lefebvre – não era grande intelectual e era preciso estudar em latim… Ir para lá, depois a Universidade Gregoriana, exames difíceis também… Preferia ir, como os seminaristas da minha diocese, para o Seminário de Lille e tornar-me um cura vulgar numa paróquia rural. Manter a fé numa paróquia: via-me um padre, um padre espiritual de uma população à qual se adere para lhe inculcar a fé e os costumes cristãos. Era o meu ideal!»

– Gostaria de ficar na diocese – diz então Marcel a seu pai – e já que quero trabalhar na diocese, não vale a pena ir para Roma.

– Não, não, não! Vais juntar-te ao teu irmão! O teu irmão está em Roma, vais para Roma também; não se fala mais nisso, não vais ficar na diocese, aqui, e depois… a diocese…

Desconfiava um pouco, por isso ainda reforçou a decisão:

«Não, não, Roma será melhor.»[51]

«Eis como a Providência conduziu a minha existência: – dizia Mons. Lefebvre – por causa da guerra. Se não tivesse sido a guerra, é evidente que o meu irmão não teria ido estudar para Versalhes; teria entrado directamente para os missionários, pois tinha uma vocação missionária. Mas em Versalhes, estava o Padre Collin, que o orientou para Roma… Se não, eu próprio teria entrado para o Seminário de Lille, não teria estado em Roma; isso teria mudado completamente a minha existência, completamente.»[52]

«Irás para Roma!» A resolução do Sr. Lefebvre estava decidida. Marcel não tentou discuti-la, sendo a autoridade do pai respeitada e temida; em casa, o Sr. Lefebvre era a cabeça, a cabeça pensante,

---

(registo obituário de Saint-Sixte).

[50] *MFMM*, 7-8; *Fideliter* n. 59, Set-Out. 1987, p. 7.

[51] *PHLH*, 23; conferência em Montreal, 1982; *Fideliter* n. 85, p. 3.

[52] Cf. *PHLH*, 21 e 24.

homem de princípios, lúcido sobre o liberalismo que infectava numerosos seminários de França, e resolvido a confiar Marcel, com o *placet* do Bispo de Lille, Mons. Hector Quilliet,[53] à mão segura do Padre Le Floch.

## *O desmantelamento de um bastião*

Lille tinha sido sempre um bastião da catolicidade romana. Quando, em 1875, o industrial de fiação Philibert Vrau apresentou a Pio IX o seu projecto de instalação em Lille de Faculdades Católicas, explicou ao Soberano Pontífice:

> «Temos o único fim de criar um estabelecimento que, inspirando--se nas sãs doutrinas da Igreja, e particularmente nos ensinamentos dados por Vossa Santidade em *Syllabus*, faça penetrar em todas as matérias do ensino os verdadeiros princípios da fé.»[54]

Sob Leão XIII, os patrões do Norte, católicos e monárquicos, apoiados em *La Croix du Nord* e na *Semaine religieuse de Cambrai* do Cónego Delassus, combatem os padres democratas Lemire, Six e Bataille – este último funda em Roubaix, em 1893, o primeiro sindicato operário cristão. Mas estes padres são rapidamente confortados pela «adesão» à república pedida pelo Papa. O Sillon de Marc Sagnier faz recrutamento no jovem clero e nos meios inovadores das Faculdades Católicas (Eugène Duthoit, Padre Thellier de Poncheville).

A chegada de São Pio X purifica a atmosfera. A adesão é lançada no esquecimento. O Sillon é condenado em 1910 e, em parte para prosseguir de perto o combate antiliberal, Lille foi erigida em diocese pelo desmantelamento da diocese de Cambrai, em 25 de Outubro de 1913. Ao receber o seu clero, o Bispo, Mons. Charost, saudou «a cidade de Lille que se ilumina ao sol da verdade integral e que repele, com toda a tenacidade com que Deus dotou a nossa raça flamenga, a miragem do falso e enganoso liberalismo».[55]

Mas a elevação de Bento XV foi acompanhada do regresso de influências deletérias; a reforma de Mons. Delassus, a reabilitação do padre Six[56] e da de Eugène Duthoit,[57] o primeiro nomeado para as

[53] Mons. J.-A. Chollet, Arceb. De Cambrai, *Pages choisies*, imp. H. Mallez, Cambrai, 1936, pp. XXI-XXII.

[54] Pouchain, 123.

[55] Pierre Pierrard, *Histoire des diocèses de Cambrai et Lille*, Beauchesne, 1978, pp. 289-296.

[56] Já em 1916 Mons. Charost tinha levantado o interdito com o qual atingira o Padre Lemire.

[57] Certas teses socialistas das suas *Semaines Sociales* tinham incorrido na censura de Roma: Pierrard, 296; C. do Card. Merry del Val a Albert de Mun, 3

obras sociais da diocese e o segundo encarregado dos secretariados sociais do Norte. Em 1919, Mons. Charost autorizava um padre de Roubaix, Duchesne, a fomentar sindicatos operários cristãos: não se viam outros meios para contrapor a acção revolucionária da CGT.

René Lefebvre deplorava esta nova orientação liberal; permanecia agarrado ao princípio corporativo e simpatizava com a Liga de Acção Francesa, que recrutava grandemente nos meios católicos. Não aderiu, no entanto, ao Consórcio da Indústria Têxtil – que sucedera ao ACPN – e não aprovou os seus métodos de redução brutal dos salários, que arrastaram, de 1919 a 1921, greves quase insurreccionais, principalmente nas fábricas de Tourcoing. Eugène Mathon, Presidente do Consórcio, preparava-se para apresentar em Roma uma queixa contra os sindicatos operários cristãos, que acusava de «participação na luta de classes».[58] René Lefebvre eram bem da mesma opinião, mas pôs-se de lado neste debate armadilhado, no qual as duas partes eram culpadas.

Nesta mesma linha de conduta, resolveu subtrair o seu filho mais velho à atmosfera liberal que penetrava também nos seminários da diocese, e de levar Marcel para o clima de serenidade e segurança doutrinal de Roma, do qual aproveitava seu filho mais velho. Mons. Quilliet, que se esforçava por manter a diocese na sua antiga fidelidade ao magistério pontifício, aquiesceu ao desejo do industrial e só recomendou a Marcel Lefebvre que se tornasse bem romano.

---

de Janeiro de 1913, AAS 5 (1913), 18-19; BP VIII, 114-115; CR II, 491-492.

[58] Pouchain, 229; Pierrad, 304.

# CAPÍTULO III

# SEMINARISTA ROMANO

## 1. SOB A ÉGIDE DO ESPÍRITO SANTO E DO CORAÇÃO IMACULADO DE MARIA

### *Entrada em Santa Chiara – 25 de Outubro de 1923*

Apesar da ausência do seu irmão, que cumpria o serviço militar, e da de Robert Lepoutre, que fora para o seminário de Annapes, Marcel Lefebvre viaja alegremente na companhia dos seus condiscípulos do colégio, André Frys e Georges Leclercq. À aproximação de Roma estão todos à janela do comboio para ver a cúpula de São Pedro: «Ei-la!» Saberá Marcel que vai escrever, por seu lado, uma pequena página (mas que página!) da História desta cidade que se diz, como Deus, eterna?[1]

Na Via Santa Chiara, os nossos neófitos, guiados pelo seu «bom anjo», Henri Fockdey, encontram, diante da entrada, uma Virgem de mármore, inclinada e doce: *Tutela domus*. Imitando o seu anjo, Marcel ajoelhou-se, um pouco balbuciante diante da Senhora que aprenderia a conhecer melhor: não se entrava nem se saía nunca sem a honrar com um pequeno cumprimento, a que ela não deixava de corresponder. Depois, Marcel, precedido pelo seu mentor, tomou posse do seu quarto. Posse é uma enorme palavra, pois se vivia a dois: os quartos tinham sido «dobrados»[2] para alojar os cerca de 220 seminaristas de vários «batalhões»: seminaristas diocesanos, «escolásticos» espiritanos, «cónegos» de Saint-Maurice-en-Valais, etc.. O jovem Lefebvre partilhou, pois, a sua cela com Georges Picquenard, mais velho um ano, da Diocese de Laval.

Raymond Dulac, *La maison de Sainte-Claire*, recordações do Seminário Francês.
*Échos de Santa Chiara* n. 112, pp. 29-30.

Marcel caminha a passos largos pelos quatro andares do harmonioso quadrilátero, desde o terraço, designado loggia – do qual aprende a orientar-se pela floresta de cúpulas da cidade – até ao claustro sombreado, rodeado por uma bela colunata de granito rosa, que cerca um pátio interior fresco e colorido, no centro do qual o Senhor desvela o Seu Sagrado Coração, por cima de uma fonte inesgotável: *In die illa erit fons patens*.[3] Ao lado, a capela, coração da casa, reunirá os seminaristas, apertados nos seus bancos, junto do altar simples de mármore branco e do Coração Imaculado de Maria, refúgio dos pecadores.[4]

## *No coração da Cidade Eterna*

O dia seguinte, 26 de Outubro, é ocupado no conhecimento da cidade. Os seminaristas sucedem-se em São Pedro, e encontram na própria majestade do edifício, na decoração e obras de arte, nos textos fundamentais que ornam o grande friso dourado das naves e da cúpula, um verdadeiro tratado *«de Romano Pontifice»*. As relíquias dos Papas e dos mártires, vozes mais eloquentes da Tradição, convidam-nos, com São Cipriano, a amar sempre mais «a cátedra de Pedro e a igreja principal, das quais a unidade do sacerdócio tira a sua origem».[5]

No regresso, demoram-se pelas ruas vizinhas do seminário, para verificar que as grandes universidades eclesiásticas estão todas a cinco minutos de Santa Chiara.

Que local ideal para o Seminário Francês! Formar jovens na romanidade doutrinal, tal foi a sua vocação pela vontade de Pio IX, quando este Papa sugeriu, e aprovou, em 1853, que o novo estabelecimento fosse confiado à autoridade dos espiritanos. Mas porquê os espiritanos?

## *A Congregação do Espírito Santo*

A Congregação do Espírito Santo foi, de algum modo, fundada duas vezes.[6] Cerca de 1700, um jovem bretão, Claude-François

[3] Nesse dia, haverá uma grande nascente aberta (Zac. 13, 1).

[4] Entre os «antigos», que preparam o doutoramento em teologia, os futuros bispos Lebrun, Ancel e Guerry, os futuros vigários gerais Michel e Layotte; Finet, futuro capelão dos Foyers de Charité, e Robert Prévost, futuro vigário de N.-D. des Anges de Tourcoing. *Mélanges de science religieuse*, 54 (1997), 3, pp. 41-47: Robert Prévost, *Dieu n'échoue pas*, 3 vol., Téqui, 1983 ; *Échos* n. 115, p. 44.

[5] São Cipriano, Carta 59, c. 14, n. 1; citado por Pio XII, alocução à audiência do Seminário Francês, 16 de Abril de 1953.

[6] Cf. Padre V.-A. Berto, *Pour la sainte Église romaine*, Cèdre, Paris, 1976, pp. 122-124.

Poullart des Places, foi para Paris preparar-se para o sacerdócio, não para a Sorbonne, infestada de jansenismo, mas para o Colégio dos Jesuítas. Comovido com a penúria de alguns condiscípulos, o jovem clérigo de vinte e quatro anos estabeleceu, no dia de Pentecostes, 24 de Maio de 1703, a «comunidade e seminário consagrados ao Espírito Santo sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado».[7] Ordenado padre em 1707, faleceu em 1709, com trinta anos, deixando aos seus filhos um tocante modelo de padre humilde, pobre, piedoso e doutrinal.

Os seus «pobres clérigos», com efeito, quis Claude Poullart «educá-los nos princípios da mais sã doutrina da Igreja Católica e Romana».[8] O jovem fundador gostava de repetir, como sua máxima favorita, «que um clérigo piedoso, sem ciência, tem um zelo cego; e que um clérigo sábio, sem piedade, está exposto a tornar-se herético e rebelde à Igreja»[9]

Os padres formados nesta piedade doutrinal no Seminário do Espírito Santo, voltavam à sua diocese ou entravam na Companhia Marie de Grignion de Monfort; mas, em breve, alguns deles partiriam para missões estrangeiras no Canadá (1732), Cochinchina e Senegal (1770-1790).

Após a Revolução, a comunidade, reconhecida pela Santa Sé como congregação, forneceu um excelente clero a nove territórios coloniais, entre outros às Antilhas e ao Senegal. O Seminário tornou-se um foco do pensamento Católico e Romano, frequentado pelo historiador Rohrbacher, pelo canonista Bouix, o especialista da Patrística Migne e o paleógrafo Dom Pitra. Outras celebridades, como Dom Guéranger, Mons. Parisis, Cardeal Gousset, Louis Veillot ali foram também tratar de problemas da época, à luz dos ensinamentos de Roma.[10]

Em 1847, no entanto, a congregação estava anémica. Foi então que a Divina Providência lhe infundiu sangue novo, inserindo no velho tronco de Poullart des Places o jovem enxerto de Libermann.

---

[7] Joseph Michel, *Claude-François Poullart des Places*, ed. S.-Paul, Paris, 1962 ; *L'influence de l'AA, association secrète de piété, sur Cl.-F. Poullart des Places*, Beauchesne, Paris, 1992 ; Koren, 18. A sua devoção ao Espírito Santo, recebeu-a Cl. Poullart dos jesuítas missionários na Bretanha, discípulos do P. Lallement: Rigouleuc, Huby, Legrand, Maunoir e Champion: Michel, 147-157; Koren, 18-19.

[8] Grandet PSS, *Vie de Messire Louis-Marie Grignion de Montfort*, Nantes, 1724, p. 563, citado por Michel, 204-205.

[9] Michel, 321; Koren, 151.

[10] Notes et documents sur le vén. Libermann, I, 98-99, note 1.

### *O Padre Libermann, o Sagrado Coração de Maria e a Casa de Santa Clara*

Nascido em 11 de Abril de 1802, Jacob Libermann, filho do rabi de Saverne, recebeu a graça do Baptismo na véspera do Natal de 1826, tomando os nomes de François, Marie, Paul: «Diz ele: no momento em que a água benta corria pela minha cabeça de judeu, amava Maria, que detestava anteriormente».[11]

Entrando no Seminário Saint-Sulpice, em Paris, depois em Issy, em breve animava com a sua chama todo um grupo dos seus condiscípulos, concebendo o desígnio de lançar em África, «junto dos negros mais desfavorecidos», um exército de apóstolos.[12]

Encorajado por Roma, milagrosamente curado da epilepsia, foi ordenado padre em 1841, e enviou os seus primeiros «missionários do Sagrado Coração de Maria» para o Senegal e para o Gabão. A presença dos espiritanos em algumas das mesmas terras oceânicas, fê-lo meditar. Em 1848, realizou-se a fusão do seu instituto no do Espírito Santo, que tomou o nome de Congregação do Espírito Santo, sob a invocação do Sagrado e Imaculado Coração de Maria.[13]

Morria quatro anos mais tarde, em 2 de Fevereiro de 1852. No ano seguinte, respondendo ao apelo e escolha do Papa Pio IX, a congregação fundava em Roma o Seminário Francês. Transferido em 1854 para o antigo Convento de Santa Clara, a casa torna-se um formigueiro sussurrante de actividade intelectual e espiritual – *pietas cum scientia* – à qual Leão XIII concedeu, em 1902, o título, raro na época, de Seminário Pontifício. Depois, em 1904, o Padre Le Floch recebia, das mãos trementes do Padre Alphonse Eschabach,[14] o facho da romanidade doutrinal.

## 2. O PADRE LE FLOCH, OS PAPAS E A CRUZADA

### *Henri Le Floch*

Na tarde de 26 de Outubro de 1923, o Padre Superior reuniu os seminaristas para lhes dar a primeira conferência espiritual do ano.[15]

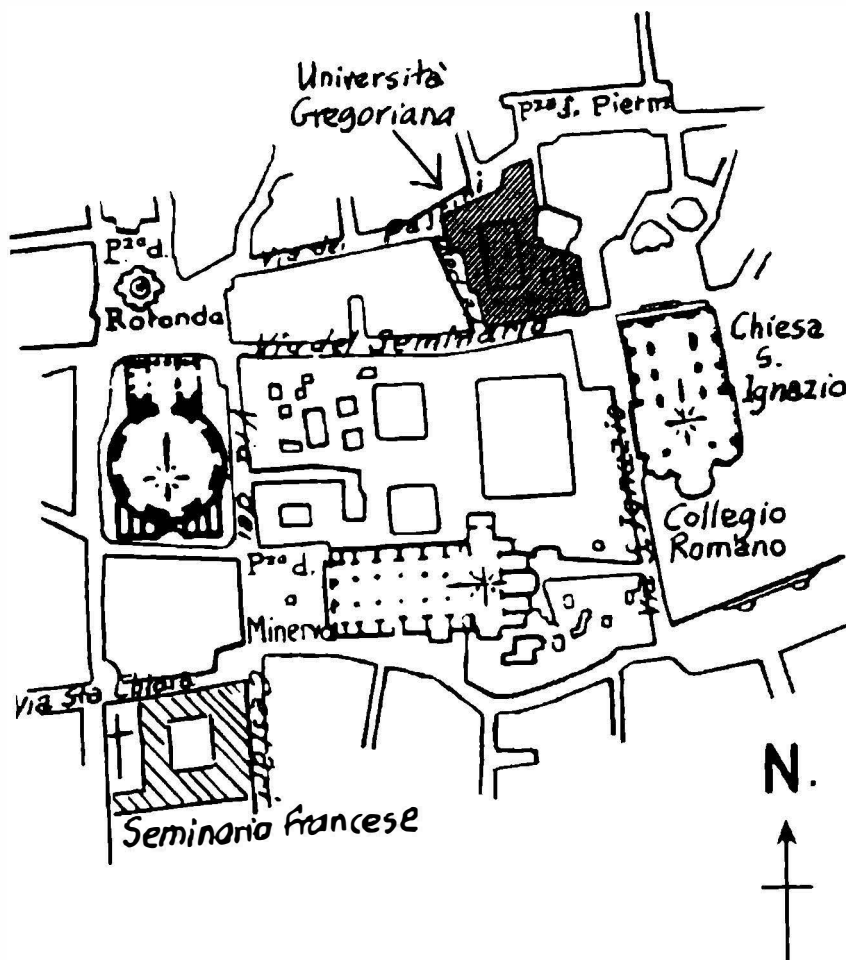
---

[12] Koren, 185-192.

[13] Koren, 224 e 227. A maior parte dos «noviços« espiritanos (sacerdotes nas colonias ou seminaristas na Rua des Postes) retiraram-se não aceitando as exigências dos votos de religião. Koren 228

[14] Cf. Y. Chiron, *Saint Pie X réformateur de l'Église*, CR, 1999, citando uma carta de Mons. Turinaz ao Card. Merry del Val, de 25-04-1904.

[15] *Échos de Santa Chiara* n. 115, crónica.

ROMA
O BAIRRO DELLA PIGNA
E O SEMINARIO FRANCÊS

A cima a Universidade Gregoriana; a esquerda, o Panteão (ano 25 antes de Cristo) tornado Nossa Senhora-aos-Márites; a direita, a igreja Santo Inácio; no centro, a igreja Nossa Senhora -da-Minerva; em baixo, o Seminário francês

O Padre Henri Le Floch estava, aos 61 anos, no declínio da idade, mas não das faculdades intelectuais.

Era, diz o Padre Berto,[16] seu aluno de 1921 a 1926, um carvalho bretão, na magnífica pujança da sua maturidade. Alto, porte erecto, rosto cheio e ligeiramente colorido onde o vigor das sobrancelhas esbatia a fineza do nariz e dos lábios, atitude da cabeça de surpreendente dignidade, olhos cinzento-azulados de olhar firme, de uma gravidade natural animada por uma expressão de bondade e um sorriso apenas esboçado mas pronto a aparecer, impunha-se sem afectação. Era todo dignidade e afabilidade.

Além disso, era uma mistura de extrema segurança de si mesmo e de extremo esquecimento de si: não era senão servidor da Igreja, homem de verdade, o homem da doutrina católica, teólogo consequente; mas, intuitivo e impaciente, o seu espírito chegava ao cimo sem se submeter à passagem pelos degraus da argumentação teológica. Não que desprezasse a teologia como ciência racional, mas, enfim, não a usava dessa maneira. Como era inamovível na fé, assim se instalava nas ideias mestras da teologia.[17]

### *O espírito de Claude Poullart des Places – Doutrina romana e piedade doutrinal*

Em memorável conferência dada em Chevilly em 1902,[18] o Padre Le Floch, fundamentando-se nos documentos da «Fusion» de 1848, tinha demonstrado que, se o venerável Libermann era o revivificador da congregação e o seu iniciador no espírito missionário religioso, em compensação, o servo de Deus Poullart des Places era o seu fundador. A Comunidade do Espírito Santo, aprovada como associação francesa por decreto real de 1734,[19] não tinha cessado de existir em 1848, como acabava de provar Mons. Le Roy, Superior Geral, no Conselho de Estado, salvando a congregação das «expulsões» em Agosto de 1901. Desde então, a intenção primeira de Claude Poullart permanecia firme e válida, e o Seminário Francês de Roma era o herdeiro do glorioso Seminário do Espírito Santo, simplesmente transbordando a escala do clero colonial.[20]

A tradição espiritana de adesão à sã doutrina romana, e de profunda piedade baseada nessa doutrina, encontrou-as o Padre Le Floch em

[16] Abbé Berto, *Pour la sainte Église romaine*, 113, 141.
[17] Pour la Sainte Eglise romaine, (para a Santa Igreja romana) p. 129
[18] BG 630, 366-367
[19] Koren 35-36; textos em BG 520, 468-497
[20] O «seminário colonial» permanecia em Paris, na casa mãe, rua Lhomond.

Santa Chiara, mas desenvolveu-as, reinstalou-as em estado puro, gravou-as na regra do seminário.

Destilou-as mesmo, com a leitura no refeitório, cada três anos, da vida do Padre J.-B. Aubry,[21] missionário e teólogo, antigo aluno do seminário francês, que neste havia bebido o entusiasmo pelo estudo da teologia e o gosto da piedade teológica:

> «É ainda uma prevenção da escola anti-teológica – escrevia aquele – separar, no sacerdócio, a piedade da doutrina – escola sentimental que, sob pretexto da piedade, arruína a piedade! A uma doutrina sem espiritualidade corresponde uma espiritualidade sem doutrina. Doutrina seca, espiritualidade insípida, malsã, toda de sentimento, por consequência, sem duração. Escola que nega a necessidade da teologia dogmática, tão profunda quanto possível, para fazer o verdadeiro padre, o homem interior, o homem apostólico.»

E é sem razão, apoiava o Padre Aubry, que alguns se limitam a estudar a teologia moral, separando-a do dogma julgado inútil! Assim fazendo, corta-se dos estudos «tudo que serve para formar, no jovem teólogo, a alma sacerdotal, o sentido teológico, o homem de princípios e de doutrina, a inteligência forte, o espírito elevado».[22]

## *«Sentire cum Ecclesia» – Pensar com a Igreja*

A fé nos princípios e na eficácia prática da verdade, da verdade católica, eis o que o Padre Le Floch ia inculcar nos seus discípulos. Por ocasião do seu jubileu de ouro sacerdotal, em 1936, os seus antigos alunos manifestaram-lhe o seu reconhecimento pela formação dele recebida.[23] «Tenho o entusiasmo… dos meus dezoito anos – escrevia o Cónego J. Taillade, Superior do Seminário Maior de Perpignan; isso vos devo, devo-o a Santa Chiara, onde recebi os princípios que fazem a felicidade da minha vida.» O Padre Roger Johan, professor do Seminário Menor de Sées e futuro bispo, escrevia: «Ensinastes-me o culto da verdade plena e o horror das verdades diminuídas… Lembro-me da vossa "paternidade" tão perfeita, inspirando o respeito e conquistando os corações.»

---

[21] J-B Aubry, missionaire théologien. (Missionário teólogo)

[22] Abbé Augustin Aubry, *Vie sacerdotale, conseils pratiques tirés des œuvres do P. J.-B. Aubry*, Gand, 1928, pp. 45, 48-49.

[23] Henri Le Floch, *Cinquant ans de sacerdoce*, pp. 201-214.

O Padre Johan enuncia também «o sentido da importância da caridade, a necessidade da teologia e da filosofia divinamente aperfeiçoadas». «Pode definir-se um espírito? – perguntava, por sua vez, o Padre Victor-Alain Berto. No fundo, era o *Sentire cum Ecclesia*, entendido sem nenhuma rigidez, sem nenhuma geometria, sem nenhum "integrismo"!»[24] «Pensar com a Igreja!» Julgar como julga a Igreja, à luz do ensinamento dos concílios e dos Papas, à luz, também, de São Tomás d'Aquino, despojando-se de toda a ideia pessoal para abraçar o pensamento da Igreja, eis o espírito de um padre superior.

## *Uma revelação*

As expressões de reconhecimento, de veneração, de afeição em relação ao seu superior romano, derramam-se através das palavras de Mons. Lefebvre, no decurso dos seus sermões ou das suas conferências espirituais. Deleitar-se-á ao invocar no seu sermão do jubileu, em 23 de Setembro de 1979, «a elevada direcção do caro e reverendo Padre Le Floch, padre muito amado, padre que nos ensinou a ver claro nos acontecimentos da época de então, comentando as encíclicas dos Papas.»[25] «Nunca agradecerei bastante ao Bom Deus – disse ele – por ter permitido que eu tivesse conhecido esse homem verdadeiramente extraordinário.»

Mons. Lefebvre explica que o ensinamento do Padre Le Floch foi para si uma «revelação»:

> «Foi ele que nos ensinou o que eram os Papas no mundo e na Igreja e o que ensinaram durante um século e meio: o antiliberalismo, a antimodernismo, o anticomunismo, toda a doutrina da Igreja sobre estes assuntos. Fez-nos verdadeiramente compreender e viver o combate travado pelos Papas com absoluta continuidade, para tentar preservar o mundo e a Igreja dos flagelos que hoje nos oprimem. Isso foi para mim uma revelação.»

Foi uma revelação em quê? O antigo aluno do colégio de Tourcoing explica-nos claramente:

> «No decorrer dos meus estudos não tinha anteriormente medido o que estava em jogo no combate da Igreja pela Igreja e pela Cristandade.»[26] «Lembro-me (...) de ter chegado ao seminário

---

[24] Padre Berto, Carta do 21 de Novembro 1936, em cinquante ans,(cinquente anos) 207

[25] *Fideliter* n. 12, Nov. 1979, p. 6.

[26] *Fideliter* n. 59, Set. 1987, p. 32.

com ideias que não eram exactas, que reformulei no decurso do meu seminário. Cria, por exemplo, que era excelente em absoluto que o Estado fosse separado da Igreja. Pois sim! Eu era liberal!»

Evidentemente, esta confissão desencadeou os risos dos auditores, seminaristas de Écône: Monsenhor Lefebvre tinha sido liberal! E como se tinha operado a sua conversão intelectual? Muito simplesmente, diz ele,

«ouvia as conversas dos meus confrades mais velhos. Ouvia as suas reacções e, sobretudo, o que os meus professores e superiores me ensinaram. E apercebi-me de que tinha muitas ideias falsas, com efeito. (...) Estava feliz por aprender a verdade, feliz por saber que estava errado, que era preciso que mudasse a concepção de certas coisas, sobretudo estudando as encíclicas dos Papas que nos mostravam, justamente, todos os erros modernos, as magníficas encíclicas de todos os Papas até São Pio X e ao Papa Pio XI.»[27]

«Para mim foi uma revelação total. E então brotava em nós, muito docemente, o desejo de conformar o nosso julgamento ao dos Papas. Dizíamos a nós próprios: mas como julgaram os Papas os acontecimentos, as ideias, os homens, as coisas do seu tempo? E o Padre Le Floch mostrava-nos bem[28] quais tinham sido as ideias directrizes dos diferentes Papas: sempre as mesmas, exactamente as mesmas, nas suas encíclicas. Isso mostrou-nos (...) como era preciso julgar a História (...) e isso permaneceu em nós.»[29]

«Como os Papas julgaram»: o cuidado constante de Mons. Lefebvre será inscrever-se na continuidade do julgamento dos Papas e de não ter nenhuma ideia pessoal, mas de ser simplesmente fiel à «verdade da Igreja, a que ela sempre ensinou».[30]

## *Sempre em estado de Cruzada*

Ora, a Igreja sempre ensinou combatendo.

«O Padre Le Floch – diz Mons. Lefebvre – fez-nos entrar e viver na História da Igreja, no combate que as forças perversas

[27] *COSPEC* 36 A, 30 Nov. 1976.

[28] Nas conferências espirituais da tarde, das 19H05 às 19H30, alternando com os outros padres directores do seminário.

[29] *PHLH*, 26.

[30] *COSPEC* 36 A, 30 Nov. 1976.

travavam contra Nosso Senhor. *Isso mobilizou-nos contra o funesto liberalismo*, contra a Revolução e as potências do mal operando para derrubar a Igreja, o reino de Nosso Senhor, os Estados Católicos, a Cristandade inteira.»

A maioria dos seminaristas abraçavam este combate, os outros não ficavam, explica também Mons. Lefebvre: «Era preciso escolher: ou deixar o seminário se não estivéssemos de acordo, ou entrar no combate e marchar.»[31] Mas entrar no combate era um compromisso para toda a vida: «Penso que toda a nossa vida sacerdotal – e episcopal – foi orientada para esse combate contra o liberalismo.»[32]

Tal liberalismo também era o dos católicos liberais, «gente de duas caras», que se dizem católicos mas «não suportam a verdade integral nem que se condenem os erros, os inimigos da Igreja, e que sempre se esteja em estado de Cruzada».

«É isto – conclui Mons. Lefebvre – está-se em estado de Cruzada, em estado contínuo de combate» e essa Cruzada, precisa ele, pode exigir o martírio.[33]

## *Sob a bandeira de Cristo Rei e Sacerdote*

Segundo testemunho de Denis Fahey,[34] as leituras propostas aos seminaristas ou feitas no refeitório, faziam-nos contemplar, com Godefroid Kurth,[35] «o Corpo Místico de Cristo transformando a sociedade pagã do Império Romano e preparando o crescente movimento de reconhecimento do programa de Nosso Senhor Jesus Cristo Sacerdote e Rei»; ajudavam-nos a compreender, com o Padre Deschamps,[36] que «as revoluções provocam a exclusão do governo de Cristo Rei, com o fim de eliminar a Missa e a vida sobrenatural de Cristo, Soberano Grande Sacerdote». O *De Ecclesia* do Padre (depois Cardeal) Billot SJ fazia-os «apreender o sentido da realeza de Cristo e o horror do liberalismo». Na escola do Cardeal Pie, aprendiam «a plena significação do "Venha a nós o Vosso Reino",

[31] Cf. Robert Prévost, I, 165-166.
[32] *Fideliter* n. 59, p. 32.
*PHLH*, 28.
[34] O P. Fahey tinha sido discípulo do P. Le Floch em Santa Chiara, de 1908 a 1912. Escreveu as linhas aqui citadas na sua *Apologia pro vita mea* cerca de 1950. Cf. *Catholic Family News*, USA, Abril e Maio de 1997.
[35] *Origines de la civilisation moderne*, ed. Albert Dewitt, Bruxelas, 1912, 2 vol.
*Les sociétés secrètes e la société.*

a saber, que o Reino do Senhor deve vir não somente às almas individuais e ao Céu, mas à Terra, pela submissão dos estados e das nações ao Seu governo. A destronização de Deus na Terra é um crime ao qual nunca devemos resignar-nos».

«O *Syllabus* do Papa Pio IX e as encíclicas dos quatro últimos Papas – diz Fahey – foram o objecto principal das minhas meditações sobre a realeza de Cristo e as Suas relações com o sacerdócio.»

Marcel Lefebvre fez o mesmo.

Em São Pedro, quando visitava a basílica, Fahey permanecia na Confissão, e ali prometia ao primeiro Papa «ensinar a verdade sobre o seu Mestre, da maneira como ele e os seus sucessores, os Pontífices Romanos, queriam que fosse ensinada».[37]

A verdade sobre Cristo Rei e Sacerdote, à luz dos Papas, no combate contra os adversários desta verdade: tal é o sagrado depósito que Marcel Lefebvre resolveu, também ele, transmitir.

## 3. UMA FILOSOFIA CONTEMPLATIVA

### *A boa e antiga Gregoriana!*

Mas, antes de transmitir, era preciso deixar-se formar. Em 5 de Novembro, a Universidade Gregoriana abria as suas portas, para a *lectio brevis*, ao grupo pitoresco e multicor de setecentos jovens clérigos que, todas as manhãs, desembocavam das ruas adjacentes, os alemães vestidos de lã vermelha, os [iberos *(?)*] hispanos em azul e preto, e os religiosos com toda a variedade dos seus buréis. Da lição inaugural debitada em latim cantante e loquaz pelo Padre Lazzarini, Marcel não se apercebeu senão de algumas frases soltas. Ficou quase desencorajado. Mas depressa se desembaraçou.[38]

Inscreveu-se na Faculdade de Filosofia no curso do «segundo ano»,[39] cujo ritmo diário comportava duas ou três horas de manhã e outras tantas à tarde.

Eram precisos três minutos para percorrer a Piazza della Minerva e chegar, na rua do Seminário, à alta porta do Palazzo Borromeo que, desde a espoliação do Colégio Romano em 1870, abrigava a

---

[37] *Apologia pro vita mea.*

[38] *Échos de Santa Chiara*, Jan. 1956, p. 33; n. 115, p. 165; R. Prévost I, 131--132. Marcel vestiu a batina em 1 de Novembro.

[39] Caderno de inscrição em Faculdade de filosofia, número de matricula 04112. Oseu ano de filosofia de Tourcoing contava como primeiro ano

Universidade Gregoriana. O seu nome original era bem o que lhe tinha dado o seu fundador Santo Inácio: Colégio Romano.

Um Louis Billot tinha ensinado ali, como *divus Thomas redivivus*,[41] o Tomismo e a luta contra o modernismo e contra o liberalismo, que qualificava de «perfeita e absoluta incoerência pela oposição que os seus partidários punham entre princípios e prática, não sendo os princípios que estes pretendem admitir mais do que regras práticas de acção, que recusam precisamente a admitir». Feito cardeal por São Pio X, em Novembro de 1911, teve de parar de ensinar, mas permanecia ainda, em 1923, o mestre ideal, venerado por padres e seminaristas de Santa Chiara.

## *Aridez metafísica e verdades políticas refrescantes*

Não sem pena, o jovem estudante chega a apreciar «a única e verdadeira filosofia do bom senso e do real»[42], de que tratava o Padre Charles Boyer no seu curso de lógica e metafísica geral, que fazia as delícias dos espíritos mais especulativos do que Marcel. Passou o exame de 2 de Julho com a qualificação de *bene probatus*. Foi-lhe penoso ter «de fazer puramente filosofia sem relação com a fé»; as avenidas Cristãs dos princípios filosóficos faltavam; ora, pensava o aluno, «a filosofia não sai do domínio universal de Nosso Senhor, é serva da teologia» e encontra-se «assumida pela graça e pela natureza humana de Nosso Senhor, pela Sua natureza divina».[43]

A política ensinada pelo Padre Lorenzo Giammusso, no seu curso de ética, apaixona Marcel Lefebvre. Distribui verdades refrescantes dos mitos revolucionários da «vontade popular» e da «harmonia das liberdades das pessoas»; e conclui que a sociedade civil, concebida pelo Autor da Natureza, deve honrar Deus em culto público. A filosofia torna-se trono de Cristo-Rei.

## *As conferências de São Tomás*

No seio do seminário, em honra do Doutor Angélico, existiam modestas «conferências de São Tomás», concebidas para estimular,

---

[40] Cf. *Échos* 117, 61; 131, 150.

[41] Expressão do Card. Vicaire de Leão XIII – Cf. Billot, *De Ecclesia*, T. II, q. 17, a. 2, § 3 ; Le Floch, pp. 57-58.

[42] Mons. Lefebvre, aloc. Nas exéquias do Padre Berto, Pontcalec, 21 Dez. 1968, em *Notre-Dame de Joie*, p. 330.

[43] *RETREC*, 8 Set. 1982, instrução das 15H.

entre os filósofos e os teólogos, o gosto do estudo das questões actuais à Luz de São Tomás e dos Papas.

Em 2 de Dezembro, na presença de Mons. Chollet, Arcebispo de Cambrai, Georges Michel fez o processo da declaração dos direitos do homem. Tal conferência iria adquirir a celebridade que veremos. Mons. Chollet acrescentou este epílogo à exposição do jovem teólogo: «Só Deus é um direito puro... nós constituímos na origem uma dívida; é para a satisfazer que temos direitos.»[44] Bela expressão da natureza objectiva do Direito e afirmação do primado do bem comum, noções ignoradas pelo individualismo liberal da Revolução.

No seguimento, Pierre de La Chanonie refutará a liberdade de pensamento, de consciência e de culto; Robert Prévost, que outro confrade tratava de «democrata» – opinião tolerada pelo Padre Superior, mas desonrosa segundo o Padre Voegtli – exporá corajosamente a tese do laicismo.[45] Algumas das suas conferências foram, então, impressas em brochuras de difusão restrita, ao passo que o Padre Roul publica a sua obra *L'Église catholique et le droit commum*, em 1931.[46]

## *Dois noviços na família*

Marcel Lefebvre impregnava-se, por todos os poros da sua alma, com os ensinamentos que lhe eram ministrados de todo os lados com mão pródiga. Depois do Natal, enviando os seus votos de ano novo aos seus pais, desejava-lhes «principalmente avançar na perfeição»[47] O desejo de perfeição que o animava era partilhado pelos mais velhos: na Páscoa de 1924, soube pela sua mãe e fiel correspondente da entrada da sua irmã Jeanne no noviciado de Marie-Réparatrice em Tournai. Quanto ao seu irmão René, terminava o serviço militar no 15º R.A.C. em Douai. Em Agosto, os dois irmãos embatinados encontraram-se com as suas duas irmãs em Saint-Savin, nos Pirinéus[48]. Christiane narra como René não tinha assumido toda a dignidade de um eclesiástico. Trauteava mesmo na sua presença canções da Alhambra, recebendo esta admoestação de Marcel: «Mas, René, não vais ensinar à tua

[44] *Échos*, 116, 15.
Prévost I, 134, 173, 179.
[46] Échos, 122, 112 e 118; 123 (de 1925 à Março de 1926); Ed. Doctrine et Vérité, lib. Casterman
[47] Senhora Lefebvre, Carta a Dona Marie Clotilde, 1 de Janeiro de 1924.
[48] Madre Marie-Christiane, Cronologia familial manuscrito

irmã cantigas da caserna!»[49] Ora, mais profundo do que parecia, resolvido a realizar a sua vocação missionária sem tardar, René entrava no noviciado dos Padres do Espírito Santo, em Orly, a 5 de Outubro de 1924.[50]

## *Filosofia e contemplação*

Decidido a enfrentar corajosamente o seu «terceiro ano» de filosofia, Marcel Lefebvre regressou a Roma em 20 de Outubro de 1924. Entre os novos seminaristas encontrou um jovem padre irlandês, John Charles Mc Quaid, futuro Arcebispo de Dublin. Começava o Ano Santo. Em Novembro, viu o Cardeal Merry del Val celebrando «com tocante devoção». Descreveu a sua emoção a seus pais, e sua mãe anota: «Marcel escreve-nos cartas transbordantes de Roma, aprecia todas as cerimónias actuais em honra do Ano Santo e está cada vez mais feliz por pertencer à Igreja.»[51]

Na Gregoriana, o curso preferido do jovem estudante é o do Padre Attilio Munzi sobre teodiceia: finalmente, neste cume da filosofia, respira-se um pouco de ar puro; apesar da sua enfermidade, a razão humana encontra acesso à existência de Deus e à contemplação das Suas infinitas perfeições. Mas a subtileza do Padre Munzi, a do seu mestre Cajetan, grande comentador de São Tomás, «tornam as coisas fáceis quase difíceis», para alegria da descoberta e progresso da inteligência, «porque não se ama e não se compreende senão aquilo que resiste».[52]

Quando «resistia» demasiado, o jovem Lefebvre ia consultar o «repetidor» de filosofia a Santa Chiara, Padre Joseph Le Rohellec.[53] Esperava-se em fila à porta da sua cela e sempre se obtinha resposta. Era maravilhoso ver o padre alcançar um grosso volume de São Tomás, citar um texto, juntar passagens paralelas com uma celeridade que demonstrava grande intimidade com o Santo Doutor, compará-las entre si, completá-las uma com outras, fazer brotar a doutrina do Mestre... E, por fim, um grande sorriso iluminava o seu rosto.[54]

---

[49] MFMM, suplemento dactilografado, p. 1.

[50] Cronologia familial

[51] Senhora Lefebvre, Carta a Dona Marie-Clotilde, 30 de Dezembro de 1924

[52] Dulac, *Cette bonne vieille Grégorienne*, p. 33.

O P. Le Rohellec, natural da Diocese de Vannes, estava em Santa Chiara desde 1904; Tomista acabado, era membro da Academia de São Tomás e autor de dois belos estudos Marianos: *Marie et le sacerdoce* e *Marie dispensatrice des grâces divines*.

[54] BG 484, 969; CF. Prevost I, 131.

Naturalmente, em Santa Chiara, com aprovação tácita, mas notória, do padre Le Floch, seguia-se São Tomás de Aquino e São Tomás no texto, o texto da sua *Suma Teológica*, como tinha ordenado, imposto São Pio X no seu Motu proprio *Doctoris angelici*, de 29 de Junho de 1914. A febre Tomista reinava, portanto, no seminário, conforme teste do Padre Berto:

«Cinco anos deste regime deviam fazer Tomistas e, em boa verdade, nada na nossa educação visava outra coisa e tudo conduzia a isso; não a fazer de nós teólogos Tomistas, pretensão ridícula, mas, pelo menos, Tomistas em teologia, e Tomistas em convicção e estudo.»[55]

Quando das «repetições» públicas que o Padre Le Rohellec dava no seminário, Marcel apreciava «o hábito do professor de remontar aos princípios e de resolver com eles todos os problemas, essa maneira de tudo reduzir à unidade do ser, que dá uma ideia da sublime harmonia da Criação».[56]

O seminarista pôs-se em busca do princípio mais unificador. Assim, escreveu ao padre bibliotecário este bilhete: «Desejava, Sr. Padre, a *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, Abril de 1909, P. del Prado: *"De veritate fundamentali philosophiae christianae"* Lefebvre Marcel.»[57] O princípio que leu era simples: «Há, nos seres criados, uma distinção real entre essência e existência.» O corolário imediato é que só Deus é Ser, não participado, não recebido. Deus é *a se*, existe por Si Mesmo, nós, nós somos *ab alio*, existimos por Outro. É a definição que Deus dá de Si Mesmo a Moisés: «Sou Aquele que é»[58]. Segue-se que não temos o ser por nós mesmos. Então, o seminarista meditou esta verdade: «Não sou nada, nada sou sem Deus, tenho tudo d'Ele, logo tenho tudo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus». Esta verdade torna-se a «sua disposição fundamental: reconhecimento do nosso nada diante de Deus e da nossa dependência contínua de Deus, na nossa existência e na nossa actividade».[59]

Então, Marcel Lefebvre apreciou verdadeiramente a filosofia.

---

[55] *Pour la sainte Église romaine*, pp. 79-80.

[56] BG 484, 967-972

[57] Arcebispo Lefebvre,, Caderno «Criação, Teodiceia, ontologia«. Cf. Revue thomiste, Março e Maio de 1910

[58] Ex 3, 14

[59] COSPEC, 13 Dez. 1984; in Cor Unum, p. 100.

## *Férias na Umbria – Uma vocação à prova*

As cabeças fatigadas acolhem com prazer as férias intercalares, sobretudo as da Páscoa. A casa de campo de São Valentino abria--se a uma colónia de aprendizes alpinistas. No ano anterior, Marcel inscrevera-se no Clube Alpino Italiano,[60] e fizera a ascensão do Pizzuto.[61] Mas neste ano preferiu, ao que parece, imitar os antigos peregrinos e participar dos seus méritos caminhando a pé, de bordão na mão, saco no dorso, solicitando modesta hospitalidade nos antigos conventos franciscanos ou nos presbitérios dos pequenas cidades da Umbria.[62]

> «Passávamos a noite nessas pequenas aldeias – conta ele – onde ficávamos maravilhados ao verificar o lugar que nelas tinha o padre. Este era tudo: juiz, administrador, conhecendo toda a gente, recebido com alegria por todas as famílias. Nada se fazia sem o padre, e este fazia tudo com zelo, com admirável devotamento, vivendo de maneira excessivamente pobre. – Vindo de França, onde o espírito laico tinha penetrado tão profundamente que o padre era considerado quase como um estrangeiro na aldeia, tudo isso [me] fazia uma diferença muito grande.»[63]

O jovem estudante rezou com fervor no túmulo do seu segundo santo padroeiro em Assis e, fortalecido pela sua peregrinação sob todos os pontos de vista, realizou o esforço do terceiro trimestre e arrancou *«feliciter»* em 27 de Junho de 1925, no seu doutoramento em filosofia.[64]

O Verão permitiu-lhe mudar de ares, ajudando[65] um cura num patronato paroquial de rapazes. Foi ali que ficou estupefacto, diz ele, de ver entre alguns padres

> «discussões veementes, duras e penosas, provocando arrepios, quase rupturas. E confesso – diz ele – que sofria de tal modo que isso fez hesitar a minha vocação durante o meu seminário. Dizia para comigo: se é preciso viver em tais condições, estar num presbitério onde vai haver oposições, é penoso.»

Marcel Lefebvre reteve a lição para toda a vida: «Devemos

---

[60] Ficha de inscrição na secção romana do Clube Alpino Italiano, sem data.
[61] É ao menos uma conjectura provável
[62] *Échos* 131, 129.
[63] COSPEC 27 A, 12 Fev. 1976.
[64] Registo de inscrição; ficha de inscrição 1925-26.
[65] presumimos que foi neste verão, porque Marcel Lefebvre apenas teve «pequenas férias« em família no fim de Outubro (Cronologia familial)

tomar resoluções firmes, tudo fazer para não ser um assunto de escândalo.»[66]

## *Interesse pelo tratado da Igreja*

Marcel Lefebvre inscreveu-se, em 2 de Novembro de 1925, no «curso maior» de teologia da Gregoriana.[67] No curso de teologia fundamental do Padre Fabro, tomou nota de que «os não católicos não fazem parte da Igreja, pois que entre eles – entre os adultos – o laço social da unidade de fé é "impedido" pela heresia, mesmo material». O curso insistia na existência de um magistério visível e vivo (ao contrário do *Sola Scriptura* de Lutero), na infalibilidade do Papa falando *ex cathedra* e na dos concílios ecuménicos, «que participam da infalibilidade ordinária do Soberano Pontífice».[68]

Essa teologia da Igreja era assim, como admiravelmente exprime o Padre Berto, «a teologia da romanidade» ou a «romanidade teológica»: não somente uma teologia aprendida em Roma, mas «teologia formalmente romana». E a primeira tese dessa teologia, diz ainda o Padre, é precisamente que «o Pontífice Romano não é somente o Doutor infalível do dogma cristão, mas o primeiro teólogo na Igreja teológica».[69]

Abençoados tempos! Sem uma sombra, as encíclicas de Pio XI continuavam a iluminar a Igreja com essa teologia romana que alimentava todas as linhas do *Denzinger*! O fervor romano do seminário[70] era de total devoção aos ensinamentos do sucessor de Pedro. Marcel Lefebvre não escapava a esse fervor. Para ele, a referência ao magistério ou ao ministério romano bastava para encerrar qualquer discussão, para corrigir qualquer desvio.

## *O Sacerdócio e a Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo*

O jovem estudante expandia-se ao contacto dos primeiros tratados teológicos, mas a sua alma residia mais no Seminário do que na Gregoriana. Em Santa Chiara, com efeito, o Padre Voegtli prosseguia a sua apaixonante série de conferências sobre a Pessoa

---

[66] RETREC, 21 Set. 1979.
[67] Registo de inscrição da Fac. de Teologia; boletim de inscrição do ano lectivo 1925-26.
[68] Arq. de Écône. Mons. Lefebvre, resumos manuscritos.
[69] Pour la sainte Église romaine, pp. 80 e 82.
[70] Obra citada («Henri Le Floch, homme de la vérité»), p. 120

de Nosso Senhor Jesus Cristo, comentando nesse ano[71] a encíclica *Quas primas*, de 11 de Dezembro de 1925.

Antigo superior do pequeno escolasticado espiritano de Cellule (Puy-de-Dôme), o Padre Marc Voegtli era, desde 1909, «pai espiritual» em Santa Chiara, encarregado a esse título de certas conferências espirituais e da direcção espiritual de grande parte dos seminaristas, entre os quais Marcel.

O conferencista «impunha-se» pela sua voz grave e espírito de fé, «por vezes subjugava mesmo quando lançava ideias paradoxais, por vezes voluntariamente extremas e marcadas com o cunho de absoluto, porque era amigo da *Thèse*».[72] Mas quanta «inexprimível suavidade», que «dom tão eminente de comunicar a Sabedoria, de tornar perceptível o gosto (...) de Jesus e Sua Igreja».[73]

> «A sua doutrina era simples, falava-nos unicamente de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei. (...) Ensinava a integridade do sacerdócio, a lógica do sacerdócio levada ao extremo: o sacrifício do padre pelo Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tudo era julgado desse ponto de vista.»[74] «Meus caros amigos – dizia o padre – tanto quanto está em meu poder, peço-vos que ameis Nosso Senhor Jesus Cristo!» Ou ainda: «Meus caros amigos, ireis pregar Nosso Senhor Jesus Cristo com todo o vosso coração!»[75]

Um testemunho colectivo assinado por doze seminaristas, entre os quais Henry Barré, Émile Laurent e Joseph Trochu, atesta: «Foi por ele que aprendemos a ver Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei, centro de tudo, a solução de todas as questões, o alimento, o pensamento, a vida, tudo (...). Foi o que ele quis gravar em nós: vai permanecer!»[76]

Cinquenta anos mais tarde, um dos seus raros discípulos ainda fiéis, Marcel Lefebvre, testemunhava também a impressão inesquecível produzida pelas «conferências, muito simplesmente tomando as palavras da Escritura, mostrando Quem é Nosso Senhor Jesus Cristo. (...) Isso ficou em toda a nossa vida!»

---

[71] Échos, 125, 40.
[72] Notícia necrológica, BG 476, 618; Échos 125, 41; 141, 149.
[73] Notre-Dame de Joie, corresp. do Padre Berto, p. 72.
[74] Testemunho do Padre Roger Johan em 1927, em H. Le Floch, Les événements du Séminaire français de mars à juillet 1927, policopiado, anexos, p. 29.
[75] Notre-Dame de Joie, p. 72.
[76] Les événements, anexos, 29, 34.

Tornou-se mesmo tema das orações do seminarista:

«Nunca se terá suficientemente meditado e procurado Quem é Nosso Senhor Jesus Cristo. (...) Deveria ser a regra do nosso pensamento, é a causa da nossa santidade, é nosso Criador porque nada, nada foi feito sem o Verbo e, portanto, sem Nosso Senhor Jesus Cristo que é o Verbo. Sendo assim, todo o nosso pensamento, toda a nossa contemplação deve ser para Nosso Senhor Jesus Cristo. Isso transforma a vida!»[77]

As palavras desfalecem na sua boca para exprimir a sua experiência de seminarista, quando a palavra mística do Padre Voegtli desperta nele o espírito de sabedoria e de inteligência pelo gosto da profundidade do mistério de Cristo, dando-lhe, ao mesmo tempo, o olhar sobrenatural sobre as coisas e o desejo de trabalhar praticamente no Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo.

## *Na milícia sagrada*

O Ano Santo foi o dos primeiros passos do Padre Lefebvre na milícia clerical. Em 19 de Dezembro, na igreja do romano Seminário de Latrão, recebeu a tonsura de S. Ex.ª Revm.ª Mons. Giuseppe Palica, vice-gerente do Vicariato de Roma. Ei-lo, daí em diante, «dedicado aos divinos ministérios» (cânone 108, § 1), ser à parte, *«clerus»* por vocação divina, fazendo parte da hierarquia de ordem e de jurisdição que, por instituição divina, se distingue dos leigos (cânone 107).

No Sábado *Sitientes*, 20 de Março de 1926, recebe, na Basílica de São João de Latrão, das mãos do Cardeal Vigário Basílio Pompilj, as duas primeiras ordens menores.

Por fim, após o recolhimento pascal, pregado no seminário pelo Padre La Taille SJ, sobre o sacerdócio e a realeza de Cristo, foi promovido, na igreja do seminário romano, por Mons. Palica, às duas últimas ordens menores de exorcista e de acólito,[78] no Sábado santo, 3 de Abril. Ao mesmo tempo, uma longa cerimónia paralela de ordenação de ordens maiores tinha lugar na basílica vizinha de São João de Latrão: o Cardeal Vigário ali ordenava alguns dos mais velhos amigos de Marcel, entre outros: Paul Nau, futuro beneditino em Solesmes e teólogo do magistério pontifício

---

[77] COSPEC 9 B, 5 Out. 1874.

[78] Échos 122, 119; 123, 147; Registo espiritano; Cartas de Ordenação.

ordinário[79]; Alphonse Roul, de quem já falámos; Raymond Dulac, futuro canonista de Versalhes e correspondente romano do *Courrier de Rome* durante e após o Concílio Vaticano II; e também Victor--Alain Berto [80], caro ao Padre Le Floch, romano por razão e paixão, fundador do Lar Notre-Dame de Joie e obreiro da junção do Instituto dos Dominicanos do Espírito Santo à Ordem de São Domingos. Este padre, metafísico embebido em São Tomás e, sobretudo, *«pius cum doctrina»*, será, no concílio, o teólogo de Mons. Lefebvre.

## *Seminarista e soldado, 1926-1927*

A batina com a qual o Padre Lefebvre compareceu na Repartição de Incorporação de Valenciennes atraiu, tal como ao seu irmão mais velho em 1923, amabilidade e respeito. Acabava de passar, em 22 e 23 de Abril de 1926, os seus primeiros exames de teologia, e lamentava ter de interromper os seus estudos, mas estava persuadido, como o seu irmão, «que se pode fazer muito bem no quartel»[81]. O seu estado de seminarista, conhecido pelos seus camaradas, proporcionava as suas confidências.

Para melhor servir a gozar de relativa liberdade, escolheu o pelotão de Alunos Oficiais de Reserva [82]; assim, foi incorporado na 4ª Companhia do 508º Regimento de Carros de Combate, no Campo de Mourmelon. Pela manhã, «rastejava» na lama ou na neve, e de tarde frequentava o curso. O seminarista e soldado não se excedeu em zelo, aparentemente, pois foi afectado em Dezembro, como simples sargento, ao 509º Regimento de Carros Ligeiros, em Valenciennes.

Empregado «nas secretarias», era bastante livre e podia comungar quase diariamente. O padre-soldado não se embaraçava com os regulamentos militares: fez a surpresa de visitar a família na véspera de Natal… sem licença. O militar sente-se, por vezes, bem só, não tendo ninguém com quem conversar; emprega-se então, de tarde, na instrução dos numerosos analfabetos entre os convocados, e tenta dar-lhes cursos de catecismo, que eles parecem apreciar.[83]

---

[79] Cf. Une source doctrinal, les encycliques, (Uma fonte doutrinal, as Encíclicas), Cèdre, Paris; Lemagistère pontifical aux premier Concile du Vatican, (O magistério ponfical no primeiroConcílio do Vaticano), na Revue Thomiste, n° 3, 1962; Le magistère pontifical ordinaire, lieu théologique, (Omagistério pontifical ordinário, )

[80] ´Échos 123; Notre-Dame de Joie, 17´

[81] Senhora Lefebvre, Carta a Dona Marie-Clotilde, 28 de Maio de 1923 e 2 de Abril de 1926

[82] Endereços de férias, rubricas «os nossos ausentes«.

[83] Senhora Lefebvre, Carta a Dona Marie-Clotilde, 26 de Dez. de 1926; MFMM, 11

Em Outubro, pugna pela Ordem Terceira de São Francisco – seria membro? É possível – encomendando, por treze francos, quinhentos folhetos de divulgação.

*René subdiácono e Bernadette noviça*

Em 17 de Abril de 1927; Marcel assistiu com a família à Ordenação do subdiaconato do seu irmão René, em Chevilly.[84]

Em 5 de Novembro, o «certificado de bom comportamento», assinado pelo Coronel Lemar, atestava que o Sargento[85] Marcel Lefebvre tinha «servido sempre com honra e fidelidade». Pôde, assim, assistir como clérigo à Ordenação Sacerdotal de René, em 15 de Novembro, em Chevilly [86], e rever a sua irmã Bernadette, postulante nas Irmãs Missionárias do Espírito Santo.

Este instituto, fundado por Eugénie Caps e Mons. Le Roy,[87] na Lorena, em 6 de Janeiro de 1921, propunha-se «trabalhar na salvação das almas abandonadas, especialmente dos infiéis de África, nas missões e obras confiadas à Congregação do Espírito Santo». Essa jovem congregação de irmãs tinha produzido os seus primeiros frutos em 1924, com a profissão de vinte e três religiosas[88]. Deste número, oito partiram para os Camarões nesse mesmo ano. Bernadette vestirá o hábito em 20 de Janeiro de 1928, em Jouy-aux-Arches[89], recebendo o nome religioso de Irmã Marie-Gabriel. Professará em Béthisy, em 25 de Março de 1930 [90]. Finalmente, partirá em missão para os Camarões, em Novembro de 1933, «abandonada à acção da graça e de todo o poder divino», deixando os seus pais «numa atmosfera de paz».[91]

De regresso a Roma, em 17 de Novembro, o Padre Lefebvre encontrava o seminário muito mudado. Apanhado na agitação da condenação da Action Française, o venerado Padre Le Floch tinha sido afastado.

---

[84] Senhor René Lefebvre, Carta a Bernadette e Christiane, Paris, 16 de Abril de 1927; Senhora Lefebvre carta às mesmas, no mesmo dia.

[85] Arq, Foto, Écône; Ph. Héduy, Mgr. Lefebvre et la Fraternité, SPL, ed. Fideliter, 1991, p. 10.

[86] Senhora Lefebvre, Carta a Dona Marie-Clotilde, 15 de Novembro de 1927.

[87]Superior Geral CSSp.

[88] Memória espiritana, n° 1, 1995, 30-31 e 40; BG 468, 249

[89] Chronologie Familiale, (cronologia familial), mas a data do 20 de Março nos aparece mais provável. Cf. Senhora Lefebvre, Carta a Dona Marie-Clotilde, 1 de Abril de 1928.

[90] Senhora Lefebvre, Carta a Dona Marie-Clotilde, 1 de Janeiro de 1930

[91] Senhora Lefebvre, Carta aos seus filhos missionários, 5 de Novembro de 1933

## 4. A CONDENAÇÃO DA ACTION FRANÇAISE

Fundada em 1899 como reacção às forças conjugadas da maçonaria, do liberalismo, etc., que formam a «Anti-França», a Action Française torna-se uma escola de análise e de acção política, «um laboratório de estudos nacionalistas». Com efeito, diz Charles Maurras (1868-1952), chefe da escola, «há verdades políticas que não se inventam, mas que se verificam; experimentemo-las!» O que ele verifica, é que a Revolução e a democracia destruíam a França. O que convém ao país e o que é preciso restaurar, é uma «monarquia tradicional, hereditária, antiparlamentar e descentralizada».[92]

Até aqui, nada há a dizer a este são realismo político. Ainda mais, a pertinente crítica que Maurras fazia do liberalismo e da Revolução encontrava aprovação no Cardeal Billot,[93] e realizava uma obra salvadora das inteligências. Na escola de Maurras, toda uma fina-flor francesa, abandonando os falsos dogmas liberais, operava a sua conversão intelectual e, depois, moral: os descrentes nela encontravam mesmo o caminho da fé.[94]

O mal e o paradoxo eram que Maurras fosse agnóstico: «Tenho a infelicidade – dizia ele – de perder a fé. Mas não sou um ateu como pretendem ao caluniar-me. Nunca fui.»[95] Quando professava, em relação Igreja Católica, «admiração, respeito, amor para com essa Nave de ordem intelectual e moral»,[96] era em consideração pela sua romanidade que, pensava ele, tinha canalizado o Evangelho hebraico, fonte de anarquia, a qual se liberta no protestantismo.[97]

Este equívoco muito particular, era irritante e desfigurava vários escritos do autor anteriores a 1914. Algumas das suas divisas de combate, tais como «Política primeiro!»[98] e «a política não é a

[92] Cf. Charles Maurras, Enquête sur la monarchie, 1900.
[93] Cf. Louis Billot, De Ecclesia, Roma 1922, II, 31-33.
[94] Ch. Maurras, La démocratie religieuse, (A democracia religiosa) NLN, 1931, 548-549; Cónego Egret, Charles Maurras à la recherche de Dieu, (Carlos Maurras àbusca de Deus) em Cahiers Charles Maurras n° 43, 30-31.
[95] Cónego A. Cormier, Mes entretiens de prêtre avec Charles Maurras. NEL, 1970, p. 23.
[96] Ch. Maurras, L'Action Française, 25 Dez. 1905, in La politique religieuse, 1912 ; in La démocratie religieuse, NEL, 1978, p. 291.
[97] Cf. Adrien Dansette, Histoire religieuse da la France contemporaine, Flammarion, 1952, II, 565.
[98] Ch. Maurras, Mes idées politiques, (minhas ideias políticas), Fayard 1937, p. 95; ed. de 1973, p. 155.

moral»[99], cheias de humilde sabedoria «na situação»,[100] davam o flanco a uma interpretação tendenciosa e desastrosa.

No entretanto, São Pio X recusava condenar os escritos do chefe da Action Française: «Faz demasiado bem – dizia ele – defende o princípio de autoridade; defende a ordem.»[101]

Doze anos mais tarde, a aura da AF estava no zénite entre os católicos e num episcopado combativo; embaraçava a política religiosa de Pio XI, cuidadoso de boas relações com o governo republicano.[102] Por outro lado, a influência do «mestre» da AF na juventude fez-lhe temer pela sua querida Acção Católica da juventude. Não orientado pela fé e pela prudência sobrenatural, o espírito de um mestre apaixonadamente escutado não iria deformar os julgamentos e arrastar os discípulos para acções repreensíveis?[103]

O Papa decidiu que um cardeal francês publicaria uma prevenção que ele aprovaria em seguida. Mas o Cardeal Andrieu, Arcebispo de Bordéus, fez um aviso tão desastrado[104] que a confirmação pontifícia[105] não parecia razoável. O caso, «lastimavelmente iniciado»,[106] conduziu à resistência dos dirigentes católicos da AF e, de seguida, a pesadas sanções romanas contra os leitores impenitentes do jornal, colocado no índex.[107]

---

[99] Ch. Maurras, Romantisme et Révolution, Versailles 1928, prefácio da ed.definitiva, p. 20; Mes idées politiques, 1937, p. 125; 1973, p. 179.

[100] J. Madiran, «Pius Maurras», in Maurras, NEL, 1992, p. 132.

Audiência de Pio X a Mons. Charost, Bispo de Lille, Jul. 1914. Cf. Ch. Maurras, Le bienheureux Pie X, sauveur de la France, Plon, 1953, p. 72 ; Lucien Thomas, L'Action française devant l'Église, NEL, 1965, p. 83.

[102] Cf. Philipe Prévost, La condamnation de l'AF vue à travers les archives du ministère des Affaires étrangères, La librairie canadienne, Paris, 1996, pp. 76-78.

[103] P. Réginald-Marie Garrigou-Lagrange OP, Les exigences de la fin dernière en matière politique, in La Vie spirituelle, Mar. 1937, p. 754 ; Henri Massis, Maurras et notre temps, La Palatine, Paris-Genève, 1951, II, 101 ; Dansette II, 576 ; P. V.-A. Berto, «une opinion sur l'AF», in Itinéraires n. 122, p. 22; Georges Jarlot, Pie XI, doctrine et action, Un. Greg., Roma, 1976, p. 113 ; Thomas, 366 ; Jean Daujat, Pie XI, le pape de l'Action catholique, Téqui, 1995, p. 92.

[104] O Aquitaine, Semana religiosa de Bordéus, 27 de Agosto de 1926; Thomas, 109-113.

[105] Pio XI, Carta ao Cardeal Andrieu, 8 de Setembro de 1926, AAS 18 (1926) 382-385; BP III, 255-256

[106] Segundo a expressão do Cardeal Billot.

[107] AAS 18 (1926) 517-520; 529-530, 19 (1927), 158; BP III, 290-296; IV, 221-224; Thomas, 166-172; 175-176; 338-340; BG 437, 1-2.

Viu-se, por exemplo, o despojo mortal do Visconde Dugon, privado de funeral eclesiástico por «pecado de Action Française», abençoado pelo seu filho, Padre Robert Dugon, diante das portas fechadas da igreja. Sancionado pelo Arcebispo de Besançon, o jovem padre entrou... nos Padres do Espírito Santo.[108]

Ainda mais grave, a condenação da AF foi o triunfo dos seus inimigos, os democratas cristãos e os católicos liberais. «Era uma grande verdade – escrevia o Padre Berto – que a AF era a única força antiliberal sólida em França, onde não havia "terceira força" Com a AF interdita aos católicos, os "liberais" ficam os únicos donos do terreno; guardaram-no desde então.»[109]

A condenação da AF marca uma reviravolta na História da Igreja; para o futuro, as dioceses seriam confiadas a clérigos da ala liberal, enquanto o combate antiliberal seria marcado com o letreiro falsamente infamante de Action Française. Este ferrete não seria poupado ao Padre Le Floch, nem, mais tarde, a Mons. Lefebvre.

## *O silêncio de Marcel Lefebvre*

Para além disso, o seminarista soldado foi muito afectado pela condenação. Via na Action Française um combate pela ordem cristã que ele mesmo desejava.

> «Oh! – dirá ele, retrospectivamente – não era um movimento católico, mas era um movimento de reacção contra a desordem que a franco-maçonaria trazia à França: uma reacção sã, definitiva, um regresso à ordem, à disciplina, regresso à moral, à moral cristã.» «O facto de o Santo Padre a ter condenado foi contrário à ordem e cortou os braços à contra-revolução.»[110]

Eis o que via ou pressentia o jovem padre, sem nunca ter lido Maurras nem aderido à Action Française.

De resto, desde antes do seu serviço militar, «queria ser fiel a não falar de política», diz sua irmã Christiane.[111] O seu irmão René não tinha a mesma reserva; assim, durante o seu noviciado, tornou-se amigo do fogoso Henri de Maupeou. Era em 1924-25, e ambos abordaram um dia o seu confrade Alexis Riaud, que conta:

---

[108] MS. II, 53
[109] C. 15 Out. 1961, citada em Itinéraires n° 182, Abr. 1969, p. 27.
[110] PHLH, 32; COSPEC, 8 Jan. 1974.
[111] MFMM, 10

«Quiseram dar-me a conhecer a Action Française. Fomos os três a passeio, mas viram que eu não mordia.»[112] Após a «condenação», Marcel foi, mais do que nunca, mudo em política. Quando de uma de duas visitas que fez a Chevilly, em 1927, a seu irmão, este, relata Christiane,[113] «bem tentava iniciar a conversa [sobre o assunto] e, vendo que Marcel não respondia, ouvi-o ainda dizer: "És um caso perdido!" Não, certamente não era». Não era indiferença, mas resolução da vontade. Um dos seus colegas de seminário testemunha sobre o Padre Lefebvre: «Entre os íntimos, falava-se da AF, mas nunca ouvi Marcel abordar este problema. Uma das suas divisas era: Roma falou, a causa acabou.»[114]

De resto, por mais dolorosa que fosse, a proibição da Action Française nada era aos olhos de Marcel Lefebvre, em comparação com a partida de venerado Padre Le Floch.

## *O Seminário Francês na Câmara dos Deputados*

Em 25 de Janeiro de 1925, o recreio do meio-dia em Santa Chiara está animado. Forma-se um círculo em volta de um padre que lê o jornal: o Presidente do Conselho, Édouard Herriot, para suprimir os créditos à Embaixada do Vaticano, atacou, em pleno Palais-Bourbon, o Seminário Francês onde, disse ele, «florescem as doutrinas políticas mais contrárias às leis da República».[115]

Entrementes, a 10 de Março, os cardeais e arcebispos franceses redigem uma declaração sobre a injustiça das leis da laicidade e «medidas a tomar para as combater»[116]. A sua publicação irrita o Papa em alto grau, preocupado com a conciliação.

De facto, a 20 de Março, Herriot ataca na Câmara a declaração episcopal e denuncia a sua pretensa origem: vem, diz ele, da «direita do Seminário Francês de Roma»[117] E Herriot trata de citar extractos da conferência do Padre Georges Michel[118] na Academia São Tomás:

---

[112] Padre Alexis Riaud CSSp., Entrevista no 8 de Novembro de 1997; ms. II, 43-45

[113] MFMM, 10.

[114] P. Jean de Dieu Vadi, C. a J.-M. Savioz, 19 Fev. 1993, in Savioz, Essai historique sur la fondation de la FSSPX, anexo 3.

[115] Cf. J.-B. Frey, Le Séminaire français de Rome à la Chambre des députés, Roma, Sem. Fr., 1925, p. 27 ; Échos 121, 65.

[116] H. Le Floch, *les événements du Seminaire français de Rome de mars à juillet 1927*, (Os eventos do Seminário francês em Roma de Março a Julho de 1927) Memória dactilografada, p. 14; Dansette, 741; Prevost, 77

[117] J.O.,(Jornada oficial) pp. 1755-1756; *Les événementes,* p. 14

[118] Sobre os direitos do homem. Publicada, bem como outras conferências, pelo P. Frey.

«O Estado tem o dever de reconhecer a religião católica como única forma verdadeira do culto divino... (exclamações na esquerda e extrema esquerda), de a professar publicamente» e de a proteger «empregando, se necessário, a força armada» (mesmas reacções). A conferência do Padre Lucien Lefebvre também é atacada: «O Estado não tem qualquer direito sobre a educação» (mesmas reacções). Então, o deputado Henri Michel brada: «Aí está o respeito pelas leis laicas!»[119]

Em 30 de Abril, Aristide Briand, Ministro dos Negócios Estrangeiros, escreve ao seu embaixador junto da Santa Sé, Jean Doulcet, sugerindo que o Cardeal Gasparri, Secretário de Estado, «queira bem considerar o ascendente que os administradores do Seminário Francês de Roma tomaram sobre o episcopado; que queira bem informar-se exactamente sobre o estado de espírito que reina nesse estabelecimento e medir nele a autoridade de que gozam os *leaders* da Action française», se deseja «sinceramente trabalhar na pacificação dos espíritos».[120]

Era tanger a corda sensível de Pio XI, sendo precisamente a pacificação dos espíritos a tarefa primordial que ele fixara na sua encíclica inaugural *Ubi arcano*[121]

Dentro em pouco, a 5 de Julho de 1925, a nomeação dos bispos, da competência da S. C. Consistorial, da qual o Padre Le Floch era consultor influente, foi encabeçada pela S. C. dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários e pela Secretaria de Estado. Pio XI queria bispos menos combativos e mais dóceis à sua política de «apaziguamento e de conciliação».[122]

Mons. Lefebvre fará, mais tarde, um julgamento retrospectivo bastante severo sobre a política religiosa deste Papa: «Exemplar, no plano doutrinal» (da realeza social de Cristo), Pio XI, dirá ele, «não era um liberal».[123] Mas tinha sido «fraco, muito fraco no domínio da acção prática», «sobretudo tentando aliar-se um pouco ao mundo».[124] E o bispo precisará: como Leão XIII, o Papa Pio XI tinha «a obsessão das relações com os governos de facto, maçónicos

[119] J.O.(Jornada oficial) p. 1756; Frey, 36-37, 52-53.
[120] Prévost, 72-73.
[121] Encíclica De 23 Dez. 1922, BP I, 154.
[122] Palavras de Card. Gasparri a Jean Doulcet. Prévost, 73.
[123] Pio XI tinha dito ao P. de La Brière, em 1 de Nov. 1926: «Quando combate o liberalismo, Maurras tem cem vezes razão» (Prévost, 88).
[124] Conf. Em Montreal, 1982, Fideliter n. 86, 6; PHLH, 30-31.

e revolucionários que fossem», e tinha dado com a sua acção «o exemplo de uma ilusão grave» sobre os seus interlocutores.[125]

## *O Padre Le Floch e a Action Française*

Doutor de uma fé divinamente revelada e servidor de um Magistério Romano divinamente assistido, o Padre Le Floch estava nos antípodas da escola positiva e empírica da Action Française.

O único ponto de aproximação que o padre superior encontrava com a Action Française era, dizia ele, que «nós lutemos contra o liberalismo, o laicismo, os princípios da Revolução, do ponto de vista doutrinal. Ora, aconteceu – acrescentava – que a Action Française lutava contra esses mesmos flagelos, mas do ponto de vista político»[126]. Teve, no entanto, o cuidado de precisar aos seminaristas, em Julho de 1926: o seminário «não é a favor nem contra a Action Française, Não é a seu favor porque é um movimento político, não é contra pela mesma razão. Quanto a certas obras de Maurras, nelas reprovamos o que reprova a doutrina católica».[127]

## *Submissão do Padre Le Floch – Manobras subversivas*

O Secretário de Estado, Cardeal Gasparri, parecia informado de perto, mas indirectamente, sobre a situação interna do seminário: assim, quando reprovou ao Padre Le Floch uma «atitude de abstenção»,[128] este respondeu ter «recomendado aos nossos caros alunos a docilidade mais perfeita» à carta do Papa ao Cardeal Andrieu.[129] E no dia seguinte à alocução consistorial de 20 de Dezembro de 1926, condenando a Action Française, o padre superior escreveu a Pio XI para lhe agradecer «a linha de conduta definitiva» traçada pelo Papa e assegurar a obediência do seminário.[130] Convocou em particular cada seminarista e deles obteve a sua submissão, tal como deu também as explicações necessárias ao

[125] Reflexões acerca de uma tese sobre Gaudium et spes, 8 Dez. 1990.
[126] H. Le Floch, *les événements du Seminaire français de Rome,* Anexos XXXV, Carta do Padre Le Floch ao Senhor Lucien Corchepot, Direitor do *Gaulois,* publicada por *Le Gaulois* no dia 4 de Dez. de 1927 e por *Le Figaro* do mesmo dia.
[127] *Les événements*, 22.
[128] Card. Gasparri, C. ao P. Le Floch, *Les événements,* a. VII, p. 15.
[129] P. Le Floch, C. de 18 Nov. 1926, LE, anexo VIII.
[130] P. Le Floch, C. a Pio XI, 21 Dez. 1926, LE, an. XII.

conselho de professores e às conferências da tarde.

Mas, «o inimigo de todo o bem» suscitou, num círculo de seminaristas que discutiam o espírito antiliberal da casa, a ideia de espiar as conversas dos seus colegas, e depois ganhar a confiança de alguns professores. Um destes, o Padre Eugène Keller, fez chegar ao Papa um relatório denunciando o espírito impenitente da Action Française em Santa Chiara, acusando o Padre Le Floch de não ter feito o seu dever, de ser um «antiliberal» e «um novo Lamennais».[131]

Esta delação, fruto de uma interpretação maliciosa ou doentia, produziu um efeito desastroso no espírito do Pontífice. Na sua alocução de 27 de Março de 1927 ao seminário reunido em audiência, Pio XI denunciou aqueles que juntam «as declarações de submissão» à «desobediência e revolta», e deu a entender que «pouca utilidade teria vir a Roma e fazer em Roma os seus estudos» se era para imitar «a acção pós-romana de Lamennais».[132]

Quando Mons. Le Hunsec, Superior Geral, foi a Roma nas férias da Páscoa,[133] visitou o Pio XI, que foi categórico:

- O Padre Le Floch, apesar dos seus grandes méritos passados, já não tem lugar no Seminário Francês.

E como o bispo defendia, como melhor podia, o Reitor, ousando mesmo pedir, com a sua juventude episcopal, que Sua Santidade se dignasse receber o Padre Le Floch, ouviu esta resposta:

- Não quero que outro Lamennais ponha os pés em minha casa![134]

E acrescentou:

- O Padre requereu uma visita canónica, vai tê-la.

## *Inquérito, contra-inquérito e demissão do Padre Le Floch*

O inquérito realizado por D. Ildefonse Schuster, abade de São Paulo Extramuros – foi Cardeal de Milão e futuro bem-aventurado – correu em 26 de Abril e revelou «que em tudo isso não havia senão

---

[131] LE, 40; C. de vários padres directores a Pio XI, Abr. 1927, protestando contra as alegações do «relatório»: LE, an. XVII, 40.

[132] OR, 27 de Março de 1927; Échos, 1926-1927, 121-127; BG 630, 378.

[133] Antes do que «o dia de amanhã« como diz Koren, 452; LE, 14; portanto entre o dia 18 e 28 de Abril

[134] BG 630, 378; Koren, 453.

uma montagem»[135], como escreveu ao Papa. Aos seminaristas, foi franco ao dizer que para «alguns que não aceitam o espírito do seminário, (...) este caso da Action Française não passou de um pretexto para tentar salvar tendências doutrinais já velhas».[136]

Mas nada aconteceu; a S. C. dos Seminários e Universidades ouviu novos queixosos, depois procurou encontrar dolos contra o reitor. Em desespero de causa, invocou – falsamente – o cânone 505 e requereu que o Padre Le Floch fosse substituído.

Pio XI ordenou a Mons. Le Hunsec, que acorreu a Roma:

- Deve demitir imediatamente o Padre Le Floch.

Tendo o Superior Geral declinado esta responsabilidade,[137] o Pontífice bateu com o punho na mesa:

- Eu sou o Papa!

E pôs-se a falar da Action Française e de antiliberalismo.[138]

Confrontado com a «vontade de bronze» de Pio XI, Mons. Le Hunsec pediu que o padre Le Floch pudesse apresentar a sua demissão ao Papa.

- É um rebelde – disse o Pontífice – não obedecerá.

Santíssimo Padre, ouso responder-vos pela sua obediência; suplico a Vossa Santidade que permita ao menos tentar.

- Seja – disse, por fim, Pio XI. – Mas vereis, digo-vos eu, que é um rebelde; não vos ouvirá.

Naturalmente, o reitor «ouviu» o seu superior e apresentou imediatamente a sua demissão.

Mons. Le Hunsec obtém, em contrapartida, poder executar a decisão tomada pelo Conselho Geral da Congregação de substituir o Padre Keller, pondo na balança a ameaça da sua própria demissão do posto de Superior Geral.[139]

O Padre Le Floch abandonou Roma três dias mais tarde.[140]

---

[135] LE, 45 (Montatura: Uma montanha).
[136] LE, na. XXIII, 48.
[137] LE 55-56; Koren, 453-454
[138] LE, 56; BG 630, 379 pretende que Pio XI teria dito: «Le Floch é um aderente da Action Française»; tal parece falso.
[139] Koren, 454, que cala o requerimento de substituição do P. Keller.
[140] René Lefebvre, pai dos dois seminaristas, escreverá o seu pesar ao P. Le

Exprimindo posteriormente as suas impressões ao padre Berto, Mons. Le Hunsec dirá:

- Agora, que me façam o que quiserem; pode acontecer-me o pior, já estou blindado.[141]

Um padre italiano, Mons. Pucci, ao corrente do fundo do caso, escreveu prontamente (resumimos): «Pio XI julgou que o Padre Le Floch, tendo servido durante vinte anos outra política, não estava apto a servir a sua e a ensinar a sua aplicação.»[142] Se é que uma «aplicação» deste género depende dos estudos do seminário.

## 5. ENFRENTANDO O VENTO DO LIBERALISMO

### *A malícia liberal*

No primeiro andar, o novo reitor, Padre César Berthet, recebeu Marcel com amabilidade; contudo, apertava-se o coração à lembrança daquele que tanto tinham querido! O seminarista soube pelos seus colegas as circunstâncias «escandalosas» dos conluios da Primavera; ficou indignado mas, como dirá mais tarde, foi para si uma providencial lição prática sobre a malevolência dos liberais:

> «Sempre duvidei, mais tarde, sobretudo quando era bispo, de toda essa gente que procura sempre comprometer a Igreja com os erros modernos. Tal ensinou-me a estar vigilante, a abrir os olhos quando recebia padres ou quando visitava as dioceses e ouvia relatórios disto ou daquilo. Pensava imediatamente: Ah! Talvez se opusessem uns aos outros porque andam liberais por ali.»[143]

De tempos a tempos, seminaristas faziam as malas, porque, segundo o padre superior, «o clima de Roma não lhes convém».[144] Dizia-se deles «pró Action française»; de facto, não tinham podido suportar a partida do Padre Le Floch e a nova atmosfera. Georges Frénaud parece ter sido destes: foi acolhido em Solesmes, onde o mestre de noviços tinha uma compreensão especial para com essa espécie de ovelhas negras. Marcel Lefebvre aguentou-se em Santa

---

Floch: os meus dois filhos, escreve ele, «muito apreciaram a vossa direcção e a verdade dos vossos conselhos» (Prévotat, 480).

141 «Une opinion sur l'AF», in Itinéraires n. 122, p. 85.

142 L'Europe Nouvelle, 8 Out. 1927, in LE, 61; Padre Berto, C. a Mons. Eug. Le Bellec, 17 Fev. 1951, in Notre-Dame de Joie, 191 ; LE, 56.

143 Échos 129, 33; PHLH, 34.

144 Padre Jerôme Chiqui, C. de 4 Mar. 1997 ao P. JML.

Chiara, mas, diz sua irmã Christiane, sofreu «manobras clandestinas que se faziam para espiar os adeptos»[145] do Padre Le Floch. «Era prejudicar muito – diz ela – o clima de paz que ele tinha apreciado anteriormente.»

## *Uma força muito teologal*

Para ultrapassar a provação que era para ele a nova direcção do seminário, o jovem padre foi admiravelmente ajudado pelo seu novo director espiritual, chegado na reabertura de 1927, Padre Louis Liagre. Nascido em Tourcoing em 1859, este compatriota tinha sido toda a sua vida professor e padre espiritual. Fiel discípulo do venerável Padre Libermann, incitava as almas a uma adesão total ao bom prazer divino, fundado na renúncia generosa sobre a qual estabelecia a verdadeira humildade, a paz e a vida de contínua oração para a qual orientava a alma; mas queria tal renúncia alegre, amorosa e filial.[146]

Adoptando essa atitude, o Padre Marcel Lefebvre implantou-se na paz.

Em 2 de Janeiro de 1928, o Padre Liagre iniciou uma série de conferências sobre *A caridade na escola de São João e de São Paulo*.[147] Deus é caridade, diz São João, a lei de Deus, como a das criaturas, é a caridade: sair de si, comunicar-se ao outro, sacrificar--se por ele tanto quanto possível. Trata-se de entrar na circulação da caridade e de reconhecer «a caridade que Deus tem por nós» e de «crer» nela: *Credidimus caritati*.[148] A um correspondente, o Padre Liagre repetia: «Teologia, ciência de Deus! *Deus caritas est!* Que este resumo sublime da "teologia" segundo São João vos surja cada vez mais, para além dos conceitos e fórmulas metafísicas.»[149] Bem adaptado a um seminário magoado, este ensinamento agarrou Marcel, transporta-o a Deus, fez dele a sua doutrina e a sua vida; mais tarde fará dele a sua divisa episcopal.

Além disso, o Padre Liagre exorta os seus dirigidos a libertarem-se dos métodos de meditação para poderem fazer, realmente, oração.[150]

---

[145] MFMM, 10.
[146] BG, 552, 656
[147] Échos, 130
[148] 1 João 4, 16
[149] BG 552, 649.
[150] P. Louis Liagre, En retraite avec sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus, Administração Central de Lisieux, 1991, p. 75.

A sua querida Santa Teresinha, que Pio XI acaba de canonizar em 17 de Maio de 1925, quer que se coloque a caridade para com Deus desde o início da vida espiritual e não somente no seu termo; na raiz do combate espiritual e não depois dele: «Alegra a alma desde o início, pela confiança e desejo de amar: inspira alegria e coragem, torna-a valente e forte.»[151]

Fixado em Deus na contemplação do amor divino, Marcel não se deixa abater pela tristeza, não tem variações de alma e triunfa sobre impressões penosas. Tal é a atitude que recomendará mais tarde aos seus seminaristas de Écône, por ele próprio a ter primeiro adoptado em Santa Chiara, em 1927-1928.

> «Espero – dir-lhes-á – que ao longo do vosso seminário, chegareis a tal amor pelo Bom Deus, a tal aproximação de Deus, que vos dê um equilíbrio, uma paz, uma firmeza, uma constância no vosso amor de Deus, nessa ligação a Deus, de tal modo que as provações, todas as dificuldades, as contrariedades que podeis encontrar no decorrer da vossa vida não cerceiem o vosso amor pelo Bom Deus.»[152]

É armado com esta força toda teologal que Marcel faz calar as mágoas, ultrapassa as repugnâncias e se decide a tudo fazer pela união e a paz, a facilitar a tarefa delicada do Padre Berthet e a praticar o bom espírito. Não é sem razão que alguns confrades o apelidam «o Anjo» do seminário, enquanto um seu condiscípulo testemunhará que ele «se impunha pela sua piedade, o seu espírito de obediência e o seu ardor no trabalho».[153]

Marcel Lefebvre, inscrito na Gregoriana no segundo ano do curso maior de Teologia, foi iniciado no Direito Canónico pelo Padre Felice-Maria Cappello, cujo confessionário em Santo Inácio era muito frequentado, e que morreu como *un uomo santo* após trinta e oito anos de ensino. Consultado por todos, inspirava a grandeza pastoral e a segurança resoluta das suas respostas na posse de altos princípios.[154] Soube fazer amar ao Padre Marcel o espírito maternal e ordenado da Igreja, que se exprime no seu Direito.

No curso de Teologia Dogmática dos Padres Heinrich Lennerz e Lazzarini, o seminarista Lefebvre resignava-se a aprender as teses,

---

[151] Obra citada, p. 7

[152] COSPEC 16 A, 27 Jan. 1975.

[153] Padre Jérôme Criqui, C. de 4 Mar. 1997; Marziac I, 82.

[154] Ficha de inscrição 1927-1928; Échos, Julho de 1962, 39-40

preferindo-lhes o *ordo disciplinae* formador da *Suma Teológica* de São Tomás. Finalmente, nos exames de 27 de Junho e de 2 de Julho obteve o grau de bacharel em Teologia.[155]

## *Julgamento crítico sobre uma orientação liberal*

Mas o ardor no trabalho e o espírito de obediência não impediam o nosso seminarista de ser perspicaz. Foi dada pelo novo superior, inexoravelmente, uma nova orientação ao Seminário. Mons. Lefebvre conservará do Padre Berthet esta imagem realista: «Um homem de duas caras, uma aparência tradicional, mas ao mesmo tempo muito indulgente. Nada de condenação, de luta, de combate contra os erros. Deixemos isso, sejamos prudentes.»[156]

Ora, este afastamento do antiliberalismo do Padre Le Floch era ditado ao Padre Berthet pelo próprio Papa:

> «O Santo Padre – escrevia o novo reitor nos *Échos de Santa Chiara* – numa audiência de perto de uma hora, e Sua Eminência o Cardeal Prefeito da Congregação das Universidades e Seminários, indicaram-me claramente, em repetidas entrevistas, as directivas a seguir… os excessos a prevenir, os perigos a evitar.»

Noutra audiência privada, concedida ao Padre Berthet em 22 de Abril de 1928, e depois na audiência que concedeu, em 16 de Junho de 1928, ao Seminário Francês, Pio XI felicitava o reitor por ter «interpretado tão bem as intenções do Soberano Pontífice na direcção do Seminário».[157]

Marcel Lefebvre ouviu estas palavras. Compreendeu ele que Pio XI estava na origem da mudança de espírito do seminário? Apreenderia ele que o próprio Papa tinha exigido o apaziguamento em vez do espírito de cruzada? É pouco provável, porque a sua devoção para com Pio XI permaneceu sem quebra, e não porá o Papa em causa quando confessar, bem mais tarde, falando dos anos do padre Berthet: «Esses últimos anos do seminário foram um pouco penosos, por causa disso.»

Sobre a realidade da mudança de orientação, basta ler o que expunha, muito claramente, o *Bulletin général des spiritains* em 1932, da pena do Padre Dhellemmes:

---

[155] Ficha de inscrição e registo de inscrição.
[156] PHLH, 35.
[157] Échos 129, 5-7; BG 454, 668; 455, 680.

«A formação prática dos alunos com vista à acção que eles terão um dia de exercer, foi desenvolvida com discernimento. Sobre o desejo várias vezes expresso pelo Santo Padre, importa, antes de mais, conceber uma justa apreciação das condições nas quais os princípios se adaptam às contingências da vida.»

Evidentemente, Marcel Lefebvre tinha aprendido com o Padre Le Floch que os princípios servem para mudar o estado das coisas, e não o estado das coisas para adaptar os princípios. Havia, por detrás deste imbróglio, mais do que uma querela de palavras, já que o Padre Dhellemmes acrescentava:

«A tendência dos jovens, com efeito, leva-os ao integrismo: os princípios, segundo eles, reclamam uma aplicação inteira e absoluta. O seu intelectualismo exagerado, sem custo qualifica como timidez, fraqueza ou ignorância toda a conduta que não esteja conforme às suas rigorosas deduções, ao passo que não se pode ver em tal senão uma adaptação racional e legítima das directivas estabelecidas por via do raciocínio.»[158]

Era o extintor do são entusiasmo que o Padre Le Floch tinha acendido no espírito dos seus alunos, o repúdio do «viver corajosamente de princípios» que era a alegria da sua vida. Marcel Lefebvre era demasiado tomista para admitir que se pudesse alguma vez abandonar os princípios. Com São Tomás, sabia bem que, quando um princípio não pode ser aplicado, por causa da fatalidade dos tempos, é outro princípio, princípio mais elevado e mais geral que se aplica,[159] sem que nunca se abandonem os princípios.

Dito isto, os princípios iniciais, para ele, sobretudo se derivam do direito natural ou divino, não perdem jamais os seus direitos e não devem ser abandonados sem esperança.[160] Tanto como a aplicação decorrente dos últimos princípios, por mais adaptada que possa ser às contingências, cuja obliterações não pode ser louvada sem reserva. Ora, o Padre Dhellemmes concluía. «Assim se explica o desfavor com que foram fustigadas todas as nossas organizações sociais, profissionais ou internacionais, que, ainda por cima, lhe pareciam contrárias aos princípios de ordem e de autoridade.»

---

[158] BG 498, 531.

[159] Suma Teológica, II-II, q. 51, a. 4.; Pio XII, aloc. Ci riesce, 6 Dez. 1953, PIN 3040.

[160] Mesmo que as circunstâncias sugiram hic et nunc (é a «hipótese») o afastamento da ordem ideal decorrente da aplicação dos princípios iniciais (que é a «tese»), O P. Le Floch quer que não cesse o combate para promover essa ordem, quer dizer, pelo Reino social de Cristo Rei.

Entre este desfavor bem justificado e um favor imprudente, Marcel Lefebvre tinha escolhido.

Também as conferências dadas no seminário por Mons. Pic sobre a Adesão, pelo R. P. Arnou sobre a Instituição de Genebra[161] e por Mons. Liénart sobre o sindicalismo[162], exercitavam o julgamento crítico do seminarista, sobretudo quando o Bispo de Lille começava assim a sua exposição, falando do clero: «Nós somos o fermento que faz aumentar a massa e devemos misturar-nos com a nossa doutrina e a nossa fé às ideias contemporâneas», e terminava desta maneira: «os sindicatos cristãos formarão as inteligências e os corações; introduzirão a fé na vida social.»[163]

## 6. TOMISMO E ROMANIDADE

### *Um homem que toma a vida a sério*

Mais do que nunca, Marcel agarra-se ao essencial, à fé de Pedro e dos mártires. Durante a semana de Páscoa de 1928, organiza em pouco tempo a peregrinação da sua mãe e da sua irmã Christiane. Na catacumba de São Calixto, os peregrinos descem sessenta degraus e na penumbra, num altar apenas iluminado por círios, o padre amigo, Marcel Collomb, celebra a Missa.

Nas férias grandes, reencontra René e Christiane em Saint-Savin. Christiane entra no Carmelo de Tourcoing em 24 de Setembro, e em 18 de Novembro René embarca para o Gabão. Assim, uns após outros, Jeanne, René, Bernadette, Christiane abraçaram a vida religiosa. Marcel, irá ele permanecer o único "secular"?

É com esta interrogação que regressa a Roma; a vida beneditina ainda o tenta? É verdade que ia de boa-vontade, ao Domingo, unir a sua voz à dos monges beneditinos de Santo Anselmo, no Aventino, na sua Missa conventual. No início das aulas de 1928, o padre superior nomeara-o «anjo da guarda» de dois novos – brevemente serão quatro – suíços alemães. Um deles, Padre Aloïs Amrein, escreve as suas impressões no seu diário pessoal:

> «Naturalmente, considerámo-lo a fundo, e ele também nos examinou com o seu olhar penetrante. Não tem um aspecto comum. Os seus traços são os de um homem que toma a vida a

---

[161] Futura Sociedade das Nações, futura ONU.
[162] BG 498, 532
[163] Échos 137, 220, conferência de 11 Abr. 1929, resumida por um auditor.

sério. Os meus companheiros disseram-me: "Este sabe o que quer e atingirá os seus fins" Causou-me boa impressão, impôs-se.»[164]

## *Já bom administrador*

Em 22 de Outubro, um Domingo, o Padre Amrein anota: «Marcel deixa-nos sós. Há sessenta anos que o catecismo é proibido nas escolas... Por isso a juventude fica ao abandono (isto até 11 de Fevereiro de 1929, acrescentará). Marcel vai para a rua, reúne essas pobres crianças.» Trata-se de rapazes que os seminaristas, sob a direcção de um mais velho, catequizam em italiano, preparando-os para a confissão e primeira comunhão: mas vá-se lá preparar para a primeira comunhão um adolescente de treze ou catorze anos que não sabe ler! De cem, sessenta vêm regularmente com bastante regularidade a Via dei Cestari, ao Oratório da Obra, baptizado «Obra de Santa Catarina», por causa da santa que está sob o altar da vizinha igreja da Minerva. A Obra oferece a estes rapazes uma árvore de Natal com as suas prendas, distribuição de prémios, ou o benefício de um retiro em Ponte-Rotto, etc..

Marcel Lefebvre familiariza-se então com o italiano falado pelos seus «ragazzoni». Nesse ano, Pierre Bonichon é mantido na direcção da Obra pelo Padre Larnicol, enquanto que Henri Fockedey sucede a Just Liger-Bélair na direcção dos catecismos.[165] Os dons práticos de Marcel Lefebvre designam-no para procurar recursos. Ajudado por dois confrades, entre eles Jérôme Criqui, administra a livraria de livros novos e usados. «Marcel Lefebvre conhece bem tudo isso, conhece a literatura, ocupava-se do pagamento e desempenhava-se bem», conta o Padre Criqui.[166] Ao lado, vendiam-se cântaros, colarinhos, chapéus, renovavam-se as tonsuras. Os benefícios eram destinados a Santa Catarina. [167] E, graças ao Padre Lefebvre, cada seminarista podia montar a sua biblioteca; só havia «do bom», a começar pelos actos pontifícios. E, graças ao Padre Lefebvre, cada seminarista podia montar a sua biblioteca; só havia «do bom», a começar pelos actos pontifícios.

## *Um obstinado fervor Tomista*

Nesse ano, que vai ser o do seu sacerdócio, Marcel Lefebvre trabalha ardorosamente para obter a sua licenciatura em Teologia. Os

---

[164] Amrein, 1, 2 e 5.
[165] Échos 120, 20-24; 137, 128; P. R. Prévost, I, 154-157
[166] Padre Jerôme Criqui (1927-1934), Entrevista com JML, 1 de Abril de 1997.
[167] Échos 147, 158-160

cursos da Gregoriana oferecem-lhe os tratados de Deus, da Criação e da graça com o Padre Lennerz, e o Antigo e Novo Testamentos completados pelo grego bíblico. Passou o seu exame de licenciatura, ou *polytatus*, em 22 de Junho de 1929.

No seminário, os seus colegas admiram o seu gosto pelo estudo: «Era de uma inteligência profunda, – diz Jérôme Criqui; – era aplicado e trabalhador. À tarde, tínhamos um recreio facultativo, ele preferiu trabalhar no seu quarto.»[168] «Estava sempre pronto a ajudar nos momentos difíceis dos nossos estudos – recorda outro condiscípulo – era uma inteligência de alto nível teológico e filosófico.»[169] Contudo, diz um colega perspicaz, «não tenho a impressão que fosse um intelectual, era mais dado à acção»[170] Sem ignorar a bela disciplina mental da *disputatio* escolástica, preferia--lhe, como o Padre Le Floch, a posse das ideias mestras da teologia e a meditação dos aforismos do seu querido São Tomás, para alimentar a sua vida espiritual e formar o seu zelo apostólico.

Quando das «repetições» semanais de teologia, relata um condiscípulo:

> «Hábil dogmatista, o Padre Larnicol repetia-nos brevemente e tornava assimilável e muitas vezes desenvolvia o que era ensinado na Gregoriana. Nessas repetições, Marcel participava muito activamente. No decorrer das discussões, havia com frequência opiniões divergentes. Então, Marcel não aceitava senão o que ensinava São Tomás. Por vezes isto ia tão longe que os seus condiscípulos de teologia lhe diziam que era "o dogmatista petrificado" O nome pegou e estava orgulhoso dele! Permaneceu fiel a São Tomás *a fundo!*»[171]

O qualificativo era, por vezes, «a sã doutrina petrificada», *sana doctrina petrificata*.[172] A sua doutrina não era certamente petrificada, no sentido de que era imediatamente, para ele, sabedoria de vida cristã ou apostólica. Mas é verdade que Marcel Lefebvre gostava de tomar posições seguras e provadas, e aguentá-las tenazmente.

Havia por detrás desta atitude o grão de malícia de um espírito

[168] Padre Jerôme Criqui, carta do 25 de Fevereiro de 1997

[169] Cónego Joseph Giry (1925-1932), carta do 7 de Julho de 1997

[170] Padre Alexis Riaud, entrevista em Chevilly, 1 de Fevereiro de 1997

[171] Aloïs Amrein, op. cit.

[172] Cónego Edmond de Preux (1926-1928), Entrevista com o Padre Anzévui, notas tomadas pelo Padre, Arq. do Padre Anzévui, em Savioz, Anexo 4, 1

superior, e um traço do seu carácter do qual vários dos seus condiscípulos testemunharam posteriormente: «No seminário já se nos apresentava obstinado»[173], diz um deles. Outro declara:

> «Admirável e temível, assim nos aparece, depois de tantos anos, a figura do Padre Marcel Lefebvre. Admirável no seu cuidado da Verdade, tal como se lhe apresentava segundo São Tomás d'Aquino. Temível: que importa a opinião dos que não partilham o seu ponto de vista! A sua fé desafia os amadores de gradações teológicas. Não, não era um temperamento "conciliador" O Senhor tinha-o feito "assim mesmo".»[174]

«Assim mesmo» era Marcel Lefebvre. Mas o seu entusiasmo Tomista tinha uma raiz mais profunda! Em São Tomás encontrava o que nunca se descobrirá nos manuais: «Todos se inspiram em São Tomás – explicará ele – mas falta o espírito, o Espírito Santo que sopra em São Tomás. Contudo, São Tomás é bastante árido de ler; no entanto, há com frequência uma ou duas frases bem marcadas, que resumem o aspecto espiritual da doutrina ensinada, e que vos abrem horizontes extraordinários.»[175]

Como Pio XI, o Padre Marcel «via realizada, num grau de facto excepcional, no Doutor Angélico, a união da doutrina e da piedade, da ciência e da virtude, da verdade e da caridade» tão recomendada em Santa Chiara; admirava, como o Papa, no querido Doutor, «o que São Paulo chama "palavra de sabedoria" e a aliança das duas sabedorias, adquirida e infusa, às quais a humildade, o culto da oração, o amor de Deus, fazem o mais harmonioso cortejo.»[176]

## *O padre, religioso de Deus Pai*

O culto da oração, eis o que Marcel Lefebvre compreende bem na audição das conferências espirituais do Padre Frey. Este alsaciano maciço, cabelo penteado em escova, todo energia, permanecerá em Santa Chiara de 1906 até à sua morte, em 1939, sem interrupção. Foi o braço direito do Padre Le Floch, e sucederá ao padre Berthet em 1933. Desde 1925, É Secretário da Comissão Bíblica, na qual, por vezes, deve condenar tendências erróneas.[177]

---

[173] Monsenhor Jean Cambourg (1926-1934), Bispo emerito de Valence, Carta do 3 de Dez. de 1996.

[174] R. P. Joseph de Tinguy, do Oratório [1928-1934], C. 11 Set. 1997.

[175] RETREC, retiro sacerdotal, 8 Set. 1982, 15 h.

[176] Pio XI, enc. Studiorum ducem, 29 Jun. 1923, BP I, 244.

[177] BG 589, 154-158; Échos, ano 1953.

As suas conferências espirituais tratam da virtude da religião segundo São Tomás: a religião, diz ele, não é um agrado que se dá a Deus nem um serviço que se Lhe presta, mas um dever de justiça; pelo facto de que tudo devemos a Deus, tudo Lhe devemos atribuir. «A criação espiritual – afirma – é, por definição, religiosa, senão é desnaturada. Pode imaginar-se um padre que não tenha o espírito de religião, de contínua presença de Deus, de adoração interior?»[178]

Marcel Lefebvre vai ser impregnado deste espírito, enformado em religião. Ama os gestos litúrgicos que exprimem adoração interior a Deus, assim como o respeito por aqueles que participam da Sua autoridade ou que são, pela graça, templos do Espírito Santo.[179] Aprende que a civilização cristã é a civilização do respeito. A sua religião é centrada em Nosso Senhor Jesus Cristo e a "grande oração" que é o Santo Sacrifício da Missa.

A melhor escola prática da virtude da religião foi, para ele, a do Padre Joseph Haegy, prefeito de cerimónias no seminário. Este homem baixo, de pronunciado sotaque alsaciano, de pequeno passo sempre apressado, de mãos agitadas, por vezes, com simétricos gestos sacudidos, sempre que devia fazer um reparo, impunha frequentes revisões a que ele próprio presidia, ajudado por cerimoniários, entre os quais Marcel. Exigia pontualidade e exactidão no detalhe: «A piedade de um padre – dizia – não se mede pela longa pausa dos seus *mementos*, mas pelo seu grau de obediência às rubricas.» «Pelo seu cuidado na perfeição – escrevia o Padre Lefebvre em 1931 – apercebíamos a sua grande fé na presença do divino Hóspede. Sabia, por experiência, que os ritos tradicionais dão, muitas vezes, lugar a práticas arbitrárias.»[180]

Quando se convidava o seminário para a cidade, fosse para uma Missa Pontifical, fosse para uma saudação cardinalícia, o padre escolhia os melhores indivíduos, porque «a honra do seminário estava em jogo», e dirigia-se com eles, antecipadamente, ao local, para «não deixar nada ao acaso».

Marcel foi grande cerimoniário de 1927 a 1930, tendo entre os seus

---

[178] BG 589, 154-158; Échos, ano 1953; Mons. Lefebvre, conf. esp. Friburgo, 20 Nov. 1969; COSPEC 25 A, 28 Nov. 1975 e 25 B, 2 Dez. 1975; HOMEC 39 A1, 28 Maio 1987.
[179] LPE, 221; Cor Unum, 56
[180] Échos 145, 105; 149, 13.

predecessores Alfred Ancel e Lucien Lebrun, futuros bispos.[181] Foi o último grande cerimoniário do Padre Haegy, cuja saúde declinava e que se apoiava, cada vez mais, no Padre Lefebvre: «Era preciso – diz o último – que lhe desse conta, após cada cerimónia, se tudo tinha corrido bem, se o celebrante não se tinha "desorientado" Fazia-nos rir»[182] pelas suas originalidades, mas, de resto, inculcava excelentes princípios aos seus alunos, acima de todos o de conhecer as rubricas a fim de se apagar perante a ordenação da Igreja, que o padre nada pusesse de si mesmo, mas deixasse exprimir a acção de Cristo e da Igreja.

As fichas nas quais o Padre Lefebvre resumia os movimentos de cada um dos ministros na Missa solene ou pontifical, são admiráveis de precisão; as repetições tinham o mesmo cuidado, e «é com grande dignidade e muita segurança que assegurava as funções de cerimoniário», fosse no seminário, fosse, frequentemente, no exterior: «Fazia isso na perfeição.»[183]

> «Gostávamos – dirá Mons. Lefebvre no sermão do seu jubileu de ouro sacerdotal – de preparar o altar, de preparar as cerimónias; e estávamos sempre em festa na véspera de um dia em que uma grande cerimónia se desenrolasse nos nossos altares. Tínhamos então aprendido, jovens seminaristas, a amar o altar.»[184]

Os seus confrades guardam dele a lembrança de um seminarista «muito piedoso, de grande devoção á Virgem», membro da Associação da Santíssima Virgem que reunia regularmente, na galeria, os seminaristas desejosos «de entreajuda em amar e fazer amar a Santíssima Virgem».[185]

Por outro lado, «com o primeiro sacristão – Louis Ferrand – o Padre Lefebvre formava um par que possuía toda a confiança da autoridade.»[186]

> «Era de grande edificação – relata Madre Marie Christiane – ver que nunca houve – facto único – contestação entre o cerimoniário e o sacristão, enquanto tiveram juntos os seus cargos.»[187]

---

[181] Sermão, Paris, 23 de Setembro de 1979; Fideliter, nº 12, 6
[182] COSPEC 64 B, 28 Out. 1978.
[183] Padre Jerôme Criqui, C. de 4 Mar. 1997.
[184] Fideliter n. 12, p. 6.
[185] BG 552, 648-649.
[186] Cón. Paul Boinot [1929-1936], C. ao P. JML, 20 Ago. 1927.
[187] MFMM, complementos.

*O Papa, a romanidade e a Cidade Santa*

Esta confiança da autoridade será tal que o Padre Marcel poderá permitir-se visitar o Cardeal Billot ao seu humilde retiro. Sabe-se que o Cardeal, lastimando não ter podido desviar Pio XI da condenação da Action Française, tinha, finalmente, despido a púrpura romana, em Setembro de 1927 [188] A obediência fixou o Padre Billot no noviciado de Galloro, nas margens do lago de Némi, na ruralidade romana. Marcel «teve grande alegria» com a visita, diz Aloïs Amrein que o acompanhou.[189] Prestar homenagem a um homem da Igreja, sem medo e sem mácula, e dar uma alegria ao exilado, eis o que queria Marcel. Mas o seu companheiro bem sabia «que ele estimava Pio XI e o venerava».

Mons. Lefebvre testemunhará, diante dos seus seminaristas de Écône, a sua veneração para com o Papa Pio XI:

> «Tínhamos a alegria, todos os anos, nós, o Seminário Francês, de ser recebidos pelo Santo Padre. Fazia-nos uma pequena alocução. Venerávamos o Santo Padre. (...) Deus sabe que tínhamos aprendido a amar o Papa, a amar o Vigário de Cristo!»[190]

Na audiência de 3 de Dezembro de 1927, Pio XI, antigo estudante romano, tinha confiado aos seminaristas que ele próprio considerava «como uma das maiores graças de Deus ter podido respirar, durante algum tempo, essa atmosfera cheia de fé e de espírito católico, essa *romanidade* que é a alma da própria fé católica».[191]

É nesta fonte de romanidade que Marcel Lefebvre bebeu abundantemente e para toda a vida. «Em Roma – dirá mais tarde – tinha-se a convicção de estar numa escola da fé: as estações de Quaresma, os santuários dos Apóstolos e dos Mártires.» Gostava de ir a Saint-Marcel, igreja do seu santo patrono, venerar o crucifixo miraculoso que levam em procissão com grande concorrência de povo; a igreja é mantida pelos servitas, dedicados ao culto da Cruz e ao da Compaixão de Nossa Senhora, dupla devoção que se lhe tornou muito querida.[192] Também há as audiências do Papa, as cerimónias de canonização em São Pedro.[193]

---

[188] Dansette, II, 601-602; Prevotat, Passim

[189] Amrein, 7-8.

[190] COSPEC 55 B, 17 Jan. 1978.

[191] BG 449, 463-465; P. Frey, Le Saint-Siège et le Séminaire français, Liv. Vaticana, 1935 ; Padre Didier Bonneterre, On ne peut être catholique sans être romain, in Fideliter n. 99, Mai-Jun 1994, p. 8.

[192] RETREC 63 A, retiro pascal, 1984

[193] Fideliter. loc. cit.

«Tive a alegria – diz ele – de assistir à canonização de Santa Teresa do Menino Jesus, à canonização do santo Cura d'Ars. Foram magníficas cerimónias. Transportavam-nos. Alguém que, habitando em Roma, não aumentasse a vivacidade e o fervor da sua fé católica, nada teria compreendido da cidade de Roma.»[194]

O seminarista também desejava fazer partilhar a sua família do seu fervor romano, proporcionando-lhe mesmo audiências pontifícias. Foi por volta da Páscoa de 1929 que René Lefebvre, acompanhado pela esposa, pela sua irmã Marguerite Lemaire-Lefebvre e de uma filha desta,[195] teve o favor de uma audiência privada com um grupo de peregrinos. O Papa entrou na sala de audiências, e sentou-se para dirigir algumas palavras aos visitantes, de pé em semicírculo.

Depois, levantando-se, deu lentamente a volta, felicitando alguns e abençoando-os. O Padre Marcel, que estava no grupo, murmurou uma palavra ao mestre-de-cerimónias: «Poderia assinalar a Sua Santidade que lhe ficaria reconhecido se quiser abençoar os meus queridos pais, que têm cinco filhos consagrados a Deus?» O Santo Padre aproximou-se, os pais Lefebvre beijaram-lhe o anel, depois foi a vez de Marcel; o Papa, então, pousou as duas mãos na cabeça do jovem padre, dizendo em voz alta: «Prestastes grandes serviços à Igreja.»[196] Estas palavras era certamente dirigidas aos pais, mas a sua simultaneidade com o gesto de bênção do filho não era significativa de um singular desígnio divino sobre o futuro do jovem subdiácono?

Marcel era, efectivamente, subdiácono desde o Sábado Santo, 30 de Março de 1929. O retiro de oito dias que o preparou para a recepção da primeira das três ordens maiores, ao qual está anexado o voto implícito de castidade perfeita, insistiu na exigência da castidade dos subdiáconos:

«É absolutamente certo – recorda ele – que toda a tradição da Igreja nos ensina que, quanto mais alguém se aproxima de Deus, mais tem de praticar a castidade e a virgindade, a exemplo daqueles que Ele escolheu para estarem junto de Si aqui em

---

[194] COSPEC, 55 B, 17 de Janeiro de 1978

[195] Claire Lemaire. Cf.Senhora Lefebvre, Carta ao seu filho René,8 de Fevereiro de 1929.São Pio X tinha simplificado o ceremonial das audiências

[196] Marziac I, 82. segundo a narração da Senhora Paul Toulemonde-Poissionnier

baixo: a Santíssima Virgem, São José, o Apóstolo São João que o acompanhou até ao Calvário. Nosso Senhor escolheu almas virgens; e é normal que quando nos aproximamos de Deus, sejamos mais espirituais e menos carnais, porque Deus é espírito.»[197]

Foi no Seminário de Latrão que teve lugar a ordenação, das mãos de Mons. Carlo Raffaele Rossi, assessor da Consistorial; dezassete confrades de Santa Chiara receberam a mesma ordem; entre eles estava o suíço Henri Bonvin, do Valais, pelo qual o Padre Marcel tinha amizade. Padre Marcel apreciava muito os suíços, mas também sabia serraziná-los, a crer-se no ingénuo mal-entendido de Aloïs Amrein sobre o pretenso amor de Marcel pelo papado de Avinhão![198]

Não, caro Aloïs, era em Roma que o vosso amigo Marcel amava o Papa, soberano espiritual da Cristandade e príncipe temporal de Roma e dos Estados da Igreja.

Em 11 de Fevereiro de 1929, enquanto se espalha em Roma a alegria e o júbilo pelos Acordos de Latrão entre a Santa Sé e a Itália,

«toda a gente se comprime à porta do seminário para comprar os jornais… Mesmo a *Action Française*. Se bem que fosse estritamente interdita… No seminário – assinala Amrein – apercebo-me sobretudo de uma atmosfera deprimida, particularmente em Marcel. Senti que a questão romana estava resolvida de maneira muito diferente daquilo que ele desejava, o seu rosto parecia contrariado».[199]

O Padre Lefebvre, evidentemente, lamenta que o Tratado de Latrão consagre [200] a profanação da Cidade Eterna, mesmo que a concordata [201]reafirme o seu «carácter sagrado».

De facto, dirá ele, «é a força da lei católica enraizada na sua romanidade que a maçonaria quis fazer desaparecer, encerrando a Roma Católica na Cidade do Vaticano. Roma, reconhecida pelos acordos como "capital do Estado italiano", é ou vai ser invadida pelas "lojas maçónicas, casas toleradas, cinemas infectos", que vão causar "a infiltração do liberalismo, do modernismo no interior do Vaticano".»[202]

---

[197] HOMEC 3 B2, subdiaconato, Écône 15 Mar. 1975.
[198] Amrein 7; Échos 135
[199] Amrein, 8.
[200] Tratado do Latrão, AAS 21 (1929), 210
[201] Entre a Santa Sé e a Itália, AAS 21 (1929), 276
[202] Itinéraire spirituel, Écône, 1990, notas complementares; COSPEC 87 B,

# 7. PADRE E DOUTOR ROMANO

## *Ordenação sacerdotal*

Mas a aproximação da ordenação sacerdotal bastava para preocupar o Padre Marcel. Em 25 de Maio, já ele tinha sido ordenado diácono em São João de Latrão, pelo Cardeal Pompilj[203] e colocado, assim, no número dos levitas que, como a Igreja, «sempre em armas, combatem o inimigo sem tréguas».[204]

Tendo conseguido, em 22 de Junho de 1929, a sua licenciatura em teologia, foi encorajado, tal como alguns colegas, pelos padres de Santa Chiara, a coroar os seus estudos com o doutoramento em Teologia. Sem querer «fazer carreira», Marcel estava simplesmente disposto a melhor servir a Igreja. Mas, tendo terminado o *cursus* dos estudos necessários ao sacerdócio, podia ser ordenado sem delonga. Assim foi decidido na Diocese de Lille: seria ordenado pelo seu Bispo, antes de regressar a Roma por mais um ano.

O novo Bispo, Achille Liénart, de uma família de negociantes de tecidos do meio liberal de Lille, era, aos quarenta e quatro anos, o mais jovem bispo de França. Cura de Saint-Christophe de Tourcoing, mostrou-se arrojado e resolutamente aberto aos novos métodos. Sagrado Bispo de Lille em 8 de Dezembro de 1928, em substituição de Mons. Quilliet, resignatário, foi visto como um homem tendo «o sentido da realidade, a justa apreciação das possibilidades e a coragem tranquila do dever».[205]

Que pena que este homem de acção se tenha comprometido tão a fundo naquilo que chamámos «a hipótese», e não tenha sido mais homem de princípios! A sua aprovação sem reserva da J.O.C. era significativa, ao passo que o Cardeal Mercier fora muito reticente[206] a respeito deste movimento de apostolado dos jovens operários católicos, por causa da ambiguidade do seu objecto (salvação eterna e reformas sociais), e do primado dado à acção sobre o estudo dos princípios da doutrina social.

---

18 Set. 1981 109 A, 15 de Março de 1984.

203 Caderno pessoal espiritano; Amrein, Passim; Échos 137; Cartas de ordenações. BG 466 dá por erro Monsenhor Palicia como Bispo Ordenador

204 Pontifical Romano, ordenação dos diáconos.

205 Almanach, p. 64.

206 Marg. Fievez e Jacques Meert, Cardijn, EVO, Bruxellas, 1978, pp. 72-75

Foi sob o episcopado de Mons. Liénart que foi publicada a resposta romana à queixa de Eugène Mathon,[207] acusando os sindicatos operários cristãos de luta de classes. Roma reafirmava a legitimidade destes sindicatos, desde que fossem exclusivamente católicos, «repudiassem por princípio a luta de classes» e que comissões mistas de arbitragem fossem instituídas.[208]

O Padre Marcel admite essa decisão romana. Repugnava-lhe condenar o que Roma permitia e que podia conseguir um certo bem. Mesmo que os sindicatos separados contradissessem os princípios filosóficos de La Tour du Pin, era muito prático – pragmático, diríamos nós de boa-vontade – para condenar em nome da filosofia o que não se opunha nem à teologia nem ao direito natural. Também aceitava, com os Papas Leão XIII, Pio X e Pio XI os sindicatos separados, desde que fossem católicos.[209]

Seu pai, René Lefebvre, não era, decerto, unha com carne com o seu novo bispo, mas nunca manifestou hostilidade a seu respeito, como alguns quereriam.[210] Em 1935, lançar-se-ia na política local, apresentando-se às eleições municipais de Tourcoing, à frente de uma lista que defendia a corporação e a família. «A minha lista obteve 1.200 votos, – escreverá ele a seu filho René – lista formada no último minuto, sem anúncio, sem dinheiro. (...) Em casa, era a luta: misturava-se tudo: corporação, família e Action Française. Tua mãe logo aprovou e me apoiou».[211] Tal seria o verdadeiro combate social e cristão deste corajoso patrão.

Marcel Lefebvre dispôs de todo o Verão para se preparar para a ordenação sacerdotal. Sem ser obrigado,[212] fez um retiro num dos

---

[207] Presidente do Consortium dos patrões do têxtil de Roubaix-Tourcoing; queixa depositada em Roma em 26 Ago. 1924.

[208] Resposta de 5 Jun. 1928 (Calvez et Perrin, op. cit., p. 479, nota 20) e publicada em 28 Ago. de 1929, pós datada de 5 Jun. 1929. Pela sua acção pessoal, Monsenhor Lienart conseguiu desbloquear a crise social:Melanges de science religieuse, (mistura de ciência religiosa), Univ. católica de Lille, T. 54, 1997, n° 3, p. 16

[209] Robert Talmy, aux sources du catholicisme social, l'école de la Tour Du Pin, Desclé, Tournai, 1963; Xavier Vallat, Lacroix, les lys et la peine des hommes, Aubenas, 1973; S. Pio X, Encíclica Singulari quadam para o episcopado alemã, 24 de Setembro de 1912, BP VII, 275-277; CR II, 473-474.

[210] Rita Rosen, Monatsschrift zum andenken an die heiige Rita von Cassia, Sondernummer zum fall Lefebvre, (Escrito do mês para pensar na Santa Rita de Cassia, Especial número sobre o caso Lefebvre) n° 11, Março 1978, p. 2, citando o Anzeiger für die katholische Geistlichkeit, Herder, Novembro de 1977, p. 379

[211] René Lefebvre, C. a René, 12 Maio e 13 Jun. 1935.

[212] O seu último retiro, preparatório do diaconato, datava de menos de seis

seus queridos mosteiros beneditinos, a Abadia de Maredsous, onde procurou saciar-se com a doutrina de D. Marmion, o célebre abade, falecido seis anos antes em odor de santidade, mas do qual lhe parecia que se esqueciam as riquezas.[213] Com D. Marmion e também D. Chautard, do qual releu a admirável obra *L'âme de tout apostolat*,[214] prometeu-se buscar na união contemplativa ao sacrifício da Cruz a fonte da fecundidade do seu apostolado futuro.[215]

Finalmente, chegou o grande dia. Seu pai acabava de suportar a grande provação da falência das suas empresas de Falaise (Normandia), Saint-Parres-aux-Tertres (perto de Troyes) e Audruicq (perto de Calais). Mas, por felicidade, uma solução amigável para a rue du Bus era obtida[216]: graças à solidariedade e entreajuda proverbiais dos patrões do Norte. Os dois grandes amigos, Marcel Collomb, de Versalhes, e Louis Ferrand, de Tours, chegavam a casa e faziam uma festa a Marcel.

A cerimónia de ordenação, celebrada por Mons. Liénart, realizou--se no Sábado, 21 de Setembro de 1929, na Chapelle des Dames du Sacré-Coeur, na rua Royale, em Lille. O Bispo ordenou cinco padres, alguns subdiáconos e alguns clérigos menores. A longa Missa, com as suas quatro lições do Antigo Testamento pontuadas por ordens sucessivas, mostrou todo o esplendor da liturgia. Marcel, com os seus confrades, fez a grande prostração, após a qual teve lugar a imposição das mãos pelo Bispo, e a seguir por todos os padres presentes, seguida do prefácio consagratório: «Dai, derramai, Pai Todo-Poderoso, nos vossos servidores a dignidade de padre, renovai em seus corações o espírito de santidade.» A partir daí, Marcel Lefebvre era padre para toda a eternidade.

Depois da Missa Pontifical, o jovem padre deu com emoção, no pátio do pensionato, as suas primeiras bênçãos a seus pais, a sua família, a seus amigos de Roma e do colégio, dando a beijar a cada um as palmas das suas mãos consagrados pelo santo óleo. Depois, foi a visita ao carmelo de Tourcoing, com grande alegria da jovem noviça Christiane.

---

meses (cf. cânone 1001, § 2).

[213] RETREC 85, retiro pascal de 1988

[214] Imprimatur de 1912. O Autor é o Abade da Abadia Trapista de Sept-Fons, recomendava a meditação do seu livro a todos os ordinandos

[215] Cor Unum, p. 61 (14 de Janeiro de 1982)

[216] Senhora Lefebvre, Carta a René, 25 de Setembro de 1929.

No dia seguinte, 18º Domingo depois do Pentecostes, a igreja paroquial da família, Nossa Senhora de Tourcoing, engalanou-se para a primeira Missa, com um coro de quarenta e duas crianças e a assistência de trinta padres.

Toda a liturgia engrandecia o sacerdócio e o sacrifício. O cântico do Ofertório descrevia Moisés «consagrando um altar ao Senhor e oferecendo nele os holocaustos e celebrando o sacrifício da tarde como um perfume de suavidade para o Senhor Deus na presença dos filhos de Israel».[217]

Tinha sido fácil ao Padre Robert Prévost exaltar, na sua homilia, o poder do padre e do sacrifício propiciatório; mas, a secreta, no seu murmúrio interior, ia ao mais profundo do mistério eucarístico: «Ó Deus (murmurava Padre Marcel), pelas admiráveis mudanças realizadas neste sacrifício, tornais-nos participantes da Vossa única e soberana divindade.» Depois, que adoração, que oblação interior no coração do padre, quando, pela primeira vez, o Senhor Eucarístico desceu entre as suas mãos! Entretanto, a mão do jovem padre sentia--se transportada:

> «Pela minha parte, o aleluia final, durante a marcha do cortejo, emocionou-me repentinamente, mais do que saberei dizer: pensei numa entrada triunfal no Paraíso e asseguro-te – escrevia a René – que tudo o resto desapareceu.»[218]

## *O doutoramento romano em teologia*

Após ter celebrado duas outras primeiras Missas nos conventos das suas duas outras irmãs: Jeanne, em Tournai, e Bernadette, em Jouy--aux-Arches, o jovem padre regressou a Roma como seminarista--padre, a este título residindo no *palazzo*, anexo de Santa Chiara, a fim de preparar o seu doutoramento. «Auditor ordinário do curso maior do quarto ano de Teologia»[219], na Gregoriana, aprofundou em dogma os tratados do Verbo Incarnado e da graça, e em moral o das virtudes. Mergulha no mistério de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Sua psicologia divina e humana; do estudo da graça, extrai todos os grandes princípios da acção pastoral, sejam as consequências das máculas do pecado original, seja o duplo papel, curativo e elevatório da graça divina: *gratia sanans* e *gratia elevans*, seja a incapacidade radical dos meios naturais na produção do mínimo grau de vida

[217] Cf. Ex 24, 4-5
[218] Senhora Lefebvre, Carta a René, 25 de Setembro de 1929
[219] Ficha de inscrição do ano

sobrenatural. Viverá estas posições-chave da teologia moral durante toda a sua existência.

Nos três últimos meses, todas as tardes antes do *Ave*, Marcel e o seu melhor amigo, Louis Ferrand, recitavam mutuamente as cem teses de teologia do programa,[220] definindo e argumentando em latim pelas ruas de Pincio que os levavam à igreja do santo ou da estação do dia.[221]

Já doutor em filosofia, o Padre Lefebvre doutora-se em teologia em 2 de Julho de 1930. A partir daí, já não é mais obrigado, como os outros clérigos, a «segurar o barrete pelo canto oposto ao lado em que não o há»,[222] tal como tinha explicado o Padre Haegy na sua pitoresca linguagem. Não é, evidentemente, que o lado mais pequeno... O bom deste doutoramento romano, é a síntese que dá oportunidade de adquirir, assim como o conhecimento integral e suficientemente aprofundado, quanto aos princípios formais, de toda a teologia.[223]

No entanto, o Padre Marcel não negligenciou as suas funções no seminário. Tocava-lhe, na qualidade de grande cerimoniário, preparar em Santa Chiara a recepção aos novos cardeais, Pacelli, em 22 de Janeiro de 1930, e Liénart, em 17 de Junho. Três dias mais tarde está aos pés do Papa Pio XI, que concede audiência aos seminaristas que partem de Roma.[224]

Antes de o deixar abandonar a Cidade Eterna, tentemos circunscrever a fisionomia do jovem padre. Mais contemplativo do que intelectual é, contudo, activo e metódico. O contraste é só aparente: a sabedoria sobrenatural, pelo facto de unir a Deus, não tende a ordenar tudo e todos ao Soberano Mestre? Piedoso sem ostentação, porque é um confrade «muito simples, bastante apagado, simples, não fazendo nenhum ruído»,[225] impregna de espírito religioso as suas acções ordinárias, e faz da sua Missa quotidiana um modelo de modéstia nos gestos. Única manifestação mais tangível da sua piedade: quando, em 21 de Novembro de 1929, Mons. Suhard inaugura a estátua de Santa Teresa do Menino Jesus no seminário, é

[220] Monsenhor Louis Ferrand, Carte de Natal de 1996; Entrevista no dia 7 de Junho de 1997, MS II, 26, 38-41

[221] O Padre Robert Prevost, Dieu n'échoue pas, (Deus não falha)I, 177.

[222] BG, 493, 336-341, notula sobre o Padre Joseph Haegy

[223] Notre-Dame de Joie, p. 147.

[224] Échos, 140, 103; 142, 161 e 173-174

[225] P. Alexis Riaud CES [1925-1929], ms. I, 37, 22.

Marcel Lefebvre que recita, em nome da comunidade, uma oração que compôs para a circunstância.[226]

Por outro lado, é já «uma forte personalidade com convicções muito determinadas e bem ancoradas»,[227] que manifesta quando a *sana doctrina* está em jogo. Para além disso, é um seminarista «de gentileza amável», gozando de «incontestável aura»[228], devotado e serviçal. «Era para nós um modelo, sempre sorridente, sempre afável; e o bom Padre Berthet apresentava-o como tal.»[229]

Se, a este conjunto de traços e qualidades muito contrastantes e bem balanceados, se acrescenta a calma habitual, o espírito de organização; se, acima de tudo, se nota a faculdade de julgamento, a ciência dos princípios bem assimilados, em suma, uma cabeça bem arrumada, tem de dizer-se que se trata de um homem de primeiríssima escolha, capaz de prestar os melhores serviços à Igreja.

## *A vocação missionária*

O Padre Marcel ia entrar ao serviço diocesano. Contudo, a sua alma estava algures. Desde alguns anos antes que procurava outra coisa. No regresso às aulas de 1928, volta a incerteza sobre a direcção da sua vocação. Falando do seu mais novo à sua tia Bernarda, Madame Lefebvre escrevia: «Peço-vos orações especiais por ele, minha querida tia, porque não parece definitivamente orientado.»[230]

O exemplo dos seus quatro irmãos e irmãs religiosos, leva-o a desejar um dom mais perfeito de si mesmo. Por outro lado, o Padre Berthet, no seminário, empreende uma acção de propaganda missionária. É assim que o Padre Pédron, em 21 de Abril de 1929, vai ali falar da obra missionária em África. Tudo passa em revista: as línguas, os catequistas, o pequeno número de missionários, a ameaça do islão, e conclui: «Sede missionários, seja pela oração, seja pela esmola.»[231]

Mons. Shanahan, o grande Bispo da Nigéria, irá, em 21 de Fevereiro de 1930, narrar o sucesso missionário das suas escolas católicas.

---

[226] Annales de Sainte-Thérèse de Lisieux, Jan. 1930, p. 20.
[227] P. Jérôme Criqui [1927-1934], C. 25 Jan. 1997.
[228] Cónego Paul Boinot (1929-1936), Carta ao Padre JML, 20 de Agosto de 1997
[229] Mons. Paul Carrière [1929-1931], C. 7 Jan. 1997.
[230] Carta A Dona Marie-Clotilde, 18 de Novembro de 1928, p. 6
[231] Échos 137; BG 498, 532.

Por outro lado, as cartas a Marcel do seu irmão mais velho, são insistentes: «Que vais fazer em Lille? Vem para o Gabão!», campo de apostolado mais urgente, mais exigente.

Em 23 de Março de 1930, Marcel Lefebvre expõe, na Conferência de São Tomás, o adágio «Fora da Igreja não há salvação».[232] Muitas vezes, meditando em São João (I Jo 5, 12) e em São Paulo (Rom 10, 14-15), interroga-se: «Quantos terão a fé e, por consequência, a vida eterna? Quem será salvo dentre os pagãos?» E, mais tarde, confiará aos seus seminaristas: «É esta pergunta que explica, certamente em grande parte, a nossa vocação.»[233] Não revelava ele, aqui, a origem da sua própria vocação missionária? Porque acrescentava: «Só o fazer esta pergunta deve-nos dar espírito missionário!»

Não espera deixar Roma para tomar a grande decisão; e, depois de madura reflexão e ardente prece, escreve ao seu Bispo. Eis o que disto conta René Lefebvre ao Padre René, em 13 de Julho:

> «Não quero deixar passar a decisão de Marcel sem te falar dela. O querido Marcel deixou Roma, e senti vivamente a pena que ele teve. Tinha-nos informado do seu pedido a Mons. Liénart, pedido para ingressar nos P.P. do Espírito Santo. Ficámos muito, muito surpreendidos, porque não supúnhamos a sua vocação missionária. Se é essa a vontade de Deus, ficamos muito felizes. *Deo gratias*! De todo o modo, não o via bem no clero secular. Agradeço ao bom Deus por esta grande graça. É um acontecimento importante para nós! Sabemos agora o que são as separações! Mas devemos saber que tudo o que temos está nas mãos de Nossa Senhora.»[234]

Portanto, Marcel tinha escrito a Mons. Liénart. O Bispo não era homem para se opor às vocações missionárias, bem pelo contrário.[235]

Mas quando um seminarista pedia para ir para as missões, o costume geral em França era retê-lo, durante um ano, ao serviço da diocese. Foi esta resposta que o Padre Marcel recebeu do Bispado; compreendeu-a tanto melhor quanto sabia que o seu pedido não era único. A sua mãe explica isso ao Padre René:

> «Marcel é sempre o mesmo, calmo, sossegado, sabe bem vê-lo! Monsenhor vai retê-lo um ano na diocese, perto de Lille, disse ele,

---

[232] Échos, 141, 131
[233] Monsenhor Lefebvre, conf. espiritual , Friburgo, 21 de Novembro 1969.
[234] René Lefebvre, C. ao P. René Lefebvre, 13 Jul. 1930.
[235] Roger Desreumaux, Le missionaire au diocèse de Lille, em MSR, T. 54, 1997, p. 59

e não no ministério. A sua partida, assim como a de dois outros que estão no mesmo caso, colocá-lo-ia em grande dificuldade... Marcel não insistiu, seguindo o conselho que lhe tinham dado.»[236]

Pensava o Bispo nomeá-lo professor num pensionato?[237] Expôs-lhe Marcel o pouco gosto que tinha pelo ensino? Em todo o caso, no fim do Verão recebeu a sua nomeação como Vigário em Marais-de-Lome. Faria então, na paróquia, o seu «ano de penitência», como o designavam os seminaristas um tanto irrespeitosamente; falta saber se seria para ele, verdadeiramente, uma penitência...

[236] Madame Lefebvre, C. a René, 7 Jul. 1930.
[237] Tal como o seu Confrade Andessa ordem, quer dizer, pelo Reino social de Cristo Rei.

# Capítulo IV

# O Vigário dos arrabaldes operários 1930-1931

## *Lomme*

Durante muito tempo, a economia de Lomme, pequeno burgo no oeste de Lilá, foi dominada pelas lavandarias do seu “Marais” Em 1930 contava ainda trinta e oito que, instaladas ao longo dos canais, evacuam as suas águas usadas para o canal da Deule. Mas o desenvolvimento da cidade é devido à implantação da fábrica de fiação Verstraete na Malandrerie[1] em 1857 e, a seguir, à da fábrica de fiação Delesal, no Marais (1905), e a de Paul Leurant (1912). Enfim em 1921, com a estação de selecção ferroviária da Délivrance, Lomme torna a ser uma cidade de operários e de ferroviários que atrai as indústrias metalúrgicas e vai aumentar a sua população passando de 2465 habitantes no ano 1856 para 9000 em 1900 e 20 684 em 1931.

Nesta época, Lomme abrange três paróquias: Lomme-Burgo (Com a estação de Délivrance), Mont-à-Camp e Le Marais. Esta última é a mais povoada, com 7 700 habitantes[2] dimanando muitas vezes da região de Boulogne, ferida pelo desemprego, e morando em casas todas semelhantes que se alinham ao longo de ruas intermináveis.

Portanto é a esta simples mas activa paróquia operária que o Cardeal, com sabedoria, afectou o Padre Marcel Lefebvre, pensando que um apostolado no meio dos mais humildes seria melhor iniciação apostólica para este jovem burguês, filho dum patrão, do que um ministério de ensino para a juventude da fina-flor social de que ele era originário.

A encantadora igreja paroquial do Marais, Nossa Senhora de Lourdes, vizinha do presbitério que é uma formosa e pequena casa isolada sobre a praça guarnecida dum grande jardim, que confina o

---

[1] - Pouchain, 53,139 e 142 ; Delsalle, 159.
La croix do Nord, 3 de Maio 1931.

parque municipal. É à porta deste presbitério que se apresenta o Padre Marcel Lefebvre em Agosto ou Setembro de 1930.

Eis-me aqui, disse ele com uma voz tranqüila.

O Pároco, chamado por uma das suas duas sobrinhas que tomavam conta do Presbitério, encarou o jovem sacerdote, que repetia tranquilamente:

- Eis-me aqui! O que ides fazer de mim?

O Pároco estava já a par da vinda deste segundo vigário que lhe enviava Monsenhor, o Cardeal; todavia, não pôde reter esta reflexão, bastante divertida, porque foi dita com gentileza, no tom da piada:

- Oh! Como sabeis, eu nunca pedi um segundo vigário, não precisava dele. Achei que um bastava.
- Ah, bem.
- Sim, para uma paróquia como a nossa, não via a necessidade de ter um segundo vigário.
- Oh! – Disse o recém-chegado com uma simplicidade desarmante – vamos mesmo assim tentar trabalhar.

Então o pároco, rendido, só pode dizer:

- Mas seja bem-vindo, claro, esteja à vontade na sua casa. Vamos dar-lhe um quarto.[3]

Seria tão fácil de encontrar um quarto nesta casinha? A verdade é que Marcel Lefebvre dirá mais tarde: ”O Pároco conseguiu por fim agasalhar-me” [4]

A colaboração começou muito bem. O Pároco, o Padre Emilio Delahaye, era um bom padre, fino, paternal, um pastor amado dos fiéis, na sua idade de sessenta anos e muito activo. O primeiro vigário, o Padre Paulo Deschamps, da idade de Marcel, era, como ele, um antigo aluno do colégio do Sacré-Coeur de Tourcing[5] e um “antigo aluno do Padre Deco”

## *Actividades paroquiais*

A paróquia fervilhava de actividades de todas as espécies, entre as quais as cerimónias litúrgicas ocupavam o primeiro lugar. O Sagrado Coração fica em honra, com um programa abundante em cada primeira Sexta-Feira do mês: às seis, exposição do Santíssimo, seguida da missa; às 7h.15, missa de comunhão para as crianças; na parte da tarde, adoração do Santíssimo a partir de 15h até 17h e no serão das 19h até às 20h. Às 20h, benção do Santíssimo e acto de

---

[3] - PHLH, 36-38.

RETREC, 8 de Setembro 1982.

PHLH, 38.

reparação ao Sagrado Coração. No Domingo, há missa rezada às 6h, 8h e 9h (a missa das 9h estava reservada às crianças do catecismo). A missa cantada tinha lugar às 10h, na parte da tarde, às 15h, tinham lugar as Vésperas e a exposição do Santíssimo e, a seguir, o catecismo de perseverança. Uma vez por mês, um Domingo está dedicado à comunhão geral, quer seja das crianças, quer das raparigas, quer dos homens e dos jovens.

As repetições litúrgicas para as grandes festas são confiadas ao vigário Lefebvre. Nas grandes ocasiões, o coral canta missas polifónicas, tal como a missa de Gounod. Há reuniões das mães cristãs, reuniões de "Amical Saint-Jean" (Associação dos amigos de São João), reuniões da Federação Nacional Católica, fundada pelo Geral de Castelnau. Além disso há o Patronato com as suas três secções: os homens (na praça Rotunda), os jovens e as crianças cujas actividades têm lugar cada Quinta-Feira e Domingo à tarde, no Patronato São-José, Rua Kulhmann, 23.[6]

Quanto aos "cercles" (círculos), havia o dos jovens de 13 até aos 21 O Padre Lefebvre foi encarregado do patronato dos jovens; mais tarde, fez referência ao facto elogiosamente: "O patronato organizado por um vigário foi muito útil. Os patronatos acabaram... É pena. Os contactos entre vigário e jovens permitem posteriormente a estes jovens confiar-se aos sacerdotes que conhecem" [7] No Marais, o patronato dos jovens organizava sessões recreativas nas quais se apresentavam peças de teatro com finalidade educativa. O vigário Lefebvre devia organizar as repetições. Organizou também para o seu patronato sessões de cinema, apresentando filmes de Charlie Chaplin. Mais tarde, reconheceu ele "ter um zelo às vezes demasiado natural no inicio do seu sacerdócio", não depositando suficiente confiança nos meios declaradamente sobrenaturais que, sem muletas técnicas, tornam as almas fervorosas e apostólicas.

anos e também o dos adultos, no Domingo depois da Missa, até às 13 horas, onde se jogava às cartas. O vigário Lefebvre passava lá: «Ele tinha sempre tempo, dizia um antigo, nunca passava com a cabeça no ar. »[8]

O primeiro vigário estava encarregado da J.O.C. paroquial; o Padre Marcel não estava directamente envolvido no assunto.

Os catecismos (Primeira comunhão, Comunhão solene e de per-

---

[6]- Bulletin du Marais de Lomme, Jornal paroquial mensal.

– Monsenhor Lefebvre, Conferência espiritual, Friburgo, 25 de Novembro de 1969.

[8]- Maurice Lannoy, E. Agosto, 1998.

severança) estavam repartidos entre os três padres; o Padre Marcel tinha a responsabilidade da preparação dos primeiros comungantes que faziam a "comunhão privada" no dia do Natal, na missa das 7h.

Com que cuidado se aplicou ele para explicar às crianças as grandes verdades da salvação, para gravar nos seus corações que Deus as amava e que elas deviam amar o bom Deus! Não era destes padres que confiam demasiado facilmente o catecismo a umas boas pessoas dizendo-lhes: «O catecismo, vós ides fazê-lo tão bem como eu!»[9] Não. Parecia-lhe importante que fosse uma alma sacerdotal que formasse a alma maleável das crianças ao amor de Jesus, Vítima e Pão de vida, por causa da estreita afinidade do sacerdote com estes mistérios. Além disso, a recordação inefável da dedicação, conselhos, da piedade dum bom padre não seria para estas almas a faísca que ateará o fogo da vocação ou a luz que dissipa as dúvidas da mocidade?

O Padre Lefebvre começava na pregação; pregava com calma, sem papel, de cima do púlpito, comentando sobretudo o evangelho. Durava bastante tempo[10] Tinha algumas dificuldades, no inicio, em amoedar a sua teologia para o seu auditório de maneira a bem se fazer entender pelos seus paroquianos.[11] Gostava de se referir a São Tomás, que citava na sua pregação sobre a caridade para com o próximo: «O que devemos amar no nosso próximo é que ele esteja em Deus, ou aquilo que de Deus se encontra nele».[12] Aplicando esta verdade nos sermões de casamento, comentava assim: «Não se deve amar no seu cônjuge o que é contrário a Deus, o que afasta de Deus e por consequência, não se deve favorecer os seus defeitos.»[13]

Nas suas relações com os fiéis, o vigário Lefebvre mostrava-se suave com as crianças, mesmo sabendo ser severo quando preciso. «Antes comunicativo e à vontade» com os homens e jovens, nunca foi distante, mas sempre sorridente[14]. Esforça-se por não dar o mau exemplo. É mesmo uma das suas regras de pastoral, porque sabia que

> «Os paroquianos avaliam a religião segundo o seu sacerdote. "Olha", dizem eles, "olha para o vigário que acaba de chegar" Para eles não é preciso muito para saber com quem eles têm

COSPEC 96 A, 11 de Fevereiro 1983.

- Maurice Lannoy e Marie-Catarina Gomber, E. Agosto de 1998.

[11] - Conferência espiritual, Friburgo, 24 de Novembro de 1969.

[12] - S. Tomás, II-II, q. 25, a. 1, corpus e ad 1.

[13] - COSPEC 83 A, 6 de Abril de 1981.

[14] - Maurica Lannoy, E. Cit.

relações». O que convence as pessoas da verdade da Igreja? É a santidade, isso vê-se. É preciso que as pessoas saibam que o seu sacerdote é um homem de Deus e não um aldeão medíocre, aburguesado, gozando férias como os outros, um homem com uma situação, sem mais.»[15]

O Padre Marcel parece ter tido a função do apostolado da casa "en famille" que agasalhava, sob a direcção das Irmãs do Sagrado Coração, as jovens operárias da fábrica de fiação Delesalle. As mulheres e as jovens de Lomme conservam a recordação dum sacerdote "bastante amável, sabendo conversar" mas um pouco reservado: «Era sério; qualquer coisa o distinguia dos outros sacerdotes: o seu orgulho, era um pouco distante[16]», relata Maria-Catarina Gomber, que tinha a idade do vigário.

## *Visitas apostólicas e conversões*

Orgulhoso não era, mas além da ponta de timidez que lhe restava, tinha o cuidado de não cair na familiaridade com as pessoas de sexo feminino. O vigário Deschamps não tinha esta reserva e, o que ofuscava o bom pároco, ele tinha o dom de atrair as moças ao seu confessionário. É verdade que ele enviou muitas delas ao convento[17] O Padre Lefebvre preferia uma reserva sábia.

Mantinha, em resumo, o justo meio da virtude de modéstia. Isso ajudava o seu zelo a desenvolver-se mais sobrenaturalmente.

No presbitério, o vigário Lefebvre era em tudo acolhedor, sabendo que "se o sacerdote fechasse a porta na cara às pessoas e dissesse: «Não tenho tempo, vinde mais tarde", tudo acabava, esta gente não voltaria[18]. Mas a sua infância e Santa Chiara formaram Marcel na disponibilidade, de que podia hoje depender a salvação duma alma.

Ao lado do núcleo fervente dos 2000 fiéis regulares, havia 5000 "ovelhas tresmalhadas" Precisava travar conhecimento com eles, visitá-los. O pároco, prático e zeloso, dividiu a paróquia em bairros para ele próprio e os seus vigários os visitarem. Eis portanto o vigário Lefebvre em visita, batendo às portas na hora em que o homem está de regresso do trabalho. Geralmente, é bem recebido, mas às vezes fecham-se as portas na sua cara. Então ele bate na porta vizinha:

-O que se passa com este homem? Porque é assim?

-Sabeis, ele é um comunista, então não quis receber-vos. Mas não

---

[15] - Conferência espiritual, Friburgo, 25 de Novembro de 1969.

- Marie-Catarina Gomber, E. Agosto, 1998.

[17] - RETREC 100, 3A, retiro de Ordenação, 1989.

[18] - COSPEC 96A, 11 de Fevereiro de 1983.

é um mau homem, vou tentar falar com ele, acabará por abrir-vos a porta[19]

E de facto, depois de ter passado uma segunda vez, consegue-se transpor o limiar. A este propósito, o pároco Delahaye relatou um dia ao Senhor René Lefebvre como «um doente, depois de algumas tentativas [da sua vizinhança] para lhe levar um sacerdote, pediu a visita "do novo vigário" que logo o foi visitar, confessar e lhe administrar os sacramentos; e no dia seguinte morreu em muitos bons sentimentos [20]"

Estas visitas faziam um grande bem; permitiram regularizar situações matrimoniais irregulares e atrair as crianças para a catequese; era dar a esta gente que no fundo não era má, a ocasião de conhecer a paróquia e os sacerdotes, e depois levá-la de novo à prática religiosa.

O padre Marcel Lefebvre teve, portanto, a alegria de baptizar muitas crianças, como certifica o registro dos baptismos. Esforçava-se de bem explicar o milagre da graça que é o nascimento duma alma na vida divina, insistindo também para que os pais fizessem baptizar os recém-nascidos o mais depressa possível: «Não há direito de privar uma criança da vida sobrenatural, tal como uma mãe não tem direito de privar a sua criança do leite maternal!». Mais tarde, dirá ele também, dirigindo-se aos sacerdotes que queriam deixar esperar o baptismo até que o interessado estivesse na altura de "decidir por si próprio": «De decidir por si próprio se quer a vida ou a morte espiritual!».[21]

É também para dar de novo esta vida divina às almas mortas espiritualmente pelo pecado, ou para curar as suas feridas, que o vigário Lefebvre estava à espera no confessionário nas horas anunciadas. Aprendia a discernir as almas ferventes e a dirigi-las:

> «Na paróquia, explicava ele mais tarde, encontram-se almas destinadas a uma vida espiritual maior. É na ocasião dum retiro ou duma confissão que podemos encontrá-las. Pode-se então reuni-las para formar uma fina-flor da paróquia; descobre-se lá vocações».[22]
>
> «O ministério e a direcção das almas, diz ele também, é um dos melhor meios para os sacerdotes se santificarem. Apercebe-se

---

[19] - PHLH, 36, 38-39.

[20] - A SENHORA LEFEBVRE, L. À Dona Marie-Clotilde, 26-28 de Dezembro 1930 ; HANU, 61; Marziac I, 90.

[21] - Carta aberta aos católicos perplexos, p. 55.

[22] - Conferência espiritual, Friburgo, 24 de Novembro de 1969.

de que há almas que nos edificam consideravelmente. Ficamos estupefactos ao ver almas muito simples, que não fizeram estudos extraordinários, que atingem um grau de santidade, na humildade, na simplicidade, de que ninguém suspeita.»[23]

## *Procissões e manifestações musculadas*

O ano litúrgico em Lomme era rico em manifestações e procissões variadas. A festa nacional de Santa Joana d'Arc era animada por uma procissão com tochas e com todas as casas iluminadas. Cada primeiro Domingo do mês, depois da missa cantada, tinha lugar uma exposição do Santíssimo Sacramento seguida duma procissão a volta da praça da igreja ou dentro da igreja, durante a qual os homens e os jovens eram convidados em trazer uma tocha. Na tarde, depois das vésperas e do terço, tinha lugar a procissão de Nossa Senhora de Lourdes, igualmente na igreja. Evitava-se de sair pela cidade para as procissões propriamente religiosas.

Em 1926, portanto 5 anos antes, o presidente da câmara socialista proibiu as procissões religiosas do Corpo de Deus. Mas sob a ameaça dos jovens da ACJF e da Acção Francesa, [24] retirou na última da hora a sua interdição, de tal modo que as procissões previstas puderam desenrolar-se nas paróquias de Mont-à-Camp e de Burgo, no Domingo 13 de Junho. Mas no Marais, os socialistas e os comunistas amotinados bloqueavam os arredores da igreja, na qual se encontravam os fiéis, protegidos por uma fileira de polícia diante do pórtico da igreja.

Finalmente procedeu-se ao alerta dos militantes da A.C., os "comissários", que libertaram os fiéis, abrindo uma passagem segura entre duas fileiras cerradas de militantes. Os assediados saíram lançando aclamações ao encontro dos seus libertadores. Mas era tarde demais para começar a procissão. O pároco contudo, deu, de fora da igreja, a bênção do Santíssimo. E, depois, as aclamações reiteraram-se por causa da alegria, que era grande em virtude da união de todos os católicos, conscientes dos seus direitos e sabendo que tinham o poder de se fazer respeitar.[25]

Mas por prudência, o Padre Delahaye reduziu, nos anos seguintes, o percurso das duas procissões do Corpo de Deus. Contudo, o vigário Lefebvre, zeloso para com a honra de Jesus-Hostia, em-

---

[23] - RETREC, 18 de Setembro de 1979.

Esta dedicação foi lançado ao rosto da A.F. como amálgama da religião com a política...

[25] Albert Marty, *L'Action française racontée par elle-même* (*A Acção Francesa contada por si própria).*

preendeu, com o primeiro vigário, a tarefa de convencer o pároco a fazer nestes anos grandes procissões.[26] No Domingo da solenidade do Corpo de Deus, o Cristo-Rei apareceu em seu triunfo pelas ruas da cidade, transportado pelo pároco ou melhor transportando o pároco. Todavia, num certo momento, soou um tiro de arma de fogo. O pároco assustou-se, murmurou ao padre Marcel que estava à sua esquerda: «Vedes, já vo-lo disse bem!» Mas o cortejo prosseguiu sem novidades no seu percurso pelas ruas: pelas ruas da igreja, de Kulhmann, João-Baptista-Dumas e Victor Hugo. Parando no repositório montado no Castelo de Hermitage, o pároco percebeu com alívio que o disparo fora apenas o ruído dum foguete lançado por um ruidoso paroquiano que queria exprimir a sua alegria. No Domingo seguinte, o percurso da procissão, dificilmente menos glorioso, levou o pároco e o seu divino Rei ao repositório construído perto da cervejaria de Etoile (local de reunião dos socialistas). Christus vincit! Christus regnat! Christus imperat! (Cristo vença! Cristo reine! Cristo impere!)

## *Vocação missionária – Segundo Acto*

Completamente absorvido na sua função de pastor de almas, o Padre Lefebvre não negligenciava a sua própria alma: Encontrou assim o meio de passar alguns dias de retiro no fim de Novembro de 1930 na Abadia de Wisques.[27] Não se esquecia da sua família e todas às segundas-feiras, vinha à sua casa tomar o almoço. O seu bom humor e os relatórios do seu apostolado ajudavam os seus pais a erguer-se acima das suas duras provas económicas; os seus conselhos guiam-nos na educação dos mais novos dos seus irmãos e irmãs; os seus avisos pacificadores domavam até a severidade excessiva de René Lefebvre, exercendo sobre ele um ascendente quase físico.[28]

Através dos seus pais, o Padre Marcel tinha cada mês a leitura da carta do missionário do Gabão. Em Julho de 1930, e depois em Fevereiro 1931, o Padre Paulo Defranould, colega do Padre René, no Gabão, veio em visita à Rua do Docteur-Dewyn,[29] dando notícias frescas, ou ao menos actualizadas, da missão. O Padre Marcel era todo ouvidos. Precisava ele destes apelos de África para impedir o novo vigário, em "ano de penitência", de vincular-se demais ao seu ministério. A Senhora Lefebvre percebeu este obstáculo: «Haverá

---

[26] - MARZIAC I, 90 ; RETREC 22B, 22 de Setembro de 1978.
[27] - A SENHORA LEFEBVRE, L. À René, 28 de Novembro de 1930.
- Michel LEFEBVRE, E. 28 de Abril de 1997, ms. II, 5-6.
[29] - René LEFEBVRE, L. ao seu filho René, 13 de Julho de 1930.

certamente de se operar, escreveu ela, um pequeno desapego, no fim do ano... Enfim, Deus guia-o; por mim, contento-me em rezar.[30] » Ao padre René, confiava «Marcel esgota-se tanto quanto possível e, apesar de saber que terá de se desapegar depois, empenha-se nas suas obras com todo o seu coração.[31]»

Sentia-se deveras à vontade, satisfeito por completo com os seus paroquianos:

> «Via-me como um pequeno pároco, dirá ele retrospectivamente, cuidando com zelo do meu pequeno povo. As missões não me diziam nada: percorrer as florestas, os desertos, para encontrar quantas pessoas? Eu prefiro manter a fé numa aldeia.[32]»

Tomava gosto pelo seu apostolado mas queria, antes de tudo, fazer a vontade de Deus. Sentia-se incitado a uma vida sacerdotal senão mais elevada, ao menos mais dura, provavelmente mais útil, certamente com mais renúncia.

Na primavera de 1931, a sua mãe descreveu assim o que apercebia do estado da alma do seu filho: «Marcel está muito solicitado para ficar (sem que ele no-lo diga) e, por outro lado, está excessivamente apegado ao seu ministério. Se ele desiste, terá muitos méritos; eu penso que a vida religiosa será o seu grande motivo». Lá, a senhora Lefebvre enganava-se, Marcel abraçaria a vida religiosa apenas para ser missionário. Mas onde a sua mãe via justamente, é quando acrescentava logo: «Ele busca o melhor, a sua paróquia era de sonho, ser pároco sem responsabilidade, ele diz que nunca mais seria tão feliz.[33]» O Padre buscava de facto o melhor; deu um primeiro passo nessa direcção no ano precedente, escrevendo ao seu Bispo, mas este *melhor* não era evidente. A sua mãe escreveu ainda a René: «A vontade de Deus está bem clara para ti! Peço-Lhe todos os dias que a torne para Marcel tão evidente como se fosse escrita... Ou falada, é a mesma coisa. [34]»

A vontade de Deus tornou a ser cada vez mais palpável, quando o Padre René entra no jogo. Solicitou já muitas vezes o seu irmão, mas em 1930-31, as suas cartas tornaram-se mais prementes:

> «Meu irmão, diz Marcel, bombardeia-me com cartas: "Vem ajudar-nos, estamos submersos em trabalhos aqui; estás a mais na

---

[30] - A SENHORA LEFEBVRE, L. À Dona Marie-Clotilde, 26-28 de Dezembro de 1930.

[31] - A SENHORA LEFEBVRE, L. À René, 28 de Novembro de 1930.

- RETREC, 8 de Setembro de 1982, às 17h00.

[33] - A SENHORA LEFEBVRE, L. À René, 21 de Abril de 1931.

[34] - A SENHORA LEFEBVRE, L. À René, 26 de Abril de 1931.

diocese" Isso era um pouco verdade, pois que o pároco me achava a mais, senti-o! Por motivo dessa razão, parti. [35]»

A razão e a fé exprimiam-se na pena do irmão mais velho, só havia que obtemperar e consumar o sacrifício, que nem por isso foi um dos grandes. Nunca iria arrepender-se. É em Dakar, às suas queridas irmãs carmelitas, que Monsenhor Lefebvre confidenciará mais tarde a chave do enigma da sua vocação missionária; citamos o diário delas:

«No dia 15 de Setembro de 1952 – A visita de Monsenhor Lefebvre. Ele exprimiu a sua alegria de ser missionário, porque em França não se entrega tanto. E reconheceu não o ter compreendido na sua juventude, pensando então que a França valia bem uma terra de missão. Foi o meu irmão que me empolgou.»

Entregar-se mais, tal foi o movimento da caridade divina que incentivou, mais do que atraiu, Marcel Lefebvre à vida missionária. Assim, uma vez o ano apostólico terminado, o Padre Lefevre tomou a pena para recordar ao seu Bispo o seu desejo de entrar na casa dos espiritanos. A resposta, em data de 13 de Julho, assinada pelo Padre Duthoit, chegou-lhe sem tardar:

«Sua Eminência o Cardeal-Bispo de Lilá encarrega-me de vos prevenir que vos autoriza a deixar a paróquia do Marais-de--Lomme a partir do 20 de Julho. A vossa substituição será provida no próximo Conselho do Bispado»

A vontade divina foi-lhe confirmada, o Padre Lefebvre escreveu à Casa Mãe da Congregação situada na rua Lhomond em Paris, para pedir a sua admissão ao noviciado dos padres do Espírito Santo.

---

[35] - RETREC 8 de Setembro de 1982, às 17h00

# Capitulo V

# Noviço – Sacerdote

## 1931-1932

*Tão verdadeiramente ama ele a Deus...*

O feliz afluxo de vocações missionárias no seio dos Padres do Espírito-Santo – 120 admissões apenas para o noviciado dos futuros Padres na reabertura de 1929 – Ainda obrigado a cindir em dois o seu noviciado, desdobrando Orly por Neufgrange em Lorraine.[1]

Foi em Orly que se apresentou o Padre Lefebvre no dia 1 de Setembro de 1931. Situada na Rua de Grignon, nº 126, em Orly, no sul de Paris, a propriedade compunha-se de dois edifícios dispostos em esquadro, dos quais o principal possuía um rés-do-chão, um primeiro andar e um segundo andar em estrutura de água-furtada. Associavam-se-lhes diversas dependências, bem como uma formosa e vasta capela separada, de estilo ogival. Toda a nave deste edifício estava ocupada por quatro fileiras de cadeiras de coro dispostas face a face, e a alta tribuna estava munida dum órgão.[2]

O pátio interior, um pequeno jardim e as hortas, não proporcionavam muito espaço à deambulação nem ao sonho, e os campos vizinhos não convidavam ao repouso senão em dias de passeio. Eis o quadro austero que acolhia o aprendiz noviço. Orly lembra evidentemente o Aeroporto. Contudo, «Não existia ainda o actual aeroporto, recorda um noviço de 1934-35, mas sim uma base aérea; sobre as nossas cabeças giravam os "gyro", antepassados dos helicópteros».[3]

Neste primeiros dias de Setembro de 1931, o Padre Marcel Lefebvre, acompanhado do seu jovem irmão José que queria tentar a

[1] BG 469, 284

[2] Os Padres do Espírito Santo tinham construído a casa e a capela. Esta última foi benzida no dia 8 de Setembro de 1887 pelo T.R.P. Geral B.G 568, 329.

P. Louis Carron 11 de Outubro de 1997 ms II, 35-36

vocação espiritana – mas que não perseverará nesta via - chegara ao entardecer à porta de “Grignon” A sua atenção foi atraída por um grupo de jovens sentados na encosta dianteira, que o olhavam com um ar trocista. Marcel dirige-se para eles:

– Boa tarde... Que fazeis aqui? É necessário tocar?

Não vale a pena. Não responde.

E mesmo assim esperais?

Sim, espera-se.

E esperais o quê?

Eh! Que no-la abram

Mas porque não a abrem eles?

Fazem isso para nos experimentar: Porta fechada?[4]

Ah! – exclamou Marcel – Eu vejo: é como na regra de são Bento: Ao recém-chegado não se deve facilmente facultar a entrada”[5]

Somente são Bento diz que é necessário o perseverar em bater.

E o Padre Marcel bem ia tocando com longos e insistentes golpes! Trabalho perdido

Contanto que eles não nos façam ficar especados “durante quatro ou cinco dias”, conforme sugere São Bento!

Por fim, à força de esperar, ainda assim antes de anoitecer, os postulantes viram a pequena porta abrir-se. Mas este duchezinho frio à chegada abriu-lhes o apetite; deste modo, mesmo tomada em silêncio, a sopa quente reconfortou os seus corações, eles estão preparados para sofrer muitas outras provas. Não constitui o noviciado, segundo a expressão consagrada, “o tempo durante o qual o candidato à vida religiosa experimenta as suas forças, o seu carácter para ver se a comunidade lhe convém e, por seu lado, o Mestre dos noviços o estuda e o prova para ver se ele convém à comunidade»?[6]

Marcel leu e releu o capítulo de São Bento que invocara há pouco:

«Designar-se-á, diz o Santo Patriarca, para cuidar do neófito, um antigo que esteja apto a ganhar as almas, que o vigie em tudo e se preocupe com solicitude se ele procura Deus verdadeiramente e se diligencia em fazer o melhor pela obra de Deus, na obediência e nas humilhações.»

Sim, Marcel não veio aqui senão para “buscar a Deus” Quanto

---

[4] P. Aléxis Riaud E. 8 de Novembro de 1997 ms II 42, 26-27

[5] S. Bento Regra cap. 58 Da maneira de receber os irmãos.

[6] P. Paul Commanche – O Padre Eduardo Epinette, missionário, edição Dillon Paris 1936 p. 40.

à obediência e às humilhações, ele quer exercitá-las, pois que elas estão no programa. Entre as seis centenas de noviços de todas as proveniências, do Canadá à Polónia, da Trinidade à Ilha Maurícia,[7] encontraram-se em boa proporção seminaristas que escutaram os apelos do Papa em favor das missões. Este apelo do "Melhor" atraiu igualmente três confradres de Marcel em Santa Chiara,[8] das quais dois sacerdotes. O primeiro , Yan Wolf, acabava de passar dois anos como Vigário em Saint-Maixent e seria mais tarde Bispo de Diego-Suarez, em Madagascar. O segundo é Emile Laurent, que tinha entrado com Marcel em Santa Chiara, em 1923, onde era o estudante mais jovem; ele prolongou um ano os seus estudos romanos. Com ele o Padre Lefebvre "estabelece uma amizade maior" [9] Outros noviços são Jean Mouquet, sobrinho do Deão de Nossa Senhora de Tourcoing, futuro "Gabonês", e Joseph Michel, nono filho duma bela familha bretã de doze filhos, que dará à Igreja sete consagrados. Em Dezembro, Gilles Sillard, um outro futuro "Gabonês" e Gerard de Milleville, futuro Arcebispo de Conacry, juntar-se-ão ao pequeno grupo, enquanto que Robert Dugon, de quem narramos o movimentado itinerário, terminará seu noviciado no dia 8 de Dezembro.[10]

## *Bem aventurado ensino da vida espiritual*

O superior da casa, o Padre Joseph Oster, decano da Congregação, tinha sido Prefeito Apostólico de Saint-Pierre-et-Miquelon. Mas o religioso que estava em constante relacionamento com os jovens recrutas era o Padre Noël Faure, mestre dos noviços, que tinha sido chamado de Guadalupe em 1929 para suceder neste cargo ao Padre Henri Nique.[11] Mistura de austeridade e de bondade, era ele um fino psicólogo e convidava os seus noviços a uma total abertura de alma. Bom pedagogo, regia um apaixonante curso de vida espiritual e religiosa, tratando também das Constituições.[12]

O Padre Gaston Cosse, Professor adjunto, tinha chegado do Loango (Congo) e esforçava-se por cuidar sua doença do sono; ele regia o curso sobre a Missão. Quanto ao Padre Charles Desmats, era ele o confessor de todo este pequeno mundo. Ainda que doente dos olhos, estava encarregado do curso de Direito Regular,[13] exposição deta-

---

[7] BG 502, 709; 506, 883-884 Quarenta e quatro fizeram profissão
B:G: 498,532
Echos 59; PL., 43
[10] Memória Espiritana nº 4, pp. 52 e 87
BG, 442, «Nos doyens»; 502; 711; 471; 381
MS. II 30, 8-10 , 40, 30-33
MS. II 40, 66-68; 42, 34-38

lhada do Estado Religioso, insistindo sobre o voto de obediência, "holocausto da vontade e força do corpo religioso"

Para aliviar o Padre Desmat, encarregou-se Marcel da regência dum curso.[14] O caderno de notas de Sagrada Escritura, tão cuidadosamente por ele guardado, somente pode ser o caderno de notas do noviço professor. Ali ele tratou do Evangelho, dos Actos dos Apóstolos e das Epístolas, constituindo depois, como supremo corolário de tudo, as Bem-Aventuranças, que resumem o Espírito de Jesus Cristo.

O curso de vida espiritual do Padre Faure fez a felicidade do nosso noviço. Ele tinha sofrido em Roma, com a lacuna dum verdadeiro curso a este respeito, lamentando que a sobrecarga dos estudos não lhe permitisse seguir assiduamente as lições de Teologia espiritual do Padre Joseph Guibert S.J., na Gregoriana: «Faltava-nos, dirá ele, este ano de reflexão, de oração, de estudos, sobre aquilo que constitui verdadeiramente a vida interior, a vida de perfeição».

Afinal não somos nós «corações feitos para viver uma vida interior intensa em união com Nosso Senhor e buscando a aquisição das virtudes necessárias à nossa identificação com Nosso Senhor». Precisamente esta lacuna dum curso de doutrina espiritual, tinha-a o vigário Lefebvre experimentado em Lomme querendo «amoedar a sua ciência, colocá-la verdadeiramente ao nível dos fiéis, que eles, sim, aspiram à vida interior.[15]

O Padre Faure inspirava-se no clássico compêndio de teologia ascética e mística de Tanquerey, completado muito harmoniosamente por três grandes retiros pregados: retiro de conversão, retiro de oração e retiro de profissão.[16]

## *O espírito do venerável Libermann*

O "retiro de conversão" ou grande retiro, teve lugar de 25 de Novembro a 4 de Dezembro de 1931; seguindo o plano da "Primeira Semana" dos exercícios espirituais de Santo Ignácio, que coloca a alma diante do pecado, "o grande Mal, pode mesmo dizer-se o único mal", para lhe arrancar as raízes e operar na alma "um progresso verdadeiro e profundo"; na condição de que ela não permaneça no temor servil, mas toda desabroche no temor filial.[17]

---

[14] Marziac I, 91; Ph. Héduy, Monseigneur et la Fraternité, SPL, p. 7

[15] - COSPEC 59 A, 16 de Maio de 1978; 3 de Novembro de 1980; AMREIN, Passim MS II, 40, 35-37

RETREC, 18 de Setembro de 1979

Eis o que foi infalivelmente realizado pelo "retiro de oração" pregado na Primavera segundo a doutrina espiritual do venerável Libermann. O nosso noviço apercebeu-se dos três movimentos desta espiritualidade exigente e pacificante: «renúncia, paz, união com Deus». Pouco a pouco, a graça divina estabelece a sua alma nesta união de uma forma quase habitual, por meio dum olhar simples e sintético sobre o mistério que, desde Roma, cativava a sua alma: O mistério de Nosso Senhor Jesus Cristo e da sua Cruz, «Mistério insondável da Caridade de Deus para connosco». Como não responder a este dom por meio duma caridade recíproca para com Deus: «sic nos amantem, redamaret!»[18]

Marcel Lefebvre não conhecerá o hiato, que alguns experimentaram entre a oração e a acção: «A vida do Espiritano, escreve ele, deve ser a contemplação dando-se à acção. É necessário suprimir, tanto quanto nos for possível, a separação entre a oração e o trabalho; não abandonemos Deus para dá-lo aos nossos irmãos!»[19]

## *Ascese e Purificação*

Na base da vida de união a Deus, Libermann colocava uma renúncia perfeita e universal a todas as coisas e a si mesmo,[20] a qual constituía precisamente o objecto da ascese do noviciado. A repartição do tempo que não deixava três quartos de hora sem que se mudasse de exercício, os trabalhos maçadores e inopinados, vinham exercitar a disponibilidade e o espírito de renúncia do julgamento. Cada semana, no capítulo das culpas, cada um se via assinalado por algum confrade Vigilante nesta ou naquela falta.«Por uma coisa de nada, era necessário colocar-se de joelhos e beijar a terra. Com bom senso não se fazia disso um drama,» Marcel fazia com seriedade estes gestos humilhantes: Sendo sacerdote, ele devia dar o exemplo.

Da mesma forma, ele não resmungava em tomar as disciplinas. Este meio de penitência, usual em Orly, aparece entre as suas resoluções de fim de noviciado. Todavia não se manteve nessa resolução. Tanto mais que o Padre Libermann considerava que um missionário, por outras mortificações que tivesse, a menor não seria o calor. Todavia, foi o frio que provou o nosso noviço:

> «Este foi um ano frio, conta ele, meu Deus, meu Deus! Como é possível fazer sofrer noviços desta maneira? Incrível!»

---

[18] Ibid; COSPEC 80 B, 4 de Novembro de 1980

[19] Notas tomadas em Orly

[20] Lettres spirituelles, I, 205-206 (Lettre 38)

A sala da comunidade era a única aquecida; a água da torneira do corredor gelava nas bacias de lavagem à noite.

Colocávamos quatro, cinco, seis cobertores, isso pesava mas não aquecia. Oh, é espantoso, eu não sei como não morro de frio». «E ainda por cima, faziam-nos ler Rodriguez (Livro da Perfeição Cristã) uns atrás dos outros, no pátio, lá fora. Fazia um frio terrível, já não sentíamos os dedos que seguravam o livro.»[21]

Ora bem, à ascese do frio, sucedeu a provação da doença desde o fim de 1931, ele foi sujeito a fortes dores de cabeça; apos uma acalmia, uma fadiga cerebral aguda desencadeou-se em Junho de 1932

«O seu noviciado, narra a sua irmã carmelita, cumpriu-se com a maior fidelidade, para não ser muito mais do que uma ascensão para Deus; todas as suas cartas respiravam o divino perfume, a sua experiência aprofundava-se, a sua saúde, entretanto, declinava até dever passar o seu tempo numa longa cadeira no jardim... Que humilhação!»

Ele aceitou-o "com toda a simplicidade", acrescenta ela, porque "ele sabia transformar as provações em acção de graças.

A leitura do Santo Abandono de Vital Lehodey ajudou-o a aceitar a vontade divina do seu descanso, mas como a cadeira longa não era suficiente para "o arejamento do seu cérebro" o noviço foi reenviado a respirar o ar do seu país natal, ou pelo menos de uma casa de campo onde se juntou a sua mãe:

«Marcel, escreve ela, passou em nossa casa quinze dias de repouso, limite permitido fora do postulado (Noviciado) (....) eu agradeço ao bom Deus estes momentos, um pouco de paraíso, que eu passei com ele (...) se bem que quase pudesse interrogar-me se não haveria em tudo isto, uma muito delicada atenção da Providência.»[23]

## *A consagração ao apostolado*

Estas provações, fortificavam o futuro missionário, exercitavam-no a esta virtude de força tão necessária, que consiste antes de tudo na paciência e na constância:

«Para ser apóstolo, ensinava o Padre Faure, é necessário possuir a

---

P. Louis Carron CSSP MS II 30, 23-27; S. Exc. Monsenhor de Milleville, MS. II 40 19-20 e 41-43 ; PHLH, 44 carta

[22] MFMM 3 e 10

Madame Lefebvre, Carta aos seis filhos mais velhos, 23 Junho 1932

força e a bondade. *Conforta te et esto vir!* Fortifica-te e sê homem! A força apostólica constitui uma santa audácia. A timidez, o respeito humano, constituem outros tantos obstáculos a esta força. A bondade, é feita de doçura, de indulgência, de flexibilidade, facilidade natural ou adquirida em se adaptar aos outros.»[24]

Estas noções das virtudes apostólicas eram completadas por conferências bem vivas, pronunciadas por missionários de passagem; como por exemplo, as do Superior Geral dos padres brancos, e do Superior das missões africanas de Lyon, impressionaram; mas o que aconteceu quando Monsenhor Tardy veio fazer uma descrição animada dos progressos da sua missão no seio da floresta e da fauna hostis do Gabão! Algumas fotografias circulavam de mão em mão mostrando um "ensonado" em estado bem lastimoso, ou uma bela família cristã, ilustrando "a acção profunda que o baptismo opera no homem" « É toda uma transformação, concluía o Bispo, transformação do olhar, do porte, da expressão, da atitude, que traduz a transformação da alma»[25]

Como todos os noviços, Marcel estava curioso por saber para onde seria nomeado. Ao lado do seu irmão mais velho? Era um sonho! De resto, este segredo não seria revelado senão no dia da "consagração ao apostolado" Assim ficou ele muito surpreendido ao ouvir Monsenhor Tardy, apanhando-o de passagem, dizer-lhe à queima roupa:

Vem para nossa casa, sabe?

O coração do noviço soltou, mas respondeu, esforçando-se por manter a distância:

Eu não sei nada disso, depende do Superior Geral.

Sim, sim, sim, retomou o Bispo, eu estou certo, não deve recusar! Sobretudo, o seu irmão está lá em baixo, é necessário seguir o seu irmão.

Marcel manifestou ainda o seu abandono às vontades superiores:

Se o Superior Geral está de acordo, eu vou para vossa casa.

Todavia, Monsenhor Tardy acrescentou, descobrindo todo o seu jogo:

Depois, como fez os estudos em Roma, será professor no seminário![26]

---

[24] Notas tomadas em Orly BG 526, *Avis du mois* (Avisos do mês) de *Monsenhor Le Roy.*

B:G 502, 710; Echos, Dezembro 1931 – Janeiro 1932, pp. 61-62 Monsenhor Tardy tinha proferido a mesma conferência em Santa Chiarra.

[26] PHLH, 45

Oh! Então lá, dirá retrospectivamente Monsenhor Lefebvre, era a coisa que mais me assustava. Oh não, tal não era possível. Eu gostava muito da pastoral, o ministério. Sentia ter feito bastante por isso. Mas professor, ah! Não, não, não! Professor de seminário, não!

Ele respondeu ao Bispo:

> Sabe, eu não sou mais capaz do que os outros! Não acredite que pelo facto de ter feito os meus estudos em Roma, darei um melhor professor.
>
> Ah! Mas sim, mas sim, insistiu Monsenhor Tardy. [27]

Mais não tinha senão inclinar-se; mesmo assim era África. Entretanto, o ano chegava ao fim. O noviço experimentava sempre um pouco de fadiga; então, simplesmente, ele dizia que "isso mudaria com a mudança de vida"[28]. O retiro preparatório à profissão religiosa iluminará a dualidade da "vida religiosa e apostólica" dos espiritanos por um principio unificador:

> «Religioso Missionário, escreve Marcel: O nosso fim pessoal e o nosso fim apostólico. Um depende do outro, o amor de Deus, bem como o do próximo caminham a par. Frequentemente, os padres buscam a sua própria santificação e negligenciam as almas. Outros, pelo contrário, sob o pretexto de zelo pelas almas, fazem mais mal (pior) que os primeiros.»[29]

Os frutos destes nove dias de retiro, resumidos em quadros sinópticos de vida espiritual muito originais, consubstanciavam-se em duas palabras de ordem O primeiro: «Et nos cognovimus et credidimus caritati» (E nós conhecemos e cremos na caridade de Deus) (I João 4, 16) , acompanhava-se das palavras "Deus est caritas" (Deus é caridade) " Sapientia a Deo! (A sabedoria é de Deus) com esta palavra, "Caritas", sobre o Coração Imaculado de Maria desenhado pela mão do noviço.

A segunda palavra de ordem, digna do fiel discípulo do Padre Le Floch, era atinente à pregação: «Palavra de fé. A verdade, clara, pura, toda íntegra, simples e forte. Nenhuma transacção quando se trata de doutrina.» Não estará aí todo o futuro de Monsenhor Lefebvre?

Por fim chega o dia 8 de Setembro. Dispostos à volta do altar, os noviços revestidos desde há um ano da sua sotaina sem botões aparentes, cingidos pelo cordão espiritano, emitiram, na presença de Monsenhor Hunsec, a sua profissão dos três votos simples e trienais

---

[27] Opus cit. , p. 46

[28] Senhora Lefebvre, carta à sua filha Bernadette, 17 de Agosto de 1932

[29] Notas de Orly

de pobreza, castidade e obediência, precedidos do seu compromisso na vida religiosa e apostólica no seio da Congregação. Depois, com os seus dois confrades sacerdotes, o padre Marcel Lefebvre, pronunciou, perante o Santíssimo Sacramento exposto, a sua consagração ao Apostolado:

> «Adeus pois, oh meu país onde eu deixo tantas recordações, amigos de infância, pais amados!...Adeus!...Pelo amor de Deus, que me criou, resgatou e santificou, na presença de Nosso Senhor Jesus Cristo (....) Eu consagro-me solenemente ao apostolado no seio da Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, e eu me constituo para sempre o servidor das almas abandonadas.» [30]

Os pais do Padre Marcel bem como os dois sacerdotes vindos para a circunstância, o Deão de Notre-Dame e o bom Pároco de Marais-de-Lomme, não esconderam, quer algumas lágrimas, quer a confissão da sua emoção.[31] Anteriormente, o Superior Geral tinha indicado aos três que estavam de partida, o campo de acção onde a Providência os enviava: Emil Laurent no seminário menor de Yaoundé, Marcel Lefebvre no seminário de Libreville e Jean Wolff em Diego-Suarez.

## *O Adeus — A Partida*

Antes de embarcar, Marcel Lefebvre teve um período de férias em família. Ele consagrou-o a palmilhar a diocese para dar uma conferência sobre a Missão, apresentando um filme que lhe havia sido entregue pelo Padre Nique, Provincial da França; ele pregou desta forma em numerosas paróquias,[32] sem contar dois retiros às crianças dos patronatos Notre-Dame e Saint-Jacques de Tourcoing.[33]

Domingo dia 2 de outubro 1932, teve lugar a despedida à Paróquia de Lomme: «Sermão de Marcel na missa cantada, conta a Senhora Lefebvre, jantar em família, com a avozinha, em casa do Senhor Pároco[34], sessão do filme à tarde, regresso às nove horas. Marcel foi acolhido duma maneira tocante, ele era verdadeiramente amado; era uma espécie de triunfo; assim que aparecia na sala, cada um lhe queria apertar a mão.»[35]

---

[30] BG 504, 801-804

Senhora Lefebvre, carta à sua Filha Bernadette, 24 de Setembro de 1932

À Roubaix, Tourcoing, Linselles, Eswtaires, Valenciennes, Lannoy, Cambrai, Florennes e à Lomme

[33] Senhora Lefebvre, carta ao seu filho Padre René, 29 de Setembro de 1932

[34] Algumas fotos foram feitas na ocasião

A Senhora Lefebvre, carta a Bernadette, 5 de Outubro de 1932

Uma anciã de Lomme recorda-se:

«Estou a revê-lo, ele tinha uma pequena barba, era um belo homem, um belo rapaz. Fez-se uma pequena festa na sala, Rua Kulhmann. Cantou-se "É apenas um até à vista" Ele chorava! Eu era pequena, mas recordo-me. Ele tinha-se apegado à paróquia.»[36]

Compreendendo que havia dúvidas de que Marcel fosse enviado ao seminário de Libreville, o Padre René confessava "não ter ainda ousado sonhar na possibilidade da vinda de Marcel para Libreville" "Não haverá, acrescentava ele, no seio da Missão, obra mais bela que lhe possa ser confiada.»[37]

A senhora Lefebvre temia sempre que as dores de cabeça de Marcel se renovassem com os cursos que ele ministraria no seminário,[38] todavia regozijava-se com as disposições sobrenaturais do filho:

«Marcel vai ter contigo, escrevia ela à René, ele está particularmente feliz por te reencontrar, sem desejar contudo nada mais do que a obediência... É precisamente por isso que vós vos desfrutareis mutuamente de forma absolutamente plena!»[39]

Por fim, o Padre Marcel, munido da benção paternal e da do Superior Geral, Rua Lhomond, partiu para Bordéus. Deu um salto a "Notre-Dame d'Embaloge", em Mirande (Gers), a fazer as despedidas da sua irmã Bernadette (Irmã Marie-Gabriel) e embarcou em Bordéus no dia 12 de Novembro de 1932 no "Foucault", um Paquete novo da companhia dos "Chargeur Reunis", o qual, colocado ao serviço em 1930, servia a costa ocidental de África.[40]

---

[36] A Senhora Léonie Vanheye-Vauchelle, E. Agosto de 1998

[37] Cf. A Senhora Lefebvre, carta à René, 1 de Setembro de 1932

[38] MFMM, 3

A Senhora Lefebvre, carta à René, 29 de Setembro de 1932

A Senhora Lefebvre, carta à Bernadette, 31 de Outubro de 1932; BG 508, 975; 471, 368.

## Segunda Parte

# O MISSIONÁRIO

# Capítulo VI

# Sertanejo no Gabão

## 1- Os filhos de Libermann em África

### *A grande Floresta e seus habitantes*

O Gabão coincide com a bacia de Ogooné e dos seus vizinhos, rios imensos, com estuários formados por um labirinto de lagos e de braços sinuosos; navegáveis nos seus cursos inferiores, eles são, nos superiores, barrados por perigosos e inultrapassáveis rápidos.

A perder de vista, sobre um terreno cinzelado de colinas, estende-se a floresta equatorial. O clima permanentemente húmido e quente, que as chuvas torrenciais não fazem senão agravar durante oito meses por ano, atrai bichinhos malfazejos[1], causadores do paludismo, da doença do sono, da biliose hematúrica, etc... bem mais perigosas que as ágeis panteras e os vorazes caimãos.

As populações, pela salvação das quais os missionários expõem a sua saúde e a sua vida, compõem-se, além dos raros Pigmeus originários, de vinte e cinco tribos bantos semi-nómadas (em virtude do esgotamento do solo) que tendem a fixar-se e têm cada uma os seus costumes e o seu dialecto próprios. O Padre Marcel conheceu sobretudo os Pongos do estuário, inteligentes e comerciantes, os seus primos Galoas ou Mienes, do baixo Ogooné, e os Fans, belicosos e vingativos habitantes do norte, que invadiram todo o Estuário.

Todos estes indígenas vivem em aldeias de vinte a cem choupanas disseminadas ao longo dos cursos de água, o que facilita o ministério, ou no interior das terras, à beira das veredas que serpenteiam sobre as cristas da grande selva. Vivem em famílias alargadas ao conjunto dos descendentes dum mesmo antepassado com os tios, tias, primos e primas, proveniente quer da primeira mulher, quer de outras, contanto que elas tenham sido compradas. Os missionários, que reprovam uma tal poligamia, têm o cuidado de respeitar a hierar-

[1] B:G: 496, 521

quia do clã, que encontra a sua razão de ser no quadro duma solidariedade protectora que o Baptismo transformará em caridade.

Os habitantes crêem fundamentalmente num Deus pessoal e Criador, bem como na sobrevivência da alma; mas o seu culto vai para os Manes dos antepassados e os poderes protectores que são os demónios, cujos feiticeiros lhes utilizam a acção, por sortes ou pela adivinhação, mantendo assim um temor permanente; os ódios tenazes, homicídios e, sobretudo, a ignorância do verdadeiro Deus e único Salvador.[2]

No terreno, vem o Padre Marcel Lefebvre, no seguimento de todos os seus predecessores, fazer florir a santa caridade de Deus: Credidimos Caritati. (Cremos na caridade)

## *A evangelização do Gabão — Monsenhor Bessieux e os seus sucessores*

A evangelização continental da África equatorial foi começada pelos Portugueses em 1491, graças aos missionários e, bem depressa, à ajuda de sacerdotes indígenas das ilhas ou do continente. A Igreja implantou-se nos reinos do Benim e do Baixo Congo. Teve a sua hora de glória, quando, no dia 8 de Maio de 1518, Henrique, filho de Pedro III, Rei do Congo, formado em Coimbra, foi sagrado Bispo pelo Papa Leão X. Em 1596, foi fundada a Diocese de Angola e do Congo. Terá sido porventura o Gabão, onde desembarcou Duarte Lopez - no Cabo que leva o seu nome -, atingido por sucessivas vagas missionárias de Agostinhos, de Jesuítas e de Capuchinhos? Sempre é verdade que delas nada restava no século XIX![3]

Foi através do intermediário providencial do Abade Desgenettes, Pároco de Notre-Dame des Victoires em Paris, que o Venerável Libermann entrou em relação com Monsenhor Edward Barron, Prelado americano recentemente nomeado Vigário Apostólico das «Duas Guinés», território imenso estendendo-se do rio *Senegal* ao rio *Orange do Sul*. Mas ai! A primeira expedição dos filhos de Libermann ao Cabo de Palmao (Libéria) acaba em tragédia, pois que seis dos sete missionários sucumbiram às febres africanas. O sobrevi-

---

[2] Échos, dezembro 1931, Janeiro de 1932; B.G 498, 521; P. Marcel Lefebvre, plano de conferência sobre a missão do Gabão, 1945- 1946:
COSPEC, 81 A 6 de Novembro 1980; RETREC, 8 setembro 1982; 15h00.

[3] M.J. Bane, SMA, Catholic pioneers in West África, Clunmore and Reynolds Dublin, 1955, p. 34; Abbé Boulanger, Histoir General de l'Eglise, T. III, vol. VII, p. 588; G.G- Beslier, l'Apôtre du Congo, Mgr. Augouard, ed. de la vraie France, Paris, 1926, p. 94 ; Koren, 198 ; BF 86, 296 ; 109, 371.

vente, o Padre Jean-Remy Bessieux (1803-1876), que se acreditava ter falecido, acabou por desembocar lá, onde não fora enviado: ao Gabão, em 28 de Setembro 1844. Estabeleceu-se perto do Forte Aumale, edificado pela Marinha Francesa quatro anos antes. Em 1848, um grupo de negros, libertados dum navio de negreiros, foi instalado junto da estação, sobre um pequeno planalto, que tomou, por essa razão, o nome de Libreville, e Bessieux e seus primeiros companheiros, daí começaram a instrução cristã. Em 1849, chegaram as primeiras irmãs da Imaculada Conceição de Castre[4], e Monsenhor Bessieux, sagrado Bispo na Europa, regressou ao Gabão como Vigário Apostólico das Duas Guinés.

Ele fundou em 1860 a Paróquia de Libreville, São Pedro, dedicada à conversão dos Pongos. Os seus sucessores penetraram no País, subindo os rios (O Komo, o Ogoné e o seu afluente, o Ngounié), fundando uma dezena de estações, a última das quais fundada por Monsenhor Tardy em 1929, de nome Oyem, graças a um exército de cento e vinte catequistas vindos das estações existentes. Estes «grandes meios» produziram os seus frutos: Um ano depois, Oyem contava já sete mil catecúmenos.

Monsenhor Luís Tardy, missionário em Ndjolé de 1904 a 1918, tinha regressado como Bispo em 1926. Ele dispunha de vinte e cinco Padres Espiritanos, de seis Padres indígenas, dezasseis irmãos, três irmãos de São Gabriel, ensinando na escola Montfort, em Santa Maria de Libreville, e trinta e três irmãs da Imaculada, ensinando as raparigas. O génio de Monsenhor Tardy consistiu no desenvolvimento da congregação indígena das irmãzinhas de Santa Maria do Gabão, fundadas em 1911. Instrumento essencial para a libertação da mulher, a congregação atingiu rapidamente o número de cinquenta religiosas, formadas pelas «Soeurs bleues» (irmãs azuis), e tornou-se independente em 1949. Segunda característica do génio do Bispo: a formação dos catequistas, auxiliares indispensáveis dos sacerdotes, colocados nas aldeias sob a responsabilidade dos chefes catequistas da região. Graças a estas milícias de multiplicadores, a Cristandade Gabonesa alcançou progressos assombrosos. O quadro que segue disso nos convencerá:

[4] Fundadas em 1836 por Santa Emília de Villeneuve, chamam-se-lhes também «Soeurs bleues»(«Irmãs azuis») Elas foram as auxiliares privilegiadas dos Espiritanos no Gabão e noutros lugares.

| Situação anual [5] | 1925 | 1931 | 1938 |
|---|---|---|---|
| Catequistas | 152 | 700 | 1451 |
| Católicos baptizados | 18660 | 30000 | 69684 |
| Catecúmenos | 3400 | 35000 | 43130 |

É verdadeiramente então que a Igreja Católica começou, seguindo as orientações da Santa Sé, a «ocupar» o País.

É verdadeiramente então que a Igreja Católica começou, seguindo as directivas da Santa Sé, a «ocupar» o País.

## 2. No Seminário São João de Libreville, 1932-1938

### *Para um clero indígena, um Seminário indígena*

Desde os inícios, no século XV, a Santa Sé tinha estabelecido este objectivo total da Missão: uma Igreja local suficientemente desenvolvida para prosseguir o seu caminho sob a direcção do seu próprio clero.[6]

A formação dum clero indígena era também a preocupação do Padre Libermann; todavia, com uma intuição de África que a Igreja reconheceria, ele quis formar os Padres africanos no seu próprio território[7] Neste quadro espiritual nasceram em Dakar, em 1847, e em Libreville, em 1861, os primeiros Seminários menores mantidos pelos filhos de Libermann.

### *O Seminário São João de Libreville*

Nos seus primórdios, os estudos encetados no Seminário eram concluídos em Paris. O grande Seminário principiou em 1874, mas foi somente em 1899 que foi ordenado o primeiro sacerdote gabonês, o Padre André Raponda-Walker, especialista da flora e fauna locais[8], que conheceria mais tarde o Padre Marcel. O fraco desenvolvimento intelectual do meio familiar, bem como o atractivo das profissões lucrativas aos quais os ex-seminaristas podiam aspirar por força

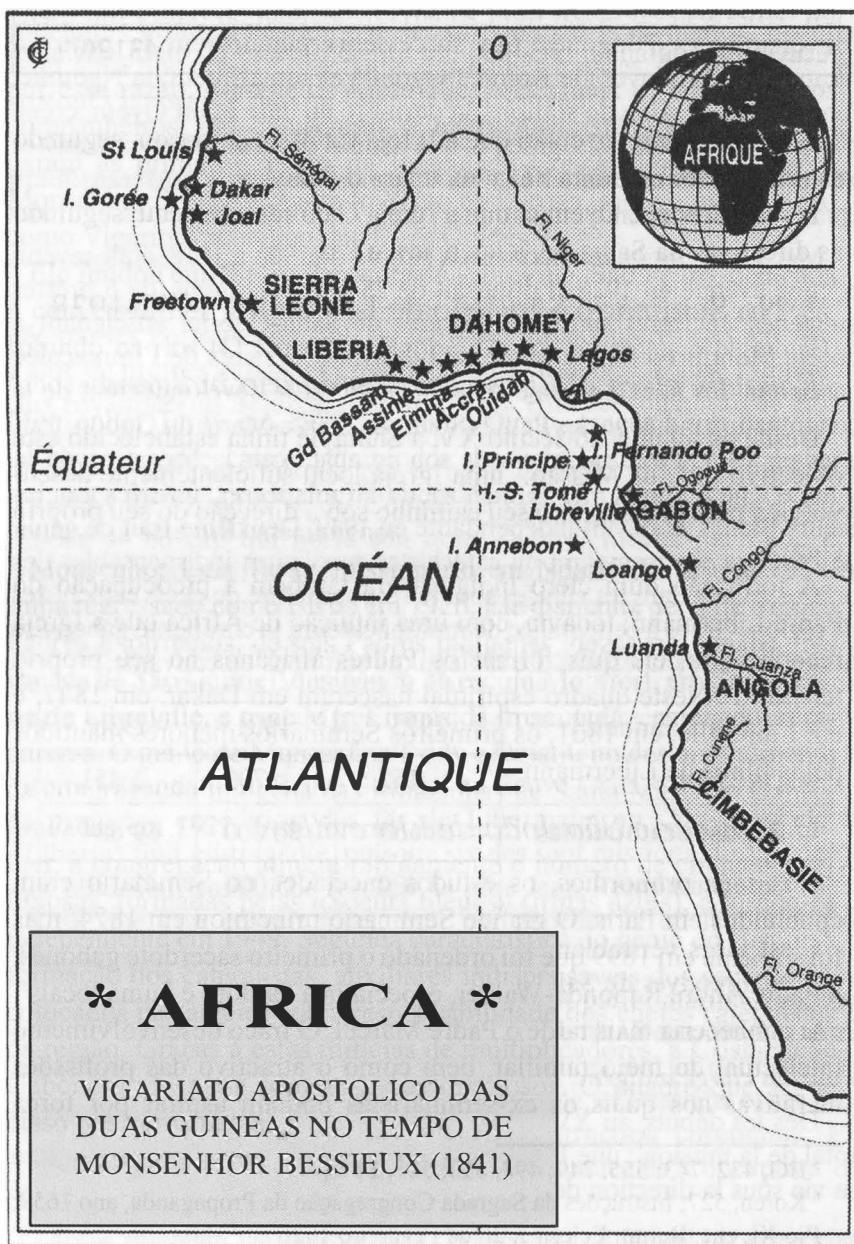
[5] BG, 432, 743; 555, 749; 498, 522; 581, 21 sq.

[6] Koren, 527; Instruções da Sagrada Congregação da Propaganda, ano 1659; Pio XI, enc. Rerum Eclesiae, 28 de Fevereiro 1926

Colectánea, S.C. de Propaganda da Fé, imp. Polygl., 1893, nº 228, p. 84, B.G. 425, 457; BF 86, 290

[8] Koren, 528; BG 516, 308. Estados identificadores dos missionários, Arquivos nacional do Gabão, 1 E 187

# * AFRICA *

VIGARIATO APOSTOLICO DAS
DUAS GUINEAS NO TEMPO DE
MONSENHOR BESSIEUX (1841)

dos estudos realizados, constituíam obstáculos à perseverança. Na reabertura de 1929, Monsenhor Tardy dispunha de dez sacerdotes indígenas, e o Seminário dirigido pelo Padre Charles Remy contava trinta alunos: vinte e dois seminaristas menores conduzidos pelo Padre Fauret e oito seminaristas maiores.[9]

No ano seguinte, segundo a sugestão da Sagrada Congregação da Propaganda, de 31 de Janeiro 1926, o Seminário São João de Libreville tornou-se intervicarial, reagrupando os candidatos do Gabão, do Congo-Loango (Futuro Vicariato de Pointe-Noire) e Congo-Brazaville. O Padre Fauret dele foi nomeado Director, e o Padre René Lefebvre seu assistente em Abril de 1931. Este último tinha sido sucessivamente afectado a Ndjolé, a Sindara e a Pot-Gentil e a chegada do Padre Marcel, no ano seguinte, permitir-lhe-ia assumir o cargo de Vigário de São Pedro de Libreville.

Em princípios de Dezembro de 1932, o Padre Marcel Lefebvre, acompanhado do seu irmão e do Padre Paul Defranould, sólido Vosgo e Vigário-Geral de Monsenhor, trepava o pequeno outeiro que conduzia do Porto à Missão Santa Maria. Com o olhar, ele abraçava o panorama: Atrás dele, todo o estuário se espraiava, até à Pointe--Denis, e diante dele a humilde catedral[10], resplandecente de brancura, recolheu a sua primeira oração na penumbra da abóbada artesoada e dos seus frescos. À direita, o caminho conduzia à casa das Irmãs azuis e à escola para trezentas e cinquenta meninas, bem como ao noviciado das Irmãs indígenas e à obra das noivas pahouines[11] Por detrás, o imenso pátio estava rodeado, ao fundo pela escola dos aprendizes do Padre Jean Kergean, à esquerda pela residência dos Irmãos e pela imprensa fundada pelo Padre Joseph Petit Prez.

Mais à esquerda, os edifícios do Seminário compunham-se duma bela casa de boa e grossa pedra castanha escura do litoral, bem como de um imóvel perpendicular, construído em nível inferior, em todo o comprimento, sobre dois níveis, em material leve: a escola Montfort, emigrando para São Pedro em 1930, tinha assim deixado os seus edifícios a São João, que deles bem tinha necessidade.

Na residência dos sacerdotes e do Vigário Apostólico, rodeado pelas suas frescas e arejadas galerias, foi o Padre Lefebvre acolhido de braços abertos por Monsenhor Tardy.

---

[9] BG423,392; 432, 749

[10] Monsenhor Lefebvre, delegado Apostólico , benzeu a primeira pedra da segunda catedral no dia 28 de Junho 1959; BG 686, 164

[11] Moças em espera para o casamento, ou jovens mulheres consorciadas com polígamos e refugiadas na Missão. BG 432, 748

Era portanto sob a direcção do Padre Fauret que o Padre Marcel ia colaborar na arte das artes da Igreja, na obra missionária por excelência: a formação dum clero autóctone. Nascido em 1902 em Arrens-en-Bigorre, no seio duma família de agricultores, Jean-Baptiste Fauret escondia um coração ardente e empreendedor atrás dum aspecto austero, dum rosto ossudo, de seu nariz quebrado como que por uma barba escassa e ponteaguda[12].

Com obediência e zelo, o jovem Padre Lefebvre consagrou-se ao ensino, partilhando com o Padre Fauret todos os cursos do Seminário Maior e Menor. O Padre Marcel assegurou, entre outros, os cursos de Teologia Dogmática e Sagrada Escritura, procedendo por ciclo, para ter todos os alunos em conjunto. Considerando os seus dons para a mecânica, o Padre Defranould aproveitou-o como motorista da Missão da mesma forma que lhe coube, em breve, o encargo do economato da Missão[13]

O regime alimentar comportava pão, mas alicerçava-se nos produtos das plantações da Missão: mandioca e bananas, sobretudo, inhames e batatas doces, como manjares de escolha preferencial, com acompanhamento de peixe e mais raramente carne de porco (preparado com óleo de palma ou pistachos) e com pimento.

O pai do nosso missionário-professor, Senhor René Lefebvre, idealizava a vida do seu filho mais novo, escrevendo ao mais velho: «Nós seguimos Marcel, no seu Mosteiro, ideal, segundo o que dele sabemos, pelo espírito que aí reina, pela piedade, a calma e a beleza do sítio e da vegetação[14]

Marcel ocultava portanto o calor húmido, esmagador, que faz com que vivamos permanentemente banhados em suor e solicita um esforço perpétuo para volver aos estudos e preparar os cursos.

Homem de vontade, o Padre Lefebvre tinha êxito em manter a sua saúde, a conciliar o seu sono nas noites húmidas. Ele conseguiu entender-se bem com o Padre Fauret, o qual, contudo, «não era cómodo».

Por seu lado, o Padre Fauret, gostava, durante as refeições, de implicar com o Padre Marcel, mas depressa compreendeu que não teria a última palavra, as réplicas processavam-se pacificamente, mas imbatíveis, para grande divertimento de Monsenhor Tardy. A amizade do tenaz flamengo e do orgulhoso Bigordano daí se reforçou.

[12] BG 446, 350; noticia biográfica em folheto, Junho 1994
PHLH, 47-48; Marziac I, 91-92.

[14] René Lefebvre, carta à René, 24 de Março 1933

Os meses de férias chegaram e o Padre Marcel e seu irmão efectuaram com os seminaristas uma pequena digressão na selva. O segundo ano de professorado reforçou a boa colaboração dos sacerdotes com o seu Bispo, que a manifestou, por escrito, com satisfação, aos pais do Padre Lefebvre, confiando-lhes o seu coração «em acção de graças»[15] Segundo o testemunho do Padre Fauret, o Padre Marcel era muito maleável, muito agradável, sorridente, firme nas suas idéias, muito amado pelos seus alunos e apreciado pelos padres, manifestando desde os começos da sua vida missionária uma competência e um gosto particular pela formação de sacerdotes[16]

Marcel, escreve Madame Lefebvre, está «tão feliz, mas não alimenta ilusões a respeito do trabalho que resta para iluminar as pobres inteligências e fortificar as vontades que lhe estão, em parte, confiadas... Somente a graça pode operar tal prodígio[17]».

## *Na direcção do Seminário — Oração e Organização*

Em 1934, Monsenhor Tardy nomeou o Padre Fauret Superior da Missão de Lambaréné e considerou o Padre Marcel Lefebvre capaz, em virtude das suas qualidades de prudência e tacto com os africanos, bem como do seu sentido de ordem, de assumir as funções de direcção do Seminário. O jovem Padre Augustin Berger, chegado em Outubro[18], tornou-se seu colaborador.

Encarregado de quarenta e sete seminaristas, maiores e menores, sem contar o noviciado dos irmãos indígenas, o Padre Marcel solicitou, instantemente, orações à sua família. Ele organiza os locais e o regulamento tendo em vista um melhor funcionamento. Em proveito dos Irmãos noviços, redige um «memento du Frère indigène» (Memento do Irmão índigena) e um regulamento muito minucioso. Em Dezembro, ele impõe à capela do Seminário a separação dos leigos e dos seminaristas, e inicia a construção duma capela mais vasta. Entrega-se a fundo e encontra-se por vezes muito fatigado.[19] As curtas férias tomadas na margem do Estuário com os seus Seminaristas dão-lhe repouso; o Cabo Esterias e a Ponta Owendo[20] prestam-se bem como zona de pesca.

[15] Nóticia geográfica sobre o Padre Fauret; MFMM, 10; Madame Lefebvre, carta aos cinco mais velhos, 7 de Outubro e 24 de Dezembro 1933.

[16] MarziacI, 92

Madame Lefebvre, carta à Bernadette, 20 Maio 1934. Cf. P. Jean Criaud,A gesta dos espiritanos, história da Igreja nos Camarões, 1916-1990, Publcações do Centenário, Mvolyé-Yaoudé, 1990, p. 150.

[18] BG 530, movimento do pessoal

[19] Madame Lefebvre, carta a Bernadette, 18-11 e 16-12 de 1934

[20] Padre Marcel Lefebvre, carta à administração, 14-3-1937

O Director, Padre Marcel Lefebvre, observa o comportamento de cada um, mesmo nestas actividades repousantes, e não hesita em eliminar aqueles que não possuem as disposições, ou que não progridem nas virtudes requeridas.

Ficou célebre a medida por ele tomada, na própria ocasião, aquando de uma dessas férias passadas em companhia dos seus seminaristas. Sucedeu que não se tinha levado pão, e assim o Padre Marcel contentou-se com mandioca, como toda a gente. Foi então que o aluno Ange Mba se pôs a rir do sacerdote, dizendo aos seus camaradas: Ah! Estamos a ver um branco que come mandioca.

Imediatamente o Padre Lefebvre interrompe o brincalhão:

– Eh! Bem Ange, que tens tu que fazer troça? Ridicularizas um superior?

Ah! Sim. Meu Padre, é porque eu vejo como vós comeis a mandioca.

– Ange! - Foi a resposta - Ange! Vejo que não se encontra no seu caminho aqui no Seminário.

E Ange deixou imediatamente de ser seminarista. Mas isso não o impediu de se tornar um dia o pai de Casimir Oyé Mba, futuro Primeiro-Ministro do Gabão[21]

«O bom espírito acentua-se», escreve o Padre Marcel em 1935, e ele espera que o enquadramento aperfeiçoado será, em breve, favorável a uma boa formação[22]. O Padre René admira a ordem que Marcel faz reinar no Seminário: «A vida interior em primeiro lugar, a oração, confissões regulares, retiros»[23]

Os esquemas de retiros pregados abundam nos papéis do Director: retiros de reabertura, retiros pascais, retiros de ordenação. Ali transmite ele a «Caridade de Deus», origem de espírito apostólico. Sublinha a ferida da ignorância e o seu remédio: a sabedoria sobrenatural: «Eu pertenço a Deus, sou para Deus – pobre pecador – (Deus é tudo, o Homem não é nada) Libermann»

A acção do Padre Lefebvre estende-se mesmo a toda a Missão Santa Maria: em fins de 1934, ele instala o primeiro grupo gerador de electricidade, acautelando todos os fios para a distribuição da corrente. Aproveita para ministrar um curso sobre electricidade e sobre os sábios católicos e, para terminar, acciona o sistema de electricidade e faz-se luz, para maravilha de todos[24]. Em 1935, instala o pri-

[21] MS, III, 19,25-37

[22] Madame Lefebvre, carta a Bernadette, 26-5-1935

Sr. René Lefebvre, carta ao Padre René, 13-6-1935

[24] Padre Patrick Groche, entrevista, novembro 1997, p. 3

meiro posto de rádio de ondas curtas, trabalhando com baterias; põe em ordem a tipografia que se torna rentável e mesmo lucrativa[25]

Monsenhor Tardy avalia, com satisfação, o belo conjunto de qualidades do seu colaborador e os bons frutos produzidos pela graça quando ela é servida pela organização e pela boa ordem. Ausentando-se em França a fim de pedir para as suas escolas, o Bispo passa em Tourcoing durante o Verão de 1936 e confia ao Senhor e à Senhora Lefebvre a sua apreciação do Padre Marcel: «Tudo o que ele faz é perfeito; eu sinto-me em paz quando sei que é ele a tomar as decisões na minha ausência»[26]

Na opinião geral, o Padre Lefebvre é um excelente director de Seminário, «firme, ponderado, muito pessoal nas suas apreciações e decisões, notável do ponto de vista da organização e equipamento material[27]

Igualmente, a confiança dos vigários apostólicos vizinhos promete ao Seminário São João uma reabertura em 1935 muito numerosa... Demasiado numerosa, receia Monsenhor Tardy, por um momento sonha enviar todos os seus seminaristas maiores para Yaoundé. Todavia, o Padre Marcel assegura que uma nova organização, separando seminaristas maiores e menores,[28] evitará esta medida dispendiosa e aleatória. E São João, permanece São João para honra do Gabão.

## *Aprendiz de explorador- EFOK*

No dia 28 de Setembro de 1935, o Padre Marcel Lefebvre pronunciou, na presença do Padre Defranould, os seus votos perpétuos. Contudo, tendo o cargo de director, bem pesado sobre os seus ombros em 1935-1936, recebeu o Padre Marcel a autorização de fazer um passeio na selva, para mudar de ares, e reencontrar a sua irmã espiritana, Irmã Marie-Gabriel, em Efok, nos Camarões.

Iniciada a viagem no porto de Owendo no dia 12 de Outubro de 1936, passou o Padre Marcel Lefebvre por Donguila e subiu o Komo; aos primeiros rápidos inultrapassáveis tomou o caminho terrestre pelos atalhos lamacentos, desbravados por vezes por elefantes. Trepando aos Montes de Cristal, agarrando-se aos ramos e às raízes, atravessando os matagais de antigas plantações, vastas pastagens, transpondo os rios sobre pontes flutuantes ou sobre algum «combo-combo», fez o Padre Marcel a digressão pelas aldeias, saudando o

[25] Marziac I, 92
[26] MFMM, 10
[27] T. Do Padre Berger, Marziac, I-91
[28] Senhora Lefebvre, carta a Bernadette, 13-10-1935

chefe de Cantão e os catequistas, celebrando a Santa Missa, confessando, tratando de algum leproso.[29] As noites passavam-se por vezes suportando dores de barriga ou fortes dores de dentes; e por vezes era necessário abandonar o terreno - a choupana de passagem - ao inimigo, quer dizer às formigas vermelhas.

Nas estações missionárias, o Padre Marcel Lefebvre é por toda a parte acolhido pelos confradres de braços abertos, por vezes mesmo acompanhado por um ou outro até à estação seguinte. No dia 11 de Novembro, em Bitam onde estava estacionado o Padre Page, nota o Padre Marcel: «Sinto-o só, sem direcção precisa, ao sabor da corrente dos maus cristãos, indo da direita para a esquerda, sem orientação.» Sim, a solidão do missionário é sempre uma situação penosa.

No dia 12 de Novembro, atravessa o Ntem e entra nos Camarões. Em Akomo onde chega no dia 14, o Padre Marcel Lefebvre visita o Seminário Menor, fundado em 1924; conta já 102 alunos, com quatro sacerdotes e um abade africano. O Padre Marcel nota: «Parece-me que não reina a confiança.» Contudo, a perseverança dos alunos é boa.

No dia 15 de Novembro, está o Padre Marcel em Yaoundé, e trepa ao pequeno planalto de Mvolyé, onde encontra a antiga residência do Vigário Apostólico. Monsenhor Vogt está lá e acolhe o nosso viajante, o qual nota: «Ele respira verdadeiramente a bondade e a santidade» Marcel admira a regularidade religiosa da comunidade e as iniciativas apostólicas do padre Pierre Bonneau: «Três confrarias: rapazes e raparigas, jovens casados. Estes últimos comprometem-se a não aceitar dote para suas filhas». O Padre Marcel não renuncia a reagir diante deste radicalismo.

Ele detém-se também no Seminário Maior, situado igualmente em Mvolyé. Em 1927, o Padre Eugene Keller, vindo de Roma, nas circunstâncias que nós relatámos, tinha tomado bem conta do Seminário dos Camarões e conquistado a confiança dos alunos. Mas ai! Os seus sucessores, os Beneditinos suíços de Engelbert[30] foram menos felizes, e a tensão percebida pelo Padre Marcel em Akono era ainda mais aguda em Mvolyé.

Todavia, Marcel não se detém em impressões penosas. De resto, no dia 16 de Novembro, ele estava inteiramente feliz por ter alcançado o termo da sua viagem: reencontra a Irmã Marie-Gabriel - a sua irmã Bernadette - em Efok.

---

[29] Padre Marcel Lefebvre, jornal da viagem, Outubro-Dezembro 1936

[30] Griaud, 956-162. Os beneditinos chegaram em 1932, como professores, todavia solicitaram, em 1933, a partida do Padre Keller para ficarem livres de dirigirem o Seminário como entendessem.

No dia 11 de Junho 1928, os Espiritanos ali chegaram para assumirem o encargo do Postulado das Irmãs dos Camarões - as filhas de Maria de Yaoundé - transferido de Mvolyé a Efok. Foi em Novembro de 1933 que chegou a Irmã Marie-Gabriel, após ter sido sucessivamente destinada, no Verão de 1932, à Quinta Notre-Dame dos Espiritanos em Montana, na Suíça, depois em Setembro, em Miranda, no Gers, em seguida de novo no Noviciado de Béthisy, em 1933[31] Em Efok, foi nomeada como enfermeira no «Berço», criado para cuidar da saúde das crianças de peito e da sobrevivência dos órfãos de menos de dezoito meses[32]. A Irmã Marie-Gabriel auferirá a consolação de poder baptizar com suas mãos numerosos recém--nascidos em perigo de morte.

## *Com nobre orgulho ela faz o seu irmão visitar o seu campo de apostolado.*

À mesa do Padre Ritter, o Padre Marcel travou conhecimento com Louis Aujoulat (1910-1973). Este era, em 1932, estudante de Medicina na Universidade Católica de Lille, tendo por Capelão o Abade Robert Prévost, quando fundou a associação dos leigos universitários católicos e missionários: *Ad Lucem*. Estes estudantes tomaram a resolução de colocar a sua profissão ao serviço das Missões. Em breve convidado para os Camarões[33] por Monsenhor Graffin, auxiliar de Monsenhor Vogt, o Dr. Aujulat acabava de instalar em Efok o Hospital inteiramente novo onde trabalhava a Irmã Marie-Gabriel.

Consequentemente, o Padre Bonneau, tornado Capelão dos médicos do Hospital, lançar-se-á, vinculado à diocese de Lille, na Acção Católica especializada.

## *Os Frutos*

Reencontrado em Libreville, de barco, desde Douala, em fins de 1936, o Padre Lefebvre remeteu-se à sua árdua tarefa de formação sacerdotal. Os efectivos permaneciam constantes, oscilando entre quarenta e cinquenta. Duas fotografias de grupo, tiradas em 1936, mostram seis teólogos de sotaina branca e cingidos com o mis-

---

[31] Madame Lefebvre, carta a Bernadette, 29 de Julho 1932; 24 de Setembro 1932; 10 de Setembro 1933 e
19 de Novembro 1933

[32] Criaud, 177

[33] Criaud, 216; Jean Pierre Ribaut, o Cardeal Liènard e Ad Lucem, in MSR, T. 54, 1997, nº 3, p. 38-54.

sionário cordão negro: Os Abade Auguste Nkon Kou, de Brazzaville, François Ndong, do Gabão, Denis do Médio Congo, Jean Marie (Provavelmente Jean Marie Efène, de Ndjolé). Eugène Nkwaku, de Brazzaville, e Thomas Mba, do Gabão. No exame de Teologia Fundamental, François Ndong suscitou ao Padre Lefebvre a apreciação: «Demasiado Breve. A Igreja Romana é a única autêntica», e Auguste Nkonkou aqueloutra: «É necessário atribuir mais importância à tese do primado (do Papa)». E quanto aos trinta filósofos, revestidos de camisas de uniforme, eles têm por mais velhos Aloyse Éyena, Théodore Obundu, Ange Mba e um quarto não nomeado. Por fim, na dianteira, estão sentados os sete seminaristas menores gaboneses, entre os quais sublinhamos o jovem Felicien Makouaka.[34]

Três futuros Bispos: François Ndong (Auxiliar de Libreville, depois Bispo de Oyem, que será sagrado por Monsenhor Lefebvre no dia 2 de Julho 1961). Cyriaque Obamba (Bispo de Mouila) e Feliciano Makouka (Bispo de France Ville) foram assim alunos do Padre Lefebvre. «É preciso acreditar que não eram nenhuns incapazes», dirá ele sobriamente[35] Ministros como Valentim Obame e Vicente Nyonda, e chefes de Estado como Leon Mba (Gabão) foram alunos em São João, mas posteriormente à época do Padre Marcel.

Com a aproximação da Festa da Páscoa 1938[36], enquanto que o Padre René Lefebvre é Pároco da florescente Paróquia São Pedro, desde Janeiro[37], prega o Padre Marcel Lefebvre aos teólogos (seminaristas) mais velhos, entre os quais, François Ndong, que então teve o retiro preparatório à sua ordenação sacerdotal, que teria lugar no dia 17 de Abril. Os seus conselhos, constituem-se e apoiam-se nalguns princípios bem elaborados:

1- «O zelo verdadeiro não existe fora da obediência»;
2- «É necessário, primeiro que tudo, amar a verdade e nela, verdadeiramente, fundamentar a salvação das almas»;
3- «Ver sempre os nossos fiéis sob o ângulo da justificação», quer dizer o estado da graça;
4- «Não possuamos princípios pessoais, mas apenas princípios de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santa Igreja. Tal constitui a verdadeira caridade e não a caridade à maneira dos modernistas e dos liberais». «A caridade é a verdade em acção!»;

[34] Arquivos fotográficos, Ecône.
[35] COSPEC 45 B 20 de setembro 1977
[36] Madame Lefebvre, carta a Bernadette, 27 de Abril 1938
[37] BG 647, 29

5- «O Papa, é o sucessor de Pedro, o Cristo sobre a terra, o rochedo inabalável, a luz do mundo»;
6- «O Bispo vem visitar a Missão: Falemos-lhe das nossas obras, solicitemos-lhe conselhos.»

Sobre estes conselhos muito límpidos, vai o Padre Marcel encerrar o seu ministério junto dos futuros sacerdotes. Com efeito, ele sofre de paludismo,[38] bem como de crise de fígado: certa noite, pelas duas horas da manhã, não aguentando mais, acorda o Padre Berger: «Creio que é grave. Nunca se sabe, talvez eu morra, confesse-me!» O confrade confessou-o, acalmou-o, preparou-lhe uma tisana e conseguiu que ele recolhesse de novo ao leito.

«Eu estava praticamente meio morto, dirá ele, e não podia continuar mais o trabalho. Já não tinha forças, encontrava-me verdadeiramente nos limites.» [39]

Então Monsenhor Tardy enviou-o para que «repousasse no mato» e, após algumas hesitações[40] não encontrou melhor expediente que nomear o Padre Lefebvre Superior Interino em Ndjolé.

O Seminário prosseguiu sob a gestão do Padre Berger. Em 1944 contava cinco teólogos, sete filósofos e vinte seminaristas menores. Em 1947, São João tornar-se-á, de novo, seminário menor, para proveito do Seminário regional «Libermann» criado anteriormente em Brazzaville, sob a direcção do Padre Emile Laurent. [41]

## *A santa morte de Madame Lefebvre*

No mês de Agosto de 1938, o Padre Marcel recebeu a notícia do falecimento de sua mãe, ocorrida em 12 de Julho. Sentindo-se gravemente doente, ela trabalhou, até ao limite, no escritório da fábrica. Hospitalizada no dia 7, e confortada com a extrema-unção no dia 11, confessava ela: «Nunca pensei que pudesse sofrer a este ponto.»

No dia 12, depois de ter comungado, abençoado de longe, com um grande sinal da cruz, os seus cinco filhos mais velhos, ausentes, disse ela aos três mais jovens: «Eu não sou Santa Teresa do Menino Jesus, mas aquilo que me solicitardes, eu vo-lo obterei» e, voltando-se para seu marido: «Tu também, René», disse ela. Ao seu irmão Felix, de

---

[38] Ele tratar-se-á ainda em Dakar. Confrontar o diário do Carmelo de Sébikotane

[39] PHLH, 50-51 ; Marziac I, 92

[40] Tal foi o caso de Fernando Vaz, de Mitzic e de Lambaréné. Madame Lefebvre, carta a Bernadette, 27 de Abril 1938; Carta aos seus missionários, 13 de Junho 1938.

[41] BG, 604-605, 223

manhã, tinha dito: «Sabes, eu vou para o céu» e como ele a olhasse, embaraçado, ela acrescentou: «Eu sou chamada ao Paraíso.»

Por volta das cinco horas da tarde, fez ela as suas últimas recomendações aos seus filhos: «Colocai o bom Deus acima de todas as coisas da terra» e, após as orações dos agonizantes recitadas pela família, ela teve um olhar magnífico, como se contemplasse qualquer coisa impossível de descrever e pela qual ela se sentia atraída, visto que parecia soerguer-se do leito[42] «E assim entregou a alma».

Persuadidos da santidade da sua mãe, os filhos Lefebvre não hesitaram em invocar a sua intercessão. O estudo da alma de Madame Lefebvre, realizado pelo padre Le Crom[43], demonstra uma contínua renúncia, bem como uma permanente união a Deus na acção de graças, sinal do exercício do dom eminente da Sabedoria.

## 3. Superior Interino de São Miguel de Ndjolé, Maio 1938-Agosto 1939

### *Uma missão bela*

Ndjolé foi outrora um importante centro populacional. No momento da fundação, em 1898, avaliava-se em mais de cinquenta mil a cifra dos Papouins que habitavam a vizinhança deste posto. Este número diminuiu muito, sobretudo desde que o comércio da madeira fez pender aldeias inteiras na direcção do litoral do Baixo–Ogooné.

Todavia, o local geográfico de Ndjolé permanecia interessante: terminal de navegação a vapor sobre o Ogooné, constituía o ponto de partida da estrada de Mitzic, de Oyem e dos Camarões.

A Missão São Miguel, alcandorada sobre a colina da margem esquerda, um pouco a montante da vila de Ndjolé, que lhe faz face sobre a margem direita, está encerrada entre o amplo rio Ogooné, que é atravessado por meio de barcaças na aldeia de São Bento, e dois pequenos ribeiros que se lançam no rio, atrás da ilha Samory, a montante e a jusante.

A vasta casa dos Padres, edificada sobre dois níveis com as suas frescas galerias envolventes, desemboca sobre um belo terraço a partir do qual se domina todo o rio; ao lado, a primeira Igreja de madeira de abeto da Europa, teve que ser abandonada em favor duma segunda Igreja de São Miguel, construída pelos Irmãos e os

---

[42] René Lefebvre, carta a René, 23 e 28 de Julho 1938

Uma mãe de família, 1880-1938, Madame René Lefebvre, 1938, 40 paginas; reedição. UPUM.

aprendizes, em tijolos com estrutura visivelmente trabalhada. Imponente pela altura das suas paredes, ela pode conter um milhar de fiéis; acabou de ser edificada com o seu campanário de tijolos, pelo Padre Joseph Petitprez, o qual, tendo nela consumido as suas forças, veio morrer a Paris em 1931[44]. Esta igreja estava completamente envolvida pelo internato dos rapazes[45], pela escola primária junto da casa dos Padres, pelo internato das raparigas e pelo redil junto da residência das Irmãs; sem contar o dispensário, fundado pelo Padre Grémeau, médico missionário ambulatório, a cargo das Irmãs.

Fora dos trabalhos ordinários, as culturas alimentares: palmeiras de azeite, mandioca, bananeiras, ananás, laranjas, canas de açúcar e plantações de café, cacau e baunilha, as quais fazem viver a missão, e ocupam amplamente a mão de obra fornecida pelos alunos[46], existem trabalhos de fabricação de tijolos e de marcenaria.

## *Digressões no mato*

Deixando todos os livros que o tinham acompanhado desde Roma, o ex-professor chegou a Ndjolé em Maio de 1938, possuindo como única bagagem, o breviário, o manual do cristão, o terço, o relógio e a roupa pessoal; era a regra. [47]

Ele apenas substituía, durante as férias, o superior titular, o Padre Henry Neyrand, seu antigo condiscípulo em Santa Chiara (1925--1928).

Deixando o encargo do internato dos rapazes ao vigário, que outro não era senão o seu aluno, Padre François Ndong, o Padre Marcel Lefebvre empreendeu a visita do seu imenso distrito. Alguns dos seus postos de catequistas estavam a oito dias de viagem. Ele ia ao Norte, a Lara, a Oeste, a l'Abanga e a Samkita, quer numa piroga sobre o rio, quer a pé através de maus atalhos, auxiliado por alunos crescidos que transportavam as bagagens: provisões, mala-capela. Nas aldeias, «os cristãos amavam-no, com a sua doçura, porque ele era como um anjo, não falava muito, fazia rir as pessoas»

Era-lhe, contudo necessária a paciência. Um dia, viu chegar a Ndjolé um mensageiro duma aldeia longínqua:

Meu Padre, disse o homem, vinde depressa a N.... o velho

---

[44] BG, 495, 412

Em 1930, existia mesmo uma «escola missionária», que se situava anteriormente em Lambaréné seleccionando os candidatos ao Seminário ou ao noviciado dos Irmãos. BG, 484, 958

[46] BG, 433, 774

[47] RETREC, Écône, 8 de setembro 1982, 17h.

Fulano está às portas da morte!

Seria coisa séria? A aldeia estava a quatro horas de viagem. O que quer que fosse, mesmo assim o Padre Marcel preparou imediatamente os seus utensílios, sem dizer palavra, embarcou na piroga, percorreu rapidamente à distância, e apresentou-se ao pretenso moribundo:

Sou eu, meu Padre, mas eu não estou doente; eu queria somente ver-vos!

Sem se desmanchar, com o seu habitual tom calmo, o Padre Marcel apenas encontrou esta doce reprimenda para lhe fazer:

Albert! Não é sério[48]

As populações pahouinas eram bastante nómadas, era necessário seguir com atenção os seus movimentos para alterar a posição dos postos de catequese. O Padre Lefebvre aperfeiçoou o seu conhecimento da língua Fang e chegou a falá-la tão bem que «era já Fang, como um Fang»· Para ajudar os catequistas na sua luta encarniçada[49] contra os Protestantes, instalados antes dos Seminários católicos nas margens do Ogooné, ele distribuiu uma brochura intitulada «Ollé lang», que em Fang significa: todo o mundo pode lê-lo» e que explicava que «Lutero tinha roubado a Bíblia e tinha-se metido a fazer, ele mesmo, a sua própria Igreja».[50]

Algumas vezes, em piroga, quando se cruzavam com os Protestantes, irrompiam exclamações: «Heréticos! Heréticos!» «Pelo menos, reflectia o Padre Marcel, os nossos reconhecem-se como Católicos[51]!»

## *Catequistas e lenga lenga*

Cada aldeia, onde existiam Católicos, possuía o seu catequista. Era um homem capaz de deixar a sua aldeia, a sua região, com a família, caso fosse casado, para ir evangelizar outras aldeias, sabendo perfeitamente que arriscava a vida. «Eu conheci, dirá Monsenhor Lefebvre, catequistas que morreram envenenados, em virtude do seu espírito missionário»[52]

Cada Cantão tinha o seu chefe catequista. Para a administração

---

[48] MS III, 19; COSPEC 108 B
[49] BG 433, 775
[50] Testemunhos de Alfonso Mgome-Ekomy, pp. 1-2 e de Marc Obiang méyé, pp. 5, 8, 10, 11 e 17
[51] RETREC 66 A, 2 de Setembro 1984, retiro sacerdotal
[52] HOMEC 6 B, 11 de Janeiro 1976

Ndjolé: Lugar do ministério do Padre Marcel Lefebvre
N
O
E
S
10 E
CAMEROUN
OCÉAN
GUINÉE ÉQUATORIALE
Minvoul
Bitam
Oyem
R. Aïna
R. Djouah
R. Okano
Belinga
Mékambo
R. Djadié
Médouneu
Mitzic
Fl. Como
Makoukou
Ntoum
Libreville
Donguila
Kango
Booué
ÉQUATEUR
0
Ndjolé
Fl. Ogooué
Edounga
Port-Gentil
Fl. Ogooué
Lambaréné
R. Ngounié
Lastourville
Okondja
Koulamoutou
Fougamou
Akiéni
Moanda
Léconi
Omboué
Mandji
Franceville
Mouila
Lébamba
Setté Cama
Camba
Tchibanga
CONGO
Fl. Nyanga
Mayumba
Fl. Kouilou
ATLANTIQUE
AFRIQUE
0
100 milles
100 km
GABÃO

civil, alguns destes indígenas cultivados constituíam aquilo que se denominava «os evoluídos», noção criada para outorgar o título de cidadão francês a certos autóctones, até ter sido reconhecida a todos os indígenas, em Junho de 1946. O Padre Marcel julgava estas medidas com severidade, considerando-as em primeiro lugar discriminatórias, depois, completamente demagógicas. De resto, a ideia de «evoluído» que o missionário acolhia, era bem diferente; para o Padre Marcel, tal supunha a transformação cristã completa, «tendo assimilado os princípios cristãos com convicção, e capaz, com a graça de Deus, de neles se manter, mesmo sem o socorro do missionário. Não há muitos: Paul Ossima, ou algum outro, talvez, todavia conservam, no que respeita à mulher - bem como no atinente à justiça – princípios pagãos[53]». Paul Ossima era precisamente um desses chefes de catequistas transformados pela graça da Santa Missa[54] e gozando da confiança do Padre Marcel; a sua função consistia em formar e vigiar uma parte dos catequistas do próprio Cantão de Ndjolé. Ele era dinâmico, mas fortemente imbuído da sua autoridade; nenhuma questão podia ser resolvida sem ele; assinalava ao missionário as desordens morais para que ele as punisse.[55]

Mediante o contacto com estes catequistas, experimentados, apesar das suas travessuras quase incorrigíveis, Marcel Lefebvre apura a sua experiência e o seu juízo. Ele compreende dever «trabalhar inteligentemente com prudência, paciência, método, quer dizer, respeitando a obra dos seus predecessores, consequentemente livre para reformar um pouco a maneira de agir; escutando os conselhos dos negros, dos catequistas, sempre evidentemente com uma ponta de dúvida, que frequentemente desaparecerá mais tarde, com a progressiva descoberta do carácter judicioso de tais advertências.[56]»

No decurso destas viagens deve o Padre Lefebvre, frequentemente, arbitrar uma disputa. Já clarificada pelo chefe cristão e pelos notáveis, a questão é levada publicamente diante do Padre. Todas as partes estão lá, assim como as testemunhas. No primeiro dia, o Missionário não vê muito nitidamente, mas com rapidez irá captar onde reside a verdade - ela mesmo resplandece. Então, em sessão plenária derradeira, o Padre pronuncia o seu Veredicto, e a penitência, se tal for necessário. Em geral, o culpado emenda-se ou a discórdia é pacificada.[57]

---

[53] Conferência dada em Mortain em 1945-1947

[54] Monsenhor Lefebvre, sermão do Jubileo, Paris, 23 de setembro 1979, Fideliter nº 12

[55] Marc e Obiang, 12

[56] Outra conferência dada em Mortain

[57] Marziac I, 18

Por vezes, quando por exemplo se trata de corrigir um cristão que possui duas mulheres, o Padre Marcel deverá usar a força: com alguns jovens robustos e entusiasmados com a tarefa, subtrai, o Padre, a primeira mulher, a qual grita, debate-se, lança-se à água para simular a sua falta de consentimento - mas sabe bem de que jogo se trata - e encerra-a no internato das raparigas. Desta forma, vem o homem à Missão, protesta, deve prometer que devolverá a segunda mulher, que reembolsará o dote aos pais dela, e só então recuperará a primeira mulher com a qual será, eventualmente, celebrado o matrimónio cristão, se não tinha havido lugar, senão, para o casamento do costume.[58]

Todavia tudo isto comporta riscos, como ficou demonstrado ai meu Deus! pelo assassinato do Padre Henry de Maupeou, nos Camarões, às mãos dum bígamo em 1932.[59] Por outro lado, o missionário pode, procedendo deste modo, incorrer na censura do administrador local, visto que a lei reconhece o casamento consuetudinário, bem como a poligamia, mas ignora o matrimónio monogâmico, mesmo entre cristãos.

## *Melhoramentos e boa ordem*

De regresso da viagem, o Padre Lefebvre introduziu nos registros os sacramentos por ele conferidos e completou os ficheiros do *status animarum* (estado das almas), ficheiro nominativo dos paroquianos. Ele informava-se junto do Abade Ndong do curso das coisas no seio da Missão. O Padre Lefebvre preparava-se para ministrar uma palavra espiritual aos Irmãos: o Irmão Honoré,[60] encarregado das plantações e das provisões de alimentos, e o Irmão indígena João Maria na marceneria com os aprendizes; depois ia pronunciar uma conferência espiritual às Irmãs da Imaculada[61] (Madre Valerie, Irmã Delfina[62], sacristã, bem como as Irmãs do Sagrado Coração de Maria (Irmã Andréa,[63] mestiça, e Irmã Mónica) e ainda pregar um retiro às sessenta e cinco raparigas do Internato; aí, examinava o progresso dos trabalhos de ampliação,[64] finalmente iria verificar como o Abade conduzia o seu mundo no Internato de oitenta rapazes,[65] aos quais se juntavam todas as manhãs, alguns externos:

[58] Marc Obiang, 10 ; Monsenhor Lefebvre freqüentemente contava esta história que tinha vivido
[59] BG – 501-665
[60] Gaspar Boissière,nascido em 1889, chegado em AEF em 1913
[61] E. Pierre Nzoghé, 17 de Julho 1998, 9; Marc o Biang, 4
[62] Eugenia Lorber, nascida em 1889 em Orschwiller
[63] Cécil Walker- Zéouwé, nascida em 1896 em Libreville
[64] Irmã Gabrielle Marie, 20 de Julho 1998,4 e 7; Obiang,4
[65] PHLH, 51

«Eu tinha onze anos, recorda-se Pierre Nzoghé, nós atravessávamos a nado a ribeira que nos separava da Missão, isso alegrava-nos» «Havia lá, explica ele, um pequeno curso de água que separava a Missão da fábrica de tijolo; o Padre Lefebvre fez uma ponte de madeira, em material durável.»

Uma fotografia, efectivamente, mostra um irmão (Irmão Jerónimo[66]) e três homens a trabalhar sobre enormes pranchões, repousando sobre sólidos pilares construídos em grossas pedras amontoadas e retidas por uma grade de ferro. «Isso resistiu muito tempo, diz Pierre e serviu-nos de prancha de saltos,»

Durante a estação seca, as crianças iam pescar no lago Nghéné, sobre o Abanga, quer lançando a rede a partir das pirogas, quer puxando a rede desde a margem do lago. Quantidade enorme de peixe: Carpas, cavalas, capitãs e siluros eram curados no próprio local e colocados em pipas dentro das quais se tinham previamente queimado folhas mortas de Bananeiras e que eram logo em seguida encerradas e seladas com a resina de Okoumé. O peixe conservava-se assim dois ou três anos sem criar bolor.[67]

Para suscitar a emulação das crianças, instituiu o Padre Marcel o pagamento da pesca sob a forma duma recompensa: pesava-se o peixe e repartia-se por igual número de pescadores. Este pagamento servia-lhes para comprar utensílios escolares ou tangas: o Padre Lefebvre, como aliás o Padre Neyrand, tinha encomendado tecido de França para vestir as crianças de tanga. Tomou também sobre si a iniciativa de criar um escritório, divisão bem situada no rés-do-chão da casa dos padres, onde se podia receber os visitantes, e que constituía igualmente um posto de observação das idas e vindas.

Cada Quinta-Feira à tarde, ministrava a todas as crianças uma conferência espiritual ou uma lição de catecismo.[68] Ndjolé enviava de tempos a tempos candidatos ao Seminário Menor. [69]

O Padre Marcel enviou Charles Aboghé;[70] um ou dois anos mais tarde, foi Jean-Pierre Elélaghe que partiu; uma vez Padre, foi nomeado para os Camarões[71]. Por seu lado, as jovens raparigas aspirantes à vida religiosa foram enviadas ao Postulado de Sindara, na Missão de Trois-Épis (Três Espigas).

---

[66] Segundo Marziac, I, 65

[67] Nzoghé, 5, 6 e 8; Marc Obiang-2

[68] Marc Obiang, 2, 3, 7 e 9

[69] CF. Vincent de Paul Nyonda, autobiografia dum gabonês, l'Harmattan,Paris, 1994, pp. 25 e 26

[70] Sacerdote em Booué em 1998

[71] Marc Obiang, 12

Os indígenas conservaram a memória dos melhoramentos realizados no seio da Missão pelo Padre Lefebvre, bem como a recordação dum homem «doce, que não elevava a voz, que falava suave e calmamente» e que, além disso, «era acolhedor e nunca se mostrava aborrecido por quem quer que fosse».[72] Também o viram a afastar-se, com pesar, quando regressou o Padre Neyrand, e o Padre Lefebvre pôde partir de licença antecipada para a França no dia 11 de Agosto de 1939[73].

## 4. De Licença – Declaração de guerra – Mobilizado

### *Férias movimentadas e encurtadas*[74]

Apenas embarcado, teve Marcel a surpresa de encontrar a bordo um confrade e amigo de infância, o Padre Emile Verhille, missionário no Congo Brazaville[75], que partia igualmente de licença. Os ruídos de guerra ganhavam nitidez. Aconteceu ao largo da Serra Leoa, quando o comandante advertiu os dois sacerdotes: «Eu acabei de abrir o envelope regulamentar número 3: «Recolhei imediatamente ao porto amigo mais próximo». Recolheram portanto a Freetown. E efectivamente, no Primeiro de Setembro, as forças alemãs tinham penetrado em território polaco, e no dia 3, a Inglaterra e a França, fiéis aos seus compromissos para com a Polónia, declaravam guerra à Alemanha.

O barco, devidamente camuflado, pôde partir de novo para Dakar, onde os dois sacerdotes, uma vez desembarcados, receberam a sua ordem de mobilização.

-Mobilizados para Dakar? Oh não, diz para si mesmo o Padre Lefebvre. Permanecer no deserto, lá? Não! Ao menos regressar a França. Se é necessário ir à guerra, iremos à guerra, mas não em Dakar!

O que é que se faz então? Diz o Padre Verhille.

Vamo-nos embora. Seremos mobilizados de qualquer maneira, mas não aqui, mesmo assim!

E os dois amigos voltaram a subir a bordo, sem dar cavaco.

Um comboio de cinco ou seis barcos de passageiros foi formado, escoltado por alguns navios de guerra e não sem receios, porque já

[72] Pierre Nzogjé, 7

[73] Fr. Honoré, carta ao Padre Marcel 5 de Novembro 1939

[74] PHLH, 52-53 ; COSPEC, 23 de Dezembro 1981

[75] B :G 471, 377. Nascido no 22 de Janeiro 1903 Orchies, ele tinha quase três anos mais que Marcel.

alguns barcos tinham sido perdidos ao largo da Mauritânia, conseguiram alcançar Bordéus, e Marcel foi ali imediatamente mobilizado e lá permaneceu um mês. Era a época da «guerra bizarra», «Drôle de guerre», em que a França esperava que a Alemanha se dignasse atacar, pois que, em França, não se acreditava na guerra que tinha sido declarada e o GQG não tinha concebido nenhum plano de ofensiva conjunta.

Na casa Generalícia, onde Marcel foi residir, foi com alívio que se tomou conhecimento das instruções ministeriais prescrevendo que os franceses, e portanto os missionários, residentes nas colónias, seriam mobilizados, no próprio lugar onde se encontravam.[76] Marcel solicitou a aplicação destas medidas para reentrar no Gabão[77]

Ele recebeu em meados de Outubro,[78] a sua convocatória de mobilização na colónia. Depois, ele pôde ainda passar um mês em família, rever o seu pai pela última vez, antes de reembarcar em Bordéus, com nove outros sacerdotes e uma Irmã espiritana, Irmã Josepha.[79] E foi assim que o barco devolveu o Padre Marcel ao Gabão, depois de três meses duma licença movimentada e encurtada.

## 5. Superior da Missão Santa Maria de Libreville, Dezembro 1939-Agosto 1940

No seio das Missões francesas, os recrutas de 1939 não compareceram; todavia, os missionários em licença puderam, consequentemente, ser reenviados à sua missão e a maioria dos mobilizáveis ficaram onde estavam;[80] Por outro lado, no Gabão, a situação não era má. Monsenhor Tardy nomeou o Padre Marcel, desde o seu regresso, Superior Interino da Missão Santa-Maria de Libreville, a fim de substituir temporariamente o Padre Defranould[81] que estava de partida para Port-Gentil; este último permaneceu, contudo, Vigário-Geral.

O cargo de Superior em Santa-Maria era um posto de confiança; foi nessa ocasião, pensamos nós, que o Bispo confiou ao Padre Marcel o cuidado da sua alma no tribunal da Penitência.[82] Foi ainda ao Padre Marcel que Monsenhor Tardy entregou as suas preocupa-

[76] Despachos, de 2, 5, e 22 de Setembro 1939; B.G 586,94

[77] Pedido registrado no Estado maior, praça de Paris, 4 de Outubro 1939

[78] Convocáção de 11 de Outubro no Hotel des Invalides (Hotel dos Inválidos)

[79] Maria Teresa Lefebvre, carta a Marcel, 25 de Novembro 1939

[80] BG 586, 94 (Nov-Dezembro 1939)

[81] P. Defranould, carta ao Padre Marcel, Port-Gentil, 30 de Dezembro 1939

[82] Marziac, I, 92

ções,[83] estando o Vigário-Geral ausente e encontrando-se o superior religioso, [84] Padre Fauret, um pouco longe, em Lambaréné.

Era portanto o Padre Marcel o Superior da Missão, tanto na esfera espiritual, como na temporal; ele deverá dirigir as pescas e as plantações de Santa-Maria, e dali tudo fazer frutificar, manter a contabilidade, e substituir igualmente o Padre Defranould na procuradoria do Gabão,[85] que regulamenta as trocas das missões da Colónia com a Metrópole. É assim que o Padre Marcel Lefebvre comanda, por intermédio do seu irmão Michel, três geradores eléctricos que farão funcionar as máquinas de Santa-Maria, bem como de outras estações, e ainda uma motocicleta,[86] pois o Padre Fauret havia arrebatado para Lambaréné aquela que utilizava em Libreville. Na esfera espiritual, administrava o Padre Lefebvre a pequena paróquia da missão, visitava as aldeias do norte da cidade, assegurava as conferências espirituais às irmãs e às raparigas; ministrava igualmente conferências acerca das virtudes sacerdotais, o estatuto da vida dos sacerdotes, bem como os princípios da pastoral aos teólogos do quarto ano, que serão Padres dentro dum ano; pregava aos seminaristas diversos retiros de ordenação, outros às Irmãs, e pregava mesmo o Padre Lefebvre retiros aos seus confrades sacerdotes: Um acerca da «sublimidade do nosso apostolado missionário» fazendo vibrar o ideal, o outro sobre «Nosso Senhor e o mundo», que utilizava o «admirável livrinho» de Monsenhor Chollet: A Psicologia de Cristo». [87]

A sua experiência missionária de Ndjolé conferiu-lhe mais segurança e, mais tarde, ele zombará educadamente de certos sacerdotes, todavia zelosos, que tremiam com o pensamento de dever pregar aos confrades ou às religiosas.

Em fins de Abril 1940, o Padre Defranould regressa de Port-Gentil, para ir imediatamente substituir, em Donguila, o Padre Guillet. [88]

Quando da ofensiva alemã de Maio 1940, o Padre Marcel foi mobilizado, no próprio local em que se encontrava, na Primeira Companhia do Batalhão de Atiradores do Gabão, e recebeu o seu fardamento militar no dia 17 de Junho das mãos do Tenente Gouval, comandante de companhia[89] Todavia o armistício assinado no dia

[83] Monsenhor Tardy, carta ao P. Marcel, 25 de Abril 1940

[84] BG 589, 143 conselho de 19 de Março 1940

[85] P. Defranould, carta ao padre Marcel, 30 de Dezembro 1939

[86] Michel Lefebvre, carta ao Padre Marcel, 10 e 29 de Dezembro 1939

[87] 2 Volumes Lethielleux, Paris, 1903. Confrontar Monsenhor Lefebvre, O Misterio de Jesus,1995 e. Clovis, conselho ao leitore, p. 6-7

[88] Monsenhor Tardy, carta ao Padre Marcel, 15 de Abril 1940

[89] Bolletim de passagem dos militares no serviço de Vestuário, 27 de junho 1940

22 de Junho, deixando o Império livre e solicitando a desmobilização das forças francesas, deixa o Padre Marcel desmobilizado... Mas por pouco tempo, como vai ver-se. Providencialmente, ele foi nomeado em Agosto de 1940, Superior Interino da Missão São Paulo de Donguila; não será portanto, nem testemunha, nem parte, no combate fratricida que vai opor as tropas da «França livre» do General De Gaulle e as da unidade francesa encarnada pelo Marechal Pétain.

## 6. Combates fratricidas

Em Libreville, o Primeiro Batalhão de Atiradores do Gabão tinha embarcado no dia 25 de Outubro 1939,[90] para voar em socorro da mãe Pátria. Ora, um ano depois, seria esta mãe que parecia vir assaltar e dilacerar a sua filha africana.

Efectivamente, o General De Gaulle, estabelecido em Londres, quando os combates ardiam ainda em França, tinha recusado o armistício solicitado aos alemães pelo Marechal Pétain, e tinha apelado ao prosseguimento da guerra.

No dia 27 de Outubro de 1940, no Sagrado Coração de Roubaix, o Cardeal Liénard exclamava:

> «O armistício! Aqueles que o assinaram são homens que têm direito ao nosso respeito, porque eles vieram em nosso socorro no dia da humilhação. Eles não foram em nada responsáveis pela derrota, eles vieram socorrer-nos para atenuar a nossa desgraça, e depois, eles trabalharam com toda a sua energia para salvar o que podia ainda ser salvo, restaurar as nossas forças interiores para que, se deixassem viver a França, ela fosse ainda capaz de conservar o seu lugar no mundo».

No mesmo dia, curiosa coincidência, o General De Gaulle, lançava o seu manifesto:

> «Não existe mais Governo francês... É pois necessário que um novo poder assuma a tarefa de dirigir o esforço francês na guerra... Eu exercerei os meus poderes em nome da França».

O armistício constituiu a sua única oportunidade, ele soube aproveitá-la para conduzir a sua guerra a partir de África. No dia 12 de Agosto de 1940, a sua delegação, dirigida pelo General Leclerc, aterrou em Lagos na Nigéria e, em duas semanas, conseguiu, sem disparar um tiro, integrar a França livre quase na sua totalidade no AEF. Somente o Gabão resistiu.

O governador Masson tinha, antes de tudo, telegrafado a sua adesão no dia 29 de Agosto; os notáveis, todavia, conduzidos por

[90] Nxonda, pp. 49-51

René Labat protestaram; Posteriormente a 30 de Agosto ancorava no Porto de Libgreville o submarino Poncelet, anunciador de reforços enviados de Dakar pelo Governador-Geral Boisson, sob o comando de dois chefes decididos: o General da aviação Têtu e o Coronel Claveau. Finalmente, o aviso do Bispo, Monsenhor Tardy, foi decisivo: Era necessário permanecer fiel ao Marechal.[91] Masson retractou-se, portanto, no dia 1 de Setembro.

Leclerc tentou «integrar» o Gabão pela periferia do País; no norte, o comandante Dio apoderou-se de Oyem, ao sul o comandante Parant instalou-se em Mayumba de surpresa. Mas foi com o preço de combates franco-franceses que Dio tomou Mitzic, no dia 27 de Outubro e que Parant, descendo o Ngounié, tomou Fougamou, onde o Irmão Odilon se interpôs para evitar mais mortos.

Parant cercou finalmente Lambaréné, que cedeu no dia 5 de Novembro, depois de um missionário, o Padre Samuel Talabardon, acabar por ser morto por uma explosão de obus.[92]

«A conquista do Gabão eternizava-se»[93]; De Gaulle, abalado pelo seu fracasso diante de Dakar no dia 25 de Setembro, estava hesitante. Leclerc extorquiu-lhe a decisão dum desembarque surpresa perto de Libreville, o qual foi efectuado na noite do 8 para 9 de Novembro. Combates fratricidas tiveram lugar nas vizinhanças do aeródromo. A situação estava ainda indecisa quando, pela tarde, o navio de guerra Bougainville, que tinha aberto fogo sobre o navio intruso Savorgnan de Brazza, foi por este afundado.

Esta perda decidiu a rendição de Libreville, a qual foi concluída na noite de 9 a 10 de Novembro. O navio aprovisionador Cap des Palmes transformado em prisão flutuante, onde Leclerc fez encerrar os oficiais, o governador Masson, o Padre René Lefebvre e o próprio Bispo.[94] Antes de ser detido, Monsenhor Tardy tinha feito coser a sua fita vermelha sobre a sua sotaina, querendo ser preso com a sua Legião de Honra,[95] que acabava de ser-lhe outorgada pelo General Weygand, em reconhecimento da sua fidelidade à unidade francesa.[96]

O clero recusou cantar o *Te Deum* solicitado por Leclerc, e foi numa catedral vazia dos seus fiéis habituais que um capelão militar

---

[91] B:G 629, 311
[92] BG, 590, 451
[93] Carta do Capelão Tutenges, in general Jean Compangnon, Leclerc, Marechal de França, Flammarion, 1994, pp. 169-170.
[94] Pierre Mesmer. Après tant de batailles, Albin Michel, 1922, p. 40
[95] Irmã Gabrielle Marie, E. Lambaréné, 20 de Julho 1998, p. 5
[96] BG 590, 441-442 e 451

oficiou, enquanto que o comandante Koenig se encarregava do pequeno órgão. Foram necessários todos os talentos diplomáticos do Padre Defranould para conseguir a libertação de Monsenhor Tardy, ao qual foi consignada residência, durante seis semanas, em Lambaréné. Todavia, o aprisionamento do Bispo, como corolário aos combates fratricidas, desorientou os gaboneses: «Tal não constituiu um exemplo, e não facilitou o nosso ministério», concluiu sobriamente Monsenhor Lefebvre.[97]

Posteriormente, Parant concedeu subsídios às missões, enquanto um sacerdote gabonês se tornou Capelão das tropas que Leclerc conduziu através do Sahara em direcção à frente da Líbia.[98]

## 7. Superior em Donguila, Agosto 1940- Abril 1943

O Padre Henry Guillet, Superior da Missão São Paulo de Donguila, encontrava-se extenuado pelo seu labor, especialmente aquando dos trabalhos de engrandecimento da Igreja da Missão; desde Janeiro de 1940, Monsenhor Tardy decidiu conceder-lhe uma estada de seis meses em França; o Padre Marcel asseguraria a interinidade, dizia o Bispo.

«Eu não tive mais objecções a apresentar, dizia o Padre Guillet ao Padre Marcel, quando ele (o Bispo) me prometeu que seríeis vós a preencher a interinidade.»

Marcel tem, entretanto, que esperar o mês de Agosto, após uma breve interinidade assegurada pelo Padre Defranould,[99] até vir para Donguila.

Esta estação, situada sobre um promontório, na orla do estuário, lá, onde as águas do rio Komo encontram as vagas marinhas, animava uma velha cristandade pahouine e acabava, em 1938, de festejar os seus sessenta anos de idade. Compunha-se de uma encantadora igreja de madeira com o seu campanário e o seu transepto, bem como diversos edifícios clássicos duma missão católica completa.

Desde 1930, Donguila sofria dum despovoamento causado pela proximidade de Libreville e pelo intenso comércio de madeira. Felizmente, as aldeias do interior, em direcção aos Montes de Cristal e até à fronteira da Guiné Espanhola, constituíam igualmente objecto do zelo evangelizador dos Padres.

[97] Gabrielle Chort-Rouergue, Mémoire d'Outre-mer(Memórias de Além--Mar), Alma, memórias vivas, sem data, p. 35; PHLH, 35.

[98] BG 629, 311-312

[99] Monsenhor Tardy, carta ao Padre Marcel Lefebvre, 15 de Abril 1940; E. Etienne Meviane, Libreville, 23 de Julho 1998., p. 1

## *Em perseguição do ladrão*

A Missão de São Paulo vivia de plantações imensas, cujo fruto era em boa parte transportado por barco e vendido em Libreville. O Irmão Norbert Lorgeray (de alcunha «Irmão Honor») nascido em 1878, chegado ao Gabão em 1903,[100] reinava ainda sobre o jardim e sobre os aprovisionamentos. Um domingo antes da Missa cantada, ele acorreu junto do Padre Marcel:

«Roubaram-me todos os meus haveres e armazém... Não há mais nada, marmitas, sal, tangas!»

O Padre Lefebvre ameaçou, do alto do púlpito, suspender a Missa de Domingo, lançando uma espécie de «interdito local» enquanto lhe não fosse denunciado o ladrão. O chefe catequista, Marcel Mebale, deu por concluído, rapidamente o seu inquérito: «Meu Padre, é fulano o ladrão!» O Padre Lefebvre tomou consigo alguns homens e atravessaram, na lancha grande «Colette» o estuário do Komo até Chinchoua. O Comandante do Círculo aí cedeu dois guardas, encontrou-se o ladrão prestes a comer na sua choupana e negando o latrocínio. O Padre preparava-se para retroceder quando uma mulher de idade avançada chegou: «Todos os haveres se encontram lá em baixo nas Bananeiras!» Recuperaram tudo; o ladrão, todavia tinha-se eclipsado na floresta.[101]

A marcenaria, rica de uma bela ferramentaria, e provida do seu motor, o «Saint-Denis» que funcionava a óleo de Palma, causava a admiração dos visitantes[102] e ocupava o Irmão Chanel, bem como os aprendizes. Finalmente o Irmão Marin era o pedreiro da Missão. Foi o Padre Marcel, conta Etienne Meviane, que fez construir o forno a cal, o qual, graças à pedreira vizinha produziu o cimento e o perpianho.

## *O regime de Internato*

O Padre Marcel foi primeiramente secundado por um sacerdote indígena, o Abade Augusto. Além disso, o Abade Paul Lemaire, seminarista e primo do Padre Lefebvre, prestava uma boa ajuda, sempre na expectativa de ser admitido às Ordens. O Abade africano ocupava-se do internato de 175 rapazes, enquanto que as quatro irmãs da Imaculada e a Irmã indígena sob a direcção de Madre

---

Estado identificador dos missionários, 1923, Arquivos Nacional do Gabão, 1 E 187

[101] Alocução em Donguila, 21 de Janeiro 1985; COSPEC 108 B

[102] BG 484, 951; Étienne Meviane, p. 5

Marie-Elizabeth, davam assistência ao internato das sessenta e oito raparigas.[103] As Irmãs tinham, no passado, pago um pesado tributo às doenças tropicais; o pequeno cemitério da Missão revela o sacrifício oferecido generosamente por jovens vidas religiosas, pela evangelização, como o da Irmã Canisius, por exemplo, falecida em 1908, com trinta e oito anos; ou ainda o sacrifício da Irmã Maria Pia, chamada por Deus em 1909, aos vinte e quatro anos de idade. É sobre tais fundamentos que Deus prosseguia a sua obra de baptismo e de educação cristã da juventude gabonesa.

O recrutamento para estas duas escolas principais da Missão, era a obra dos catequistas da aldeia, bem como dos sacerdotes em viagem, que discerniam as crianças mais dotadas, as quais eram primeiramente enviadas a «escolas anexas», quando existiam.

O Padre Guillet havia dado uma só directiva ao Padre Marcel:

> «Eu espero», tinha-lhe escrito, «que durante a sua permanência aqui, haverá de visitar os nossos anexos. Sabe-o por experiência, estas visitas são tão agradáveis para o missionário, como vantajosas para os Cristãos e os Catecúmenos, muito menos fatigantes e mais frutuosas que as digressões de aldeia em aldeia. Toda a Missão, (o seu território) está dividido em oito centros, incluindo Mfoua, o qual pode dignamente ostentar o nome de anexo.»[104]

Cada um destes centros estava provido do seu chefe de catequistas e da sua casa-capela, bem como das suas «escola anexas», quer dizer anexas das escolas de Donguila e preparatórias em relação a elas.

Além de Mfoua, existiam anexos em Ekouk, no Remboué, em Ezème- que o Padre Lefebvre transferiu para Kango,[105] para «o Consortium» (uma grande sociedade florestal), etc.

Os efectivos do internato dos rapazes da Missão dividiam-se assim: os últimos recrutas, denominados «novos»; depois, aqueles que se preparavam para o Baptismo e que, estando no segundo ano, eram designados como os «anciãos» (mais velhos); finalmente os «cristãos», baptizados e «comungados», até mesmo confirmados, os quais se preparavam para a saída, após a imposição do escapulário.

Naturalmente, os «cristãos» não hesitavam em pregar partidas aos «anciãos» e estes aborreciam os «novos».

Os sacerdotes toleravam as provas, as quais forjavam o moral das suas tropas.

Valentim Obame, o qual foi tirado da sua aldeia pelo Padre Marcel,

---

[103] Números de 1945, que não deviam ser muito diferentes dos de 1940

[104] P. Guillet, carta ao padre Marcel, 1 de Janeiro 1940

[105] E. Valentim Obame, Kango, 22 de Junho 1995; Etienne Meviane, 6.

faz dele o seguinte juízo: «Se eu me tornei de certo modo, alguém, foi graças a ele. Ele fez a minha vida!»[106]

O Padre Marcel aperfeiçoou, além disso, o curso dos estudos; considerando não existirem aulas em número suficiente, ele assim fez passar de duas a quatro por dia,[107] ainda que conservando a sua frequência o trabalho manual, pela fresca do principio da manhâ.

## *A guerra – A febre amarela - A missão de quarentena*

Donguila não tinha até então sido tocada directamente pela guerra. Todavia, logo chegaram as terríveis notícias dos combates em Lambaréné e da morte do Padre Talabardon. Ora, este sacerdote tinha sido o auxílio do Padre Guillet e tinha-se esgotado em Donguila. Consequentemente, o Padre Marcel enviou às exéquias do sacerdote uma delegação composta de dez alunos de Donguila.[108]

Algum tempo depois, um destacamento de tropas de Parant desembarcou, inopinadamente, numa tarde, em Donguila. Embarcados em Chinchoua numa lancha grande, à qual se tinham amarrado pirogas, uma parte dos «Saras» chadianos, surpreendidos pelas vagas, haviam perecido afogados.[109] Apercebendo-se das luzes da aldeia, os sobreviventes tinham conseguido aproximar-se; todavia, furiosos contra os seus oficiais brancos, ameaçavam matá-los. O Padre Marcel acalmou-os, e abrigou-os nas salas de aula.

Ora, várias semanas mais tarde, as crianças caíram doentes com quarenta graus de febre. Era a febre amarela. A curta permanência dos «Saras», portadores do vírus, sem por ele serem incomodados, tinha bastado para que os mosquitos transmitissem a doença mortal para os adultos. O Padre Paul Lemaire, que se devotava junto dos doentes, foi a primeira vítima: morreu na velha choupana dos Padres no dia dois de Março de 1941, seguido, de perto, na sepultura, pelo Padre Augusto. Foi a desolação. As Irmãs também caíram doentes. A Missão foi colocada em quarentena. Queimou-se enxofre em todos os edifícios, a começar pela igreja, cujos belos lustres ficaram deteriorados. As bananeiras do «Irmão Honor» tiveram de ser cortadas. Que provação para o Padre Marcel![110]

## *Mobilizado contra os Italianos- Separação Moral*

Contudo, o Padre Lefebvre não era homem para se lamentar esterilmente; o Abade Jerôme Mba-Békale tomou o lugar do Abade

[106] E. Valentim Obame, Kango, 22 de Junho 1995, 3 e 7
[107] P. Patrick Groche, in E. com V. Obame, Ibidem, 2
[108] Etienne Meviane, Libreville, 23 de Julho 1998, 7
[109] Cf. Nyonda, 54
[110] Monsenhor Lefebvre , alocução em Donguila, 21 de Janeiro 1985; Etienne

Augusto e Donguila recuperou a sua existência ordinária, perturbada, entretanto, um pouco mais tarde, pela mobilização do Padre Marcel, desta vez contra os italianos, «os quais vinham, parecia, da Líbia. Todavia, italianos, foi coisa que nunca se viu!»

Nesta ocasião, o Padre Marcel foi enviado com tropas a Bangui.[111] Ali, melhor do que esperar italianos em vão, foi ele ocupado, com os seus camaradas, a libertar os cafezais da Diocese das formigas que os tinham invadido. As mordeduras destes bichinhos não eram de todo agradáveis. Após o que o Padre Marcel foi reenviado ao Gabão, e os seus companheiros aos Camarões. [112]

Nas mãos da França livre, o Gabão encontrava-se amputado da Metrópole; os jovens recrutas missionários não podiam alcançar a colónia.[113] Por necessidade e convicção, a Casa-Mãe era fiel ao Marechal Pétain. No dia 8 de Dezembro de 1942, Monsenhor Le Hunsec escrevia aos confrades:

> «Tive com Monsenhor Grimaut e o Reverendo Padre Gay uma interessante audiência com o Marechal Pétain, de quem pude admirar o ardor, a lucidez, e uma extraordinária presença de espírito.»[114]

Do Gabão, Monsenhor Tardy escreve a 10 de Setembro de 1941 à Casa-Mãe: «Não fiqueis inquietos por nossa causa; quanto aos recursos, o Governo auxilia,[115] e os missionários usam o seu engenho. O moral de todos situa-se "acima de todo o elogio".»

Por seu lado, o Padre Fauret escreve: «Trabalho normal, um só mobilizado. Nada de essencial nos falta; não fosse a separação, e viveríamos relativamente tranquilos.[116]»

## *Missionário Construtor*

Ainda que simples titular provisório, não podia o Padre Lefebvre evitar tomar certas iniciativas para o evidente bem da missão: A construção da igreja Kango, bem como a edificação do cais, devem assim ser-lhe atribuídos.

Meviane, Libreville, 23 de Julho 1998.

[111] Um batalhão estava estacionado em Bangui em Setembro-Outubro 1941 (CF: De Gaulle, memórias de guerra, I 624)

[112] COSPEC (Conferência espiritual em Ecône por Mons. Lefebvre), 23 Dezembro 1981

[113] Por causa dos Britânicos. CF BG 590, 483 que presume sacerdotes detidos e desviados no mar pelos ingleses em 1943 e que puderam, mesmo assim, chegar a Dakar, após um desvio por Gilbraltar e Oran.

[114] BG 590, 206 e 238

[115] O governo do AOF, dependente da França livre

[116] BG, 590, 463

Em Kango, cuja população aumentava em virtude do enquadramento da aldeia na confluência do Komo e do Bakoué, e sobretudo por causa da estrada principal de Libreville a Lambaréné que ali atravessava o Komo, por barcaça, tornava-se necessário não somente estabelecer uma escola anexa, mas construir uma igreja de pedra.

«Rigorosamente reagrupar todas as pessoas à volta do Altar, dirá mais tarde, Monsenhor Lefebvre, tal é o objectivo do sacerdote. Igualmente, em missão, a primeira coisa a fazer neste sector, é edificar uma igreja para aí celebrar o Santo Sacrifício, para aí atrair as pessoas e ministrar-lhes os sacramentos. E os povos não solicitam mais (...) É necessário observar como os indígenas estão felizes com a beleza e grandeza da sua igreja, mesmo quando eles se encontram na maior miséria.[117]»

O Padre Marcel escolheu a localização da igreja e fez-lhe os planos. Os perpianhos foram, quer fabricados no local, quer trazidos de Donguila sobre lanchas grandes. O Vigamento, inteiramente preparado na marcenaria da Missão, foi montado no local. Desta maneira nasceu a Igreja de São Marcel de Kango.

Todavia, era necessário considerar também o caso de Donguila, cujo comércio sofria com o assoreamento do estuário, o qual impedia os barcos de atracar no cais. Um dia, Monsenhor Tardy, transportado como era hábito, do barco até terra, em piroga, e em seguida por entre as mãos de alunos robustos - caiu no lodo. Deste modo, o Padre Marcel decidiu construir um verdadeiro cais, estendido em comprimento, indo até ao largo, e no qual lanchas e barcas pudessem atracar.

Os Irmãos e seus aprendizes ali trabalharam. Os pilares engenhosamente constituídos por tonéis sobrepostos, nos quais se introduziu betão durante a maré baixa, eram em seguida religados por pranchões cobertos de tábuas. O trabalho prosseguiu lentamente: Dois pilares por dia, ao ritmo das marés. O Padre Marcel lançou mãos à obra, viram-no enterrado no lodo até à cintura,[118] a fim de colocar correctamente os tonéis. A obra completa contava trezentos metros de comprimento. Muito mais tarde, um barco nela embateu, e rompeu-a, tendo-se renunciado a recuperá-la, mas o cais permaneceu, todavia, por muito tempo, o orgulho de Donguila.

---

[117] COSPEC (Conferência espiritual em Ecône por Mons. Lefebvre), 30 de Novembro 1971

[118] Patrick Groche, in E. com Valentin Obame, p. 4; Ecône, Etienne Meviane pp. 1-2

## *Últimos conselhos – Partida de Donguila*

No Natal de 1942, foi adoptado em Donguila, em presença de mais de setenta chefes de aldeia das subdivisões de Libreville, Kango e Chinchoua, um projecto de regulamento dos matrimónios entre indígenas de raça Fang.[119] O Padre Marcel tinha participado na sua elaboração. Este documento, por instigação do próprio Parant,[120] fazia reconhecer, para os cristãos, a exigência da monogamia, impedia o tráfico de raparigas impúberes e reconhecia a utilidade do dote, estatuindo que «o casamento sem dote é de reprovar porque ele coloca numa situação de tutela que se assemelha demais a escravatura, tanto o marido como a mulher» (face ao pai ou tutor da mulher), mas limitando o montante do dote a cerca de mil francos. Finalmente, certos impedimentos do casamento eram reconhecidos. Uma tal regulamentação, ilustrava as excelentes relações estabelecidas entre o novo governo do Gabão e a Igreja.

O dia em que os grandes deixavam o Internato, eles recebiam do Padre Lefebvre o último conselho, bem prático, que se estrutura em duas palavras:

«Vós ides partir para vossas casas. Vós ides ficar pobres. É necessário que vos dediqueis a um ofício.»[121]

Todavia, foi ao Padre Lefebvre a quem coube, dentro em pouco, dizer adeus a Donguila. Efectivamente, em Março de 1943, o Padre Defranould, fatigado, havia tido necessidade de ir repousar em Mouila; Foi ao Padre Fauret que Monsenhor Tardy chamou para Libreville, para lhe suceder no cargo de Vigário-Geral.[122] Por este facto, a Missão de Lambaréné passava a necessitar dum novo Superior.

O Padre Fauret, sem ambição, lamentando deixar a sua querida selva, não hesitou em objectar filialmente a Monsenhor Tardy:

- Monsenhor, vós sabeis que eu não possuo nenhum diploma e vós mesmo, quando éreis meu Superior em Chevilly, haveis-me reprovado o não consagrar ao trabalho intelectual todo o esforço que me era possível.[123]
- É verdade, mas ainda assim escolho-o a si.
- Mas, Monsenhor, porque não escolheis vós o Padre Lefebvre? Ele estudou em Roma. Tem diplomas.

---

[119] Texto manuscrito da mão do Padre Marcel e dactilografado
[120] Circular do Governador do Gabão, 24 Outubro 1942
[121] Etienne Meviane, Ecône 23 Julho 1998, Libreville, p. 8
[122] BG. 590, 497 Carta de Monsenhor Tardy à casa Generalícia, 23 março 1943
[123] Notícia biográfica de Monsenhor Fauret, 16p. S:L:N:D: p. 6

Então Monsenhor Tardy replicou:

-Eu não escolho como colaborador uma cabeça de mula.[124]

Contudo, o Padre Fauret não era muito mais cómodo. Todavia, era um sertanejo mais experimentado que o Padre Marcel, portanto mais digno de se tornar o braço direito do Bispo. Eis assim como o Padre Marcel foi nomeado Superior, não interino, mas titular, em Lambaréné.

Foi portanto necessário ao Padre Marcel deixar a sua amada Donguila, à qual as provações o haviam unido. Ele ofereceu generosamente o sacrifício que lhe era solicitado, e tomando os seus pobres pertences, empreendeu o caminho de Lambaréné.

## 8. Superior da missão de Lambaréné.

### *Abril 1943- Outubro 1945*

Geograficamente bem situada, num local onde convergem as populações Myéné do Ogooué, Fang vindas do Norte, e Echira, do Sul, junto da confluência do grande rio e do Ngounié, solidamente estabelecida sobre o seu promontório entre os dois braços do rio, com as suas construções em tijolos, a Missão São Francisco Xavier não era assim mesmo uma obra adquirida: tinha diante dela três missões protestantes, por vezes mais antigas do que ela, e das quais duas, Ngomo e Samkita, eram reforçadas por um empreendimento industrial ou agrícola. As «missões evangélicas» faziam então poucos prosélitos, todavia o número dos seus adeptos não era negligenciável: Numa população de 14000 almas, contavam-se 3800 católicos, 1200 catecúmenos e 2500 protestantes. Estes «missionários» disseminavam por entre os indígenas uma detestável mentalidade que o Padre Bloch, superior em 1930, descrevia assim:

«Ódio ao Catolicismo, espírito de orgulho e livre exame, e indisciplina.[125] »

Mas o que era isto em comparação com a massa dos 6500 pagãos a converter à graça de Nosso Senhor Jesus Cristo? Como fazer recuar o reino de Satanás? A missão apenas possui dois sacerdotes: O Padre Lefebvre e o Padre Kwaou, que partilham assim o ministério: para o Padre Marcel a administração e as digressões; para o sacerdote indígena o Internato de 213 rapazes; enquanto que o das raparigas é confiado às Irmãs: Madre Marie-Agnès (direcção, ca-

---

[124] Diálogos relatados pelo próprio Monsenhor Fauret ao padre André Buttet CSSP, ms. I 28, 8-15

[125] BG.484, 957

tecismos, conferências), Irmã Gonzaga (lavandaria, rouparia), Irmã Saint Roger (enfermaria, sacristia, primeira classe), Irmã Praxède (cozinha, animais da criação) e Irmã Júlia, gabonesa (escola, trabalhos manuais, plantações).[126]

O perímetro das Irmãs e das raparigas encontrava-se bem separado do dos sacerdotes e rapazes; os edifícios estão bem ordenados em vastos quadriláteros envolvendo grandes pátios sombreados por árvores; à bonita e antiga Capela das Irmãs, corresponde simetricamente, do lado dos sacerdotes, a vasta e elegante igreja românica da Missão, cujo campanário será sobrelevado, todo de tijolos, pouco depois da partida do Padre Lefebvre.

Com o trabalho dos catequistas (aproximadamente setenta, repartidos por cinco regiões, sob a direcção de cinco chefes-catequistas, tal como Thomas Atondo-Dyano, que reinou sobre a Petite-Rivère e o lago Onangué de 1936 a 1962), constituem-se, como verificava claramente o Padre Lefebvre,

«As nossas escolas, as quais estruturam a grande via de cristianização completa do País. Sem elas, nós não podemos mais esperar conservarmos a grande influência que as missões católicas actualmente possuem. É para nós realidade capital.[127]

## *Um superior "faz-tudo"*

Quando o Padre Lefebvre se encontra no seu posto, assegura como em Ndjolé os seus deveres espirituais de Superior, pregando alternadamente com o Padre Théodore nas missas dominicais.

> «Em Lambaréné, contar-nos-á ele, quando tinha um pouco de tempo, tomava São João Crisóstomo, e ficava estupefacto ao pensar que teria quase podido traduzir em língua indígena os sermões de São João Crisóstomo, e disponibilizá-los, tal qual são! E as pessoas tê-los-iam compreendido.» [128]

O Padre Marcel pregava igualmente retiros de Baptismo e de Primeira Comunhão, presidia ao exame oral para admissão de rapazes e de raparigas aos sacramentos, e cumpria nos horários previstos a administração do sacramento de penitência, empregando o seu tempo para admoestar e aconselhar. «Ele era demasiado... longo» considera um dos seus penitentes de então; a penitência não era menos longa: três dezenas, até mesmo o terço inteiro, «quando se tratava de algo demasiado forte». [129]

---

[126] Situação estatística anual do Vicariato ap. Do Gabão, 20 Novembro 1945; Anastásia Igala, 1

[127] Plano manuscrito duma Conferência sobre o Gabão, 1945.

[128] RETREC- 8 de Setembro 1982, 17 horas
Agathe Mouenkoula, 6 e 10; Richard Rébéla, 6

O Padre Marcel vai também levar a Extrema-Unção ou o Baptismo aos doentes internados no hospital do Doutor Schweitzer, e de cada vez se diverte com o ambiente rústico que aí reina. Efectivamente, Albert Schweitzer (chegado a Lambaréné em Março de 1913) introduziu no seu hospital um ambiente aldeão: «É necessário», diz ele, «fazer viver o doente como se ele se encontrasse no seu enquadramento habitual, daí a presença da parentela, dos suínos, da criação... Que têm o efeito de elevar o moral do doente. Além disso, os parentes podem pagar em géneros os cuidados médicos, assim ou efectuando trabalhos penosos no hospital: «Varrer, limpezas, transporte de água.»

O Padre Marcel admira o senso prático do doutor, mesmo que não partilhe a sua filosofia que tende para o panteísmo: se tudo é de alguma maneira, Deus, é necessário respeitar mesmo os mosquitos. «Não mateis este mosquito, dirá o doutor um dia ao padre Marcel, ele tem o direito de viver.» O acento alsaciano alegra ainda o diálogo. Mas existem as melhores relações entre a Missão católica e o Protestante Schweitzer: não ajudou outrora a Missão a construir o hospital, emprestando embarcações e crianças grandes para extrair e transportar as pedras? Consequentemente, vem também o doutor à Missão, para no próprio local cuidar dos sacerdotes doentes. Albert Schweitzer, que era um bom organista, vinha mesmo nas grandes solenidades, tocar o pequeno órgão na tribuna da Igreja São Francisco Xavier.[130]

O Padre Marcel reservava para si as repetições litúrgicas ministradas à numerosa turba hierarquizada dos seus meninos de coro. Quando os movimentos não eram perfeitos, diz o Padre Marcel, tenazmente: «Não, recomecemos!» «Ele ensinou-nos o respeito pela Pedra d'Ara»[131], recorda-se um dos seus acólitos. Menos feliz no canto, o Padre Superior deixava ao Padre Kwaou, o cuidado de dirigir a *schola* dos cantores, bem como de seleccionar e formar os solistas. O canto gregoriano entusiasmava os indígenas, que conheciam de cor o seu Kiriale e um bom número de missas dominicais e de festas, graças ao seu «Gaschy». Tendo podido adquirir este célebre devocionário anotado, um coralista grita a sua alegria: «Agora, eu tenho o meu Gaschy! Ora bem ! Eu terei o meu céu; eu serei um solista eterno nos Céus.»

---

[130] Nyonda, 30; COSPEC (Conferências espirituais realizadas por Mons. Lefebvre) 113 B, 22 Fevereiro 1985

[131] MS III, 19, 44 ; Pierre-Paul Tsire- Mendome, 12.

Sob a direcção das Irmãs, o Internato das raparigas forma as alunas mais velhas nos trabalhos domésticos, antes de lhes procurar encontrar, à saída, um jovem esposo cristão ou catecúmeno.[132]

O Padre Lefebvre era paternal para com os rapazes do Internato, conseguindo-lhes bolas para os seus jogos, bem como catanas para desbastar o mato.[133] Quando devia negar uma permissão, dizia "não": «Então quando ele dizia não, era não!» Era o Padre Théodore quem estava encarregado da disciplina e das permissões. Ele armava-se facilmente do seu chicote, por ele apelidado de Azougamé:

«Não me arrelieis, não me provoqueis.» Este bastão ou esta chibata de pele de hipopótamo retorcida doía muito, mas não comportava perigo. Isto não era nada em comparação com as punições pouco razoáveis infligidas pelos pais na aldeia, tais como pôr pimenta no canto dos olhos ou sob as axilas. A Missão inculcava uma ordem de justiça e de trabalho formador. Quando o Padre Marcel devia, ele próprio, castigar, o que raramente acontecia, «ele batia com uma grande reserva, na medida em que tinha o hábito de muito perdoar». «Ele tinha sempre um sorriso no rosto» recordam-se os antigos.

«Ele era muito doce, diz um deles; todas as crianças estavam contentes com ele; e até os aldeãos o apelidavam, igualmente, de "Bom Padre", é um bom Padre.» [134]

O Padre Lefebvre aprovisionou a sacristia com novos artigos litúrgicos[135] e, tal como em Ndjolé, ele estabeleceu um gabinete de acolhimento no rés-do-chão, sob o seu quarto, visto que outrora os padres não recebiam as pessoas após a missa cantada e os fiéis vinham, ainda assim, passando por cima das barreiras que cortavam o acesso à residência dos sacerdotes. Algumas vezes, para os expulsar, os alunos regavam-nos com água: «Parti, parti, levantai o acampamento! (Levantai ferros!)» O Padre Lefebvre não mais permitiu uma desordem como esta, quis que as pessoas fossem acolhidas, que fossem acomodadas, para que os sacerdotes as escutassem, cada uma por sua vez. Com este gabinete, toda a gente era recebida. [136]

---

[132] Anastase Igala, 1.

[133] Pierre-Paul, 4 ; Antoine Bastien, 4

[134] Antoine Bastien, 9; Pierre-Paul, 9; Richard Rebela,4

[135] Antoine Bastien, 4 e 6

[136] Pierre-Paul, 4-5

## *Um verdadeiro empreendimento ao serviço das almas*

Para estes trabalhos, a sabedoria dos Irmãos era preciosa. Havia, em primeiro lugar, o Irmão Roch; já idoso, ocupava-se ele dos jardins, e ministrava às crianças conhecimentos sobre as culturas;[137] estava, além disso, encarregado dos carneiros e do aprisco (ao cuidado das Irmãs, havia cabritos). Ele tinha chegado ao Gabão em 1899 e aí permaneceu sessenta anos, até à sua morte, ocorrida em Lambaréné no dia 1 de Fevereiro de 1959. Pedreiro, marceneiro, carpinteiro, tinha-se tornado um verdadeiro mestre artesão capaz de erguer um edifício, de o cobrir (com telhado) e de o mobilar. Amava um trabalho bem feito. Um bom homem, o Irmão Roch atraía as simpatias. Em Libreville tomavam-no por vezes, ao serviço do Bispo, em Lambaréné, ao serviço do Superior. Sempre duma regularidade exemplar, muito frequentemente o primeiro na capela, era apreciado pelos confrades e pelos demais pelas suas birras e implicações gentis; Tantas eram as qualidades que possuía em comum com o Padre Marcel. Acima de tudo, era amado, porque era caridoso.[138]

Os vastos edifícios da marcenaria ocupavam o terreno situado entre o caminho e o Ogooué; o Irmão Árcade, o Irmão do Padre Tabalardon, morto na guerra, era secundado pelo Irmão Marcien,[139] em seguida pelo Irmão Barthelemy e auxiliado pelos aprendizes, ia cortar madeira na floresta, estruturando-a em toros e pranchas, transportava os troncos e deles fabricava toda a espécie de utensílios de carpintaria, e de cascos de piroga, de jangadas, de rebocadores e de barcos fluviais,[140] cuja venda providenciava à missão recursos essenciais. O orçamento esboçado pelo Padre Marcel é disso testemunha. Os números são contados em francos de 1945.

A obra dos aprendizes tinha como objectivo a formação dos jovens, catecúmenos ou baptizados, no exercício prático dum ofício a fim de facilitar a formação de famílias cristãs. A formação prática nas oficinas era completada por aulas de formação geral, um curso profissional, conferências espirituais e um catecismo quotidiano. Secundariamente os aprendizes participavam na manutenção da Missão.

---

[137] Marc Obiang, 19; Richard Rebela,4

[138] BF 104, 223-224

[139] Chegado ao Gabão em 1937, BG 565, 271 (Buletim da Congregação do Espírito Santo)

[140] Antoine Bastien, 5; Agathe, 2 ; COSPEC, 92 B

| Despesas | Receitas |
|---|---|
| Pessoal da Missão...........85000 | Abono da propagação da fé 40000 |
| Escolas da Missão e Anexos da missão.........125000 | Abono do Governo às escolas 80000 |
| Construções e formação de aprendizes.......................45000 | Honorários de Missas............10000 |
| Catecismo e ministério .......................................65000 | Dádivas dos europeus............30000 |
| | Óbolos dos indígenas.............20000 |
| | Oficinas da Missão...............140000 |
| Total.............................320 000 | Total..................................320 000 |

Se se pensa, igualmente, na escola normal que formava monitores e professores primários para as escolas, se bem se medita no dispensário das Irmãs, que cuidava quotidianamente de sessenta pacientes, ter-se-á uma pequena ideia do belo empreendimento espiritual e temporal, gerado pelo esforço do Padre Marcel, durante dois anos.

Finalmente, nas quatro grandes festas do ano: São Pedro e São Paulo (fim do não escolar), São Miguel (regresso à escola), Natal e Páscoa, os rios povoavam-se de pirogas sarapintadas, conduzindo à «Aldeia dos Cristãos» por eles edificada, junto à Missão, as famílias das aldeias, mesmo as mais remotas, para viverem, em ambiente cristão, as festas litúrgicas.

## *Melhorar o rendimento... E combater o Demónio*

A vida do missionário encontra-se entretecida de realidades espirituais e materiais, de temporal e de eterno: é o que constitui o seu atractivo, a sua vocação específica. O Padre Marcel encontra-se verdadeiramente no seu elemento. O reino dos Céus avança, com mais de quatrocentos e cinquenta baptismos por ano em Lambaréné. De 1932 a 1945, o número de católicos gaboneses passará de 33800 para 85471, sofrendo entretanto um abrandamento no crescimento a partir de 1940. É bem necessário que este reino incarne igualmente, em São Francisco Xavier no ram-ram quotidiano. E por isso, o Padre Lefebvre é um «homem de governo», que sobreleva «no rendimento dos serviços da Missão».[141]

Antoine Bastien, 7

Primum vivere, viver em primeiro lugar. A guerra dura; é necessário organizar-se. Na estação seca, desde o encerramento das aulas, uma vez confeccionadas as redes, os rapazes vão instalar o seu acampamento de pesca no lago Niogo, cujo proprietário é a Missão, no Norte, e o peixe, tal como em Ndjolé, é seco e colocado em tonéis. As raparigas, por seu lado, vão ao lago Zilé, a leste, mesmo ao lado, à plantação que pertence igualmente à Missão. O excedente destas pescarias bem como destas culturas alimentares é vendido, e serve para adquirir aprovisionamentos de mandioca e mesmo de arroz, pelo qual as crianças eram loucas, e que diziam, referindo-se ao seu padre alimentador: «Mas ganhou-se o Homem de Deus! Ei--lo ali!»

Mais ainda, o Padre Lefebvre encomendou uma arma de fogo, uma espingarda, encontrou um caçador e igualmente um pescador, para nutrir as crianças de carne e peixe fresco, de gordas carpas do lago Zilé.

> Então, crianças, perguntava ele com o seu sorriso, come-se bem?
> Sim, Meu Padre, come-se bem desde que vós chegastes! Come-se bem.
> Não contente em melhorar as refeições, o Padre superior quis aperfeiçoar as instalações industriais. Um velho forno de tijolos, funcionando ao lado do cemitério, foi substituído por um maior, colocado junto da «Aldeia dos cristãos».

Do mesmo modo, mandou vir um sistema gerador de electricidade, bem como uma pequena máquina auxiliar. Toda a Missão ficou assim iluminada; ligou-se o torno da marcenaria à pequena máquina. «Eis aí, diziam as pessoas, eis aí o homem de Lambaréné. É ele que nos traz a luz.» Seguidamente, o Padre Marcel ordenou a reparação da via que conduzia da cidade à Missão, e que se tornou numa estrada transitável. Um dia, um grande queijeiro – uma árvore muito grande – que o Padre Lefebvre tinha feito cortar, caiu e barrou a estrada. Havia dificuldade em fraccioná-la no próprio local.[142] Um incidente semelhante foi fotografado[143]: A imagem mostra o Padre Lefebvre apeado da camioneta, inteiramente nova, que tinha adquirido e conduzia pessoalmente, deliberando com dois Irmãos e um indígena diante do incómodo tronco.

O Padre Lefebvre substituiu igualmente o velho automóvel dos sacerdotes por um outro, de fabrico antigo, porém actual. Como pro-

[142] Antoine Bastien, 2, 3, 4, 8 e 9.
[143] Philippe Héduy, Monsenhor Lefebvre e a Fraternidade, SPL, 1991 p. 17

cedia ele, em plena guerra, para conseguir encontrar e adquirir todas estas máquinas? Era esta a questão que se colocava entre os seus colaboradores, aliás muito satisfeitos com os melhoramentos.

E não é tudo. O Padre Lefebvre estabeleceu o projecto de sobre elevar o campanário, e ele próprio fez elevar a água corrente ao andar dos quartos dos sacerdotes. Finalmente, prevendo o desenvolvimento do Bairro Isaac, do outro lado da água, para lá partiu, um belo dia, com o objectivo de delimitar um terreno de que se havia apropriado, para aí edificar a Capela de Nossa Senhora do Ogooué; esta foi construída sob medida para se adaptar à armação metálica que um hangar de aviões lhe fornecia no estaleiro Aubertin.[144] Um catequista foi instalado no local.

É necessário dizer que este bairro era por vezes frequentado pelos Bwitistes. Na realidade, o fundador da família Isaac de Lambaréné, Jean-Marie Isaac, tinha sido um dos raros europeus iniciados na seita.

Portanto, em certas noites, os tam-tam e outros sons ocos de madeira, ressoavam a um ritmo endiabrado e os homens, empanturrados da carne dum mamífero africano semelhante a javali, e abarrotados de vinho de palma, após terem reunido o seu tenebroso conciliábulo, com a face coberta de impenetráveis máscaras, punham-se a dançar ao clarão dos archotes, efectuando contorções, escancarando o fogo sob as pupilas dilatadas da multidão que se amontoava.[145] Eis aquilo de que o Padre Marcel não gostava; por isso, mais de uma vez, acompanhado de robustos aprendizes, tentou dispersar esta gente que «lavava o Bwiti» como se diz. Por detrás da fachada destas obscuras tradições, malsãs, por vezes francamente lascivas, via o Padre Marcel por demais claramente o poder dos demónios, para poder acalentar o menor desejo de dialogar.

Certamente, ele não enfrentava directamente os feiticeiros, mas se o Padre Marcel se inteirava de que um cristão ou um catecúmeno reincidia na idolatria, não o tolerava. Viram-no uma vez dirigir-se à choupana mesma do culpado e, sob o olhar atemorizado deste, destruir a golpe de machete um bem individualizado fetiche. À corrupção da religião, na idolatria, era muito sensível o Padre Marcel, sobretudo nos sacrifícios ofertados pelos africanos, não em sinal de submissão a Deus, mas como o meio de afastar os maus espíritos que os rodeiam, por vezes muito realmente. Assim explicará Monsenhor Lefebvre:

---

[144] Pierre-Paul, 9, 6 e 13; Antoine Bastien, 4, 6, 8,

[145] Chr. Dédet, La Mémoire du fleuve (a Memória do Rio), 456 e 185-186

«Eles crêem nos demónios, mas vivem atemorizados, e seus sacrifícios encontram-se falseados desde o principio, eles vão mesmo até ao ponto de proceder a sacrifícios humanos. É a religião desviada do seu verdadeiro objecto. No seio da verdadeira religião, a oblação da vítima ou da oferta significa a nossa oblação interior».[146]

### *A morte heróica do Senhor René Lefebvre*

Entretanto, as novidades da guerra constrangiam periodicamente os corações dos missionários, quer de esperança, quer de angústias. No dia 8 de Novembro de 1942, o desembarque aliado no Norte de África abria janelas à esperança. No dia 30 de Janeiro de 1944, o futuro da África negra era traçado na Conferência de Brazzaville.

Em breve, o desembarque na Normandia constituía o prelúdio da libertação da França. Uma semana mais tarde, o «Nord libre» anunciava a morte do Senhor René Lefebvre, pai do nosso missionário.

Desde a declaração de guerra, ele havia reatado o seu serviço junto do sistema belga de informações; ele pôde assim transmitir dados, albergar em sua casa soldados evadidos, bem como civis desejosos de se estabelecerem em Inglaterra, e dirigi-los até ao seu destino. Detido pela Gestapo em 21 de Abril de 1941, foi encerrado na prisão. Na sua última missiva, datada de 9 de Setembro de 1941, escrevia o Senhor René Lefebvre à sua família e aos seus amigos:

«Vós sabeis que eu morro como católico, francês, monárquico, porque para mim é no quadro da constituição de monarquias cristãs que a Europa, o mundo inteiro, podem encontrar a estabilidade, a verdadeira paz».

Condenado à morte em Berlim, em 28 de Maio de 1942, por «envolvimento com o inimigo e recrutamento de jovens capazes de usar as armas contra o Reich Alemão», foi por fim internado no campo de trabalhos forçados de Sonnenburg. Encarregado de confeccionar calçado com palha humedecida, que lhe cortava os dedos, a pele descolando em pedaços, ele conseguiu sabotar o seu trabalho: permanecia patriota. O frio, a humidade, os furúnculos não logram vencer, nem a sua piedade – rezava incessantemente o seu rosário – nem a sua confiança na vitória da Pátria. Foi de uma hemiplegia, seguida duma síncope, em virtude da qual o guarda o moeu de pancada, que ele morreu em Fevereiro de 1944, como um autêntico resistente e artífice heróico duma reconquistada liberdade francesa.[147]

---

[146] COSPEC, 11 de Janeiro 1972

[147] UPUM,(Breve Biografia dos Pais de Monsenhor Lefebvre) 89-107 Fideliter, nº 11, pp 17-19

## *Em digressão pelos lagos*

É a libertação cristã da servidão do pecado, o tema desenvolvido pelo Padre Marcel, nas suas viagens pelas aldeias e estâncias florestais.

A bordo do barco a motor denominado Maduaka, vai o Padre Marcel visitar as estâncias do Lago Gomé, no Oeste. A situação dos trabalhadores, como os das minas, inspira uma grande compaixão:

> «O recrutamento é abominável e vergonhoso, escreve ele; trata-se realmente de escravidão. As condições de trabalho, de pagamento, as habitações, são deploráveis, mormente nas minas. Os indígenas são capazes de desenvolver um bom trabalho, na medida em que possuam o ambiente e a atmosfera da aldeia, bem como os socorros religiosos que solicitam.»[148]

O Padre Lefebvre não deixou de salientar tudo isto ao chefe da estância, quando conseguiu reunir os trabalhadores para a Missa e para as confissões. Por vezes, para alcançar as estâncias afastadas, é necessário «Bater com os pés, bater com os pés», o Padre levando a sua toalha e o seu assistente doméstico levando a pequena mala. Num dia percorrem trinta quilómetros pelos caminhos.

O Padre Lefebvre, relata o seu companheiro, possuía grande predisposição para a marcha, e o seu modo era surpreendente, dado que caminhava duma maneira muito leve, sustentando-se apenas na ponta dos pés; «era muito leve, flexível». Mantinha este andamento, mais a mais, no ambiente da Missão, inclinado para a frente e sobre a extremidade dos pés; isso provocava um pouco de medo às crianças que assim lhe puseram a alcunha de Kodo Kodo.»[149]

Uma tarde, entretanto, quando regressava, sozinho, duma longa digressão pela selva, eis que se perdeu. A noite caía. O Padre Marcel julgou que ia morrer assim, inteiramente só com Deus. Com este pensamento a sua alma foi inundada de alegria: morrer ali, perdido, só com Deus[150]! O seu anjo da guarda fê-lo reencontrar felizmente o seu caminho, e as digressões prosseguiram.

A viagem dos lagos do sul era cheia de encanto. O grande braço prateado do Rio Ogooué conduzia-o ao Ompomwona (O Contentamento) onde o Padre Lefebvre tinha fundado uma escola anexa frequentada por cinquenta rapazes internos. Depois, poupando-se de

---

[148] Conferênça sobre a liberdade no trabalho, Mortain; CF. Dédet, 121-157

[149] Pierre-Paul; Olivier Akilemy, Libreville, 1998, 3

[150] Recordações duma conversação de Monseñor Lefebvre no Parlatório do Carmelo de Sébikotane

regressar pelo Orombo-Mounédjoué[151] (Rio do Pelicano) povoado por hipopótamos, o Padre Lefebvre tomava de empréstimo o Wombolié (O Grande Rio). Todavia este não é sempre bom de navegar em fim de tarde, quando rebenta uma tempestade. Nalgumas horas, o ar saturado de electricidade havia-se tornado irrespirável. Caía a noite dum lado ao outro do cobertor de chumbo. Os clarões sucediam-se com intervalos cada vez mais curtos. Fortes deflagrações zurziam contra as margens alcantiladas e aí reverberavam; a onda sonora de uma parecendo chocar a interminável vibração da outra. A água não demora a esguichar, fazendo mesmo cachão. Não se distingue mais nada no interior da embarcação. É necessário proteger o motor, escoar a água com toda a força, e acostar o mais depressa possível.[152]

Passar-se-á a noite em Nombedouma para, no dia seguinte, penetrar na imensidade do Lago Onangué, do qual Marcel compõe, por suas próprias mãos, uma carta das ilhas, dos promontórios e dos braços que mergulham em desconhecidos meandros. O vento açoita os rostos, as vagas sacodem o batel. Na orla do Lago Oghémoué, descansa-se em Inigo, face à Pequena Savana. Um outro dia, o Padre estará em Oguéwa («Vagas do mar que rebenta»: como é possível dizer tantas coisas numa só palavra?) Esta aldeia é do seminarista Cyriaque Obumba; o chefe catequista Tomás Atondo-Dyano ali reside. O Padre Marcel verifica o andamento da escola anexa, bem como dos seus dois internatos;[153] com que impaciência não é esperada a visita do missionário! Um emissário anunciou-a antecipadamente, a choupana-Capela está pronta, o sacerdote acomoda-se para intermináveis sessões no confessionário, porque sabe que se o Sacrifício Eucarístico e a comunhão constituem o essencial, na exacta medida em que eles santificarão os esforços e robustecerão os compromissos do matrimónio, contudo os outros sacramentos, aí estão, para outorgar às almas as disposições necessárias para o Primeiro. Com que cuidado o Padre Marcel aplica este primeiro principio da sua pastoral! Com que alegria não observa ele então a transformação progressiva das almas pela graça da Santa Missa, para a qual foram bem preparadas. É a própria aldeia que se transforma espiritualmente, «mas também fisicamente, socialmente, politicamente».[154]

A digressão completa-se por uma visita ao lago Ezanga, e o regresso processa-se sob o olhar dos pelicanos, os quais se recreiam no alto

[151] L'Agouma-sobre o mapa

[152] CF Dédet, 124, 128-130

[153] Pierre-Paul, 14; Richard Rébéla, Ogouéka, 3

[154] Sermão do Jubileu, 1979, Fideliter nº 12, p. 67.

das árvores que debruam o seu rio; a barca encontra-se novamente sobre o Ogooué.

Foi aí que um dia de Outubro 1945, as crianças que o acompanhavam lhe dizem:

Meu Padre, aproxima-se uma piroga, lá em baixo.
Efectivamente!
Ah! Meu Padre, essa é uma piroga da Missão.
Da Missão? Porquê? O que é que se passa? O que é que eles vêm fazer? Será que há novidades?
Ah! Sim, trata-se indubitavelmente de uma piroga da Missão, sem dúvida!

Com efeito a piroga dirigia-se para junto deles, cada vez mais perto, até acostar:

Ah! Meu Padre, disse o mensageiro, há um sobrescrito urgente que acaba de chegar para vós, ei-lo.

O correio provinha de Paris, o envelope trazia a letra do Superior Geral.

O Padre Marcel quebrou o sinete, leu: Ele era chamado a França!

## *Chamado a França* [155]

A missiva, uma carta muito breve de Monsenhor Le Hunsec, dizia muito cortesmente:

«O Superior Geral dos Padres do Espírito Santo (...) desejaria muito que o Padre Lefebvre regressasse a França; Ele tem a intenção de o empregar no nosso escolasticado de Filosofia»

Marcel Lefebvre dirá mais tarde:

«Esta pequena carta dilacerou-me o coração. Nesse momento vieram-me as lágrimas aos olhos. Os indígenas aperceberam-se disso, mas não com demasiada nitidez, ainda assim.»

Somente um missionário pode compreender esta mágoa: ter ofertado o seu suor, e o seu coração, a uma terra longínqua, às almas, Fang, com os Fangs, Galoa com os Galoas, e dever tudo abandonar, regressar à França onde não mais desejaria entrar, é duro, muito duro.

Mas imediatamente, o Padre Marcel recompôs-se e pronunciou o seu Fiat. Monsenhor Superior Geral não exprimira senão um desejo, todavia Monsenhor Tardy confirmou que se tratava duma intenção bem determinada: No próximo conselho, o Padre Lefebvre seria

---

Marziac, I, 105; PHLH (Pequena história da minha longa história; Vida de Monsenhor Lefebvre contada por ele mesmo às Irmãs da Fraternidade de São Pio X), 54-55; E. Olivier Akilemy, p. 3

nomeado «Superior da comunidade e director do escolasticado de Filosofia»[156] de Mortain; requeria-se a sua aceitação. Ele obedeceu.

«A obediência, diria ele, constitui sempre uma boa coisa, eu regresso contente ao pensar que não cumpro senão o meu dever.

«Eu tinha tomado a resolução, de nunca tentar saber, porque é que os meus superiores me afectavam aqui ou ali... E, onde quer que fosse, remeter-me ao trabalho, sem complexos, sem grandes saudades pelo posto que acabava de deixar.

Aliás, possuindo a graça de Deus! Vive-se com o nosso temperamento, o nosso carácter, segundo a nossa formação, e o bom Deus confere a graça de estado para desempenhar a tarefa que vos é confiada. Trabalha-se sob o olhar de Deus (...) não para triunfar no nosso trajecto, mas para lograr alcançar a salvação das almas, para fazer bem.»[157]

O Padre Marcel instruiu o seu sucessor, o Padre Neyrand, ofereceu a sua espingarda a Henrry Ngome, o catequista, deu um fato a Pierre-Paul, seu assistente doméstico, e fez a sua despedida da Missão, depois da escola das Irmãs; as crianças choravam, ele apenas conseguia exclamar «Meu Deus!» em língua galoa. Os fiéis, por entre lágrimas, não queriam deixá-lo partir. Eles quotizaram-se para enviar telegramas a Libreville:

«Deixai-nos o Padre Marcel; que Lambaréné permaneça como o seu derradeiro posto e, se ele morrer, é em Lambaréné que deve ser enterrado».

«Não favoreci esta diligência, precisará Monsenhor Lefebvre, porque recusar um posto, incentivar os paroquianos para que façam uma petição é um escândalo».[158]

Monsenhor Tardy simplesmente respondeu que se Lambaréné tinha necessidade do Padre Lefebvre, a Igreja, ela, tinha dele necessidade para um serviço de ordem superior.[159]

A embarcação fluvial apeou o Padre Marcel em Port-Gentil, onde ele esperou oito dias, na missão dirigida pelo Padre Henri Clément,[160] pelo barco seguinte para Libreville. Em Santa-Maria, ele despediu-se do seu Bispo, do seu irmão, o Padre René, e levantou voo a bordo dum avião militar que repatriava os europeus idosos ou doentes, um pequeno avião que fez escala em Douala, em Kano, no

---

[156] BG, 301: Conselho de 16 de Outubro 1945

[157] COSPEC (Conferências espirituais em Ecône) 109 B, 24 maio 1984

[158] COSPEC 25 de Setembro de1972

[159] Marie-Agatha Mouenkoula, E. Lambaréné, 20 de Julho 1998,1 ; Antoine Bastien, 4; Pierre-Paul, 2-3

[160] Irmã Gabrielle-Marie, 4-5.

norte da Nigéria, depois em Argel. Em Paris, Monsenhor Le Hunsec recebeu-o paternalmente na rua Lhomond, depois enviou-o ao Padre Provincial: «Vá ver o Padre Laurent, diz-lhe, é ele o culpado, foi ele que o reclamou!»[161]

[161]Cf. PHLH, 55 ; MS I, 26, 16-17 ; 40, 4-8.

# Capítulo VII
# A batalha de Mortain

A partir de 1943, os serviços da Província Espiritana de França tinham deixado a Rua Lhomond, separando-se da Casa Geral, em conformidade com o voto do Capítulo Geral de 1938, e haviam-se instalado na Rua dos Pirenéus 393, no norte de Paris. Era ali que residia desde o dia 6 de Junho de 1944, o próprio dia do desembarque aliado na Normandia, o Padre Emil Laurent, que tinha sucedido ao Padre Aloyse Aman, que estava fatigado.[1] Um homem novo ia defrontar uma situação nova.

Após ter sido companheiro e amigo de Seminário e de noviciado de Marcel Lefebvre, Emil Laurent, tinha-se tornado professor no pequeno Seminário dos Camarões, depois Padre repetidor em Santa Chiara; no dia 8 de Outubro de 1940, após a divisão da França em duas zonas, foi chamado à direcção do escolasticado que reagrupava em célula, Puy-de-Dôme, na Zona Livre, uma cinquentena de estudantes não mobilizados ou licenciados.[2]

Os dois escolasticados, de Chevilly e de Mortain, haviam sido requisitados desde 1939. Não obstante, os teólogos puderam recuperar Chevilly até Junho de 1944. Em contrapartida, os filósofos refugiados de Mortain em Langonnet, na Bretanha, ali permaneceram até ao fim da guerra.

Com efectivos certamente reduzidos, as casas de formação tinham podido prosseguir as suas tarefas e fornecer mais de cem jovens sacerdotes missionários.[3]

A libertação da França envolveu, em 1945, o regresso dos soldados desmobilizados bem como o dos prisioneiros libertados, que vieram assim acrescentar-se aos escolásticos em curso de formação bem como os jovens professos saindo do noviciado. Era necessário

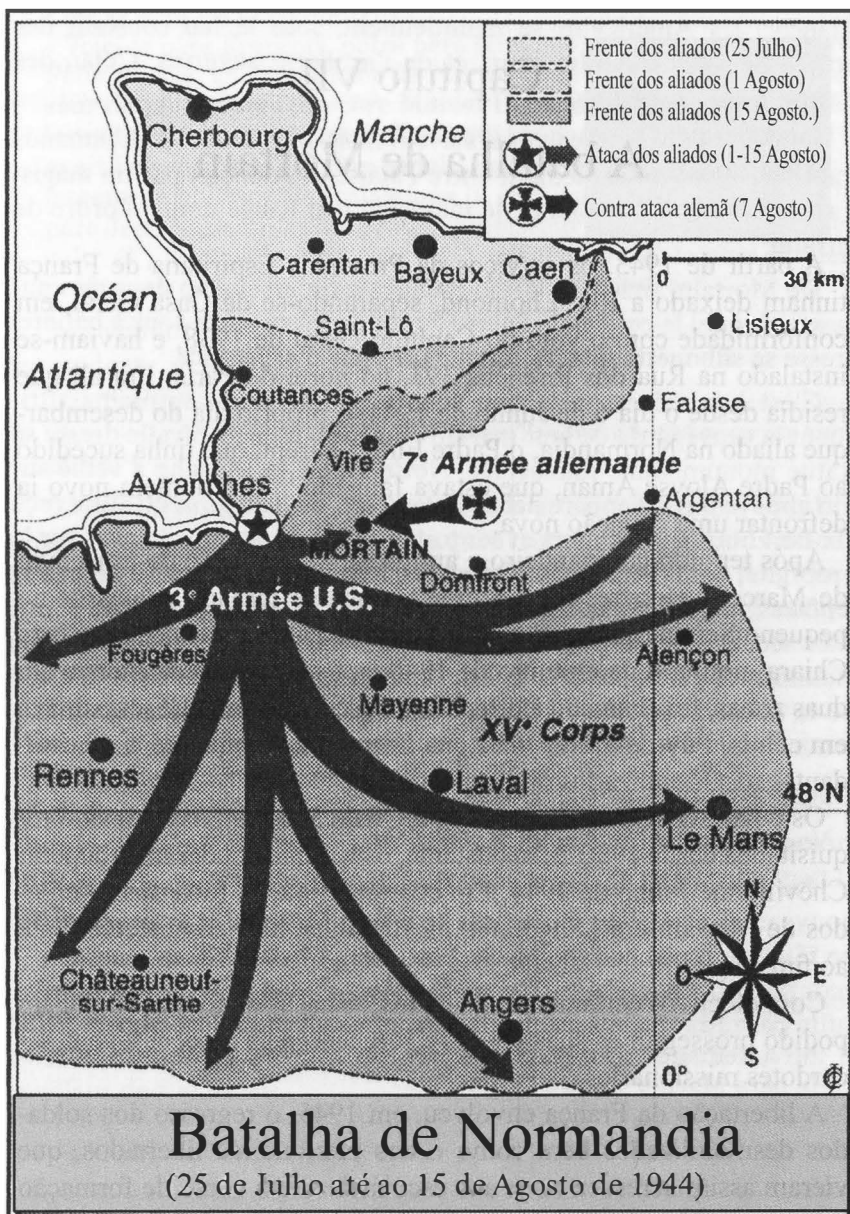
---

[1] BG 583, 71; BG 590, 304; BG 590, 300

[2] BG 507, 941; BG XXXVIII, 202; BG 590, 298 e 479

[3] BG 591, 9.

# Batalha de Normandia

(25 de Julho até ao 15 de Agosto de 1944)

enfrentar esta bela reconstituição do número dos estudantes. Ora, em França, era Mortain, sobretudo, que tinha sofrido as devastações da guerra. O Padre Laurent, encontrou o «homem forte», organizador, seguro na doutrina, na pessoa do seu amigo o Padre Marcel Lefebvre. «Ele solicitou a todo o custo»[4] a Monsenhor Tardy que lho cedesse e, tendo sido atendido à força de muito insistir, pode fazê-lo nomear para o difícil cargo de Director do escolasticado de Filosofia que acabara de reconstituir nas paredes da Abadia Branca de Mortain.

## 1- Nossa Senhora Branca na batalha da Normandia

### *A Abadia Branca*

Fundada em Savigny[5], em 1112, por Adelina, irmã do Eremita Vital, a Abadia Branca havia sido reedificada em 1151 no mais puro estilo cisterciense. Tornada seminário menor após a Revolução de 1789, viu construir-se ao lado da Abadia e do claustro ainda subsistentes, dois altos e estreitos edifícios de granito cinzento, encerrando-se por detrás sobre um solene pátio principal. Esvaziada dos seus alunos pela separação de 1906, a casa está colocada finalmente à disposição dos Padres do Espírito Santo em 1923.

O escolasticado de Filosofia ali se instala, agrupando em dois ou três anos[6] os candidatos missionários, tendo completado o seu noviciado e iniciando os seus estudos eclesiásticos. Transformado em hospital militar em 1939, a Abadia, abandonada pelos seus alunos, foi ocupada a partir de verão de 1940 pelo Exército Alemão.

### *A batalha de Mortain (1-14 de Agosto 1944)*

No dia 7 de Junho de 1944, o dia seguinte ao desembarque, a Abadia Branca foi transformada em Lazareto e acolhia desde o dia 8, os feridos alemães dos primeiros combates. Imensas cruzes Vermelhas pintadas sobre os telhados da Abadia e dos hospitais, parecem implorar aos Céus a protecção da cidade. [7]

---

[4] PHLH, 55

[5] Savigny-le-Vieux, no Sul de Mortain, LTHK, 9, 352

[6] Três anos para aqueles que não fizeram, no colégio, a sua «filosofia universitária» antes de começar a «filosofia escolástica»

[7] Michel Coupard e Jack Lecoq, Le Mortainais, Mortain et Juvigny-Le--Terre, Ed. Alam Suttom, 1997, p. 16-17; BG 590, 189; D. Gilles Buisson, Mortain 44, Ed. OCEP, Coutances, 1997, p. 13. Toda a narração da Batalha aí se encontra com pormenores.

Enquanto Patton penetra em Avranches, o Primeiro Exército avança para Este sobre Mortain. No dia 3 de Agosto, os alemães evacuam a aldeia e de manhãzinha, os habitantes crêem poder soltar um suspiro de alívio. Mas ai Jesus! A retirada alemã atrás da cota 314, a Este, constitui apenas a organização duma contra-ofensiva decidida pelo Führer. Ela foi precedida a 5 de Agosto por um bombardeamento aéreo da aldeia. Os habitantes fogem de uma Mortain em chamas. Na noite seguinte, as divisões *Panzer* do General Hausser investem para Oeste, para separar Patton da sua retaguarda. Os Alemães reocupam Mortain.

Todavia, na manhã do dia 7, as esquadrilhas de typhoons da R.A. F. (Royal Air Force) atacam em voo rasante, e destroem com uma precisão assombrosa um terço dos blindados empenhados pelos alemães. Nas imediações da Abadia Branca, os americanos aguentam-se debaixo do fogo constante das armas automáticas, dos carros de combate e da artilharia adversa. O ímpeto dos *Panzer* foi quebrado.

Prosseguiram os furiosos combates; contudo, a 11 de Agosto, os Alemães foram ameaçados de cerco entre Falaise e Alençon, por um magnífico movimento em tenaz; o Marechal von Kluge dá ordem de retirada.

De Mortain sinistrada em 80 por cento, resta apenas um campo de ruínas, acima do qual a colegial de Saint-Evroult, com a sua alta torre de duas águas, eleva a sua silhueta intacta, como um sinal de esperança.

E foi a idêntica celestial protecção que os Padres Espiritanos atribuíram a salvaguarda da sua casa; do alto recinto vedado, onde Ela eleva a sua monumental estátua Imaculada, Nossa Senhora a Branca velou pela sua Abadia que se encontra ainda de pé. Contudo, de 3 a 12, ela absorveu dezoito obuses sobre as suas paredes e telhados, e mais de uma centena de projécteis sobre a propriedade, entre os quais duas corpulentas bombas lançadas de avião; já não há vidros nas janelas, mas os sacerdotes e os irmãos encontram-se ilesos.

A Abadia Branca acolheu imediatamente numerosos refugiados da aldeia bem como, em seguida, os doentes e os velhos do hospital destruído,[8] os quais permaneciam ainda albergados numa ala da casa denominada «Hospício» quando o Padre Lefebvre lá se apresenta.

[8] Coupar, 71; Buisson, 119-125; BG 590, 515-524

## *2- Reconstruir e organizar*

«Nós adoptámo-lo pela sua simplicidade». Numa manhã fresca de fins de Outono, dia primeiro de Novembro de 1945, chegava a Mortain o novo director do Escolasticado. Ele tinha podido passar um mês em família, em casa do seu irmão Michel em Tourcoing:

«De qualquer maneira, havia-lhe dito o Padre Laurent, vosso predecessor, o Padre Riaud, não estará aí para vos esperar, visto que Monsenhor o T. R. P. lhe solicitou que ocupasse imediatamente o seu novo posto, no Canadá; o Padre Macher assegura a interinidade.»

Foi acompanhado pelo Padre Laurent que o Padre Marcel percorreu num automóvel a estrada de Paris a Mortain, [9] escutando, não sem apreensão, o seu superior e amigo explicando-lhe a sua delicada missão. Nesta manhã do Dia de Todos os Santos, atravessava o automóvel as emocionantes ruínas da cidade mártir, antes de passar o grande pórtico arrancado e de se deter aos pés da sombria frontaria. Os sacerdotes, alertados, estarão logo reunidos no pátio e o Padre Macher adianta-se: «Bem vindo, Meu Padre!» [10] Depois, procedeu-se às apresentações:

«Eis o Padre François, o nosso Padre ecónomo, um normando; o Padre Felix Simon, antigo oficial da Marinha (ele o fazia sentir), professor de Filosofia; o Padre Marcel Diebold, que lecciona a «filosofia universitária» aos alunos que preparam a conclusão do curso dos liceus (possuía um ar austero); o Padre Videlo, vosso condiscípulo de Roma, professor de Filosofia Escolástica (ensinava de um modo dificilmente perceptível); o Padre Jean Rozo, um outro padre bretão, professor de História (eloquente e cultivado); o Padre Jenvrin, que se encontra em retiro; e o Padre Müller, professor de Ciências dos filósofos universitários.» [11]

Depois vieram os seminaristas. Um deles, o Padre Emmanuel Barras recorda-se: «Eu vejo-o ainda, diz ele, as duas mãos à frente dizendo-nos simplesmente: «Eis-me, eu estou aí!» Nós adoptámo--lo pela sua simplicidade.» [12]

Finalmente vieram os Irmãos que formaram a sua própria comunidade. As notas tomadas pelo Padre Lefebvre, e que facultam tantos

---

[9] P. Marcel Lefebvre, carta a Michel Lefebvre, 1 de Novembro 1945 ; ms. I, 26, 26 ; 40, 10-12 ; II, 44, 10.

[10] Marziac I, 105

[11] Ms II, 44, 1-15 ; 49,1-57.

[12] MS I, 50, 25-27

pormenores preciosos, assim isentos do esquecimento, conservaram-nos os nomes destes religiosos: Irmão Robert, Nicolas, Longin, Roger, Guy, Bernard, Marin, Pierre e igualmente o Irmão Alfonse, o construtor da igreja d'Akono, que aí tinha concebido a escada em caracol que conduz à tribuna: Realizado sem planos, este caracol em degraus, tinha chegado exactamente ao local pretendido. Havia também o Irmão Mélaine, que faleceria em 1948 e seria inumado no pequeno cemitério da comunidade, no alto do parque; e o Irmão Eudes, o caseiro, do qual se dizia prazenteiramente: «As vacas farejam o Irmão!» Todos os ofícios estavam representados: jardineiro, marceneiro, ferreiro, sapateiro, alfaiate, barbeiro, sem contar com um familiar que tratava do acolhimento. Uma comunidade de Irmãs do Espírito Santo – doze em 1932 – assegurava os serviços de lavandaria, rouparia e cozinha.[13] O Padre Marcel manifestar-se-ia de uma grande solicitude para com as suas necessidades, diziam elas também. «Finalmente temos um pai! [14]» Mas era aos escolásticos que ele dedicaria o melhor do seu tempo.

«Vós não tereis de dar aulas, tinha-lhe assegurado o Padre Laurent, mas estareis encarregado das «conferências de aperfeiçoamento e consolidação» ao Sábado, bem como das conferências espirituais quotidianas.»

Durante todo o Dia de Todos os Santos, festejou-se aquele que fora esperado com tão grande alegria. Logo desde o dia seguinte à tarde, o Padre Lefebvre reuniu os seus escolásticos na sala de exercícios. Ele apresentou-se com simplicidade; aos seus amigos de Tourcoing, tinha-se mostrado como «um sertanejo de África que tenta refazer a sua vida em França». E tendo, com a mesma humilde ironia, aberto o coração dos seminaristas, convidou-os o Padre Lefebvre a bem empregar o seu tempo ao estudo: «Vós deveis todos os vossos minutos às almas que vos esperam», e conclui: «Quanto a mim, o que eu tenho a dar, eu o dou.» [15]

## *Realizar a unidade na diversidade*

Por mais que o Padre Lefebvre tenha chegado, nimbado do prestígio que o seu apostolado gabonês lhe conferia, particularmente em

[13] Notas do padre Marcel Lefebvre, Mortain (de agora em diante, neste capítulo todas as citações sem referências são extraídas destas Notas; BG 501,682.)

[14] MFMM, 10 Meu irmão , Monsenhor Lefebvre, recordações de madre Maria Cristiana Lefebvre, Março 1996.

[15] Os antigos do padre Deco, Boletim anual, 1945; BF 37,39.

Lambaréné, onde tinha sido vizinho do célebre Doutor Schweitzer, constituía ainda assim uma aposta e tanto, o dirigir e unificar mais de cem jovens,[16] provindos de todos os horizontes. Ao lado dos vinte e quatro alunos regressados de Langonnet no dia 16 de Julho, com o Padre Riaud, bem como da quarentena de jovens professos, recentemente saídos do Noviciado de Recoubeau ou daquele outro vizinho, de Pire, na Ille-et-Vilaine, ou daquele outro longínquo, de Blonay, na Suíça, o pai director tinha também negócios com velhos viandantes que tinham atrás deles quatros anos de cativeiro, se é que não tinham mesmo, primeiramente, dois anos de serviço militar, bem como outros candidatos, os quais, seis meses antes, combatiam ainda na frente na Alemanha, após terem feito toda a campanha de França nas fileiras do exército do General Lattre de Tassigny ou nos carros de combate da 2º DB do General Leclerc. Outro que tal havia feito a resistência, outro ainda regressava da Frente Leste, um daqueles Alsacianos incorporados contra vontade na Wehrmacht.[18]

> «O Superior, explica o Padre André Buttet, que era então aluno, suscitou infinitos recursos de psicologia para disciplinar, com doçura, a fogosidade desta juventude insubmissa a uma direcção centralizada, que recordava à alguns certas situações pungentes. Ele conseguiu, sem elevar o tom, sem brandir os artigos da regra, formar deste conjunto, acentuadamente díspar, uma família unida à volta da sua pessoa.»[19]

Dois seminaristas, nos quais o Padre Lefebvre apreciou de imediato as qualidades, apesar da sua juventude, Maurice Fourmond e Ropland Borq, foram nomeados «Auxiliares», um no primeiro ano, o outro no segundo ano de Filosofia Escolástica; eles constituíam o vínculo entre os estudantes e o seu superior. Esta medida audaciosa não consubstanciava uma concessão liberal segundo o espírito do tempo, mas um meio para melhor orientar o comando, administrando-o com mais exactidão, a fim de obter uma obediência mais sólida.

«O Padre Lefebvre soube manobrar inteligentemente, resume um dos antigos alunos, deste modo não quis tratar com aspereza certos veteranos militares, quando uma vez por outra eles iam discretamente fumar um cigarro, e tal era conhecido.» Não somente ele usava de

[16] Eles eram 73 no 1º Outubro, mas rapidamente ultrapassaram a centena.

[17] BG, 590, 547. Alguns tinham conhecido, em Pire, a penetração do General Patton.

[18] BG, 590, 501 e 514, MS I, 25, 34; 54, 39-45; Vieira, 401.

[19] A. Buttet, Le bâton et le Rocher, 100 ; Marziac I, 109

tolerância mas, certo dia, a direcção do hospício, tendo-lhe feito o presente de um maço de cigarros (eram uma raridade), passou-o a estes antigos soldados. [20]

A unanimidade suscitada pelo Padre Lefebvre, bem como o excelente espírito de família que ele nutria, provinham, numa percentagem não negligenciável, da facilidade e desembaraço com que administrava os problemas materiais e, nestes, em primeiro lugar, o alojamento e o conforto. Ele terminou o trabalho de tapar os buracos da armação do telhado e assim colocar em bom abrigo não somente os escolásticos, mas também os idosos da aldeia. As janelas escancaradas, por onde se engolfava a nortada fria do Inverno, foram primeiro que tudo, calafetadas *assim assim*, antes que o Padre Lefebvre lograsse conseguir substituir os setecentos vidros necessários. Ele fez alimentar, a madeira e serradura de madeira, os fogões de aquecimento que de alguma forma temperavam o frio nas salas de aula e nos dormitórios. A instalação destes era espartana, as divisórias separando os leitos tinham sido quebradas; talvez isto até fosse melhor tendo em vista um mais eficaz aquecimento. O Padre superior encorajava: «Tende um pouco de paciência; aceitai a instalação actual; em breve haverá mesas para colocar as bacias, em breve também cada um possuirá o seu armário.»

Por intermédio do seu irmão Michel, jovem industrial,[21] o Padre superior conseguiu obter preços favoráveis, junto de parentes e amigos, para numerosos objectos e materiais de primeira necessidade, tais como um motor eléctrico e seu reóstato para a máquina de cerzir das irmãs, peúgas e meias femininas em quantidade, massa de vidraceiro para colocar nos vidros, finalmente adquiridos, e grandes vasilhas de tinta, cem cobertores, etc.

Com o objectivo de submeter ao ecónomo provincial, o Padre Lefebvre estruturou um cálculo das previsíveis despesas de reparações.

| previsão de despesas | |
|---|---|
| Pintura de parte do Seminário (Solicitação urgente) | 1 500 000 |
| Janelas; Empresa Loret (era em solicitação urgente para total egulamentação). | 280 000 |
| Armações do telhado (Em reparação, quase terminadas, depositado 30000) | 150 000 |
| Reparações, alvenaria (em construção quase terminada) | 30 000 |
| Gessos - dormitórios (solicitação urgente) | 40 000 |
| Gessos e pinturas do hospício (com orçamento[22]: pintura 400000; gessos: 1000000) | 250 000 |
| Escadaria hospício (em solicitação urgente) | 30 000 |

[20] MS I, 25, 35-38; 32, 30-33; 54, 49-52; MS II, 27, 53-54.

Padre Lefebvre, carta a Michel Lefebvre, 1º de Novembro 1945- 4 de Outubro 1946

[22] Fez-se, sem dúvida, economia na mão de obra.

Tudo aquilo comportava um total de 2 280 00 francos os quais foram pagos, nem o ecónomo soube como; a crer, o Padre Lefebvre havia já adquirido a reputação de possuir a arte de gastar; uma virtude que o seu querido Santo Tomás designava com o nome de magnificência, ao ritmo da qual o ecónomo provincial teve, de alguma maneira, de se exercitar fazendo um pouco de troça «Ele alimentou-nos!»

Mas onde o Padre Lefebvre manifestou o melhor do seu zelo, e onde granjeou o ilimitado reconhecimento dos alunos, foi no aprovisionamento da centena de estômagos exigentes, confrontados com o racionamento em vigor, e para os quais, nem o galinheiro, nem a quinta, nem o jardim da abadia podiam ser suficientes.

Ora, a cidade destruída sobrevivia com dificuldade, os campos mais devastados de destroços de guerra do que providos em gado e em culturas, estavam ainda semeados de carcaças de carros de combate alemães ou americanos, de obuses por rebentar, bem como de minas, mal dissimuladas, e que tornavam perigoso o trabalho dos agricultores, e até mesmo ossadas eram descobertas debaixo dum capacete, ou dentro de sapatos abandonados.

Muitas quintas haviam sido destruídas pelos duelos de artilharia. Foi, contudo, aí que o engenho do Padre Superior operou maravilhas.

Ele obteve do seu irmão Michel uma viatura de família, inutilizada, fê-la transformar num género de camioneta e, ao volante deste veículo extravagante, todavia robusto, ele sulcava, após a missa da manhã, os campos normandos, indo de quinta em quinta, dilatando o seu percurso segundo as indicações de uns e outros e trazendo para o Seminário apreciáveis vitualhas: Legumes, maçãs, manteiga, queijo Camembert, e mesmo pão e porções de carne, para a qual fez construir uma câmara fria.

«Verdadeiramente, ele nutriu-nos» exclama um antigo aluno de Mortain, «Ele era o Superior, mas fazia de ecónomo, Isso é ser organizador. Nós tivemos frio, não foi por sua culpa; todavia não morremos de fome, não!» [23]

«Quando se é jovem, tem-se fome, testemunha um outro aluno. Então quando nos consciencializamos de que o Superior utilizava permanentemente a viatura que foi do seu pai - e logo a viatura que foi do seu pai martirizado, morto na deportação – ele, director de fábrica – há aqui qualquer coisa que marca. E depois, arregaçava

[23] MS.I, 25, 40; 25, 51-55; 50,28-30; Buttet, 101.

as mangas. Ele ocupava-se de nós, é o que é! Nós sentíamos que ele se ocupava de nós e que nos amava.»[24]

## 3 – Sã doutrina e revolução

### *fermentação de idéias*[25]

Tendo vindo dar «o que tinha» o Padre Lefebvre aplicou-se, igualmente, em corrigir as ideias falsas e destruir as utopias insanas que se disseminavam por entre o clero. A libertação, ao condenar o regime de Vichy, havia reprovado o movimento espontâneo de restauração duma ordem social cristã, favoravelmente acolhido pelo Marechal, e a referida libertação restaurava tudo o que este último tinha eliminado em França. Desta forma, as eleições legislativas de 1945 haviam conduzido os comunistas ao governo do General de Gaulle.

Além disso, durante a guerra, seminaristas e sacerdotes mal formados, tinham estado em permanente e estreito contacto com os militantes comunistas. Impressionados com o zelo por estes demonstrado pela Vitória do proletariado, interrogavam-se os sacerdotes: não poderia este movimento ser cristianizado ou, pelo menos, orientado para Cristo?

Por outro lado, em Lisieux, no dia 5 de Outubro de 1942, tinha-se procedido à abertura do Seminário da Missão de França. O seu director, o Padre Luís Augros, PSS, adepto de Jacques Maritain, admite como este, que, uma vez atingida a maioridade, a sociedade humana recusa toda e qualquer tutela, mesmo a que dimana da Igreja, já que ela, sociedade humana, pretende ser auto-suficiente na sua própria área. No que ao essencial concerne, o trabalho missionário terá como objectivo, segundo este padre, a animação cristã desta civilização nova que está a edificar-se; serão necessários:

> «Sacerdotes preocupados em baptizá-la, bem como em operar entre ela e o Cristianismo, uma síntese que nos valerá uma nova Cristandade.»[26]

Não somente o apostolado, mas também a vida sacerdotal ameaçam extraviar-se: Outubro de 1945 vê entrar em Lisieux antigos prisioneiros, ou requisitados do STO, muito imbuídos das suas missas simplificadas e «fraternais», bem como de suas experiências pasto-

---

[24] MS I, 55, 8-15

Cf. Jean Paillard, op. cit. Robert Wattebled, Estratégias católicas no mundo operário na França do pós-guerra. Ed. Ouvrières, 1990, p. 150.

[26] L. Augros. A Missão de França 1941, Ed. 1945, p. 22 e 48 (Cf. Jacques Maritain, Humanismo Integral, 1936, p. 144)

rais, que incitam os superiores a simplificar os ritos e os ornamentos sagrados, e a enviar os seminaristas para estágios nas fábricas ou a sessões organizadas pelo «Economia e Humanismo».

Fundado em Marselha em 1940 pelo Padre Luís-Joseph Lebret O. P., este centro de análises e de sínteses teológicas estudava à fundo a economia capitalista, e até mesmo o apostolado paroquial e livre, relativamente aos «teólogos rígidos» e às «concepções caducas», propunha reformas estruturais, tais como «equipas sacerdotais» irradiando sobre os sectores rurais descristianizados (isto, aliás, não era tolo). Dentro em pouco, em 1949, preocupados em reter certos «valores do comunismo», o Padre Lebret denunciará «o anticomunismo simplório e parvo» de demasiados cristãos.

Os estágios produziram os seus frutos: Em Maio de 1946, Louis Augros sonhava com padres-operários e em Junho, certos seminaristas estagiários quiseram inscrever-se no Partido Comunista: «Nós apenas poderemos abrir o comunismo ao Cristo a partir de dentro (...). É necessário que as nossas esperanças e as nossas lutas sejam as mesmas que as deles.»[27]

## *Um zelo a esclarecer pelo ensinamento dos Papas*

Em Mortain, alguns alunos foram conquistados pelo «novo ambiente» [28]; O Padre Lefebvre reagiu: «Não vos enerveis, não vos dividais, recomendava ele, estudai bem a moral social. Tomemos cautela de sermos «tudo para o povo» com anterioridade; de sermos para «aqueles que possuem a fortuna» antes de tudo. Cuidado com a dicotomia. Os dois existem e existirão sempre.»

O Superior Geral depositava confiança nos seus professores para ensinarem a ética social; desconfiava, todavia, da ciência demasiado movediça e pretensiosa do sindicalismo bem como da Acção Católica especializada.[29] Se é verdade, dizia ele aos seus alunos, que é necessário possuir uma bagagem de conhecimentos àcerca destes assuntos, «é acima de tudo necessário vir à África com uma humildade profunda.»

Ele concedia uma grande liberdade às «reuniões de equipas de círculos de estudos» das manhãs de Domingo, na exacta medida em que aí se procedesse ao estudo da doutrina. A abertura de espírito do

---

[27] Wattebled, 44-45, 119, 131-133, 174

[28] Fideliter nº 59, p. 51.

[29] L'ACO e a JOC eram ferozmente contrários ao comunismo, bem como à presença de sacerdotes na Fábrica. Será o clero que os vai desviar, ai Meu Deus!

Padre Lefebvre ia até obter, em 1946, a filiação de Mortain no Instituto Católico de Paris; Dessa forma, vários indivíduos de elevada estatura intelectual poderiam preparar um bacharelato em Filosofia Escolástica, e depois prosseguir estudos em Roma.[30] A biblioteca oferecia aos escolásticos diversas revistas doutrinais, que se estendiam desde *La Pensée Catholique* (*O Pensamento Católico*)[31] aos *Cahiers de l'Action Religieuse e Sociale de l'Action Populaire* (*Cadernos da Acção Religiosa e Social da Acção Popular*), passando pela *Revue Thomiste* (*Revista Tomista*). A sã liberdade no estudo, essa, o Superior considerava ser o seu dever dirigi-la; ele verificava efectivamente nalguns alunos, «um zelo mal esclarecido, buscando a alegria, a vivacidade, às custas da caridade e da Igreja hierárquica».

O Padre Superior esforçava-se por reconstituir no bom caminho esta má disposição de espírito sem adoptar medidas que prejudicassem a atmosfera de confiança; ele contentava-se em explicar que «a verdadeira alegria, a verdadeira liberdade de coração, procedem do amor da verdade, da autoridade e dos confrades».

A estes jovens espíritos tentados por uma acção mal ancorada nos princípios, o Padre Lefebvre fazia com que se procedesse à leitura, no refeitório, dos ensinamentos da Igreja hierárquica: A carta de Leão XIII ao Cardeal Gibbons àcerca do americanismo, a Encíclica Pascendi,de São Pio X, sobre o modernismo, e a carta sobre o Sillon, a propósito do modernismo social.

Enquanto que Pio XII, recomendava aos franceses «os dons maravilhosos que a França recebeu no seu Baptismo em Reims» colocando-os de sobreaviso contra «os assaltos das forças destrutivas com o objectivo de seduzir a França e fazê-la soçobrar, para seu grande prejuízo, e em detrimento de todas as nações e de todos os povos.»[32] O Padre Superior recorda aos seus jovens o papel missionário desempenhado pela França católica, a sua função de «sal da terra», a sua missão de esclarecer», todavia conservando o incorruptível depósito da verdade, toda a verdade»

Efectivamente:

«A verdade permanece, ela não evolui. Se as circunstâncias lhe modificam as aplicações, não modificam jamais o seu enunciado nem o seu conteúdo. A verdade é tão eterna como o próprio Deus».

O perigo consiste em «veicular inconscientemente em nós os erros

---

[30] BG 723, 195

Revista Teológica fundada por antigos condiscípulos romanos do Padre Berto.

[32] Pio XII, alocução a jornalistas franceses, 17 de Abril 1946

que decorrem do naturalismo ambiente e de agir em consequência. Quereis, destas realidades, alguns exemplos? Que pensais vós da

-Liberdade de Consciência?

-Liberdade de cultos?

-Laicidade do Estado?

- «Declaração dos direitos humanos» de 1789?[33]

«Ele fez-nos proceder à leitura dum livro da «Action Française» (Acção Francesa)!»

O Padre Lefebvre acertava em cheio no alvo. Mais do que um ouvinte, de espírito inconscientemente laicizado, perturbou-se ao ver o Superior atacar os sacrossantos dogmas republicanos.

«Escutai Pio IX, insistia o Padre Marcel, estudai os ensinamentos dos Papas!» E para bem cravar o prego, ele fez ler no refeitório um certo pequeno opúsculo... O qual feria obstinados preconceitos, a crer no testemunho da reacção de um dos ouvintes:

«Recordo-me de que, no refeitório, fez que se procedesse à leitura dum livro da Acção Francesa. Eu era jovem, todavia tal magoou-me um pouco; eu disse de mim para mim: ora toma!, será assim que se faz?[34]

Ora, a obra lida desta forma nada tinha a ver com a Acção Francesa. Intitulada *«La Révolution française a propos du centenaire de 1789»* (*A Revolução francesa, a propósito do centenário de 1789*) ela tinha por autor Monsenhor Freppel, Bispo de Angers (1827--1891), o qual não criticava, de maneira nenhuma, como Maurras, a abolição da Monarquia, todavia denunciava, no seio da Revolução, a obra do naturalismo, negador do reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Confrontado com a surpresa de alguns ouvintes e com a sua confusão de espírito, o Padre Lefebvre cravou o prego: «O vosso espanto, pelo menos para alguns, por ocasião desta leitura, não me surpreende por demais, na exacta medida da atmosfera de laicidade, herdeira da Revolução, no seio da qual nós vivemos; No quadro conceptual da educação e da instrução, recebida nos colégios, subordinada nos seus programas e nos seus livros a noções falsificadas, no que à História e à Cristandade respeitam – É então preciso colocar-vos a interrogação: É necessário que compreendais que há uma forma verdadeira de encarar a História, precisamente aquela que nos é ensinada pelos soberanos Pontífices e pelos Bispos que seguem o seu Magistério. É necessário que julgueis a História à luz da Igreja.

[33] Monsenhor Lefebvre, Conferências de Pentecostes 1946, Mortain

[34] MS I, 32, 22-23; 34, 40-52

É a Igreja rejeitada? Então toda a civilização desmorona e volta à anarquia e à escravatura!

Respondendo a uma objecção próxima «Nós estamos num Seminário, e vós pretendeis ministrar-nos uma formação política; todavia foi-nos dito que o sacerdote não deve fazer política» o Padre Lefebvre distingue: «Deveis compreender esta verdade: o Sacerdote não deve fazer política. Distingamos: se política significa diferentes boas maneiras de reinar, de governar, sim. Se política significa a estrutura da cidade, a sua origem, a sua constituição, o seu fim, isso é parte constitutiva da Moral, logo do ensinamento da Igreja. O Padre deve poder dizer: esse princípio é falso, é um erro crasso. Vós deveis ser guias, luzes, homens de princípios.»

## *O Padre Lefebvre e a política*

Quanto a estes princípios, o Padre Lefebvre descortinou-lhes claramente a aplicação à actualidade. Em 15 de Agosto de 1945, festa da Assunção da Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria, foi o Marechal Pétain iniquamente condenado à morte, e transferido em 15 de Novembro do mesmo ano para o Forte da Pierre-Levée na Ilha de Yeu. O Padre Lefebvre exprimiu então os sentimentos que o oprimem? Ele manifestá-los-á, contudo, mais tarde, explicando aos seus seminaristas: «De Gaulle restaurou-nos tudo aquilo que Pétain havia expurgado[35] de França. Tudo foi novamente despedaçado e o movimento de ordem católico e cristão decapitado».

No dia 13 de Abril de 1987, junto à sepultura do Marechal na Ilha de Yeu, ele prestará homenagem ao soldado que se sacrificou pelo seu país, nos seguintes termos:

> «Vós haveis salvo a França por duas vezes e não somente a haveis salvo como também a haveis restaurado moral e espiritualmente, fazendo-a reencontrar as suas fortes tradições de Fé, de trabalho e amor à família (...) Vós também haveis dado provas dum heroísmo e duma virtude excepcionais que deveriam ter-vos merecido o título de Pai da Pátria.»

Por outro lado, um certo clero fala de colaboração com os comunistas, todavia os padres iniciados, comunistas infiltrados, sabem bem, com Lenin, que «a luta de classes conduzirá os operários cristãos ao socialismo e ao ateísmo de forma cem vezes mais eficaz do que um simples sermão ateu.»[36]

---

[35] COSPEC- 8 de Janeiro 1974 Monsenhor Lefebvre Visa o comunismo e a maçonaria

[36] Lenine, De la religion, citado por Jean Madiran, La vieillesse du Monde

Consciente da armadilha, o Padre Superior corta a direito, com Pio XI: «o Comunismo é intrinsecamente perverso: Não devemos portanto colaborar com ele em coisa alguma, na exacta medida em que quisermos salvar da destruição a civilização cristã bem como a ordem social.»[37] E o Padre Lefebvre conclui: *«Roma locuta est, causa finita est»*, Roma falou, a causa acabou.»

Era esta a sua fórmula.[38]

Analogamente, aquando das eleições para as assembleias constituinte e legislativa, em 1946, o Superior não hesitou em outorgar indicações precisas «verdadeiramente de direita» conta um antigo aluno – Porque não é, nem esquerdista, nem radical, nem cristão-democrata. E aquando do referendo de Outubro de 1946, que devia aprovar a Constituição da IV República, o Padre Lefebvre apelou a votar «Não», como De Gaulle, mas por razões inteiramente diferentes: «Deus, a Igreja, diz ele, na escola, no casamento, na propriedade, são excluídos da Constituição. É toda a moral que se encontra em jogo.»

O Padre Superior foi igualmente «integramente categórico, dirigindo-se aos fiéis que vinham assistir à Missa». Isso feriu os outros sacerdotes[39]

-Ah! Padre Lefebvre, agora fostes um pouco forte.

Todavia, as suas pequenas reflexões (dos confrades) não encontravam nada mais no Padre Lefebvre, senão um sorriso, e esta resposta:

- É bem necessário dizer a verdade!

Como ele agradecia aos Céus pelo amor íntegro à verdade, recebido em Santa Chiara! O sentir «cum Ecclesia», constituía a sua regra; aos seminaristas ministrava esta palavra de ordem. «Não professar, de maneira alguma, pensamento que não seja conforme à verdade da Igreja.»

## 4 – Sã Doutrina, vida espiritual e zelo missionário

### *Fora da igreja não há salvação*

A «verdade da Igreja»[40] significa, em primeiro lugar, a necessidade para todo o homem, de pertencer à Igreja para alcançar a sua salvação. O dogma «fora da igreja não há, em absoluto, salvação» era para o

ed. DMM 1975, p. 109

[37] Encíclica Divini Redemptoris, 19 de Março de 1937, nº 58

[38] MS. I, 50-51

[39] MS. I, 50, 43-54; 30, 1-4

[40] Cf. COSPEC 95 B, 13 Janeiro 1983; ROMEC, 1311.

Padre Lefebvre a razão de ser do apostolado missionário», na exacta medida em que o Baptismo de água e a fé explícita em Nosso Senhor Jesus Cristo, constituem, segundo a providência ordinária de Deus, a porta da Igreja.

Igualmente atacava o Padre De Lubac, quando este fez aparecer um opúsculo intitulado «O Fundamento Teológico das Missões».[41] O jesuíta, invocando «a luz do Verbo iluminando todo o homem», bem como «as mil formas anónimas da graça de Cristo», concluía: «É falso que sem o missionário, o pagão seja irrevogavelmente votado ao Inferno».

Sem mesmo considerar os argumentos heterodoxos do Padre De Lubac, que os Padres dominicanos Labourdette e Nicolas sublinhavam para refutar o jesuíta, o Padre Lefebvre, com o realismo da sua presença africana, afirmava: «As teorias do Padre De Lubac são francamente dissolventes do zelo missionário. É na realidade, parece-me, e é um facto de experiência, o verificarmos que, se um certo número de pagãos puderam corresponder à graça inicial, é bem difícil eles perseverarem no meio onde eles vivem.»

Em Marcel Lefebvre, a ciência do sertanejo conjugava-se com a justeza da formulação teológica.

Ele afirmava que a ordem sobrenatural não é facultativa e via na Santíssima Virgem «o escudo da Fé, o esteio da ordem sobrenatural»; é a ferida da ignorância, dizia ele, a chaga mais grave do pecado original, e que priva as almas da luz: «A morte povoa o Inferno de milhões de almas que a ignorância mergulhou no vício ou no egoísmo.» A força destes princípios, quis o Padre Lefebvre ilustrá-la mediante os testemunhos de missionários de passagem por Mortain: Na tarde da festa da Páscoa de 1947, a sua própria Irmã, Irmã Marie-Gabrielle levou os escolásticos «a visitar» os dispensários, infantários e escolas turbulentas dos Camarões. Na Terça-Feira de Pentecostes, 27 de Maio, coube vez a Monsenhor Pierre Bonneau, que o Padre Lefebvre não havia voltado a ver desde Mvolyé, e que acabava de ser sagrado Bispo, em 16 de Fevereiro, em Douala, pelo Cardeal Liénart, e que veio falar àcerca do clero indígena.[42]

No dia seguinte, pela aurora, Marcel partia com Monsenhor Bonneau para Lourdes, para a sagração do seu amigo, Jean-Baptiste Fauret, nomeado Vigário Apostólico de Loango.

Sabe, diz-lhe Bonneau a meio do caminho, houve

---

[41] Recensão na Revue Thomiste, Setembro-Dezembro – 1946, pp. 575-602

[42] BF 37, 38

necessidade de dar provimento a vários vicariatos, uns após outros.

Sim, Bangui, e agora Douala e Loango.

Há também Dakar, Monsenhor Grimault solicitou a demissão.

Sim, e depois Libreville, desde a morte do querido Monsenhor Tardy em 28 de Janeiro.

Sim... Então pensa-se um pouco em si!

Via-se claramente que Monsenhor Bonneau sondava o terreno». Todavia, na sua humildade, o Padre Marcel dizia a si mesmo: «Como podem pensar em mim? Além disso, não fui eu afastado do Apostolado directo?» Enfim, será como os superiores quiserem.[43]

### *«A filosofia prepara uma vida de união com Deus»*

Acontecia a estes seminaristas comparar Mortain com a sua sã liberdade, à escola dura e rude do noviciado: «Finalmente, eis-nos longe do noviciado!», diziam eles. O Padre Lefebvre apercebeu-se neste grito do coração de que existia uma certa diminuição de fervor, um enfraquecimento na busca da formação espiritual e na procura da santidade. A forma demasiado intelectualmente pura com a qual eles estudavam a sua filosofia, constituía um sério obstáculo. E o Padre Lefebvre disso advertiu os seus seminaristas: «Isso não é normal, o contrário é que devia acontecer. Depois do noviciado, os estudos deveriam constituir matéria para a vossa vida espiritual e jamais atenuá-la, visto que, em definitivo, compreendida, amada, a filosofia conclui em Deus presente em todo o lado, incompreensível, quer dizer, transbordando a nossa pequena inteligência. Aqui abre-se a porta da Fé».

«A Filosofia, diz ele ainda aos seus alunos, prepara para a santidade, para uma vida de união com Deus (...). A verdadeira ciência conduz logicamente à humildade; a falsa ciência, aquela que se detém pelo caminho, que não conclui, leva ao orgulho e à presunção.»

O remédio está integralmente encontrado: São Tomás. E o Padre superior faz percorrer a Suma Teológica em conferências espirituais. Concebe um «Tríptico da Vida Espiritual» para ser desenvolvido em três anos, tal como o explicará mais tarde em Ecône: «O primeiro ano fazia estudar «homem injusto» com todas as consequências do pecado original; o segundo ano abordava o «homem justo», recriado pela graça, com as suas virtudes, e os dons do Espírito

[43] MFMM, 10.

Santo: As Bem-Aventuranças. No terceiro ano – se eu tivesse ficado três anos – eu teria desenvolvido os meios que fazem passar o homem do seu estado de injustiça ao estado de justiça: Antes de tudo o mais, Nosso Senhor, Ele próprio (a Sua obra de redenção), depois os meios de santificação que Ele instituiu: A Santa Missa, os sacramentos, a oração, o pleno cumprimento da vontade de Deus, os meios para lutarmos contra os nossos defeitos, bem como de adquirir as Virtudes. Eu teria terminado pelos fins últimos, portanto a justificação plena.»[44]

Um antigo aluno recorda-se destas conferências: «Era sempre São Tomás, São Tomás! Nós vínhamos do noviciado, onde não nos falavam assim de São Tomás (...). Então (em Mortain), nós ficávamos imersos em São Tomás; por mim, aquilo agradava-me.»[45] Era com a sua voz tranquila que o Padre Lefebvre ministrava as suas exposições tomistas, esmaltadas de recordações africanas, sem preparo oratório. «Não era um orador, era mais de estilo difícil», sustenta um dos seus alunos, que teria preferido um discurso mais «estimulante, que prendesse». «Não se tratava dum orador», diz outro antigo aluno, «todavia escutávamo-lo»[46]

## 5 – Um chefe muito humano

O mesmo seminarista dirá igualmente: «Nós apreciámo-lo muito; verdadeiramente, ele era amado; na exacta medida em que ele era muito simples, muito directo». A um dos mais jovens, que possuía uma boa voz, o Padre Lefebvre solicitou para lhe fazer repetir o canto dos prefácios da Missa, porque ele não possuía uma voz muita afinada.

«Ele recebia com facilidade os seminaristas, diz outro, para falar, para dizer o que devia ser dito, com a sua vozinha muito doce.»[47]

Com a aproximação das férias grandes de 1946, o Padre director estabeleceu o plano de férias dos seus escolásticos, uns ficando no mesmo local, outros indo para outras casas da Congregação ou indo ajudar em colónias de férias, visto que, normalmente, não era permitido regressar ao seio da família. Todavia, o Padre Lefebvre, que era muito aberto de espírito, um pouco de vanguarda, de uma certa maneira, disse de si para si: «Como se trata de *filhos da guerra*, na maioria, eles puderem ir para as suas famílias, isso far-

[44] PHLH, 57; COSPEC 16B, 28 Janeiro 1975; 25^, 28 de Novembro 1975
[45] MS. I, 50, 37-38; 53, 21-36
[46] MS, I, 30, 50; 55, 46
[47] MS. I, 50, 34-35; 35, 5-9, 39-41

-lhes-á bem!». E autorizou vários a fazê-lo. Os suíços, que não eram por seu lado *«filhos da guerra»* não esperavam, por isso, grande coisa daquele lado. Ora, o Padre Lefebvre disse-lhes: «Eu vou ver, consoante os casos de pouca saúde!»

Um dia, dois suíços esperavam à sua porta, Emmanuel Barras e Augusto Fragnière, que se não encontravam especialmente achacados.

- Augusto, diz o primeiro, se entre nós há dois que vão ficar aqui, somos mesmo nós! O primeiro entra, toma assento e reflectidamente, ouve dizer: - Senhor Barras, parece-me que tem necessidade dum pouco de repouso... - Mas, Meu Padre, diz o dedicado escolástico, ainda assim parece-me que gozo de boa saúde!

- Não, não, não, tem emagrecido, parece-me fatigado!

«Ah! Conclui o Padre Barras, pouco faltou para saltar-lhe ao pescoço para lhe agradecer. Era um homem muito humano, muito humano.» [48]

Noutras férias, o Padre Lefebvre permitiu aos suíços (ainda eles) dirigirem-se a pé ao Monte Saint-Michel. «Constituía uma novidade, explica André Buttet, ele tinha-nos associado dois franceses, sendo um deles François Morvan, nós possuíamos uma tenda e um velocípede, o ciclista ia à frente tentar encontrar-nos uma quinta. Isso ocupou-nos uma semana.»

A confiança mútua que reinava entre os sacerdotes e os escolásticos surpreendia os confrades em visita a Mortain, tanto quanto a ampla margem de iniciativa que essa confiança permitia outorgar aos alunos;[49] tais eram os frutos do governo muito humano do Padre superior.

Era exactamente desta forma que o Padre Lefebvre considerava as relações correctas entre a autoridade e a obediência. A França da Libertação padecia de uma crise de autoridade que havia sido gerada pela crise de obediência da França livre. Restituir o sentido da obediência exigia a demonstração da face autêntica da autoridade. O Padre Lefebvre dava provas com exemplos, e os seminaristas compreendiam esta linguagem. Um dia, solicitou--lhes que desenvolvessem por escrito, e de ilustrar com exemplos, uma bela descrição que, àcerca da autoridade, lhes ministrou: «Pode afirmar-se da autoridade que ela é inteiramente divina no

---

[48] MS. I, 51, 8-20; 55, 17-22

[49] MS. I, 30, 19-24; II, 50, 44-49; BF 37,40

seu princípio, poderosa e suave na sua essência, admiravelmente fecunda, mensageira de ordem, de prosperidade e de paz se, movida pelo dom de conselho, ela possui como sustentáculo a prudência.

A paz, o Padre Lefebvre manifestou-a face aos prisioneiros alemães internados nas proximidades do Seminário. Conta André Buttet:

«Alguns deles trabalhavam no parque, reconhecíamo-los pelas suas vestes e saudávamo-los: «Guten Tag!» Recordo-me de que, pelo Natal, nós íamos cantar ao acampamento deles; o seu Capelão, o Padre Diebold, tinha-o obtido das autoridades francesas e o Padre Lefebvre havia dito que sim... Ora, o seu próprio pai havia falecido na Alemanha, vítima das privações sofridas num campo de concentração nazi!

Existem circunstâncias em que o amor aos inimigos confina com o heroísmo. Quantas recordações entretecem os vínculos de amizade e de deferência. «Eu amava-o», conclui com simplicidade um outro antigo aluno de Mortain.[50]

A sua bondade não impedia o Padre Superior de ser perspicaz na análise que fazia dos seus filhos:

«Eu encontrei nos queridos escolásticos», dirá ele no dia da sua sagração episcopal a Monsenhor Le Hunsec, «uma generosidade, uma boa vontade, um amor à verdade e à ciência (das coisas de Deus) que me produziram uma grande satisfação (...) eu descobri entre eles almas de élite.»[51]

Mas, por vezes, o seu julgamento sobre um ou outro, por ocasião da passagem de Mortain a Chevilly, era mais severo, a crer numa reflexão de Padre Come Jaffré, em Chevilly:

«Se tivéssemos em linha de conta as advertências de Padre Lefebvre, teríamos de pôr muitos na rua.»[52]

Indubitavelmente, alguns alunos o inquietavam, tanto mais que ele, Padre Lefebvre, sabia ser Chevilly bastante permeável às novidades.[53] Enfim! O que tinha para dar, ele dava, e a maioria dos seus alunos correspondia aos esforços que ele despendia para fazer deles homens de princípios.

Passaram cinquenta anos; as testemunhas conservavam a recordação dum pai amante e amado, sem poder contudo apreender a profunda unidade duma personalidade tão afável e simultaneamente

---

[50] MS.I 29, 44-50; 54, 1-3; Buttet, 101; MS. I, 53, 12

[51] Marziac I, 105.

[52] MS. I, 53, 12; II, 50, 30-38

Mons. Lefebvre, entrevista com André Cagnon, 1987, p. 28

tão forte. É verdade que, entretanto, aconteceu o Concílio Vaticano II. A «vozinha muito doce» do Superior não lhes parece combinar-se com o «viver fortemente de princípios» que o Padre Lefebvre lhes inculcava.

«As recordações que possuo do Padre Lefebvre são muito contrastantes, diz-nos um deles. Conservo a lembrança duma personagem que integrava grandes qualidades em simultâneo: espirituais, humanas, veemência, organização e, concomitantemente, era um homem que possuía uma visão muito marcada, ao mesmo tempo, sobre o plano político e sobre o plano eclesial.» [54]

Felizes daqueles que compreenderam a aliança, em Marcel Lefebvre, do amor paternal mais solícito, com a firmeza doutrinal mais consequente! Fecit illud caritas[55]: O que fez isso, foi a caridade, uma caridade que vai até ao extremo das suas exigências.

Queridos antigos alunos do Padre Lefebvre, longe de constituir uma falta de caridade ou de conveniência, a fidelidade imperturbável do vosso pai à «verdade da Igreja» com todas as suas consequências, consubstanciava pelo contrário a marca dum amor maior, duma maior caridade.

## 6- Uma nomeação inseperada

Mas a ocasião de provar esta «majorem caritatem», ser-lhe-ia apresentada em breve.

A meio de Junho de 1947, o Padre Lefebvre pensava nas férias de Verão que lhe permitiriam efectuar o seu retiro de 20 de Julho a 17 de Agosto, bem como dedicar mais alguns dias livres a tomar nota de certos aspectos da vida de sua mãe «para fazer conhecer um pouco a sua santa alma»[56]. Um telefonema veio subverter estes planos.

No dia 25 de Junho, o seu adjunto, o Padre Macher, bate à porta e diz-lhe muito simplesmente:

«Meu Padre, estais nomeado Vigário Apostólico de Dakar!

Imediatamente, o Padre Lefebvre chama, em Paris, Monsenhor Le Hunsec. – Allô? – Allô, Padre, é consigo mesmo que eu quero falar, segure-se bem! Está... Está nomeado Vigário Apostólico de Dakar!

---

[54] MS. I, 35, 47-50

São Bernardo, sermão de «Duodecim stellis, in fest. Setembro Dol. B.M.V., Lect. 6

[56] P. Marcel Lefebvre, carta a Irmã Marie Christiane, 16 de Junho 1947

- Silêncio.
- E então, Padre?
- Oh! Em Dakar. Oh, lá, lá! Meu Deus!

E o Padre Lefebvre pensava: Eu cá comigo bem esperava qualquer coisa, contudo tinham-me falado do Gabão. Mas Dakar: em pleno meio muçulmano, e onde eu não conheço ninguém.

O Padre é religioso, deve obedecer! Não tem escolha, deve responder sim.

- Foi realmente necessário responder sim[57]

Não havia mais nada para ocultar. Consequentemente, nessa mesma tarde, durante a ceia, no momento em que o leitor terminava o Evangelho, uma campainhada ressoou na mesa dos padres. O Padre Macher ergue-se, há uma certa inquietação. «Meus caros confrades – a voz está tremendo de emoção – meus caros confrades, anuncio--vos uma grande alegria e uma grande honra: O nosso querido Padre Superior foi nomeado Vigário Apostólico de Dakar!»

Rebentaram os aplausos. O Padre Lefebvre responde naquele registo simples e paternal que foi sempre o seu apanágio. Certamente, ele encontra-se surpreendido com esta nomeação para Dakar; certamente, ele não recusa o cumprimento do dever; contudo acrescento: - Recordo-me da palavra do Evangelho: Duxerunt eum ut crucifigerent. [58]

E perante esta tarefa, ele empregou a mesma expressão que havia utilizado no dia da sua chegada ao escolasticado: - O que tenho para dar, eu dou! [59]

---

[57] Marziac I, 105; PHLH, 59-60

[58] Levaram-no para ser crucificado (Mat. 27, 31)

[59] BF 37, 38-39

# Capítulo VIII
# Arcebispo de Dakar

## 1- Sagração episcopal

### *Sob a estratégia da Propaganda*

Enquanto rodava na direcção de Paris, o Padre Lefebvre tinha as suas dúvidas: «Será que eu não me devo antes fazer Trapista? Será que se não enganam sobre mim? Mais a mais, porquê Dakar? Não me tinham falado do Gabão?»

Sim, o nome de Marcel Lefebvre tinha figurado na «terna»[1] de Libreville para substituir Monsenhor Tardy, falecido em Chevilly, em Janeiro de 1947.

Por outro lado, desde Dezembro 1946, havia sido proposto para suceder em Dakar a Monsenhor Grimault, que se encontrava resignatário,[2] O nome de René Graffin, Vigário Apostólico de Yaoundé, mal visto entre o seu clero indígena. A sua transferência constituiria a solução para dois problemas em simultâneo.

E para garantir a Sé de Yaondé, bem mais populosa que o Gabão, concluiu-se que o Padre Lefebvre desempenharia igualmente bem essas funções, enquanto que o Padre Jerôme Adam cumpriria satisfatoriamente em Libreville.

Foi então que Monsenhor Graffin recusou a sua transferência. Ele ficou então em Yaondé e integrado na estratégia da Sagrada Congregação da Propaganda, Marcel Lefebvre encaminhou-se finalmente para Dakar. [3]

É significativo que Roma tenha eleito, para a Capital da AOF[4] cujo

---

[1] Denomina-se «terna» uma lista de três candidatos selecionados segundo modos diversos e submetida à Congregação da Propaganda (para os territórios missionários), a qual proporá a escolha à decisão do Papa.

[2] BG 598-599, 99 e 111; BG 600-601, 143

[3] BG 596-597; Criaud 233.

[4] Compreendendo 8 colónias: África Ocidental Francesa: Dakar, Senegal,

futuro eclesiástico amanhecia[5] então, este ex-missionário de 41 anos. É necessário crer que nele haviam sido encontradas «as dimensões requeridas» segundo a expressão do Cardeal Liènart.[6]

O eleito apresentava, além das qualidades exigidas pelo cânon 331, o dom da organização e a audácia dos meios materiais. Um único ponto negro: a sua tendência para a obstinação. Todavia, se este ponto foi suscitado, não o foi senão para vincar que, colocado ao serviço da sã doutrina, a tenacidade constitui uma virtude, o que parecia ser o caso.

Em Paris, Monsenhor Le Hunsec acolheu fraternalmente o eleito, dissipou as suas dúvidas, citando-lhe a palavra de ordem de São João Bosco: «Nada solicitar, nada recusar», e encorajou-o oferecendo-lhe uma pedra ametista. Sendo Dakar uma sede residencial, o Vigário Apostólico não exercia ali a jurisdição senão em nome e por comissão do Papa. Ele possuía, contudo, todos os poderes dum bispo residencial, e mesmo mais, tendo em conta os imprevistos dos países de Missão[7] Ele devia receber a sagração episcopal, como precisava a bula de Pio XII «Dilecto filio Marcello Lefebvre,[8] datada de 12 de Junho, a qual seria expedida no dia 23 de Julho. Para além disso, ele receberia o título dum bispado «In Partibus Infidelium», tornando-se assim Bispo titular d'Anthédon[9] (El Blakiheh, junto de Gaza, na Palestina). Este título havia sido o de Monsenhor Charles-Louis Gay, auxiliar do Cardeal Pie em Poitiers de 1877 a 1880.

## *A sagração*

Sendo o Cardeal Lienart o Bispo da sua diocese de origem e grande amigo das Missões, solicitou-lhe Monsenhor Lefebvre que fosse o seu Sagrante. Ele escolheu como consagrantes Monsenhor Alfred Ancel, Auxiliar de Lyon, seu colega mais velho de Santa Chiarra, (o Seminário francês em Roma) e o seu amigo Monsenhor Fauret. Foi finalmente decidido que a consagração teria lugar no seio da sua paróquia familiar de Tourcoing.

---

Guiné francesa, Costa do Marfim, Daomé, Sudão francês, Mauritânia e Níger, ou seja uma população de 20 milhões de habitantes

[5] Desmantelamento em curso da «Delegação Apostólica de África» AAS 39 (1947), 96

[6] Brinde da Sagração de Monsenhor Lefebvre, Marziac I, 108; Bula de Pio XII, 12 de Junho 1947: «Te ad pastorale múnus requisitis dotibus, ut Nobis relatum est, praeditum»

[7] Código de Direito canónico de 1917, can 293 e comentários de Raoul Naz; Tratado de Direito Canónico, 1 nº 589-591.

[8] Texto Latino em BG 604-606, 202-203

[9] Breve de 8 de Maio 1947, cf. AAS 39 (1947), 639

Em Tourcoing, como em Mortain, onde se lhe ofereceu uma festa em 6 de Julho, começou a ressentir-se através dos sinais de respeito de que era objecto, da distância que agora o separava dos seus amigos. Monsenhor Lefebvre contudo, não tinha mudado, ele amava demasiadamente a simplicidade e a boa amizade, diz a sua irmã Christiane. Em Lophem-Lez-Bruges, onde ia fazer um retiro, alguns dias depois, junto do seu primo afastado e célebre liturgista, Dom Gaspar Lefebvre, os monges insistiam em colocá-lo num trono em evidência. Ele objectou:

Mas eu não fui ainda sagrado Bispo!

Sim, sim, vós sois «bispo eleito», isso basta.

Ele teve mais sucesso em Solesmes, de 7 a 9 de Setembro onde os monges respeitaram os seus desejos. [10]

Monsenhor meditou àcerca destas palavras de São João que lhe eram tão queridas e que ele escolheu para divisa episcopal: «Et nos credidimos caritati.[11] Sim, diz ele, nós acreditamos na grande caridade que Deus, que Nosso Senhor nos dispensa. [12] Eco da espiritualidade do defunto Padre Liagre, esta expressão constituía igualmente o reflexo da alma de Santa Teresa do Menino Jesus, que havia edificado a sua santidade sobre a fé neste amor misericordioso e infinito de Deus.[13]

O brasão de armas do eleito representava à esquerda o emblema da Congregação sobrepujando o da recordação Africana», futura catedral de Dakar, e, à direita, anunciava «ouro na cruz esmaltada de faixas verticais, portadora de uma estrela de cinco pontas, e possuindo nos cantos quatro quinque fólios azuis», que constituíam as armas declaradas por volta de 1690 pelo tio-avô Pierre Lefebvre, burguês de Tournai.[14] Sim, decerto, o Bispo via nela sobretudo a cruz do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, aquela mesma cruzada pelo Seu reino, sobre o ouro da caridade de Deus, cingida pela universal mediação de Nossa Senhora.

Sobre os Evangelhos, ele prestou pela quinta vez o juramento antimodernista, afirmando com convicção: «Eu sustento com a maior firmeza e sustentarei até o meu último suspiro a fé dos Padres sobre

---

[10] MFMM, 10 ; P. Vincent Artus OSB, carta a Monsenhor Lefebvre, 29 de Março 1967; Dom Jean Prou, carta ao Abade JML, 24 de Junho 1999.

[11] «E nós, nós cremos na caridade»

[12] RETREC, 26 de Março 1975

[13] P. Liagre, Retiro com Santa Teresa do Menino Jesus, Lisieux, 1991, p. 13.

[14] Armorial général de France, Flandre, dep. De Lille, repartição de Tournai

o carisma certo da verdade que reside, residiu, e residirá sempre no Episcopado transmitido pela sucessão dos Apóstolos, (...) de tal maneira que a verdade absoluta e imutável pregada desde a origem pelos Apóstolos, não seja nunca crida nem entendida num outro sentido»[15]

Ele recebeu a plenitude do sacerdócio na Igreja de Nossa Senhora de Tourcoing, na quinta-feira 18 de Setembro de 1947, na presença de Monsenhor Le Hunsec, bem como de seis outros bispos missionários, de Monsenhor Dutoit, Bispo de Arras, do páraco de Mortain e de numerosos sacerdotes de França, do Senegal e de representantes do Seminário francês. O Padre René Lefebvre e o Padre Jean Watine S. J. , Respectivamente irmão e primo do Eleito, foram o Sub-Diácono e o Diácono da missa Pontifical da Sagração.

No decurso da refeição, presidida no Colégio do Sagrado Coração pelo Cardeal Liénart, o jovem Bispo corroborou em termos muito simples a sua fidelidade aos princípios recebidos em Roma da parte do Padre Le Floch: «Eu agradeço-lhe muito, disse ele, do mais profundo do meu coração, visto que ele nos demonstrou verdadeiramente os caminhos da verdade.»[16] Posteriormente, dirigindo-se ao representante do Governador-Geral da AOF, (África ocidental Francesa) ele definiu com felicidade a missão da França em África: «Os africanos, asseverou Monsenhor Lefebvre, amam profundamente a cultura e a civilização cristã da França. Existe na França qualquer coisa que se não encontra noutras partes; nós o atestamos, a França cristã, quase contra a sua vontade, transporta com ela esta caridade, esta compreensão das almas, esta profunda psicologia das necessidades do próximo, que lhe são outorgadas em linha recta pela sua catolicidade. [17]

Tenho em vista o seu apostolado senegalês, viu o Bispo ser-lhe oferecido, um «4CV» o que constituía ainda uma raridade e foi um sucesso, [18] e também, da parte dum amigo de Lille, ele recebeu uma prancheta de desenho, com o material necessário para estruturar toda a espécie de planos. Anunciava-se o Bispo construtor.

No dia 5 de Outubro, Monsenhor Lefebvre veio dizer um derradeiro adeus a Mortain; todo o clero amigo aí compareceu e, pela tarde, com a sua voz de entoações iguais e manifestando uma atitude

---

[15] São Pio X, Motu próprio, 1 de Setembro 1910; BPV, 163-168

[16] O Cardeal escutou sem se perturbar, mas logo fez chegar ao núncio Roncalli estas afirmações fulminantes

[17] Marziac, I 104-105

[18] MFMM- 11

de sobrenatural bondade, o pai amado repetiu as palavras de Jesus na tarde da última ceia: «Filhinhos amai-vos uns aos outros»[19]

Um mês mais tarde, a 11 de Novembro, finalmente pronto, voou para Dakar.

## 2. O Vicariato do Senegal

O território confiado aos cuidados do jovem Bispo, compreendia a extensão do Senegal, excepto a de Casamança, a qual constituía, a Sul, uma entidade original e uma jurisdição eclesiástica distinta. A Gâmbia Britânica operava no território um grande corte que precisamente separava o essencial do país de Casamança, que Monsenhor Lefebvre jamais teve de administrar.

Entre o Rio Senegal e o Oceano Atlântico onde surgiam as ilhas de Cabo Verde, e o maciço do Fouta-Djalon, na Guiné, o Senegal estendia os seus 199 000 Km$^2$ de areias. Que diferença em relação ao Gabão! Logo porém, o Bispo ganhará apego a estas paisagens; a esta estepe semi-desértica semeada de embondeiros gigantes, de palmeiras, e sarças espinhosas; a estes atalhos arenosos que serpenteavam através de campos de milho miúdo e de amendoim; a estes pântanos donde parte um voo rápido de patos selvagens, a estes campos curtidos que os antílopes atravessam com saltos ágeis e graciosos; a estes estuários indolentes que abraçam ilhotas pitorescas onde se agacham arrebatadoras aldeias de pescadores. [20]

Os 2 500 000 habitantes do Senegal, aos quais é necessário subtrair os 300 000 de Casamança, contavam somente 55 000 católicos – metade senegaleses e cabo-verdianos, metade europeus e siro-libaneses – confrontados com um mundo de 1 500 000 muçulmanos e 250 000 animistas,[21] estes últimos confrontados eles próprios com um Islão conquistador.

### *O Islão, o comércio e a Cruz*[22]

A História do Senegal está com efeito dominada pela guerras islâmicas. Os mouros do Baixo Senegal, islamizados no século VIII, apoderaram-se no século XI do reino Saracola do Gana, que se estende do Atlântico ao Níger, e em seguida vão conquistar o Marrocos e a Espanha. No Século VIII, Soundiata Keita, a criança dimi-

[19] BF, 37-41.

[20] HÁ, Janeiro 1961, editorial de Monsenhor Lefebvre

[21] BG 617-618, 46-47

Anuário de Igreja Católica de África, 1960; Sorel, 20; Biarnes, 16-17; 194; 253-256; Robert Dubon, 16-30

nuída, que se ergue sobre as suas pernas, vai partir para a submissão das regiões vizinhas e fundar o Império Mandinga do Mali; a sua epopeia, transmitida pela tradição oral, recorda as virtudes guerreiras do Malinke, o seu sentido de honra, bem como a antiguidade da sua civilização. Todavia, Soundiata torna-se muçulmano; arrastando o Mali e, em breve, o vizinho reino Songhai e, em seguida, os Peul, retoma a guerra santa por sua conta; o âmago do seu poderio reside em Tombouctou, Capital dum Islão comercial e urbano.

Contudo, em 1660, os bambaras animistas apoderam-se de Tombouctou, e os estados que o Mali tinha reagrupado, constituíram, pouco a pouco, a sua independência. Sobre o Rio Senegal, o reino de Tékrour, onde se havia fundado a raça Toucouleur, perdeu ele mesmo a sua suserania sobre as províncias Wlofs meridionais que entram em cisão.

Os Peuls prosseguiram a islamização através das confrarias Turup, criadores dum Islão popular mesclado de animismo. No Século XVIII, finalmente, chegam ao Sine os príncipes guélowars, vindos do Norte. Eles preferiram o exílio à incorporação no Islão; tais serão os «sererbados» (aqueles que se separaram) ou sereres. Lá, onde os muçulmanos dominam, entregam-se ao comércio; juntaram-se-lhes, neste domínio, os Portugueses, que em 1445 descobrem a foz do Rio Senegal, os Franceses, que fundam a companhia comercial de Cabo Verde em 1663, após terem edificado, sobre a Ilha de Ndar, um forte denominado «São Luís».

O Padre Aléxis, capuchinho de Saint-Lô, implanta as primeiras missões sobre a costa de Rufisque desde 1635; seguidamente a Congregação do Espírito Santo, vê ser-lhe confiada a Prefeitura Apostólica do Senegal fundada por Roma em São Luís. Todavia, os Holandeses do Século XVII e os Ingleses do Século XVIII interrompem frequentemente a evangelização. A Cruz de Cristo regressa a São Luís e a Gorée com os espiritanos (1818) e as irmãs de São José de Cluny, vindas com Madre Javouhey (1820); esta envia para França alguns jovens negros, dos quais três, tornados sacerdotes, regressaram ao país: Moussa, Fridoil, e Boilat.

Em 1845, o Governador Bouet-Willaumez faz um apelo aos padres de Libermann, bem como aos Irmãos de Plöermel. É assim que após o desastre do Cabo das Palmas, um segundo grupo de missionários do Sagrado Coração de Maria, desembarca na Ilha de Corée, em Junho de 1845. Eles vão bater à porta do presbitério. Do alto andar, o Abade Moussa informa-se:

Que desejais, senhores?

> Nós somos enviados para que nos estabeleçamos nestes lugares, responde o fogoso Padre Arragon.
> A expressão foi infeliz, o sacerdote indígena protesta:
> Estabelecer-vos aqui! Nem pensais nisso! Aqui tudo depende do Seminário do Espírito Santo, bem como da Prefeitura Apostólica de São Luís.

Por fim, tudo se arranjou, visto que os filhos de Libermann constituirão a sua missão na península de Cabo Verde.

## *A Missão e a administração*[23]

Até 1854, os franceses ocupavam somente as feitorias costeiras. A partir desta data, Faidherbe, Governador do Senegal empreendeu a conquista territorial do país. Em 1857, o marinheiro Protêt funda Dakar, e o porto construído por Pinet-Laprade foi inaugurado em 1866. Em 1876, os habitantes das «velhas comunas» da costa, fortemente miscigenados, receberam o título de cidadãos franceses. Um decreto de 1855 criou a AOF (África Ocidental Francesa) e deu-lhe Dakar por capital. Todavia, em virtude de lhe faltar a lei de Jesus Cristo, a laicidade republicana favorece o Islão como consequência das suas escolas laicas, pela oficialização da justiça islâmica e a imposição de chefes muçulmanos aos animistas.

Muito rapidamente, os missionários são confrontados com esta aliança da administração com a islamização. Mais a mais, a moral cristã configurava-se difícil, na exacta medida em que rejeita a poligamia que, pelo contrário, é aceite pelo Islão. O africano islamizado tem a impressão de penetrar no seio duma família espiritual africana, antiga, gloriosa, eficaz. O comerciante muçulmano dela é o infatigável propagandista, o Diaoula. O Morabito, por sua parte, está por todo o lado; ele conhece um pouco de Corão, organiza a oração, a escola corânica, onde se repetem as suras em arábico. Ele faz igualmente de feiticeiro: ele actua sobre as forças ocultas para curar as doenças, chamar a chuva, esconjurar as potências maléficas.

Compreende-se o grau de fé teologal que os pioneiros da evangelização desta terra, duplamente árida, tiveram de possuir. O primeiro superior nomeado por Libermann, Eugene Tisserant, um dos seus primeiros companheiros, nunca chegou, aliás, a Dakar, tendo perecido no naufrágio do Papin em Novembro de 1846. Em Maio

---

[23]Biarnés, 91-97; Koren, 200, 213-219; Monsenhor Bressoles, conferências em Paris em 19 de Março 1958, para a aliança Joana d'Arc sob a presidência do General Weygand, em La Pensée Cathólique nº 55 p. 37-50

de 1847, chegou à Missão um outro filho de Libermann, o Padre Benoit Truffet, nomeado Vigário Apostólico das duas Guinés. Ele não foi muito mais feliz: A sua decidida opção pela «indigenização» alimentar, matou-o em dois anos; e a sua desconfiança das «ingerências» da administração civil quase matou também a Missão. [24] O seu sucessor, Monsenhor Bessieux, foi instalar-se no Gabão. Todavia, em 1849, Monsenhor Aloys Kobès (1820-1872), sagrado Bispo depois de somente três anos de sacerdócio, foi-lhe associado para residir em Dakar.

### *Conquista da Cruz*[25]

O plano de Monsenhor Kobés é de ocupar o máximo de pontos que for possível, mesmo arriscando insucessos e fracassos, com o objectivo de progredir rapidamente no seio das populações dispostas a receber o Evangelho, ou seja, os animistas sereres do Sine, bem como os de Gâmbia ou de algumas regiões Wolofs do interior. Dessa forma, instalam-se os missionários sobre a pequena costa em Joal, correspondendo às solicitações do rei de Sine e, em Ngazobil, «os poços de pedra» onde os Padres convidam as famílias cristãs a congregar-se em torno da Missão, das suas plantações e das suas escolas, tendo em vista a constituição duma verdadeira aldeia cristã. No interior, Fatiek e Kaolack são «investidos» de 1859 a 1861.

Em 1874 é fundada uma missão na ilha de Fadiout, junto à foz do Sine. A Ilha torna-se um bastião cristão de 2000 católicos, apesar de alguns pagãos refractários. A Cruz implanta-se em Thiès e igualmente em Popenguine, missão que deverá - Santo Deus! - ser abandonada em 1914, em virtude da mobilização dos sacerdotes, e que será islamizada por uma encarniçada propaganda.

Em Julho de 1921, após a morte trágica, em pleno mar, de Monsenhor Jalabert, Monsenhor Louis Le Hunsec tornou-se Vigário Apostólico da «Senegâmbia», entidade que ocupa o Senegal e a Gâmbia. Ele funda a missão de Kaolack e várias outras na Gâmbia e em Casamança.

Na sequência da eleição de Monsenhor Le Hunsec para Superior Geral, Monsenhor Auguste Grimault foi nomeado em 1927, Vigário Apostólico e administrador, além disso, da Prefeitura Apostólica do Senegal, (Saint-Louis). Ele inaugura, no dia 31 de Março de 1929,

---

[24] BG 468, 254; Koren, 216-217

[25] BG 425, 405-479; 476, 604-605: 604-606, 204; 636, 96-100; 637, 133--137; BF 86, 92; Sorel, 32-33

a futura Catedral, denominada «a recordação africana», concebida segundo a ideia do Governador-Geral Merleau-Ponty, como um Memorial dos soldados africanos mortos pela França. O Padre Daniel Brottier, Vigário delegado de Monsenhor Jalabert, esforçou-se, em Paris, desde 1911, por proceder a uma colecta de fundos necessários à construção. O edifício foi sagrado em Março de 1936 pelo Cardeal Verdier, legado do Papa.

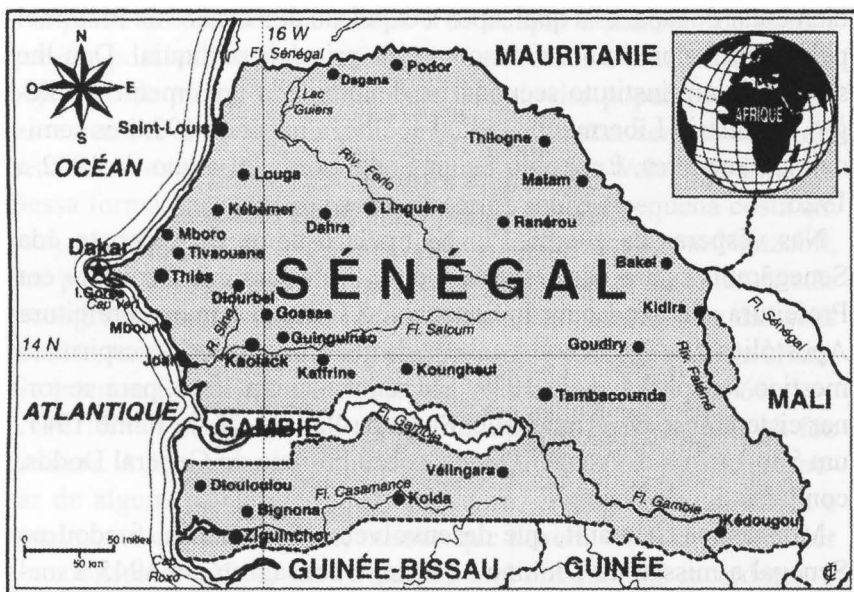
A obra escolar da Igreja, indispensável para proteger a fé das crianças católicas, colocada em perigo pela escola laica, em virtude da enorme quantidade de crianças muçulmanas, não é negligenciada. Em Dakar, além das instituições femininas, existe a escola elementar de rapazes a qual, após a expulsão dos Irmãos de Ploërmel pelas «leis celeradas», se tornou escola primária paroquial. Deu-lhe sequência um instituto secundário, denominado igualmente «Colégio-Seminário Libermann» o qual acolhe, a partir de 1924, os seminaristas menores. Leopoldo Sedar Senghor ali foi aluno de 1922 a 1926.

Nas vésperas da guerra, Pio XI muda o nome de Vicariato «da Senegâmbia» para «de Dakar», e o de Prefeitura «do Senegal» em Prefeitura «de São Louis do Senegal». A Gâmbia torna-se Prefeitura Apostólica de Ziguinchor, à cabeça da qual foi colocado o espiritano mestiço Joseph Faye em 1939. Ele retirou-se em 1946, para se tornar cisterciense em Aiguebelle. Sucedeu-lhe, em 13 de Junho 1947, um São-Luisiano, Prosper Dodds, sobrinho-neto do General Dodds, conquistador do Daomé.

Monsenhor Grimault, que desenvolveu a Casamança, fundou no Senegal a missão de Diohine no Sine, e consagrou em 1945 a magnífica igreja de Thiès, criou em Dakar a segunda paróquia, a da catedral, por desdobramento da do Sagrado Coração. Por falta de pessoal, foi obrigado a encerrar Foundiougne e renunciou a fundar Fatick. Preocupado com a falta de recursos, proibiu toda e qualquer actividade subsequente susceptível de onerar o seu orçamento. Ulteriormente, gravemente doente em além disso, «visado pelo General De Gaulle».[26] Ele teve de solicitar a sua demissão ao Visitador apostólico e retirou-se em Outubro de 1946. Muitas coisas estavam então em sofrimento, e é com uma impaciência inquieta que os confrades, a população e as autoridades esperavam o seu novo Bispo.

---

[26] Por ter após o desembarque americano na África do Norte, desaconselhado numa carta pastoral a reconciliação do AOF com o Governo de Alger em Novembro de 1942. MS. III, 9, 49-70; 10, 1-25.

# «A garganta do Leão»

O recorte da Gâmbia confere ao Senegal o aspecto duma cabeça de Leão, apontando o nariz do seu Cabo Verde em direcção ao Atlântico.

Ao sul, Casamança constitui uma entidade étnica e eclesiasticamente distinta.

A Guiné Bissau Vizinha é de língua portuguesa; o seu último soberano autóctone, o doutor Baticã, foi um amigo de Monsenhor Lefebvre.

## *Acolhimento - visita da Diocese – Plano de acção*

O Padre Salomão, Vigário delegado a título interino, tinha organizado uma modesta cerimónia de acolhimento. Todavia o Alto-Comissário Barthes, novo Governador-Geral da AOF, quis manifestar solenemente o entendimento cordial com o novo prelado. Este último estava bem resolvido a extrair o melhor aproveitamento para a igreja, destas disposições favoráveis do Governo.

Ainda assim, o Padre Libermann tinha recomendado aos seus missionários: «Ficai de bem com as autoridades; é a vontade de Deus e o bem das almas que o exigem»[27] Os chefes civis de Dakar podiam bem ser os representantes dum regime muito débil de ideias e muito liberal, eles podiam mesmo ser franco-maçons; Monsenhor Lefebvre quis e logrou deles obter, por via de relações pessoais cordiais, o que frias relações administrativas nunca teriam conseguido. «A caridade não tem más intenções, diz São Paulo (...) ela tudo crê, tudo espera» (1 Cor. 13, 5-7).

E foi esta Caridade que, precisamente, o jovem Bispo exprimiu no dia 16 de Novembro de 1947, na sua Catedral, diante da qual a guarda vermelha se dispôs em formatura à sua chegada, e onde a guarda a cavalo tinha acompanhado o Alto-Comissário. Tomando a palavra na Igreja, Monsenhor Lefebvre dirigiu-se, em primeiro lugar, a este último, cuja presença se lhe configurava como «particularmente significativa»; em seguida dirigiu-se a todos os fiéis, a quem exortou a «tomar o seu lugar, e a sua parte na grande tarefa comum que é toda de caridade, de caridade pelo amor, o dom de si mesmo». «Eu dou-me a vós, diz ele, dai-vos vós a mim, vinde a mim.»[28]

A voz era clara, igual, duma força persuasiva e duma autoridade incorporada de doçura, que impressionavam e conquistavam. Ele confirmou imediatamente, entre os funcionários, a reputação «de homem excepcional» e de pessoa «de primeiro plano» de que, aliás, gozava já junto deles, o jovem Prelado. [29] Por seu lado, o clero verificava, pela primeira vez, desde vários lustros (período de 5 anos), que a Igreja do Senegal era regida por um pastor que não havia sido um dos seus missionários. [30] Todavia o Bispo ultrapassou esta desvantagem, empreendendo uma visita a todo o seu Vicariato – ao qual se adicionaria, no dia 9 de Janeiro 1948, a administração

[27] P.Libermann, carta de 26 de Maio de 1844

[28] Carta do Padre Catlim, 12 de Outubro 1947; BG 609-610, 297; HÁ, Dezembro 1947.

[29] Gerard Dubois Burthe, E. Julho 1998. p. 3

[30] Marziac II, 108.

apostólica da Prefeitura de São Louis – o que lhe permitiu conhecer pessoalmente os seus quarenta e dois sacerdotes, dos quais trinta e sete espiritanos.

Os seus sentimentos, ao assumir o cargo, exprimiu-os Monsenhor Lefebvre mais tarde:

> «Consciencializamo-nos», disse ele, «de que estamos consagrados para todo o sempre a dirigir, a ser chefe, com todas estas almas de que temos a responsabilidade. De tal constitui uma prova, na medida em que será assim até ao fim dos nossos dias, usarmos um anel que aí está para nos lembrar... Não existe possibilidade alguma de retorno.»[31]

Ele resolveu portanto ir em frente: Sempre rumo ao melhor, mobilizando as suas energias e desenvolvendo os seus dons de actividade organizadora.

Ele discerniu, num primeiro golpe de vista, quais as necessidades, e concentrou-se num plano de acção, não segundo as pequenas alegrias do quotidiano, mas em função do futuro, concebido a longo prazo, quer da Igreja, quer do País: fundar um colégio de ensino secundário para rapazes, bem como uma escola de monitores (professores de escolas elementares); reorganizar a formação sacerdotal, criar novas paróquias urbanas e coordenar a acção católica; relançar a missão em terra infiel.

Para cada um destes objectivos, escolheu o homem adequado, nele depositou confiança e não se desiludiu. Todavia, não logrando a sua Congregação conseguir-lhe o número necessário de missionários, Monsenhor Lefebvre resolveu buscar, noutros lugares, sacerdotes, irmãos e religiosas.[32]

Em Fevereiro de 1948, retornou a França e foi bem sucedido a, nalgumas semanas, constituir uma rede de benfeitores, bem como a assegurar um suporte financeiro reforçado, da parte das obras pontificais missionárias, cujo director parisiense, Monsenhor Henry Chappoulie, se tornou seu amigo, Monsenhor Lefebvre conseguiu igualmente estabelecer uma garantia de futura colaboração de várias congregações religiosas. Alargou a sua Viagem até Roma, para aí proceder à sua visita «ad limina apostolorum», quer dizer, junto do sucessor de São Pedro; foi recebido em audiência por Pio XII, no dia 9 de Março de 1948, durante um quarto de hora. O Papa interrogou-o sobre a sua formação recebida em Roma e exclamou amavelmente: «Ah! Este querido Padre Le Floch.» Posteriormente, confiou-lhe o

[31] Fideliter nº 50, p. 16

[32] BG 617-618 (estatísticas do vicariato de Dakar); 611-612, 314; Delcourt, 91

Sumo Pontífice a sua inquietação pelas perseguições desencadeadas pelos comunistas. Marcel Lefebvre gravou na sua alma esta preocupação do Santo Padre. [33]

## 3. – As suas amadas obras

As obras de sua predilecção foram, sem contestação, o seu Colégio, o seu Seminário e a sua Congregação indígena.

### *O Colégio Santa Maria de Hann.*

Desde a sua chegada, o novo Bispo tinha sido solicitado pelos pais cristãos, que reclamaram a fundação dum colégio secundário para rapazes.[34] Efectivamente, existiam quatro instituições de meninas sob a direcção das irmãs de São José de Cluny e da Imaculada Conceição de Castres; todavia para os rapazes não havia mais nada desde que o «Colégio-Seminário» se tornara simplesmente o Seminário Menor. [35]

Convencido de que a formação, duma fina-flor católica, indispensável ao Senegal, e na África Ocidental Francesa, dependia integralmente da existência dum colégio de rapazes, Monsenhor Lefebvre dirigiu-se a Monsenhor Le Hunsec que lhe confessou não dispor de pessoal qualificado para lhe fornecer. Este foi o disparo que decidiu o Vigário Apostólico a volver-se para outras congregações. Ele solicitou os Irmãos Maristas, cujo Provincial em França, o Padre Thomas, residia em Saint-Brieuc. Este aceitou audaciosamente enviar o Padre Chièze, o qual, auxiliado por dois outros sacerdotes e por um escolástico, instalou as primeiras aulas de sétimo, sexto e quinto nos locais provisórios que lhes disponibilizaram, na Rua Malenfant, os Irmãos do Sagrado-Coração. Estes testemunharam efectivamente a construção, pelo Bispo, duma escola São Miguel, inteiramente nova.[36]

Contudo Monsenhor Lefebvre havia já encontrado, a seis quilómetros de Dakar, nas dunas de areia de Hann, a localização do futuro Colégio Santa Maria: um terreno de cinco hectares. Ele concebeu os planos para esse empreendimento que deveria acolher setecentos

---

[33] BG 611-612, 326; Monsenhor Lefebvre nesta ocasião ordenou 19 sacerdotes em Chevilly no dia 15 de Fevereiro 1948; HÁ nº 12 Março 1948, p. 1; E. Abade PH. François, 24 Janeiro 2000

[34] PHLH, 62

[35] Escolas da Imaculada Conceição, de São José de Cluny (Sobre a Medina), Instituição de Nossa Senhora e Instituição Santa Joana d'Arc (LC 53, 32); HÁ, Janeiro 1961

[36] BG 621-622,535, 627, 172; HÁ 17 (Setembro 1948), 13; 506 (Junho 1998), 196

alunos dos quais duzentos e quarenta internos. Benzeu-o em 14 de Janeiro de 1950, com a presença do Alto-Comissário Paul Béchard, que o inaugurou, assim ilustrando as excelentes relações mantidas pelo Bispo com a Administração.[37]

Aberto tanto a negros como a brancos, o colégio era pago, tal como aqueles que por essa época, foram edificados por Monsenhor Graffin, em Mvolyé e por Monsenhor Bonneau, em Douala. Os muçulmanos ali tiveram acesso até à proporção de um em cinco, como era de norma em todas as escolas do Vicariato. Na exacta medida em que constituíam uma minoria, os jovens muçulmanos aceitavam aí aprender o catecismo. Por vezes, um deles, sendo o primeiro nessa matéria, chorava no dia da primeira comunhão, pois não podia receber o Pão dos anjos como os seus camaradas[38].

O sucesso correspondeu à expectativa: em 1960, quinhentos alunos frequentavam o colégio. Por mais que o Governo tenha recusado os subsídios, ou proibido a abertura de novas classes,[39] Monsenhor Lefebvre – que nomeou imediatamente um director de ensino – pôde desenvolver consideravelmente um magistério católico multiforme, primário, secundário, e profissional,[40] cujos êxitos sobrepujavam os das escolas laicas: cinquenta por cento de alunos admitidos em 1959 à sexta classe (quinto ano, NdT), e noventa por cento de admitidos ao *certificado de estudos* (quarta classe, NdT). O ensino primário elevou-se de 1947 a 1962, de cerca de dois mil alunos repartidos por nove escolas, a doze mil alunos estudando em cinquenta e uma escolas. O ensino secundário contava, em 1917, somente cento e cinquenta alunos, pertencendo a quatro estabelecimentos; encontravam-se, em 1962, mil e seiscentos alunos repartidos por onze estabelecimentos[41] E um aluno em cada 5,6 prosseguia os seus estudos numa escola católica. Sessenta e duas escolas, dir-se-á, é pouca coisa em comparação com as trezentas e vinte cinco de Yaoudé ou as oitocentos e noventa de Onistsha, na Nigéria. Sem dúvida, todavia, estas sessenta e duas flores no deserto constituíam um prodígio de ordem superior.

---

[37] BG 629, 270; 636, 102-103; HÁ Fevereiro Março 1950 p. 30

[38] Criaud 218-220; 236-237; LC 30 (1953), 3; 53 ( 1956), 14; 57 (1957), 10; HOMEC 38 B, 19 Abril 1987

[39] Relatório de Monsenhor Lefebvre à OPF, 30 Novembro 1949; Échos, Janeiro 1954.

[40] LC 24 (1952), 8-10, 38 (1954), 19-22, 53 (1956), 32; BG 636, 103; Delcourt, 95.

[41] BG 624 (1949), 25; 682 (1958), 506; 693 (1960), 422; 694; HÁ 137 (1962), 18-19. Os números de 1962 dizem respeito à arquidiocese privada de Kaolack.

## *A menina dos seus olhos: O Seminário*

Sobre esta sólida base escolar, Monsenhor Lefebvre logrou sustentar firmemente os seus Seminários. São Pio X havia exortado os bispos a «incorporarem o melhor e o principal do seu zelo nos seus Seminários» e a fazer deles «as delícias do seu coração»[42]. Assim procedeu Monsenhor Lefebvre. Desde o encerramento em 1930 do «Seminário Menor Libermann», as jovens vocações tinham sido enviadas para a escola apostólica de Allex, em França, e posteriormente ao Seminário Menor de Oussouyé, em Casamança, de onde Monsenhor Grimault os fez voltar a Ngazobil.

Contudo Monsenhor Lefebvre, considerando a instalação deficiente, decidiu em 1948 reconduzir os seus onze seminaristas menores, a reagruparem-se com os vinte e quatro de Casamança em Oussouyé, sob a excelente direcção do Padre Michel. Por seu lado, Ngazobil, testemunhou a criação, segundo o grande desejo do Bispo, duma escola preparatória, de diploma elementar, simultaneamente escola de monitores e Pré-Seminário, o qual contava quarenta e um alunos em 1950.[43]

Posteriormente, em 1952, os «Dakarenses» regressaram de Oussouyé ao Vicariato. As classes inferiores do secundário instalaram-se em Ngazobil, onde os edifícios, inteiramente novos, foram construídos, enquanto que as classes superiores foram estudar para o Colégio de Hann, junto do qual, graças a um prelado friburguês, Monsenhor Delatena,[44] foi edificada para eles uma dependência para internato, dirigido por um sacerdote marista. Deus abençoou esta solução, pois no recomeço escolar de 1961, existiam oitenta e seis seminaristas menores, repartidos entre Ziguinchar, Ngazobil e Hann. O futuro do Seminário Maior estava assegurado. [45]

Este último havia principiado por volta de 1857, quando dois jovens, havendo terminado, pouco mais ou menos, os seus estudos secundários no seio dos «Irmãos Lamennais», foram considerados seminaristas maiores e «tactearam» a filosofia. Em 1864, foi ordenado em São José de Ngazobil o primeiro sacerdote integralmente formado na África negra, Guillaume Jouga; era ele o sexto Padre Senegalês.

---

[42] Encíclica E *Supremi apostolatus*, Acta Pio X, I, 9 ; BPI, 41

[43] BG 621-622, 535; 637, 137; Delcourt, 93

[43] BG 621-622, 535; 637, 137; Delcourt, 93.

[44] Hubert Delatena, antigo aluno de Santa Chiarra (1896-99), do conselho central da obra de São Pedro Apóstolo em Roma.

[45] LC 18 (1951), 7; 53 (1956), 19; 71 (1961), 16; BG 700, 694

De 1869 a 1902, ocorreriam na mesma capela trinta e duas cerimónias de ordenação diversas, referentes a vinte e dois clérigos, oito dentre os quais alcançariam o sacerdócio. A perseverança constituía um fenómeno raro: rico de sete alunos em 1921, o Seminário Maior não contava mais do que um em 1923.[46] Retomou, todavia, as suas actividades em 1930, sobre as elevações salutares de Popenguine, dominando o mar. As ordenações recomeçaram em 1940 com a tonsura de dois teólogos, enquanto que outros senegaleses, embarcados para França, para estudar, haviam ingressado na Congregação do Espírito Santo: Os Padres Faye, Ndiaye, Cretois e Dodds.[47]

Entretanto, segundo o voto inicial expresso por Monsenhor Kobés «um seminário maior deveria constituir, sob o olhar do Bispo, uma unidade separada de qualquer outra obra de educação» -, Monsenhor Lefebvre quis reaproximar o seu Seminário da capital, para dele erguer «a menina dos seus olhos».[48]

Ele encontrou o bom porto, ideal e duradouro, para constituir esta obra no «Castelo de Sambam», uma denominação de conto de fadas, contudo um património bem real e acolhedor, situado a dois quilómetros da aldeia de Sebikotane, na estrada que liga Dakar a Thiès. Desde o fim de 1951, o alojamento primitivo, envolvido, sobre esta ilharga da encosta africana, por filaus [árbusto florido], mangueiras e buganvílias, tornou-se o oásis dos estudantes de Filosofia e Teologia, das quatro jurisdições de Dakar, de São Luís, de Casamança e da Guiné francesa: O Seminário – intervicarial – Libermann tinha renascido. Em breve se edificou uma nova estrutura de celas e de salas de aula, posteriormente a capela, benzida em 1957, e ainda outras construções.[49]

O recrutamento processava-se de forma desigual, consoante as regiões de origem: no que concerne ao Vicariato, Fadiout surgia em primeiro lugar; subsequentemente apareciam Dakar e Mont-Roland, depois Popenguine e, finalmente, Palmarin e Thiès. O número dos estudantes foi inicialmente flutuante: nove no recomeço escolar de 1946; dez em 1947; oito em 1949; quatro em 1950; três em 1954; quatro em 1956, números aos quais é necessário adicionar seis ou sete unidades oriundas de Casamança e da Guiné. Em 1959, o Seminário duplicou os seus efectivos, passando a vinte e quatro alu-

---

[46] BG 425, 465-479

[47] BG 673, 113-114; BF 86, 298-392; AOF Magazine nº 15, p. 103 ; HA, Janeiro 1961

[48] BG637, 138; BF 86, 292; MS II, 45,51.

[49] BG, 673, 113; BF 86, 292; LC 53 (1956), 20.

nos, no total dos quais uma dezena de Casamança. A partida estava garantida e o Seminário tornou-se verdadeiramente «na pérola de Monsenhor Lefebvre».[50]

Aos antigos superiores e professores, Arthur d'Agrain até 1948, Charles Catlin em seguida, sucederam jovens sacerdotes, entre os quais dois antigos alunos de Mortain: François Morvan (1945-46) e Maurice Fourmond (1946-47), que o Padre Marcel tinha enviado para em Roma cursarem a sua Teologia e, posteriormente, solicitará para Dakar. Outros jovens professores vieram associar-se e sucederem-se nesta obra, sob o superiorato do Padre Morvan (de 1953 a 1962). O Bispo «depositava uma perfeita confiança na jovem equipa de professores «romanos» cuja idade média, em 1953, não ultrapassava os trinta anos»,[51] e que asseguravam todos os cursos. Em Teologia, Monsenhor Lefebvre solicitava aos professores que adoptassem um manual como referência e recomendava-lhes que seguissem, o mais possível, a ordem da Suma de São Tomás «única verdadeira síntese da fé e da moral»[52]. Todavia, não era mais directivo do que isto.

O Bispo mantinha o olhar atento sobre a disciplina, não gostando de alterações, sem com isso se tornar minucioso.[53]

As suas funções de Delegado Apostólico conservavam-no frequentemente afastado de Dakar. Contudo, jamais se abstinha de comparecer à presidência dos escrutínios que deveriam admitir ou recusar os candidatos às sagradas ordens. Rigoroso no atinente ao essencial, mostrava-se indulgente no que a certos defeitos tocava. Monsenhor Lefebvre admitiu em 1953, por excesso de misericórdia, um candidato muito politizado, e torceu a orelha:

> «Ah!», disse ele ao Padre Bourdelet, antigo professor, «eu não devia tê-lo admitido».
>
> «Monsenhor», replicou o sacerdote, «fazei o vosso *mea culpa*, pois que para aquele caso, eu não estava presente, junto de vós, para o exame, e havei-lo admitido, tendo plena consciência de que eu iria opor-me a tal».

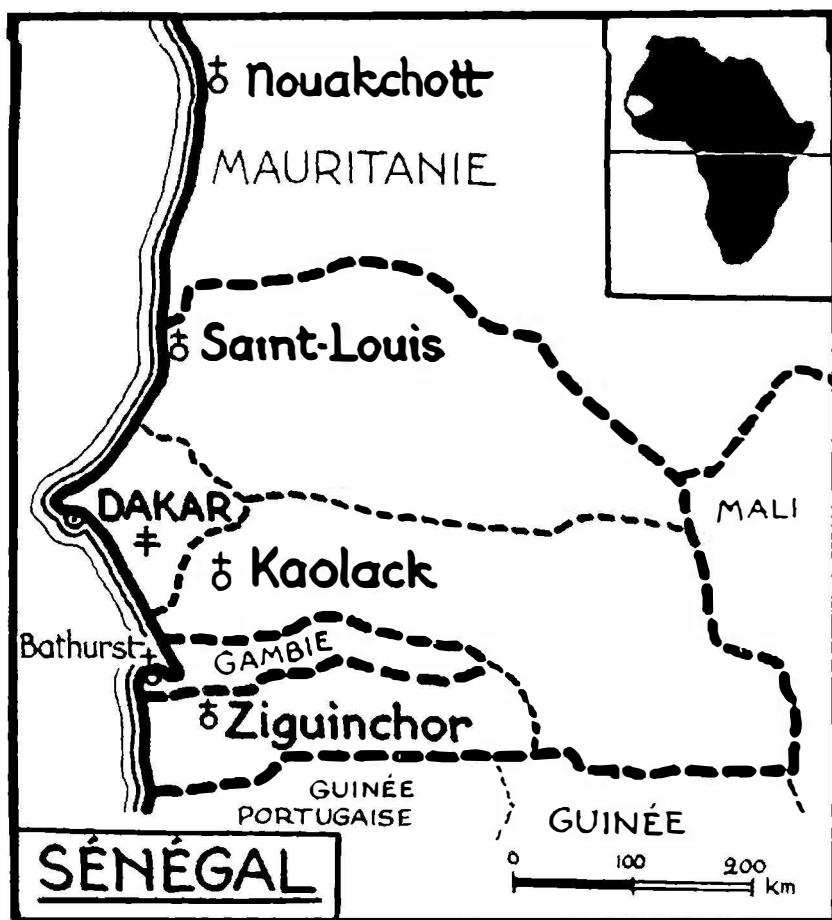
---

[50] LC 53, 19; BG, anuário estatístico; Belcourt, 100; MS, II, 45, 27.– As duas primeiras datas concernem Popenguine antes da chegada de Monsenhor Lefebvre

[51] HÁ 20 Janeiro 1949, p. 11; Manuscrito I, 32, 34-56; Monsenhor F. Morvan, L. 29 Outubro 1997

[52] CF Monsenhor Lefebvre, resposta ao Cardeal Tardini, 26 Fevereiro 1960

[53] P. Luís Carron, Friburgo, E. 18 de Abril 1997, Manuscrito I, 70, 12-29; PGH Thibault, Chevilly, F. 9 Novembro 1997, MS II 45, 49-55.

# *As dioceses do Senegal em 1962*

*A arquidiocese de Dakar será ainda reduzida pela criação da diocese de Thiès em 1969, e Kaolack fará nascer a prefeitura apostólica de Tambacounda em 1970. Nouakchott será separado de São Luís em 1965*

> «Ah!», retorquiu o Bispo, eu não devia tê-lo feito. Procedi mal».

Quando cometia um erro, Monsenhor Lefebvre possuía a humildade de o reconhecer. Por outro lado, a veneração que os sacerdotes nutriam por ele, não os impedia de lhe dirigir a palavra com uma liberdade familiar.

Uma outra vez, em 1954, ele admitiu ao sacerdócio um seminarista, que não possuía plenamente o nível intelectual requerido, invocando e fundamentando-se no exemplo do santo cura d'Ars. Propôs Monsenhor Lefebvre:

> Mas se eu o ordenar e o confiar alguns anos, como vigário, ao Padre Perraud, que foi professor em Chevilly?
>
> «Ah!», respondeu o Padre Bourdelet, «se tencionais confiá-lo ao Padre Perraud, tal parece conveniente».

E foi mesmo um êxito, tal decisão. Sem ter conhecimento da missão que o cura tinha para com ele, o jovem sacerdote reconheceu:

> «Oh! Eu tenho sorte: ter um pároco como o Padre Perraud, é extraordinário; ele explica-me bem tudo.»[54]

Os cuidados dos sacerdotes e a longanimidade do Bispo produziram os seus frutos. Monsenhor Lefebvre começou por recolhê-los do seu predecessor, ordenando Padres, no dia 18 de Abril de 1949, na Catedral, os abades Hyacinthe Thiandoum (o seu futuro sucessor) e François-Xavier Dione (futuro Bispo de Thies em 1969), os quais foram o vigésimo primeiro e o vigésimo segundo Padres de raça negra no Vicariato; nove outros se seguiram, ordenados por Monsenhor Lefebvre ou pelo seu Auxiliar, sem contar os sacerdotes ordenados em Casamança ou na Guiné.

O Vicariato de Dakar possuía três sacerdotes indígenas, entre os quais um espiritano, à chegada de Monsenhor Lefebvre; eles eram dez quando ele daí partiu; e, graças ao «grande Seminário Libermann», os sacerdotes indígenas de Casamança passaram de três em 1955, a sete em 1960. [55]

## *Um salva-vidas: As filhas do Sagrado Coração de Maria*

A terceira obra querida de Monsenhor Lefebvre, foi a sua congregação indígena. Seria necessário dizer «as suas» congregações indígenas visto que, além das religiosas de quem falaremos, possuía

---

[54] Padre Jules Bourdelet, Vieux-Rouen, E. 4 Dezembro 1998, MS, II, 55, 4-38 ; 28 Maio 1999, MS. II, 61-62.

[55] BG 624 ; 625, 105 ; 673 ; 114 ; 691, 337 ; 694 ; Delcourt, 95

o Senegal as suas Irmãzinhas de São José, cujo noviciado, suspenso em 1956, foi retomado em Fatick em 1960. [56]

Foram todavia as Irmãs do Sagrado Coração de Maria que constituíram o objecto dos seus paternais e permanentes cuidados. Esta Congregação autóctone havia sido fundada em 1858 por Monsenhor Kobés, sob a direcção das irmãs São José de Cluny. O aumento regular do número de professas permitiu aos Vigários apostólicos encarregarem as filhas do Sagrado Coração de Maria da tutela dos dispensários, bem como das pequenas escolas sobre a pequena costa ou nas estações do interior. Monsenhor Jalabert havia tentado conferir-lhes autonomia face às irmãs de Cluny, mas teve, contudo, que renunciar,[57] o crescimento havia-se debilitado. É claro que o sacrifício do apelo à maternidade, profundamente arreigada na alma africana, bem como a prática da obediência, devida a outras mulheres da sua idade, e da sua raça, constituía uma aposta, como observava Monsenhor Tardy no Gabão, ou Monsenhor Grafffin em Yaoundé, diante das suas «Filhas de Maria.» [58]

Fundadas nos Camarões em 1933, estas filhas de Maria eram dirigidas pelas irmãs missionárias do Espírito Santo, primeiramente sob o superiorato geral da Irmã Josepha Bieth e, posteriormente sob o da Irmã Marie-Gabriel Lefebvre. Aquando da sua primeira visita a Yaoundé em 1948, Monsenhor Lefebvre conversou com a sua irmã àcerca das dificuldades das quais padecia a sua Congregação senegalesa, tornada independente sob Monsenhor Le Hunsec.[59] Que fazer para restaurar o recrutamento no Vicariato, a formação e a vida regular conforme ao Direito Canónico, e ainda a Caridade fraternal?

O Bispo soube empreender três medidas heróicas: Confiou o noviciado a Madre Maria de Santa Ana, das Irmãs de Cluny, desde 1949, conferindo-lhe, além disso, as atribuições de visitadora das comunidades; [60] Monsenhor Lefebvre solicitou às Congregações missionárias femininas a suspensão da abertura de noviciados por alguns anos; e, no dia 11 de Junho 1951, com faculdades da Sagrada Congregação da Propaganda, retirou o superiorato geral à Madre

[56] BG 700, 693-694.

[57] Notas sobre a história da Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Maria do Senegal

[58] Criaud, 187

[59] No dia 18 de Novembro 1929, Monsenhor Grimault consultou os seus conselheiros, os quais se opuseram ao seu projecto de vincular novamente as irmãs indígenas a Cluny.

[60] LC 10 (3 de Dezembro 1949) e 14 de Maio 1950

africana, para confiar à Madre Maria de Santa Ana. Subsequentemente, Propenguine, deixado livre pelo Seminário, acolheu o postulado bem como o noviciado; estabelecimentos foram criados para as mais novas.

O espírito de decisão do Bispo, mas igualmente o seu «seguro apoio, sobrenatural e compreensivo»[61] para com Madre Maria de Santa Ana, salvaram as filhas do Sagrado Coração de Maria, as quais atingiram, em 1962, a cifra de cinquenta e nove professas.

## 4. – O relançar da Missão

Disseminar a Cristandade, «implantar o Reino do Senhor em terra animista», tal constituiu a «paixão» de monsenhor Lefebvre, «ânsia que o atazanava», como ele próprio afirmava.[62] Havia certamente belos bastiões de catolicidade no Senegal, como a Ilha Fadiout, cujo Bispo admirava o fervor espiritual e a ordem cristã, frutos da graça divina, mesmo no domínio temporal. Era em Fadiout que Monsenhor Lefebvre pensaria, afirmando em 1979, no sermão do seu jubileu sacerdotal: «Ali, eu vi, sim, eu vi o que pode a graça da Santa Missa.»[63]

Entretanto, tais bastiões não lhe chegavam. «É necessário afirmá-lo para seu mérito: foi ele, Monsenhor Lefebvre, que deu novo impulso à Missão do Senegal, que estava considerada como semi-morta, no seio da Congregação», afirmou-nos um antigo missionário.

Um jovem sacerdote, que tinha chegado com dificuldades, havia cerca dum mês, e permanecido só, numa altura em que na Missão não se registava qualquer conversão, desde havia cerca dum ano, e onde ele não sentia nenhum entusiasmo pela conversão dos Sereres, escreveu àcerca disso ao seu Bispo, no Natal de 1948:

«Monsenhor, eis a impressão que a vossa Missão me provoca: Dir-se-ia um exército derrotado».

Esta apreciação não desagradou ao Vigário Apostólico, ele tinha consciência de que reflectia parcialmente a realidade. Como afirmaria mais tarde o mesmo sacerdote: «Sob Monsenhor Grimault, era o imobilismo».[64] Não tinha este Bispo jantado um dia à mesa do Marechal Pétain, sem lhe solicitar qualquer subsídio? Não afirmava ele, como sua Máxima favorita: «Se o Bom Deus o quisesse, com o dedo mínimo, Ele converteria o mundo», como se a graça de Deus pudesse prescindir da acção humana?[65]

---

[61] Carta de 14 de Fevereiro 1962 a Monsenhor Lefebvre

[62] LC 38 (1954), 12; Monsenhor Guibert, E. 18 de Janeiro 1997, MS I, 22, 16

[63] Fideliter nº 12, p. 6; nº 59, P.P 6-7

[64] MS II, 72, 1-23

[65] MS III, 9, 1-70

Tal não representava o pensamento de Monsenhor Lefebvre, que escutava o chamamento dos pagãos suplicando aos missionários para lhes ensinar o catecismo, para lhes abrir escolas. Era para ele necessário efectivar uma resposta para tudo isso, indo instalar-se no meio deles, pagãos, e para eles construir capelas e salas de aula. A voz dos pagãos parecia a Monsenhor Lefebvre tanto mais angustiante, senão mesmo angustiada da parte dos que imploravam, porquanto estes eram oprimidos pelos maometanos. Era-lhe pois necessário «ser o primeiro a chegar, senão a causa da igreja ficaria perdida, e estas aldeias, hoje abertas e acolhedoras, fechar-se-iam amanhã (e por quantos anos e séculos) à luz e à vida.»[66]

Em Fatick, duas tentativas para fundar uma missão haviam fracassado. Aliás, o rei de Sine, Makekor Diouf, a tal se tinha oposto: «Eu nem mesmo quero, tinha Monsenhor Lefebvre dito aos missionários, que vós transponhais a ponte; e da margem do rio onde vos encontrais, nada podeis construir que uma flecha não possa trespassar de lado a lado!»

Somente palhotas eram toleradas. Foi por isso que a estação se estabeleceu em Diohine, a cerca de vinte e cinco quilómetros de distância.

Um belo dia de 1949, o jovem Padre Gravrand, com a permissão do seu Superior, decide «transpor a ponte». Ora, enquanto ele medita: Eu passei o Rubicão como César», deparou-se, face a face, com o rei do Sine que fazia o percurso inverso.

«Excelência, eu procurava-vos» diz filialmente o sacerdote ao soberano, explicando-lhe que se dirigia a três aldeias «iniciar o recrutamento» da Igreja dos Cristãos».

No primeiro momento, o rei hesitou e respondeu: Muito bem! E deu ordens ao companheiro africano do sacerdote: «Vai ver o Bour (o rei) de Pourantok, da minha parte e diz-lhe: «O Bour vos diz: reuni os velhos na praça da aldeia e vós dareis as vossas crianças ao Padre». Assim foi feito.

O Bour Sine (Rei de Sine) explicaria mais tarde:

«O primeiro dia em que vi o missionário, ele dirigia-me a palavra tal como um filho a seu pai; assim eu me senti como um pai para ele, e o que quer que fosse que ele me solicitasse, ser-lhe-ia concedido.»[67]

Explorando o efeito desta graça, o Padre Gravrand teve a alegria

[66] P. Louis Carron, MS. I, 61, 6-14 ; BG 636, 98
[67] Gravrand, 89-91; MS II, 74-76

de inscrever os seus primeiros cem catecúmenos, e Monsenhor Lefebvre em breve tomaria a decisão de finalmente fundar a estação de Fatick.

E foi assim que, com ou sem milagres, mas pela chegada de numerosos novos missionários, pôde Monsenhor Lefebvre fazer crescer a quantidade de estações independentes, passando-as de dez para vinte e cinco.[68]

> «Monsenhor Lefebvre possuía um golpe de vista quase profético àcerca dos lugares em que se tornava necessário investir em edifícios e em pessoal», recorda o Padre Gervais. «Frequentemente assombrados pelos seus projectos e decisões audaciosas, nunca tardava, porém, a que verificássemos o bem fundamentado das suas concepções que, visivelmente, encarnavam, quer na evolução da cidade de Dakar, quer nas estações do sertão. Monsenhor não impunha os seus pontos de vista, todavia quando afirmava "no vosso lugar eis o que eu faria", sabia-se que o seu plano era melhor, e que ele lhe daria execução.»[69]

Para Fatick, no segundo dia da visita a Diohine, Monsenhor tomou com ele o Padre Gavrand: «Nós vamos a Fatick, eu vou mostrar-lhe o local onde é necessário edificar a Missão». «Então», diz o sacerdote, «eu vi como ele fundava uma missão: metro a metro, com os seus pés, com as suas pernas, ele calcorreava o terreno. Ele sabia que eram necessários determinados metros quadrados para o presbitério, determinada localização para a igreja, a uma certa distância da escola, um pouco mais além a habitação das irmãs e outras coisas; e eu, eu olhava-o... Sentia-se que esta fundação, ele a tinha pensado, e que era necessário estruturá-la tal como a inteligência de Monsenhor a tinha concebido.[70]

Um dia, o Bispo disse ao Pároco de Bambex:

> «Escute, eu acabo de receber esta doação da Suíça, com a qual vou construir um dispensário em Ngaskop.»
>
> «Em Ngaskop! Este grupo de aldeias pagãs, a vinte quilómetros, no extremo duma via intransitável? E todos estes perpianhos (blocos) que me será necessário para lá transportar, etc.

Por mais que o Padre Bourdelet apresentasse todos os argumentos, o Prelado, inflexível, respondia sempre:

> «Sim, mas é em Ngaskop que é necessário edificá-lo».

---

[68] BG 628, 210; 637; 134-135; LC 38, 12; Delcourt, 97

[69] P. Albert Gervais, carta 27 de Março 1998

[70] P. Gavrand, E. 20 de Novembro 2000, MS II, 74, 18-27.

> Encerrando o assunto e dando-se por vencido, o Padre Bourdelet exclamou:
> «Oh! Velho casmurro!»

«Ora, isso», explica ele, «eu podia dizê-lo a Monsenhor Lefebvre!»

O Bispo havia ponderado bem a questão: efectivamente, os Fogola ou «amigos dos cristãos» inscreviam-se na lista dos simpatizantes decididos a resistir ao Islão e a fazerem-se baptizar, pelo menos antes de morrerem. E assim, estas aldeias de três ou quatro mil animistas foram doravante vinculadas à Igreja; rapidamente houve baptismos, bem como numerosos catecúmenos, e procedia-se ao baptismo das criancinhas. Neste enquadramento, tendo como objectivo a evangelização, Monsenhor Lefebvre havia pretendido em primeiro lugar, a preservação das aldeias da islamização, e nisto obtivera êxito total.[71]

## 5. – Problemas urbanos e novas paróquias

Três anos após a sua chegada a Dakar, Monsenhor Lefebvre tinha adquirido um tal conhecimento do país, que pudera escrever uma carta pastoral onde, de forma notável, reflectia sobre os problemas económicos e sociais do Senegal; carta essa que foi lida publicamente na exposição missionária de Lourdes em 1953.[72]

Reservando para mais tarde a análise da doutrina do Prelado, destaquemos as soluções que ele diligenciou por incorporar nos problemas sociais. Dakar assistia ao aumento em flecha da sua população, com a chegada de quadros e de operários recrutados em França, comerciantes sírios ou libaneses, bem como massas indígenas provenientes da selva. Os europeus construíam bairros novos: a zona residencial de Farm, ou aquela outra zona barata, do «Ponto E», em Dakar; enquanto que os indígenas tinham tendência para se acumular nos bairros populosos e afastados do centro: Medina, Reubeuss e Pikine.

A clivagem das diversas comunidades étnicas não deixava de se acentuar. Sem pretender suprimir as diferenças, Monsenhor Lefebvre esforçou-se em aproximar classes e etnias, convidando os movimentos da Acção Católica, europeus e africanos, a frequentarem-se reciprocamente e a enfrentarem os problemas comuns, sociais e religiosos. Dessa maneira, dizia ele, «conhecer-se-ão mel-

---

[71] LC 57 (1957); P. Bourdelet, 4 de Dezembro 1998, MS, II, 55-56

[72] BF 66 (Janeiro) 1954; Cartas pastorais e escritos, 27.

hor, apreciar-se-ão, e dissiparão os preconceitos que os dividem». Todavia, este espírito de mútua aproximação, somente foi realizado no seio da *Cité Catholique* ou nos *Routiers-Scouts* de François Lagneau, o qual teve de opor-se às directivas de racismo «anti-branco-colonialistas» dos dirigentes franceses.[73]

Verificando o nascimento dum proletariado operário urbano, o Bispo para isso encontrou remédio, entabulando contactos com empresas metropolitanas de construção de alojamentos, tais como o comité interprofissional do alojamento de Roubaix-Tourcoing;[74] procedeu igualmente o Bispo ao desenvolvimento da acção católica – lá chegaremos – bem como à criação de novas paróquias.

Foi assim que Monsenhor Lefebvre fez vir das ilhas de Cabo Verde o Padre Fernand Bussard, um grande folgazão, natural de Gruyère, que ali era missionário, para que ele se ocupasse dos Cabo-Verdianos de Dakar de língua crioula portuguesa. Ao Domingo, estes, seguros de uma superioridade imprópria e indevida, frequentavam a Missa das 11h30, à qual compareciam os europeus. Monsenhor Lefebvre jamais teria admitido que houvesse uma «missa dos brancos» e uma «missa dos negros», mas o costume solicitava que os brancos não viessem nem à Missa das 8h nem à Missa cantada das 10 horas, frequentadas ambas pelos indígenas. Além disso, para os libaneses, o Bispo obteve da Santa Sé a vinda dum religioso, o Padre Augustin Sarkis, tendo este benzido, em 1952, a primeira pedra da «Igreja de Nossa Senhora do Líbano», onde se processou o desenvolvimento do rito maronita.[75]

A Igreja do Sagrado Coração, contando quarenta anos de idade, caía em ruínas. Em Janeiro de 1949, o Bispo procedeu à organização duma primeira quermesse, que seria seguida por muitas outras, com o objectivo de solicitar a caridade dos cristãos; ela permitiu somente a aquisição de um imenso hangar metálico, ao qual uma hábil estrutura de alvenaria conferia o aspecto dum santuário, que foi benzido em Dezembro de 1949. Uma capela tinha sido aberta na Medina, desde 1945, num antigo estábulo; ela foi posteriormente instalada num cinema, ulteriormente num abarracamento americano. Monsenhor Lefebvre procedeu à edificação de uma igreja e erigiu, em Dezembro de 1949, a Paróquia de São José da Medina; foi necessário aumentar a igreja em 1959, num belo estilo românico,

[73] Biarnés, 323; Bussard, MS I, 8-9; F. Lagneau, L. 22 Agosto 1998

[74] Correspondências de Março 1950

[75] Bussard, ms. I, 9, 39-41; HÁ, Dezembro 1949, 12-13; BG 644.

e o Bispo velou pela erecção dum alto campanário como sinal da presença cristã naquele bairro muito islamizado. [76]

Foram incessantemente edificadas outras igrejas – sedes de futuras paróquias, tais como Santa-Teresa do Menino Jesus do Grande Dakar no ponto E (1956), São Cristóvão de Yoff (1956), Nossa Senhora de Cabo Verde em Pikine, Santa Ana do Belo-Ar, que foram durante longo período humildes Capelas, Nossa Senhora dos Anjos de Ouakam (1961), etc., sem contar com São Domingos, um fortim desprovido de graça, benzido em 1961 por Monsenhor Maury. O Bispo fazia apelo aos arquitectos Strobel da Missão de Yaoudé, e Joseph Müller, de Colmar; este último desenhou gratuitamente o respectivo projecto.[77]

Quanto à paróquia da Catedral, enriquecida por dez mil almas em 1951, por quinze mil em 1960, a sua Missa cantada era difundida todos os domingos pela Rádio Dakar. O último pároco para lá nomeado por Monsenhor Lefebvre foi o Padre Thiandoum, em 9 de Outubro de 1960.

Quando da sua chegada, Monsenhor tinha encontrado em Dakar duas paróquias e três igrejas; ao seu sucessor legou nove paróquias e treze igrejas. [78]

## 6 Um maior número de operários evangélicos.

### *Uma extraordinária abundância.* [79]

«Visto que os missionários não constituíam já um grupo suficientemente numeroso, e as vocações se rarefaziam», explicou o Bispo, «eu tomei a iniciativa de lançar um apelo a novas Congregações. Pareceu-me que não era necessário reservar tal diocese a tal Congregação (assim como Dakar atribuída aos Espiritanos), mas sim dilatar as concessões efectuadas pela Sagrada Congregação da Propaganda. Se se pretendia desenvolver o apostolado, afigurava-se indispensável a procura de um número mais elevado de operários para a messe»[80]

Após os maristas, que tinham vindo reger o seu Colégio de Hann, Monsenhor Lefebvre recebeu em 1954-55, os Dominicanos, que abriram um centro cultural. Ulteriormente vieram, em 1955, os mis-

---

[76] Delcourt, 92-103; BG 636, 106-108

[77] BG 644; 667; 369; Criaud, 239

[78] BG 679, 383; 654, 464; HÁ 137 (Março de 1962), 8-9

[79] Delcourt, passim; BG 609-700; Bussard, ms I, 11, 7-16

[80] Fideliter nº 59, PP. 24-27

sionários do Sagrado Coração de Issoudun, encarregados do distrito de Kaolack. Os Irmãos de São Gabriel, que Monsenhor Lefebvre foi buscar à Vendeia em 1954, dirigiram escolas primárias bem como a escola normal para professores primários. Os Irmãos do Sagrado Coração vindos do Canadá, tomaram conta, em 1959, da escola primária da Catedral e finalmente também da Escola de São Miguel, aumentada e com a competência ampliada ao primeiro ciclo secundário. Desde então, o Senegal tornou-se a sua mais bela província, pois que aí encontraram recrutamento; através dos seus Colégios, exerceram uma considerável influência; e no País, numerosos foram os seus antigos alunos que ocuparam postos importantes.

Quanto aos catequistas, graças ao auxílio de Monsenhor Adrien Bressolles, director geral da obra da Santa Infância, Monsenhor Lefebvre pôde assegurar-lhes a formação e o pecúlio e até multiplicar o seu número que passou de cento e quarenta e sete a perto de quatrocentos.

Entre as religiosas, Monsenhor havia encontrado, em 1947, as cinco casas de Irmãs Senegalesas, as três casas das Irmãs de Cluny e as quatro casas das Irmãs de Castres. Durante o seu episcopado, as Congregações abriram novas casas: doze entre as Senegalesas, uma para Cluny (o belo orfanato em Medina em 1950) e dois para Castres. Monsenhor Lefebvre conseguiu que não menos do que vinte e uma outras Congregações femininas viessem instalar-se no Senegal, fundando quarenta casas.

Mencionemos também as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, que haviam chegado em 1948, e que foram afectadas aos dois hospitais e fundaram uma escola de ensino de actividades domésticas, uma escola de assistentes sociais, e uma clínica modelo de pediatria. Monsenhor Lefebvre apreciava particularmente a sua simplicidade, dedicação e abnegação. Citemos igualmente, encarregadas de escolas ou de dispensários, as Irmãs de São Tomás de Villeneuve (1952), de São Carlos de Angers, de Nossa Senhora dos Apóstolos (1956)bem como as Irmãs Missionárias do Espírito Santo (Escola de Ouakam em 1957). As Irmãs de São Paulo de Friburgo vieram em 1955 tomar conta da tipografia.

As estatísticas falam por elas mesmas: Sob o episcopado de Monsenhor Lefebvre, o número de sacerdotes passou de quarenta e dois (dos quais três africanos) para cento e dez (dos quais dez africanos), o número de Irmãos passou de quatorze (dos quais sete indígenas) para trinta e três (dos quais dezoito indígenas) e o número de Irmãs passou de cento e vinte (das quais quarenta indígenas) para duzentas e cinquenta (das quais sessenta indígenas).

Tudo isso, afirma Monsenhor Lefebvre, criou no seio do Arquidiocese um ambiente de magnífica animação, e para as outras dioceses suscitou uma profícua emulação: «Porque não podemos fazer outro tanto?», perguntavam a si mesmos os Bispos que acorriam a Dakar para as reuniões episcopais. O Bispo teve por vezes que vencer as suas susceptibilidades de Congregações «antigas» que diziam: «Bem! Cuida-se melhor das novas».

Os últimos a chegar foram os Beneditinos de Solesme. Desde o início dos anos cinquenta, Monsenhor Lefebvre havia solicitado ao Padre Abade, Dom Cozien, para estabelecer um mosteiro no Senegal. Foi o seu sucessor, Dom Jean Prou, que realizou a fundação: veio em prospecção em Fevereiro de 1961, depois novamente em Novembro vigiar os primeiros trabalhos de construção, perto de Sebikotane, no lugarejo de Keur-Moussa (a casa de Moisés, em Wolof), que outorgou o seu nome ao futuro mosteiro. [81]

## *O Carmelo de Sebikotane, coração da Diocese*

Numerosos eram os mosteiros contemplativos que gostavam de emigrar em país de missão, tal como os dos Trapistas de Aiguebelle a Obout (Camarões) em 1951, ou os Beneditinos da *Pierre qui vire*, junto de Monsenhor Fauret, em 1957. Em 1949, o Carmelo de Tourcoing transferiu-se (com a Irmã Marie-Christiane Lefebvre) para Parkes, na Austrália.

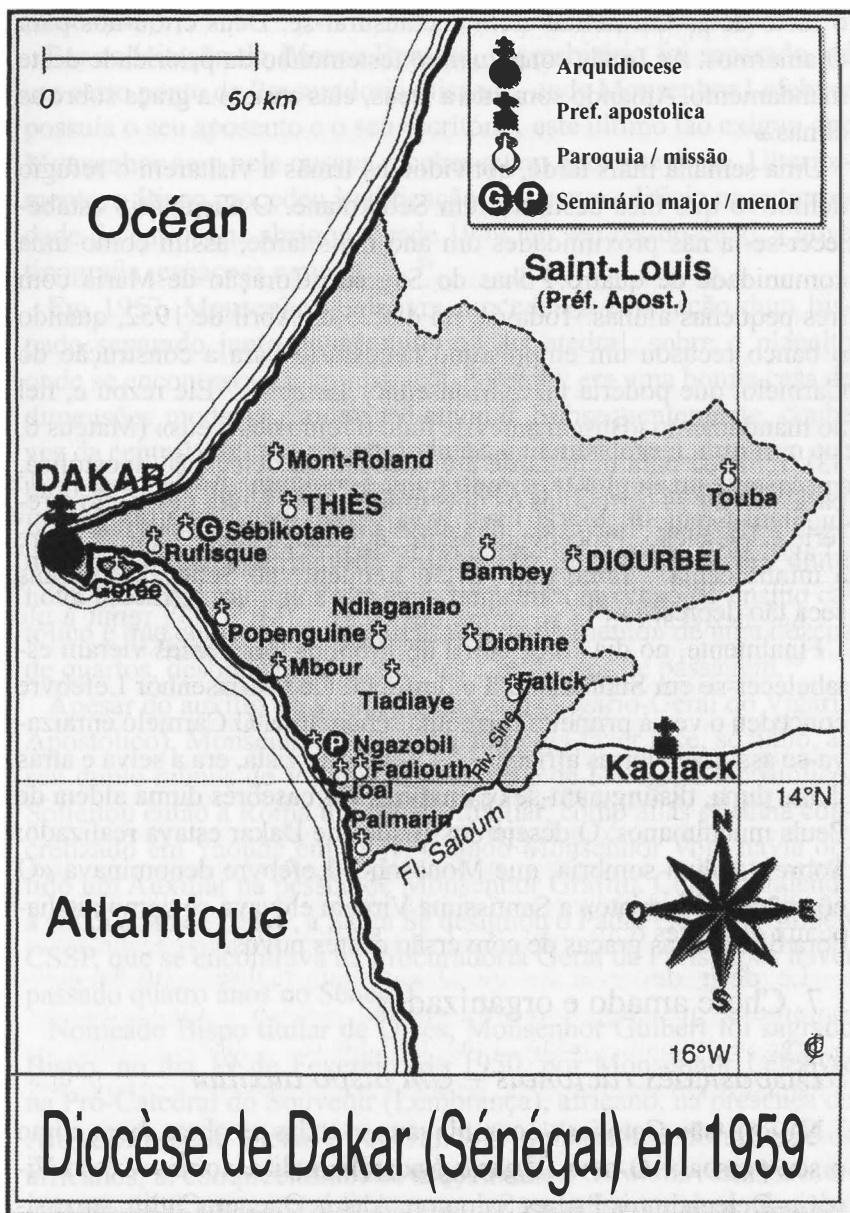
Foi na véspera do Natal de 1936, que Monsenhor Grimault chegou ao Carmel de Cholet solicitar uma fundação no Senegal. Ainda que Cholet acabasse de emigrar para Bangalore em 1932, para Tóquio em 1933, e para Colombo em 1935, Madre Aimée de Marie, fundadora de Cholet, sentiu-se inclinada a aceitar, desde que possível. Na primeira festividade de Santa Marta que se seguiu, cada Irmã encontrou a sua porção no refeitório em forma de Monte Carmelo, decorada com uma pequena bandeira, orgulhosamente disposta, onde se podia ler esta inscrição: «Fortaleza contra o Islão.»[82] Mas veio a guerra...

Monsenhor Grimault tinha dado conhecimento do seu projecto ao seu sucessor, que veio a Cholet no dia 15 de Agosto de 1949; e no dia 25 de Novembro de 1950, as cinco fundadoras chegavam a Dakar, onde Monsenhor Lefebvre acorreu a agradecer-lhes, inquirir da sua saúde, bem como inspeccionar em pormenor a sua instalação

---

[81] HÁ, Novembro 1961, p. 12; Delcourt, 103; BG 696, 544

[82] Revista Scapulaire, 1955, nº 4, Julho-Agosto, suppl. Em Camelo, pp. 81-84

Diocèse de Dakar (Sénégal) en 1959

provisória e logo depois lançar mãos à obra em busca duma máquina de costura.

No dia 15 de Janeiro de 1951, quando da constituição da clausura, Monsenhor Lefebvre explicava aos Fiéis: «Não vos espanteis com o facto de as Carmelitas irem enclausurar-se. Deus criou-nos para O amarmos. As Irmãs constituem o testemunho da prioridade deste mandamento. Amando somente a Deus, elas atraem a graça sobre as almas.»

Uma semana mais tarde, convidou as Irmãs a visitarem o refúgio definitivo que lhes destinava em Sebikotane. O Seminário estabelecer-se-ia nas proximidades um ano mais tarde, assim como uma comunidade de quatro Filhas do Sagrado Coração de Maria com três pequenas alunas. Todavia, no dia 23 de Abril de 1952, quando o banco recusou um empréstimo necessário para a construção do Carmelo, que poderia fazer Monsenhor Lefebvre? Ele rezou e, fiel ao mandamento «Buscai antes de tudo o reino dos Céus» (Mateus 6, 33), remeteu para mais tarde a edificação da delegação apostólica, para atribuir às carmelitas os dois milhões que havia destinado à referida delegação. Procedendo assim, confessou-lhes: «Chove sobre a minha cama... Tanto pior! É tão frequente no Senegal, e depois seca tão depressa.».[83]

Finalmente, no dia 18 de Abril de 1953, as Carmelitas vieram estabelecer-se em Sebikotane. Foi em 1958 que Monsenhor Lefebvre concedeu o véu à primeira carmelita senegalesa. O Carmelo enraizava-se assim em terras africanas: A perder de vista, era a selva e atrás duma duna, distinguiam-se os chapéus dos casebres duma aldeia de Peuls muçulmanos. O desejo dos Bispos de Dakar estava realizado: Sobre a colina sombria, que Monsenhor Lefebvre denominava «O coração do Vicariato» a Santíssima Virgem elevava-se como mediadora de todas as graças de conversão destes povos.

## 7. Chefe amado e organizador

### *Disposições racionais – Um bispo auxiliar*

Na «Missão Católica» acumulavam-se todas as obras, bem como o seu pessoal: O novo Vigário Apostólico ali encontrou o seu Vigário-Delegado (os Padres Salomon, Aléxis Quenet, Catlin, sucessivamente), dali trouxe igualmente o seu secretário particular, o Padre André Ouguy, e, três anos mais tarde, ali foi suscitado também o

[83] Diário do Carmelo, passim e 10 de Julho 1952

Bispo Auxiliar. Igualmente de lá provieram o Padre director das obras, bem como, evidentemente, o Pároco e seus vigários. Monsenhor Grimault havia-se acomodado com esta acumulação de seres e de coisas, [84] Monsenhor Lefebvre entendeu colocar uma ordem nisso tudo.

Por solicitação do Pároco Bussard, o presbitério foi separado até um certo ponto da Procuradoria-Bispado, onde Monsenhor Lefebvre possuía o seu aposento e o seu escritório, este último tão exíguo que Monsenhor nem nele ousava receber quem quer que fosse. Ulteriormente, o Bispo procedeu à edificação dum novo edifício na extremidade do pátio, que abrigou, desde 1949, no seu rés-do-chão, a nova tipografia, espaçosa e moderna. [85]

Em 1957, Monsenhor Lefebvre procedeu à edificação dum bispado separado junto do presbitério da Catedral, sobre o planalto onde se encontrava a administração colonial; era uma bonita casa de dimensões modestas, todavia funcional. Subsequentemente, coube vez da central das obras constituir a sua independência, primeiro que tudo por cima da tipografia, em Julho de 1949, posteriormente na Rua Sandiniery, num edifício novo. Em 1957-58, procedeu-se igualmente à construção, paralela à Igreja do Sagrado Coração, duma nova Procuradoria que a obrigava também a direcção do ensino católico e que comportava uma «casa de acolhimento» de uma dezena de quartos, destinada aos sacerdotes e religiosos de passagem.[86]

Apesar do auxílio do Vigário-Delegado (Vigário-Geral do Vigário Apostólico), Monsenhor Lefebvre não podia fazer face, sozinho, ao seu duplo múnus de Vigário Apostólico e de Delegado Apostólico. Solicitou então a Roma um Bispo Auxiliar, como aliás se tinha concretizado em Yaoudé em 1931, quando Monsenhor Vogt havia obtido um Auxiliar na pessoa de Monsenhor Graffin. Correspondendo à solicitação de Dakar, a Santa Sé designou o Padre Georges Guibert CSSP, que se encontrava na Procuradoria Geral de Paris, após haver passado quatro anos no Senegal.

Nomeado Bispo titular de Dicés, Monsenhor Guibert foi sagrado Bispo, no dia 19 de Fevereiro de 1950, por Monsenhor Lefebvre na Pró-Catedral do Souvenir (Lembrança), africano, na presença do Alto-Comissário Bichard. A cerimónia impressionou fortemente os africanos, aí compreendidos os muçulmanos. [87]

Monsenhor Guibert, que era então o mais jovem bispo francês,

[84] BG 636, 105; Bussard, ms 29, 21-22
[85] Inaugurada por Monsenhor Lefebvre em 6 de Março; HA, 1949, Delcourt, 93
[86] Delcourt, 93 e 99; BG 679, 383; Bussard, ms. II, 28, 30-38
[87] Criaud, 159; BF 47; 197; BG 628, 209; 629, 270; 636, 102

tinha sido seleccionado pelas suas qualidades administrativas. Ele era igualmente muito bom, muito devotado, sempre pronto a prestar serviço aos missionários. Em 1954, Monsenhor Lefebvre dizia de si para consigo, após quatro anos de estreita colaboração,

«Feliz daquele que é secundado, coadjuvado, com tanta dedicação por Sua Excelência Monsenhor Guibert, nosso Auxiliar muito amado». [88]

É sobre este último que repousam a administração, as visitas e as digressões para confirmações. Entretanto, Monsenhor Lefebvre, apesar das ausência frequentes como Delegado Apostólico, acomodou-se para efectuar uma visita anual às suas estações, determinando objectivos e um programa aos seus missionários.

Antes de se ausentar, ele estatuía com o seu Auxiliar as tarefas a empreender, todavia reservando para si todas as decisões importantes e, mesmo que estivesse na Ilha de Reunião (ilha francesa situada a oitocentos quilómetros a Este de Madagáscar), os seus correios rapidamente compareceriam para responder, sempre com uma nota cordial, às mais pequenas preocupações, como às questões mais graves. Ele continuava a dirigir a sua Diocese e nela ficar «omnipresente», apesar da distância. [89]

## *Vida sacerdotal – virtudes sacerdotais*

Nenhum Bispo possuía como Monsenhor Lefebvre a preocupação de congregar os seus padres para os escutar, santificá-los e dirigir o seu apostolado. Fica-se estupefacto com a multiplicação das reuniões sacerdotais, de todas as espécies, sob o seu episcopado: reuniões anuais de superiores (párocos e superiores de estações), reuniões paroquiais mensais do clero, reuniões mensais de obras (em cada estação), retiros trimestrais (em quatro centros, devendo os sacerdotes chegar na véspera à tarde); igualmente reuniões de distrito semestrais, reuniões da direcção das obras (nas cidades), bem como reuniões de directores e professores de escolas; e, analogamente, reuniões anuais dos encarregados de obras e, a partir de 1956, as conferências dos decanos (ou colações solicitadas pelos cânons 131 e 448), sem contar as reuniões dos espiritanos, ou «Capítulos», cuidando da vida religiosa e comum.[90]

Monsenhor Lefebvre pregou ele próprio numerosos retiros, fosse

[88] LC 14(1950), 3; LC 38 (1954), 4

[89] HÁ, Novembro 1957; Bussard, ms, I, 10, 11-20; 11, 18-21; Bourdelet, ms II 57, 39-42

[90] LC 14, 1-2; 18, 1-2; 24, 7-8; 38, 6

aos Carmelitas, fosse aos seminaristas menores (Ngasobil, Setembro de 1960), fosse sobretudo ao clero, como aquele retiro do Inverno de 1959, acerca da «adoração e conhecimento de Deus», que ele pregou igualmente em Setembro de 1959 na Província de Portugal; ou um retiro versando sobre «a vida íntima e as virtudes sociais da Bem-Aventurada Virgem Maria»; a vida espiritual era aí enraizada sempre na fé e na sã teologia.

Ele solicitava aos seus sacerdotes «para conferirem a toda a sua vida sacerdotal, religiosa e missionária, uma orientação verdadeiramente conforme ao espírito da Igreja, traduzido nas suas leis: o Direito Canónico, os livros litúrgicos, o ritual» (AM 153).

A sua carta aos confrades[91], de 1958, sobre o espírito sacerdotal deixava transparecer um sopro de inspiração sobrenatural: «Vós sois sacerdotes de uma consagração de oração, de louvor, de adoração em primeiro lugar. Vós sois Padres, em segundo plano, dum sacerdócio santificador de vossas almas e das almas do vosso próximo, e particularmente daqueles para os quais haveis sido enviados. Consequentemente, vós sois Padres dum sacerdócio de imolação, de sacrifício de vós mesmos» (ES 96). Insistentemente lhes repetia que era da sua vida de oração que dimanaria o seu zelo apostólico:

> «Possuí esta sede, esta sofreguidão, de viver com Deus, de permanecer unido interiormente a Nosso Senhor, (...) mas não esqueçais que esta união não se pode constituir, não pode ser verdadeira, sem os vossos exercícios de piedade: oração, breviário e sobretudo a Santa Missa. (...) Que ilusão é crer-se capaz de disseminar a vida de Deus à sua volta, e ao mesmo tempo negligenciar a saciedade nas fontes mesmas da vida!» (RS 87)

Ele podia propor o seu exemplo quando lhes dizia ainda:

> «Meditai na edificação que um sacerdote proporciona aos seus fiéis quando reza, quando está unido a Deus. É necessário agora mais do que nunca que as pessoas que nos vêem, de quem nós nos aproximamos, estejam persuadidas de que se relacionam com um homem de Deus» (RS 87)

Esta vida de união a Deus devia ser facilitada por uma vida de comunidade regular, cuja regra (CS 138) não omitisse a oração (AU 93) e impedisse o capricho, o relaxamento, a tibieza, o comodismo (ES 100-101), mas pelo contrário favorecesse a caridade e a entreajuda fraternal (CS 138), sem olvidar o exercício das virtudes religiosas: a pobreza, no cuidado pelos bens comuns, em particular o do veí-

[91] Citado segundo as cartas pastorais e escritos

culo todo-o-terreno que Monsenhor Lefebvre havia proporcionado a cada missão para vencer caminhos arenosos ou atalhos lamacentos. A castidade seria igualmente protegida pela constituição, em cada casa, dum locutório munido duma porta envidraçada para receber as pessoas, e pelo estabelecimento de quartos de dormir para os sacerdotes, no primeiro andar, para aí poderem fazer comodamente a sua sesta, salvaguardando a clausura. [92]

Finalmente e sobretudo, Monsenhor Lefebvre colocava no topo destas virtudes a caridade sacerdotal, que constituía em primeiro lugar a caridade fraternal entre os missionários e posteriormente a verdadeira caridade apostólica, compreensiva para com as almas «e para com o pendor que as conduzira ao erro a ao pecado». Todavia esta caridade era exigente: «Não é verdadeira caridade o contribuir para abandonar os espíritos no erro e as almas no pecado.» Não ao liberalismo no apostolado!

> «É mais fácil nunca contradizer, aprovar sempre e assim criar uma popularidade assente na comodidade, à custa da verdade, ou seja, à custa do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo.»

## *O Apostolado: Prioridade aos meios sobrenaturais*

Ora, o apostolado, constituindo o Prolongamento da Incarnação e da Redenção é «uma obra essencialmente divina» (AP 130) a qual depende toda ela da graça gratuita de Deus e, portanto, da Oração. Em vão a busca do pagão, em vão o missionário opera o apostolado, se o Espírito Santo, «a alma e a fonte do nosso apostolado» não age, movendo interiormente as almas; «sem Mim», diz Nosso Senhor Jesus Cristo, «vós nada podeis fazer» (S Tomás I-II, Q. 109, a. 6)

Contudo, na obra de infusão da graça, Deus quer servir-se de instrumentos humanos: «Eu vos escolhi», disse Jesus aos seus apóstolos, «a fim de produzirdes fruto» (João, 15:16); daí a necessidade do zelo do Apóstolo, instrumento vivo de Cristo (AP 132).

Finalmente, terceiro princípio, «os homens recebem a graça divina, cada um segundo a sua medida», como ensina o Concílio de Trento: Os sacramentos são feitos para os homens bem dispostos.» Desde então, todo o apostolado consiste «em dispor as almas para a graça e para uma graça sempre mais abundante, em criar um meio favorável: a verdadeira família, a escola católica, as obras paroquiais» (AP 135), o que deve conduzir o missionário a uma reflexão sobre os meios a empregar prioritariamente.

Estes meios serão, em primeiro lugar, os sobrenaturais; seria «co-

[92] LC 18 (1951); Bussard, ms. I, 19, 4-12; Marziac I, 111

piar os adversários da Santa Igreja» o procurar expedientes, recursos meramente temporais, colocar a nossa confiança numa organização sistemática e racional» (AP 131). Ora, o meio essencial consiste no ensino da doutrina cristã, a obra dos catecismos, afirma Monsenhor Lefebvre na sua primeira carta pastoral «sobre a ignorância religiosa», em 1948. Certos africanos, denuncia ele, «mesmo munidos de diplomas universitários, são incapazes de distinguir a verdadeira religião, no seio da qual foram baptizados, das heresias ou dos cultos inventados pelos homens» (IR 1).

O Bispo condena o «naturalismo», daqueles que não querem que se fale de chofre, de imediato, de Nosso Senhor Jesus Cristo aos pequenos pagãos, mas somente das verdades naturais de Deus e da criação, desdenhando a «virtude misteriosa, infinitamente poderosa» para converter em nome de Jesus Cristo[93], ou o erro daqueles que entendem «que, antes de converter os povos subdesenvolvidos, é necessário, em primeiro lugar, desenvolvê-los e civilizá-los», o que é precisamente impossível sem a graça de Deus que, em simultâneo, eleva e cura a natureza humana da preguiça e do ódio, feridas infligidas pelo pecado original.[94]

A depreciação dos meios sobrenaturais constitui para Monsenhor Lefebvre a origem do desvio duma certa acção católica, bem como da ilusão dos padres operários, que pretendem «assimilar-se aos trabalhadores» em lugar de «se apresentarem como sacerdotes». (VV 145)

Lede a Encíclica «Acerbo nimis» de São Pio X, A Encíclica «Menti nostrae» de Pio XII, o catecismo de Trento, bem como o primeiro capítulo do ritual; recomenda o Bispo aos seus sacerdotes, nas suas normas missionárias de 1954 – é lá que encontrareis as fontes do autêntico espírito apostólico. (NM 53)

«O sacerdote que não for o reflexo perfeito do pensamento da Santa Igreja, perde a sua razão de ser, torna-se indigno do seu sacerdócio», escreve Monsenhor Lefebvre na sua circular sobre a caridade sacerdotal (Cs 139).

## *O Apostolado: organização metódica*

Contudo, a fé na graça não dispensa o sacerdote duma organização metódica do seu apostolado.

A sua circular «Por um Apostolado Sempre Mais Frutuoso» de

---

[93] LC 59 (1957), 3; COSPEC 9 A, 30 Setembro 1974, AF 42

[94] Conferência espiritual – Friburgo, 20 de Maio 1970. CF Intervenções de Monsenhor Lefebvre na Comissão central preparatória do Concílio, DOC, Vol. II parte IV, p. 559 (Junho 1962)

1952, revela o sentido prático do Vigário Apostólico. Convém, diz ele, em primeiro lugar, «inventariar os meios de que dispomos (...) desde a nossa saúde, o nosso tempo, as nossas faculdades espirituais, todos os dons recebidos da Igreja, (...) até aos meios materiais, (...) e auxílio dos nossos ajudantes, as condições do lugar, do clima, das pessoas, (...). Tudo isso se deve considerar calmamente, com prudência. Será que temos tido o cuidado, também nós, de tomarmos assento para reflectirmos? Sedéns computavit (Lucas, 14:28). Será que solicitámos conselho àqueles que trabalham connosco? Será que repartimos os encargos, os sectores do ministério, inteligentemente? (AF 39)»

«O enervar-se, ir de um trabalho ao outro sem precisão, acorrer àquilo que é mais urgente, mas sem organização, tudo isto derrota e acaba por usar o missionário, fatigando a boa vontade dos catequistas e colaboradores» (NM 60).

Monsenhor Lefebvre reagia como homem muito pragmático: «Existe», diz ele, «uma organização da pastoral que se assemelha à de um comércio, duma indústria, de qualquer empreendimento profano. Porque haveríamos nós de empregar menos inteligência do que as pessoas do mundo, na organização perfeita do nosso ministério, com os meios providenciais que nos são outorgados, procurando aumentá-los e consolidá-los na medida requerida por essa mesma Providência?» (AF 40)

Antes de tudo, Monsenhor Lefebvre quer que os padres se entreguem ao seu múnus sacerdotal. «evitando ser absorvidos pelas ocupações materiais, evitando a negligência na preparação dos sermões, dos catecismos, das instruções espirituais» (AM 153).

### *O Apostolado: Um zelo engenhoso e inventivo*

Ao método organizativo, o Bispo quer que se adicione «um zelo engenhoso e inventivo» (AP 134), porque «Está no pensamento de Nosso Senhor Jesus Cristo que o nosso apostolado seria prospectivo, que evitaríamos acantonar-nos em hábitos rotineiros, estatuirmos como regra o copiar servilmente os nossos predecessores. Eles estiveram na Vanguarda do seu próprio tempo; será pois a continuação da sua obra, na semelhança das suas virtudes, o caminharmos, nós também, na vanguarda» (NM 51).

Actualizar os métodos de apostolado é uma realidade que se impõe em virtude das alterações materiais bem como dos novos perigos: «Nós encontramo-nos no Senegal, no século XX, num meio e numa época determinada, com os meios da nossa época, com os erros e os inimigos da Igreja da nossa época» (NM 52).

A instituição dos Fogola integra-se nas iniciativas de zelo inventivo.

- «Monsenhor», – solicitava um dia o Padre Gravrand a Monsenhor Lefebvre – «muitos dos nossos pagãos não podem, de imediato, receber o Baptismo: poligamia, chefes tradicionais. Acaso não poderíamos constituir para eles um «Antigo Testamento»? – Ts, Ts, Ts, que está a dizer-me? – Na falta do Baptismo, dar-lhes qualquer coisa... Sem Baptismo? Quer que eles se tornem muçulmanos? Todos muçulmanos? – Não se trata disso, bem pelo contrário! – Bem, então aprofundai a questão.»

E na reunião anual dos superiores de Missão, na Terça-Feira de Páscoa, foi adoptada por unanimidade, com a aprovação de Monsenhor Lefebvre, a criação dos Fogola ou «amigos dos cristãos». Recebiam eles uma carta de identificação especial e eram registados na Missão; sem ser cristãos, eles pertenciam sociologicamente à cristandade, beneficiavam dum certo conhecimento da Revelação e podiam ser baptizados se o obstáculo viesse a ser levantado.

Foi mais tarde, com a independência, que foram recolhidos os bons frutos desta iniciativa de alto risco, quando a «massa sociológica» cristã, como a denominava Monsenhor Lefebvre, pôde resistir à vaga islâmica que se desfraldava sobre a «cintura animista». O Prelado não recomendava um progressismo cego. Contudo, existem palavras que ressoam estranhamente na boca daquele a quem mais tarde se apelidará desdenhosamente «integrista»: «Evitar-se-á, escreve ele, por um lado a estreiteza de espírito, um tradicionalismo antiquado e esclerosado que fecha os olhos ao materialismo, ao ateísmo que invade a juventude, que se encerra na sua igreja e se satisfaz com alguns bons paroquianos, bem como com algumas crianças que o rodeiam; Por outro lado, evitar-se-á um espírito de inovação «qui sapit haeresim» (que sabe a heresia), heresia de activismo que negligencia a oração, a pregação, a Missa Dominical paroquial, o ensino religioso» NM 53

Consequentemente, no quadro do respeito das directivas do Direito Canónico respeitantes ao ministério, «a Igreja abra largamente as portas às iniciativas de zelo esclarecido dos Bispos e dos sacerdotes que queiram concretizar as possibilidades de fazer triunfar a Mensagem do Evangelho pelos mais diversos meios» (NM, 54)

Nestas condições, conclui Monsenhor Lefebvre, é o Espírito do Senhor, o Espírito da Igreja que inspirará as iniciativas do missionário (AP 134) e lhes conferirá «o engenho do verdadeiro zelo» (NM 52)

## *«Ele comandava sem o parecer»*

Confrontado desde 1957, como aliás numerosos superiores, com a crise geral de autoridade no seio da Igreja, Monsenhor Lefebvre reagiu por duas circulares: Sobre a Autoridade (1957) e sobre o espírito sacerdotal (1958). «Falta, diz ele, espírito de fé na obediência» (ES 100) Todavia, o Bispo não insiste muito sobre a obediência, ele prefere requerer dos superiores um bom exercício da autoridade, para que evite disfunções, primeira causa da falta de obediência.

Ele denuncia a debilidade de certos superiores locais que «se demitem da sua autoridade, colocando-se ao nível dos seus vigários». Chega-se a situações em que os superiores «se dão conta que não é mais possível solicitar uma certa disciplina aos seus colaboradores» (ES 100). Ora, explica ele, o superior é depositário duma autoridade «de carácter propriamente divino» (AU 92); ele é portanto verdadeiramente humilde respeitando-a nele próprio e exercendo-a, « mandamento que lhe foi dado, não para ele, mas para o bem comum». Um bom superior sabe depositar a confiança nos seus inferiores e delegar; mantém, todavia, o controle e exige uma comunicação mútua constante com os seus colaboradores (AU 92-93). Um bom sacerdote é um bom chefe, «governando bem a sua casa» (1 Tim. 3, 4)

Monsenhor Lefebvre sabe que a palavra «autoridade», do latim «Auctoritas» tem como raiz o verbo «augere», aumentar. O bom chefe é portanto aquele que não diminui os seus subordinados, mas os valoriza. É o que o Bispo faz em relação aos seus padres africanos: Ele toma-os na devida conta, rodeia-os de cuidados e das preparações por nós já citadas, e deseja vê-los assumir as funções menos subalternas. Invocando em 1960 «a necessidade de confiar aos nossos confrades senegaleses responsabilidades compatíveis com as suas competências» e acrescenta: «A eles compete demonstrar que são verdadeiramente sacerdotes, «Non implicati saecularibus negotiis (2 Tim. 2,4); São eles que devem demonstrar uma perfeita submissão às directivas do seu Bispo, no quadro duma boa gestão e administração do seu apostolado e dos bens da Igreja que lhes estão confiados» (LC 70, 1)

Constituiu para o Prelado uma missão penosa o dever mudar de posto os seus confrades; operou contudo estas mutações «para o bem do apostolado ou para o bem pessoal de cada um» mas confessava: «Eu sofro muito por dever por vezes causar algum sofrimento a um ou a outro entre vós» (LC 70, 1). A experiência havia-lhe ensinado que um chefe deve ter a preocupação de facilitar a obediência me-

diante um exercício muito humano da autoridade. Como naquele dia em que ele (Monsenhor Lefebvre) veio tomar um «Quinquiliba», como fazia frequentemente, com os sacerdotes do presbitério da catedral e por fim chama um padre à parte e diz-lhe:

- Padre Carron, eu tenho uma coisa para lhe dizer.

E uma vez sós:

- Olhe que eu estou muito aborrecido...

E o sacerdote disse de imediato: «Monsenhor, eu já vos adivinhava»; compreendia, deixava o Bispo explicar gentilmente a sua dificuldade com o seu «semblantezinho» incomodado, e por fim aliviava grandemente Monsenhor por um:

- Monsenhor sois vós o patrão, ordenai, eu obedecerei!

O que suscitou no Prelado uma admiração pelo espírito sobrenatural deste sacerdote, rectificando assim um julgamento demasiado prematuro que monsenhor Lefebvre havia formado àcerca do Padre Carron. [95]

O Padre Bussard, Vigário-Geral de 1959 a 1962, confirma esta autoridade acolchoada do seu Arcebispo, e como essa autoridade chegava docemente aos seus objectivos, particularmente reflectidos, e firmemente decididos por ele somente:

> «Ele, Monsenhor Lefebvre, possuía um talento especial de autoridade muito doce; não tinha a aparência de comandar, apesar de tudo ele comandava realmente (...) Não era um bispo *pesado*, um bispo autoritário, não, mas um bispo cheio de autoridade.» [96]
>
> Este modo de autoridade paternal, mesmo fraternal, era «muito apreciado» pelos missionários; ele sabia, diríamos nós, pôr azeite nas engrenagens, graças também ao seu espírito de consulta, de concertação, de harmonia, bem como à grande liberdade que ele deixava aos confrades. «Ele queria que os párocos fossem párocos a 100%». Ele seguia nesse ponto as directivas do venerável Padre Libermann: «Não estorvar o desenvolvimento do zelo dum confrade, nem incomodar a sua acção quando a obra está entre as suas mãos.» [97]

De resto, os subordinados sabiam que, acontecesse o que acontecesse, Monsenhor Lefebvre os cobriria com a sua autoridade, como aconteceu ao Padre Bourdelet após um certo sermão por ele pregado na catedral na festa do Cristo-Rei, e que lhe valeu ser con-

---

[95] Padre Luís Carron, ms, 58 e 62; Cf Bussard, ms. I, 11, 28-31; Gravrand. MS II, 69, 50

[96] Bussard, MS. I, 11, 21-34

[97] Notas e Documentos sobre o Padre Libermann XIII, 335; Cf Memória espiritana, nº 2, 1995, p. 138

vocado pelo Bispo que lhe disse com um pequeno sorriso: «Padre, tenho uma admoestação a fazer-lhe... Ei-la: Eu recebi uma chamada telefónica do Senhor Governador-Geral a propósito do seu sermão: afirmou que, mesmo para os detentores de autoridade que não crêem, nem em Deus nem no Diabo, e que recusam em absoluto todo o domínio sobrenatural, que, mesmo nesse caso, a sua autoridade, em última análise, vem sempre do Cristo-Rei – Pois que tudo foi criado por Ele – mesmo se é obstinadamente recusado.»

«Então», diz Monsenhor, «isso não agradou ao Senhor Alto-Comissário».[98] Dito isto, acrescentou: «Bom! Já está, eu já lhe fiz a advertência que devia... E agora, Padre Jules, se tomássemos um Whisky?»[99]

Isto não foi tudo. No Domingo seguinte, foi Monsenhor Lefebvre que subiu ao púlpito e espetou o prego: «Toda a autoridade vem de Deus!»

## 8. Um vivo paradoxo

### *Piedade e liturgia*

No púlpito, sem ser orador, Monsenhor Lefebvre aplicava-se a expor pontos de doutrina, e isso com segurança e uma precisão admiráveis; qualidades que ele gostava de encontrar igualmente entre os seus sacerdotes. Havia poucos que soubessem aprofundar como ele um tema, colocando a Teologia ao alcance dos fiéis. [100]

O seu Vigário-Geral julgava-o «muito piedoso e muito profundamente religioso» e o Superior do seu Seminário via nele «um exemplo desta vida interior profunda, da união a Deus, fonte de fecundidade espiritual». Ao Domingo, quando estava em Dakar, ia assistir à Missa nas diferentes paróquias; providenciava-se-lhe uma cátedra e um genuflectório no santuário e ali Monsenhor Lefebvre parecia «totalmente absorvido pela sua oração.» [101]. Monsenhor Lefebvre esforçava-se por presidir cada ano à peregrinação nacional ou à peregrinação militar a Nossa Senhora de Popenguine. Correspondendo ao desejo de Pio XII, fez do ano de 1949 um Ano Mariano. Em 1950,

---

[98] Bernard Cornut-Gentille, Alto comissário na África Ocidental Francesa AOF (1956), Ministro da França do Ultramar (1958-59) Franco-mação de alto grau

[99] Padre Jules Bordelet, ms. II. 56-57; 64, 31-33

[100] Bourdelet, Ms II, 54, 36-40; 57, 38-42; 65, 47-53

Fideliter, nº 59, p. 102; P. Bussard, MS I, 18, 46-54; Gerard Dubois--Burthe, E. Julho 1998, p. 3

O pai: chefe industrial, resistente deportado.

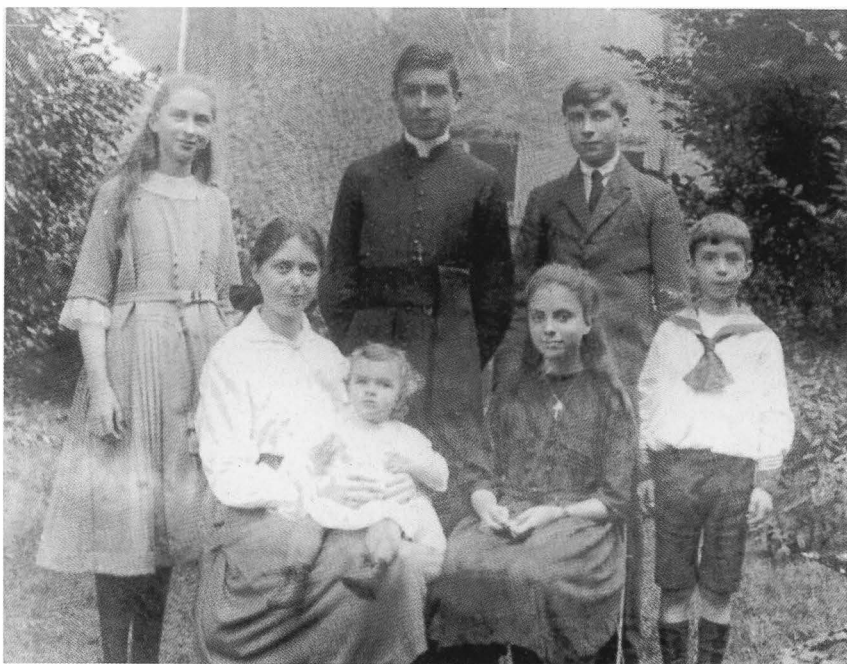
A mãe: a acção e a mística.

Aos 4 anos: determinado e tenaz.

Aos 9 anos: a experiência da guerra.

Em 1914: em família.
À esquerda, Marcel reflectido; por detrás, René esperto.

Em 1919: o cruzado.

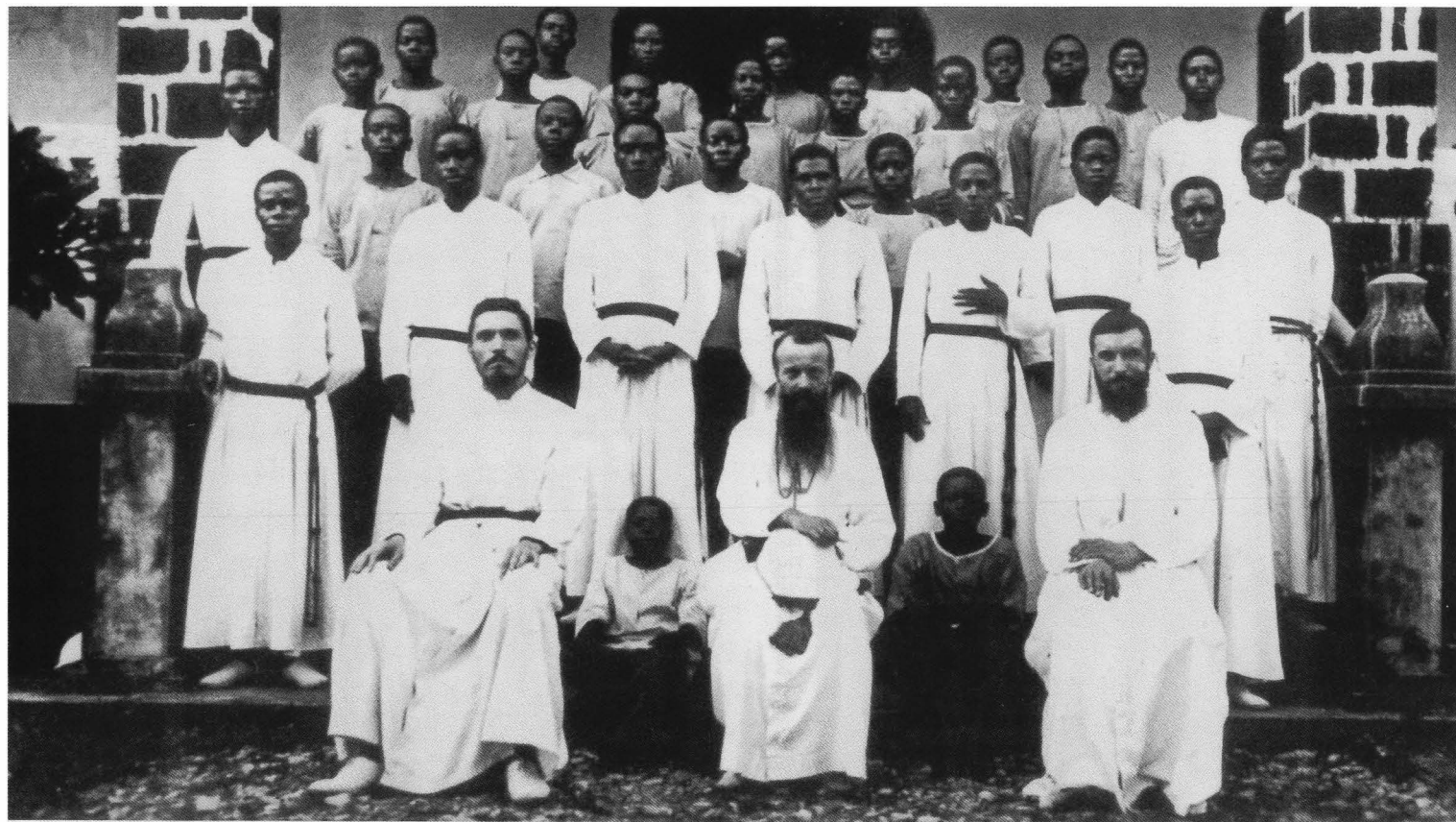
Em 1921 o segredo do estudante.

Em 1921 o exemplo do irmão mais velho para os quatro mais novos.

O Padre Libermann.

O Padre Le Floch

No Seminário francês, junto ao Padre Le Floch.
Marcel é o primeiro a contar da esquerda na segunda fila.

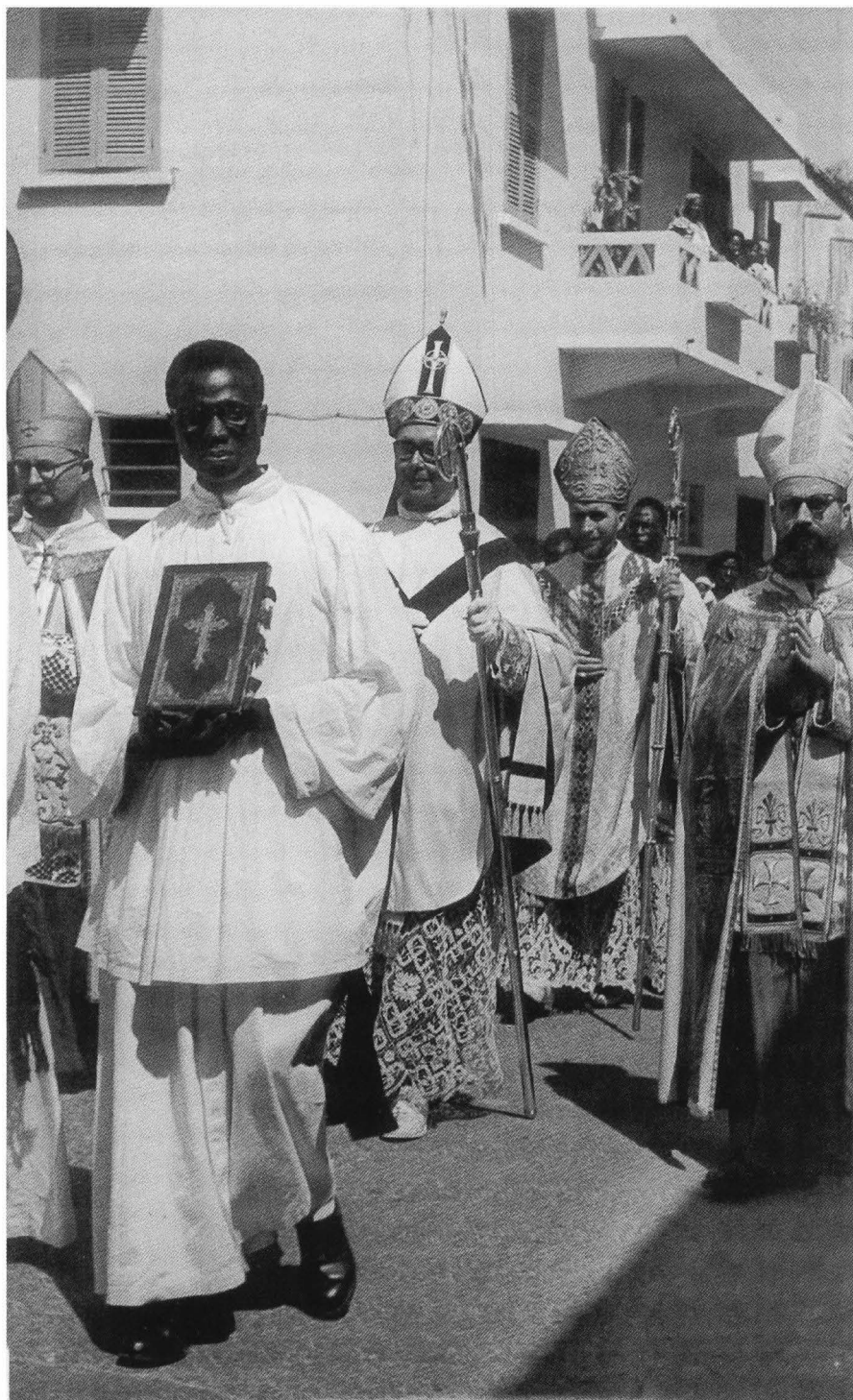
Seminarista, “ele sabe o que quer”

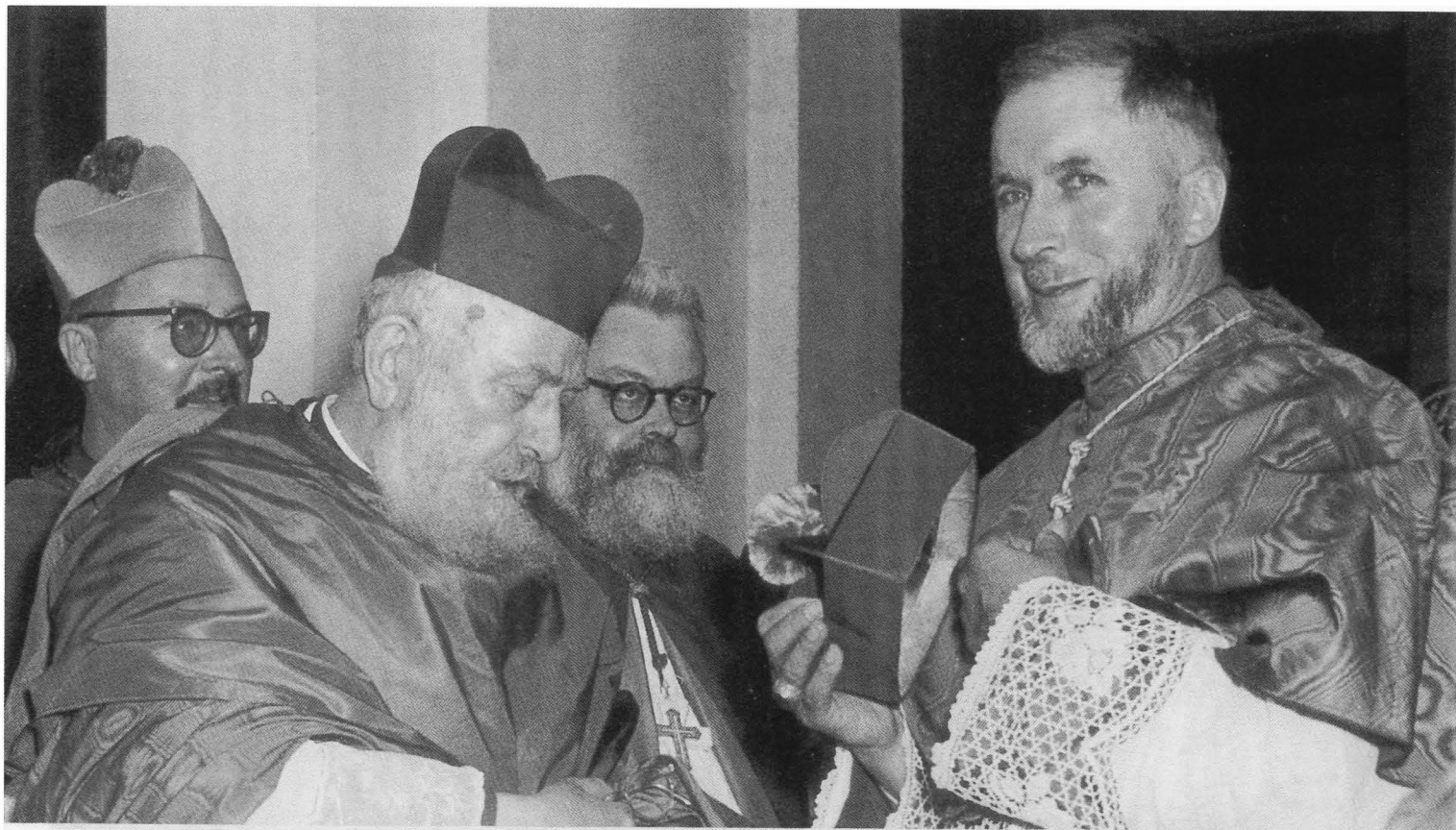
Em 1931: Vigário em Lomme, com os membros da Acção Católica paroquial.

Em 1935: no Seminário de Libreville, com Monsenhor Tardy e o Padre Fauret.
A arte das artes: recriar Jesus Cristo nos seus futuros sacerdotes.

Condutor e mecânico do único carro da diocese: o Padre Marcel Lefebvre sobre uma jangada no rio L'Nomba.

Em 1945: em Mortain, a igreja colegial,
sinal de esperança no meio das ruínas.

Na "Abbaye Blanche" (Abadia Branca):
todos unidos à volta do Padre dedicado e amado.

No dia 18 de Setembro de 1947: a consagração episcopal, em Tourcoing. Da esquerda para a direita:
Monsenhor Le Hunsec, o Cardeal Liénart, os Monsenhores Bonneau, Ancel, Fauret e Dutoit, e o Cónego Deconinck.

Em 1952: consagração dum senegalês, Monsenhor Dodds, em Saint-Louis.
Os co-consagradores são Monsenhor Guibert e Monsenhor Bernard (de Conakry).

Pio XII com o «melhor dos seus delegados apostólicos».

Em 1956: sob o encanto do chefe da Igreja de AOF.
Mons. Guibert e Mons. Landreau por detrás do Card. Tisserant, que acaba de entronizar Mons. Lefebvre.

Em 1957: reunião dos Arcebispos. Da esquerda para a direita:
S.Ex.as Rev.mas Sartre, Leclerc, Strebler de Milleville, Lefebvre, Parisot,
Socquet, Boivin, Bernard e Cucherousset.

Em 1951: com o seu irmão e a sua irmã missionários, nos Camarões.

Em 1961: em Dublin, o Cardeal Agagianian confrontado com a presença dum Arcebispo incómodo.

Com João XXIII: a Fé face à diplomacia.

Em 1962: como a diocese de Tulle acolheu o seu Bispo.

Ao lado do Prefeito, colocação de um arranjo de flores
no monumento aos mortos e mártires da Resistência.

organizou a peregrinação africana francófona a Roma, para o Ano Santo, e integrava-se entre o número de Bispos que participaram na proclamação do Dogma da Assunção de Nossa Senhora. Era da Santíssima Virgem, venerada em Popenguine, bem como no seu querido oásis de Sebikotane, que Monsenhor Lefebvre esperava a graça da conversão dos infiéis, causa pela qual trabalhava.

Durante as cerimónias, ele pontificava com uma dignidade simples que agradava e edificava os africanos. Ele pretendia que as cerimónias constituíssem uma realidade bem articulada, mesmo na selva, com dignidade, grandeza e respeito pelos locais e objectos do culto.[102]

Se ele exigia que os sacerdotes usassem a sotaina para celebrar a Missa, sabia por outro lado, autorizá-los – pois que morriam de sede sob um calor tórrido – a beber as abluções do cálice, mesmo que tivessem que celebrar uma segunda Missa. No que se refere a ele próprio, porém, ele era muito estrito e, quando devia pontificar na Catedral, não admitia poder privar-se de revestir a tunicela sob a casula, [103] como o previam as rubricas.

## *Os princípios e a bondade*

Na sua vida privada, destaca o Padre Bussard, Monsenhor Lefebvre era igualmente perfeitamente regrado, tal como no Altar: «Era um homem que se controlava; eu admirava esta forma maravilhosa de ser ascético, sem o demonstrar.»

À mesa «era um agradável conviva, comia de vontade»; e quando recebia do seu cunhado da Colômbia alguns bons charutos, ele oferecia-os aos confrades e ele mesmo fumava...

«Este homem, era como um paradoxo: Monsenhor Lefebvre era duma amabilidade, duma misericórdia... Por exemplo em relação a dois ou três confrades que teve que reenviar para França – acabou aliás por readmitir um deles. Eu dizia para mim mesmo: «Bem! Ele é mais severo para uma rubrica que para uma pessoa.»

Analogamente, no que se refere ao Padre Berhaut, botânico e Zoólogo distinto, que enviava as suas serpentes para o Instituto Pasteur, o Arcebispo procedeu com uma grande abertura de espírito, concedendo-lhe toda a margem de manobra para prosseguir os seus trabalhos. [104]

---

[102] LC 14, 4; 18, 9; 17 Abril 1960, 6

[103] Bussard, MS I, 18-19

[104] Bussard, MS I, 12-13; 19, 17-24, 27-28; 20,1-6

Tanto no episcopado como na delegação apostólica, ele sabia ser duma grande disponibilidade para receber sem hora marcada.

«Quando éreis introduzidos no seu escritório pelo seu secretário, ele levantava-se e avançava na vossa direcção, sorrindo, as mãos estendidas, como se a vossa chegada constituísse o acontecimento da semana e como se lhe tivésseis concedido uma grande honra, visitando-o»

Depois de 1959, no Paço Episcopal, era por vezes ele mesmo que vos abria a porta. [105]

Quando saía, Monsenhor Lefebvre gostava de conduzir, ele mesmo, a sua volumosa viatura americana, que era muito sólida e convenientemente representativa da função dum delegado apostólico; conduzia sem lentidão, mas também sem brusquidão, com suavidade, tal como encaminhava os homens. [106]

E o contraste estava aí: O homem sorrindo calmamente, com uma afabilidade infinita, com profundo respeito pelas pessoas, assim como pelas opções e iniciativas do seu próximo; este mesmo homem era capaz de se mostrar intratável quando os princípios estavam em causa;[107] ou de agir com uma firmeza sem compromisso quando o rebanho confiado à sua guarda se encontrava ameaçado. Consequentemente lançou ele o interdito local, isto é, a privação dos sacramentos, sobre a cristandade de Fadiout, que se havia endividado junto de comerciantes muçulmanos, os quais, em contrapartida, reclamavam um tal rapaz que lhes servia de escravo e não demorou a tornar-se muçulmano; além disso, os habitantes tentavam conseguir toda a espécie de talismãs junto dos Morabitos. A sanção do Bispo foi mais eficaz do que um longo sermão: O perigo foi esconjurado e os Morabitos tiveram que deixar a ilha. [108]

«Quando os princípios estavam em causa...» Tais princípios constituíam-se não somente em matéria de apostolado, mas ainda no domínio social, onde nos é necessário agora descobrir a acção de Monsenhor Lefebvre.

## 9. Acção Católica e obras sociais

### *A «central das obras»*

Confrontado desde a sua chegada com o proletariado urbano que nós evocámos, assim como pelos sindicatos – permitidos em África

---

[105] René Duverger, Souvenirs, p. 3; Bussard, MS. I 9-10; 1945-46

[106] Bussard I, 10, 42-45; Fr. Christian Winckler, MS. I, 67, 28-48.

[107] P. Louis Carron, ms. I, 57, 41-46

[108] Marziac I, 118

pela lei francesa do dia 7 de Agosto de 1944 –, dos quais alguns eram de inspiração marxista, Monsenhor Lefebvre decidiu desenvolver, coordenar, organizar as iniciativas da Acção Católica, bem como de obras sociais. Discernindo rapidamente qual o homem que lhe era necessário para um tal empreendimento, ele exonerou o Padre Georges Courrier das suas funções de professor no grande Seminário e nomeou-o director das obras do Vicariato em Junho de 1948.

No dia 11 de Julho de 1949, em duas reuniões (Africanos e depois Europeus), Monsenhor ministrou as suas directivas na sala das obras que ele havia feito preparar por cima da nova tipografia. [109]

«Sede cristãos em toda a parte, perseverai, estudai o que constitui a política, o marxismo, o laicismo.

Reuni-vos entre rapazes e entre moças e estudai tudo o que concerne aos costumes matrimoniais, reuni as famílias para tratarem do que a elas diz respeito; moças, operai dentro de organizações sindicais sãs»

O apelo foi escutado: A Acção Católica das famílias foi fundada entre os Africanos, a ACI (Acção Católica dos Meios Independentes) criou-se entre os Europeus. Em Julho de 1951, a sala das obras acolheu as «Bases Sociais Senegalesas». Posteriormente o Padre Courrier foi promovido à direcção geral da Acção Católica e Social da África Ocidental francesa (AOF), enquanto o Padre Luís Carron se tornou director diocesano. Formado nos métodos da ACO, este último desenvolveu a JOC. Foram igualmente fundados, o Socorro Católico do Senegal, a Legião de Maria, bem como um agrupamento de médicos, enfermeiros e parteiras católicas.

Nas suas cartas circulares, Monsenhor Lefebvre convida os seus sacerdotes para um «espírito inovador» em matéria de obras (LC 18, 2-3) e os militantes a não implicar com os sindicatos rurais e as cooperativas, nem com os conselhos de notáveis e os conselhos municipais (LC 38).

Em 1951, apesar da sua desconfiança do espírito reivindicativo dos sindicatos, Monsenhor Lefebvre convida os fiéis a apoiar a CFTC (LC 18, 21), e ulteriormente, em 1957, a sua nova forma, a confederação africana dos trabalhadores crentes (CATC), cuja acção se inspira, diz ele, na doutrina social católica.

Confrontado com uma tendência do laicado para a independência face ao clero, bem como com uma rivalidade entre obras, o Arcebispo coloca à testa destas organizações, em 1956, o padre Thiandoum,

---

[109] Biarnes, 323; Marziac I, 110-111; HA, Junho 1948, Julho 1949; Delcourt, 93-94

um africano, que ele sabe inacessível ao racismo «anti-branco» importado da Metrópole (LC 53 [1956], 16-17).

O Padre Thiandoum recebia o auxílio dum especialista, o Padre Chartier, da «Crónica Social» de Lyon; e ambos, ajudados por Ernest Milcent, lançam uma revista de informação económica e social, «Documentos de África», e abrem uma «Universidade Popular» onde professores e políticos, tal como o futuro ministro Daniel Cabou, acorrem a ensinar economia política e «doutrina social».

Por outro lado, o Centro Cultural Brottier, onde está organizado um ciclo de conferências, torna-se, desde 1954, uma tribuna onde as personalidades de Dakar se exprimem livremente.

Por sua parte, o Padre Courrier fundou em toda a África Ocidental francesa (AOF) secretariados sociais que constituem equipas sociais; auxiliado pelo próprio E. Milcent, ele multiplica as sessões de formação na doutrina e na acção social.

Por sua parte, os Dominicanos, chegados a Dakar em 1955, estabelecem-se na Estrada de Ouakam, defronte da Universidade; o Arcebispo confia-lhes a Capelania da Universidade, a da JEC e a da JOC, bem como as emissões católicas na Rádio e as relações com o Islão. No dia 19 de Dezembro de 1957, inauguraram o seu centro cultural, dotado duma sala com quatrocentos lugares, na qual o Padre Louis Joseph Lebret OP. pronuncia a primeira conferência sobre o tema «Condições e exigências duma nova civilização», uma civilização «de inspiração cristã», afirma o conferencista... Mas que deveria renunciar a «Tudo instaurar em Cristo» (EP 1, 10).

Noutra perspectiva, para fazer face a necessidades crescentes e em previsão do Congresso Internacional da JEC que se realizará em Dakar em 1958, a Central das Obras acaba de se estabelecer na Rua Sandiniéry, num edifício adaptado, munido duma sala de quinhentos lugares, a Sala Daniel Brottier. Aí serão escutados sociólogos como o Padre Lebret e Joseph Folliet, e eminentes conferencistas como o Presidente Senghor e o Sr. Abdoulay Wade. Desta acção social, o Cónego Robert Prelot tornar-se-á Director, em Dakar, em fins de 1958, posteriormente Director-Geral para a África Ocidental, em 1959[110], no lugar do Padre Courrier. Uma deriva liberal, naturalista e socializante acentua-se neste domínio, cujo controle parece escapar a Monsenhor Lefebvre, o qual é contudo, o artesão inicial deste formigueiro de obras sociais. Em 1958, a Acção Católica das famílias, querida de Monsenhor Lefebvre, é desviada pelo Cónego Prélot e a sua campanha «Lar unido para desenvolvimento e desabrochamento

[110] HA, Maio 1958; Delcourt, 96-99

dos esposos», a qual despreza a doutrina católica sobre a hierarquia dos dois fins do Matrimónio, recordada por Pio XII.[111]

O Delegado Apostólico reagiu: Seguido pelos Arcebispos, ele decide reduzir a «Direcção das Obras da África Ocidental» a uma mero papel de «Central Católica» ao serviço das direcções de obras de cada território. Assim será mais respeitada a autoridade hierárquica local. [112]

Ao Cardeal Tardini que o questiona tendo em vista o próximo Concílio, confessa o Arcebispo, em 1960, ter sido ele próprio enganado pelas «Comissões de Padres» no quadro da sua acção católica e social: «Os Bispos já não mandam mais nas suas próprias casas. O Bispo não tem mais do que confirmar tudo o que se faz na sua casa. As suas directivas não são seguidas porque outras directivas são manifestadas pela Central das Obras, da Acção Católica.» [113]

Entretanto a 29 de Setembro do mesmo ano, Monsenhor Lefebvre comunica aos seus sacerdotes a sua vontade de cuidar ele próprio «do bom andamento da Acção Católica e social»[114] Mas poderá ele fazer-se compreender, impor uma linha de conduta anti-liberal, face aos ideólogos que navegam de vento em popa?

Narremos alguns dos seus combates:

Monsenhor suprime a JOC (Juventude Operária Católica)

A JOC havia-o descontentado desde o princípio. Este movimento existia no Senegal já antes da sua chegada, e o fundador, o Cónego Cardijn, apoiado sem reserva por Roma, tinha vindo visitar os centros da JOC de Dakar e de Thiès em Outubro de 1948.[115] Em 1951, o Cónego Noddings, de Lille, enviou a Dakar militantes jocistas para aí implantar um secretariado africano. Um deles, Etienne Delattre, tendo-se manifestado com os operários, no Primeiro de Maio, sofreu por isso a reprovação de Monsenhor Lefebvre. Todavia, os negros, zangados com a admoestação episcopal, disseram ao Bispo não terem necessidade dos dois franceses: «Nós somos suficientemente crescidos para tomar nós mesmos as nossas decisões.» [116]

O Pastor não sentia senão crescer a sua desconfiança. Ele repro-

---

[111] HA, primavera 1959; EPS, O casamento, Apêndice; Marziac II, 139.

[112] Reunião dos arcebispos da África Ocidental, Dakar, Abril 1959 – Arch, OPM. Paris,742-59-6 (Circular nº 2 do Cónego Prélot).

[113] Resposta ao Cardeal Tardini, Dakar, 26 de Fevereiro 1960

[114] LC 70 (1960), 3

[115] Carta de Pio XII a J. Cardijn, 21 de Março 1949; BG 621-622, 535

[116] MSR, Universidade Católica de Lille, T. 54, 1997, nº3, recordações de Etienne Delattre, antigo delegado da CGT e jocista em simultâneo, pp.85-87.

vava aos movimentos vários defeitos constitutivos:

1 - Em primeiro lugar, o carácter deliberadamente não doutrinal do seu método e da sua acção, consequentemente mal iluminada; [117] Ora Marcel Lefebvre sabia desde Santa Chiara que a «acção deve ser preparada pelo estudo doutrinal, pela aquisição dos princípios claros, transparentes e precisos que a dirigem» [118]; igualmente o prelado censurava a divisa «Ver, julgar, agir» da JOC, preferindo-lhe aquela, mais tradicional, de «piedade, estudo, acção» da ACJF, aprovada por São Pio X. [119]

2 - O seu carácter de «pastoral de classe» que rompia a unidade da comunidade paroquial, «a qual congrega ricos e pobres à volta do Altar» e desenvolvia um apostolado paralelo ao abrigo de recomendações estrangeiras. [120]

3 - Sobretudo a prática sistemática de reivindicações operárias, [121] a qual alimentava, mesmo que não fosse essa a intenção, a luta de classes, fomentada com outros objectivos pelos comunistas; que corroborava um espírito de crítica e criava a discórdia, tão contrária à caridade. [122]

4 - Finalmente, e mais profundamente, intuitivamente, Monsenhor Lefebvre percepcionava na ambivalência dum apostolado exercido essencialmente por meios puramente naturais – de inquéritos e reivindicações – um naturalismo privado de Fé nos meios sobrenaturais.

A este respeito, Monsenhor Lefebvre encorajava o seu ACF bem como a Legião de Maria, que não tomavam como meio a supressão das injustiças. Por tradição familiar e sentido hierárquico, ele considerava que as reformas sociais deveriam ser obtidas por uma acção católica e social conduzida a partir dos chefes de empresa. A ACI

---

[117] Cf manual da JOC, 1930, pp. 73-77; Marguerite Fievez e Jacques Meert, Cardijn, EUO, Bruxelas, 1978, pp. 37, 127

[118] Conferência do Abade Lebrun na Academia de São Tomás, Échos 119, 183.

[119] Monsenhor Lefebvre, Conferência a estudantes parisienses, 2 de Maio 1965; RETREC 8 de Outubro 1982, 18h; COSPEC 107 A, 28 de Fevereiro 1984; S Pio X, Alloc. do 25 de Setembro 1904, em resposta à mensagem de Jean Lerolle, Presidente da ACJF; BPI, 228-230; CR I, 206-208; Sua Excelência Monsenhor de Castro Mayer, Catéchisme des vérités opportunes(Catecismo das verdades oportunas), Suplemento à Verbe, 1953, nº 25, p. 19

[120] HA; Julho de 1949, p. 17; Conf. Espiritual em Friburgo, , 19 de Novembro de 1969

[121] Padre Luís Carron, MS. I 59, 1-6

[122] Monsenhor Lefebvre, Resposta ao Cardeal Tardini, 26 Fevereiro 1960

teria podido desempenhar essa atribuição. O facto é que na Missa do Primeiro de Maio, para a qual eram convidados os sindicalistas, Monsenhor Lefebvre não deixava de «falar contra as reivindicações», após o que, diz o Padre Carron, «tínhamos necessidade de meses para «reanimar» os militantes.» [123]

A oposição de Monsenhor Lefebvre à JOC tornou-se notória na África francófona; ele utilizou as suas funções de delegado apostólico para limitar a actividade do Cónego Noddings,[124] desgostando imenso Monsenhor Bonneau, cuja Diocese de Douala, geminada com a de Lille, constituía o pilar por excelência da JOC. Foi em Douala, de 12 a 17 de Setembro de 1956, que teve lugar o primeiro encontro pan-africano do movimento, com a presença de Monsenhor Cardijn. [125]

No Senegal, o «Congresso Nacional Fundador» da JOC, constituído por volta de 1957, produziu moções sobre a independência do país, [126] expressas num estilo violento. Esta foi a gota de água que fez transbordar o copo. O Arcebispo decidiu que a JOC deveria reformar-se radicalmente; tal era evidentemente impossível, e assim o movimento foi praticamente suprimido na Arquidiocese. [127]

## *Dificuldades com os dominicanos.*

Ignoramos se os Dominicanos possuíam ainda nesse momento o encargo da JOC. Todavia, é interessante conhecer as circunstâncias da sua vinda para Dakar, bem como as peripécias que eles opuseram ao Arcebispo que, aliás, não tinha executado nenhuma diligência para os chamar.

Seduzido pela pregação missionária do Padre Petit – do qual falaremos – O Padre Maurice Corvez, Superior dos Dominicanos da Província de Lyon, tinha escrito no dia 8 de Maio de 1954 a Monsenhor Lefebvre, exprimindo-lhe a disponibilidade dos seus Irmãos para uma presença em Dakar e na AOF. O Arcebispo respondeu positivamente e, em Junho de 1954, o Padre Marie-Bernard Nielly veio preparar a implantação dominicana em Dakar, a qual se realizou em

---

[123] Padre Luís Carron, MS I, 58, 29-35

[124] MSR, T. 54, pp. 78-79

[125] Bouchaud, 35-45

[126] Em Setembro1957, o conselho Internacional da JOC, reunido em Roma, iria emitir as seguintes moções: Fim das experiências com bombas atómicas, fim de toda discriminação de raça, cor religião, respeito e confiança mútuas para assegurar a paz mundial, etc... DC 1261 (29 de Setembro 1957), 1270-1271

[127] Padre Luís Carron, MS II, 30-31; LC, 57 (1957), 9.

2 de Junho de 1955, com a chegada de três outros sacerdotes: Vincent Cosmau (a quem foi confiada a Capelania da JEC, bem como a da Universidade), Jean-Bernard Rouxel (encarregado da JOC, mas chamado a França em Fevereiro de 1956), e Martin Balzeau (que lhe sucedeu na JOC).

Em Março de 1956, chegou o Padre Pierre Lintanf, ao qual foi confiada a presença católica na Rádio.

Depois veio em 1957 o Padre Victor Martin, do grupo Economia e Humanismo, [128] o qual encetou estudos de sociologia religiosa com o apoio financeiro da Propaganda. Finalmente, o Padre Luc Moreau, chegado em 1958, assumiu as atribuições referentes aos contactos com o Islão.

Logo de seguida, foi o fundador de Economia e Humanismo, o Padre Lebret, convidado e estimulado pelo próprio Leopoldo Senghor, que veio semear as suas ideias socializantes em Dakar: sob o pretexto de que a propriedade privada não era supostamente adaptada à África, e que a propriedade colectiva constituía «uma norma inscrita no devir do homem»[129], ele quis, segundo a expressão de Monsenhor Lefebvre, «instaurar Kolkhozes e Kibboutzim em África[130]». Em 1960, Lebret remeteu a Mamadou Dia, o Presidente do Conselho senegalês, de quem tinha a confiança, um projecto de reorganização administrativa do Senegal, bem como um primeiro plano quadrienal de desenvolvimento, realizados pela equipa Economia e Humanismo.

Por outro lado, o «diálogo islâmico-cristão», impulsionado pelo Padre Moreau, depressa pareceu ao Arcebispo, favorecer o Islão, mais do que qualquer outra coisa: a forma atraente como Moreau falava do Islão, encorajava nos seus propósitos as raparigas cristãs que desejavam contrair matrimónio com muçulmanos.

Desta situação se queixou Monsenhor Lefebvre ao Provincial dominicano, das actividades dos Padres Lebret, Cosmau e Moreau, solicitando que este último fosse chamado a França. Todavia, os Padres de Dakar não levaram a bem ceder às injunções do Arcebispo.

Numa carta dirigida ao Provincial, Cosmau, o novo Superior de Dakar, declarou que ceder às imposições de Monsenhor Lefebvre,[131] constituía uma confissão de fraqueza da parte da Ordem, e

---

[128] Ver o nosso capitulo «Mortain»

[129] Padre Vincente Cosmau OP, Desenvolvimento e fé, Cerf, 1972, pp. 88 e 115

[130] Fideliter nº 59, p. 25; RETREC, 19 Setembro 1979,

[131] Carta de Monsenhor Lefebvre, 11 Março 1961, por ocasião da chamada a França do P. Nielly que ele apreciava. Arquivo da Fraternidade Dominicana de Dakar

prejudicaria os interesses da Igreja na África Ocidental.[132] Apoiado pelo novo Delegado Apostólico, Monsenhor Maury, [133] o Provincial recusou retirar o Padre Moreau,[134] que foi mantido no seu posto na condição de submeter os seus projectos pastorais à aprovação do Ordinário. [135]

Entrementes, Monsenhor Lefebvre, na impossibilidade de obter a chamada do sacerdote a França, entendeu dever solicitar ao Superior Geral da ordem dominicana, o Padre Michael Browne, futuro Cardeal, a supressão da própria comunidade de Dakar. Todavia, este respondeu que, se era possível obter a alteração disto ou daquilo, era pelo contrário impossível, nos termos do cânon 498, encerrar, sem o placet de Roma, uma casa para a erecção da qual o Bispo havia outorgado a sua assinatura. Monsenhor Lefebvre não quis ou não pôde recorrer a Roma e a acção revolucionária prosseguiu.

Em 1968, após os Dominicanos terem tomado partido pela revolução estudantil, o Presidente Senghor solicitou ao Núncio que eles partissem o que desagradou ao Arcebispo, Monsenhor Thiandoum, o qual propôs uma solução amigável: Ele retiraria a Capelania Universitária aos Dominicanos, mas erigiria a sua igreja em paróquia.

O Padre Prior, o Padre Cosmau, seria talvez a pessoa que renderia o mais belo testemunho da consistência doutrinal de Monsenhor Lefebvre, confessando simultaneamente a evanescência da sua, quando declarou em 1977:

> «Até aí, a Igreja constituía os reis e consequentemente sacralizava a organização social. Quando esta organização social não correspondeu mais àquilo que eram as relações entre os grupos sociais, (...) foi efectivamente necessário dessacralizar a sociedade e, como corolário, destituir a Igreja das posições que ocupava (...). O Vaticano II constitui o resultado de toda esta série de tomadas de consciência (...). Foi a Igreja que mudou, não foi Monsenhor Lefebvre. Ele é verdadeiramente a testemunha desta Igreja; que estava segura da sua verdade, do seu direito, do seu poder, e que considerava ser a única entidade a poder dizer qual a melhor organização da sociedade.» [136]

---

[132] Carta de 12 de Março 1961

[133] Carta de 23 Março 1961

[134] Carta de 28 Setembro 1961

[135] Carta do padre Nicolas Grober, sócio do provincial, ao padre Moreau, 3 Outubro 1961. A maioria dos detalhes e suas referências são extraídos da Memória Dominicana, número especial IV, História dos dominicanos em África, Cerf, paris, Cap. 7

[136] Emissão na Televisão Romande (Em Suiça) 8 de Setembro de 1977, no Courrier de Rome nº 175, p. 12

## *A Cidade Católica em Dakar*

Uma boa organização da sociedade, segundo a constante doutrina da Igreja, eis o que promovia a «Cidade Católica».

Pelos fins de 1948, um jovem funcionário do INSEE em Dakar, Gerard Dubois-Burthe, membro da Cidade Católica, veio apresentar a Monsenhor Lefebvre o seu projecto de estabelecer esta obra no Senegal. [137] De que se tratava?

No dia 15 de Agosto de 1939, dois jovens leigos, Jean Ousset e Jean Masson, tinham-se comprometido, na presença do Abade Jean Choulot, Pároco de Montalzat-en-Quercy, a trabalhar pelo reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo. A sua ideia tomou forma após a guerra, durante o Verão de 1946, graças aos alicerces espirituais que os exercícios de Santo Inácio lhes conferiram; tais exercícios foram pregados pelos padres cooperadores paroquiais de Cristo-Rei, fundados pelo padre Vallet. Trabalhando em círculos de estudo de dez pessoas, no máximo, a Cidade Católica disseminou-se por enxameação; a sua revista Verbe, bem como os seus Congressos anuais versavam sobre todas as questões sociais, combatendo o socialismo e o liberalismo, no espírito da doutrina do Cardeal Pie e à luz dos ensinamentos do Magistério. [138]

O acolhimento de Monsenhor Lefebvre ao seu jovem visitante foi caloroso e favorável; o Bispo encontrou na Cidade Católica um feliz complemento doutrinal para as obras da Acção Católica e social que ele pretendia desenvolver.

Passando a Solesmes, por volta de 1951, Monsenhor Lefebvre aí reencontrou o padre prior, Dom Georges Frénaud, seu antigo condiscípulo de Santa Chiara, que lhe solicitou o apoio para a obra Cidade Católica, num momento em que ela era atacada pelo Padre Marie-Joseph Nicolas OP, num artigo de *«Vida Espiritual»* [139] como «direitista e monárquica». Esta agressão, comandada por um certo clero da Acção Católica, gerava nos departamentos do Episcopado francês desconfiança e suspeita face à Cidade Católica e face à obra dos exercícios dos «Padres de Chabeuil». Monsenhor prometeu o seu concurso, reencontrou Jean Ousset, foi recebido na Sede do Movimento, em Paris e debruçou-se mais atentamente sobre o círculo de estudos de Dakar, o qual reunia todas as semanas em casa de Luís Gálea, director da «Française des Pétroles». [140]

---

[137] G. Dubois-Burthe, conversa com Michel de Penfentenyo, Julho 1998, p. 3

[138] PQR, 723-725; Marziac II, 133-136 Savioz I, 18-19

[139] Dezembro 1951, nº 368; Marziac II, 143

[140] COSPEC, 26 B, 10 de Fevereiro 1976; F. Lagneau, L. 5 Junho 1997

Esta primeira «célula» senegalesa enxameou logo por diversos locais, tocando todos os meios e tão bem que Luís Gálea pôde convidar Jean Ousset e Jean Masson a virem dirigir a primeira sessão da Cidade Católica em Dakar, no dia 17 de Março de 1957 Monsenhor aceitou, mau grado as oposições nascentes, presidi-la na sala dos trabalhos; posteriormente, uma delegação africana, sobretudo senegalesa, participou no VIII Congresso do movimento, em Poitiers, em Junho de 1957; o Senegalês Luís Sane aí pronunciou uma bela conferência sobre «A Igreja e a civilizações africanas» onde o antídoto às ideologias importadas da Europa era magistralmente administrado.[141] A delegação regressou entusiasmada ao Senegal.

Enquanto as células permaneceram «coisa de brancos», a central das obras ignorou-as; todavia a partir do momento em que tais células tocaram os negros, a ACF aí viu uma «emulação nociva ao bem geral da Acção Católica». Monsenhor Lefebvre manobrou habilmente: Dando satisfação aparente aos opositores e impondo às células o dever de obterem o «placet» dos párocos, bem como de apresentarem o seu programa de estudos à direcção das obras, «autorizou os grupos de Verbe» recomendando-os calorosamente como «um alfobre de animadores da Acção Católica, animados do mais puro espírito da Igreja». E quando, no ano seguinte, o Padre Luís Carron, Pároco de Rufisque, se queixou de que, sem o seu acordo, funcionava em casa dele uma célula, na qual participava, *horresco referens*, o próprio secretário do Arcebispo, o Padre Pérraud, Monsenhor Lefebvre opôs-lhe como única resposta, um grande sorriso desarmante.[142]

A real capacidade da Cidade Católica em animar e rectificar a Acção Católica em África tornava-se patente; consequentemente, para combater por este meio a acção revolucionária no seio da igreja e da Sociedade civil, Monsenhor Lefebvre convidou o Secretário-Geral da Cidade Católica, Michel de Penfentenyo, a vir apresentar a obra aos missionários e aos leigos do Senegal, da Costa do Marfim (onde várias células tinham arrancado), do Daomé e dos Camarões, na Primavera de 1959. Esta viagem, que foi seguida duma outra, um ano depois, por todo o lado deparou com africanos ávidos de conhecer a autêntica ordem social cristã. [143]

Todavia, a vinda de delegados da Cidade Católica tinha encon-

[141] HÁ, Abril 1957; Verbe nº 84, Junho 1957, p. 81 e supp. Nº 11, Agosto-Setembro, 1957; PQR- 728

[142] LC 57 (25 de Agosto 1957), 4; P. Carron, MS II, 31, 65-72

[143] Verbe nº 103, 51-54; nº 112, 53-56; PQR, 730; Marziac, II, 148

trado a oposição do Padre Courrier, o qual, prevenido por Michel de Penfentenyo àcerca do convite que lhe fazia Monsenhor Lefebvre, tinha tido a ousadia de enviar a todos os Bispos e directores de obras da AOF e do Togo, uma longa circular onde se salientava que (nós resumimos):

«Este movimento é particularmente contra-indicado por causa do seu patriotismo francês, dos seus maus odores da *Action Française*, da sua influência sobre certos dirigentes do movimento do 13 de Maio, do seu parentesco espiritual com Chabeuil, e com as publicações *O Pensamento Católico*, *Defesa do Lar*, *Itinerários*, etc... Do perigo de confusão entre a construção duma civilização temporal» e o Reino de Deus, do uso imoderado de citações de Encíclicas, da grande reserva da maior parte do Episcopado metropolitano face ao referido movimento e, finalmente, por causa da sua incapacidade em se adaptar aos problemas e à mentalidade africana»[144].

Esta dolorosa diatribe, reflexo servil das directivas omnipotentes de departamentos anónimos dum «episcopado» abstraído, demonstrava ao Arcebispo o quanto o bicho penetrava já profundamente no fruto. Então, sem precipitação, ele chamou o Padre Courrier e, sem dramatizar, amigavelmente, lhe reprovou simplesmente:

Ts, Ts, Ts, A sua circular é demasiado forte, irá mudá-la.
Mas, Monsenhor, eu não o posso fazer, ela já partiu!
Sim, mas irá fazer outra, afirmando que se enganou e que é necessário acolher os enviados da Cidade Católica
Mas, Monsenhor, eu não posso fazer uma coisa como essa, porque eu sou contra...

Monsenhor reflecte, «eu não mudarei as suas ideias, não insistamos e mantenhamos a boa cordialidade».

Uma circular assinada Lefebvre foi expedida, o Padre Courrier foi substituído nas obras da AOF pelo Padre Prélot e regressou à acção social de Dakar; ulteriormente, no ano seguinte, e porque ele o respeitava muito, o Arcebispo nomeou o Padre Courrier Vigário na catedral e «encarregado das relações com os sindicalistas»[145]

Entretanto, a Cidade Católica encontrava outros protectores no seio da Hierarquia: Monsenhor Vion, Bispo de Poitiers, dizia em 1957 «verificar a atenção com que desde o centro da Igreja, em Roma, se seguem os esforços desenvolvidos pela Cidade Católica»; um Cardeal Ottaviani escrevia todos os anos uma carta de felicitação

[144] Carta Circular de 29 de Fevereiro de 1959, Arquidiocese de Paris, 742-759-1 A carta circular refere-se a dois artigos do Padre Le Blond nos «Etudes» (Novembro 1958 e Fevereiro 1959).

[145] MSIII, 12, 35-70; LC Abril 1960 e nº 70 (29 Setembro 1960).

ao Bispo que acolhia o Congresso anual; Em França um Cardeal Grente, bem como os Bispos Pic (Valença), Lallier (Marselha), Chappoulie (Angers), Rupp, Morriléau (La Rochelle), Ménard (Rodez) mostraram-se favoráveis; Monsenhor Marmottin, Arcebispo de Reims, passava por ser o «primeiro protector» do movimento. [146]

Monsenhor Lefebvre não ficou em dívida. Ele tinha escrito aos dirigentes uma primeira carta de encorajamento, no dia 23 de Agosto de 1956, por ocasião do décimo aniversário da fundação. Constatando as oposições crescentes que a obra defrontava até na sua delegação e na sua própria Arquidiocese, Monsenhor Lefebvre escreveu no dia 24 de Março de 1959, por ocasião da publicação da Obra de Jean Ousset, *«Para que Ele reine»*, uma magnífica carta prefácio:

> «Nosso Senhor reinará na Cidade quando alguns milhares de discípulos (...) forem convencidos da verdade que lhes é transmitida, e de que esta verdade constitui uma força capaz de tudo transformar».

Foi convencida da força dos princípios da ordem cristã que toda uma fina-flor – francesa e africana – começou a conquistar para Nosso Senhor Jesus Cristo funções de responsabilidade em todos os domínios, como um Capitão Gerard de Cathelineau, falecido em Kabylia em 1957. e que escrevia numa nota sobre a função de animador numa *Cidade Católica* no seio do Exército:

> «Constituir células da *Cité Catholique* na Tropa é (...) fazer obra nacional.» [147]

Os exercícios espirituais de Santo Inácio ancoravam estas convicções e resoluções dos militantes pela meditação nos objectivos da existência e pela contemplação do amor do Cristo, ali discernindo, na sequência dos Papas, um «aguilhão irresistível e um orientação muito avisada para auxiliar as almas a reformarem-se e a atingirem os cumes da vida espiritual»[148]

Monsenhor Lefebvre convidou os padres Cooperadores para Dakar. Foi assim que os Padres Augustin Rivière e Noel Bárbara vieram pregar duas séries de exercícios durante os invernos de 1960 e 1961, para vários grupos de pessoas em retiro, tanto sacerdotes como leigos. [149]

Graças aos exercícios e à Cidade Católica, nascia uma nova e sã Acção Católica, sem mandato nem delegação duma hierarquia gangrenada, mas não privada «do conselho e da alta direcção» de

[146] PQR, 727,780-787; Marziac II, 142

[147] «Le Monde» , 9 Julho 1958, sob a autoria de Henry Fesquet

[148] Pio XI, Encíclica Mens Nostra, 20 Dezembro 1929.

[149] Marchons, Nov. Dez.1960; Nov-Dez. 1961

prelados não liberais, uma Acção Católica que, emancipada do ramerrame e da rotina dos inquéritos e das reivindicações sociais, tomava como escopo, e tal como o havia solicitado São Pio X, «combater por todos os meios justos e legais a civilização anticristã, (...) e reconstituir Nosso Senhor Jesus Cristo no trono que Lhe compete no seio da Família, da Escola, e da Sociedade»[150]

## 10. Horas boas e horas más

### *«África nova»*

Entre as obras de Dakar, a imprensa católica tinha uma existência muito recente quando Monsenhor Lefebvre chegou em 1947. Dois periódicos acabavam efectivamente de ser lançados em simultâneo: *«África Nova»* e *«Horizontes Africanos»*.

Fundado pelo Padre Briard, Pároco da Catedral, *«Horizontes Africanos»* foi em primeiro lugar concebido como um boletim de ligação dos Católicos da AOF. Desde a sua chegada, Monsenhor Lefebvre conferiu-lhe um impulso decisivo, mesmo reconduzindo-o às perspectivas mais realistas dum correio mensal católico do Senegal, consorciando novidades da Igreja local e universal com breves artigos de fundo, com o objectivo de colocarem os leitores «em comunhão com o Bispo e com o Papa».[151] Sofrendo irregularidades no seu aparecimento, esta revista deveu a sua sobrevivência e o seu progresso (2400 exemplares em 1956, 7000 em 1961) à vontade do Arcebispo que nessa revista exprimia o seu pensamento em editoriais. [152]

A nova tipografia, estruturada em 1949, enriquecia-se ainda, quando as Irmãzinhas de São Paulo – já presentes nos Camarões desde 1949 – dela vieram assumir a responsabilidade, em 1955, imprimindo em máquinas ultramodernas, os números periódicos da Acção Católica bem como das obras sociais católicas da AOF, desde a *«Juventude de África»* (JEC de Dakar) a *«Saber e agir»*, do Centro Cultural Daniel-Brottier, passando por *«Equipa Trabalhadora de África»* (Militantes JOC); o semanário *«África Nova»* aí viria em 1957 [153]

A *«África Nova»* constituiu toda uma história. A criação dum periódico com vocação inter-regional, tinha sido evocada desde Novembro de 1945 pelos Bispos da África Ocidental reunidos

---

[150] São Pio X, Enc. «Il fermo propósito», 11 Junho 1905

[151] Koren, 507; HÁ Abril 1948, 1-2; LC 14,4

[152] LC 53 (1956), 17-18

[153] BG 661; 685, 117; Delcourt, 97-98

em Koumi, perto de Bobo Dioulasso, por Monsenhor Thévenoud, Vigário Apostólico de Ouagadougou, no Alto Volta. Tratava-se de definir uma linha de acção comum, face ao Governo-Geral de Dakar; repartiram-se as obras entre Congregações responsáveis pelo ensino nas Missões Africanas de Lyon (o Padre Berto veio residir para Dakar), a Acção Católica para os Espiritanos e a imprensa para os Padres Brancos. Foi assim que o Padre Paternot, Padre Branco, veio para Dakar e aí fundou a revista *«África Nova»*.

Destinado à AOF mas igualmente à AEF e aos Camarões, o semanário saiu no dia 15 de Junho de 1947, em Dakar. Ele pretendia fazer ouvir a voz da Igreja, bem como conceder aos católicos um grande meio de expressão, num momento em que os partidos políticos – como o RDA, aparentado ao Partido Comunista Francês – e os Protestantes detinham os seus. [154]

Monsenhor Lefebvre encorajou durante muito tempo o semanário e recomendou a sua leitura aos seus diocesanos. A sua carta pastoral sobre o «laicismo, precursor do comunismo» ali foi reproduzida integralmente no dia 11 de Fevereiro de 1953; a Família e a mulher encontravam-se bem defendidas nas colunas do jornal; o ensino católico também o era; todavia, ao declarar «indispensável» a escola laica no quadro duma «verdadeira laicidade» (5 de Julho de 1952) – revelava-se a linha liberal do periódico.

Um primeiro choque grave sobreveio em 1951, quando o Alto Comissário Béchard intentou um processo contra a revista *«África Nova»*. Parlamentares dirigiram uma petição de apoio em favor do Jornal ao Presidente Vincent Auriol. A condenação simbólica do periódico a uma multa de 50 francos, suspensa, sedimentou a sua popularidade e provocou uma crise governamental em Paris: falava-se da demissão do Ministro da França do Ultramar, François Mitterrand, e um escrutínio censurou o Alto-Comissário, cujos emolumentos sofreram uma amputação. [155]

Esta «volta a casa», inútil, na óptica católica inicial do jornal, contrariou o Vigário Apostólico e estimulou-o a não transmitir à Obra de Propagação da Fé, a solicitação de subvenção votada em favor do Jornal pela comissão permanente dos Ordinários da AOF em Janeiro de 1952. E, em vez disso, Monsenhor Lefebvre obteve um subsídio para a sua Central de Obras; Daqui a ira dos Padres Brancos que se queixaram a Roma em 1953.

[154] Monsenhor André Dupond, carta de 1 de Agosto 1996; Lenoble-Bart; Pannier, 56

[155] NA, 10 de Fevereiro e 14 de Abril 1951; Lenoble, 57-58

Entrementes, no dia 15 de Agosto de 1952, o Padre Paternot tinha sido obrigado a ceder o seu lugar a um dos seus adjuntos, o Padre Robert Rummelhardt, outra forte personalidade. O novo redactor não melhorou as relações pois tendo-se deixado levar por um «desvio de plumitivo» insolente perante o seu Bispo, foi ele fulminado pelo mesmo prelado com uma censura eclesiástica... Um novo brado de indignação no seio dos Padres Brancos que, em fim de 1954, fizeram novo apelo a Roma. [156]

O seu substituto, (do Padre Robert) o Padre Joseph-Roger de Benoist, integrou-se no movimento descolonizador:

> «Certas atitudes de vários homens de Igreja, denunciava ele no dia 15 de Março de 1955, constituem preferencialmente factos de segregação social, de colonialismo (...). As relações entre sacerdotes europeus e sacerdotes africanos não são sempre as mais cordiais».

No dia 5 de Março de 1957, o Padre Benoist, presente nas festas da independência do Ghana, escrevia: «Eu vi N'krumh chorar proclamando a independência»

O descontentamento do Arcebispo ia crescendo, as suas advertências permaneciam vãs e, o que é mais, o jornal foi mais do que uma vez apreendido.

Finalmente, no dia 1 de Outubro de 1959, a direcção foi laicizada e confiada a Ernest Milcent, assistido pelo Padre Michel Chartier.

Em Yaoudé, Monsenhor Graffin tinha os mesmos dissabores com o periódico *«O Esforço Camerounês»*, o qual, impresso em Yaoudé, devia a sua existência e a sua inspiração a Monsenhor Bonneau, Bispo de Douala. Tendo o jornal sido apreendido, o Delegado Apostólico – Monsenhor Lefebvre – fez admoestar o redactor.

> «É conveniente chamar a atenção do Padre Fertin, sobre o facto de que o seu jornal é conhecido em todo o território dos Camerões, como o periódico da Missão Católica, faça ele o que fizer (...). Não deve pois estar à espreita de tudo o que possa parecer injustiça, para daí construir um artigo de combate».

Para terminar, Monsenhor Graffin, para evitar a expulsão do Padre Fertin (o qual será efectivamente expulso em Fevereiro de 1962), apreendeu ele próprio, no dia 21 de Janeiro de 1957, o número que se insurgia contra os «abusos da repressão» de Pierre Messmer contra os rebeldes da UPC. [157]

---

[156] NA 9 e 16 Agosto de 1952; Lenoble, 21; Monsenhor Dupond, Carta de 1 de Agosto 1996; Carta do P. Berto à Monsenhor Bertin, Arch. OPM Paris, 742-54-7

[157] Criaud, 225; BG 702, 69-70; Mesmer, 226

Esta duas censuras episcopais irritaram o corajoso, porém liberal, Bispo de Douala, o qual, próximo da morte, recusou receber Monsenhor Lefebvre, então de visita à sua Diocese: «Ele fez-me sofrer por demais» disse ele; como também declinou a visita de Monsenhor Graffin: «É inútil que ele me venha ver»[158]

Mas o que é mais trágico do que a falta de princípios?

## 11. A doutrina social

Os escritos do Arcebispo de Dakar[159] constituem uma pequena suma dos princípios da ordem social natural e cristã admiravelmente adaptados às sociedades africanas. Quer sejam as suas cartas pastorais ou as suas circulares aos missionários, quer respeitem à «condenação do comunismo» (1950) quer refiram «problemas económicos e sociais» (1951) ou sejam concernentes à «evolução política e social» (1955) ou ao «Dever de evitar equívocos» (1961), Monsenhor Lefebvre «escreve, inteiramente ele mesmo, e não varia nem o conteúdo, nem o estilo,[160] nem o tom», onde se manifesta em permanência a sua fidelidade ao magistério da Igreja e ao Papa reinante.

A ordem social querida por Deus, outra coisa não é senão o Reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo (A I 10, 12, 13; P 33; ESP 65). Do estabelecimento deste Reinado depende a possibilidade real para o homem de alcançar cá em baixo a sua finalidade que é de «conhecer, amar e servir a Deus» (68) e na qual consiste a dignidade da pessoa humana (78, 82) garantida pelos direitos fundamentais dessa mesma pessoa humana (68-69)[161] A família verdadeira ali é possível e exclui a poligamia e a escravatura da mulher (71, 78-79, 84), realça a dignidade desta (80, 84), confere interesse pelo trabalho, suscita a preocupação pelo futuro das crianças, o sentido da economia e da poupança (PES 31), bem como a estabilidade na fixação ao solo (80); constitui a aprendizagem da propriedade privada, (30) querida por Deus (79), bem como de uma habitação conveniente (30, 32). A organização profissional ali é constituída contra o liberalismo económico das «potências do dinheiro» (EPS- 74). No seio das cooperativas, nos sindicatos rurais (NM 57-58), como nas colectividades políticas locais, no lugar dos chefes polígamos e muçulmanos favorecidos pela administração, devem agir «Cristãos exemplares» (58).

---

[158] Bouchaud, 52; Criaud, loc. citado

[159] Nós fazemos referência às cartas Pastorais e escritos, edição de 1989

[160] T. du P. Perraud, Fideliter nº 59 p. 20

Estes direitos, enumerados por Pio XII, constituem para Monsenhor Lefebvre condições, para o homem, para cumprir os seus deveres (68-69)

Apesar das bem conhecidas feridas africanas (29-30, 58), existe no seio das populações «uma sabedoria fundamental» (84) e nos seus costumes «elementos preciosos, tais como o sentido da hospitalidade, o carácter sagrado da autoridade, o espírito de entreajuda, a fidelidade, o respeito pela mãe, o pudor entre certas tribos» (78). A função missionária da Igreja em «resgatar estes povos dum tipo de civilização que oprime a dignidade humana e é sancionada por uma falsa religião[162]», convidando-os, «sob a conduta da religião cristã, a erguerem-se a uma forma superior de humanidade e de cultura» (78) que assimile os seus valor nativos. As modalidades desta nova civilização não são da competência do sacerdote, o qual, consciente contudo da interdependência da religião e do tipo de sociedade, «assenhorear-se-á» de certos sectores temporais: escola, formação duma *fina-flor*, organização da vida rural. [163]

A administração europeia concorreu para esta elevação, assegurando a liberdade de circulação e do trabalho, a segurança na circulação e do trabalho, a segurança das pessoas e dos bens, a instrução (81-82); mas infelizmente «a África não acreditou na sua própria civilização», visto que não consentiu em «aprofundar as razões da sua superioridade, a qual reside, inteiramente, nos princípios cristãos» (82). Pelo contrário, importou as doenças europeias do socialismo e do laicismo.

Por contágio socialista, as jovens assembleias locais são tentadas a «preencher a função das associações privadas e das famílias dado que umas e outras são deficientes» (PES 27, 25 Janeiro 1951); e, por seu lado, os indivíduos, bem como os organismos privados, têm tendência a «tudo receber dos serviços públicos que constituem como que a Providência dos administrados» (27). Longe de querer favorecer esta mentalidade de assistidos, a administração deve «auxiliar e encorajar as iniciativas privadas mas não substituí-las» (28, 31). Não se remedeia o proletariado urbano por meio de subvenções directas do Estado (48) nem mediante as reivindicações operadas por sindicatos «num espírito de luta contínua» (57) mas, pelo contrário, encorajando as organizações privadas promovendo a justiça e a caridade social (48-49). Com o laicismo, arranca-se do coração das crianças africanas «a mais bela riqueza e o maior capital que pode haver no mundo: o temor de Deus e o respeito pela sua Lei» (30). Mau grado

Monsenhor Lefebvre, comentário crítico sobre o cenário do Filme «O Missionário».

[163] Ibid, trata-se duma citação implícita de Pio XII

as prementes exortações do Vigário de Cristo, codifica-se, legisla-se, redigem-se constituições, nacionais ou internacionais, repelindo o Magistério d'Aquele que afirmou: «Sem mim, nada podeis fazer» (João 15, 5). Todavia, o laicismo é o «precursor do comunismo» (CA 48). Em 1949, o Santo Oficio decretou a excomunhão dos comunistas doutrinários bem como a privação dos sacramentos para os seus colaboradores. Ora, desde esta época, numerosas personalidades africanas tal como Houphouet-Boigny na Costa do marfim, filiaram os seus partidos políticos nascentes, o RDA por exemplo, no Partido Comunista Francês (enquanto que Senghor, mais sábio, se filiou no Partido Socialista, SFIO). É assim necessário denunciar os erros, as ilusões e as armadilhas do comunismo (45), desvendar a prática da dialéctica leninista ao trabalho em África, «aproveitando tudo o que pode dividir os homens entre si para activar e atiçar os ódios e as lutas» (44). As indicações difundidas por certos políticos africanos de «destruir a monstruosa intrujice religiosa», suscitam uma contra-indicação que atinge indirectamente os grandes *leaders*: «um Católico não pode seguir tais chefes!» (CC 25)

Esta palavra de ordem, Monsenhor Lefebvre pronuncia-a em 1950; onze anos mais tarde, o Arcebispo denunciará, sobre os seus riscos e perigos, um equívoco persistente no «socialismo africano» do Chefe do Estado Senghor.

# Capítulo IX

# Delegado Apostólico

## 1- A vontade do Papa

No primeiro dia de Outubro de 1948, Monsenhor Lefebvre, em busca de homens e de fundos, encontrava-se de passagem na Casa Mãe; mal se tinha feito anunciar na portaria, logo Monsenhor Le Hunsec, que o espreitava, desceu e de imediato lhe disse:

Venha Monsenhor, venha, tenho algo a comunicar-lhe.

- Que é que há? Inquietou-se Monsenhor Lefebvre. Que haverá ainda?

Venha a um locutório... Não irá dizer não! Está nomeado Delegado Apostólico pelo Papa. [1]

Efectivamente, desde que a «Delegação Apostólica de África», estabelecida em 1930 em Mombaça, no Kenyia, tinha sido rebaptizada no dia 2 de Janeiro de 1947 «Delegação Apostólica da África Oriental e Ocidental Britânica»[2] esperava-se a erecção duma delegação análoga para a África Negra francófona – ou antes francesa[3] Mas o que não se sabia era que Pio XII havia não somente escolhido Dakar para sede da Delegação,[4] mas ainda havia designado o Vigário Apostólico do lugar para ser o Delegado. Antes mesmo de o nomear Vigário Apostólico, Pio XII tinha já pousado o seu olhar sobre Marcel Lefebvre com esta intenção particular: o Papa quis simplesmente esperar um ano para poder apreciar a acção apostólica de Monsenhor Lefebvre.

O breve – assinado Montini – que o Pontífice escrevia ao seu «Ve-

---

[1] PHLH, 64; BG 619-620, 487; BF 41, 5

AAS 39 (1947), 96; BG 602-603. 171

[3] havia já delegação no Congo-Belge

[4] Carta apostólica 22 de Setembro 1948, AAS 42 (1959),429; HÁ Janeiro 1949

nerável irmão» Marcel Lefebvre não deixava nenhuma dúvida a esse respeito, nem àcerca da estima e mesmo da afeição do Papa Pacelli para com o jovem Prelado.

«Haveis governado tão prudentemente, sabiamente e de forma tão dinâmica o Vicariato Apostólico de Dakar, estais inflamado dum tal zelo para dilatar o reino de Cristo, (...) que Nós julgamos bom escolher-vos para dirigir esta delegação, inteiramente convicto de que os vossos dons particulares, e principalmente a vossa experimentada actividade, bem como os talentos que vos dispõem para estas funções, constituirão uma grande e proveitosa utilidade a esta Delegação.» [5]

Além disso, devendo o Delegado possuir a dignidade de Arcebispo, um outro breve do mesmo dia nomeava Monsenhor Lefebvre Arcebispo titular de Arcadiopolis in Europa [6] Mas isso era nada em comparação com a novidade total.

O Arcebispo acumulava duas funções pouco compatíveis: A função pastoral duma porção determinada do rebanho e uma missão de jurisdição sobre quarenta e quatro circunscrições, bem como sobre as relações diplomáticas com o Governo francês e os seus Altos-Comissários.

Foi o que Pio XII, ele próprio, lhe explicou em Outubro, e o que lhe precisaram ainda, no principio de Dezembro, a Sagrada Congregação da Propaganda e a Secretaria de Estado. Ele ficou, como diz, assustado com a imensidade da tarefa: ele era o representante do Papa numa diocese, vinte e seis vicariatos e dezassete prefeituras apostólicas que iam do Marrocos e do Sahara a Madagáscar, bem como a Reunião, passando pela África Ocidental Francesa, os Camarões franceses, a AEF e a Somália. Esta circunscrições, cuja população católica ultrapassava a cifra de 2.100.000, estavam confiadas a doze Institutos missionários. Monsenhor Lefebvre devia pois dirigir Bispos espiritanos (13), Padres Brancos (10), missionários africanos de Lyon (6), Jesuítas (3), Capuchinhos (3) Padres de «La Salette» (2), etc. «Eu, pobre espiritano, ir pregar a jesuítas!» exclamava ele. [7] Todavia, a sua simplicidade preveniu toda e qualquer ferida no amor próprio dos não espiritanos.

De regresso a Dakar no dia 12 de Dezembro, Sua Excelência foi

---

Breve do 22 de Setembro 1949, BGG 630, 318-319

Actualmente Luleburgaz, perto de Istambul

[7] HA, Dezembro 1948, p. 12; BF 41, 5; BG 621-622, 512; Fideliter nº 69, p. 17

recebido no Palácio do Governador Geral. Posteriormente, no inicio do ano de 1949, o Ministro da França do Ultramar, Paul Coste-Floret, veio ele próprio entregar ao Delegado Apostólico, no adro da Catedral, a cruz de cavaleiro da Legião de Honra. [8]

Monsenhor Lefebvre solicitou imediatamente, para ocupar o cargo de secretário da Delegação, o Padre Emil Doutremepuich, seu antigo condiscípulo no Seminário Francês (1922-1926). Primeiro, repetidor em Santa Chiara e jovem sustentáculo do Padre Le Floch, ele tinha sido director de Chevilly, posteriormente do Seminário de Carabane, em Casamanca. Possuidor duma viva inteligência, grande trabalhador, homem de princípios mas não sabendo muito «limar arestas», o Padre Doutre, tornou-se o mais atento, o mais meticuloso, o mais fiel secretário de Monsenhor Lefebvre, até ao momento em que teve de retirar-se para morrer antes do tempo, no dia 1 de Julho de 1957. [9] O seu sucessor, em absoluto igualmente activo e capaz, foi o Padre Isidore Perraud.

## *As directivas de Pio XII*

As directivas do Papa ao seu Delegado promanam dum amplo panorama e reconduzem-se a estas duas ideias:

> Por um lado, que a Igreja não faça mais figura de entidade estrangeira em África, daí a urgência de preparar uma hierarquia de bispos autóctones, bem como a indicação de salvaguardar os costumes indígenas na medida em que eles forem conciliáveis com a lei de Deus;
> Por outro lado, desenvolver as obras: que muito numerosos sejam os leigos que colaboram na Acção Católica com o apostolado hierárquico do clero. Que indubitavelmente trabalhem para conformar as instituições sociais e políticas com o Evangelho, face à propaganda comunista; e que a obra escolar faça apreciar aos não cristãos que constituirão a fina-flor do amanhã, a beleza da religião católica. [10]

Monsenhor Lefebvre aceita filialmente estas intenções: a última intenção, um pouco teórica, relacionada com a situação do Senegal; além disso, enraizar o cristianismo recém chegado na vida real dos indígenas, pela Acção Católica, é o seu desejo; e por fim formar um

[8] HA, Janeiro 1949 , 8-10; BG 623, 11-12; Marziac II, 105-106
[9] BF 128, 348-351
[10] Cf Pio XII, Encíclica Summi Pontificatus, 20 Outubro 1939; Alocução, 24 Junho 1944; Encíclica Evangelii praecones, 2 , Junho 1951

clero autóctone é bem o seu projecto. No entanto parece-lhe que o verdadeiro objectivo das escolas é a formação dum escol católico e que a «indigenização» sob todas as formas – bela teoria que honra a África – não conseguiria substituir a evangelização.

Pio XII não esconde ao seu Delegado o receio que o constrange, tal como aconteceu ao seu Predecessor Pio XI, ao ver, em consequência de revoluções, jovens cristandades ameaçadas de ruína por causa da ausência duma «rede de sacerdotes indígenas» [11] e dum Episcopado autóctone. A ameaça comunista no Extremo-Oriente ilustra o quanto o Papa tem razão neste ponto.

Marcel Lefebvre será portanto um instrumento dócil, mas também um informador realista do Vigário de Cristo.

Na Secretaria do Estado, o Delegado documenta-se àcerca do seu papel diplomático restringido que, sem colocá-lo no mesmo nível que um Núncio Apostólico, tem como objectivo fazer ou facilitar certas intervenções eclesiásticas junto do Ministro da França do Ultramar[12]. Na Sagrada Congregação da Propaganda, o Cardeal Fumasoni Biondi e o Secretário da Congregação, Monsenhor Celso Costantini, expõem-lhe em pormenor as suas tarefas missionárias, de que é necessário agora dar uma pequena ideia.

## 2. Novos territórios e novos Bispos

O Delegado foi encarregado de ver onde criar novas circunscrições eclesiásticas e de propor candidatos às suas prelaturas. Num segundo tempo, ele devia preparar a instauração da Hierarquia ordinária e fundar assembleias episcopais. Ficaria finalmente a última etapa: a criação duma Hierarquia autóctone.

Além destas funções muitas especiais, o Delegado deveria velar sobre o bom estado das igrejas locais, fazer relatórios à Santa Sé (can. 267) e vigiar sobre a boa distribuição das subvenções outorgadas pelas Obras pontificais missionárias.

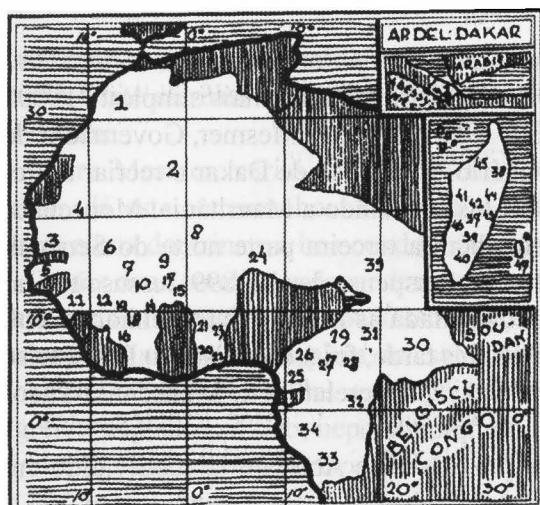
### *Criação de novos territórios eclesiásticos*[13]

Compete ao Delegado, na medida em que crescem as igrejas locais, a função de subdividir os territórios pela criação de novos Vicariatos ou de novas prefeituras apostólicas.

---

[11] Pio XI, Encíclica Rerum Ecclesiae, citada por Pio XII, Encíclica precitada

[12] Código de direito Canônico, can. 267§2; Joseph Grego SJ. Vinte anos de pastoral missionária – Impr. São Paulo, Issy, 1958, pp. 13-14.

[13] anuário das missões católicas de África, delegação apostólica de Dakar, 1959; Marziac I, 123-124; P. Messmer, carta 10 de março 1999; diário do Carmelo de Sebikotane, 8 de Fevereiro 1952.

## LA DÉLÉGATION APOSTOLIQUE DE DAKAR EN 1950

**Indíce das Congregações**

CI. autoch.; Clerigo autoctono
CoM. ; Lazaristas
c.s.Sp. Espiritanos
C.sS.R. Rédemptoristas
M.A.L Missões Africanas de Lyon
M,S. Missionários de La Salette
O.F.M. Franciscanos
O.F.M.Cap. Capucinhos
P.B. Padres Brancos
P.C.J. sacerdotes du Sagrado-Coração de Saint-Quentin
SJ. Jesuitas
S.M.M. Montfortanos

**I. Maroco**
1. Vig. Ap. Rabat ...........O.F.M.

**11. Sahara**
2. Vig. Ap. Ghardaia P.B.

**IIL Afrique Oeádentale Française (A.O.E) Sénégai**
Vig. Ap. Dakar ...............C.S.Sp.
Pr. Ap. St. Louis..............C.S.Sp.
Pr. Ap. Ziguinchor C.S.Sp.
Pr. Ap. Kayes P.B. Soudan
Vig. Ap. Bamako........... P.B.
Pr. Ap. Gao ....................P.B.
Pr. Ap. Nouna.................P.B.
10. Pr. Ap. Sikasso.........P.B.

*Guinée française*
Vig. Ap. Conakry...........C.S.Sp.
Pr. Ap. Kankan .............C.S.Sp.

*Côte d'lvoire*
Vig. Ap. Abidjan ...........MAL.
Vig. Ap. Bobo-Dioulasso..P.B.
Vig. Ap. Ouagadougou .....P.B.
Vig. Ap. Sassandra............P.B.
Pr. Ap. Ouahigouya...........P.B.
Pr. Ap. Korhogo................M.A.L.
Pr. Ap. Nzérékoré..............P.B.

*Togo*
Vig. Ap. Lomé...................M.AL.
Pr. Ap. Sokodé , ...............M.A.L.

*Dahomey*
Vig. Ap. Ouidah................M.AL.
Pr. Ap. Parakou ................M.A.L.

*Niger*
24. Vig. Ap. Niger............C.SS.R.

*Cameroun*
Vig. Ap. Douala .............C.S.Sp.
Vig. Ap. Foumban ..........P.C.l
Vig. Ap. Yaoundé ...........C.S.Sp.
Vig. Ap. Doumé..............C.S.Sp.
Vig. Ap. Garoua..............C.S.Sp.

**IV. Afrique Équatoriale Française (A.E.F)**

*Oubangui-Chari*
Vig. Ap. Bangui.............. C.S.Sp.
Pr. Ap. Berbérati O.F.M. Capo

*Moyen,Congo*
Vig. Ap. Brazzaville........C.S.Sp.
Vig. Ap. Loango..............C.S.Sp.

*Gabon*
34. Vig. Ap. Libreville C.S.Sp. Tchad
35. Pr. Ap. Fort-Lamy....S.J.

**V. Côte Française des Somalis**
36. Pr. Ap. Djibouti .......O.EM. Capo

**VI. Madagascar et ile de la Réunion**

*Madagascar*
Vig. Ap. Antsirabé ..........M.S.
Vig. Ap. Diégo-Suarez.....C.S.Sp.
Vig. Ap. Fiaranantsoa ......S.l
Vig. Ap. Fort-Dauphin......C.M.
Vig. Ap. Majunga , ...........C.S.Sp.
Vig. Ap. Miarinarivo.......CI. autoch.
Vig. Ap. Tamatave ..........S.M.M.
Vig. Ap. Tananarive ........S.l
Pr. Ap. Ambanja............. o.F.M. Capo
Pr. Ap. Morondava ....M.S.

*Ilhas da Reunião*
47. Diocese de la Reunião....C.S.Sp.

No Senegal, Monsenhor Lefebvre operou tais divisões que reduziram a superfície de Dakar à sua expressão mais simples: 15000 km em vez de 163000! Em 1953-54, Pierre Mesmer, Governador de Mauritânia, sugeriu ao Vigário Apostólico de Dakar o recriar a Prefeitura Apostólica de São Luís, incluindo a Mauritânia. Monsenhor Lefebvre adicionou-lhe também a terceira parte norte do Senegal. Assim a Prefeitura de São Luís, suspensa desde 1899, ressuscitou no dia 28 de Janeiro de 1955, confiada às mãos de Monsenhor Joseph Landreau CSSP. Dois anos mais tarde, foi todo o Este do País que se tornou a Prefeitura de Kaolack, sob a prelatura de Monsenhor Théophile Cadoux, dos Padres de Issoudun.

Na Costa de Marfim, o Vicariato de Abidjan, já subdividido em 1911 e em 1940, foi ainda mais uma vez subdividido em 1951, para criar, segundo o pedido do Delegado, a Prefeitura de Bouaké, confiada à Monsenhor André Duirat. Depois, em 1956, Monsenhor Lefebvre fez dividir o território de Daloa, já constituído em diocese, para criar a Diocese de Gagnoa, confiada a Monsenhor Étrillard, precedentemente Bispo de Daloa. Foi deixada a Monsenhor Étrillard a opção de ficar em Daloa ou de tomar posse da Sé de Gagnoa: O Delegado Apostólico deixava esta margem de manobra para favorecer a aceitação das amputações territoriais.

Por vezes, as amputações eram dolorosas, o «recém nascido» dos territórios sendo muito mais rico ou, ao invés, bem menos dotado, em fiéis católicos ou em recursos, do que a sua mãe amputada. Daí, protestos do interessado, avisos do Delegado e decisão romana, que nem sempre era conforme às decisões de Monsenhor Lefebvre.

É igualmente à sabedoria do Delegado, Monsenhor Lefebvre, que devemos atribuir a repartição do Sul da Ilha de Madagascar, onde Fort-Dauphin, sucessivamente, deu origem a Farafangana e depois a Tuléar.

## *Nomeação de Bispos*

Compete ao Delegado não só criar vinte e um novos territórios, mas também ali colocar, bem como noutros territórios, bispos, vigários apostólicos e prefeitos apostólicos. O Delegado teve assim, diz ele, de «determinar trinta e sete "ternae" (*dossier* de três candidatos entre os quais Roma escolhe)». Após consulta eventual dos Padres do território, proposição dos Bispos da região e avisos da Casa Matriz[14] da Congregação interessada, o Delegado transmitia, com as

[14] Gerard Viera, Sous le signe du laicat, l'Eglise en Guinée (Debaixo do sinal do laicado, a Igreja em Guiné), TII (1925-1958), 477.

suas apreciações, à Sagrada Congregação da Propaganda a lista das trinta e sete «ternas» compostas cada uma de três candidatos que ele escolheu.

Pierre Mesmer, várias vezes Governador e depois Alto Comissário, dá este testemunho: «Os critérios de Monsenhor Lefebvre eram a boa doutrina e a boa conduta moral»[15]

Destas duas condições dependiam em particular, e o Delegado velava por isso, a escolha dos professores de Seminário, a doutrina que era ali ensinada e a disciplina dos seminaristas. Ora, quantas vezes, intervinham considerações estrangeiras à santidade da missão da Igreja: negócio político, nepotismo, promoções segundo a máxima *«promoveatur ut amoveatur»* (promover para remover)[16]

As vezes, mas raramente, o eleito recusava o seu múnus, tal como aconteceu em Oubangui-Chari a Berberati, prefeitura apostólica vacante desde 1951, que Monsenhor Lefebvre fez erigir em Vicariato no dia 13 de Março de 1952. [17] Após uma visita no local, o Delegado propôs a função ao Padre Gabriel Tissot, capuchinho da Província de Sabóia encarregado de Beberati, que se encontrava lá desde 1947. Esta escolha foi do agrado do Papa e anunciada por uma carta de 3 de Abril de 1952. Mas o Padre Gabriel opôs uma grande recusa «gran refiuto». E o Delegado Apostólico lá teve de ir com urgência visitar os conventos de Sabóia para encontrar candidatos ao Episcopado. O Padre Basílio Baud, Provincial desde 1948, acompanhava-o.

Finalmente, o Delegado reflecte: «O pequeno Provincial não me parece tão mal, seria suficiente!» As informações não são tão más: Ex-aluno das faculdades católicas de Lião, ficou de boa doutrina; as suas cartas destinadas aos seus confrades recomendam: «Maria como exemplo de vida interior e de apostolado, vida em comum, oração e penitência e caridade» De regresso a Paris, Monsenhor Lefebvre convoca o «pequeno Provincial» à Rua Lhomond. Enérgico, o Prelado acerta logo no alvo: o vosso súbdito, o Padre Gabriel recusa mesmo o cargo de administrador da Missão, isso é grave perante a Igreja! Eu vejo apenas uma solução.

O Padre Basílio era todo ouvidos.

> A solução é que o Revmo Padre Basílio, aceite tomar o seu lugar!

O Padre, surpreendido, não tenta nem mesmo argumentar que nunca foi em missão...

[15] Marziac I, 122; P. Messmer, Carta 10 de março 1999.
[16] Monsenhor Lefebvre, carta ao Cardeal Tardini, 25 de Fevereiro 1960
[17] AAS 43 (1951), 656; 44 (1952), 705.

**As dioceses de**
**MADAGASCAR**
**em 1956**

Estou à espera agora mesmo duma resposta favorável, apressa o Prelado.

Ah!, Monsenhor, apanhastes-me bem de surpresa, foi a resposta do religioso[18], que a ordem expressa de Roma enviou à Berberati no dia 9 de Janeiro de 1953. [19]

Mas o Delegado reservava-lhe uma outra surpresa, pois que no dia 20 de Maio de 1954, o Padre Basílio era nomeado Vigário Apostólico de Berberati. Sagrado Bispo em Annecy no dia 24 de Junho de 1954, Monsenhor Baud foi um bom pastor, dedicado ao seu Seminário, à sua escola de catequistas, e grande construtor.

O Delegado tratou também casos dolorosos, tal como o de Monsenhor Maurice Le Mailloux, zeloso prefeito de Kankan, na Guiné, mas mau gestor. O Delegado foi encarregado pela Congregação da Propaganda de lhe pedir a demissão. O Prefeito, felizmente, inclina--se com uma «renúncia sobrenatural esplêndida»[21]

Penoso também o caso de Monsenhor Graffin, Vigário Apostólico de Yaoundé, em confronto com a hostilidade do seu clero indígena, ao menos com certos padres negros. Mas, por detrás deles, são brancos – entre os quais um administrador *maçon* – que fomentam esta crise de racismo «anti-brancos, anti-colonialistas». Monsenhor Lefebvre, de passagem em Mvolyé, no Pentecostes de 1949, recebe os queixosos: «Um dilúvio de calúnias infames», nota Monsenhor Graffin. Mas o Delegado não sabe bem o que pensar e sugere a Monsenhor Graffin a demissão, o que o Bispo faria de boa vontade se os seus colegas dos Camarões lho não desaconselhassem. O Delegado fez um relatório a Roma, e escreveu ao Bispo, aconselhando-lhe a que se demitisse no ano seguinte. Monsenhor Graffin não fez nada disso. Finalmente, uma solução foi encontrada em Março de 1955. Os Bispos ordinários dos Camarões, reunidos em Nkongsamba, «decidem com o Delegado» que Monsenhor Graffin e Monsenhor Bonneau pedissem cada um um auxiliar.

Ao regressar a Yaoudé, Monsenhor Graffin envia a terna a Monsenhor Lefebvre. É assim que o Padre Paul Etoga, do clero autóctone, será sagrado Bispo Auxiliar de Yaoudé no dia 30 de Novembro de 1955 por Monsenhor Graffin. [21]

---

[18] Alpes-Afrique nº 325, Abril 1982; Marziac I, 131.

[19] Um mal entendido fez que Pio XII nomeasse, no dia 12 de Janeiro de 1953, o Padre Gabriel Primeiro Vigário Apostólico de Berbérati. AAS 45 (1953), 80.

[20] Viera, 406-408.

[21] Criaud, 231-234; L'effort camerounais nº 10, Dezembro 1955.

## 3. – Instauração da Hierarquia

Mas entretanto, o Papa Pio XII tomou uma decisão de considerável (avultado) alcance, instituindo largamente a Hierarquia na África negra: Primeiro na África anglófona,[22] onde a presença duma hierarquia protestante tornava a decisão mais urgente, e depois, no dia 14 de Setembro de 1955, na África francófona dependente da Delegação Apostólica de Dakar e, dependente desde então de Roma, da Congregação da Propaganda.

Trinta dioceses e onze arquidioceses – estas últimas igualmente capitais de tantas outras províncias eclesiásticas – foram erigidas. Todos os vigários apostólicos se tornaram Bispos ou Arcebispos residenciais dos seus antigos vicariatos; Os Arcebispos foram os de Dakar, Bamako, Ouagadougou, Conakry, Abidjan, Lomé, Cotonou (antigamente vicariato de Puidah), Yaoundé, Brazzaville, Bangui e Tananarive.

O Delegado Apostólico, longe de ser estranho a esta decisão, tinha secundado o desígnio de Pio XII, que declarava, na Bula «Dum Tantis Ecclesiae», [23] «legitimar os pedidos» do Delegado «na sua solicitação para que fosse instituída a hierarquia regular das igrejas e dos bispos». Monsenhor Lefebvre tornou esta erecção necessária, tornando caduco o sistema dos vicariatos confiados a uma só congregação religiosa, quando fez apelo a Dakar e, tal como noutros lugares, a tantas congregações religiosas diversas. Soube expor ao Papa as vantagens da instauração da Hierarquia: a Igreja, estabelecida de maneira ordinária na África, já não faria figura de estrangeira; os sacerdotes indígenas conceberiam um legítimo orgulho e um desejo acrescido de assumir as suas responsabilidades; esperávamos um movimento incentivado de vocações. Além disso, as relações entre a Igreja e as autoridades civis seriam facilitadas, pois que, lá onde até agora existiam, frente a um só governador civil, cinco ou seis chefes de missão, entre os quais ninguém estava autorizado a falar em nome dos outros, doravante um deles poderia desempenhar este papel: o Arcebispo.

A decisão do Santo Padre, foi seguida do Sagração de Monsenhor de Milleville, Arcebispo de Conacry, e da de Monsenhor Etoga, Auxiliar de Yaoundé. Monsenhor Lefebvre esteve presente às duas consagrações,[24] das quais a segunda marcava aos olhos de todos um

[22] Bula do 18 Abril de 1950, AAS 42 (1950), 615.
[23] BG 664, 242-244; AAS 48 (1956), 113-118.
[24] Échos, Janeiro de 1956, 41-42; BG 664, 255-256.

passo para a africanização da Hierarquia, projectada por Pio XII.

Par acelerar este movimento de «indigenização», o Papa procedia a buscas em todo do lado para encontrar candidatos de origem local, capazes de receber o episcopado. Desde 1946 fundou, para a formação deles, o Colégio São Pedro, em Roma. O Cardeal Eugène Tisserant, Secretário de Sagrada Congregação Oriental e membro da Sagrada Congregação da Propaganda, fazia estudar os *dossiers* de candidatos africanos ou asiáticos por dezenas dos seus subordinados. [25] Foi este Cardeal que insistiu junto de Pio XII para ir, ele e não um outro, entronizar Monsenhor Lefebvre como Arcebispo de Dakar, no dia 19 de Fevereiro de 1956, na Sé. Depois da leitura da Bula, em francês, por Monsenhor Guibert, Sua Eminência, deixando o trono, instalou Monsenhor Lefebvre no seu lugar, para receber a obediência dos seus sacerdotes, e explicou que a alegria desta erecção era o fruto do espírito de Fé e do trabalho renhido de todos os missionários que os tinham precedido. O Cardeal, Prefeito da S. C. Cerimonial, e dum caráter autoritário e exigente, era o terror dos mestres de cerimônia. No meio do nervosismo geral, ficou Monsenhor Lefebvre de humor constante, conservando o seu pequeno sorriso[26] Dizia no entanto do Cardeal: «ele fez-nos a vida negra» Além disso, encarregado da execução das ordenanças da Bula, Monsenhor Lefebvre teria podido reservar-se a entronização dos Arcebispos ou dos Delegados, mas o Cardeal quis entronizar ele mesmo a maior parte deles. O Delegado Apostólico pôde porém entronizar Monsenhor Sartre S. J., em Tananarive, e três outros Bispos da Grande Ilha; entronizou também o seu sufragâneo, Monsenhor Dodds, a Ziguinchor no dia 27 de Maio, depois de ter entronizado os seus amigos, Monsenhor Bonneau em Douala no dia 2 de Abril e Monsenhor Fauret em Pointe-Noire no dia 6 de Abril. Mas foi Sua Eminência que consagrou Monsenhor Mongo, auxiliar de Monsenhor Bonneau. [27] De resto, o Cardeal declarou-se maravilhado com o que presenciou em Dakar, realizado pelo Arcebispo. [28]

Monsenhor Lefebvre estabeleceu uma organização diocesana na sua arquidiocese: uma cúria episcopal, uma oficialidade que confiou ao Padre Nelly OP, que ele apreciava; e os distritos já estabelecidos por ele tornaram-se decanatos; enfim, o Arcebispo promulgou de novo as ordenanças e faculdades comunicadas aos seus sacerdotes

[25] Jean Chelini, l'Eglise sous Pie XII, II, 131.

[26] HÁ, Fevereiro de 1956; P. Buissard, e. Vevey, 31 de Agosto de 1997.

[27] Pannier, 100-101; BG 666, 324-325.

[28] MS. II, 68, 35-36.

segundo as faculdades decenais outorgadas pela Propaganda. Esta organização diocesana sobrepunha-se à organização religiosa, cada congregação religiosa masculina tendo o seu próprio Superior Geral encarregado da vida religiosa e comum dos religiosos do seu distrito.

A erecção da Arquidiocese de Dakar era acompanhada da da província eclesiástica do mesmo nome, cujos sufragâneos foram o novo Bispo de Zinguinchor, a Prefeitura Apostólica de Saint Louis e, no dia 21 de Janeiro de 1957, a de Kaolack.

## 4. - Criador de assembléias episcopais

Existia já, em Madagáscar, uma assembléia episcopal embrionária; com a ordem de Pio XII, Monsenhor Lefebvre forneceu-lhe estatutos e, segundo este modelo, criou três outras assembléias: a dos Ordinários da AOF, dos Camarões e da AEF, a cujas reuniões[29] ele mesmo presidia, em cada dois anos. Cada assembleia devia constituir uma comissão permanente de dez Ordinários eleitos, cujo presidente estivesse rodeado dum conselho permanente, constituído por directores federais de obras que deixassem as decisões ao presidente. [30]

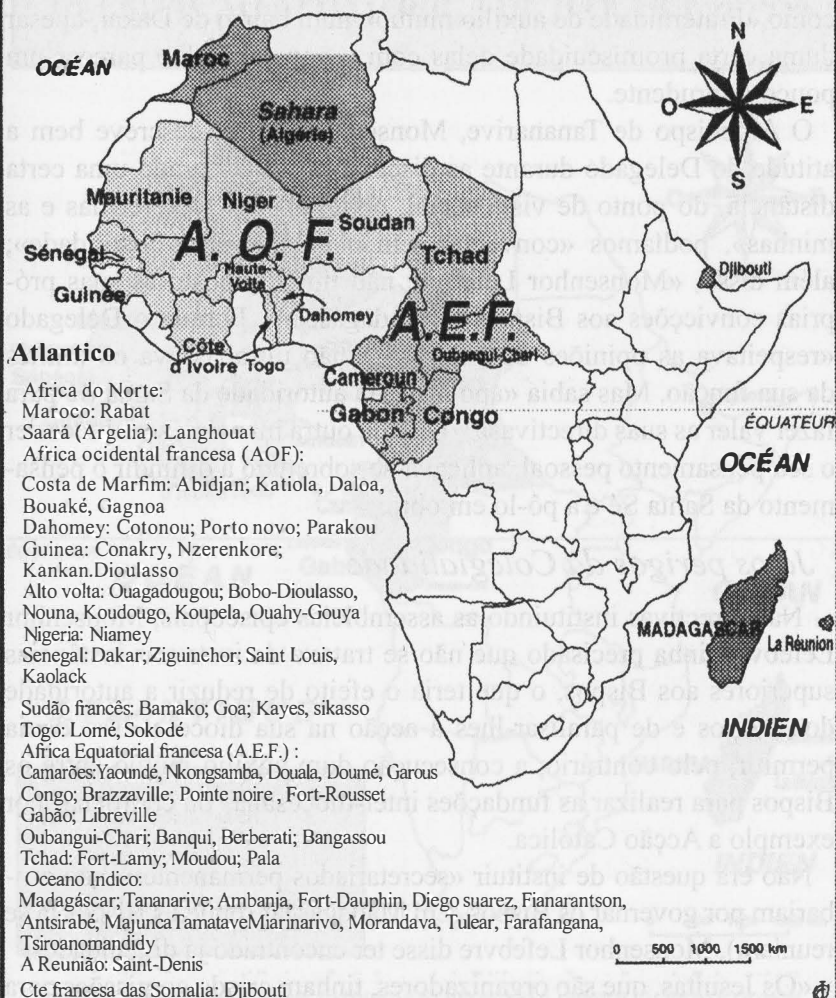
### *Realizações comuns – Divergências – Unidade*

Ali se propunham normas pastorais comuns, concretizadas em 1958 pela obra que o Delegado mandou fazer ao Padre Jesuíta Joseph Greco: vinte cinco anos de pastoral missionária[31] Todos os Bispos foram prevenidos contra os perigos de diligências interconfessionais para defender a «escola livre», em vez de combater pela escola católica.[32]

Ali tratava-se sobretudo de realizações comuns: seminários inter-vicariais, ou regionais, ensinamento católico, Acção Católica, imprensa.

A Acção Católica sobretudo dividia às vezes os Bispos, segundo a sua mente, quer tradicional, quer liberal, de preferência: Foi lá que Monsenhor constatou claramente a luta entre estas duas formas de espírito. Aqueles que tinham um carácter forte, tinham mais influência nas discussões e tendiam a «tomar a direcção das manobras».[33]

---

[29] Fideliter nº 48,48-29 ; nº59,23 ; BG 679, 373-374.
[30] Arquivos OPM, Paris, 742-54-1.
No que concerne a Madagáscar, mas aplicando-se também à África: COSPEC 65 B,9 Junho 1979.
[32] COSPEC 26 B, 10 de Fevereiro 1976.
[33] Monsenhor Lefebvre, E. À Ralph Wiltgen, In Wiltgen, 89

MAJUSCULA: ARQUIDIOCESES (12)
Normal: Dioceses (35)
*Italico: Prefecturas apostolicas (13)*

Felizmente, certos arcebispos não liberais, tal como Monsenhor Strebler[34], de Lomé, ou melhor Monsenhor Graffin[35], exprimiam as mesmas reservas que o Delegado, àcerca de certas formas de apostolado. Um exemplo: Enquanto Monsenhor Bonneau acolhia com solicitude as Pequenas Irmãs de Jesus (Do Padre Voillaume), Monsenhor Graffin não entendia a forma religiosa delas e achava a Pequena Irmã Magdeleine «muito excitada»[36]. Isso era em 1951 e não impediu Monsenhor Lefebvre de acolher estas Irmãs em 1958 como «Fraternidade de auxilio mútuo» num bairro de Dakar, apesar duma certa promiscuidade delas com a população lhe parecer um pouco imprudente.

O Arcebispo de Tananarive, Monsenhor Sartre, descreve bem a atitude do Delegado durante as discussões: «Mau grado uma certa distância, do ponto de vista social, entre as suas preferências e as minhas», podíamos «conversar sem choque e sem hostilidade»; além disso, «Monsenhor Lefebvre não tinha imposto as suas próprias convicções aos Bispos de Madagáscar». Porque o Delegado «respeitava as opiniões dos outros» e não ultrapassava os limites da sua função. Mas sabia «apoiar-se na autoridade da Santa Sé para fazer valer as suas directivas»[37] Dito de outra maneira, sem esconder o seu pensamento pessoal, aplicava-se sobretudo a difundir o pensamento da Santa Sé e a pô-lo em obra.

## *Já os perigos da Colegialidade*

Nas directivas instituindo as assembleias episcopais, Monsenhor Lefebvre tinha precisado que não se tratava de instaurar instâncias superiores aos Bispos, o que teria o efeito de reduzir a autoridade dos Bispos e de paralisar-lhes a acção na sua diocese. Isso devia permitir, pelo contrário, a consecução dum auxilio mútuo entre os Bispos para realizar as fundações inter-diocesanas ou coordenar por exemplo a Acção Católica.

Não era questão de instituir «secretariados permanentes» que acabariam por governar os Bispos. Em Madagáscar (onde os Bispos já se reuniam), Monsenhor Lefebvre disse ter encontrado já dificuldades:

«Os Jesuítas, que são organizadores, tinham criado comissões para a imprensa, para as escolas, para a Acção Católica, etc. Recordei-

---

[34] Terre d'Afrique Messager, Nov. – Dezembro 1984, 66 ; Marziac I, 131.

[35] Antoine Grach CSSP, René Graffin missionnaire ai Cameroun, in revue d'Allex nº 791, p. 18.

[36] Criaud, 221 e 236.

[37] Monsenhor Victor Sartre, Carta 7 Agosto de 1997 ao Padre JML.

# SEMINÁRIOS MAIORES DEPENDENTES DA DELEGAÇÃO APOSTOLICA DE DAKAR EM 1956

N
O E
S

Rabat
Maroc
Sahara (Algérie)
Mauritanie
Niger
Soudan (Mali)
Sébikotane
Sénégal
A. O. F.
Tchad
Djibouti
HAUTE-VOLTA
Koumi
Guinée
DAHOMEY
A.E.F.
Côte d'Ivoire
TOGO
Ouidah
Yaounde
Oubangui-Chari
Cameroun
ÉQUATEUR
Libreville
Congo
Gabon
Brazzaville
OCÉAN ATLANTIQUE
OCÉAN INDIEN
Ambatoroka
MADAGASCAR
La Réunion
0 500 1000 1500 km

Seminários maiores (Clerigo secular) da Africa Francesa em 1956
- até a 15 alunos
- de 16 a 30 alunos
- de 31 a 60 alunos
- de 61 a 80 alunos

FONTE: ANUÁRIO DAS MISSÕES CATÓLICAS DA DELEGAÇÃO APOSTOLICA DE DAKAR (1959)

-lhes que se tratava de comissões consultivas e não de direcção, permanecendo o Bispo sempre mestre na sua diocese, livre de aceitar ou recusar as suas sugestões.»[38]

Dez anos mais tarde, respondendo, no dia 26 de Fevereiro de 1960, ao questionário do Cardeal Tardini para preparar o Concílio, Monsenhor Lefebvre fazia a narração duma experiência bastante negativa destas assembléias episcopais, pedindo para «defini-las exactamente nas suas atribuições» e de «limitá-las no que respeita à frequência e aos poderes», porque «os Bispos encontram-se por demais paralisados por estas assembleias». Em compensação, o Arcebispo de Dakar desejava que se encorajasse «a reunião mais frequente das assembleias (episcopais) provinciais à volta do Arcebispo», tal como ele fazia com fruto na Província Eclesiástica de Dakar.

Outras reuniões frutuosas foram organizadas pelo Delegado: reunião dos Ordinários espiritanos, reunião dos Arcebispos[39], etc.

Em todas as circunstâncias, testemunha um Bispo da Costa do Marfim, Monsenhor Lefebvre «era impressionante por causa da sua tranquilidade, da sua serenidade, do seu sorriso, da sua paciência em escutar, das suas perguntas sempre pertinentes e oportunas. Tinha um sentido agudo da Igreja e do Papado».[40]

## 5. - Um novo rosto da África

### *O prestígio da Igreja*

Monsenhor Lefebvre notava como a sua missão servia a honra da Igreja: «Quando cheguei pela primeira vez a Madagascar[41] havia cem mil madagascarenses reunidos, o Alto Comissário estava presente, a administração, o exército; as honras foram-me prestadas na qualidade de representante da Santa Sé; houve uma recepção no Alto Comissariado... Era a primeira vez que um enviado da Santa Sé pisava a terra madagascarense, e a qualidade do acolhimento que lhe era reservado, servia bem a Igreja Católica. Perante isso, os Protestantes apresentavam poucas coisas»

Uma vez, Monsenhor Lefebvre viajava, de Dakar para Gao, no mesmo avião que o Senhor François Mitterrand, Ministro do Ultramar. A laicidade obriga, ao aterrar, o Ministro do Governo devia passar primeiro que o Delegado do Papa. Mas, durante o voo, a rádio

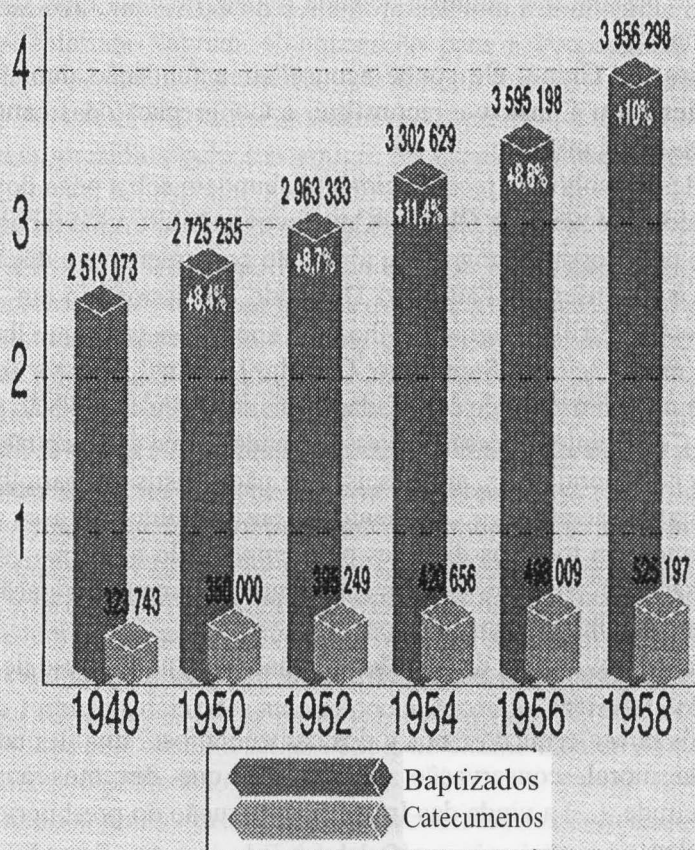
---

[38] Fideliter nº 48, p. 29; nº 59, p. 23

[39] BG 679, 383.

[40] Marziac I, 123

[41] Em Setembro de 1949, BG 627, 172-173

# DELEGAÇÃO APOSTOLICA DE DAKAR EM NUMERO: NUMERO DE FIEIS (1948-1958)

Fonte: Anuário das Missões da Delegação apostolica de Dakar (1959)

anunciou a queda do Governo! O Delegado saiu primeiro e foi ele que recebeu as honras da fileira da tropa, em vez do ex-Ministro, muito humilhado.

«Sim, reconhecerá o Prelado, a Igreja granjeava um prestígio considerável. Fui recebido várias vezes no Eliseu pelo Presidente René Coty e duas vezes pelo General De Gaulle. Tudo isso facilitava a missão.»[42]

## *Animar e aconselhar*

O Delegado aferrava-se a aconselhar ou a suscitar a fundação de tal obra, a encorajar tal outra, aproveitando do conhecimento profundo e pessoal que adquiria de cada região, de cada raça, de cada costume. [43]

Assim, na Guiné, ele soube aconselhar a fundação dum lar de estudantes em Conakry e reconstituir a Congregação das Irmãs Indígenas em Kankan[44].

Os testemunhos de reconhecimento abundam sob a pena dos Bispos e dos directores de Obras: «Conservo um muito vivo reconhecimento pela vossa fiscalização e ajuda tão compreensiva e discreta», escreveu Monsenhor Fauret ao Delegado demissionário em 1959; Monsenhor Etrillard agradece-lhe pelo apoio constante que lhe forneceu para o seu Pré-Seminário; O Padre L. Danel, director federal do ensinamento católico em Madagáscar, escreveu-lhe: «Não penso que o Centro interdiocesano tivesse tomado forma se vós o não suscitásseis, encorajásseis, ajudásseis, e se não insistísseis para lhe dar um estatuto aceitável. (...) Quanto ao ensinamento, a vossa acção foi grande em todas as dioceses para empolgá-lo a fazer o esforço necessário em construir escolas e assegurando uma participação importante dos institutos religiosos».

O Padre Ravitariva, da Missão de Fihaonana, na Diocese de Miarinarivo, confessa:

«Nós nunca esqueceremos todos os benefícios: auxilio material, ajuda moral, conservação da Diocese, que devemos à vossa solicitude, (...) a vinda das Irmãs, a construção do presbitério e da escola».

Porque a caridade do Delegado sabia não apenas encorajar e acon-

---

[42] Fideliter nº 59, p. 24; Conferência aos dirigentes do MJCF, 23 de Dezembro 1984, p. 23

Cónego A. Carette, da Comissão de emparelhamento Lilles-Camarões, carta 29 de Agosto de 1959

[44] Vieira, 383, 384, 490

selhar os Bispos – «Vós guiastes-me paternalmente na minha nova função», escreveu-lhe Monsenhor Alphonse Chantoux, Prefeito Apostólico no Alto-Volta – mas também ajudá-los eficazmente com subvenções financeiras apropriadas.

## *Uma busca incansável de subvenções*

«É mister ser um Delegado escutado para obter o maná», escreveu-lhe Monsenhor Robert Chopard-Lallier, Prefeito Apostólico de Parakou, no Dahomey (Bénin). Este maná, o Delegado obteve-o dos organismos civis como o FIDES (Fundos de Investimento para o Desenvolvimento Económico e Social), que se tornará o FAC em 1959, mas solicita-o sobretudo das obras pontificais missionárias (OPM) dependentes da Sagrada Congregação para a Propaganda. Pelos grandes e pequenos Seminários, ele solicita o maná à Obra de São Pedro Apóstolo, pelo catecumenato ou as escolas, à Obra da Santa Infância, presidida pelo seu amigo, Monsenhor Adrien Bressolles, assistido por Monsenhor Richard Ackerman nos Estados Unidos; e, para as outras realizações, à Obra da Propaganda da Fé (Roma, Paris e Lião). A Direcção Geral da OPF de Roma não será sempre compreensiva: «Quando se tratava de dinheiro, dirá Monsenhor, não era muito edificante». Era necessário saber insistir, mendigar[45]; um dia, ao fim de grandes esforços, não lhe arremessará o empregado romano das finanças um maço de dólares na mesa? O Delegado recolherá calmamente o dinheiro dizendo. «Vou contentar-me sozinho com isto!»

Em compensação, a Direcção parisiense das OPM na Rua Monsieur, animada por Monsenhor Henri Chappoulie, e depois por Monsenhor René Bertin, ser-lhe-á completamente dedicada. O mesmo acontecerá na Suíça da parte do Conselho Missionário Suíço, graças à amizade do «milionário mendigo de Deus», o Doutor Edgar Schorer, de Friburgo, cujas dezenas de documentos de subvenção não são submetidos ao Conselho senão depois do exame médico do «agente missionário» pedinchão.[46]

Os abonos anuais ordinários ou extraordinários solicitados pelo Delegado para todas e cada uma das Obras vicariais ou intervicariais do território da Delegação atingem somas consideráveis,[47] que ele

---

[45] Fideliter n° 59, p. 18; Padre Edward Black, E. 3 de Maio 1998; Padre du Chalard, E. 28 Junho 1998.

[46] Émile Marmy, millionaire e clochard de Dieu, le docteur Edgar Schorer, Ed. Saint-Canisius, Friburgo, 1989, pp. 34, 83, 86; P. Gravrand, MS II, 79

[47] Para o ano 1958, Ele faz o pedido ao OPM de 234 milhões de francos de gratificações ordinária e 119 de gratificações extraordinárias (seja em tudo

próprio distribui consoante o plano de financiamento anual apresentado às OPM. Ao sistema de geminar cidades europeias com regiões de missão, tal como é o exemplo de «Lille-Camarões», «Lyon-Koupela», «Colónia-Japão», que corre o risco de esgotar os recursos das OPM, Monsenhor prefere interessar, por intermédio das OPM, tal paróquia ou tal diocese da Europa a tal realização precisa, africana ou madagascarense[48]: Generosidades seriam assim despertadas.

Monsenhor Lefebvre muitas vezes trazia à memória dos Bispos ordinários e dos directores de Obras o dever de gratidão: «Não esqueçais de fazer um relatório aos benfeitores e às OPM sobre o uso das somas outorgadas», manda ele, e não hesita ele próprio em ir agradecer aos benfeitores notáveis, em casa de cada um.[49] Na ocasião das suas viagens para a Europa ou para o Canadá, o Delegado constitui-se também conferencista e angariador.

Nunca é demais sublinhar o seguinte: a África católica francófona deve o seu desenvolvimento, o seu impulso inegável dos anos cinquenta, à actividade avultada e incessante do Delegado, à sua dedicação, à sua tenacidade. Todos os testemunhos o afirmam e, se se calassem, as pedras mesmas falariam: em todo o lado, as primeiras pedras, as placas comemorativas, os livros de ouro e as crónicas testemunham que centenas de igrejas, escolas, dispensários, salas de obras foram consagradas e abençoadas, e inauguradas por Monsenhor Lefebvre, e deveríamos dizer também que foram fruto de numerosas colectas, peditórios insistentes e subvenções muitas vezes arrancadas com o suor do Delegado de Pio XII. Ora, todas estas pedras, tijolos e perpianhos produziram outras tantas pedras vivas, outras tantas almas cristãs. Sim, depois da passagem de Monsenhor Lefebvre, nunca o rosto da África francófona seria como dantes.

## *Semeador de Paz*

É também a paz que o Delegado semeia na sua passagem quando apazigua a contendas. Na Costa do Marfim, por exemplo, havia «palabre» (palavreado) entre dois Bispos: Monsenhor Boivin, Arcebispo de Abidjan, e Monsenhor Duirat, Bispo de Bouaké, àcerca

15 milhões de dólares, valor do ano 2000), o que não revela as gratificações extraordinárias obtidas directamente pelas dioceses sem passar pela Delegação

[48] Monsenhor Lefebvre, carta do 6 de Março 1958 aos OPM, Arquivos OPM, Paris, 742-58-1. Assim a construção da igreja de Fatick no Senegal foi graças à generosidade dos católicos da diocese de Friburgo

[49] Monsenhor agradeceu assim à Senhora Elsener, directora de Victorinox (fábrica de canivetes suíços) em Ibach, perto de Schwytz

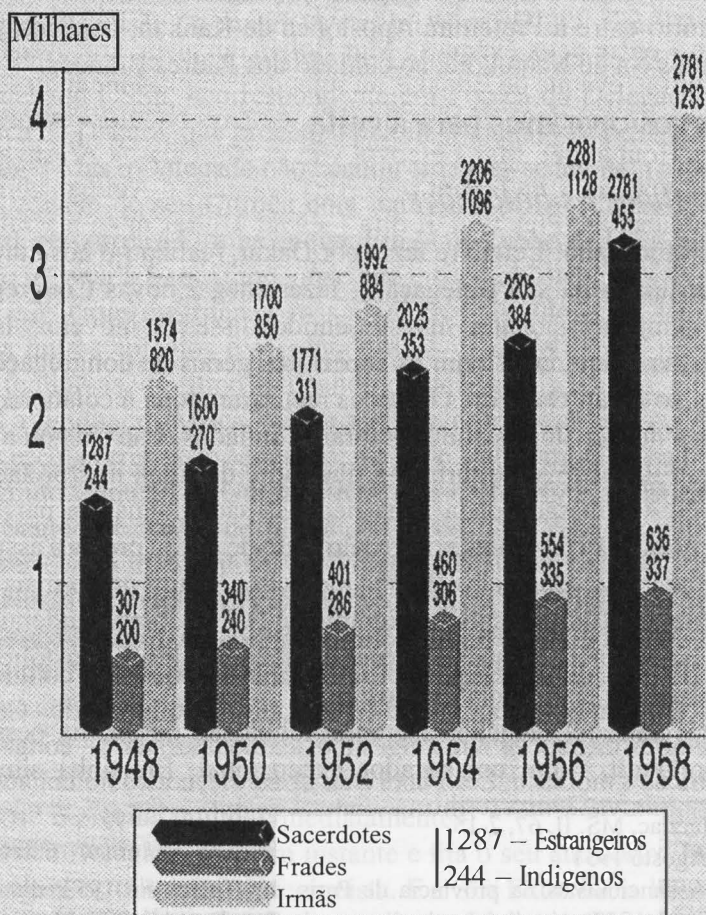
Milhares

4
3
2
1

1287
244
307
200
1574
820
1600
270
340
240
1700
850
1771
311
401
286
1992
884
2025
353
460
306
2206
1096
2205
384
554
335
2281
1128
2781
455
636
337
2781
1233

1948 1950 1952 1954 1956 1958

Sacerdotes
Frades
Irmãs

1287 – Estrangeiros
244 – Indigenos

Fonte: Anuário das Missões católicas da Delegação apostolica de Dakar (1959)

da colocação do Seminário. A casta política queria Bouaké, em país Baoulé, etnia do Presidente Houphouët. Monsenhor Lefebvre veio e aconselhou: «A Anyama, Diocese de Abidjan», fazendo ressaltar a vantagem de Abidjan como centro intelectual. Mais tarde, ele dirá: «Monsenhor Duirat embirrou comigo» mas o assunto foi resolvido e ficou a paz. [50] Em Madagáscar, um litígio opunha dois Bispos e duas Congregações: Os Padres de «La Salette» e os Lazaristas, uma desavença sobre os territórios respectivos. Monsenhor Lefebvre veio[51] e fez uma terceira Congregação que colocou entre as duas outras. [52] Na Guiné, foi igualmente o Delegado que regulamentou uma troca de território entre a Prefeitura Apostólica de Kankan, confiada aos Espiritanos e a de Nzerekoré, ao cuidado dos Padres Brancos. [53]

## 6. Novos operários para a ceifa

### *Multiplicar os batalhões*

O que Monsenhor Lefebvre fazia por Dakar, realizou-o nos numerosos territórios da sua Delegação: fazer chegar novas Congregações ao campo missionário. «Neste sentido, disse ele, inovei.»[54] Isso criou novas dificuldades com os superiores gerais de congregações clericais no lugar. Os Padres Brancos recusaram toda a colaboração masculina nos territórios que lhes foram confiados. Isso chegou a tal ponto que Roma teve de dirimir a questão e dar uma interpretação restrita da «comissão» dada às sociedades sacerdotais em país de missão. Mas fê-lo facilmente, isso pelo facto de que já previa a assunção destas jurisdições pelos Bispos indígenas,[55] num prazo mais ou menos breve. Muitos Bispos, a exemplo de Dakar, compreenderam a necessidade de abrir as suas dioceses a outros batalhões apostólicos, tanto femininos quanto masculinos.

«Tive, relata o Delegado, a grande felicidade de ter, na pessoa do padre Petit, [56] um colaborador excepcional. Ele tinha simul-

[50] P. Marziac, MS. II, 67, 7-15

[51] Em Agosto 1951

[52] Os Assuncionistas da província de Paris, em Tuléar em 1953; diocese erigida em 1957 pela divisão da diocese de Fort-Dauphin. Cf. Marziac I, 126-127

[53] Viera, 355-356; modificação dos limites: 19 Julho de 1951

[54] Entrevista Com André Cagnon, 1987, p. 42

[55] Outra entrevista com o padre Marziac, p. 3; Marziac II, 68-69.

O Padre Henri Petit, qualificado pelo padre Criaud «de homem carismático»; ele tinha o «seu serviço das Congregações religiosas» em Paris, 94 rua Saint-Roch (anuário das Missões católicas, delegado apostólico

taneamente talento e aprumo. Era um pregador excelente e um missionário perfeito (acabado). Os seus superiores autorizaram-no a percorrer toda a Europa e o Canadá. Visitando as Congregações, soube convencê-las plenamente a enviar padres, frades ou religiosas a África, a Madagascar e até a Reunião. A sua argumentação era simples: se tendes missões, tereis vocações. Atraiu assim perto de setenta congregações! Ele vinha encontrar-me regularmente e executávamos o plano: Precisamos Irmãs aqui, Frades acolá, Padres além, professores em tal Diocese. E ele procedia à distribuição energicamente. Certas congregações ficaram a dever a sua sobrevivência apenas à decisão do enxamear das missões.» [57]

Monsenhor recebeu igualmente a ajuda preciosa do Padre Joseph Bouchaud CSSp, «correspondente em França da Delegação Apostólica de Dakar», que procedeu por ele a muitas «diligências delicadas». [58] Mas o Delegado não hesitou em fazer-se também prospector. Ao volante do seu Citroën com matrícula «CD» (Corpo Diplomático), percorreu a Europa inteira. Em Maio-Junho de 1955, percorreu todo o Canadá francófono, onde que visitou o Colégio Saint-Alexandre e as casas espiritanas, mas ainda três bispados, três seminários, dois outros colégios e sessenta e duas casas religiosas masculinas ou femininas, ao ritmo estupendo de duas a seis por dia. Convence uns a fundar em África, outros a estabelecer novas casas: Os frades das escolas cristãs de Montreal, no Togo e no Dahomey, os frades do Sagrado Coração de Gramby, na Costa do Marfim, as Irmãs Servas do Sagrado Coração de Maria de Quebec, em Yaoudé, as Irmãs da Misericórdia de Montreal à Nkongsamba, nos Camarões, as Irmãs de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Saint-Damien de Bellechasse à Niamey, etc. No dia 24 de Maio, em casa dos Trinitaires de Montreal, [59] interpela o seu auditório de padres, frades, escolásticos e alunos do Colégio: «Uma imensa ceifa – quarenta milhões de seres humanos – estão à espera da mensagem divina. Encontrar-se-ão operários suficientes nesta parte da vinha do Senhor para os converter todos? É preciso muito e imediatamente»

Mas o Delegado pára um instante e fita o seu auditório. Todos interrogam os olhos do conferencista. E a Sua Excelência lá continua: «Eis o objectivo da minha viagem para o Canadá francês: solicitar a vossa colaboração para a obra imensa da Evangelização da África negra francesa»

de Dakar, 1959, p. 13); Criaud, 243; Viera, 383.

[57] Fideliter n° 59 p. 25.

[58] Padre Joseph Bouchaud, carta 25 de Agosto de 1959

[59] Estavam já presentes desde 1953 em terra madagascarense.

Ao cabo da sua conferência, Monsenhor dirige-se para a assistência e fala com cada um. Aos alunos do Colégio que o ouviram com atenção, pergunta qual é o seu sonho futuro. [60]

No que respeita a todas as Congregações que visita e revisita em ambos as lados do Atlântico, o Delegado fez prova de paciência e tenacidade, e a sua conduta regula-se segundo esta regra: «Nunca perder a paciência, mas sempre voltar à carga».[61]

Uma anedota: No grande Seminário de Madagáscar dirigido pelos Jesuítas em Ambanidia, ele chega de visita um pouco atrasado. Depois do jantar, os alunos vêm fazer «batchoumani» ao Delegado que desejaria muito falar com eles, mas o Reitor chega: mas, Monsenhor! Agora é o grande silêncio, então... Tenho pena porque eu sei que partireis amanhã muito cedo!

Mas isso não faz mal, eu entendo muito bem, responde Monsenhor Lefebvre.

E ele parte sempre com o mesmo sorriso; mas três dias mais tarde, ei-lo de novo, mas desta vez às nove de manhã e sem prevenir.

- Ah!, eu penso que agora poderei ver os seminaristas e os professores: Vamos ter tempo de falar antes do grande silêncio.[62]

No mesmo ano, 1955, Monsenhor Lefebvre cria um anuário da Delegação Apostólica de Dakar; reeditado cada dois anos, pelas suas estatísticas e descrições precisas, a obra testemunha o estado, em pessoal e em obras, de cada missão, do belo desenvolvimento missionário realizado graças ao trabalho do Delegado. Os Bispos e os responsáveis de obras conservam a recordação da «actividade[63] incansável, corajosa e sorridente» de Monsenhor Lefebvre, da sua «benevolente delicadeza» para com as suas pessoas.[64] Monsenhor Louis Parisot é o mais explícito quando presta «homenagem sincera às virtudes» com que o Delegado desempenhou a sua função: «Rectidão, longanimidade, bondade simples e delicada», qualidades extensivas às «iniciativas apostólicas que o destacaram» [65]

[60] Trinitas, revista do T.O e de arquiconfrária da Santíssima Trindade no Canada, Maio-Julho 1955; Communicantes, revista da FSSPX no Canada, n°62, Julho 1997, pp. 48-49.

[61] Savioz III, anexo, 3. 4.

[62] MS I, 66-67.

[63] Monsenhor de la Moureyre, Carta, 5 de Setembro 1959.

[64] Monsenhor Bernardin Gantin, bispo de Cotonou, carta 24 de Agosto 1959.

[65] Monsenhor Parisot, arcebispo de Cotonou, Ouidah, carta 31 de Agosto 1959.

### *Fundações monásticas*

Uma das iniciativas do Delegado será a aplicação duma directiva que Pio XII lhe deu na altura duma audiência que lhe concedeu em Abril de 1950: «Insistimos, diz-lhe o Papa, para que se realize o voto do Nosso predecessor Pio XI: implantar a vida monástica nos países de missão, e primeiro em África. Poucos Vicariatos apostólicos deram uma sequência à Encíclica *Rerum ecclesiae*».

Ao regressar a Dakar, o Arcebispo escreveu uma circular aos Vigários Apostólicos da sua Delegação para dar a conhecer o desejo do Papa; depois, passou ao Mosteiro de Nossa Senhora de Aiguebelle, em Julho, e decide o Abade, Dom Eugène Court, a ir efectuar uma prospecção africana.

Ao chegar a Dakar, no dia 7 de Janeiro de 1951, o monge visita no dia seguinte o oásis de Sebikotane. – Não falta lugar nos novecentos hectares, fez notar Monsenhor Lefebvre; as Carmelitas de Angers vão instalar-se no decurso do ano e um lugar está reservado para o meu Seminário Maior. Mas um mosteiro masculino pode muito bem ser construído dois ou três quilometros mais longe.

- Sim, reflecte o Padre Abade, mas... Não temos ao nosso dispor uma soma de dinheiro importante para comprar.
- Oh! replica o Arcebispo com um sorriso fino, isso é apenas um pormenor sem importância alguma.

Finalmente os Trapistas instalar-se-ão mais a Sul, onde o Delegado acha ainda assim «um investimento monástico mais rentável», quer dizer nos Camarões, e Monsenhor Lefebvre, na conferência regional dos vigários apostólicos, em meados de Fevereiro de 1954, apoiará a ideia mãe da fundação: Um mosteiro sem paróquia, meramente contemplativo.[66] Sebikotane será também o lugar da fundação da Abadia de Keur-Moussa, dos Beneditinos de Solesmes.

## 7. Uma hierarquia autóctone

Um dia de 1953, Monsenhor Lefebvre vem visitar o Padre Bourdelet em Thiès: «Padre Jules, faça as malas... Desejo que venha completar os seus estudos em Roma, para um grau em Teologia e em Direito Canónico.

O Padre fez as suas malas, mas isso não durou muito. Está tudo pronto quando o Arcebispo regressa: «Mudança de programa! Acabo de receber uma directiva de Roma: devo enviar antes sacerdotes africanos para estudar em Roma. [67]

[66] P. Charbel Gravrand, Fils de Saint Bernard en Afrique, Ed. Beauchesne, 1999, pp. 20-21, 37, 63-64 e 79.

[67] P. Jules Bourdelet, MS. II, 58, 45-58.

E o Colégio São Pedro teve por hóspedes dois novos candidatos ao Episcopado: François-Xavier Dione e Hyacinthe Thiandoum.

Desde o início do seu Pontificado, Pio XII tencionava estabelecer uma hierarquia autóctone, e para isso tinha dois motivos que enunciava nos seus escritos e encíclicas: primeiro, as tendências para a independência e, mais imediatamente as ameaças comunistas contra os missionários da China,[68] requeriam logicamente uma hierarquia autóctone, sob pena de graves dificuldades para as igrejas locais, quer dizer, para a sua «unidade e supranacionalidade», na diversidade das raças e culturas.

Monsenhor Lefebvre entendeu estas razões; como desforra, ele ficou muito descontente com uma reflexão escapada da boca de Monsenhor Costantini na sua presença: «Se pensais que vão ser os Bispos da Europa que converterão inteiramente a África, enganais--vos; é mister ter Bispos africanos»[69]

Um tal desprezo da obra dos Bispos missionários indígenas tinha--lhe parecido inverosímil da parte do Secretário da Propaganda.

O Arcebispo tinha receio da parte de incerteza para o futuro que comportava o idealismo romano com respeito a África: As jovens cristandades africanas seriam suficientemente maduras para se administrar por si próprias? Foi na aceleração do procedimento de amadurecimento que obrava o Delegado. O primeiro Bispo africano da era moderna, Monsenhor Otunga, Auxiliar de Kisumu, no Kenya, foi sagrado em Roma no dia 29 de Outubro de 1939, e o absolutamente primeiro Bispo madagascarense, Monsenhor Ramanosandratana, foi sagrado no mesmo ano, para o Vicariato de Miarinarivo. Depois da guerra, Monsenhor Lefebvre desempenhou um papel essencial, embora matizado, como vamos ver, na designação, de sua competência, de vários eleitos africanos. Foi um «precursor», [70] propondo Monsenhor Paul Etoga, como Auxiliar de Yaoundé, e Monsenhor Tomas Mongo, como Auxiliar de Douala, em 1955. Em seguida viam-se Dieudonné Youkbaré, primeiro Bispo de Koupéla, no Alto-Volta, sagrado pelo Cardeal Gerlier em 1956, e depois – e não foi o último – Bernardin Gantin, sagrado Auxiliar de Cotonou pelo Cardeal Tisserand, em Roma, no dia 3 de Fevereiro de 1957. [71]

[68] A hierarquia foi erigida na China no dia 11 de Abril 1946, apenas três anos antes da proclamação da república popular de Mão-Zedong. Tinha sido erigida desde 1940, no Japão.

[69] PHLH, 77-78. Isso aconteceu perto de 1951 ou 1952.

[70] Testemunha dum jesuíta de Madagáscar, Marziac I, 127.

[71] Chelini II, 130-131.

Todavia, Monsenhor Lefebvre confessava ter «intervindo por vezes no sentido da prudência». [72] Assim, até à morte de Monsenhor Bonneau, os Padres de Douala propuseram o nome de Monsenhor Mongo, o seu Auxiliar, para lhe suceder como cabeça da Diocese; o Delegado transmitiu o pedido a Roma, mas fez saber aos Padres que não estava de acordo com eles (não por se opor a nomeação dum africano, mas porque um bom Auxiliar não faz necessariamente um bom chefe). Além disso, quando a sua nomeação chegou de Roma, apesar do aviso desfavorável do Delegado, Monsenhor Mongo recusa primeiro, com ar «verdadeiramente infeliz», [73] para acabar por aceitar, três semanas mais tarde. Contudo, as apreensões do Delegado foram felizmente desmanchadas pelo governo sábio do Bispo e a sua bela firmeza face ao laicismo do novo Governo dos Camarões. [74]

## 8. O Delegado Apostólico em Roma

Pelo menos uma vez por ano, o Delegado Apostólico visitava o Papa Pio XII, para dar conta da sua actividade e receber as directivas.

«Uma certa simpatia», diz Monsenhor Lefebvre, «nasceu e nos uniu. O Papa manifestava-me sempre muita afeição e testemunhava-me o seu apoio e os seus encorajamentos. Foi verdadeiramente um pai, muito bom, simples e simultaneamente muito digno e muito nobre. Era um homem de quem podemos aproximar-nos apenas com respeito.» [75]

### *Fidei Donum*

Monsenhor Lefebvre respondia às questões que Pio XII, preciso e meticuloso em tudo, tinha preparado, àcerca do crescimento do povo fiel, da subdivisão dos territórios, da Acção Católica, das perspectivas da indigenização. O Delegado, com apoio de números e exemplos, desvendava ao Papa com delicadeza as realidades africanas e madagascarenses: A instauração da Hierarquia, por exemplo, e os primeiros Bispos autóctones não deviam deixar pensar que a acção missionária estivesse ao ponto de acabar. O clero local crescia pouco a pouco em número, mas não era ainda capaz de substituir os missionários, cuja falta se fazia sentir cada vez mais.

[72] Fideliter n° 59, p. 22

[73] Notas do P. J-B Coudray, Criaud, 228-229

[74] A Carta de Monsenhor Mongo, Príncipes pour les pays, foi muito bem sucedida, BG 688; Cf. Também G 689, 264: Demissão de Monsenhor Mongo da comissão consultivo constitucional.

[75] Fideliter n° 59, p. 18

Nestes encontros com o Delegado, Pio XII escuta, memoriza os números estupendos das subvenções caritativas em favor das missões, admira a multiplicação constante das fundações de congregações religiosas no país da Delegação de Dakar: entre 1955 e 1958, as cifras das sociedades masculinas passam de 32 a 39 e os das femininas de 82 a 130.

Podemos dizer que foi depois dos empreendimentos e na sequência das sugestões do Delegado que o Papa Pio XII vai escrever a Encíclica Fidei Donum. [76] Certos parágrafos do documento relatam directamente as preocupações que Monsenhor Lefebvre exprimiu ao Soberano Pontífice[77]:

> «A falta de pessoal e de recursos para converter 85 milhões de animistas africanos e defendê-los contra «outros operários que não os do Senhor»; O convite feito aos Bispos para favorecer o recrutamento das Congregações missionárias e de subvencionar as Missões; a necessidade de «fundar colégios e difundir o ensinamento cristão aos seus diversos graus, bem como de criar organismos sociais que animem o trabalho da fina-flor cristã ao serviço da cidade»; finalmente o receio de que «os povos africanos, vindo a ser desprovidos da influência da Europa, por um nacionalismo cego, apenas possam deixar-se arrastar nos caos da escravatura». [78]

Pelo contrário, parece estranho ao pensamento de Monsenhor Lefebvre o princípio evocado por Pio XII que «aponta a cada Bispo na qualidade de sucessor dos apóstolos, por instituição divina, solidariamente, a responsabilidade da missão apostólica da Igreja»; mas talvez não fosse contrário ao espírito do Delegado a ideia «de pôr a disposição dos Ordinários africanos sacerdotes diocesanos dos países desenvolvidos, para tarefas de apostolado, especializadas ou de ensinamento, «para um prazo limitado», embora o vínculo duma entrega definitiva à missão seja para Monsenhor Lefebvre um dado tradicional[79] Além disso, alguns destes missionários por empréstimo, eivados de teorias à moda europeia, deram muito que fazer ao Arcebispo. [80]

[76] Encíclica 21 de Abril 1957, AAS 49 (1957), 226-248; DC 1251, 581-593

[77] Marziac I, 128; Fideliter n°59 p.11

[78] Cf. Pio XII já na sua mensagem de Natal de1955.

[79] Cf. Mons. Lefebvre, Projet de restauration de l'oeuvre du p. Claude Poullart des Places, (Projecto de restauro da obra do P. Claude Poulart des Places) 26 de Janeiro 1968. Falando do desejo de um certo número do clero seculare de se dedicar às missões», o Arcebispo qualifica-o de desejo realizado parcialmente e imperfeitamente na sequência da Encíclica Fidei Donum».

[80] Bussard, MS. II, 29, 35-38.

Criticava-se Monsenhor por ter chamado à missão tantas Congregações estrangeiras; mas, diz ele, «Pio XII apoiava-me». A influência do Delegado sobre o Sumo Pontífice foi considerável, tanto para dar ao Papa uma visão realista da difícil conversão da África, como para o fazer sempre admitir a prioridade da missão. A melhor prova desta influência benéfica e do reconhecimento que por ela nutria o Sumo Pontífice, é esta expressão de Pio XII, confiada a Monsenhor Villot, vinculado à Secretaria de Estado e seu escrivão para Fidei Donum: «Monsenhor Lefebvre é certamente o mais eficaz e o mais qualificado dentre os delegados apostólicos»[81] Foi por esta razão que o Papa manteve o Delegado no seu lugar para além dos dez anos regulamentares.

## *Conhecimento da Cúria Romana*

Acolhido pelo Papa, o Delegado deve também prestar as suas contas aos Dicastérios e, antes, à Sagrada Congregação da Propaganda, da qual ele vê raramente o Cardeal Prefeito, mas vê regularmente o Secretário, Sua Excelência Monsenhor Pietro Sigismondi, que infelizmente está cheio de trabalho e não tem tempo para tratar dos assuntos com o Delegado. Porque não se rodeia ele de subsecretários para atender os seminaristas e religiosas que devoram o seu tempo? Então o Delegado poderia ser recebido com mais tempo e metodicamente, como em comissão de estudo, porque as tarefas urgentes não estavam verdadeiramente estudadas, aquelas precisamente que eram queridas de Monsenhor Lefebvre: Seminários Maiores, Universidades e obra de formação das *élites*. Além disso, o responsável das finanças recusa categoricamente ouvir estas coisas precisas, e assim a África encontra-se desprovida de *élites* intelectuais católicas verdadeiramente formadas e convictas. [82]

Estas disfunções irritam o Delegado por causa das suas consequências. Ele lamenta às vezes a lentidão dos gabinetes, deseja mais rapidez[83]

Na Secretaria de Estado, onde chega na condição de diplomata, Monsenhor Lefebvre enceta relações com os dois substitutos e depara com um contraste entre os dois homens: Em Doménico Tardini, ele vê um homem de fé, para quem o serviço de Deus se impunha antes de tudo, um homem firme que não receava combater e afirmar as verdades; Em Gianbattista Montini, pelo contrário, ele sente um

[81] Savioz I, 17; III, anexo 3.4; Frade Henri-Louis Valentin OSB, MS. III, 44.

[82] Mons. Lefebvre, resposta ao Card. Tardini, 26 de Fevereiro 1960.

[83] Marziac I, 127; Carta de Dakar, 27 de Agosto 1957; Arq. OPM, Paris, 8240-57-7

homem um pouco arredio e impreciso, receando os combates, as dificuldades. Montini acolhe-o certamente com amabilidade, mas não manifesta muita simpatia para com as ideias do Delegado. Uma vez, Monsenhor Lefebvre fala-lhe do *«Rearmamento Moral»*, fundado pela Maçonaria, e cuja grande casa situada em Caux, perto de Vevey, na Suíça, acolhe os africanos num ambiente de fraternidade universal. «É maravilhosa, dizem os africanos, em Caux todas as religiões se entendem, enquanto que em África os missionários, incessantemente, previnem contra os Protestantes, ateus e o Islão»

- Não podemos deixar que se difundam estas ideias sem reagir, sugere Monsenhor Lefebvre.
- «Ah, não!», responde Monsenhor Montini, «não devemos condenar, condenar e condenar sempre; a Igreja vai parecer tal como uma madrasta» [84]

Felizmente, outros Prelados da Cúria estavam inteiramente dedicados ao Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo: um Cardeal Ottaviani, Secretário do Santo Ofício, estava inteiramente dedicado à Igreja; um Ildebrando Antoniutti, Núncio Apostólico no Canadá e depois em Espanha e futuro cardeal, e muitos outros, «manifestam uma profunda humildade, e este primeiro cuidado: a honra da Igreja, a defesa dos direitos de Nosso Senhor. É isso que os faz viver» [85]

## 9. - Exonerado da Delegação

É neste espírito que trabalhava o Delegado, tornado, sem o ter querido e sem ser «homem de carreira», «uma das personagens mais importantes na Igreja» [86]. Em África, «cumpriu a sua função por dever, por obediência, tendo reservado para si próprio os seus pensamentos pessoais, para apenas deixar transparecer o pensamento oficial da Santa Sé» [87]

Um Gerard-Dubois Burthe evocará em Monsenhor Lefebvre «uma inteligência de um nível muito superior à do clero habitual» e «um homem muito observador do mundo político». O Prelado está familiarizado com o pensamento político contra-revolucionário desenvolvido então por Leon de Poncins, Jacques Ploncard d'Assac ou com o de Jean Madiran, de quem ele recebe em Dakar a revista

---

[84] COSPEC 33 B, 20 de Agosto 1976; 55 B, 17 de Janeiro 1978; 97 A, 11 de Janeiro de 1983; Fideliter n° 59, p. 18; Marziac II, 98. Le rearmement moral afinal será denunciado por Roma.

[85] COSPEC 55 B; BG 710, 548-550; elogio do Cardeal Valério Valeri

[86] P. Vincent Cosmao OP, Courrier de Rome n° 175, p. 12

[87] P. Jean Watine SJ, carta, 21 de Maio 1998.

*Itinéraire*. Um Bernard Cornut-Gentille, Governador-Geral de AOF, reconhecerá, por franco-maçon que seja: «Monsenhor Lefebvre é o homem mais inteligente que eu alguma vez encontrei em África. Por isso, quando ele me vem ver, estou muito atento ao que lhe vou dizer e escuto muito o que ele me quer confiar.» [88]

Se Pio XII tivesse reinado mais tempo, um tal homem teria sido criado Cardeal. Mas as nomeações de cardeais eram uma cruz para Pio XII, que, dum temperamento sensível e impressionável, receava sempre deixar-se influenciar. Assim em vinte anos de pontificado, apenas convocou dois Consistórios para criar Cardeais, e o último data de 1953. [89] No entanto, no Verão de 1956, a *«Voix du Nord»* anunciava que «Monsenhor Lefebvre, Arcebispo de Dakar seria nomeado Cardeal no próximo Consistório.» Ora, este rumor foi criado pela tia do Arcebispo, Marguerite Lemaire-Lefebvre, que queria a todo o custo fazê-lo nomear Cardeal e fazia diligências neste sentido em Roma. Tudo para só «torpedear o processo».[90] Mas não se falou mais no assunto, e Pio XII morreu no dia 9 de Outubro de 1958, sem ter sabido renovar o Sagrado Colégio, em vias de extinção, com a nomeação de alguns fiéis de servidores de Cristo-Rei.

Ainda assim, já antes desta data, em Roma mesmo, Monsenhor Lefebvre «sentia nascer oposições aos princípios que defendia». Assim, ele não foi incluído no número dos Cardeais criados por João XXIII no seu primeiro Consistório, no dia 15 de Dezembro 1958.

No tempo em que era Núncio Apostólico em Paris, Ângelo Roncalli convidava muitas vezes o Delegado para almoçar e mais do que uma vez lhe disse que não concordava que os Bispos diocesanos fossem, simultaneamente, Delegados Apostólicos, encarregados de missões diplomáticas. Além disso, uma vez censurou Monsenhor Lefebvre por ter falado de maneira elogiosa do Padre Le Floch no discurso da sua consagração. Sem dúvida foi o Cardeal Lienart que lhe participou isso. «Certamente, diz Monsenhor Lefebvre, o Papa João XXIII estava longe de me estimar como o Papa Pio XII». [91]

Sabendo isso, o Delegado reputou conveniente, desde a eleição do novo Papa, exprimir à Cúria romana a disposição em que estava de deixar uma ou outra das suas funções.[92] João XXIII interrogou-

---

[88] G. Dubois-Burthe, Entrevista com O Senhor de Penfentenyo, Julho 1998.

[89] Ardeal Tardini, conf. Do 20 de Outubro 1959, DC 1328 (1960), 625-628; sersão germânica: Pius XII als Oberhirte, priester und mensch, Herder, Freiburg, 1961, pp. 63 e 146; Chelini II, 38-41; 519-523

[90] Joseph Lefebvre, MS. I, 43, 8-21

[91] Fideliter n° 59, pp. 20-21

[92] Tr. Do padre Letourneur CSSp relatado por Monsenhor Bressolles, carta a

-o para saber qual era a sua preferência. Monsenhor respondeu que não tinha escolha a fazer, e que por não ter sido por iniciativa sua que acedeu às funções que desempenhava, competia a Roma decidir. A decisão veio, assinada pelo cardeal Agagianian, Pró-Prefeito da Propaganda, no dia 22 de Julho 1959: «Dada a preferência notada por Vossa Excelência» pelo cargo de Arcebispo de Dakar... A amável astúcia diplomática não podia dissimular a verdade: Não queriam mais Monsenhor Lefebvre na função de Delegado Apostólico. A seu irmão Joseph, ao receber esta carta, bem como ao Padre Bussard, na altura do da sua chegada a Dakar, não conseguiu esconder uma emoção passageira, e depois, recompondo-se, disse simplesmente: «Bem, agora sou Bispo de Dakar, bem, isso é tudo.» [93]

Monsenhor Jean-Baptiste Maury, nomeado sucessor de Monsenhor Lefebvre na Delegação de Dakar, estava então, enquanto Coadjutor de Monsenhor Theas, em Lourdes, atarefado com as dificuldades financeiras do santuário mariano; a sua nomeação em África foi para ele um alívio. Sem ser um diplomata de carreira, assim como não o era o seu predecessor, presidiu em Lião ao Conselho Central Francês das Obras Pontificais Missionárias. Monsenhor Lefebvre conhecia-o, portanto, e acolheu-o muito fraternalmente em Dakar no dia 15 de Outubro 1959[94], instalando-o ele mesmo na Delegação. O novo Delegado chegava em tempos difíceis, e em vão tentou impedir Sekou Touré de nacionalizar as escolas católicas da Guiné.

Em seguida, a Delegação tornou-se «Delegação Apostólica da África Ocidental», incluindo a Gâmbia, a Serra Leoa e o Ghana. Em 1961, tornou-se Inter-Nunciatura e, em 1966, Nunciatura, data em que Monsenhor Giovanni Benelli, Pró-Núncio em Dakar, era simultaneamente Delegado Apostólico para a Africa Ocidental. Em reconhecimento pela actividade eficaz de Monsenhor Lefebvre enquanto Delegado apostólico de Dakar, João XXIII conferiu-lhe a dignidade de Assistente ao Trono Pontifical[95] O Arcebispo manteve-se, além disso, Presidente da Assembleia dos Arcebispos da África de Oeste, cuja primeira reunião, presidida por Monsenhor Maury, instituiu seis comissões episcopais permanentes, sendo Monsenhor Lefebvre o presidente da comissão da imprensa, da rádio e do cinema.[96]

---

Monsenhor Lefebvre, Verão 1959.

[93] Joseph Lefebvre, Ms. I, 44, 4-28; P. André Buttet, MS. I, 26, 44-46

[94] Observador Romano, 18 de Agosto 1959; BG 686, 132; HA, Novembro 1959.

[95] Carta da secretaria de Estado, no dia 30 de Novembro de 1960 prot. 4695 on.; BG 694, 430-431

[96] HA, Março 1961, reunião dias 24-28 de Janeiro 1961; BG 695, 509

# Capítulo X

# Escaramuças africanas

Doravante, Monsenhor Lefebvre concede todo o seu tempo à Diocese de Dakar e começa por reencontrar «um contacto mais imediato com as pessoas e até com as coisas»[1] Sem precisar doravante de Bispo Auxiliar, todavia mantém a presença de Monsenhor Guibert até que a Santa Sé, no dia 7 de Novembro de 1960, encontra para ele uma afectação: a Diocese de Saint-Denis de Reunião. [2] Os dois últimos anos de episcopado do Prelado em Dakar (fim de 1959- início de 1962) são dois anos de debates àcerca do tema da independência do País.

## 1. - «Inculturação» e ecumenismo

Escrevendo o prefácio, em 1956, da obra colectiva de «Sacerdotes Negros Interrogam-se», [3] Monsenhor Lefebvre mostra-se favorável a uma certa africanização da liturgia. Reconhece que «não há nenhuma obrigação em conservar unicamente as melodias de composição europeia» e que há um trabalho a realizar em todas as línguas e nas melodias do país» [4]; admite a dança religiosa por ocasião das festas exteriores (fora da igreja) e dos cortejos, mas não dentro das procissões; sugere confiar aos artistas indígenas a pintura e a esculturas nas igrejas. Sempre exigindo um «estudo» das cerimónias mais ou menos fetichistas e supersticiosas que acompanham os eventos da vida social, quer dizer, com palavras discretas, proceder ao seu exame crítico, ele concede que «nada impede no entanto um estudo para uma certa adopção das cerimónias costumeiras que po-

[1] LC sobre o apostolado, 1960, Carta pastoral e escritos, p. 129

Em substituição de Monsenhor François Cléret de Langavant CSSp, BG 694, 431

[3] Ed. De Cerf, Paris, 1956

[4] Aos seus seminaristas, seduzidos pela «criatividade», pergunta ele «Bem, proponde-me alguma coisa». Mas não souberam apresentar nada em matéria de cânticos.

deriam ser cristianizadas, sobretudo no que respeita aos ritos fúnebres e certos usos que acompanham o matrimónio. O ritual poderia muito bem aumentar-se com certas bençãos adaptadas aos costumes e usos africanos.»

Este desejo de uma inculturação litúrgica moderada, circunstanciada e submissa à autoridade da Igreja, para a boa ordem, corresponde ao desejo expresso por Pio XII [5], mas será logo ultrapassada por reivindicações mais radicais, tal como este voto do III° Congresso Internacional do Instituto Pontifical de Música Sacra que, em Julho de 1957, em Roma, queria «favorecer a música litúrgica de inspiração autóctone» [6] e, portanto, abrir as portas das igrejas aos tantã e às marimbas. É assim que vão fazer os beneditinos de Keur Moussa, introduzindo estes instrumentos em vez de conservar o cântico gregoriano.[7] Mesmo sem instrumentos, devemos por outro motivo evitar que estes ritmos musicais provoquem bater de palmas e agitação de cabeça em cadência[8], que não convêm num lugar sagrado. Monsenhor Lefebvre exige justamente que se evite o estilo do «espiritual negro».

Por outro lado – Monsenhor Lefebvre opôs-se às fantasias pessoais nos ritos [9] –, o Arcebispo ficará sempre aberto a certas inovações litúrgicas, desde que sejam aprovadas pela autoridade. Em 1957, Monsenhor Lefebvre promove «equipas litúrgicas» de leigos para «tornar mais viva a participação dos fiéis no Santo Sacrifício», bem como nas missas da tarde. [10] Em 1960, Monsenhor Lefebvre adopta o directório para a pastoral da Missa em uso nas dioceses de França que promove uma participação activa e comunitária» – o estribilho da reforma litúrgica já em gestação no CNPL em Paris, ou junto de Monsenhor Aníbal Bugnini em Roma. Mas, constatando certas consequências deste princípio sem bem ainda perceber o equívoco, o Arcebispo exige que «durante a Missa se cuide de arranjar tempos de silêncio» [11]

---

[5] Alocução ai Congresso de Assis, 22 de Setembro 1956, citada por Monsenhor Lefebvre, LC 53 (1956), 9. Pio XII fala da Liturgia actual que regressa ao passado e que cria coisas novas», EPS, A liturgia, pp. 807, 817, 822.

[6] BG 675, 198 (agencia Fides, 20 de Julho 1957).

[7] Fideliter n° 59, p. 25

[8] Tal como este cântico a Virgem Maria , de estilo musical beti, entoado no dia 8 de Agosto 1954 no estádio de Yaoundé. Criaud, 237-238

[9] MS. I, 19, 52-53

[10] LC 57 (1957), 4

[11] LC, 20 de Maio de 1960, 13

Admiramos aqui o Prelado, tanto na sua prudência sem preconceito, mas forte de princípios, bem como o seu sentido pastoral inventivo, mas preocupado com o respeito da ordem hierárquica.

## *Cerimónias inter-religiosas em Dakar*

Um dia, Monsenhor teve uma desavença com o seu Vigário-Geral. Era depois da Independência, e o Arcebispo estava ausente para Nouakchott, quando um avião se avariou na entrada do aeroporto de Yoff (Dakar) e caiu na água. Houve cento e sessenta vítimas, de todas as confissões, sem que fosse possível distinguir quem era católico ou quem era muçulmano. O Director da companhia *Air-France*, católico praticante, veio encontrar o Padre Bussard, que relata:

> Não poderíeis fazer uma cerimónia comum, perguntou o Director?
>
> Não, respondi eu, não todos os diversos cultos no mesmo tempo. Vejo uma solução: ofereço o grande pátio vizinho da casa do Arcebispo, os três cultos suceder-se-ão e pedirei ao Núncio para dar a bênção da absolvição.
>
> Monsenhor Maury aceitou, na condição de fazer isso primeiro e de não assistir aos outros cultos.
>
> Esteve presente todo o Governo e o Núncio entoou o *Libera me* que os católicos cantaram com todo o seu coração. Depois, o Pastor protestante fez uma leitura sem sabor. Quanto ao Morabito, não queria aparecer. Foi mister eu mandar chamá-lo por intermédio de Mamadou Dia para que viesse», senão vai acreditar-se que nós não queríamos aceitar a sua participação; ora é o contrário». O Morabito veio por fim e fez umas leituras do Corão e assim acabou a cerimónia.
>
> Os católicos diziam: «Ah, pudemos mostrar aos outros no que consiste uma cerimónia de luto católica, os outros foram uma nulidade!»

Monsenhor Lefebvre regressou no dia seguinte; fui buscá-lo ao aeroporto.

> Ouvi no rádio que houve uma cerimónia no terreno junto à Sé; e autorizou isso?
>
> Sim, autorizei.
>
> Mas isso é *communicatio in sacris* (mistura em coisas sagradas com as outras religiões, que é pecado grave contra a prática da fé)
>
> Não, Monsenhor. O termo é justo, mas não se aplica neste

caso, porque a parte católica era separada; e depois é o Núncio Apostólico que...

«Oh, sim!», foi a resposta do Arcebispo, «mas isso não é uma referência».

O Arcebispo era simpático com toda a gente, mas às vezes tinha pequenas asperezas, tal como esta.

Monsenhor, não houve *communicatio in sacris*, foi o triunfo dos católicos, podeis perguntar a quem quer que seja.

Então, Monsenhor dirigiu-se ao seu secretário, que era estrito nesta área:

Que pensa disso, Padre Duguy?

Ah, Monsenhor, O Padre Bussard fez tudo bem.

«Também o senhor!», respondeu o Arcebispo.

E depois acabou a conversa, não se falou mais nisso, porque eu lhe disse:

Monsenhor, se pensais que eu fiz mal, sabei que eu vos peço a minha demissão sem problema.

Então ele já não disse nada. Mas não admitiu a coisa assim, penso eu. [12]

Certamente que o Arcebispo não admitiu uma coisa, nem podia, por causa do cheiro a relativismo ou a indiferentismo, que a associação das três cerimónias cultuais, mesmo que sucessivas, continha em si mesma. Não se podia transigir com os princípios, admitindo esta aproximação equívoca, que equivalia a pôr em causa a única verdadeira religião. Neste ponto, Monsenhor Lefebvre não variou um «iota»: Ele dirá «Não!». Em Assis, em 1986, tal como fez em Yoff, em 1960. Mas começar a discutir a aplicação deste princípio, não tinha vontade para isso: para ele tudo estava claro, e estava desconcertado ao certificar-se que os seus colaboradores mais seguros haviam vacilado. A fórmula *communicatio in sacris* atravessou o seu espírito porque a sua fé intuitiva não pôde encontrar, na sua indignação, expressão mais acutilante e forte para marcar com o ferrete esta acção, que rebaixa Jesus Cristo e a sua Igreja.

## 2. - O Islão

### *A Cruz e o Crescente*

Desde a tomada da sua função em Dakar, Monsenhor mostra-se cuidadoso para não ferir os Muçulmanos, entre os quais ele encontra frequentemente os grandes Morabitos e aos quais manifesta uma cordial civilidade. Perante eles, evocou na sua alocução na Sé, na

[12] P. Bussard, MS I, 12-13

ocasião da sua instalação como Delegado Apostólico, «o vínculo fundamental que aproxima os Cristãos dos Muçulmanos: a fé em Deus.» [13] Em 1953, alegra-se «pelos contactos conseguidos entre cristãos e jovens muçulmanos» graças aos centros culturais. «Junto à juventude muçulmana que pouco pratica», diz ele, «e que sem dúvida, coloca a questão da fé, a esperança renasce para um apostolado mais do que indirecto».[14] Por outro lado, o laicismo, diz ele, tem efeitos catastróficos em África: infância delinquente, roubo, etc.».[15] É certo que, mais ou menos livre da lei islâmica, esta juventude estranha à lei de Cristo, está exposta a toda a devassidão. Em 1956, parece-lhe que todos os choques que sacodem o Islão – vêmo-lo agora – quebram os enquadramentos sociais que mantiveram presa esta massa de gente e a impedia de se voltar para a Igreja Católica». «Já», acrescenta ele, «numerosos muçulmanos vêm participar nos círculos de estudo, tomar conhecimento dos ensinamentos da Igreja e dos Papas. A *élite* olha para a Igreja» [16].

Estas esperanças do Arcebispo acompanham-se de uma apreciação realista da acção do Islão na África Negra[17] dirigida contra a moral e a fé cristã.

> «Relamos», dirá ele mais tarde, a carta em que São Pio V, o vitorioso de Lepanto, pede a Filipe II, Rei de Espanha, para intervir firmemente contra o Islão para impedir a corrupção e a imoralidade que difunde para ganhar os meios católicos»

O Prelado evocará também a espantosa imoralidade dos meios senegalense: «divórcios constantes, troca de mulheres, prostituição aberta, que era essencialmente o feito dos muçulmanos.» [18] Numa carta dirigida aos fiéis em 1954, Monsenhor Lefebvre denuncia a escravidão que continua:

> «É desconhecer muito África, escreve ele, considerá-la libertada. Todos os missionários que atravessaram o deserto do Sara ou viajaram nos confins das regiões desérticas conseguem rapidamente reconhecer, nos grupos nómadas que percorrem estas

[13] HA, Janeiro 1949, p. 11. Monsenhor Lefebvre não diz «A fé em Deus».

[14] Conf. De Monsenhor Lefebvre em Santa Chiara, 20 de Novembro 1953. Échos, Janeiro 1954, 24

[15] Conf. De Monsenhor Lefebvre em Santa Chiara, Échos, Julho 1955, 31

[16] Conf. A Santa Chiara, 19 de Novembro 1956, Échos, Janeiro 1957, 33-34

[17] Monsenhor Bressolles, «l'Islam et l'Afrique noire», Revista dos trabalhos da academia das ciências morais e politicas, 110° ano, 4° seria, ano 1957, 1° trimestre, lib. Siren.

[18] Fideliter n° 59, pp. 29-30

terras imensas, os escravos e os mestres, quer pela tez da cara, quer pelas ocupações reservadas aos escravos»[19]

Quanto à conversão dos muçulmanos, Monsenhor Lefebvre sabe por experiência que não pode esperar-se dos pequenos, tributários das suas famílias para viver; «Se têm a infelicidade de converter-se, arriscam as piores crueldades e até a prisão».[20] A pressão social do Islão é um cavalicoque que mantém as almas no terror.[21]

«Apenas a profunda ilusão de alguns europeus, escreveu Monsenhor Le Roy em 1900, pôde dizer que o Islão é um primeiro passo dos povos pagãos para o Cristianismo; o Islão não é um primeiro grau que trepamos, é um muro contra o qual paramos.[22]

Todavia, em alguns meios intelectuais liberados da tutela sócio-religiosa local, a conversão é possível, diz o Arcebispo de Dakar: «Senegaleses, homens políticos, ou homens exercendo responsabilidades se converteram assim.» Em contrapartida, os chefes costumeiros, «grandes polígamos, raramente se converteram ao Catolicismo porque teriam de deixar as suas mulheres. Renunciavam muito dificilmente também a esta arrogância, a este totalitarismo[23] que praticam até os pequenos chefes de aldeia». Em 1965, enquanto alguns arkis refugiados na França, e extractos por isso da tutela do seu meio, se abriam ao cristianismo, Monsenhor Lefebvre escrevia ao Padre Maurice Avril:

«Rezo de todo o meu coração para que o seu apostolado se realize, e que prove pelos factos que os Muçulmanos também são chamados para participar ao Corpo e ao Sangue de Nosso Senhor.»[24]

E escreveu em 1987:

«Se as nações ocidentais que tinham a função de educar estes povos africanos não tivessem atraiçoado a sua missão,[25] e se a Igreja, ela mesma, não se tivesse renegado, em vez de registar a inquietante progressão do Islão, a maior parte da África seria hoje católica.»[26]

---

[19] Carta citada por Trinitas, Maio-Julho 1957; Communicantes, revista da Fraternidade São Pio X no Canadá, n° 62, Julho1997, p. 50. Cf. Vigilance Sudão, n° 67, Maio 1998, p. 4 denunciando «mais de mil crianças escravos da milícias dos Moudjahidin»

[20] Fideliter n° 59, loc. Cit.

[21] Cf RETREC, 3d3 Abril 1977

[22] D.T.C., I, col. 534 (Art. Africa).

[23] Fideliter n° 59, loc. Cit.

[24] Carta do 7 de Julho 1965, in P. Maurice Avril, «La XII croisade», Salérans, 1990, p. 84

[25] Os governantes mações e liberais proíbem aos missionários a conversão dos muçulmanos. Na Igreja, Massignon opôs-se também à conversão deles. P. Maurice Avril, op. Cit., Capitulo 2

[26] Fideliter n° 59, p. 31

## *O Islão permeável ao Comunismo*

Falando em 1956 ao Seminário Francês de Roma, Monsenhor Lefebvre revela o antagonismo que opõe, no Islão africano, as confrarias tradicionais às correntes reformistas, puristas e pan-árabicas, promovidas pelo Cairo. De regresso a suas casas, os estudantes negros da Universidade de El-Azhar «apregoam nas mesquitas a luta contra os ocidentais e contra os missionários». Ora, explica Monsenhor Lefebvre, este pan-islamismo favorece a influência comunista: «O Congresso de Addis-Abéba, esta capital onde a influência marxista torna a ser anarquizante», concluía, não é verdadeiro, pelas seguintes palavras:

«Temos de islamizar para comunizar» (...) Como o dizia o Cardeal Tisserant: «enganam-se absolutamente aqueles que acreditam que o Islão é um amparo contra o comunismo». [27]

Não é verdade que o muçulmano senegalês Mamadou Dia, futuro chefe do Governo, considerava, em 1957, a federação dos estados africanos francófono, com que sonha Senghor, como a «única válida», «juntando-se ao ensinamento de Marx e de Lenin»[28]?

A demanda de um redactor do jornal quotidiano do Canadá, *Le Devoir*, Monsenhor redige, no dia 2 de Novembro de 1959, um artigo intitulado «Os estados cristãos vão entregar a África Negra à Estrela?», em que escreve «São os paises com maioria muçulmana que se afastam mais rapidamente do Ocidente e recorrem aos métodos comunistas, (...) fanatismo, colectivismo, escravatura para com as famílias», às quais os costumes do Islão parecem particularmente permeáveis. Assim, diz o Arcebispo, a Guiné e o Sudão (Futuro Mali) já estão organizados pelo interior «segundo os métodos de inspiração marxista». E ele interroga-se: «A sabedoria senegalesa vai superar talvez, senão o comunismo reinará de Dakar até a Gao»

Dito doutra forma: O católico Senghor conseguirá resistir ao muçulmano marxista Modibo Keita?, pois que, desde Janeiro, os dois paises autóctones, Senegal e Sudão, fundiram-se numa «Federação do Mali», cujo chefe de Governo é o sudanês Modibo Keita, sendo Senghor apenas Presidente da Assembleia Federal.

O artigo retomado no dia 18 de Dezembro de 1959 por *La France catholique*, foi divulgado no Senegal. Mamadou Dia, chefe do Go-

---

[27] Échos, Janeiro 1957 (Conferência dada no dia 19 de Novembro 1956).

[28] Congresso internacional de reagrupamento dos partidos políticos africanos, Dakar, 11-13 de Janeiro 1957. Paul Auphan, Histoire de la decolonisation, France-Empire, Paris 1975, p. 160.

verno, que acabou de ser recebido em audiência por João XXIII, entrou «numa raiva incrível». [29] Modibo Keita escreveu uma artigo virulento, denunciando a atitude «anti-islâmica» do Arcebispo. Monsenhor Lefebvre foi imediatamente atacado na rádio pelo Ministro da Informação, Lamine Diakhaté: «Não sabíamos que Monsenhor Lefebvre acalentava de tais ideias sobre o Islão».

O Arcebispo ficou muito embaraçado; não tinha medido as suas palavras sobre o Islão com o amieiro senegalês, nem previsto que o seu texto fosse divulgado justamente após a passagem do General De Gaulle, que concedeu a independência de princípio à «Federação do Mali». Por intermédio do seu Auxiliar, Monsenhor Lefebvre teve uma entrevista secreta e nocturna com o Grão-Morabito Seydou Nourou Tall, ao qual assegura que não pusera em causa o Islão senegalês.[30] O representante da França, De Boislambert, por seu lado, pediu ao Arcebispo que viesse encontrá-lo, para «Lhe explicar, diz ele, os inconvenientes de asserções pelo menos aventurosas ou inoportunas».[31] Monsenhor Lefebvre, depois de ter decidido guardar o silêncio sobre o assunto, tenta explicar-se sobre isso no *Horizons Africains* em Março de 1960.

Mas o divorcio, sucedido no dia 20 de Agosto de 1960, entre Senegal e a Federação do Mali vai aliviar o Arcebispo de Dakar das suas inquietações: o Senegal não se tornará, nem uma república islamista, nem uma democracia popular.

## 3. A Independência

### *A descolonização*

Em Setembro de 1949, os representantes de várias Congregações missionárias, trabalhando em África, reunidos sob a presidência de Monsenhor Lefebvre, Delegado Apostólico, e de Monsenhor Chappoulie, Bispo de Angers e presidente das Obras Pontificais Missionárias, tinham decidido a criação duma obra que se tornou a Capelania dos Estudantes Católicos do Ultramar em França. A pedido de Monsenhor Lefebvre, ela foi confiada ao Padre Joseph Michel CSSp, que se destacava no Congo-Loango, pela sua coragem em tentar «travar a propaganda socialista entre os cristãos». [32] O Pa-

[29] P. Louis Carron, MS. I, 61, 6-14; Mons. Lefebvre tinha notificado com satisfação a audiência do Papa ao Primeiro Ministro; HA 114, Novembro 1959. P. Gravrand, MS III, 10, 48-65

[30] MS I, 24, 33-42

[31] Claude Hettier de Boislambert, Les fers de l’espoir, Plon, 1978, pp.540-541.

[32] Cf. Guy Pannier, l’Eglise de Pointe-Noire, pp. 65-66 e 69.

dre Michel foi portanto o Capelão de 1950 até 1958. No seu Boletim bimestral *Tam-Tam*, para suscitar o interesse dos estudantes negros, o Padre tornou-se um destemido propagandista da Independência. A sua conferência, dada no dia 23 de Fevereiro de 1954, na altura duma tarde organizada por Pax Cristi em Paris, tratou do «dever de descolonização»: A meta da colonização é a descolonização, diz o orador. A ideia era ousada mas justa. Monsenhor Lefebvre aprovou-o,[33] e manteve o seu apoio à Capelania e ao seu Capelão.

No entanto, é mister reconhecer que a conferência fazia demasiada abstracção da realidade africana e, sobretudo, da conversão dos povos a Cristo. Sobre os danos previsíveis duma descolonização que não tomaria em conta estes dados, o orador não diz nada. Assim, viu-se mesmo no meio da conferência, Monsenhor Bressolles, presidente das Obras da Santa infância, abandonar ostensivamente a sala. François Charles-Roux, antigo embaixador de França no Vaticano, tentou de seguida refutar o Padre Michel. Mas o debate encetou um falso trilho e não saiu de lá.

Descolonizar não constituía problema para Monsenhor Lefebvre, mas a questão era para ele o como: Que forma tomarão os futuros novos estados, interiormente divididos em etnias rivais que a religião católica não conseguia unir? Aplicar-lhes os princípios democráticos à moda europeia, laicista e igualitária, não seria condená-los aos caos?

### *Rumo à Independência*

A Conferência de Brazzaville, convocada de 30 de Janeiro até 8 de Fevereiro 1944 pelo General De Gaulle, oficialmente oposto à toda a ideia de independência, tinha no entanto admitido no porvir «a caminhada por etapa (...) para a personalidade política» das colónias francesas africanas. A perda da Indochina (1954), a rebelião na Argélia (desde 1 de Novembro 1954) e nos Camarões (desde Maio 1955), a independência concedida ao Marrocos e à Tunísia (2 e 20 de Março 1956), etc., sugeriram ao Governo francês instituir uma autonomia interna nos seus territórios da África negra: A «Loi-Cadre» (Lei-Quadro) de Gaston Defferre, votada no dia 23 de Junho de 1956, faz assistir o governador de cada território dum conselho

[33] Mémoire spiritaine n° 4 (Joseph Michel et le devoir de décolonnisation; José Miguel e a descolonização), pp. 132-133; P. Dominique Desorbry OP. Carta à Monsenhor Lefebvre, dia 6 de Setembro de 1959.

governamental composto de membros eleitos por uma assembleia territorial, ela mesma emanada duma consulta popular. [34]

No Senegal, Senghor foi eleito presidente deste conselho, ao passo que o vice-presidente eleito, o muçulmano Mamadou Dia, se torna chefe efectivo do Governo. [35] Em Maio de 1957, os decretos de aplicação da «Loi-Cadre» instituem já uma assembleia quase legislativa no Senegal, bem como noutros lugares.

O golpe de força desencadeado no dia 13 de Maio 1958 em Argel, em favor da Argélia Francesa, inquieta a classe política da África Negra: não seria o regresso da colonização armada? A personalidade do General De Gaulle, diz Monsenhor Lefebvre aos seminaristas de Santa Chiara, [36] tranquiliza os africanos, um De Gaulle levado ao poder pelos adversários da independência e que agora está decidido a desembaraçar a França «dos encargos que as suas colónias lhe custam». Resolvido a inscrever a autonomia interna dos países africanos, bem como a sua união externa com a França, na Constituição da V República, com o vocábulo de «Comunidade», o General vem a África solicitar o «Sim» das populações no próximo referendo, usando do seu prestígio.

Mas em Conakry, no dia 25 de Agosto, o líder guinéu Sekou Touré exige num discurso violento, a independência imediata. É a ruptura. De Gaulle, que se sentiu agredido, deixa-o no dia seguinte com estas palavras: «Adeus Guiné!» O *«crash»* de Conakry alastra-se com a rapidez da harmonia e, no dia 26 de Agosto, na Praça Protêt de Dakar, alguns manifestantes pagos pelos comunistas, vindos de França, gritam estribilhos e assestam cartazes de «independência imediata». Interpelando os portadores de cartazes, De Gaulle lança: «eles querem a independência, que a tomem no dia 28 de Setembro...» Os Dakarenses ficaram surpreendidos. A proposição da independência imediata desagrada-lhes. Se ela corta o efeito dos contestatários, inquieta o Ministro da França do Ultramar e perturba o Arcebispo que sente no propósito precipitado do General uma concessão não razoável a uma pressão popular artificial. Enquanto que Senghor brilha pela sua ausência, o Ministro do Ultramar, Cornut-Gentille,

---

[34] Biarnes, 286, 339-341; Delcourt, 101. A consulta foi efectuado por sufrágio universal dum colégio único, quer dizer sem distinção de origem, de etnia nem de religião. Era o esmagamento de todas as hierarquias naturais das minorias.

[35] Sorel, 125

[36] Conferências em Santa Chiara, 14 de Novembro 1958, Échos, Janeiro de 1959, 43-44

salva a situação. Encontra os Morabitos e obtém o manutenção da sua posição favorável à união com a França. O «sim» dos Morabitos produziu no dia 28 de Setembro, no referendo, um voto maciço em favor da «Comunidade» (com a França). No dia 25 de Novembro de 1958, o Senegal, na Comunidade tornou-se uma república cujo presidente era Senghor. [37]

## *Monsenhor Lefebvre e a Independência*

O Arcebispo de Dakar, ainda não se exprimiu publicamente sobre a Independência. A sua função de Delegado da Santa-Sé, a presidência que desempenha das diversas assembleias episcopais apenas lhe permitem exprimir, com os seus colegas no Episcopado, um optimismo encomendado. «A declaração comum dos Bispos da AOF e do Togo», de 24 de Abril de 1955, [38] co-assinado por ele, não consegue desvendar o seu pensamento. No entanto, em 1957, ele obtém de Pio XII, no Fidei Donum, que acautele os povos africanos contra «um nacionalismo cego que poderia lançá-los no caos e na escravatura.»

É o receio, baseado nos factos, que ele, Monsenhor Lefebvre, exprime, no dia 26 de Agosto de 1958, ao General De Gaulle, que o chamou para lhe falar e lhe relatar a sua desventura de Conakry:

– «Eu não podia fazer doutra maneira diz,-lhe o General, mas penso que com Sekou Touré, podemos ainda entender-nos.

– Mas é evidente que ele é comunista, responde o Arcebispo.

– Não, não, não! Não é comunista, podemos entender-nos. [39]

Bem entendido, já não podíamos entender-nos, explicava Monsenhor Lefebvre em Santa Chiara, no dia 14 de Novembro: Sekou Touré ameaçava já as escolas cristãs, estabelecia tribunais populares e proibia as associações cristãs. «A Guiné já não muito longe da China», comenta o Arcebispo. Logo, de facto, tendo protestado contra o regime, Monsenhor de Milleville será expulso de Guiné[40] e, depois, será a vez de todos os missionários. No entanto, o Arcebispo tem boa

---

[37] De Gaulle , Mémoire d'espoire, (Memoria de Esperança) I, 60-62; Sorel, 135-139

[38] DC 1200 (1955), 670; 1259 (1957), 1130

[39] P. Marziac, primeira conversa com Monsenhor Lefebvre, p. 18

[40] BG 693, 418; o Arcebispo expulso no dia 26 de Agosto 1961 (BG 699, 655-656), foi acolhido em Dakar por Monsenhor Lefebvre na mesma tarde. Ainda sob o golpe do temor, Monsenhor de Milleville responde apenas às questões do seu hóspede. Foi sòmente depois de alguns dias que ele lhe confessou: «Sabeis, isso é inaudito, estamos tão vigiado acolá que acabamos por não nos atrevermos a falar do que quer que seja.» (C'est moi l'accusé, (Sou eu o acusado) 335-336)

esperança no Senegal: «Os ministros muçulmanos estão longe de rejeitar a Igreja; O chefe do Governo – o muçulmano Mamadou Dia – pede ao Padre Lebret para vir presidir à Comissão dos Negócios Económicos para a próxima Constituição.» [41]

Mas quando Senghor, renunciando ao seu sonho de federação dos antigos países de AOF sob a sua égide, uniu, no dia 17 de Janeiro de 1959, o Senegal com o Sudão numa «Federação do Mali», cujo presidente é o muçulmano marxista sudanês Modibo Keita, o Arcebispo de Dakar inquieta-se, mesmo quando o cristão e íntegro Isaac Forster, eleito como Procurador-Geral da Federação, declara na altura da sua instalação:

«Rezo a Deus para me acudir, me auxiliar, me preservar do perjúrio e da prevaricação.» [42]

Os extremistas de Bamako exigem porém a independência total. Senghor cede e vem a Paris, no dia 28 de Setembro, para pedi-la ao Presidente da «Comunidade». De Gaulle aceita o princípio e vem então, no dia 12 de Dezembro 1959, a Saint-Louis, ao Conselho Executivo da Comunidade, para dizer aos chefes de estado reunidos que aceita que a associação suceda à Comunidade. No dia seguinte, na Assembleia Federal em Dakar, De Gaulle confirmou a existência da Federação do Mali e confirma que o Mali chegará à soberania internacional com o apoio e o acordo da França». [43] Nesta ocasião, ele sonda de novo Monsenhor Lefebvre:

«Esta independência, pergunta ele, vai embater contra a resistência dos europeus?

Não, eu não penso, eles não se mexerão.

De Gaulle tem a resposta que quer, mas não obterá satisfação na sua segunda questão:

Eu penso, diz ele, que a união do Sudão e do Senegal foi uma iniciativa feliz, não é verdade, Monsenhor?

Meu General, se quer que lhe manifeste o meu pensamento, isso não vai durar muito. Há uma mentalidade muito diferente no Senegal e no Sudão.

Oh, não, não, não! Isso é, penso eu, uma muito boa coisa, verá! [44]

Uma semana mais tarde, é um brado de indignação contra o Arce-

---

[41]Conferência de Monsenhor Lefebvre à Santa Chiara, 14 de Novembro 1958

[42] Delcourt, 101. Cf. Monsenhor Lefebvre, sermão, 23 de Setembro 1979

[43] De Gaulle, op. cit, p. 71 ; Sorel, 143; Messmer, 246.

[44] Gravrand, MS. III; Marziac, E. I, 19.

bispo, que ousou dizer, como já vimos, que «se a sabedoria senegalesa não prevalece, o comunismo reinará dentro em pouco, de Gao até a Dakar». No entanto, De Gaulle escreverá a mesma coisa nas suas memórias:

> «A tentativa, dirá ele, da Federação do Mali, fracassará porque os dirigentes liberais e democráticos de Dakar temerão de ser abafados pelos marxistas de Bamako.» [45]

Não vamos ver o mesmo Senghor proclamar, em 20 de Junho 1960, na Assembleia, a independência do Mali, e fazer prender, em 20 de Agosto, Modibo Keita, dois meses mais tarde, mais dia menos dia?» [46]

Na ocasião da independência do Senegal, proclamada a 3 de Abril de 1961, Monsenhor Lefebvre presidirá à cerimónia de acção de graças na Sé, na presença de Senghor, de quatro outros chefes de Estado e de André Malraux. A carta comum dos Bispos do Senegal, co-assinada por ele nesta ocasião, parece muito insípida quando exorta:

> «Saibamos erguer-nos acima das raças, línguas, religiões; fechemos os olhos a tudo o que divide para nos unirmos com um mesmo coração para prosseguirmos o mesmo ideal: a grandeza do País. Sejamos prontos ao sacrifício de todos os egoísmos, à renúncia das nossas ideias pessoais».

Não é neste texto colegial que encontramos o pensamento do Arcebispo. Na realidade, para ele, o benefício imenso da independência é sobretudo que se processe «na dignidade e na ordem» e não «no ódio e na violência». [47] De que serve a independência se for no caos ou no totalitarismo? É mister que «a sabedoria prevaleça», quer dizer, a ordem social cristã. Monsenhor Lefebvre defini-la-á trinta anos mais tarde, como «a hierarquia de desigualdade bem organizada», e desejará que os chefes de Estado africanos saibam realizar, não uma paz na injustiça, como a paz soviética ou a paz islâmica, mas a paz na justiça, a paz cristã, a paz de Cristo, o Rei das nações. [48]

## *O equívoco do Socialismo cristão*

Perto de 1950, o Delegado Apostólico teria querido mandar condenar pelos Bispos o RDA pró-comunista de Houphouët-Boigny. Tendo objectado Monsenhor Parisot, do Dahomey, que o RDA não tinha

---

[45] De Gaulle, op. Cit., p. 70

[46] Sorel, 147-148

[47] HA, Abril 1961, n° 128, p. 2

[48] Introdução e conclusão de Monsenhor Lefebvre ao livro do Padre Marziac, Précis de la doctrine social de l'Eglise à l'usage des chefs d'Etat, Caussade,

atacado a Igreja, Monsenhor Lefebvre cedeu. Monsenhor Dupont, de Bobo Dioulasso, pôde pessoalmente indicar a sua reprovação ao líder ebóreo, que fez o RDA deixar o comunismo. [49]

Em 1959 e 1960, Leopold Senghor, presidente da Assembleia do Mali, expôs ao PFA a sua doutrina do «caminho africano do Socialismo», mesmo prevenindo contra um socialismo, inspirado pela Europa, que não seria adaptado a África. [50] O Arcebispo ficou indignado por este equívoco, tanto mais que Senghor não reagia muito contra o socialismo colectivista e ditatorial que o chefe do Governo, Mamadou Dia, promovia.

Foi um ano mais tarde que Monsenhor Lefebvre se decidiu a denunciar a ambiguidade por uma carta pastoral sobre o «dever de viver segundo a verdade e de evitar os equívocos». Fez verificar o texto pelo seu Vigário-Geral, que lhe disse: «Monsenhor suprimi esta passagem. Falais do socialismo à francesa, mas aqui é o socialismo senegalês, o socialismo de um Senghor, católico praticante.

– Acha? Vou ver.

O texto foi devolvido umas horas mais tarde, o Padre Bussard leu-o e disse:

– Mas, Monsenhor, não o haveis corrigido!

– Eh, bem, não! Respondeu o Arcebispo, é necessário dizer a verdade. [51]

Datada de 26 de Março de 1961, a carta dizia as quatro verdades sobre o socialismo de Senghor (fazemos o resumo):

Afirmamos inspirar-se no Socialismo, mesmo renegando o seu ateísmo, esperando por aí torná-lo mais compatível com a doutrina da Igreja, mas aceitando a palavra, engolimos todavia a realidade. Não basta professar Deus, é necessário reconhecer que Deus é o fundamento do Direito e não o Estado, um Estado que «suprime todas as iniciativas privadas», cuja gestão necessita «um funcionalismo monstruoso» e que se apodera de todas as riquezas da inteligência, da arte, do espírito de empreendimento, de invenção, de caridade para estatizar e esterilizá-los. [53]

Dito doutra maneira, o socialismo africano do crente Senghor

1991(Compêndio da doutrina social da Igreja para o uso dos chefes de Estado). Fideliter n° 59, pp. 22-23.

[49] Monsenhor André Dupont, Carta ao padre JML, 1 de Agosto de 1996.

[50] Sorel, 141 e 144

[51] P. Bussard, MS. I 11-12

[52] Lettres pastorales et écrits, pp. 146-148 (Cartas pastorais e escritos)

[53] Pio XI, QA, 15 de Maio de 1931, BP VII, 156

era uma contradição nos termos. «socialismo religioso, socialismo cristão, são contradições: ninguém pode ser simultaneamente bom cristão e verdadeiro socialista» tinha escrito Pio XI na Encíclica Quadragésimo Anno. Ora, Como disse o Padre Garrigou Lagrange, «é perigoso jogar com o princípio de contradição, tal como jogar com o fogo ou com o tigre, porque o negador dum tal princípio é devorado por ele». [54] Mas Monsenhor não teve necessidade de juntar esta citação florida para desencadear a ira de Senghor, que fez vir Monsenhor: «Monsenhor permitis-me espantar-me com a carta que...

– Escute, Senhor Presidente, apenas repeti o que os Papas disseram àcerca do Socialismo. [55]

Monsenhor não quis largar a presa e quando se difundiu o rumor de que havia retirado a sua carta, desmentiu o rumor. [56]

O Prelado não se retractou de alguma «destas verdades oportunas» [57] sobre o Socialismo, estimando sempre que «o dever mais urgente dos pastores (...) é diagnosticar as doenças do espírito». [58] Algum tempo depois, sem dúvida sob o aviso de Senghor, [59] o Delegado Apostólico, Monsenhor Maury, «pôs-se de acordo» com o embaixador Boislambert para estimar que «enquanto o segundo fazia uma viagem para Paris, o primeiro bem poderia fazer uma viagem para Roma» [60]

## *Demissão*

Monsenhor Lefebvre desconfiava duma intervenção de Dakar junto à Santa-Sé. Mas foi ela determinante? De todas as maneiras, o movimento de outorga dos Bispados aos autóctones era lançado

---

[54] De virtutibus teologicis, Berruti, Torino, 1948, p. 151 (acerca das virtudes teologais)

[55] Marziac E I, p. 1 – João XXIII, em Mater et Magistra, vai dizer , no dia 15 de Maio, na sequencia de Pio XI, que «os católicos não podem nunca aprovar os princípios do Socialismo» (AAS 53 (1961), 408)

[56] Reunião dos superiores, 18 de Abril 1961; LC 71, 7

Cf. Catecismo das verdades oportunas de Monsenhor Castro Mayer (Questões politicas, sociais e económicas). Suplemento de Verbe, 1953

[58] LPE, 142

A intervenção de Senghor foi atestada pelo padre Philippe Béguerie, que conheceu mais tarde o Cardeal Bénelli, antigo secretário da delegação no tempo de Monsenhor Maury e à seguir do seu sucessor; MS I, 72, 48-49; 74, 11-20; Padre Bussard, ele, conjectura que «Senghor talvez forçasse à partida de Monsenhor Lefebvre» (Savioz, I, 22)

[60] Claude Hettier de Boislambert, op. Cit. pp. 540-541

desde que João XXIII, tinha ele próprio, depois das demissões de Monsenhor Boivin (1959), Monsenhor Sartre e Monsenhor Socquet (Janeiro 1960), consagrado em Roma, no dia 8 de Maio, três sacerdotes indígenas para colocá-los sobre as sedes episcopais de Abidjan, Tananarive e Ouagadougou. A intervenção de Monsenhor Lefebvre em Abidjan em 1959, para propor um branco foi embater contra a unanimidade dos outros Bispos: «apenas um africano autêntico de raça negra devia ser promovido.» [61]

De facto, pensava-se, a independência obriga, que doravante apenas os arcebispos da terra africana podiam ser requeridos paralelamente com o facto dos chefes dos novos Estados serem indígenas. Monsenhor Lefebvre não negava este princípio, mas achava precipitada a aplicação, bem como achava prematura a independência.

Ele dirá mais tarde

> «que interveio às vezes no sentido da prudência», descrevendo assim a sua reacção frente a precipitação da época: «Lá onde havia dois sacerdotes africanos era considerado necessário que um deles se tornasse Bispo... Podia ainda assim assegurar-se que tinham as qualidades! E depois, antes de fazer deles Arcebispos, ter-se-ia podido primeiro escolhê-los como auxiliares, como se praticava noutros lados.» [62]

Mas o vento da História soprava tão forte em Roma como também em Paris e, na ocasião, fazia-se-lhe sentir, quer em Roma, quer em Paris, que deveria pensar na sua sucessão. [63] Assim resolveu prepará-la ele próprio, qualquer que fosse o prazo, nomeando um segundo Vigário-Geral na pessoa do Padre Thiandoum, no dia 7 de Maio de 1961. [64] Todavia, os seus dois amigos, Monsenhor Strebler, de Lomé, e Monsenhor Griffin, de Yaoundé, solicitaram a demissão no dia 16 de Junho e no dia 6 de Setembro de 1961, [65] e buscava-se-lhes sucessores no clero autóctone. Roma parecia desejar um procedimento semelhante ao que se passava em Dakar.

Além disso, a demissão de Monsenhor Lefebvre permitia providenciar os quatro arcebispados juntos da ex-AOF com prelados

---

[61] Monsenhor Pierre Rouanet, Carta ao padre JML, 5 de Dezembro 1996

[62] Fideliter n° 59, p. 22

[63] P. Marziac, Entrevista com Monsenhor Lefebvre, p. 16; A. Cagnon, id., 1987, p. 8; PHLH, 77

[64] Monsenhor Lefebvre previa as suas frequentes ausências em Roma na Comissão central de preparação do Concílio, e o padre Bussard estava muitas as vezes em deslocação, HA, Junho 1961

[65] Ant. Crach, René Graffin, missionnaire au Cameroun (René Graffin, Missionário nos Camarões), fim

africanos, sem ter o ar de ceder a Sekou Touré em Conakry. [66]

« Eu não ia, dirá Monsenhor Lefebvre, impor-me e depois ficar lá, tendo o ar de dizer não.» [67]

No dia 18 de Setembro, pregando na sua Sé, durante a Missa do décimo quarto aniversário da sua consagração, declarou «desejar vivamente de toda a sua alma a hora providencial em que um sacerdote senegalês recebesse a plenitude do sacerdócio e se tornasse o seu colaborador ou até o substituísse».

E depois, tomando a dianteira, Monsenhor Lefebvre escreveu à Roma para pedir um coadjutor africano.

Podemos crer que a Santa Sé ficou embaraçada, pois que o Arcebispo não recebeu resposta alguma. Parecia que se queria a sua demissão pura e simples. Assim, na sua mensagem de Natal, evoca ele a obediência dos Bispos ao Papa e o exemplo d'Aquele «que se fez obediente até a morte na cruz» [68]

No início de Janeiro, pouco antes da sua partida para a Sessão de 15 a 23 de Janeiro de 1962 da comissão central preparatória do Concílio, resolveu-se a escrever à Propaganda: «Se o Santo Padre o deseja, eu retiro-me, estou ao seu dispor»

Logo ao chegar a Roma, foi recebido pelo Cardeal Agagianian, Prefeito da Congregação, que lhe tomou as mãos agradecendo-lhe com efusão.

«Teríeis visto a alegria do Cardeal!», exclamava Monsenhor Lefebvre relatando a cena às suas queridas Carmelitas; «Teríeis visto aquilo!»

Alguns dias mais tarde, visitando o Cardeal Cicognani, exprimiu o seu desejo de dispor de seis meses ao menos antes de receber uma afectação qualquer:

«Vamos ter neste Verão o nosso Capítulo Geral e é questão que os confrades...»

Ele pensava: «Para aperfeiçoar o meu Inglês, seis meses não vão ser demasiado para ser útil à Congregação».

Mas o Cardeal interrompeu-o vivamente: Não, não. O Santo Padre não quer deixar-vos sem trabalho. Quando um Delegado ou um Núncio é exonerado da sua função e regressa ao seu Pais, atribui-se-lhe uma diocese. O Santo Padre confia-vos a Diocese de Tulle.

Surpreendido, o Arcebispo insiste: «Um pouco de repouso seria

[66] Monsenhor Strebler, carta à Mons. Lef. 30 de Janeiro 1961; MS I, 44, 31-38

[67] P. Marziac, E., p. 16

[68] HA, Setembro e Dezembro 1961

bem útil... Não poderia eu apresentar as minhas razões ao Santo Padre?»

– Não, não! Eu é que sou encarregado disso.

– Mas enfim, posso bem ver o Santo Padre!

– Unicamente para lhe agradecer; O Santo Padre quer assim.

«Um desejo do Papa, é uma ordem, pensa o Prelado; a mim, que peço a obediência, é necessário praticá-la... Mas agradecer ao Papa, confesso», diz ele às suas carmelitas, «não tive coragem.»[69]

No dia 23 de Janeiro de 1962, foram assinados os decretos da Sagrada Congregação Consistórial e as duas cartas apostólicas do Papa, transferindo Monsenhor Lefebvre da Sé arquiepiscopal de Dakar para a Sé episcopal de Tulle, com o título pessoal de Arcebispo.

Sendo o seu tempo doravante contado, não o desperdiçou, mas redobrou de actividades[70]; no dia 25 de Janeiro, escreve de Roma uma carta pastoral sobre a necessidade da oração; no dia 2 de Fevereiro, anuncia em Dakar a sua partida e fez a sua despedida no Seminário de Sebikotane; depois, nos dias seguintes, fez o mesmo em Fadiout, Thiès e Mont-Roland. No dia 8 de Fevereiro, dirige uma mensagem na Rádio aos senegaleses; no dia 10, fez a bênção da primeira pedra da Capela do Colégio de Hann e, no dia 11, a da igreja de Ouakam. Nos dias 10 e 11, presidiu ao Congresso de ACJF. Enfim, no dia 12 de Fevereiro, o Arcebispo celebra a Missa de despedida na Sé, em presença de Monsenhor Landreau e de Monsenhor Dodds. Este, retomando a palavra do Primeiro-Ministro do Senegal «Para ser senegalês, não é necessário nascer no país, basta amá-lo e trabalhar por ele», conclui: «Excelência, vós fostes um grande senegalês».

Monsenhor Lefebvre, dominando a sua emoção, fala ainda «a linguagem da Fé». Nomeando por primeiro pastor do Senegal «um filho saído das famílias senegalesas, o Santo Padre manifesta a sua confiança numa família senegalesa profundamente viva, com uma fé firme», fruto duma linhagem de Bispos que operaram com os seus colaboradores desde há cento e cinquenta anos.

As suas últimas palavras revelam as suas disposições profundas de pastor no momento em que, por ordem superior, deixa o seu rebanho: é necessário primeiro, ficar sempre no caminho que o bom Deus nos traçou» e, a seguir, para isso «vincularmo-nos a Nosso

---

[69] BG 701,9; 702, 65; Diário do Carmelo de Sebikotane, 2 de Fevereiro 1962; Entrevista com o p. Marziac, p. 16; PHLH, 78-79; P. Gravrand, MS. III, 15, 3-25

[70] HA n° 137, Março 1962; Delcourt 103

Senhor durante toda a nossa vida» [71] e, por isso, «ficar num estado de oração habitual» [72]

No mesmo dia, depois de ter recomendado ao Padre Bussard que tudo fizesse para que fosse nomeado o Padre Thiandoum, [73] deixou o Senegal para ir a Roma.

---

[71] HA n° 137, pp. 3-4

[72] La nécessité de la prière (a necessidade da oração), LPE, p. 158

[73] P. Bussard, MS. I, 13, 17-21. O Padre Bussard não teve de fazer nada, isso foi natural; MS I, 13, 50-52

## Terceira Parte

# O COMBATENTE

# Capítulo XI

# Interlúdio de Tulle

## 1. Uma pequena diocese muita simpática

### *Um Arcebispo para uma pequena diocese*[1]

Prevenidos, desde o fim do Verão de 1961, da possível afectação em França do Arcebispo de Dakar, os Cardeais e Arcebispos franceses inquietaram-se. Como? Monsenhor Lefebvre! Um religioso, isso não é costume; e, o que é demais, um homem «cujas tendências integristas e cujo apoio concedido à «Verbe»[2] já é conhecido! Ainda por cima, Monsenhor Maury propunha em Roma que Monsenhor Lefebvre fosse nomeado para a Sé arquiepiscopal de Albi, vacante desde no dia 2 de Agosto, pelo falecimento de Monsenhor Marquès. Era incrível!

Logo, mandado pelos Cardeais e Arcebispos, Monsenhor Richaud, Arcebispo de Bordeaux, muito a propósito, envidou esforços em Roma. A Secretaria de Estado vergou-se: Monsenhor Claude Dupuy foi elevado num tempo *record* a Arcebispo de Albi, no dia 4 de Dezembro 1961[3]; quanto a Monsenhor Lefebvre, tudo estava entendido, dar-se-lhe-ia apenas uma pequena diocese, Tulle por exemplo, vacante desde o dia 18 de Outubro.

Quando a demissão do Arcebispo de Dakar foi notificada ao Núncio Bertoli em Paris, e por ele aos Cardeais e Arcebispos, aqueles fizeram uma nova diligência, desta vez junto ao Governo:

«Que se conceda a Monsenhor Lefebvre uma pequena diocese e que não faça parte da assembleia dos Cardeais e Arcebispos»

---

P. Marziac, primeira entrevista com Monsenhor Lefebvre, pp. 7 e 16; PHLH, 81-82; Jean Vinatier, Histoire religieuse du Bas-Limousin e du diocese de Tulle, ed. Lucien Souny, 1991.

Resenha da audiência concedida por M. Soutou ao Núncio no dia 17 de Janeiro de 1962, arquivos. Lef. Ecône

[3] I.C.I., Ano 1976; AAS 53 (1961),528; 54 (1962),106.

Foi o Governo, pelo seu representante, Jean-Marie Soutou, que transmitiu estas exigências ao Núncio, convocado de emergência ao Ministério do Interior no dia 17 de Janeiro.

O Professor Gabriel Le Brás, encarregado de negócios do Ministério, veio, subsequentemente, revelar à Monsenhor Lefebvre o conteúdo da entrevista. [4] O Núncio tinha aceite, prometendo até que «o caso Monsenhor Lefebvre não constituiria um precedente».

Em Roma, os Prelados bem intencionados aconselham a Monsenhor Lefebvre: «Tulle! Mas deveríeis protestar.» O Arcebispo pensa:

> «Vemos as funções nos planos sobreposicionados: Promoção, promoção. Julgamentos humanos, tudo isso. Não somos mesmo dignos de ter o encargo duma única alma. Ora, diz São Francisco de Sales, uma única alma é toda uma diocese. Eu vou ter 220 000 almas, isso faz uma grande diocese!»

Uma diocese apenas conhecida em Roma, onde um Cardeal lhe disse:

– É para Toul que é nomeado.
– Não, em Tulle.
– Em Toulon?
– Não, Em Tulle! – Mas isso não existe! – Olhai para o anuário pontifical; lá, Tulle.
– Ah sim! Tulle. [5]

## *História duma cristandade*

Foi o Papa João XXII que, em 1317, separando da Diocese de Limoges todo o Baixo-Limousin, criou a Diocese de Tulle, cujo território corresponde desde 1823 ao Departamento da Corrèze. Cinzelado de colinas com esporões escarpados ou com cumeadas verdejantes, salpicada de mil fontes argênteas que alimentam um entrelaçamento de profundas ribeiras, o País é escoado da montanha até à planície, pelo curso do Vezère, o do Corrèze – o seu afluente – e o do Dordogne, de Ussel e de Bort-les-Orgues, a leste, até a Brive e Argentat, a Oeste.

No século XII, a região acorda beneditina, com as suas numerosas abadias de Vigeois, Beaulieu, Tulle, Aubazine, Meymac, Bonnaigue.

No século XIV, o Baixo-Limousine tem uma irradiação excepcio-

---

[4] Resenha, supra; Fideliter n° 59, p. 47

[5] Diário de Sebikotane; PHLH, 82; COSPEC, 24 de Maio de 1984.

nal pois que três Papas saíram de duas das suas paróquias, e a Diocese de Tulle dará a seguir à Igreja uma quantidade impressionante de Bispos e Cardeais. [6] A Reforma protestante infligiu à população feridas tanto mais profundas e duradouras quanto mais ficaram secretas. A conquista do século XVII suscita a fundação do Seminário de Tulle onde os sulpicianos constituem um clero instruído e eficaz. O século XVIII assiste ao espectáculo dos maçons, descendentes disfarçados dos primeiros reformadores protestantes, minarem a sociedade cristã: Encontram-se Bispos liberais, capelas ao abandono, mosteiros desertos.

A Revolução confronta-se com clero na maioria refractário (duzentos e quarenta e sete refractários contra cento e noventa e cinco sacerdotes que juraram a *constituição civil do clero*, imposta pela Revolução), sobretudo nos campos dos arredores de Tulle e de Brive; Ussel e Uzerche, sendo mais conquistados pelos filósofos «des lumières» (das Luzes). A Sé profanada pela deusa *Razão*, foi saqueada no dia 27 de Novembro de 1793 e o seu trono episcopal majestoso desmoronou-se, acarretando a ruína da abside. Os sacerdotes escondem-se, exercendo um ministério clandestino, outros (oitenta) emigram, alguns, ai meu Deus, casam-se (quarenta e cinco), outros ainda foram deportados e morreram no cativeiro.

No século XIX há um florescimento de congregações femininas. As Irmãs de Nevers fazem maravilhas nos hospitais, um Carmelo foi fundado em Tulle em 1836. Mas desde 1830, o Bispo constata: «A fé enfraquece, a impiedade multiplica os seus progressos.» Monsenhor Berteaud, amigo de Luís Veuillot, e defensor do Papado, é o grande Bispo de Tulle (1842-1878), que vê florescer os dois pequenos Seminários de Brive e de Servière, o colégio católico de Ussel bem como o Seminário Maior; em 1878, a Diocese conta quatrocentos e cinquenta e oito sacerdotes e onze ordenações.

Apesar das espoliações de 1906, os Seminários progridem; sob o Bispo Romano Nègre (1908-1913) uma legião de duas mil mulheres catequistas ensinam o amor de Jesus-Hóstia. Infelizmente, a quebra da natalidade, o êxodo rural, a escola laica e a propaganda maçónica assolam a fé. A curva das vocações desce inexoravelmente e o número dos sacerdotes cai de trezentos e setenta e cinco, em 1918, para trezentos, em 1940

Certamente não é o zelo que falta à Acção Católica de Monsenhor Jean Castel (1918-1939), mas sim, os princípios e os meios antes de

[6] 107 bispos e 32 Cardeais. Cônego A. Leyrich, Carta a Monsenhor Lefebvre, 5 de Fevereiro 1962.

tudo sobrenaturais. Um Edmond Michelet empenha-se nas «equipas sociais» de Robert Garric, enquanto que o «cercle Duguet» (Círculo Duguet) que funda, os cristãos-democratas, herdeiros do Sillon, vêm falar, tal como Georges Hourdin, os padres Maydieu, Ducattillon e de Montcheuil. Monsenhor Amade Chassaigne (1940-1962), depois das luzes e sombras da resistência em Corrèze, confia aos sacerdotes da Missão de França os sectores muito descristianizados de Lapleau, Bugeat e Treignac, e apoia o segundo sopro da Acção Católica especializada. Ordena oitenta e sete sacerdotes e presencia os funerais de cento e cinquenta e cinco outros.

Vítima dum grave acidente de carro, solicita a sua demissão no dia 18 de Outubro de 1961.

## 2. - A *«Cité Catholique»*, «Cidade Católica» e o Episcopado

### *No apoio à «Cité Catholique», «Cidade Católica»*

Antes mesmo de ter tomado os primeiros contactos com Tulle, o Bispo recém nomeado tem a sua atenção focada pelos recentes ataques dirigidos pela imprensa contra os amigos da «*Cité Catholique*». Ele pressente desde Dakar que o Episcopado francês, ou antes o seu núcleo dirigente, a Assembleia dos Cardeais e Arcebispos, produziu em Março de 1960, um estudo critico do movimento. Foram comunicados extractos a Jean Ousset, censurando-o por agir fora dos Ordinários das dioceses e de promover a «contra-revolução». Ousset curva-se quanto à segunda exigência renunciando ao vocábulo incriminado.

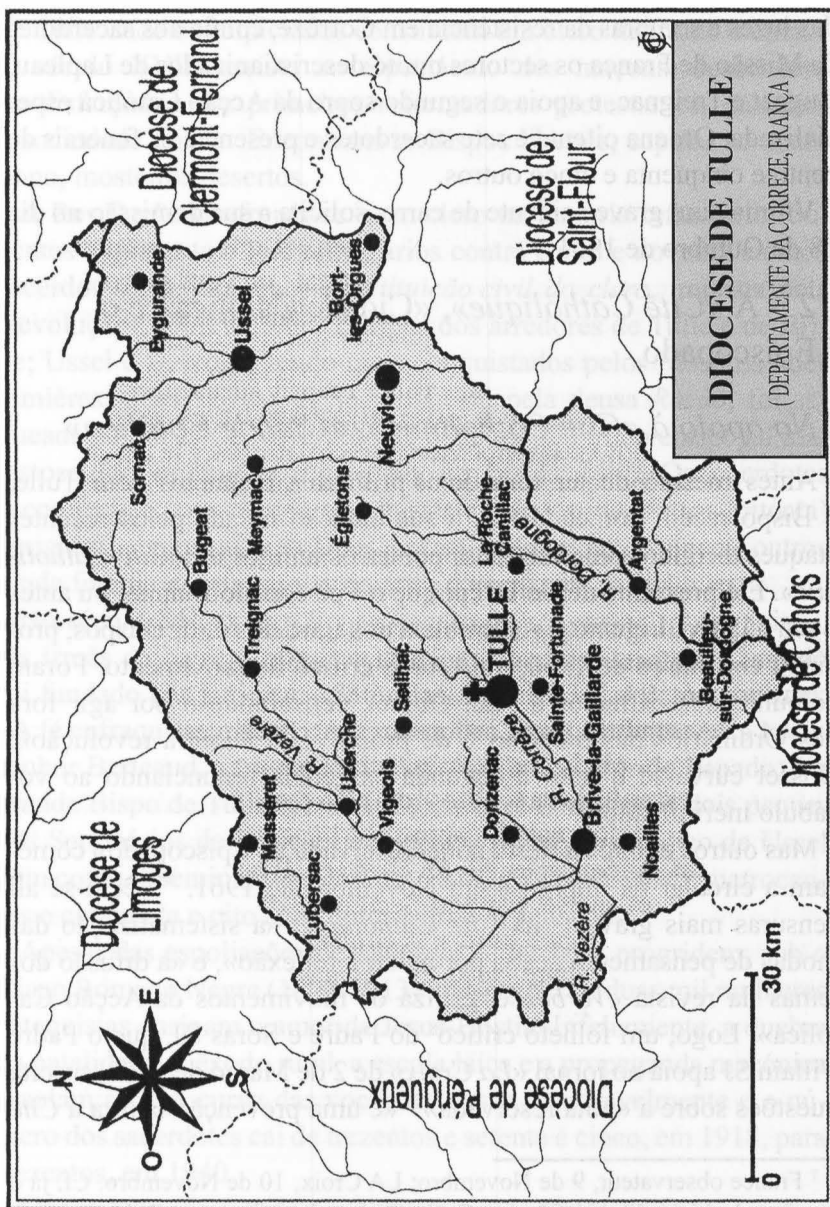
Mas outros extractos desta nota «reservada ao Episcopado» começam a circular na imprensa em Novembro de 1961. [7] Lêem-se ali censuras mais graves: na *Cité Catholique*, «a sistematização das modas de pensamento acaba por matar a reflexão», e «a difusão dos temas da revista *«Verbe»* esteriliza os movimentos da Acção Católica». Logo, um folheto crítico[8] do Padre e Soras SJ, que o Padre Villain SJ apoia no jornal «*La Croix*» de 2 de Março de 1962, suscita questões sobre a «nota reservada»: «é uma prevenção contra a *Cité*

---

[7] France observateur, 9 de Novembro; LA Croix, 10 de Novembro. Cf. já o artigo do muito liberal Cônego G. Bavaud na La Liberte de Friburgo, 7 de Março 1961. Verbe n° 122.

[8] A de Soras, Documents d'Eglise e options politiques, ed. du Centurion, 124 p., colocando em causa Monsenhor Lefebvre « como Protector da Cité Catholique».

DIOCESE DE TULLE

( DEPARTAMENTE DA CORREZE, FRANÇA )

*catholique*» diz o jornal *La Croix*, ao passo que um jornal quotidiano de Argel diz o contrário: «É uma aprovação». Monsenhor Duval, Arcebispo de Argel, replica: «Não, é mesmo uma prevenção contra». A ACA é portanto obrigada pronunciar-se; um alerta em boa e devida forma é portanto inevitável.

Para o impedir, Monsenhor Lefebvre logo se lançou na batalha: eu faltaria à verdade, escreve ele a Jean Ousset e aos seus colaboradores no dia 4 de Março, se ficasse em silêncio.» Publicada no *Homme Nouveau*, de 18 de Março, e já parcialmente em *Le Monde* de 15 de Março[9], esta carta vai em oposição ao Jesuíta: «Censuram-vos por não possuirdes todas as aprovações episcopais? – Não são indispensáveis para uma actividade que não é da Acção Católica propriamente dita. Basta que esta actividade seja completamente conforme ao espírito da Igreja e à sua disciplina, de que cada Bispo é juiz na sua própria Diocese.

Está censurada a vossa maneira de interpretar os documentos pontificais? Tivessem todos os Católicos o mesmo e exacto conhecimento destes documentos! Acautelai-vos, em todo o caso de os interpretar segundo as regras propostas pelo R. P. Não poderia fazer-se melhor para subtrair aos documentos pontificais toda a sua autoridade moral!

Está censurada a vossa maneira de conceber o poder da Igreja sobre as coisas temporais e sobre a sociedade? - O Poder directo e indirecto tal como os vossos folhetos o desenvolveram é exactamente o que está ensinado nas universidade romanas e nos documentos da Santa Sé»

Não faltam a esta luminosa e acutilante defesa nem a bandarilha dirigida contra *La Croix*, aquele jornal considerado, com razão ou sem ela, como o porta-voz da Igreja de França», que abre as suas colunas a esta odiosa campanha», nem a estocada final que soa assim: Está censurada a vossa recusa «de ver os vossos filhos crescer num ambiente de materialismo, de laicismo, de ateísmo».

Enquanto este ambiente arruína o espírito sobrenatural, o espírito de oração, de renúncia e consequentemente a eclosão das vocações sacerdotais, eles querem impedir-vos de recristianizar a sociedade. A vossa actividade é indispensável e nada faz senão corroborar a Acção Católica.»

Ao ler estas verdades oportunas e inoportunas, um tremor de horror percorreu o Episcopado:

---

[9] Depois no Itinéraires n° 62, Abril 1962, pp. 225-228; Nouvelles de Chrétienté, etc.

O que chamamos de boa vontade, o «efeito Lefebvre», levanta uma vaga de fundo. Embora três Bispos manifestem o seu apoio a Monsenhor Lefebvre, outros reagem negativamente, tal como o Cardeal Lienart,[10] Monsenhor Ancel e Monsenhor Brault. Frente ao desafio, a Assembleia dos *Cardeais e Arcebispos, vendo-se suplantada, não consegue esconder o seu embaraço; contenta-se em publicar extractos da sua nota de 1960 no La Croix de 16 de Março, o que provoca um novo lançamento de farpas contra o jornal: tal como a de Jean Madiran no Itineraire (N° 61, 62, 64 e 66). É preciso que o Papa intervenha em socorro e reafirme de novo por intermédio do seu Secretário de Estado, ao Padre Wenger, o redactor-chefe do jornal La Croix, «a sua confiança paternal»*, no dia 10 de Maio[11], depois de Monsenhor Lefebvre ter sido recebido em audiência no dia 7 de Maio, durante uma hora,[12] para ser admoestado por João XXIII 13:

> «Veja, diz-lhe o Papa João, quando fui professor de Sagrada Escritura em Bergamo, defendi as teses do Padre Lagrange e fui marcado com o rótulo de «modernista»; isso prejudicou-me durante toda a minha vida. Eu vi o meu *Dossier*: li «tendências modernistas»; não sou modernista! Por causa disso, nunca fui nomeado, em Roma, fui sempre mantido longe da Cúria Romana porque era - dizia-se - modernista. Então, tenha cuidado em não se ostentar assim de maneira bem marcada como conservador». Ele subentendeu: Se quer fazer carreira! [14]

Fazer carreira; Monsenhor Lefebvre não se preocupa com isso. Mas a confiança do Bom Papa João narrando com ingenuidade os dissabores da sua vida, faz-lhe entender como é liberal a personalidade do Pontífice bonacheirão. Tome cuidado, aconselhou-lhe o Papa João; mas Monsenhor Marcel não fez caso disso, bem resoluto como ele é em afirmar sempre as verdades sem diminuição.

## *A colegialidade colocada sob acusação*

A intervenção de Monsenhor Lefebvre provocou uma revelação dos corações, numerosos sacerdotes reconhecem no antigo Arcebispo de Dakar um sinal de esperança, bem como um sinal de união.

---

Presidente de ACA. A sua carta do 22 de Março exprime a Monsenhor Lefebvre a surpresa e a pena dos membros de ACA e o seu desejo «duma atitude mais prudente, mais fraternal»

[11] DC 1377 (3 de Junho de 1962),716.

[12] De 13 horas às 14 horas Semaine religieuse de Tulle n° 12, 1 de Junho 1962.

[13] Monsenhor Joseph Cucherousset, carta à Monsenhor Lef., 1 de Julho 1962.

[14] Monsenhor Lefebvre, Entrevista com A. Cagnon; Entrevista com Marziac, I, p. 5.

«Até que enfim uma voz de Bispo», escreve-lhe o Padre Bénéfice,[15] «em estilo de Bispo!»; «A vossa voz, única no Episcopado francês, denota tanta coragem que os filhos da Igreja voltam de novo a esperar», confessa-lhe o Padre Lacheteau[16]; enquanto que o Padre Collin[17] presta «uma homenagem de gratidão ao corajoso Bispo que, no meio dum silêncio geral, teve coragem de tomar a defesa de excelentes católicos injustamente desqualificados». Animado por estes ecos à sua voz, o Arcebispo-Bispo, segundo uma sugestão do Cardeal Ottaviani, escreveu ao Cardeal Lienart, pedindo-lhe para ser convidado para as reuniões dos Cardeais e Arcebispos,[18] o que lhe permitiria explicar-se. Lienart logo foi ter com o Arcebispo para lhe responder de viva voz, na altura da Sessão do fim de Março, início de Abril, da Comissão Central Preparatória ao Concílio em Roma:

– Monsenhor, devo dizer-lho com pena, mas sabe, tomámos uma decisão, não pode, etc...

– Oh! – respondeu Monsenhor Lefebvre – isso não tem importância, sabe.

Naquele momento surge o Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, felicitando o Arcebispo em voz alta, tomando-lhe as mãos: «Parabéns pela sua carta a Jean Ousset. Fez bem em tomar a sua defesa!

E Lienart lá se esgueirou rapidamente. [19]

No dia 17 de Maio, o novo Bispo vai encontrar o General De Gaulle em visita a Tulle. O Presidente está evidentemente a par do apoio dado por Monsenhor Lefebvre, como diz a imprensa, a «católicos da direita» obrando em nome da doutrina, um bloqueio político-religioso», [20] a expressão podendo assinalar convivências supostas com a OAS (Organização Argelina de Salvação) que pretendia derrubar De Gaulle em virtude da política por este seguida de abandono da Argélia). [21] Charles teria portanto uns motivos para falar da *Cité Catholique*, e Marcel para falar dos oficiais da tropa francesa presos precisamente em Tulle. Qualquer que fosse o teor da entrevista, a imprensa alegou já no dia 10 de Maio: «O Eliseu não

---

[15] Paróco de Malaucene, Vaucluse, 16 de Março de 1962

[16] Sacerdote em Saint-Léger-de-Montbrillais, Vienne,

[17] de março de 1962 17 Paróco de Saint-Cloud, 23 de Março 1962

[18] I.C.I. ano 1976; MS III, 11, 52-62.

[19] Monsenhor Lefebvre, Primeira entrevista com o padre Marziac, p. 7

[20] La Croix, 16 de Março 1962; i.C.I., 1 de Abril 1962

[21] O hebdomanário comunista Le Travailleur de la Corrèze vê em Monsenhor Lefebvre «o protector oficial dos inspiradores de OAS», o apoio «daqueles que confundem a Bíblia com Mein Kampf» (Inicio de Abril 1962)

admite que Monsenhor Lefebvre, Arcebispo-Bispo de Tulle, tome parte das assembleias dos Cardeais e Arcebispos de França e isso, apesar da sua dignidade.»[22]

Na realidade, o Governo estava combinado com o Episcopado desde Janeiro.

À pressa a ACA (**A**ssembleia de **C**ardeais e **A**rcebispos), reunida em Março, fez redigir por Monsenhor Guerry uma nota sobre as suas próprias competências e poderes. A jurisdição pertence, para a Igreja Universal, não apenas ao Papa, mas, «colegialmente e em participação na Jurisdição suprema do Papa como cabeça, ao corpo episcopal». Sem dúvida, confessa-se, a ACA não tem uma tal jurisdição, mas tem uma «autoridade moral». Monsenhor replica em duas cartas a Monsenhor Guerry [23] que a colegialidade apenas se exerce excepcionalmente no caso do Concílio». Se a ACA, diz ele, ultrapassa as suas competências, «arrisca ou açaimar o Episcopado ou ver-se impugnada pelos Bispos. Pois o Arcebispo censura a ACA por favorecer uma Acção Católica «que não conservou o carácter sobrenatural que deve ter toda a acção apostólica», e denuncia «o método de ferro» da Acção Católica organizada ao escalão nacional, e o dos Centros de Pastoral de Uniformidade (Centre de Pastoral d'ensemble), que excluem a Legião de Maria e os retiros de cinco dias (retiros, segundo o método de Santo Inácio, e adaptados pelo Padre Vallet com a aprovação dos Papas).

Monsenhor Lefebvre recorda a este propósito uma verdade muita bela: «Toda a História da Igreja mostra que o Espírito se serve das pessoas mais do que das organizações», e ela manifesta «que os Bispos falaram muito livremente, e foi através desta liberdade de falar que se manifestou melhor o Espírito de Verdade, autenticado, além disso, pelo Sucessor de São Pedro».

O Arcebispo preludia agora o combate que vai travar no Concílio com a mesma liberdade apostólica contra a colegialidade. Mas esta liberdade sã desagrada francamente à ACA, que faz saber que «de nenhum modo são convidados à ACA os Cardeais e Bispos exercendo uma responsabilidade arquiepiscopal», o que não é o caso de Monsenhor Lefebvre, Arcebispo a título pessoal.[24] A contra-verdade é flagrante: Os Bispos Rémond, de Nice, e Girbeau, de Nimes, estão muito bem convidados às reuniões da ACA enquanto Arcebispos e

---

[22] Robert Harvard de la Montagne no Aspect de la France, 10 de Maio de1962.

[23] Monsenhor Lefebvre, Carta à Monsenhor Guerry, 20 de Abril e 10 de Junho de 1962.

[24] Semaine religieuse de Cambrai, Final de Maio; Le Monde, 3-4 de Junho 1962

Bispos. Mas pouco importa ao Bispo de Tulle, cuja Diocese basta para ocupá-lo.

## 3. Dar de novo confiança

### *Uma diocese em decréscimo*

Por volta do dia 10 de Março de 1962, Monsenhor Lefebvre deu um salto a Tulle. Acompanhado desde Paris pelo Vigário Capitular Monsenhor Layotte (o seu companheiro mais velho de Santa Chiara), apeou-se do comboio em Uzerche, onde Monsenhor Chassaigne o acolhe. No carro desce-se a estrada que serpenteia entre soutos e aldeolas. Desta discreta exploração primaveril, Monsenhor Lefebvre aprende e memoriza mil pormenores da História e da vida corrézianas e, no dia da sua entronização, surpreenderá o Prefeito pelo seu conhecimento preciso da terra.

Eis logo ali Tulle, cinzenta, velhota, encerrada no seu vale, com as suas fábricas de armas, a sua prefeitura de estilo rococó, o comprido muro do Seminário – Santo Deus! – vazio! Enfim, a torre da Sé, que sobe direita ao céu, e o arcebispado novo, funcional, mas pobre e encerrado entre a vertente da colina e a estrada ruidosa. Os semblantes mostram-se atenciosos mesmo se os espíritos estão prevenidos contra o «Bispo que faz política» Uma fama forjada que os actos vão dissipar rapidamente. [25] No dia seguinte, Monsenhor Lefebvre celebrou a Missa no Carmelo, na qual pede orações, depois conversou com o seu predecessor[26] sobre o estado da Diocese, que deixa no dia seguinte, para ir a Paris.

No dia 6 de Março, Monsenhor Chassaigne retira-se para Thiers onde falecerá, no dia 6 de Abril. Na Véspera, Monsenhor Lefebvre escreveu a sua primeira mensagem aos seus diocesanos, que será lida nas missas no dia 8 de Abril. Animará todas as iniciativas, tudo o que pode concorrer para a salvação das almas», mas denunciará «tudo o que pode afastar as almas de Deus, de Nosso Senhor, da Sua Santa Mãe, tudo o que vem do pai da mentira» [27]

No dias 10 e 11 de Abril, Monsenhor Lefebvre participa em Bordéus na reunião dos Bispos «da nova Região Apostólica do

---

[25] Monsenhor Lefebvre, carta aos antigos paroquianos de Dakar, Março de 1962; Monsenhor Moéger entrevista com o Padre Marziac, MS. P. 2

[26] Esta visita não protocolar e não habitual, foi muito apreciada, porque denotava uma vontade de continuidade, como demonstra a chegada oficial de monsenhor Lefebvre apenas uma mês depois da partida de Monsenhor Chassaigne.

[27] SR Tulle n° 7, 30 de Março 1962, pp. 83-84.

Sudoeste», presidida pelo Cardeal Richaud, e encontra lá os seus condiscípulos de Roma, Roger Johan (Bispo de Agen) e Robert Bézac (Coajudor de Dax), e o seu amigo Xavier Morilleau (Bispo da Rochela), No dia 12, entra na sua Diocese pela estrada de Bordéus.

No dia 15 de Abril, procede à Bênção dos Ramos em Tulle e depois vai celebrar a Missa no Carmelo.[28] Subsequentemente na presença de Jean Montalat, Deputado-Presidente da Câmara de Tulle, deposita um molho de cravos no monumento aos mortos da cidade, entre os quais os mártires da Resistência; ele, filho dum autêntico resistente morto na deportação. Na parte da tarde, após a entronização na sua Sé na presença das autoridades civis, oferece a estas e ao clero um copo em sinal de amizade. Este gesto, inabitual em França, foi muito apreciado pelo Prefeito, ao qual o Bispo tinha feito uma visita na véspera. A seguir, diz Monsenhor Lefebvre, «eu podia ir ver o Prefeito sem problema e, quando nos encontrávamos na rua, apertávamos as mãos»[29]

Vindo de Dakar, onde a cristandade estava em plena expansão, Monsenhor Lefebvre sentiu vivamente a diferença que lhe oferecia a Diocese de Tulle, a qual sofria um decréscimo pronunciado desde a guerra. As cifras do clero tinham passado de trezentos em 1940, a duzentos e quarenta em 1962 (entre os quais dezasseis religiosos). O Seminário, rico de vinte e um seminaristas em 1958, fechou as portas e os alunos foram expedidos [30], com os de Saint-Flour e de Limoges, para Clermont-Ferrand; e se havia seis ordenações em 1961, apenas haveria duas em 1962, dentre as quais a do Padre Yves Puyjalon, celebrada por Monsenhor Lefebvre no dia 15 de Julho na Abadia de Beaulieu-sur-Dordogne. Santo Deus! O que ficara da Xaintrie, no Sul, que ainda há pouco era viveiro de vocações? E Treignac, no Norte, chamava-se «a cidade santa da montanha»? O que fora feito das vinte e uma congregações do fim do século IX? Apenas subsistiam pequenos Frades de Lacabane, as Irmãs da Providência de Portieux (nas paróquias), as Irmãs da Misericórdia de Beaulieu (enfermeiras e paroquiais), e as Irmãs da Caridade e da Instrução

28 Rico de 13 cantoras de corro, quatro «Irmãs do véu branco» três Irmãs rodeiras,

29 Fideliter n° 59, p, 50; O Presidente da Câmara emprestou a sala de festa pelo copo de amizade oferecido por Mons. Lef., SR Tulle 20 de Abril 1962, pp, 130-131

30. cinco a Clermont, um em Roma, um em Paris, um em Lião e sete na tropa.

Cristã, de Nevers (na Providência de Brive *[Congregação dedicada, de maneira especial, à Providência divina]* ) e a Congregação diocesana das Irmãs do Santo Coração de Maria. [31] Mas estas religiosas fechavam as suas casas, bem como as suas escolas.

«Sentia-se», dizia Monsenhor Lefebvre, «uma espécie de fatalidade perante a qual nada podia fazer-se. Aquilo era esmagador. "[32] E o que é mais, a Acção Católica, com as suas directivas e os seus capelães impostos pelos gabinetes nacionais, empenhavam-se na via das realizações e dos meios meramente sociais, muito pouco sobrenaturais. As sessões de Pastorais de uniformidade do Padre Fernand Boulard[33] seguiam as mesmas vias e, precisamente, na chegada do novo Bispo, era prègada, sob os auspício deste sacerdote, uma missão inter-paroquial pelos Redemptoristas, Jesuítas e Dominicanos. Uma vintena de missionários que excitavam os operários contra os patrões e insultavam os patrões nas fábricas onde reinava a paz. Monsenhor Lefebvre foi obrigado a mandar encerrar esta missão sob queixa dos Patrões.[34] Quanto às equipas sacerdotais da Missão de França, sempre a responder à necessidade de agrupamento e de vida comum dos sacerdotes, eram submergidas no social e mergulhavam o pouco de fiéis que restava no profano. O seu Boletim, *Monédières*, atrevia-se a escrever da região coberta de lindas igrejas românicas: «Esta região nunca foi evangelizada».

> «Ainda estou a ver», dizia Monsenhor Lefebvre em Écône, «um deão nomeado pela Missão de França, vir, antes da minha partida, chorar ao meu escritório: "Não entrei na Missão de França para me encontrar num ambiente estes! Os meus confrades, eu não posso mais conviver com eles! Não quero ficar mais" Sentia que meus confrades já não eram sacerdotes, já não actuavam como sacerdotes.» [35]

---

31 Vinatier, 214, 216, SR Tulle, passim,

32 Fideliter n° 59, pp. 47-48

33 Pierrard, 319. O Padre residente no Presbítero de Saint-Sulpice em paris, estava então no Perú

34 Monsenhor Lefebvre, RETREC, 18 de Setembro de 1979, tratava-se duma missão geral do «centro de pastoral missionária interior». Monsenhor Jean Gay, antigo aluno de Santa Chiara e bispo de Basse- Terre, escreveu no dia 8 de Junho de 1962 à Monsenhor Lefebvre para contar os dissabores que tinha tido, ele também, no decorrer da missão diocesana pregada na Guadeloupe: «Se fosse para reiterar, eu me dispensaria certamente de fazer apelo ao CPMI. Vários destes missionários têm o ar de pertencer a uma empresa de demolição!»

35 Monsenhor Lefebvre, entrevista com A, Cagnon, 1987; RETREC, 19 de Setembro 1988.

Sentindo, desde a sua chegada, a ameaça deste espírito profanador do sacerdócio, Monsenhor Lefebvre denuncia-a com extrema delicadeza. Já no seu discurso de entronização na Sé, que foi julgado por alguns «da simplicidade digna dum pároco do campo», dirigiu-se especialmente aos seus sacerdotes, pedindo-lhes:

«Fazei transparecer em vós Cristo, para que ao vosso contacto os fiéis fiquem mais celestes, um pouco mais perto de Deus, um pouco mais afastados das coisas da terra, para conseguirdes levá-los verdadeiramente a Nosso Senhor e ao Céu»! [36]

Algumas pessoas encontraram «expressões defeituosas, imprecisões, generalidades»[37] nesta linguagem demasiado límpida. Por isso, Monsenhor Lefebvre espetou o cravo na sua «Palavra de Bispo» em Junho:

«Primazia do espiritual! Que na nossa acção católica juntemos sempre a Oração, a união a Jesus Cristo, à acção, senão a nossa acção já não será católica»

E Monsenhor ainda recomenda os exercícios de Cinco Dias segundo o método de Santo Inácio. E em Julho, convidando os fiéis a socorrer os refugiados de Argélia, desejava:

«Que estes eventos nos recordem que as noções de justiça, de direito, de caridade, de respeito da pessoa humana, que são noções de moral natural, foram ensinados de novo pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. Recordamos sempre este princípio de que "quanto menos se é cristão, menos se é humano"; daí devemos concluir que o nosso primeiro dever para restaurar as relações humanas entre os homens, é de trabalhar para o Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo com toda a nossa força».[38]

## *Reconfortar e animar os sacerdotes*

Monsenhor juntava os actos às palavras. Pouco depois da sua entronização, convocou e presidiu a uma reunião de todos os párocos deões, e fez a proposição seguinte: parece-vos bom que o Bispo venha visitar os sacerdotes nos seus presbitérios, para os reconfortar e os animar?»

Um deão que tinha uma linguagem franca, o Padre Chèze, Pároco da Roche-Canillac, diz então:

– Monsenhor, pedis isso, mas fareis tal como os outros, nunca

[36] SR Tulle, 20 de Abril 1962, p. 127.
[37] Mons. Monéger, entrevista com o Padre Marziac, MS p. 2
[38] SR Tulle, no 1 de Junho, p. 172; 13 de Julho, pp. 208-209

vamos ver-vos!

– Senhor Padre, replicou o Bispo, tendes um agenda, para que fixemos agora uma data para a minha visita?

– Devo bem ter um papel em qualquer parte... Foi a resposta.

Monsenhor tomou então a sua agenda e a data foi fixada. E, uns dias depois, Monsenhor foi para Roche-Canillac, onde ficou quarenta e oito horas em companhia do Pároco, visitando as suas cinco paróquias.[39]

«Ao chegar a Tulle com a minha experiência de missionário», diz Monsenhor Lefebvre, «levava comigo um pouco de esperança. As gentes começaram a retomar coragem, até os sacerdotes. Sentiram que eu não estava desesperado, que a situação não me parecia irreversível». [40]

De facto, Monsenhor pôde visitar três outros párocos, avisando-os no último momento; chegando sozinho ao volante do seu carro, jantava com o Pároco familiarmente, em intimidade, passando a noite no presbitério, celebrando a Missa no dia seguinte de manhã, encontrando uns leigos zelosos, indo também visitar as igrejas dependentes do presbitério.

«Eu vi», narrará ele, «sacerdotes vivendo numa pobreza verdadeira; estávamos muito menos pobres na Congregação do Espírito Santo, mesmo enquanto missionários em África, do que alguns sacerdotes de França, vivendo miseravelmente».

Esta miséria, num deserto espiritual, gerava o desânimo de alguns sacerdotes. «Eu revejo», diz Monsenhor, aquele sacerdote jovem, ordenado havia só dois ou três anos, que chorava no meu escritório:

«Mas Monsenhor, para que é que eu sirvo? Porque me deixei ser ordenado sacerdote? Haveis-me confiado três ou quatro paróquias, mas isso não representa nada: duas ou três velhinhas na Missa dominical, sete ou oito crianças no catecismo, que já não frequentarão a igreja depois da Comunhão e da Confirmação, não sei. Estou desolado. Devo ir comer ao café. Não posso continuar assim!» [41]

Monsenhor pesquisava exactamente as condições de vida material do pobre sacerdote:

«É assim, deve reembolsar o preço do carro que o Bispado lhe

---

[39] Monsenhor Marcel Meyssegnac, entrevista com o padre Fabrice Delestre, 8 de Abril 1997; Mons, Lef. RETREC 8B, Junho 1979

[40] Fideliter n° 59, p. 49

[41] RETREC 2B, 21 de Setembro 1979; RETREC 1 B, 8 de Setembro 1981; COSPEC 140 AB, 9 de Fevereiro 1991

deu?» «E é com este forno a gás que se aquece?» E depois chegava ao plano espiritual; Monsenhor consolava, reconfortava:

«Prepare a sua Missa quotidiana, cuide dela; quando um sacerdote celebrou a sua Missa, fez o mais importante do seu ministério sacerdotal». «Tenha fé nas graças que decorrem da sua Santa Missa, mesmo se tem só duas ou três pessoas para assistir a ela» [42] A humildade é também capital: «É Nosso Senhor que opera, nós somos apenas pobres instrumentos. Aquele que diz para si isso, arma-se contra o desânimo provocado pelo apostolado sem sucesso.» [43]

Tais conversas, sozinho com o seu Bispo, eram um apoio enorme para os sacerdotes. Sentiam Monsenhor confiante, de modo nenhum desesperado, mas persuadido de que podia endireitar-se a situação, porque havia ainda santidade sacerdotal, santos padres e santas religiosas». [44]

## *Havia possibilidade de recuperação*

Nem tudo estava perdido. Bastava apenas retomar os meios mais experimentados e mais tradicionais. Havemos de agrupar os sacerdotes numa nova organização dos decanatos[45]. O Bispo apresentou uma proposição na reunião dos deões. Era um germe, a concepção dos futuros priorados da Fraternidade São Pio X.

Depois, vamos apoiar a congregação diocesana das Irmãs do Sagrado Coração de Maria que animava o Orfanato de Treignac, dispensários e escolas primárias; visitava os doentes e ajudava materialmente os sacerdotes nas Paróquias, prestando enormes serviços, amadas pela população. «Mas», recomendava o Bispo aos seus sacerdotes, «é necessário enviar-lhes muitas vocações, discernir boas rapaerigas»

Então, inaugurar-se-iam novas escolas primárias católicas agrupando várias aldeias, com uma organização para congregar as crianças, estando os pais dispostos a isso. Jovens sacerdotes diocesanos, reunidos, reencontrariam um novo objectivo para o seu zelo.

Manteria o Seminário Menor de Ussel, rico de cento e dez alunos, cujo recrutamento nas classes baixas dava esperança,[46] mas fundar-

[42] Mons. Lefebvre, homilia na Cascade de Bord, 21 de Junho 1962, SR Tulle, na. 1962, p. 199; Conf. Espirutual, Friburgo, 15 de Outubro 1969; COSPEC, 1 de Dezembro 1971

[43] Conf. Spir., Friburgo, 21 de Janeiro 1971

[44] RETREC 1 B, 8 de Setembro 1981

[45] SR Tulle n° 13, 7 de Junho 1962, pp. 187-188

[46] Mons, Marcel Mangematin PSS, Super. Do Seminário maior, Carta à Mons. Lefebvre 26 de Janeiro; Mons. Chassaigne, Carta 29 de Janeiro 1962

-se-ia um Seminário Menor anexo, nos prédios desocupados no Sul de Brive. «Então», dizia Monsenhor Lefebvre, «eu reabrirei «um Seminário que preparará sacerdotes zelosos e com doutrina segura; eu vejo-o bem em Saint-Antoine de Brive» [47]

Ainda mais, a fim de retirar das escolas públicas os adolescentes das famílias católicas que ali estavam «como pobres órfãos»,[48] Monsenhor previa a abertura dum novo colégio secundário católico de rapazes em Tulle, graças à ajuda de alguns sacerdotes de Vendée, que lhe prometia Monsenhor Antoine Cazaux, Bispo de Luçon.[49] Criticava-se muito «os vigários professores» do Oeste de França, mas mal, dizia Monsenhor Lefebvre, porque «é com tais escolas que se retomava a evangelização de raiz, porque a escola católica é um grande meio da evangelização, na condição de ser deveras cristã. As instituições de Magistério são desejadas por Deus para impregnar de religião as crianças» [50].

> «O futuro da Igreja e da Missão encontra-se no ensinamento e particularmente nas escolas dirigidas pelos sacerdotes, religiosos e religiosas, que preguem pelas palavras e pelo exemplo da sua vida; onde jaz o futuro dos Seminários, dos religiosos e religiosas, dos lares cristãos, senão nas escolas católicas.» [51]

Querer desenvolvê-los em Tulle tal como em Dakar era demonstrar um são realismo, de homem «com os pés na terra.»

## 4. Uma presença extraordinária

### *Excelente Bispo «com os pés na terra»*

Damos alguns exemplos dos contactos muito bons que Monsenhor Lefebvre teve com os seus Sacerdotes. [52] Tendo falecido duas pessoas em condições duvidosas, o Pároco de Brive telefonou ao Bispo. Logo apareceu o Bispo do outro lado do fio. «Está no local», diz o Bispo, «veja, julgue e decida; em tudo o que decidir, apoiá-lo-ei.» «Eu apreciei muito, dirá o Pároco, esta resposta realista e conforme ao que um sacerdote tem direito de esperar do seu Bispo».

---

[47] Vinatier 259

[48] Expressão de Mons. Lef. que desagradou aos leigos empenhados nas capelanias dos liceus.

[49] COSPEC 140 A e B, 9 de Fevereiro 1991. Havia dois colégios em Brive: Escola de Bossuet e escola Saint-Antoine, outrora «Seminário menor das missões»

[50] Conf. Spir., Friburgo, 25 de Novembro 1969

[51] Nota para a Cagnon, 11 de Junho de 1987

[52] Mons. Marcel Meyssignac, antigo Arcebispo de Brive, entrevista com o Padre Fabrice Delestre, 8 de Abril 1997

No dia 7 de Julho, Monsenhor Lefebvre, que se tinha convidado ele mesmo para ver o apostolado em Brive, chega na tarde na hora prevista.

Monsenhor, diz o Pároco, desculpai-me, mas eu tenho uma reunião para organizar o acolhimento e o trânsito dos refugiados de Argélia que chegam ao ritmo de dois mil por dia a Brive!

- Fazei favor de ir! Mas a minha presença na reunião poderia ser útil? Isso me daria uma experiência, reorganizar o mesmo em Tulle.
- Não me atrevia a vo-lo propor... No momento certo.

  E o Bispo mostrou-se muito atento, e fez no momento certo umas intervenções discretas mas realistas e cheias de prudência.

Nesta época, quinze generais e oficiais superiores, autores do «Putsch» (golpe de estado) de 22 de Abril de 1961, em Argel, estavam encarcerados na prisão de Tulle. Monsenhor Lefebvre quis visitá-los pessoalmente e fez o pedido ao Ministério da Justiça e do Interior. Infelizmente, a autorização chegou apenas depois da sua partida da Diocese... Isto é apenas um eufemismo: na realidade, o Governo recusava todo o encontro entre os oficiais presos e o Arcebispo-Bispo que pedia uma tal visita.

Eu teria ficado feliz com esta visita, exclamava Monsenhor Lefebvre, mas três ministros me recusaram a possibilidade de visitar tais heróis, cuja prisão era visível a partir da casa episcopal.» [53]

O seu sucessor, Monsenhor Donze, pôde encontrar os oficiais. A entrevista correu mal, porque o Bispo ficou quase sem falar, Foi então que Monsenhor Lefebvre conseguiu fazer qualquer coisa em favor dos prisioneiros. O Capelão do Hospital e da Prisão de Tulle era o Padre Lory, um sacerdote original, objector de consciência e desfavorável à tropa. Assim, os oficiais, passando ao número de dezassete com a chegada de Salan e Jouhaud no dia 7 de Dezembro de 1962, estavam desprovidos de socorros espirituais.

Raoul Salan, «convertido» na Prisão da Saúde pelos exercícios de Santo Inácio, que lhe pregou o Padre jesuíta Joseph Vernet, [54] escreveu de Tulle a um amigo jesuíta,[55] o qual fez seguir a carta para

[53] Nota para André Figueras, 15 de março 1984. A. Figueras, No seu Romance sobre OAS. Les funéraille de l'honneur (Auto ediçao, 1984), imagine o que teria podido ser uma entrevista do bispo Monsenhor Lefebvre com os oficiais (pp. 137-139)

[54] Cf. Edmond Jouhaud, Ô mon pays perdu (ó meu Pais pedido), Fayard, 1969, pp. 495 e 513; Hélie de Saint-Marc, mémoires, les Champs de braises (os campos de brasas), Perrin, 1995.

[55] O padre Robert-Marie Louisgrand. Arquivos do Padre Marziac.

Monsenhor Lefebvre. Aquele conseguiu, fazer nomear por Monsenhor Donze um novo Capelão na pessoa do Padre Meyssignac, que se dedicou aos oficiais durante o resto da detenção deles.

O Pároco Meyssignac, encarregado da construção duma nova igreja (o Sagrado Coração), nos bairros Noroeste de Brive (Les Rosiers), estava embaraçado: ninguém dos arquitectos da Cidade era competente para uma tal construção. Monsenhor veio ao lugar ver o local escolhido e, num quarto de hora, inventariou as razões que justificavam este local. Depois aconselhou encarregar o arquitecto de Colmar, Joseph Muller, que desenhara gratuitamente trinta e cinco planos de igrejas africanas; O Sagrado-Coração foi acabado e consagrado em 1965.

Apesar do seu pouco gosto pela Acção Católica oficial, Monsenhor Lefebvre deixou-se convencer pelo Cónego Paul Gouygou, o seu chanceler, para mudar de programa da sua agenda, afim de presidir à reunião diocesana de ACGH (Acção Católica Geral dos Homens). O Bispo presidiu portanto a esta sessão de 24 de Junho de 1962, em Ussel. O seu propósito foi certamente, «estudo, piedade, acção», recomendando a oração, o estudo das Encíclicas dos Papas e uma acção antes de tudo sobrenatural.

«Dos oitos Bispos que eu conheci em Tulle», dirá Monsenhor Meyssignac, «é ele quem respondia melhor aos critérios dum Bispo. No terreno, ele era formidavel. Bispo de Tulle durante exactamente seis meses, passou na Diocese apenas trinta e um dias, em tudo e para tudo. Mas em Tulle ele foi um excelente Bispo, com os pés na terra, duma presença extraordinária. Não sei», diz ainda Monsenhor Meyssignac, «como ele fazia para ser tão presente e era um Bispo tão próximo dos seus sacerdotes». «Digo isto», acrescenta o Bispo Meyssignac, «porque é a verdade, mesmo se isso não agrada a todos».

## *Despedida de Tulle*

Infelizmente (!), em Julho de 1962, reuniu-se o Capítulo Geral dos Padres do Espírito Santo que, no dia 26, escolheu, como era previsível, Monsenhor Lefebvre como novo Superior Geral. De 14 de Maio a 7 de Junho, o Prelado fez digressão de confirmação na sua Diocese, conferindo este sacramento do combate cristão a mais de mil crianças e adolescentes. Logo depois do Capítulo, regressou a Correze, no dia 14 de Agosto, fez a sua despedida em Lacabane, no dia 15, e em Beaulieu, no dia 16, despediu-se do Prefeito e do Presidente da Câmara de Tulle; no dia 17 recebeu o Capítulo da Sé e os párocos, e deixou definitivamente a Diocese no dia 18, para Paris.

Mas fiel ao seu compromisso, acolheu em Roma os peregrinos

correzianos chegados à Cidade Eterna, no centenário da morte do Papa corréziano Inocêncio VI. Monsenhor Lefebvre obteve-lhes uma audiência com João XXIII, no dia 29 de Agosto, em Castel Gandolfo. No fim da audiência, Monsenhor Lefebvre, acompanhado de Monsenhor Monéger, director da Peregrinação, aproximou-se do Papa:

– Santíssimo Padre, nomeastes-me em Tulle e eu pensava ficar lá até ao fim da minha vida; mas eis que confirmastes a minha eleição de Superior Geral dos Espiritanos.

– Foram os votos dos seus confrades, respondeu João XXIII, é necessário aceitar estes votos.[56]

Foi ainda Monsenhor Monéger que nos ajudou a acabar este capítulo. Na altura da partida dos peregrinos para Roma Ostiense, Monsenhor Lefebvre veio fazer as despedidas. No momento de subir para o comboio, eis que uma mulher, que tinha comprado demasiadas recordações, passou perto de Monsenhor Lefebvre levando com grande dificuldade a sua mala: Monsenhor Lefebvre apanhou a mala, informou-se do número do vagão e acompanhou esta pessoa até no comboio, com um gesto cheio de delicadeza e caridade benevolente.

[56] Monsenhor F. Monéger, Entrevista com o Padre Fabrice Delestre, 8 de Abril de 1997.

# Capítulo XII

# Face à tormenta conciliar

## 1. Membro da Comissão Central Preparatória

### *«Por uma inspiração do Altíssimo»*

«Que pensam Vossas Eminências Reverendíssimas àcerca da oportunidade de convocar um Concílio Ecuménico para prosseguir o Concílio do Vaticano interrompido em 1870?»

Assim falava Pio XI naquele consistório secreto de 23 de Maio de 1931. Os Cardeais mostraram-se quase unanimemente desfavoráveis a tal empreendimento: As vantagens que se poderiam esperar dum Concílio podiam ser obtidas, diziam eles, sem Concílio e não estariam em proporção com os inconvenientes certamente esperados. Por sua vez, o Cardeal Billot ergueu-se: «Não é possível dissimular, disse ele, a existência de divergências profundas no seio do próprio Episcopado... Tais desacordos arriscam-se a dar lugar a discussões que se prolonguem indefinidamente». «Não se deve temer, acrescentou o Cardeal Billot, podermos antever um Concílio «manobrado» pelos piores inimigos da Igreja, os modernistas, que se preparam desde já, como indícios certos o demonstram, para aproveitar os Estados Gerais da Igreja, para consumar a revolução; um novo 1789?»

«Devemos recear», conclui ele, «vermos introduzidos procedimentos de discussões e de propaganda mais conformes aos usos democráticos que às tradições da Igreja». [1]

Trinta e cinco anos mais tarde, em 25 de Janeiro, o Papa João XXIII anunciava[2] aos cardeais reunidos no mosteiro de São Paulo Extra-Muros, a sua «humilde resolução» de celebrar um Concílio Ecuménico. [3]

---

[1] Caprile V, 681-701, citado por Raymond Dulac, A colegialidade segundo o segundo Concílio Vaticano, Cèdre, Paris pp. 9-10

[2] AAS 51 (1959), 68; DC 1300, 387-388

[3] Pio XII, em Fevereiro de 1948, tinha retomado a ideia de Pio XI. Os Cardeais

A imagem que, numa primeira abordagem, João XXIII delineava do Concílio era *irénica (pacifista)*: «Espectáculo admirável de coesão, da unidade, e da concórdia da Santa Igreja de Deus (...) O Concílio constituirá um convite aos irmãos separados (...) para poderem regressar ao rebanho universal, o qual Jesus Cristo quis confiar, até ao Seu regresso, à guarda de São Pedro.» [4]

Contudo, o anúncio de 25 de Janeiro de 1959 havia suscitado uma perturbação profunda, sobretudo entre os colaboradores institucionais do Papa; [5] o Cardeal Ottaviani foi a excepção.

Monsenhor Lefebvre julgará severamente o optimismo obstinado do Papa João: «Ele pretendia ignorar que o seu predecessor Pio XII, ele também, desejava reunir um Concílio, todavia tinha tido a sabedoria de a tal renunciar, tomando em linha de conta os enormes riscos que tal representaria para a Igreja, João XXIII, literalmente, obstinou-se. Ele não quis ouvir nenhum dos seus que disso o tentaram dissuadir. Muitos desaconselharam-no de reunir um Concílio. Argumentavam com a pressão que os *media* iriam exercer sobre um Concílio.» Mas que não, retorquia João XXIII, isso não teria importância.» [6]

Desde antes da eleição de João XXIII para o Soberano Pontificado, os iniciados no pensamento roncalliano não podiam nutrir nenhuma dúvida sobre o seu desígnio de «consagrar o ecumenismo»; [7] o ex--representente, depois Delegado Apostólico na Bulgária (1925-1934) tinha muito precocemente pronunciado a sua oposição à acção missionária dos católicos orientais («uniatas») e em favor de um apostolado para a «união das Igrejas, para constituírem todas a verdadeira e única Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo». [8]

---

Ruffini e Ottaviani aí contemplaram uma boa ocasião para a condenação dos desvios da «Nova Teologia»Todavia os 65 bispos consultados propuseram uma série de novos temas, desorientadores. Pio XII acabou por se cansar e decidiu que um Concílio não era necessário. Assim definiu, ele próprio, a Assunção de Maria, em 1950, e condenou os erros contemporâneos, nesse mesmo ano, com a Encíclica « Humani Generis».

[4] Discurso à federação das Universidades Católicas, 1 de Abril de 1959, DC 1302, 515

[5] Alberigo I, 204, n° 17 e 18

[6] Cagnon 5; cf. Fideliter n° 59, p. 41

[7] Segundo a predição do velho amigo de Roncalli, Dom Jean Lambert Beauduin OSB. Cf. Louis Boyer, *Dom Lambert Beauduin, un homme d'Eglise* (um homem da Igreja), Casterman, 1964, pp. 180-181

[8] Carta do 27 de Julho de 1926 a C. Morcefki, jovem ortodoxo desejoso de estudar no Seminário católico, e que Roncalli não aceitou. Alberigo I, 19

## *O inquérito do Cardeal Tardini*

Os bastidores dum concílio já virtualmente armadilhado, escapavam ainda, naturalmente, a Monsenhor Lefebvre, quando recebeu do Cardeal Tardini uma carta de 18 de Junho de 1959, interrogando o episcopado mundial àcerca dos assuntos que deveriam ser abordados pelo Concílio. Desde o dia 17 de Maio, João XXIII havia efectivamente anunciado[9] a constituição duma Comissão ante-preparatória, presidida por Domenico Tardini, Secretário de Estado, e composta de dez membros, dos quais o MRP Arcádio Larraona, claretino, Exmos. Pietro Palazzini e Dino Staffa, e ainda o RP Paul Philippe.

Algumas das respostas episcopais merecem ser conhecidas: O Bispo duma minúscula diocese italiana, Monsenhor Carli, sobretudo desejoso de remediar os inconvenientes duma tal pequenez, manifesta entretanto a sua preocupação doutrinal aspirando a ver condenado pelo Concílio o «evolucionismo materialista» bem como o «relativismo moral». Inquieta-se igualmente com as intrigas do judaísmo internacional. As suas preocupações são corroboradas e ultrapassadas pelas dum bispo brasileiro, D. António de Castro Mayer, o qual solicita que o Concílio «denuncie a existência duma conjura contra a Cidade de Deus» e considera que a «formação de sacerdotes deveria tender, em primeiro lugar, para a geração de Padres combativos contra a conspiração anti-cristã». O seu compatriota, D. Geraldo de Proença Sigaud, não é menos clarividente e pugna por denunciar «o inimigo implacável da Igreja e da sociedade católica (...) a revolução»; ele reclama um «combate contra-revolucionário», em particular contra o comunismo. [10]

O Arcebispo de Dakar, que logo concluirá com estes prelados a santa aliança que nós noticiaremos, compendiará em síntese decisiva as palavras destes prelados e manifestará as suas preocupações sobretudo pastorais: Na sua resposta ao Cardeal Tardini,[11] ele preconiza uma aceleração dos procedimentos de nulidade matrimonial, uma simplificação das regras concernentes aos benefícios eclesiásticos e às penas canónicas, uma extensão do poder de ouvir confissões, um alargamento da possibilidade de celebrar a Missa de tarde.

Monsenhor Lefebvre considera um uso mais generalizado do clergyman, determinado por uma pequena cruz que nele se alfinetaria; defende o aumento do número de bispos de maneira a que uma

---

[9] Sermão de vésperas de Pentecostes, AAS 51 (1959),420; DC 1306, 770 e 782

[10] A. DOC, series (Ante preparatória). Vol. II

[11] Dakar 26 de Fever. 1960

diocese não ultrapasse os duzentos mil fiéis; sugere a adaptação das cerimónias do Baptismo ao catecumenato; critica com veemência as falhas da Congregação da Propaganda e propõe um plano de reforma bastante radical. [12]

Estas propostas encontram-se bem de acordo com as audácias pastorais, o sentido prático e a preocupação essencialmente apostólica que nós já salientámos no capítulo *Arcebispo de Dakar*, favorável à modernidade no sentido duma melhor adaptação dos meios, das estruturas, aos fins missionários.

A boa ordem no governo diocesano preocupa-o particularmente. Monsenhor Lefebvre está inquieto com o livre exercício da autoridade dos Bispos face às assembleias episcopais invasoras bem como às directivas estrangeiras da Acção Católica. Ele reclama determinações àcerca do apostolado dos leigos.

Todavia Monsenhor Lefebvre exprime igualmente os seus cuidados àcerca da sã doutrina, propondo remédios para os desvios doutrinais que se disseminam nos Seminários, especialmente sublinhando a necessidade do ensino da Teologia segundo a Suma de São Tomás de Aquino e o auxílio dum compêndio de doutrina social da Igreja. Dois pontos particulares de doutrina retêm a sua atenção: O dogma «Fora da Igreja não há salvação» que é necessário precisar contra «os erros graves, [13] que arruínam o sentido missionário da Igreja» e uma verdade mariana que a Monsenhor Lefebvre «parece desejável definir ou pelo menos afirmar»: que a Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus é Medianeira de todas as graças. [14] Esta verdade não produzirá senão a confirmação da maternidade espiritual da Virgem Maria.»

As propostas de Monsenhor Lefebvre e de três outros Bispos que não citamos constituem a «linha média» das sugestões episcopais mundiais, [15] entre as quais raríssimas são as solicitações de clarificações doutrinais.

## *O Cavalo de Tróia na Cidade de Deus*

No dia 15 de Junho, Monsenhor Lefebvre, então Arcebispo de Dakar, é nomeado por João XXIII, assim como Bernard Yago, Arcebispo de Abidjan, enquanto representante de África Ocidental

---

[12] Cf Fideliter n° 140, Março-Abril 2001, p. 20

[13] Cf. R. P. Retif «A doutrina missionária dos Padres da Igreja» em *Missões católicas* n° 77, Janeiro-Março 1960, p. 38

[14] Monsenhor de Castro Mayer, procederá à mesma solicitação

[15] P. Simoulin «Os votas dos bispos» em *Igreja e contra –Igreja*, 89

francófona, membro da Comissão Central Preparatória do Concílio. Composta por cento e vinte membros, ela deverá examinar os esquemas redigidos pelas dez comissões preparatórias segundo as conclusões do Episcopado mundial.

Até Junho de 1962, o Arcebispo – que se havia tornado Bispo de Tulle – participará em todas as sessões da Comissão Central, por vezes presidida pelo Papa; ele poderá ali verificar a seriedade e gravidade da preparação, mas igualmente a terrível luta de influências que se trava entre os dois pólos criados pelo próprio Papa João XXIII: O dos romanos com a Comissão Teológica do Cardeal Ottaviani, Pró-Secretário do Santo-Ofício, e os liberais com o seu «Cavalo de Tróia», o Secretariado para a Unidade dos Cristãos presidido pelo Cardeal Agostino Bea assistido pelo jovem prelado holandês Jan Willebrands. [16]

## *Primeiras escaramuças*

Como todos os Padres, Monsenhor Lefebvre recebeu a lista dos peritos nomeados pelo Papa para as diversas Comissões Preparatórias; [17] ele procedeu à sua atenta leitura. Igualmente, durante a primeira Sessão da Comissão Central, quando chegou a sua vez de emitir um conselho, Monsenhor Lefebvre não hesitou, a 15 de Junho de 1961, em denunciar – sozinho – a contradição entre o dizer e o fazer:

> «Quanto às qualidades dos teólogos e canonistas do Concílio, afigura-se com clareza, como o afirmaram explicitamente os conselheiros,[18] que eles devem, em primeiro lugar, possuir o sentido da Igreja, aderir de coração por palavras e obras à doutrina dos Soberanos Pontífices, exposta em todos os documentos deles emanados.
>
> «É tanto mais necessário corroborar este princípio, quanto nós ficámos muito surpreendidos, conforme à minha modesta opinião, ao lermos na lista das Comissões Preparatórias, os nomes de alguns teólogos cuja doutrina não parece dotada das qualidades exigidas pelos conselheiros.» [19]

---

[16] Secretaria da Conferência católica para as questões ecuménicas, fundada em 1952, em Friburgo, Suíça, soba presidência do Bispo local, François Charrière, como vinculo oficial com o Conselho ecuménico das Igrejas. Cf. Harold Frey, em Rouse e Neill, História do movimento ecuménico, WCC, 4° Edição SPCK, Londres 1993, p. 320

[17] Trata-se dos consultores nomeados a partir de Junho de 1960. DC 1346, 267 sq. E lista complementar, DC1367, 67 sq.

[18] Particularmente, Wynen, Juiz da Rota, e Vaccari

[19] A. DOC series II (preparatória), Vol. II, parte I, p. 316

Pelo menos três dos consultores, haviam efectivamente sido censurados ou sancionados pela autoridade superior. [20]

«Nesse mesmo momento», recorda Monsenhor Lefebvre, «o Cardeal Ottaviani não ratificou as minhas palavras, todavia após a reunião, ao café, ele tomou-me pelo braço:

»Bem sei, disse ele, mas que fazer? O Santo Padre assim o quer; ele quer peritos que possuam nome!» [21]

E Monsenhor comentou, mais tarde, esta decisão do Papa João XXIII: «De facto, ele (João XXIII) era preferencialmente propenso ao laxismo. A sua cabeça seria talvez bastante tradicional, mas não certamente o seu coração. Sob a aparência de professar uma certa largueza de vistas, ele havia tombado muito facilmente no espírito liberal. E quando (mais tarde) lhe eram apresentadas dificuldades do Concílio, ele assegurava aos seus interlocutores a sua certeza de que «tudo se iria arranjar», que «toda a gente se poria de acordo.» João XXIII não queria aceitar a ideia de que alguém fosse mal intencionado e que fosse necessário tomar cautela (...) analogamente impôs como peritos pessoas já condenadas pelo Santo Oficio, e isso mau grado a justa emoção causada por uma tal decisão.» [22]

Desde Novembro de 1961, iniciaram-se perante a Comissão Central, o exame e a discussão dos esquemas preparados pelas Comissões; o Arcebispo concedeu-lhes na generalidade o seu *placet* (o seu sim).

«O Concílio, dirá Monsenhor Lefebvre, dispunha-se pelas comissões preparatórias, a proclamar a verdade face aos erros contemporâneos, com o objectivo de os fazer desaparecer por muito tempo do seio da Igreja; o Concílio preparava-se para constituir uma núvem luminosa no mundo hodierno, se se tivessem utilizado os textos pré-conciliares, nos quais se encontrava uma profissão solene de doutrina segura e firme, face aos problemas modernos. [23]»

Efectivamente, no dia 20 de Janeiro de 1962, quando o Cardeal Ottaviani expôs o seu esquema «àcerca da fé a guardar com pureza», Monsenhor Lefebvre considerando que a Igreja não pode conservar este depósito sem combater os erros, declarou:

«O Concílio deve preocupar-se com os erros actuais – como

---

[20] Y. Congard OP. , H. De Lubac e Karl Rahner SJ.

[21] COSPEC 11 de Dez. De 1972, 20 de Set. De 1973; Fideliter n° 59, p. 39; Conversa com o Padre Marziac, pp. 5-6

[22] Fideliter n° 59, p. 41

[23] Monsenhor Lefebvre, *Acuso o Concílio*, pp. 108-109

podemos defender a Fé se não possuímos princípios?»[24]

Posteriormente, no dia 23, ele propõe, na sua observação oral, que o Concílio elabore duas espécies de documentos:

«Ao lado dos esquemas propostos que seriam acompanhados de «cânon» rejeitando de forma precisa e quase científica os erros actuais, redigiria o Concílio um opúsculo expondo «de maneira mais positiva» a síntese de toda a economia cristã «onde se manifestaria luminosamente que nenhuma salvação é possível fora de Nosso Senhor Jesus Cristo, Nosso Salvador, e do seu Corpo Místico que é a Santa Madre Igreja,[25] (...) conforme às concepções de numerosos membros da comissão.»[26]

Já então as críticas insidiosas dos Padres liberais inquietavam Monsenhor Lefebvre: O Cardeal Alfrink havia reprovado, no dia 20 de Janeiro, num esquema do Cardeal Ottaviani, o encontrar-se «vinculado a certa escola filosófica» e o Cardeal Bea acusava a «linguagem escolástica» do documento. Pressentindo que os liberais desencadeavam, desde esta segunda Sessão Preparatória, uma manobra de envergadura com o objectivo de eliminar todos os esquemas que não lhe agradavam, ou seja, a maioria, o Arcebispo Lefebvre formulou então a sua proposta ousada e original. Os liberais não foram papalvos e compreenderam que tinham em Monsenhor Lefebvre um adversário resoluto em frustrar as suas maquinações. O Cardeal Ottaviani, pelo contrário, aprovou e louvou a ideia de Monsenhor Lefebvre e foi secundado por numerosos Padres. Infelizmente o projecto não teve sequência.

As sessões sucederam-se às sessões, repetia-se a mesma cena: Após a apresentação de cada esquema pelo presidente da Comissão que o tinha elaborado, procedia-se à discussão conduzida pelos Eminentíssimos; os mais frequentes eram Liénart, Frings, Alfrink, Dopfner, König e Léger, dum lado; Ruffini, Siri, Larraona, e Browne do outro lado; seis cardeais contra quatro.

Afigurava-se claramente a todos os membros que estavam presentes, explica Monsenhor Lefebvre, que existia uma divisão no interior da Igreja, uma divisão que não era fortuita ou superficial, mas profunda, mais ainda entre os cardeais, que entre os Arcebispos ou Bispos.»

---

[24] Texto manuscrito do Sufrágio

[25] Segundo o exemplo do Concílio de Trento o qual, lado a lado com as suas declarações e seus cânones, produziu «A admirável síntese da fé católica em seu Catecismo» (Ibid.)

[26] A. DOC, II, II, II, 417-418.

Com o tempo, as intervenções de Marcel Lefebvre fizeram-se sempre mais numerosas, quer preparadas antecipadamente, quer rabiscadas durante as sessões, enquanto escutava os Padres liberais. Oportunamente, de forma grave, com espírito sobrenatural, o Arcebispo levanta-se para proclamar a voz do *sensus Ecclesiae*.

Assim, no dia 17 de Janeiro de 1962, quando o esquema do Cardeal Aloisi Masella, sobre o sacramento da Ordem propõe a tese que concede aos Diáconos a possibilidade de se casarem, Monsenhor Lefebvre ergue um protesto:

> «Nas nossas terras de Missão, parece-me que esta prática nova será interpretada como uma via em direcção ao matrimónio dos sacerdotes, «quod non placet» (pelo que vetou a proposta); além disso existe um perigo certo de diminuição de vocações para o estado sacerdotal (...). Em compensação, agrada-me muito a nova instituição duma ordem de diácono permanente.»

## *Defensor da Missa romana, tradicional, latina e gregoriana*

A sessão de Março-Abril de 1962 aborda a Liturgia: O Cardeal, contra a sua vontade, apresentou o esquema do Padre Bugnini, assinado pelo seu predecessor, o defunto Cardeal Gaetano Cicognani. [27] Trata-se do plano detalhado duma reforma (instauração) sistemática de toda a liturgia, segundo os princípios inovadores já aplicados pelos padres Antonelli e Bugnini para a reforma dos ritos da Semana Santa, rejeitando a reforma do código das rubricas de 1960 «sob a pressão preponderante dos novos fermentos inovadores».[28]

Enquanto que os padres liberais louvavam à porfia este esquema «que deve ser colocado entre os mais notáveis de todos os esquemas que até agora foram propostos à nossa Comissão Central», como afirma Dopfner, Ottaviani denuncia aqui «um espírito que escancara a porta às inovações, ou pelo menos que acarinha o desejo das inovações».

Monsenhor Lefebvre denuncia por sua parte:

> «A definição da Liturgia, (que) parece incompleta, visto que aí se afirma mais o aspecto sacramental e santificador e não suficientemente o aspecto de oração. Ora o aspecto fundamental da liturgia consiste no culto prestado a Deus, um acto de religião.»

---

[27] falecido a 5 de Fevereiro Ele havia assinado, no dia 1 de Fevereiro, após ter por longo tempo expresso a sua recusa, o esquema da comissão litúrgica a que presidia. O seu sucessor , Larraona, estava muito descontente por ter de ratificar o esquema Bugnini.

[28] Bugnini, 26

Posteriormente, opondo-se ao incremento das leituras na Missa e à extensão do vernáculo, («Que ficará das tão belas melodias gregorianas?») Monsenhor Lefebvre ataca os autores do projecto e da ideia duma reforma súbita e artificial:

«Certamente afirma-se que somente a Hierarquia pode modificar qualquer coisa na liturgia (...) todavia (...) nós sabemos por experiência que não são os Bispos que solicitam alterações, mas sim certos padres das comissões pastorais litúrgicas que não possuem outra actividade senão proceder a certas alterações na Liturgia! (...)»

«Não devemos nunca esquecer que é necessário manter as tradições»; também as alterações deverão ser admitidas com uma grande prudência. O que é a Tradição, senão a obra da Igreja no pleno decurso dos tempos? E esta obra comporta geralmente o frutificar duma realidade que resulta da elaboração de numerosas gerações.» [29]

A perspicácia do Prelado provoca admiração. A reforma proposta é anti-litúrgica, na medida em que deita fora o essencial, o culto divino, e despreza o trabalho da Tradição.

No dia 27 de Março, em presença do Padre Bugnini, foi exposto aos Padres, pelo infeliz Cardeal Larraona, [30] o plano de reforma do Ordinário da Missa.

Enquanto que os Lercaro, Dopfner e outros aprovam beatamente, os cardeais «romanos» contra-atacam: Godfrey disseca o texto, e nele refuta alguns sofismas, repudiando umas após outras, as supressões e modificações propostas. Ottaviani profere um *non placet* massivo:

«Existe um tal amontoado de modificações, que parece aí haver uma reforma revolucionária, que gerará um sensível abalo entre o povo cristão.»

O Cardeal Browne afirma o princípio:

«A santificação do homem (...) processa-se na Missa pelo exercício mesmo do acto de oblação ou do sacrifício, supremo acto da virtude da religião. Esta verdade foi lançada no esquecimento pelos inovadores[31], para acentuarem a audição da palavra de Deus e a celebração da Ceia.»

---

[29] A doc, II, III, 71, 76, 98-99

[30] Acerca da resistência de Larraona, ver Bugnini, 41

[31] Trata-se dos protestantes. Mas a Comissão Litúrgica e especialmente o professor Joseph Jungmann, relator da sub-comissão da reforma da Missa, são indirectamente visados

Quanto ao Padre Paul Philippe, ele explica que a concelebração, à luz da doutrina exposta por Pio XII, obscurece o papel único e hierárquico do sacerdote, assimilado na Missa ao Cristo Sacerdote; e que, analogamente diminui o fruto principal da propiciação e da impetração por vivos e defuntos, pois que este fruto «não é o mesmo numa só Missa concelebrada e em várias Missas celebradas por vários sacerdotes.»

Manifestando por sua vez o seu sufrágio, afirma de imediato Monsenhor Lefebvre: «*Placet justa modum*[32]: conforme às observações dos Eminentíssimos Cardeais Godffrey, Ottaviani, Browne e do Reverendo Padre Philippe.» [33]

Era um «Sim» a uma reforma, (relativa à parte da Missa, anterior ao Ofertório) mas um «Não» a uma revolução.

A Comissão de Reforma, solicita ele, deverá operar sob a autoridade do Papa; todavia, «Uma vez concretizadas as alterações, que as mantenham com estabilidade durante algum tempo, pois as modificações contínuas geram o menosprezo pela dignidade e valor dos ritos litúrgicos da Igreja, tanto entre os sacerdotes, como entre os fiéis.»

No dia 30 de Março de 1962, Monsenhor Lefebvre ia opor-se às inovações propostas na Liturgia dos países de Missão pelo esquema do Cardeal Agagianiam, naquilo em que elas destruíam a unidade do rito e da língua litúrgica, a qual «constitui, para nós fiéis das terras de Missão, um fortíssimo argumento em favor da Fé, face à diversidade dos ritos dos Protestantes, que manifestam a sua divisão.»

Monsenhor Lefebvre ilustrava esta verdade com dois factos. «Quando a sagrada Congregação da Propaganda nos conferiu a faculdade de traduzir em língua vernácula os cânticos da Missa solene: Kyrie, Glória e Credo, etc., todos os sacerdotes, especialmente os pertencentes ao clero indígena, negaram de forma veemente a utilidade desta tradução, pois que eles e seus fiéis conhecem perfeitamente estes cânticos e sabem que esta língua latina constitui um sinal de unidade na Fé.»

«Por ocasião do Congresso Panafricano de Dakar, os presidentes dos Governos Civis, Senghor do Senegal, Tsirana do Madagáscar, Maga do Dahomé e Yaméogo do Alto-Volta, reunidos na Catedral na Missa Solene, cantavam eles próprios, unanimemente e mesmo a plenos pulmões, todos os cânticos latinos incluindo o Graduale, e

---

[32] Sim na condição de introduzir tal modo, tal modificação, no texto

[33] A. Doc. II, III, 121, 125, 126, 128, 142.

após a Santa Missa afirmaram-nos expressamente a sua alegria por esta unanimidade.

Perante todos os católicos presentes, que grande exemplo de unidade e de fraternidade na oração e no culto!

Se, portanto, se admite o princípio segundo o qual as conferências episcopais podem agir e legislar em matéria de liturgia e de ritos sacramentais, mesmo segundo a opinião unânime da Santa Sé, existe um verdadeiro regresso às liturgias e aos ritos nacionais; todos os esforços de dois séculos para favorecer a unidade litúrgica desvanecer-se-ão; a arte e a música gregoriana cairão em ruínas (...) existe um perigo de anarquia.» [34]

## *O Apostolado dos leigos e de Cristo-Rei*

Regressemos à sétima e última Sessão Preparatória. Nela, o Arcebispo compromete-se vigorosamente a favor do Reinado de Cristo-Rei sobre as próprias realidades temporais.

No dia 18 de Junho, a respeito do apostolado dos leigos, Monsenhor Lefebvre solicita que seja afirmada a sua dependência face ao apostolado sacerdotal e, para isso, ele distingue, tal como São Pio X, [35] dois graus de dependência, conforme o apostolado dos leigos constitua um apostolado em sentido lato «na santificação da vida profissional e da cidade», onde os leigos se encontram submetidos à vigilância dos Bispos, ou ainda um apostolado em sentido estrito, onde os leigos dependem então, sem qualquer dúvida, directa e imediatamente da autoridade episcopal, bem como da dos sacerdotes nomeados pelos Bispos, na exacta medida em que nesse caso os leigos operam então na área da própria missão confiada por Cristo aos Bispos». [36]

Tendo feito esta luminosa distinção, Monsenhor Lefebvre especifica que não pode entretanto separar-se o domínio temporal do domínio espiritual, pois que, por um lado, o temporal encontra-se, de facto, na Ordem sobrenatural, e, por outro lado, os clérigos não podem ser excluídos do cuidado, bem como da posse das coisas temporais. Por fim, denuncia como constituindo a ruína do apostolado verdadeiro, o falso princípio: Restauramos em primeiro lugar a Ordem natural para que em seguida se torne sobrenatural.

«Nosso Senhor Jesus Cristo», diz Monsenhor Lefebvre, «jamais

[34] A. Doc, II, III, 384-385

[35] São Pio X, Enc. Il fermo propósito, 11 de Junho de 1905; EPS. O laicado, n° 364-365

[36] Sufrágio 18 de Junho de 1962, A. Doc, II, IV, 558-559

nos ensinou este princípio, constituindo Ele próprio a restauração da Ordem tanto natural como sobrenatural, pois que a sua Graça é ela mesma, simultaneamente, medicinal e edificante.»

## *Duplicidade do Papa João*

Mas eis que o Papa João XXIII introduz na batalha preparatória um segundo cavalo de Tróia: A acção do jovem João Joseph Suenens, Arcebispo de Malines, que ele acaba de nomear membro da Comissão Central Preparatória e a quem vai criar Cardeal.

Desde Março de 1962, que Suenens se vem queixando junto do Papa João XXIII, do número «abusivo» de esquemas – não menos de setenta. João XXIII, o qual não tinha dado nenhuma linha directriz para o trabalho preparatório,[37] e que não queria afrontar Ottaviani, encarrega Suenens de desbravar o terreno secretamente. O plano Suenens consiste em reutilizar todos os esquemas preparatórios, remodelando-os num quadro bipartido: O que a Igreja tem a dizer aos seus filhos, *ad intra*, e o que ela tem a dizer ao mundo, *ad extra*». A segunda parte constitui evidentemente uma novidade revolucionária.

Pronto em fim de Abril, este projecto agrada ao Papa, sendo comunicado, por sua ordem, em meados do mês de Maio, a alguns Cardeais influentes que o próprio João XXIII deseja congraçar com esta ideia: Os Cardeais Dopfner, Montini, Siri, Liénard e Lercaro.[38] Não seria esta atitude um engodo com o fim de deitar fora os esquemas preparatórios? Desta maneira, João XXIII destruía com uma mão aquilo que edificava com a outra: deixando as comissões preparatórias prosseguirem o seu trabalho, e programando a sua aniquilação por meio de outras.

O Espírito Santo encarregar-se-ia de dispor bem as coisas, pensava João XXIII, para fazermos fé nas palavras do Bispo de Tulle, reportando aos seus diocesanos a sua conversa de 7 de Maio de 1962[39] com o Papa, a propósito dos trabalhos da Comissão Central:

«O Santo Padre segue-os com um profundo interesse e um espírito de fé que toca a admiração. É bem sobre o Espírito Santo que o Santo Padre fundamenta a sua esperança e não sobre cálculos humanos.»[40]

---

[37] Cf. Conferência do Card. Bea, Setembro de 1962, Fouilloux, 72, n° 56; Lovey, Em Igreja contra Igreja, 141

[38] Alberigo,191; Fouilloux, 149; Lovey in op. Cit., 138

[39] Silenciando a pequena «moral» que João lhe havia administrado. Cf o nosso capítulo precedente

[40] Semana religiosa de Tulle, 1 de Junho 1962, p. 1

E não é tudo. O Secretariado para a Unidade não tinha ficado inactivo. [41] Ele havia feito elaborar pelos especialistas das suas dez subcomissões sugestões ou esquemas sobre temas, também elaborados por outras comissões, mas concebidos de ponto de vista ecuménico, e ainda três esquemas especiais sobre o ecumenismo, a liberdade religiosa, [42] e a questão dos Judeus.

O Secretariado comunicou os projectos respeitantes a estes três primeiros temas à Comissão Teológica de Ottaviani, que pouco caso fez deles. Também o Cardeal Bea solicitou a constituição (tal como havia procedido com outras comissões preparatórias) duma comissão mista com a comissão teológica. Ottaviani recusou-se a tal. [43]

Por contornar esta divergência de fundo, sem a resolver em si mesma, João XXIII decidiu, no dia 1 de Fevereiro de 1962, que os dois últimos esquemas do Secretariado, entre os quais o da liberdade religiosa, seriam comunicados directamente à Comissão Central Preparatória sem passar por outras comissões.

## *Um afrontamento dramático*

É assim que em 19 de Junho, penúltimo dia da última sessão, dois esquemas concorrentes se encontravam no programa da Comissão Central. O primeiro, Capítulo IX do esquema «Da Igreja», preparado pela Comissão de Teologia, e directamente pelo Cardeal Ottaviani, versava sobre «as relações entre a Igreja e o Estado e da tolerância religiosa»; contava nove páginas de texto e catorze de notas, referindo-se, com numerosas citações, ao Magistério Pontifical de Pio IX a Pio XII. O outro documento, redigido pelo Secretariado para a Unidade, do Cardeal Bea, [44] intitulava-se «Da Liberdade Religiosa»; contava quinze páginas de texto e cinco de notas, sem qualquer referência ao Magistério da Igreja.

Recebendo antecedentemente estes dois textos, Monsenhor Lefe-

---

[41] Schmidt, 431, 441-444, 467 sg.

[42] Este tema figurou muito cedo no quadro do secretariado, Schmidt não o dá. O Padre Jerónimo Hamer, O.P conta a génese do esquema e a elaboração do seu primeiro texto, o «documento de Friburgo», desde o dia 27 de Novembro de 1960 no bispado de Friburgo: A sub-comissão reuniu esse dia NNSS François Charrière e Emil de Smedt, o Cónego Bavaud e o P. Hamer. Cf. Vaticano II, a liberdade religiosa, Unam Sanctam, Cerf, 1967, PP. 53-57

[43] Cf. Dr Werner Beeker, Das Dekret uber den okumenismus, in LTHK, Herder, 1967, vol. 13, pp. 12-13

[44] E mais precisamente pela sub-comissão presidida por Mons. Charrière, de Friburgo, e composta por Emile de Smedt, bispo de Bruges, do belga Jérôme Hamer OP, do canadiano A. Baum AA, e do americano Weigel.

bvre disse para consigo próprio: «O primeiro, constitui a Tradição católica, mas o segundo, o que significam estas coisas? É o liberalismo, a Revolução Francesa, a constituição dos direitos do homem que se pretende introduzir no seio da Santa Igreja! Não é possível! Vamos a ver o que se vai passar na sessão.»[45]

E tal não tardou. O Cardeal Ottaviani iniciou a exposição do seu esquema atacando abertamente o esquema adverso: «Expondo a doutrina das relações entre o Estado católico e as outras religiões, parece-me que é necessário sublinhar que o Santo Sínodo (o Concílio) deve seguir a indiscutível doutrina que é constitutivamente a da Igreja Católica e não aquela outra que agradaria ou cederia às solicitações dos não católicos. Por isso mesmo penso que é necessário eliminar da discussão a constituição proposta pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos, na exacta medida em que ela se ressente muito fortemente da influência dos contactos com os não católicos.»

E após ter ilustrado esta influência através de alguns exemplos, Ottaviani expôs o seu esquema inteiramente dominado pela preocupação com a defesa da Fé católica, bem como da salvaguarda do bem comum temporal, fundamentado sobre a unanimidade dos cidadãos no seio da verdadeira Religião. Ele distinguia seguidamente as situações muito diferentes dos diversos povos: nação inteiramente católica, nação religiosamente plural, Estado não católico No primeiro caso, os princípios aplicam-se integralmente num regime de união entre a Igreja e o Estado com o reconhecimento e a protecção civil da verdadeira Religião e, consoante as circunstâncias, uma certa tolerância dos falsos cultos; no segundo caso, a Igreja gozaria do direito comum reconhecido pelo Estado a todas as religiões que não sejam contrárias à lei natural; na terceira configuração, a Igreja simplesmente solicitaria a sua liberdade de acção.

O Cardeal Bea ergueu-se por sua vez para apresentar o seu conceito de liberdade religiosa, válido para todos os casos supra citados e para todo o homem, mesmo «errando em questão de fé». Até aqui a Santa Igreja não havia sustentado direitos a não ser para os seus filhos; agora será que vai reivindicá-los também para os aderentes a outros cultos? É isso exactamente, explicou imediatamente Bea, sublinhando a significação ecuménica do tema: «É uma questão que interessa hoje extremamente aos não católicos, os quais reprovam repetidamente à Igreja o ser intolerante quando se encontra em maioria, e de exigir a liberdade religiosa quando está em minoria.

[45] Conferência em Sierre, Suíça, 27 de Novembro de 1988

Esta objecção prejudica ao mais alto grau todos os esforços desenvolvidos para conduzir os não católicos à Igreja. Ao elaborar este esquema, em virtude da sua função, o Secretariado tem portanto levado em linha de conta estas circunstâncias, e interrogou-se sobre qual seria o dever da Igreja no que à liberdade religiosa respeita, e como este direito deveria exercer-se.»

Como Ottaviani tinha razão! Consequentemente, este esquema tinha sido forjado para satisfazer as reclamações dos não católicos. E pretendia-se que a sua exigência se tornasse doutrina católica. Como é que Ottaviani teria podido aceitar colaborar num tal desígnio? Para mais, a leitura do esquema demonstrava-lhe a filosofia inteiramente subjectivista, constituindo-se em contraposição ao realismo da sã filosofia tomista.

O homem sincero, podia ler-se no esquema referido, quer cumprir a vontade de Deus; ora ele apreende-a através da sua consciência, logo ele possui «o direito de seguir a sua consciência em matéria religiosa»; ora, a natureza do Homem exige que exprima a sua consciência exteriormente e colectivamente, portanto o Homem possui o direito de não ser impedido, por nenhuma espécie de coacção, de exprimir a sua religião, individualmente ou em grupo, salvo se com isso se opuser a um direito certo de terceiros, ou do conjunto da sociedade. Finalmente, esta liberdade religiosa deve ser sancionada por um regime jurídico firme e ser expressa pela igualdade civil dos cultos.

Neste quadro conceptual, que é feito dos Estados católicos, em nome da liberdade de consciência expressa em toda a sua crueza?

Para justificar estas asserções, face à prática contrária universal passada do mundo católico, ainda em vigor em vários países, o eminentíssimo Bea não hesitou em avançar que «nas condições actuais, nenhuma nação pode ser considerada como propriamente católica (...) e que nenhuma pode ser considerada como solitária e separada das outras», o que sugeria um regime internacional comum de liberdade religiosa. [46] De resto, acrescentava ele, «o Estado, enquanto tal, não conhece a existência, o vigor e a actividade da ordem sobrenatural.» [47]

---

[46] Pio XII (alocução Ci riesce, 6 de Dez. de 1953) havia admitido a legitimidade dum regime de tolerância religiosa comum a um conjunto de Estados, cujos povos dissentiriam segundo a confissão religiosa, para o bem da paz. Todavia o direito civil que assim seria reconhecido aos aderentes de falsos cultos, não repousaria senão sobre as exigências do bem comum e não sobre um direito natural da consciência. Cf. Davies, appendix VI. Pelo contrário, o Cardeal Bea efectuava a promoção dum direito natural à liberdade religiosa civil.

[47] Desde 1951, O jesuíta americano John C. Murray havia sustentado na «The América ecclesiastical review (Maio 1951, 327, 352) que a distinção

Finalmente o Pontífice reinante pretendia «um aggiornamento», quer dizer, a adaptação às condições actuais de vida e não o restabelecimento daquilo que havia sido possível, até mesmo necessário no quadro de outras estruturas sociológicas». [48]

E Bea lá conclui: «os nossos dois documentos (...) não estão de acordo sobre os elementos fundamentais expostos nos números 3 e 8. Compete à vossa ilustríssima assembleia proceder a um julgamento.»

Irritado pela relativização historicista operada pelo seu adversário sobre o Direito Público da Santa Igreja, que ele havia ensinado durante vinte anos, o Cardeal Ottaviani considerou o seu dever replicar, acentuando vivamente a sua posição: «A comissão do Secretariado para a Unidade deveria remeter o seu esquema (que é relativo à doutrina, que não apenas à sociologia, porquanto esta sociologia possui um fundamento na doutrina) à Comissão Central, para que se verificasse se está de acordo com a mesma. Agora, observamos que existem certas realidades àcerca das quais não estamos de acordo, e não estamos de acordo àcerca de pontos de doutrina!» [49]

Deste modo, comentava Monsenhor Lefebvre, eles (os Cardeais) mantinham-se assim, os dois levantados. Nós estávamos sentados, observávamos os dois Cardeais que se opunham, dois Cardeais eminentes, que se afrontavam àcerca duma tese igualmente fundamental. [50]

Os Cardeais que se sucederam para falar dividiram-se entre os dois campos.

Frings considerou que a «Igreja não tinha mais necessidade do braço secular para proteger a Fé católica contra a difusão de erros religiosos»; «O Estado, acrescentou ele, não pode impedir a difusão

---

entre a verdadeira e as falsas religiões, não podiam entrar directamente na esfera constitucional. Ele tinha sido combatido , (na mesma revista – 451 e sq.), pelo Padre Fentam AER Junho 1951» e em Roma pelo próprio Cardeal Ottaviani (Alocução ao Ateneu pontifical de Latrão, 3 de Março de 1953, in Ottaviani – A Igreja e a Cidade – imp, Polygl. Vatican 1963, p. 276)

[48] A. Doc. II, IV, - 689 – O regime do Estado Católico, ensinado pelo Papa Leão XIII e reconhecendo oficialmente a Igreja Católica como tal, não constituía uma doutrina, segundo o Padre Murray e Jacques Maritain, mas somente uma prática associada a um contexto sociológico passado.

[49] Op. citad. p. 691

Cagnon. Os melhores observadores sublinharam a gravidade desta oposição frontal, cuja discussão preenche 54 páginas in-folio dos Acta: Em primeiro lugar , as longas tomadas de posições dos Cardeais, depois os sufrágios de todos os membros. Cf schmidt, 469

duma religião estranha desde que o bem comum terrestre não esteja em jogo.»

Léger pensou explicar sabiamente, inspirado pelo Padre Murray, que somente as pessoas podem professar uma religião, não o Estado que é uma função. (...) O Estado não possui qualquer competência para determinar qual seja a verdadeira religião». Em oposição, Ottaviani, realista, predisse que «a liberdade religiosa outorgaria aos Protestantes armas para conquistar a América Latina.» Ruffini declarou: «A liberdade, em si mesma, constitui-se para a verdade e para a virtude, não para o erro e para o vício; mas na prática, a tolerância, em caridade, é necessária»; «e no que respeita ao Estado (...) e que foi afirmado pelo eminentíssimo Cardeal Bea, quer dizer, que o Estado como tal não pode e não deve conhecer, nem reconhecer a religião, considero que isso é falso, muito falso.» Larraona emitiu um juízo em que considerava tratar-se duma ingenuidade pretender atrair os não católicos reconhecendo-lhes a mesma liberdade do que a nós. Finalmente Browne disse: «Parece-me infantil supor que a doutrina exposta por Leão XIII, na sua Encíclica «Immortale Dei», constitua uma doutrina contingente.»

O Cardeal Ruffini havia solicitado que a questão fosse solucionada, referindo-a a Sua Santidade o Papa». Passou-se contudo aos sufrágios, e Monsenhor pôde assim exprimir-se: «Àcerca da liberdade religiosa: *Non Placet* (...) na exacta medida em que esta declaração se fundamenta sobre os princípios falsos e solenemente reprovados pelos soberanos Pontífices, por exemplo, por Pio IX, [51] que apelida este erro de «delírio» (Dz 1690).

«Àcerca da Igreja, Capítulo IX-X: *Placet.* Mas a apresentação dos princípios fundamentais poderia ser efectuada com mais força vinculativa ao Cristo-Rei, como na Encíclica «Quas Primas.» (...) O nosso Concílio teria assim como objectivo pregar o Cristo a todos os homens, e afirmar que compete à única Igreja Católica proclamar autenticamente a Nosso Senhor Jesus Cristo: Sim, o Cristo, salvação e vida dos indivíduos, das famílias, das associações profissionais e das outras sociedades civis.

«O esquema sobre a liberdade religiosa não anuncia a Nosso Senhor Jesus Cristo e parece assim falso. O esquema da Comissão teológica expõe a doutrina autêntica na forma duma tese e não demonstra suficientemente o propósito desta doutrina, que outro não é senão o Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo. (...) Do ponto de vista

[51] Encíclica Quanta Cura, 8 de Dezembro 1864

de Cristo, fonte de Vida e de Salvação, todas as verdades fundamentais poderiam ser expostas de forma «pastoral» como se diz, desta maneira serão expulsos mesmo os erros do laicismo, do naturalismo, do materialismo, etc. [52] Esta intervenção, original pela sua elevação sobrenatural, que procedia a uma recondução até aos princípios mais elevados deste arriscado debate, não pôde senão ferir os espíritos dos Padres da Comissão Central Preparatória: Um homem pleno do Espírito de sabedoria havia-se erguido, reivindicando, não os direitos do Homem, mas os direitos do Cristo-Rei.»

Mas os sufrágios continuavam a exprimir-se. Os Padres latinos, italianos, hispânicos, latino-americanos, eram favoráveis ao esquema de Ottaviani, enquanto que os Padres americanos, ingleses, alemães, holandeses e franceses tomavam posições a favor do projecto Bea, em número sensivelmente igual. [53]

Encontramo-nos portanto, explica Monsenhor Lefebvre, «nas vésperas do Concílio, perante uma Igreja dividida sobre uma questão fundamental: O reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo. Deverá Nosso Senhor reinar sobre as nações? O Cardeal Ottaviani dizia: Sim! O outro respondia: Não! Eu dizia então para mim mesmo: Se isto começa assim, o que é que vai ser deste Concílio?»[54]

Foi esta inquietação que Monsenhor Lefebvre partilhou com os seus diocesanos de Corrèze, no dia 13 de Julho de 1962:

«Não nos iludamos, os poderes das trevas empregarão todos os meios, e empregá-los-ão para votar ao insucesso este Concílio, ou para o orientar para fins que arruinariam a Igreja»

E o Bispo lá vai aconselhando os seus correzianos: «Como os Apóstolos antes do Pentecostes, enclausuremos as nossas almas na piedade, na adoração, na humildade, no recolhimento, na oração.[55]»

Existem de resto, pensa ele, boas razões para esperar: «A preparação do Concílio», dirá Monsenhor Lefebvre, «foi executada muito seriamente e muito conforme à Tradição» (UEP, 101), o que deveria permitir «proclamar a verdade face aos erros, com o fim de os fazer desaparecer por muito tempo do seio da Santa Igreja», constituindo este Concílio com uma nuvem luminosa no mundo moderno». [56]

---

[52] A. Doc. II, IV, 740-741

[53] Se meditamos na novidade da tese do secretariado, na própria novidade do Secretariado, este resultado constitui já uma vitória do Secretariado. Cf. Scmidt, 469.

[54] Conferência em Sierre, Suíça, 27 de Novembro de 1988.

[55] Semana religiosa de Tulle, P. 208

[56] Acuso o Concílio, 108-109

## 2. A Revolução está lançada – João XXIII descobre o jogo

O trabalho da Comissão Central Preparatória detém-se a 20 de Junho. As comissões retocam os seus esquemas. Alguns são eliminados, outros transmitidos à Comissão de reforma do Código de Direito Canónico, outros ainda fundidos de modo que o seu número é reduzido de setenta e três a vinte. [57] Sete dentre eles são enviados aos futuros padres conciliares em Julho de 1962.

No dia 11 de Outubro, de manhã, a chuva que molha Roma desde há dois dias já cessou, as nuvens desvendam um sol radioso; seis por seis, os dois mil e quatrocentos Padres conciliares – os Bispos em capa e mitra – sobem os degraus da Basílica de São Pedro, transpondo o vestíbulo, depois a porta central e repartem-se à direita e à esquerda nos lugares que lhes foram designados, nas altas tribunas erguidas de ambos os lados da nave. Monsenhor Lefebvre encontra-se no «poleiro», no assento numerado D 1090, acomodado sobre uma destas cadeiras móveis desconfortáveis, porque demasiado estreitas, não deixando muito espaço para as pernas. Sobre a placa colocou a pequena pasta de plástico branca que lhe haviam entregue, tal como aos outros Padres; Monsenhor Lefebvre explorou-lhe o conteúdo: texto das orações do Concílio, calendário do mês de Outubro, brochura, indicando o modo de votar, etc.

O Papa fez a sua entrada; ajoelhado junto ao pequeno altar erguido na nave diante dos Cardeais. Ele entoa o *Veni Creator Spiritus*. Sim, Vinde Espírito Criador, visitar os corações dos vossos fiéis... Iluminais os espíritos com a vossa luz... Expulsa o inimigo para longe de nós. Com fervor, o Arcebispo, Superior Geral dos Padres do Espírito Santo desde o dia 28 de Julho, invoca o divino Padroeiro da sua ordem. Certamente, os dois campos que se opuseram frontalmente quando das Sessões preparatórias aprestam-se para novos torneios; mas a assistência do Espírito Santo e a presidência do Concílio pelo sucessor de São Pedro, o seu chefe por direito divino, deverão assegurar, pensa Monsenhor Lefebvre, o triunfo do Espírito da verdade, no quadro de uma «Igreja ainda totalmente submetida ao sopro e ao fogo do Pentecostes».[58] É esta confiança que ele compartilha com os outros membros da sua Congregação, numa linha, para dizer a verdade, muito convencional.

Ora, esta confiança é imediatamente desiludida por João XXIII no seu discurso de abertura inspirado pelo Cardeal Montini. [59] En-

[57] Wiltgen, 22
[58] Carta de Sua Excel. Monsenhor Lefebvre , Superior Geral, por ocasião do II Concílio do Vaticano , a todos os membros da Congregação; BG 705, 222 sg.
[59] Cf. Jean Madiran em Itinerários, n° 285, p. 158.

veredando por caminhos diametralmente opostos aos dos seus predecessores do último século e meio, os quais, até ao Papa Pio XII, unanimemente denunciaram «a doença tão profunda e tão grave, que trabalha neste momento, bem mais do que no passado, grassando na sociedade humana, e agravando-se dia a dia, corroendo-a nas suas entranhas, arrastando-a para a ruína (...), ou seja o abandono e a apostasia de Deus.»[60]

O Papa João demonstra um curioso optimismo:

«Consideramos ser Nosso dever dissociar-nos inteiramente destes profetas da desgraça,[61] os quais preanunciam incessantemente o pior, como se o fim do mundo estivesse próximo (...). Ao escutá-los, parece que a sociedade contemporânea não constituiria mais do que ruínas e calamidades; comparada aos séculos passados a nossa época somente acusaria deteriorações.»

E João lá propõe ao Concílio um novo método:

«Importa que esta doutrina certa e imutável (a doutrina cristã) seja estudada e exposta segundo os métodos exigidos pela conjuntura presente. Uma coisa é efectivamente o Depósito da Fé, e outra é o modo segundo o qual esse depósito é enunciado. Deverá recorrer-se a uma formulação doutrinal que corresponda melhor a um magistério de carácter sobretudo pastoral.»

A palavra chave está pronunciada: «pastoral». Até há pouco era-se pastoral denunciando «os lobos raptores» das ovelhas do rebanho – assim pensa ainda Ottaviani – face aos desvios que se infiltram nos Seminários e penetram as Universidades católicas, mas João XXIII não mostra solicitude por isso:

«Hoje a Esposa de Cristo prefere recorrer ao remédio da misericórdia, mais do que a brandir as armas da severidade. Ela considera que mais do que condenar, ela responde melhor às necessidades da nossa época,[62] acentuando preferencialmente o valor das riquezas da sua doutrina.»

Mas, pergunta a si próprio Monsenhor Lefebvre, como pode a Igreja propor eficazmente a verdade revelada sem condenar os erros? Será que a ideia dum «Concílio sobretudo pastoral» ocultaria a renúncia ao combate pela Fé?

---

[60] São Pio X, Encíclica «E Supremi apostolatus»; 4 de Outubro 1903. BP I, 33; CR I, 34-35

[61] João XXIII havia lido a terceira parte do segredo de Fátima, mas julgou que ela não concernia à sua época.

[62] Princípio fundamental da petição enviada recentemente ao Papa pelo Cardeal Léger e co-assinada pelos Cardais Frings, Alfrink, Dofner, Konig e Liénart. Routhier, 301

## *Primeira vitória dos liberais*

Em diversas ocasiões, Monsenhor Lefebvre evoca as vitórias da ala liberal, as quais inflectiram desde os primeiros dias a marcha do Concílio. Este foi «investido pelas forças progressistas». Nós experimentámo-lo, sentimo-lo, e quando digo «nós», entendo a maior parte dos Padres no Concílio naquele momento. Tivemos a impressão de que se passava qualquer coisa de anormal.» [63]

Tal foi em primeiro lugar, a rejeição da lista dos Padres propostos por Monsenhor Felici, conforme às comissões preparatórias, como estando aptos a serem eleitos para as comissões conciliares. O Cardeal Frings, Arcebispo de Colónia, decidiu com os Bispos alemães fazer triunfar uma outra lista que incluiria Bispos liberais. O Cardeal Liénart foi encarregado do golpe de força. [64]

À entrada da Basílica, o Cardeal Liénart recebe das mãos do Cardeal Lefebvre um texto latino, redigido por Monsenhor Garrone, Arcebispo de Toulouse. À mesa do Conselho da presidência, onde tem assento, ele ergue-se, e tomando a palavra que o Cardeal Tisserant lhe recusa por razões formais, o Cardeal Liénart lê «tremendo» o seu papel, invocando «a liberdade dos Padres». Aplaudido, ele é substituído pelo próprio Frings. Os aplausos redobram e a Sessão é suspensa. [65]

À pressa as conferências episcopais «das margens do Reno», Alemanha, Áustria, França, Holanda, Bélgica e Suíça, unidas a algumas da África, coligem uma lista comum à qual se associam os nomes de alguns Padres liberais de outros países. Ao Cardeal Siri, que protesta contra este monopólio, Frings replica: «Se vós não aceitais os italianos que nós propomos, não tereis nenhum italiano eleito!» [66] Foi neste enquadramento que no dia 16 de Outubro, «a aliança europeia» arrebatou quarenta e nove por cento dos assentos electivos. «O Reno tinha começado a lançar-se sobre o Tibre», comenta Wiltgen.

---

[63] Católicos perplexos, 136

[64] O Cardeal Tisserant, falando ao académico Jean Guitton, evocará «a reunião que nós havíamos tido antes da abertura do Concílio (com cinco outros Cardeais), onde tínhamos decidido bloquear a primeira sessão, refutando as regras tirânicas estabelecidas por João XXIII»; Cf. Jean Guitton, Paulo VI, secreto, p. 123, citado por Romano Amerio, Iota Unum, NEL, 1987, p. 80

[65] A. Syn, vol. I, parte I, p. 207-208; COSPEC, 11 de Dezembro de 1972, Wiltgen, 17; Claude Beaufort, recordações do Cardeal Liénart, confiados à «Pèlerin Magazine» de 22 de Novembro 1985

[66] COSPEC, 11 de Dezembro de 1972

A segunda vitória dos Padres liberais, constituiu na devolução do exame dos quatros primeiros esquemas doutrinais, para as calendas gregas, na sequência da iniciativa holandesa de comunicar aos Padres, desde a sua chegada a Roma, um comentário do Padre Schilbeeckx a este respeito. João XXIII acedeu à solicitação dos Cardeais Frings, Liénart e Alfrink e fez anunciar, no dia 16 de Outubro, que o primeiro esquema submetido à discussão seria a constituição sobre a Liturgia.

Esta segunda vitória liberal foi coroada quando o primeiro esquema doutrinal foi finalmente colocado em discussão, a partir de 24 de Novembro: a constituição sobre «as fontes da Revelação». O ala liberal mobilizou-se; tratava-se de denegar à Tradição divina toda e qualquer existência independente da Sagrada Escritura, com o objectivo de estabelecerem, num sentido ecuménico, o primado da Bíblia. A tempestade provocou furor, entre trinta «romanos» e quarenta liberais que se sucederam durante cinco congregações gerais.

A Presidência resolveu-se a propor ao voto dos Padres a suspensão da discussão deste esquema. Solicitaram-na sessenta e dois por cento dos sufrágios. A maioria de dois terços exigida não foi atingida. João XXIII, contudo, cedendo às instâncias dos Cardeais Bea e Léger, decidiu, não obstante o regulamento que ele próprio havia editado, fazer rever o esquema segundo «uma orientação pastoral e ecuménica». [67]

Esta decisão dobrava a finados pelos outros três esquemas dogmáticos.

Estes dois golpes de força dos liberais foram coroados, dirá Monsenhor Lefebvre, por uma terceira vitória do campo liberal quando, após a morte de João XXIII a 3 de Junho de 1963 e a eleição de Paulo VI, no dia 21 de Junho, o novo Papa reduziu o papel do Conselho da Presidência – cujos membros passaram de dez a doze Cardeais – a uma função de garantia das normas, conferindo o poder de «dirigir as actividades do Concílio e de fixar a ordem dos temas» a quatro Cardeais moderadores: Dopfner, Suenens, Lercaro e Agagianiam, dos quais os três primeiros eram liberais e o último considerado como o mais aceitável dos Cardeais da Cúria. [68] Paulo VI estabelecia assim a hegemonia liberal sobre o Concílio.

---

[67] Wiltgen 46-51; Le sel de la Terre, n° 34, p. 231

[68] Wiltgen, 81-82. Paulo VI anunciou modificações no 13 de Setembro 1963

## 3. O Coetus Internationalis Patrum

### *Modestas origens*

Foi para se opor eficazmente à preponderância liberal, que foi fundado o «Coetus Internationalis Patrum». Desde o início da primeira Sessão, em Outubro de 1962, Monsenhor Lefebvre encontra o autor da «carta pastoral sobre os problemas do apostolado moderno» (1953) publicada por *Verbe*, Monsenhor António de Castro Mayer, Bispo de Campos, no Brasil, que lhe apresenta o seu colega e compatriota Monsenhor Geraldo de Proença Sigaud, Bispo de Jacarezinho, em breve Arcebispo de Diamantina, resolvido desde o início a organizar as forças dispersas, opostas à «maioria» progressista do Concílio.

Desde 1934, o Cónego de Castro Mayer e o Abade Sigaud, ambos professores no Seminário Maior de São Paulo, colaboravam no periódico *«O Legionário»*, órgão da Congregação Mariana de Santa Cecília, da qual Plínio Correia de Oliveira assumiu a direcção. Na sequência dum livro escrito por este último, para combater as infiltrações progressistas e esquerdistas na Acção Católica brasileira. O Cónego e o Abade, que haviam apoiado essa publicação, [69] foram sancionados (Fevereiro de 1945 e Maio de 1946). [70] Tal não impediu o Núncio Aloisi Masella de intervir secretamente em favor dos dois corajosos clérigos junto de Roma; e Pio XII de nomear o Padre Sigaud, Bispo de Jacarezinho (1947) e o Cónego Castro Mayer, Bispo Coadjutor de Campos (1948).

Em 1951, Monsenhor de Castro Mayer funda em Campos o mensário *«Catolicismo»*, onde serão publicados os seus escritos, e confia a sua direcção ao grupo constituído à volta do Professor Plínio, em São Paulo. De 1951 a 1967, os grupos de jovens do *«Catolicismo»* multiplicam-se no Brasil e, em 1960, nasce do *«Catolicismo»* a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (T. F. P. ), dirigida por Plínio.

Os grupos do *«Catolicismo»*, substituídos em 1963 pelos da T. F. P., irão assim, sob o impulso do Professor e dos dois Bispos, opor-

[69] O Cónego e Vigário geral Castro Mayer havia concedido o «imprimatur» em nome do Arcebispo; o núncio, futuro Cardeal Aloísio Masella, havia escrito o prefácio.

[70] O Vigário geral, Castro Mayer , foi demitido e nomeado vigário ecónomo duma Paróquia rural, mas igualmente professor na Universidade católica Pontifical de São Paulo ; O abade Sigaud foi enviado a Espanha.

se vitoriosamente aos manejos comunistas de «reforma agrária» [71] da «era Goulart», constituindo um clima ideológico e espiritual que arrastará a queda do Presidente cripto-comunista, João Goulart.

Monsenhor Lefebvre afirmá-lo-á, ele próprio:

«Nós devemos reconhecer que foi o movimento Tradição, Família, Propriedade, (T. F. P. ) que salvou o Brasil do comunismo.»

Entretanto, em 1962, o grupo do *«Catolicismo»* estabeleceu em Roma um secretariado com o objectivo de acompanhar de perto o desenrolar do Concílio. [72] Foi nestas circunstâncias que, sob propostas dos dois prelados brasileiros, Monsenhor Lefebvre aceitou com eles constituir um «grupo de estudos», para se opor às ideias liberais do Concílio, na linha de pensamento do Cardeal Ruffini. Eles reuniram-se no «Corso de Itália», na Procuradoria dos Padres do Espírito Santos, organizando em Roma conferências-encontros, destinadas aos Padres conciliares durante a primeira Sessão.

Foi necessário aguardar o dia 18 de Abril de 1963, para que Monsenhor Sigaud proponha por escrito a Monsenhor Lefebvre que recoloque em função, na Sessão seguinte, o grupo de estudos; Monsenhor Lefebvre aquiesce, com prudente reserva, a este projecto sempre modesto, em 4 de Maio. Posteriormente assegura-se do concurso dos padres da Abadia de Solesmes e, ao abrigo duma autorização facultada pelo regulamento do Concílio, dotou-se do auxilio de um teólogo particular, que não era outro senão o seu condiscípulo mais velho em Santa Chiara, o Padre Victor Alain Berto (1900-1968).

Foi nos dias 2 e 3 de Outubro de 1963, no início da segunda Sessão do Concílio, que uma assembleia geral reuniu nos Verbitas, sociedade de que Monsenhor Sigaud era membro – e mais tarde na Casa Geral do Santíssimo Salvador – quinze Padres conciliares à volta de Monsenhor Sigaud (secretário), e de Monsenhor Lefebvre (presidente), e ainda Dom Jean Prou, Abade de Solesmes, sem que nenhuma denominação seja ainda conferida ao emergente agrupamento, enquanto que um comité restrito agrega Monsenhores Sigaud e Lefebvre e, ainda, dois peritos: Padre Berto e Dom Frénaud, Prior de Solesmes e teólogo privado de Dom Prou.

No dia 8 de Outubro, contar-se-ão por vinte para escutarem uma

[71] Apoiados pelo Arcebispo Dom Hélder Câmara, secretário da CNBB (Conferência Nacional dos bispos brasileiros). O livro do professor Plínio, «Reforma agrária, questão de consciência», no qual tinham colaborado os dois bispos, foi todavia criticado por Gustavo Corção, o qual desconfiava da personalidade de Plínio.

[72] T.F.P. Médio siglo de epopeya anticomunista, Covadonga – T.F.P. Madrid, 1983; White, 83.

conferência do Cardeal Ruffini. No dia seguinte, aquando da quadragésima quarta congregação geral do Concílio, Monsenhor Proença Sigaud intervém na Sessão para atacar o capítulo da colegialidade do novo esquema sobre a Igreja (n° n° 12, 13 e 16), como ensinando uma «doutrina nova». De regresso ao seu lugar, aí recebe um bilhete de Monsenhor Luigi Carli, que o felicita; Na sequência destes eventos, Monsenhor Sigaud apresenta Monsenhor Carli a Monsenhor Lefebvre. Luigi Carli era um dos teólogos da Conferência Episcopal Italiana e, segundo testemunhos unânimes, o melhor teólogo do Concílio, e igualmente o mais temido. Convidado para a assembleia do grupo de Padres, a 15 de Outubro, ele aceita associar-se-lhes, ainda que salvaguardando a sua independência em algumas das suas intervenções, nomeadamente contra o projecto do Cardeal Bea de exonerar os Judeus da responsabilidade da morte de Cristo.

Assim explica Monsenhor Lefebvre: «A alma do Coetus era Monsenhor Proença Sigaud na função de secretário; eu próprio, como antigo Delegado Apostólico e como Superior Geral de Congregação, constituía como que a cobertura, «com a função de presidente»; Monsenhor Castro Mayer era o vice-presidente e «o pensador», enquanto que Monsenhor Carli era a «pena», com a sua competência, o seu espírito vivo e a sua habilidade prática característica dos italianos». [73]

É necessário acentuar o decidido compromisso da Abadia de Solesmes, onde se estabelecerão três sessões de estudo do Coetus. De 11 a 14 de Janeiro de 1964, Dom Prou, Monsenhores Lefebvre e Sigaud, auxiliados pelo cálamo de Dom Paul Nau, de Dom Frénaud e de Monsenhor Lusseau, biblista e Deão da Faculdade de Teologia de Angers, elaborarão um compêndio de Eclesiologia, [74] de Teologia Mariana, bem como de outros temas, como o ecumenismo e a liberdade religiosa, esta última sendo concebida como a «liberdade de professar a verdadeira religião», verdadeiro resumo do pensamento do Coetus, que será comunicado a vários Padres. Uma segunda sessão terá lugar em Solesmes, em Julho de 1964, antes da aparição oficial do Coetus. Finalmente, uma última Sessão se constituirá de 15 a 21 de Julho de 1965, na qual participarão Monsenhores Lefebvre, Sigaud, Morrilleau e Dom Prou, sendo então Dom Meugniot o teólogo do Abade de Solesmes; ali se procederá à concertação duma estratégia a seguir por ocasião da IV Sessão do Concílio.

---

[73] Cf. Fideliter n° 59 pp. 43-44

[74] A. Syn, III, I 621-628. Texto abaixo assinado de NNSS Marie, Lefebvre, Sigaud, Grimault e Dom Prou, enviado ao secretariado do Concílio

### *Altos patrocínios, estrutura ligeira, meios irrisórios.*

Ao aproximar-se o termo da segunda Sessão, Monsenhor Lefebvre foi recebido em audiência pelo Papa Paulo VI, em 6 de Dezembro de 1963. Para grande satisfação do Prelado, o Santo Padre expôs-lhe pensamentos atinentes às proposições de certos Padres, no sentido de se reagruparem as intervenções diversas em propostas colectivas, até mesmo exposições sistemáticas do pensamento daquilo que se denominava «a minoria». Paulo VI fez alusão a esta ideia no seu discurso de encerramento da IIª Sessão. Munido com este supremo patrocínio, para ele inesperado, Monsenhor Lefebvre não hesitou mais e, na sequência da reunião de Solesmes, a 8 de Fevereiro de 1964, preveniu Pericle Felici do seu projecto de organização dum agrupamento de Padres de espírito tradicional. [75]

Uma primeira carta, datada de 5 de Agosto de 1964, assinada por Monsenhores Sigaud e Castro Mayer, e referendada pelos Bispos Cabana, Silva, Lacchio e Cordeiro, anuncia um agrupamento de Padres vinculados à Tradição da Santa Madre Igreja e justifica-o com os aditamentos recentemente operados no regulamento do Concílio, permitindo aos Padres que querem exprimir os mesmos argumentos, associarem-se com o objectivo de que um deles possa tomar a palavra por todos, contanto que o seu número atinja os setenta.

Foi no início da III Sessão conciliar, que o aparecimento deste agregado se tornou conhecido por meio dum documento, datado de 2 de Outubro de 1964 e distribuído aos Padres do Concílio; assinado por Monsenhor Sigaud, o documento anuncia a constituição do grupo, sob o alto patrocínio dos Cardeais Santos[76] (Manila), Siri (Génova), Ruffini (Palermo), Browne (Cúria) e Larraona (Cúria). Santos revelar-se-á ineficaz, enquanto que Larraona, cujo nome desaparecerá do folheto definitivo do 6 de Outubro, se revelará o mais próximo e o mais eficiente de todos os Cardeais no seu apoio à acção do Coetus. Paulo VI censurá-lo-á. Os outros Cardeais exercerão o seu patrocínio, não no âmago mas na margem do Coetus, considerando que a púrpura romana lhes impedia um envolvimento mais profundo.

Foi somente em Novembro de 1964, que o novo agregado escolheu a sua denominação definitiva de Coetus Internationalis Patrum, «Associação Internacional de Padres».

---

[75] Mons. Lefebvre, carta a Mons. Felici, 8 de Fevereiro de 1964

[76] Que havia aquiescido, no dia 29 de Setembro, à petição de Mons. Sigaud, solicitando-lhe constituir-se porta-voz do grupo no seio do Sacro colégio. Fideliter n° 59, p. 45

Como se nos afigura, pois, tardia a criação desta associação de Padres, em função da dos agrupamentos de tendência progressista que se estabeleceram desde as primeiras sessões! Finalmente a simplicidade dos filhos da luz reagiu à febril premeditação dos inovadores.

Os potenciais simpatizantes do Coetus são convidados para as reuniões que têm lugar na Cúria Geral dos Agostinianos, para escutar conferências pronunciadas sucessivamente pelo Cardeal Ruffini (13 de Outubro) sobre o esquema XIII; pelo Padre Ermenegildo Lio, OFM,[77] no dia 27, sobre o Matrimónio; no dia 3 de Novembro, por Monsenhor Franic, sobre «o comunismo e a Igreja»; no dia 10, por Monsenhor Carraro, àcerca da Instituição sacerdotal, etc. Somente o Cardeal Ruffini terá abordado um dos temas maiores do Concílio. Estas assembleias favorecem paulatinamente a disseminação do espírito do Coetus, não possuindo todavia como objectivo organizar o seu plano de acção, encargo que permanece reservado ao núcleo duro do agrupamento. A este último, constituído pelos três fundadores e por Monsenhor Carli, associam-se Monsenhor Cabana, Arcebispo de Sherbrooke, Canadá, e Monsenhor Morilleau, Bispo de La Rochelle. Essencialmente em sua órbita, gravitam os duzentos e cinquenta prelados, figurando sobre uma lista de endereços que é elaborada, completada e remodelada ao longo de todo o Concílio. [78]

O Coetus assemelha-se assim a uma nebulosa, ou a uma rede de limites indefinidos, que desafia toda e qualquer investigação, ou toda e qualquer acusação de querer constituir um conciliábulo mesmo no seio do Concílio. Nenhuma adesão formal é requerida de nenhum Padre; as relações pessoais de uns e de outros desempenham importante papel; entre elas são de assinalar as amizades italianas de Monsenhor Carli, os vínculos forjados entre os antigos alunos de Santa Chiara (três Bispos e um Padre Abade francês rodeiam assim Monsenhor Lefebvre); as relações geradas na base das revistas *«Verbe»* e *«O Pensamento Católico»*, bem como as amizades de língua portuguesa de Monsenhor Proença Sigaud. O Coetus através de Monsenhor Luigi Carli, tem acesso à Universidade de Latrão, em que dois professores, Monsenhor Piolanti e Monsenhor Lattanzi, são conquistados para o seu combate. Por intermédio do

---

[77] Autor do esquema pré-conciliar «De castidade» – eliminado.

[78] Nenhuma lista verdadeiramente completa parece ter alguma vez existido. Apenas subsistem algumas listas muito parciais, as quais com as listas dos bispos simpatizantes da futura revista «Fortes in fide», nos permitem propor uma lista digna de confiança, mas ainda bem fragmentária, dos membros do Coetus.

Cardeal Siri, o Coetus tem acesso à comissão de Coordenação do Concílio, enquanto o Cardeal Ruffini é o seu contacto permanente no Conselho da Presidência.

As disponibilidades materiais do Coetus são irrisórias face às da Aliança Europeia, que controla todos os *media*, particularmente do todo poderoso IDOC, o qual será o primeiro a confessar, perto do termo da III Sessão, haver distribuído mais de quatro milhões de folhas.

«Pelo nosso lado», afirma Monsenhor Lefebvre, «Bispos conservadores, nós havíamos procurado contrabalançar esta influência, graças ao Cardeal Larraona, o qual colocou o seu secretariado à nossa disposição. Nós tínhamos máquinas de escrever e de heliogravura e três ou quatro pessoas.» [79]

O Arcebispo havia já adquirido uma máquina «roneotipia»; todavia o Coetus obteve, além disso, uma máquina de impressão «Offset». O Cardeal Larraona «emprestou» efectivamente os seus dois secretários claretianos, Dom Jesus Torres Llorente e Dom Ruiz. As máquinas imprimiam durante a noite os textos do Coetus, e de manhã cedinho, alguns jovens franceses e brasileiros do *«Catolicismo»* percorriam a cidade de Roma, na Peugeot 403 de Monsenhor Lefebvre, para distribuírem os aconselhamentos de voto nos endereços dos Padres da lista do Coetus.

Por outro lado, desde a primeira Sessão, o R. P. Ralph Wiltgen, SVD, havia de boa vontade disponibilizado as folhas da sua agência de Imprensa, o Divine World News Service, às entrevistas de Monsenhor de Castro Mayer, de Monsenhor Lefebvre[80] e, mais tarde, de outros intervenientes do Coetus, conferindo uma superior repercussão às teses romanas.

## *Uma acção multiforme e eficaz*

As conferências de Terça-Feira à tarde, organizadas em 1963 e 1964, e cujos textos foram publicados, não constituíam senão um acessório destinado a preparar de longe operações e estratégias propriamente ditas. Segundo um projecto de carta de 30 de Outubro de 1963 ao Cardeal Siri, a táctica primeiramente considerada por Monsenhor Proença Sigaud tinha por objectivo uma acção desenvolvida alternadamente pelos Cardeais presidentes das conferências episcopais: ser-lhes-ia solicitado que se reunissem uma vez por semana, para produzirem notas de esclarecimento e orientações de

[79] Mons. Lefebvre – Ils l'ont découronné (eles destronaram-n'O),166

[80] Wiltgen, 39-40, 88-90

voto, as quais seriam enviadas aos episcopados. A maioria havia estabelecido com sucesso, desde 1962, uma tal «inter-conferência». Monsenhor Sigaud rapidamente compreendeu que seria quimérico pretender fazer o mesmo em favor da minoria.

Neste enquadramento, o procedimento finalmente adoptado foi de «federar os romanos» como afirmava o Padre Berto,[81] com o propósito de ao menos impedir a unanimidade moral àcerca dos esquemas maioritários. O Padre considerava realista vincular um quarto dos Padres às teses romanas, tendo-se todavia aproximado deste objectivo somente por duas vezes: em Fevereiro de 1964, com a petição[82] para a consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria (510 assinaturas) e em 1965 com a petição solicitando a condenação do comunismo (454 assinaturas). Uma outra ocasião, o Coetus logrou, graças à distribuição de 600 folhetos (modi), arrancar em Dezembro de 1964, 574 votos «placet juxta modum».

O estilo do Coetus caracteriza-se pela extrema atenção dedicada ao aspecto jurídico das questões em discussão, e grande sensibilidade pela correcção formal do evoluir do mesmo Concílio; daí os seus frequentes recursos ao regulamento conciliar, bem como às acções processuais impecáveis, concluídas com o objectivo de retardar os impulsos inovadores.

Todavia a obra essencial do Coetus constituiu na produção duma torrente quase contínua, de circulares, comentários sobre os esquemas, de proposições de emendas (modi), tão claras quanto possível, munidas do seu respectivo motivo, (ratio modi) com o escopo de corrigir, substituir, completar os termos ambíguos, as frases ou parágrafos equívocos, as omissões intencionais dos esquemas propostos às discussões dos Padres, [83] sendo estes então convidados a votar «placet juxta modum.»

Por outro lado, os membros do núcleo duro do Coetus procediam frequentemente a intervenções públicas nas Sessões, com o propósito de corroborarem os princípios da sã filosofia, as verdades da doutrina revelada ou do ensino comum dos teólogos; Monsenhor Lefebvre salientava-se particularmente nas referências ao Magistério dos Papas recentes. Ele próprio testemunha a eficácia e os limites da acção do Coetus.

---

[81] Secretário do Coetus aquando da III sessão

[82] Organizada por um grupo de Padres Brasileiros e portugueses, ao qual se associaram os Padres do Coetus. Mons. Sigaud remeteu-a a Paulo VI a 3 de Fevereiro de 1964.

[83] Perrin, passim; Notre-Dame de Joie, 42, 290-291

«Nós pudemos ainda assim limitar os estragos, modificar algumas afirmações inexactas ou tendenciosas, adicionar uma ou outra frase para rectificar uma posição incorrecta, ou uma expressão ambígua.»

«Todavia devo confessar não termos logrado purificar o Concílio do espírito liberal e modernista que eivava a maior parte dos esquemas. Os redactores, efectivamente, eram precisamente os peritos e os Padres infectados por este espírito. Ora que quereis vós? Quando um documento se apresenta, na sua integridade, redigido com um espírito falso, é praticamente impossível expurgá-lo deste espírito; seria necessário remodelá-lo globalmente para lhe conferir um espírito católico.

O que nós pudemos realizar, foi através dos «modi» que apresentámos, promover o acréscimo dos incisos no seio dos esquemas, observando-se muito bem isso. É suficiente comparar o primeiro esquema da liberdade religiosa com o quinto que foi redigido – porque o documento foi cinco vezes rejeitado, e cinco vezes voltou para discussões – para verificar que ainda assim se teve êxito em atenuar o subjectivismo que contaminava as primeiras redacções. A mesma coisa para a *Gaudium et Spes*; são perfeitamente visíveis os parágrafos que foram adicionados por solicitação nossa (do Coetus) e que lá se encontram, eu diria, como que retalhos, enxertados num velho fato; Não se ajustam ao conjunto; não se descortina mais a lógica da redacção primitiva; as adjunções efectuadas para diluir ou contrabalançar as asserções liberais permanecem nesses textos como corpos estranhos.»[84]

Nós não iremos expender a história de todos os combates do Coetus; procederemos somente à narração daqueles nos quais esteve envolvido Monsenhor Lefebvre, mediante a sua acção pessoal. É necessário aliás acentuar, que os Padres do Coetus intervinham nas sessões antes de tudo a título pessoal e, mesmo quando se pronunciavam em nome do Coetus, eles não abandonavam o seu estilo ou as suas próprias convicções. Monsenhor Lefebvre havia efectivamente assistido a uma conferência pronunciada pelo Padre Congar, dirigida aos Padres franceses e havia ficado chocado com a forma arrogante como o conferencista tinha em seguida procedido à distribuição das funções: «Monsenhor X, vós discursareis sobre este tema; vós Monsenhor Y, intervireis sobre este assunto; não fiqueis preocupado, nós

[84] COSPEC 63 B, 14 de Dezembro de 1978; Ils l'ont decouronné, (eles destronaram-n'O) 167-168; Lovey, em *L'Eglise et la Contre-Eglise* (Igreja e contra-Igreja), 41-42

vos prepararemos o texto, tereis somente de o ler.»

Os porta-vozes do Coetus jamais adoptaram perante os seus teólogos esta atitude de rapazinhos. O Padre Berto testemunha àcerca da natureza e dos limites da sua colaboração com Monsenhor Lefebvre: «Eu tive a honra, muito grande e muito imerecida, afirmo-o perante Deus, de ser o seu teólogo. O segredo que eu jurei dá cobertura ao trabalho que realizei sob ele; todavia eu não traio nenhum segredo comunicando-vos que Monsenhor Lefebvre é um teólogo – e muito superior ao seu próprio teólogo – e prouvera a Deus que todos os padres o fossem como ele! – Monsenhor Lefebvre possui um hábito teológico perfeitamente seguro e refinado, ao qual a sua grande piedade para com a Santa Sé acrescenta esta «conaturalidade» que permite, antes mesmo que o «hábito discursivo» intervenha, discernir intuitivamente o que é ou não compatível com as prerrogativas do Rochedo da Santa Igreja.

Monsenhor Lefebvre em nada se assemelha a estes Padres, os quais, como um deles teve o cinismo de se vangloriar publicamente,[85] tomavam das mãos dum perito, na própria viatura que os conduzia a São Pedro, o texto «inteiramente cozinhado» da sua intervenção na Sessão. Nem por uma só vez eu lhe submeti uma memória, uma nota, um esboço, sem que Monsenhor Lefebvre os tenha revisto, manuseado, repensado e por vezes refeito de alto a baixo, mediante o seu trabalho pessoal e assíduo. Eu não «colaborei» com ele; se o termo fosse francês, eu diria que verdadeiramente «sublaborei» com ele, conforme a minha função de teólogo particular e de acordo com a honra e a dignidade de Padre dum Concílio ecuménico, juiz e doutor da Fé com o Romano Pontífice.»[86]

Mais do que ninguém, Monsenhor Lefebvre jamais aceitaria constituir-se um simples figurante, ou um «pau mandado», ao serviço de ideias que ele não tivesse pensado e repensado pessoalmente.

A sua acção como membro do Coetus concentrou-se sobre três combates: A luta contra a colegialidade, a solicitação da condenação do comunismo e a batalha encarniçada contra a liberdade religiosa. Tal não o impediu de pugnar igualmente pela honra da Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria, e pela integridade do Matrimónio cristão.

### *A luta contra a colegialidade.*

No espírito de numerosos Padres conciliares, o objecto do segundo Concílio do Vaticano seria o de proceder a um contrapeso ao Magis-

---

[85] Mons. Maziers, Arcebispo de Bordéus; Cf Cagnon, 74

[86] Carta à superiora dum Instituto religioso – *J'acuse le Concile* (Acuso o Concílio) – 5-6

tério do primeiro Concílio do Vaticano. O Vaticano I havia exposto a doutrina do primado do Papa; então, o Vaticano II deveria, no entender desses Padres, propor a doutrina do direito dos Bispos a regerem a Igreja com ele.

O novo esquema da constituição sobre a Igreja, proposto após ter sido lançado para o lixo o esquema preparatório, havia sido ardentemente disputado em 1963, no decurso da segunda sessão. Entrechocavam-se três teses antagónicas: a tese liberal extrema que pretendia que os Bispos formassem um colégio em que o Papa não constituísse mais do que a cabeça, e cujas decisões deveriam ser tomadas após consulta ao Colégio. A tese liberal moderada, a de Paulo VI, pretendia igualmente que os Bispos constituíssem um colégio, submetido ao seu chefe de Direito Divino, o Papa, possuindo este último, por outra via, independentemente do colégio, o seu poder pessoal definido pelo Concílio Vaticano I. Consequentemente, o poder supremo sobre a Igreja era exercido por duas autoridades: a do Soberano Pontífice por um lado; e a do colégio episcopal «com e sob o seu chefe» por outro lado.

A esta tese liberal mitigada, o Coetus objectava que, de direito divino, os Bispos poderiam então reclamar ao Papa o exercerem, quando o quisessem, até mesmo habitualmente, este poder supremo, que pretensamente lhes pertenceria, em virtude da constituição divina da Igreja; o poder supremo pessoal do Papa arriscava-se assim a ser reduzido à expressão mais simples. Contra este perigo, o Coetus sustentava a tese da teologia romana, expendida pelo Padre Berto,[87] no seu projecto de esquema e apoiada por Monsenhor Lefebvre. E demonstrava, através de toda a Tradição e de toda a História, que o Papa era o único chefe de direito divino da Igreja Universal e que somente nele residia toda a plenitude do Poder Supremo; quanto ao corpo episcopal, ele não constituía, de direito divino, um colégio no sentido jurídico de sujeito único de acção comum; ele não exercia uma acção propriamente colegial senão excepcionalmente, no Concílio Ecuménico, e não possuía autoridade sobre a Igreja universal a não ser pela comunicação efectuada pelo Papa, quando ele a queria, como participação na sua autoridade suprema.

Diante desta oposição, um novo projecto de texto foi preparado, mas que não satisfazendo Paulo VI, foi revisto, corrigido e aprovado por ele em 3 de Julho de 1964, como base de discussão da III Sessão;

[87] Pela Santa Igreja Romana, 236-265 (textos de 1964); Itinerários n° 115, Julho- Agosto 1967 e n° 132 , Abril 1969, tirado à parte: O Padre Berto, p. 119

a tese liberal moderada duma Igreja em estado permanente de Concílio, em nome e segundo o direito divino, ali era proposta.

O Coetus tomou a decisão de defender o primado do Papa, mesmo contra o Papa, bem como de abater o pretenso direito divino da colegialidade.

Monsenhor Lefebvre, Monsenhor Morilleau e Dom Prou elaboraram em Solesmes, no dia 15 de Julho, uma petição ou postulatum a Paulo VI, a qual foi assinada pelo menos por treze Padres, solicitando ao Romano Pontífice que proclamasse a Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria «Mãe da Igreja», bem como de afastar das discussões da III Sessão todos os esquemas contrários à doutrina tradicional: Pedro, recordavam esses Padres, foi chefe do Colégio apostólico porque constituído Vigário de Cristo, e não o inverso como agora se insinua.

Não contentes com tentar bloquear assim o esquema aprovado por Paulo VI, Monsenhor Lefebvre e os seus amigos, reunidos em Solesmes, visaram mais longe e, redigindo igualmente uma carta ao Papa, que fizeram assinar por vários Padres Conciliares, denunciaram as imprecisões e equívocos que se ocultavam em certos esquemas.

Curiosamente, esta preocupação associava-se à do Padre Schillebeeckx o qual, ainda que defensor do ponto de vista liberal extremo, tinha ficado escandalizado na II Sessão, ao escutar um perito confessar-lhe que o esquema da Igreja propunha a tese liberal moderada de forma voluntariamente ambígua: [88] «Nós exprimimo-nos de forma diplomática, tinha dito o perito, mas após o Concílio extrairemos do texto as conclusões que nele se encontram implícitas.»

O Padre Schillebeeckx tinha a honestidade de «considerar esta táctica indecorosa». [89]

Atravessado por tais mensagens subliminares de erros que renasciam, o Concílio, pensava Monsenhor Lefebvre, desclassificava-se, desconsiderava-se, e iria infectar a Igreja, se Paulo VI não interviesse.

«Já», escreve ele portanto ao Papa, «certos "peritos do Concílio" deduzem conclusões que nos tinham ensinado a julgar como imprudentes, perigosas, senão fundamentalmente erróneas. Certos esquemas são explorados em termos e num sentido que se opõem

---

[88] «Falar-se-á de dois sujeitos do poder supremo inadequadamente distintos ou simplesmente dum único sujeito, mas sempre colegial? O NossoTexto (o esquema) não toma partido nestas questões». I. Congar, estudo não editado, 11 de Julho de 1963, Cf Dulac, In *La Pensée Catholique* n°87, app. I

[89] Art., in de Bazuin, 23 de Janeiro de 1965; Wiltgen, 238

ao ensinamento do Magistério. A imprecisão dos esquemas parece autorizar a penetração de ideias, de teorias (...) de erros incessantemente reprovados desde há mais dum século.»[90]

Esta carta, capital para a honra do Concílio, para o juízo que àcerca dele se deveria realizar, permaneceu sem resposta.

## *A «nota prévia explicativa»*

Desde a abertura da III Sessão, no dia 15 de Setembro de 1964, Monsenhor Staffa solicitou o uso da palavra, em nome de setenta Padres; tal foi-lhe recusado. O Coetus resignou-se a propor emendas ao Capítulo do esquema àcerca da Igreja, no concernente à colegialidade.

Do 21 a 29 de Setembro, o texto foi submetido a votos, parágrafo por parágrafo; a votação global apurou 572 *Placet juxta modum* (Sim, mas após correcção), exprimindo um «sim» condicional: na condição de que tais e tais emendas fossem introduzidas.

A Comissão de Teologia entregou-se pois ao exame dos «modi» (correcções). Contudo, antes de este trabalho ser terminado, o Coetus tomou conhecimento que os seus «modi» tinham sido afastados, enquanto que outros, menos importantes, haviam sido incorporados.

Monsenhor Staffa fez ouvidos de mercador e escreveu a Paulo VI, denunciando as iniquidades de procedimentos que tinham como propósito impor silêncio à teologia romana, em beneficio duma «forma extrema» da tese colegial; [91] o texto desta carta foi remetido a doze Padres, activos no Coetus, entre os quais Monsenhor Lefebvre, o qual encarregou os restantes de obter a assinatura de outros doze Padres conciliares.

Esta diligência, denominada «operação Staffa» foi eficaz, pois Paulo VI transmitiu a carta à Comissão de Teologia, ordenando um inquérito àcerca da violação das regras de procedimento.

Entrementes, o activo Cardeal Larraona redige uma «nota reservada», quer dizer confidencial, para ser dirigida ao Papa; esta nota teve o apoio e a firma dum número impressionante de trinta e cinco Cardeais e cinco Superiores Gerais – entre os quais Monsenhor Lefebvre. Neste texto, datado do dia 18 de Setembro e entregue ao Papa na Véspera da abertura da III Sessão, os trinta e cinco Cardeais signatários manifestam as suas «apreensões» pela novidade da

---

[90] Carta sobre os equívocos, em «*J'acuse le Concile* (Acuso o Concílio)», 54

[91] Wiltgen, 227

doutrina patrocinada pelo Papa Montini: «O esquema altera a face da Igreja; efectivamente:

> A Santa Igreja, de monárquica, torna-se *episcopal*
> e colegial, e isto de direito divino e em virtude da
> consagração episcopal
> O primado é ferido e esvaziado do seu conteúdo (...)
> servindo sòmente para manter a hierarquia unida e indivisa;
> A hierarquia da jurisdição, enquanto distinta da hierarquia
> da ordem, (...) é abalada e destruída.»

Denunciando posteriormente os «grupos de pressão, os peritos audaciosos e as difusões da imprensa, que tornam difícil uma discussão serena, entravam e impedem a verdadeira liberdade». Os signatários solicitavam para o Concílio uma pausa de reflexão, bem como «um período de maturação da nova doutrina.»

Paulo VI sentiu-se pessoalmente atacado e respondeu ao Cardeal Larraona através duma carta manuscrita plena de sarcasmos, solicitando-lhe de «meditar bem que fonte de consequências nocivas constituiria uma atitude (se ela estava desprovida de razões verdadeiras e provadas) tão contrária à maioria do episcopado e tão prejudicial ao sucesso do Concílio.» [92]

Paulo VI não quis ver o perigo do equívoco do esquema, até que um Padre liberal cometeu o erro de disponibilizar por escrito a interpretação extrema, sustentando que o texto assim seria compreendido após o Concílio. O Papa, vendo-se iludido, enganado e usado, desmoronou interiormente e chorou. Ulteriormente solicitou ao Cardeal Ottaviani para precisar de novo certos pormenores da primitiva redacção do texto e fez preparar uma «Nota Prévia» indicando como o referido texto deveria ser interpretado.

A «nota explicativa» foi apresentada aos Padres no dia 14 de Novembro de 1964; e foi asperamente criticada pelos Padres liberais.

Para pôr termo às discussões, Monsenhor Pericle Felici, Secretário-Geral do Concílio, procedeu a vários anúncios no dia 16 de Novembro, primeiro dia da semana que os liberais apelidarão «a semana negra», porquanto, além doutros aspectos, nela se consumaria a doutrina do esquema referente à colegialidade, como devendo ser interpretada «segundo o sentido e o teor da referida nota.»

A acção do Coetus tinha salvo o primado do Romano Pontífice dum perigo mortal. A nota fixava a interpretação do texto conciliar – adoptando a tese liberal moderada – num sentido restrito, admitido

---

[92] Acuso o Concílio, 70

por Monsenhor Lefebvre. Ela seria parte integrante da Constituição Lúmen Gentium, mesmo manifestando a debilidade intrínseca dum texto que, sem ela, é equívoco.

## *A solicitação da condenação do comunismo*

Assistimos aqui a uma das belas acções do Coetus, aquela que lhe atraiu a maior simpatia e o maior número de adesões.

Já no dia 3 de Dezembro de 1963, na véspera do encerramento da II Sessão, Monsenhor Proença Sigaud havia remetido ao Cardeal Cicognani uma petição assinada por duzentos e treze Padres, originários de quarenta e seis Países, solicitando que fosse preparado um esquema especial no qual «a doutrina social católica seria exposta com plena clareza e no seio da qual os erros do marxismo, e do socialismo e do comunismo seriam condenados». Esta solicitação constituía uma reverberação do combate anticomunista de Monsenhores Castro Mayer e Sigaud, no Brasil, correspondendo igualmente às permanentes preocupações de Monsenhor Lefebvre, em Dakar e em África.

No dia 3 de Fevereiro de 1964, Monsenhor Proença Sigaud remeteu pessoalmente a Paulo VI uma outra petição, assinada por quinhentos e dez prelados, implorando ao Santo Padre para consagrar, com o Concílio, a Rússia e o Mundo ao Imaculado Coração de Maria, conforme ao pedido efectuado por Nossa Senhora de Fátima à vidente Lúcia; e pelo acolhimento deste pedido «a Rússia converter-se-á». Mas o Papa não mais quis saber desta solicitação, antes de a recusar finalmente em Janeiro de 1965.

No dia 21 de Outubro de 1964, a parte do esquema àcerca da «Igreja no Mundo» – esquema XIII – que tratava do ateísmo foi colocada sob deliberação; o termo comunismo era aí cuidadosamente evitado.

Perante este silêncio persistente, o Coetus entrou em acção no dia 29 de Setembro de 1965, no início da IV Sessão: foi difundida uma carta assinada por vinte cinco Bispos, solicitando o exame do comunismo, bem como a sua condenação pelo Concílio. Redigida por Monsenhor Luigi Carli, ela tinha sido disseminada por Monsenhores Sigaud e Lefebvre que, notoriamente, não tinham assinado. O silêncio conciliar sobre o comunismo, lia-se na carta, constituiria uma desautorização dos Papas precedentes. A carta incorporava uma petição solicitando a referida condenação, a qual havia já congregado trezentas e trinta e duas assinaturas. [93] Acabaria por recolher um

---

[93] Monsenhor René Graffin tinha colecta das assinaturas. Acquiv. Lef. E, 01, 16 B, A 712

total de quatrocentas e cinquenta e quatro. [94] A petição e as trezentas e trinta e duas primeiras assinaturas foram entregues a 9 de Novembro, no prazo requerido, ao Secretário do Concílio, por Monsenhor Lefebvre, pessoalmente[95] e com o recibo assinado.

Mas o que se passa então? No dia 13 de Novembro, a nova recomposição do esquema não acolhe, de maneira nenhuma, os votos dos peticionários: o comunismo continua sem qualquer menção. Deste modo, Monsenhor Carli protesta no próprio dia, perante a Presidência do Concílio, e interpõe um recurso diante do tribunal administrativo. Além disso, ele decide apresentar novamente o requerimento sob forma de uma emenda, ao mesmo tempo que propõe um debate claro e preciso àcerca do tema. Os agentes do Coetus passam o dia 13, Sábado, durante a tarde, bem como o Domingo, dia 14, a percorrer Roma, de automóvel, para distribuírem a todos os Padres os dois documentos.

Até 16 de Novembro recolhem duzentas e nove assinaturas e, no dia 15, um vigoroso protesto de Monsenhor Proença Sigaud sacode o Concílio; em vão.

Ainda assim, o Cardeal Tisserant ordenou um inquérito que revelará... Que a petição se havia desgraçadamente «extraviado» numa gaveta; na realidade, foi Monsenhor Achille Glorieux, Secretário da Comissão competente que, tendo recebido a petição, não a transmitiu à Comissão.

O «esquecimento» de Monsenhor Glorieux será objecto de desculpa pública da parte de Monsenhor Garrone mas – que quereis vós? – os prazos atribuídos para a introdução dum parágrafo sobre o comunismo foram já ultrapassados. Aliás, uma condenação do comunismo contrastaria por demais com a intenção pastoral do Papa João XXIII que havia decidido que o Concílio não condenaria nenhum erro; de resto na sua Encíclica, *«Pacem in terris»*, de 11 de Abril de 1963, João XXIII havia afastado do comunismo toda e qualquer reprovação, aceitando inclusivamente que nele «possam encontrar-se elementos positivos e dignos de aprovação.» [96]

Ora, tudo isto representa renegar a qualificação de «intrinsecamente perverso» aplicada pelo Papa Pio XII ao comunismo, bem como admitir a colaboração dos Católicos com este movimento. Aliás, numa intervenção produzida por escrito e dirigida ao Concílio, em

---

[94] Dos quais 104 padres Italianos e 30 da China (Expulsos), 26 Países de África estavam representados, bem como 23 da América Latina , ao todo 86 países.

[95] Acompanhado de Mons. Sigaud. Cf. O Acusado - 340

[96] Numero 157 (159) da Encíclica, AAS 55 (1963), 300

9 de Setembro de 1965, Monsenhor Lefebvre havia denunciado esta renegação: «Na página 18 § 19 (do esquema XIII) trata-se do comunismo apenas sob o aspecto de ateísmo, sem qualquer menção particular do comunismo. Deste texto, podemos extrair a ilação de que o comunismo está condenado unicamente pelo seu ateísmo, o que é evidentemente contrário à doutrina ensinada permanentemente pela Santa Igreja. É preferível então, parece-nos, um texto que de forma alguma o mencione (ao comunismo), mesmo indirectamente; ou então que, pelo contrário, dele explicitamente fale, mas para lhe demonstrar a perversidade intrínseca.»[97]

Árbitro do debate, mas herdeiro de João XXIII, Paulo VI manterá o silêncio àcerca do termo «comunismo», contentando-se, no dia 2 de Dezembro, em adicionar uma menção das «exprobrações passadas do ateísmo» o que era falsificar a doutrina de Pio XI, condenando o comunismo enquanto organização e método de acção social de carácter perverso (técnica de escravatura das massas e prática da dialéctica, afirma Jean Madiran) e não sòmente enquanto organização ateia. [98] A referência, incorporada em nota à Encíclica *Divini Redemptoris*, permite a cada um constatar esta traição.

As desculpas e argúcias de Monsenhor Garrone não podiam entretanto satisfazer o Coetus nem frear o seu zelo combativo. Neste enquadramento, *in extremis*, no dia 3 de Dezembro de 1965, a organização procedeu à distribuição entre oitocentos Padres, cujos nomes se encontravam no seu ficheiro, duma última carta que enumerava cinco razões pelas quais as secções do esquema XIII atinentes ao comunismo, às finalidades do Matrimónio e ao tema «Guerra e Paz», não eram ainda satisfatórias.

## *As finalidades do Matrimónio*

Monsenhor Lefebvre era o principal promotor desta acção suprema, não somente contra o comunismo, mas igualmente a favor do matrimónio cristão, quer dizer, da doutrina tradicional do primado da finalidade da procriação sobre o amor humano. [99] Ele havia já precisamente denunciado ao Concílio a inversão dos dois fins do Matrimónio, pretendida pelos liberais.

---

[97] Acuso o Concílio, 89-90

[98] Jean Madiran, A velhice do mundo, ensaio sobre o comunismo, DMM, 1975, especialmente pp. 107-110

[99] Cf Leão XIII, Encíclica *Arcanum*, 10 de Fevereiro de 1880, EPS, O casamento n° 147; Código de direito Canónico de 1917, Can. 1013§1; Pio XI, Encíclica *Casti Connubii* , 31 de Dez. de 1930, DS 2227-2231; EPS o casamento n° 274; Julgamento da Rota, 22 de Janeiro de 1944; AAS 36

«O capítulo do Matrimónio, página 47, linhas 16 e seguintes, apresenta o amor conjugal como constituindo o elemento primário do matrimónio, do qual procede o elemento secundário, a procriação; ao longo de todo o capítulo, o amor conjugal e matrimónio são identificados, como na página 49, linha 24 e 25.»

«Tal é contrário à doutrina tradicional da Santa Igreja, e ao admiti-lo, seguir-se-iam as piores consequências. Poderia efectivamente afirmar-se: «Não há amor conjugal, portanto não há matrimónio!» Ora, quantos casamentos existem sem amor conjugal! Não deixam por isso de ser autênticos casamentos.» [100]

O que estava em jogo era descomunal: aceitar a nova doutrina equivalia a promover igualmente as limitações dos nascimentos e a contracepção, até mesmo a desculpar o aborto e, em todo o caso, acarretaria seguramente a destruição da Família cristã.

O Arcebispo recorda-se da emoção que havia provocado no ano anterior, no dia 29 de Outubro de 1964, o ataque dirigido pelo Cardeal Suenens contra a procriação, e como o Cardeal Ottaviani havia magnificamente protestado, apresentando o exemplo da família pobre da qual ele próprio descendia, enriquecida com doze crianças; além disso o Cardeal Browne havia bradado: «Cauti ergo esse debemus», «Acautelemo-nos quando se reivindica exageradamente os direitos do amor conjugal!» [101]

Um ano mais tarde, no dia 25 de Novembro de 1965, Paulo VI havia produzido uma intervenção para impor quatro emendas a este respeito no esquema XIII,[102] uma das quais sobre a contracepção. Todavia não foi restabelecida a recta hierarquia entre as duas finalidades do Matrimónio; daí a derradeira tentativa de Monsenhor Lefebvre, que – ai de nós! – não obteve sucesso. [103] O texto final consagrou a inversão das finalidades do Matrimónio, [104] exactamente como recusou a condenação do comunismo. A promulgação

---

(1944), 179-200; EPS, O casamento Appendia, n° 11

[100] Intervenção escrita concernente ao esquema XIII, 9 de Setembro de 1965. Cf. Igualmente a intervenção de Mons. Carlo Maccari, depositada no 1 de Outubro de 1965 e subscrita por vários membros do Coetus, entre os quais Mons. Lefebvre. A Syn, IV, III, 209 sq.

[101] A. SYN, III, IV, 57, 85 e 87; Wiltgen, 266;

[102] Wiltgen 267; UEP, 155; Heblethwaite, Paulo VI, 367

[103] Na votação sobre o capitulo I do esquema XIII, em 2 de Dez. , somente 131 Padres tinham recusado a parte consagrada ao ateísmo e 165 o capitulo concernente ao Matrimónio e a família. Quando da votação global, a 7 de Dez. de 1965, os «non placet» reduziram-se a 75

[104] Gaudium et Spes, n° 48 §1

da Constituição pastoral «sobre a Igreja no mundo dos nossos dias», *Gaudium et Spes*, «*Alegria e Esperança*», constituiu antes de tudo o mais, como o escreveu o Cardeal Ruffini, - Um dia de dor.

## *O Acordo Roma-Moscovo*

Não havia coisa que Moscovo mais temesse do que um Concílio Ecuménico renovando solenemente a condenação do comunismo pronunciada por Pio XI. Para a impedir o Kremlin tinha proposto um acordo ao Vaticano: Vós desejais, tendo em vista o ecumenismo, que observadores do Patriarcado de Moscovo venham ao Concílio? Eles não estão muito dispostos a isso; todavia, nós os convenceremos a tal se Roma proceder a um convite especial ao Patriarcado, e se o Concílio se calar àcerca do comunismo.

Tal foi o conteúdo do acordo concluído em Agosto de 1962, em Paris, entre o Metropolita Nikodim e Monsenhor Willebrands, posteriormente em Metz, entre o Metropolita Nikodim e o Cardeal Tisserant, o qual falava russo. O *«France Nouvelle»*, hebdomadário central do PCF (número de 16 a 22 de Janeiro de 1963, p. 15) reportou o conteúdo desta transacção; ulteriormente *«Le Lorrain»* de 9 de Fevereiro e «La Croix», do dia 15, narraram igualmente as circunstâncias deste acordo. De facto, Monsenhor Willebrands pôde dirigir-se a Moscovo, de 27 de Setembro a 2 de Outubro de 1962, para transmitir o convite e assegurar ao Patriarcado que o Concílio «não empreenderia polémicas anticomunistas». [105]

Foi neste enquadramento que, no dia 11 de Outubro de 1962, para a inauguração do Concílio Vaticano II, haviam chegado a Roma dois observadores ortodoxos russos, e que, por ordem superior, «de cada vez que um Bispo pretendia abordar a questão do comunismo, o Cardeal Tisserant, desde a mesa do Conselho da Presidência, intervinha para recordar as instruções de guardar o silêncio querido pelo Papa.» [106]

«O Concílio, que se havia dotado do cometimento de inquirir e interpretar os «sinais dos tempos», foi condenado por Moscovo a

---

[105] Ulysse Floridi, Moscou et le Vatican, edição France-Empire, 1979, pp. 146-147, citando R.P. Kaiser, Pope, Concil and world; Cf. Jean Madiran, in Itinéraires n° 7° (Fevereiro 1963), pp. 177-178; (Abril de 1963), p. 43; 84 (Junho de 1964), pp. 39-40; 280 (Fevereiro 1984), pp. 1-11; 285 (Julho-Agosto 1984), p. 151 sq., citando uma carta de Monsenhor Georges Roche, por longo tempo colaborador do Cardeal Tisserant

[106] Carta precipitada de Mons. Roche a J. Madiran, 14 de Maio de 1984

guardar silêncio àcerca do mais evidente e monstruoso dos sinais deste nosso tempo!». [107]

## *Pela honra da Bem-Aventura Sempre Virgem Maria*

Nas suas origens, o esquema sobre a Santa Virgem constituía um texto independente, conferindo a Maria, entre outros títulos, o de Medianeira de todas as graças. Em sessão da comissão preparatória, o Cardeal Liénart havia-se soerguido contra este título, o qual foi contudo conservado.

Durante a inter-sessão de 1963, o teólogo Karl Rahner, seguido pelos seus colegas Grillmeier, Semmelroth e Ratzinger, considerou que deste texto «resultaria um mal inimaginável do ponto de vista ecuménico»; e, desde a abertura da II Sessão, foi proposto reduzir o esquema mariano a um simples capítulo do esquema sobre a Igreja. Invocava-se «os excessos de piedade mariana».

Neste quadro conceptual, em 27 de Outubro, Monsenhor Grotti, Servita e membro do Pré-Coetus, fez distribuir uma refutação dos argumentos supra referidos «ecumenismo, questionava ele, consistirá em confessar ou em ocultar a verdade?» E, desenvolvendo um argumento que nós encontramos invocado por Monsenhor Lefebvre, em Dakar, afirmava: «Esconder a verdade fere-nos, pois que assim fazemos figura de hipócritas; magoa anàlogicamente aqueles que de nós se encontram separados, na exacta medida em que isso os faz parecer débeis e susceptíveis de ser ofendidos pela verdade.»

Ai de nós! A votação de 29 de Outubro de 1963, por 1114 votos contra 1097, outorgou a vitória – ténue para falar verdade – aos medrosos e aos *ecumenistas*.

Durante o Verão de 1964, o Coetus solicitou, na sua petição a Paulo VI, que Maria fosse proclamada: Mãe da Igreja, «porque, pela sua caridade maternal, ela quer tudo o que de Bem quer o seu Filho para o Seu corpo Místico, que é a Santa Igreja, gerando igualmente a Santa Igreja, desde o principio até ao fim; e porque a mesma Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria, por esta mesma Caridade, intercede incessantemente pela Igreja universal, ou por cada fiel, e mesmo por todos os homens que Deus quer salvar.»

Ora, não somente esta bela teologia foi vilipendiada, mas ainda, e com grande indignação do Coetus, o texto proposto à III Sessão havia suprimido o título de «Mãe da Igreja» mau grado o desejo

[107] *Ils l'ont découronné* (Eles destronaram-n'O), 215; Cf. Madiran, op. Citada, pp. 158-159; COSPEC 102 B, 28 de Outubro de 1983, « Les trois trahisons (As três traições)»

expresso pelo próprio Paulo VI, no encerramento da precedente Sessão. Igualmente, Monsenhor Castán Lacoma, membro do Coetus, reclamou, em nome de oitenta Padres, o restabelecimento deste título.

Apesar dos protestos, a Comissão de Teologia e a votação não procederam a tal restabelecimento. Foi necessário que Paulo VI, no último dia desta Sessão, em 21 de Novembro de 1964, passando além, anunciasse *motu próprio* que a Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria seria invocada sob o título de «Mater Ecclesiae».

Aplaudindo com a maioria dos padres este triunfo dum privilégio mariano, o Coetus aí reconheceu uma nova e feliz afirmação do Primado Papal independentemente do Concílio.

## *Tradição e Sagrada Escritura*

Um outro campo de batalha do Coetus constituiu o do esquema sobre a Revelação Divina, que havia substituído o texto preparatório sobre «as fontes da Revelação». O erro protestante renascia no Concílio sob uma forma mitigada, tendendo a reduzir a Tradição divina oral a não constituir mais do que uma interpretação da Sagrada Escritura, dependente desta.

Foi por isso que, na Primavera de 1964, Monsenhor Lefebvre e os seus amigos de La Chanoine, Grimault, Morrilleau e Prou, propuseram por escrito uma emenda afirmando que «a Tradição é mais vasta que a Escritura Santa», [108] com o escopo, diziam eles, de que o Concílio não parecesse excluir «a possibilidade de encontrar na Tradição verdades que não estejam contidas, ao menos implicitamente, na Escritura.» Esta emenda não foi incorporada. Curiosamente, o combate do Coetus limitou-se a defender a inerrância (ausência de erro) das Sagradas Escrituras e negligenciou a verdade da imutabilidade da Tradição divina. A Tradição «progride no seio da Igreja», dirá a constituição Verbum Dei; o erro post-conciliar da Tradição «viva» e evolutiva fundamentará aí a sua substância. Os Padres do Coetus tiveram o mérito, entretanto, de questionar o Secretariado àcerca da autoridade do texto que ia ser votado. No dia 15 de Novembro, Monsenhor Felici recordou a nota produzida pela comissão teológica no dia 3 de Março de 1964: Apenas seria definido o que se afirmasse como tal, quanto ao resto a autoridade dum texto dependia do seu género. Notificação capital: Nada tendo definido como tal, o Concílio não seria pois, por si mesmo, infalível.

Todavia os Padres do Coetus estavam, antes de tudo o mais, preocupados com o seu combate contra a liberdade religiosa.

---

[108] A. Syn, III, III, 889 sq.

## *A Liberdade religiosa*

O choque inicial da altercação entre os Cardeais Ottaviani e Bea, durante a última sessão preparatória, repercutiu-se numa reverberação interminável ao longo de todo o Concílio. Nenhum texto foi submetido a tantas revisões como o esquema sobre a liberdade religiosa, sob a vigorosa pressão do Coetus, o qual comprometeu nesta refrega o melhor dos seus recursos.

Aquando da I Sessão, o esquema Ottaviani àcerca das relações entre a Igreja e o Estado, foi eliminado com os outros pelas manobras da «Aliança Europeia». Por altura da II sessão, em 1963, somente permanecia o esquema «Bea», refundido e transformado no capítulo V do esquema sobre o ecumenismo. Apresentado por Monsenhor De Smedt, Bispo de Bruges, suscitou uma considerável oposição e não foi submetido a sufrágio, para que o seu conteúdo – dizia-se – dispusesse de tempo para amadurecer nos espíritos... Mediante uma maturação todavia acelerada, que nada possuía da espontaneidade da herança duma longa Tradição.

Na terceira Sessão, o texto tornou-se uma declaração independente, que havia tido em linha de conta trezentas e oitenta emendas notificadas durante a inter-sessão 1963-1964. O debate sobre a questão foi breve; de 23 a 25 de Setembro de 1964, defrontaram-se em sessão os paladinos das duas teses, os cardeais Ottaviani, Browne, Ruffini, Quiroga y Palácios (São Tiago de Compostela), Bueno y Monreal (Sevilha), terçando armas contra os advogados do liberalismo, as eminências Ritter (Saint-Louis, Missouri), Cushing (Boston), Meyer (Chicago), Silva Henriquez (Santiago de Chile) e König (Viena).

O Padre Fernandez, Superior Geral dos Dominicanos, sustentando que o texto deveria ser inteiramente revisto, como estando impregnado e infectado de naturalismo; e Monsenhor Carlo Colombo, Deão da Faculdade de Teologia do Seminário Maior de Milão e teólogo pessoal do Papa Paulo VI, solicitando por sua vez que o esquema fosse melhor fundamentado em doutrina católica, tiveram como consequência que o Secretariado para a Unidade dos Cristãos empreendesse uma nova reconstituição do documento.

Trabalhava nela ainda, quando, na Sexta-Feira 9 de Outubro, o Cardeal Bea lhes fez ler, com uma voz triste, duas cartas de Monsenhor Felici, uma das quais solicitando-lhe, «por ordem superior» que submetesse a declaração sobre a liberdade religiosa a uma revisão radical, a qual seria confiada a uma comissão mista formada de membros do Secretariado, bem como da Comissão Teológica, tendo

o Papa já designado oficialmente quatro membros: Monsenhor Carlo Colombo, o Padre Fernandez, o Cardeal Browne e Monsenhor Marcel Lefebvre.

Ao ser conhecido este último nome, soprou em Roma um vento de pânico. Dez Cardeais, entre os quais Augustin Bea, reuniram-se em 10 de Outubro em casa do Cardeal Frings (Refúgio dos pecadores), manifestando a sua «dor», bem como a sua «extrema preocupação» e a sua «mais profunda inquietação» ao Santo Padre, ao verificarem que a declaração sobre a liberdade religiosa «é remetida para certa comissão mista, da qual foi afirmado que quatro membros foram já designados e que três destes parecem estar em contradição com a orientação do Concílio nesta matéria.»

Após a denúncia operada em nome da omnipotente «orientação», sobreveio a ameaça: tal constituiria, asseguram os signatários, uma violação do regulamento do Concílio» e um imenso prejuízo perante a opinião pública universal».

Para mais eficazmente excluírem o temível Arcebispo espiritano, que é dos quatro o único a não ser membro de nenhuma comissão conciliar, os conjurados consideram que, se Sua Santidade conserva a comissão mista, então esta «deveria ser constituída a partir das comissões conciliares.» E estes bons Apóstolos lá vão indicando caridosamente a Paulo VI o artigo 58º, § 2º, do regulamento. [109]

Por seu lado, interrogado a este respeito, Monsenhor Lefebvre respondia com uma calma sorridente «não estar ao corrente de nada».

Paulo VI recuou, e a comissão mista que se reuniu para encerramento de trabalhos, no dia 27 de Outubro, não contava com Monsenhor Lefebvre entre os seus membros.

«Eu fui o único eliminado», dirá ele; «as minhas intervenções no Concílio no atinente a este assunto e a minha integração no Coetus assustavam-nos.» [110]

No decurso desta única sessão, a declaração sobre a liberdade religiosa foi aprovada e transmitida à Comissão Teológica para exame e «Nihil obstat», o qual foi atribuído com rigor no dia 9 de Novembro.

O novo projecto (texto emendado) foi remetido aos Padres Terça--Feira, 17 de Novembro, para ser votado no dia 19, Quinta-Feira.

---

[109] Antoine Wenger, Vatican II, Chronique de la Troisième Session, Centurion, Paris, sem data, p.137; Wiltgen, 171, O Cardeal Bea absteve-se de assinar a carta, a qual foi assinada por 17 Cardeais: Frings, Dopfner, Konig, Ritter, Meyer, Alfrink, Léger, J. Lefebvre, Silva, depois Liénart, Suenens, Lercaro, etc.

[110] Acuso o Concílio, 48

Foi aí que o Coetus interveio e que a ala liberal falou de «semana negra». O Coetus fez valer que o texto emendado não constituía uma simples revisão do esquema precedente (textus prior), mas sim um texto novo, cujo volume era duplo; e a problemática, bem como a argumentação, eram novas: ali se invocava a dignidade humana, bem como os seus direitos, a necessidade que a consciência integra de se exprimir, a necessidade que a religião experimenta de se exercer em actos externos e públicos, a necessidade duma livre procura da verdade pelo diálogo e, finalmente, a competência do Estado, que está confinada à ordem das realidades terrestres.

Neste enquadramento, o Coetus remeteu, no dia 18 de Novembro, à presidência do Concílio, uma petição fundamentada no artigo 30º, §2º do regulamento do Concílio e sobre a impossibilidade de examinar suficientemente o texto em tão pouco tempo; ali se solicitava que a votação fosse diferida.

O presidente, Cardeal Tisserant, consentiu que Monsenhor Felici apresentasse este requerimento à assembleia e a submetesse a um prévio sufrágio. Temendo que esta votação fosse desfavorável à iniciativa retardadora, Monsenhor Luigi Carli, um dos cem signatários da carta do Coetus, propôs um recurso junto do Cardeal Roberti, presidente do Tribunal administrativo do Concílio. Este recurso obteve pleno efeito a partir do próprio consentimento do Papa,[111] e o Cardeal Tisserant deveu anunciar, no dia 19 de Novembro, que não se procederia ao sufrágio «durante a presente sessão».

A ira da ala liberal do Concílio atingiu o auge. «Jamais», escreve Wiltgen, «tantas e tão severas e coléricas expressões foram escutadas na assembleia conciliar, como nesse momento de pânico». O Coetus encravara a máquina progressista.

A Inter-Sessão 1964-1965 foi assinalada da parte do Coetus por uma intensa preparação doutrinal. No dia 18 de Dezembro de 1964, envia aos Padres da sua lista de endereços, quinze páginas de emendas ao esquema sobre a liberdade religiosa. Pelo seu lado, Monsenhor Lefebvre envia a 30 de Dezembro, das Ilha Maurícias, ao secretariado do Concílio, sete páginas de observações sobre o mesmo esquema.[112] Ulteriormente, o Coetus envia ainda, em Junho de 1965, vinte e quatro páginas de novas emendas, que solicita uma quarta versão do esquema (textus reemendatus): Monsenhor Le-

---

[111] René Laurentin, O que estava em jogo no Concílio, Balanço da III sessão, Ed. Seuil, Paris, 1965, pp. 275-276

[112] Cf. Acuso o Concílio, 41-49

febvre reprova a esta última o fazer abstracção da distinção entre o verdadeiro e o falso, no critério jurídico determinante do direito à liberdade religiosa, e ofende ainda a supra referida distinção ao limitar às exigências de ordem pública o exercício dum culto qualquer, e não segundo as necessidades do bem comum.[113]

### *Solicitação audaciosa, ameaça de supressão, perseverança.* [114]

No mês de Julho, decorre em Solesmes a importante reunião já evocada. Nesta ocasião, uma carta datada de 25 de Julho, e assinada Monsenhores Lefebvre, Sigaud e Carli, é enviada ao Santo Padre, solicitando-lhe que os pontos de vista da minoria e da maioria sejam apresentados por um ou dois oradores de cada campo, de forma paralela, no que concerne a todos os grandes debates conciliares: Neste quadro conceptual, todos os Padres possuiriam uma visão sintética das teses em presença. A resposta, escrita no dia 11 deAgosto pelo Cardeal Cicognani, Secretário de Estado, e dirigida a Monsenhor Carli, menosprezava a solicitação, e censurava os Padres do Coetus por se terem associado sob esta denominação, para constituírem um grupo que por natureza tendia a cindir a assembleia.

Inquieto, Monsenhor Carli escreveu a 17 de Agosto a Monsenhor Lefebvre, o qual, transmitindo dia 20 o conteúdo dessa carta a Monsenhor Sigaud, comentava: «Parece que o Santo Padre, ou o Cardeal Secretário de Estado, terão sido amedrontados por um título que lhes parecia designar uma associação poderosamente organizada e capaz de provocar divisões (...) Nós podemos muito bem suprimir este título, pessoalmente eu não me oponho. De qualquer forma, uma tal alteração não modificará em nada a realidade. Isto significa continuemos!»

Nesta perspectiva, no dia 18 de Setembro de 1965, o terceiro dia do debate sobre a liberdade religiosa, integrado na IV Sessão do Concílio, o Coetus, em nome de mais de 100 Padres, invocando o regulamento do Concílio, remeteu aos cardeais moderadores uma petição solicitando autorização de proceder à leitura dum relatório que exporia «de forma completa e sistemática» a sua estrutura de pensamento no atinente a esta doutrina da Liberdade religiosa. Tal não foi concedido e, no dia 21 de Setembro, a assembleia aceitou por 1997 votos, contra 224 – os quais representavam o núcleo duro do

[113] O Bem comum inclui o respeito da moral natural e, nos países católicos, a protecção da verdadeira religião.

[114] Wiltgen, 244 sq.

Coetus – o esquema «o textus recognitus», como base da declaração definitiva.

Iremos renunciar, pergunta o Coetus a si próprio, a discutir os princípios, bem como a reformar radicalmente o texto para o reiniciar sobre uma base sã? Seria necessário contentarmo-nos, dada a reduzida margem de manobra, em operar modificações de pormenor, [115] para impedir o pior? O Coetus não se resignou a esta táctica, todavia decidiu comprometer massivamente as suas forças num combate fundamental pelos princípios.

Já a quinta versão, discutida e colocada a sufrágio, a 26 e 27 de Outubro de 1965, teve de ser corrigida para levar em linha de conta as centenas de *modi* dos Padres. Contudo a sexta reelaboração saída desta revisão, «Textus denuo recognitus», apresentada no dia 17 de Novembro por Monsenhor De Smedt, não satisfez o Coetus que, no dia 18, endereçou a oitocentos Padres um último texto de duas páginas concentradas, analisando a lógica fundamental da tese do secretariado, e refutando as suas afirmações principais, para concluir: «Nós somos constrangidos a dizer *Non Placet*».

Apesar dos aperfeiçoamentos trazidos ao número 1, atinentes à «doutrina católica tradicional àcerca do dever moral dos homens e das sociedades para com a verdadeira religião e a única Igreja de Jesus Cristo», este princípio não acolheu nenhuma aplicação conveniente no resto do texto, enquanto que a tese fundamental e inaceitável do Secretariado era afincadamente mantida. A argumentação do Coetus pode ser resumida na forma seguinte: O «direito à imunidade a toda a coacção em matéria religiosa», que se pretende atribuir à «pessoa» (n° 1), bem como «aos grupos religiosos» (n° 4) repousa inteiramente, segundo o próprio esquema, sobre um direito do homem a constituir actos religiosos na sua «procura da verdade» (n°2), ele próprio fundamentado sobre «a natureza social do homem» a qual requer ela mesma que ele exprima exteriormente os actos interiores de religião, e que em matéria religiosa o mesmo homem proceda a trocas de pontos de vista com outros homens, e que «ele professe[116] a sua religião sob uma forma comunitária» (n° 3)

O problema, afirmava o Coetus, é que quando se trata dum erro religioso, ou dum culto erróneo, nem a razão, nem as Sagradas

[115] COSPEC, 15 de Dez. 1972

[116] Dessa forma o direito negativo à imunidade à coacção em matéria religiosa, era fundamentado sobre um direito afirmativo a professar a sua religião. O que quer que se diga, não se escapa a esta lógica, que o Coetus fortemente sublinhava

Escrituras, nem o Magistério admitiam que o direito religioso se pudesse enunciar, reivindicar, ou exercer legitimamente, como um direito natural.

Pio XII havia ainda recentemente ensinado que «aquilo que não responde à verdade e à lei moral, não possui objectivamente nenhum direito à existência, nem à propaganda, nem à acção» [117] e que «nenhuma autoridade humana (...) pode constituir um mandato positivo, ou uma autorização positiva de ensinar ou de fazer o que seria contrário à verdade religiosa.» [118]

Consequentemente, segundo o Magistério de Pio XII, o direito natural à imunidade a toda a coacção na profissão ou no culto duma religião, somente se aplicaria em concreto à verdadeira religião: Neste quadro conceptual, afirmava Pio XII, o Homem «possui o direito à liberdade de venerar o verdadeiro Deus» [119] e «plena liberdade de exercer o verdadeiro culto divino.» [120]

Monsenhor Lefebvre resumia a questão numa formula lapidar, a qual horrorizou os liberais: «Somente a verdade possui direitos, o erro não possui nenhuns.»

O texto do Coetus adicionava dois corolários a esta verdade elementar: Em primeiro lugar, o erro religioso, ou melhor, as suas manifestações exteriores, podiam ser toleradas, como afirmava Pio XII, «no interesse dum bem superior ou mais vasto (quer dizer o Bem Comum), (...) em circunstâncias bem determinadas», [121] podendo esta tolerância ser garantida pela concessão dum direito civil a uma certa imunidade.

Em segundo lugar, os direitos da verdade religiosa implicavam, como ensinava ainda Pio XII, que «a Igreja (...) considere por principio a colaboração com o Estado como normal, e erija como um ideal a unidade do povo na verdadeira religião, e a unanimidade de acção entre ela, Igreja, e o Estado».[122] Desta forma desmoronavam-se duas pretensões do esquema: um direito, não somente civil, mas natural, à liberdade religiosa, e em todas as circunstâncias acompanhado da

[117] Pio XII, Alocução aos juristas italianos *Ci Riesce*, 6 de Dez. 1953; Documentos, p. 614

[118] Op. Citada, Documentos, p. 616; PIN 3038

[119] Alocução ao Congresso de ciências administrativas, 5 de Agosto de 1950; PIN 1119

[120] Alocução àjuventude democrata-Cristã de Berlim Oeste, 28 de Narço de 1957, Pin 1252

[121] Ci Riesce Pin 3041

Alocução ao X Congresso Internacional das ciência históricas, 7 de Setembro de 1955

neutralidade geral do Estado que não outorgaria reconhecimento formal a uma determinada religião; salvo em circunstâncias particulares» (n° 6).

Que pena que o texto final do Coetus não tenha podido ser exposto e desenvolvido na assembleia conciliar! Em todo o caso, o sufrágio de 19 de Novembro àcerca do sexto texto, testemunhou um número de «Non Placet» mais elevado do que nunca: 249 contra 1954 «placet». Um especialista em direito internacional, Monsenhor Di Meglio, difundiu, a 3 de Dezembro o seu comentário: «Para um notável número de Padres conciliares, o ensinamento e as aplicações práticas do esquema, não são, em consciência, aceitáveis. De facto, o princípio fundamental permaneceu intocado, a saber, o direito ao erro. (...) Sendo a declaração sobre a liberdade religiosa desprovida de valor dogmático, os votos negativos dos Padres conciliares constituirão um factor de grande importância para o estudo futuro da declaração, mesmo e particularmente para uma futura interpretação.»[123]

Os 249 *«Non Placet»* não permitiam reconhecer a favor da liberdade religiosa uma unanimidade moral; Paulo VI fez saber que apoiava o texto e desejava essa unanimidade. Alguns Bispos hispânicos que haviam até aí, votado *«Non Placet»*, disseram então: «Como não votar agora «Placet?» Aliás, o número 1, recorda que a doutrina tradicional, àcerca dos deveres dos Estados para com a Igreja, está a salvo». Monsenhor Lefebvre protestou contra esta atitude: «Sim, diz ele, Paulo VI procedeu à adição, no dia 17 de Novembro, desta pequena frase; todavia ela não comporta qualquer incidência sobre o texto, que diz o contrário. É demasiado fácil fazer passar o erro graças a uma pequena frase!»

Ai de nós! O Arcebispo não foi escutado e, no dia 7 de Dezembro, em sessão pública, na presença do Papa, aquando do sufrágio final, a resistência do Coetus Internationalis Patrum soçobrou para 70 *«Non Placet»*, entre os quais o de Monsenhor Lefebvre.

## *Promulgação da Liberdade religiosa*[124]

Nesse dia, cada Padre havia assinado como habitualmente a sua ficha individual de presença; ulteriormente, o Santo Padre procedeu ao solene ingresso e, por fim, o Secretário-Geral leu os quatro textos propostos ao sufrágio dos Padres. Neste enquadramento, o voto fi-

[123] Wiltgen, 248

[124] Cf. Sedes Sapientiae, revista da sociedade S. Tomás de Aquino, n° 31, pp. 41-44; n° 35, pp 32-45

nal àcerca da liberdade religiosa foi seguido de três outras votações finais respeitantes aos decretos sobre a actividade missionária da Igreja (*Ad gentes*), àcerca do ministério e da vida dos sacerdotes (*Presbiterorum ordinis*), bem como da Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de hoje (*Gaudium et Spes*). Este último documento encontrou uma oposição de 75 votos, entre os quais o de Monsenhor Lefebvre. [125]

Cada Padre preenchia uma ficha individual de voto, respeitante a cada documento conciliar, com um lápis especial com uma mina magnética, permitindo o calculo mecanográfico dos sufrágios; por fim, assinava essa mesma ficha.

Os sufrágios eram secretos e pessoais; se um Padre era procurador dum outro Padre ausente, não poderia votar por ele; assim o exigia o Código de Direito Canónico, como recordava Monsenhor Felici; podia, todavia, assinar pelo Padre ausente o acto uma vez promulgado. [126]

À saída da Missa, Monsenhor Periele Felici avançou na direcção do Papa e anunciou os resultados dos quatro escrutínios. O Papa aprovou então os quatro documentos e promulgou-os oralmente, no meio de estrénuos aplausos. Ulteriormente circularam, entre os Padres, grandes folhas, tendo cada uma inscrita em título os nomes dos quatro documentos promulgados, sobre os quais os Padres foram convidados a apor a sua assinatura precedida da palavra «ego» (Eu), que significava a união de cada um ao acto papal de promulgação, como acto que era do chefe do colégio conciliar. Os procuradores dum outro Padre podiam fazer significar a aprovação do seu mandante, apondo então uma nova assinatura «Ego procurator» (Eu procurador de), em nome do Padre que representavam.

É assim que sobre uma destas grande folhas, [127] figuram escritas pela sua própria mão as assinaturas: «Ego Macellus Archiepiscopus Tit. Synnada in Phrygia»; «Ego Procurator pro Episcopus Augustinus Grimault episc. Tit.»; e sobre outra Folha: «Ego Antonius de Castro Mayer, Episcopus Camposinus, Brasília.»

Resulta deste factos irrecusáveis que Monsenhor Lefebvre, como Monsenhor Castro Mayer, após haverem sufragado, até aos extre-

---

[125] Conforme apuramento mecanográfico conservado nos arquivos do Concílio. Monsenhor Lefebvre afirmará ter votado non Placet a respeito da liberdade religiosa e da Igreja no Mundo.

[126] Código de direito canónico de 1917, can. 224§ 2; A Syn. III, VIII, 184

[127] Conservadas nos arquivos do Concílio e cuja síntese figura nos A. Syn., VI, VII, 804-859

mos, uma posição contrária à liberdade religiosa, assinaram finalmente a promulgação da *«Dignitatis Humanae»*.

O que pode parecer um «volte-face» não comporta, contudo, nada que deva surpreender. Uma vez que um esquema tenha sido promulgado pelo Papa, não é mais um esquema, mas um acto ministerial, mudando assim de natureza. Monsenhor Lefebvre, ele próprio, acentuou o peso da aprovação pontifical, na sua conferência de 15 de Setembro de 1976, onde confessou haver assinado muitos textos do Concílio, «sob a pressão moral do Santo Padre» porque, dizia ele, «eu não posso separar-me do Santo Padre: Se o Santo Padre assina, moralmente eu tenho a obrigação de também assinar.»[128]

«Fundamentalmente, escreve Wiltgen, tal constituía a atitude de todos os Padres conciliares. (...) Se bem que cada um estivesse persuadido que a posição adoptada era a correcta (...) estes homens formados no direito eclesiástico[129] consideravam ser o seu dever fazer seu o juízo que havia prevalecido nas suas inteligências». Não existia nem desonra, nem inconstância nessa insubmissão.

A final de contas, as cláusulas da «Dignidade Humana, sejam àcerca da "verdadeira religião", seja àcerca dos justos limites» da liberdade religiosa, permitiam com extremo rigor, interpretar as suas onze linhas propriamente declaratórias (n°2) num sentido católico, mesmo que tal não fosse o sentido óbvio do texto, tal como ressalta de todo o resto do documento.

Em todo o caso, a adesão de Monsenhores Marcel Lefebvre e António de Castro Mayer, foi oficialmente registada nas Acta do Concílio. [130]

Se, subsequentemente, Marcel Lefebvre afirmou por diversas vezes não ter assinado a liberdade religiosa, tanto como a «Gaudium et Spes», foi impulsionado pela lógica da sua posição anterior e posterior à promulgação da Liberdade religiosa, e enganado pela sua memória,[131] ou por um erro.

Ele parece ter confundido os sufrágios finais negativos, concernentes a «Gaudium et Spes» e «*Dignitatis Humanae*» com uma recusa de assinatura. Esta confusão aparece como evidente nas denegações[132] que o Prelado produziu em 1976 e em 1990.

---

[128] Itinéraires n° especial, Abril 1977, pp. 224 e 231

[129] Wiltgen, 248

[130] A. Syn. , IV, VII, 809, 10° linha, e 823, 8° linha.

[131] MS, II, 32, 33-34

[132] O Chardonnet n° 57, Junho 1990; n° 59, Setembro 1990; n° 61, Dezembro 1990; Tradi Presse n° 8, 15 de Junho 1990; Fideliter n° 79, Janeiro-Fevereiro 1991, p. 7; Introibo n° 73, Julho – Setembro 1991, p. 3

Tal querería significar, por um lado, que ele concedeu o seu *Placet* final a todos os esquemas conciliares, salvo a esses dois, e por outra parte que, havendo assinado todos os documentos do Concílio (como disso fazem fé os *Acta Synodalia*),[133] ele não outorgou a essas assinaturas o sentido duma promulgação com o Papa.

O que quer que tenha acontecido, a comparação do número de votantes sobre a «Liberdade Religiosa» (2386) e o do número de Padres presentes que assinaram a promulgação (2364), torna claro que ao menos vinte e dois Padres que votaram a favor ou contra, não assinaram os documentos. Marcel Lefebvre não foi um deles.

Se se verificasse contudo que certos dados do problema nos poderiam ter escapado, ou que uma outra interpretação dos acontecimentos fosse mais plausível, estaríamos inteiramente preparados para a acolher. Mas que o Arcebispo tenha assinado a *Dignitatis Humanae*, tal não retira nada, em nosso juízo, do valor do seu combate contra a liberdade religiosa.

Resta-nos analisar este combate, naquilo que ele possuiu de mais pessoal, tanto contra a liberdade religiosa, como contra dois outros temas maiores do Concílio: A colegialidade, de que falámos, e o ecumenismo.

---

[133] 4 de Dezembro de 1963 (A. Syn. II, VI, 443); 21 de Novembro de 1964 (III, VIII, 863); 28 de Outubro de 1965 (IV, V, 625); 18 de Novembro de 1965 (IV, VI, 637); 7 de Dezembro de 1965 (IV, VII, 809).

# Capítulo XIII

# Arauto de Cristo-Rei

## 1 – As intervenções de Monsenhor Lefebvre no Concílio

### *«O meu dever era o de tomar a palavra»*

«Eu intervim, sem dúvida, mais do que outros Bispos; todavia considerei que o meu dever era tomar a palavra».[1]

Por estas palavras, Monsenhor explicitou em que estado de espírito pretendeu intervir publicamente no Concílio. Já no dia 20 de Outubro de 1962, apenas dez dias após a abertura do Concílio, reagiu imediatamente ao projecto da «Mensagem a Todos os Homens» proposta à aprovação dos Padres:

«Era-nos concedido somente um quarto de hora para dela tomar conhecimento. Aqueles que desejassem introduzir algumas modificações deviam prevenir o Secretariado do Concílio pelo telefone, redigir a sua intervenção e apresentar-se diante dos microfones ao chamamento do Secretariado. Imediatamente me apercebi, com evidência, de que esta mensagem era inspirada por uma concepção de religião toda orientada na direcção do Homem e, no Homem, especialmente vocacionada para os bens temporais, num enquadramento de busca de um tema que unisse todos os homens, ateus e religiosos!... Necessariamente utópica e de espírito liberal.»[2]

Fiel à sua resolução de intervir, ele próprio, se acaso o estimasse útil, o Arcebispo Lefebvre solicitou a palavra e ao microfone procedeu à critica do próprio conteúdo da mensagem.

«Ela, a mensagem, considera sobretudo os bens humanos e temporais e muito pouco os bens espirituais e eternos; a mensagem

[1] Conversa com o padre Marziac, I, 12
[2] Mons. Lefebvre *acuso o concilio*, 14

tem em conta sobretudo o bem da cidade terrestre e considera muito pouco a cidade celeste, para a qual nos encaminhamos e pela qual estamos sobre a terra»[3] Atacando desta forma o espírito da mensagem, comenta Monsenhor Lefebvre, «eu manifestava-me em oposição àqueles que a haviam redigido; foram-me dirigidas observações amargas, após a Sessão, por Sua Eminência o Cardeal Lefebvre, que havia supervisionado esta mensagem, composta sem dúvida por peritos franceses como o Padre Congar».

Esta primeira escaramuça não fez senão aguçar a espada do combatente. E foi-o ainda mais quando o Cardeal Ottaviani, o defensor da Fé, havendo ultrapassado o seu tempo de uso da palavra *«in aula»* viu o seu microfone ser desligado por ordem do Cardeal Alfrink que presidia à sessão. Humilhado, o velho lutador teve que se sentar de novo no meio dos aplausos dos seus adversários. [4] Escandalizado por este incidente, Monsenhor Lefebvre resolveu-se mais do que nunca a falar. Ele explicar-se-ia pormenorizadamente em 1987: «Quando o Concílio chegou, teria sido preciso praticamente cessar de pensar no reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo, para permitir a liberdade a todas as religiões de exprimirem este espírito liberal e ecuménico. Evidentemente, naquele momento, eu não pude aceitar coisa semelhante!

«O que surpreende é que, de todos aqueles que tinham estado comigo no Seminário e que se tinham tornado Bispos, tenha havido muitos que aceitaram tudo isso: um Monsenhor Ancel, um Monsenhor Garrone, um Monsenhor Lebrun, um Monsenhor Michon, que sei eu... Eles haviam sido todos entusiastas, alguns mais do que eu, no pensamento de participar no combate dos Papas, no combate da Igreja. Eles! Eles haviam pronunciado magníficas conferências no Seminário, e que ficaram célebres. Todavia, nomeados para a França, foram reciclados, passaram totalmente, para as teses liberais. É lamentável, e uma das coisas mais tristes da minha vida.» [5]

### *«Eu não ocultei a verdade ao grande Concílio» (Salm. 39)*

Contudo, foram também alguns Bispos espiritanos, repletos de respeito humano, que se afirmaram incomodados com as intervenções públicas do seu Superior Geral durante as sessões.

«Eles reuniram-se; fizeram-me censuras porque eu não me encontrava em sintonia com os Bispos franceses!» [6]

---

[3] Op. Citada. P. 16

[4] Wiltgen, 28

[5] Cagnon 1987, 3, 18 e 19

[6] Cagnon, 11

O Arcebispo não se preocupou com isso. De resto, outros Bispos espiritanos escreveram-lhe exprimindo a sua admiração pela sua atitude combativa na pose de «cavaleiro solitário». Um deles não tinha papas na língua:

«Os vossos aduladores diplomáticos bem como os vossos opositores, de princípio e de medo,[7] prosseguirão o seu trabalho. Vós podeis dizer a uns e aos outros que há ao menos um Espiritano que está orgulhoso da vossa atitude, porque possuístes a coragem de exprimir vossas ideias perante toda a Igreja e para seu (da Igreja) maior bem (mesmo com o preço da vossa reputação), assim mostrando que a liberdade duma pessoa não é uma palavra vã no seio dos irmãos de Jesus Cristo.»[8]

A perspectiva dum combate de resistência, ao invés do espírito que tendia a tornar-se dominante no Concílio, não tinha nada de humanamente agradável. Certos Bispos, contudo anti-liberais, não encontraram a força psicológica para o travar, tal como Monsenhor Nestor Adam, Bispo de Sion, no Valais.

«Ele era», diz Monsenhor Lefebvre, «inteiramente oposto a tudo o que se passou no Concílio Vaticano II. A tal ponto – nós éramos muito íntimos nesse momento – que me confiava as suas preocupações e me disse: «Eu, eu não venho mais, não virei mais ao Concílio. Não desejo regressar a uma assembléia como aquela, onde se está em vias de constituir princípios que destruirão a Igreja».

Ele via muito lucidamente. Disse-lhe:

«Mas, Monsenhor, não é assim que se deve proceder. Se sois contra, é necessário lutar, permanecer connosco para que possamos lutar contra esta invasão, este maremoto que está prestes a apoderar-se da igreja» - «Ah não!», respondeu ele, «é mais forte do que eu».

«Ficou um ano sem regressar ao Concílio. [9]

## *Clarificar a finalidade do Concílio.*

A ambiguidade deste Concílio apareceu, escreverá Monsenhor Lefebvre,[10] desde as primeiras Sessões. Para que objectivo nos reunimos? O Papa João XXIII tinha certamente falado da forma em função da qual ele pensava orientar o Concílio, num sentido duma exposição pastoral da doutrina (Discurso de 11 de Outubro de 1962). Todavia, a ambiguidade permanecia e percebia-se a dificuldade,

[7] No seio da Congregação do Espírito Santo
[8] Carta de M'bour, Senegal; 23 novembro 1965
[9] COSPEC 125 A, 9 Junho 1988, transcrições p. 206
[10] Acuso, 17

através das intervenções e discussões, em aquilatar as intenções do Concílio:

«O Concílio não é um concílio dogmático, dizia-se, mas pastoral; nós não queremos definir novas dogmas, mas expor a verdade pastoralmente.»

Os liberais e progressistas gostam de viver numa atmosfera de ambiguidade. Sob pretexto de nada definir, renunciar-se-ia a expor com clareza a sã doutrina?

«Daí a minha proposta de 27 de Novembro», explica o Arcebispo, «proposta que eu já havia submetido à Comissão Central pré-conciliar, e que tinha reunido uma grande maioria de votos dos cento e vinte membros. E no Concílio ela congregava já alguns sufrágios, como o do Cardeal Ruffini e de Sua Excelência Monsenhor Roy. [11] Estabelecer-se-ia assim a ocasião de determinar em que consistia o carácter "pastoral" do Concílio.»

«Como definir então a nossa doutrina», questionou o Arcebispo ao microfone, «de tal forma que ela não dê mais lugar aos erros hodiernos e como, num mesmo texto, tornar esta verdade inteligível a pessoas não versadas na ciência teológica?»

Todos os inovadores apuravam os ouvidos. Que iria propor Lefebvre para dissolver o equívoco do «pastoral», o qual favorecia os seus empreendimentos?

«Eis», diz ele, «cada comissão proporia dois documentos, um mais dogmático, para uso dos teólogos; o outro mais pastoral, para uso das outras pessoas, sejam católicas, sejam não católicas, sejam infiéis. «[12]

E o Arcebispo prosseguia desenvolvendo as vantagens desta solução. Mas já não se queria ouvi-lo. O quê? Dois documentos! Isso constituiria duplo trabalho. De qualquer maneira, não se punha sequer a hipótese de empregar uma linguagem escolástica. Bem entendido, Monsenhor Lefebvre refutou estas duas objecções com uma precisão minuciosa: o trabalho seria, pelo contrário simplificado e toda a gente retiraria do Concílio os melhores frutos.

Contudo, os liberais e os neo-modernistas estavam consistentemente resolvidos a manter o véu do equívoco. «Clarificar a finalidade do Concílio irritava-os sobremaneira, A minha proposta foi pois recusada.» [13]

[11] Arcebispo de Quebéc, que havia tomado como seu teólogo no Concílio, Charles de Konimek (falecido no dia 15 de Fevereiro 1965),um leigo, professor na faculdade de teologia da Universidade Laval.

[12] Cf. Também BG 708 (Março- Abril 1963), 434

[13] Acuso o Concílio– local cit.

## *Uma sinopse eloquente*

Para apreender a actividade conciliar do Prelado, um quadro sinóptico será mais eloquente que um discurso.

Primeira Sessão – Outono de 1962[14]

| | | |
|---|---|---|
| L - MENSAGEM A TODOS OS HOMENS | 20 Out. 62 | Naturalismo; ideais puramente humanos p. 16) (I,I 240) |
| D – LITURGIA | 29 Out.62 | Contra a hegemonia do CPL(I,I, 633) |
| L – FINALIDADE DO CONCÍLIO | 1 Dez. 62 | Além da exposição pastoral, é necessário um texto doutrinal preciso, (p. 18-21) (I, IV, 144 sq.) |

Segunda Sessão – Outono 1963

| | | |
|---|---|---|
| L – Colegialidade | 11 Out.63 | Os dois perigos da Colegialidade (pp. 25-27) (II, II, 471 sq) |
| L –Colegialidade | 8 Nov. 63 | Contra a colegialidade jurídica (pp. 30-31) (II, IV, 643 sq.) |
| D – Ecumenismo e liberdade religiosa | Nov. 63 | O Espírito Santo não recusa servir-se...» (pp. 33-34) (II, V, 797 sq) |
| D – Liberdade Religiosa | 26 Nov.63 | Falsa dignidade da pessoa (pp. 39-41)I, II, 832 sq) |

Terceira Sessão – Outono 1964

| | | |
|---|---|---|
| L –Liberdade religiosa<br><br>D –A Igreja no Mundo | 24 Set. 64<br><br>23 Out.64 | Falsa definição da liberdade como imunidade (pp. 74-76) (III, II, 490 sq)<br>A Igreja possui resposta para todos os problemas; não desprezar os ensinamentos de Pio XII (pp. 83-85) |
| (Observações)<br><br>D –Actividade missionária | Inic. Nov. 64 | (III, V, 477 sq)<br>É Pedro que envia; a autoridade pessoal dos bispos (pp. 77-82) (III, VI, 561 sq.) |

[14] – explicação dos sinais: L = lido na Sessão; D =Depositado no Secretariado; E=Enviado. Os números das paginas são os do Livro «Acuso o Concílio»; Os algarismos romanos remetem para os «Acta synodalia»

Intersessão 1964-1965

| | | |
|---|---|---|
| E – Liberdade religiosa (Observações) | 30 Dez. 64 | Falsas noções de consciência e de liberdade; papel da dade; Bem mum e rdade (pp. 41-48) (IV, I, 792 sq) |

Quarta Sessões – Outono de 1965

| | | |
|---|---|---|
| D – A Igreja no Mundo | 9 Set. 65 | «doutrina nova» (pp. 88-93) (IV, II, 781 sq.) |
| L – Liberdade religiosa | 20 Set. 65 | Filósofos do século XVIII e franco-mações; a norma divina (pp. 95-98) (IV, I, 409 sq.) |
| L – Actividade Missionária | 2 Out. 65 | naturalismo e latitudinarismo (pp. 99-104) (IV, IV, 551 sq) |

## *O método de argumentação*

Este quadro sinóptico evidencia portanto os temas maiores, bem como a argumentação das intervenções conciliares do Arcebispo. Alguns destes textos foram lidos em Sessão; outros, na impossibilidade de o serem, foram depositados no Secretariado, outros ainda apenas foram enviados. As intervenções lidas possuíam a vantagem de suscitar a reacção de todos os Padres; aquelas que apenas eram depositadas tornaram-se conhecidas somente das comissões encarregadas de as rever.

As primeiras intervenções possuíam um estilo edulcorado, precedidas como foram de uma longa *«captatio benevolentiae»* (Tal como a de 1 de Dezembro de 1962, sobre a finalidade do Concílio). Entretanto, já a 29 de Outubro, a intervenção sobre a liturgia, depositada por Monsenhor Lefebvre, ataca a hegemonia conquistada pelo Centro de Pastoral Litúrgica sobre os Bispos diocesanos. Ulteriormente, de forma muito rápida, a partir da segunda Sessão (Outono de 1963) a expressão torna-se viva e incisiva: «Tal é grotesco e desprovido do menor fundamento», escutam os Padres no dia 6 de Novembro de 1963 a propósito da Colegialidade; e em Outubro de 1964, a propósito da liberdade religiosa: «A declaração contra a coacção, no número 28, é ambígua e, sob certos aspectos, falsa.» No dia 9 de Setembro de 1965, a intervenção depositada, atinente à Igreja no Mundo hodierno, conclui-se nestes termos: «Esta constituição pastoral não é nem pastoral, nem emanada da Igreja Católica».

As advertências graves e solenes endereçadas aos Padres não faltam. Assim a propósito da colegialidade:

«É necessário logicamente afirmar que a Igreja Romana se enganou

ao ignorar o princípio fundamental da sua divina Constituição» (8 de Novembro de 1963); e a respeito da liberdade religiosa, em Outubro de 1964: «Se esta declaração, no seu teor actual, vier a ser solenemente aprovada, a veneração de que a Igreja sempre desfrutou junto de todos os homens e de todas as nações em virtude do seu amor à verdade, indefectível, até ao martírio, sofrerá um dano grave, e isso para infelicidade de uma multidão de almas a quem a verdade católica não mais atrairá.» [15]

Por vezes mesmo, o Prelado interpela o seu auditório ou os seus leitores; assim, em 30 de Dezembro de 1964, recolhendo-se no mais profundo do seu coração, Monsenhor Lefebvre escreve estas palavras pungentes, dirigidas ao indiferentismo prático da liberdade religiosa:

«Para quê estes sacrifícios? Para quê o celibato dos padres, a virgindade dos religiosos e das religiosas? Para quê o sangue dos missionários, se não for pela verdade, porque Nosso Senhor Jesus Cristo é a verdade, porque a Igreja de Cristo é a verdade!»

A argumentação, numa flexibilidade natural de expressão que revela a espontaneidade do brandir da pena, consorcia permanentemente os argumentos da razão, as provas tiradas da Sagrada Escritura, bem como a autoridade dos Soberanos Pontífices. Neste quadro conceptual, o Arcebispo Lefebvre, em 26 de Novembro de 1963, desmonta, peça a peça, a falsa liberdade religiosa, fundamentada sobre uma «dignidade humana mal definida»: «De onde aufere, efectivamente, a pessoa humana a sua dignidade? A pessoa colhe a sua dignidade da sua perfeição. Ora a perfeição da pessoa humana consubstancia-se no conhecimento da verdade e na aquisição do bem. Tal constitui o início da vida eterna, que é «que Te conheçam por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem enviaste» (João 17, 3). Consequentemente, a pessoa humana decai na sua dignidade, na exacta medida da sua adesão ao erro. A prova das Escrituras encontra-se então repetida e amplificada: «A dignidade da pessoa humana não consiste na liberdade, abstracção feita da verdade. Efectivamente, a liberdade é verdadeira e boa na medida em que ela é regulada pela verdade.

«"A verdade vos libertará!", disse Nosso Senhor Jesus Cristo (João 8, 32). A verdade vos concederá a liberdade».

Muito livremente, a argumentação evidencia, *a priori* e *a posteriori*, a degradação da dignidade da pessoa em virtude das consequências morais do erro:

«A dignidade da pessoa provém também da rectidão da sua

[15] Acuso o Concílio, 76

vontade ordenada ao verdadeiro bem. Ora, o erro gera o pecado. "A serpente me enganou" (Gen. 3, 13), disse aquela que foi a primeira pecadora. Esta verdade é o mais evidente possível para toda a gente. É suficiente reflectir nas consequências deste erro para a santidade do matrimónio, santidade do mais alto interesse para o género humano. Este erro religioso conduziu paulatinamente à poligamia, ao divórcio, à regulação dos nascimentos, quer dizer à decadência da dignidade humana, sobretudo na mulher»

Após esta ilustração viva e concreta dum princípio por demais renegado pelos liberais, a demonstração é apoiada pelo Magistério da Igreja. Na exacta medida em que o erro, sobretudo religioso, exaure a pessoa da sua dignidade, não se lhe deve outorgar a liberdade: Verdadeiramente, é oportuno recordar as palavras tão claras de Pio IX na sua Encíclica *Quanta Cura*: «Contrariamente à doutrina das Santas Escrituras, da Igreja e dos Santos Padres, eles (os liberais) não hesitam em pretender que a melhor condição da sociedade é aquela onde não se reconhece ao poder o ofício de reprimir por penas legais os violadores da religião católica, senão e na medida em que a paz pública o exija» (Dz 1689-1690).

Apresenta-se então a conclusão inelutável:

«Para concluir: O capítulo[16] àcerca da liberdade religiosa deve ser redigido novamente, segundo o princípio conforme à doutrina católica: "Pela própria dignidade da pessoa humana, o erro deve ser, por si próprio, reprimido para o impedir de disseminar-se, salvo se se prevê a produção dum mal maior emergente da repressão, quando comparado com a sua tolerância" Tenho dito».

A dialéctica compacta e implacável do doutor da fé não tem nada a ver com as teorias do «intelectual de quarto»[17], ela é dominada pelo sentido do pecado, bem como pela preocupação do pastor de almas.

## *O erro duplo da colegialidade*

O primeiro tema abordado em sessão por Monsenhor Lefebvre foi o da natureza pretensamente colegial do episcopado, afirmada pelo novo esquema sobre a Igreja (cap. 2, nº 16 e 17).

Em duas interpretações orais, de Outubro e Novembro de 1963, Monsenhor Lefebvre procedeu, não a um processo de intenção mas, diríamos nós, a um processo de tendência[18] no esquema. Sem anali-

---

[16] Então mero capitulo V do esquema sobre o ecumenismo

[17] Nota de Agosto de 1963, Arch. Lef. E 01, 16 A, 008, B5

[18] Cf. Padre Berto, «Pour la Sainte Eglise Romaine» (Pela Santa Igreja Romana), p. 252

sar o conteúdo liberal do texto, como o fará Monsenhor Carli, Monsenhor Lefebvre nele discerniu as tendências nefastas, bem como as aplicações perigosas:

> «Este texto», diz ele em Outubro, pretende que os membros do Colégio dos Bispos possuam um direito de governo, seja em conjugação com o Soberano Pontífice sobre a Igreja Universal, seja em articulação com os outros Bispos sobre as diversas dioceses.» [19]

Neste quadro conceptual, o Papa deveria partilhar com um colégio permanente a sua autoridade universal, e os Bispos deveriam partilhar o seu poder de pastor com autoridade própria e imediata sobre o seu rebanho com as assembléias episcopais nacionais.

O Arcebispo proferiu, além disso, a mesma denúncia, numa entrevista concedida no dia 15 de Outubro de 1963 ao *Divine Word News Service* do Padre Wiltgen:

> «Trata-se duma espécie de colectivismo», declarou ele, «que se estabeleceria na Igreja, (...) perdendo os Bispos toda a iniciativa.»[20]

A sua experiência de Delegado Apostólico e recentemente os seus infortúnios com a Assembléia dos Cardeais e Arcebispos de França, instruíram-no àcerca do perigo que representariam poderosas conferências episcopais para a responsabilidade pastoral de cada Bispo.

No dia 6 de Novembro de 1963, com fina ironia, o Bispo de Synnada, Monsenhor Lefebvre, manuseia o argumento da História contra o princípio da colegialidade jurídica:» Se neste Concílio, tal princípio é descortinado, como por milagre, (...) será necessário então afirmar, logicamente, como quase o anunciou um dos Padres, que a Igreja Romana se enganou, ao ignorar o princípio fundamental da sua divina Constituição». [21]

Finalmente, no dia 2 de Outubro de 1965, aquando dos debates sobre a actividade missionária, Monsenhor Lefebvre esclarece que, por ocasião da Encíclica *Fidei Donum*, Pio XII invocou a «responsabilidade solidária» dos Bispos no cuidado e no encargo missionário universal da Igreja, mas no sentido apenas de solicitude moral, em virtude da caridade, não de um direito de justiça:

> «Segundo o direito, os Bispos constituem-se em função da sua própria Diocese, do seu rebanho particular. Num segundo

---

[19] O esquema assegura contudo que a «solicitude» de cada membro do Colégio pela Igreja universal «Não constitui um acto de Jurisdição» (nº 17)

[20] Wiltgen - 89

[21] Acuso o Concílio, 31

momento, por caridade, eles devem a sua solicitude a todas as almas.»[22]

Estas clarificações, muito bem aparecidas, confirmavam o bem fundamentado da nota explicativa prévia, que Paulo VI tinha feito acrescentar à constituição sobre a Igreja.

## *A Igreja de Cristo não é mais a Igreja Católica?*

Um debate central abordado pelo Concílio foi o da definição ou da própria identidade da Igreja Católica. O esquema sobre a Igreja, enviado aos Padres em 1963, que substituía o texto da Comissão Preparatória, afastado em Novembro de 1962 na primeira Sessão, afirmava ainda que a única Igreja, que os símbolos da fé denominam «Una, Santa, Católica e Apostólica», é a Igreja Católica, constituída e ordenada como sociedade neste mundo».

Todavia, em Julho de 1964, o texto comunicado aos Padres suscitou uma onda de reacções: A Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, ali era dito, subsiste na Igreja Católica». Havia-se substituído *«est»* da identidade por um *«subsistit»*. Desta forma, a Igreja de Cristo estaria simplesmente presente na Igreja Católica, ou nela permanecente, ou plenamente constituída na Igreja Católica. Esta substituição de termos havia sido sugerida pelo pastor protestante Schmidt[23] ao teólogo do Cardeal Frings, o Padre Ratzinger.

A comissão doutrinal explicou:

«*"Subsistit in"* é empregue em vez de *"est"* com o objectivo de que a expressão concorde melhor com a asserção de elementos eclesiais situados noutros lugares».[24]

Na abertura da terceira Sessão, Monsenhor Carli teve a reacção mais incisiva:

«Os termos *"subsistit in"*, disse ele, não se afiguram aceitáveis, visto que poderia acreditar-se que a Igreja de Cristo e a Igreja Católica constituem duas realidades distintas, permanecendo a primeira na segunda como num sujeito. Que se diga então simplesmente e com mais verdade, *"est"*, porque é isso que afirmam as fontes»[25]

Quer dizer, as fontes que se reconduzem a actos ainda recentes do Magistério, aos quais o texto faz referência, mas sem fidelidade,

---

[22] Op. cit. P. 100

[23] Carta do pastor Wilhelme Schmidt ao padre Matias Gaudron, 3 de Agosto 2000

[24] In Cap. I; [a] Syn, III, I, 440

A. Syn, III, I, 653

tais como a Encíclica *Mystici Corporis* de Pio XII, que identifica imediatamente a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo com a Igreja Católica (nº 13), exactamente como a Encíclica *Humani Generis* (Denz. 2319). Afastando-se deste ensinamento tradicional, o Concílio transformava a Igreja numa nebulosa sem contornos precisos, composta por um núcleo duro, a Igreja Católica, à volta da qual gravitam, em círculos concêntricos, «realidades eclesiais», verdadeiras igrejas locais, bem como diversas comunidades eclesiais» as quais, sem possuírem subsistência singular como a Igreja Católica, deteriam contraditoriamente uma existência eclesial. [26]

A este erro se opôs Monsenhor Lefebvre aquando do debate sobre o ecumenismo, em Novembro de 1963. O esquema ousava afirmar que:

> «Estas Igrejas separadas não se encontram de maneira nenhuma privadas de significação no mistério da Salvação; O espírito de Cristo, efectivamente não recusa servir-se delas como meios de salvação»[27]

A refutação consubstanciou-se nalgumas linhas luminosas, depositadas no Secretariado do Concílio:

> «Uma comunidade, enquanto comunidade separada, não pode beneficiar da assistência do Espírito Santo, na medida em que a sua separação constitui uma resistência ao Espírito Santo. Este apenas pode agir directamente sobre as almas ou utilizar meios que, de si, não comportem nenhum sinal de separação».[28]

## *Um ecumenismo mentiroso*

Ao pretender inquirir e apreciar os «elementos de santificação» que se podem conservar entre os irmãos separados, diz Monsenhor Lefebvre na mesma intervenção, sustentam-nos nos seus erros. Consequentemente, dizendo aos Protestantes: «Vós sois discípulos de Cristo, regenerados pelo Baptismo» enganam-nos, porque muito frequentemente o seu baptismo é inválido, por vício quer de matéria, quer de forma, quer de intenção»[29] e é muito genericamente infru-

---

[26] Cf. Cardinal Ratzinger, conf. de 27 de Fevereiro 2000; OR, 4 de Março 2000, pp. 7-8.

[27] Esquema Decreti de Oecumenisma, 1963, p. 8, nº 2; Cf. Decreto conciliar «Unitatis redintegratio» nº 3

[28] Acuso o concilio, 34

[29] Op. cit.. p. 103. Mons. Lefebvre sublinhará sempre que o erro dum ministro sobre os efeitos dum sacramento, pode influenciar a sua intenção, quer fazendo-lhe constituir um acto de vontade positivamente contrário ao efeito do sacramento, quer determinando a vontade a querer de maneira

tuoso, pois que naqueles que possuem o uso da razão, a ausência da Fé divina e católica constitui um obstáculo à Graça.

Enganam-se analogicamente os Ortodoxos por um «ecumenismo mentiroso», o qual «fere e esvazia o primado do seu conteúdo» e tende a «fazer crer e afirmar que o Bispo de Roma é somente um *primus inter pares* (um primeiro entre iguais), sendo o primado do Papa «quase unicamente considerado como constituindo elemento de manutenção da Hierarquia unida e indivisa», quer dizer como um puro «vínculo de unidade exterior». [30]

«Se», diz Monsenhor Lefebvre, «estas verdades são diminuídas»[31] pelo Concílio, ao «afirmar incompletamente a verdade essencial, para encorajar a unidade», a saber o primado do Soberano Pontífice, irá arreigar-se os orientais separados na sua falsa concepção de unidade, «excluída a plena aceitação das consequências do Primado». [32]

Neste quadro conceptual é bem visível o quanto João Paulo II, mais tarde, na Encíclica *Ut unum Sint*, solicitando que se procure um modo de exercício do Primado que seja aceitável pelos Ortodoxos, se situa em linha recta na esteira das verdades elanguescidas do Concílio Vaticano II.

## *A Igreja, sacramento da unidade do mundo*

No dia 9 de Setembro de 1965, a intervenção – não lida publicamente – do Arcebispo Lefebvre encerra, entre as suas numerosas críticas ao famoso esquema XIII (a futura *Gaudium et Spes*), dois ataques dirigidos contra a nova eclesiologia:

«Página 38, linha 22 e 23, a Igreja é definida como «sacramento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano».[33] Esta concepção exige explicações: A unidade da Igreja não é a unidade do género humano.»

Com a sua intuição habitual, Monsenhor Lefebvre discerne o

---

precisa e resoluta uma coisa inteiramente diferente desse efeito. Isso não tinha sido clarificado pelas declarações da Santa Sé. Cf Denz. 3101-3102; Monsenhor Lefebvre com isso se inquietava

[30] Op. citada, pp. 60-62: Passagens extraídas da Nota reservada do Card. Larraona, subscrita por Monsenhor Lefebvre

[31] Op. Cit. P. 33

[32] Nota do Cardeal Larraona, op. cit. P. 63

Esta ideia já enunciada como axioma pela «Lúmen Gentium» (nº 1)é retomada pelo esquema XIII e será retida pela «Gaudium et Spes» nº 42 §3. Ela teve por autores teólogos de língua holandesa: P. Smulders, B. Willems, E. Schillebeeckx, J. Witte, bem com Karl Rahner

espírito subjacente a esta concepção equívoca, como ainda a todo um conjunto de outras no esquema:

«Inúmeras proposições contêm ambiguidades porque, na realidade, a doutrina dos seus redactores não é a doutrina católica, mas uma doutrina nova, misturada de nominalismo, de modernismo, de liberalismo e de teilhardismo.» [34]

Entre outras frases ambíguas, o Arcebispo sublinha esta, derivada de Teilhard de Chardin e de Karl Rahner[35]:

«Pela sua Incarnação, o Verbo de Deus Pai assumiu todo o homem, corpo e alma («isto é certamente verdadeiro, diz Monsenhor Lefebvre); e, assim, santificou (Monsenhor Lefebvre sublinha) toda a natureza criada por Deus, aí compreendida também a matéria, de tal forma que tudo o que existe clama, segundo a sua própria medida, pelo seu Redentor»[36] (P. 39 – linha 19-42).

O Concílio corrigirá esta asserção, suprimindo o equívoco cósmico, mas conservando uma ambiguidade antropológica: «Pela sua Incarnação, o Filho de Deus uniu-se de certa maneira a todo o homem».[37]

Aqui manifesta já o tema guia da teologia wojtiliana (erro de Karol Wojtilia, que foi depois o Papa João Paulo II) da Redenção Universal, no seio da qual serão omitidas a Redenção do pecado, bem como a necessidade do Baptismo e tal como a necessidade de pertencer à Igreja para alcançar a Salvação.

Precisamente, reprovando o Esquema XIII (p. p. 6-10) o «calar continuamente o pecado original com as suas consequências» o «falar da vocação do Homem (p. 13 e sq. ) sem falar do Baptismo e da justificação pela graça sobrenatural», ou o de definir a Igreja não como uma sociedade perfeita e necessária à salvação, mas como «um fermento evangélico em toda a massa humana»,[38] Monsenhor Lefebvre concluiu a sua intervenção – que infelizmente não pôde ler em sessão – por esta extraordinária exclamação: «Esta constituição pastoral (...) não apascenta os homens e os Cristãos com a verdade evangélica e apostólica. (...) Nunca a Igreja falou assim. Esta voz, nós não podemos escutá-la, porque não é a voz da Esposa de Cristo.

---

[34] Acuso o Concílio, 91-92.

[35] Cf. Karl Rahner, Século XX, século de graça? Antologia de conferências, Mame, 1962. PP. 63, 84, 85.

[36] Cf. O comentário do P. Chenu em «Um teólogo em Liberdade (Jacques Duchesne interroga o P. Chenu) Ed. Centurion, 1975, p. 186

[37] Gaudium et spes, nº 22 § 2

[38] Esquema de 28 de Maio 1965, p. 40, 1. 13; cf. G S, nº 40 §2

A voz de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Pastor, conhecemo-la; a outra, ignoramo-la: a veste é a das ovelhas, a voz não é a do Pastor, mas talvez a do lobo. Tenho dito»[39]

## *A Liberdade Religiosa: uma falsa definição.*

É no combate travado contra a Liberdade Religiosa que Monsenhor Lefebvre vai ilustrar-se sobretudo como «o ardente e penetrante defensor da verdade católica», «Veritatis catholicae defensor acerrimus», como o denominou um Cardeal.

Se ele, Monsenhor Lefebvre, se vincula, frequentemente, às objecções dos seus amigos, os Cardeais Ruffini, Bacci[40] e Browne, tal não o impede de expender o seu pensamento mais pessoal – e mais tradicional.

Fiel à doutrina transmitida por Leão XIII na Encíclica *Immortale Dei*,[41] ele ensina:

> «A liberdade humana não pode ser definida como uma libertação de toda a coerção, sob pena de destruir toda a autoridade. A coerção pode ser física ou moral. A coerção moral no domínio religioso, é muito útil e encontra-se em todas as páginas das Sagradas Escrituras. «O temor de Deus é o princípio da Sabedoria» (Ps 110, 10). A autoridade existe para consecução do bem e a abstenção do mal, quer dizer para ajudar os homens a bem usar da sua liberdade» (42 e 75).

Neste quadro conceptual, o «fundamento novo» que os redactores do esquema acreditam encontrar na livre busca da verdade não é mais do que poeira nos olhos:

> «Este parágrafo», diz Monsenhor Lefebvre, «mostra bem o irrealismo desta declaração. A procura da verdade, para os homens vivendo neste mundo, consiste, antes de tudo, em obedecer, submeter a sua inteligência a alguma autoridade, seja ela familiar, religiosa, ou mesmo civil. Quantos homens podem alcançar a verdade sem o socorro da autoridade?» (43 e 75)

Enquanto que, segundo o novo fundamento, «a declaração apoia-se sobre um certo relativismo (...). Ela considera situações particulares e mutáveis do nosso tempo, e procura novos princípios directores para a nossa actividade, à semelhança das pessoas que consideram unicamente um caso particular, como o dos Estados Unidos, por exemplo. Ora, as circunstâncias podem alterar-se e, na realidade, alteram-se.» (76)

---

[39] Acuso o Concílio, 93

[40] Op. Cit., p. 33

[41] EPS, PIN n° 149

Este dito contundente, cáustico, lançado contra a tese do Padre John C. Murray, querendo tomar por modelo do ideal religioso do Estado, o pluralismo religioso americano com a sua tolerância mútua generalizada, desvenda a fragilidade duma teoria assente na areia das circunstâncias mutáveis. Realça com claridade a solidez da doutrina tradicional fundamentada na rocha dos direitos da verdade:

> «Como esta declaração não está fundamentada na rocha dos direitos da verdade que, a sós, conseguem fornecer a solução verdadeira e estável em todas as circunstâncias, encontramo-nos inevitavelmente colocados frente a graves dificuldades» (76).

Dito de outra maneira, a liberdade religiosa não constitui uma doutrina, mas um puro oportunismo.

## *A liberdade religiosa: uma hipocrisia*

Monsenhor de Smedt é o grande defensor deste oportunismo em Sessão, na sua qualidade de relator da Comissão; na sequência do Padre Murray, sustenta ele que a autoridade civil é incompetente para ajuizar da verdade ou da falsidade duma religião. [42] O esquema é menos explícito (Capítulo II, nº 4) mas supõe este princípio que o Cardeal Ruffini – lembram-se dele – declarou «muito falso». Monsenhor Lefebvre sublinha que a afirmação desta incompetência «contradiz explicitamente a Doutrina católica» exposta particularmente por Leão XIII na Encíclica *Immortale Dei.* [43] (44):

> «É bem sem razão», diz Monsenhor Lefebvre, «que os redactores negam o sentido da verdade aos chefes cristãos das nações. A experiência prova a total falsidade dum tal julgamento; de qualquer maneira, toda a gente se apercebe da verdade, tanto aqueles que a contradizem e perseguem os crentes, como os não crentes respeitadores da verdade e dos seus crentes» (76)

À luz deste paradoxo, que se enquadrava no estilo do venerado Padre Vegtli, a laicidade do Estado, fosse ela clerical como a do Monsenhor Desmedt, ou anticlerical como a da Franco-Maçonaria, aparecia sob a sua verdadeira luz: a Hipocrisia.

---

[42] Relatio de reemendatione schematis emendati, 28 Maio de 1965, pp. 48- 49

[43] Os chefes de Estado devem ter por santo o nome de Deus e colocar entre os seus principais deveres o de favorecer a religião, protegê-la com a sua benevolência e fazer respeitar a santa e inviolável observância da religião» (PIN 131).Quanto a saber qual seja a verdadeira religião, tal não é difícil, mesmo para os não-católicos, visto que «reconhece-se sem dificuldade, ao menos nos Países católicos, pelos sinais de verdade que nela estão impressos com um Carácter resplandecente. Esta mesma religião deve ser conservada e protegida pelos chefes de estado» (Leão XIII Encíclica «Libertas», 2 de Junho 1888)

## *A liberdade religiosa, vitória dos franco-maçons*

Historicamente, sustenta Monsenhor Lefebvre, a liberdade religiosa não se encontra nas Sagradas Escrituras – como o confessará mais tarde o Padre Congar[44]:

«As Sagradas Escrituras podem provar somente a obrigação de submeter a Deus, a Cristo e à Igreja, não apenas a consciência, mas a integridade da pessoa. (...) Em parte alguma e a quem quer que seja, concede a Escritura o direito ao escândalo, mesmo no caso duma consciência errónea sem culpa pessoal» (46)

Muito pelo contrário, a origem da liberdade religiosa deve ser procurada «fora da Igreja» nos pretensos filósofos do século XVIII: Hobbes, Locke, Rousseau, Voltaire» e foi em vão que em meados do século XIX, «com Lammenais, os católicos liberais tentaram acomodar esta concepção (da liberdade religiosa) à doutrina da Igreja: foram condenados por Pio IX. Esta concepção, que ele denomina «um direito novo», na sua Encíclica *Immortale Dei*, condenou-a o Papa Leão XIII solenemente como contrária à sã filosofia, contrária às Sagradas Escrituras e à Tradição» (96).

Finalmente, o Arcebispo Lefebvre denuncia as tenebrosas oficinas onde foi cozinhada originalmente a «liberdade religiosa» [45]:

«Este ano (1965) o maçon Yves Marsaudon publicou um livro *«O cumenismo visto por um Franco-Maçon»*. O autor do livro ali exprime o desejo dos franco-maçons de que o nosso Concílio proclame solenemente a liberdade religiosa (...). O que é preciso mais para vossa informação?» (96)

«Os Cristãos, escreve o Barão, (...) não devem olvidar, analogicamente, que todos os caminhos conduzem a Deus («Na casa de meu Pai há muitas moradas») e, assim, conservarem-se nesta corajosa noção de liberdade de pensamento na qual – pode aí verdadeiramente falar-se de revolução – um sector das nossas lojas maçónicas se estendeu magnificamente sobre a cúpula de São Pedro[46]»

---

[44] Vatré – 118.

Cf. Stjepan Schmidt, Agostino Bea, Cadinal dell'ecumenismo e del dialogo, Ed. San Paolo, Milan, 1996, pp. 139-141, relatando a importante reunião em Nova Iorque no dia 1 de Abril 1963 pelo «Conselho Americano para a democracia sob Deus, presidida por Bea segundo o tema «Unidade cívica e liberdade sob Deus»

[46] Y. Marsaudon, op. Cit., ed. Vitiano, Paris, 1965, p. 121; citado por «Permanences» nº 21 (Julho 1965), p. 87

## *O direito ao escândalo e as suas consequências*

Uma expressão aparece frequentemente na boca do orador: «A liberdade religiosa, constitui o direito ao escândalo» pois que ela atribui o direito de cidade ao erro religioso, ao seu contágio, bem como às suas consequências morais.

E Monsenhor Lefebvre lá enuncia, como estando entre as consequências da liberdade religiosa: a imoralidade: «Não se pode afirmar a Liberdade de todas as comunidades religiosas no seio da sociedade humana, segundo o nº 29, sem outorgar igualmente a liberdade no plano moral a essas comunidades: Moral e religião encontram-se intimamente vinculadas, como por exemplo a poligamia e a religião islâmica» (75);

> A morte dos estados católicos, visto que «não existe mais uma sociedade civil dotada duma legislação católica» (47);
> «O relativismo doutrinal e o indiferentismo prático» (47);
> O desaparecimento do espírito missionário (...) pela conversão das almas» (47).

Pelo contrário, todos estes inconvenientes gravíssimos desaparecem se se proclama que:

> «Somente a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo [A Igreja Católica] possui a integridade e a perfeição da Lei divina natural e sobrenatural, somente ela recebeu a missão de ensinar, bem como os meios a tal ordenados, é no seu seio que se encontra verdadeira e realmente a Jesus Cristo, que constitui a nossa Lei. Consequentemente, só ela (a Igreja Católica) possui um direito verdadeiro à liberdade religiosa, em todo o lado e sempre» (97).

## *2. - Entre as angústias e a esperança*

Por muito comprometido que esteja no combate em prol da fé católica, nas Sessões conciliares, Monsenhor Lefebvre aprecia frequentemente abstrair-se do calor da acção para confiar a notas íntimas ou a revistas amigas, até mesmo ao boletim geral da Congregação do Espírito Santo, o seu julgamento àcerca dos trabalhos sinodais, os seus sentimentos, também, que compartilham a angústia e a esperança. Monsenhor Lefebvre não é feito duma só peça: se vê o negativo, esforça-se por discernir o positivo.

## *Em busca duma «linha média frutuosa»*

Na sequência da segunda Sessão, que assistiu à promulgação da Constituição sobre a Liturgia, ele procedeu na revista *«Itinéraires»*[47]

---

[47] Itinéraires nº 81 (Março 1964), 28-41; UEP, 28-41

a um balanço da situação «àcerca da conduta do sucessor de São Pedro». Ele aprova Paulo VI, censurando aqueles que se arrogam «o direito de antecipar arbitrariamente a aplicação da Constituição». Todavia, o Arcebispo acrescenta: «Mais grave do que as improvisações litúrgicas, elas mesmas, por obra dos sacerdotes, se nos afigura o hábito e o exemplo da desobediência pública».

A reforma projectada parece conservar o essencial, explica Monsenhor Lefebvre aos seus espiritanos no Boletim geral[48]. Não se coloca a questão no «Sacrosanctum Concílium» de suprimir o latim ou o gregoriano. Consequentemente – e reside aí a sua atitude fundamental – é necessário depositar confiança em Roma, obedecer estritamente às directivas emanadas de Roma as quais garantirão uma aplicação razoável das normas reformadoras.

Dito isso, o Prelado não oculta as deficiências da Constituição conciliar, bem como o espírito perigoso que a anima:

> «Não seria subestimar a Liturgia o reduzi-la a um meio de apostolado, não mais a considerando sob o seu aspecto de culto público e de louvor a Deus?»

Por aí, fomenta-se um «menosprezo da Liturgia», bem como «uma diminuição do espírito de fé e do espírito religioso entre os fiéis».

Em Junho de 1965, Monsenhor Lefebvre esforçar-se-á por traçar uma «linha média frutuosa» nas reformas em curso, interrogando-se: será esta linha encontrada?

Monsenhor Lefebvre admite uma distinção muito nítida entre a primeira parte da Missa ou «Missa dos Catecúmenos» e a parte mais propriamente sacrificial que constitui o início do ofertório:

> «A primeira parte da Missa, concebida para ensinar os fiéis, (...) tinha necessidade de alcançar estes objectivos de uma forma mais clara. Que o Padre se aproxime dos Fiéis, que comunique com eles, reze e cante com eles, situando-se por isso no púlpito, que pronuncie na sua língua a oração da invocação, bem como as leituras da Epistola e do Evangelho»[49]

No que à segunda parte do Santo Sacrifício da Missa respeita, Monsenhor Lefebvre quer que ela tenha lugar no altar, e que nela seja conservado o latim e, consequentemente a recitação em voz baixa.

A amplitude da visão do Prelado no que toca ao «Antes da Missa» é interessante. Ele considera que as leituras e a homilia constituem

---

[48] BG 708 (Março-Abril 1963), 416-437 :«Carta a respeito de alguns aspectos da primeira Sessão do Concílio Vaticano II»

[49] Itinéraires nº 95 (Julho-Agosto 1965), 78-79; UEP, 58

uma preparação indispensável dos fiéis para o Sacrifício. Bem entendido, permanecendo o Ofertório e o Cânon como bastiões inexpugnáveis deste Sacrifício.

## *«Um optimismo, confesso-o, exagerado»*

Monsenhor Lefebvre exprime juízos lúcidos e severos sobre o espírito que anima certos esquemas conciliares:

«Um espírito de ruptura e de suicídio» diz ele em 1964, «um espírito de ecumenismo não católico, dum ecumenismo racionalista, o qual se tornou o aríete que mãos misteriosas utilizaram para tentar perverter a Doutrina»; [50] «desejos muito legítimos dos Padres conciliares» constituíram, como que à sua revelia, material utilizado «por um grupo de Padres e de peritos» para fazer passar as suas teses, as quais não teriam sido sequer consideradas pela maioria dos próprios Padres conciliares». O Prelado ainda recusa acusar o próprio Concílio; trata-se antes de um contra-espírito, o qual parasita o Concílio e que se encontra empenhado em desviá-lo para fins estranhos.

Em 1965, antes da quarta Sessão, ele denuncia analogicamente «O magistério dos novos tempos: a opinião pública», a qual intoxicou os Padres e fez inflectir os debates; quantas intervenções foram produzidas ou aprovadas «por medo de desconformidade com este novo magistério!»

Todavia, Monsenhor Lefebvre permanece optimista:

«Trata-se dum outro magistério que não o da Santa Madre Igreja. Os discursos dos Padres encerrando as sessões, as suas intervenções, não fazem mais do que corroborar esta afirmação. Não, a Igreja, na pessoa do sucessor de Pedro, não foi ainda substituída no seu Magistério tradicional, a Igreja Romana também não. (...) A maioria dos Cardeais e especialmente cardeais da Cúria, e portanto da Igreja de Roma, (...) não se filiam neste novo magistério. (...) Nem a colegialidade, nem a liberdade religiosa mal entendidas, contrárias à doutrina da Igreja, poderão passar.» [51]

Foi somente mais tarde; na sequência duma releitura dos seus escritos datados do Concílio, que Monsenhor Lefebvre afirmará: «Eu reconheço ter dado provas, nessa época, dum optimismo a respeito do Concílio e do Papa, efectivamente mal fundamentado.» [52]

---

[50] Artig. Do 11 de Outubro de 1964, aparecido no dia 1 de Junho 1970 na crítica católica nº 6, Roma; UEP, 110 e sq.; LPE, 189 e sq.

[51] Itinéraires nº 95, 6-77; UEP, 46-56

[52] Carta a André Cagnon, 6 de Janeiro de 1988

## *Caridade pastoral e santidade sacerdotal*

O fim do Concílio, a promulgação dos decretos conciliares homologando, apesar dos esforços do «Coetus Internacionalis Patrum» e de Monsenhor Lefebvre, todo um espírito que havia presidido aos esquemas, deixou o Arcebispo mergulhado em silêncio durante algum tempo. Um certo recuo afigura-se necessário para constituir um balanço de quatro anos de combates.

É aos seus Espiritanos que Monsenhor Lefebvre confia as suas reflexões, [53] muito positivas, sobre o raro documento conciliar que encontrou graça aos seus olhos, o decreto sobre o ministério e a vida dos sacerdotes, *«Presbyterorum Ordinis»*. Vai-se descortinando qual seja a preocupação primordial do Prelado: premunir o sacerdócio de todo e qualquer desvio, recentrá-lo sobre aquilo que constitui a sua essência e a sua santidade. A este respeito não devemos deixar de notar que o documento desloca o acento do ofício de sacrificador do Padre para o de pregador. [54]

Ora, corrige Monsenhor Lefebvre, «este ministério não constitui um fim em si, ele prepara, conduz a um outro ministério, esse mais essencial, fim particular do sacerdócio».

Complacentemente, o Superior Geral destaca as passagens que lhe parecem mais felizes do texto Conciliar. E em primeiro lugar aqueles que se reportam à definição do Padre:

> «Os Padres, por unção do Espírito Santo, estão marcados por um carácter especial que os configura a Nosso Senhor Jesus Cristo Sacerdote, de tal maneira que eles sejam capazes de agir na própria pessoa de Cristo-Chefe»[55] (nº2);

Depois, reportando-se ao próprio fim das funções sacerdotais:

> «Pelo ministério dos sacerdotes, o sacrifício espiritual dos fiéis é consumado em união com o sacrifício de Cristo, único Mediador, o qual por suas mãos, em nome de toda a Igreja, é oferecido sacramentalmente e de uma forma incruenta. (...) É para isso que tende e é aí que o ministério sacerdotal se aperfeiçoa» (nº 2§ 4);

E finalmente, contemplando a conciliação da vida interior com o

---

«O sacerdote de Nosso Senhor Jesus Cristo, no decreto conciliar, Prebyterorum Ordinis» – «Avis du mois», Março, Maio e Setembro 1966, em BG 726, 727, 729, ; LPE, 239-252

[54] Cf. COSPEC, 6 A, 1974

[55] O «Cristo Chefe soa estranhamente se se trata do Sacrifício Eucarístico, onde os padres exercem a sua função principal» (Nº 13, c). Estranho também, o acento colocado sobre o sacrifício espiritual dos fiéis no quadro da acção sacerdotal.

apostolado, concede que muitos padres têm dificuldade em operar:

«Eles encontrarão esta unidade de vida (...) no exercício da caridade pastoral, vínculo da perfeição sacerdotal, que reconduzirá à unidade a sua vida e a sua acção. Ora, esta caridade pastoral decorre, antes de tudo, do Sacrifício eucarístico; este constitui, pois, o centro e a raiz de toda a vida do Padre, e de tal sorte que o espírito sacerdotal aplique interiormente a si mesmo o que se se opera sobre o Altar do Sacrifício». (nº 14)

## *Um novo dogma: a dignidade da pessoa humana*

Mas se, para uso dos seus confrades, o Arcebispo louva, de forma perfeitamente uniforme, o documento concernente ao sacerdócio, Monsenhor Lefebvre é muito mais crítico e realista num escrito – já citado – de 11 de Outubro de 1964, redigido durante a terceira Sessão, sob o título particularmente provocatório: «Para permanecer bom Católico, seria necessário tornar-se Protestante?» A instâncias de Monsenhor Morilleau, contudo, não publicará este artigo, o qual só aparecerá em 1970.

Monsenhor ali discerne o mal que a colegialidade, bem como o ecumenismo e a liberdade religiosa, vão provocar à «verdade da igreja».

«A verdade da Igreja possui evidentemente consequências que incomodam os Protestantes e – ai de nós! – também um certo número de católicos imbuídos de liberalismo. Doravante, o novo dogma que tomará o lugar do da verdade da Igreja será a dignidade da pessoa humana, bem como o do superior bem da liberdade». [56]

Por «verdade da Igreja» entende Monsenhor Lefebvre, em primeiro lugar, a Igreja como «única religião verdadeira estabelecida por Deus, a qual não pode, sem suprema injustiça, ser colocada ao mesmo nível das outras»; [57] mas constituindo igualmente a única Arca da eterna salvação, a Mestra da verdade, a qual «exerce o primado da certeza sobre todos os sistemas heterodoxos e possui a verdade absoluta e imutável». [58]

Esta verdade da Igreja, o Concílio substitui-a pela «verdade da pessoa»[59], ou seja pela sua dignidade transcendental, qualquer que seja a sua escolha, a sua liberdade, qualquer que seja o seu exercício, a sua independência perante a coerção de uma qualquer autoridade,

---

[56] LPE, 193-195

[57] Leão XIII, Encíclica «Humanum Genus», 20 de Abril de 1884; BP I, 254

[58] Monsenhor Sarto, Futuro Papa Pio X, In Pierre Fernessole, Pio X, ensaio Histórico, Ed. Lethielleux, 1952, I 54

[59] João Paulo II, Encíclica Veritatis splendor, 6 de Agosto 1993

a sua livre pesquisa, sem Magistério, o primado da sua consciência sobre toda e qualquer lei humana. [60]

Ora, nota o Prelado, «definir a liberdade como a ausência de coerção, é destruir todas as autoridades constituídas por Deus», a autoridade do Magistério da Igreja, mas igualmente a autoridade dos pais no seio da família, particularmente na família cristã.

«As dúvidas sobre a legitimidade da autoridade, bem como sobre a exigência da obediência, provocadas pela exaltação da dignidade humana, da autonomia da consciência e da liberdade, abalam todas as sociedades começando pela Igreja, as sociedades religiosas, as dioceses, a sociedade civil, a Família.» [61]

Analogicamente, «a verdade da Igreja constitui a razão de ser das escolas católicas. Com o novo dogma, insinua-se que seria preferível proceder à fusão com a escola laica». O novo dogma mata também o zelo para com as vocações, aniquilando-as.

«A verdade da Igreja constitui a razão de ser do seu zelo evangélico, do seu proselitismo; e consequentemente a razão profunda das vocações missionárias, sacerdotais e religiosas»

Finalmente, a verdade da Igreja constitui a fonte do zelo dos leigos católicos «para trabalharem com o objectivo de estabelecer ou restabelecer um Estado católico»; ora, segundo o novo dogma, eles deveriam antes favorecer o pluralismo e assim «teriam o dever de conservar o indiferentismo religioso do Estado».

Subordinada à dignidade da pessoa, a Igreja deveria renunciar a apresentar-se como «a Verdade»; ela seria portadora sòmente da sua «verdade», constituiria uma verdade entre outras.

Por detrás do novo dogma perfila-se o primado do homem sobre Deus, a deposição de Nosso Senhor Jesus Cristo do seu Trono; a este novo dogma deveria a Igreja submeter a sua Verdade, as suas instituições, o seu culto e, por fim, o seu sacerdócio. [62] A suprema dor de Monsenhor Lefebvre é a verificação, cada vez mais evidente, da cumplicidade dos papas João XXIII e Paulo VI na proclamação do novo dogma. Apesar das suas intervenções pessoais por vezes de regozijo, encorajantes, esses papas quase sempre favoreceram as intrigas dos liberais e modernistas, «açaimando a Cúria», esta «parte mais nobre da Igreja de Roma, mestra da Verdade», e muito fre-

---

[60] Tal é a tendência, senão a letra dos textos seguintes do Concílio: GS 4, 4; 9, 1; 11, 2; 12,1 ; 16; 17; 22, 1; 25, 1; 26, 2e3; 29, 2; 41, 2; DH 1, aec; 2, a, bec; 3, be D; 6, a; 9.

[61] Carta ao Cardeal Ottaviani, 20 de dez 1966, Fideliter nº 98, p. 57 Aulagnier, 114

quentemente impondo silêncio, em nome da unanimidade conciliar, «àqueles que queriam exprimir o seu desacordo ou simplesmente lançar alertas»[63] em oposição ao novo dogma, bem como às suas aplicações.

## *A maior tragédia jamais sofrida pela Igreja*

Apenas nove meses após o encerramento do Concílio Ecuménico, o Papa Paulo VI entendeu necessário alertar os Bispos, solicitando-lhes um relatório sobre «os crescentes abusos na interpretação da doutrina do Concílio», bem como «opiniões vagabundas e audaciosas», erros «afectando o próprio dogma e os fundamentos da fé»[64]. Como foi possível chegar a este ponto tão rapidamente?

Enquanto o Episcopado francês minimiza o perigo – «Trata-se habitualmente de tendências, de correntes, de um mal estar difuso, duma certa flutuação do pensamento», de «esquerdismo» (Monsenhor Veuillot falou de «gralhas» [Erro tipográfico])[65] –, Monsenhor Lefebvre,[66] Superior Geral da Congregação dos Padres Espiritanos, revela uma crise gravíssima: «Extrema confusão de ideias» mas igualmente «desagregação das instituições da Igreja: religiosas, seminários, escolas católicas etc.»

O Arcebispo concentra-se na definição da causa da crise; e assim chega paulatinamente à proposição da responsabilidade do próprio Concílio:

> «O Concílio dispunha-se, pelas comissões preparatórias, a proclamar a verdade face a estes erros (...) Ora, esta preparação foi odiosamente rejeitada para dar lugar à mais grave tragédia jamais sofrida pela Igreja. Nós testemunhamos o casamento da Igreja com as ideias liberais.»

Esta expressão nuclear em Monsenhor Lefebvre, encerra já uma intuição profunda do desígnio conciliar: ultrapassar as oposições passadas e recentes entre, por uma parte, o catolicismo, e, por outra parte, o protestantismo, os direitos do homem e o modernismo, assim realizando uma «nova síntese» ou seja este «matrimónio da Igreja com as ideias liberais».

Será o próprio Concílio, ou o espírito do Concílio, ou um anti-

---

[63] Fideliter nº 59, p. 34; LPE 191-192

[64] Carta ao Cardeal Ottaviani, Pró-Prefeito da Congregação para a doutrina da fé aos presidentes das Conferências episcopais do mundo inteiro, 24 julho 1966. AAS 63 (1966) 659; DC 1481, 1843 sq.

[65] Síntese da resposta francesa pelo Abade Dulac, Courrier de Rome, 20 Fevereiro 1967; Original: DC 1488, 327 sq.

[66] Resposta ao Cardeal Ottaviani, Roma, 20 dez. 1966; Fideliter nº 98 pp. 55 sq.

espírito do Concílio, que é responsável pela tragédia? O Prelado inclina-se primeiramente para denunciar um anti-espírito do Concílio: «O Concílio permitiu que aqueles que professam os erros e as tendências condenadas pelos Papas,[67] acreditassem, legitimamente, que as suas doutrinas passavam a estar doravante aprovadas.» Então é porque mesmo o espírito do Concílio, senão até a letra do Concílio, está em causa:

> «Pode e deve infelizmente afirmar-se que, duma maneira aproximadamente geral, quando o Concílio inovou, veio abalar a certeza de verdades ensinadas pelo Magistério autêntico da Igreja, como integrando definitivamente o tesouro da Tradição».[68]

O Concílio não constituiu, pois, somente uma caixa de ressonância para novos hereges presentes no Concílio e à volta do Concílio; ele mesmo, por suas inovações, abalou a verdade católica.

Enumerando então os frutos desse sismo, que havia predito em 1964, Monsenhor Lefebvre reconhece-se «encurralado pelos acontecimentos ao concluir que:

> «O Concílio favoreceu duma maneira inconcebível a difusão dos erros liberais. A fé, a moral, a disciplina eclesiástica encontram-se abaladas nos seus fundamentos, na sequência das previsões de todos os Papas. A destruição da Igreja avança a passos rápidos»

Mas porque Monsenhor Lefebvre é Pastor, tanto como é teólogo, não hesita em indicar ao Cardeal um programa de remédios para apresentar ao Santo Padre: reprimir os fautores de erro e reduzi-los ao silêncio; incitar os Bispos a reformarem os seus Seminários, neles restaurando os estudos segundo São Tomás de Aquino; encorajar os Superiores Gerais a conservarem nos noviciados, no seio das comunidades, os princípios de toda a ascese cristã, sobretudo a obediência; encorajar o desenvolvimento das escolas católicas.

É precisamente aquilo que Monsenhor Lefebvre se esforçará por realizar na sua Congregação desde a sua eleição para o superiorato geral.

---

[67] Pio IX, Silabo; S. Pio X Lamentabili; Pio XII, Humani Generis, etc...

[68] Sublinhado no texto

# Capítulo XIV

# Superior Geral – derradeira tentativa de salvação

## 1. - Uma eleição de combate

### *Uma reconstituição necessária*

Com o objectivo de não interromper a apresentação de acção de Monsenhor Lefebvre no Concílio, deslocámo-nos até ao ano de 1966. É agora necessário que regressemos, para expormos a sua eleição e a sua acção como Superior Geral dos Espiritanos.

O nome de Monsenhor Lefebvre tinha já sido pronunciado aquando do capítulo geral de 1950; tendo ficado em segundo lugar na primeira volta das eleições dos membros delegados da Província de França, [1] ele havia sido eleito capitulante na segunda volta como terceiro delegado do quarto grupo das Missões, [2] e no decurso do Capítulo, «A sua eleição como Superior Geral teria sido já assegurada se os capitulantes não tivessem sido advertidos para não sufragarem aquele que desempenhava nesse momento as delicadas funções de Delegado Apostólico»[3]

Analogamente, desde que o Padre Francis Griffin, Superior Geral de 1950 a 1962, fez saber que não se apresentaria, a candidatura de Monsenhor Lefebvre foi desejada por muitos. Chegado aos seus missionários, ele era «o acolhimento em pessoa»,[4] diferentemente do Padre Griffin o qual, uma vez eleito Superior Geral não mais recebia, de boa vontade, os missionários de licença que passavam pela Rua Lhomond: «Está de licença? Dizia-lhes. Bom; está bem! Retome depressa o seu trabalho na vossa missão; eu tenho o meu.» [5]

[1] Com 380 votos, atrás do padre Come Jaffré, eleito Delegado com 521 votos, na primeira volta; BF 45.

[2] BG 632

[3] «Clarté», Boletim diocesano de la Guadeloupe, 18 Maio 1963

[4] Padre Bussard, Ms I, 17, 6

[5] Padre Bussard, MS I, 16-17

A escolha do antigo Dèlegado Apostólico constituiria uma honra para a Congregação, enquanto que o seu perfeito conhecimento da cúria romana estruturaria bem as realidades a um nível de ordem superior. Monsenhor Lefebvre apercebia-se de tudo isso, e numerosos confrades diziam-lhe. «Oh, o próximo sois vós!» [6]

Contudo, a opinião dos confrades àcerca do Arcebispo era colorida por cambiantes geográficos variados.

Por um lado, os irlandeses admiravam em Monsenhor Lefebvre o grande Bispo missionário, émulo de Monsenhor Shanaham, que tinha comparecido em Dublin no Congresso de São Patrício, [7] visitando nessa ocasião o Escolasticado de Kimmage bem como o Colégio de Blackrock. Por seu lado, os alemães haviam sido seduzidos pelo senso prático do Delegado, o qual, apenas chegado em visita a Knechtsteden, havia descido da sua viatura, tinha aberto a cobertura do motor e logo se empenhara em rebuscar as causas duma avaria para reparar.

> «Ora bem!», teriam dito os Padres e os escolásticos em tom de admiração, «Este não tem medo de sujar as mãos: eis o homem de que necessitamos.» [8]

Os portugueses, por sua conta, apreciavam em Monsenhor Lefebvre o homem de doutrina segura que tinha vindo pregar o retiro da Província a setenta e três Padres, em Carcavelos, em 1959. [9]

Entre os franceses, que formavam a província mais importante da Congregação, muitos admiravam e amavam mesmo o Prelado. Votando nele, estavam resolvidos a lavar a afronta feita à Congregação pela devolução que Dakar havia realizado do Arcebispo Lefebvre, não destituído mas «tullizado», como eles afirmavam. [10] Todavia, para uma minoria actuante, a doutrina e a acção africana de Monsenhor Lefebvre constituíam a expressão de disposições íntimas. Um grupo de quarenta missionários de diversos países, reuniram-se mensalmente,[11] trabalhando para redefinir as relações que deviam – diziam eles – existir entre as jovens igrejas africanas, e as igrejas e congregações religiosas europeias. Encarregaram um deles de estudar a este respeito o pensamento do Arcebispo de Dakar. Consequentemente o Padre Philippe Béguerie, professor no escolasticado

[6] Mons. Lefebvre, primeira conversa com o Padre Marziac
[7] Junho 1961. BG 698, 606-607
[8] P. Philippe Béguerie, Edição `Golias, nº 27-28, 1991, pp. 21-22
[9] De 16 a 23 Setembro. BG 687, 204
[10] P. Ph. Béguerie, Ed. Golias, nº 27-28, 1991, p. 21
[11] Sob inspiração de alguns bispos, entre os quais Mons. Cucherousset. Ms.I, 75-36

de Teologia de Chevilly e director de estudos da Província de França, redigiu e fez circular entre os missionários, vindos de licença, ou em retiro, uma «exegese» das posições de Monsenhor Lefebvre onde sobressaia que «a melhor descrição» do Prelado era a da *«Lenda do Grande Inquisidor»*, de Dostoievski:

«O que constitui o maior perigo para o homem, é a liberdade; a liberdade apenas é outorgada à estirpe daqueles que comandam e não à raça daqueles que obedecem.» [12]

O Prelado havia pois pretendido manter as igrejas africanas numa estado prolongado de menoridade, e os seus subordinados numa obediência cega.

Ora, esta lamentável análise do pensamento do antigo Delegado de Pio XII, teve o condão de estimular a emulação: um Padre Courrier, em Dakar, distribuiu um folheto denunciando a candidatura de Monsenhor Lefebvre, [13] e um Padre Joseph Michel remeteu na véspera do Capítulo, ao Padre Jean Le Gall, capitulante, delegado do Congo, um pequeno processo reportando-se a Monsenhor Lefebvre. [14]

No sentido oposto, um outro grupo de Padres franceses, cuja alma era o Padre Jean Letourneur, procurador geral da Casa-Mãe desde 1942, e antigo aluno de Santa Chiarra, verdadeiro religioso, homem superior, dotado de espírito de organização, [15] via em Marcel Lefebvre o homem providencial que iria salvar a Congregação da indisciplina e dos desvios doutrinais que se disseminavam na Província de França, especialmente em Chevilly, apesar das advertências romanas dirigidas às casas de formação clerical e religiosas.

Uma carta da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades denunciava no jovem clero, o relaxamento da oração, como consequência do activismo: «Rapidamente se esgotam em vãs tentativas, e termina-se pelo tédio e pelo desencorajamento».

O amor da Igreja perdia-se na desobediência: «Nas casas de formação eclesiástica, não é raro – e esta sagrada Congregação teve, uma vez por outra, de intervir – que se assista a experiências que concedem demasiado à iniciativa incontrolada do estudante (...) e à auto-educação.» [16]

Analogamente, a Sagrada Congregação dos religiosos denunciava, na sua carta sobre a formação do jovem clero:

«Uma falta de humildade, um vivo espírito de crítica diante

[12] Ms. I, 76-77; 80, 41-57; II, 3, 8-54

[13] Ms I, 63, 8-11

[14] Memória espiritana, 4 (1996), 87. Será este o processo Béguerie?

[15] BG 743, 438; Boletim dos antigos alunos do Seminário francês em Roma Carta assinada Pizzardo, prefeito, Staffa, Secretario, DC, 16 de Agosto 1959; BG687, 196

dos actos dos superiores, uma concepção inteiramente inexacta da obediência, um verdadeiro desgosto face ao sacrifício, uma avaliação nem sempre justa de alguns problemas doutrinais»; e a Sagrada Congregação via a raiz desta atitude no «meio frequentemente impregnado de laicismo e mundanismo» donde provêm estas vocações. E solicitava: «que a preparação dos religiosos seja intensificada para lhes permitir enfrentar sem perigo de defecção os desvios do mundo actual, graças à segurança doutrinal bem como à posse das virtudes necessárias, especialmente a humildade, obediência e o espírito de sacrifício. De forma muito particular, os jovens levitas devem ser bem formados na sã doutrina social da Igreja.» [17]

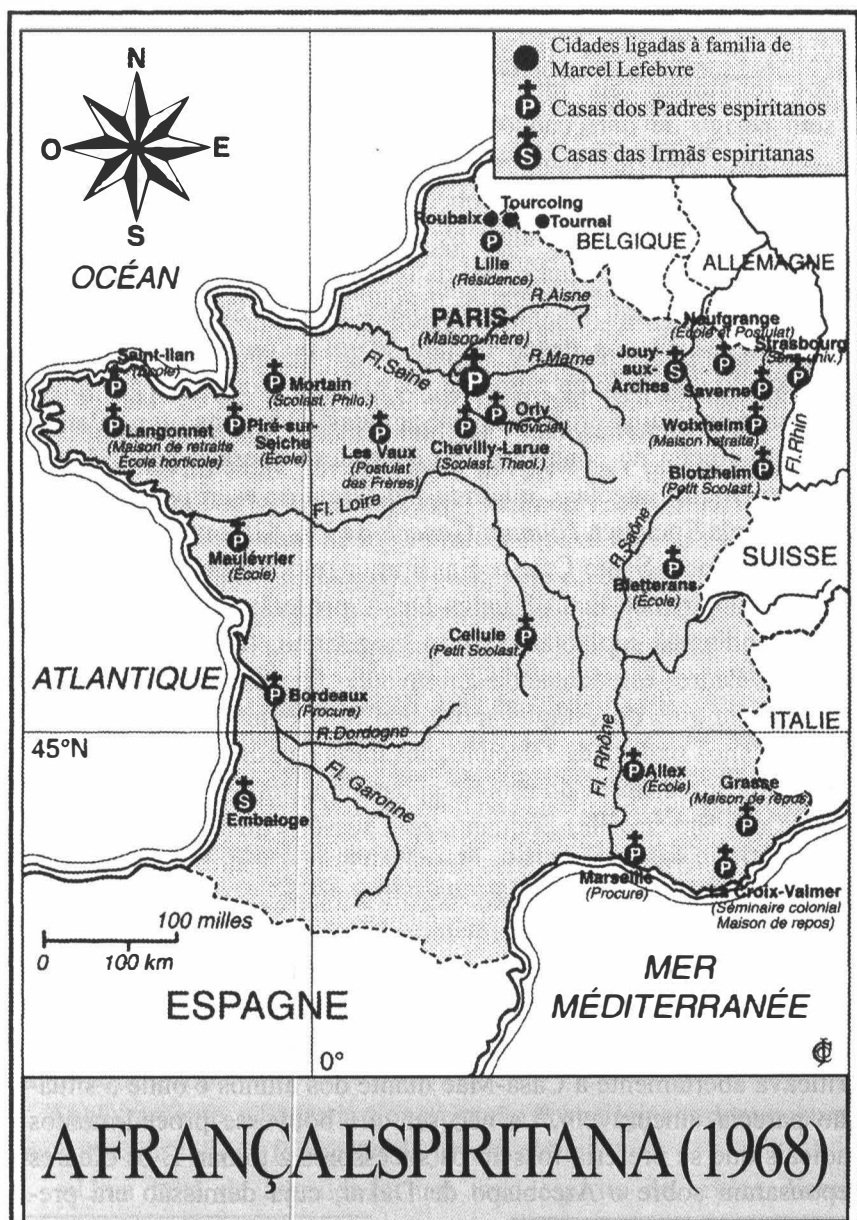
Em Chevilly como nos outros escolasticados ou Seminários dirigidos pelos Espiritanos, desenvolviam-se um ou outro destes desvios pelo acento colocado na pesquisa pessoal dos alunos, a voracidade paralisante por uma erudição nas Sagradas Escrituras ou na Patrística, não sujeita ao conhecimento da síntese operada pelo Magistério do Doutor angélico, a leitura indiscreta de escritos de autores visados pela Encíclica *Humani Generis* de Pio XII, ou recentemente censurados pelo Santo Ofício. Em liturgia, as criações musicais em línguas vulgares do Padre Lucien Deiss, professor em Chevilly até 1957, tendiam a suplantar o canto gregoriano. Além disso, desde 1958, os Padres estudantes do quinto ano efectuavam os seus cinco primeiros meses do estágio apostólico no Centro de Pastoral dos Dominicanos na Rua de Glacière, em Paris (sendo o Padre Jean Le Gall nomeado director do estágio apostólico, primeiro em Chevilly, depois em Brazzaville) enquanto que sessões de reciclagem para missionários eram organizadas desde 1953 no Centro da Acção Católica Missionária de Lille, que sucedia à missão espiritana de Ruitz que se havia já dedicado à ACO. [18]

Conscientes destas orientações deletérias, o Padre Griffin e o Conselho Geral sentiam-se impotentes para as reconstituir. O Superior Geral nem mesmo queria dirigir-se a Chevilly, cujo corpo docente criticava abertamente a Casa-Mãe diante dos alunos e onde a situação parecia «incurável»,[19] a não ser que houvesse procedimentos radicais que se preferia fossem os sucessores a tomar. E os olhares repousaram sobre o Arcebispo de Dakar, cuja demissão era pre-

[17] Sublinhado no texto. Carta de 6 de Outubro 1961, assinada Valério Valeri, Pref. BG700 677-678. Mons. Lefebvre parece ter inspirado mais do que uma destas linhas; ele tinha o Cardeal Valeri em grande estima.

[18] BF 92, 97 e 104; BG 723, 200 sq.; MS. I, 71, 36-38.

[19] Mons. Lefebvre, carta a Mons. Paul Philippe, 28 Dez. 1965

# A FRANÇA ESPIRITANA (1968)

visível, como sendo um homem forte que se oferecia a ele mesmo, magnanimamente, para desempenhar a tarefa ingrata da reforma, e afirmando sem rodeios a quem queria escutá-lo: «Se me elegerem Superior Geral, eu limparei Chevilly».[20] E declarando à própria Chevilly, antes da sua eleição que «restabeleceria a ordem».

## *Uma Eleição movimentada*

Não sendo superior religioso, o Arcebispo de Dakar não era, de direito, membro do Capítulo Geral; para nele poder participar, ele devia, pois, ser eleito «membro delegado» seja da segunda circunscrição, a do Senegal e da Guiné, seja da sexta, a dos padres residentes em França e em Roma.[21]

Muito unido e empenhado, face ao perigo comum, o lobby progressista francês procedeu então à distribuição dos seus libelos e obteve, na primeira volta da eleição dos delegados em França, um certo sucesso. Todavia, a Casa-Mãe, escandalizada pelas pressões indignas de «grupúsculos» (grupinhos), anulou o voto, enquanto que várias personalidades romanas consultadas se declaravam favoráveis à anulação. Uma outra carta romana, provavelmente emanada da Sagrada Congregação dos Religiosos ou da Assinatura Apostólica, teria entretanto declarado que não era necessário anular o escrutínio.[22] Como quer que fosse, um «segundo primeiro escrutínio» publicado em Setembro de 1961, colocava à cabeça os padres Louis Ledit (Superior de Chevilly), Jacques Lacroix, Joseph Hirtz (oponente de Monsenhor Lefebvre) e Henry Barre, enquanto que em África, o primeiro escrutínio (não contestado) via surgir Monsenhor Lefebvre à cabeça, com 38 votos, perante o Padre Courrier que recebia 9.

A segunda volta elegeu Monsenhor Lefebvre Delegado do Senegal e da Guiné, com 59 votos em 103, enquanto que em França foram eleitos os mesmos quatro sacerdotes, dos quais dois, pelo menos, eram pois adversários do Arcebispo. [23]

Na véspera do Capítulo, o Padre Joseph Michel aconselhou a um capitulante inglês: «Vote em quem quiser, excepto Monsenhor Lefebvre»

O inglês espanta-se: «Mas o cardeal Feltin, Arcebispo de Paris, faz saber que o Santo padre deseja a eleição de Monsenhor Lefebvre!»

---

[20] Padre Ph. Béguerie, art. Cit., p. 22; padre Michel Legrain CSSP, carta ao Abade JML, 30 Nov. 1998

[21] Convocação ao Capitulo Geral, 28 de Maio de 1961, BG 697

[22] Monsenhor Lefebvre, carta citada; Béguerie, art. Cit. ; MS. I, 72, 11-12; 77, 28-39.

[23] BG 699, 630 sq.; 701, 3-4

E o Padre Michel lá se precipitou para o Arcebispado onde o esclareceram: «O Cardeal simplesmente entendeu exprimir tal desejo no Seminário Francês de Roma, e não da parte do Papa.»[24]

A verdade é que a presença do Arcebispo em Tulle constituía motivo sério de ponderação para o «Episcopado francês», e que Roma, ainda que desfavorável por princípio à nomeação de Bispos para Superiores de Institutos religiosos, fazia saber que se os confrades espiritanos elegessem Monsenhor Lefebvre como Superior Geral, ela o exoneraria de boa vontade do Bispo de Tulle.[25] Para terminar, o Capítulo foi aberto em Chevilly no dia 20 de Julho 1962, e a 25, na primeira volta das eleições, Monsenhor Lefebvre recolheu perto de dois terços dos sufrágios, atingindo quase a quota necessária para ser eleito logo à primeira. No dia seguinte, 26 de Julho, ele ergueu-se: «Deixai-me, pois, permanecer Bispo de Tulle, eu o sou desde há apenas seis meses, eu acabo de proceder ao conhecimento dos sacerdotes, de visitar a Diocese. Deixai-me onde eu estou.»

«Perda de tempo! Monsenhor Lefebvre desta vez recolheu mais de dois terços dos votos. Todavia, sendo titular duma Diocese, ele apenas podia ser desvinculado do seu múnus pastoral pelo Papa. O Capítulo não podia pois senão «postulá-lo». Tal foi feito: acolhido favoravelmente por João XXIII, Monsenhor Lefebvre foi solenemente entronizado na tarde de 28 de Julho,[26] na Capela, após haver procedido à profissão de Fé, prestado o juramento anti-modernista, assim como o juramento de conservar a Congregação no seu espírito e nos seus fins.[27] Ele recebia este mandamento de Superior Geral por doze anos. No dia 7 de Agosto, o Papa transferia o Arcebispo-Bispo de Tulle para a sede titular arquiepiscopal de Synnada em Phrygia.[28]

Os escrutínios prosseguiram, e no dia 1 de Agosto, são eleitos os membros do novo Conselho Geral. Dos dois assistentes, o alemão Heinrich Hack e o alsaciano Joseph Hirtz, o segundo foi eleito em oposição a Monsenhor Lefebvre; os quatro conselheiros gerais, Lambertus Vogel (Países Baixos), William Higgins, Charles Connors e Avelino Costa são estranhos às intrigas. Com todos estes homens capazes, o Superior Geral afirmará ter tido uma «boa colaboração numa boa atmosfera»[29] todavia tudo isto se realizará ao

[24] Memória espiritana, n° 4 loc. Cit.
[25] Koren, 546
[26] PHLH, 86; Fideliter n° 59, p. 49; BG, 704 (Julho-Agosto1962), 170
[27] BG 432,735: Prescrições das constituições
[28] OR 10 Agosto 1962; BG 705,251
[29] Cf. PHLH, 88

preço dum esforço constante, não sem cordialidade – que não falta a Monsenhor Lefebvre – mas com um hábito contínuo de harmonização das posições de Monsenhor Lefebvre com as do Padre Hirtz, pois o Superior Geral nada pode decidir de importante na vida da Congregação sem unanimidade com os seus dois assistentes. [30]

Os trabalhos do Capítulo Geral prosseguiram até 13 de Agosto. Monsenhor Lefebvre será um fiel executante das resoluções do Capítulo, mas nelas irá imprimir, como vamos ver, a sua chancela pessoal.

## 2. Limpeza e rectificação

### *«Eu limparei Chevilly»*

A primeira medida tomada pelo novo Superior Geral foi de «expurgar», como se havia comprometido, o grande escolasticado de Chevilly. As regras da Congregação atribuíam ao Superior Geral este primeiro dever de velar pela sã doutrina, em conformidade com o espírito do fundador Poullart des Places. Roma a isso o encorajava, com uma segunda carta da Sagrada Congregação dos Seminários, assinada por Pizzardo e Staffa,[31] denunciando no seio de certas instituições de formação eclesiástica o desprezo pelas regras assim como «um vento de naturalismo» que aí penetrava: «Frequentemente com a cumplicidade daqueles que, condenando em bloco um passado julgado insuficiente para formar as jovens gerações sacerdotais, nutrem grande interesse pela pesquisa incessante de métodos actualizados (...) a oração, a união íntima com Deus, o espírito de mortificação, a humildade, a obediência, a vida escondida, a separação do mundo, são colocadas cada vez mais na gaveta em nome dum activismo ornamentado com o manto da Caridade».

O Superior Geral confiava a sua grave preocupação ao seu caderno de notas pessoais no início do Concílio[32]: Nós, Superiores Gerais, escutando e contemplando tantas novidades e a «nova teologia» a invadir os espíritos de alguns dos nossos professores e teólogos, ficamos estupefactos e interrogamo-nos como erradicar e obstar a tantos erros (...) Quando uma advertência chega do Santo Oficio, último defensor da Fé, uma semana mais tarde, os fautores do erro já estão

---

[30] Regras do Seminário do Espírito Santo, p. 2, n° 2; Primeira regra espiritana, 1734, n° 78; Regras de Libermann, p. 5, nn°154, 162 e 146.

[31] Carta de 20 Setembro 1960 ao episcopado. BG 694, 438-455

[32] Arcebispo Lefebvre Éc. Dossiê Colegialidade 1° Sessão: Projecto de intervenção oral(Texto em latim)

a contradizer o Santo Ofício (...) Que devemos nós crer daquilo que afirmam hoje os autores desta nova teologia «no que respeita à Revelação, aos milagres, à origem do Mundo e do Homem,[33] ao pecado original, ao pecado pessoal, às penas do Inferno e do Purgatório, à presença divina na Sagrada Eucaristia, à castidade no casamento, à castidade sacerdotal, à Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria? Tudo isso é posto em dúvida.»

Visitando a Província do Portugal de 31 de Agosto a 10 de Setembro,[34]. Monsenhor Lefebvre admira pela segunda vez a disciplina e a integridade doutrinal que reinam no Escolasticado de Carcavelos. Imediatamente concebe este plano, que confia aos seus colaboradores mais próximos e depois ao seu Conselho: «transfiramos os grandes escolásticos de Chevilly para Portugal!» Todavia esta solução audaciosa, capaz de operar a reforma radical que Monsenhor Lefebvre aspira, não recebe – ai de nós! – um acolhimento unânime no Conselho Geral. Será necessário que nos contentemos com meias medidas. Pouco importa, tomemo-las imediatamente, decide ele.

A «limpeza de Chevilly» processou-se metodicamente, efectuada por Monsenhor Lefebvre segundo as instruções de São Pio X em *Sacrorum Antistium*. No primeiro ano, ele não quis operar alterações profundas, de harmonia com uma experimentada sabedoria.

Todavia exigiu o expurgo na biblioteca do Escolasticado dos livros do Congar, Chenu e outros[35], bem como a correcção de iniciativas imprudentes e da atitude indigna face à sua Casa-Mãe. Contudo, apercebendo-se de que, por proposta do Padre Fourmond, professor, se iria proceder à subversão do ensino da Teologia, suprimindo a apologética e o tratado da Virgem Maria, remodelando simultaneamente o tratado da Igreja, Monsenhor Lefebvre transferiu o Padre Fourmond para a Martinica,[36] enquanto que, no decurso do ano de 1963, ao Padre Béguerie, outro professor, solicitando deixar a Congregação, foi-lhe assinada residência fora de Chevilly.

Ulteriormente, em Abril de 1963, o Superior Geral convocou

---

[33] «Era a época onde, em 1962, Teilhard de Chardin era o homem mais lido, em simultâneo nas lojas (maçónicas) e nos Seminários» (Yves Marsaudon, o ecumenismo visto por um franco-mação de tradição, p. 25).

[34] BG 705, 248- 249

[35] Mas também poderia proibir a obra do Padre espiritano Joseph Lecuyer, «O sacerdote no mistério de Cristo» (Cerf, 1957), cujo autor afirmava, entre outros erros, que «o acto principal {do Sacrifício e do Sacerdócio de Cristo} tem apenas lugar no Santuário celeste» (p. 22)? Publicado numa colecção do CPL, esta obra, deslocando o centro da Paixão de Cristo sobre a Ressurreição e a Ascensão, falseava a Redenção simultaneamente com o Sacerdócio e a Missa.

[36] BG 705 (Conselho de 22 de Agosto 1962)

uma reunião dos superiores dos grandes escolasticados e, em Maio, uma reunião dos superiores provinciais, completando-lhes, pessoalmente, as disposições práticas mediante duas cartas escritas, uma aos provinciais, a outra aos superiores dos grandes escolasticados. Aos primeiros solicitava «afastar do magistério todos aqueles que estiverem mais ou menos imbuídos das ideias modernistas, segundo as prescrições da Igreja»[37]

«Velai igualmente, pela salvaguarda da Fé em todas as comunidades aconselhando aos Superiores uma selecção judiciosa para os pregadores de retiros, os conferencistas,[38] as revistas. Nós devemos evitar tudo aquilo que tende a minar o respeito à Igreja, ao Papa, tudo aquilo que minimiza a verdade histórica das Escrituras, o valor da Tradição, as noções fundamentais da moral e do pecado, da responsabilidade pessoal; evitar a invasão do espírito do mundo no seio das comunidades religiosas.

Aos reitores dos grandes escolasticados, Monsenhor Lefebvre recomendava o exercício da sua autoridade, sem abdicações; o que ele escreveu sobre esse assunto é revelador duma situação pré-revolucionária:

> «Esta autoridade será paternal, sem dúvida; contudo o director deve conduzir, dirigir os escolásticos e não deixar-se orientar por uma minoria activista (...) É necessário evitar em absoluto que aos escolásticos sejam solicitados relatórios sobre o andamento da casa, que com eles se discutam pontos essenciais da disciplina e do plano de estudos, e que sejam considerados como detentores do direito do exercício da autoridade na organização do escolasticado (...) É igualmente necessário evitar toda e qualquer reclamação colectiva (...) O costume do tratamento por tu que se introduziu, é lamentável. Não deverá nunca ser tolerado do director ao aluno e, sobretudo, o inverso.»

O Superior Geral nomeou novos «prefeitos de estudos» à cabeça dos quais é proposto como prefeito geral o Padre Gerald Fitzgerald,[39] (O qual será o confessor de Monsenhor Lefebvre durante vários anos).

Em Filosofia, Monsenhor Lefebvre denuncia:

> «O grande mal da nossa época é o idealismo e o subjectivismo. Somente a filosofia tomista nos confere o conhecimento do real».

---

[37] Frase suprimida no texto publicado pelo BG 710, 556

[38] O Padre Lombardi, fundador de «Por um mundo novo» que havia, inicialmente, seduzido Pio XII, provocou ulteriormente estragos em Itália, tinha vindo pronunciar uma conferencia em Chevilly, em Dezembro de 1958. BG 683, 19.

[39] BG 710, 564

Em Teologia ele recomenda o tratado da justificação do ímpio (quer dizer, da conversão do pecador ou do infiel).

«Muito importante para a linha de conduta no que respeita aos pagãos e no que toca aos fiéis num enquadramento de crescimento da sua justificação (quer dizer santificação); os alunos aí encontrarão os princípios da colaboração da liberdade e da graça».

Não se reclama toda a pastoral sacerdotal deste mesmo tratado da Graça»? caso contrário, essa pastoral movimentar-se-á num quadro conceptual de puro naturalismo ou de protestantismo, o que é praticamente o mesmo.

Finalmente, escreve Monsenhor Lefebvre, «Insistir-se-á sobre a importância do magistério, sobre a Tradição e suas relações com o ministério dos sacramentos e do sacrifício». Para atingir este objectivo, prescreve que se proceda à leitura, no refeitório, «das principais Encíclicas e documentos pontificais desde Pio IX até aos nossos dias», especialmente os actos de São Pio X àcerca dos quais fornece uma lista dos que devem ser lidos. [40]

O Superior Geral apresenta também duas normas litúrgicas lapidares: «Conservai as prescrições de Roma» e «evitai tudo o que dimana de iniciativas pessoais de pretensos liturgistas». [41] Quanto às regras práticas editadas, elas revelam a amplitude das experiências praticadas em oposição às rubricas. [42] Mas qual é o espanto? O próprio Pio XII, perante a multiplicação das «experiências» de concelebrações, bem como de Missa com a face para o povo, nada dizia sobre o fundo da questão. [43]

Eis o que prescreve Monsenhor Lefebvre:

«A verdadeira piedade será mantida e desenvolvida mediante a verdadeira liturgia e não num quadro de desobediência às decisões da Igreja – a língua litúrgica deve ser aquela indicada pela Santa Igreja –, a para-liturgia nunca deve adquirir proeminência sobre a liturgia, a não ser por uma pequena pausa – não se deve comungar de pé e a Santa Missa não deve ser celebrada com a face para o povo

---

[40] A leitura pública dos actos Pontificais era reclamada por volta de 1950 pelos grandes escolásticos irlandeses de Kimmage, e apoiada pelo padre Denis Fahey, ai meu Deus! Sem sucesso. A decisão de Monsenhor Lefebvre foi pouco observada e foi-lhe censurada.

[41] Carta aos provinciais, Maio de 1963

[42] Cf. A resposta da Sagrada Congregação dos ritos à questão colocadas pelos professores do Seminário do Espírito Santo (La croix Valmer) de 24 de Julho 1961, concernentes a sete inovações nas missas solenes. BG 698, 626-627

[43] Cf.Pio XII, discurso endereçado ao Congresso Mundial de Liturgia pastoral de Assis, 22 Setembro de 1956. EPS, A Liturgia n.º 807, 808, 817.

nas capelas dos nossos escolasticados, a não ser excepcionalmente e após haver solicitado as autorizações necessárias.» [44]

Ainda aí, certas decisões somente constituem meias-medidas ou deixam as portas entreabertas... aquelas mesmo que Roma permite abertas. É nesse enquadramento que Monsenhor Lefebvre, ele próprio, concelebrará pelo menos uma vez com a face para o povo, no Noviciado de Baarle-Nassau, na Holanda, [45] a 26 de Dezembro de 1966.

## *Balanço de um expurgo.*

Na véspera da reabertura escolar de 1963, Monsenhor Lefebvre visita o grande escolasticado de Gemert (Holanda) e ministra uma segunda «vassourada» em Chevilly, aceitando a demissão do Reitor, o Padre Louis Ledit, e substituindo três professores em simultâneo. «Uma verdadeira purga», comenta o Padre Thibault. [46] E, no termo desse mesmo ano, fazendo suas as «inquietações expressas por Sua Santidade o Papa Paulo VI nas suas cartas apostólicas *Summi Dei Verbum*[47], Monsenhor redige uma nova carta aos provinciais e aos directores de grande escolasticado e de noviciado, [48] invocando a sua «grave responsabilidade de Superior Geral», bem como as suas actuais «inquietações devido às defecções nos escolasticados, [49] à pouca estima da vida religiosa e à incompreensão ou às falsas ideias sobre o Sacerdócio».

O quadro por ele traçado da situação existente em certas casas espiritanas é altamente perturbante: «Ruína da autoridade, liberdade desenfreada, direito de tudo julgar e criticar, falta de humildade. Mais respeito pelos confrades, pela autoridade e por eles mesmos. Mais modéstia na apresentação, nos olhares, nas leituras e na Televisão. (...) de onde provém a falta de espírito de piedade pessoal e profunda, para dar lugar a uma piedade colectiva e superficial? Provém do desprezo das tradições, do abandono do Latim e do Canto Gregoriano; provém do abandono da filosofia e da teologia escolástica.»

Todavia, o Superior Geral prevê também medidas concretas «com

---

[44] Carta aos directores dos grandes escolasticados, Abril 1963

[45] Arquivos fotos, Gemert, Holanda, MS. II, 39, 55-59

[46] MS. II, 45, 34

[47] Carta apostólica de 4 de Novembro 1963, AAS 55 (1963), 979 sq.

[48] Projecto manuscrito de carta, Arquivos Lefebvre Écône

[49] 76 defecções em 1964, outro tanto em 1965, num conjunto mundial de 850 grandes escolásticos, o que equivale a mais de metade em seis anos , duração mínima de estudos.

o objectivo de operar uma verdadeira «conversão e reconstituição», especialmente o envio de «visitadores encarregados de vir em socorro dos directores».

Este «auxílio», será que foi efectivamente proposto e ministrado? Nomeando para a direcção de Chevilly, na reabertura escolar de 1964, o Padre Georges Henri Thibault, Monsenhor Lefebvre reflecte: «Ele é jovem, inteligente e logrará paulatinamente eliminar os maus espíritos.» [50]

Ora, nós interrogámos o Padre Thibault, o qual respondeu francamente à nossa questão: – «Monsenhor Lefebvre forneceu-vos directivas?», perguntei. – «Não! Ele depositou confiança em mim. E eu decepcionei-o profundamente, desconfio». Insisto: – «Deu ele directivas aos professores?» – «Disso não estou recordado. Mon senhor Lefebvre era o tipo de pessoa que confia nos outros. Eu enganei-o adoptando métodos que não eram os seus: os escolásticos eram os meus irmãos, não os meus inferiores!» [51]

Esta confissão sincera revela a causa do fracasso da tentativa de reforma de Monsenhor Lefebvre: Este constituiu por vezes em autoridade homens que frustraram as suas expectativas. [52] Fosse um G. H. Thibault em Chevilly – que Monsenhor havia apreciado em Sébikotane como professor –, ou ainda um Roland Barq, outrora seminarista modelo em Mortain, o qual foi nomeado reitor do Seminário francês para suceder ao demissionário[53] Padre Henri Barre, Monsenhor sobrestimou neles a capacidade de exercer uma autoridade verdadeiramente paternal, quer dizer, forte e estruturante, sobrestimou a capacidade deles resistirem a um estrangulamento efectuado pela «nova teologia» e por métodos pedagógicos revolucionários. Os homens falharam a Monsenhor Lefebvre ou melhor, os homens atraiçoaram-no. O relato seguinte é muito expressivo. Um antigo aluno – e sacristão – do Colégio do Espirito Santo, sito perto de Aachen (Aix-la-Chapelle), lembra-se da primeira reforma litúrgica do Papa Paulo VI. Na véspera à tarde do dia 7 de Março de 1965, está montada uma mesa, que com uma pedra de Ara se torna um pouco pesada; por consequência, alguns alunos espantados vão ser obri-

[50] Monsenhor Lefebvre resposta a Monsenhor Philippe, Já citada.

[51] Entrevista em Chevilly, 9 de Novembro 1997, MS I, 46, 36-45; BG 723, 196

Cf. P. Muller, ecónomo da rua Lhomond, entrevista com o Abade J. Y. Cottard, MS II 20, 39.

[53] BG 710 (Julho-Agosto1963), 562-563. O P.Barq não foi nomeado por Monsenhor Lefebvre, mas proposto à Santa Sé pelos bispos franceses. Em compensação, foi Monsenhor Lefebvre que nomeou o Padre François Morvan para a direcção do escolasticado de Mortain: BG 704 (Julho-Agosto 1962), 172

gados a transportar aquela mesa para a igreja: No dia seguinte de manhã, o Padre Superior vai celebrar a primeira missa em Alemão e *versus populo* (voltado para o povo).

Alguns tempos depois, o colégio está de novo em alvoroço, o Superior Geral vem de visita! Eis o que relata o jovem sacristão de então: Quem sabe o que significa uma visita sabe por experiência todos os preparativos que a precedem. O que o Chefe não deve ver, escondemo-lo e, depois da sua partida, tira-se para fora do esconderijo. Sobretudo, que ele não veja nada! Tal era a ordem secreta em Broichweiden.

Colhemos de vários Padres a notícia de que nos chegava um Bispo ultraconservador. E o procedimento da dissimulação do verdadeiro comportamento quotidiano penetrava também na igreja-sacristia.

Para o dia da chegada de Monsenhor Lefebvre, tivemos de nos desembaraçar da mesa. Lembro-me ainda muito exactamente da dificuldade que tínhamos de içá-la e arrastá-la, durante o recreio ! Estávamos constrangidos a mandar descer a mesa para a cave através duma estreita escadaria. Lá com certeza, o chefe não iria visitar...

No dia seguinte, começou a visita. Todos os alunos vieram à Missa na igreja do convento, todos os Frades e os Padres lá foram também. Então começou o teatro. De propósito foi restabelecido o estrado de maneira conservadora e fomos obrigados a usar de novo a mesa de comunhão. Marcel Lefebvre celebrou a Santa Missa com o antigo Missal Romano. Trazia as luvas pontificais. A comunhão desenrolou-se assim: Beijava-se primeiro o anel do Bispo e depois a Hóstia era depositada na língua.

Para os alunos isso era novo. Porque doutra maneira, quando os Bispos missionários vinham de visita, celebravam a Missa tal como os sacerdotes. Vinham sentar-se connosco nas salas de recreio e falavam connosco. Não havia entre eles e nós reverência alguma nem complexos, como se diz hoje. A visita de Monsenhor Lefebvre apresentou-se muito diferente. Seria o efeito da descrição dos Padres? Em todo o caso, Monsenhor Lefebvre actuou como estranho e não fez muito para dissipar esta impressão.

Quando o chefe se foi embora, a «mesa» tinha de ser retirada da cave. Eu vim para Broichweiden porque quis ser missionário. Mas depois da visita Lefebvre, tomei consciência de que não podia viver numa Congregação capaz duma tal montagem teatral. Por fim, a autoridade moral dos Padres estava perdida. Um colegiano aspirante à vida consagrada com coração recto apenas se podia afastar de tais modelos ou pedagogos. Depois da Abitur (exame de saida do liceu), tornei-me sacerdote da Arquidiocese de Colónia» [54]

---

[54] Joseph Overath, Zwischen Missale Romanum und Sakramentarium Mimeographicum, ein Saktistan erlebt die Liturgiereform, em Theologisches

## *Um modo de governo contrastante*

Monsenhor Lefebvre não falava Alemão e os «bons Padres» de Broichweiden não estavam dispostos a deixar Lefebvre falar com os alunos mais do que os Jesuitas de Madagáscar...

Em todo os caso, esta imagem dum homem distante a altivo não corresponde àquela que os seus colaboradores próximos conservaram dele. Basta citar o historiador da Congregação, o Padre Koren, que descreve assim Monsenhor Lefebvre: «Grande e imponente, a face irradiante de afeição e de bondade, era ele a imagem dum chefe amado e amante» [55]

O Padre Michael O'Carroll, por sua parte, conheceu um «Belo homem, senhor de si, cortês, a suavidade em pessoa e espantosamente franco nas conversas, dizendo o que pensava, exprimindo tomadas de posição tão finas, tão acertadas..., e isso não obstante possuir uma voz duma grande doçura.» [56]

Um jovem sacerdote por ele ordenado sublinhava que «sob a expressão afável e muito cortês, ele era inflexível nas suas ideias».[57] Tal não agradava a alguns jovens confrades ou escolásticos prevenidos contra ele, que ao vê-lo, «todo unção, gentileza e duçura de palavra», sentiam «uma força de sedução» contra a qual era necessário precaução. [58]

Todas as testemunhas notaram em Monsenhor Lefebvre obstinação nas ideias, qualquer que fosse a oposição que elas lhe valessem e que nada o impressionavam. Definiram-no, diz Koren, como um «doce obstinado». Alguns denunciavam, por detrás da «teimosia» do Prelado, a vinculação a pontos de vista pessoais ou saudosistas: «era, diziam eles, a sua formação na escola do Padre Le Floch que constituía disso a causa», até mesmo, segundo alguns, «a sua formação maurrassiana».

Ainda que reconhecendo a «formidável coragem» do Arcebispo na asserção do seu pensamento face a tudo e contra tudo, um Michael O'Carroll acredita poder explicar: «Monsenhor Lefebvre estava de tal forma convencido, que dificilmente apreendia o posto de vista

---

Jahrgang 35, n° 12, Dez. 2005, P. 836-837

[55] Koren, 545

[56] Padre Michael O'Carroll CSSP. «Um sacerdote em tempo de mudança. P. 95; Entrevista com o padre L.P.Dubroeucq, 1997.

[57] Padre Bernard Boulanger CSSP, carta ao Padre JML, 21 de Março 1999

[58] Padre Michel Legrain, antigo professor em Chevilly, mantido no seu posto por Monsenhor Lefebvre; carta ao Abade JML, 30 de Novembro 1998; Cf. Padre O'Carroll, entrevista 9 de Maio 1998

alheio. Não era sua a falta, ele era feito assim, estava convencido de que tinha razão, possuía uma grande segurança de si; «em discussão com Monsenhor Lefebvre, seria mesmo por vezes perceptível um problema psicológico da sua parte.» [59]

A tenacidade de Monsenhor Lefebvre estava bem fundamentada. Verdadeiramente, é por se encontrarem enraizados na mais autêntica tradição, que os seus pontos de vista parecem tão acutilantes e originais; e as ideias mais pessoais não desordenam a rotina do «deixar-andar», senão mediante a audácia inovadora dum zelo edificador. [60]

Numerosos foram os homens, suficientemente rectos e desprovidos de preconceitos, para reconhecer em Monsenhor Lefebvre o oposto dum homem fechado; pelo contrário, um ser aberto, atento às realidades tanto como às pessoas. Um dos seus colaboradores no economato de Paris testemunha:

«Que género de Superior é ele?! Bondade e acolhimento, audição, rectidão. É uma felicidade trabalhar com ele; entre as suas mãos tudo consegue uma solução simples. Ele não se perde em detalhes e sempre voltamos encorajados». [61]

Um outro espiritano atesta com delicadeza:

«Ele sabia exprimir claramente o seu pensamento, irradiando a impressão duma inteligência das coisas concretas, tanto quanto as realidades se encontravam bem ordenadas no seu espírito e preparadas, sob forma de projectos diversos, até ao ponto de serem aparentemente contraditórios, mas dispostas para a execução sob a forma que exigia a sua percepção dos acontecimentos e a sua capacidade de avaliação da oportunidade a aproveitar.» [62]

Um outro colaborador, do economato da Suíça, sublinhou particularmente a perseverança do Prelado na consecução dos seus objectivos: «Denominávamo-lo «mão de ferro em luva de veludo». Ele nunca cedia. Possuía uma linha de conduta que tinha concebido, e então organizava.» [63]

Esta tenacidade realizadora desorientava e incomodava simultaneamente, pois refutava os doutrinadores de turno e contradizia os liberais incrustados, convencendo estes espíritos fortes de que eram, antes de tudo, espíritos falsos. Os infelizes que estavam infectados

---

[59] Padre Michel O'Carroll, entrevista 27 de Novembro 1997

[60] Cf. O nosso capitulo sobre Dakar e os métodos apostólicos de Monsenhor Lefebvre

[61] Padre Bernardo Aguillon CSSP, conversa mantida com o Abade Lacheteau, MS II, 68, 14-15, 32-33

[62] Padre Antoine Nibel CSSP, Carta ao Padre JML, 21 de Dez. 1998

[63] Fr. Christian Winckler CSSP, entrevista 1997, MS, I, 66, 28-31

por estes vícios espirituais sentiram frequentemente em Monsenhor Lefebvre o que eles tomaram por um bloqueamento psicológico, quando se tratava somente da reacção espontânea dum espírito são face aos impenitentes negadores de princípios. Como discutir efectivamente com aquele que nega a esses princípios o seu valor absoluto, ou lhes recusa a eficácia prática? [64] Era aí que a sua rápida intuição recalcitrava na disputa de verdades evidentes por demais.

Por outro lado, o seu grande respeito pelo próximo, conduzia-o a evitar todo e qualquer remoque penoso, que ofenderia a pessoa e causaria uma ruptura na cordialidade das relações. [65] Se Monsenhor Lefebvre dava a impressão de se furtar ao diálogo e parecia obstinar-se numa opinião pessoal, o interlocutor apenas devia atribuir culpas a si mesmo, acusando a sua própria confusão mental.

A falsidade de espírito atraía o silêncio resoluto do Prelado, a menos que por ser por demais petulante, tal falsidade suscitasse a sua indignação, numa síntese conveniente de verdades cruas, expressas de forma enérgica no ardor da exasperação. [66] Por vezes simplesmente ele cortava cerce dizendo:

«Falemos doutra coisa.» [67] ou então apelava à obediência sem discussão com um «Não vos é solicitado que penseis, mas somente que obedeçais.» [68]

Num outro sentido, a grande sensibilidade de Monsenhor Lefebvre, a sua atenção à pessoa dos seus subordinados, utilizava todas as delicadezas para fazer aceitar a este ou aquele uma modificação penosa.

«– Prestar-me-ia um bom serviço», dirá Monsenhor Lefebvre em pleno ano escolar ao Padre Joseph Michel, inteiramente ocupado a preparar uma biografia do padre Laval – Se aceitasse ir ao Seminário-Colégio da Martinica substituir o Superior.» [69]

Por vezes, o incómodo que Monsenhor experimentava ao anunciar uma modificação de situação ao interessado, ocasionava mal-entendidos: «Parabéns pela sua nomeação», ouviu dizer um Padre, «esperamo-lo com alegria.»

Ora, ele não havia sido avisado da sua deslocação para o Ultramar.

---

[64] Não podemos discutir com as pessoas, para quem não existe mais uma verdade imutável. (Entrevista com o Padre Marziac. I, 8)

[65] Padre Emanuel Duchalard, conversa de 28 de Junho 1998, p. 2

[66] MS, I, 57, 41-46; II, 4, 12-17

[67] MS I, 74, 45-48

[68] Béguerie art. Cit.

[69] Memoria espiritana, n°4, p. 79

Uma outra vez, foi Monsenhor Lefebvre, de passagem em Mortain, em 1966, que pronunciou, no fim da refeição, um pequeno discurso, que concluiu assim:

«Já que estou aqui, tenho uma novidade a dar-vos: vou apresentar--vos o vosso novo Superior.»

Toda a mesa dos professores ficou estupefacta, porque ninguém, nem mesmo o Superior em exercício das suas funções, havia sido advertido da mudança. [70]

Para compreender este contexto, é necessário ter na devida conta que Marcel Lefebvre não tinha efectuado os seus seis ou sete anos de estudos num escolasticado da Congregação. Possuía também escasso conhecimento dos confrades, daquele conhecimento pessoal que ajuda a limar as arestas e a saber em quem confiar. [71]

As suas grandes decisões foram mais meritórias. É o caso da deslocação da Casa Generalícia de Paris para Roma, seguindo o desejo do seu predecessor, bem como o voto[72] do Capítulo Geral de 1962. Certos confrades censuram-no por haver operado esta transferência; mas ele Monsenhor Lefebvre, por um lado, sentia-se mais à vontade em Roma, como Romano, de espírito e de coração, do que na Paris do Instituto Católico, de São Sulpicio, etc., ganhos pelo progressismo; por outro lado, ele pretendia que a Casa Generalícia estivesse situada na capital da Cristandade, junto do Papa e das Congregações romanas. [73]

Ele teve para isso de solicitar uma derrogação especial da parte do General De Gaulle,[74] com o objectivo de que a Congregação do Espírito Santo fosse considerada, apesar de tudo, como mantendo a sua sede social em Paris, e continuasse assim a beneficiar do reconhecimento ininterrupto da parte da lei francesa.

A casa adquirida em Roma estava situada sobre os flancos do Monte Mário, numa localização ideal pela sua calmaria e proximidade do Vaticano. Envolvida por um belo Parque e suficientemente vasta para acolher trinta pessoas, ela havia sido uma escola de Irmãs, da Sociedade de Maria Auxiliadora, Congregação fundada em Paris em 1854 por Maria Teresa Soubiran (1834-1889)

Monsenhor Lefebvre dirigiu a disposição da nova Casa Generalícia,[75] a fim de a tornar plenamente funcional. A instalação no Monte

---

[70] MS I, 34, 24-27; Padre Duchalard, E. 1-2; BG 725, 18

[71] PHLH, 88

[72] Estatutos espiritanos, p. 22*

[73] BG, 730, 234 (Aviso do mês, 7 de Novembro de 1966)

[74] O'Carroll, 96-97; BG 708, 438

[75] Conversa com A. Cagnon, p. 65; BG. 729, 158

Mário foi terminada em 14 de Setembro de 1966, data na qual todo o pessoal foi transferido para lá; todavia, no seu zelo impaciente, o Superior Geral já se havia aí estabelecido no dia 15 de Julho. A Procuradoria, no «Corso d'Itália», permanecia distinta, e Monsenhor Lefebvre ali tinha substituído o Padre Lecuyer, pelo qual não tinha muita simpatia[76], pelo Padre Matthew Favilly, no qual depositava total confiança. [77]

## *Um governo desacreditado e caluniado*

Entretanto a oposição a Monsenhor Lefebvre no seio dum grupo de padres franceses não parava de aumentar. Alguns Padres preferiram mesmo deixar a Congregação a permanecerem sob a autoridade dum Superior que não secundavam nas suas tomadas de posição. [78] Eram eles oito e o Prelado tudo fez para evitar a sua partida, a qual irradiava um muito mau exemplo.

Durante a primeira Sessão do Concílio, um grupo de dez Bispos espiritanos veio falar a Monsenhor Lefebvre, em Santa Narta, e Monsenhor Jean Gay foi escolhido para encetar o diálogo:

«Nós estamos incomodados com que, sendo vós o Superior Geral da congregação, tomeis publicamente a palavra, no Concílio, a esse título.»

Monsenhor Lefebvre escutava, deixava falar, esperava-se uma discussão, uma disputa; ora não houve nada de semelhante. No fim, o Prelado diz simplesmente: «Vou dizer-vos uma coisa: eu não obrigo nenhum de vós a votar desta ou daquela maneira. Vós tendes a vossa consciência, segui-a, eu tenho a minha.» [79]

A impressão causada era evidente: Monsenhor recusa o diálogo. Todavia, o fosso era por demais profundo e uma discussão teria envenenado o relacionamento sem nada fazer avançar.

O Arcebispo relata a esse respeito um incidente revelador:

«O Seminário Francês, onde se encontravam alojados um bom número de Bispos de França, pertence à Congregação. Quando ali ia, presidia naturalmente à mesa na minha qualidade de Superior Geral. E depois num belo dia vejo-me numa outra mesa, sentado

---

[76] Lecuyer nomeado perito no Concílio por João XXIII (BG 705, 230) era um teólogo apreciado por Paulo VI

[77] No dia 29 de Junho 1966, BG 728, 132

[78] MS. I, 34, 31-36; 80, 1-5; Guadeloupe 2000, Abril 2002, p. 88. Entre eles, encontravam-se os G Padres Béguerie, Fourmond, Pierre Fertin. Tratava-se sobretudo das intervenções públicas de Monsenhor Lefebvre no Concílio

[79] Monsenhor de Milleville, conversa em Chevilly, 1 de Fevereiro de 1997, MS. I, 40, 48-55

com os Bispos. Contudo encontrava-me em minha casa! Sendo assim, não voltei a aparecer por lá»[80]

No fim da segunda Sessão Conciliar, em Dezembro de 1963, os mesmos Bispos missionários, sob a assinatura de Monsenhor Hascher,[81] fizeram-se eco das lamentações do próprio grupo de Padres, reprovando a Monsenhor Lefebvre: o seu apoio à *Verbe*; a sua designação do Padre Berto, não espiritano, como seu teólogo no Concílio; a sua circular àcerca do uso da sotaina; o seu isolamento em relação aos «Bispos de França».

Em Abril de 1964, o Padre Hirtz escreveu-lhe manifestando «os seus sofrimentos e a sua ansiedade» e, em Maio de 1964, os superiores provinciais e principais, reunidos na Casa Generalícia, ainda que reconhecendo-lhe o direito de exprimir «as suas ideias pessoais» no Concílio, solicitavam-lhe que não as impusesse à Congregação, sobretudo tendo em conta que tais ideias se opunham à maioria dos padres conciliares. Finalmente, em Agosto de 1964, dez padres retirados em Chevilly, e apesar da oposição de outros vinte, escreveram uma carta a Monsenhor Lefebvre no mesmo sentido.

O Padre Joseph Lecuyer coligiu estas queixas e outras ainda: autoritarismo, ausência das consultas requeridas pelas constituições para tomar decisões, governo exercido na base de pontos de vista pessoais, imposições de perspectivas e ideias próprias àcerca da língua litúrgica e da colegialidade, tomadas de posição contrárias às «decisões do Episcopado francês», o qual se arriscava a perder a confiança que depositava no Seminário francês. Finalmente, receio de que Monsenhor Lefebvre não aplicasse as decisões conciliares.[82]

Remetido ao Papa Paulo VI, o «*Dossier* Lefebvre» foi examinado pela Sagrada Congregação dos Religiosos, que solicitou explicações ao Superior Geral.

Monsenhor Lefebvre não encontrou nenhuma dificuldade em refutar esta urdidura de censuras ineptas, por vezes malevolentes ou caluniosas. A sua defesa, escrita no dia 28 de Dezembro de 1965, dirigida a Monsenhor Paul Philippe, faz ressaltar, muito pelo contrário, a sua grande preocupação em consultar os confrades mediante

---

[80] Entrevista Cagnon, 72; Fideliter n° 59 p. 52; BG 709, 540-544

[81] O qual confessou de seguida a Monsenhor Lefebvre «ter sido empurrado por outros, ainda que ele aprovasse plenamente a sua maneira de agir e pensar» (respostas de Mons. Lefebvre a Monsenhor Paul Philippe, 28 de Dezembro 1965).

[82] Carta da Sagrada Congregação dos religiosos (Mons. Paul Philippe, secretário) à Monsenhor Lefebvre. 9 de Dezembro de 1965

a criação e a multiplicação de reuniões dos diversos superiores, bem como a sua vontade de aplicar não ideias pessoais, mas «os princípios fundamentais da formação religiosa e sacerdotal». Finalmente, sublinha Monsenhor Lefebvre que as queixas provêm dum pequeno grupo de Padres, já em situação de rebelião à direcção da Congregação durante o mandato do seu predecessor, e que aproveitaram a ocasião oferecida pelo Concílio, para fazerem prevalecer tendências já antigas.

Assistia-se portanto a uma reedição da manobra que noutros tempos tinha conduzido à demissão do Padre Le Floch do Seminário francês: o mesmo espírito liberal e modernizante, a mesma malícia amalgamante, o mesmo recurso à Santa Sé. Todavia, a defesa de Monsenhor Lefebvre, pela carta de 28 de Dezembro, satisfez inteiramente Monsenhor Philippe. Monsenhor Lefebvre ali se justificava para além da sua acção no Concílio: combater um esquema, será um pecado? Não, «parece-me bem que tal constitui um trabalho positivo, este de melhorar um texto», e «eu não vejo porque razão se coagiriam todos os Bispos a alinhar com o pensamento de alguns Bispos, mesmo os mais influentes; tal constituiria uma tirania inverosímil».

E afirmava:

> «A maioria dos Bispos e dos Padres espiritanos aprovam-me inteiramente na condução da Congregação e nas concepções que me inspiram nessa condução. Eles sabem perfeitamente que a minha submissão a Roma é total, sem restrições, que eu estou inteiramente disposto a seguir as orientações que forem outorgadas pelo Concílio, tal como o tenho provado desde a inauguração do mesmo».

O Papa Paulo VI declarou-se satisfeito com a resposta do Arcebispo, e recebendo-o em audiência, propôs a Monsenhor Lefebvre:

– Quer que eu escreva uma carta a todos os membros da Vossa Congregação solicitando-lhes a submissão?

– Não, Santíssimo Padre – respondeu o Prelado

– se no vosso espírito não reconheceis valor a estas acusações, é tudo o que eu solicito. Se os meus confrades pensam que vim solicitar-vos o apoio à estabilização da minha autoridade, então não insistirei nesse ponto.» [83]

## 3. Por uma organização adaptada

Monsenhor Lefebvre vai portanto «manter-se», e um aspecto em que logrará bom êxito, esse será precisamente o da reorganização da

[83]Monsenhor Lefebvre, entrevista com André Cagnon para Fideliter n° 59

sociedade, decidida pelo Capítulo de 1962, para adaptar a actividade espiritana às novas circunstâncias: Mais de cinco mil membros professos, [84] número jamais atingido, mas decréscimo de vocações. Será portanto necessário descentralizar a autoridade, confiando as nomeações à responsabilidade dos provinciais, mas analogamente reagrupar o pessoal operando nos distritos de missões, bem como desenvolver o recrutamento nas velhas províncias. O Superior Geral, na fidelidade aos objectivos da Congregação, saberá propor e aplicar concepções pessoais, mas sempre tradicionais.

## *Organização e recrutamento nas províncias* [85]

Assistentes permanentes são instituídos nas províncias, permitindo aos provinciais circularem. Serviços distintos e eficazes são criados em cada província (França, Irlanda, Portugal, Alemanha, Estados Unidos, Holanda, Bélgica, Canadá, Polónia e vice-Província da Suíça): educação (formação de professores para os colégios e pequenos escolasticados), propaganda e recrutamento, economato («mais vale contar com uma ajuda regular de benfeitores, do que com frutos de exploração agrícolas ou industriais»), arquivos, revistas (que serão várias vezes remodeladas ou fundidas com as de outras congregações, o que denota mal-estar), visitadores, enfim, das províncias, nos distritos confiados aos cuidados de cada um, para informação.

Além disso, conformemente aos votos dos capítulos precedentes, os serviços das províncias de França encontram-se racionalmente reforçados. Uma jigajoga fez regressar a Sede Provincial à Rua Lhomond e emigrar a Casa Generalícia para a Rua dos Pirenéus, [86] e posteriormente, em 1966, para Roma.

Irá ser necessário encerrar certos pequenos escolasticados que apenas possuem alguns alunos; em compensação, Monsenhor Lefebvre conserva-lhes a Instituição, [87] visto que o maior número de noviços provém desses escolasticados: a totalidade em Portugal e na Suíça, dois terços em França. Igualmente, «apesar da opinião contrária que considera que esta fórmula se encontra ultrapassada» porque parece que as vocações não se afirmam hodiernamente tão

---

[84] 5100 membros (Padres irmãos e escolásticos) em Dezembro 1963; BG 715, 933 Haverá 5075 em Dezembro 1965: A descida manifesta-se já; BG 727, 122

[85] Carta aos provinciais, 28 de Outubro 1962; BG 708, 465.

[86] BG 708, 454

[87] Ainda que a maioria dos alunos não possuam motivação missionária real;

cedo como outrora, a Monsenhor Lefebvre afigura-se que «suprimir hoje os pequenos escolasticados constituiria um suicídio para a Congregação» [88]

A função dos padres «recrutadores» apresenta-se como vital para o futuro do instituto; desse modo o Superior Geral especifica os seus deveres: «Eles empregarão em primeiro lugar, os meios sobrenaturais: oração, sacrifício, arrostar com as dificuldades».

«É necessário conquistar as vocações, as verdadeiras vocações, por meio do sacrifício e da oração»

Subsequentemente empregar-se-ão «os melhores meios naturais: imprensa, rádio, filmes, exposições missionárias, mas sobretudo pregações, conferências, contactos com os Bispos, os párocos e os capelães de liceus, as famílias. Tudo isso solicita uma forte organização de verdadeiros apóstolos vivendo em comunidade. [89]

## *Reorganização adaptada dos distritos missionários.*

Os distritos missionários vivem igualmente uma situação nova que Monsenhor Lefebvre, como se viu, contribuiu para criar, mediante as suas representações vanguardistas, desterrando como caduco, num prazo mais ou menos breve, o sistema de prefeituras e vicariatos apostólicos confiados a uma só congregação missionária, favorecendo um sistema de verdadeiras dioceses, no seio das quais nascem uma pluralidade de institutos religiosos bem como um clero indígena crescente.

É sem razão que o «grupo dos quarenta», do qual já falámos, acredita ter «desenganchado a Lua», arquitectando teorias e projectos. Monsenhor Lefebvre pensou, antes deles, e vai saber, sem eles, concretizar os seus objectivos, simultaneamente realistas e profundamente doutrinais. [90]

Nos distritos espiritanos da missão, o bispado tornado plural não mais constitui o centro espiritano de outrora. O Superior Geral solicita portanto aos Bispos que autorizem a criação duma «residência espiritana» em cada país, no qual os Espiritanos possam periodicamente reencontrar-se entre eles; e, com a Congregação, os Bispos assinam contratos, concebidos por Monsenhor Lefebvre, auxiliado

---

Cf. Relatório sobre o pequeno escolasticado belga de Gentimes.

[88] Reflexões sobre os pequenos escolasticados, 1966

[89] Projectos de reorganização do recrutamento da província de França, 8 de Março 1863; Carta aos provinciais, Maio 1963

[90] Projecto de contrato com os ordinários africanos, 20 de Setembro 1962; carta aos Ordinários e Superiores dos distritos, 19 de Agosto de 1965; BG 714, 835

pelo Padre Lambertus Vogel, os quais precisam a natureza, os locais, a duração e o financiamento das actividades dos Espiritanos, e reconhecem a autoridade religiosa dos «Superiores principais» sobre os seus súbditos. Monsenhor Lefebvre solicita aos Ordinários,[91] que confiem ao menos uma paróquia urbana à Congregação, além das estações da selva, as quais devem – segundo o objectivo do Instituto – ser implantadas nos sectores mais desfavorecidos, tendo em devida conta, entretanto, o envelhecimento dos missionários.

Todavia, a diminuição do pessoal em relação à crescente população católica,[92] exige um reagrupamento de sacerdotes para assegurar a sua vida de comunidade, sobre a qual insiste Monsenhor Lefebvre; estações, irão portanto passar para as mãos do clero indígena. Analogamente, os Irmãos serão reagrupados em equipas eficazes e móveis.

Finalmente, visto que a Congregação não pode fazer vir das províncias um número suficiente de missionários, devem os Ordinários de África aceitar que a Congregação do Espírito Santo recrute religiosos missionários na própria terra africana. Funciona já na Nigéria um frutuoso noviciado e escolasticado espiritano, cujos recrutas, uma vez sacerdotes,[93] serão enviados como missionários, mesmo para países que não são os deles. Seria sem razão, estima Monsenhor Lefebvre, que este recrutamento espiritano autóctone fosse considerado como uma concorrência efectuada aos Seminários indígenas. «Constituiria antes», diz monsenhor Lefebvre, «um timbre de cristandades vivas e generosas».

> «Sejamos realistas, conclui ele; face às dificuldades presentes, façamos um apelo ao Espírito de sabedoria e de caridade – a um espírito de Igreja».

E o Prelado encarrega o Padre Vogel de recordar o bem fundado doutrinal, de fé divina segundo o Concílio Vaticano I, da presença dos institutos missionários no seio das dioceses dos países de missão: tal não constitui uma «intromissão de estrangeiros»,[94] pois que:

> «Os religiosos, ou outros sacerdotes enviados pelo Papa a uma diocese ou mantidos por sua ordem, encontram-se de pleno direito na Diocese, que constitui em primeiro lugar a diocese do Papa, antes de ser a diocese do Bispo.»[95]
> Verdade forte e oportuna!

[91] Quer dizer os bispos ou os vigários e prefeitos apostólicos
[92] 50000 novos católicos por ano no único território d'Oweny e Onitsba, na Nigeria
[93] Quatro novos padres ordenados por Monsenhor Lefebvre no Pentecostes de 1965
[94] Mesmo quando um Vicariato apostólico (do Papa) se torna diocese, cujo bispo deixa de ser simples vigário do Papa
[95] BG 714 (Março-Abril 1964), 834

## *Encorajamento aos missionários perseguidos*

O Superiorato Geral de Monsenhor Lefebvre coincide com novas perseguições dirigidas contra a Igreja, em diversos países onde os Espiritanos vão inaugurando as suas casas.

No seu «avisos do Mês» de Setembro de 1964, Monsenhor Lefebvre evoca esta situação, que ele havia previsto desde antes das independências, nas novas repúblicas africanas submetidas aos manejos comunistas.

> «Meus caros confrades», escreve Monsenhor Lefebvre, «no momento em que os nossos irmãos belgas, que permanecem nas regiões ocupadas pelos mulelistas, sofrem perseguições, recordando-nos o doloroso evento dos queridos confrades massacrados no Kongolo, [96] enquanto que os nossos irmãos na Polónia padecem incessantemente uma perseguição que poderia denominar-se como cientificamente organizada, e em que, em numerosos Países, missionários são objecto de vexames, de ameaças de expulsão, será então bom reavivarmos em nós a fé da nossa vocação.» [97]

A Congregação do Espírito Santo vai também conhecer as expulsões do Haiti, [98] a confiscação de escolas no Congo Brazzaville (Agosto de 1965), bem como as expulsões da Guiné. Nesta última ocasião, Monsenhor Lefebvre deslocar-se-á especialmente de Roma a Paris para ali proceder ao acolhimento, à sua descida do avião, dos missionários expulsos em Maio de 1967. Em breve ocorrerão os sofrimentos da Guerra do Biafra (1967-1970). [99]

> «É evidente aos olhos da fé», escreve então o Superior Geral, em 1964, «que os sofrimentos padecidos, no passado e no presente, pelos nossos confrades, se enquadram perfeitamente na conformidade e na semelhança com Nosso Senhor.»

E Monsenhor Lefebvre não hesita em concluir que os missionários perseguidos «mesmo pelo único motivo da sua origem estrangeira, têm direito ao título de mártires» na exacta medida em que «a única razão da sua presença se consubstancia na fé em Nosso Senhor Jesus Cristo e na Sua Igreja».

---

[96] No decurso da guerra do Katanga (Congo Belga) 20 padres espiritanos originários da Bélgica, tinham sido massacrados por uma tropa governamental, no dia primeiro de Janeiro de 1962. BG 701; Koren, 478-481.

[97] BG 717, 1015-1054

[98] Sob a ditadura de Duvalier, «Papa doc», que havia iniciado a perseguição em 1961. Koren 485

[99] Cf. Koren , 565-575.

A mensagem foi bem recebida pelos Espiritanos, experimentados por estes desmandos. Consequentemente, o Padre Brombeeck, Superior religioso em Pointe-Noire (Congo-Brazzaville), escrevia no dia 8 de Janeiro de 1965 aos seus subordinados, ainda sob o choque das nacionalizações: «Em face destes acontecimentos, muitos de entre vós souberam encontrar a atitude a adoptar. O nosso dever é de ficar, de trabalhar na calma, de conservar elevada a nossa força moral. Nesse enquadramento, me escreve um de vós:

"Nós prosseguimos o nosso ministério desencarnado,[100] inteiramente espiritual. Nós desempenhamos a função de testemunhas pelo exemplo da nossa vida, e pela nossa existência repassada de oração e de recolhimento: tal constitui também um apostolado; e, ao menos esse, não no-lo poderão atacar."

Pelo vosso comportamento prático, eu vos remeto ao artigo "estratégia missionária" em Cor Unum,[101] de Outubro de 1964.

Quanto àqueles que têm necessidade dum suplemento de encorajamento, recomendo instantemente que meditem o último "aviso do mês" de Monsenhor L. R. P.: Ball. Gen. N° 717, sendo que cada parágrafo é actual e encontra a sua aplicação»[102]

## *Viagens do Superior Geral*

À sua palavra, associa o Superior Geral a visita das províncias e dos distritos, e não somente pelos provinciais, mas por si mesmo, e sem cessar, por outro tanto, de dirigir a Congregação e de preparar as Sessões conciliares. Fica-se assombrado com a incansável actividade multiforme de Monsenhor Lefebvre, que dele requer uma perfeita gestão do seu tempo e do trabalho dos seus colaboradores.

Um breve quadro destas viagens de visita, fornecer-nos-á uma ideia desta actividade:

- Setembro 1962, Portugal;
- Janeiro-Março1963, França, escolasticados e noviciados, assistência em Tulle à Sagração do seu sucessor, Monsenhor Henry Donze;
- Abril, Espanha (reimplantação dum escolasticado);
- Maio-Julho, Estados Unidos, Universidade Duquesne, em Pittsburgh, visita ao Bispo Monsenhor John Wright, Noviciado de Ridgefield, escolasticado de Ferndale, Colégio de Cornwells. Existem oitenta casas espiritanas,

[100] Quer dizer, privado da obra escolar tão essencial à missão.
[101] Boletim interno dos espiritanos.
[102] Pannier, 175-176

das quais cinquenta e duas paróquias dedicadas aos negros; daí a decisão tomada no dia 1 de Janeiro de 1964, de dividir em dois o Distrito;

– depois, Trinidade (centenário do Colégio, Guiana, Antilhas e Inglaterra);
– Julho de 1963, Quénia (Centenário das missões espiritanas na África Oriental);
– Fevereiro-Março 1964, Nigéria. Mais tarde, Irlanda; Centenário do Colégio de Rock Well, onde Monsenhor Lefebvre pontificou no faldistório em presença do Cardeal Browne e reencontrou Monsenhor Me Quaid, o Padre Griffin, bem como o Presidente Eamon de Valera (o qual o ajudará à Santa Missa); visitará ainda a Inglaterra (escolasticado de Mother Well);
– Dezembro, Bethléem (África do Sul), onde nota: «os Padres são felizes, trabalham bem, entretanto nalguns jovens amanhece um certo espírito de novidade»; Ilhas Maurícias (Centenário do Padre Javal) e Ilha Reunião;
– Janeiro-Fevereiro 1965, Angola, onde observa que «os Negros não podem fazer baptizar os seus filhos nas paróquias urbanas destinadas aos Europeus... Ora, isto parece-me verdadeiramente intolerável»; Cabinda; Serra Leoa (Centenário: estabelecer a residência espiritana e a paróquia espiritana, bem como obter do Bispo igualmente a constituição dum pequeno escolasticado), Ilhas de Cabo Verde;
– Junho 1965, Nigéria (Ordenação sacerdotal de escolásticos formados no próprio local);
– Junho 1966, Camarões;
– Junho-Agosto de 1967, Trinidad (Novo escolasticado), Brasil, sobretudo Amazónia e Sul[103], Manaus (Paróquia), Belém (procuradoria), Téfé (prelatura confiada aos espiritanos holandeses), cujo Superior principal, residente em Manaus, negligenciara Téfé, e cujo Prelado, Monsenhor Joaquim de Lange, é criticado sem razão pelos holandeses de passagem, como «pouco moderno»; Carauary; Itamarity; Cruzeiro do Sul (Seis missões de espiritanos alemães)
– Monsenhor Hascher acaba de transmitir a Diocese, quer dizer, a prefeitura de Juruá, a Monsenhor Ruth). Monsenhor Lefebvre nota: «Nós poderíamos ter muitas vocações

[103] BG 736, 438 sq.; 737, 42 sq.

se o Superior se preocupasse em fundar um pequeno escolasticado»

Posteriormente, Sudoeste do País: distritos de Florida Paulista (Padres irlandeses que dirigem o Seminário de Emilianopolis – Santo Deus! –, demasiado isolado; São Paulo e Santa Catarina (Padres alemães que dirigem a Paróquia de Blumenau, e o Seminário e Noviciado das Irmãs de la Salette, inteiramente novo, mas afastado de tudo); ali se discute uma nova repartição mais racional e mais missionária.

A partir dali, visita a Belo Horizonte, Itauna e Divinopolis, onde Monsenhor Lefebvre estava chocado com o porte relaxado dos escolásticos dirigidos pelos Padres holandeses. Solicita que tal seja rectificado e aguenta uma recusa. [104]

A viagem incluiu um salto à Colômbia e uma visita ao Paraguay (aldeia de Lima, onde Monsenhor Lefebvre permanece três dias, admirando a boa ordem da Missão; Arequipa, Assumpción e Concepción).

Por todo o lado, ele ministra aos espiritanos uma conferência espiritual com notícias àcerca da Congregação. Monsenhor Lefebvre possui golpe de vista e propõe medidas organizativas; simultaneamente, insiste na prioridade dos meios sobrenaturais, sobre a boa preparação das almas para recepção dos sacramentos, na fidelidade aos tempos de oração pessoal e comunitária, bem como no porte do Hábito religioso. Santo Deus! Dois missionários solicitam já a sua redução ao estado laico;

– Dezembro de 1967, Portugal;
– Março de 1968, Trinidad.

## 4. - Vida religiosa e apostolado

### *O porte da sotaina.*

A primeira tomada de posição do Superior Geral, no que à vida religiosa se refere, teve por objecto, de forma muito prática, o porte do hábito religioso e sacerdotal. Monsenhor Lefebvre – que não era «todo duma peça só» mas frequentemente todo de contrastes[105]

---

[104] Notas manuscritas sobre as suas viagens; Jos. Lefebvre, MS I, 45, 59-56
[105] Michel Lefebvre, entrevista de 28 de Abril 1997, MS II, 11.

– tinha escrito ao Cardeal Tardini e comunicado ao Padre Bussard,[106] que a sotaina ou o *clergymen* ser-lhe-ia «bastante indiferente» se uma simples cruz usada ostensivamente sobre o clergyman fosse universalmente admitido como distintivo da condição de sacerdote católico. [107]

Mas em 1962, quando Monsenhor Lefebvre era Bispo de Tulle, durante a reunião de Bispos do Sudoeste, ficou escandalizado, como a maioria dos seus colegas, pelo facto do Cardeal Richaud transmitir a sugestão de Paris» de acabar com a sotaina», considerada «incomodativa» e de paulatinamente fazer compreender isso aos Padres.[108]

Superior Geral de uma sociedade internacional, Monsenhor Lefebvre admite muito bem o *clergyman* para as viagens, assim como nos países anglo-saxónicos, onde a sotaina não constitui um uso como vestimenta de cidade.

Em Junho de 1962, duma maneira geral os Bispos franceses decidem autorizar o uso do *clergyman*. Ora, no espaço de alguns meses, verifica Monsenhor Lefebvre que esta autorização se encontra «completamente ultrapassada» e que ela constitui de facto ocasião, «em muitas dioceses, para o abandono de todo e qualquer sinal distintivo de estado clerical», através do uso da indumentária dos leigos. Assim, na altura duma reunião sacerdotal à volta do Bispo de Sãez, na Normandia, o Bispo, no final, atrapalhava-se numa confusão de palavras que não terminavam e acabou por dizer: «tendes doravante a autorização de vestir o *clergyman* e até a indumentária civil. Daí uma gargalhada geral: já todos estavam a par daquela notícia. No dia seguinte, de manhã, todos andavam já à civil, salvo o Padre Caillon, que relata o sucedido e acrescenta: um ano mais tarde, o Seminário de Sãez estava encerrado. [109] Monsenhor Lefebvre decide-se então a redigir uma circular aos confrades, «a respeito do porte da sotaina[110]», mesmo estando convenientemente elucidado de que alguns espiritanos não a tomariam em conta.

Esta carta constitui um documento notável pela sua profunda argumentação espiritual: «O *clergyman* é o trajo que identificaria uma

---

[106] Carta ao Cardeal Tardini, 26 de Fevereiro de 1960; ROMEC, 49; Fideliter n°140, p. 20; MS. I, 14, 30-40.

[107] Para proceder à distinção entre sacerdote católico e pastor protestante.

[108] RETREC 57 A, 1 de Fevereiro 1983; COSPEC 140 A e B, 9 de Fevereiro 1991

[109] Testemunho do Padre Guy Castelain, Écône, 6 de Julho 2004

[110] Carta de 11 de Fevereiro 1963, BG 707, 328 sq.; Fideliter n° 59, 93-94; LPE, 175-182

pessoa consagrada a Deus, mas com o mínimo de sinais visíveis». Mas poderá propor-se um mínimo, quando se trata de religiosos, de quem Nosso Senhor Jesus Cristo afirmou «vós não sois do mundo» (João 15, 19), bem como de sacerdotes *ex hominibus assumpti*, separados de entre os homens (He 5, 1), ou ainda se refira o apóstolo enviado ao seio do mundo por meio desta palavra do Senhor «Vós sereis minhas testemunhas» (Act. 1, 8)! Ora, precisamente a sotaina persegue estes dois fins, marcando a separação do mundo, assim como o testemunho prestado a Nosso Senhor»

E logo o Superior Geral se torna incisivo, manifestando-se a autoridade episcopal: «A indumentária leiga, o desaparecimento de todo e qualquer testemunho, através do vestir, apresenta-se claramente como uma falta de fé no sacerdócio, uma depreciação do sentido religioso do nosso próximo, e finalmente uma frouxidão, uma falta de coragem nas convicções.»

Desenvolvendo estas três ofensas, denuncia Monsenhor Lefebvre o «desejo de alinhar com o mundo laicizado, descristianizado»; mostra que «é conhecer mal a alma humana acreditar que ela se revela indiferente às coisas do espírito e ao desejo das realidades celestes» e sublinha que «o padre constitui uma pregação viva através da sotaina» e, igualmente, que «a ausência aparente de todo e qualquer sacerdote numa grande cidade» constitui «um grave recuo da pregação do Evangelho».

Extensas passagens deste texto são publicadas pelo *Mundo* do dia 19 de Abril, *Rivarol* de 9 de Maio, etc. A carta cai no domínio público e Monsenhor Lefebvre procede a sua impressão e envia-a a numerosos clérigos, leigos, e publicações que a reclamam. O Cardeal Ottaviani endereça a Monsenhor Lefebvre as suas felicitações no dia 9 de Maio.

É inútil acrescentar que esta tomada de posição, acarretará a Monsenhor Lefebvre muitas simpatias, mas igualmente muitas inimizades. O importante para ele é combater o mal e dizer a verdade, *oportune, importune* (oportuna e inoportunamente), como exorta São Paulo (2 Tim. 4, 1-2).

### *Defensor da vida religiosa dos seus missionários*

Quer na sua carta aos membros da Congregação, quer nos seus «avisos do mês» do boletim geral que ele tornou bilingue, francês e

inglês (iniciativa apreciada pelos anglófonos), Monsenhor Lefebvre constitui-se o defensor da vida religiosa dos seus missionários, haurindo – como ele afirma – nas fontes da tradição da Santa igreja. Falando, na sua primeira carta aos membros, da «nossa pertença à Igreja», Monsenhor Lefebvre exprime a vontade de que não haja lugar para as nossas próprias ideias, mas que todas as nossas ideias sejam as da Igreja e do Papa».[111] Afirma-se preocupado em fazer «haurir como aos nossos predecessores, das verdadeiras fontes de piedade, da fé no Santo Sacrifício da Missa». [112] Aos directores de grandes escolasticados, Monsenhor Lefebvre solicita para fazerem dos seus jovens levitas almas verdadeiramente sacerdotais», diligenciando «assemelhar-se ao Sacerdote por excelência na sua obediência, na sua simplicidade, na sua caridade forte e condescendente.» [113]

Desde o início, Monsenhor Lefebvre assesta as suas armas contra um mau espírito que promove a depreciação da vida religiosa. Sob o pretexto que o Venerável Libermann concebeu a sua Congregação como um instituto de padres missionários e não primeiramente como religiosos, posto que todos os membros, sacerdotes ou irmãos, sejam religiosos pelos seus três votos, alguns argumentam: «Nós somos, antes de tudo, missionários», enquanto que outros reagem afirmando «Não! Nós somos antes de tudo, religiosos». Monsenhor Lefebvre dirime «esta vã discussão que, diz ele, manifesta, em simultâneo, uma incompreensão da vida religiosa, bem como da vida apostólica». Ele explica:

> «Uma alma perfeitamente caracterizada pelo dom da piedade, concedido em abundância no estado sacerdotal e na vida religiosa, estará sequioso de religião, de vida religiosa, quer dizer: de adoração, de devoção, de oração.»

Ora, o objectivo do apostolado outro não é senão o «fazer reviver nos homens a virtude de religião, sob a influência das virtudes da Fé, Esperança e Caridade». Desde logo, não haverá oposição, nem separação entre a vida religiosa e a vida apostólica: «A vida contemplativa é essencialmente activa», afirma o Prelado numa síntese arrebatadora, pretendendo declarar que é a vida contemplativa e religiosa que, por extensão, se constitui activa e apostólica, «alimentando-se das mesmas matrizes e possuindo idêntico escopo» [114].

Esta unidade do sacerdote e do religioso, estava incorporada

---

[111] Carta aos membros, 11 de Outubro 1962, LPE, 169

[112] BG 711 (Setembro-Outubro 1963), 604

[113] Carta aos directores dos grandes escolasticados, 1963.

[114] Carta aos membros, LPE, 173

no espírito de Monsenhor Lefebvre desde há muito, tendo-lhe sido todavia necessário voltar à carga em 1964, para inculcá-la nos confrades, citando Paulo VI, que afirmou:

«Estai profundamente convencidos da preeminência da vida interior sobre a vida activa. Vós estais destinados à conquista espiritual do mundo (...) sem vos assimilardes ao mundo. São Bernardo de Claraval (...) relembra ao homem apostólico: "Se tu és Sábio, és um reservatório e não um canal», porque o canal permite simplesmente o escoamento da água sem dela conservar uma só gota, enquanto que o reservatório começa por se locupletar para depois extravasar o seu excesso" E o Papa conclui:

«Vós nutrireis esta vida interior e preservá-la-eis da usura da acção, permanecendo fiéis à meditação.» [115]

E no fim do mesmo ano, o Superior Geral insiste, citando ainda Paulo VI:

«Não leveis a vida religiosa como um fardo ou um obstáculo à vida apostólica! [116]»

Fiel à pobreza religiosa, Monsenhor Lefebvre afastou firmemente a ideia de permitir «um pecúlio imperfeito» aos Padres da Congregação: «Não», diz ele, «se os padres podem conservar a propriedade do seu património, em contrapartida eles não podem, sem autorização, utilizar a seu bel-prazer os seus respectivos rendimentos.» [117]

E quando certos Padres quiseram, demagogicamente, interpretando mal o decreto conciliar àcerca da renovação da vida religiosa, colocar os Irmãos em pé de igualdade com os Padres:

«Não», escreverá Monsenhor Lefebvre, «os irmãos são iguais aos Padres no que respeita ao fim geral da Congregação, que é a glória de Deus e a santificação dos membros; todavia, no atinente ao fim especial da Congregação, que é «a Evangelização dos fiéis de raça negra», os Irmãos são apenas auxiliares dos sacerdotes; e de facto eles estão vinculados ao seu estatuto de Irmãos e não desejam tornar-se clérigos, apreciam o seu fim especial, o auxílio aos Padres, mediante o exercício da sua função ou de uma habilitação particular.» [118]

---

[115] BG 715 (Maio-Junho 1964), 900-904; Paulo VI, alocução ao coll. Brasileiro, 28 de Abril1964.

[116] BG 718 (Novembro-Dezembro 1964); Paulo VI, alocução aos superiores gerais

[117] Carta aos provinciais, Maio 1963, BG 710, 558

[118] Nota de 15 de Janeiro 1967: «Os Irmãos da Congregação do espírito Santo.» A sagrada Congregação dos religiosos, consultada a esse respeito por Monsenhor Lefebvre, no dia 16 de Fevereiro respondeu que o n° 15, última alínea do decreto conciliar alegado pelos queixosos, e que permite,

Isso não impede o Prelado de considerar, que seria desejável conferir as ordens menores a Irmãos; mas por uma razão inteiramente diferente: Para conceder a estes irmãos as graças correspondentes aos ofícios de acólito e de catequista que eles podem desempenhar em missão.

## 5. -Para um verdadeiro *aggiornamento* (actualização)

### *«Eu lancei um grito de alarme»*

Em 1965, enquanto o Concílio promove pelo seu decreto *Perfectae Caritatis*, a renovação adaptada ou *aggiornamento* das Congregações religiosas, Monsenhor Lefebvre prepara uma carta[119] a esse respeito dirigida aos espiritanos. Com data de 6 de Janeiro de 1966, ela solicita aos superiores locais que estimulem o estudo dos textos conciliares e que reunam as sugestões que este estudo fornecerá aos confrades, no que às constituições espiritanas respeita, tendo em vista um Capítulo Geral administrativo que terá lugar em Roma.

Que se proceda à apresentação de sugestões, solicita Monsenhor Lefebvre.

«Num espírito de simplicidade, de objectividade, de realismo e de paz».

Quanto a ele, anuncia a criação de quatro comissões de renovação, da legislação do instituto, da formação, da disciplina religiosa, bem como do apostolado dos religiosos.

Mas, previamente, Monsenhor Lefebvre lançará, como dirá mais tarde, «um grito de alarme» [120] numa carta aos provinciais e aos directores de noviciado e escolasticado, [121] por um:

«verdadeiro *aggiornamento* da Congregação no sentido das virtudes religiosas, assim como no quadro da formação dos espíritos e das vontades». «Se dentro de dois anos se não processar», acrescenta o Prelado, «uma profunda rectificação, (...) nós conduziremos a Congregação no rumo do seu desaparecimento.»

Ele recorda aos directores dos escolasticados, o seu dever de vigilância doutrinal:

«Contra os erros de evolucionismo, do materialismo, da

---

efectivamente, equiparar os padres aos Irmãos, não visava os institutos «cujo apostolado especifico exige o sacerdócio» tal como a Congregação espiritana.

[119] BG 725 (Janeiro-Fevereiro, 1966), 6-8

[120] Entrevista com André Cagnon, 1987, p. 111

[121] Ano 1965; LPE, 217 sq

confusão do natural e do sobrenatural, do erro que enlanguesce a responsabilidade pessoal e massifica a humanidade.»

O remédio é constituído pela «filosofia segundo os princípios tomistas» especialmente em «ética familiar, social e política» e «a teologia especulativa e não somente positiva[122], com o objectivo de demonstrar, na peugada de São Tomás, as concordâncias entre a razão e a fé»

No domínio litúrgico, Monsenhor Lefebvre aplicou uma decisão do Capítulo Geral, propondo *ad libitum* uma estruturação das orações comuns, a qual substitui em grande parte as «orações espiritanas» pelas laudes, de manhã, e as Vésperas ou Completas, de tarde, com grande satisfação dos padres, segundo um costume encorajado pela Igreja no seu direito canónico.

Mas como o prurido das experimentações litúrgicas havia conquistado as províncias metropolitanas da Congregação, em França e nos Países Baixos, o Superior Geral recorda os princípios que autorizam «conferir às adaptações litúrgicas o seu justo lugar e a sua verdadeira oportunidade.» [123] Ora, é bem necessário confessar que estes princípios se não afiguram notavelmente tributários da Constituição conciliar sobre a liturgia. Por esta razão, reprova-se ao Arcebispo, primeiro em segredo, e dentro em pouco, em voz alta, a sua ausência de fidelidade ao Concílio.

Os descontentes eram aliás os promotores das novidades que se reclamavam do Concílio; Monsenhor Lefebvre não hesita em intervir, a fim de corrigir novos desvios:

«Nós deixaremos ao Santíssimo Sacramento o lugar de Honra que Lhe advém do centro do Altar principal», solicita o Prelado, «e evitaremos deixarmos diminuir a Missa lida e pessoal ao multiplicarmos duma forma abusiva as concelebrações»; e autoriza «somente duas missas por semana ditas em língua vernácula».

Decididamente, as portas abertas por Roma *volens, nolens* (querendo ou não querendo) são bem difíceis de voltar a fechar pela autoridade do Superior, apanhado em *sandwich* entre a experimentação de base e as frouxas liberalidades ou as relaxações liberais da cabeça.

Sendo que se fala correntemente «de auto-educação e de autoformação», o Superior Geral ergue-se vigorosamente contra «esta demissão da autoridade naquilo que constitui o próprio da sua função», contra:

---

[122] Teologia positiva: Estudo das origens da revelação, quer dizer Sagrada Escrituras, Padres da igreja, etc.; posteriormente do magistério da igreja.

[123] BG 798 (Março-Abril 1963), 424

«A falta de realismo, que conduz à desordem, à indisciplina e constitui um primeiro fundamento aos audaciosos e às cabeças fortes, e que produz, consequentemente, o desprezo dos bons súbditos, humildes e submissos».

«Vós tendes o dever», diz Monsenhor Lefebvre aos próprios directores, «de perseguir o escândalo, o qual é directamente contrário ao Bem comum, (...) os escândalos do espírito de orgulho, de insubmissão, de falso espírito que não compreende a obediência».

Monsenhor Lefebvre particularizará, três anos mais tarde, em oposição àqueles que utilizam o argumento de que «a autoridade é um serviço, portanto...»:

«Sim, a autoridade é um serviço, mas o serviço do Bem comum, e não de bens particulares; é por isso que a autoridade «deve reprimir os escândalos (quer dizer, as faltas públicas contra a disciplina religiosa, maus exemplos contagiosos) que prejudicam gravemente o Bem comum».

E Monsenhor repetirá como em Dakar, que para exercer-se e ser respeitada, a autoridade deve, em primeiro lugar, respeitar-se. «Evitai», solicita ele, o duplo escolho «daqueles que crêem dever fazer-se perdoar pela sua função» relacionando-se «tu cá, tu lá» com os seus súbditos, e também daqueles que «não logram encontrar o justo equilíbrio que a simplicidade e a dignidade verdadeiras conseguem». [124]

Mas em 1965, nesta mesma carta que temos copiosamente citado, o Prelado denuncia os estragos causados pela indolência e frouxidão duma autoridade que se renega.

O «deixa-andar» da autoridade acarreta a negligência no porto dos Padres e dos escolásticos. O abandono da imitação de Jesus Cristo conduz a «uma falta de modéstia, falta de respeito por si mesmo e de respeito pelo próximo, contrários ao domínio de si mesmo, bem como à ordem querida por Deus, as quais conduzem à licenciosidade e à luxúria».

« O nosso *aggiornamento*», conclui Monsenhor Lefebvre, «executemo-lo, não num sentido dum neo-protestantismo, destruidor das fontes de santidade» mas sim «inflamados dos santos desejos que animaram todos os Santos que foram reformadores, que foram renovadores, porque eles amaram Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a cruz, aplicando-se na obediência, na

---

[124] De l'autorité (Acerca da autoridade) aviso do mês, BG 738 (Março-Abril 1968).

pobreza, na castidade; nesse enquadramento, eles adquiriram um espírito de sacrifício, de oblação, de oração, que os transformou em apóstolos».

## *Vida religiosa e apostólica*

Pode bem dizer-se que a facilidade não gera o fervor. Por altura de 1967, o regulamento espiritano, na sequência do Concílio, tende a perder algo da sua austeridade: aqui e ali, em lugar das 4h50, o levantar dá-se pela 6h00 horas; as missas individuais da manhã, tão ricas duma comunicação íntima do Padre missionário com Cristo, dão por vezes lugar à concelebração; o tempo de oração em comum não é mais fixado.

O visitador enviado por Monsenhor Lefebvre ao distrito de Pointe-noire, de 20 de Fevereiro a 9 de Abril de 1968, Monsenhor Coudray (recentemente expulso da Guiné), verifica:

> «Não pode asseverar-se que haja abandono da nossa vida de oração, mas um certo "deixa-andar". Os confrades são os primeiros a reconhecê-lo e desejam reagir. É por isso que, num bom número de paróquias, os padres recitam o seu ofício com as Irmãs, Eles reconhecem que as Irmãs são mais regulares do que eles próprios, o que constitui um excelente estímulo. Por outro lado, tal representa um belo exemplo para a comunidade cristã.» [125]

Certamente, a recitação comum de certas horas do ofício divino e fazê-lo com religiosas, é uma boa coisa; mas não fala o visitador já de traduzir o ofício em língua vernácula, a fim de salmodiar segundo a fisionomia do País? Sobretudo, o visitador não considera um regresso aos costumes em vias de abandono, os quais constituem contudo os grandes meios tradicionais de união a Deus.

Em 1967 igualmente, a instabilidade e a imaturidade crescentes dos candidatos à vida consagrada, manifestadas pelos numerosos abandonos em cursos de formação, sugeriram à união dos superiores gerais a preparação duma petição dirigida ao Soberano Pontífice, [126] para solicitar «estágios apostólicos durante o noviciado, o prolongamento da provação temporária e compromissos temporários de natureza diferente dos votos» (No 5,6,7,23-25,34-37).

No seio da Congregação, verifica igualmente Monsenhor Lefebvre que «certas iniciativas vão muito longe na actualização do «noviciado» [127] Oposto ao espírito subjacente que certifica que «o estilo

---

[125] Citado por Pannier, 231

[126] Redigido na data de 8 de Dezembro 1967; DC 1534, 168 sq,

[127] Monsenhor Lefebvre tinha desde a reabertura de 1963, consentido em atrasar dum ano o noviciado, quer dizer: Após o 10 ano de filosofia. MS 11, 17, 16

actual do noviciado difere por demais da vida para o qual ele prepara, para que o candidato possa discernir se esta vida lhe convém ou não» [128], O Prelado reage situando de novo o local privilegiado da vida religiosa e do noviciado propriamente religioso com relação à vida apostólica dos Padres:

«Diz-se que a vida religiosa constitui apenas um meio em relação à vida apostólica», meio, portanto não indispensável. Curta vista essa, replica o Superior Geral:

«O nosso noviciado e a nossa vida religiosa constituem meios privilegiados de união a Deus, de conhecimento experimental de Nosso Senhor Jesus Cristo, realidades que são eminentemente apostólicas porque fontes de amor ao próximo. Bem Aventurado aquele que, durante o seu noviciado, aproximou a sua inteligência, o seu coração, a sua alma, de Nosso Senhor Jesus Cristo! Pois esse terá decuplicado, senão centuplicado, as suas possibilidades apostólicas.» [129]

Esta tão simples mas esplêndida doutrina reflecte tanto a experiencia vivida em Orly pelo noviço Marcel Lefebvre, como o Magistério de São Tomás de Aquino tal como é exposto, na mesma época, pelo seu amigo Monsenhor Paul Philippe, Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos, um opúsculo intitulado «Os Fins da Vida Religiosa Segundo São Tomás de Aquino (Atenas, 1962). O doutor Angélico disse claramente: «Em muitos daqueles que se entregam aos trabalhos, não é a caridade divina que os impulsiona, mas antes, notoriamente, o desgosto da contemplação que os move,» [130]

O autor conclui então:

«Os detractores da contemplação demonstram assim que não possuem, ou possuem bem pouco da verdadeira caridade. A perfeita caridade, segundo São Tomás, existe quando a pregação promana da plenitude da contemplação.»

Monsenhor Philippe certifica assim o quão falso é o espírito daqueles que querem «o ajustamento das regras religiosas com a única preocupação da eficácia exterior», O «verdadeiro *aggiomamento*», ao qual Monsenhor Lefebvre convida, por seu lado, os seus confrades, não se consubstancia, como escreve o Padre Koren, «num nostálgico pleitear em favor do passado» nem num «todos para trás!»,[131] mas sim num regresso às autênticas fontes da

---

[128] Loc. Cit.
[129] BG 733 (Maio-Junho 1967), 348 sq.
[130] De perfectione vitae spiritalis, capitulo 23; Philippe, 70
[131] Cf. Fideliter n° 59, p. 55; Koren, 545, 549

vida religiosa e sacerdotal. Longe de viver as novas condições da África e a crise post-conciliar, nostálgico do passado, Monsenhor Lefebvre sabe haurir das fontes da Tradição da Igreja, a coragem duma adaptação necessária da actividade missionária e a força duma resistência da vida espiritana, contra uma «contaminação mortal» do neo-modernismo.

### *«Ressuscitar os «Senhores do Espírito Santo»*

Tanto se opõe Monsenhor Lefebvre a uma reforma que comportaria uma destruição do noviciado espiritano, como se encontra disponível para a reconstituição que colocaria o noviciado depois da ordenação sacerdotal.

Procede-se assim à auscultação deste aspecto contrastante da personalidade do Arcebispo Marcel Lefebvre o qual, longe de ser todo constituído por uma só peça, se encontra disponível para reformas audaciosas, mas na exacta medida da fidelidade aos fundadores da Congregação.

Pois que «muitos jovens professores solicitam ser desobrigados dos seus votos», enquanto que «um bom número de membros (sacerdotes) religiosos não parecem muito arreigados à sua vida religiosa», e ainda que «os pedidos de dispensa de votos aumentam regularmente» [132], aí se patenteia o índice daquilo que se compromete frequentemente na vida religiosa, «por necessidade e não por convicção, unicamente para fazer parte duma sociedade que envia os seus súbditos em missão, e por um certo atractivo pelo espírito da Congregação».

Monsenhor Lefebvre manifesta-se pois aos confrades, no dia 25 de Janeiro de 1967, publicando um «Projecto de restauração da obra do Padre Poullart des Places»,[133] associado ao projecto duma reforma do compromisso dos candidatos. Os pequenos escolasticados seriam mantidos, orientados por um ideal missionário, sem exigir a perseverança na vocação precocemente percebida; ulteriormente o grande escolasticado seria franqueado para «um ano preparatório aos estudos eclesiásticos e ao estado sacerdotal ou ao estado religioso missionário» onde se estudaria o latim, a apologética e onde se procederia à iniciação nas Sagradas Escrituras, à Patrística e à Teologia. Notemos contudo que, curiosamente, o curso de doutrina espiritual está totalmente ausente do programa do primeiro ano. Posterior-

[132] Notas manuscritas sobre os pequenos escolasticados e o restabelecimento dos «Senhores do Espírito Santo»

[133] Cf. Fideliter n° 59, p. 87

mente, propõe o Superior Geral, leccionar-se-iam os cinco anos de estudos eclesiásticos, segundo a «suma de São Tomás de Aquino, com as devidas incidências escriturísticas, patrísticas, canónicas e do Magistério, o todo realizando um único itinerário onde:

«O estudante descobriria, maravilhado, a grandeza e a profundidade do conhecimento de Deus, de Nosso Senhor Jesus Cristo, da alma, do seu encaminhamento para Deus; ele apaixonar-se-ia pelas suas descobertas, e a sua alma inflamar-se-ia de zelo, de piedade, de fé, impulsionada por um grande desejo de fazer conhecer ao próximo a imensa luz das coisas de Deus.»

A sã filosofia encontraria lugar nesta síntese bem como os «verdadeiros princípios das ciências sociais e políticas» [134]

Finalmente, somente após a ordenação, a qual seria conferida *ad titulum servitii Ecclesiae*[135], interviria a escolha do jovem Padre, entre a entrada na Congregação com um ano de noviciado, seguida da emissão de votos perpétuos, ou a incardinação numa diocese missionária ou muito carenciada de sacerdotes.

A segunda categoria de Clérigo constituiria, de acordo com Monsenhor Lefebvre, uma «ressurreição ou um renascimento da obra dos "Senhores do Espírito Santo", tal como foi fundada por Claude Poullart des Places, nosso primeiro Fundador», sem que ela prejudicasse, bem pelo contrário, «o estatuto dos religiosos espiritanos, propriamente ditos, com os quais existiriam vínculos espirituais.» [136]

O Prelado sublinhava as vantagens desta pausa reparadora: melhor acolhimento para o recrutamento nas dioceses, aproximação entre os cleros secular e regular, melhor repartição dos sacerdotes entre as dioceses ricas e pobres. Monsenhor Lefebvre precisava que «os Senhores de Espírito Santo poderiam constituir uma associação, fraternidade animada pela Congregação ou sustentada por ela» e que a casa de formação comum aos Senhores e aos sacerdotes do Espírito Santo constituiria um Seminário Internacional no que respeita à repartição de sacerdotes.» [137]

Nós avultamos as duas palavras chave que, ultrapassando um mero regresso às origens, franqueavam perspectivas inteiramente novas. Santo Deus! O plano tão tradicional e tão inovador de Monsenhor

---

[134] Notas citadas

«Segundo o título de serviço da Igreja» Título que constituiria uma novidade canónica

[136] Notas citadas

Assim seriam atingidos «certos objectivos do Concílio» escreve Monsenhor Lefebvre. Pode-se referir à «Presbyterorum Ordinis», 8,3; 1 O, 1 e 2 bem como ao Motu Próprio» Ecclesiae Sanctae» de 6 de Agosto de 1966, I, 3§ 1 e 2; DC 1477, 1444.

Lefebvre, não teve a fortuna de seduzir, nem os mais tradicionais, nem os mais revolucionários dos seus confrades. Mas será no exterior da Congregação que ele produzirá uma repercussão inesperada.

## 6 - Capítulo Extraordinário - Demissão

### *Revolução Conciliar em miniatura* [138]

Desde 1967, verificava Monsenhor Lefebvre:

«Continuar a dirigir uma Congregação que não me escutava mais, que nada mais queria de mim, era impossível.»

Ao seu amigo, Monsenhor Sigaud, ele confiou a intenção de apresentar a demissão do cargo de Superior Geral. [139]

Entretanto prosseguia-se, no seio das comissões pré-capitulares nomeadas por Monsenhor Lefebvre, a preparação do Capítulo Geral Extraordinário de reforma do Instituto, segundo a autorização conferida pela Sagrada Congregação dos religiosos, [140] e conforme às normas [141] editadas por Paulo VI no dia 6. de Agosto de 1966, em aplicação do decreto conciliar *Perfectae Caritatis*.

O Superior Geral permitiu às comissões elaborarem, com toda a liberdade, a síntese das moções das províncias. Analogamente, a comissão central preparatória efectuou, sem entraves, a síntese global. Os resultados deste trabalho, inspeccionado por um perito independente, mereceram de Monsenhor Lefebvre este elogio: «Este Capítulo é o melhor preparado de todos os que eu estudei». [142]

Quanto ao fundo desta obra, Marcel Lefebvre diria:

«Eu preparei uma reforma muito completa da nossa Congregação, tendo em linha de conta, certamente, a evolução, mas reafirmando sem rodeios, os pontos essenciais em que se enraíza a nossa vida religiosa».

Com a aproximação do Capítulo, em Maio de 1968, Monsenhor Lefebvre e o seu Conselho Geral, cujo mandato decorria até 1974, decidiram oferecer a sua demissão à abertura do Capítulo, no «desejo de evitar que , no decurso deste Capítulo, as questões pessoais adquirissem proeminência sobre as questões duma sã e verdadeira renovação» [143]

---

[138] BG 742, 241 sq.; Padre Michel O'Carroll, op cit., pp. 98-100 ; Fideliter n° 59

[139] Entrevista Cagnon, 1987, p. 11; Mons. Sigaud, Carta a Monsenhor Lefebvre, 2 de Fevereiro de 1967, Arquivos: Fortes in Fide.

[140] Carta do Cardeal Antoniutti, prefeito, 5 de Maio de 1966, BG 727

[141] Motu Próprio Ecclesiae Sanctae, BG 729, 162-174

[142] O'Carroll, Op. cit. p. 98

[143] Relatório de monsenhor Lefebvre ao capitulo geral; OR, n° 41, 11 de Outubro 1968

Sustentava-se contudo, que a demissão comum não se tomaria efectiva senão no momento da eleição pelo Capítulo duma outra equipa dirigente, e que até lá, o Superior Geral em exercício, preso iria ao Capítulo, conforme as Constituições.

Na Segunda-Feira da Páscoa de 1967 (27 de Março), o Arcebispo foi visitar o Padre Pio a São Giovanni Rotondo para lhe solicitar orações para o Capítulo Geral. Caiu mal, porque o Geral dos Capuchinhos vinha requerer o mesmo ao Padre Pio:

«Orai pelo nosso Capítulo Geral capuchinho que vai ser inaugurado para redigir novas Constituições»

A estas palavras, o Padre Pio teve um gesto de cólera, exclamando:

«Isso são apenas tagarelices e ruínas!» [144]

Dezassete meses mais tarde, no momento em que o Papa se preparava para receber o Capítulo dos Capuchinhos em audiência, o Padre Pio escrevia a Paulo VI, no dia 12 de Setembro de 1968:

«Peço ao Senhor que a Ordem dos Capuchinhos (...) continue na sua tradição de seriedade e austeridade religiosas, da pobreza evangélica, de observância da regra e das Constituições, mesmo renovando-se na vitalidade e espírito interior, conforme às directivas do Concílio Vaticano II» [145]

E quando novas constituições eram anunciadas, o Padre Pio teria idêntica reacção, muito viva:

«Mas o que estais vós prestes a fazer em Roma? Que estais combinando? Pretendeis alterar a própria regra de São Francisco!»

Entretanto, a entrevista entre Monsenhor Lefebvre, acompanhado do Padre Bárbara e dum outro sacerdote, e o Padre Pio, apoiado por dois capuchinhos, foi amena na sua extremamente simples concisão; O sacerdote estigmatizado prometeu rezar pelo Capítulo espiritano. Quando o Arcebispo movido pela sua veneração, solicitou a bênção do Padre Pio, este respondeu-lhe:

«Não Monsenhor, é a vós que compete abençoar-me!»

Desta forma implorou Monsenhor Lefebvre as bênçãos celestes sobre o padre Pio [146]

---

[144] Reacção reportada pelo Padre Jean, capuchinho em Morgon, na carte aos amigos de São Francisco, n° 17,2 de Fevereiro 1999; Fideliter n° 129, p. 52

[145] Cf. Roma felix, Lettere mensile di Informazioni della FSSPX in Itália, an 1, n° 5, maggio 1999, pp. 4-5

[146] Por volta de 1976, fez-se circular uma versão totalmente diferente deste encontro. O Padre Pio teria profetizado a Monsenhor Lefebvre: «Tu desobedecerás tu cindirás a Igreja ... «. Inútil é dizer que esta pretensa «profecia» do padre Pio é pura invenção, sendo que o Arcebispo a desmentiu categoricamente

O Capítulo Geral teve a sua abertura no dia 8 de Setembro de 1968, em Roma, na Domus Mariae. No seu relatório de actividade, o Superior Geral evocou as realizações efectuadas e as dificuldades encontradas, em seguida propôs várias reformas: conceder aos assistentes e conselheiros gerais novas atribuições e muito mais responsabilidades; reorganizar as grandes províncias; fazer recuar a data da profissão e admitir jovens aspirantes missionários que não alimentassem o desejo de se tomar religiosos, no espírito da obra de Poullart des Places, etc. Finalmente apresentou a já anunciada demissão do Conselho Geral.

Monsenhor Lefebvre deixava aos capitulantes a escolha entre proceder à eleição do novo Conselho

Geral no fim do Capítulo, tal como havia sido decidido em 1962, ou logo desde o início, como há pouco fora sugerido, em terceira solução, por alguns. Nomear um ou vários moderadores, para que as reuniões constituíssem uma realidade que pudesse ser conduzida por outros que não o Superior Geral, mantendo este último, contudo, a presidência.

Mas neste caso, acrescentou Monsenhor Lefebvre, para afastar esta solução, os cargos de Superior Geral, dos assistentes e dos conselheiros gerais, tornar-se-iam vagos, o que deixaria a Congregação sem cabeça. [147] A ala progressista dos capitulantes, Monsenhor Lefebvre sabia-o bem, temia antes de tudo o mais, que Monsenhor conservasse a direcção efectiva do Capítulo, o que os impediria de realizar as suas reformas. O Prelado, bom condutor de homens, apresentava a sua proposta, mas esforçava-se por descortinar-Ihe os inconvenientes: a deposição do Superior Geral na mais importante assembleia da Congregação - Tal corresponderia à reedição, ao nível do Capítulo, do golpe de força do Concílio substituindo a presidência nomeada pelo Papa, por moderadores eleitos.

Entretanto, deixando para mais tarde a eleição dum novo Conselho Geral, a assembleia erigindo em direito as reclamações dos padres progressistas, votou subitamente a suspensão da Constituição XI, no que se referia aos poderes do Superior Geral na condução do Capítulo: direcção das Sessões e escolha dos membros das comissões capitulares. Posteriormente, foi claramente colocada a questão pendente:

O Superior Geral, de direito presidente do Capítulo, seria ou não]residente da comissão central, como fora previsto pelo regulamento elaborado pelo Conselho Geral?

---

[147] Relatório citado

Os adversários do Arcebispo arguiram imediatamente:

«O Capítulo, poder legislativo, não pode ser colocado sob a autoridade do poder executivo representado pelo Superior Geral. Os membros da comissão central deviam ser eleitos, todos sem excepção.»

Retorquindo a este argumento especioso, o Padre Michael O'Carroll solicitou:

«Que irão pensar de nós os membros das províncias e das missões, se a primeira coisa que nós fazemos é removermos o nosso Superior Geral?»

Monsenhor Lefebvre tomou posição contra a eleição dos membros da comissão central e concluiu:

«Cada um é livre de se exprimir e de votar segundo a sua consciência; eu remeto-me, por meu lado, à vontade expressa pelo voto»

Se este voto tivesse tido lugar imediatamente, teria talvez sido favorável ao Prelado. Mas por uma razão incompreensível e sem dúvida providencial, Monsenhor transferiu o escrutínio para o dia seguinte, deixando a noite entregue aos conciliábulos e às pressões dos reformistas.

Colocado em minoria no dia 11 de Setembro por sessenta e três votos contra quarenta, Monsenhor Lefebvre viu-se relegado para um enquadramento funcional de «presidência teórica e honorária,» inaceitável. Mantendo o seu sangue frio, fez assinalar que:

«A situação desta forma criada ao Superior Geral é certamente contrária ao espírito da Igreja, oposta ao espírito do Direito Canónico, em contradição com as nossas constituições e tradições.»

Monsenhor continuou à presidir à Sessão da manhã mas ao meio dia, fiel à sua resolução, ausentou-se do Capítulo. Solicitando ao Padre Hack, primeiro assistente, para o substituir nas Sessões, Monsenhor Lefebvre retirou-se para a Casa Generalícia, limitando--se a «processar o expediente de assuntos correntes». Após um instante de estupefacção, o Capítulo elegeu três moderadores e prosseguiu no seu impulso, atolando-se em moções insensatas e em revolver papelada por forma excessiva. Este Capítulo durou quatro meses, dois meses em Roma em 1968 e outros dois em Chevilly, em 1969.

### *Demissão*

No dia seguinte, 12 de Setembro, Monsenhor Lefebvre escreveu ao Cardeal Antoniutti, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, dando-lhe parte dos acontecimentos e da sua decisão; posteriormente,

no dia 16 de Setembro, submeteu à própria Congregação uma dúvida sobre a validade dos votos tomados pelo Capítulo, como contrários às Constituições. Se Paulo VI, na *Ecclesiae Sanctae*, concedia aos capítulos poder de renovação para modificarem *ad experimentum* algumas prescrições das Constituições, todavia não permitia «atingir a própria natureza da sociedade religiosa e suas estruturas fundamentais». [148] Ora, dizia Monsenhor Lefebvre, obliteravam-se tais fundamentos, retirando ao Superior Geral os seus poderes sobre o Capítulo.

O Prelado «tinha em mente diversos projectos» que confiava a quem lhe era próximo. Um desses projectos era de reunir em Assis, na paz da cidade de São Francisco, um Capítulo com os confrades que se haviam mostrado favoráveis a ele, aquando do processo de votação, com o objectivo de operar uma reconstituição dos Espiritanos no espírito dos fundadores.

Antes do Capítulo, a perspectiva duma cisão tinha-se apresentado perante o seu espírito:

> «Já», escrevia Monsenhor Lefebvre no dia 15 de Agosto, «se desenha esta purificação, sem dúvida dolorosa mas necessária, no seio da Igreja, nas sociedades religiosas. Algumas dividem-se e outras dividir-se-ão. Aquelas terão vocações que permanecerão fiéis aos ensinamentos da Igreja, às suas santas tradições, as outras dissolver-se-ão e desaparecerão». [149]

Todavia, de forma bem ponderada, relata o Padre Michael O'Carroll,[150] «tal não era possível; ele pensou que constituiria um sinal de divisão na Congregação; aliás, quantos o seguiram?» Finalmente, foi passar em solidão alguns dias de recolhimento em Assis, ali aproveitando Monsenhor Lefebvre para redigir um texto que posteriormente leu ao Capítulo no dia 28 de Setembro, numa breve aparição. Reportava-se a uma solene admoestação de fidelidade ao espírito do Venerável Padre Libermann, o qual havia dilucidado claramente que o apostolado junto das almas abandonadas «constituiria sempre numa irradiação, uma difusão da santidade de Nosso Senhor Jesus Cristo presente na alma dos missionários». O venerável Padre, diz ele, «não pode conceber um apostolado e sobretudo aquele que ele propõe aos seus filhos, que possa ser distinto da santidade, para ele a santidade é essencialmente apostólica». E o Venerável Libermann empenha-se em semear entre os filhos essas fontes de santidade.

---

[148] Motu próprio, 6 de Agosto de 1966- II, 6, De 1477, 1459; BG 729, 164

[149] «As nossas razões de ser optimista», artigo publicado não se sabe onde, LPE, 325

[150] Entrevista com Michel O'Carroll, 9 de Maio 1998, p. 3; O'Carroll, «Um sacerdote em tempos de mudança» p. 100.

«Esses meios consistem em vida religiosa e vida de comunidade, as quais realizam a vida de abnegação, a vida de caridade fraternal, necessárias à expansão da santidade. O zelo apostólico ou a união prática com Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual se realiza e constitui o desabrochar da santidade.»

Ora, verifica Monsenhor Lefebvre, «desta vida religiosa e desta vida de comunidade, (...) muitos dentre vós já não querem saber. Para quê escondê-lo? Contra a vida de obediência, de prudência face ao mundo, de verdadeiro desprendimento dos bens e das facilidades deste mundo, contra as realidades da vida de comunidade que nos mortificam e nos compelem à prática da caridade, que nos convidam à vida de prece e de oração, o seu (dos religiosos) individualismo, o seu egoísmo, a sua sede de liberdade, de independência, prevalecem»; «o seu individualismo não pode viver senão como parasita.»

E, conjurando os capitulantes para que busquem a inspiração para as suas decisões nos escritos do Venerável pai, ele cita uma admirável página do fundador sobre o estatuto exacto dos Espiritanos: «Os pobres dos nossos filhos, tendo deixado o seu País para serem missionários, conservaram sempre esta ideia: eu sou missionário antes de tudo o mais! Consequentemente, e sem disso se darem conta, eles não se vinculam suficientemente à vida religiosa, entregando-se demasiadamente, creio eu, à vida exterior (...) Em verdade, a missão constitui o objectivo, mas a vida religiosa é o meio *sine qua non.* (...) Se eles forem santos religiosos, salvarão almas; se não o forem, nada produzirão, na exacta medida em que as bênçãos de Deus estão associadas à sua santidade (deles missionários).» [151]

Foi somente a 4 de Outubro, [152] que o Prelado foi recebido na Sagrada Congregação dos Religiosos, pelo novo secretário, [153] Monsenhor António Mauro, na ausência do Cardeal Antoniutti, que se encontrava na América do Sul. «Se eu tivesse tido negociações com o Cardeal, dirá Monsenhor Lefebvre, os assuntos teriam talvez, evoluído de outra forma; mas (a Providência estava lá) o meu interlocutor foi o secretário, o qual foi destituído três meses depois, considerado incapaz e ignorante.»[154]

---

[151] Vener. P. Liebermann, Directoire Spirituel, 2° Edição, Paris, sem data,, p. 189; BG 741, 172-180

[152] Cf. Carta do p. Paul Dentin a Monsenhor Lef. , 4 de Outubro 1968

Cf. AAS 59 (1967), 650, nomeação de 29 de Janeiro de 1967; o seu predecessor Monsenhor Paul Philippe, era nomeado, no mesmo dia, secretário da Sagrada Congregação da doutrina da fé. No dia 8 de Janeiro de 1968, o Cardeal Franjo Seper era nomeado prefeito da Congregação para a doutrina da fé, em substituição do Cardeal Ottaviani, pró-prefeito

[154] Fideliter n° 69 - Monsenhor Mauro foi nomeado vice-Presidente do secretariado para os não crentes no dia 12 de Abril de 1969. AAS 61 (1»969), 292·

- Foi a revolução no Capítulo, disse-lhe Monsenhor Lefebvre, eu fui posto de lado, eu nem mesmo sou membro duma só comissão, como o são os capitulantes; sou apenas um espectador, eu, o Superior Geral!

Vós compreendeis, redarguiu Monsenhor Mauro, após o Concílio, é necessário compreender... eu vou ministrar-vos um conselho, que já ofertei, justamente, a um outro Superior Geral, que me veio com as mesmas reflexões: «Ide, pois, disse-lhe eu, fazer uma pequena viagem aos Estados Unidos; tal vos fará bem.» Quanto ao Capítulo e mesmo no que respeita aos assuntos correntes, entregai-os aos cuidados dos vossos assistentes!

Todavia, estes insistiram para que Monsenhor Lefebvre permanecesse afecto aos negócios correntes. Foi o que ele fez, pensando:

«Os capitulantes poderão assim consultar-me e as boas relações continuam; ainda que esta situação seja profundamente anormal.»[155]

No dia 13 de Outubro, Monsenhor Lefebvre escreveu ao Capítulo com o objectivo de lhe propor catorze páginas de sugestões concernentes ao fim, bem como à natureza do Instituto, à vida religiosa e comum, o zelo apostólico, a admissão dos irmãos a determinadas funções de conselheiros, e também àcerca dos seus dois projectos, «bastante recentes» atinentes às novas atribuições dos assistentes, assim como à restauração da Obra de Claude Poullard, «ainda que conservando fielmente a Congregação religiosa fundada pelo Venerável Libermann», nada ou quase nada foi retido destas proposições.

No dia 28 de Outubro, Monsenhor Lefebvre reapareceu para apresentar o Capítulo ao Cardeal Agagianian e no dia seguinte, 29 de Outubro, o Padre Joseph Lecuyer foi eleito Superior Geral na terceira volta por setenta e cinco votos sobre cento e cinco. A um dos seus próximos, o Arcebispo confiou a respeito do seu sucessor: «é o menos mau.»[156] Finalmente, no dia 11 de Novembro, Monsenhor Lefebvre esteve presente à audiência que o Papa concedeu ao Capítulo.

À parte estas aparições esporádicas, Monsenhor permitiu que o Capítulo trabalhasse «com toda a liberdade». As «directivas

[155] Mons. Lef. Resp. ao Padre Paul Denin, 9 de Outubro de 1968; conferência na villa Aurore, 2 de Maio 1976. Courier des A.F.B. n° 34, p. 16 ; O'Carroll, 100.

[156] Padre Bussard MS I, 15,46-48

e decisões»[157] publicadas em 1970, demonstram a revolução destruidora operada pela assembleia:

> Autoridade: a preocupação com o bem comum é substituída pelo respeito da personalidade e liberdade individual.
> Obediência: tornou-se co-responsabilidade, diálogo, procura comum da vontade de Deus, participação nas decisões, trabalho em equipa e dinâmica de grupo.
> Formação religiosa: assegurada por vários tempos de formação espiritual que substituem o noviciado; por estágios de «reciclagem» bem como a prática da «revisão de vida evangélica».
> Missão: Foi revista e corrigida ecumenicamente como um «Diálogo de Salvação» entre o ministro de Nosso Senhor Jesus Cristo e os aderentes das religiões «que a Igreja Católica considera com respeito, «na sequência do Concílio.

### *Um Bispo na rua!*

Deixando a Casa Generalícia, com uma simples mala na mão, Monsenhor Lefebvre foi avistado por um seminarista francês que indagou:

- Onde ides vós assim, Monsenhor?
- Não sei...
- Será que posso ajudar-vos?
- Agradeço, está bem.

Monsenhor Lefebvre encontrou primeiramente refúgio, no dia primeiro de Novembro, no Instituto do Espírito Santo na Rua Machiavelli; Um pouco depois, na Rua Casal Monferrato, na *Vila Lituânia*, uma pequena Pensão mantida pelas Irmãs que dependiam do Seminário dos Lituanos. Adquiriu uma mesa de escritório, um armário, uma estante[158] e para pagar a sua pensão dispunha à justa das 90 000 liras dos honorários mensalmente pagos pela Sagrada Congregação da Propaganda a título das suas funções de consultor e de presidente da comissão encarregada dos catecismos em África, funções que conservou até 1972.

Ainda que a criação do Secretariado para os não crentes constituísse virtualmente a ruína da Propaganda Fide, Monsenhor Lefebvre estava feliz por poder colocar à disposição da Sagrada

---

[157] Roma casa generalícia, BG, Supl., ao n° 784

[158] Ele procedeu à mudança dos seus próprios móveis em 1973, na casa da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, em Albano

Congregação da Propaganda os seus conhecimentos africanos. [159] Ele teria podido viajar até África, visitar os centros de formação de catequistas, aos quais Monsenhor Lefebvre atribuía uma tão grande importância. Todavia esta perspectiva não o seduzia. Aos sessenta e três anos, chegado efectivamente «ao fim da sua carreira», ele não lograva contentar-se com funções tão ligeiras. Sentia-se impelido interiormente, imperiosamente impulsionado, para outras tarefas.

Por um lado, como tinha confiado a Monsenhor Sigaud, e havia já começado a realizar desde 1966, Monsenhor Lefebvre pretendia «dedicar-se totalmente ao combate contra o progressismo, [160] pela via da imprensa. Por outro lado, nutria insistentemente a ideia dum «Seminário internacional», ideia que havia comunicado ao seu amigo Monsenhor Morilleau, [161] e ao seu íntimo, o Padre Michel O'Carroll; Ao Padre O'Carroll, tinha dito um dia: «se eu alguma vez tiver que deixar a Congregação, fundarei um Seminário tradicional, e no espaço e três anos terei cento e cinquenta seminaristas» [162]

[159] Fideliter, n° 59, pp. 58-59
[160] Monsenhor Proença Sigaud, carta a Monsenhor Lef., 2 de Fevereiro 1967
[161] Cf. Carta de Mons. Morilleau a Mons. Lefebvre, 11 de Janeiro 1967
[162] O'Carroll - 100

# Capítulo XV
# Constituição da resistência
# (1965-1969)

## 1. Lutar contra a opressão ideológica

O encerramento do Concílio, não significava para Monsenhor a trégua no rude combate dos últimos quatro anos decorridos, nem o encargo, entusiasmante mas mortificante, da rectificação da sua Congregação, bastava para absorver o seu zelo. Reflectindo sobre o Concílio e sobre a crise que se declarava na Igreja, ia tentar organizar a resistência dos elementos ainda sãos do clero.

### *Crise Postconciliar, crise da autoridade*

Se o Prelado recusa ainda renegar a autoridade do Concílio, interroga-se: «Os textos do Concílio, em particular o de *Gaudium et Spes* e o da liberdade religiosa, foram assinados pelo Papa e pelos Bispos, portanto não podemos duvidar do seu conteúdo. (...) E, no entanto, como interpretar, por exemplo, o texto sobre a liberdade religiosa que leva em si uma certa contradição interna? Afirma-se no início que não vamos mudar nada na Tradição e, de facto, nada no texto corresponde à Tradição.»[1]

Contudo, o Arcebispo assinala já nos documentos conciliares, que enaltecem a pessoa humana e a consciência individual, a causa da crise geral da autoridade que se desencadeia rapidamente depois do Concílio:

> «Querer enaltecer a personalidade e a consciência pessoal da criança em prejuízo da autoridade familiar, constitui uma fonte de mal para as crianças e incita-as à rebeldia. A criança nasce numa

[1] Après le Concile, l'Eglise devant la crise moral contemporaine. (Depois do concílio, A Igreja frente à crise moral contemporânea), Confer. Dada na altura do Jantar trimestral da União dos intelectuais independentes, Paris, fim 1968, UEP, 98-108.

fraqueza tão grande, na imperfeição, poderíamos dizer de maneira tão inacabada (incompleta)! A influência da família e do meio da educação é providencial, é de vontade divina. Afastamo-nos da via seguida por Deus pretendendo que a verdade, pela sua própria força, deva indicar aos homens a verdadeira religião, no momento em que, na realidade, Deus programou a transmissão da religião pelos pais e por testemunhas de confiança.»

O papel da autoridade civil, que desejamos laicizar pela liberdade religiosa, é igualmente providencial para a educação dos povos:

«A História das nações católicas, a História da conversão à fé católica, manifesta o papel providencial do Estado. (...) A sua participação na obtenção da salvação eterna da Humanidade é capital, senão preponderante. (...) Se todo o aparelho e o condicionamento social do Estado é laico, ateu, sem religião e, por maioria de razão, quando até mesmo é perseguidor, quem se atreveria a dizer que seria mais fácil aos não católicos converterem-se e aos católicos permanecerem fiéis? (...) Seria criminoso encorajar os Estados católicos a laicizar-se e a deixar indiferentemente alastrar o erro e a imoralidade e, sob o falso pretexto da dignidade humana, introduzir uma levedura dissolvente da sociedade, com o enaltecer da consciência individual em prejuízo do bem comum.»[2]

Neste quadro conceptual, Monsenhor Lefebvre ergue-se para uma visão de sabedoria rica em aplicações concretas: a autoridade, conclui ele, é afinal uma participação no amor divino que é propenso a difundir-se e a atrair os homens para o Bem divino (que necessita difundir-se e magnetizar os homens para o Bem divino), e que sanciona os que se Lhe opõem. Disso resulta que a autoridade civil que recusa legislar e sancionar em matéria religiosa renega a Deus a difusão da Sua caridade.

## *Uma gnose naturalista*

Mas a crise da autoridade apenas constitui o veículo duma crise da fé em si mesma, de que o Prelado desvenda a natureza nas páginas da revista do seu amigo, o Padre Luc Lefebvre.[3]

---

[2] «L'autorité dans la famille et dans la société civil au service de notre salut (A autoridade na família e na sociedade civil ao serviço da nossa salvação eterna)», 22 de Fever. 1967, Na La Pensée Catholique n° 107, 19-27; Art. Corrigido nos 23 de Nov. 1967 e 5 de Fever. de 1968 para Rivarol de Janeiro de 1968 e Les écrits de Paris de Abril de 1968; UEP, 89-95; LPE, 309-320

[3] «L'hérésie contemporaine (A heresia contemporânea)», 21 de Fevereiro de 1968, em La Pensée Catholique n° 113; LPE, 229 sq.

Denunciando a "tendência permanente do Homem à rebelião contra a autoridade de Deus", demonstra como, nos neo-modernistas, "a razão se opõe à autoridade de Deus que revela as vias da salvação pelas quais é do agrado da Sabedoria eterna ordenar-nos que caminhemos", cita o Papa São Pio X condenando os heresiarcas que começaram por falsificar os postulados fundamentais, as realidades que estão na própria origem da Redenção: "O pecado original, a queda do homem. (...) É o edifício da fé que está completamente derrubado, de alto a baixo." [4]

Não tinha o postulado racionalista do progresso contínuo e necessário da Humanidade estimulado o Concílio a dizer, em *Gaudium et Spes*, que «o género humano passa duma noção mais estática da ordem das coisas a uma concepção mais dinâmica e evolutiva; daí surge, imensa, uma problemática nova, que incita a novas análises e a novas sínteses?» [5]

Aplicada nos primórdios do Século Vinte à religião pelos herdeiros de Lessing, Herder e Hegel, esta tese tinha produzido «a cristologia liberal e modernista», criticada então com pertinência pelo Padre Léonce de Grandmaison. [6]

Mas, em 1967, foram os herdeiros de Teilhard de Chardin e de Rahner que envenenaram o simples catecismo com a sua gnose evolucionista e racionalista, pela publicação do *Catecismo Holandês* (editado em Francês sem *imprimatur*), e, depois a do «fundo obrigatório» do Catecismo Francês, aprovado pela assembleia plenária do Episcopado francês em 1966; esta última obra silencia o pecado original, o pecado venial, o nome da Imaculada Conceição, o Demónio, os anjos e o Inferno. Além disso, uma declaração do Bispo de Metz, em Saint-Avold,[7] suscitou a indignação dos leitores de *Itinéraires*,[8] alertados por Jean Madiran. O Bispo teve a ousadia de dizer: «A mu-

---

[4] Enc. Ad diem illum, 2 de Fev. 1904, BP I, 85-87

[5] GS n° 4 e 5, citado por Monsenhor Lefebvre, L'Eglise acomplira à temps sa véritable rénovation? (A Igreja cumprirá à tempo a sua verdadeira renovação?) 30 de Agosto de 1968, LPE, 331

[6] Citada por Mons. Lef. «L'Hérésie contemporaine (A heresia contemporânea)», art. Citado p. 304

[7] Boletim oficial do bispado de Metz, 1 de Outubro de 1967

[8] Itinéraires n° 118, depois n° 119: «La religion de Saint-Avold ou l'hérésie du XX° siècle (A religião de Saint-avold ou a heresia do século XX)» Jean Madiran reeditava o catecismo de São Pio X pelo seu N° 116 (Setembro-Outubro de 1967) de Itinéraires, invocando a «função vigariante» que os leigos deve exercer hoje para dar aos fiéis o catecismo católico que já não se oferecia. (Itinéraires n° 121, p. 71)

tação de civilização, em que vivemos, acarreta mudanças não só no nosso comportamento mas também na concepção que temos tanto da criação como da Salvação trazida por Jesus Cristo. As revisões mais fundamentais incitam não só a uma nova pastoral, mas também mais profundamente a uma concepção mais evangélica – simultaneamente mais pessoal e mais comunitária – do desígnio de Deus sobre o mundo.» [9]

Como tinha razão Monsenhor Lefebvre em denunciar uma reinterpretação dos dados da fé a luz dos postulados intelectualistas da salvação colectiva e da evolução da Humanidade!

Foi contra esta heresia do Século XX que o Papa Paulo VI instituiu, em 1967, um «ano da fé», dirigido, nos seus próprios termos, contra uma "mentalidade post-conciliar", em que o Papa censurava o «propagar a esperança vã de dar à religião cristã uma nova interpretação.» [10] E quando, no dia 29 de Junho de 1968, para encerrar o Ano da Fé, o Soberano Pontífice proclamava a sua profissão da fé de Pedro, Monsenhor Lefebvre estaria repleto de esperança: «Eis», diz ele, «a razão profunda do nosso optimismo.» [11]

De toda a parte, os olhares dirigiam-se para o Papa. Santo Deus! Os seus actos desmentiam regularmente as suas palavras: o novo catecismo encontrava em Roma a impunidade, até mesmo encorajamentos, enquanto a Cúria Romana era subvertida por uma reforma que consagrava a preeminência da politica (a Secretaria de Estado) sobre a fé (a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, o antigo Santo Ofício), ficando reduzido ao papel da «promoção da doutrina».

«O Motu Próprio *Integre Servandae*», explicava o Cardeal Seper, da SCDF (Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé), «ainda que falando da reprovação dos erros contrários à fé, a Sagrada Congregação coloca em primeiro plano a tarefa de promover a busca teológica. Há portanto aí uma espécie de deslocação de acento, este acento estando posto agora num aspecto positivo, dinâmico.» [12]

Monsenhor Lefebvre tinha perguntado ao Cardeal Browne, antigo membro do Santo Oficio:

---

[9] Itinéraires n° 118, p.12

[10] Exortação apost. Petrum et Paulum, 22 de Fev. De 1967, DC 64, 486

Nos raisons d'être optimistes (as nossas razões para ficar optimistas), Roma, 15 de Ag. 1968, LPE, 321 sq; «Lueur d'espoire (Clarão de esperança)» Roma, 15 de Ag. 1968, no Itinéraires n°127, pp. 226 sq

[12] I.C.I. n° 316 ( 15 de Julho 1968), p. 27; Motu Próprio do 7 de Dez. de 1965, AAS 57, 953

- «Esta muda de nome e de papel, será uma mudança superficial ou essencial?»
- «Oh! Respondia o Cardeal, mudança essencial, é evidente.»

«Sim», concluirá o Arcebispo, «já não é tribunal da fé mas um ofício de busca teológica, com uma comissão de teólogos do mundo inteiro, que sempre estão "em busca da verdade" Isso é excessivamente grave.» [13]

## *Quebrar a ditadura do pensamento*

Ainda o Concílio não tinha acabado e já o clã neo-modernista, mestre de toda a máquina jurídica, administrativa e mediática, prometia, no mês de Maio de 1965, «um cisma para o fim do ano» da parte «duma certa parte dos meios independentes, em reacção contra decisões do Concílio» e que «endureceria o seu estado de mal-estar» depois da promulgação da liberdade religiosa e do esquema XIII. [14]

Da parte do ocupante progressista, a prática do «degredo sociológico»[15] denunciado pelo Padre Calmel, tomava uma feição extrema e insidiosa: Para excluir por completo, chamavam o cisma.

Contudo, nenhum dos «chefes de fila» da resistência católica em França (e noutros lados) manifestava a mínima veleidade de pôr em dúvida as decisões conciliares: nem Monsenhor Lefebvre nos seus comentários, nem os leigos eminentes como Jean Madiran na sua revista *Itinéraires*, nem, ainda menos, Jean Ousset, no *Verbe*, ou Marcel Clement em L'Homme Nouveau. Madiran explicava isso em Julho de 1965. [16]

Ora, na mesma remessa de *Itinéraires*, Monsenhor Lefebvre, com a sua palavra franca, denunciava «um novo Magistério: a opinião pública», e concluía o seu artigo reivindicando para cada Bispo a liberdade face aos serviços dos Episcopados que tendiam a tornarem-se «direcções»: «É inconcebível», dizia ele, «que uma maioria se imponha a uma minoria pelo mero jogo de votos. Isso seria o fim da autoridade episcopal. (...) O Bispo na sua Diocese deve permanecer inteiramente livre, sob pena de não ser senão um funcionário e, digamos, menor.» [17]

---

[13] COSPEC, 45 A, 10 de Out. De 1977; 55 B, 17 de Jan. de 1978

[14] Declaração de Monsenhor Pailler, coadjutor de Rouen, no Congresso de ACI de Amiens, 12 de Maio de 1965; AFP 178 B 100; La croix, 8-9 de Maio; Le figaro, 13 de Maio

[15] Itinéraires n° 206, pp.5-6

[16] Itinéraires n° 95, editorial intitulado «Um cisma para Dezembro»

[17] Perspectives conciliares, Art. escrito no 6 de Junho 1965, op. Cit., p. 82

Devemos acreditar que o núcleo dirigente do Episcopado francês se sentiu apontado, pois confiaram ao Cardeal Lefebvre a missão de admoestar o seu primo demasiado turbulento: «Na sequência dos vossos ataques contra o Episcopado francês no vosso artigo de 6 de Junho e numa conferência dada aos Beneditinos de Ozon, na Terça--Feira da Páscoa, o Episcopado teve a intenção de recorrer à Santa Sé. No entanto, por deferência às funções de Vossa Excelência, encarregou-me de vos participar da sua pena e da sua reprovação.” [18]

O Arcebispo replica vigorosamente:

«A pretensão de certos membros influentes do Episcopado de impor a sua maneira de ver a todo o Episcopado é inadmissível, contrária à natureza mesma do episcopado e à mais elementar liberdade legítima de pensamento. Ora, esta vontade de açambarcar os espíritos opera-se de maneira evidente, pelas notas do secretariado do Episcopado, pela imprensa oficialmente amparada pelos órgãos oficiais do Episcopado, em particular *La Croix*, e pela escolha dos teólogos do secretariado do Episcopado, sendo praticada a exclusão formal contra os que não estão conformes com esta orientação.

«Ora, a orientação das ideias que querem impor estes membros influentes do Episcopado é de tendência claramente liberal e, em geral, pouco conforme à orientação da teologia tradicional e romana. (...) Muitos Bispos, em privado, mostram-se muito pouco conformistas, mas não se atrevem a fazê-lo em público, temendo censuras e, sobretudo, as da imprensa. Esta ditadura do pensamento em meio episcopal é intolerável.” [19]

É para romper esta opressão ideológica e combater a invasão do erro que Monsenhor Lefebvre teve a ideia de estabelecer um vínculo entre os Bispos antigos membros do Coetus, como se vai ver.

À maneira de epílogo, acrescentamos isto: três anos mais tarde, na altura da publicação dos primeiros novos catecismos moldados segundo o “fundo obrigatório”, Monsenhor Lefebvre empenhou-se pessoalmente no combate. [20] No folheto de Pierre Lemaire, director de *Défense du Foyer* («Defesa do Lar»), intitula «O que devemos pensar do novo catecismo?» e no que recebem os Bispos franceses

---

[18] Textos reconstituídos a partir das respostas de Monsenhor Lef.

[19] Monsenhor Lef., Carta de Setembro 1965 ao Card. Lefebvre, Arquivos Lef. Écône

[20] Na sequência de Pierre Lemaire, Jean Madiran e Louis Salleron; cf. Itinéraires e Documents-Paternité de Março 1968

na véspera da sua assembleia em Lurdes, de Novembro de 1968, o Arcebispo de Synnada escreve e assina: «A Igreja de França atrai as maldições de Deus sobre ela. As crianças pediram pão e deram-lhes escorpião.»

O primo de Bourges indignar-se-á,[21] escrevendo por várias vezes ao Prelado, «manifestando a estupefacção entristecida» de "todo o Episcopado" sobre o qual Monsenhor Lefebvre lançava «a suspeita e o descrédito».[22] Mas é sobre ele mesmo que o eminentíssimo autor do catecismo suspeito de heresia[23] tinha atraído da parte do Padre Berto o titulo de «janízaro [guerreiro] da opressão».

## 2. Organizar a resistência e a reconstrução

### *Associar os Bispos prontos a reconstruir*

«No fim do Concílio», narra Monsenhor Lefebvre, «tínhamos organizado, com os membros mais fervorosos, mais sólidos, mais militantes, do *Coetus* – havia uma boa trintena -, uma pequena festa, ágapes fraternais, antes de nos separarmos. Havíamos tirado fotografias e tínhamo-nos prometido realizar um boletim nosso para nos manter na Tradição, no combate."[24]

É uma ideia caracterizadamente de Monsenhor Lefebvre: realizar entre os Bispos de espírito romano o que o seu amigo o professor Francesco Leoni, fazia por meio da sua revista *Relazioni* na área politica e económica, com um espírito católico tradicional.[25]

Fiel à sua promessa, o Arcebispo anuncia aos seus colegas, no dia 20 de Fevereiro de 1966, o projecto dum boletim inter-episcopal poliglota de informação, de crítica e de combate, que ajudaria os Bispos "a tomar medidas práticas contra o progressismo e em favor duma sã interpretação do Concílio", dispondo-os também "no momento oportuno, a uma acção comum à escala mundial" e em todo o caso a «facilitar a Roma a sua tarefa de defesa e de promoção da verdade».

---

[21] Já se tinha indignado contra Madiran e Louis Salleron, provocando da parte do Padre Berto, o seu antigo condiscípulo de Santa Chiara «uma carta aberta a Monsenhor Arcebispo de Bourges» de Setembro de 1968, publicada em Itinéraires n° 127 de Nov. 1968

[22] Carta do 14 de Nov. 1968

[23] «Ele é herético», diz o Padre Coache a propósito do novo catecismo, no *Combat de la Foi* de Out. 1968

[24] Entrevista com André Cagnon por Itinéraires n° 59, p. 64

[25] Carta de F. Leoni a Mons. Lef., 5 de Nov. De 1965

Escrevendo a Monsenhor Sigaud, Monsenhor Lefebvre precisa: "Quando o Santo Padre se aperceber de que aqueles em que ele depositou a sua confiança conduzem a Igreja à ruína, encontrará um grupo de Bispos no mundo prestes a reconstruir. Não será ainda hoje, infelizmente, porque o próprio Santo Padre deverá mudar de orientação e a conversão ser-lhe-á dolorosa" [26]

A revista que devia chamar-se inicialmente *Notitiae* postconciliares, nunca surgiu com este nome; de facto, foi necessário tempo para encontrar correspondentes locais capazes, e apenas em Julho de 1966 a Providência fez sinal ao Arcebispo para passar aos actos.

De passagem na Rua Lhomond, Monsenhor dispunha-se a retomar o avião para Roma quando tocou o telefone. Apanhado pelo tempo, o Superior Geral fixou, ao que parece, a entrevista no... Aeroporto de Orly, onde, chamado pelo altifalante, se encontrou na presença duma condessa escocesa, de cultura francesa, íntima de Léon de Poncins e residente na Califórnia, Lady Claude Kinnoull.

"Eis uma dádiva para as vossas obras, diz ela, vou repetir este gesto com boa vontade." [27]

É o que fará, efectivamente, pelo seu homem de confiança, o advogado inglês Vernor Miles.

Em posse desta ajuda inesperada e dos encorajamentos dos Cardeais Ottaviani e Siri, [28] Monsenhor Lefebvre comprou uma máquina de escrever IBM, uma máquina Offset e uma fotocopiadora, afim de poder realizar «um trabalho cuidadoso e muito apresentável»[29]" *Relazioni* ofereceu-lhe os seus locais para o secretariado da revista, que apareceu finalmente em Agosto de 1967 com o titulo mais combativo de *Fortes in Fide*, isto é, «Fortes na fé». Monsenhor Castan Lacoma cedeu ao secretariado os serviços dum dos seus sacerdotes, estudante em Roma, o Padre Luís Viejo Montolío, enquanto que o Padre Philippe de la Trinité, Carmelita, colaborava igualmente no secretariado.

As primeiras remessas de *Fortes in Fide* publicam tal carta pastoral de Monsenhor Carli, tal conferência de Monsenhor Graber, tal recensão do livro de Pierre *Virion, Avant le gouvernement mondial, une super contre-Eglise?* («Antes do governo mundial, uma super Contra-Igreja?») Mas a colaboração dos Bispos, mesmo dos mel-

[26] Carta do 28 de Janeiro 1967

[27] Entrevista com Joseph Lefebvre, MS. I, 46, 18-28

[28] Carta do Card. Ottaviani do 27 de Julho 1966, cf. Carta de Miles, 15 de Out. 1966; Carta de Siri do 30 de Agosto 1966. Siri apoiava a revista teológica italiana *Renovatio*

[29] Carta a V. Miles, 3 de Março de 1967

hores, revela-se delicada. Um Monsenhor de Castro Mayer, que Monsenhor Lefebvre se propõe de visitar em Campos, escreve-lhe: «Seria melhor nos encontrarmos, vós, Monsenhor Sigaud e eu, numa outra cidade maior em que reine o anonimato. (...) Melhor ainda seria se pudéssemos encontrar-nos numa quinta (...) no Estado de São Paulo, a uma distância da cidade de duas horas de carro.»

Por outro lado, segundo Monsenhor de Castro Mayer, em Diamantina, cidade de Monsenhor Sigaud, "o clero, com pouca excepções, está conquistado pelas novidades e infelizmente Monsenhor Sigaud, sobretudo depois da sua última doença, já não tem coragem suficiente para enfrentar uma situação destas."[30]

Quanto ao prudentíssimo Monsenhor Nestor Adam, bispo de Sion, depois de ter «aplaudido calorosamente à criação» do boletim no ano anterior, solicita que queiram desculpá-lo por não achar oportuno ser assinante do boletim e de nele deixar aparecer as suas cartas pastorais.[31]

A revista vive penosamente com algumas centenas de assinantes e graças aos benfeitores, mas a fórmula deste vínculo inter-episcopal revela-se pouco viável. Entretanto, o Arcebispo cria em Roma, num local arrendado, uma livraria internacional de bons livros, que funcionará de 1968 a 1969.

## *Federar a imprensa da Tradição*

Os contactos estabelecidos por Monsenhor Lefebvre com os directores das principais revistas tradicionalistas do mundo inteiro sugerem-lhe então a ideia de transformar *Fortes in Fide* num serviço de documentação internacional da imprensa tradicional. De facto, unicamente trinta Bispos ficaram interessados por *Fortes in Fide* e, por outro lado, deixando de ser Superior Geral, o Arcebispo é privado da ajuda que forneciam certos espiritanos na tradução dos documentos.

Tendo efectuado mudança de residência para a rua Casalmonferrato, Monsenhor Lefebvre empreende uma viagem pela Europa porque, diz ele, «quero mais do que nunca trabalhar na conservação da fé.»[32]

Excelentes revistas de imprensa existem já, em França a *Notí-*

[30] Carta de Campos, 21 de Maio 1967
[31] Carta de Sion, 28 de Fev. 1968, assinada Camille Grand
[32] Carta a André Lucq, 19 de Jan. 1969

*cias de Cristandade* de Ch.-P. Doazan, redigida por Dom Edouard Guillou OSB, ou *La Revue internationale* (a revista da imprensa internacional) de André Lucq,[33] publicada no boletim do CICES de Gilles de Coüessin. Assim, Monsenhor Lefebvre transforma a sua revista, a partir de Março de 1969, com o mesmo titulo de *Fortes in Fide*, num simples envio hebdomadário de fotocópia de documentos, transmitidos integralmente a quarenta revistas de todos os países. Neste contexto ele ficou muito mais disponível para comunicar documentos combativos, tal como o convite do Padre Louis Coache à sua Festa do Corpo de Deus, de 16 de Junho de 1968: «Eu convido», escreve o director do recém-nascido *Combat de la Foi* («Combate da Fé»), «sacerdotes e fiéis (...) a vir massivamente a este recanto do Vexin para proclamar o seu amor a Deus, a sua fidelidade à fé de sempre contra a heresia moderna", ou, tal como este folheto do mesmo Padre, «Purifiquemos as nossas igrejas!», que exorta os fiéis a fazer desaparecer das mesas de imprensa das suas igrejas «as revistas pretensamente católicas e de facto não católicas». Por outro lado, explica o Padre, «estas revistas são meramente ofertas e seria cumplicidade deixar uma oferta. Portanto, católicos, actuai em consciência!».

De resto, desde 1964, o Arcebispo, então Superior Geral, tomou medidas contra a penetração, nos escolasticados e escolas apostólicas (Saint-Ilan, por exemplo), das «revistas pretensamente católicas que são "imundas e imorais" »

> «É infelizmente possível que se introduzam à revelia da autoridade. Estão presentes em todas as paróquias e escolas. É insensato. Posso assegurar-vos», escreve ele a uma mãe de família alertada, «que faço pelo meu lado tudo o que posso para amparar a campanha que está sendo realizada contra estas revistas. Estou profundamente indignado com o pensamento de que estas revistas têm a aprovação dos Bispos. Lamento já não ser Bispo de França, porque teria certamente protestado publicamente. Isto é para mim mais difícil, não tendo a jurisdição aqui.»[34]

Em contrapartida, em 1968, o Prelado reencontra toda a sua liberdade para amparar publicamente a luta dirigida contra a imprensa corrompida chamada católica.

A colaboração que oferece *Fortes in Fide* exige uma concertação mais estreita. É por isso que Monsenhor Lefebvre reuniu, no dia 8

---

[33] Arquivos depart. Savoie, Chambery, dossiê 120 F, I, 5e6

[34] Carta a Senhora Antier, 10 de Fev. 1964

de Março de 1969, em Roma, os directores das publicações respectivas. Este pequeno Congresso de imprensa tradicional é um sucesso: a doutora Inge Köck, de Regensburg, por exemplo, tradutora para a *Fortes in Fide*, leitora de *Itinéraires* e co-fundadora de *Nunc et Semper*, escreve para exprimir «a sua gratidão pelas jornadas inesquecíveis de Roma, extremamente úteis e encorajantes».

A acção unificadora do Arcebispo disseminava-se para trinta e sete revistas de catorze países, a sua autoridade moral estabelecia-se e animava a coragem duma imprensa excluída pelas censuras dos Episcopados. [35]

## *Encorajar as associações sacerdotais*

Seria inexacto falar da data do 8 de Março de 1969 como da data da fundação do «movimento da Tradição»: As realidades não se processaram assim. Monsenhor Lefebvre, todavia, cujo espírito inventivo fervilhava de ideias, tinha encarado num certo momento criar em Roma um secretariado internacional para os diversos «movimentos laicos de orientação tradicional»; [36] todavia, o doutor de Saventhem tinha orientado a atenção do Prelado para uma outra virtualidade de *Fortes in Fide*: «fornecer o enquadramento espiritual e administrativo dum secretariado internacional» ao serviço das associações sacerdotais que se fundavam por aqui e por ali para associar os sacerdotes no combate da fé e da disciplina eclesiástica.

Já o Prelado consegue o apoio para o Padre Coache e para os sacerdotes assinantes do *Vade-mecum du Catholique fidèle* (Compêndio do Católico Fiel), encorajando-os «no bom combate que travam pela conservação da moral e do culto católico de que constitui a expressão e o fruto. Que Deus», escreve ele, «abençoe os seus esforços!» [37]

Monsenhor Lefebvre entrou em contacto, por outro lado, com a Associação de Sacerdotes e Religiosos de Santo António Maria Claret, fundada em Barcelona.[38] Estabelece uma lista de sete associações de mesmo tipo, entre as quais *le Cephas*, do Rev. Padre J.

[35] Cf. Advertência do episcopado francês contra *Verbe* em 1962; no dia 27 de Junho de 1966 contra *Defense du foyer*,(defesa do lar) *Itinéraires, Le Monde et vie* (André Giovanni); Advertência do episcopado Brasileiro contra Catolicismo, etc.

[36] Projecto apresentado a Éric de Saventhem. Cf. Carta de Éric de Saventhem, 9 de Agosto de 1968

[37] Imp. Ferrey, 4° trim. 1968

[38] Carta dos Padres José Bachs e José Marine, 22 e 29 de Setembro 1969

W. Flanagan, em Polegate, Inglaterra, criada para impedir as falsas doutrinas, realçando o ensinamento pontifical, e o *Opus Sacerdotale* do Cónego Etienne Catta, em França.

Centenas de sacerdotes reúnem-se em Congresso em Segóvia, em 1969, e um grupo de Barcelona enviou ao Padre Bugnini e a Paulo VI, no dia 11 de Dezembro, uma súplica dos seus seis mil membros sacerdotes, recusando a responsabilidade de que "o bom povo seja empurrado para a heresia[39] pela «nova missa»... Mas destes seis mil sacerdotes muito poucos permaneceram fiéis nesta resolução. O Congresso internacional das associações sacerdotais, reunido em Madrid em Fevereiro de 1970, e que planeava uma federação internacional,[40] não alcançou este objectivo, por falta de unanimidade e de perseverança na recusa das reformas litúrgicas. E foi com a morte na alma, depois de numerosos debates de consciência, que muitos sacerdotes adoptaram a missa reformada, tal como este pároco do Arquidiocese de Florença que escrevia em Junho de 1969, à Monsenhor Celada: «Vivo num estado de alma que não consigo descrever; sofro e às vezes choro lágrimas amargas. Penso com terror ao aproximar desta data e tenho arrepios. Queria escrever ou prostrar-se aos pés de Paulo VI e suplicar-lhe que me isentasse de celebrar esta missa.»[41]

«Conheço sacerdotes», dirá Monsenhor Lefebvre, «que morreram de dor por ter de celebrar a nova missa», sem contar aqueles que, fiéis à Missa de sempre, foram perseguidos pelos seus Bispos, expulsos das suas paróquias, desterrados pelos superiores e apenas superaram estas dificuldades por uma força de carácter pouco vulgar, ou uma virtude heróica.

## *Amparar os movimentos de leigos.*

Por falta de criar um secretariado para os movimentos de leigos, Monsenhor Lefebvre mantém o seu apoio aos grupos existentes, sobretudo à *Cité Catholique* , convertida em Gabinete Internacional das Obras de Formação Cívica e de Acção Doutrinal segundo o Direito Natural e Cristão. O Arcebispo está muitas vezes presente nos Congressos organizados em cada ano[42] pelo Gabinete de Lausanne.

---

[39] Textos no Itinéraires n° 140, Fev. 1970, p. 32. O Padre Bugnini respondeu-lhes, no dia 10 de Jan. 1970, por uma carta estupefaciente (Prot. 2031/70).

[40] Carta do Padre Dulac ao General Lecomte, 16 de Nov. 1969 e 21 de Fev. 1970

[41] Mons. Celada, *La mini-messa contro il dogma*, em *Lo Specchio*, 29 de Junho de 1969

[42] O X° Congresso da *Cité Catholique* reuniu-se em 1960 em Issy-les-Moulineaux. Os Congressos seguintes tiveram lugar na Suíça, primeiro em Sion, no Valais

Em 1965, o advogado do Valais Roger Lovey fez no Congresso uma intervenção sobre o tema “A Igreja, o Estado e a informação.”

Em 1966, Monsenhor Lefebvre recebido em audiência por Paulo VI, solicita uma bênção sobre o Congresso, que terá por tema «O Papel dos Leigos na Cidade»:

> São pessoas, diz o Prelado a Paulo VI, que procuram o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo ; eis a lista dos intervenientes.
>
> Ah!, diz Paulo VI, um tal, eu não conheço; um tal, não conheço. Ah! Michel de Saint-Pierre... Mas não é um Gaullista, Michel de Saint-Pierre!

Atrapalhado, o Arcebispo olha para o Santo Padre, que quer ele dizer? É a única reflexão que produziu para finalmente concluir:

> Afinal estou contente por ser informado, posso ficar com o papel?

E houve um desejo de sucesso emitido pela Rádio Vaticano, mas quanto à bênção de Paulo VI, não houve nada. [43]

Assim, no ano seguinte, o Prelado dirigiu-se para o Cardeal Ruffini na previsão do Congresso tratando de “Politica e Direito Natural” O Cardeal foi na sua palavra de bênção muito lisonjeiro para Monsenhor Lefebvre: «Tenho certeza que sob a égide da Vossa Excelência Reverendíssima, de quem sempre admirei a sabedoria e a absoluta fidelidade ao magistério da Igreja Romana, o Congresso dará todos os frutos esperados.» [44]

Foi pelo Gabinete que Monsenhor conheceu os Cavaleiros de Notre-Dame, esta *militia Sanctae Mariae*, fundada em 1945 pelo futuro monge de Saint Wandrille, Dom Gérard Lafond, foi erigida pelo Bispo de Chartres, Monsenhor Roger Michon, antigo confrade de Monsenhor Lefebvre em Santa Chiara (1922-1928, em Ordem de cavalaria cujos membros, em virtude da sua armação, dirigem os seus esforços para a realização duma cristandade prolongando o reino social de Cristo na cidade terrena e que constitua como que o revestimento do Seu Corpo Místico. [45]

A ordem estabelecer-se-á em breve no Valais, bem como na Suíça Alemã onde tomará o nome de Marienritter vom Kostbaren Blut.

Por intermédio dos Cavaleiros de Notre-Dame, a Ordem do Rouvre, fundada em 1960 pelos estudantes na Universidade de Louvain, reencontra a tradição cavalheiresca, e os primeiros cava-

[43] COSPEC 26 B, 10 de Fev. 1976

[44] Carta de Palerme, 13 de Março de 1967

[45] Regra dos Cavaleiros de Notre-Dame, 1958, Imprimatur de 1965

leiros serão armados em Riaumont por Monsenhor Rupp em 1967. Monsenhor Lefebvre armará outros em Serville, em casa do Conde de Ribaucourt, no dia 25 de Maio de 1969. Um deles é o advogado belga Gérard Wailliez, já presente em Roma na reunião da imprensa tradicional. O Arcebispo redigirá, para uso dos cavaleiros de Rouvre, «um guia espiritual do Cavaleiro», articulado sobre as virtudes teologais e cardeais; o cavaleiro é apresentado como «um verdadeiro companheiro de armas de Nosso Senhor, d'Aquela que é forte como um exército em formação de batalha, e do Chefe das milícias celestiais, São Miguel».[46]

Monsenhor prodigaliza também os seus encorajamentos a vários movimentos de jovens católicos que brotam em todos os lados «como uma geração espontânea», e de que admira o entusiasmo, escrevendo em 1968: «Vemos levantar-se uma juventude nova, (...) jovens apaixonados pela sua descoberta. (...)Apercebem-se de que a verdadeira riqueza da sua inteligência e do seu coração lhes foi escondida, quando afinal foi ela que transformou o mundo... Descobrem (...) a verdadeira História da Civilização Cristã, e isso doravante vai constituir as suas vidas, a sua própria vida interior, a vida em sociedade, o seu ideal. Ideal que nunca abandonaram.»[47]

«Muito mais», acrescenta o Arcebispo, «neste meio fervoroso e generoso brotam numerosas e excelentes vocações, num tempo em que se fala de diminuição das vocações. Aí se encontra o verdadeira esperança da renovação da Igreja».

Estas palavras anunciam a obra, já muito próxima, de Monsenhor Lefebvre ao serviço do sacerdócio católico e, mais precisamente da formação sacerdotal. Mas esta obra vai ser providencialmente lançada desde o início num enquadramento de combate heróico: o da Missa Católica.

## 3. Frente à reforma da Missa

### *Participação activa e compreensão fácil*[48]

É também a liturgia e o seu coração, o Santo Sacrifício da Missa, que são corrompidos pelos inovadores, sob o pretexto da «participação plena, consciente e activa» reclamada para os fiéis pela

[46] La Croix-Valmer, 6 de Jan. 1970

[47] «Lueur d'espérance (Clarão de esperança)» Roma, 15 de Agosto de 1968, Itinéraires n° 127, pp. 227-228; cf também *Pour une vraie rénovation de l'Eglise*,(Para uma verdadeira renovação da Igreja), Em UEP, pp. 81-82

[48] Mons. Lef, conf. em Montreal, 1982, Itinéraires n° 85

constituição conciliar sobre a liturgia (N° 14) promulgada no dia 4 de Dezembro de 1963. Desde Março de 1963, Monsenhor Lefebvre levantou-se contra este princípio equívoco: [49] «A inteligência não é o fim último da oração, que é a união a Deus; pode haver uma atenção aos textos que constitua obstáculo. A alma encontra a sua união a Deus no cântico religioso, a piedade e a acção litúrgica, o recolhimento, a beleza arquitectural, a nobreza e a piedade do celebrante, a decoração simbólica, o perfume do incenso, etc.».

Ora, o Consilium para a execução da reforma litúrgica instituída no dia 26 de Fevereiro de 1964 e confiado, sob a presidência do Cardeal Lercaro, ao Padre Bugnini, empreendia logo não a revisão mandada pelos Padres do Concílio (*Sacrosanctum Consilium*, N° 5) mas uma remodelação radical e sistemática da liturgia, da Missa em particular, «uma verdadeira criação», diria Bugnini. Fazendo isso, aplicava o princípio director do *Sacrosanctum Consilium*, já enunciado antes do Concílio pelo Padre Fernando Antonelli: [50] "Tudo está ordenado para um objectivo: proceder de maneira que os fiéis: 1- compreendam facilmente os ritos; e 2- possam tornar-se de novo o que devem ser: Participantes activos e não somente espectadores dos actos litúrgicos." [51]

Estas duas coisas, dizem em coro Antonelli e Bugnini, estavam perdidas desde há séculos. Encontrando mais tarde esta asserção na obra de Annibale Bugnini, *La Riforma Liturgica*, [52] Monsenhor Lefebvre indignava-se: "É falso! O ensino real da História prova o contrário. Afirmar que todos os fiéis que estiveram cá durante séculos – muito antes de que Bugnini existisse – teriam participado na Missa duma maneira muda, como espectadores, como estrangeiros! Nada de mais falso. A participação activa dos fiéis, não é a participação espiritual, que é muito mais importante que a participação exterior?" [53]

Mas ao ler *La Riforma*, Monsenhor Lefebvre discernia, por detrás

---

[49] BG 708 (Março-Abril 1963), 428 e 430, resumido por nós

[50] Com o Padre Bugnini, membro da Comissão instituída por Pio XII (1948-1960), Da Comissão preparatória ao Concílio (1960-1962) e do *Consilium* (1964-1969)

[51] N. Gianpietro, *Il Card. Ferd. Antonelli*, pp. 60, 64, 73, 79, 89, 101, 200, 203,-204.

[52] CLV, ed. Liturgiche, Roma, 1° ed., p. 50, 2° ed. P. 55

[53] COSPEC 111 A, 12 de Junho de 1982 – O Cântico gregoriano recolocado em lugar de honra por Solesmes, conformemente ao desejo expresso por São Pio X, não será a mais tradicional e a mais eficaz participação exterior? Cf. S. Pio X, Motu Proprio sobre a restauração da música sagrada e o restabelecimento do uso do Cântico gregoriano entre o povo, 22 de Nov. 1903

dos princípios falsos, um erro doutrinal, uma heresia subjacente: «Há lá debaixo – digo debaixo, não formalmente – uma heresia: pretender que o sacerdócio dos fiéis e o sacerdócio dos sacerdotes seja o mesmo; que toda gente seja sacerdote, que o povo de Deus deve oferecer o Santo Sacrifício da Missa.»

Antonelli censurava mesmo Bugnini «por ter introduzido no trabalho (do Consilium) pessoas capazes, mas de coloração teologicamente progressista, sem lhes resistir porque não devia contrariar-se certas tendências». Reconhecia que «as teorias correntes dentre os teólogos avançados influenciavam a fórmula e o rito».[54]

Estas teorias eram as da «teologia nova».

Procedendo por subtis deslocações de acentos, realçava o «sacerdócio comum» dos baptizados e não via mais no sacerdote o modelo realizando propriamente o sacerdócio[55]; o sacerdote na Missa era mais o «que une os sufrágios dos fiéis ao sacrifício do seu chefe» do que aquele que oferece ele mesmo o Sacrifício enquanto ministro do Cristo-Sacerdote.[56] O «mistério Pascal», celebrado na Missa, era mais o Cristo triunfante na sua Ressurreição do que o Cristo expiando pela sua Paixão[57] ; O pecado já não era considerado como uma injustiça para com Deus e os Seus direitos, mas unicamente como um dano para o homem e a solidariedade humana; a Redenção pela satisfação do Filho e a Propiciação do Pai, era deste modo esvaziada da sua substância e a Cruz Nosso Senhor Jesus Cristo era aniquilada. Uma teologia sacramentária simbolística fazia da Missa o "memorial" da obra salvífica de Cristo, memorial que representava, isto é, tornava esta obra presente, pela vivência da acção litúrgica comum; neste sentido, a Missa era um sacrifício apenas porque era «memória».[58] A presença substancial do Cristo sob as espécies era mergulhada no memorial. A transubstanciação do pão e do vinho tornava-se supérflua, bastava uma transsignificação.[59]

---

[54] Antonelli, diário, Abril de 1969, em Gianpietro, 264 e 257

[55] Y. Congar, Jalons pour une theologie du Laicat,(referências para uma teologia do laicado) Cerf, 1953, pp. 155, 178, 199-200, 243-244; Combatido pelo Padre Berto, La pensée Catholique n° 11 (1949), pp. 31-46

[56] Lumen Gentium, n° 28

J. Lécuyer, Le sacerdoce dans le mystère du Christ,(o sacerdócio no mistério de Cristo) Cerf, 1957

[58] Cf. Ordo Casel, Faites ceci en Mémoire de Moi, Lex Orandi n° 34 (1962), p. 165; Le mystère du Culte, (O mistério do culto) LO 38 (1964), 26 e 300. Beneditino da Abadia alemã de Maria Laach, Dom Casel difundia a sua teoria «mistério» da acção litúrgica. Cf. Jahrbuch für Liturgiewissenschaft, desde 1921

[59] Y. de Montcheuil, La présence réelle, policopiado difundido discretamente, analisado por Garigou Lagrange (1946) e Piolanti (1951) Ed.

Estas influências venenosas duma gnose multiforme, mas coerente e omnipresente, escapava aos não iniciados; Monsenhor Lefebvre discernia alguns indícios, inscritos na lógica das reviravoltas litúrgicas sucessivas e como que cientificamente graduadas: reviravoltas dos altares, afastamento do tabernáculo, invasão da língua vernacular, supressão das «orações individuais» do sacerdote (orações ao pé do altar), sinais da cruz, etc., o Cânon recitado em voz alta e, finalmente, a língua vernacular substituindo-se por completo ao Latim, sendo todas estas reformas aprovadas por Paulo VI entre 1964 e 1967.[60]

A associação *Una Voce*, fundada para preservar o Latim e canto gregoriano, protestou junto a Paulo VI, no dia 25 de Maio de 1967, contra esta generalização do vernáculo, contrária ao *Sacrosanto Consilium* (N° 36, §1) e Monsenhor Romoli, Bispo de Pescia, escreveu sobre isso à Confêrencia Episcopal Italiana; Monsenhor publicou esta carta na sua revista *Fortes in Fide.*

Mas, até então, as reformas apenas eram «retoques» provisórios. Por Bugnini e pelo *Consilium*, "tratava-se de dar estruturas novas a ritos inteiros (...) e, nalguns pontos, tratava-se de nova criação.» Esperando por estas novas criações, os Bispos deviam «tomar iniciativas e propor adaptações e experiências etc.», sob pena de «imobilismo», de ser ultrapassados pelas experiências individuais e arbitrárias[61] com que Paulo VI estava amargamente descontente.[62] Contra esta revolução permanente na liturgia, encorajada do alto e estimulada pela «base», levantava-se o Padre Dulac no *Courrier de Rome.*

## *A Missa normativa*

No dia 21 de Outubro de 1967 abre-se o Sínodo dos Bispos; tomámos conhecimento de que o Padre Bugnini ia apresentar a sua «Missa normativa», esboço duma nova missa. Ela vai aplicar na sua lógica implacável o *Sacro Consilium*, que prevê ritos «duma brevidade notável» (n° 35), uma leitura «mais abundante da Sagrada

---

Schillebeeckx, Une question de théologie eucharistique: Transubstanciation, transfinalisation, Transsignification, na revista *di Pastorale litúrgica* n° 16 (1966), pp. 228-248, Queriniana, Brescia, analisado por Mons. Ugo emílio Lattanzi: Il Misterium fidei nel teologia nuova e nella revelazione, 23 de Março de 1967, policopiado para Monsenhor Lefebvre.

[60] Instrução *Inter oecumenici*, 26 de Setembro 1964; *Tres adhinc Annos*, 4 de Maio 1967; *Eucharisticum mystérium*, 25 de Maio 1967.

[61] A. Bugnini, Conf. De Imprensa, 4 de Jan. 1967

[62] Alocução no *Consilium*, 29 de Abril 1967, DC 1493, 769 sq.

Escritura» (N° 35), a pretensa retoma em ordem lógica do Ordo Missae, a supressão dos «dobletes introduzidos no decorrer das idades» (N° 50) – o Ofertório sacrificial foi um destes dobletes a suprimir: não constitui ele repetição escusada da consagração que antecipa ilogicamente (segundo o dizer do Padre Bugnini)? –, «o restabelecimento de coisas desaparecidas» (N° 50), etc.

Por outro lado, esta missa normativa, assim chamada por dever servir de norma para toda a celebração da missa renovada, é concebida de propósito como «uma celebração com assistência do povo», menosprezando assim o valor essencial da Missa, independente do concurso dos fiéis, sublinhado pelo Concílio de Trento (DS 1747, 1758).

Monsenhor Lefebvre vê logo o perigo. Do seu colaborador, o Padre Fitzgerald CSSp, Monsenhor Lefebvre obteve um artigo, «A Propósito da Missa Normativa», que, retocado pelo Arcebispo, foi à pressa reproduzido com fotocopiadora e distribuído aos Padres Sinodais, antes da sessão de 24 de Outubro, com a capa de *Fortes in Fide*.[63]

> «A missa normativa», conclui o Prelado neste artigo, «ou o que serve de base a esta reforma litúrgica não pode ser a que comporta a participação dos fiéis, sendo esta participação acidental e não essencial na Missa.»

O «efeito Lefebvre» foi apreciável. A maior parte dos Padres, reconhece Bugnini, foram para a Capela Sixtina, no dia 24 de Outubro, «com um espírito maldisposto», para assistir a uma missa de tipo «normativo», celebrada em italiano pelo próprio liturgista: rito de acolhimento, breve cerimónia penitencial comum, Gloria, três leituras, Credo, oração universal, muito breves preces de deposição dos dons, Cânon inteiramente novo, Palavras da consagração modificadas, sinais da cruz e genuflexões reduzidos, etc.[64]

Logo, em sinal de protesto, vários Bispos, entre os quais Monsenhor Slipyj, deixaram a Capela.[65]

«A tentativa fracassou», confessa Bugnini, «produziu até o efeito inverso, pesando sobre os votos num sentido negativo.»

No dia 26 de Outubro, respondendo à questão «A estrutura da missa normativa em linha geral agrada-vos?», sobre 180 Padres, 71 responderam que Sim, 43 Não, e 62 *juxta modum*. Paulo VI manda o

---

[63] A. Bugnini, op. Cit., 2° ed. 1997, p. 347 e nota 14; Arquivos Lef. Écône. O nome de Monsenhor Lefebvre não aparecia

[64] DC 1506, 2077

[65] COSPEC 86 A, 24 de Junho 1981

*Consilium* voltar ao trabalho para realizar uma missa aparentemente menos revolucionária, mas que, no entanto, daria, tal como queria Bugnini, uma «imagem completamente diferente do que era antes».[66]

Em Dezembro de 1967, por ocasião duma assembleia da União Mundial dos Superiores Gerais, à qual assistia Monsenhor Lefebvre, o Padre Annibale Bugnini foi convidado para expor a sua missa normativa. Fê-lo com muita tranquilidade: «Para a participação dos fiéis», diz ele, «íamos mudar toda a primeira parte da Missa, suprimir o Ofertório, que fazia repetição escusada do Cânone, bem como das orações do sacerdote antes da comunhão, mudar e diversificar as preces eucarísticas, etc.».

«Durante a espera desta conferência, que durou uma hora», narra o Arcebispo, «eu reflectia: "Não é possível que seja este homem aquele que detém a confiança do Santo Padre, que seja ele que o Papa escolheu para operar a reforma litúrgica!" Tínhamos diante de nós um homem que espezinhava a liturgia antiga com um desprezo e uma desenvoltura impensáveis. Estava eu abatido, e então eu que tomo assaz facilmente a palavra, como o tinha feito no Concílio, não senti a coragem de levantar-me. As palavras abafavam-se no meu peito.»

Contudo, levantaram-se dois superiores gerais. O primeiro disse: "Senhor Padre, se eu entendo bem, depois de ter suprimido o *Confiteor*, o Ofertório, abreviado o Cânone, etc, uma missa rezada vai durar entre dez e doze minutos!" O Padre Bugnini respondeu: "Poderíamos sempre acrescentar qualquer coisa!" Via-se bem o pouco interesse que tinha pela Missa e pela maneira de a celebrar.

O segundo, um Padre Beneditino, interveio: "A participação activa é uma participação corporal ou antes espiritual?" À boa pergunta, "a missa normativa está prevista para uma assistência de fiéis, mas nós, Beneditinos, que celebramos as nossas missas sem fiéis, o que vamos fazer agora?", eis a resposta que deu Bugnini: "Para dizer a verdade, não tínhamos pensado nisso!" – Isto revela bem o ambiente desta reforma.» [67]

Mas quem é este Bugnini? [68]

Director dos *Ephemerides Liturgicae*, o Padre Bugnini CM, tinha sido membro da comissão Piana (1948-1960), depois secretário da comissão pré-conciliar (1960-62). Mas em 1962, a instâncias do

---

[66] A. Bugnini, conf. de Imprensa, 4 de Jan. 1967, já citada.

[67] COSPEC, 30 B, 26 de Março 1976; 85 B, 23 de Junho 1981; Fideliter n° 85, p. 13

[68] Mons. Lef. À André Cagnon, ROMEC, 17-24

Cardeal Larraona, presidente da Comissão Conciliar da Liturgia, João XXIII exonerou Bugnini da sua cátedra de ensino da Liturgia no Latran – «Acusava-me de iconoclastia», confessava Bugnini. O mesmo «Bom Papa João» não o tinha confirmado nas suas funções de secretário na comissão do *Consilium*, nomeando em seu lugar o Padre Fernando Antonelli. Paulo VI tinha desejado «restabelecer a justiça»,[69] nomeando Bugnini secretário do *Consilium* em 1964. Sabíamos que foi Bugnini que pediu a presença de seis pastores protestantes como observadores durante as sessões plenárias do *Consilium.* Bugnini não tinha retocado, desde 1965 as orações solenes da Sexta-Feira Santa, «eliminando toda e qualquer pedra que pudesse constituir sequer uma sombra de risco de melindre ou de desagrado"para com os irmãos separados?» [70]

Por outro lado, Monsenhor Lefebvre tinha ouvido Monsenhor Cesário d'Amato, Abade de São Paulo Extra-Muros, [71] dizer-lhe: «Monsenhor, não me faleis do Padre Bugnini. Sei demasiadas coisas sobre ele, não me pergunteis quem é ele!»

E, após a insistência do Prelado, o Abade retomou: «Eu não posso falar-vos sobre Bugnini.»

Fernando Antonelli escrevia o mesmo: [72] «Poderia falar muito sobre este homem. Devo acrescentar que sempre foi apoiado por Paulo VI. A sua falha mais notável é a falta de formação e de sentido teológico.»

Visitando, em Fevereiro de 1969, o Cardeal Amleto Cicognani, ainda Secretário de Estado, para lhe apresentar as suas lamentações sobre os novos cânones, Monsenhor Lefebvre perguntou:

> « Eminência, não ireis deixar passar tudo isto! É uma revolução na liturgia, na Igreja.»
> «Oh! Monsenhor», respondeu o Cardeal levando as mãos à cabeça, «bem que sou da vossa opinião. Mas o que quereis que eu faça? O Padre Bugnini pode entrar no gabinete do Santo Padre e fazê-lo assinar tudo o que quer!»
> «Não sou o único a ter ouvido isso, precisava o Arcebispo; «o Cardeal dirigia-se a mim, mas outras pessoas no escritório da Secretaria do Estado, tinham ouvido isso como eu.» [73]

---

[69] Bugnini, La Riforma, 2° ed., p. 44 e nota 5

[70] OR. 19 de Março 1965, 604

[71] Nomeado em 1960 membro da comissão preparatória para a reforma litúrgica, de que faziam parte já os Padres Antonelli e Bugnini (Gianpietro, 46-47).

[72] Na altura da nomeação de Bugnini ao Secretariado da Congregação do culto Divino, unindo a S. Congragação dos ritos e o *Consilium*, no dia 8 de Maio 1969; Gianpietro, 264

[73] COSPEC 30 B, 26 de Março 1976, RETREC 2 A, 20 de Setembro1979

Passando em seguida pela Congregação dos Ritos com o Padre Coache, Monsenhor Lefebvre abordou a comunhão na mão (cujo decreto de permissão estava em preparação no *Consilium*) com o Cardeal Gut, que lhe confessou, na presença do Padre Antonelli, secretário da Congregação: «Sou o prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, mas não sou eu que mando, adivinhais bem quem é que manda.»

E virando-se para Antonelli, continua: «Se todavia me solicita o que penso, irei ajoelhar-me aos pés do Santo Padre para lhe suplicar que não permita uma coisa destas, mas só se para tal for solicitado!»[74]

A influência de A. Bugnini sobre Paulo VI e o modo «ditatorial» das suas decisões, passando por cima dos prefeitos da Congregação dos Ritos, era uma enigma para Monsenhor Lefebvre.

«É certo», dizia ele em 1974, «que alguma coisa de inadmissível se passou entre o Santo Padre e os organismos que estão nas mãos de Monsenhor Bugnini. Tudo isso vai saber-se mais tarde.»[75]

O Arcebispo acreditou saber quando Paulo VI, na ocasião da fusão entre a Sagrada Congregação do Culto Divino e a dos Sacramentos, no dia 11 de Julho de 1975, fez cessar as actividades de Bugnini, para nomeá-lo, seis meses mais tarde, Pro-Núncio em Téheran. Difundiu-se o rumor de que uma mala comprometedora, perdida por Monsenhor Bugnini, tinha revelado a sua pertença à Maçonaria. Afirmou porém a Paulo VI tudo ignorar da Maçonaria, «do que é que se faz lá dentro, e as suas metas».[76] Em 1976, circulava uma correspondência apócrifa de Bugnini com um pretenso Grão-Mestre da Maçonaria, e listas de filiação de numerosos prelados da Cúria, e de outros, a uma sociedade secreta romana, de 1963 à 1971. Bugnini, "Buan" para os iniciados, estava inscrito em 23 de Abril de 1963.

Monsenhor deu crédito ao rumor e a estes documentos suspeitos, e publicou: «Tivemos a notícia de Roma de que aquele que foi a alma da reforma litúrgica é um *Maçon*."[77]

O mistério ou a mistificação permanece.

---

[74] COSPEC, 86 A, 24 de Junho 1981. O cardeal assinou, com grande dificuldade, a instrução permitindo a comunhão na mão, unicamente para fazer a vontade ao Papa (Instrução do 29 de Março 1969): La Reforma, p. 101

[75] COSPEC, 12 de Março 1974

[76] Carta a Paulo VI, 22 de Outubro de 1975, La Riforma, p. 104 (1° ed. , p. 101). Isso era simultaneamente dizer muito pouco e muito...

[77] Carta aos amigos e benfeitores n° 10, 27 de Março 1976; Itinéraires n° 204

## *O Novus Ordo Missae – Primeiras reacções*

Annibale voltou seis vezes ao ataque, assediando Paulo VI durante seis meses para obter a aprovação dos três novos cânones da Missa com novas palavras da Consagração e a deslocação da expressão *Mysterium fidei*, que se torna num convite a aclamar o mistério pascal e escatológico por parte dos fiéis. O Santo Oficio, presidido pelo Cardeal Ottaviani, não fez objecções importantes.[78] Paulo VI aceitou, e foi contra a sua vontade, para obedecer ao Papa, que o Cardeal Gut, Prefeito da Congregação dos Ritos, assinou, no dia 23 de Maio de 1968, o decreto permitindo os três cânones a partir do dia 15 de Agosto.

Quando Monsenhor Lefebvre lhe disser que, em França, o Cânone II, o mais breve, era o mais utilizado, o Cardeal ficaria transtornado dizendo: «Eu bem dizia!»[79]

No entanto, a carta do *Consilium*, assinada por Gut, presidente, e Bugnini, secretário, datada do dia 2 de Junho de 1968, envia às conferências episcopais o texto das três anáforas com um comentário louvando as «suas construções claras e estruturas lineares», mas silenciando o papel do sacerdote e a palavra consagração, e regozijando-se com o «entusiasmo dos fiéis que voltavam a ser actores vivos e não apenas espectadores mudos das acções sagradas.»[80]

*Una Voce* reagiu no dia 14 de Agosto por um comunicado denunciando «uma evidente deslocação de acento», que Dom Edouard Guillou sublinha na *Nouvelles de Chrétienté*, de Outubro de 1968: a Transubstanciação encontra-se afogada no "memorial" pela transformação das palavras *Mysterium fidei* da Consagração numa aclamação dos fiéis.

Contudo, o *Consilium* chega aos últimos cortes nefastos no Ordinário da Missa: Supressão do Ofertório sacrifical para «eliminar o equívoco do pequeno cânone», modificação do Cânone Romano (Palavras da Consagração) em harmonia com os novos Cânones.[81] Paulo VI anuncia o Ordo Missae no Consistório do 28 de Abril de 1969, no dia 2 de Maio são apresentados, na Sala de Imprensa, a

[78] Bugnini La Riforma, 2° ed.. 182 e nota 66; 456 e nota 10

[79] No dia 13 de Fev. 1969: COSPEC 86 A; Nouvelles de Chrétienté n° 536

[80] Notitiae n° 40 (Maio-Junho 1968), 147; DC 1520, 1171 sq

[81] La Riforma, 2° ed. 375-380, 2 de Junho 1968, Paulo VI tinha feito mandar aos prefeitos dos dicastérios da Cúria os seus avisos sobre estas últimas reformas. O Cardeal Seper, sucessor de Ottaviani, foi portanto consultado, mas não julgou útil reunir a Congregação (SCDF), ao que parece. La Riforma, 2° ed., 369 e 372; Fideliter n° 85, p. 15

Constituição Apostólica *Missale Romanum*, datada de 3 de Abril, e o fascículo do novo *Ordo Missae* (de que vamos abreviar o nome pela sigla NOM). Ora, certos protestantes muito depressa se declararam favoráveis ao NOM; assim, o Irmão Max Thuriam, da comunidade de Taizé, declara em *La Croix* de dia 30 de Maio:

«Um dos frutos de tal acontecimento será talvez que as comunidades não católicas poderão celebrar a Santa Ceia com as mesmas orações que a Igreja Católica. Teologicamente, é possível.»

O Padre Dulac reagiu no *Le Courrier de Rome* de 25 de Junho: «Nós recusamos conferir a nossa aprovação, por pequena que seja, a um equívoco (...) nós recusamos seguir o novo *Ordo Missae*." E no dia 10 de Julho, precisando o sentido desta recusa, eleva uma súplica a Paulo VI, para que o Papa proceda a uma revisão completa do NOM.

«Aguardando o efeito desta súplica», diz ele, «utilizaremos modestamente, pacificamente, a céu aberto, da liberdade inscrita na Constituição de São Pio V,[82] e posteriormente num costume universal de quatro séculos.»

## *O Bref Examen critique do NOM (O breve exame crítico da Nova Missa)*

É na ideia duma súplica a apresentar ao Papa Paulo VI, para que adiasse o uso do NOM, previsto para o fim de Novembro de 1969, e o revisse, que a inspiradora de *Una Voce Roma* encontrou Monsenhor Lefebvre, que a conhecia bem. Vittoria Guerrini era conhecida pelas suas cartas sob o pseudónimo de Cristina Campo.[83] Acompanhada da sua amiga, uma outra *donna* romana, Emília Pediconi, foi ter com o Prelado. Possuindo os seus canais de comunicação junto ao Cardeal Ottaviani, podiam servir de intermediárias. Foi decidida a preparação dum documento que seria apresentado ao Cardeal, o qual aceitou com antecedência rever o texto e entregá-lo ao Papa.[84]

Vittoria Guerrini conseguiu associar cinco ou seis eclesiásticos, entre os quais Monsenhor Renato Pozzi, antigo perito do Concílio

---

[82] Concedendo na sua Bula Quo Primum Tempore, du 14 de Julho de 1570, a todo sacerdote, em perpetuidade, o poder de celebrar livremente a missa que codificava. É o que se chama «Indulto de São Pio V»

[83] Cf, Christina de Stefano, Belinda e il mostro, vida secreta di Christina Campo, ed. Adelphi, Milano, 2002, pp. 127-139

[84] COSPEC 69 A, 8 de Fev. 1979; Fideliter n° 85, p. 14; P. Guérard des Lauriers, «avertissement» na ed. Du Bref Examen Critique pelas ed. Sainte-Jeanne d'Arc (que diminuem porém o papel de Monsenhor Lefebvre)

e membro da Sagrada Congregação dos Estudos, Monsenhor Guerrino Melani, da mesma Congregação, e sobretudo Domenico Celada, liturgista de fama e autor de artigos combativos;[85] Monsenhor Lefebvre solicitou o Padre Guérard des Lauriers OP., que colaborava na revista *La Pensée Catholique*, para o empreendimento.

Sendo Bispo, Monsenhor presidiu à primeira sessão e algumas outras dentre as sessões nocturnas que tiveram lugar com «um ritmo frenético» no local de *Una Voce*, em Roma, em Maio-Junho de 1969. O Padre Guérard des Lauriers elaborou o texto que, discutido em sessões, à medida que era ditado por ele, era traduzido logo em Italiano por V. Guerrini, que completava ela mesma e minuciosamente ajustava o documento, nomeadamente no atinente à liturgia. Sem ter seguido cursos de Teologia, estas donas romanas «tinham aquilo no sangue».

O texto italiano foi entregue aos Cardeais Ottaviani e Bacci; Monsenhor assediou outros cardeais amigos, que o receberam mas temeram assinar. O Arcebispo esperava obter a assinatura de numerosos Bispos, dentre os quais sessenta Italianos.

Entretanto, Monsenhor Lefebvre diligenciou traduções francesa (Padre Guérard), alemã (Elisabeth Gerstner), espanhola (Don Luiggi Severini) e inglesa (professor Anderson) e planeou para uma data posterior a sua entrega ao Papa e a sua publicação por diversas revistas ou organizações amigas de *Fortes in Fide*.

Contudo, o tempo passava. O Cardeal Ottaviani conservava o documento "sob o cotovelo" desde há vários meses. Sem dúvida, considerava necessário estudá-lo a fundo antes de o entregar ao Papa. Além disso, devia sentir-se envergonhado por ter dado o seu *Nihil Obstat* às três novas anáforas, dois anos antes.

Monsenhor Pozzi veio de caneta e papel na mão, falar ao Cardeal, que era cego, e que fez reparos sobre numerosos pontos, dizendo em particular: «É um pouco forte demais afirmar que a nova Missa é contraria a Trento, mas, por muito desagradável que seja, é no entanto verdade.»

Finalmente, no dia 13 de Setembro, com muita insistência, obtivemos dele a aprovação do *Bref Examen critique* e a sua assinatura numa carta de requerimento dirigida ao Papa Paulo VI. O Cardeal Bacci assinou, por seu lado, a 28 de Setembro. Era em vão que se buscavam outras assinaturas: não houve nenhuma , nem sequer a

[85] Sodalitium, ed. Francês, n° 49, p. 74 e art. De Monsenhor Celada, *La Mini Messa contro il dogma*, no Lo Specchio, 29 de Junho de 1969; CRC n° 23, Agosto de 1969.

de Monsenhor Carli. Entretanto, no dia 15 de Outubro, o Padre de Nantes publicou na sua *Contre Reforme Catholique*, de forma prematura, a carta dos Cardeais – com a única assinatura do Cardeal Ottaviani. Desde então não se podia esperar mais, e a súplica, datada do 3 de Setembro, festa de São Pio X, foi entregue com o *Bref Examen critique*, no dia 21 de Outubro, ao Papa Paulo VI. [86]

## *Um impressionante afastamento da doutrina da Missa*

Analisando primeiro a *Institutio Generalis*, o *Bref Examen* critique repara, no artigo 7, nesta descrição da missa nova:

«A Ceia do Senhor, ou Missa, é a sinaxe sagrada[87] ou reunião do povo de Deus que se encontra reunido sob a presidência do sacerdote para celebrar o memorial do Senhor. É por isso que a reunião da igreja local realiza de maneira eminente a promessa de Cristo: "Lá onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles" (Mat 18, 20).

«Esta quase definição não apresenta a Missa como um sacrifício», diz o Breve Exame Crítico, mas antes como uma refeição,[88] anula o valor intrínseco da Missa, fazendo-a depender da reunião do povo, reduz o ministro do Cristo-Sacerdote a um simples presidente de assembleia, e a presença substancial do Cristo numa mera presença espiritual; a finalmente o "memorial do Senhor" é o da Ressurreição de Cristo, bem como o da Sua Paixão.

Passando logo à critica do mesmo *Ordo Missae*, segundo um plano rigoroso

1) Pela supressão das orações do Ofertório e as duas preces dirigidas à Santíssima Trindade, foi silenciada a finalidade propiciatória da Missa.
2) As Palavras da Consagração, subtilmente mudadas, sugerem uma mera narração do que Jesus Cristo fez

---

[86] Michael Davies, Pope Paul's New Mass, The liturgical Revolution, Vol III, The Angelus Press, Kansas city, 3° ed., 1992, pp. 493-494. Tínhamos rectificados alguns factos e algumas datas. António Bacci, fino latinista, activo protagonista do latim litúrgico, fez o prefácio do livro de Tito Casini, La tunique déchirée,(túnica rasgada) obra que provocou a ira de Paulo VI

[87] Synaxis, em grego, significa assembleia religiosa. Cena significa refeição.

[88] Cf. Igualmente nn° 8, 48, 55 d, 56 e as expressões «cena do Senhor e missa», «Convivium paschale», «Participação comum na mesa do Senhor», apesar do n° 259: «No altar, o sacrifício da cruz torna-se presente debaixo dos sinais sacramentais», que fala simultaneamente demasiado e muito pouco, porque silenciamos a transubstanciação.

na Santa Ceia e não a mudança actual, pela acção do sacerdote, do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo; [89] desloca a acentuação do acto do sacerdote sobre a ideia de comemoração, na qual cooperaria «o papel sacerdotal do povo.» [90]

3) A supressão de numerosos sinais da cruz, inclinações, genuflexões, cautelas e purificações para com as migalhas da hóstia, etc., sugerem que a presença de Cristo na Eucaristia apenas se encontra no uso (na comunhão) ou que apenas é espiritual.
4) Finalmente, a supressão das orações «pessoais» do sacerdote e as outras mudanças, diluem o sacerdócio hierárquico e ministerial do sacerdote, que já não aparece como o único capaz de consagrar e de oferecer «na pessoa do Cristo-Sacerdote» o Corpo e o Sangue do Redentor.
5) É por isso que a carta dos dois Cardeais exprime o julgamento seguinte:

«O NOM (...) representa, tanto no conjunto como nos pormenores, um impressionante afastamento da teologia católica da Santa Missa, tal como foi formulada na XXII° Sessão do Concílio de Trento, o qual fixando definitivamente os "cânones" do rito, ergueu um dique intransponível contra todas as heresias que podiam atingir a integridade do mistério.»

## *Ainda o "efeito Lefebvre"*

Concluindo a sua mensagem, os Cardeais estimam que «Se a lei se averigua nociva, os súbditos possuem o direito de pedir ao legislador a sua abrogação».

E suplicam a Paulo VI que não subtraia "A possibilidade de continuar a recorrer à integridade fecunda do Missal Romano de São Pio V, tão altamente louvado" pela sua Santidade.

Recebendo a súplica no dia 21 de Outubro de 1969, Paulo VI, emocionado pela autoridade dos dois signatários, transmitiu logo no dia seguinte o documento ao Cardeal Seper, pedindo à S.C.D.F. um «rigoroso exame das críticas levantadas». Franjo Seper, preocupado, fala ao Cardeal Gut; os dois estão profundamente transtornados e

---

[89] O B.E.C. omite de comentar a Introdução de «Tomai e comei», «Tomai e bebei» nas palavras da consagração, mas demora muito sobre uma questão de pontuação que Monsenhor achava mais secundário.

[90] Notamos os temas da nova teologia sacramentária

entrevistam o Padre Bugnini.[91] Seper ordena ao Padre Bugnini para suspender a publicação definitiva do *Ordo Missae*[92] e fazem examinar o Breve Exame Crítico por três teólogos da SCDF.

A intervenção dos três Cardeais, novo «efeito Lefebvre» estava em condições de ter êxito. Já o nome de Ottaviani, o objecto da sua súplica e a natureza do documento que acompanhava eram publicados pela imprensa sem que o cardeal se retractasse.[93]

Por seu lado, Monsenhor de Castro Mayer, desde Setembro em posse do Breve Exame Crítico, procedeu ao seu resumo para os seus sacerdotes e, enviando-o ao Papa Paulo VI, acompanhado duma carta datada de 12 de Setembro, pedindo ao Papa a autorização de continuar a usar o *Ordo Missae* de São Pio V. Por outro lado, *Una Voce Roma* reunia, de 10 a 15 de Outubro, setenta responsáveis, leigos e sacerdotes,[94] em presença de Monsenhor Lefebvre,[95] e pedia, num comunicado final à imprensa, a abrogação, ou ao menos a reforma do NOM.

Já Monsenhor mandava o seu amigo canonista, o Padre Dulac, preparar uma argumentação «mostrando que numerosos motivos permitem e encorajam a guardar ao menos o Ofertório e o Cânone Romano.»[96]

O Padre Dulac produziria os seus argumentos em 24 de Dezembro: por um lado, Paulo VI tinha juntado sub-repticiamente à primeira edição da sua Constituição Apostólica uma frase de vinte e

---

[91] Jornal de Fernando Antonelli, 31 de Outubro 1969, no 30-Tage n° 11 (1998) e no Dokummentation zum Zeitsgeschehen n° 6 Jaidhof, 1998, segundo Gianpietro, 259.

[92] Carta da SCDF, 25 de Outubro de 1969; La Riforma, 2° ed., 287-288

[93] Escreveu porém no 17 de Fev. 1970 a Dom Lafond, felicitando-o pela sua «nota doutrinal» – voltamos já a isso – lamentando que a sua carta a Paulo VI fosse publicada sem que ele tenha dado a autorização – o que era falso, o Padre Dulac tendo recebido dele a permissão – e dizendo-se «profundamente satisfeito» das precisões doutrinais dadas por Paulo VI nos seus discursos dos dias 19 e 26 de Novembro... Jean Madiran acusou de traição o secretário do Cardeal cego, por lhe ter feito assinar esta carta inverosímil. Na realidade, o Cardeal, como o afirmou a um visitante, tinha nisso obtemperado «a uma ordem da autoridade superior». Cf. Dom Lafond, Nota doutrinal sobre o NOM, suplemento de *Defense du foyer*, Fev. 1970; comentário de Jean Madiran, Itinéraires, supl. De Abril de 1970; Davies, op. Cit., p. 495

[94] Entre os quais, Louis Salleron, os padres Louis Coache, Dulac, Lefebvre, Guérard e o Padre Michel André CSSp; Este último, missionário expulso da Guiné, era pároco de Monte Coman, na Argentina; convocado à reunião por Mons. Lef., tornou-se «missionário» da fidelidade à Missa tradicional na América do Sul, antes de regressar a Angers, na França, em Abril de 1971

[95] Mons. Lef. Deixou Roma para Friburgo, no dia 11 de Outubro

[96] Carta a Mons. De Castro Mayer, Friburgo, no dia 16 de Outubro de 1969

duas palavras, fixando para 30 de Novembro a entrada em vigor da aplicação do NOM; por outro lado, a vontade expressa no fim da constituição com estas palavras, «Queremos que sejam agora e para o futuro, firmes e eficazes os nossos presentes estatutos e prescrições»; apenas respeitava às novas fórmulas da consagração, cuja introdução se fundamentava nas razões pastorais e de comodidade, motivos, dizia Dulac, «em si tão duvidosos que a dúvida recai sobre a prescrição, se com eles ela constituir uma unidade».

Finalmente a mesma conclusão final, nem tinha a precisão quanto ao objecto, nem a firmeza quanto à vontade de abrogar,[97] ou de obrigar, da constituição *Quo Primum Tempore*, de São Pio V. Podia portanto aplicar-se o cânone 23º:

«Na dúvida, a revogação da lei preexistente não está presumida, mas as leis posteriores devem ser reconduzidas às antecedentes e, se possível, conciliadas com elas.»

A conclusão seguia-se: Paulo VI certamente «não queria tornar obrigatório o seu Missal, com uma obrigação jurídica».[98]

O Padre Dulac já iniciara dois argumentos no *Courrier de Rome* de 10 de Julho: o indulto perpétuo, concedido por São Pio V a todos os sacerdotes, para usar o Missal que promulgava, não parecia revogado pela constituição de Paulo VI e, sobretudo, o costume milenário que o Santo Papa apenas mandou codificar podia ser ab-rogado? Finalmente, o Padre Raymond Dulac tinha enunciado, desde 1967, um princípio jurídico muito radical:

«Toda a lei está ordenada ao Bem Comum: logo, se falhar tal objectivo, ela perde toda a sua força de obrigar.»

Tudo isso estava perfeito, mas foi Jean Madiran que opôs a objecção mais fundamental à reforma de Paulo VI: «Rejeitar sistematicamente os ritos transmitidos, para substituí-los por ritos que nunca tinham foram transmitidos, é arruinar completamente o carácter tradicional da liturgia.»[99]

## *Paulo VI imola a Missa em sacrifício*

Para abafar desde a matriz a campanha que se desenvolvia e a resistência que parecia organizar-se contra o NOM, Paulo VI agiu muito rapidamente. No dia 30 de Outubro a Secretaria de Estado,

---

[97] A abrogação ou revogação expressa resulta duma estipulação formal, enquanto que a obrogação ou revogação tácita resulta, por exemplo, da publicação duma lei nova cujas disposições são contrárias às da lei existente, ou que reorganiza completamente toda a matéria desta lei (Cânone 22)

[98] Itinéraires n° 140, Fev. 1970, pp. 39-40

[99] Itinéraires n° 137, Nov. 1969, p. 298

por Monsenhor Benelli, ordena a Monsenhor Bugnini para publicar logo a instrução – já enviada às conferências episcopais – anunciando uma instauração progressiva da nova missa[100] e permitindo o uso do antigo Ordo até 28 de Novembro de 1971.

A conferência italiana, ao receber a instrução, decide aguardar até 1971. Ora, à volta do 3 de Novembro, surge no *Osservatore Romano* uma nota não assinada afirmando que os bispos italianos ordenam a aplicação do NOM, desde o dia 30 de Novembro de 1969. O presidente da Conferência Episcopal Italiana, o Cardeal Poma, interrogado, não parece estar a par disso. Indignado, Monsenhor Carli quer instaurar um processo canónico ao jornal... Suspeitando ser o *Consilium* o autor desta manobra de pressão.

No dia 12 de Novembro, pela Secretaria de Estado, o Cardeal Seper comunica ao Papa o resultado do exame do B.E.C. realizado pelos teólogos: «O opúsculo "Bref examen critique" contém muitas afirmações superficiais, exageradas, inexactas, apaixonadas e falsas.» [101]

Por fim, Paulo VI manda ao *Consilium* corrigir o Artigo 7 do *Instititutio generalis* (que no entanto permanece ambíguo), mas não corrigiu o *Novus Ordo Missae* que lhe correspondia. considerou necessário pronunciar dois discursos para justificar a sua reforma «em nome da obediência à vontade expressa do Concílio recente.» O primeiro, de 19 de Novembro, afirmava a ortodoxia da nova missa e confirmava que «será obrigatória» na Itália dez dias mais tarde. O segundo justificava, no dia 26 de Novembro, «a mudança que afecta uma venerável Tradição multissecular, e portanto o nosso património religioso hereditário, o qual parecia dever permanecer inviolável.» Isso era, dizia Paulo VI, «um sacrifício muito pesado», mas «a compreensão da oração é muito mais preciosa do que vetustos paramentos de seda como era realmente adornada; mais preciosa é a participação do povo de hoje que quer que se lhe fale claramente, duma maneira inteligível, que possa traduzir na sua linguagem profana.»

O Pontífice concluía: «Se a nobre língua latina nos separava das crianças, dos jovens, do mundo do trabalho e dos negócios, se constituía uma cortina opaca, em vez de ser um cristal transparente, procedíamos correctamente nós, pescadores de almas, conservando-lhe a exclusividade na linguagem da oração e da religião?»[102]

---

[100] Confiando às conferências episcopais o cuidado de fixar a data a partir da qual, estando a tradução vernacular aprovada, o NOM poderia ser permitido
[101] La Riforma, 2° ed., 288
[102] DC 1552, 1055-1056; 1553, 1102-1104; Contre Reforme Catholique au XX° siècle, revista do Padre George De NantesCRC, Jan. 1970

Monsenhor, que desde 1963 tinha refutado estes argumentos capciosos, ficou escandalizado com a obediência ao Concílio, que Paulo VI invocava, e ainda mais com o louvor inusitado que Montini fazia da Missa romana, «expressão tradicional e inviolável do nosso culto religioso, da autenticidade da nossa fé», exactamente antes de a imolar em sacrifício à modernidade. A contradição interna e a fraqueza tirânica dum homem profundamente liberal aparecia-lhe à luz do dia.

É a um tal Papa que Monsenhor Lefebvre ia ser levado a opor-se: empreendendo a tarefa de conservar à Igreja o sacerdócio católico autêntico, Monsenhor Lefebvre não podia conceber esta obra sem a Missa católica.

# Quarta Parte

# O RESTAURADOR

# Capítulo XVI

# Para o sacerdócio católico

### *Seminaristas em angústia*

Formador de futuros sacerdotes sem o ter jamais querido, tanto em Libreville como em Mortain ou Dakar, Monsenhor Lefebvre ia ser levado, como ele dizia, pelas «circunstâncias providenciais», lá para onde não queria.

Enquanto que, Superior dos espiritanos, empreendia reformas dos seus escolasticados, ele foi solicitado, logo à sua instalação na Rua Lhomond, em 1962, por sacerdotes, famílias, candidatos ao sacerdócio, em busca duma formação séria.

> «Esperando fazer reviver as tradições sãs do Seminário Francês, confiado à Congregação, eu orientava as vocações para esta casa. É assim que estes jovens seminaristas atingiram o número duma boa vintena».
>
> «Infelizmente, foi mister constatar muito em breve que os directores do Seminário, salvaguardados um ou outro, [1] orientavam a casa para a degradação, a exemplo dos Seminários de França, e isso apesar de todos os meus esforços para o evitar». [2]

### *Tentativa de rectificação em Santa Chiara*

O Padre Barq, reitor do Seminário desde 1963, parecia a Monsenhor Lefebvre ter a estatura para enfrentar um momento difícil, o do Concílio, em que trinta e nove bispos franceses residiam em Santa Chiara.

Mas o Padre, que devia a sua nomeação aos bispos de França, sentia-se bastante independente do seu Superior.

> «Eu senti-me chamado à ordem por Monsenhor Lefebvre por ter afirmado na presença dos bispos no Seminário, que eu queria

---

[1] O Padre Aulagnier nomeia sobretudo o Padre Simon, depois o Padre Larnicol e o Padre Rozo.

[2] Diário de Friburgo, 1969-1970, p. 1

preparar-lhes alunos capazes de trabalhar nas suas dioceses, segundo as suas directivas e segundo o espírito do Concílio Vaticano II. Monsenhor Lefebvre fez-me notar que os bispos de França não eram nem os fundadores nem os responsáveis do Seminário Francês, mas sim a Congregação do Espírito Santo.»[3]

Esta observação do Superior Geral não obteve um eco favorável, se acreditarmos num seminarista desta época, o Padre Aulagnier: «Não passava um dia sem que tivéssemos, nos corredores ou em conferência espiritual, um interveniente - Bispo ou teólogo - para nos entreter àcerca do desenrolar dos debates conciliares.

«Uma vez, o Padre Congar, hóspede do Seminário, saiu do elevador, estava eu no corredor; e vi o Director Barq fazer uma reverência profunda ao Padre Congar... Era o Mestre. O Concílio penetrava a casa e recolocava tudo em causa. A liturgia sofria as inovações oficiais: altar virado para a assembleia, concelebrações, ofício rezado em francês, e as inovações fantasistas criadas pelas "equipas litúrgicas" Quanto à sotaina, éramos apenas três a vesti--la em 1968. »

Monsenhor Lefebvre, Superior canónico, vinha às vezes ao Seminário. A primeira conferência que eu ouvi dele impressionou--me muito: Era o único Bispo que nos falava do sacerdócio, da nossa vocação, fazendo apenas uma simples alusão ao Concílio. O seu enunciado era focalizado sobre o ideal sacerdotal e desde aquele momento, fui impressionado pela sabedoria deste Prelado, pela sua calma, a sua paz, a sua grandeza na sua simplicidade.

Desde aquele momento, com alguns confrades, íamos, usando de toda a nossa astúcia de Sioux, sem nos fazermos notados, pedir os seus conselhos de vida espiritual:

«Sede edificantes», dizia ele, «assíduos à Oração da Manhã, guardar o bom espírito, trabalhai, não vos deixeis contaminar. »

«Com o núcleo que constituíamos, esperávamos, tal como Monsenhor Lefebvre, conseguir fazer evoluir o Seminário num bom sentido. Eu obtive por exemplo que figurasse na sala de leitura a revista Nouvelles de Chrétienté de Dom Guillou, bem

---

[3] O Padre Roland Barq, antigo aluno do Padre Lefebvre em Mortain, enviado por este último a Roma para fazer aí a sua teologia; Missionário em Madagáscar desde 1951. Monsenhor Lefebvre , Deleg apostólico, tinha o feito nomear Vigário geral de Monsenhor David em Majunga. Enquanto Superior Geral, chama-o, com o acordo dos bispos franceses, ao comando do Seminário francês. O Padre Barq, Carrta de Mahajanga ao Padre JML, 21 de Julho de 1998.

como *Permanences, La pensée Catholique,* e *Itinéraires.* » [4]

O Padre Barq não se mostrou imediatamente hostil a estes seminaristas, dentre os quais o seminarista Aulagnier era, senão o mentor, ao menos o actor, o homem do protesto e das iniciativas. Mas o Reitor tinha a sua visão das coisas:

«Monsenhor Lefebvre arrastou no seu sulco alguns alunos discípulos do Padre Berto, do Padre de Nantes,[5] do Padre Coache, de Salleron, [6] da linha de pensamento da Revista *La Pensée Catholique.*

«Eles assinalavam-lhe as minhas decisões, conferências, homilias que eu fazia. Mas penso dizer que não conseguiram inflectir a direcção geral do Seminário, nem criar uma oposição franca ou perturbações. {... } Eu acolhia-os sempre com benevolência, escutando-os da melhor maneira que podia». [7]

Na defensiva, o Reitor apenas via o pequeno aspecto duma santa reacção contra as inovações que autorizava. Na Gregoriana, O Padre Dahnis, Reitor da universidade, manifestava a mesma fraqueza. Propôs um dia, em aulas, que deixasse de ensinar em Latim. O Padre Aulagnier foi o único a protestar e explicou-se mais tarde e em Latim com o Padre:

«Se já não se ensina os cursos em Latim, os seminaristas não poderiam entender o seu Breviário, nem os Padres da Igreja, já não vão frequentar os comentadores de São Tomás de Aquino, a Liturgia já não poderia ficar em Latim, isso constituiria um empobrecimento formidável para os sacerdotes que se afastarão definitivamente da herança da Igreja. »

O Padre aprovou:

«Sois vós que tendes razão. »

Mas nem por isso deixou de perder o seu Latim, a sua determinação de abandonar o Latim. Mais tarde, é um professor de Patrística que não escondeu o seu desprezo da escolástica e do ensinamento tomista; Paul Aulagnier abandonou ostensivamente as aulas, não sem indicar ao mestre a razão da sua reacção.

---

[4] O Padre Aulagnier,, La tradition sans peur, (A Tradição sem medo) cap.3; Fideliter n° 59, 109-113; Entrevista com A., 1996 e 1997

[5] É sem dúvida inexacta.

[6] Louis Salleron, pai do Padre Bruno Salleron que era então aluno de Santa Chiara, do Padre Georges Salleron e do Padre Joseph de Sainte-Marie OCD

[7] Carta de Mahajanga ao Padre JML, 27 de Julho 1998.

## *Fraternidade do Padre Théodossios*

Mas logo começou no Seminário «a perseguição contra os seminaristas sérios e verdadeiros». A revista *Nouvelles de Chrétienté* foi retirada por causa de «criticar abertamente a Constituição conciliar sobre a Liturgia», antes de as outras revistas sofrerem a mesma sorte. Depois, narra o Padre Aulagnier:

«Vários dentre nós pediram a tonsura e as ordens menores: isso foi-lhes recusado. Por meu lado, entendi que seria inútil que eu formulasse o meu pedido. Dirigimo-nos cada vez mais para Monsenhor Lefebvre. »

Angustiados, os seminaristas pressionavam cada vez mais: «Monsenhor, o sacerdócio ser-nos-á vedado se não intervierdes»

«Não imaginava», dirá o Prelado, «para onde ia levar esta expressão de angústia. Era necessário resignar-se, com alma ferida, a encontrar outros lugares, outras universidades. Duas entre elas conservavam um ensino seguro: Latrão e Friburgo; é portanto junto delas que precisava buscar casas para acolher os nossos bons seminaristas e proporcionar-lhes uma formação digna do seu futuro sacerdócio. Diante da dificuldade de entrar no Seminário do Latrão, foi necessário pensar numa Fraternidade confiada na vigilância do tão bom e eminente Cardeal Siri, Arcebispo de Génova. »

Fundada em Aténa pelo Padre Théodossios Sgourdélis,[8] um armador e diplomata grego convertido da Ortodoxia e ordenado sacerdote pelo Cardeal Siri, a Fraternidade da Santíssima Virgem Maria, [9] estabelecida em Génova, compunha-se duma comunidade de Irmãs e dum embrião de comunidade masculina.

Graças à generosidade da Condessa de Kinnoul, a Fraternidade pôde instalar-se em Roma, e acolher desde a entrada de 1967, um grupo de oito estudantes de Santa Chiara levados pelo seminarista Christian Charlot. Estes jovens seguiam os cursos na Universidade de Latrão; Monsenhor Lefebvre velava atentamente sobre eles, e a generosidade dos seus benfeitores permitiu alugar uma casa espaçosa, que ele veio abençoar no dia 15 de Agosto de 1968. No entanto, Paul Aulagnier não foi seduzido pelo ambiente demasiado enclausurado da comunidade, e ficou em Santa Chiara. Mais tarde,

---

[8] O seu nome de religioso Théodossios-Marie de la Croix, falecido no 19 de Maio de 1989.

[9] Monsenhor Lef. Tinha ouvido falar disso pela «Renovatio» desde Dezembro de 1966, Cf,. Carta do Dr. Giovanni Baget Bozzo, 30 de Novembro 1966.

Monsenhor Lefebvre sentiu pena dos cinco ou seis alunos bem sólidos que, contentes com o Padre Théodossios, lhe faltariam para a sua fundação de Friburgo.

> «Precisamente», narra ele, «era prudente não negligenciar as possibilidades que oferecia Friburgo. [10] É por isso que, aproveitando da nossa casa da Rua do Botset, encaminhava para esta Universidade alguns seminaristas, sentindo pena, contudo, de que estes jovens aspirantes não encontrassem nesta casa a formação desejável. Ao menos eles estavam em paz, longe das troças dos seminaristas em decomposição. Foi assim até 1968, o ano da minha demissão de Superior Geral. »

## *A encruzilhada dos caminhos — O sonho de Dakar*

Monsenhor encontra-se na encruzilhada dos caminhos. Na reforma aos sessenta e três anos de idade, podia contentar-se com a sua função remunerada de consultor na Sagrada Congregação da Propaganda e levar uma vida tranquila, a vida que lhe desejava ainda Paulo VI em 1972, evocando a «sua calma reforma»[11]

Mas a ruína considerável da instituição sacerdotal fez brotar nele o desígnio de transmitir esta preciosa herança recebida em Roma das mãos dos Padres Le Floch, Voegtli, Frey, Le Rohellec. Ainda Arcebispo de África, recebeu a premonição duma obra por realizar, ainda não sabia quando. Isso será no entardecer da sua longa vida, no seu *Itinéraire spirituel*, no dia 8 de Dezembro de 1989, que revelará aos seus filhos a visão do futuro que lhe inspirou o seu empreendimento:

> «Deus me terá permitido o sonho que ele me fez vislumbrar um dia na Sé de Dakar: perante a degradação progressiva do ideal sacerdotal, o acto de transmitir, em toda a sua pureza doutrinal, em toda a sua caridade missionária, o sacerdócio católico de Nosso Senhor Jesus Cristo, tal como Ele o transmitiu aos seus Apóstolos e tal como a Igreja Romana o transmitiu até aos meados do século XX diante do Santíssimo»

[10] A Universidade de Friburgo, fundada em 1889 pelo conselheiro de Estado Georges Python, em sinal da liberdade do catolicismo suíço e da renovação do tomismo promovida por Leão XIII, viu confiadas as faculdades de filosofia e teologia aos dominicanos. Dentre os quais, Mandonnet e Santiago Ramirez, tinham ensinado São Tomás. Era ainda famosa por causa dos ilustres dominicanos que eram Ceslas Spicq, Thomas Mehrle, Marie-Hervé Nicolas, Louis Bertrand Geiger, Arthur von Utz e Marie-Dominique Philippe.

[11] Carta A Monsenhor Lefebvre na ocasião dos seus 25 anos de episcopado.

«Como realizar o que me parecia então a única solução para o renascimento da Igreja e da Cristandade? Era ainda um sonho, mas no qual me apareceu já a necessidade, não só de transmitir o sacerdócio autêntico, não só a *sana doctrina* aprovada pela Igreja, mas também o espírito profundo e imutável do sacerdócio católico e o espírito cristão vinculado à grande oração de Nosso Senhor que exprime eternamente o seu Sacrifício da Cruz.

A verdade sacerdotal está na dependência total desta oração. É por isso que fui sempre obcecado pelo desejo de indicar os caminhos da verdadeira santificação do sacerdote segundo os princípios fundamentais da doutrina católica da santificação cristã e sacerdotal.»

Desde o seu regresso à Europa, um desejo constrange-o cada vez mais: fundar ele próprio um Seminário internacional segundo estes princípios. Durante a semana da Páscoa de 1964, com dois primos amigos de Chateauneuf-de-Galaure, encontra Marthe Robin[12] e participa-lhe a sua preocupação.

— Monsenhor, diz Marthe sem hesitar, deve fundar esse Seminário!

— A minha função de Superior Geral dos Padres do Espírito Santo impede-me, objectou o Bispo.

— Deve fundar esse Seminário, reitera Marthe Robin, mas Deus o abençoará. [13]

A ideia deste Seminário internacional precisa-se dois anos mais tarde: propõe-se a Monsenhor Lefebvre uma casa na Diocese de D'Aire e Dax. Entra em conversa com o Bispo que é o seu amigo de Santa Chiara, Robert Bézac. Na altura duma visita na Abadia de Maylis situada na Diocese, no dia 31 de Julho de 1966, confia o seu projecto (que vai finalmente fracassar) ao Padre Prior, Dom Fulgence-Marie Lagrâce. [14] Seis meses mais tarde, o seu Amigo Monsenhor Morilleau o relança de novo neste assunto:

«E depois há a grande obra do seu Seminário internacional! Isso seria a obra das obras. Talvez a sua ideia de Maylis seja providencial?» [15]

Para colaborar com uma tal obra, se for convidado, o Padre Berto

---

[12] Alma privilegiada, paralisada no seu leito de dor. O seu director espiritual, o Padre Finet, era um antigo condiscípulo do Arcebispo em Santa Chiara

[13] Monsenhor Lef., Carta a Senhora Peyret, de Saint-Etienne, 9 de Janeiro de 1983.

[14] Carta de Dom Augustin Joly, Abade emérito de Flavigny, 11 de Março 2001.

[15] Monsenhor Morilleau, carta de Málaga, 10-11- de Janeiro 1967, Arq. Fortes in Fide.

declara-se pronto a deixar a sua obra de Poncalec. [16] Mas Deus o chamará para junto d'Ele no dia 17 de Dezembro de 1968.

Ora, enquanto que o Arcebispo apoia, pelos seu benfeitores, os estudos romanos dos seminaristas de que já falámos, e de muitos outros, eis agora oito a dez candidatos, que ainda nunca foram seminaristas, que lhe propõem, em 1967-1968, os seus antigos condiscípulos: Luc Lefebvre, V-A Berto e Bernard Le Roux, bem como o Cónego Poncelet. Por outro lado, desde o fim de 1968, o Padre Théodossios declara não desejar ter mais de dez alunos de quem ele queria fazer religiosos.

Além disso, no decorrer duma breve passagem em Friburgo no fim de Março de 1969, Monsenhor Lefebvre ouviu dizer pelo Padre Bussard que já não se quer ficar com os seus seminarista no Botset. Ora, diz ele, «tinha a convicção, que ninguém conseguiria tirar-me, de que, para salvar a Igreja, para continuar a Igreja, era necessário fazer sacerdotes, santos sacerdotes, verdadeiros sacerdotes. » [17]

Habitado por este pensamento imperioso, põe-se à procura de casa que possa, em Friburgo, onde a Universidade é deveras atraente, receber os seus candidatos e proporcionar-lhes verdadeiramente uma formação.

Monsenhor Charrière, Bispo da Diocese, consultado, aprova o desígnio de Monsenhor Lefebvre e indica-lhe mesmo o Seminário inter-diocesano, o Salesiano, mesmo afirmando-se pessimista sobre a formação sacerdotal.[18] Monsenhor Lefebvre dirigiu-se para lá.

> «Aqui, de novo, eu devia constatar uma carência total, confessada explicitamente pelo Reitor do Salesiano e da casa dos Maristas: "Na nossa casa já não há regra"».

Passando depois pelo Valais, o Arcebispo visita uma casa interessante e escreveu àcerca disso ao seu amigo Monsenhor Adam, Bispo da Diocese que, sábio e prudente, lhe aconselha:

> «A criação dum Seminário, tal como o encara, seria certamente mais fácil realizá-la em Friburgo; a proximidade duma universidade, onde São Tomás está ainda num quadro de honra, facilitaria muito as coisas. » [19]

É por outro lado o mesmo aviso que lhe dá o seu amigo e confidente Dom Jean Roy, Abade de Fontgombault que, depois duma passagem em Friburgo onde encontrou o Padre Marie-Dominique

---

[16] Cf. Notre-Dame de Joie, p. 23.

[17] RETREC 83 A, Semana santa 1988

[18] PHLH, 57-58

[19] Mons. Nestor Adam, carta do 13 de Abril de 1969.

Philippe,[20] lhe escreve no dia 5 de Maio de 1969:

«É necessário que este Seminário internacional se inaugure nesta cidade no próximo Outubro. »

Mas Monsenhor Lefebvre ainda não se resignou a isso, se podemos dizê-lo:

«Buscava em França desesperadamente. Todavia, os Irmãos de São Vincente de Paulo[21] em Érigné aceitavam dois seminaristas. Isso não era uma solução. Apenas ficava a solução de fundar, eu mesmo, uma casa em Friburgo. »

## *2. - A fundação de Friburgo*

### *A decisão*

Mas escutemos o Padre Aulagnier, testemunha duma cena decisiva:

«Eu fazia o meu serviço militar; de folga, vim a Friburgo visitar o meu condiscípulo de Roma, Pierre Pique, que Monsenhor Lefebvre tinha colocado na casa da Rua Botzet. Eu chego, e encontro lá Monsenhor mesmo, que me convida, bem como ao meu amigo para uma reunião. Eis que estamos em Grandrue, no 1° Piso duma nobre casa com vista dominante sobre a paisagem da Sarine, acolhidos pelo Professor Faÿ[22], na sua biblioteca. Encontra-se lá também o Padre Marie-Dominique Philippe O. P. , Dom Bernard Kaul, Abade de Hauterive, bem como Jean François Braillard, um jovem pai de família, chefe de serviço no Departamento do Ensino do Estado de Friburgo. Estamos impressionados ao ver estas personalidades trocarem considerações sobre a decomposição do sacerdócio»

---

[20] Prof. De Filosofia grega, sobretudo aristotélica, na Univ. De Friburgo.

[21] Tendo permanecido fiéis ao espírito do fundador, Jean-Leon Le Prevost. Mons. Lef. Conhecia o Padre Paysant, superior do «séminaire des missions ouvrières» (Seminário das missões operarias) a Murs-Érigné.

[22] O historiador francês (1893-1978), Professor no Colégio de França, especialista do século XVIII, da História dos Estados-Unidos e da Maçonaria. Administrador da Biblitéca nacional (1940-1944), dirigiu o serviço das sociedades secretas, que debaixo da autoridade do Marechal Petain, despoja os arquivos do Grand-Orient da França. Condenado aos trabalhos forçados a perpetuidade em 1946, enviado para o campo de concentração de Saint--Martin-de-Ré e depois para a prisão de Frontvrault, escapou-se na ocasião duma estadia no hospital municipal de Angers no dia 30 de Setembro de 1951 e refugia-se na Suíça onde encontra o apoio do seu amigo, o escritor Gonzague de Reynold. Savioz, 35-37.

«Literalmente, agarraram-me pelo colarinho», conta Monsenhor Lefebvre, e disseram-me: "É necessário fazer qualquer coisa por estes seminaristas!" Por mais que eu tenha invocado a minha idade de sessenta e cinco anos, a idade da reforma em que era arriscado começar qualquer obra que eu não poderia prosseguir se viesse a desaparecer daqui a uns anos... Nada resultou.

"— Começai", diziam eles, "tereis mais candidatos. Nós poderíamos conseguir-vos alguns", acrescentou o Padre Philippe, "eu conheço alguns; é muito necessário que haja bons elementos muito em breve na Universidade, para sustentar os professores que ainda se mantêm.

"— Bom", disse-lhes eu, "vou ver Monsenhor Charrière; se ele disser que sim, isso será o sinal da Providência. » [23]

— «Vejo ainda o ardor do Padre Philippe, relata Paul Aulagnier, beijando o anel pastoral de Monsenhor Lefebvre com efusão e intensidade extraordinária».

Dois dias depois o Arcebispo foi recebido na casa episcopal. A amizade forjada no Senegal entre os dois prelados desde 1952 e, sobretudo, em 1959, quando Monsenhor Charrière foi tão cordialmente convidado e acolhido para benzer a igreja de Fatick, funcionou em cheio. Monsenhor Lefebvre fez vislumbrar ao seu interlocutor que os Bispos da América do Sul, em particular, enviariam candidatos ao Seminário. [24] Ele possuía, na realidade, um candidato argentino, que entrou em Outubro enviado pelo Padre André.

«Sua Excelência Monsenhor Charrière, diz o Prelado, recebeu-me calorosamente, ficou entusiasmado com o meu projecto e autorizou-me de boa vontade a abrir este «convict» (comunidade de vida em comum) para os seminaristas de todos os países, especialmente os de América do Sul. Isso decorreu no dia 6 de Junho de 1969, às 5 horas, na casa episcopal de Friburgo. O Seminário tinha nascido! Era preciso agora pensar na sua realização concreta» [25]

## *Os preparativos*

No dia 2 de Julho, na casa do Sr. Braillard, nº 37, Estrada de La Gruyère, era constituída a «Associação São Pio X para a Formação Sacerdotal» cuja comissão, composta de cinco membros, todos fri-

---

[23] COSPEC 1 A, 30 de Maio de 1971

[24] Mons. Lef., carta a Cl. De Kinnoul, 17 de Junho de 1969

[25] Diário de Friburgo, 1969-70, p. 3; Carta a Miles, 17 de Junho de 1969; LAB nº 29

burgueses, era presidida pelo Sr. Braillard, sendo vice-presidente Monsenhor Rast. Este prelado benevolente convidaria às vezes os seminaristas a cumprir funções litúrgicas na sua Igreja de Notre--Dame (Nossa Senhora), e seria o seu confessor durante o primeiro ano.

«Depois, no dia 16 de Julho», narra Monsenhor Lefebvre, «depois de várias buscas, [26] eu reservava no Centro Dom Bosco, ao nº 106 da estrada de Marly, doze quartos para o ano escolar 69-70. Providencialmente, chegavam benfeitores, visivelmente guiados pelos seus anjos da guarda, para trazer o apoio financeiro necessário, porque muitos seminaristas não podiam pagar a sua pensão. Só faltava o colaborador que me parecia indispensável. »

Depois de ter encarado solicitar o Padre Georges Delbos, [27] Monsenhor Lefebvre obteve o acordo do Padre Henri C. , o qual manifesta finalmente receios; assim, escreve o Prelado:

«Eu pedi-lhe para não vir a Friburgo porque a direcção tem necessidade de convicções sólidas e não hesitantes.» [28]

Assim, a Providência decidia que Monsenhor Lefebvre em pessoa, e nenhum outro, seria o director do Seminário que ele fundava, dedicando-se plenamente ao seu encargo. [29]

## *Vida comum e formação sacerdotal*

No dia 13 de Outubro de 1969, os «novos» apresentam-se, em traje civil na maior parte deles, no nº 106 da Estrada de Marly. Trata--se, além de Pierre Pique e Paul Aulagnier, vindos ambos de Santa Chiara, do suíço M. Doyon, do Argentino E. Eraso e dos franceses Antier, R. Fillion, G. Monti, B. Pellaboeuf e B. Tissier de Mallerais. É Monsenhor, ele mesmo, que os acolhe. O seminarista Paul Aulagnier está já lá guardando para si mesmo os seus sentimentos:

«Eu sinto uma espécie de desilusão, misturada de inquietação: os nove candidatos reunidos para este primeiro ano académico não me parecem muito fiáveis. Nada a ver com o ideal com que eu tinha sonhado, dum viveiro de jovens levitas católicos tradicionais, espiritualmente bem dispostos e sem estados de alma. » [30]

---

[26] Monsenhor Lef. Encarou por um momento comprar uma casa dos padres de la Sainte-Famille em Frigurgo; carta a Miles, 7 de Junho de 1969; Carta de CL. De Kinnoul, 26 de Junho de 1969.

[27] Missionários do Sacré-Coeur d'Issoudun. Outros sacerdotes foram solicitados.

[28] Carta ao Padre Aulagnier, 19 de Setembro de 1969.

[29] Diário, Palavra introdutiva na data do 17 de Novembro de 1969.

[30] La tradition sans peur, p. 65 (Tradição sem medo)

A fraqueza das tropas manifesta-se logo no vestido. Apenas revestidos do santo jugo de Cristo, depois duma muito simples bênção das sotainas no dia 17 de Outubro, certos neófitos ruborizam de aparecer assim vestidos nos corredores e nas aulas da Universidade.

É no entanto neste frágil rebanho que Monsenhor vai colocar todos os seus cuidados para comunicar o mais intimo da sua fé sacerdotal e missionária.

«Eu queria», escreve ele logo depois do terceiro dia a Monsenhor de Castro Mayer, «refazer um verdadeiro sacerdócio, verdadeiros padres. Isso consola-me das loucuras do nosso tempo. » [31]

De 16 a 20 de Outubro, o Padre Théodossios, vindo pregar o retiro, tenta decapar, por pouco que seja, os candidatos do espírito do mundo. Logo, o Arcebispo, na intimidade da humilde sala de reunião da comunidade, pôs-se a comentar aos seus seminaristas o «directório», núcleo imutável do regulamento do Seminário, que redigira nas semanas anteriores. Ele inspirou-se no direito canónico, numa passagem do decreto conciliar sobre a formação dos sacerdotes[32] e muito pouco no regulamento do Seminário Francês de Roma, no entanto fruto do espírito do Padre Le Floch, mas que, é preciso dizer, não chega ao calcanhar do «Directório» de Monsenhor Lefebvre.

Não se fala muito de disciplina, ainda menos dos deveres de uns e dos outros; nem uma linha para definir o papel do director, dos prefeitos, de disciplina ou dos estudos, nada de tudo isso. É desconcertante a valer. Unicamente se descreve um espírito, virtudes, uma vida sacerdotal na qual se é iniciado.

Em catorze artigos resumidos, nos quais cada palavra conta, o fundador resume:

«O Espírito em que a Igreja entende formar os seus sacerdotes, ninguém melhor do que ela o pode realizar, tendo o sentido do sacerdócio, isto é, a participação no sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo que ela foi encarregada de perpetuar»

Unicamente sacerdotal e meramente tomista, o directório fundamenta-se na «Fé e no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo», «do Seu mistério», «da Sua obra de redenção», uma fé «aumentada

[31] Carta do 16 de Outubro de 1969, arq. Lef. Écône.

[32] Optatam totius n° 16 «Que os seminaristas hauram...a doutrina católica na revelação divina, a penetrem em profundidade, fazendo o alimento da sua própria vida espiritual, e saibam anunciá-la... no ministério sacerdotal. Aprenderão a penetrar mais a fundo o mistério de Cristo e os mistérios da salvação e a perceber a coesão entre eles, por um trabalho especulativo, com são Tomás por mestre»

pelo estudo meditado das realidades naturais e sobrenaturais que ensinavam aos seminaristas a Filosofia, a Teologia, a Sagrada Escritura, a História da Igreja, o Direito Canónico, esforçando-se por concentrar tudo em Nosso Senhor Jesus Cristo, *recapitulare omnia in Cristo* sob a égide de São Tomás de Aquino», especialmente tirando da Suma Teológica, o alimento mais seguro para uma fé esclarecida, uma piedade profunda, uma pregação ardente e eficaz» (n 4-6)

Vem a seguir a caridade, para com Deus, antes de tudo o mais: «O seu amor a Deus, que se manifestará e alimentará na sua piedade ou no exercício da virtude de religião», virtude central do sacerdote, que «é o religioso de Deus, porque é aquele que Deus escolhe para o acto principal da virtude de religião: o Sacrifício.» (n° 6) Nestas linhas resume-se toda a tradição de São Paulo aos Hebreus, de São Tomás e de Jean-Jacques Olier. Daí o desejo de se oferecer a Deus com Jesus Hóstia, de participar nos Seus sofrimentos expiatórios, de se unir ao Seu louvor e acção de graças»; Daí também uma «vida contínua de oração» que «será a alma do seu apostolado» (n° 8).

A caridade exerce-se também na vida comum que «será fraternidade na medida das relações de respeito e de afeição que os religarem à Autoridade Paternal» do Superior (n° 9-10). Daí a obediência fiel e alegre, a afeição mútua entre os seminaristas, desprovida de familiaridade vulgar e com o cuidado do bem comum (n° 10); de tal forma é verdade que a atitude recta dos súbditos depende do exercício recto da Autoridade.

É ainda pelas consequências do seu sacerdócio que os assemelham a Nosso Senhor Jesus Cristo,

Sacerdote para a Eternidade, é pelo carácter sacerdotal que os futuros sacerdotes devem ser «de coração separados do mundo» e, portanto, «desprendidos dos bens deste mundo e afastados da concupiscência da carne» e que devem adquirir e praticar a virtude da temperança com as suas «filhas»: castidade, pobreza, renúncia, modéstia (o porte do hábito eclesiástico que manifesta «a sua fé e a sua pertença ao clero»), mortificação, «aceitação generosa do sofrimento em união com Nosso Senhor Jesus Cristo» (n° 11-13) [33]

Um último artigo (n° 14) prevê a iniciação dos seminaristas ao ministério pastoral durante as férias, «nos presbitérios em contacto com sacerdotes ferventes e zelosos». [34]

---

[33] Monsenhor Lef. Terá sempre uma grande consideração para as pessoas sofredoras; recomenda as intenções da sua delegação apostólica à «Obra dos doentes de Notre-Dame de Bourguillon» no dia 7 de Agosto de 1952. Cf. Anexo I

[34] O exemplo da comunidade de Saint-Leger-de-Montbrillais comoveu-o

Em cinco páginas, com uma simplicidade desarmante, esta jóia de espiritualidade sacerdotal vincula ao sentido teológico da Igreja o sopro sobrenatural da sabedoria e da inteligência infusas, e a experiência das virtudes mais humildes que decorrem da sua «rainha», da Fé e da Caridade.

E com que simplicidade o Prelado transmitia esta doutrina, na intimidade de conferências espirituais quotidianas! Devemos bem confessar, enquanto testemunha e participante no início da obra de Monsenhor Lefebvre, quanta dificuldade tínhamos para descobrir, debaixo da modéstia constante dum homem que caminhava familiarmente connosco na Capela, no refeitório, no recreio, até mesmo no lavar da louça, a alma tão rica e tão profunda do Fundador.

## *A vida Litúrgica*

As idas e vindas para a Universidade não facilitavam uma vida litúrgica muito intensa na Residência Dom Bosco. As preces comuns da manhã e da tarde são extraídas do livro de oração dos alunos salesianos. Apenas no ano seguinte estas orações vão ser substituídas pelas horas de Primes e Completas. Porquê, de facto, não aproveitar das magníficas orações litúrgicas do oficio divino? Monsenhor Lefebvre escolheu a Hora de Prima antes das Laudes:

> A oração de Prima é a mais simples a mais adaptada para se dispor a todo o trabalho humano. Quantos ainda a rezam? E o Martirológio propõe-nos maravilhosos exemplos dos mártires e dos santos. » [35]

A estas orações juntam-se, evidentemente, a oração da manhã feita em comum e em silêncio, o terço comum na tarde que é uma contemplação mariana e uma oração pelos benfeitores e algumas exposições e bênçãos do Santíssimo Sacramento.

> « A oração, é o que constitui a estabilidade do sacerdote, a sua coragem». [36]

A missa da comunidade, quotidiana e da manhã, é o centro e a fonte da jornada dos seminaristas. O missal é o de São Pio V, em Latim, todavia sem o Salmo *Judica me* e o último Evangelho, respeitando nisso as primeiras reformas de 1965, Além disso, até ao Credo, o Sacerdote mantém-se na sede e não ao altar.

> «É a Missa dos Catecúmenos, ao passo que, depois, é a Missa reservada ao Sacerdote» (29 de Outubro 1969).

As duas leituras são feitas nos dois púlpitos dispostos um do lado da Epistola e outro do lado do Evangelho: A proclamação da Santa

---

[35] COSPEC, 5 de Novembro de 1973

[36] Ibid.

Escritura feita em voz alta face aos fieis «é destinada a aumentar a fé».

«Aquele que acredita no Filho tem a vida eterna (João 3, 36); aquele que fica incrédulo ao Filho não provará a vida eterna» (21 de Novembro de 1969).

Em contrapartida o ofertório e o Cânone são pronunciados, pelo Sacerdote sozinho, em voz baixa, de maneira que os fiéis não conseguem ouvir, senão,

«com o tempo, corre-se o risco de os fiéis perderem o sentido do carácter próprio do Sacerdote» bem como o sentido das orações» (26 de Novembro de 1969).

No entanto, Monsenhor Lefebvre, constatando que neste proceder, não se encontra em harmonia com a totalidade dos sacerdotes resistentes, renunciará em 1974 a separar tão nitidamente a ante-missa do Sacrifício propriamente dito. Doravante, na capela de Ecône (do primeiro Seminário da Fraternidade) que durante muito tempo apenas será um celeiro arranjado em capela — Toda a liturgia da Missa terá lugar no altar. Assim, também a magnificência das cerimónias e o canto gregoriano poderão desenrolar-se na ocasião das numerosas missas pontificais solenes de ordenação, das missas e das vésperas cantadas, de todas as categorias, das cerimónias do mês do rosário e de Maria, etc. Écône será animado pelo ritmo litúrgico, impregnando os seus alunos com a piedade litúrgica.

## *Um problema: A assistência à nova Missa*

Oposto à Nova Missa, Monsenhor Lefebvre não a aceitou no seu Seminário: Na Véspera do primeiro domingo, do Advento de 1969 em que o NOM (*Novus Ordo Missae*) Vai ser aplicado na Diocese de Friburgo, o Prelado disse simplesmente: «Nós conservamos a Missa antiga, não é? Todos estiveram de acordo. No entanto, a tomada de posição de Dom Lafond em favor da nova missa vai em breve dividir a Ordem dos Cavaleiros de Notre-Dame (Nossa Senhora) e perturbar Pierre Pique e Bernard Pellaboeuf. O Arcebispo lamenta a tomada de posição pela obediência precipitada do Monge: A missa nova apenas será obrigatória, segundo Roma, em fim de 1971; daqui até lá, ao menos, podemos conservar a Missa tradicional.

A prudência, é verdade, poderá sugerir a tal ou tal sacerdote» o não recusar a nova missa, por medo de escandalizar os fiéis» que o veriam desobedecer, aparentemente, ao Bispo. [37] Este sacerdote de-

[37] Conferência espiritual, Friburgo, 9 de Novembro de 1969

verá então conservar o Cânone Romano, sempre autorizado, e dizer as palavras da Consagração em voz baixa, segundo a antiga fórmula, também autorizada». [38] No Domingo, na ausência de Monsenhor Lefebvre, os seminaristas irão juntos assistir à Missa na igreja das Irmãs Bernardinas da Maigrauge, onde um religioso, com idade, celebra a nova missa em Latim. O Arcebispo não é homem para apoquentar as almas, ele concede a si próprio um tempo, afim de melhor analisar os frutos e, assim, melhor ajuizar da árvore. Ele quer também ouvir os avisos dos seus colegas no episcopado, encontrar um consenso junto dos seus amigos.

O seu amigo, Monsenhor de Castro Mayer, encontra-se diante dum caso de consciência muito penoso face aos seus *sacerdotes:*

«Podemos, enquanto Bispo, calar-nos? Podemos, enquanto pastor de almas, seguir uma via média, sem nada fazer e deixar os sacerdotes seguir cada um a sua consciência ou a sua negligência, com riscos para muitas almas? E se proclamarmos abertamente o que pensamos, quais vão ser as consequências? A destituição... Deixando a desorientação nas almas de muitos fiéis e o escândalo dos mais fracos. [39]

Em Janeiro de 1970, o Bispo de Campos resolveu já a sua dúvida: Traduziu (*in extenso*) por completo o «Bref examen critique» (análise da Nova Missa, assinada pelos Cardeais Ottaviani e Bacci) e distribuiu-a aos seus sacerdotes.

Parece-me preferível que o escândalo rebente do que a conservação duma situação em que se desliza para a heresia. Depois de reflexões ponderadas, está convencido que não se pode participar na nova missa e até para lá estar presente, devemos ter um motivo grave. Não se pode colaborar na difusão dum rito que embora não herético, conduz à heresia. É a regra que eu dou aos meus amigos.»[40]

A posição de Monsenhor Lefebvre é não menos categórica: A nova missa não é herética, pensa ele, mas, como diz o Cardeal Ottaviani, apresenta graves perigos. Então, ao longo dos anos, «as ideias protestantes da Ceia tornar-se-ão insensivelmente as dos católicos». É por isso que é importante conservar para as crianças as noções fundamentais da Missa. Mas «é exagerado dizer que a maioria destas

---

[38] Carta a um jovem sacerdote, Sierre, 16 de Fevereiro de 1970

[39] Mons. De Castro Mayer, carta a Mons. Lef. 5 de Outubro de 1969

[40] Carta do 29 de Janeiro de 1970 a Mons. Lef. Aí meu Deus, Mons. Sigaud, diz Monsenhor de Castro Mayer, «fez todo um decreto para a introdução da nova missa na sua diocese»

missas são inválidas». Não se deve hesitar fazer uma caminhada um pouco longa para ter a Missa segundo o rito romano; mas, «se não temos escolha e se o sacerdote que celebra a Missa segundo o *Novus Ordo* é um sacerdote digno e fiel, não se deve recusar ir à Missa» [41]

## *Uma fundação experimentada e expurgada*

A atitude de prudente expectativa de Monsenhor Lefebvre, num pano de fundo de resistência doutrinal e prática, não é aceite por todos os seminaristas; sobre alguns exercem-se influências exteriores promovendo uma recusa mais radical ou, pelo contrário, promovendo a aceitação do NOM (*Novus Ordo Missae*) Isso não constituiria problema de maior importância sem as ausências numerosas e prolongadas do Prelado.

Felizmente, dois religiosos exemplares vêm então substituí-lo para celebrar a Missa e para as conferências espirituais: O Padre Augustin Rivière CPCR, que reside na casa dos Padres de Chabeuil em Grolley, e o Padre Guérard des Lauriers.

Mas eis que, ausente todo o mês de Dezembro, o fundador caiu doente no fim do ano em Dijon. Uma estada de descanso na casa dos espiritanos em La Croix Valmer não basta; foi hospitalizado em Friburgo, sente-se muito mal e pede a Extrema-Unção ao Padre Bussard, sem o conhecimento da comunidade. O Padre tranquiliza-o:

«Ainda não é hoje, Monsenhor!»

Enfim no dia 30 de Janeiro, as análises conseguem tranquilizar o doente e os seus filhos espirituais:

Isso são stronggyloïdes, consequências de África, que carcomem o fígado do Prelado. Para o resto da sua vida ficar-lhe-ão violentos ataques repentinos de tosse. Um pronto e rude tratamento em Sierre quase restabelece o Arcebispo, que fica cansado e escreve, no dia 17 de Fevereiro de 1970, ao Advogado Dr. Walliez:

«Eis dois meses e meio em que a Providência me pôs a prova da doença. É sem dúvida porque o sofrimento é necessário às obras de Deus».

No intervalo e até ao mês de Junho, a comunidade é dirigida pelo Padre Cler, antigo Capelão do Prytanée Militar de La Fleche, sacerdote cuidadoso da vida espiritual mas permeável às opiniões:

Segundo ele, «não se deve ostentar como sendo forçosamente os verdadeiros e os puros», e a sotaina pode ficar no armário quando se vai para a Universidade, «para que não se ouça dizer de novo a nosso respeito: "São Pio X é uma seita!"».

---

[41] Carta do 17 de Fevereiro de 1970 a Gerard Wailliez.

Nem todos os seminaristas são tão pusilânimes, e alguns não apreciam muito «as riquezas novas que podem residir nas inovações litúrgicas»,[42] tais como o novo leccionário. O regresso de Monsenhor Lefebvre recoloca felizmente as coisas e os princípios nos seu lugar. O Prelado recomenda simplesmente aos seus discípulos «o equilíbrio entre a caridade e a afirmação da verdade».[43]

Mas o equilíbrio não era para todos o ponto forte, às posições exageradas de alguns, corresponde a fraqueza dos outros perante o combate. No dia 15 de Abril apenas ficam cinco seminaristas dos nove iniciais.

De regresso a Friburgo, no dia 30 de Abril, Monsenhor constata a diminuição dos efectivos. Recentemente enfraquecido pela doença, ele é agora assaltado pelas dúvidas: De que Serve continuar, com tropas tão pouco sólidas, sem colaborador fiável? No entanto, graças aos meios da *Cité Catholique* e dos Cavaleiros de Notre-Dame, anunciam-se sete recrutas de boa qualidade. Com a sua simplicidade habitual, confia as suas preocupações aos cinco seminaristas presentes[44]:

> «Isso faria doze. Não é imenso, mas eu tenho só um pouco de receio. Confiai-me por escrito as vossas sugestões para o futuro. Mas não vos escondo a ansiedade que sinto perante a responsabilidade que assumo ao fazer vir novos seminaristas, com todos os riscos que isso acarreta para o seu futuro: A integração nas dioceses? Sociedade Sacerdotal? Eu coloco toda a minha confiança na santa Providência de Deus. »

Nesta época, importunado de novo pelo seminarista Jean-Yves Cottard, que reside ainda no Seminário Francês de Roma e quer juntar-se à comunidade de Friburgo, Monsenhor Lefebvre responde:

> «Não, espere, não, as coisas aqui não andam muito bem. Não sabemos para onde ir. Fique tanto quanto for possível» [45]

Alguns tempos depois do seu regresso a Friburgo, isto é, no dia 19 de Maio de 1970, [46] Monsenhor Lefebvre fez uma viagem discreta a Sion até junto de Monsenhor Adam. Teve notícia de que

---

[42] Conf. Espiritual do padre Cler, 17 de Fevereiro de 1970

[43] Monsenhor Lef., conf. Espiritual, 9 de Maio de 1970

[44] Já apenas serão quatro no dia 13 de Maio.

Fideliter n° 59, p. 121. No dia 26 de Maio de 1970, no terrasso do Seminário, tremula no vento uma bandeirola vermelha «Vote comunista"» Cf. Il Borghese, 14 de Junho de 1970, p. 407

[46] Agenda de Mons. Lef., 1970, Arq. Lef. Écône.

esse último estava decidido[47] a transferir o seu Seminário de Sion para Friburgo. Porque não se fiar nas suas mãos? Mas Nestor Adam recusa prudentemente. É então que o Arcebispo lhe apresenta sua segunda solicitação: que ele autorize ao menos a acolher numa casa, que os leigos põem ao seu dispor em Valais, jovens que ali fariam um ano preparatório aos estudos universitários de Friburgo. Monsenhor Adam não se atreve a recusar este segundo pedido do seu amigo empreendedor, e dá o seu *placet*. [48] Se apenas se trata dum ano propedêutico, está bem; mas um Seminário completo, ele veria isso de maneira bastante negativa em Valais, onde se encontra não só o Seminário diocesano mas também o dos Cónegos de São Bernardo e, ainda por cima, o dos Capuchinhos. Monsenhor Lefebvre sente as reticências do Bispo de Sion; no caminho do regresso, está de novo assaltado pelas dúvidas.

Tendo partido cedo de Friburgo, sem ter celebrado a Missa, o Prelado regressa no início da tarde. O Seminarista Aulagnier prepara-lhe os ornamentos e informa-se dos resultados das suas diligências e das perspectivas de futuro que se abrem ao pequeno grupo.

> «Neste momento», diz Paul Aulagnier, «pela primeira vez, eu vi-o chorar de desânimo. Quanto a mim, mesmo medindo a gravidade da situação, por uma graça de Deus, sem dúvida, conservei um moral de ferro. Respeitosamente participei-lhe o meu optimismo: «Monsenhor, não vamos parar; é preciso continuar! Ele teve um ar de dúvida, mas acredito que afinal ele ficou profundamente comovido. »[49]

Por um momento, o Prelado acalentará a hipótese de colocar os seus seminaristas de Friburgo no Salesiano onde, seguindo a inspiração do Padre Philippe, um grupo de estudantes de Teologia levava uma vida comum, preparando-se assim para ser o núcleo da futura Congregação dos Frades de São João. A esta ideia, era agora a vez do seminarista Tissier de Mallerais considerar impossível uma tal perspectiva: «Confesso», dirá-ele, «que nunca duvidei de que Monsenhor Lefebvre continuasse».

---

[47] A decisão da translação foi tomada em 1967,apenas foi realizada na entrada de 1970, depois do aluguer duma casa dos jesuítas. Cf. Paul Martone, Geschischte des Priesterseminars des Bistums Sittens (1545-1988), Buch und Offsetdruck Simplon, 1990, pp. 72-75. Os dois terços dos seminaristas consultados declaram-se favoráveis a translação para uma «abertura ao mundo» e «uma melhor formação», dois argumentos que Mons. Lef. Afastaria para actuar no sentido inverso em 1971

[48] Monsenhor Lef afirmará sempre ter recebido este Placet, Mons. Adam nunca o contestará

[49] La Tradition sans peur, p. 68; Fideliter n° 59, p. 112.

«Por mim», diz simplesmente Monsenhor Lefebvre, «foram as reacções dos seminaristas que me manifestaram a vontade da Providência»

O apoio dos fiéis da comissão friburguesa certamente ajudou o Prelado a perseverar. O Professor Faÿ veio dar conferências sobre a maçonaria aos seminaristas; o Juiz cantonal Albert Vonlanthen ajudou também a Obra; o Padre Philippe, apesar de tudo, amável e encorajante, veio à residência dar uma conferência espiritual; várias vezes os seminaristas participam nos retiros que ele prega em Hauterive. Outros eclesiásticos visitam o Seminário: O Padre Edmond Wéry, de Bruxelas, Monsenhor Morilleau, ele mesmo, que se improvisa mestre de canto, o Padre Pierre Caillon, o Padre Noël Bárbara. Também leigos chegam para ver: Gerard Mercier, do Jornal *Vers Demain,* Jean Ousset e Michel de Penfentenyo, o Doutor Schorer, o Doutor Eric de Saventhem e a sua esposa, etc.

Assim, o Prelado colocou de novo mãos à obra a fim de encontrar para os quatro alunos restantes uma casa independente desde a abertura escolar de 1970. Uma morada situada na estrada da Vignettaz está a venda em leilão, ela convém, e no dia 26 de Junho, enquanto que Monsenhor reza na Sé, o Arquitecto Antognini consegue a compra. [50] Mas o fundador tinha encontrado uma outra casa para os novos seminaristas que se anunciavam: Écône.

## 3. Écône

### *Um acto de fé magnifico*

Monsenhor ia portanto realizar um projecto caro ao seu coração: um ano inteiro de formação espiritual antecipando os estudos dos candidatos ao sacerdócio. Muito antes de Friburgo, de facto, a Providência e Nossa Senhora preparava-lhe Écône, neste canto da Terra abençoada do Valais (Suíça).

Porque era entre as comunas (municípios) mais anticlericais do Cantão nesta altura, Saxon e Riddes, que devia enraizar-se e brotar a obra querida de Deus para a restauração do sacerdócio católico.

No Outono de 1967, o Padre Pierre Epiney[51] acaba por aceitar do seu Bispo a Paróquia de Riddes, recusada por outros quatro sacer-

---

[50] Uma oferta de Mons. Bressolles tornou possível esta compra. Cf. Mons. Bressolles, Carta do 27 de Junho de 1970

[51] Ainda vigário em Savièse, foi para Roma para uma tarefa particular e encontrou aí o superior dos espiritanos, Monsenhor Lefebvre, que o tinha convidado para o almoço, antes de fazê-lo albergar no Seminário francês

dotes. Empreende a visita da sua paróquia. Em Écône onde ele toca a campainha, ninguém responde. Ele entra no pátio desértico: à esquerda o celeiro e à direita o canil. Num abrir e fechar de olhos, ele teve a visão dum pátio de seminário maior, apinhado de seminaristas. Mas logo repele a imagem que não corresponde ainda a nada. De novo ele está num pátio desértico. O Cónego Roserens que mora ainda aqui, saiu para o cumprimentar: «Aqui, acabou-se, não há mais nada a fazer». Será isso bem certo? Em Valais, numerosos são os homens renascidos pelos exercícios espirituais de Santo Inácio, graças ao Padre Barriel e aos seus confrades do CPCR; entre os quais, Roger Lovey,[52] advogado, membro dos Cavaleiros de Nossa Senhora bem com os seus amigos Gratien Rausis[53] e Alfonse Pedroni.[54]

Tudo começou na Quinta-feira Santa de 1968: o Sr. Afonso Pedroni, um jovem morador do Valais, fiel em assistir à missa quotidiana, ouviu falar numa conversa de Café da colocação à venda da casa e do terreno de Écône pelos Cónegos do Grand-Saint-Bernard. A Gratien Rausis que o veio ver para negócios, ele abriu o seu coração:

- Isso parte o meu coração, é um lugar religioso que desaparece. Há vários compradores que têm muito dinheiro, entre os quais um grupo de Comunistas que quer desmoronar a Capela!
- Afonso, replica Gratien, se só se trata de dinheiro, havemos de fazer qualquer coisa.

Écône, eles conhecem bem. Seis séculos depois da compra feita pelos Cónegos do Grand-Saint-Bernard, da propriedade de Econnaz, ao nobre Pierre de la Tour, fidalgo de Châtillon, em 1302, estes religiosos abriram lá uma escola de agricultura em 1892. Em 1895, edificaram uma Capela dedicada a Nossa Senhora dos Campos. Em

[52] Paroquiano de Fully (1929-1988), Notário e advogado em Sion, futuro procurador do Bas-Valais (1977-1989), era natural de Châtelard, filho de Jules (1903-1978), agente da Policia, e de Marie Tornay (1905-1996), filho mais velho duma família de cinco e pai duma família de sete. Era além disso secretario do partido Democrata-cristão do Valais e Presidente do Valais e da Suíça romande de Una Voce Helvética.

[53] Natural de Reppaz, freguesia de Orsière, o quarto duma familiade catorze filhos. O seu Pai, Henri Rausis, foi durante 20 anos Presidente da freguesia de Orsière, e 16 anos Deputado ao Grande Conselho do Estado do Valais para finalmente tornar-se, em 1961, Presidente do Grande Conselho do Valais.

[54] Oriundo duma família de Saxon; 1921-1978. A sua carreira de pedra fornecerá o material para a construção da igreja de Écône que terálugar 20 anos depois da sua morte. Era filho de Antoine Pedroni, telheiro.

1922, a escola de agricultura foi transferida a Châteauneuf, perto de Sion; A propriedade continua a produzir frutos e legumes para a Congregação e abriga todo um Canil dos soberbos cães de raça Saint-Bernard. No fim dos anos quarenta e durante dez anos, a casa, sólida construção do século XIX com pavimentos de xisto e pedras de tufo, alberga também os jovens escolásticos teólogos da Congregação sob a direcção do Cónego René Berthod. Dorme-se ali nas águas furtadas até no Inverno. Depois, o curso de Teologia retira-se em Martigny, deixando em Écône os Cónegos idosos com alguns frades, únicos guardiões da casa. O telhado acaba de ser refeito, mas falta o dinheiro para pagar a factura, daí a colocação à venda.

Gratien Rausis telefona por lá no mesmo dia. Os Cónegos respondem: «fazei uma oferta. » Alfonso Pedroni pensa: «Não podemos fazer isso sozinhos. » Ele propõe o seu irmão Marcel,[55] enquanto que Rausis propõe Roger Lovey e Guy Genoud. [56] No dia 18 de Abril, Roger Lovey escreveu ao Preboste:

«Écône, por causa do seu passado tem para nós um significado, até diríamos uma vocação religiosa que não aceitamos ver abandonada sem ulterior e mais profundo exame.» [57]

No dia 31 de Maio, festa de Maria Rainha, foi assinado entre os cinco amigos e o Cónego Bernard Rausis o contrato de compra. O preboste do Saint-Bernard, Monsenhor Angelino Lovey, tinha dito:

«Nós não vamos fazer-vos nenhum favor»

Como pagar? Vamos pedir um empréstimo ao Banco. O director do Banco inquieta-se mesmo:

- «Mas tendes fundos próprios?
- «Não temos, replica Afonso Pedroni, mas o senhor tem apenas de emprestar, isso é para uma obra religiosa, tendes de investir a soma completa.»

E, completamente aturdido, o banqueiro emprestou o todo. [58]

Mas como reembolsar o empréstimo? Era necessário fazer prosperar a propriedade agrícola. Estes senhores improvisaram-se portanto como agricultores. Começaram uma criação de bezerros; mas estes animais eram frágeis, apanharam frio, o que valeu ao Advogado Ro-

---

[55] Empreendedor de Saxon; em 1966, participou no Congresso CPCR na Argentina com o seu irmão Alphonse.

[56] Futuro Conselheirodo Valais; depois conselheiro aos Estados, isto é deputado ao Parlamente federal de Berne.

[57] L.-M. Jugie, Écône, le seminaire de l'espoire, (Écône, o Seminário da esperança), Ed. L'Orme rond, 1986, p. 39

[58] M. Pedroni, 17 de Maio de 2001, MS. III, 27

ger Lovey ver o seu calçado manchado dé defecação uma hora antes da defesa duma causa em tribunal. Depois instalou-se um galinheiro grande, e obteve-se o melhor rendimento da Suíça Romande. Ao entusiasmo desinteressado e cheio de fé, aliava-se o sentido concreto da realidade. Afinal plantou-se uma vinha e, em breve, o operário agrícola Claude Telani assegurou com o empenho que lhe reconheceriam gerações de seminaristas, a lide da quinta de Écône com a vindima e a colheita de damascos.

Ficava ainda a casa religiosa composta do prédio Saint-Bernard e da Capela de Notre-Dame des Champs (Nossa Senhora dos Campos); este santuário, vazio desde a partida do último Cónego, em que cantaram cheios de fé com o Padre Epiney, desde o primeiro dia, um Salve Rainha, a esta capela só lhe faltava a retoma do sacrifício perpétuo, ela estava a espera de sacerdotes e, quem sabe, futuros sacerdotes!

## *Monsenhor Lefebvre em Écône*

Nove meses decorreram, de Maio 1968 a Fevereiro 1969. Eis como a divina Providência levou Monsenhor Lefebvre a Écône. Deixemo-lo falar:

«As possibilidades romanas diminuíram. (...) Acorreu-me a ideia de consultar os Cavaleiros de Notre-Dame àcerca de sacerdotes cavaleiros que dependeriam de Monsenhor Michon, protector da Ordem. Participei esta proposição ao Coronel Jehan de Penfentenyo, Grão-Mestre da Ordem. A resposta foi lenta e laboriosa com a ajuda de Dom Lafond[59] e depois de ponderar, verificava-se praticamente impossível. Todavia, o Grão-Mestre foi amável e sugeriu-me tomar contacto com os Cavaleiros do Valais que tinham um imóvel que poderia servir de Seminário. Decidi-me a ir para o Valais para esclarecimentos. »[60]

O Arcebispo fez-se convidar pelo seu amigo e condiscípulo de Seminário, o Padre Bonvin, Pároco de Fully, a pregar a Quaresma em Monthey e um retiro de Comunhão em Fully, no fim de Março de 1969. No local,[61] ele explica ao Padre Bonvin o seu projecto de

[59] Nota de Dom LAfond do 25 de Março de 1969, comunicado a Mons. Lef. Pelo Coronel de Pententenyo, no dia 15 de Maio.

[60] Diário de Écône, 1970-1971, Introdução.

[61] O Presbitério de Fully era acolhador. Assim, no dia 4 de Julho de 1961, serviu de quadro para uma reunião dos antigos deSanta Chiara da zona Borgonha -Franche-Comté-Suiça, juntando Mons. Joseph Bayard, superior do Seminário maior de Sion, o Cónego Clément Schnyder, decano do Capitulo, o Pároco Léonce Rey, de Grimentz, Mons. Marcel Lefebvre, o Cónego Liger-Bélair, o padre Larnicol, etc.(Échos de Santa Chiara, Julho 1962, p. 7).

Seminário; Ainda não decidiu iniciá-lo em Friburgo, haviam-lhe falado duma casa em Valais. O Padre Henri Bonvin entendeu logo que se tratava de Écône. No fim da Missa no dia seguinte, distribuindo a Sagrada Comunhão, segredou ao seu paroquiano Roger Lovey:

«Vem ter comigo ao presbitério depois da Missa!»

E no Presbitério:

«Tenho aqui Monsenhor Lefebvre que está a procura duma casa para os seus seminaristas. Será que Écône poderia servir para isso?»

Será que Roger Lovey estava já a par daquilo por uma comunicação do Grão-Mestre da Ordem? De todas as maneiras, para ele, o desígnio da Providência evidencia-se. Deus agradou-se no magnifico acto de fé dos cincos amigos, era Ele que guiava a diligência deles, que agora vão ser instrumentos duma obra que ultrapassa os seus sonhos audaciosos, obra que satisfará as suas esperanças indestrutíveis. Logo é o primeiro encontro entre o Arcebispo e o advogado de Sion e a primeira visita de Monsenhor Lefebvre a Écône, um dia da Semana Santa de 1969, temporada em que os damasqueiros, tal como um oásis todo florescente, confinavam com as vertentes pedregosas duma vinha ainda árida e uma barragem de terra para conter o curso violento duma enxurrada ameaçadora, e em cujas margens, no Verão, florescem plantas como a Anthyllis, a epilobe e a coquesigrue.

Écône está prestes a acolher, nesta Primavera, um Capítulo de Cavaleiros de Notre-Dame, e Monsenhor Adam, Bispo de Sion, acudirá a honrá-lo com a sua presença. A casa é de facto a Sede do Preceptorado de Sion e o preceptor, François Lagneau, pronunciará aí estas palavras:

«Trégua de triunfalismo! Eu confio esta casa ao Padre Berto; que ele faça do melhor que pode do alto do Céu! Aqui, sim, aqui somos numa terra de santos. »[62]

O Senhor Roger Lovey convoca portanto a Écône o seu confrade na Ordem, Gratien Rausis, bem como Marcel Pedroni, o homem prático e realizador, e apresenta Écône a Monsenhor Lefebvre, que logo foi seduzido pela calma solitária do lugar e pela austeridade religiosa da casa: «Afastada de todo o aglomerado importante», diz ele, «achava eu que era deveras imprópria para um Seminário, mas muito bem adaptada para um género de noviciado. Além do mais, Monsenhor Adam, consultado, [63] não era muito favorável a uma

[62] François Lagneau, carta dos 5 de Junho 1997 e 22 de Agosto de 1998

[63] «Fui visitar o prédio, escreveu Mons. Lef. A Miles no dia 9 de Abril de

fundação de Seminário,[64] Desejava uma casa fora da sua jurisdição. Eu pedi aos senhores para me concederem tempo para ponderar e, se possível, darem-me opção durante um ano. Aceitaram de boa vontade até Outubro de 1970. »

Todavia, deste sonho, como dizia o Arcebispo, «de oferecer um ano de espiritualidade aos principiantes», se precisava durante o Verão de 1969; ele escreveu sobre isso a Vernor Miles no dia 3 de Setembro:

> «Àcerca da casa do Valais a minha intenção é de fazer uma casa adaptada a um primeiro ano de formação espiritual, litúrgica; um género de Noviciado alargado, sem o nome e a realidade jurídica. Seria também um ano de transição entre os estudos profanos e os estudos eclesiásticos. Eu apoio-me sobre um pequeno grupo de sacerdotes muito bons que têm cinco paróquias no Departamento de Vienne. »[65]

Monsenhor prossegue a narração do desenvolvimento do seu projecto:

> «Este desejo apareceu-me no decurso do terceiro trimestre do ano escolar 69-70, como uma absoluta necessidade. Decidi-me ir à procura de colaboradores. Perante a dificuldade de encontrá-los, encontrei Dom Roy, Abade de Notre-Dame de Fontgombault, para estudar a possibilidade de realizar este ano num ambiente de mosteiro. Amavelmente, Dom Roy aceitou o princípio, mesmo ressaltando os obstáculos que poderiam emanar das autoridades diocesanas. »

Entretanto, Monsenhor acolheu os desejos de colaborar da parte de dois jovens padres: o Padre Maurice Gottlieb, antigo aluno de Santa Chiara, amigo dos padres de Saint-Leger e Vigário em La Châtre, de passagem em Friburgo, e o Padre Jacques Masson, recentemente nomeado professor do Seminário menor de Meaux, que veio ver Monsenhor Lefebvre à Rua Lhommond e se declarou entusiasmado. No entanto, a sua decisão definitiva[66] chegou apenas no fim de Maio

---

1969, e escrivi a Mons. Adam.» Por seu lado, Mestre Lovey foi logo ter com Mons. Adam para lhe informar sobre a entrevista

[64] Cf. Mons.Adam, carta do 13 de Abril de 1969, já citada.

[65] O Padre Mulot, Pároco de Saint-Leger-de-Montbrillais, e os seus confrades o Padre Jacques de Formmervault, pregador de retiros, e o PadreAlbert Hus, Padre Montfortain. Só deixaram o sector de Saint-Leger em 1972 parainstalarem-se em Loublande, junto da comunidade de Claire Ferchaud, onde o Capelão, o padre Lacheteau, lhes tinha precedido.

[66] O primeiro libertado por dois anos, o segundo por três anos, pelo seu Bispo (Cf. Carta dos dois Padres a Mons. Lef., 21 e 26 de Maio de 1970)

de 1970, bem como a aceitação do Padre Claude Michel, na altura duma breve visita de Monsenhor a Roma.

Mas sem esperar o resultado dos colóquios com Fontgombault, Monsenhor Lefebvre tinha já encontrado o Advogado R. Lovey na Páscoa de 1970 no Congresso de Lausanne, confiando-lhe o seu sonho dum ano de espiritualidade; e, no dia 24 de Maio, voltou, mas desta vez acompanhado do seminarista Aulagnier, para visitar Écône, acolhido de braços abertos por Roger Lovey, Marcel Pedroni etc.

> Monsenhor, propõe o Advogado Lovey, permitis que convidemos o Padre de Riddes?
> Oh! Que espécie de Padre é ele? Não vai ele pôr obstáculos ao nosso projecto?
> Não, não há perigo com este padre, não é um pároco como os outros. [67]

Uma refeição amigável num restaurante reuniu os proprietários, os dois visitantes e o Padre de Riddes. No fim da refeição, Alfonso Pedroni que estava até então misteriosamente calado, abriu a boca para pronunciar estas palavras que se verificaram proféticas:

«Bem, Monsenhor, digo-vos que deste Seminário se falará no mundo inteiro».

A decisão de fazer os trabalhos necessários para acolher os seminaristas foi tomada no dia 24 de Junho, depois da conclusão negativa de Fontgombault. [68]Monsenhor prometia uma ajuda substancial (dos seus benfeitores), que serviria de renda.

Mas ficava ainda um último problema material por resolver: As cozinheiras e as encarregadas de rouparia. Onde as encontrar então e num lugar tão isolado? Depois duma visita infrutuosa às Irmãs de Chabeuil, Monsenhor Lefebvre, cada vez mais preocupado àcerca disso, pensou «no bom Padre Berto e as suas religiosas», as dominicanas do Espírito Santo. Lançou-lhes um S. O. S. antes de partir para Roma.

«Ora», diz ele, «em Roma recebi, por telefonema, uma resposta afirmativa. Foi no dia de São Pio X. Um Sorriso da Providência, do Santo Papa e uma delicadeza da Reverenda Madre de Poncalec!»[69]

---

[67] Mons. Lef. Reconheceu logo o Padre Epiney, que tinha acolhido em Roma

Mons. Lef., Carta a Mestre Lovey, 24 de Junho de 1970. É o padre Bernard Lecareux que veio instalar-se em Setembro perto de Fontgombault, noPresbitério de Mérigny, com um embrião de Fraternidade sacerdotal.

[69] Diário de Écône, 1970-71, pp. 2-4

## 4. O ano de espiritualidade

Restava a Monsenhor o obter o *Placet* dos Bispos competentes. Para fazer obra de Igreja, importava-lhe nada empreender sem expor os seus projectos aos Ordinários das dioceses, e deles receber a permissão.

Já em Abril de 1969, o Prelado submeteu ao Arcebispo de Sion um projecto de primeiro ano de espiritualidade e até de Seminário[70] para realizar em Écône. Já falámos da resposta desfavorável que lhe fez Monsenhor Adam, [71] a orientação para Friburgo. No dia 30 de Junho de 1969, o Arcebispo encontrava o Bispo de Sion, [72] para lhe apresentar mais precisamente o seu projecto de Friburgo e a sua ideia de Écône. Depois, como relatámos já, no dia 19 de Maio de 1970, obteve a permissão do Bispo de Sion para um ano de preparação em Écône.

Quanto ao Bispo de Friburgo, no dia 29 de Junho de 1970, o Arcebispo prepara-lhe um memorandum; já lhe apresentou o projecto do ano propedêutico aos estudos universitários bem como a ideia duma Fraternidade sacerdotal – ideias àcerca das quais voltaremos já. Agrupando as duas coisas, ele explica:

> «Se a erecção é concedida,, o ano de espiritualidade ou preparatório para entrar na Fraternidade teria lugar em Notre-Dame des Champs, em Écône, na Diocese de Sion, Monsenhor Adam nos deu já o seu acordo». [73]

No dia 1 de Julho de 1970, Monsenhor Lefebvre é recebido na casa episcopal de Friburgo por Monsenhor Charrière e o seu auxiliar Monsenhor Mamie; confia ao Bispo um rascunho dos estatutos da Fraternidade e obteve a permissão para prosseguir a obra de Friburgo. Recebendo de novo o Arcebispo no dia 18 de Agosto, Monsenhor Charrière confirma-lhe oralmente e por escrito no mesmo dia,

> «A autorização concedida a Monsenhor Marcel Lefebvre, na audiência de 6 de Junho de 1969, seja: de abrir em Friburgo uma casa de carácter internacional destinada a receber os candidatos ao sacerdócio que seguem cursos na Universidade» [74]

---

[70] Cf. Mons. Lef., carta a Mestre Lovey, 2 de Abril de1969

[71] Mons. Adam, carta do 13 de Abril de 1969, citada mais acima.

[72] Mons. Lef., carta a Mestre Lovey, 25 de Junhode 1969

[73] Memorandum do 29 de Junho de 1970, AELGF VIII, R. I, 42; Savioz, anexo 1. 23.

[74] Arquivos da Fraternidade sacerdotal S. Pio X, Casa generalicia, AELGF, Ficheiro I, doc. 4

Assim, da forma mais regular no mundo, vão abrir-se paralelamente, o segundo ano em Friburgo e a primeiro ano em Valais, depois dum retiro comum pregado em Écône de 8 a 13 de Outubro pelo Padre Rivière. Monsenhor partilhará assim o seu tempo tão equitativamente quanto for possível entre os dois grupos dos seus filhos.

## *O Plano do ano espiritual*

É em Fontgombault durante todo o dia de 25 de Agosto, que Monsenhor Lefebvre, os Padres Gottlieb, Masson e Michel planearão o ano de espiritualidade, aconselhados para isso pelo Padre Dominico Marc, Mestre dos noviços na Abadia. Tratava-se de colmatar uma lacuna na formação sacerdotal ordinária, um vazio de que o Padre Marcel Lefebvre se havia ressentido já em Roma. O fundador recordava-se do bom proveito, que, em contrapartida, haurira do seu noviciado em Orly. Queria ele dar aos seminaristas a mesma vantagem do conhecimento e da prática da vida interior que vai ser a alma da sua existência sacerdotal e os ajudaria a colocar a sua teologia ao alcance dos Fiéis que, também eles, aspiram a uma vida interior. »[75]

Sem esta formação espiritual, explicará ainda Monsenhor Lefebvre, «arriscava-se a fazer do Seminário um lugar de estudo meramente especulativo. Formar-se-iam inteligências mas nem sempre corações... Corações que são constituídos para se erguerem na santidade, para viver uma vida interior intensa em união com Nosso Senhor. «Assim», concluía ele «penso que esta inovação é certamente muito importante. ». [76]

Na comissão central preparatória do Concílio, Monsenhor Lefebvre já tinha sugerido:

> «Um estudo e uma iniciação à vida espiritual parece necessária, ao ponto mais elevado, durante um ano. Este ano de vida espiritual é mais importante do que o estudo da pastoral. »[77]

O Concílio Vaticano II, no seu decreto sobre a formação dos sacerdotes *Optatam totius*, perguntava aos bispos,

> «Para que a formação se estabeleça sobre os princípios mais firmes e para que os seminaristas abracem a sua vocação em virtude duma escolha maduramente deliberada, é importante fixar o prazo de tempo que convém para uma preparação espiritual mais intensa» (n° 12)

Fortalecido com a experiencia de Écône, Monsenhor podia sugerir

[75] COSPEC 59 A, 16 de Maiode 1978

[76] COSPEC 80 A, 3 de Novembrode 1980

[77] MS. Intervenãopor oral, 17 de Janeiro de 1962; A. Doc., II, II, 17 e 167

à Congregação da Propaganda, no que respeita à formação sacerdotal na Nigéria, tema em que ele foi consultado, um meio ano ou um ano inteiro «dum período de espiritualidade»[78]

É exactamente isso que foi aperfeiçoado em Fontgombault. O curso de doutrina espiritual desenvolveria, segundo uma progressão prática e pedagógica, a prática da oração mental, da direcção espiritual, da confissão, etc. Prosseguir-se-ia tratando, segundo o Concílio de Trento, o seu catecismo, e a teologia do santíssimo sacrifício da Missa: Resultaria uma crítica teológica da nova Missa. Depois o Doutor Angélico serviria de mestre para introduzir os seminaristas na teologia da Trindade, da graça, do pecado, da penitência, do discernimento dos espíritos e, enfim, das virtudes cristãs e dos dons do Espírito Santo.

Os primeiros seminaristas lembram-se da felicidade com que entraram, sob a férula firme e tomística do Padre Maurice Gottlieb, no jardim da graça, das virtudes e dos dons. Que sólida espiritualidade teológica! Que magnifico convite a provar São Tomás, segundo o exemplo do nosso Fundador!

## *Um curso especial: Os «Actos do Magistério»*

Paralelamente ao curso de espiritualidade seria dispensado um curso de latim, uma iniciação à Sagrada Escritura, estudando especialmente a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo o Evangelho e o comentário de Dom Paul Delatte, ao mesmo tempo sóbrio, cordial e tomístico. Uma iniciação ao canto gregoriano seria ministrada, bem como um curso de liturgia pelo Padre Michel, conforme às Instituições litúrgicas de Dom Prosper Gueranger.

Enfim, a colaboração do Cónego do Valais, René Berthod, permitia instaurar um curso sobre os erros modernos que tomaria antes o nome de curso dos «Actos do Magistério», no espírito das conferências do Padre le Floch feitas sobre a condenação pelos Papas da Maçonaria, do liberalismo e do modernismo. Mais tarde, nos anos 1979-1980, Monsenhor ensinava ele mesmo esta matéria:

> «O objectivo deste curso, explicava ele, não é apenas fazer um estudo lógico dos erros, mas antes de percorrer as próprias Encíclicas, sobretudo aquelas em que os Papas quiseram fazer um estudo aprofundado das verdades atacadas pelos erros ou uma análise pormenorizada destes erros. Não podemos senão

---

[78] Aviso de 6 de Fevereiro de 1972 acerca do pedido do 12 de Outubro de 1971, Prot. 4899/71

admirar o zelo e a fé destes guardiões vigilantes da fé, e ficamos tanto mais estupefactos ao constatar que este combate incessante foi de repente abandonado para se estabelecer e compactuar um compromisso com todos os protagonistas destes erros e os seus herdeiros, por causa dum falso ecumenismo, que apenas constitui uma traição à verdade. »[79]

O conjunto do curso é introduzido pelo programa pontifical de São Pio X: «Tudo restaurar em Cristo» (e *supremi apostolatus*, 1903). O Santo Papa profetiza a «religião do homem que se faz deus», que Paulo VI legitimará o apóstolo «dos direitos humanos», uma nova religião que São Pio X designa como a religião própria do Anticristo, onde «o homem se substitui a Deus» [80] É bem, diz Monsenhor Lefebvre, esta reivindicação de independência do homem no que respeita a Jesus Cristo e a Deus que constituem a natureza profunda do Liberalismo, o qual é «uma das causas da crise actual da Igreja e, por conseguinte, também uma das razões do nascimento deste Seminário; porque o Bom Deus no desenrolar da História, suscita remédios para os males, na luta e no combate». [81]

## 5. A Fraternidade Sacerdotal São Pio X

### *O Intuito original*

Precisamente, os sacerdotes assim formados neste combate em favor do Cristo-Rei, segundo o alto ideal do sacerdócio, como conseguir mantê-los na pureza doutrinal e na caridade missionária do seu sacerdócio, sem lhes comunicar uma forma de vida ? Como protegê-los, uma vez dispersado cada um na sua Diocese de origem, contra a corrupção crescente e liberal do clero?

A ideia dum Seminário internacional e a do ano de espiritualidade exigia, segundo uma lógica circunstancial e segundo a mais alta tradição da Igreja, ser completada pela ideia duma sociedade de sacerdotes levando uma vida em comum. O «sonho de Dakar» continha em semente, senão mesmo explicitamente, o projecto duma Fraternidade sacerdotal.

Já Santo Agostinho, o Bispo de Hipona (396-430), levava uma vida comum com os seus sacerdotes. Posteriormente, numerosos

---

[79] Mons. Lef. , Plano do curso sobre Actos do Magistério, situado no «C'est moi l'accusé» p. XVI.

[80] Enciclica «E supremi apostolatus», 4 de Outubro de 1903, BP I, 35-39; «C'est moi l'accusé», pp. 5-10

[81] COSPEC 6 A, Janeiro 1974, 7° conferencia sobreo Liberalismo.

reformadores do clero, suscitados por Deus, impuseram aos seus discípulos esta vida em comum, não certamente conduzida à maneira dos religiosos que prestaram voto de pobreza, mas reduzida à habitação comum e à participação na mesa comum: Assim os sacerdotes de Saint-Sulpice, do Padre Jean-Jacques Ollier, os da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, de São João Eudes, os das missões estrangeiras de Paris e, naturalmente, a Comunidade dos Padres do Espírito Santo fundada pelo Padre Claúdio Poullart des Places, estabeleceram esta mesma regra de vida em comum. O Direito Canónico de 1917 (Can. 134°) estatui que «a observação da vida comum entre os clérigos deve ser louvada e aconselhada».

Desde 1966-1967, Monsenhor Lefebvre, tínhamos dito, projectou restaurar os «Senhores do Santo Espírito», de Poullart des Places, no encalço da sua Congregação. O Sonho de Dakar tinha lugar neste plano? Nós pensamos que sim. Mas a Providência, lançando o Prelado na rua, como já contámos, preparava-lhe, sem que Monsenhor tivesse desejado, a via duma realização melhor.

A Claire Ferchaud[82], colocada a par da ideia do Prelado, do Seminário, que lhe escreveu no dia 8 de Maio de 1969: «Monsenhor, não viríeis em pessoa assentar arraiais na colina de eleição e inaugurar a Missa de reparação e de redenção? Tantos sacerdotes vos seguiriam!» O Arcebispo respondia no dia 13 de Maio exprimindo o seu desejo de vir acudir à obra da Missa perpétua projectada em Loublande.

> «Todavia», acrescentava ele, «tal como vós mesma, eu desejo seguir as indicações da Providência (...) Penso eu que a minha tarefa mais urgente é a formação de santos Padres, é o que me preocupa mais e orienta a minha actividade. E será talvez por este meio que virá a realização da vossa obra (...) Também tenho a convicção que é a santidade do sacerdócio que nos salvará, é por isso que eu dedico a esta realização todas as minhas actividades, todas as minhas orações.

---

[82] Claire Ferchaud, moça francesa que recebeu na altura da primeira guerra mundial, mensagens do Sagrado Coração, em particular a de mandar pôr nas bandeiras nacionais dos batalhões de combatentes o simbolo do Sagrado Coração de Jesus. Ela teve uma entrevista com o Presidente da Reèublica, Raymond Poincaré, para lhe pedir isso,mas em vão. Mais tarde, ela teve revelações pedindo-lhe de fundar a Obra da Missa Perpetua. A Igreja não se pronunciou sobre estas revelações. Cf. Claude Mouton, Au plus fort de la Tourmente, Claire Ferchaud, Ed. Résiac, Montsours, 1978, 240 p.

«A construção duma sociedade do género da "das missões estrangeiras" poderia muito bem abranger no seu seio uma parte mais contemplativa, que teria por primeira actividade a realização da Missa perpétua.

«Peço ao Espírito Santo que me manifeste as suas vias, para que as oposições actuais desapareçam. Já há indícios sérios que me indicam que o Bom Deus deseja este novo viveiro de santos Padres.»[83]

Escrevendo, no Outono, ao seu Amigo Vernor Miles àcerca da casa de Écône, visitada na Primavera, o Prelado expôs não só a sua ideia de estabelecer por ali «um noviciado alargado» como já vimos, mas também o seu Projecto de Fraternidade:

«Esta casa tornará certamente a ser a Sede duma sociedade internacional de sacerdotes seculares: Uma piedosa união que ajudaria os sacerdotes no seu ministério, encorajando a conservar as boas tradições. Organizaremos isso no decurso do ano para podermos, no próximo ano, receber o primeiro grupo de jovens.»[84]

Mas antes da vinda deste primeiro grupo» que, de facto, será o segundo, o de 1970, Monsenhor Lefebvre vai confiar a sua ideia aos nove, entrados em Outubro de 1969. Apenas um mês depois da sua chegada, na sua conferência espiritual do 12 de Novembro, o Fundador fala-lhes, não só de um ano de preparação ou de estudo da vocação que poderia ter lugar perto de Martigny», mas também duma sociedade:

« Proponho-vos perspectivas para o futuro: Constituir uma sociedade, não uma sociedade de religiosos como o Padre Théodossios, mas uma sociedade de seculares. Isso seria uma sociedade de sacerdotes sem votos, de apóstolos, focalizados sobre o sacerdócio, mesmo para os membros não sacerdotes. A causa fundamental da crise é o fastio do sacerdócio. Ora o sacerdócio

---

[83] Carta datada de La Croix-Valmer, «Lecture et Tradition» n° 179, pp. 25-27. A mensagem de Claire Ferchaud continha o pedido que os sacerdotes viessem para os Rinfillières, em Loublande, paraserevezar no altar, celebrando continuamente a missa. O Padre Georges Roche fundou nesta perspectiva a sua obra do Cénaculo, mas sem manifestar esta finalidade nos seus Estatutos; Por isso a o seu Instituto nunca se concretizou. Nos anos 1960, o grupo de sacerdotes interessados pela ideia de Loublande, de que já tínhamos falado, viviam no Presbitério de Saint-Leger-de-Montbrillais, que frequentava o padre Gottlieb. Monsenhor Lef. Visitou os em 1969 (Cf. MS. II, 68)

[84] Carta a Miles, 3 de Setembro de 1969.

é focalizado sobre o Sacrifício da Missa. Os objectivos possíveis desta sociedade seriam seminários e o apostolado, estando excluído tudo o que não respeita à actividade sacerdotal. Haveria a possibilidade de deixar esta sociedade ao cabo de três anos de provação. Peço-vos para reflectirem nisso e rezar. Havemos de nos disseminar nas nossas dioceses ou nas Congregações existentes? Ou ficar unidos juntos, ao menos vivendo em pequenos grupos?»

## *Aprovação da Igreja*

Os seminaristas ficaram bem embaraçados pela proposição: Aqueles que eram enviados pelos seus Bispos, até mesmos já incardinados nas suas dioceses, consideravam-se destinados a esta Diocese; os novos não tinham ideias bem claras sobre um assunto que ultrapassava as suas preocupações imediatas: tornarem-se bons sacerdotes. Monsenhor não insiste mais.

No dia 21 de Fevereiro de 1970, não teria o Prelado alguns motivos para perseverar no seu projecto? Não sem dificuldade, obteve dos dois Bispos envolvidos, os de Clermont-Ferrand e de Dax duas cartas dimissórias permitindo ordenar Paul Aulagnier à tonsura e Pierre Pique ao Sub-diaconato, na Capela encantadora das peregrinações, Notre-Dame de Bourguillon,[85] situada às portas de Friburgo. Esta primeira ordenação na história do Seminário São Pio X é um bom encorajamento para Monsenhor Lefebvre; mas quer Deus a sociedade sacerdotal tal como foi prevista? Sem sinal tangível da Providência, o problema fica em aberto.

É a questão que o Prelado coloca a várias personalidades romanas[86] em Março de 1970. Os seus amigos o Cardeal Hildebrando Antoniutti, Prefeito da Congregação dos Religiosos e dos Institutos Seculares, e o Arcebispo Pietro Palazzini, secretário da Sagrada Congregação do Clero, encorajam-no. Mas, em Abril, o Bispo de Dax pede ao seminarista Pierre Piqué para deixar o Seminário de Monsenhor Lefebvre. [87] Este primeiro acto beligerante da parte dum membro do episcopado francês contra a fundação apenas em parte consegue surpreender Monsenhor Lefebvre; é um sinal da Providência. Doravante, pensa ele, uma sociedade sacerdotal vem a ser a solução contra tais oposições que arriscam reiterar-se.

---

[85] Desde no dia 20 de Outubro, o Seminário foi em peregrinação a Bourguillon para se consagrar a Nossa Senhora «Notre-Dame Guardienne de la Foi» (Defensora da fé) que está honrada com este título

[86] Cf. Conferencia espiritual Friburgo, 30 de Abril de 1970

[87] Diário de Friburgo, 15 de Abril de 1970

É por isso que, na sua conferência de 30 de Abril aos seminaristas, Monsenhor Lefebvre volta ao assunto, pedindo-lhes para exprimir os próprios pensamentos sobre uma «Fraternidade Sacerdotal»: é oportuno fundá-la distinta do Seminário? Bernard Tissier de Mallerais responde:

«É uma eventualidade a encarar (...) no caso de as incardinações directas nas dioceses serem difíceis, até impossíveis.»

Paul Aulagnier estima, quanto a ele, que

«a Fraternidade «impor-se-á um dia. Os eventos e a Providência indicarão o caminho a seguir (...) é necessário distinguir entre o Seminário e a Fraternidade» [88]

O Prelado esperava mais respostas, senão até mais entusiasmo. Depois de alguns dias de dúvidas – uma tentação de tudo parar, que já narrámos – Monsenhor Lefebvre limita-se a esperar. Tendo viajado para Roma no dia 25 de Maio, redige no seu ermo da via Casalmonferrato um projecto dos estatutos da Fraternidade dos Apóstolos de Jesus e Maria», datado do 17 de Junho de 1970.

No dia 29 de Junho, Monsenhor Lefebvre envia a Monsenhor Charrière um *memorandum* [89] sobre a sua ideia de Fraternidade Sacerdotal e, apresentando-se em 1 de Julho na casa episcopal de Friburgo, entrega o projecto dos estatutos:

- Sou solicitado por jovens padres e seminaristas a fundar uma Fraternidade de sacerdotes seculares, redigi este projecto dos estatutos conforme ao direito canónico.

- Eu não vejo o que possamos objectar a uma iniciativa tão útil e até urgente neste momento.

Se me concederdes a erecção, o ano de espiritualidade que vou abrir em Édenes, tendo Monsenhor Adam dado o seu acordo, será o ano preparatório para o compromisso na Fraternidade, o seu noviciado sem o nome, sem todavia obrigar todos os seminaristas a comprometer-se na Fraternidade. Esta teria a sua Sede em Friburgo, Rua da Vignettaz.

- Está bem, vou examinar os vossos estatutos.

No dia 18 de Agosto, o fundador encontrou de novo o Bispo e voltou ao assunto da Fraternidade em gestação; este último não tinha tido ainda vagar para debruçar-se sobre os estatutos.

«Espero que no decorrer do mês de Outubro, escreveu-lhe o

[88] Arq. Fund. Friburgo, Casa generalícia, respostas escritas dos seminaristas.

[89] Texte MS., AELGF, VIII R.I, 42

Arcebispo, depois da Audiência, eu possa reencontrar-vos e falar deste assunto que tem, penso eu, a sua importância para o bem do sacerdócio, hoje tão posto à prova. Apenas tenho um desejo e os estatutos exprimem-no, fazer verdadeiros e santos padres cheios do Zelo para sua própria santificação e para a salvação das almas».[90]

Voltando ao assunto – como ele sabe fazer – no dia 13 de Outubro de 1970, Marcel Lefebvre recorda a François Charrière as suas conversas, os estatutos a examinar e, como o tempo urge (não falemos da futura demissão do Bispo de Friburgo), sacode um pouco o seu amigo:

«Se me dá licença, escreveu-lhe ele, de vos submeter um esboço do decreto de erecção que autorizaria a fundação da Fraternidade, confio esta intenção a Nossa Senhora de Fátima neste dia do 13 de Outubro. »[91]

Enfim, em 7 de Novembro, não vendo nada chegar, Monsenhor Lefebvre telefona ao Bispo; está inquieto, sabendo que o Bispo Auxiliar, Pierre Mamie, está contra a sua fundação. No entanto, Monsenhor Charrière apressa-se:

«Mas sim, Monsenhor, vinde logo!» Na Casa episcopal, depois duma breve conversa: «Não vale a pena esperar mais – ele tem na mão a minuta de Monsenhor Lefebvre – partireis logo com isso, eu mando o meu secretário escrever à máquina este decreto»

No tempo de rezar um pouco na capela da casa episcopal, o documento ficou pronto, Monsenhor Charrière assinou. Ele encontrava-se no fim da sua carreira episcopal. Três meses mais tarde, ele solicitava a sua demissão. [92]

Monsenhor Lefebvre tinha certamente ajudado um pouco; confessava porém:

«Até me custa a crer, ver por fim e tão rapidamente o meu desejo cumprir-se!»

O Documento decretava:

«Está erigido na nossa Diocese, ao título de Pia Unio, a Fraternidade Sacerdotal Internacional São Pio X (...) Aprovamos e confirmamos os estatutos aqui juntos da Fraternidade para um período de seis anos *Ad Experimentum*, período que poderá ser seguido por outro semelhante por tácita recondução; depois do que a Fraternidade poderia ser definitivamente erigida na nossa Diocese ou pela Congregação romana competente. (...) Feito em

[90] Carta do 18 de Agosto, AELGF, Ficheiro I, Doc.3

[91] AELGF, Ficheiro I, Doc. 5

[92] Fideliter n° 59, pp. 65-66.

Friburgo, na Festa de Todos os Santos. François Charrière, Bispo de Lausanne, Genève e Friburgo»

O decreto era voluntariamente antedatado de seis dias. De regresso a Vignettaz, Monsenhor Lefebvre, visivelmente feliz, fez ver a carta que passou de mão em mão; os seminaristas não se cansavam de a ler, de decifrar a assinatura, de verificar o selo. Tudo estava bem em ordem.

«Não era isso providencial? Dizia Monsenhor Lefebvre. Esta data do 1º de Novembro de 1970 é, a meu ver, um acontecimento capital na nossa História: é a data do nascimento oficial da Fraternidade: foi a Igreja que a gerou. A Fraternidade é uma obra da Igreja. Por mim, eu teria horror a fundar qualquer coisa que fosse sem a aprovação dum Bispo. Havia de ser obra da Igreja.»[93]

## *Um estatuto canónico adaptado mas provisório.*

É também este espírito da Igreja que é expresso nas treze páginas[94] dos estatutos da Fraternidade, resumindo – num estilo breve e conciso, e seguindo o mesmo plano rigoroso e tomístico que o directório do Seminário – o género, a dedicação, o fim, as obras, a administração, as virtudes e os meios de santificação dos membros do Instituto. E antes de tudo o género:

A Fraternidade é uma sociedade das Missões estrangeiras. Todavia está constituída num espírito de fé profunda e de obediência perfeita, no seguimento do Divino Mestre». (I, 1)

A Fraternidade está portanto nitidamente colocada no género de sociedade de vida comum sem votos, regida pelo Cânone 673º do Código de Direito Canónico e assimilada às Congregações religiosas, com excepção dos votos, que estão substituídos por simples compromissos.

«Não sois religiosos, explica o fundador aos seus filhos, mas deveis ter o espírito religioso». [95]

Esta sociedade de vida comum terá porém um estatuto provisório de simples união piedosa:

«A Fraternidade dependerá do Bispo ordinário que a erigiu em piedosa união e aceita os estatutos dela em conformidade com as prescrições do direito canónico» (IV, 1).

---

[93] Fideliter nº 59 p. 66

[94] Tendo sofrido bastante por causa da quantia interminável das regras espiritanas que continham 400 artigos em 1957, Mons. Lef. Limita-se a 46 artigos para a sua Fraternidade, deixando a um futuro Directório espiritual e pastoral o cuidado de precisar mais.

[95] COSPEC 35 A-2, 29 de Novembro de 1976

É também o que precisa o decreto de erecção assinado pelo Monsenhor Charrière. Uma união piedosa é uma associação de fiéis com o objectivo de piedade ou de caridade, como o fazem também as confrarias, por exemplo; mas uma união piedosa pode também compor-se de clérigos, e constitui até a primeira etapa obrigatória duma futura sociedade clerical. Depois, com o pedido do Bispo diocesano e com o *Nihil Obstat* da Santa Sé, a união piedosa poderá, quando chegar aos cinquenta membros,[96] tornar-se uma sociedade de direito diocesano propriamente dito, sendo mais longínquo o acesso ao direito pontifical por um decreto de louvor. Tal foi a perspectiva que apresentaram a Monsenhor Lefebvre os seus amigos, os Cardeais Agagianian,[97] Prefeito da Propaganda, e Antoniutti, Prefeito da S. C. dos Religiosos e Institutos Seculares, em Abril e Junho de 1970, bem como Monsenhor Paul Philippe, membro e antigo secretário desta última Congregação,[98] em Dezembro de 1970.

E para fornecer o quadro mais vasto possível da Fraternidade, o decreto de erecção refere-se ao documento Presbyterorum ordinis[99] que encoraja, no seu n° 10, a constituição, para uma melhor repartição do clero, de Seminários internacionais,

> «de Prelaturas pessoais e outras instituições às quais os sacerdotes poderiam ser afectados ou incardinados pelo bem comum de toda a Igreja».

Finalmente o Cardeal Antoniutti nada objecta à ideia de fazer da Fraternidade, à semelhança dos sacerdotes do Prado de Lião, um «Instituto secular», segundo este novo modelo de sociedade muito maleável,[100] instituído por Pio XII na sua constituição *Provida Mater*, de 2 de Fevereiro de 1947.

Como quer que isso seja, é o Bispo diocesano que deverá, segundo o direito, vigiar a vida, o recrutamento e a utilidade apostólica da piedosa união que instituiu, e incardinar nela os membros.

Quanto ao Seminário, cuja existência de direito, está sugerida pelos estatutos, pode, tal como está, com o seu ano propedêutico em

---

[96] Memorandum de Mons. Lef. A Mons. Charrière, 29 de Junho de 1970. AELGF, VIII, R.I., 42; Carta de Mons. Lef. Ao cardeal Antoniutti, 6 de Novembro de 1972. 3.

[97] Relatório de Mons. Lef a Monsenhor Mamie, 18 de Janeiro de 1971. AELGF, Ficheiro I, dos. 5

[98] Mons. Lef. carta a Monsenhor Charrière, 19 de Dezembro 1970. AELGF, Ficheiro I Doc. 8

[99] E não no decreto Optatam Totius, como o diz por confusão o decreto de erecção preparado porém por Mons. Lefebvre.

[100] Cf. J. Beyer SJ. «Les Instituts séculiers», DDB, 1954, pp. 208-213.

Valais, a sua casa em Friburgo e os seus estudos na Universidade, ser considerado como uma casa de formação adaptada e necessária ao Instituto, mesmo no seu estado embrionário de piedosa União clerical.

## *O coração da Fraternidade: a Missa*

O objectivo da Fraternidade, fixado pelos estatutos, é «o sacerdote». Vasto programa que precisa dum espírito. É necessário

«orientar e realizar a vida do sacerdote para o que é essencialmente a sua razão de ser: O Santo Sacrifício da Missa» (II, 1-2). « A Fraternidade está colocada especialmente sob a patronato de Jesus Sacerdote, cuja existência inteira foi e permanece sacerdotal, e para Quem o sacrifício da Cruz foi a razão de ser da Sua Incarnação. Assim, os membros da Fraternidade, para quem o *Mihi vivere Cristo est* («para mim o viver é Cristo» – Filip. I, 21) é uma realidade, vivem todos orientados para o sacrifício da Missa que continua a paixão de Nosso Senhor» (I, 3)

«A Fraternidade está também sob a égide de Maria, Mãe do Sacerdote por excelência e, por Ele, Mãe de todos os sacerdotes em que ela forma o seu Filho. Ela desvenda-lhes o motivo profundo da virgindade, condição do desabrochamento do sacerdócio» (I, 4)

Segue depois a «ardente devoção» que os membros terão para com a Virgem Maria

«na sua compaixão para com Jesus, sacerdote e vítima para a Redenção dos nossos pecados» e «sempre presente na sua oferta» (VI, 3)

Toda a vida do sacerdote, ciência, piedade e obra, está centrada na Missa:

«Um conhecimento teológico profundo», místico até, do sacrifício da Missa, convencê-los-á cada vez melhor de que nesta realidade sublime se realiza toda a revelação, o mistério da fé, o acabamento dos mistérios da Incarnação e da Redenção, toda a eficácia do apostolado» (II, 3) «Nada será negligenciado para que a piedade seja orientada e decorra da liturgia da Missa, que é o coração da Teologia, da pastoral e da vida da Igreja» (III, 1) A Fraternidade é essencialmente apostólica porque o sacrifício da Missa também é» (I, 2).

A Missa é, portanto, a fonte da santidade do sacerdote: da sua união com Jesus, vítima da Cruz, do seu zelo para difundir o precioso sangue sobre as almas. Monsenhor Lefebvre deixa a um futuro «directório espiritual e pastoral» o cuidado de desenvolver

esta doutrina, mas explica muitas vezes porque não experimenta a necessidade de fazer deles religiosos: tal como São João Eudes, está convencido de que, melhor do que os religiosos, os sacerdotes encontram na dignidade de que são revestidos a razão e os meios de alcandorar-se à perfeição mais eminente. Pensa que uma alta ideia do sacerdócio e da santidade que ele reclama é o método mais eficaz de formação dos seminaristas. [101]

Tal é a primeira das actividades da Fraternidade:

> «Todas as obras de formação sacerdotal e tudo o que está relacionado com isso,

os Seminários, portanto, as obras, do Instituto ou não, apontando ao objectivo principal:

> a santidade do sacerdote e no mesmo tempo uma ciência suficiente».

Por esta razão, a Fraternidade está colocada sob o égide de São Pio X, porque o principal cuidado deste Papa santo foi a integridade do sacerdócio e a santidade que dali decorre. [102]

> «Conformemente aos desejos e às prescrições tantas vezes renovados dos papas e dos concílios, a Suma Teológica de São Tomás e os princípios filosóficos serão o objecto principal dos estudos no Seminário; assim os seminaristas evitarão com cuidado os erros modernos, em particular o liberalismo e os seus sucedâneos. » (III, 1)

À obra dos Seminários juntam-se a santificação dos sacerdotes pela pregação de retiros, o cuidado dos sacerdotes idosos e, até, a edificação dos sacerdotes caídos e infiéis. [103] Escolas verdadeiramente católicas vão ser favorecidas ou fundadas pelos membros da Fraternidade, mas não está previsto inicialmente dirigi-las (os acontecimentos ulteriores farão acrescentar esta possibilidade). Destas escolas «dimanarão vocações e lares cristãos». Finalmente, os sacerdotes da Fraternidade dedicar-se-ão ao ministério paroquial, a pregação de missões paroquiais (III, 4-5).

Os estatutos prevêem também, segundo a ideia de Loublande, alargada,

> «uma comunidade de carácter mais contemplativa, dedicada à celebração da Missa, à adoração do Santíssimo Sacramento, à

---

[101] «Eudes, Bem-aventurado João», DTC, V, 1473. Outros argumentos de Mons. Lefebvre: O apostolado moderno expõe constantemente os religiosos de vida activa a contrariar o voto de pobreza.

[102] São Pio X, Enc. «E supremi apostolatus», 4 de Outubro de 1903, BP I, 39-41.

[103] No exemplo dos missionários de Nazaré, fundados nesta intuito pelo padre Boissardem Lendreville, em França.

pregação de retiros no próprio lugar» (VII, 5)

Além dos sacerdotes e dos futuros sacerdotes, a Fraternidade abrange os membros «assimilados aos religiosos», bem como religiosas, filiadas «quando Deus as suscitar» (II, 4) e ela o inculcar, «a grandeza e nobreza das vocações de auxiliares para o serviço do Altar» (III, 3).

As virtudes recomendadas aos membros da Fraternidade são primeiro «um grande amor de Deus», uma caridade tal que naturalmente engendra a virgindade e a pobreza», bem como «o dom de si pela fé e a obediência pronta, generosa e amante» (V, 1); igualmente «uma grande simplicidade e franqueza[104] por um humor sempre igual e uma alegria comunicativa» (V, 6). A virtude de pobreza quebrará as «escravaturas do tabaco e da televisão: «A nossa verdadeira televisão é o tabernáculo» (V, 7).

Esta mesma caridade suscitará a fome e a sede da virtude de justiça para com Deus, isto é, da virtude da religião, que se exercita antes de tudo no Sacrifício da Missa, «acto da oração cristã mais sublime».

A religião exprima-se pelo porte da sotaina; aquela é um testemunho, uma pregação, afasta os espíritos maus e aqueles que lhes estão submetidos, atrai as almas rectas e religiosas. Facilita muito o apostolado» (V, 6).

Esta mesma caridade que envolve e dirige toda a vida dos membros do Instituto, será apostólica, «ansiosa de salvar as almas», ao preço das humilhações e das provas no seguir de Nosso Senhor Jesus Cristo, ganhando as almas «pela humildade e doçura, discrição, magnanimidade» (V, 4), abrangendo a vida da comunidade quatro tempos de oração em comum, é a regra tanto para os aspirantes como para os membros; é a ocasião do exercício da caridade fraternal».

A leitura dos estatutos não revela, é necessário confessá-lo, nenhuma espiritualidade particular da parte de Monsenhor Lefebvre. Uma existência centrada sobre o altar, fonte de caridade apostólica e inserida numa vida comum, é coisa por demais arreigada na tradição clerical para que possamos falar de «ideia pessoal» da parte do fundador.

> «Se existe algo que sempre procurei, dirá ele, é não ter ideias pessoais. Existem as ideias da Igreja! (...) Já vos disse, não quero impor uma espiritualidade especial, somente a espiritualidade da Igreja, (...) isto é, a espiritualidade tal como São Tomás a concebe na Suma Teológica: espiritualidade fundada no exercício

---

[104] Duas virtudes espiritanas apreciadas por Mons. Lefebvre

das virtudes, nas verdades da Fé, nas virtudes sobrenaturais, nas beatitudes, que são a maneira normal em que a nossa vida espiritual se exercita». [105]

Recordando, um pouco mais tarde, aos seus filhos, as circunstâncias da fundação da Fraternidade, Monsenhor Lefebvre sublinhava fortemente:

«Não foi gerada num desígnio de contestação ou de oposição, nada disso. Nasceu tal como podem nascer as obras da Igreja, quer dizer, duma necessidade que se apresentou, de tomar cuidado na formação do sacerdócio. (...) Fui buscar uma solução. A Providência permitiu que conseguíssemos criar este Seminário de Friburgo... E depois a Fraternidade, para amparar o sacerdócio concedido a este pequeno grupo... E depois o Seminário foi transferido de Friburgo para Écône... » [106]

## 6. O Seminário São Pio X de Écône

### *Nova decisão – aceitação por Monsenhor Adam*

«Desde Novembro de 1970, relata Monsenhor Lefebvre, houve que pensar na reabertura escolar de Outubro de 1971 e de saber onde albergar aqueles que acabavam o ano de espiritualidade. Em princípio era em Friburgo,[107] num prédio existente, arrendado ou comprado, ou numa futura construção! Eis-nos em busca: visita de prédios, exame de terrenos.

Entretanto, os cursos na Universidade já não dão tanta satisfação: a agitação aumenta entre os estudantes, o futuro parece dar razão ao R. P. Philippe que me dizia desde no inicio: «Em breve virá dia em que devereis dar aulas por vós próprio».

«Ora, visitando Écône, admirava o beneficio para os jovens de receber um ensinamento simples e verdadeiro, de estar num ambiente de paz e não de contestação, de estar em plena natureza no Valais, ainda profundamente crente. E pensava: Porque não realizar aqui o Seminário?

«Então passei a consultar. Sua Eminência o Cardeal Journet, S. Exa. Monsenhor Mamie, os meus colaboradores. O Cardeal foi categórico: «A universidade não convém à maioria dos

---

[105] COSPEC 36 A, 30 de Novembro de 1976

[106] COSPEC 47 A e B, 10 e 11 de Outubro de 1977

[107] Monsenhor visitou noentanto, no Verão de 1970, um castelo da Duqueza de Sabran, que poderia ser colocado a disposição em Anjou. Na Primavera de 1971, encarou a compra duma casa religiosa situada em Sankt Antoni, perto de Friburgo.

seminaristas e não favorece a disciplina do Seminário; se tendes escolha, não deveis hesitar; para a Universidade, enviai apenas alguns seminaristas somente para adquirir graus académicos» [108] Monsenhor Mamie entendia o beneficio dum Seminário independente, mas achava difícil a realização... Enfim, os meus colaboradores eram unânimes: o Seminário em Écône, para uma formação sã e forte em todas as áreas» [109]

O diário de Écône nota de facto, na data de 16 de Novembro, que, ao cabo duma novena a São José, «depois duma visita à Capela», Monsenhor decide construir o Seminário de Écône.

Restava obter a autorização de Monsenhor Adam... Conduzido por Mestre Lovey que ficou no carro, e acompanhado pelo Padre Gottlieb, o fundador foi recebido, no dia 26 de Dezembro de 1970, na casa episcopal de Sion. «O acordo foi um pouco mais laborioso» do que para obter o ano de espiritualidade, relata Monsenhor Lefebvre. Finalmente, o Bispo de Sion aceitou:

«Na ultima vez, pedistes para utilizar Écône para estabelecer o vosso pré-Seminário: aceitei; mas para um Seminário, objectei-vos que já tínhamos três na Diocese. Ora, este ano, o meu Seminário está em Friburgo, e o dos Capuchinhos fechou, portanto a minha objecção está caduca. » [110]

Sob que forma Monsenhor deu a sua autorização? Ignoramos isso. Monsenhor Lefebvre assegura que a autorização foi «explícita».

«Então, eu pedi-lhe uma autorização por escrito. Mas ele sorriu dizendo: «Duvidais da palavra dum Bispo?» E não tive documento escrito algum. Eu lamentava isso porque, uns anos mais tarde, ele atreveu-se a pretender que nunca autorizou o Seminário, mas apenas o ano de espiritualidade! Mestre Lovey protestou nesta altura contra Monsenhor Adam, porque se lembrava perfeitamente da nossa grande satisfação por causa do acordo concedido por Monsenhor Adam. Éramos dois para testemunhar». [111]

---

[108] Entrevista do 14 de Janeiro de 1971 (segundo o agenda de Mons. Lef.). O cardeal teve o cuidado, respondendo a Mons. Lef. De dizer «de não falar nada do seu empreendimento nem pró nemcontra, não desejandoser envolvido nisso» (Cardeal Journet, Carta a Mons. Mamie, 10 de Janeiro de 1973, AELGF, Ficheiro I, doc. 22), Savioz, ann. 1.78.

[109] Diário de Friburgo, «Coup d'oeil sur l'année 1970-71 et regard sur l'avenir» «Vista de olho sobre o ano 70-71 e olhar para o futuro»; Notas de Mons. Lef. Ao Cardeal Wright, 11 de Janeiro de 1972, AES 396. 15; COSPEC, 21 de Dezembro de 1972; «Des prêtres pour demain» (sacerdotes por amanhã), Paris, Março 1973, UEP, 206, sq.

[110] Cf. Sermão dasordenações, Écône, 29 de Junho de 1977

Roger Lovey, Nouvelliste e FAV, 16 de Janeiro de 1975; diário de Richenbach, 22 de Outubro de 1980; Monsenhor lefebvre, carta l'A., 5 de

O que era realmente? Mais tarde Monsenhor Schwery, sucessor de Nestor Adam, ouvira várias vezes o seu predecessor dizer-lhe: «Monsenhor Lefebvre enganou-me!» – Palavra que Monsenhor Schwery pensa concernir com uma questão jurídica. Trata-se muito certamente desta permissão arrancada por Monsenhor Lefebvre e concedida de má vontade pelo Bispo. O Antigo Vigário-Geral de Sion, Monsenhor Camille Grand, aconselhou um dia Monsenhor Schwery:

> «Seja prudente, seja prudente! Porque Monsenhor Adam foi várias vezes enganado. O Padre Lefebvre sabe aproveitar-se de meias-palavras. »[112]

Podemos explicar o episódio da maneira seguinte. Nestor Adam, reticente para com o projecto do seu visitante tenaz, vai começar por colocar umas objecções:

> «Écône? É o lugar bem escolhido? Os religiosos do Grand Saint-Bernard, que instalaram lá os seus estudantes, renunciaram ao cabo de uns anos; além disso, não será fácil constituir um corpo de professores competentes. Friburgo parece-me mais vantajoso.»[113]

O Arcebispo não teve muita dificuldade para responder que buscava, pelo contrário, a calma de Écône, mais favorável para o estudo do que o alvoroço turbulenta de Friburgo e que se comprometia a encontrar professores que estejam mesmo dispostos a residir em Écône. Cansado da luta, o Bispo teve que aceitar por meias palavras tais como: «Neste caso já não há objecções, Monsenhor!» É uma autorização, «explícita» sem verdadeiramente o ser. A «Palavra dum Bispo» limitou-se a esta reticente e complacente ambiguidade, que nenhum escrito poderá dissipar. E Monsenhor Adam poderá pretender mais tarde, que, propriamente falando, nunca havia concedido autorização (expressa, positiva, por escrito etc. )

À falta de melhor, Monsenhor considera-se contudo satisfeito e continua à frente no seu caminho. Doravante, as coisas vão processar-se muito rapidamente. No dia 3 de Fevereiro, o Arquitecto

---

Maio de 1990. Em sentido Contrário: Mons. Adam, carta a Hugo Maria Kellner, 15 de Abril de 1972; relatório ao Núncio, 16 de Junho de 1972; carta ao Cardeal Garrone, 21 deFevereiro, 21 de Fevereiro de 1973; nótula do 23 de Abril de 1974; nótula do 23 de Abril de 1974; nótula do 14 de Agosto de 1975, AES 396, 91 (Savioz, anuário I, 59; 1.62; 1. 81; 1. 93)

[112] Cardeal Schwery, Entrevista com o padre J.-M. Savioz, Savioz Anuário 2. 2, pp. 2e4.

[113] Monsenhor Adam, nótula sobre oSeminário de São Pio X, 25 deAbril de 1974, AES 396, 46, Savioz, anuário. 1. 90

Ami Delaloye foi solicitado. No dia 15 de Fevereiro de 1971, veio apresentar os seus planos do futuro Edifício São Pio X, um primeiro prédio de células, e o seu orçamento: um milhão e quinhentos mil francos suíços. Monsenhor escuta, mantém-se calado mas pensa interiormente:

«Preciso dum terço desta quantia de dinheiro para começar sem contrair dívidas, eu não o tenho, assim não posso progredir».

Ora, no mesmo instante, uma chamada telefónica de Friburgo anuncia que um benfeitor – Monsenhor Adrien Bressolles[114] – acaba de depositar na sua conta uma quantia importante de dinheiro. Providencialmente, isso é justamente a quantia necessária para arrancar! [115] No dia 28 de Abril, em casa do Arquitecto Delaloye, foi organizado o programa dos trabalhos. Monsenhor foi assistido pelo Padre Berclaz CSSp, especialista em construção. Este testemunhará:

«Apreciei deveras a maneira espiritual, a espiritualidade que Monsenhor Lefebvre conseguiu colocar nesta reunião de estaleiro. Principiou com uma oração; e uma boa parte da gente que vinha ao local, vinha mais ou menos de graça. » [116]

É exacto, alguns empreendedores amigos renunciaram generosamente ao seu beneficio e bateram-se com os fornecedores pelos melhores preços. Monsenhor, o seu irmão Michel e Marcel Pedroni vão encomendar tapetes na casa «Tapis Sion» no Norte da França. Marcel negoceia os preços e o Arcebispo confessará ter feito «esforços desesperados para que a nossa casa não seja demasiado confortável». Ami Delaloye diz muitas vezes: «Mas Monsenhor, os vossos seminaristas vão precisar disto ou daquilo!», e Monsenhor respondia: «Precisam também de renúncia!»

No dia 29 de Abril de 1971, o diário de Écône marca a visita de Monsenhor Adam; o Bispo da Diocese pôde constatar o início dos trabalhos das fundações do primeiro edifício. No 6 de Junho, Monsenhor Lefebvre abençoou a primeira pedra na presença dos proprietários de Écône, do Padre Mehrle, Prior do Albertinum de Friburgo, da comissão friburguesa, do Cónego de Soos, do Saint-Bernard, do Sr. Jules Monnet, presidente da Comuna (Município) de Riddes, do Pároco Epiney. Finalmente, no dia 28 de Junho, na Véspera da festa de São Pedro e São Paulo, o Arcebispo ordena um primeiro sacerdote, o Padre Petter Morgan, membro da Fraterni-

[114] Monsenhor Bressolles, carta a monsenhor Lefebvre, 29 de Janeiro de 1971.

[115] MS. I, 68, 29-34; Cardernos e Recordações de Marcel Pedroni

[116] MS. I, 49, 40-47

dade; Este parte logo a implantar a Fraternidade na Inglaterra.

Quanto ao Padre Aulagnier, será ordenado sacerdote por Monsenhor Lefebvre no dia 17 de Outubro, no encerramento do retiro de reabertura do ano, pregado em Grolley pelos padres Rivière e Barrielle a trinta e oito seminaristas, dentre os quais cinco «friburgueses». A Missa pontifical teve lugar na igreja paroquial de Riddes, em que o Pároco decidiu que a tradição retomasse todos os seus direitos. No decorrer da refeição, organizada no celeiro de Écône depois da cerimónia, o Padre Paul Aulagnier dirige algumas palavras aos convidados na presença de Monsenhor Lefebvre: «Nós seguir-vos-emos por todo o lado!» Monsenhor rectifica: «Seguimos a Igreja. Que Deus me preserve de ter qualquer ideia pessoal!»

Todavia sendo a casa de Écône demasiado pequena, alguns seminaristas estão albergados provisoriamente nos locais emprestados amigavelmente por Guy Fellay, director da Fábrica de Electricidade de Écône.

## *A organização dos estudos – São Tomás como Mestre*

É no 2 de Maio de 1971, em Écône, que Monsenhor Lefebvre, assistido dos professores presentes, decide o programa dos estudos filosóficos – depois teológicos – que começam na entrada escolar de 1972. O Padre François-Olivier Dubuis queria sete anos de Seminário. Monsenhor Lefebvre, mais realista e solicitado pelos fiéis, determina um programa decorrendo em cinco anos: Um ano de espiritualidade, dois anos de Filosofia Sistemática (lógica, cosmologia, psicologia, metafísica, ética) e dois anos de Teologia. É curto, é verdade que começamos desde os anos de Filosofia os cursos de Sagrada Escritura, o tratado da Igreja e até a teologia moral. Mas, ulteriormente, será acrescentado um terceiro ano de Teologia.

O antigo discípulo do Padre Le Rohellec desejaria – fora das matérias «especializadas» como são a Sagrada Escritura, o Direito Canónico, a História da Igreja e a Liturgia – um único curso de Teologia-Filosofia em que se daria aos seminaristas, desde o início, a Suma Teológica do Aquinate como manual para estudar questão após questão.[117] Ele tem receio de que uma filosofia separada da Teologia ministrasse uma visão naturalista da realidade:

> «O ensinamento da Filosofia durante dois anos não teria a desvantagem de propor primeiro as verdades naturais (...) e só depois a Revelação? «Porque Deus quis que fôssemos erguidos ao

[117] Monsenhor Lefebvre, carta ao Cardeal Ottaviani, Dakar, 26 de Fevereiro 1960

estado sobrenatural; (...) não podemos agora separar a natureza da graça. Não houve nem haverá um só homem que exista no mundo em estado de pura natureza,; isso não existe! Adão e Eva foram criados no estado de graça e aqueles que não receberam a graça estão em estado de privação e sentem esta falta da graça porque a sua própria natureza está ferida e se encontra desordenada no facto da privação da graça. Um homem já não pode existir sem a ausência ou sem a existência da graça. Portanto, não podemos ficar indiferentes à graça. » [118]

Um estudo das realidades dum ponto de vista meramente natural arrisca-se a seduzir os estudantes pelo prazer da mera especulação, o interesse das subtilezas lógicas e metafísicas que suscita; e assim os seminaristas ficaram privados durante dois anos desta admirável síntese entra a razão e a fé como é a Suma Teológica, verdadeiro itinerário espiritual do homem para Deus.

Os professores objectaram que a Filosofia e a Teologia são duas ciências bem distintas pelas «respectivas luzes» diferentes, a razão e a fé, e que é necessário conhecer a Filosofia antes de usá-la como instrumento e «serva» da Teologia. E Monsenhor resigna-se a seguir o aviso dos seus professores.

Aos três Padres do início juntam-se muito em breve sacerdotes de qualidade excepcional. Em primeiro lugar, o Padre François-Olivier Dubuis, antigo pastor protestante casado, professor no Seminário de Sion e no escolasticado dos Cónegos do Grand-Saint-Bernard em Martigny, que ensinará a Patrística e a História durante três anos. Monsenhor Lefebvre sabe que ele celebra a nova missa – fora de Écône – mas, com largueza de espírito, solicita-lhe o seu concurso, após ter-se informado a seu respeito junto de Monsenhor Adam e de Monsenhor Lovey.

Depois veio o Cónego René Berthod, [119] antigo discípulo do Padre Santiago Ramirez na Teologia Moral, na Universidade de Friburgo e, tal como o seu mestre, apaixonado por São Tomás de Aquino.

Ensinou Teologia aos escolásticos do Grand Saint-Bernard em Écône, foi depois director dos estudos em Martigny, e depois dirigiu com mestria o colégio de Champittet, administrado pelos Cónegos de Saint-Bernard, em Lausanne; acabara de ser exonerado da função

[118] COSPEC, 9 A , 30 deSetembro de 1974

Eranatural de Praz-de-Fort (1916-1996), filhode Joseph, professor primário e agente de correio, e de Hélène M. Thétaz, parteira, último duma família de sete filhos. O seu Bisavô Jean-Lourent Berthod, queijeiro, tinha vindo de Courmayeur (Vale d'Aoste) em 1843.

de Prior de Lens. Aceita, com a permissão de Monsenhor Lovey, o preboste dos Cónegos do Saint-Bernard, vir ensinar a Écône os actos do Magistério e, a seguir, a Filosofia (a partir de 1971-1972) e a Teologia Moral (a partir de 1972-1973), comentando o manual do Padre Dominique-M. Prümmer OP, fiel a São Tomás e ao mesmo tempo muito prático.

Unanimemente respeitado e amado pelos seminaristas, com a sua experiência pastoral sem igual, o seu fino humor do Valais, a sua timidez deliciosa e a sua sabedoria teológica, inculca com sucesso aos seus discípulos os grandes princípios da Teologia moral.

Na abertura de 1972, Écône recebe também o complemento inteiramente inesperado dos cursos de exegese do Novo Testamento do Padre Ceslas Spicq OP, professor na Universidade de Friburgo. Este grande cientista e humilde religioso vem cada quarta-feira durante três anos, para comentar São Paulo, São Lucas e São João. A sua interpretação combate resolutamente «a nova exegese simbólica» em via de perdição. A sua filologia grega perfeitamente segura garante uma exegese literal muito certa, que não despreza os comentários dos Padres da Igreja e de São Tomás. Conseguiu a ministrar o paladar da Sagrada Escritura, aquilo que Monsenhor Lefebvre mais desejava nesta matéria.

No ano seguinte ao Padre Spicq, é o seu confrade de Friburgo, o Padre Thomas Mehrle, que se junta a ele cada quinta-feira em Écône. Vítima dum boicote dos seus cursos de Teologia, foi demitido da sua cátedra. Os instigadores, os estudantes contestatários, censuravam-no por tudo julgar do ponto de vista tomista:

> «O professor Mehrle, dizem eles, fechou-se tanto na ortodoxia que se tornou incapaz de entender as novas correntes de pensamento»[120]

Bom sinal, diz de si para consigo o Prelado de Écône. Encorajado a vir a Écône por Monsenhor Mamie e pelo Mestre geral dos Dominicanos, o Padre respondeu ao convite de Monsenhor Lefebvre e ensinou durante dois anos a pura substância de São Tomás, tal como desejava Monsenhor Lefebvre, o texto de Suma do Doutor Angélico, acrescentando, como pedia muito razoavelmente o Concílio Vaticano II, um breve bosquejo histórico de cada grande questão doutrinal, os fundamentos escriturísticos e as decisões do Magistério. Muito preciso e didáctico, o Padre Mehrle não recusa criticar ocasionalmente o Padre Karl Rahner e a «nova teologia»; os seus

---

[120] «La Liberté», Friburgo, 17 de Fevereiro de 1972; Savioz, Anexo 2. 6.

alunos encontram-no menos feliz quando se sente obrigado a citar o Vaticano II para fazer sentir «que há boas coisas no Concílio».

### *Um elenco de professores contrastante e unido*

Dentre os professores que residem em Écône, tal como o Cónego Berthod, encontra-se em breve Dom Guilloud, beneditino de Notre-Dame de la Source, em Paris, e redactor litúrgico de *Nouvelles de Chretienté*. O monge liturgista, com a sua voz alegre e trocista, ridiculariza com sentenças fortes os desvios da «nova liturgia»: «A liturgia não é didáctica, não é para ensinar». «A missa, não é palavreado». Mais cuidado com o perigo contrário, diz ele: «O rubricismo conduz a adoptar qualquer reforma». Filho de Dom Gueranger, Dom Guillou repete o princípio: «A Liturgia é a Tradição no seu mais elevado grau de poder e de solenidade».

Bem entendido, à luz do combate do «doutor litúrgico» para a liturgia romana, Dom Guillou expõe uma critica penetrante da reforma de Paulo VI. Prosper Gueranger não tinha já denunciado «esta esperança cega e por demais comum de atrair os hereges diminuindo a doutrina ou os usos católicos»? Não tinha condenado a nova missa com antecedência, relevando os caracteres da «heresia anti-litúrgica»? Em particular, ele nota «o ódio à Tradição nas fórmulas do culto divino» e a maneira «de substituir as fórmulas de estilo eclesiástico pela leitura da Escritura santa» para «fazer calar a voz da Tradição», fazendo «uma escolha avisada de textos» ou citando «textos truncados» a fim de promover os dogmas novos. Assim, «A liturgia é um gládio com dois gumes que na mão da Igreja salva os povos e que na mão dos hereges os imola sem remédio». [121]

Uma outra matéria muito actualizada, a apologética, associada ao tratado da Igreja, é ensinado por um jovem Carmelita descalço, o Padre Dominique de la Presle, que inicia meticulosamente os alunos a um método cientifico de argumentação. Revela as origens esotéricas e satânicas do ecumenismo, predito e planeado pelos grandes iluminados. Quanto à História da Igreja no seu conjunto, encontra-se no Padre Christian Dumoulin, do Seminário Maior de Bourges, um mestre combinando o rigor cientifico com o mais delicado talento de comediante.

Ciência melindrosa se tanta é, a ética social – a política no seu sentido nobre – foi transmitida com ostentação pelo entusiasmo do Padre Aulagnier segundo às directivas dispensadas por Monsenhor Lefebvre:

---

[121] Dom Prosper Guéranger, «Les Institutions liturgiques», I, 396-397 (ed. De 1878); II, 724 (ed. De 1861)

«Na politica, podemos ter opiniões pessoais, na medida em que concordam com a doutrina da Igreja. Mas o Seminário enquanto tal não vai atrás desta ou daquela forma de política. Aí, é necessário que nos coloquemos num plano de ordem superior: há somente os princípios da politica geral ensinados pela ética. A democracia torna-se perigosa porque oscila entre a anarquia e a ditadura. Mas cuidado em nossa casa! Não imitemos o «Seminário pirata» de Barcelona que se cindiu na sequência duma divisão entre carlistas e os seguidores de João Carlos!» [122]

Se, portanto, o Padre Aulagnier não hesita em citar «a politica natural» de Charles Maurras, [123] é porque concorda com o pensamento dos Papas que condenam o «Contrat social» (O Contrato social) de Jean-Jacques Rousseau, alicerce da democracia liberal. Mas o Padre lutador exorta os seminaristas a ler de preferência os autores antiliberais recomendados por Monsenhor Lefebvre, tais como o Cardeal Pie, Louis Veuillot, o Padre Emanuel Barbier com a sua História do Catolicismo liberal, o *Le Liberalisme est un Péché*, dos padres Félix Sarda e Salvany, as obras de Monsenhor Delassus, etc.

«Se não lerdes, diz-lhes incisivo, nada compreendereis da crise e abandonareis!»

Todos os professores eminentes ou principiantes, exteriores ou interiores, formam um elenco bastante variado, ocasionalmente contrastante mas unido no essencial: a transmissão da doutrina católica. Monsenhor Lefebvre aproveita discretamente e com delicadeza os talentos de cada um; uma vez que lhes confiou, confiados no inicio do ano, os seus desejos e as suas intenções, cessa de ser directivo.[124]

Professores menos regulares vêm ainda completar o quadro: Assim, o Padre Guérard des Lauriers vem dar uma aula de mariologia que prepara no verso duma senha de metro, mas que ultrapassa a capacidade de entender de mais da metade dos alunos. Por seu lado, o professor Faÿ apresenta um vasto painel histórico das várias fases da contra-Igreja, desde a Kabbala e as seitas esotéricas até à Maçonaria e às suas funções actuais, passando pelo humanismo, os reformadores protestantes, os enciclopedistas e a revolução. O estro um pouco galhofeiro do digno enfermo coxo combina-se curiosamente com

[122] COSPEC, 21 de Dezembrode 1972. Trata-se antes dum Seminário fundado em Burgos.

[123] Ch. Maurras, «Mes idées politiques», Fayard, 1937, prefácio.

[124] Padre Thomas Mehrle, Entrevista co o Padre Savioz, 16 de Novembro de 1993, Savioz, Anexo 2, 6

a subtil metafísica relacional do abstracto «pequeno dominicano raquítico».

Assim foi Écône nestes anos heróicos. Mas Écône não teria sido Écône se a Providência não trouxesse o Padre Barrielle!

### *O Tesouro do Padre Barrielle: Os exercícios de Santo Inácio*

A sólida espiritualidade de São Tomás de Aquino, fundamentada na distinção das faculdades da alma, nas quatro feridas do pecado original, no desenvolvimento das virtudes morais e dos dons do Espírito Santo, recebeu em breve o complemento dum instrumento combinando o realismo do pecado, o sentido do combate espiritual e o zelo apostólico que o Arcebispo queria inculcar aos seus discípulos. O fundador teve a sorte de encontrar esta ferramenta nos exercícios de Santo Inácio de Loyola que em Écône o Padre Ludovic-Marie Barrielle veio pregar, explicar e popularizar.

Natural de Chateau-Gombert, perto de Marselha, este entusiástico e vigoroso Provençal foi combatente na Primeira Guerra Mundial, depois pároco da Paróquia do Bon Pasteur de Marselha, antes de entrar em Chabeuil junto aos Padres cooperadores do Cristo-Rei. Intimo do fundador, o Padre Vallet, o Padre Barrielle dirigiu a casa de Chabeuil antes de se afastar por causa das tendências liberais post-conciliares. Pensando refundar a Congregação na esfera da Tradição, veio a Écône um dia de Outubro de 1971... E aí ficou, acabando por desistir do seu projecto e realizando-o segundo uma forma melhor na qualidade de «director espiritual» do Seminário, transmitindo aos membros da Fraternidade São Pio X a tocha dos exercícios de Santo Inácio.

Na sua leitura espiritual da tarde, o Padre Barrielle comunica o «leite dos noviços», excelente para fomentar a fome da santidade pela meditação litúrgica e o exemplo da vida dos santos. Faz perceber aos seminaristas a lógica irresistível do «princípio e fundamento» de Santo Inácio, que se repercute todo no decorrer do itinerário inaciano.

Monsenhor admira o perfeito tomismo de Inácio. É necessário que o Homem peça sem cessar a Deus, a Graça que ele quer obter pelo exercício da meditação: seja vencer-se a si próprio, seja conhecer o amor do seu Senhor, que constitui a finalidade última e o grande meio da santificação.

«Porque na medida em que O amamos, Nosso Senhor esclarece

a nossa alma, e ela sente instintivamente em si o que lhe faz obstáculo para se unir a Ele». [125]

De resto, o fundador tem o cuidado de repetir muitas vezes: «Não quero impor uma espiritualidade especial, senão a espiritualidade da Igreja» [126]

É por isso que o Itinerário da Suma Teológica de São Tomás tem a sua preferência. No entanto, Monsenhor recomenda os exercícios de «trinta dias», pregados em quase cada Verão, pelo Padre Barrielle e que uma vez ele mesmo seguiu, narrando depois o proveito que ele retirou disso.

O Padre Barrielle sabe que a contemplação inaciana dos mistérios de Jesus Cristo conduz a alma a operar «o mergulho na santidade», a segunda conversão.

«Eu tenho a experiência, diz o Padre, de que os exercitantes foram conduzidos, por vezes até nas vias místicas, apenas com um retiro de oito dias!» [127]

Sem o Padre Barrielle, Écône não teria sido Écône; não se teria sentido, como dizia Monsenhor Morilleau, em visita ao Seminário, a impressão de estar num noviciado». [128]

«Bela figura de sacerdote, penetrado do desejo intenso, contínuo, sem cessar, da salvação das almas; dominado pela salvação eterna, o Padre Barrielle vive da fé, no contacto com as realidades celestes: A Santa Trindade, o Sagrado Coração, São José, os santos anjos: ele vive destas devoções, inculca-as e difunde-as. » [129]

O Padre Barrielle anda sempre na brecha, pregando os exercícios nas casa de Montalenghe, no Piémont, até ao esgotamento total das suas forças. Devolverá à Deus a sua alma valente, em Écône, no 1 de Março de 1983, primeira Sexta-Feira do mês de São José, o Santo em que ele tinha uma confiança ilimitada.

A alegria perfeita do velho combatente foi de ver os seus filhos espirituais, cada vez mais numerosos, pregar os exercícios no mundo inteiro aos leigos, mas também aos sacerdotes, tal como querem os estatutos da Fraternidade, realizando assim «a sua verdadeira meta que é a santificação dos sacerdócio. » (Estatutos, VIII, 3)

---

[125] RETREC 76, Retiro sacerdotal, Setembro de 1986
[126] COSPEC, 36 A, 30 de Novembro de 1976
[127] Conf. espiritual Écône, 13 de Março 1972
[128] COSPEC 85 B, 23 de Junho de 1981
[129] COSPEC 99 A, 8 de Março de 1983

## 7. Enxameação e vocação

### *A América vem a Écône*

É com esperança que Monsenhor olhava para os Estados Unidos, como para uma fonte potencial de vocação. Face à devastação modernista, havia neste pais uma forte resistência da Tradição Católica. Encontram-se lá movimentos organizados tais como o *Catholic Traditionalist Movement*, do Padre Gommar de Pauw, o Orthodox Roman Catholic Movement, do Padre Francis Fenton, o *Committee For Tridentine Latin Mass*, do Padre Joseph Gedra, etc. Numerosos sacerdotes permaneceram fiéis à Missa de sempre, tal como o Padre Frederic Nelson, em Powers Lake, North Dakota. Outros católicos entraram num movimento não confessional e anticomunista, a *John Birch Society*. As orientações das diversas organizações iriam reflectir-se nos primeiros recrutamentos de Monsenhor Lefebvre.

A fundação do Seminário e da Fraternidade São Pio X na Suíça, foi rapidamente conhecida nos Estados Unidos.

O primeiro, um jovem Carmo da Califórnia, Gregory Post, escreveu Monsenhor Lefebvre no dia 29 de Dezembro de 1970. Aceite como seminarista, entrou na casa da Vignettaz, em Friburgo, no Outono 1971. Mas, antes disso, o Arcebispo fez, em Março de 1971, uma viagem de prospecção pelos Estados Unidos; por intermédio de Father Ramsey, professor no «Seminário Saint-Pie X» do seu amigo Monsenhor Ackerman, em Covington, Kentucky; encontra um, dois, três seminaristas novaiorquenses: Anthony Ward, Donald Sanborn e Clarence Kelly.

De Covington, o Prelado escreveu em 18 de Março ao seu amigo e benfeitor o Geral Jean Lecomte:

> «Se estou nos Estados Unidos, é para evitar vir à Suíça formar os seminaristas dos Estados Unidos. Espero poder enxamear aqui para tentar recolher boas vocações».

O projecto será temporariamente suspenso e os três candidatos entrarão em Écône nos 5 e 6 de Outubro de 1971, no ano de espiritualidade.

Para os seminaristas europeus, o carácter dos seu confrades americanos era uma descoberta: muito descontraídos durante as folgas ou durante o lavar da louça em comum, eram duma rigidez estupenda para todas as rubricas litúrgicas. No início, lamentaram, não sem razão, a ausência do Salmo 42 do início da Missa e do Último Evangelho na Missa, bem como o facto da Epístola e do Evangelho

serem lidos no púlpito, face ao povo, na Missa de Écône. Quando Monsenhor Lefebvre em 1974 volta à estrita observância das rubricas de 1960, isso não bastava a alguns dentre eles, bem decididos de que, ao sair do Seminário iriam seguir as rubricas anteriores ao Papa João XXIII. Os mesmos não entendiam que Monsenhor não julgasse a nova Missa inválida e a Sede Pontifical Vacante.

Monsenhor Lefebvre devia esperar sérios dissabores com estes clérigos jovens que muito simplesmente sofriam o mal americano: este contraste entre uma vida ordinariamente naturalista, ressaltando os meios materiais e técnicos, e uma piedade idealista e formalista. Os esforços do Seminário americano, que principiaria em 1974 em Armada, Michigan, e se deslocaria depois para Ridgefield, Connecticut, e depois para Winona, Minnesota, apontariam precisamente para a realização duma harmoniosa integração duma natureza deveras natural e duma graça verdadeiramente sobrenatural. Mas nem A. Ward, que deixará em breve a Fraternidade, nem Cl. Kelly nem D. Sanborn que se afastaram demasiado de Monsenhor Lefebvre para ficar com ele, apoiariam este desígnio. Será necessário a inteligência metódica e o pulso firme e perseverante dum jovem Inglês.

## *Nas Ilhas dos Santos*

A resistência às reformas conciliares foi organizada também na Inglaterra: um movimento cívico criado à volta de Hamish Fraser e da revista *Approaches*, e sustentado desde 1966 por Monsenhor Lefebvre, ou uma sucursal de *Una Voce* que é, em Inglaterra, a *Latin Mass Society*. Doutro lado começava a criar-se, pela iniciativa dos fiéis, desde antes do advento da nova Missa, o esboço duma rede de missas em Latim celebradas por sacerdotes decididos, quer nas igrejas, quer clandestinamente, tal como no tempo das Penal Days, nas casas particulares.

Mas quando, depois de 1969, a *Latin Mass Society* toma o partido de organizar as missas tradicionais apenas com a permissão dos Bispos, aproveitando o indulto concedido pelo Cardeal Heenan, missas parcimoniosamente concedidas, de propósito, alguns dirigem-se para Monsenhor Lefebvre. Assim fez Miss Mary Neilson, Presidente de *Una Voce Scotland*, que encontrou o Arcebispo numa reunião em Roma em 1969. Assim, o Prelado vem a Inglaterra, em 1971, encontrando em Edimburgo o jovem Edward Black, que será o segundo Superior da Fraternidade em Inglaterra.

Entretanto, o Padre Petter Morgan, homem sociável, jovial e simultaneamente extremo no seu tradicionalismo, foi ordenado sacer-

dote em Êcône no dia 28 de Junho de 1971 e imediatamente enviado por Monsenhor Lefebvre para Inglaterra. Estabeleceu logo uma casa da Fraternidade em Londres, na Diocese de Southwark.

Monsenhor escreveu ao Bispo, Monsenhor Cyril Cowderoy, apresentando-lhe esta fundação como um pequeno colégio preparatório ao Seminário; mas este último respondeu no dia 1 de Maio de 1971 que «apenas queria admitir uma casa de oração e de estudo para membros propriamente ditos da Fraternidade», o que o Prelado aceitou de boa vontade no dia 8 de Maio.

Pouco a pouco encontrando-se com vários sacerdotes corajosos, o Padre Morgan organiza um apostolado itinerante que, como é obvio, não recebeu o aval dos Bispos diocesanos.

No Outono de 1972, apresentam-se em Écône as primícias da Ilha dos Santos: Primeiro, o mariano e pragmático escocês Edward Black e, a seguir, dois meses mais tarde, um Inglês fleumático e apaixonado, amador de Shakespeare bem como de Beethoven, Richard Williamson.

### *Um afluxo de vocações*

Neste ano 1972-1973, a Fraternidade apenas tem apostolado na Inglaterra e na Califórnia, se pusermos de parte a humilde capelania administrada pelo Padre Aulagnier em França, junto ao colégio feminino da Menina Luce Quenette, em Malvière, aldeia perdida à qual, num dia de inverno, o capelão apenas de esqui conseguirá chegar.

Todavia, atraídos pelo rumor cada vez mais insistente, enviados por sacerdotes com doutrina segura e fiéis à Missa da sua ordenação, como ainda havia centenas em França, as vocações começam a afluir em Écône: vinte e sete recrutas chegaram em Outubro 1971, a maior parte franceses, tais como Pierre-Armand d'Argenson, Didier Bonneterre, Louis Paul Dubroeucq, Maurice Monier, e também um suíço: Denis Roch, filho dum Pastor protestante de Genebra e os três amigos de New York.

Temendo não ter lugar para agasalhar «a ninhada» de 1972, Monsenhor pensa por um momento estabelecer o ano de espiritualidade no Val de Aost; o acordo do Bispo, Monsenhor Ovidio Lari foi-lhe concedido. [130] No entanto, foi em Écône que os trinta e sete neófitos de Outubro de 1972 se iniciaram na vida espiritual. Vieram de seis Países de Europa: Inglaterra, Bélgica, França (Denis Coiffet, Jean-Michel Faure, Philippe Le Pivain, etc), Itália, Suíça, Alemanha.

[130] Cadernos de Marcel Pedroni, 3 de Janeiro de 1972; carta de Monsenhor Lef. A Monsenhor Adam, 10 de Fevereiro 1972

Neste último Pais, foi na Universidade de Munique, pouco antes do Natal de 1965, durante um curso de filosofia transcendental do Professor Reinhard Lauth, que começa a resistência à revolução eclesial. Desde então, um grupo crescente de estudantes juntou-se a volta do professor, observando a crise da Igreja e sustendo a manutenção da Missa tradicional. Entre eles, o Suábio e matemático Franz Schmidberger e o Prussiano filósofo Klaus Wodsack.

Em 1972, os dois amigos entram em Écône. que foi ampliado com um edifício com salas comuns, que veio visitar o presidente do Conselho Federal, Roger Bonvin. Um segundo edifício com quartos completará o conjunto em 1973. Mas os recém-chegados germanófonos, com o Suíço do Cantão de Zoug, Joseph Bisig, abrem agora a Alemanha e a Suíça Alemã à palavra dum Arcebispo cada vez mais itinerante.

## *O Arcebispo em viagem de conferencias*

Longe de acantonar-se na sossegada reforma que lhe oferece Paulo VI, o Arcebispo desenrola uma actividade transbordante. Respondendo aos pedidos de leigos eminentes e activos, prossegue pela França inteira, e outros países de Europa, viagens de conferências que fazem conhecer a Fraternidade e o seu combate pela verdadeira Missa, verdadeiro sacrifício propiciatório, pelo sacerdócio verdadeiro, imolador da Vítima do Calvário, pela verdadeira vida religiosa e cristã de oferta em união com a cruz de Cristo:

> «Eis aí toda a mística da Igreja, que o Demónio ataca atacando a Missa que é o coração dela» [131]

Em Janeiro de 1973, por exemplo, o Prelado percorre a França. Em Fontgombault, exorta Dom Roy: «Guardemos a Missa, o nosso objectivo comum. Somos cada vez mais pressionados por causa da liturgia desde há umas semanas; não há motivos para abandonar!» Santo Deus!, Dom Roy sucumbirá no ano seguinte.

Depois, a seguir, em Rennes, Saint-Brieuc, Brest, Vannes, Nantes, La Roche-sur-Yon, os fiéis apinham-se às centenas em salas demasiado pequenas; em Montauban, quarenta sacerdotes quase todos de batina estão reunidos a volta do Pároco Jean Choulot, e parecendo inteiramente de acordo com a análise e as directivas do Prelado. Os fiéis estão inquietos por causa dos seus filhos. Tudo: Novo catecismo, nova missa, degradação da disciplina nas escolas, desviam a juventude da Tradição e da Fé.

---

[131] COSPEC, 27 de Janeiro de 1973

Em todos, o Arcebispo suscita de novo a esperança, ensinando o combate: «Reuni-vos», diz ele aos sacerdotes, «considerai como a nova missa esfuma, diminui a expressão da nossa fé nas realidades que constituem o âmago mesmo do sacrifício que nos tem legado Nosso senhor Jesus Cristo». [132] Isto é convidar muitos sacerdotes a regressar à Missa da sua ordenação.

Aos fiéis, ele aconselha:

> «Sabei afastar-vos da Televisão, sustende os sacerdotes fiéis, organizai grupos de catecismo. Eu peço a Deus que até ao fim dos vossos dias conservásseis a fé, para que a Igreja continue». [133]

Assim, em todo o lado se fundam, com a iniciativa dos leigos, «associações de São Pio V» que criam capelas improvisadas nos celeiros, garagens, salas municipais, administradas por sacerdotes benevolentes que seguem o exemplo dos sacerdotes refractários da região da Vendée católica nos tempos heróicos do Terror Revolucionário, ou o modelo dos sacerdotes alexandrinos resistentes ao Arianismo, sob o estimulo de indomável Bispo desterrado, Santo Atanásio.

Conduzido pelos fiéis e hábeis condutores, Monsenhor Lefebvre anda pela Europa toda; As vezes ele pensa em Écône:

> «Sempre ao longo daqueles dias», dirá ele em 1977, «os meus pensamentos eram dirigidos a vós, queridos seminaristas, porque não posso abandonar-vos. Vendo tantas pessoas à minha frente, estes milhares de pessoas, eu dizia-me: que trabalho, que apostolado em perspectiva!» [134]

## *Nos antípodas*

Mas se apenas houvesse a Europa! O Arcebispo franqueou os oceanos. No dia 14 de Março de 1971, ele está em Rogemont, no Canadá, junto aos Peregrinos de São Miguel, que chamamos familiarmente «les bérets blancs» (os «boinas brancos»), fala com eles «do martírio moral que sofrem os sacerdotes» quando se toca na sua Missa, «no que há de mais sagrado, no que o fez sacerdote». [135] Convida os seus ouvintes a defender-se contra a revolução dentro da

---

[132] «Le prêtreet le Saint Sacrifice de la Messe», Barcelona, 8 de Março de 1971; «Le prêtreetlacrise actuelle de l'Eglise », Barcelona, Abril 1972. UEP, 128 sq., 146 sq.

[133] «Pour que Eglise continue», Rennes, 15 deJaneiro de 1973, UEP, 171 sq. Brest, 17 de Janeiro 1973, in DRM, «Katholische Pilgerzeitung» , 7 de Abril de 1975, pp. 5-6.

[134] COSPEC 43 B, 26 de Maio de 1977

[135] «Vers Demain», Nov. Dez. De 1971

Igreja. Ele pode avaliar a maneira como as coisas se modificaram no País desde a sua visita de 1955: Todos os grande valores do Canadá se estilhaçaram sob o efeito da «revolução tranquila».

O Verão 1972 atira-o ainda no Novo Mundo; em Agosto, está nos Estados Unidos, a Powers Lake, onde o Padre Neilson o convida a celebrar uma Missa Pontifical para o milhar de peregrinos apinhados no lugar do Santuário de Notre-Dame des Prairies (Nossa Senhora das Pradarias). [136] Ordena sacerdote o Padre Post no dia 28 do mesmo mês.

O Verão austral de 1973, conduz o Arcebispo à Austrália, onde está convidado pela *Latin Mass Society* para o Congresso Eucarístico de Melbourne. Acreditado nesta reunião como o único Bispo francês, e convidado a concelebrar a uma cerimónia ecuménica, recusa o convite e fica em casa do Padre James Opie, de Armadale, e daí visita três dos Bispos que também recusaram participar no Congresso (durante o qual, em vez do Santíssimo Sacramento, foi a Bíblia que foi levada em procissão). Eles são Monsenhor Bernard Stewart, Bispo de Standhurst, Monsenhor William Brennan, de Toowoomba, e Monsenhor T. -X. Thomas de Geraldton. Conseguirá celebrar três missas pontificais solenes das quais uma na Sé de Standhurst, assistido tanto por Father Cummins CSSR, como por Father Carl Pulvermacher OFM Cap, que colaborarão em breve no apostolado da Fraternidade.

> «Conservai a fé sem compromisso, recomenda ele aos fiéis, lede o catecismo do Concílio de Trento e o de São Pio X, buscai a Missa Tridentina ou ao menos a consagração pronunciada em Latim, com confiança em Deus e sem amargura. No meu Seminário na Suíça, estou a preparar sacerdotes fiéis ao magistério e à liturgia tradicional. Uma fundação de Irmãs está prevista. » [137]

De facto, Monsenhor Lefebvre acaba de encontrar a jovem Janine Ward, a primeira postulante da fundação de religiosas, bem como o primeiro futuro seminarista australiano, Gerard Hogan (que implantará a Fraternidade na Austrália em 1982).

Assim, Écône acolherá, em Outubro de 1973, trinta e seis novos seminaristas, entre os quais dois canadianos francófonos e dez candidatos anglófonos (dois dos quais australianos), elevando a noventa e cinco o número dos seminaristas.

A reentrada de Outubro de 1974 eleva a cento e quatro o número dos seminaristas sem contar o pequeno grupo que principiou o Seminário dos Estados Unidos.

---

[136] «The Maryfaightful», Set. Out. De 1972, pp. 12-13

[137] «World Trends», Abril 1973; COSPEC, 10 de Março de 1973.

«No dia em que a Fraternidade vier a ser deveras internacional, franqueando os mares», dizia-se o Arcebispo, «então saberei que esta obra é verdadeiramente de Deus.»

Já não podia duvidar disso. Já as ordenações sacerdotais anuais elevavam a dez o número de sacerdotes membros. E eis que vários Bispos diocesanos já pediam sacerdotes ao fundador: Monsenhor Vito Roberti requeria-os para o seu Seminário de Caserta, e também Monsenhor Adolfo Tortolo, na Argentina para o seu Seminário e para uma grande paróquia; Monsenhor Sigaud, no Brasil, oferecia todo um sector capaz de empregar dez sacerdotes; Monsenhor Ndong, no Gabão, proponha um Seminário menor. [138] Mas nada de tudo isso podia realizar-se.

## *Para a Romanidade*

Em contrapartida, a Fraternidade ia poder estabelecer-se em Roma. Já em 12 de Julho 1972, recebendo monsenhor Lefebvre, o Cardeal Ottaviani o tinha encorajado a fundar em Roma mesma um centro de acção da sua actividade» [139] Mas como encontrar em Roma uma casa?

No dia 3 de Maio de 1973, o Prelado põe-se à caça, conduzido pelo seu amigo Remy Borgeat. Depois da passagem do Grand Saint-Bernard, o jovem condutor valaisano propõe este desafio: «Monsenhor, estais preocupado, quereis encontrar uma casa. Proponho-vos um *challenge*, uma aposta:

«Passamos a San Damiano, pois que não acrediteis nisso. Íeis pedir a Nossa Senhora das Rosas que vos encontre qualquer coisa. Se isto funcionar, ainda bem, senão tanto pior, mas se conseguis uma coisa, então... »

E aquilo funcionou: o Arcebispo rezou uma meia hora em San Damiano, de joelhos no cascalho perto da pereira das aparições da Virgem Maria e, ao chegar a Roma, visitou cinco casas. Ao cabo, antes o último dia, aceitou de visita ainda uma propriedade situada em Albano, perto de Castel Gandolfo, a residência estival do Papa.

Quando Remy Borgeat viu o portão gradeado, o quintal, a casa, interpelou o Prelado na sua maneira valaisana:

«Monsenhor falta a confiança. Assinai o cheque e São José lhe aporá a importância!»

Ora, no dia seguinte, toca o telefone no escritório de Monsenhor, *Villa Lituânia*. De maneira inexplicável, um rico benfeitor indica-lhe

[138] COSPEC, 17 de Set. 1973; LAB n° 3, 1 de Nov. 1972

[139] «Cavaterra», 136, citando o diário de Ottaviani.

um local de encontro, e, lá, propõe-lhe apenas a quantia necessária para a compra.

Assim, no caminho do regresso, perto de Piacenza, Monsenhor diz ao condutor:

«Saia aqui da auto-estrada, vamos agradecer a Nossa Senhor das Rosas. »[140]

E em breve com o *nihil obstat* de Monsenhor Mamie, a casa de Albano, destinada a receber os novos sacerdotes para um ou dois «anos romanos», foi erigida canonicamente por Monsenhor Raffaele Macário, Bispo diocesano, no dia 22 de Fevereiro de 1974. Foi uma grande satisfação para Monsenhor Lefebvre, poder assim transmitir aos seus filhos a sua veneração para com o sucessor de São Pedro, a sua afeição para a Santa Sé de Pedro e para tudo o que faz a «romanidade». O projecto realizou-se apenas dois anos depois do confronto com Paulo VI. Até então, Albano será o noviciado das Irmãs da Fraternidade.

## 8. As Auxiliadoras do sacerdócio

### *As Irmãs da Fraternidade São Pio X*

«Monsenhor, poderia eu entrar na casa das vossas Irmãs?»

O olhar cândido e a fé simples da jovem australiana surpreendeu o Arcebispo. Janine Ward deseja ser recebida numa Congregação que ainda não existia! «Existia já na minha cabeça», dirá ele, «e também no papel: Os estatutos da Fraternidade prevêem já, de facto, religiosas afiliadas quando Deus as suscitar» (II, 4) A ideia forma-se pouco a pouco na mente do fundador que, em Outubro de 1972, anuncia discretamente aos «Amigos e Benfeitores» a sua esperança de fundar em breve um noviciado da Fraternidade das Irmãs Auxiliadoras do Sacerdócio». [141]

Mas como fazer isso? Monsenhor Lefebvre não se sente capaz de fundar uma sociedade de religiosas. Sem perder tempo, encontra a sua Irmã, Madre Marie-Gabriel, religiosa do Espírito Santo, Irmã enfermeira da Missão de Stella Maris perto de Dakar, e providencialmente em repouso na Suíça, em Montana. A Irmã já passara por Écône em Setembro de 1971, pois durante o Verão de 1972, o Pároco Epiney, em viagem de conferências[142] no Canadá, no Brasil e no Senegal, demorou um pouco em Dakar.

[140] Remy Borgeat, Entrevista 12 de Julho 2001, MS. III, 32-33.

[141] LAB n° 3 1 de Novembro de 1972

[142] O Pároco fala de Écône; O seu companheiro, Albert Bochud, fala da SantaVirgem.

«O que se passa, perguntou Irmã Marie-Gabriel, o que faz o meu Irmão? Fala-se muito dele!»

Monsenhor, neste ano de 1973, pede-lhe nem mais nem menos para se libertar das suas obrigações para vir dirigir o noviciado das futuras Irmãs da Fraternidade! O seu Irmão dirá: «Fui obrigado insistir»; e Madre Marie-Gabriel confessará: «Foi para mim muito difícil dar este passo».

Mas ela entende cada vez melhor a importância da obra do seu irmão e sente-se cada vez mais isolada numa Congregação em que se abandona o hábito e os usos tradicionais. Ainda muita ligada, porém, à sua Congregação – em que foi assistente geral de 1959 até 1965, antes de ser, a seu pedido, enviada como simples religiosa para o Senegal –, sente-se liberada quando, ao ler uma carta da sua Superiora, entendeu que já não podia levar uma vida religiosa autêntica regressando à sua comunidade. Ela estará fora da clausura por seis anos, e depois definitivamente, sem nunca deixar a sua Congregação[143] nem o seu hábito branco de missionária.

Desde o Outono de 1973, ela acolhe as duas primeira postulantes que leva para Poncalec, onde as Dominicanas do Espírito Santo aceitam prepará-las para a entrada no noviciado, esperando que Madre Marie-Gabriel fique livre e que a casa de Albano esteja pronta para acolhê-las em Setembro de 1974. O Padre Claude Michel é o Superior da casa, enquanto que o Padre L. Molin e, depois, o Padre Joseph le Boulch, são os capelães.

Já o fundador redige um esboço de estatutos, que resume assim:

«As religiosas serão as auxiliadoras dos sacerdotes em todos os ministérios exigidos à Fraternidade Sacerdotal. Tal como a Mãe de Jesus participou, pela sua compaixão, na obra sacerdotal de Jesus morrendo na Cruz pela Redenção das almas, assim também as religiosas da Fraternidade São Pio X terão uma devoção particular pelo sacrifício da Missa e pela Vítima eucarística, e associar-se-ão a Maria Co-Redentora. É por isso que, além dos exercícios espirituais ordinários, terão de estar uma hora ou meia hora no decorrer do dia juntas a Jesus-Hóstia. [144]

A ideia fundamental do fundador emana duma síntese entre o espírito das Irmãs da Caridade e o das Franciscanas Missionárias de Maria que o Arcebispo muito apreciou em África. As primeiras

---

[143] MS. II, 37. Enfermeira no Antilles de 1940 a 1947, foi superior principal nos Camarões de 1947 a 1953; depois desempenho omesmo papel a Banghi de 1953 a 1959.

[144] LAB n° 6, 27 de Fevereiro de 1974

são activas, dedicadas aos sacerdotes, e têm o contacto fácil com as gentes. As segundas resultam duma separação sucedida nas Irmãs de Marie Réparatrice (Maria Reparadora) para se adaptar a vida missionária da Índia, e formam uma Congregação jovem de doze mil religiosas que se destacam pela devoção que têm, elas também, para com o sacerdote, e a firmeza espiritual e sobrenatural que lhe fornece esta hora de oração quotidiana. [145]

As Irmãs da Fraternidade combinarão portanto a contemplação e a acção. «A sua vida interior fá-las-á praticar simultaneamente a vigilância continua e a simplicidade» [146]

A primeira finalidade delas é espiritual: «Oferecer-se com a divina Vítima, à semelhança e na sequência de Nossa Senhora da Compaixão» (Estatutos das Irmãs, III, A). «É o fim espiritual que é mais importante, insiste Monsenhor Lefebvre, é o que conta; o resto apenas é meio».[147] O fim secundário, apostólico, é «facilitar e completar o apostolado sacerdotal»: facilitá-lo cumprindo «as tarefas mais humildes», ao lado das casas de formação sacerdotal ou das comunidades de apostolado: roupas, cozinha, lide da casa, jardinagem; e completá-lo por obras tais como pequenas escolas primárias, dispensários, visita aos doentes e necessitados (III, B). O catecismo por correspondência associar-se-á harmoniosamente ao fim apostólico do Instituto.

Canonicamente, as Irmãs da Fraternidade constituem uma sociedade religiosa com votos simples de pobreza, castidade e obediência» (II, 7), independente da Fraternidade Sacerdotal, pois que tem a sua própria Superiora Geral, as suas superioras locais e as suas próprias casas. No entanto, a sociedade das Irmãs faz apelo de preferência aos sacerdotes da Fraternidade para a formação doutrinal e espiritual das religiosas, e exerce as suas actividades, em primeiro lugar, junto às obras da Fraternidade Sacerdotal (II, 10).

Em 1977, Albano, que impregnou as primeiras gerações de Irmãs com o amor pela Santa Sé de Pedro, é reservado aos sacerdotes do ano romano e, depois, em 1978, aos seminaristas de Filosofia. O Noviciado das Irmãs estabelece-se em Saint-Michel-en-Brenne e vai em seguida enxamear nos Estados Unidos, na Argentina e na Alemanha. As primeiras tomadas de hábito tiveram lugar no dia 22 de Setembro de 1974, em Écône, e a primeira profissão em Albano, em 29 de Setembro de 1976. Depois de seis meses de postulantado, as

---

[145] COSPEC, 19 de Set. De 1973,; Carta do 6 de Março de 1980 à uma Irmã.

[146] Carta de 21 de Agosto de 1985 à uma Irmã

[147] Conf. Espiritual às Irmãs, 20 de Novembro de1974.

candidatas têm dois anos de noviciado; isso não é demasiado, estima Madre Marie-Gabriel. A primeira fundação será a da comunidade de Onex, perto de Genebra, estabelecida em Junho de 1977, ao lado do Priorado de São Francisco de Sales. Outras comunidades serão fundadas ao lado das casas de Exercícios espirituais (Le Pointet, em 1979), de Seminário (La reja, na Argentina) e de Lares para idosos (Le Bremien). Muitas vezes, as Irmãs tomam conta das escolas do Priorado.

Modelo de regularidade, de oração, de generosidade, de sentido prático, de espírito de fé, Madre Marie-Gabriel retira-se do superiorato geral à idade de 77 anos, quando as suas forças diminuem, e fica até à hora da sua morte, sucedida no dia 26 de Janeiro de 1987, um exemplo de alegria e de simplicidade para com as suas filhas.

Realizando o desígnio dos seus dois fundadores, as Irmãs são apreciadas pelos sacerdotes pela sua regularidade e pela sua ajuda eficaz, e tão discreta. A sua adoração ao pé do tabernáculo é um tesouro escondido.

> «Eu tenho na mais elevada conta, escreveu-lhes Monsenhor Lefebvre, a vossa hora de adoração, pela santificação da Fraternidade» [148]

## *Os Irmãos da Fraternidade*

O primeiro Irmão, Irmão François, vinha dos Cavaleiros de Notre-Dame. Assegurou durante três anos a direcção do coro gregoriano de Écône. Em 1972, chegou o Irmão Gabriel, um filho espiritual do Padre Berto, que tinha um postulantado espiritano, e a sua aprendizagem de cozinheiro destinou-o naturalmente à cozinha do Seminário. Os cinco primeiro postulantes entraram no Outono de 1974. As vocações de Irmãos, nota Monsenhor Lefebvre:

> «São raras hoje em dia, porque pressupõem um espírito de fé, que está a desaparecer num mundo em que apenas se fala de promoção humana. »

Os noviços são formados no Seminário, mas haverá por vezes noviciados separados. Em todo o caso, a posse dum oficio constitui, com a vida em comunidade, um factor natural não negligenciável de perfeita realização natural e sobrenatural a qual produz estabilidade e santificação.

Se o objectivo geral dos Irmãos é a glória de Deus e a sua própria santificação, a sua finalidade especial é de exonerar os sacerdotes

---

[148] Carta de Richenbach, 4 de Janeiro de 1980

das tarefas materiais: contabilidade, secretariado, cozinha, lide de casa, jardinagem. Alguns irmãos assumem encargo de sacristão, catequistas, mestres de coro, mestres-escola: outras tantas tarefas espirituais, francamente apostólicas até. Alguns Irmãos desenvolvem-se felizmente nestas funções de Irmão professor e Irmão educador. Na missão, prevê o fundador, os Irmãos poderiam ser construtores ou dirigir uma escola profissional (Estatutos próprios, n° 6)

A sua oblação religiosa está feita «num espírito de consagração ao sacerdócio de Jesus Cristo que se continua nos seus ministros e sobre o Altar.» «É por isso que terão um desejo profundo de servir o sacerdote respeitosa e fielmente, considerando nele o carácter sacerdotal mais do que a pessoa». (N°9)

## *As Oblatas da Fraternidade*

A Instituição das oblatas é contemporânea com a das Irmãs da Fraternidade. No Outono de 1972, as duas Irmãs dominicanas do Espírito Santo que se dedicaram durante dois anos a Écône, regressam a Poncalec; porque três outras Irmãs, «agregadas à Fraternidade» se apresentaram ao Seminário.[149] No decorrer do ano de 1973, elas recebem o nome de Oblatas da Fraternidade São Pio X. A primeira a pronunciar o seu compromisso de oblata é Matilde Pommeruel, tia do Padre Pierre-Marie Laurençon, seminarista e depois sacerdote da Fraternidade; deixando a sua Congregação, tornou-se oblata no dia 17 de Maio de 1974 em Suresnes, com o nome de Irmã Marie Bernard.

O fundador redige os estatutos das oblatas que leva em linha de conta a origem muito diversa das oblatas: à partida, elas são religiosas obrigadas a deixar, em consciência, as suas famílias religiosas tornadas infiéis às suas próprias constituições». Uma delas ouviu a sua Madre Prioresa falar-lhe assim:

> «Impedis esta comunidade de evoluir segundo as directivas do Concílio. A vossa conduta é uma atitude de desobediência, portanto a vossa partida é uma graça para este mosteiro». [150]

Monsenhor Lefebvre encoraja-as: «Os vossos votos sempre valem diante de Deus; no entanto, deveis revestir o hábito e pronunciar o compromisso das oblatas. Mas bem rapidamente se apresentam pessoas vivendo no mundo, que desejam deixar a vida secular, mas cuja idade com o estado de saúde correspondente, já não permite entrar numa sociedade de Irmãs. Tornaram-se oblatas ao mesmo título que

---

[149] LAB n° 3

[150] Irmã marguerite Le Boulc'h, notas, 4 de Dezembro 1996, p. 1

as outras, revestindo o hábito, que é, salvo pequenos pormenores, o das Irmãs, com a cruz em vez da medalha de São Pio X que levam as Irmãs acima do seu escapulário.

As oblatas não formam uma Congregação distinta da Fraternidade Sacerdotal; diferentemente das Irmãs, elas não professam votos públicos; no entanto muito em breve terão um postulado e um noviciado que preparam à oblação. A sua finalidade é a de se santificarem no contacto da Fraternidade e da Santa Missa; têm por modelo a Virgem Maria, Mãe do divino Sacerdote eterno. Tal como Ela, as oblatas oferecem a sua vida quotidiana para ajudar a redenção das almas e estão felizes por participar no sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, tal como Nossa Senhora da Compaixão, de pé, junto à cruz (Estatutos das oblatas, n°2).

Moram nos próprios Priorados da Fraternidade Sacerdotal, conservando uma certa clausura, separando-as dos sacerdotes. Se possível, vivem em grupo exercendo as virtudes tão preciosas para a vida comum. Cumprem as suas tarefas num espírito de silêncio e de oração (Estatutos, n°5).

Monsenhor aproveita, tal como os seus sacerdotes, dos trabalhos inestimáveis das oblatas; é assim que o seu secretariado bem como o da Casa Generalícia, são confiados às oblatas. Ele estima muito a discrição das suas secretárias. Sabe manifestar publicamente a sua gratidão nas grandes ocasiões, por todos estes serviços, eficazes mas discretos e escondidos, prestados pelas oblatas.

No entanto, manifesta uma afeição especial às Irmãs da Fraternidade, pela formação das quais ele vela particularmente. Agrada-lhe, nas suas viagens de confirmações em França, passar alguns dias na paz da abadia de Saint-Michel junto da sua irmã e das suas «filhas». Faz-lhes as suas confidências, das quais sairá a sua autobiografia, *La petite histoire de ma longue histoire* («A pequena história da minha longa história»). Prega de boa vontade o retiro preparatório à profissão religiosa do Domingo de Quasímodo (da Pascoela). É a saudação de Cristo ressuscitado do Evangelho deste Domingo, «Pax vobis», «Paz seja convosco», que torna a ser o título do boletim interno de informação da sociedade das Irmãs; as suas leitoras – ou leitores de acaso – encontram aí grande quantidade de informações sobre a vida dos priorados, que em vão procuraríamos nas crónicas redigidas pelos sacerdotes. O Historiador também se aproveita das Irmãs.

## *Ordem Terceira de São Pio X*

No dia 28 de Maio de 1971, em Écône, nas Vésperas de Pentecostes, apresentam-se a Monsenhor Lefebvre uns fiéis leigos:

> Não tendes, Monsenhor, uma espécie de Ordem Terceira? Os leigos não poderiam ter uma certa ligação com a vossa Obra?
>
> Isso é verdade, está escrito nos Estatutos que «a Fraternidade acolhe também os agregados, sacerdotes ou leigos, que desejam colaborar na finalidade do Instituto e aproveitar assim das suas graças para a santificação pessoal» (IV, 4).
>
> Então, Monsenhor, tendes de nos considerar como os vossos primeiros terciários!
>
> Bem! Reflecti. Ainda não tenho realizado nada nesta área a não ser esta alusão nos estatutos. Deixai-me respirar um pouco! [151]

Monsenhor vai respirar durante dez anos. Desde 1973, porém, o fundador, até então ajudado na gestão pelos ecónomos espiritanos, Frade Christian Winckler, em Friburgo, e o Padre Marcel Müller, em Paris, pensa em exonerar os seus dedicados benévolos, segundo o desejo expresso pelos seus próprios superiores. Doravante, diz ele, «uma ordem terceira de leigos seria útil para este género de tarefas».[152] Mas a finalidade espiritual fica prioritária: Viver da nossa espiritualidade do Santo Sacrifício da Missa e da imolação»; «penetrar cada vez mais neste grande mistério da nossa fé, tesouro do Coração de Jesus, fonte de todo o amor verdadeiro e inalterável». [153]

No entanto, a ordem terceira[154] apenas nasce no dia 29 de Janeiro de 1981, data em que o Conselho Geral da Fraternidade promulga as regras redigidas pelo fundador no fim de 1980. A uma vida de sacrifício e de co-redenção, o terciário deve juntar a adesão à Tradição expressa pelo Magistério infalível e o catecismo do Concílio de Trento, a Vulgata, os ensinamentos do Doutor Angélico e a Liturgia de sempre.

São muito exigentes os deveres dos terciários? Não tanto! Bem equilibrados, não excedem o que for possível exigir de fervorosos

---

[151] COSPEC 1 B, 30 de Maio 1971

[152] COSPEC, 10 de Janeiro 1973

[153] RETREC, 19 de Setembro 1973; LAB n° 4, 19 de Março de 1973

[154] Este termo deve se tomar no sentido amplo. Canonicamente, o apelido «Orem terceira» estava reservado aos membros de terceira classe das grandes Ordens religiosas

fiéis: Nada de muito difícil, inclusive a exigência de abster-se de olhar para a televisão. Mas o enquadramento comum serve para vencer o individualismo, favorece a emulação, levanta o nível da caridade e da oblação o mais alto possível. A ordem terceira forma assim ao lado dos priorados da Fraternidade uma elite espiritual empolgante e dedicada.

# Capítulo XVII
# «Adiro à Roma eterna»

## 1. Fidelidade à Missa de sempre

### *As duas missas – rejeição do Novus Ordo (Novo rito da Missa)*

Monsenhor Lefebvre não fundou a sua obra contra a nova missa, mas para o sacerdócio: É o sacerdócio que exigiu dele a rejeição do novo rito da Missa.

Neste 9 de Junho de 1971, o Prelado está de regresso de Paris, onde deu uma conferência organizada pelos seus amigos do ROC (Associação do Ocidente Cristão) cujos responsáveis são o general Lecomte[1] e o Almirante de Penfentenyo. Em Écône, reúne os professores e seminaristas, e começa por distribuir (o que faz muito raramente) uma folha dactilografada que resume a sua conferência, um texto escrito desde 25 de Novembro de 1970, difundido em Alemão por *Una Voce Korrespondenz* de Agosto de 1971, e depois em Francês pelo BIDIC de Géralda Wailliez, na Belgica; o texto foi tornado público pelo jornal italiano *Il Tempo*, de 14 de Fevereiro de 1972: «Um Arcebispo contra a nova Missa.

Até então, ele conservava sempre a «antiga Missa» porque ainda era permitida, mas desta vez, ele rejeitava a nova Missa.

«Momento capital, histórico para a Igreja, diz o Padre Aulagnier, Monsenhor fazia uma escolha, comunicava-nos uma certeza: Esta escolha era a boa, era irrevogável, era doutrinal», fundamentada não numa preferência pessoal, mas nos dogmas da Missa definidos no Concílio de Trento:

---

[1] Antigo comandante da escola de guerra e da escola do Estado Maior de Paris, um dos cérebros do exército francês. A sua nomeação «acaba por dar um desenvolvimento considerável aos estudos concretos sobre os métodos revolucionários e os problemas quotidianos do comando» durante a guerra de Argélia. Cf. Hugue Kéraly, Hervé de Blignières, Albin Michel, Paris, 1990, p. 228

«Três verdades de fé católica definida – *De fide divina catholica*, insistia ele - são essenciais para a realidade do sacrifício da Missa: O sacerdote, distinto dos fiéis pelo seu carácter sacerdotal que o constitui ministro da Eucaristia na Consagração; a natureza sacrificial da Missa e o seu papel propiciatório – A comunhão sendo apenas uma consequência na manducação da vítima; e finalmente, a presença real e substancial desta vítima, a mesma que no calvário, pela transubstanciação».

Ora, a reforma litúrgica «directamente ou indirectamente, fere estas três verdades essenciais», diluindo-as numa acção comunitária. A Cruz esfuma-se no céu da Missa, e com ela o espírito de sacrifício; as vocações definham. Uma conclusão prática e definitiva impunha-se:

«Se por acaso tomarmos o novo rito da Missa, já não iremos ter vocações: A árvore seca como se tivéssemos atacado a raiz à machadada »[2]

Esta recusa doutrinal e pastoral da Nova Missa, o Arcebispo apoiava-a perfeitamente com o direito canónico:

«A concepção desta reforma, na maneira com que foi publicada com várias edições sucessivas indevidamente modificadas, o modo com que foi tornada obrigatória, às vezes tiranicamente, como foi o caso para a Itália, a modificação da definição da Missa no artigo 7°, sem nenhuma incidência para o próprio rito,[3] tantos factos nunca ocorridos na Tradição da Igreja Romana em que sempre se actua *cum consilio et sapiencia* («com conselho e sabedoria»), permitem-nos pôr em dúvida a validade desta legislação e, assim, conformarmo-nos ao cânone 23°: «Na dúvida, não se admite a revogação duma lei, mas a lei mais recente deve reduzir-se à precedente e deve-se, tanto como for possível, conciliá-las». [4]

Em estreita comunicação com os pensadores que se exprimiam nas revistas amigas, *Itinéraires* e *Courrier de Rome*, onde encontra al-

---

[2] Fideliter n° 59, 118-119; Conf. Espir. Friburgo, 10 de Junho de 1971.

As correcções feitas à Institutio generalis, declara o professor Emil Lengeling, antigo consultor do Consílium, «foram introduzidas para satisfazer o desejo de alguns, mas não mudam nada na substância da primeira versão». COSPEC 69 B, 15 de Fevereiro de 1979, p. 426.

[4] Cf. O argumento do padre Dulac, mais acima – Quatro dias depois, no 14 de Julho de 1971, uma notificação da SCCD decretava «A partir do dia em que as traduções hão-de ser adoptadas nas celebrações em língua vernacular, aqueles que continuam a usar o latim hão-de utilizar unicamente os textos renovados da missa e da liturgia das horas» (DC 1014, 732). O arbitrário romano entregava-se ao arbitrário das conferências episcopais.

guns estudos «extraordinários e convincentes, para colocar nas mãos dos Bispos e de todos os sacerdotes», [5] Monsenhor sublinha a diferença entre a obra de Paulo VI e a de São Pio V. São diametralmente opostas: O santo Papa conserva o Missal tal como foi codificado por São Gregório Magno, Papa de 590 a 604, que certamente não criou a Missa ele mesmo, mas recebeu-a da Tradição; São Pio V confirma portanto uma tradição venerável pelo menos de dez séculos. Paulo VI, pelo contrário, cria artificialmente um rito novo. [6]

Por outro lado, o acto de São Pio V tem valor de canonização: Constatando a antiguidade, o uso contínuo, o poder, a garantia doutrinal, a santidade e os frutos deste rito, o Santo Papa canonizou-a tal como quando se declara duma pessoa que as suas virtudes são heróicas. O seu acto foi portanto definitivo e infalível: sempre esta Missa será útil e edificará a Igreja, e nunca alguém poderá impedi-la. Porque proibir e destruir o que um Papa canonizou, isso é impossível, não é? Um sucessor de São Pio V poderá bem criar um novo rito que poderá encorajar na prática, mas não poderá excluir o rito tradicional. [7] Dito doutra maneira, o acto de São Pio V não constitui uma medida meramente disciplinar, sempre revogável, é um acto de natureza doutrinal que envolve os seus sucessores.

## *Ortodoxia e validade da nova missa*

Monsenhor Lefebvre não hesita em tratar publicamente a questão da ortodoxia e da validade da Missa de Paulo VI. É da opinião que «não se pode afirmar duma maneira geral que a Missa nova seja inválida e herética»; no entanto, «a nova missa conduz lentamente à heresia». Ele diz que não partilha o ponto de vista radical do Padre Guérard des Lauriers e do Padre Coache», mas admite que «o número das missas inválidas aumenta», pelo facto de os jovens padres, formados segundo a concepção da nova missa considerada como um memorial, terem uma intenção cada vez mais determinada por um conceito que é totalmente diferente do que foi definido pelo Concílio de Trento; e isso sem que eles estejam conscientes da oposição, porque se encontram «debaixo da influência duma concepção relativista e evolucionista» do dogma. [8]

---

[5] Carta ao General Lecomte, 15 de Novembro 1973 acerca do artigo «As duas missas» publicados no Courrier de Rome n° 123

[6] Conf. De Paris, 26 de Maio 1971, esquema na carta ao General Lecomte, 19 de Maio de 1971; COSPEC 8 B, 19 de Janeiro de 1982.

[7] Conf. De paris, 1971; COSPEC, 7 de Março de 1974

[8] Carta a Gerald Wailliez, 14 de Janeiro de 1972; carta ao General Lecomte, 21 de Maio de1971, primeira observação; Carta ao mesmo, 8 de Maio 1974,

Em 1975, o Arcebispo precisa ainda: A nova missa «é ambivalente, equívoca, porque um sacerdote a pode celebrar com uma fé católica integral no sacrifício, etc., e um outro pode celebrá-la com uma outra intenção, porque as palavras que pronuncia e os gestos que executa já não o contradizem»[9]

## *O problema da assistência à nova missa*

Aos sacerdotes que se interrogam, dilacerados entre a necessidade de conservar a expressão da fé pela Missa tradicional e o desejo do que eles pensam ser a obediência, Monsenhor Lefebvre aconselha nos primórdios da reforma, a conservar ao menos e em Latim o ofertório e o Cânon tradicionais. Os seus conselhos aos seminaristas bem como aos fiéis estão impregnados duma estupenda moderação, da parte daquele que foi o primeiro a erguer-se para rejeitar a nova missa.

«Fazei todos os esforços, exorta ele, para ter uma Missa de São Pio V, mas na impossibilidade de encontrá-la num raio de quarenta quilómetros, se se encontra um sacerdote piedoso que celebre a missa nova, tornando-a o mais tradicional que for possível, é bom que assistais a ela para satisfazer o preceito dominical. »

Pode-se atenuar o perigo contra a fé por um bom catecismo:

«Deveríamos esvaziar todas as igrejas do mundo? Não me sinto com coragem de proferir uma tal coisa. Não quero puxar para o ateísmo (colocando moralmente os fiéis numa situação de tornar a prática religiosa impossível)»[10]

Assim, o Arcebispo coloca-se numa posição de afastamento em comparação com os Padres Coache e Barbara que, nas ocasiões «das marchas sobre Roma» que tinham organizado[11] no Pentecostes dos anos 1971 e 1973, fizeram prestar aos peregrinos e às crianças «um juramento de fidelidade à Missa de São Pio V».

No entanto, ele precisa em 1973:

«É bem entendido que a nossa posição se tornará cada vez mais radical à medida que o tempo passa, a invalidade vai-se alastrando com a heresia. »[12]

Em todo o caso, ele está atento à evolução da posição dum Padre Calmel OP, que fez antes de tudo prova duma grande prudência pas-

---

nota sobre o trabalho de «Fidelis».

[9] Missa de Lutero, Conf. em Florença, 15 de Fevereiro de 1975

[10] COSPEC, 10 de Dezembro de 1972

A primeira «Marcha sobre Roma» teve lugar em 1970. Cf. Coache, les Batailles, 202.

[12] COSPEC, 26 de Julho 1973.

toral,[13] e depois se tornou mais categórico e veio sacudir o Seminário de Écône, em que pregou o retiro pascal de 1974:

> «Não arrasteis São Pio X nas missas da nova religião! A nossa posição não é possível, a não ser que tenhamos uma alma de mártires. (...) não é divertido, mas é o amor de Deus que nos pede isso: Uma testemunha tão dura, tão esgotante, com todos os falsos problemas de autoridade e de obediência. É o amor de Deus que fez os mártires, os testemunhos da fé. O nosso testemunho, o nosso combate é, para nós, o mantermos o rito fiel à Tradição. Ser confessor da fé hoje em dia, é a grande honra que Deus nos concede. Quaisquer que sejam os nossos sentimentos de desterrados, de abandonados, mantenhamos!» [14]

O Arcebispo (ao ver a situação que se vai degradando) revê a sua posição paulatinamente no sentido da firmeza: Esta missa com o rito ecuménico é gravemente equívoca, fere a fé católica, «é por isso que não obriga para cumprir o dever dominical» [15]

Em 1975, admitira ainda uma «assistência ocasional» à nova missa, quando temos o receio de ficar muito tempo sem comungar. Mas em 1977, ele é quase absoluto:

> «Conformando-se à evolução que se produz pouco a pouco na mente dos. sacerdotes, (...) devemos evitar, direi eu quase duma maneira radical, toda a assistência à nova missa. » [16]

## *Uma Liturgia envenenada*

Em breve, Monsenhor Lefebvre já não tolera que se participe na missa celebrada no rito novo, a não ser passivamente, na ocasião de exéquias, por exemplo. Não quer declarar a missa nova intrinsecamente má, no sentido em que uma coisa é chamada intrinsecamente perversa; mas considera que é má em si mesma e não só por causa das circunstâncias agravantes que envolvem o rito, como uma mesa que substitui o altar ou a comunhão na mão. [17]

Mas como é possível que um Papa tivesse podido promulgá-la? Porque, em princípio, esta missa, que é aparentemente uma lei universal da Igreja, devia ser isenta de todo o erro e de todo o perigo para a fé, por causa da infalibilidade do Magistério do Papa, segundo

---

[13] «A assistência na missa», Itinéraires n° 157, Novembro de 1971.

[14] Conf. Retiro Écône, 10 de Abril de 1974

[15] Carta ao Senhor Lenoir, 23 de Nov. 1975

[16] COSPEC 42 B, 31 de Março 1977

[17] Circunstâncias que considerava determinantes em 1974: COSPEC, 7 de Março e 1 de Abril 1974

a opinião comum de todos os teólogos. O Arcebispo responde à objecção em 1981:

«Tanto os critérios externos – as circunstâncias da sua instituição – como os critérios internos – a análise do rito – bem como os frutos da nova missa mostram que esta, sem ser herética, concorre à perda da fé e que não podia ser uma lei verdadeira, como diz Giuseppe Pace: «Ressalta aos olhos que a nova legislação não é para o bem comum, como é exigível duma lei: não promove o bem comum».

«Não, não é de maneira meramente acidental e extrínseca que a nova missa é má. Há nela qualquer coisa que é deveras má. Foi fabricada segundo o modelo da Missa de Cramner[18] e da de Taizé (1959). Tal como eu disse aos meus interlocutores em Roma: é uma missa envenenada![19]»

Quem presidiu a isso? Quem quis mudar a nossa espiritualidade? A nossa Liturgia foi envenenada. Alguns dizem: «Mas é um veneno lento!» Sim, mas mesmo assim é um veneno. »[20]

## *Crise da Igreja e do sacerdócio*

Pelas suas conferências proferidas em todos os locais, Monsenhor torna-se o arauto do combate da fé:

«Se eu aceito fazer conferências, diz ele em Tourcoing[21] na presença do *Maire*, é para defender, amparar e reanimar a nossa fé, num tempo em que ela é atacada de todas as partes (...) mesmo a partir do interior da Igreja. »

Ele cita as publicações dos laboratórios oficiais ou oficiosos do Episcopado francês. Nas fichas de catequese do Centro Jean-Bart está colocada de lado a noção tradicional da salvação: «Nós tínhamos perdido a graça, mas Jesus Cristo nos resgatou», a concepção nova da «Salvação-aliança»: «O porvir da humanidade é a aliança

---

[18] Arcebispo de Canterbury, redigiu a primeira edição do Common Book of Prayer em 1548 que substituiu a missa católica. Cf. Michael Davies, Cramner's Godly Order, Augustine Publishing Co., 1976

[19] Mons. Lef. Cita o Padre Joseph de Sainte-Marie OCD, professor em Roma: «Aqueles que fizeram este novo rito, construíram-no sobre uma teologia que está em oposição evidente com o dogma católico» (Nota na ocasião do questionário da SCDF a Monsenhor Lefebvre, em 1979). Mons. Lef. Refere-se também a um estudo MS. de Dom Guillou sobre as orações do missal novo «Não há mais inimigos, nada de combate espiritual!» cf. Fideliter n° 86.

[20] COSPEC 86 A e B, 24 e 25 de Junho 1981

[21] Crise na Igreja e crise do sacerdócio, conf. Do 30 de Junho de 1974. UEP, ed. 1975, 246-247

de Deus selada em Jesus Cristo no dia da Páscoa. »[22] O Mesmo Centro Jean-Bart de catequese litúrgica explica assim a Missa:

«No coração da Missa há uma narração (...) O memorial do Senhor não é a renovação deste evento, (...) quer dizer que reconhecemos a acção de Deus nos grande eventos da História da Salvação»[23]

Quanto à Escola teológica das tardes de Strassburg, ela rejeita «uma certa maneira de celebrar o Memorial do Senhor, que estava ligada a um universo religioso que já não é o nosso, com todo um revestimento «sacral» (sagrado) emprestado do Levítico e do culto sacrificial das religiões ambientes». De facto, «trata-se duma acção simbólica (...) Não se trata duma presença milagrosa. (...) Devemos partir do Cristo glorioso e ver na presença eucarística um dos lugares privilegiados da presença pascal de Jesus Cristo. Esta presença merece, no sentido forte do termo, o qualificativo de espiritual. »[24]

E o Cardeal Seper, Prefeito da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, a quem se transmite todos estes documentos edificantes, apenas consegue responder com estas palavras:

«O que me enviastes é aterrador. O que permanece do catolicismo? Não consigo entender como não reage a autoridade local. Roma não pode intervir em todo o lado e sobretudo, a tempo. »[25]

Confissão de impotência e de ignorância: Seper ignora portanto que esta teoria aberrante é precisamente a missa nova! Monsenhor Lefebvre, por seu lado, não pode duvidar da identidade entre a nova missa e estas teorias anormais.

«Eu não consigo ver, diz ele aos seus seminaristas, como se pode fazer um Seminário utilizando a nova missa. Eu não encontraria a força para isso, mesmo com a melhor vontade do mundo. A verdadeira Missa, é isso o coração do Seminário, do sacerdote, da Igreja, do Evangelho, de Nosso Senhor. São Pio V tinha reparado bem nisso: A Missa é também um dique da fé contra as heresias.»[26]

## *As Ordenações e confirmações numa armadilha*

Mas o mesmo veneno vem envenenar, desde o dia 18 de Junho de 1968, o ritual da ordenação sacerdotal: A fórmula da apresentação

---

[22] A fé, palavra por palavra, ficha de trabalho, Centre nacional de Ensino religioso e Centre Jean-Bart, Paris, sob a direcção de Jean Vernette, Croissance de l'Eglise, suplemento 1972-1973.

[23] Sessão de liturgia da região de Paris, P. Bernard Audras, 17 de Março de 1973.

[24] Sessão do 2 de Fevereiro 1972, Cónego Wackenheim

[25] Carta do 23 de Fevereiro de 1974.

[26] COSPEC; 23 de Novembro1972

do cálice que precisa a forma do sacramento, já não exprime o «poder de oferecer o sacrifício e de celebrar missas», mas é substituído pela injunção: «Recebe a oblação do povo santo para o oferecer a Deus». A intenção do ministro – o Bispo – pode ser pervertida por isso. Além disso, a supressão do rito significando a transmissão do poder de absolver os pecados reiterando as palavras do Senhor: «Recebei o Espírito Santo, os pecados serão perdoados àqueles a quem vós perdoardes... » aumenta a dúvida.

«Porquê ter suprimido estas palavras? Sem dúvida, o poder já está comunicado no rito essencial da imposição das mãos com o prefácio consagratório definido por Pio XII. [27] Mas este Papa exigia que não se mudasse nada no ritos acessórios da ordenação. Esta supressão das palavras de Nosso Senhor basta para condenar esta Igreja conciliar». [28]

Não é o sentido do rito essencial corrompido *ex adjunctis* (com as coisas acrescentadas ou retiradas)? Assim, Monsenhor Lefebvre continua a utilizar o Pontifical anterior ao Concílio, para ordenar os seus sacerdotes e, até, para reordenar sob condição alguns sacerdotes ordenados de maneira duvidosa no novo rito.

De mesma maneira, Monsenhor persiste em conferir aos seminaristas a tonsura clerical, as quatro ordens menores e o subdiaconato, apesar de Paulo VI as ter suprimido a 15 de Agosto de 1972, e substituído por dois «ministérios» laicos de leitor e de acólito.

Fundamenta-se na antiguidade destas ordens, atestadas no ano 251 pelo Papa São Cornélio (Ds 109) e na autoridade do Concílio de Trento, definindo, na Sessão XXIII (Can. 2), a existência, «ao lado do sacerdócio, outras ordens, maiores e menores, pelas quais progredimos, como por degraus, para o Sacerdócio». Esta progressão gradual, considera ele, confere ao Seminário uma vida hierárquica e litúrgica intensa que destrói o monótono nivelamento pós-conciliar.

O Arcebispo julga igualmente que a validade do sacramento da Confirmação está atingida pela nova «forma» do sacramento, emprestado no dia 25 de Agosto de 1971 a uma fórmula do crisma oriental que exprime menos claramente o carácter especial da confirmação, sobretudo nas traduções vernaculares às vezes fantasistas. A dúvida agravou-se quando, no dia 30 de Novembro de 1972, Paulo VI aceita como matéria de sacramento qualquer óleo vegetal e não

---

[27] Pio XII const. Ap. Sacramentum ordinis, 30 de Novembro de 1947.

[28] Mons. Lefebvre, retiro de ordenação 1989, 100, 3 A

apenas o azeite, contrariamente à Tradição católica unânime. «Os fiéis têm o direito de receber os sacramentos validamente», dirá o Prelado em 1975 aos Cardeais que o censuravam por ter confirmado nas dioceses sem a permissão dos Bispos diocesanos e até de ter reconfirmado sob condição. «Eu tenho uma dúvida prudente», diz ele. Eis o que não suporta Monsenhor Ferrand, Arcebispo de Tours, o seu amigo íntimo de Seminário: «Atreveis-vos a pôr em dúvida a validade das minhas confirmações!» E isso provocou a ruptura...

> «Estamos num tempo, diz Monsenhor Lefebvre, em que o direito divino natural e sobrenatural passa à frente do direito positivo eclesiástico, quando este se opuser ao primeiro em vez de lhe constituir o canal»[29]

## *O Golpe de mestre de Satanás*[30]

O Arcebispo considera portanto como seu dever o de fazer uma escolha entre a falsa obediência (irresponsável) e a verdadeira obediência: A falsa obediência a uma liturgia equívoca, a uma catequese ambígua,, promovida por «ordens e contra-ordens, circulares, constituições, mandamentos manipulados e orquestrados», emanados «de qual autoridade? Da Santa Sé? Do Concílio? Das comissões? Das conferências episcopais? Verdadeiramente, não se sabe».

Há Roma e Roma: «A Roma eterna» na sua fé, nos seus dogmas, e concepção do sacrifício da Missa, e «a Roma temporal», influenciada pelas ideias do mundo moderno. De resto, acontece ao Papa condenar nos seus discursos o que favorece, por outro lado, pelos seus actos. «É a Roma eterna que condena a Roma temporal. Nós preferimos escolher a Roma eterna». Isto é a verdadeira obediência.

De facto, «o golpe de mestre de Satanás lançou toda a Igreja, por obediência, na desobediência à Tradição». A Igreja vai destruir-se a si mesma pela via da obediência aos princípios da Revolução, introduzidos na Igreja pela autoridade da Igreja.

Desde 1968, não falou publicamente o próprio Paulo VI de «autodemolição da Igreja»? No dia 29 de Junho de 1972, confessou: «Por algumas fendas, o fumo de Satanás entrou no Templo de Deus. (...) Satanás (...) veio estragar e secar os frutos do Concílio. » Paulo VI não quer saber onde está a fenda; Monsenhor Lefebvre vê-a e denuncia-a: é a ruptura com a Tradição. Mas Já o Prelado sente que a sua clarividência vai valer-lhe uma condenação:

[29] La messe de Luther, 15 de Fevereiro de 1975, p. 11

[30] «Coup de Maître de Satan», 5 p., 13 de Outubro 1974, publicado em 1977

«Satanás, diz ele, conseguiu verdadeiramente um golpe de mestre: Fazer condenar aqueles que conservam a fé católica, por aqueles mesmos que deveriam defendê-la e difundi-la!»

## 2. A ofensiva contra Écône

### *Incardinações difíceis*

«Monsenhor Mamie, auxiliar de Monsenhor Charrière, era contra a nossa fundação», dirá Monsenhor Lefebvre. Desde antes da demissão de Monsenhor Charrière, quando o Arcebispo solicita do Bispo de Friburgo a incardinação na Diocese dos membros da Fraternidade, o Vigário-Geral, Monsenhor Pernoud, responde que Monsenhor Charrière ficou muito contente de erigir a Fraternidade como *pia unio* na sua Diocese, mas que não pode porém comprometer-se a incardinar os membros» [31]

De facto, a recusa veio do Auxiliar, Monsenhor Mamie: «Neste Momento», dirá ele mesmo, «fui eu que decidi e me opus a isso.» [32] Monsenhor protesta junto a Monsenhor Charrière: Sua Excelência Monsenhor Philippe, em Roma, confirmou-me no procedimento que seguimos. Os membros estão incardinados «provisoriamente na Diocese que erigiu a *Pia Unio*; recusar-nos a incardinação «é impedir a vida e o desenvolvimento desta associação». Ou então, que o Bispo de Friburgo outorgue a Monsenhor Lefebvre o direito de conceder, ele mesmo, aos seus membros cartas dimissórias, segundo o indulto mencionado pelo cânone 964º, § 4, de que beneficiaram os Padres CPCR. Dito doutra maneira, a *Pia Unio* «seria ferida de morte antes de ver a luz do dia». [33]

Esta súplica ficou sem resposta, pelo facto de Monsenhor Charrière se preparar para abandonar o seu cargo. O seu Sucessor, Monsenhor Mamie, recebe Monsenhor Lefebvre no dia 20 de Janeiro de 1971 e exprime-lhe a sua recusa de incardinar «estrangeiros na sua Diocese», recusa canonicamente irregular e moralmente injusta. Monsenhor Adam, solicitado por seu lado, mostra-se igualmente negativo. [34]

Desde então, apenas resta a Monsenhor Lefebvre encontrar Bispos complacentes fora da Suiça. Imediatamente pensa-ele no seu antigo Auxiliar de Dakar, Monsenhor Guibert, Bispo de Saint-Denis da

[31] Mons. Théophile Perroud, carta do 15 de Dezembro 1970 a Mons. Lef.
[32] Mons. Mamie, entrevista, 16 de Março 1994. Savioz, anuário 2. 7
[33] Mons. Lefebvre, carta a Mons. Charrière, 19 de Dezembro de 1970
[34] Diário de Friburgo.

Reunião; no dia 21 de Janeiro, Monsenhor Lefebvre expôs-lhe por escrito a recusa de Monsenhor Mamie, pedindo-lhe para incardinar na Diocese da Reunião os membros da Fraternidade, com a solicitação de ordenação. Depois, passando por Roma no início de Fevereiro, foi confirmado do bom fundamento deste procedimento:

«Monsenhor Palazzini», escreveu ele no 14 de Fevereiro a Monsenhor Guibert, «encorajou-me a encontrar um Bispo que aceitasse provisoriamente as incardinações. »

O Bispo da Reunião manifestou a 4 de Março a sua aceitação.

Que alívio para Monsenhor Lefebvre! Mas ele solicita também a outros Bispos amigos, que encontra em Março. Monsenhor Castan Lacoma, Bispo de Sigüenza, em Espanha, aceita de boa vontade; pelo contrário, Monsenhor Ackerman, Bispo de Coington, nos Estados-Unidos, esquivou-se[35]. Quanto a Monsenhor de la Chanonie, ele incardina ao menos o seu diocesano, o Padre Aulagnier, em Clermont-Ferrand. Quando Monsenhor Guibert, quase a solicitar a sua demissão, devolver o *dossier* dos incardinados na Reunião, Monsenhor Lefebvre encontrará o seu último recurso no seu amigo de Campos, Monsenhor Castro Mayer.

Assim, como prova o *dossier* das cartas dimissórias concedidas a Monsenhor Lefebvre pelos Bispos diocesanos,[36] o Prelado nunca procedeu a colação de ordens menores ou maiores sem provisão canónica, antes de 1976.

## *Tentativa para obter o direito pontifical*

Para resolver o problema da incardinação dos membros da sociedade, o fundador fez logo diligências junto aos dicastérios romanos para obter o direito pontifical que lhe permita incardinar os membros na sociedade. Concebeu a sua Fraternidade de tal maneira que ela possa depender não só da Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, mas também da Sagrada Congregação da Propaganda, não impondo ao apostolado nenhum limite territorial,[37] e

---

[35] Conf. Espir. Friburgo, 11 de Abril 1971

[36] Savioz, 60. A única excepção A ordenação sacerdotal do padre Sanborn no dia 29 de Junho 1975. Mais tarde, Mons. Rudolph Graber, de Ratisbonne consentirá em incardinar os beneditinos do Padre Augustin Joly, ordenados por Monsenhor Lefebvre. Rudolph Graber, antigo membro do «Coetus» quererá reformar o seu Seminário num sentido tradicional; não conseguindo, fundou o seu Seminário paralelamente ao seu próprio, mas com a nova missa.

[37] Cf. Menção das sociedades das missões estrangeiras (Estatutos I, 1), da Sagrada Congregação da propaganda (Comemorandum a Mons. Charrière),

igualmente da Sagrada Congregação do Clero, enquanto associação de sacerdotes destinados a ajudar o apostolado sacerdotal[38] e a boa repartição do clero. [39]

Recentemente, a Sagrada Congregação do Clero pediu licença para inspeccionar algumas sociedades sacerdotais sem voto, tal como o Prado:

«O projecto está em ensaios, diz Monsenhor Lefebvre, mas a Sagrada Congregação dos Religiosos parece defender-se». [40]

Em Fevereiro de 1971, sustentou a sua causa junto à Congregação do Clero cujo secretário, Monsenhor Palazzini, lhe estava dedicado e o aconselhava utilmente. Assim, no dia 11 de Fevereiro, Monsenhor Lefebvre escreveu de Roma ao Cardeal Prefeito, John Wright, apresentando-lhe a Fraternidade, pedindo-lhe uma carta de encorajamento bem como a «faculdade de chamar às ordenações». O Cardeal concede a carta de encorajamento, redigida provavelmente com o cálamo ou debaixo de olho de Palazzini, assinada Wright e Palazzini no dia 18 de Fevereiro; A carta louva os *sapientes normae*, «as sábias normas que orientam a Obra» que, lá estava escrito, «poderá muito concorrer a realizar o plano estabelecido neste dicastério para a repartição do clero no mundo».

Mas o Cardeal não concedeu nada quanto à incardinação. Monsenhor Lefebvre volta a insistir: No dia 11 de Maio, foi recebido pelo Cardeal Wright e lhe pede oralmente e por escrito, dois dias depois, «o privilégio de incardinar na Fraternidade».[41] Continuai tal como até agora a incardinar nas dioceses, responde o *Porporato* (o Cardeal) no dia 15 de Maio. Pouco importa, não seja por isso a dúvida! O Arcebispo ainda volta ao ataque em Novembro de 1971. O Cardeal acolhe-o e encoraja-o: «Monsenhor, a obra que estais a fazer é uma das mais importantes na Igreja actualmente.»[42] O Arcebispo insiste de novo, por carta de 11 de Fevereiro de 1972, alegando o rápido desenvolvimento da obra e o apoio do Bispo de Sion e de Aoste. [43]

---

da colocação de sacerdotes ao dispor da diocese da Reunião (Carta a Mons. Guibert, 14 de Fevereiro de 1971).

[38] Cf. Estatutos, I, 1; Carta ao Cardeal Wright, 13 de Maio de 1971

[39] Cf. Decreto de erecção, 1 de Novembro de 1970; carta do Card. Wright, 18 de Fevereiro de 1971

[40] COSPEC, 29 de Novembro 1971

[41] Carta do 13 de Maio de 1971 ao Card. Wright

COSPEC, 30 de Novembrode1971. O Card. Garrone igualmente recebe Mons. Lefebvre e lhe diz «Estou feliz de que vós tenhais vocações»

[43] «O bispo de Aosta na Itália acolher-nos-á de boa vontade». Trata-se dum projecto de transferir o ano de Espiritualidade no Vale de Aosta; chumbará,

Todas estas diligências não são muito regulares; segundo o direito, é Monsenhor Mamie, Bispo da Diocese que erigiu a *Pia Unio*, que devia tratar delas. Monsenhor Palazzini, sabendo o Bispo de Friburgo hostil, dirige-se ao menos ao Bispo de Sion, que acolheu o Seminário, pedindo-lhe, a 10 de Março, a sua opinião sobre a eventual concessão do direito pontifical. Por duas vezes, no dia 18 de Março e 15 de Abril, Nestor Adam apoia cordialmente o pedido de Monsenhor Lefebvre.

Para dizer a verdade, o Bispo de Sion não ficaria descontente ao ver a Fraternidade com o seu Seminário directamente ligada a Roma. Ele ficou aborrecido quando no dia 7 de Setembro anterior, dezoito sacerdotes e dois Irmãos dum grupo de responsáveis de almas da Suíça Romanda, reunido em sessão de formação permanente, escreveu de Montana, em Valais, ao Cardeal Garrone, Prefeito da Congregação dos Seminários e Universidades, para se queixar do Seminário de Écône, que «difunde o integrismo» nas paróquias dos arredores,[44] provocando «a divisão do clero e perturbações entre os fiéis».

No decorrer do sínodo episcopal de que ele era membro, Monsenhor Adam encontrou o Cardeal em Roma e toma corajosamente a defesa de Monsenhor Lefebvre contra «os ataques partidários.»[45] Mas ele mesmo pede a Monsenhor Lefebvre para encontrar ele mesmo o Cardeal Gabriel Garonne. Este, benevolente, acolhe o seu antigo condiscípulo de Santa Chiara no dia 22 de Novembro de 1971,[46] limitando-se a questionar sobre a aplicação que se faz em Écône da *ratio fundamentalis* da formação sacerdotal emanante do seu dicastério. Monsenhor Lefebvre pode responder-lhe:

«Eminência, somos talvez os únicos a seguir a vossa regra!»[47]

A seguir a esta entrevista, Garrone confirma a Nestor Adam o seu dever «de vigiar de perto, o andamento e as orientações doutrinais e pedagógicas» de Écône.[48] Nesta fase do procedimento, podemos dizer que apesar das reticências de Monsenhor Mamie e da oposição do clero progressista suíço, as diligências de Monsenhor Lefebvre junto à Congregação do Clero estão em condições de ser concluídas

tendo Mons. Ovidio Lari imposto condições litúrgicas inaceitáveis.

[44] Os Padres Gottlieb e Masson exercem um certo ministério em Saxon e em Saillon, e o Pároco de Riddes está contente do apoio que lhe dá Écône.

[45] Expressão de Mons. Lef. agradecendo Mon. Adam, 26 de Dezembro 1971

[46] Diário de Écône

[47] Cf. Rivarol, 5 de Abril de 1973

[48] Carta do Cardeal a Mons. Adam, 1 de Fevereiro e 3 de Março 1972; 7 de Fevereiro 1973

em Abril de 1972, e que a existência da casa de formação da sua *Pia Unio* já não causa nenhum problema em Roma.

É nesta altura que um jornalista agitador, Hugo-Maria Kellner, residente nos Estados Unidos, vai «torpedear o procedimento em curso» escrevendo ao cardeal Wright:

«Será mesmo verdade que a Sagrada Congregação do Clero apoia a obra de Monsenhor Lefebvre? Este não respeita porém as normas canónicas e dirige-se a vós porque não gosta das orientações dos outros dicastérios!» [49]

Wright, irritado, livrou-se a tempo deste negócio arriscado. [50]

Sem claudicar, Monsenhor Lefebvre dirige-se para a Sagrada Congregação da Propaganda, de que era ainda consultor. Argumenta que a Fraternidade pode exercer o seu apostolado «onde o sacerdócio está em maior perigo ou no abandono, tal como em África e na América do Sul». [51] A eventualidade dum apostolado da Fraternidade nestes países é muito real, como já vimos. No entanto, o Cardeal-Prefeito, Ângelo Rossi, declara a Congregação incompetente. [52]

Mas estando a fugidela do Cardeal Rossi a demorar, o Arcebispo dirigiu-se finalmente, a 6 de Novembro, ao Cardeal Antoniutti e à Sagrada Congregação dos Religiosos e dos Institutos Seculares, deveras competente. Santo Deus! A esta última súplica, Ildebrando Antoniutti nunca responderá... antes da sua morte ocorrida em 1 de Agosto de 1974, quando desenpenhava ainda funções

A Fraternidade São Pio X não terá, portanto, o direito pontifical. Monsenhor Lefebvre acomoda-se a isso. Monsenhor Mamie cala-se? Tanto pior! Monsenhor Adam, ao menos, visita de vez em quando o Seminário de Écône. Ao pároco Epiney, que o conduziu por duas vezes, não esconde a sua admiração:

«Ah! Isto é fantástico, é uma bela obra, isto dá prazer.» [53]

Santo Deus! Estas boas disposições vão em breve acabar por causa das pressões romanas, movidas pelo episcopado francês.

## *Écône «Um Seminário salvagem» ?*

Um Seminário no qual «se celebra ainda a Missa em Latim», em que se veste a batina, em que se segue uma regra muita rigorosa,

---

[49] Carta do Cardeal Wright, Abril1972; a Mons. Adam, 4 de Abril ; resposta de Mons. Adam, 15 de Abril

[50] Carta pessoal a Monsenhor Lefebvre, 15 de Junho de1972

[51] Carta de Mons. Lef ao Card. Rossi, 8 de Julho 1972

[52] Resposta do cardeal Rossi, 11 de Novembro de 1972

[53] Entrevista do pároco Epiney com o padre Savioz, Savioz, 104

em que se dá uma formação «ante-conciliar» e para onde afluem muitos candidatos franceses, não pode senão inquietar o Episcopado francês.

No decorrer do ano de 1971, um relatório equívoco dum antigo colaborador de Monsenhor Lefebvre em Friburgo[54] chega ao conhecimento deste Episcopado, que interpela o Cardeal Garrone: O que signífica este Seminário onde se acolhem todos os desertores dos outros Seminários? Garrone interroga logo Monsenhor Adam:

> «Será verdade que Écône acolhe os seminaristas, provenientes dos Seminários diocesanos? Isso seria contrário ao direito.»[55]

Nestor Adam responde no dia 10 de Fevereiro de 1972: Dentre os quarenta e um seminaristas apenas três vêm dos outros Seminários e estão canonicamente em ordem com as suas dioceses. E à questão anexa do Cardeal sobre o eco de Écône em Valais, o Bispo responde no seu estilo, nem a bem, nem a mal:

> «Os progressistas estão furiosamente contra, os integristas a favor, e o grande número é indiferente. Pessoalmente, considero que em virtude do pluralismo eles têm direito de viver»

Nestor disse a verdade, Écône vem a ser um sinal de contradição e ponto de reunião na Suíça inteira. No dia 18 de Março, setecentos católicos reunidos em peregrinação em Friburgo,[56] tomam a resolução de dirigir aos Bispos suíços um pedido:

> «A Confirmação da legitimidade plena (...) do Missal Romano restaurado por São Pio V, e um apoio sem restrição dos Bispos à Fraternidade Sacerdotal São Pio X». [57]

Apenas isso! Precisamos que Monsenhor Lefebvre era completamente estranho a esta diligência espontânea dos fiéis. O Episcopado francês, por seu lado, fremiu, e o Padre Marcus, Superior do Seminário Universitário dos Carmos, considerou-se autorizado, na altura duma reunião de sacerdotes da Diocese de Paris, a denunciar «o tropeço (...) dos empreendimentos selvagens de formação sacerdotal, (...) um Seminário ultra-conservador, no qual se inscrevem candidatos que não têm a licença dos seus Bispos». «Pretende-se dar à Igreja sacerdotes seguros. Mas a Igreja não os poderá reconhecer como seus.» O cutelo da exclusão cai, seca e duramente. O futuro Bispo, porém, ainda recentemente se correspondera pessoalmente

---

[54] Segundo uma informação recebida por Mons. Lefebvre. Cf. A sua Carta do 17 de Outubro de 1972 ao Cardeal Marty

[55] Carta do 1 de Fevereiro de 1972.

[56] 200 dentre eles passaram uma noite a rezar na basílica de Notre-Dame.

[57] Jornal de Friburgo do 19 de Março

com Monsenhor Lefebvre, àcerca dum seminarista dos Carmos desejoso de entrar em Friburgo.

Para se bem informar, o Episcopado francês envia a Sion e a Écône um visitador oficioso, Monsenhor Jacques Delarue, Bispo de Nanterre. No dia 24 de Março de 1972, este último pode conversar com alguns dos professores e seminaristas.[58] Encontra um acolhimento reservado, mas manifesta a Monsenhor Adam depois da sua visita:

> «O ambiente ficou muito simpático. (...) Eu disse-lhes que não vinha nem para condenar nem para abençoar, mas antes para conhecer.» [59]

Monsenhor Lefebvre ficou indignado por causa desta intervenção dos Bispos franceses numa obra e num Seminário que não depende deles e cujos candidatos nada têm a solicitar-lhe, ao menos aqueles que entram em Écône para ser membros da Fraternidade. Mas ele sabe bem que quarenta e, em breve, setenta aspirantes, que vêm na maioria da França, pesam muito na balança, comparativamente com as entradas nos Seminários franceses que baixaram para duzentas e trinta e sete, em 1971. Monsenhor Ménager, em particular, está descontente com uma hemorragia do seu Seminário Menor em favor de Écône, onde o Padre Masson atrai os seus antigos dirigidos espirituais de Meaux. O Bispo confia as suas «reflexões» ao Cardeal Marty, Arcebispo de Paris.

Ora, Monsenhor François Fretellière, Bispo Auxiliar de Bordéus, deve preparar um relatório sobre os Seminários para a próxima Sessão plenária do Episcopado. O Cardeal solicita-lhe que questione Monsenhor Lefebvre àcerca do seu Seminário.

O Arcebispo responde-lhe propondo francamente:

> «Enquanto Antigo Bispo de Tulle, posso assistir à Sessão de Lourdes para dialogar e rectificar as más informações.» [60]

Um vento de pânico sopra em Paris. O Cardeal Marty escreve ao Prelado de Écône:

> «A vossa vinda a Lourdes não nos perece nem oportuna nem possível.» [61]

Então o Prelado chama-o decididamente, por telefonema, e o Cardeal François Marty promete-lhe que não se falará de Écône, em Lourdes.

---

[58] Mons. Lefebvre está precisamente ausente de Écône neste dia, véspera duma ordenação ao Diaconato que celebrará no dia seguinte

[59] Carta a mons. Adam, 30 de Março 1972

[60] Cf. Carta de Mons. Lef. De 16 de Outubro a todos os bispos da França, e a do 17[de] Outubro ao cardeal Marty; Fideliter n° 59, p. 66

[61] carta do 21 de Setembro 1972

Ora, as resoluções tomadas em Lourdes no dia 30 de Outubro revelam que se falou de Écône. Lê-se de facto:

«A formação para o ministério sacerdotal releva da responsabilidade episcopal no quadro da colegialidade (...) É por isso que nos comprometemos a não chamar senão os candidatos que se preparam para o sacerdócio nos centros de formação presbiteral escolhidos em acordo connosco.» [62]

O Cardeal Marty comenta:

«É nosso dever salvaguardar o ministério presbiteral tal como quer a Igreja, (...) e o sacerdócio tal como o descreveu o Concílio.» [63]

A confissão é clara: O Concílio promove uma renovação do sacerdócio, que o empreendimento de Écône coloca em perigo.

Monsenhor Lefebvre replica no *Le Fígaro* de 11 e no *Aurore* de 13 de Dezembro: o Seminário foi fundado «com os encorajamentos do Cardeal Journet[64] e o acordo de Monsenhor Adam». Além disso, Roma encoraja a Fraternidade. Enfim, «o Seminário não depende de nenhuma conferência episcopal em geral, não precisa do reconhecimento dos Bispos de França em particular. É o Seminário da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, e portanto independente.»

## *«Peço para fazer a experiência da Tradição»*

Neste estádio do debate, o fundador pode temer que esta agitação produza em Roma, consequências negativas para a sua Obra. No entanto, não tendo uma natureza pessimista, permaneceu confiante: apenas quer fazer obra de Igreja, pertence à Igreja o julgamento! No dia 2 de Fevereiro de 1973, convidado na casa de Bouveret pelos confrades espiritanos, chega a declarar, no fogo animado duma mesa convivial:

«Seminaristas vieram encontrar-me. Deveria eu abandoná-los? O meu Seminário anda em contra-corrente, está bem! Se Roma intervier, eu fecho logo o Seminário. Mas formar santos sacerdotes (é uma necessidade), sempre vamos precisar deles! Vários Bispos já se reservaram uns deles.» [65]

---

[62] DC 1620 (19 de Nov. 1972), 1025

[63] L'Aurore, 30 de Outubro de 1972, p. 9ª.

[64] O cardeal irá até renegar o ter encorajado Mons. Lef., escrevendo a Mons. Mamie no10 de Janeiro de 1973 o ter cuidadosamente evitado que as suas palavras possam ser interpretadas neste sentido. Savioz anexo 1, 78 cf. O nosso capit. XVI, n° 6

[65] P. Charles Rappo CSSP, Jornal pessoal, 2 de Fevereiro de 1973. Savioz, anuário 3. 1; MS. I, 29, 33-35.

Monsenhor Mamie alinha na posição dos Bispos franceses[66] e declara:

«Não é restaurando os meios de outrora que vamos preparar os sacerdotes de amanhã.»

O Arcebispo replica na sala da Mutualité, em Paris, «com aquela doçura sorridente, mas inexoravelmente firme, que caracteriza as suas palavras», ensinando aos seus seminaristas:

«A amar a sua Mãe, a Igreja, que o Sacrifício da Missa é o centro da vida sacerdotal e que o catecismo é o depósito da Revelação transmitida pela Tradição». [67]

Quanto à Missa de São Pio V, diz ele:

«Eu sigo as directivas dadas para as missas de grupo (ouvintes desatam a rir). Peço para fazer experiências, fazendo a experiência da Tradição. (Aplausos)». [68]

Os artigos dos jornais e reportagens multiplicam-se sobre «este Seminário selvagem em plena expansão» e, por seu lado, o Padre Coache, que já comprou a casa Lacordaire de Flavigny, em 1972, adquire agora o Seminário Menor da mesma aldeia de Borgonha, «para instalar os seus seminaristas menores em conjunto com Écône.» [69]

Neste enquadramento, o descontentamento crescente dos Bispos de França, a inquietação de Monsenhor Adam, que aumenta, uma imprensa de preferência simpatizante, e o silêncio prudente de Roma, apenas serviu para dar livre curso aos empreendimentos, duma tradição viva e combatente, que impõe a sua vitalidade e a sua legitimidade pelo recurso aos factos.

## *Nestor Adam*

Nestor Adam quer livrar-se de Écône. Ao Cardeal Garrone, afirma não ter aprovado o Seminário, mas apenas o ano de espiritualidade:

«Sem a minha autorização, o pré-Seminário tornou-se Seminário; perante o facto consumado, só restava inclinar-se.» [70]

Faz um trocadilho: enquanto raposa arguta, não tendo dado a sua autorização por escrito, mas apenas de viva voz, pode assim contestá-la. Faz recordar ao Cardeal que em Écône, «permanece-se fiel ao Missal de São Pio V, assegurando que Roma não quis aboli-lo»;

[66] Évangile et Mission, 25 de Janeiro de 1973; La Suisse, 26 de Janeiro

[67] Conf. Do 29 de Março ; Cf. L'Aurore de 30 de Março1973

[68] Rivarol, 5 de Abril de 1973

[69] Le Monde, 6 de Dezembro de 1973. O empreendimento chumbará e os prédios serão vendidos aos Beneditinos do Padre Dom Augustin Joly.

[70] Carta ao Card. Garrone, 21 de Fevereiro de 1973; Nótula de Mons. Adam sobre Écône, 25 de Abril de 1974.

Deseja portanto um esclarecimento da parte da Santa Sé.

No dia 17 de Março de 1973 (esclarecido, havemos de acreditar), escreve a Monsenhor Lefebvre: «A Missa de Paulo VI é obrigatória. (...) Não posso tolerar mais a formação duma seita na Diocese. (...) Toda a História da Igreja nos ensina que os verdadeiros reformadores (...) nunca se subtraíram à obediência.»

«Não», responde Monsenhor Lefebvre, «Écône não é um «centro de revolta» e, se conservamos o antigo rito, «não é de maneira nenhuma num espírito de revolta, nem de desobediência, mas no desejo de conservar a fé» [71]

Um drama se desencadeia agora, não em Écône, mas em Sion. Marcel Lefebvre proclama a primazia do combate da fé sobre uma obediência mal entendida; Nestor Adam, desesperando deste combate, escolheu acreditar cegamente no Concílio e resolveu-se a obedecer, qualquer que seja o preço para a sua Diocese. Os elementos progressistas do seu conselho presbiteral, também constituído de leigos, paralisam-no. Expulsa da Paróquia de Riddes o Pároco Epiney por causa da Missa «de São Pio V»; mas o valente pastor ficou na paróquia arranjando uma capela numa fabrica de serração. Atrairá um dia estas palavras lúcidas mas terríveis do Bispo:

«A avalanche cai, deixai-a cair! Porque haveis sempre de vos pôr em oposição a ela?»

Por seu lado, Monsenhor Lefebvre, rodeado duma bela juventude que entusiasma pelos princípios, pela verdade, pela Missa, vê no sucesso desta eflorescência humana inesperada uma confirmação providencial de que Deus «quer esta obra para o bem da Igreja». Continua em frente no seu caminho para «dar à Igreja verdadeiros e santos sacerdotes», mesmo sabendo pertinentemente que está a incorrer num confronto com a corrente «reformista e devastadora do Concílio». [72]

## 3. Supressão da Fraternidade

### *Conciliábulos romanos e visita canónica*

Um ano volvido. O Seminário atinge o número de noventa e cinco seminaristas, colocando «mais do que um Bispado em estado de verdadeiro alarme», como escreveu o Cardeal Garrone a Monsenhor Adam no dia 19 de Março de 1974. Um seminarista francês sobre seis ou sete vai para Écône!

[71] Carta de Mons. Lef. , Roma, 23 de Março de 1973

[72] Um aniversário», Texto de Monsenhor Lef., 13 de Junho 1980

Garrone foi estimulado para agir pelo Cardeal Secretário de Estado, Jean Villot, que promete ao Episcopado francês arrumar o caso. O secretário permanente, Monsenhor Etchegaray, assevera que dentro de «seis meses, se dará cabo de Écône». Os três chefes dos dicastérios competentes para isso, dos Seminários, dos Clérigos, e dos Religiosos, reúnem-se e tomam resoluções «que recebem a aprovação do Papa» e, a seguir, a 5 de Março, «obedecendo às directivas recebidas» (de Villot?), convidam os dois Bispos envolvidos no caso, Monsenhor Adam e Monsenhor Mamie. A reunião teve lugar no dia 26 de Abril na sede da Sacra Congregação dos Seminários. Examina-se as resoluções já citadas mais acima e decide-se pedir a Monsenhor Lefebvre para «explicar clara e expressamente a sua adesão às directivas conciliares» e para aceitar normas para regular «a abertura de casas nas outras dioceses». [73]

De regresso a Friburgo, Monsenhor Mamie convoca o Arcebispo: «Como estão as vossas novas implantações?», pergunta-lhe ele no dia 30. O Prelado respondeu: «Justamente, vou para Roma ver o Secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos, e dir-lhe-ei isso.» No dia 4 de Maio, foi recebido por Monsenhor Augustin Mayer, intrigado pela fundação da casa de Albano. [74] Fala-se também de Suresnes e de Armada (Estados Unidos).

> Bem! Diz o secretário, mas a vossa liturgia?
> Não vejo outra alternativa que seja útil à Igreja, explica Monsenhor Lefebvre. Isso é uma questão teológica. Constatais a gravidade da situação: há causas e remédios. Ora, não é possível adoptar fragmentos desta reforma sem nela nos comprometermos totalmente; e então o Seminário fecharia em três semanas!
> É muito grave, replica Augustin Mayer, surpreendido e inquieto. [75]

Mas não é em Écône que a situação é grave, mas sim em França. O recrutamento dos Seminários, onde estão em vigor as reformas litúrgicas e a concepção correspondente do sacerdócio, é das mais macilentas: em Outubro de 1973, apenas cento e trinta e um novos seminaristas! [76]

---

[73] Carta do Card. Garrone, assinada Garrone, Wright e Mayer, a NNSS. Mamie e Adam, 9 de Março de 1974.

[74]'Mons. Raffaele Macário acaba de dar o seu «Placet» no 22 de Fevereiro de 1974.

[75](COSPEC, 23 de Maio de 1974.

[76]Ao passo que 25 franceses entram em Écône.

Durante o Verão de 1974, um turista passa por Écône e pede para ver Monsenhor Lefebvre, o qual não pode reconhecê-lo revestido do *clergyman.*

Como, exclama o Bispo de Strassburg (porque é ele mesmo), não reconheces o Arthur?

Ah! Monsenhor Elchinger, diz Monsenhor Lefebvre, que reconhece enfim o seu antigo confrade de Seminário, Léon-Arthur Elchinger

Mas Arthur pergunta:

- Tens muita gente, ao que parece? Em Strassburg, a situação não é muito famosa. Como fazes?[77]

Como faz ele? Mas também como fazer para pará-lo? Tal é a preocupação que agita a França, Friburgo, Sion e Roma.

A tempestade rebenta subitamente no dia 11 de Novembro de 1974: depois do pequeno almoço, Monsenhor reúne toda a comunidade de Écône para anunciar a vinda, neste mesmo dia, de dois visitadores apostólicos para proceder a um inquérito em nome das três Sagradas Congregações romanas, por ordem de Paulo VI, ele mesmo. [78]

Nos corredores do claustro, esperando os visitadores, Monsenhor Lefebvre confia ao Padre Aulagnier:

«Eu bem que desconfiava que a nossa recusa da missa nova constituía mais cedo ou mais tarde uma pedra de tropeço, mas eu teria preferido morrer antes de ter de afrontar Roma e o Papa!»

Às nove horas, chegam Monsenhor Albert Descamps, secretário da Comissão Bíblica, e Monsenhor Guillaume Onclin, secretário adjunto da Comissão para a Reforma do Código de Direito Canónico. Durante três dias, os dois Prelados da Bélgica vão interrogar os padres e os seminaristas, com os quais entabularam conversas teológicas aberrantes, achando normal e fatal a ordenação de pessoas casadas, não admitindo uma verdade imutável e emitindo dúvidas sobre a realidade física da ressurreição de Cristo. Nunca se recolhem na capela para orar e não apresentam um protocolo de visita para ser assinado por Monsenhor Lefebvre (como é a regra).

Ao Padre Gottlieb, disseram porém: «O Seminário é bom até a 99%» E o Padre lá disse: «99%? Isso apenas faz 1% para a Missa, isso não é muito!»

---

[77] Diário de Écône, Verão 1974, p. 148

[78] No 28 de Junho de 1974, a Comissão formada pelos três chefes de dicastérios decidem a visita canónica; Uma carta dos três Cardeais na data de 5 de Nov. Avisa Mons. Lefebvre

A uma diocesana que foi visitar Monsenhor Adam no mesmo dia 11 de Novembro para lhe dizer: «Agora, apenas quero a Missa de São Pio V, vou para Écône», o Bispo respondeu-lhe friamente: «Não vos inquieteis, de todas as maneiras a unidade da Igreja será feita em breve» (o caso Lefebvre será arrumado).

Monsenhor Lefebvre parte no dia 16 de Novembro para Roma. No dia 21, quando ia para visitar uma das Congregações, um guarda Suíço, até então impassível, dirige-se a ele de repente:

«Monsenhor, esperais ainda alguma coisa desta gente?»

Estupefacto, o Arcebispo calou-se, lembrou-se da visita canónica, entendeu que já não havia nada a esperar das Congregações e, de regresso a Albano, «num movimento de indignação», como ele dirá,[79] redige duma tirada, sem rasuras, uma admirável posição de princípio, que apresenta, no dia 2 de Dezembro, à comunidade de Écône:

> «Esta é a posição do Seminário e da Fraternidade desde o início, mas em termos mais nítidos e definitivos, em razão da amplificação da crise.» [80]

## *A declaração do 21 de Novembro de 1974*

Toda a reforma é coerente, explica o Arcebispo: A missa nova, catecismo novo, Seminários novos. Todo isso vem do liberalismo, do protestantismo e do modernismo que se manifestaram neste concílio e que conduzem a Igreja à ruína. Nós estamos entre a espada e a parede, trata-se de manifestar a nossa escolha. Sem nenhuma rebelião, escolhemos o que foi sempre acreditado e praticado pela Igreja de sempre. Por conseguinte:

> «Aderimos de todo o nosso coração, de toda a nossa alma à Roma católica, guardiã da fé católica e das tradições necessárias à manutenção desta fé, à Roma eterna, mestra de sabedoria e de verdade.»
>
> «Recusamos pelo contrário e sempre recusámos seguir a Roma com tendências neo-modernistas e neo-protestantes, que se manifestou claramente no Concílio Vaticano II e depois do Concílio, em todas as reformas oriundas dele...»

Monsenhor não tinha ainda acabado de ler a sua declaração e já os seminaristas batiam palmas, conscientes de viver um instante capital. O Prelado, desprezando toda a prudência humana, declarou abertamente a guerra, na perspectiva da fé, contra o conjunto das reformas post-conciliares.

---

[79] Ao Card. Garrone, no 3 de Março de 1975 «Indignação sem dúvida exagerada», escreverá diplomàticamente.

[80] Diário de Écône; COSPEC 12 A, 2 de Dezembro de 1974.

No dia 27 de Novembro, confiou aos seus professores:

«Quaisquer que sejam as sanções tomadas contra nós, já não existe uma questão de obediência nestas condições, mas trata-se de conservar a fé. Se dez, vinte ou quarenta partirem, eu ficarei!»

Mas no dia 2 de Dezembro ninguém o deixa, pelo contrário, alguns seminaristas precipitam-se para o telefone, para confiar aos seus pais a alegria causada por esta declaração.

O Padre Barbara, de passagem em Écône, recebe do Prelado o seu texto e apressa-se a publicá-lo em *Fort dans la Foi* ao lado da publicação dum sermão de Santo Atanásio contra os arianos: «Eles têm as igrejas, mas nós conservamos a fé». Em breve a declaração está repercutida por *Itinéraires* e outra revistas.

No dia 21 de Janeiro de 1975, os dois visitadores confiam o seu relatório aos três Cardeais na presença de Monsenhor Mamie. O Cardeal Garrone brande a cópia da declaração de Monsenhor Lefebvre: «Vede!» Doravante, as coisas andam rapidamente: no dia 24, Monsenhor Mamie solicita ao Cardeal Tabera, a licença para retirar a aprovação da Fraternidade, outorgada pelo seu predecessor. As três Eminências acham que uma advertência deve preceder esta medida e, no dia 25 convocam Monsenhor Lefebvre para conversarem com ele àcerca «dos pontos que nos deixam algumas perplexidades», dizem eles, no seguimento da visita canónica.

O Prelado encontra os três cardeais no dia 13 de Fevereiro.

«O relatório dos visitadores foi muito favorável, diz Garrone, mas sentiram um cheiro de oposição ao Concílio e ao Papa. Vede, diz ele, designando *Itinéraires* que se encontrava no seu escritório, a vossa declaração confirma esta suspeita: Estais contra o Concílio e o Papa»

Monsenhor Lefebvre contra-ataca:

«E os novos catecismos heterodoxos? E a nova missa que apenas é a missa de Lutero? E a abertura para o comunismo? E os maçons que já não são excomungados? E a liberdade religiosa que coloca todas as religiões no mesmo pé de igualdade?»

Uma segunda Sessão teve lugar no dia 3 de Março. Tabera exclama: «Julgais-vos Santo Atanásio!» Garrone grita: «O liberalismo é a vossa ideia fixa!» e acrescenta: «Sois louco», e confessa que «a Igreja está em estado de procura». E depois chegamos a este diálogo fundamental:

« – O vosso manifesto é inadmissível, ensina os seminaristas a referenciarem-se no seu juízo pessoal, à Tradição tal como eles a entendem. Isso é o livre exame, o pior dos liberalismos»

-«Isso é errado, replica o Prelado, o que forma o nosso juízo é o magistério da Igreja de sempre.»

> «Reconheceis o Magistério de ontem, mas não aquele de hoje. Ora, o Concílio constitui um acto do Magistério, como escreveu o Sumo Pontífice em 1966 ao Cardeal Pizzardo.»
>
> «A Igreja funciona assim, ela conserva a Tradição e não pode romper com ela, isso é impossível.»[81]

Deveras, como diz o Cardeal Garrone, o Magistério vivo de hoje é regra de fé; mas, responde Monsenhor Lefebvre, apenas é regra se for regulado pelo Magistério de ontem, pela Tradição. No caso de irregularidade do magistério, é a Tradição que julga.

## *A Fraternidade suprimida*

Mas Garrone exclui toda a irregularidade possível do magistério actual, este é regra absoluta de fé. Quanto ao Concílio, diz ele, é verdade que ele foi seguido de uma crise na Igreja, mas ele não é a causa.

Perante este muro de incompreensão doutrinal, Monsenhor Lefebvre constata:

«Convidavam-me para uma conversa e de facto assisti a uma sessão de tribunal, bem decidido a condenar-me.»[82]

Quanto à sua declaração, ele diz aos três Cardeais:

«Poderia escrevê-la doutra maneira, mas não posso escrever outra coisa»

Em Écône, durante este tempo, o corpo docente, na intenção de corrigir o manifesto, reúne-se para redigir uma «declaração mais moderada».

«Monsenhor, pedem eles, retirai o vosso primeiro texto e assinai este.»[83]

Mas o Arcebispo não cede mais em Écône do que em Roma. Não retracta a sua declaração.[84] Desde então, a sua perda em Roma é certa.

---

[81] Gaucher, 228-247; Montagne, 52-75

[2] Mons. Lef. Relation sur la manière dont la Commission des trois Cardinaux a procédé, (Relatório sobre a maneira com que a comissão dos três Cardeais procedeu) Roma, 30 de Maio de 1975 (Dirigida Paulo VI).

[83] Aulagnier, 97.

[84] No 5 de Maio de 1975, na festa de São Pio V, e no dia do enterro do padre Calmel, ele toma a decisão de conservar a todo custo a missa tradicional. Cf. LAB n° 16, 19 de Março de 1979

No dia 25 de Abril, de facto, o Cardeal Tabera, assegura a Monsenhor Mamie «que tem a autoridade suficiente para retirar os actos da concessão» do seu predecessor. Isso é bem exacto, Santo Deus! A Fraternidade, não tendo recebido de Roma o *Nihil Obstat*, não se tornou sociedade de direito diocesano, mas ficou no estado preliminar de *Pia Unio*. O Bispo pode portanto dissolvê-la (Cf. Cânon 492, § 1-2, e 493) por uma razão grave. Razão grave, a «declaração» é considerada assim pelos Altos funcionários, mesmo se não o é para Deus.

Em 6 de Maio, Monsenhor Mamie informa portanto Monsenhor Lefebvre de que retira a aprovação concedida pelo seu predecessor e, no mesmo dia, os três Cardeais apoiam esta decisão com a aprovação de Paulo VI. Precisam: uma vez a Fraternidade suprimida, o seu Seminário e todas as obras perdem o direito de existir.

A resposta de Monsenhor Lefebvre foi tripla: A magnífica peregrinação feita em Roma, organizada pela associação *Credo* no Pentecostes deste ano santo e presidida por Monsenhor Lefebvre, rodeado de todo o seu Seminário, mostrando assim a sua fidelidade à Roma de sempre; depois uma carta de submissão ao sucessor de São Pedro, escrita em Albano no dia 31 de Maio e contendo uma súplica de revisão do seu «processo»; e finalmente um recurso ao Tribunal da Assinatura Apostólica contra a decisão de Monsenhor Mamie, depositado no dia de 5 de Junho. «Não compete», diz ele, «ao Bispo de Friburgo, mas à Santa Sé, o poder de suprimir a Fraternidade» (este primeiro ponto é discutível); «a seguir, fui julgado sobre a doutrina; ora, unicamente a Congregação para a Doutrina da Fé é competente nesta matéria; finalmente, se a declaração é condenável, a condenação deveria atingir-me a mim unicamente e não a minha obra.» [85]

O recurso é rejeitado no dia 10 de Junho: A medida tomada por Monsenhor Mamie constitui somente a execução das decisões da comissão dos Cardeais, que foi aprovada de forma especifica pelo Papa. Então, um apelo intercalar pede a prova desta aprovação específica; não terá resposta alguma, porque o Cardeal Villot, Secretário de Estado, tinha escrito ao Cardeal Staffa para o proibir de receber o apelo. [86]

No dia 29 de Junho de 1975, Monsenhor ordena três Padres e treze Sub-Diáconos em Écône, enquanto que, no mesmo dia, Paulo VI lhe

[85] Carta ao Card. Dino Staffa, Prefeito da Assinatura apostólica, 21 de Maio , e recurso depositado no dia 5 de Junho

[86] O Cardeal Staffa mostrou esta carta ao advogado de Mons. Lef.

escreve uma carta, exigindo-lhe a submissão, acto que «implica necessariamente» a aceitação da supressão da Fraternidade com todas as consequências práticas, e a aceitação do Concílio «que não comporta menos autoridade, que até mesmo é sob alguns aspectos mais importante do que o de Niceia».

## 4. Écône continua

### *Não colaborar na auto-demolição*

Jean Madiran realça esta pretensão exorbitante de erguer o Vaticano II acima de Niceia: Disseram e repetiram que este Concílio é pastoral e não dogmático, e agora eles querem dogmatizá-lo! [87]

Mas, em Écône, é uma questão de sobrevivência que se coloca. Quatro professores retiram-se do Seminário (sem contar os dois eminentes dominicanos que não regressarão), alguns vão até explicar aos seminaristas durante as suas últimas aulas os motivos da sua partida. Outros sugerem a Monsenhor Lefebvre dispersar os estudantes pouco a pouco, por pequenos grupos discretos, continuando de maneira clandestina. O Cónego Berthod reage:

«Monsenhor isso seria a morte do Seminário. Ou continuamos ou não continuamos! Não pode continuar-se de maneira dispersa: estudos, perseverança, recrutamento tornar-se-iam difíceis. É necessário que Écône continue. Écône é Écône!» [88]

Os seminaristas, por outro lado, estão numa paz perfeita. O fundador sem cessar e pormenorizadamente mantém-nos a par da situação, com uma admirável elevação de vistas, sem nunca atacar as pessoas, sobretudo a do Papa. Assim, os seminaristas depositam uma total confiança no Arcebispo que lhes prometeu:

«Eu não vos abandonarei!» [89]

Monsenhor decide então simplesmente:

«A reentrada é fixada em 14 de Setembro; o Seminário continua. Queremos fazer o que a Igreja sempre fez. Vamos continuar o nosso desenvolvimento e fundar em Weissbad, perto de Appenzell, o nosso Seminário de língua alemã.» [90]

À supressão, o Prelado replica portanto com a marcha em frente. No dia 21 de Novembro de 1975, dia do aniversário da sua «declaração», depois da reentrada que conta com cento e vinte sete

[87] Itinéraires n° 197, Nov. 1975, editorial.
[88] COSPEC, 47 B, 11 de Outubro de 1977.
[89] Carta Ms. Aos benfeitores, 17 de Junho de 1975; Aulagnier, 101-103
[90] COSPEC 20 B, 28 de Junho 1975, véspera das ordenações.

seminaristas espalhados pelos três Seminários, de Écône, Weissbad e Armada, Monsenhor Lefebvre fornece directivas sobre o fundo da sua resistência às ordens «dos Cardeais» – evitando ainda colocar Paulo VI em causa:

«A Fraternidade continua a existir. A sua supressão foi irregular e, em todo o caso, injusta. Um dia, a Providência permitirá a sua reabilitação oficial. Mas ela existe permanentemente diante de Deus e diante da Igreja (...) O direito está ao serviço da vida. Ora, actualmente o direito está ao serviço da morte, para ir contra a vida da Igreja. A autoridade humana é uma participação na autoridade de Deus, autor da vida. Ora, as leis na Igreja, desde o Concílio, são leis de morte, de aborto espiritual. Estas leis são inválidas.»[91]

No 27 de Outubro, o Cardeal Villot escreveu a todas as conferências episcopais, convidando-as «gravemente» a recusar toda a incardinação aos membros da Fraternidade. Monsenhor Lefebvre não se deixa impressionar e paralisar por esta última medida de morte:

«Se temos incardinações difíceis, não hesitaria em pensar que sereis incardinados na Fraternidade.»[92]

Fundamenta-se na carta laudativa do Cardeal Wright que vai no sentido dum «decreto de louvor»; fundamenta-se também na faculdade concedida pela Sagrada Congregação dos Religiosos a três religiosos, de passar da sua Instituição à Fraternidade, sem lhes reclamar explicitamente a sua incardinação numa Diocese; [93] Invoca, finalmente, a sentença de Monsenhor Adam dizendo-lhe:

«A vossa Fraternidade, disseminada por várias dioceses, tem certamente o poder de incardinação no seu seio»

Todos estes argumentos são títulos pelo menos prováveis («coloridos» segundo o termo canónico) para incardinar.

É no fim de Agosto que o Prelado de Écône encontra, por duas vezes (fora da casa episcopal) , o Bispo de Sion, que lhe disse ter recebido uma visita pessoal do Cardeal Jean Villot. Assim, Monsenhor Lefebvre está persuadido que Jean Villot levou ao extremo a acção dirigida contra a sua Obra, para satisfazer as exigências dos Bispos franceses. Mas Nestor aconselha:

«É necessário que Écône continue! Colocai um pouco de Paulo VI na vossa Missa de São Pio V, e continuai.»[94]

---

[91] COSPEC 23 A, 21 de Nov. 1975; Cf. 22 A, 29 de Setembro de 1975.

[92] Ibid.

[93] Por exemplo o indulto concedido ao P. Urban Snyder, Cist. Ref., no dia 16 de Outubro 1972

[94] COSPEC 21 A, 14 de Setembro 1975; Monsenhor Lefebvre, carta a Dom Jean Roy, 27 de Setembro de 1975

Deixando de lado a astúcia, o Arcebispo apenas fica com o encorajamento: «Continuai.» A Paulo VI, que lhe escreve a 8 de Setembro, ameaçando sancionar a sua recusa de obedecer, Monsenhor Lefebvre responde no dia 24 de Setembro professando «a sua devoção para com o sucessor de São Pedro, "mestre de verdade" para a sua Igreja», mas não obedece. A parada ultrapassa infinitamente a supressão dum Seminário recém-nascido. Ele Explica isso aos seus seminaristas:

> «Solicitar que encerremos o Seminário de Écône, é pedir-nos para colaborar na destruição da Igreja. Eu não quero, quando o Bom Deus me chamar, dizer em consciência: Pois bem! Destruí uma coisa que Deus, em circunstâncias providenciais, me permitia realizar e que, aliás, recebeu a autorização canónica e praticamente foi aprovado pelos visitadores romanos. Pedem-me agora para destruir isso, porque não corresponde às orientações conciliares que destroem a Igreja. Bem, isso não!» [95]

## *A «suspensão a divinis»*

No entanto, Monsenhor Lefebvre esforça-se por encontrar o Santo Padre. O Cardeal Thiandoum intromete-se, vê o Papa Paulo VI e diz lhe:

- «Santíssimo Padre, sabei a desorientação que causaria uma condenação de Monsenhor Lefebvre. Quereis aceitar recebê-lo?»
- «Eminência, ide conversar com o Cardeal Villot.»

Na Secretaria do Estado, Villot responde a Thiandoum:

> Está fora de questão que Monsenhor Lefebvre encontre o Santo Padre! O Papa poderia modificar a sua opinião, e isso seria a confusão.

O Arcebispo conclui: «Um separador está colocado entre o Sumo Pontífice e mim.» [96] Jean Villot, descontente, obteve de Paulo VI uma derradeira regulamentação:

> «Isso não é exacto», escreve Paulo VI. «Consideramos que antes de ser recebido em audiência, Monsenhor Lefebvre deve renegar as suas posições inadmissíveis» [97]

Monsenhor Lefebvre encontra então o substituto do Secretário de Estado, Monsenhor Giovanni Benelli, o qual reclama dele no dia 21

---

[95] COSPEC, 1 de Dez. 1975; COSPEC 13 A, 2° parta, 2 de Fevereiro de 1976

[96] Entrevista de Louis Salleron, La France Catholique-Ecclesia, 13 de Fevereiro de 1976

[97] Carta autógrafa de Paulo VI a Villot, 21 de Fevereiro de 1976

de Abril a aceitação do Vaticano II e de todos os seus documentos, e a adopção do novo missal, como prova concreta da sua submissão.

Como nada resulta neste sentido, Paulo VI fez uma alocução ao Consistório de 24 de Maio de 1976 que é largamente consagrado a Monsenhor Lefebvre, censurando-o por recusar a autoridade de hoje, em nome da de ontem, de arrastar à desobediência «sob o pretexto de conservar a fé intacta» e de recusar a nova missa por «apego sentimental» à antiga. E Paulo VI afirma que «o novo rito foi promulgado para substituir o antigo».

> «Não foi doutra maneira», diz ele, «que o nosso predecessor Pio V tornou obrigatório o Missal reformado debaixo da sua autoridade, na sequência do Concílio de Trento»

Monsenhor ficou indignado com esta falsa interpretação do seu combate pela fé, e ainda mais indignado ficou com a comparação capciosa que Paulo VI se atrevera a fazer entre a sua reforma e a de São Pio V.[98]

Mas com as ordenações que se aproximam, a febre apodera-se de Roma: O Arcebispo vai atrever-se a ordenar sacerdotes sem incardinação, sem cartas dimissóriais? Nos dias 12 e 25 de Junho, Monsenhor Benelli proíbe-o de fazer isso por *mandato speciali Summi Pontificis* (por mandato especial do Sumo pontífice), sem prejuízo das censuras previstas pelo cânone 2373°, §1. «Se os vossos seminaristas», precisa ele, «estão seriamente preparados para um ministério presbiteral na fidelidade verdadeira à Igreja conciliar», encarregamo-nos subsequentemente de encontrar a melhor solução para eles.

Portador especial da missiva de 25 de Junho, o Padre Edouard Dhanis, professor e antigo reitor da Universidade Gregoriana, chega com muita pressa à casa de Lacordaire, em Flavigny, onde Monsenhor Lefebvre prega o retiro aos ordinandos. Estamos no dia 27 de Junho, às nove horas da noite, na antevéspera das ordenações. O Arcebispo ficou impressionado pela nervosismo do visitante, mas ainda mais pela expressão «Igreja conciliar» de Monsenhor Benelli.

O Padre Dhanis fez-se suplicante, segura na sua mão o missal de Paulo VI.

- Monsenhor, se hoje mesmo, aceitardes celebrar comigo esta missa, tudo está concertado com Roma!
- Eu já celebrei a Missa, responde laconicamente o Arcebispo.

E o pobre Padre lá se retira com sinais de desespero. [99]

[98] Cf. Madiran, Itinéraires n° 205, pp. 10-11, ver a primeira parte do capítulo presente.

[99] COSPEC 87 A, 16 de Janeiro de 1982

No dia seguinte, em Écône, no campo junto ao Seminário, está montada a tenda da imensa capela. Os ordinandos estão de regresso de Flavigny. Por volta das dezassete horas, batem à porta do Padre Aulagnier. Surpresa, é Monsenhor Lefebvre! Sentou-se: «Havemos de fazer as ordenações amanhã?», pergunta gravemente. Ele está preocupado, ponderado, mas com uma tranquilidade olímpica. «Como aconselhar este grande Bispo?», diz a si mesmo o Padre que, por fim e afinal, balbucia uma resposta positiva.[100] E Monsenhor retira-se. A sua decisão está tomada.

No dia 29 de Junho de 1976, A catedral de pano já bate ao vento, o sol lança os seu raios, já as filas de automóveis transformam o prado em parque de estacionamento. Chegaram milhares de católicos vindos de todos os lados da Suíça, de França, da Europa e de todas as partes da Terra, ocupam os lugares preparados; temos dificuldade em disciplinar os numerosos fotógrafos e jornalistas à espreita. Às nove horas, a procissão põe-se a andar e desce o prado. O Arcebispo, com mitra e luvas, avança, segurando na mão o báculo, o olhar um pouco contraído, com o ar decidido. Ele vai ordenar 13 sacerdotes e 14 sub-diáconos. Acaba de receber por alguns minutos o Cardeal Thiandoum. [101] Monsenhor não cedeu. Longamente, na sua pregação explicou a sua resistência:

> «É claro, é evidente que é sobre o problema de Missa que se desenrola o drama entre Roma e Écône. (...) A insistência que colocam os que nos são enviados de Roma para nos pedir para mudar o rito, faz-nos reflectir. (...) Esta nova missa é um símbolo, uma expressão duma «fé» nova, duma «fé» modernista. Porque se a Santíssima Igreja quis conservar, ao longo dos séculos, este tesouro precioso, que nos deu, do rito da Santa Missa canonizada por são Pio V, tal não aconteceu por nada. É porque nesta Missa se encontra toda a nossa fé, (...) a fé na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, a fé na redenção por Nosso Senhor Jesus Cristo, a fé no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo que foi derramado pela remissão dos nossos pecados.» [102]

Neste dia, o Arcebispo incorre canonicamente numa suspensão *a collatione ordinum* que doravante o proíbe de conferir as ordenações. [103] No 6 de Julho, o Cardeal Sebastiano Baggio, Prefeito da

---

[100] Aulagnier, 107-108

[101] Diário de Écône. Paris-Match mostra o Cardeal Thiandoum desolado no avião que parte de Genebra

[102] Texto integral no Itinéraires n° 206, Setembro e Outubro de 1976

[103] Declaração de Mons. Panciroli, Sala de Imprensa da Santa Sé

Sagrada Congregação dos Bispos, dirige-lhe uma advertência para «pedir humildemente perdão ao Santo Padre».

Monsenhor responde escrevendo a 17 de Julho a Paulo VI: «Devolvei à liturgia todo o seu valor dogmático e a sua expressão hierárquica, segundo o rito latino consagrado por tantos séculos de uso» e «Vossa Santidade restaurará o sacerdócio católico e o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre as pessoas, sobre as famílias e sobre a sociedade civil»; «Abandonai o nefasto empreendimento de compromisso com as ideias do homem moderno, empreendimento que tira a sua origem dum entendimento secreto entre os altos dignitários da Igreja e os das lojas maçónicas, desde antes do Concílio.» [104]

Em 22 de Julho, o Secretário da Sagrada Congregação dos Bispos notifica Monsenhor Lefebvre que por falta de provas da resipiscência exigida, o Santo Padre fulminou contra ele a pena de suspensão *a divinis*, segundo o cânone 2279º § 2, 2, que o priva do direito de exercer todos os actos sacramentais.

## *«O Verão quente»*

Dolorosamente ferido inicialmente, o Arcebispo recuperou e publica «Algumas reflexões àcerca da suspensão *a divinis*, datada do dia 29 de Julho:

> «Em definitivo, esta suspensão impede-me de celebrar a Missa... Nova, de administrar os sacramentos novos. Exigem de mim a obediência à «Igreja conciliar», como lhe chama Monsenhor Benelli. Mas esta Igreja «conciliar» é uma Igreja cismática, porque rompe com a Igreja de sempre. Ela tem os seus novos dogmas (a dignidade da pessoa), o seu novo sacerdócio, as suas novas Instituições, o seu novo culto, já condenado em vários documentos oficiais e definitivos.»

O tom já polémico, sobe de registro na entrevista que Monsenhor concede ao *Le Fígaro*[105] de 4 de Agosto:

> «O Concílio, virando costas à Tradição e rompendo com a Igreja do passado, é um concílio cismático. (...) Se nos parece certo que a fé ensinada pela Igreja durante vinte séculos não pode conter erros, temos muito menos a certeza absoluta que o Papa seja verdadeiramente Papa. A heresia, o cisma, a excomunhão *ipso facto*, a invalidade da eleição são causas que, eventualmente, podem fazer que um Papa nunca o tenha sido, ou deixe de o ser (...) Porque, afinal, um problema grave se coloca na consciência e

[104] Trata-se do acordo entre o Cardeal Bea e o B'nai-B'rith em New-York

[105] Extractos na Libre-Belgique do 5 de Agosto

na fé de todos os católicos desde o início do pontificado de Paulo VI. Como é que um Papa, verdadeiro sucessor de Pedro, garantido pela assistência do Espírito Santo, pode presidir à destruição da Igreja, a mais profunda e a mais extensa da sua História, no espaço de tão pouco tempo, o que nenhum heresiarca conseguiu alguma vez fazer?»

A questão merecia ser colocada, o Arcebispo não a resolve; ele deixará à Igreja o cuidado de decidir. Mas quanto à natureza cismática e herética do Concílio e do novo modelo de Igreja que dele decorre, não hesita em asseverá-lo.

Neste Verão quente de 1976, o termómetro da popularidade de Monsenhor Lefebvre sobe em flecha, tal como a temperatura atmosférica ambiente; sondagens[106] efectuadas pelos *media* mostram que 27% dos franceses «se reconhecem nas ideias de Monsenhor Lefebvre, enquanto que 24% o desaprovam, 23 % não se pronunciam e 25 % declaram-se indiferentes à actuação do Prelado.

Os meios literários, artísticos, universitários, estão alarmados. Oito Personalidades francesas escrevem a Paulo VI por ter a impressão de assistir doravante «ao saque de Roma»[107]; Trinta membros do ensino superior manifestam, no dia 1 de Dezembro, «a comunhão de pensamento que os une a Monsenhor Lefebvre» e saúdam «o Bispo corajoso que se atreveu a levantar-se para quebrar a conspiração do silêncio e pedir ao Papa a inteira justiça para o povo fiel».

As esferas políticas da direita governamental francesa alarmam-se igualmente: Trata-se de não decepcionar os potenciais eleitores «lefebvristas». O Presidente Valery Giscard d'Estaing solicita um relatório ao antigo embaixador junto a Santa Sé, René Bouillet.

Por seu lado, o Primeiro-Ministro, Jacques Chirac, encontra-se com o académico Jean Guitton, confidente de Paulo VI. Mas Chirac, antigo deputado de Corrèze, não se esquece da fama e do brilho que Monsenhor Lefebvre soube dar à Igreja na Corrèze, pela sua breve passagem pela sé de Tulle; escreveu-lhe no 16 de Julho uma carta de «respeitosa amizade e de confiança»:

«A França cristã, filha mais velha da Igreja por privilégio imemorial, soube dar no seu passado provas constantes da sua fidelidade ao Sucessor de Pedro (...) Deposito confiança no vosso génio, que saberá encontrar as palavras da reconciliação. Que exemplo dareis num tempo em que a fidelidade é tão

[106] Sondagem IFOP para Le Progrès de Lyon, No Valeurs Actuelles, 23-29 de Agosto de 1976, p. 25

[107] Nouvelliste du Valais, 11 de Agosto de 1976

constantemente ridicularizada, em que o verdadeiro amor é tão tragicamente devassado. O vosso combate pela fé, pela Igreja, receberá um selo brilhante de autenticidade, aquele que confere a rectidão absoluta na conduta, e a aceitação do sacrifício.»

Se fosse caso de sacrificar as suas ideias pessoais, o Arcebispo concederia de boa vontade o que lhe era solicitado na oferta. Mas porque se trata dum combate pela fé, o sacrifício ao qual exorta Jacques Chirac toma uma outra dimensão: a do sacrifício da sua honra. Suspenso, «rebelde», «promotor de cisma», Marcel Lefebvre aceita dolorosa, mas resolutamente, estes rótulos por amor da fé e da Igreja.

Responde brevemente ao Ministro e continua a percorrer França destemidamente. Apresenta-se diante de milhares de pessoas reunidas para assistir à primeira Missa solene do padre Denis Roch, em Genebra, e do Padre Groche, em Besançon. Mas Gérard Saclier de la Batie, presidente duma união das associações tradicionais, solicita com os seus amigos uma cerimónia especial em que Monsenhor Lefebvre se manifestaria publicamente como defensor da Fé. A cidade de Lille foi escolhida. O Arcebispo primeiro recusa: «Não, não posso; isso seria percebido por Roma como uma provocação». Mas no dia seguinte de manhã, 22 de Agosto, disse à secretária, Irmã Marguerite: «A noite dá conselho, eu irei a Lille, proponho o dia 29 de Agosto.»

Os jornais anunciam:

«Novo passo para o cisma, Monsenhor Lefebvre quer dar uma ressonância mundial à sua missa de Lille no Domingo.» [108]

«A hora do desafio a Roma já passou, agora vem a prova de força».[109]

«Monsenhor Lefebvre desafia Paulo VI hoje com a Missa proibida»[110]

No dia 29 de Agosto, apesar de uma nova carta de Paulo VI, datada de 15 de Agosto, Monsenhor Lefebvre celebra uma missa solene no Palácio do Desporto da Feira Comercial de Lille, transformada numa imensa capela em que se apinham sete mil fiéis. Enquanto que Paulo VI denuncia durante o *Angelus*, «a atitude de desafio a estas chaves depositadas entre as nossas mãos pelo Cristo»; Monsenhor protesta na sua homilia:

«Não, queridos fiéis, isto não é desafio, mas a manifestação da vossa fé católica.» O leitor desculpar-nos-á de resumir a homilia:

---

[108] France-Antilles, 24 de Agosto de 1976.

[109] France-Soir, 28 de Agosto de 1976

[110] La Stampa, 29 de Agosto

«A revolução fez mártires, mas isso não é nada em comparação com o que fez o Concílio Vaticano II: sacerdotes apóstatas do seu sacerdócio! Este casamento entre a Igreja e a Revolução, pretendido pelos católicos liberais, que agora triunfam dizendo «Com o Vaticano II, as nossas teses estão aceites», este casamento é adúltero. O novo rito é um rito bastardo, os novos sacramentos são também bastardos, os sacerdotes que saem agora dos Seminários são sacerdotes bastardos: já não sabem que estão constituídos para subir ao Altar e oferecer o sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nosso Senhor Jesus Cristo, que é a única Pessoa do mundo que pôde dizer «Eu sou Deus» e, por este facto, é o único Rei da humanidade. Não haverá paz na terra senão pelo reino e no reino de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Seu reino, o dos mandamentos de Deus, faz reinar a paz e a justiça. Repare-se bem na Argentina desde que há um governo de princípios e autoridade» [111]

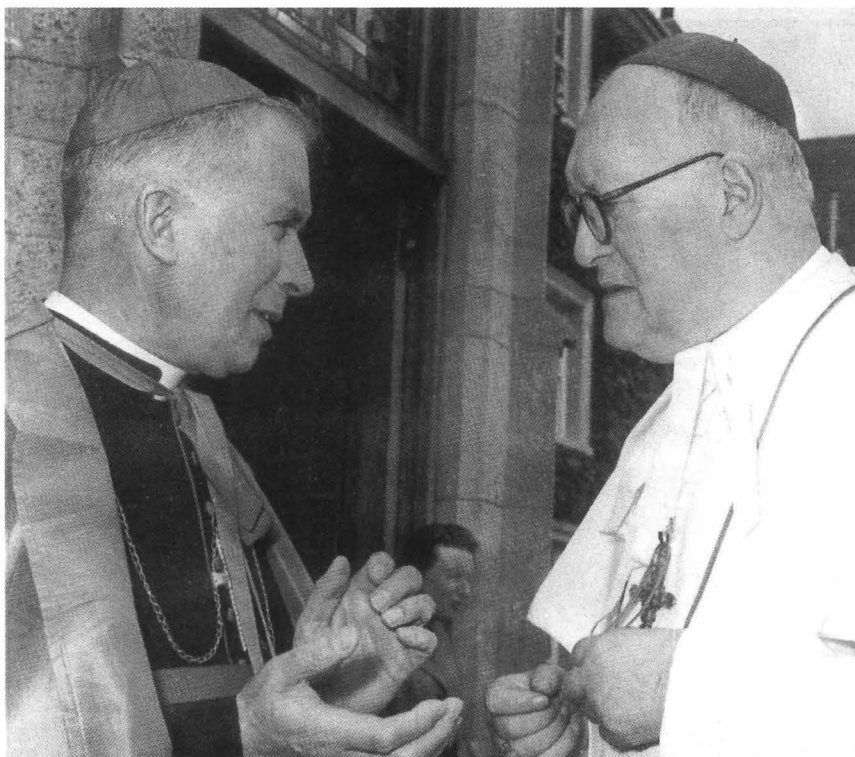
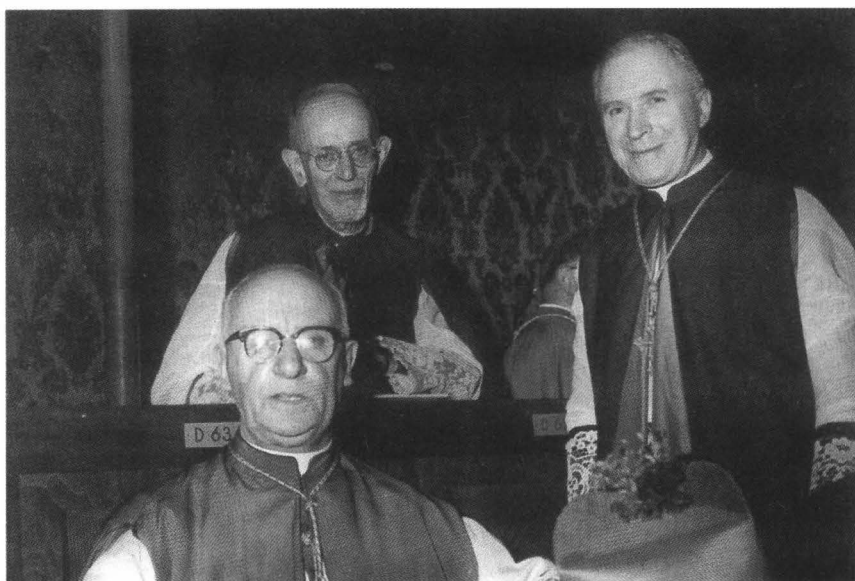
Com um estilo febril, os jornalistas notam «elogio da ditadura» O Prelado prossegue:

«É por isso que queremos a Missa de São Pio V, porque ela é a proclamação da realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo que reina pela Sua cruz: *Regnavit a ligno Deus*.

Com toda a sinceridade, paz e serenidade, não posso contribuir, submetendo-me às suspensões que me foram infligidas, e pelo encerramento dos meus Seminários, aceitando pôr termo às ordenações, não quero contribuir para a destruição da Igreja. Quero que na hora da minha morte, quando o Senhor me perguntar "Que fizeste do teu episcopado, que fizeste da tua graça episcopal e sacerdotal?", não possa ouvir da boca do Senhor: «Tu contribuíste para destruir a Igreja, tal como os outros!

Alguns repórteres me perguntaram: «Não vos sentis isolado?» Digo: «De maneira nenhuma. Estou com vinte séculos de Igreja». Dizem-me: «Julgais o Papa!». Monsenhor Benelli lançou-mo na cara: «Não sois vós que fazeis a verdade!» Deveras, que não sou eu que faço a verdade mas, também, nem o Papa».

Um murmúrio surdo acolheu estas palavras, e vêem-se repórteres sair para telefonar à sua redacção «A palavra da ruptura». Mas o Arcebispo continua:

[111] L'Express do 30 de Agosto, no dia seguinte ao da missa de Lille, relata que de facto «o General Videla, levado ao poder por um golpe de Estado, conseguiu in extremis (à risca) a rectificar a situação económica do País» depois duma inflação «de 800 % no decorrer dos doze últimos meses da presidência de Isabel Perón».

Em 1964: com o Cardeal Browne,
uma estratégia comum face ao drama do Concílio Vaticano II.

Na aula do Concílio. O *Coetus* desenvolve uma amizade de guerra.

Em 1965: o "núcleo denso" do *Coetus*, uma mão-cheia de Bispos determinados a travar o combate da Fé.
Padre Dulac, Mons. Cabana, Mons. Carreras, Padre Marcos Frota (de Fátima), Mons. Chaves, Padre Candido Pozo (de Granada),
S.Ex.as Rev.mas Graffin, Rocha, Monsilla, Tagle, Del Campo, Castrán Lacoma, Dom Prou, Mons. Lefebvre, um Padre Claretiano,
Mons. Castro Mayer, Padre Torrès Llorente, Mons. Cintra, Mons. Sigaud.

Em Março de 1964: com o Presidente irlandês Eamon de Valera.
"Quereis realmente servir na missa que vou celebrar amanhã?"

Segunda-feira de Páscoa (27 de Março) de 1967:
visita ao Padre Pio, o sacerdote estigmatizado.

Em 1971: colocação da primeira pedra na fundação do seminário de Ecône.
Com mais de sessenta anos de idade, recomeçar do nada e reconstruir.

Mons. Adam, Bispo de Sion, em visita a Ecône.
Um "sim" equívoco à construção do seminário.

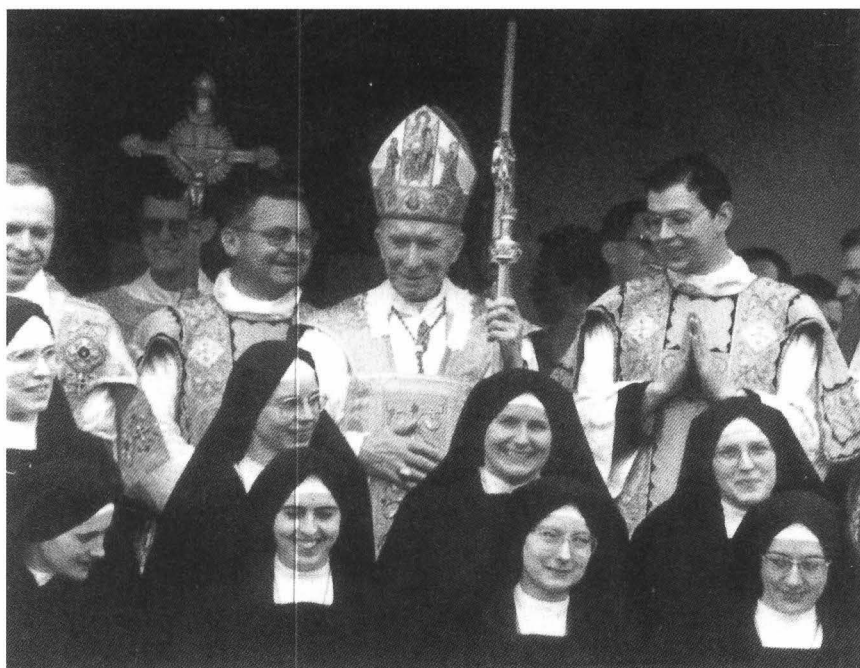
Em 1975: depois da "supressão" da Fraternidade,
a peregrinação romana com Michel de Saint-Pierre.

Em 1976: em Lille, a missa do «desafio ao Papa Paulo VI».

Em 1978: o apoio sem reserva a Monsenhor Ducaud Bourget
e aos católicos "ocupantes" da Igreja de Saint-Nicolas-du-Chardonnet.

O teimoso manso: “Tenho dois mil anos de Tradição comigo.”

Na ilha de Yeu, sobre o túmulo do Marechal Pétain.

A tonsura: «Senhor, sois a minha parte na herança.»

As Irmãs da Fraternidade: auxiliadoras do sacerdócio.

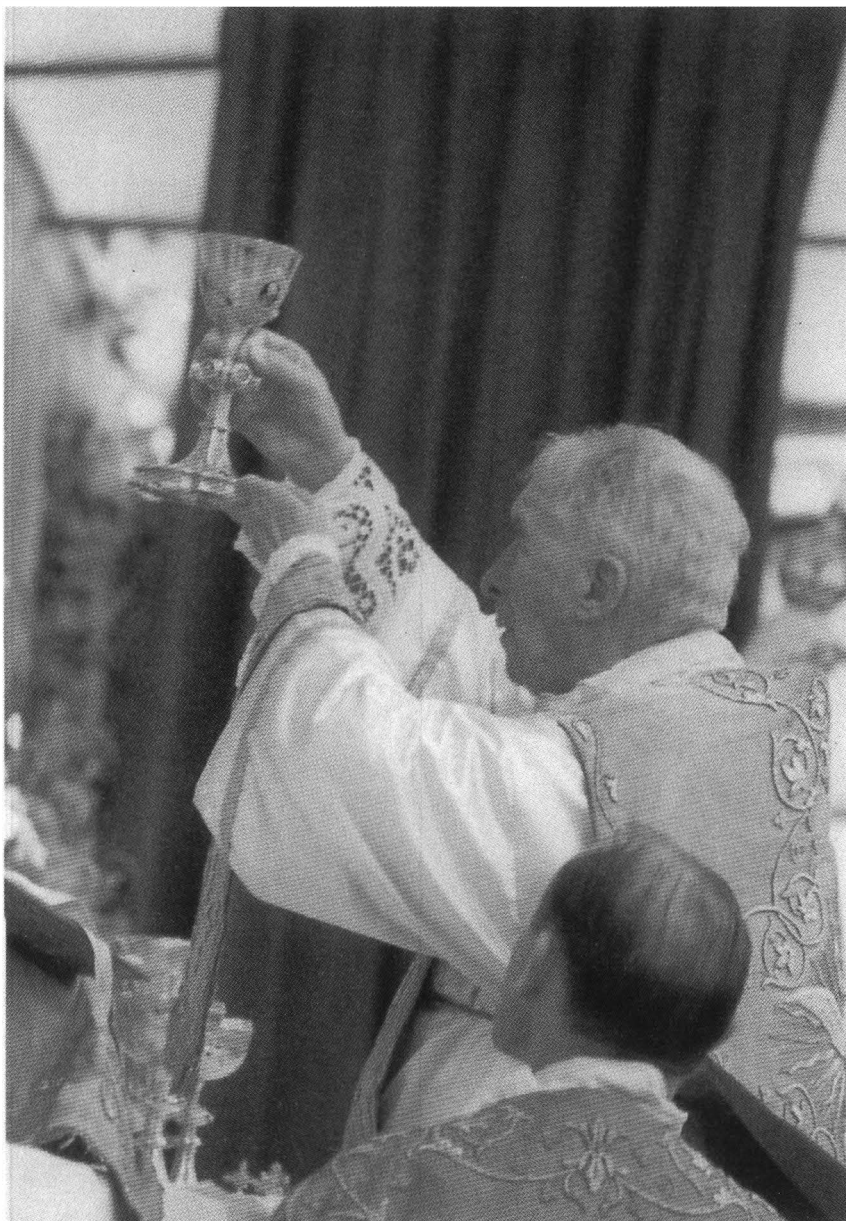
Em 1983: com Mons. de Castro Mayer, a carta aberta a João Paulo II

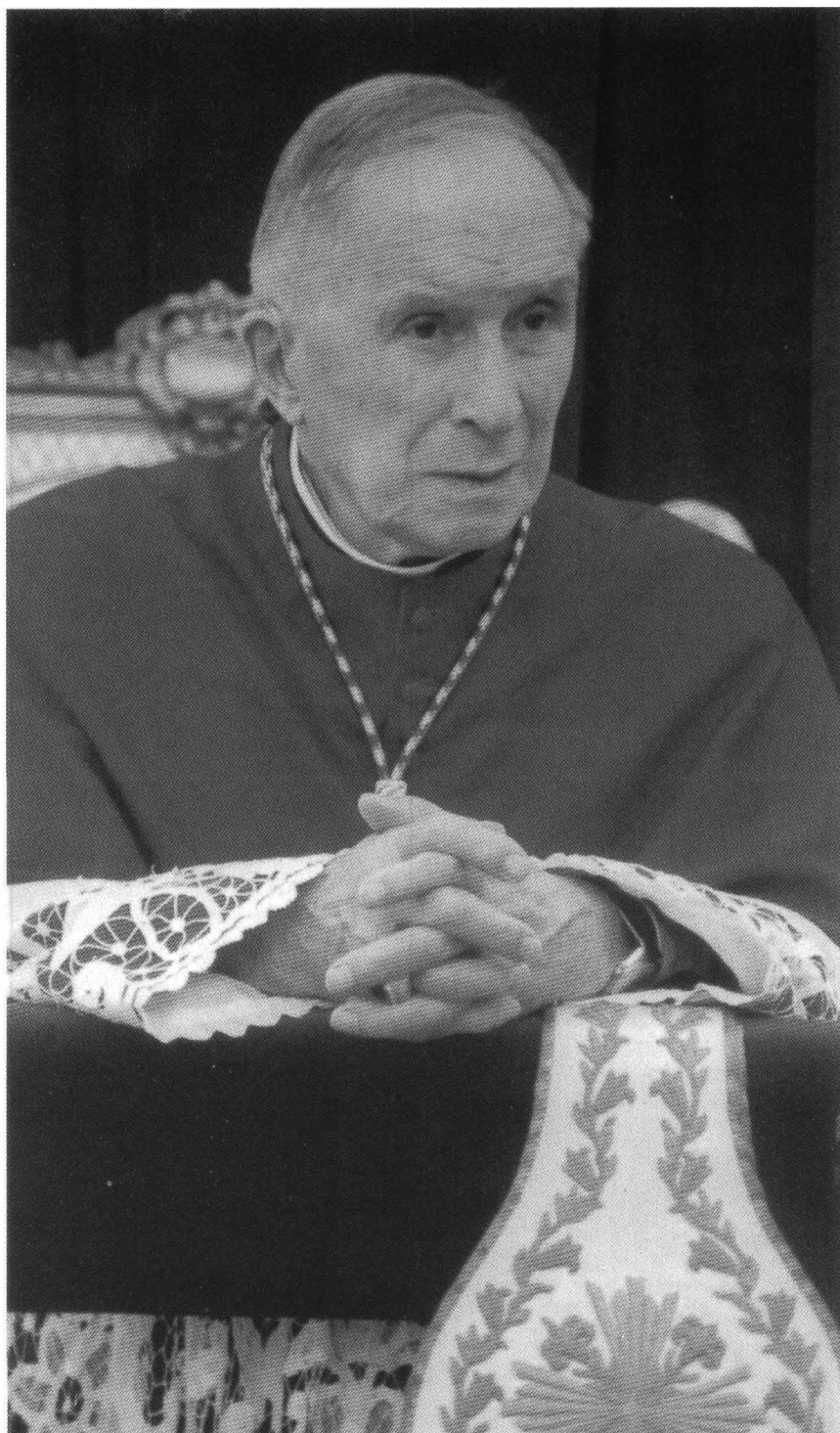
No dia 5 de Maio de 1988: a assinatura do "protocolo"
Satisfação e desconfiança. De pé, os Padres Laroche e Tissier de Mallerais, negociadores para a Fraternidade.

Em Junho de 1988: anúncio da "operação sobrevivência"

A 30 de Junho de 1988: as consagrações.
Assegurar a continuação do sacerdócio católico.

A 30 de Junho de 1988: os Bispos que transtornam a Roma neo-modernista.
À esquerda de Mons. Lefebvre: Mons. de Castro Mayer e o Padre Rifan, futuro bispo.

Missa pontifical na Igreja de Saint-Nicolas-du-Chardonnet:
a magnificência da verdadeira liturgia católica.

O “Mistério da fé”: o Preciosíssimo Sangue derramado para a Redenção

A Palavra de Fé: quando o Espírito Santo se apodera dele...

O olhar ardente sobre o futuro do sacerdócio.

No dia 2 de Abril de 1991: em Ecône, o funeral.
Missão cumprida: "Transmiti o que recebi."

«A verdade é Nosso Senhor Jesus Cristo; havemos de nos referir àquilo que toda a Igreja ensinou. Não sou eu que julgo o Santo Padre, é a Tradição. Uma criança de cinco anos, com o seu catecismo, pode tornar a ensinar o seu Bispo. Se o Bispo professa um erro, quem tem razão? O catecismo!
Se cada Bispo colocasse ao nosso dispor, ao dispor dos católicos fiéis, uma igreja... É o que eu pedirei ao Santo Padre, se ele de boa vontade me quiser receber: Deixai-nos fazer, Santíssimo Padre, a experiência da Tradição!» [112]

## *A audiência de Paulo VI*

«Se ele de boa vontade me quiser receber...» Monsenhor já não espera nada, quando, para sua grande surpresa, depois da sua missa em Besançon, encontrou Dom Domenico Labellarte, [113] sacerdote italiano enviado pelo Arcebispo de Chieti, amigo pessoal do Papa, por intermédio de Angeline, Condessa Albertini de Buttafoco, residente em Frasne.

«Algo mudou, assegurou o sacerdote, sereis recebido; o Arcebispo vos conduzirá junto do Santo Padre».

O Prelado aceita, e depois de passar por Fanjeaux, onde as religiosas dominicanas esperam por ele, foi conduzido a Albano pelo seu condutor, Marcel Pedroni. O inesperado aconteceu de facto. Marcel Lefebvre escreveu uma breve carta de solicitação de audiência:

«Nunca tive a intenção de agir contra a Igreja, tão pouco de ofender Vossa Santidade; lamento o dissabor que algumas das minhas palavras possam ter causado a Vossa Santidade».

Paulo VI fica abalado, telefona ao Cardeal Villot, o seu Secretário de Estado, que teme que Paulo VI, impressionável, chegue ao ponto de ceder. Para terminar, o Cardeal exige:

«Vossa Santidade não pode recebê-lo sem testemunhas. É necessário uma testemunha. Mandai vir Benelli.» [114]

E no dia 11 de Setembro, num Castel Gandolfo deserto, Monsenhor Lefebvre foi recebido por Paulo VI às dez horas e trinta. No escritório do Papa, encontra-se já Monsenhor Benelli, que ficará calado, mas que vigiava... Antes mais sobre Montini do que sobre Lefebvre.

---

[112] Texto integral no Itinéraires n° 207, Nov. 1976

[113] Filho espiritual do padre Pio, fundador duma Fraternidade sacerdotal. Cf. Michel de Saint-Pierre, Entrevista no Homme Nouveau, 3 de Outubro de 1976; Itinéraires n° 208

[114] Peter Hebblethwaite, Pablo VI, p. 553

- Vós condenais-me, começa Paulo VI febrilmente, sou modernista, protestante. Isso é inadmissível! Fazeis uma obra má.

Eu sinto, diz Monsenhor Lefebvre, que o Papa esteja ferido pessoalmente.

E então! Acabou por dizer Paulo VI, agora falai.

Santíssimo Padre, não sou o chefe dos tradicionalistas, mas um Bispo que, tal como numerosos sacerdotes e fiéis, está dilacerado, querendo ser fiel à fé e submisso à vossa pessoa. Ora, constatamos que as orientações tomadas desde o Concílio nos afastam dos vossos predecessores. Dum lado, as religiosas que se vestem à civil são admitidas, dum outro, as religiosas que há dois dias encontrei estão reduzidas ao estado de leigos e o Bispo veio cinco vezes mandá-las deixar o hábito. Igualmente, os sacerdotes fiéis ao catecismo de sempre, à Missa da sua ordenação, são expulsos para a rua; e os que já não têm nada de sacerdotes são admitidos.

O que não é admissível, é recusar o que exige o concílio.

Eu continuo o que sempre fiz, trabalhei trinta anos na formação dos sacerdotes e de repente sou suspenso.

Porque não quereis aceitar as mudanças, o Concílio.

Precisamente! Vede os frutos: Os Seminários vazios, e no nosso Seminário trinta e cinco vocações, apesar das provações.

Porque não aceitais o Concílio? Vós haveis assinado os decretos.

Há dois que não assinei.

Sim, dois, a liberdade religiosa e *Gaudium et Spes*. [115]

Eu estou a pensar então: os outros assinei por respeito pelo Santo Padre. Este continua:

E porque não a liberdade religiosa?

Ela contêm textos que, palavra por palavra, contradizem os ensinamentos de Gregório XVI e Pio IX.

Deixemos isso! Não estamos aqui para falar de Teologia.

Eu reflicto, mas isso é incrível!

Não tendes o direito de vos opordes ao Concílio; sois um escândalo para a Igreja, destruís a Igreja. É horrível isso,

---

[115] Paulo VI relata o que Monsenhor Lef afirmou publicamente durante os últimos meses passados: Não ter assinado os dois decretos conciliares. De facto, como nós já dissemos, o Prelado assinou todos os actos do Concílio.

levantais os cristãos contra o Papa e contra o Concílio. Em consciência, não sentis nada que vos condene?
Absolutamente nada.
Sois um inconsciente.
Tenho consciência de continuar a Igreja. Faço bons sacerdotes.
Isso não é verdade, fazeis sacerdotes contra o Papa, fazeis assinar um compromisso contra o Papa. [116]
Eu?

A esta alegação incrível, coloco a minha cabeça nas minhas mãos, vejo-me ainda a fazer este gesto e dizendo:

- Como isso será possível, Santíssimo Padre, que me digais uma coisa destas? Eu, fazer assinar um compromisso contra o Papa ! Podeis mostrar-me uma cópia desse «compromisso»?

Ele ficou estupefacto, tão persuadido estava da veracidade do que provavelmente o Cardeal Villot lhe tinha dito. Ele prossegue:

Condenais o Papa! Que ordem me dais ? O que devo fazer? Solicitar a minha demissão e então tomardes o meu lugar?
Oh (coloco de novo a minha cabeça nas minhas mãos)! Santíssimo Padre, não digais coisas assim. Não, não, não! Permiti que eu continue. Tendes uma solução nas vossas mãos. Basta apenas dizer uma apalavra aos Bispos: «Acolhei com compreensão estes grupos de fiéis que estão apegados à Tradição, à Missa, aos sacramentos, ao catecismo de sempre; dai-lhes lugares de culto». Estes grupos serão a Igreja, encontrareis vocações, isso será o melhor na Igreja. Os Bispos reconhecê-lo-ão. Deixai o meu Seminário. Deixai fazer a experiência da Tradição. Eu quero de boamente entrar em relação normal com a Santa Sé, através duma comissão que podereis nomear, que viria ao Seminário. Mas evidentemente, conservaremos e continuaremos a Experiência da Tradição.
Está bem vou reflectir, rezar, consultar a Congregação consistorial, a Cúria, isso são problemas difíceis. Vou escrever-vos, rezemos juntos.

Rezámos um Pai Nosso, o *Veni Sancte Spiritus* e o Ave Maria.

Reconduziu-me à sala ao lado, andando com dificuldade.

---

[116] Um tal compromisso nunca existiu, nem sequer nada de semelhante. O arcebispo foi portanto caluniado junto ao Papa. Isso pode explicar a ferida pessoal ainda viva do Papa Paulo VI.

«O diálogo não é impossível», concluiu ele, e separámo--nos. [117]

Mas qual podia ser a decisão de Paulo VI? A Jean Guitton, que lhe sugeria, dois dias antes, que autorizasse a Missa de São Pio V em França, o Papa Montini tinha respondido:

«Isso nunca! (...) Esta missa de São Pio V, como se vê em Écône, torna-se um símbolo da condenação do Concílio. Ora, nunca, em nenhuma circunstância aceitarei que se condene o Concílio por um símbolo. Se essa excepção fosse aceite, o Concílio seria abalado. E por via de consequência a autoridade apostólica do Concílio.» [118]

De facto, a decisão do Sumo Pontífice, contida nas dezoito páginas dactilografadas em Latim na sua carta de 11 de Outubro de 1976,[119] é uma recusa da posição de Monsenhor Lefebvre, ao qual Paulo VI censura a «sua rebelião», a «sua eclesiologia falsificada em pontos essenciais», pois que recusa «reconhecer no seu conjunto a autoridade de Vaticano II e a do Papa».

«Pretendeis ser juiz, vós sozinho, do que contém a Tradição (...) o conceito de tradição que invocais é falsificado. A tradição não é um elemento congelado ou morto, um facto de certa maneira estático que bloquearia, num momento determinado da História, a vida deste organismo activo que é a Igreja.»

Compete ao Papa e aos Concílios «discernir nas Tradições da Igreja» o que é imutável e o que há-de ser actualizado.

Devemos bem confessar que é muito mais a eclesiologia de Paulo VI que está a falhar. Porque a Tradição divina, uma das fontes da Revelação, é imutável[120] e, com os seus órgãos, Padres da Igreja, Concílios, Papas, doutores, Liturgia, é a regra do Magistério, o qual há de ser apenas o eco dessa mesma Tradição. Por detrás das censuras pontificais, perfila-se o erro da Tradição viva e evolutiva[121] e o dum Magistério absoluto que quer constituir a sua própria norma: o Magistério da Roma nova.

---

[117] COSPEC, 12 de Set. De 1976; COSPEC 34, 18 de St. 1976 , no Itinéraires n° 208, Dez. De 1976 e Fideliter n° 11, Set. 1979. Relatamos aqui uma síntese destas duas conferências; Chiron, 331

[118] J. Guitton, Paul VI secret, pp. 158-159, Hebblethwaite, 554.

[119] Texto integral no Itinéraires n° 208.

[120] Paulo VI confunde no seu Texto a Tradição divina imutável e as tradições eclesiásticas que se lhe associam e lhe servem frequentemente de órgãos, e estas sim podem mudar. Cf. Madiran, La condamnation sauvage de Monsenhor Lefebvre (A condenação selvagem de Mons. Lef.), comentário sobre o discurso ao consistório do 24 de Maio de 1976.

[121] «Recusais de aderir à Igreja viva», acusa Paulo VI, numa expressão nova e equívoca. Cf. Gustavo Corção, Itinéraires n° 207, pp. 30 sq.

«Roma fecha para nós todas as saídas, já não há possibilidade de abertura. Em Roma, espera-se pela minha resposta. Está bem! Diz Monsenhor Lefebvre, considero que a única resposta se inscreve nos factos. Responderemos pela existência do Seminário. E vou continuar a viajar pela Europa para esclarecer os católicos, ministrar-lhes os sacramentos válidos para *Omnia instaurare in Christo*: «Tudo instaurar e restaurar em Cristo.» [122]

[122] COSPEC 35 A, 18 de Outubro de 1976

# Capítulo XVIII

# Os Baluartes da reconquista

## 1. A parada dum confronto

### *Acusar o Concílio?*

Até 1975, Monsenhor acautela-se de atacar o Concílio e o Papa. No 30 de Maio de 1971, em conferência, declara aos seminaristas:

«Sobretudo nunca digais que Monsenhor é contra o Papa, contra o Concílio. Isso não é verdade!»

Muitas vezes, ele dizia «que não sabe e não quer saber se estas directivas vêm do Papa». Durante muito tempo ele quererá evitar colocar o Papa Paulo VI em causa, mas sem cair no simplismo de alguns fiéis, influenciados por mensagens algo duvidosas da Virgem, que consideram que «Paulo VI é inteiramente bom, mas prisioneiro da sua comitiva»

Mas quando, em 1975, Paulo VI lhe pede um «acto público de submissão ao Concílio Vaticano II, às reformas post-conciliares e às orientações que envolvem o próprio Papa», o Arcebispo declara:

«Eu estou de agora em diante constrangido a dizer todo o meu pensamento sobre o Concílio e as suas consequências. E pelo mesmo facto, hei-de tocar necessariamente na questão do Papa. Já não conseguirei evitá-la. Tentarei fazê-lo com delicadeza, mas também com a maior objectividade possível. »[1]

O prelado vai cumprir à letra este plano de campanha pela publicação da carta aos amigos e benfeitores n° 9, de 3 de Setembro de 1975, bem como o aparecimento do seu livro «J'acuse le concile» (Acuso o Concílio) em Setembro de 1976 e a edição das suas conferências de 1974 sobre o liberalismo, sob o título «Ils l'ont decouronné – Do liberalisme à l'apostasie, la tragédie conciliaire» (Eles destronaram-n'O – do liberalismo à apostasia, a tragédia conciliar), em 1987.

---

[1] Carta ao Geral Lecomte, 28 de Agosto de 1975

## *O liberalismo e o Concílio*

«Os papas (João XXIII e Paulo VI), escreve ele em 1975, favoreceram o equívoco do *Aggionamento*, de tal maneira que as ideias liberais se introduziram largamente no Concílio. »

O liberalismo pretende operar três libertações:

- Libertar a inteligência de todas as verdades objectivas impostas: a verdade faz-se e busca-se sem fim, ninguém pode pretender possuí-la exclusivamente;
- Libertar a fé face aos dogmas: é impossível admitir uma verdade revelada e definida para sempre;
- Enfim, libertar a vontade da Lei, cujos constrangimentos são contrários à dignidade da pessoa e à consciência.

Depreende-se disso, como o liberal está em oposição a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Sua Igreja!»

Dentre as consequências do liberalismo é necessário enumerar:

«A negação do Sobrenatural, portanto do pecado original, da justificação pela graça, do verdadeiro motivo da incarnação, do sacrifício da Cruz, da Igreja e do sacerdócio. »[2]

A missa já não tem por objectivo a aplicação da Redenção às almas, a cada alma. «Toda a reforma litúrgica está na linha desta orientação.» O liberalismo explica também a liberdade religiosa, o ecumenismo, a busca teológica, a revisão do direito canónico, diminuindo «o triunfalismo duma Igreja que se proclamava única arca de salvação».

## *A Urdidura liberal e o Concílio*

É necessário, manda Monsenhor Lefebvre, que consigamos pôr em evidência e denunciar o que sucedeu no Concílio, porque é daí que decorreu a subversão na Igreja.

«Ora, houve uma urdidura no Concílio, uma conspiração preparada com antecedência; eles souberam o que iriam fazer, e como iriam fazer isso. Sabiam quem desencadearia o processo. Tudo foi minuciosamente preparado. Agora, morremos do sucesso desta conspiração. Eu dizia ao padre Laurentin que estava cá no Domingo: «Sabeis bem que desde há dois séculos e meio, houve na Igreja duas famílias espirituais que lutaram uma contra a outra, violentamente: A família conservadora e a família liberal. »[3]

O Padre Delatte definiu estes dois grupos: os católicos integrais

---

[2] LAB n° 9

[3] COSPEC, 38 B, 17 de Janeiro de 1977, 194-195.

«que tinham como primeira preocupação a liberdade de acção da Igreja e manutenção dos seus direitos na sociedade, ainda cristã» e os católicos liberais «que primeiramente se esforçavam por determinar a medida de catolicismo que a sociedade moderna podia tolerar, e consequentemente convidar a Igreja a circunscrever-se a tais limites.»[4]

> «Durante um século e meio, acrescenta Monsenhor Lefebvre, os Papas condenaram os liberais, mas devo reconhecer que estes últimos triunfaram no Concílio. (...) Aproveitando-se dum Papa fraco (João XXIII) e dum Papa conquistado pelas mudanças radicais (Paulo VI), os liberais tomaram o leme, (...) a fim de ter a certeza de levar a cabo a revolução ecuménica tão desejada pelos inimigos da Igreja. Neste Concílio pastoral, o espírito do erro e da mentira conseguiu trabalhar à vontade, colocando por todo o lado bombas de retardador que no devido tempo estilhaçariam as instituições. »[5]

## *A «trilogia» conciliar*

> «O próprio Concílio transpôs as ideias do mundo moderno: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, para as suas doutrinas de Liberdade religiosa, Colegialidade e Ecumenismo» [6]; «e eles constituem os três princípios do liberalismo, que provêm dos filósofos do século XVIII e acabaram na revolução francesa. »[7]

À questão que colocam os liberais: «Qual é a isenção de constrangimento na ordem social que pertence ao Homem em razão da sua natureza e pode ser definida como um direito?», Monsenhor Lefebvre responde rejeitando a questão como capciosa: A liberdade é mal definida como ausência de constrangimento. Que constrangimento mais formidável do que a ameaça do Inferno? E é Deus que a impõe! A verdadeira liberdade não pode prescindir dos constrangimentos benéficos, por causa do erro e do pecado.[8]

Diz-se: «Não se deve exercer um constrangimento sobre os homens, enquanto não perturbam a ordem pública.»

«Isso é simplesmente desapossar toda e qualquer constituição

---

[4] Dom Paul Delatte, Dom Guéranger, Abbé de Solesmes, primeira edição, II, 11; secunda ed., p. 455; COSPEC 3 A, 20 de Dezembro de 1973.

[5] Princípios e directivas, 6 p. dactil., 1977

[6] Le coup de maître de Satan, (o golpe de mestre de Satanás) 13 de Outubro de 1974

[7] A missa de Lutero, 15 de Janeiro de 1975

[8] Découronné, (Destronaram-n'O) capit. 5

da sociedade civil que pudesse orientar a religião e a moral, ou contrariar por pouco que seja as pessoas» que se afastam publicamente do culto e da moral católica. «Esse conceito chega a tal ponto que vão agora dizer até que o Estado seria incompetente em matéria religiosa, que já não pode discernir qual é a verdadeira religião.»

O Cardeal Colombo declara:

«Lo stato non puo essere che laico.»[9] A Igreja chega a abençoar a laicidade do Estado e a secularização da sociedade civil. «Isso é, diz o Arcebispo Lefebvre, o que os maçons, e com eles todos os liberais, sempre desejaram.»

«Sem dúvida, a ideia não foi rejeitada no quadro duma sociedade favorecendo o catolicismo, onde os católicos forem mais numerosos. Mas isso vale também para o Islão, onde os muçulmanos fossem mais numerosos. Favorecer a religião católica porque é a única verdadeira, isso já não se quer!»

Ora, a finalidade desta laicização do Estado é:

«O desígnio do Demónio, que está por detrás da maçonaria: A destruição da Igreja Católica, deixando a todas as falsas religiões a liberdade de se exprimirem e proibindo ao Estado operar no sentido de edificar o reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo» [10]

«Quantos católicos são ainda capazes de aceitar que a obra da redenção de Nosso Senhor deveria cumprir-se também pelo instrumento da sociedade civil?» É no entanto a verdade, porque «tudo foi criado para Nosso Senhor Jesus Cristo».[11]

## *A liberdade religiosa: um cheiro de inferno*

E foi a Santa Sé, em aplicação do Concílio, que exigiu através dos núncios dos Países católicos, a renúncia ao princípio do reconhecimento público da única religião católica; Na Colômbia, por exemplo, a Constituição foi mudada neste sentido,[12] bem como em Espanha, apesar da repulsa exprimida em público pelos chefes de Estado. No Valais, Monsenhor Adam escreveu aos seus diocesanos para pedir-lhes que aprovassem a supressão do artigo confessional católico da Constituição valaiseana.[13]

---

[9] «O Estado apenas pode ser laico» Mons. Lef. Reage numa conf. Dada na casa da princesa de Palaviccini em Roma; o Cardeal responde no «Avvenire», 19 de Junho de 1977

[10] Entrevista com os três Cardeais, 1975

[11] COSPEC 46 B, 23 de Setembro de 1977

[12] Mons. Lef. Conf. A Barcelona, 29 de Dez, de 1975

[13] A votação, no dia 17 de Março de 1974, confirma a supressão. COSPEC, 21 de Março de 1974

«Eu fui ter com o Núncio em Berna, relata Monsenhor Lefebvre, para lhe questionar:

Sabeis o que faz Monsenhor Adam no Valais?
Sim, sei, respondeu Monsenhor Ambrogio Marchioni, e fui eu que o mandei fazer isso.
Como? Dizer que Nosso Senhor já não deve reinar no Valais?
Oh!, Mas agora isso já não é possível.
E o que fazeis da Encíclica Quas Primas do Papa Pio XI?
Oh! O Papa, agora, já não a escreveria.» [14]

Assim, em nome do Concílio, a Santa Sé favorece a morte dos Estados católicos.

«O resultado foi a invasão da América latina pelas seitas vindas da América do Norte, com muitos dólares, seitas que estavam proibidas até então pelos Estados para proteger a fé dos cidadãos. Estima-se agora entre 40 e 60 milhões o número dos católicos que apostataram (entre 1968 e 1988)».[15]

«Nosso Senhor mandou aos seus Apóstolos pregar o Evangelho a todas as nações», e não pregar a liberdade!

«Já na sua «mensagem aos governantes», no fim do Concílio, Paulo VI perguntava: «O que vos solicita a Igreja?» E respondia: «Apenas vos solicita a liberdade.» Isso é assustador! Acho isso medonho porque isso tem um odor infernal; a liberdade está constituída para obedecer a Deus, está na dependência de Deus. Mas não, quer fazer-se da liberdade um absoluto, sem referências a absolutamente nada; e é isso a liberdade religiosa. Monsenhor Pietro Rossano, citando Monsenhor Pietro Pavan, tinha-o dito, ele mesmo: «Sim, tinha-se mudado de critério: já não é a verdade, é a pessoa».[16] Esta confissão é fundamental, é toda a revolução conciliar».[17]

Este princípio, evidencia o Arcebispo, constitui a ruína de toda a autoridade na família, na Igreja, nas Sociedades religiosas.

---

[14] Audiência do 31 de Março de 1976. Cf. COSPEC, 1 de Abril de 1976; Conf. A Angers, 23 de Novembro de 1980; Mes doutes sur la Liberté religieuse, 185-186; Conf. a Sierre, 27 de Novembro 1988.

[15] Conf. em Sierre

Congresso reunido em Veneza, 1 de Maio de 1988. Il Regno-Documenti 9/88, p. 286-288: «Passagem do direito da verdade ao direito da pessoa humana... diferença essencial, desenvolvimento substancial». RETREC, 9 de Set. de 1988; Fideliter n° 66, p. 29 ; COSPEC 133 A, 3 de Março de 1989

[17] Confer. a Sierre, 27 de Março de 1988.

«É verdadeiramente a revolução interna, Não servirei, Non serviam! Isso é o grito de Satanás: «Não servirei! Não quero servir! Deixai-me em paz, deixai-me viver! Liberdade!»[18]

## *O Ecumenismo liberal*

O ecumenismo propõe-se juntar e unir as igrejas, empreendimento condenado por toda a Tradição e por Pio XI na Encíclica *Mortalium Animos*, que ensina o regresso dos dissidentes à unidade católica.[19]

Monsenhor denuncia, por consequência, o ecumenismo, fala muitas as vezes do «falso ecumenismo», porque dele apenas conhece como verdadeiro o espírito missionário de conversão dos dissidentes, o dum São Fidelis de Sigmaringen ou dum São Francisco de Sales.

«O ecumenismo, não constitui a missão da Igreja, diz ele; a Igreja não é ecuménica, é missionária. A Igreja tem o objectivo de converter. A Igreja ecuménica tem por objectivo encontrar o que é verdade nos erros e ficar a este nível. Isso é renegar a verdade da Igreja. Por causa deste ecumenismo, já não há inimigos. Aqueles que estão no erro são irmãos. Portanto já não é mister combater. Deixemos a hostilidade!»[20]

É por isso que Monsenhor condena os gestos ecuménicos dum Paulo VI, fazendo abençoar os Cardeais e Bispos, reunidos em São Paulo extramuros, pelo Primaz anglicano Ramsey, «laico, maçon e herege.» Recusa a ideia de Paulo VI das «igrejas irmãs» que pressuponha «uma Igreja dividida em si mesma».[21]

Mas em breve, «o ecumenismo liberal» abrangeu todas as religiões. O Prelado deve reagir: A Igreja reconhece tradicionalmente o baptismo de desejo, ao menos implícito, que possa conduzir as almas à salvação e que consiste na disposição sobrenatural de seguir a vontade de Deus. Mas o erro consiste em pensar que os muçulmanos, os budistas, se possam salvar pela sua própria religião. «Na sua religião talvez, mas não pela sua religião», porque o erro é um obstáculo ao Espírito Santo. Se pode encontrar-se a salvação em qualquer religião, porque, disse então Nosso Senhor aos seus apóstolos: «Pregai a todas as nações!»?

«Há uma lógica implacável na crença na divindade de Nosso

---

[18] Entrevista com o Padre Marziac, p. 11.

[19] 6 de Janeiro de 1928, EPS, L'Eglise n° 872.

[20] COSPEC 58 A, 14 de Abril de 1978; Cf. Confer. a Essen, 9 de Abril de1978, Steinhart, II, 119.

[21] Cf. Carta aberta a João Paulo II, 21 de Nov. De 1983

Senhor Jesus Cristo. Porque se se acredita na Sua divindade, há obrigação de crer que é o nosso Deus Incarnado. Somos obrigados a crer portanto que toda a Sua religião é verdadeira, pois que Ele é Deus, que a Sua Igreja é a única verdadeira religião, que, por consequência, as outras religiões não são verdadeiras religiões. São falsas religiões. Isso foi o meio utilizado pelo Demónio para retirar da verdadeira religião milhões de almas e de possuí-las no erro.»[22]

## *A aceitação ou recusa do Concílio?*

A História da Igreja tinha-nos ensinado a ver nos Concílios ecuménicos uma autoridade infalível. Se o Vaticano II foi a retransmissão dos erros liberais e modernistas, um problema teológico se coloca: Será um verdadeiro Concílio? Não seria antes um «conciliábulo»? Todavia, o Papa Paulo VI promulgou todos os decretos com a maioria esmagadora do Episcopado.

Isso é exacto, concede Monsenhor Lefebvre, mas sublinha, com muitos outros observadores, o carácter atípico deste Concílio Ecuménico que não só «evitou proclamar os dogmas afectados da nota de infalibilidade», como, confessou Paulo VI, mas também quis ser «Pastoral,» mais do que doutrinal, mesmo estando a doutrina presente em todo o lado. O Arcebispo refere-se muitas vezes à notificação feita ao Concílio no 15 de Novembro de 1964 pelo Secretário-Geral: Por causa do objectivo pastoral do Concílio, este apenas define como doutrina de fé o que declara como tal (isto quer dizer: nada) e a autoridade dos seus documentos depende do género de cada um.

Monsenhor Lefebvre comenta:

«O Concílio, de propósito e pela graça do Espírito Santo, quis ser apenas pastoral.»[23]

«O Concílio é um acto do Magistério não infalível e susceptível por consequência, de ser
influenciado pelo mau espírito»

Convém portanto exercer um discernimento, e o Arcebispo propõe o critério da Tradição; Então, diz ele, é admissível «aceitar o Concílio à luz da Tradição», o que significa «corrigir o Concílio no sentido dos princípios da Tradição.»

«É aliás o que o Papa Paulo VI começou por fazer colocando uma nota explicativa para o documento Lúmen Gentium. Confessemos que é uma coisa inédita num Concílio. (...) Trata-se portanto de

[22] Cf. Perplexes, 101-102; COSPEC 59 B, 8 de Junho 1978

[23] Le coup de Maître de Satan, 1974; o nosso Capit. XII, 2

aplicar o critério da Tradição aos diversos documentos do Concílio para saber o que podemos reter, o que está por esclarecer e o que está para ser rejeitado.»[24]

Alguns teólogos amigos porém, tal como o Padre Joseph de Sainte-Marie, [25] tentam «discernir entre o Concílio e a sua interpretação abusiva»

Na sequência do Canonista Dom Composta, o Arcebispo mostra que, pelo contrário todas as reformas, Liturgia, Sacramentos, Seminário, Congregações religiosas, etc., foram feitas em nome do Concílio e não apesar do Concílio.

«São os mesmos que redigiram os actos do Concílio e os que os colocam em aplicação. Sabiam muito bem o que faziam. Por consequência, estas reformas são a interpretação autêntica do Concílio. E tal como as reformas, justamente, acarretaram uma perturbação na Igreja, podemos dizer que a origem desta destruição da Igreja não se encontra apenas nas reformas, mas também se encontram no Concílio.»[26]

É por isso que, conclui Monsenhor Lefebvre, àqueles que nos dizem: «São os abusos, os exageros, as más interpretações do Concílio, ajudai-nos a limitar os estragos, a reencontrar e aplicar o «verdadeiro Concílio», Respondemos não: «Na medida em que se opõe a Tradição, recusamos o Concílio. »[27]

## *Paulo VI, Papa Liberal*

O mesmo critério se aplica ao Papa:

«Aplaudimos o Papa, eco da Tradição e fiel na transmissão da fé», mas não nos sentimos ligados pela obediência às novidades que vão contra a Tradição e constituem ameaça à fé». [28]

Mas como é possível que um Papa favoreça assim as novidades, e rompa com a transmissão do depósito da fé? Basta, responde ele, que Paulo VI seja o filho da sua geração. É aliás o que predisse e planificou a Maçonaria no século passado. A Alta-Venda, loja carbonária, elaborou «o atentado supremo». «O que devemos procurar e esperar, escreveu Volpe a Nubius, é um Papa conforme às nossas necessidades»; e por isso «Trata-se primeiro de lhe formar uma geração digna do reino que estamos a sonhar». Em alguns anos então

[24] Principes et directives, 6 p. Dáctilo.,1977
[25] Le Courrier de Rome n° 188, Janeiro de 1979
[26] COSPEC 70 A, 22 de Fevereiro 1979, pp. 441-442
[27] COSPEC 38 B, 17 de Janeiro de 1977, p. 195.
[28] LAB n° 9, 3 de Setembro de 1975

poderá ser eleito Papa um sacerdote formado segundo «as nossas doutrinas». E eis o objectivo deles: «Que o clérigo marche sob a nossa bandeira, mas pensando andar sob o estandarte das chaves apostólicas (...) Tereis pregado uma revolução em tiara e capa, andando com a cruz e a bandeira. » Assim, teremos «o triunfo da ideia revolucionária por um Papa.»[29]

Citando muitas vezes estes textos nas suas conferências, Monsenhor Lefebvre vê a aplicação disto na pessoa de Paulo VI:

> «Penso que reside aí a verdade àcerca de Paulo VI. O seu amigo, o Cardeal Danielou, tinha escrito isso mesmo num livro póstumo dizendo: "É evidente que Paulo VI é um Papa liberal". É a verdade histórica»: Paulo VI é como que o fruto do liberalismo, viveu no liberalismo, toda a sua vida foi impregnada pela influência dos liberais.[30] E não o escondeu: no Concílio, nomeou três moderadores liberais sobre quatro. Isso revela onde estavam as suas amizades. Louis Salleron explicou muito bem isso, descrevendo a fisionomia de Paulo VI: «Um rosto duplo»; é verdade tanto no sentido físico como moral: Às vezes tradicional em palavras e depois, nos seus actos, completamente oposto,[31] Perpetuamente flutuando entre as suas contradições, oscilante, regularmente, tal como um pêndulo, entre a Tradição e as novidades».

«Um tal Papa oferece uma possibilidade considerável aos inimigos da Igreja. » É por isso que estes o encorajam e o sustentam, tais como os Izvestias do 13 de Setembro de 1976, denunciando no Arcebispo suspenso o Bispo dos fascistas e da intolerância. «É um pouco incómodo ter amigos destes.»[32] Em todos os casos, para um Papa, «basta ser liberal para provocar toda esta desordem na Igreja». [33]

## *Um Magistério novo*

O artigo de Louis Salleron intitulado «Do caso de Écône à Igreja conciliar»[34] parece «muito importante» a Monsenhor Lefebvre que aconselha aos seus seminaristas a «lê-lo atentamente». O que é o

---

[29] Instructions permanentes de la Haute-Vente, (Instruções permanentes da Loja carbonária) 1820 e 1824. Cf. Cretinaueau-Joly, L'Eglise Romaine et la Révolution, (A Igreja romana e a revolução), 2 volumes, 1859, reprint Cercle de la Renaissance française, Paris, 1976, pp. 82-129. COSPEC 3 A, 20 de Dez. 1973.

[30] Cf. Yves Chiron, Paul v5, Le pape déchiré: Dom Montini et les FUCI; Monsenhor Montini e o «Rearmement moral»; as suas relações secretas com os sovietes, etc.

[31] «Sacrifício» do latim, Comunhão na mão, etc.

[32] COSPEC 42 A, 18 de Março de 1977, pp.229-230; Découronné, 113

[33] COSPEC, 70 A, 22 de Fevereirode 1979, p. 446

[34] Itinéraires, n° 209, Janeiro de 1977, p. 87

Magistério da «Igreja Conciliar» de que fala Monsenhor Benelli e que foi evocado por Paulo VI? O Arcebispo explica:

«Como não pode apoiar-se na Tradição, pois que o que nos manda não é conforme à Tradição, então instaura um Magistério novo, uma concepção modernista do Magistério, segundo a concepção condenada por São Pio X na Encíclica Pascendi, duma igreja viva, quer dizer que evolui e muda as suas fórmulas religiosas para ficar adaptada aos crentes a à sua fé. Sem dúvida, a Igreja é viva, todavia é necessário que se não trate dum Magistério que contradiga o que foi ensinado no passado. É necessário que seja uma explicação e não uma mudança. Ora, é isso que verificamos agora na Igreja, quando Monsenhor Benelli nos manda ser fiéis «à Igreja conciliar». «Em que consiste esta fidelidade?», pergunta Salleron. «Em que consiste esta novidade absoluta duma Igreja conciliar, distinta da Igreja católica? (...) Constatamos que um Magistério cada vez mais mal definido, fez da sua vontade própria a norma suprema da vida religiosa. »

«Isso, comenta Monsenhor Lefebvre, é capital. Esta frase, é absolutamente considerável. É contra isso que nós chocamos. «Obedecei, obedecei», dizem-nos, «Se não guardais a obediência ao Papa, não permaneceis na verdadeira Fé!» Mas o Papa está ao serviço da fé. A fé não está ao seu serviço. Não tem poder sobre a fé, pode definir o que já está na Tradição, explicitá-la, mas não dispor dela. Senão, «ele faz da sua vontade própria a norma suprema da vida religiosa». Todo o problema reside aí.»[35]

E Monsenhor Lefebvre cita Pio IX,[36] insistindo sobre a continuidade doutrinal própria do verdadeiro magistério, e depois de citar, seguindo Salleron, as confissões dos antigos peritos conciliares reconhecendo «com uma ingenuidade inverosímil» a ruptura entre o Concílio e o Magistério anterior, justificando-a em nome da «consciência histórica»[37] ou pelo facto de «que não nos podemos imobilizar num momento da História». [38]

«Neste quadro conceptual, conclui o Arcebispo, já não há possibilidade de verdade. Poderá dizer-se em cada instante, amanhã, que o que nós tínhamos dito hoje, já não vale nada, pois que amanhã nos encontraremos num contexto social diferente. Já não há fé possível, depósito imutável da Revelação. Nada mais fica». [39]

---

[35] COSPEC 37 B, 13 de Janeiro de 1977

[36] Alocução do 16 de Maio 1870, EPS L'Eglise n° 353

[37] J. Courtney Murray; Le Courrier de Rome n° 162, p. 14.

[38] Y. Congar, La crise de l'Eglise et Mgr Lefebvre, 51-52.

[39] COSPEC 38 A, 14 de Janeiro de 1977, p. 188

## *Ostpolitik e Reino de Cristo*

O Concílio inaugurou a Ostpolitik da Santa Sé:

«A recusa deste Concílio de condenar oficialmente o comunismo é por si só suficiente para cobri-lo de descrédito perante toda a História, quando se pensa nas dezenas de milhões de mártires, nas pessoas despersonalizadas cientificamente nos hospitais psiquiátricos, servindo a toda espécie de experiências». [40]

O Arcebispo denuncia a politica filo-comunista do Vaticano sob João XXIII e Paulo VI: Em primeiro lugar, nos países latinos que resistem ao comunismo, são nomeados cardeais-arcebispos tais como Vicente Enrique y Tarancón, em Espanha, D. António Ribeiro, em Portugal, Juan-Carlos Aramburu, na Argentina, e Raul Silva Henriquez, no Chile, para conduzir uma política contrária aos governos (COSPEC 47 A, 10 de Outubro de 1977). Na Itália, é o bispo mais vermelho, Monsenhor Luigi Bettazzi, Bispo de Ivrea, conhecido pela sua correspondência com Enrico Berlinguer, chefe do Partido Comunista Italiano (PCI), que foi eleito presidente internacional de Pax Christi (COSPEC 59 B, 8 de Junho de 1978).

Noutro lado, nos países comunistas, «Os bispos que outrora morreram nas prisões comunistas foram substituídos por bispos colaboradores dos comunistas, perseguindo os sacerdotes fiéis.»[41]

É uma traição: «retira-se à Igreja a sua coroa de mártires» (COSPEC 102 B, 28 de Outubro de 1983). Quer ignorar os Bispos clandestinos, a actividade da Igreja subterrânea; «Havemos de normalizar», nomear bispos nas sedes vacantes; mas em quais condições? Monsenhor cita o padre Floridi:

«É conhecido», diz o Padre jesuíta, «que os Bispos da Tchecoslováquia, consagrados por Monsenhor Casaroli, são colaboradores do regime.» Feliz por ter atribuído um Bispo a cada diocese húngara, o Papa Paulo VI, homenageou János Kadar,[42] (...) mas não dizia o preço elevado com que pagou esta «normalização»: a instalação de «sacerdotes da Paz» nos lugares importantes da Igreja. (...) De facto, grande foi a surpresa dos católicos quando ouviram o sucessor do Cardeal Mindszenty, Cardeal Laszlo Lékai, prometer intensificar o diálogo entre católicos e marxistas».[43]

[40] LAB nº 9, 3 de Setembro de 1975.

[41] Prefácio do Livro do Padre Denis Marchal, 13 de Nov.1986

[42] Cúmplice do esmagamento da Hungria em 1956; Bateu com a sua própria mão no Cardeal Mindszenty

[43] Ulisse Floridi, Moscou et le Vatican, France-Empire 1979, p.368-369; A.

«Os acordos de Helsinki foram patrocinados pela Igreja, do início ao fim,[44] constata Monsenhor Lefebvre; O primeiro Discurso foi feito por Agostino Casaroli, sagrado Arcebispo para a circunstância. » (COSPEC, 10 de Outubro 1977).

Em 1980, João-Paulo II enviará uma mensagem aos Estados signatários: «Liberdade de consciência e de religião». [45] Um ano depois, Monsenhor Lefebvre vê a resposta a esta reivindicação pontifical dos direitos humanos, frente ao poder comunista, no estado de sítio e na detenção dos chefes do Solidarnosc, decretados pelo Governo da Polónia (13 de Dezembro de 1981):

«Esta bofetada dada por Moscovo à Igreja», comenta ele, será suficiente para arruinar a odiosa Ostpolitik e fazer regressar à única atitude digna da Igreja Católica, a dos Papas Pio XI e Pio XII? (...) Não há diálogo a fazer com o Diabo, quer seja comunista ou maçon, devemos exorcizá-lo. (...) O Demónio não se importa com os direitos humanos, que ele inventou para acabar com os direitos de Nosso Senhor Jesus Cristo». [46]

«Em Roma, considera Monsenhor Lefebvre, tal como o seu amigo o Padre Putti, já não se sente, nas palavras e nas actividades, o espírito de fé. Dá a impressão de um governo humano que age e reage de maneira meramente humana» na maneira do mundo, animado «dum sistema de pensamento, duma doutrina, duma organização internacional, tal como o ONU, que ainda não é o governo mundial, mas lá chegará. Todo isso é radicalmente contrário ao reino de Nosso Senhor Jesus Cristo. » (COSPEC 71 A, 17 de Maio de 1979)

## *O erro do Sedevacantismo*[47]

«Como um sucessor de Pedro pôde, em tão pouco tempo, causar mais danos à Igreja que a Revolução Francesa de 1789? (...)

---

Casaroli, Il Martírio della pazienza, Einaudi, Torino, 2000, 158

[44] O principio VII do acto final, 1 de Agosto1975, afirma «A liberdade do individuo de professar e praticar sòzinho ou com outros, uma religião ou um credo segundo o «dictamen»(a ordem) da sua própria consciência.» Isso é Dignitatis Humanae. «Este princípio nos foi bem útil face aos sovietes,» dirá João Paulo II a Mons. Lef. que replicará in petto (interiormente): como mero argumento ad hominem não mais!

[45] DC 1798 (Dez. 1980), 1172-1175

[46] «D'Helsinki à Varsovie», Fideliter n° 25, Janeiro de 1982

[47] COSPEC 36 B, 2 de Dez. 1976; 42 A, 18 de Março 1977; 60 B, 5 de Outubro

Temos verdadeiramente um Papa ou um intruso sentado na Sede de Pedro? Bem-aventurados aqueles que viveram e faleceram sem terem de colocar, perante si mesmos, uma tal questão!»

Tal é a interrogação que coloca Monsenhor Lefebvre no *Cor Unum*, boletim interno da Fraternidade, no dia 8 de Novembro de 1979. Trata-se do defunto Papa Paulo VI – tal como durante o Verão quente de 1976 – mas em breve vai também tratar-se de João Paulo II.

«Como pôde acontecer, existindo a promessa da assistência de Nosso Senhor Jesus Cristo ao Seu Vigário, que este mesmo Vigário possa simultaneamente, por si próprio ou por outros, corromper a fé dos fiéis?»

Alguns dizem: Ele profere heresias, promulgou a Liberdade religiosa, assinou o artigo 7 do NOM, ora um herege não pode ser Papa, logo não é Papa, logo a obediência não lhe é devida. É uma lógica simples e confortável, que assenta numa opinião teológica que autores sérios sustentaram em abstracto. Mas no concreto, podemos afirmar a existência da heresia formal do Papa? Quem terá a autoridade para isso? Quem fará as advertências necessárias ao Pontífice para constatá-la? Mais, este raciocínio, na prática coloca a Igreja numa situação inextricável. Quem vai dizer-nos onde está o futuro Papa? Como poderá ele ser designado pois que já não há Cardeais, pois que já o Papa não é Papa? «Este espírito é um espírito cismático.» Além disso, «a visibilidade da Igreja é demasiadamente necessária à sua existência para que Deus possa omiti-la durante dezenas de anos. »

À lógica teórica do Padre Guerard des Lauriers,[48] Monsenhor prefere «uma sabedoria superior: a lógica da caridade e da prudência.»

«Talvez um dia, em trinta ou quarenta anos, uma sessão de cardeais reunidos por um futuro Papa possa estudar e julgar o reinado de Paulo VI[49]; Talvez venham a dizer dizer que havia coisas que deviam saltar aos olhos dos contemporâneos, afirmações deste Papa absolutamente contrárias a Tradição.

Eu prefiro até agora considerar como Papa aquele que está, ao menos, sentado na sede de Pedro; se um dia se descobrisse de maneira certa, que este Papa não era o Papa, teria feito na mesma o meu dever.

Fora dos casos em que usa do seu carisma de Infalibilidade, o

---

de 1978; Cor Unum n° 4, Nov. 1979; COSPEC 74 A, 11 de Dez. 1979; Monde et Vie, n° 324, Fevereiro de 1980; HOMEC 25 B1, 29 de Junho de 1982

[48] Mantém a ideia que Paulo VI é Papa «materialiter, mas não formaliter»

[49] O III° Concílio de Constantinopla anatematizou Honório após a morte, mas não declarou que não tivesse sido Papa.

Papa pode errar. Logo, porquê escandalizar-se e dizer: «Então ele não é Papa», tal como Arius se escandalizava das humilhações do Senhor dizendo, durante a sua Paixão, «Meu Deus, porque me abandonastes?» e raciocinava: «Logo, ele não é Deus!» Nós não sabemos até onde um Papa, «arrastado por não sei qual espírito, qual formação, submetido a que pressões ou por qual negligência,» pode arrastar a Igreja a perder a fé; mas «Constatamos os factos. Prefiro partir deste princípio: Devemos defender a nossa fé; aí é que está o nosso dever, isso não provoca a mínima dúvida.»

## 2. Um Diálogo sem fim

### *Porque eu continuo a ir a Roma*

Ao Padre de Nantes que reclama: «É necessário que um Bispo, (...), colega do Bispo de Roma, (...) rompa a sua comunhão com ele, enquanto não proceder à prova da sua fidelidade ao encargo do seu supremo Pontificado», Monsenhor responde: «Sabei que se um Bispo rompe com Roma não serei eu!» «Romper com o Papa é romper com Roma não é?» Mas o Padre Georges de Nantes prossegue os seus ataques, censurando Monsenhor Lefebvre por ter fundado, para salvar a Igreja, uma Igreja paralela, uma «Igreja de suprimento». [50] Não é bem assim, explica Monsenhor Lefebvre, são instituições de suprimento,

> «Desejo que um dia, todos os nossos Seminários possam ser devolvidos às mãos do Santo Padre. (...) O Nosso desejo profundo é de entrar em comunhão perfeita com ele, mas na unidade da fé católica e não num ecumenismo liberal. »

«Aguardando», diz o Arcebispo, «quero conservar este ambiente psicológico que permita relações fáceis; nunca me poderão condenar por ter tido uma atitude arrogante face ao Santo Padre.»[51] «Que fazer em face das pessoas em função? Encerrarmo-nos na nossa resistência como numa torre de marfim? Ou tentar convencer as autoridades romanas? Não tomarei o partido de romper o diálogo com Roma.»

Na sequência da sua carta aos amigos e benfeitores n° 16, o Prelado constata:

«Panfletos circulam contra mim. Sou um traidor e um Pilatos

---

[50] CRC 89, Fevereiro de 1975; Itinéraires n° 206, Outubro de 1976; UEP, ed. 1976, 273. G. De Nantes entregou à Santa-Sé, no 10 de Abril de 1973, o Liber accusationis: «A Paulo VI, Juiz soberano, queixa por heresia, cisma e escândalo a Propósito de Paulo VI.» Mons. Lef. é mais realista.

[51] COSPEC 58 A, 14 de Abril de 1978; 43 A, 27 de Março de 1977.

porque converso com Roma e peço ao Papa «que deixe andar a Tradição!» «Ainda não penso ter-vos entregue», replica ele diante dos seus seminaristas, «que o objectivo único das minhas diligências em Roma é tentar derrubar o muro de ferro que nos encerra, e fazer que milhares de almas se salvem por possuirem a graça de ter a verdadeira Missa, os verdadeiros Sacramentos, o verdadeiro Catecismo e a verdadeira Bíblia. É por isso que vou ainda a Roma e que não hesito em ir lá, de cada vez que me pedem para ir.» «Devemos tentar, se possível, converter» os liberais. «Que sejamos ao menos tolerados, isso seria já uma marcha para a frente notável; muitos padres regressariam à Missa, muitos fiéis se juntariam à Tradição. »

É por isso «não posso admitir que na Fraternidade, se recuse a rezar pelo Santo Padre e logo de reconhecer que há um Papa: Seria entrar num beco sem saída. Não quero conduzir-vos para um beco sem saída, colocar-vos numa situação impossível.»[52]

### *Da suspensão ao Indulto*

É o Papa Paulo VI que toma a iniciativa dum diálogo teológico com Monsenhor Lefebvre: em 10 e 11 de Maio de 1977, o Prelado teve conversas doutrinais com os Padres Édouard Dhanis SJ e Benoît Duroux OP, sem resultado. Depois em Junho, uma tentativa de mediação prática de Monsenhor Joseph Stimpfle, Bispo de Augsburgo, à qual se presta o Doutor Éric de Saventhem, fracassa. Ela é contudo conciliatória: Monsenhor aceita adiar as ordenações e aceita a interpretação do Concílio no sentido óbvio, por uma comissão de interpretação, enquanto que Roma anularia a notificação de 14 de Junho de 1977. Assim, todo o sacerdote, celebrando em latim, poderia utilizar o antigo missal, e as igrejas seriam colocadas à disposição para isso.[53] Paulo VI recusa.

No ano seguinte, Monsenhor Lefebvre é chamado a comparecer diante do Santo Ofício (a SCDF). A um questionário sobre o Concílio, a missa nova e os novos ritos dos sacramentos, o Prelado responde por 80 páginas de doutrina fundamentada sobre o Magistério constante.[54]

Em Junho, o Cardeal Seper encara novos «colóquios» com o Arcebispo que, não fazendo caso duma nova advertência, ordena dezoito sacerdotes em 29 de Junho de 1978. Em Julho, o Papa confia a Mon-

[52] COSPEC 76 B, 7 de Junho; 74 A, 11 de Dez. 1979

[53] Telex do16 de Junho 1977; Marechal 33; Fideliter n° 141, 1

[54] Mgr et le Saint-Office, Itinéraires n° 223, Maio de 1979, pp. 27-109; Marechal, 35-37

senhor Mamie o facto de estar decidido «a uma intervenção mais rigorosa»,[55] sem dúvida a ameaça duma excomunhão.

Mas, no dia 6 de Agosto de 1978, Paulo VI morre, depois de ter afastado do Conclave os Cardeais de mais de oitenta anos, medida contra a qual Monsenhor Lefebvre protesta colocando uma dúvida sobre as eleições futuras. Depois do pontificado efémero de João Paulo I, João Paulo II foi eleito em 16 de Outubro.

Desde o dia 18 de Novembro, por iniciativa do Cardeal Siri,[56] o Papa recebe o Arcebispo, que se diz pronto em «aceitar o Concílio na luz da Tradição», segundo uma fórmula utilizada pelo próprio Papa Wojtyla no 6 de Novembro:

> «O Concílio deve entender-se à luz de toda a Santa Tradição e na base do Magistério constante da Santa Igreja. »

O Papa diz-se satisfeito e apenas fez da celebração da antiga Missa «uma questão de disciplina». Foi então que o Cardeal Franjo Seper, chamado pelo Papa, exclama:

> «Cuidado, Santo Padre, com esta missa, eles fazem dela um estandarte!»

O Papa parece impressionado; preocupado por outros assuntos, deixa o Cardeal «arrumar as coisas com Monsenhor Lefebvre» e abandona a sala dizendo ao Arcebispo: «Parai, Monsenhor, Parai!»[57] Surpreendente reviravolta.

Nos dias 11 e 12 de Janeiro de 1979, em vez de ser atendido pessoalmente pelo Cardeal Seper, que o Papa encarregou de tratar pessoalmente do assunto Lefebvre, o Prelado é de novo examinado pelo Santo Ofício. Com o Cardeal Seper, estão presentes Monsenhor Mamie, o Padre Duroux e dois outros peritos. Aos seus interlocutores, que o censuram por dividir a Igreja, Monsenhor responde: «A História nos faz conhecer que esta divisão existe na Igreja já há dois séculos, pelo menos, entre católicos e liberais», estes últimos, condenados pelos Papas até ao Vaticano II, triunfaram no Concílio, «por um mistério insondável da Providência».

> «Quando penso que estamos no edifício do Santo Oficio, que é a testemunha excepcional da Tradição e da defesa da fé católica, não posso deixar de pensar que estou na minha casa, e que sou eu, a

[55] Mons. Pierre Mamie, Entrevista com o Padre Savioz, 16 de Março 1994, Savioz, anuário 27, p. 3

[56] Cf. B. Lai, pp. 283-285; E. Cavaterra, pp. 166-167. O Cardeal se gabava de ter conseguido obter de Mons. Lef. «A aceitação de todo o Concílio», mas a restrição formulada pelo Arcebispo era capital.

[57] Entrevista com André Cagnon

quem chamastes «o tradicionalista», que deveria julgar-vos»[58]

Em seguida, Monsenhor inquieta-se ao ver-se, contrariamente à intenção de João Paulo II, submetido ao procedimento ordinário do Santo Oficio e por conseguinte, ao julgamento dum tribunal composto de onze Cardeais entre os quais, a seu ver, Villot, Garrone e Wright, já o tinham condenado. Desde então, sob o conselho do Padre Putti, ele rompe o encadeamento do procedimento e envia o auto ao Papa com dois pedidos: Erecção da Fraternidade em prelatura nullius com um Bispo à cabeça, e o envio dum cardeal visitador.

Posteríormente, desde o fim de 1980, um ano antes da morte do Cardeal Seper e a sua substituição a SCDF (Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé) por Joseph Ratzinger, vários cardeais oferecem os seus bons ofícios: Palazzini, Casaroli, Baum (Seminários), Oddi (Clero), Gonzales-Martin, e a seguir Ratzinger e Thiandoum. Monsenhor Lefebvre faria uma declaração sobre o Concílio, o Papa e os novos ritos, e a Santa Sé concederia a todos os sacerdotes a liberdade de usar do antigo Missal, com uma reserva, no entanto: que os sacerdotes da Fraternidade se comprometam a celebrar o Novo Rito quando razões pastorais o exigirem.[59]

> «Como quereis, já replicou Monsenhor Lefebvre na altura do seu jubileu, que eu pronuncie sobre o cálice da minha ordenação palavras que não aquelas que pronunciei há 50 anos sobre este cálice?»

Doravante os manejos vão estagnar-se e, no que respeita à liberdade geral, foi na sequência duma consulta ao Episcopado mundial, realizada pelo Cardeal Knox, que foi outorgado um indulto a 3 de Outubro de 1984: Os Bispos poderiam conceder o uso do missal antigo contanto que os sacerdotes e os fiéis que o pedem, declarem publicamente «não ter nenhuma participação – nullam partem – com os que colocam em dúvida a legitimidade e rectidão doutrinal do novo missal.»

«Nullam Partem», é a exclusão pronunciada contra os sacerdotes fiéis à Missa tradicional por razões de Fé. Este indulto, considera no entanto Monsenhor Lefebvre, «vai mudar talvez completamente o clima de perseguição».[60] Até mesmo... O requerimento organizado pela Fraternidade para «libertar» o Missal de sempre, mesmo tendo bem recolhido 129 842 assinaturas, não terá efeito algum visível.

### *3. Fortalezas missionárias*

---

[58] Marechal, 37

[59] Confer. À Fraternidade, 8 de Set. de 1980; COSPEC, 15 de Dez. De 1980

[60] Entrevista com o jornal Présent, 17 de Outubro de 1984

Felizmente, Monsenhor organizou-se para permanecer. Ao Cardeal Ratzinger, que escreveu, na sequência de Urs von Bathasar, que «a dissolução das fortalezas é um dever urgente»,[61] Monsenhor Lefebvre replica pelos factos: Para conservar a fé e depois para propagá-la, é mister constituir praças de cristandade que irradiem.

## *Os Priorados*

«Os Priorados constituem simultaneamente fortalezas e faróis da cristandade, donde é disseminado o alimento espiritual nos corpos de guarda avançados».[62]

Um grupo de sacerdotes, com uns frades, levam uma vida comum exigida pelos estatutos. O fundador considera esta vida comum muito adaptada a um apostolado de diáspora, e indispensável ao sacerdote para preservar o seu sacerdócio. Às vezes, em certas fundações, os sacerdotes encontraram-se isolados, mas isso acontece apenas em caso de emergência. Monsenhor recordará muitas vezes o benefício da vida em comum, que assegura ao sacerdote uma vida regular, uma vida de oração.

Mas a vida de comunidade não significa uma vida enclausurada; a Fraternidade «é essencialmente apostólica porque o sacrifício da Missa também o é» (Estatutos, I, 2). Assim, os sacerdotes irradiam nos arredores, indo celebrar as missas, ensinando o catecismo nas capelas vizinhas ou nas «missões» afastadas que servem em cada semana, ou cada mês, ou mesmo cada dois ou três meses, «como no sertão», diz Monsenhor Lefebvre. Neste último caso, o sacerdote habita no local vários dias, depois do que regressa ao seu bastião, para nutrir as suas forças espirituais e preparar os seus sermões, catecismos, conferências.

O «Priorado ideal»,[63] considera Monsenhor Lefebvre, encontrar-se-á, não no meio da cidade, mas nos arredores e já nos campos, para garantir ao sacerdote o recolhimento necessário e para preservá-lo das visitas incessantes dos fiéis. A capela, situada na cidade, será pelo contrário, o lugar privilegiado do apostolado.

Contudo, o Priorado poderá acolher as crianças para pequenos exercícios espirituais e os adultos para retiros. Mas mais geralmente, os exercícios espirituais serão pregados nas casas especializadas, onde afluirão cada ano centenas de exercitantes

[61] Les principes de la Théologie catholique, Téqui, 1985, p. 437

[62] Esboço da conferência prevista em Saint-Nicolas-du-Chardonnet no dia 5 de Maio de 1988, e adiada para 10 de Maio.

[63] Confer. em Saint-Nicolas-du-Chardonnet, 10 de Maio de 1988, Cor Unum 30 de Junho de 1988

encorajados a ser «apóstolos dos exercícios» por uma associação de perseverança.

Uma pequena escola primária paroquial terá lugar não muito longe do Priorado, mas não directamente no Priorado mesmo. O Prior assegurará a direcção, mas as aulas serão asseguradas pelas Irmãs, as oblatas, professores primários ou professoras primárias. Assim, o trinómio Priorado, escola primária e capela urbana, é o modelo dum apostolado metódico e agradável para todos.

### *Escolas secundárias*

Por causa das necessidades, os sacerdotes da Fraternidade deverão assumir a direcção de escolas secundárias de rapazes, ou de fundar novas. Quando o início se averigua como difícil, Monsenhor Lefe-bvre encoraja os seus filhos à sua maneira por um «não tendes direito ao fracasso!»

Estes colégios, tal como os que dirigem as dominicanas docentes de Brignoles e de Fanjeaux para raparigas, atraem famílias na sua vizinhança; no entanto, as distâncias favorecem mais frequentemente o regime do internato. Monsenhor teria bem preferido um só grande colégio por distrito ou por país, mas preferiu-se multiplicar os pequenos colégios, com a excepção de Saint-Mary's no Kansas, com as suas centenas de alunos e a sua paróquia em crescimento constante.

O internato exige da parte das famílias sacrifícios afectivos e financeiros consideráveis, mas a preservação da fé e costumes das suas crianças, bem como uma formação inteiramente católica em todas as matérias ensinadas, tem a prioridade sobre a facilidade ou o bem-estar, segundo a palavra de ordem do Arcebispo.

Por iniciativa de professores universitários, Monsenhor Lefebvre aprova a fundação em Paris, em 1980, dum instituto universitário São Pio X que conduz os estudantes, na base da filosofia cristã, até à licenciatura em Literatura, História ou Filosofia. Saint Mary's irá neste encalço.

A obra escolar da Fraternidade conseguiu formar personalidades católicas, chefes de famílias cristãs e mães de famílias numerosas, e oferece a Deus a matéria de sólidas vocações sacerdotais e religiosas.

### *«As vossas Capelas são as vossas paróquias»*

As capelas improvisadas pelos leigos e depois retomadas em conta ou criadas pela Fraternidade não são, apesar das aparências, «paró-

quias paralelas», porque os sacerdotes encarregados de almas não têm a jurisdição dum pároco; São instituições de suprimento. No entanto, Monsenhor Lefebvre assevera aos fiéis: «As vossas capelas são as vossas paróquias»,[64] quer dizer: não frequentais as paróquias diocesanas, mas encontrais junto aos vossos sacerdotes e nos vossos lugares de culto a Santa Missa e os sacramentos, bem como todas as actividades desejáveis, de tipo paroquial.

Certos distritos da Fraternidade podem comprar igrejas existentes ou até construir de raiz, outras novas. Em França, a necessidade conduz a que nos apoderemos delas... No dia 27 de Fevereiro de 1977, uma multidão de católicos, incentivados na sala da «Mutualité,» em Paris, pelos Padre Coache e Monsenhor Ducaud-Bourget, entram em procissão na igreja vizinha de Saint-Nicolas do Chardonnet, celebram com solenidade a missa tradicional e... Aí permanecem.

Na mesma tarde, na Antena 2, um sacerdote em traje civil interpela o padre Coache:

– Sabeis que Monsenhor Lefebvre vos desaprova?»

– Não sei de nada, responde firmemente o Padre.

Tem razão, a desaprovação apenas vem do Director do Seminário de Écône, o Cónego suíço René Berthod, que emitiu uma dúvida sobre a prudência deste acto de força do Padre combativo. Monsenhor Lefebvre, de viagem pela Alemanha, guarda-se de desaprovar mas teme a expulsão dos ocupantes. De regresso em Écône, no dia 3 de Março, escreveu o seu apoio a Monsenhor Ducaud-Bourget:

> «Estamos convosco de todo o nosso coração. Fizestes tudo para que uma solução equitativa seja dada a esta situação intolerável dos católicos mais fiéis, impedidos de rezar nas igrejas. É bem o tempo para os nossos templos católicos de tornarem-se de novo igrejas católicas, é a justiça. Finalmente numa igreja de Paris, Nosso Senhor Jesus Cristo será honrado como dever ser. (...) Que este exemplo encoraje os que têm a responsabilidade de colocar as igrejas ao dispor dos verdadeiros fiéis e dos verdadeiros sacerdotes. »[65]

E ao seu amigo Renato Varani, o Arcebispo confia: «Deveria tomar-se uma igreja por diocese!»[66]

## *As obras*

Em cada distrito da Fraternidade, ou mesmo na amplitude, desen-

[64] Sermão dos 10 anos em Genebra, 27 de Outubro de 1985

[65] Minute dos dias de 9-15 de Março de 1977

[66] MS I, 31, 33

volvem-se obras variadas: cruzadas eucarísticas das crianças, com êxito, as arquiconfrarias de acólitos ou de apostolado da oração renascem, o escutismo católico continua. A partir de 1976, os sacerdotes da Fraternidade tornam-se capelães do movimento da Juventude Católica de França: Criado em 1970 por jovens, o MJCF organiza actividades de férias apontadas para a conversão dos jovens e fundamentadas numa formação doutrinal e apostólica dos «animadores». Numerosos são os frutos em baptismos e vocações.

Desde o início, Monsenhor Lefebvre acautelou os seus sacerdotes contra «o carácter misto» (rapazes e raparigas) deste movimento; mas, enquanto não tolera a coeducação nas escolas secundárias, tolera-a no movimento MJCF em razão das circunstâncias e do objectivo missionário do movimento. Espera que se consiga reduzir esta mistura de sexos e exige muitas precauções quanto à participação dos sacerdotes nos acampamentos mistos.[67] Nos países de língua alemã, a Katholische Jugengbewegung (KJB) (Movimento Católico de Juventude) foi fundado pelo Padre Schmiedberger segundo o tipo de MJCF, bem como outros movimentos de juventude em diversos países.

A obra de imprensa foi encorajada por Monsenhor Lefebvre. Em 1973, deseja «a edição duma revista pequena para refutar, dar a verdadeira doutrina».[68] Em Janeiro de 1978, ao Padre Aulagnier, que lhe apresenta o primeiro número da revista *Fideliter*, para o distrito da França, o Arcebispo lança uma indirecta, com o seu modo arreliador e vivo:

«Isso parece um pouco «Pot-pourri» (miscelânea), a vossa tarefa... Com a condição de que não seja um nado-morto!»

Todavia, a revista permanecerá! Bem como o Angelus nos Estados-Unidos e o Mitteilungsblatt na Alemanha, e muitos outros, aos quais vêm ajuntar-se verdadeiras casas de edição publicando toda a espécie de livros e boletins: aventuras, biografias, doutrina, combate da fé, etc.

## *Uma cruzada para refazer uma cristandade*

No seu sermão do jubileu sacerdotal, a 23 de Setembro de 1979, às portas de Versalhes, em Paris, perante dez mil ouvintes, Monsenhor Lefebvre, depois de ter narrado o que podemos chamar «a gesta do Sacerdócio e da Missa», fez um apelo a «uma Cruzada

[67] COSPEC 41 A, 17 de Março de 1977
[68] COSPEC, 10 de Janeiro de 1973

apoiada sobre a Missa», a fim de «refazer uma cristandade»: cruzada dos jovens, que irão diligenciar para encontrar um verdadeiro ideal, escolherão um estado de vida ou um cônjuge «pela castidade, a oração, a reflexão, sem se deixarem arrastar pelas paixões»; cruzada das famílias cristãs: lares consagrados ao Sagrado Coração de Jesus Cristo, rezando em família, desejosos de receber «o mais belo dom de Deus: numerosos filhos, rejeitando os estribilhos abomináveis que destroem a Família», se possível fazendo a escola em casa, regressando ao campo «que é são, aproxima de Deus, equilibra os caracteres, encoraja ao trabalho.

Cruzada igualmente dos chefes de família: «Não tendes o direito de deixar o vosso País invadido pelo comunismo e o socialismo; deveis militar nas eleições para ter presidentes de câmara católicos», segundo a verdadeira política, a do Cristo-Rei, que aponta à conversão dos chefes de Estado, pela graça da Santa Missa: «Eu vi, diz o Arcebispo, esta graça operar em África, não há razão para que não seja activa aqui»

Finalmente, uma cruzada dos sacerdotes para animar a cruzada: logo, sacerdotes santos.

A todos, sacerdotes e fiéis, Monsenhor Lefebvre dirige uma solene exortação: «Para a glória da Santíssima Trindade, para o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a devoção à Santíssima Virgem Maria, por amor da Igreja, por amor do Papa, por amor dos Bispos, dos Sacerdotes, de todos os Fiéis, pela salvação do mundo, pela salvação das almas, conservai o Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo! Conservai a Missa de sempre!» [69]

Dez anos mais tarde, celebrando os vinte anos da Fraternidade em Friedrichshafen, o Arcebispo admirou longamente o estupendo rejuvenescimento da assistência, no prazo de 13 anos, desde a missa que celebrou no fim do Verão Quente, em 24 de Outubro de 1976; o seu apelo à cruzada das famílias numerosas foi muito bem recebido.

No fim dos anos de 70, desenvolvem-se em França o «Centro Henri e André Charlier» e a Comissão «Chrétienté et solidarité» (Cristandade e Solidariedade), fundada por Bernard Antony, chamado Romain Marie, que esteve na origem do jornal *Présent* de Jean Madiran. Entusiasmam-se pelo combate travado no Líbano e na Polónia contra os inimigos da Cristandade, mas a doutrina débil do movimento e o alistamento das forças católicas sob as bandeiras destas peregrinações a Chartres, inquietam pouco a pouco Monsen-

[69] Fideliter n° 12, Novembro 1979, p. 13

hor Lefebvre. O Prelado lamenta a demasiadamente vincada dependência do jornal *Présent* face ao Front national de Jean-Marie Le Pen, personalidade política cuja coragem Monsenhor admira. Ele admite que se apoie o combate politico deste homem, mas lamenta o desconhecimento do Reino social de Cristo neste partido. [70]

Na véspera da sua morte, Monsenhor acautela o Padre Aulagnier contra a ambiguidade duma certa Acção Católica dentro da Tradição.[71] Distingamos, recorda ele, «o ensino doutrinal tão grave hoje em dia, bem como a formação para as virtudes cristãs,[72] área em que os leigos apenas são colaboradores do apostolado do sacerdote, do papel destes leigos na família, na profissão e na cidade, que é o apostolado específico deles, no qual o clero apenas colaborará. Distingamos para unir sem confundir! O Arcebispo lamentou o rombo da «Cité Catholique» praticado pelo próprio fundador, Jean Ousset.[73] Quem retomará a tocha em alicerces ainda mais sãos? Doutro lado, os esforços dum gnosticismo[74] renascente que ameaça penetrar nos meios da Tradição, bem como o neo-paganismo duma «Nova direita», suscitam a sua vigilância: «esforcemo-nos, avisa ele, para ter os olhos bem abertos para com estas actuações muitas perigosas contra o combate que travamos» [75]

## 4. O Arcebispo e as suas tropas

### *Tropas fiéis e crise interna*

A fidelidade de grande número dos seus sacerdotes à sua linha doutrinal, «Nem herege, nem cismático», nem liberais, nem doutrinários, regozija Monsenhor Lefebvre. Infelizmente, o Demónio está no interior da obra para semear o joio nas tropas do Arcebispo, que exorta às vezes os seus discípulos de maneira surpreendente:

«Se me engano, diz ele, abandonai-me! Podeis averiguar. A

---

[70] Confer. Espiritual em Flavigny, 11 de Junho 1988

[71] Cartas dos 20, 21 e 23 de Junho 1990 ao Padre Aulagnier; Carta na altura dos 20 anos do MJCF, Fideliter n° 79, pp. 28-29

[72] Expressão bastante vaga que reflecte uma certa imprecisão de pensamento. Neste assunto, o Arcebispo tinha sido muito mais claro no Concílio. Cf. Capitulo XII, n°1

[73] COSPEC 26 B e 27 A, 10 e 12 de Fevereiro de 1976

[74] Teoria da salvação atribuindo a salvação ao conhecimento mais do que à conversão moral, por uma doutrina mais elevada do que o cristianismo vulgar que ele gnosticismo pretende englobar.

[75] Carta de 1987, em Lecture et Tradition n° 290, Abril de 2001

tradição, possuí-la em toda a Biblioteca, podeis verificar. »

A Fraternidade foi sacudida periodicamente pelas febrezinhas do zelo amargo, ou dessorada pelo prurido do liberalismo. Aos seus seminaristas que se arvoram ruidosamente em «anti-liberais» e consideram os outros como liberais, o fundador recorda:

«Deveras, deveis estar a par dos erros modernos, porque pregar a verdade é também pregar o afastamento do erro; mas não façais dum aspecto secundário e negativo o aspecto principal! A primeira finalidade não é de lutar contra o erro mas de conhecer a verdade. O objectivo das vossas preocupações é o estudo, a vossa santificação, o silêncio, a meditação e o exercício da caridade. »

O Bispo deverá isolar uns perturbadores que introduziam uma dialéctica em Écône. Por outro lado, se reafirma a necessidade de combater os erros e o liberalismo, recorda a natureza profunda deste combate:

«O nosso combate é sobrenatural, contra os poderes espirituais dos demónios e dos anjos maus, um combate de gigantes: não um combate de discussões, uma justa intelectual. Entrais na História da Igreja entrando no Seminário, mas travais um combate que não se situa no plano natural, ou então estais completamente fora da verdade. O nosso combate situa-se no plano da graça divina. Preparai-vos filosoficamente, mas a graça que convencerá as almas, obtê-la-eis apenas pela oração, o sacrifício, a mortificação, a santidade vivida.»[76]

Eis o anti-liberalismo de Monsenhor Lefebvre. Ai meu Deus! O Arcebispo não é sempre escutado, e ramos portadores de muita esperança destacam-se do tronco, juntam-se à «Igreja Conciliar» ou caem miseravelmente.

Dum lado ficaram os seminaristas assustados por um cisma fantasmático para onde lhes parece levá-los o fundador e que se refugiam numa semi clandestinidade (1977) ou na legalidade conciliar (1974, 1976, 1981, 1986) e acabam por ser devidamente reciclados.[77] Um Seminário especial Mater Ecclesiae vai desempenhar este papel efémero em 1986. Doutro lado, alguns sacerdotes e seminaristas, seduzidos pelas teses «sede-vacantistas» (cátedra de Pedro vazia) que confortam o seu zelo exagerado ou activista, fazem secessão

[76] COSPEC 27 B, 28 A, 13 e 23 de Fevereiro de 1976

[77] COSPEC 54 A, 9 de Janeiro de 1978. Mons. Lef. Dá as notícias do «Seminário romano anti-Écône». Um dos seminaristas, antigo de Écône, em curso de reciclagem, confessa : «fizeram-nos vir cá para destruir a nossa vocação».

(1983, 1985, 1989) e transformaram-se, às vezes, em ilusórios «sacerdotes independentes», divididos entre eles, muitas vezes encurralados pela lógica do seu espírito, a receber as ordens, até mesmo o episcopado, das mãos de bispos enganados ou ilegítimos, tal como os da linhagem do Arcebispo de Hué, Monsenhor Pierre-Martin Ngô-dinh-Thuc.

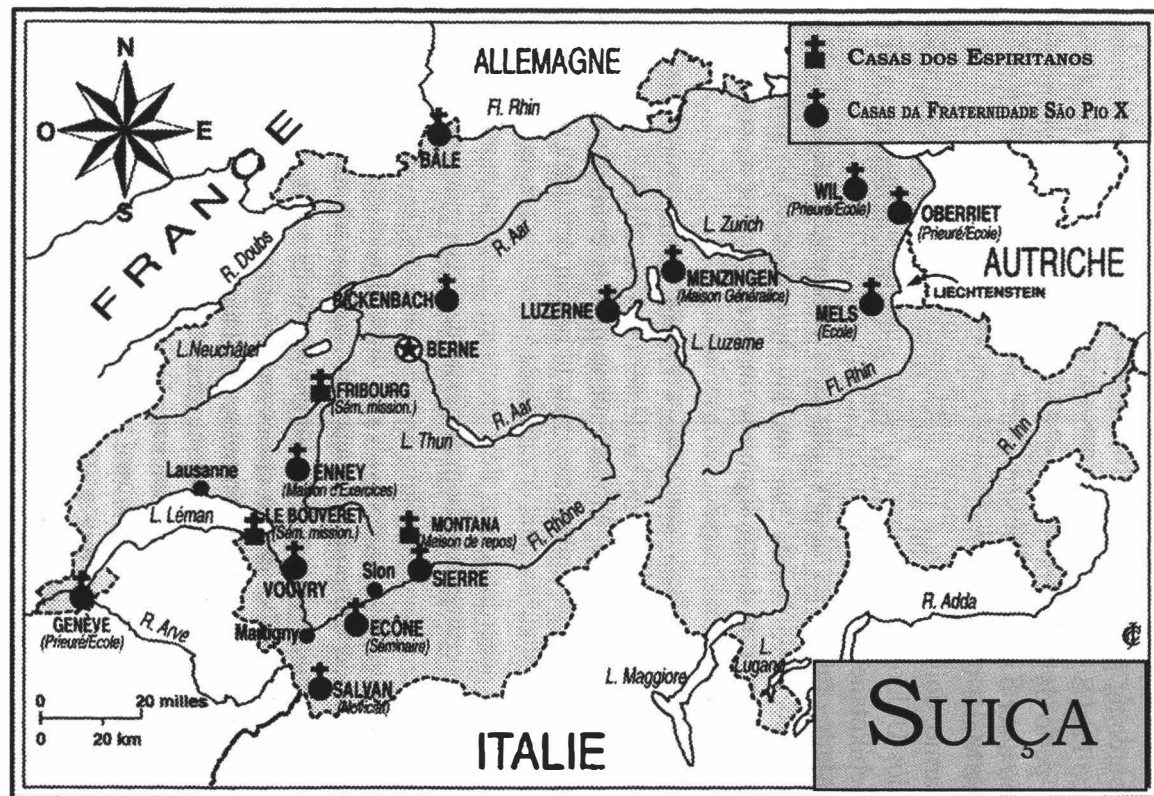
As crises mais graves afectarão primeiro Écône, em 1977,[78] pois que o director e três professores irão tentar uma breve experiência na Bretanha com um grupo de seminaristas. Depois será a volta aos Estados-Unidos na primavera de 1983, e Monsenhor deverá ir ao próprio local para constatar a rebeldia de nove dos seus sacerdotes: «Já não podemos trabalhar juntos», dir-lhes-á ele antes da separação definitiva. No ano seguinte ver-se-á ainda três sacerdotes americanos deixarem a Fraternidade no próprio dia a seguir à sua ordenação, desprezando os seus compromissos sagrados de fidelidade à sua Sociedade e de obediência ao seu Prelado. Enfim, o Seminário da Argentina, em 1989, foi desertado por metade dos seus seminaristas, lançados numa aventura sem saída pelo antigo director. Outras tantas dores para o fundador assim enganado por alguns dos seus filhos!

Um dos seus colaboradores, o Padre Urban Snyder, censurará Monsenhor Lefebvre por ordenar com demasiada facilidade candidatos de que não está absolutamente seguro. O Prelado reconhecerá, às vezes, como outrora em África, o seu excesso de confiança; mas a necessidade dos fiéis não faz a lei?

### *As sociedades religiosas amigas*

Num enquadramento muito feliz, a obra de Monsenhor Lefebvre estava acompanhada por sociedades religiosas amigas, cuidadosas com o combate da fé e da fidelidade à vida religiosa. Vimos a generosa colaboração das dominicanas de Poncalec, nos inícios de Écône; estas religiosas distanciaram-se pouco a pouco do Prelado por causa duma mal entendida fidelidade a Roma. As dominicanas docentes de Brignol e de Fanjeaux, inìquamente sancionadas ou expulsas pelos Bispos locais, encontraram no Arcebispo uma fina compreensão, e a sua obra de educação, anterior à obra docente da Fraternidade, vai servir de complemento feminino essencial.

Em 1973, Monsenhor Lefebvre visitou a sua Irmã Christiane, carmelita em Parkes, na Austrália. Cinco anos passam quando uma jovem moça da Argentina pede ao Arcebispo: «Há um Carmelo tradicional em França?» No navio que o leva de volta a França, Mon-

[78] Aulagnier, 130-132

**Neste país que gosta, Monsenhor Lefebvre constituiu uma Provincia Espiritana e mais tarde um distrito da Fraternidade São Pio X**

senhor Lefebvre escreve a Madre Marie-Christiane:

«Rezo por todas as tuas intenções, em particular pela a duma fundação carmelitana em França. As vocações não faltam... »

O Prelado ainda ignora nesta altura,[79] que a sua Irmã decidiu efectivamente realizar esta fundação. Reencontrada por uma co-irmã, Irmã Marie-Pierre, vinda tal como ela na transferência do Carmelo de Tourcoing para a Austrália, instala-se provisoriamente perto do pároco Paul Schoonbroodt, na Bélgica, e depois adquire no mesmo País, perto da fronteira francesa, em Quiévrain, um convento que tornou a ser o Carmelo do Sagrado Coração. As vocações afluem e Madre Marie-Christiane fundará em seguida cinco outros conventos do Carmo: dois em França, um na Alemanha, um na Suíça e um nos Estados-Unidos. Monsenhor Lefebvre encoraja-a, seguindo como em Sebikotane o adágio, «Um Seminário, um Carmelo».

A Madre fundadora obteve dos seus superiores eclesiásticos a autorização de vir fundar na Europa. Mas quando o Núncio na Bélgica se informa da sua ligação com «o Bispo suspenso», o tom muda. Pouco importa, escreve Monsenhor:

«Comovem-se? Isso constitui a prova da importância da conservação da Tradição. » [80]

À Prioresa da América, Monsenhor resume assim o papel da carmelita:

«Empolgar as almas para a santidade pelo seu exemplo e a sua oração. Os sacerdotes e os fiéis precisam deste exemplo e destas orações para continuar o bom combate da fé contra os assaltos do inferno.» [81]

Finalmente, o Arcebispo decide que uma ligação federativa unirá os conventos do Carmo da tradição sob a autoridade da Prioresa de Quiévrain, depois da morte da fundadora, debaixo da alta responsabilidade dum filho seu no episcopado; A Prioresa e o Bispo em questão, assegurarão por suprimento «o vínculo real dos Carmelos à Igreja Católica e Romana».[82]

Assim, Monsenhor vai apoiar também o Padre Coache e a sua Irmã, Madre Thérèse-Marie que, na casa Lacordaire de Flavigny, reanima as Irmazinhas de São Francisco de Assis, fundadas em Angers em 1873 por Madre Josephine Renault. Monsenhor encorajou também Madre Marie de Magdala na sua fundação das Pequenas

---

[79] COSPEC 46 A, 23 de Setembro de 1977

[80] Carta à Madre Marie-Christiane, 22 de Agosto de 1978

[81] Carta à Madre prioresa de Spokane, 3 de Novembro 1990

[2] Carta às prioresas, 29 de Dez. De 1990

Servas de São João Baptista, segundo o espírito do Padre de La Chevasnerie, no Rafflay, perto de Nantes. Outras comunidades vão receber o apoio do Arcebispo: a obra de Étoile para as crianças na miséria, do Padre Maurice Raffali, em Nîmes; as beneditinas de Notre-Dame de Toute Confiance (Nossa Senhora de Toda a Confiança), de Madre Gertrude de Maissin em Lamairé; as Dominicanas contemplativas de Avrillé; as Clarissas de Morgon; as Irmãs de Oásis, do Padre Muñoz, perto de Barcelona; os Discípulos do Cenáculo, fundados pelo Padre Putti em Velletri, perto de Albano. Por outro lado, em Países germanófonos, as Irmãs de Maria do Precioso Sangue, na Suíça Alemã e as Irmãs Enfermeiras de Mayence,[83] sentem a influência benéfica da Fraternidade.

## *Para fazer renascer a vida religiosa*

Monsenhor não ignora as aspirações de alguns dos seus seminaristas para a vida religiosa mas, diz ele, por experiência, «é difícil tomar uma regra de vida contemplativa e dedicar-se à vida missionária». Assim, admite que eles possam deixar a Fraternidade no dia «em que a vida dominicana, a vida franciscana ou carmelita renascesse», para fazer um ensaio de vida em comum, séria, guiados por um religioso da ordem renascente».[84]

O Padre Lecareux deseja fundar uma Fraternidade da Transfiguração segundo o espírito de Monsenhor Vladimir Ghika. O Arcebispo aprova o desejo:

> «Se a vossa Fraternidade é verdadeiramente susceptível, em tempo normal, de ser reconhecida pela autoridade episcopal, não vejo porque eu não aceitaria.»[85]

Em contrapartida, desaprova, com a sua maneira discreta, uma outra fundação religiosa, cujos estatutos, estima ele, não seriam normalmente aprovados.

O Prelado vai encorajar, com a mesma largueza de vistas mas no respeito do mesmo espírito da Igreja, outras fundações religiosas. No dia 6 de Janeiro de 1972, em visita ao mosteiro de monjas beneditinas de Jouques, encontra Dom Gerard Calvet, monge beneditino olivetano de Tournay que, desde 1970, vive em Bédoin, na proximidade duma linda igreja romana do Vaucluse, e recebeu a bênção do Abade para tentar fazer um ensaio de vida monástica tradicional.

---

[83] Priestly and Religious Communities of the catholic Tradition, SSPX, Dublin, 1983, 62p.

[84] COSPEC 35 A 2, 29 de Novembro de 1976

[85] COSPEC 46 A, 23 Setembro 1977

A seriedade da vida religiosa do monge e a sua afeição pela liturgia de sempre, permitiu a Monsenhor Lefebvre garantir a Dom Gérard, desde 1974, a ordenação dos seus candidatos ao sacerdócio, mesmo se, com o decorrer dos anos, a ansiedade da comunhão eclesial e beneditina vai consumir pouco a pouco a capacidade de resistência do Mosteiro «às Sereias romanas». O entusiasmo dos benfeitores permite aos monges construir uma abadia de belo estilo românico, no Barroux. Um convento de Beneditinas, fundadas em Uzès, vem estabelecer-se na proximidade dos Beneditinos, enquanto que o Convento do Barroux funda Santa Cruz, a sua sucursal no Brasil, nas montanhas de Nova Friburgo.

Um padre capuchinho, Romain Potez, em religião, o Padre Eugène de Villeurbanne, outrora missionário na África central, já lá encontrara Monsenhor Lefebvre; em 1971, fez a doação duma parte da herança para a construção de Écône. Animado pelo Padre Dulac que lhe aconselha «Não espereis mais: os romanos apenas esperam estas infracções para os legalizar depois!», o Padre Eugène instala-se em Verjon, perto de Lyon, e participa este renascimento da vida capuchinha, canonicamente bastante «selvagem», a Monsenhor Lefebvre, que lhe responde: «Que Deus abençoe os verdadeiros renovadores! Possam unir-se sobre a verdadeira liturgia da Santa Missa e o hábito religioso, bem como sobre o oficio divino!» [86]

E o Arcebispo, verdadeiro filho da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, conferiu com gosto as ordens aos seguidores da santa pobreza e da mortificação do Poverello.

Assim também, em 1978, o Prelado acolhe em Écône os primeiros membros duma família dominicana nascente, oriunda do MJCF; receberam o hábito de São Domingos das mãos do Padre Guérard des Lauriers OP, e foram amparados pelo Padre Eugène e por Dom Gerard. É portanto divididos entre Écône e Avrillé, que os frades dominicanos se iniciaram à teologia e à vida religiosa antes de receber, uns após outros, as ordens das mãos de Monsenhor Lefebvre. O Arcebispo prodigalizou-lhes os seus conselhos e encorajará a fundação da sua revista teológica, *Le sel De La Terre*.

Finalmente, um Padre redentorista, Michael Sim, Neo-Zelandês, veio encontrar Monsenhor Lefebvre em Écône, e recebe dele, no mesmo espírito da Igreja, o encorajamento de fundar, na esfera de Santo Afonso de Liguori, um mosteiro redentorista na Inglaterra.

Recebendo em Avrillé, em 1981, a profissão perpétua do primeiro

---

[86] Carta ao padre Eugène, 26 de Agosto de 1972. Cf. Yves Chiron, Veilleur avant l'Aube, le Père Eugène de Villeurbanne, Clóvis, 1997, pp. 382-384

Superior dos jovens dominicanos, o Prelado exprimiu a sua satisfação «de presenciar e de amparar a ressurreição» desta Ordem religiosa. Deveras, não recebi «delegação do Mestre Geral da Ordem», mas «se não seguimos a letra do direito, ao menos seguimos as leis fundamentais», uma das quais é «o dever de conservar e de fazer renascer» o estado religioso «que constitui uma prova da nota principal da Igreja: a Santidade». Todos estes jovens que «em vez de se preocuparem com coisas efémeras (...) se consagram a Deus duma maneira definitiva», são uma manifestação da santidade da Igreja, da nota «mais convincente, a mais atractiva» da Igreja. [87]

Além disso, todos os religiosos são apóstolos; apoiarão e completarão, cada um à sua maneira, o apostolado da Fraternidade.

### *Tropas auxiliares*

As tropas do prelado de Écône são também os numerosos sacerdotes amigos, quer isolados, quer fundadores, quer congregados em associações sacerdotais, tal como a associação Noël Pinot, do Padre Michel André. Monsenhor Lefebvre gosta, em viagem de confirmação por todos os continentes, de visitar amigavelmente estes sacerdotes; até mais, pregar-lhes retiros para sustentá-los na santidade e no zelo sacerdotal. Recebe-os de boa vontade em Écône, e nos outros Seminários, na altura das ordenações, em que a imposição das mãos deste veteranos na cabeça dos recém-ordenados é rica em significado.

Finalmente, as tropas de Monsenhor Lefebvre, são as multidões dos fiéis que frequentam as suas capelas, ou outras, mesmo se o Prelado se recusa, a justo título, a ser o «chefe dos tradicionalistas». São também os presidentes das associações de S. Pio V ou de S. Pio X, orgulhosos do seu combate, às vezes zelosos da sua autoridade, e de quem o jovem sacerdote, recentemente formado em Écône, apenas parece às vezes ser o vigário... O Arcebispo incita os seus filhos à paciência, e ao grande respeito para com estes leigos de grande mérito.

## 5. «Ocupar o terreno»

A velha divisa de Monsenhor Kobès é também a de Monsenhor Lefebvre. Um número de cerca de dez a vinte e cinco de novos sacerdotes são-lhe disponibilizados cada ano, formados nos seus Seminários: Écône, Armada (que se desloca a Ridgefield no Con-

[87] Sermão do 27 de Abril 1981; Lettre d'Avrillé n° 18

necticut, e depois a Winona, no Minnesota), Weissbad (que emigra para Zaitzkofen, na Baviera profunda) em 1978, Buenos-aires que começa em 1979, onde Monsenhor Lefebvre ordena dois primeiros sul-americanos, em 1980, Seminário que em breve desloca para La Reja, primeiro debaixo dum modesto alpendre com chapa ondulada. Outros Seminários apenas formam «espirituais» e «filósofos»: Albano, de 1979 a 1982, Flavigny a partir de 1986, e Holy Cross, na Austrália.

### *Recrutamentos frescos e meios materiais*

As tropas frescas permitem aos superiores de distritos de enxadrezar paulatinamente os seus Países, fundando novos priorados e novas capelas em lugares judiciosos, conformes às necessidades dos fiéis.

Antes de dar luz verde à compra dum prédio, Monsenhor quer sempre visitá-lo, da cave até ao sótão, com um arquitecto ou um dos seus amigos empreendedores suíços. A aquisição exige às vezes astúcia de Sioux por causa das oposições possíveis... Nomeadamente eclesiásticas.

Da mesma maneira, a escolha da sede de distrito é cuidadosamente estudada, aceite ou decidida pelo fundador: Assim, o Padre Aulagnier deverá deixar o seu querido Pointet, por ordem superior, para se dirigir para Suresnes, perto de Paris, mais central como é evidente. Monsenhor exerce a sua vigilância tendo em vista uma instalação material suficiente, como outrora em África.

«Não quero casas luxuosas, diz ele, mas um mínimo de facilidades para um apostolado eficaz.»

Através do seu ecónomo geral, vela sobre a independência financeira e jurídica das casas e das obras, condição da sua independência espiritual, «que só assim permite a afirmação da verdade integral».[88] Conselheiros jurídicos indicam os meios para receber heranças e legados.

Realista, o Arcebispo redige duas vezes por ano uma breve «carta aos amigos e benfeitores» que relata os progressos da obra, ilustrada com fotos escolhidas.

«Esta carta é o nosso ganha-pão. É recordar aos amigos que existimos e não vivemos apenas de ar e água pura. É necessário pôr esta carta em envelope!»

A maior parte dos benfeitores são gente modesta que fazem do-

[88] Aulagnier, 142

nativos regulares de 20 francos, de 50 francos. Uma pobre mulher envia cada mês dos Estados-Unidos um cheque de três dólares. O ecónomo pergunta a Monsenhor Lefebvre:

> Não seria melhor dizer-lhe para enviar uma soma agrupada todos os seis meses? Porque eu pago dois dólares de direitos para cobrar o cheque.
> Não, responde Monsenhor, recordai a viúva do Evangelho.

O fundador recomenda aos seus filhos: «sede poupados; São José ajuda-nos na medida em que não haja desperdício daquilo de que os benfeitores se privam por nós.»[89] Mas por outro lado, «Não entesoureis, gastai o dinheiro que se vos dá».

«Sobretudo não façais mentir Nosso Senhor, «buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça, e tudo o resto vos será dado por acréscimo», porque se buscais o dinheiro, o dinheiro vos escapará. Sede apostólicos e São José vos dará sempre.»[90]

## *Jurisdição e apostolado de excepção*

É sempre a necessidade espiritual dos fiéis que permanece a lei suprema, que legitima o apostolado dos sacerdotes da Fraternidade em tempo de crise: tanto a sua instalação num lugar, como a sua jurisdição sobre as pessoas. A jurisdição dos sacerdotes nestas circunstâncias de excepção, nem é delegada pelos Bispos diocesanos, nem territorial, mas exerce-se sobre as pessoas que necessitam dela, em caso após caso, segundo um suprimento previsto pelo Direito Canónico, seja nas normas particulares (Can. 882, 1098, etc. ), seja nas regras gerais (can. 209), seja na lei suprema, «a salvação das almas». É neste sentido que o Arcebispo diz aos seus sacerdotes: «São os fiéis que vos dão a jurisdição.» É mister tomar estas palavras «cum grano salis» (com um grão de sal isto é com uma certa dose de bom humor). Monsenhor Lefebvre invoca muitas vezes o «perigo de morte espiritual das almas, abafadas pela falta de graça e encontrando-se nas circunstâncias excepcionais», para empregar a «liberalidade da Igreja» no suprimento.[91]

Em 12 de Janeiro de 1979, interrogado pelos teólogos do Santo Ofício sobre o princípio que dirige a sua acção episcopal, na desobediência à letra do Direito Canónico, até mesmo «contra a proibição formal do Papa», ele responde:

«Não, não actuei a partir dum princípio (...). São os factos, as

[89] COSPEC, 28 de Novembro de 1977
[90] O Padre J.-Y. Cottard, MS II, 20-21
[91] COSPEC 43 A, 27demarço 1977; Cor Unum n°16, Out. 1983

circunstâncias em que me encontrei que me constrangeram. »

Mas, explica ele aos seus seminaristas, se houver necessidade de recorrer a um princípio, enunciaria assim:

«Constatando que, em países inteiros, os Bispos já não exercem a sua autoridade para assegurar a transmissão, fiel e exacta, da fé e da graça, e constatando até que Roma parece tacitamente aprová-los, um Bispo tem o dever de fazer tudo o que estiver no seu poder para que a fé e a graça sejam transmitidas aos fiéis que legitimamente as reclamam; sobretudo para a formação de santos e verdadeiros sacerdotes, formados em tudo segundo o espírito da Igreja, mesmo quando estes sacerdotes tiverem apenas uma incardinação fictícia. Fazendo isso, não agiria contra o Papa, mas fora do Papa, sobretudo quando todo o contacto com o Papa lhe é proibido. Agiria assim para o bem máximo da Igreja, para a salvação das almas, conforme o exemplo de outros Bispos, tais como Santo Atanásio, Santo Eusébio de Verceil, no tempo dos arianos (Cf. Dom Grea, L'Eglise et sa divine Constitution, I, 209-232 (A Igreja e a sua divina Constituição)».[92]

Sem o querer, Monsenhor Lefebvre esboça aí o princípio que lhe permitirá, quase dez anos mais tarde, consagrar legitimamente Bispos. A História mostra em que circunstâncias calamitosas pôde desenvolver-se uma tal «acção extraordinária do Episcopado», «bispos desempenhando por si próprios, diz Padre Grea, citado por Monsenhor Lefebvre, este papel de médico das Igrejas desfalecidas», por impossibilidade de recorrer ao Papa.

Ora, é disso que se trata, diz Monsenhor Lefebvre, Roma confessa não poder actuar: «Ah sabeis, nós não podemos ir contra as conferências episcopais!», disse-me o Cardeal Wright ao qual eu apresentei o catecismo do Canadá para ver se ele (catecismo) ainda professava a fé católica. O Cardeal Seper respondeu-me que «são os leigos que salvarão a Igreja porque aqui, em Roma, já não podemos cuidar de tudo». E Monsenhor Adam, que solicitava a intervenção de Roma num caso preciso, foi despedido com estas palavras: «Ide à Conferência Episcopal». O Episcopado está paralisado ou perdeu a ortodoxia, e Roma diz não poder agir. Iremos nós deixar os fiéis perder as suas almas? Devemos nós abandonar o futuro da Igreja?»[93]

---

[92] COSPEC 70 A, 22 de Fevereiro 1979, pp. 443-445; Cor Unum n° 3, Junho 1979; Mons. Lef. Et le Saint-Office, Itinéraires n° 233, pp. 159-160; Cf. Dom Grea, Op. Cit., Casterman, 1964, 235-238: Action extraordinaire de l'épiscopat; cas de nécessité

[93] COSPEC 70 A, 444-445

## 6. Para que a Igreja continue

E é portanto para não abandonar este futuro da Igreja às forças progressistas que Monsenhor Lefebvre percorre o mundo, e dispensa aos fiéis o Santo Sacrifício da Missa e sacerdotes.

### *Viagem e fundação na América latina, 1977*

Em Julho de 1977, o Prelado acompanha, ele mesmo, o Padre Jean-Michel Faure no seu primeiro posto, numa função de conquista, em Buenos-Aires, onde dois sacerdotes amigos se juntaram ao seu apostolado: Os Padres António Mathet e Raúl Sanchez Abelenda. Leigos eminentes próximos da Cité Catholique, fizeram nascer à volta do Padre Meinvielle, obras cívicas católicas como as revistas Verbo e Roma: Trata-se de Andrès de Asboth e de Roberto Gorostiaga. O apostolado arranca em flecha, o Padre Faure fez também uma prospecção no México.

No dia 9 de Julho, Monsenhor Lefebvre, acompanhado de Marcel Pedroni e da sua esposa Mélanie, encontram o Padre Faure no Texas, onde o Prelado abençoa a grande Paróquia adquirida a Dickinson pelo Padre Hector Bolduc. Mas a entrada no México é proibida ao Arcebispo na sequência das pressões do Núncio sobre o Governo.

Em Caracas, num beco estreito, onde o tráfego é quase impossível, um táxi vem colocar-se contra o veículo conduzindo o Arcebispo. No mesmo momento, na passeio, passa um sacerdote com o chapéu romano, com pêlo bem liso. Vendo este belo eclesiástico, o condutor de táxi fez sinal a Monsenhor Lefebvre, apontando o belo eclesiástico: «Lefebvre!» E Monsenhor Lefebvre lá disse: «É a ideia que se faz de Monsenhor Lefebvre».

Em Bogotá, na Colômbia começa a corrida com a imprensa e a tropa: uma alcateia de jornalistas está à espera dele no aeroporto, em todo o lado o seu veículo está acompanhado por quinze militares, Policia Militar e membros da polícia secreta. Nas ruas, a rádio segue-o e anuncia: «Monsenhor Lefebvre está agora na 45ª avenida, no cruzamento tal ». As gentes gritam «Viva Monseñor!» e ajoelham-se para receber a sua bênção ao passar. No aeroporto de onde ele retoma o seu caminho para visitar a sua irmã, A Senhora Guy Toulemonde, em Pereira, uma jornalista, vendo a ausência do condutor, abre a porta do carro e assesta o micro para fazer perguntas ao Prelado. Então Marcel Pedroni apanha a Senhora e tira-a rapidamente para fora do carro. O Jornal falará no dia seguinte deste «francês com falta de educação», para grande alegria do suíço.

No avião para Pereira, o piloto convida o Arcebispo para a cabina de pilotagem.

Em Santiago do Chile, no dia 17 de Julho, ainda dentro do avião, Monsenhor ouve já gritar a multidão: «Lefebvre, sim! Comunismo, Não!» A multidão está lá apinhada, impossível de abrir um caminho; escoltado por dois carros da Polícia, o carro do Arcebispo faz meia volta e sai pelas pistas do aeroporto. Em vão, em todo o percurso há gente com bandeiras para aclamar o Prelado.

Os jornais intitulam: «O Cardeal Silva Henriquez declara: «Lefebvre é um Judas!» Mas na edição seguinte titula: «Lefebvre responde: "Não sou um Judas, não beijei Fidel Castro".»

Oitocentas e cinquenta pessoas assistem à conferência do Prelado, e seis sacerdotes vêm encontrá-lo para assegurar-lhe que metade do clero se encontra do seu lado.

Finalmente em Buenos-Aires, a multidão e os jornalistas estão lá, como sempre. Mas a Polícia proíbe o acesso ao Alpendre previsto para a Missa. Pouco importa, A Missa será celebrada fora, perante mil e quinhentas pessoas. A conferência que Monsenhor Lefebvre profere no dia 21 de Julho, por pouco foi perturbada por um atentado: Uma bomba foi descoberta num recanto e foi-lhe retirado o detonador, a tempo.

Depois destas emoções, o Prelado regressa de navio. É no decorrer duma tal viagem em que o acompanhava um amigo e a sua esposa, que, numa tarde, Monsenhor deverá tomar a liberdade de fazer uma observação caritativa: «Ah! Minha Senhora, desculpe, lamento, mas sendo o seu trajo assim demasiado mundano, eu não penso jantar convosco, nesta tarde». E a Senhora foi mudar de roupa.

Uma tarde de Agosto de 1977, Monsenhor Lefebvre estava de regresso a Écône para constatar que o director e vários professores o abandonavam, como já contámos: «A grande prova», dirá Monsenhor.[94]

## *Os inícios de «Saint Pie», Gabão 1986*

Outras viagens notáveis do Prelado: As suas visitas relâmpago ao Gabão, para assegurar uma fundação neste País, para onde ele se dirigiu numa espécie de peregrinação, em Janeiro de 1985, suscitando desejos, atraindo confidências, tal como esta frase dum velho de Donguila dizendo a Marcel Pedroni:

---

[94] Caderno de rota de Marcel Pedroni; COSPEC 48 B, 18 de Outubro de 1977.

«Ah! Quando o Padre Marcel nos deixou, foi como se o Bom Deus nos tivesse deixado.»

Mesmo o Bispo emérito de Oyem, Monsenhor François Ndong, seu antigo aluno de Libreville, encoraja uma implantação da Fraternidade no Gabão e obtém para o Prelado, com habilidade, uma audiência com o Presidente da República, Omar Bongo. A conversa é tão positiva que a televisão mostra imagens, e o Presidente freta um pequeno avião a jacto para que Monsenhor Lefebvre possa ir visitar o seu antigo aluno, Monsenhor Makouaka, Bispo de Franceville.

O Padre fundador, Patrick Groche, vem numa última viagem preparatória em Agosto de 1985. O Bispo de Mouila, Cyriaque Obamba, antigo aluno de Monsenhor Lefebvre, deseja-lhe boas-vindas: «Sim, vinde portanto, mas estaríeis melhor em Libreville!» Desembarcado na Capital no dia 14 de Janeiro de 1986, o Padre Groche anuncia a Monsenhor Ndong: Nós vimos para nos instalarmos. O prudente Bispo aconselha, na sua sabedoria africana, fazer vir de novo Monsenhor Lefebvre «para falar ao Presidente», sem o acordo do qual as cartas de estada não podem ser concedidas. O Padre Groche e o seu acólito, o Diácono Karl Stehlin, chegado no dia 6 de Fevereiro, estão na expectativa. As malas jazem no solo da habitação arrendada, não se sabe se vale a pena abri-las.

Enfim, no fim de Fevereiro, chega Monsenhor Lefebvre. «Só a sua presença inspira-nos a paz, a serenidade, a coragem», nota o Padre Stelhin. Mas o Presidente está ausente; é necessário esperar, o que permite a Monsenhor visitar os seus velhos amigos, o Padre Heidet e o Padre Jules Pandjot. Finalmente, a audiência decisiva teve lugar no dia 4 de Março de 1986. Bongo, com delicadeza, confia: «Monsenhor, Nunca alguém me disse que fôsseis *personna non grata* (pessoa não bem considerada)».

É um êxito! De regresso, o Arcebispo pôde dizer aos seus padres: «Penso que agora podeis abrir as malas.»[95]

A Missão «Saint-Pie» da Peyrie estava fundada. Em breve centenas e depois milhares de fiéis apinharam-se na igreja da Missão, que deverá alterar-se por várias ampliações sucessivas e as vocações sacerdotais e religiosas serão suscitadas para a Missa e a vida religiosa de sempre: Graças à persistência do fundador.

## *Continuar a Igreja*

No decorrer dos anos, as fundações multiplicam-se, distritos e casas autónomas juntam-se: Estados-Unidos (Verão 1973), França

[95] Cor Unum n°23, Março de 1986; 25 de Outubro de 1986

(Fevereiro de 1974), Itália (1974), Alemanha (1976), Suíça (1977), Canadá (Março 1977), Argentina (27 de Novembro 1977), Espanha (10 de Setembro de 1978), Bélgica (Setembro 1979), Áustria (Setembro de 1981), Austrália (Agosto de 1982), Irlanda (Verão 1983), Países-Baixos (Agosto 1984), México (Setembro de 1984), África austral (Setembro de 1984), Portugal (Idem), Gabão (1986), Índia (3 de Setembro de 1986).

A pedido do fundador, o Capítulo Geral, reunido em Écône em Julho de 1982 (ao cabo dos doze primeiros anos da Fraternidade, ou seja, a duração do mandato do Superior Geral, segundo os Estatutos), elege «um Vigário-Geral» para Monsenhor Lefebvre na pessoa do alemão Franz Schmiedberger, no qual constata as qualidades de iniciativa e de organização. Na altura das ordenações de 1983, o Prelado anuncia aos fiéis que ele transmite ao Padre Franz Schmiedberger o encargo de Superior Geral, conservando para ele mesmo as relações com Roma.

A Fraternidade conta então 205 seminaristas (dentre os quais, 174 já são membros da Fraternidade) repartidos pelos 4 Seminários, e 119 sacerdotes obrando em 48 casas ou escolas secundárias situadas em 12 países. Aos seus seminaristas, Monsenhor Lefebvre explica o espírito desta modesta conquista:

> «Eu por mim, asseguro-vos, tento colocar-me plenamente no espírito da Igreja. Se eu tivesse uma dúvida séria àcerca da legitimidade do combate que travo e no qual vos empolgo, diria eu, a combater comigo, acabaria imediatamente. É por estar convencido da necessidade, para o bem da Igreja, para continuar a Igreja, de manter esta firmeza na fé, na formação dos sacerdotes, que continuo sem hesitar, apesar das oposições que nos chegam mesmo das autoridades mais altas da Igreja.»[96]

[96] COSPEC 85 B, 23 de Junho 1981.

# Capítulo XIX

# Operação de sobrevivência

## 1. Face aos escândalos nas altas esferas

### *Redenção universal e ecumenismo*

Nos primórdios, bem disposto com João Paulo II, Papa polaco, provavelmente adversário do comunismo e mensageiro dum catolicismo combativo, Monsenhor Lefebvre perde a alegria ao ler a Encíclica inaugural *Redemptor hominis* de 4 de Março de 1979.

«O n° 11, escreve ele com a sua letra fina na margem do texto, apresenta uma concepção inteiramente nova do cristianismo. É um humanismo teilhardiano».

Na margem do n° 14, lá onde João Paulo II fala de «todo o homem, (...) em toda a plenitude do mistério de que se tornou participante em Jesus Cristo (...), cada um (...), desde o instante da sua concepção perto do coração da sua mãe», o Arcebispo coloca um grande ponto de exclamação e escreve um pouco mais além:

«Onde se fala da questão da incorporação em Cristo pelo Baptismo?»

Ignoramos se o Arcebispo lerá, dois anos mais tarde, dentre as ondas crescentes de textos do novo Papa, a «mensagem aos povos de Ásia», pronunciada em Manilla no dia 21 de Fevereiro de 1981. O Pontífice assegura nela que:

«No Espírito Santo, cada pessoa e cada povo se tornaram, pela Cruz e a Ressurreição de Cristo, filhos de Deus, participantes da natureza divina e herdeiros da vida eterna».[1]

A verdade é que, no mês seguinte, Monsenhor Lefebvre escreve a um amigo:

«Estou farto de ler estas páginas num estilo moderno e ininteligível. Sente-se nojo! Isto não é o estilo da fé da Igreja, simples, luminoso, sobrenatural.»[2]

---

[1] Rádio veritas, DC 1894 (15 de Março 1981), 281

[2] Carta ao professor G. Salet, 22 de Abril de 1981.

## *O Novo Direito Canónico – Carta aberta ao Papa*

Em 25 de Janeiro de 1983, João Paulo II publica a Constituição apostólica promulgando o novo Código de Direito Canónico que consagra «o duplo sujeito do poder supremo na Igreja»[3] (Can. 336), que permite a um herege receber a comunhão das mãos dum sacerdote católico (Can. 844, § 4) e que inverte os dois fins do casamento (can. 1055). Monsenhor Lefebvre está estupefacto que João Paulo II se atreva a falar «da nota de novidade» que se encontra no novo Código; escreve aos seus amigos e benfeitores àcerca disso. Ele cita primeiro o Papa que está a explicar que «este novo Código pode ser considerado como um grande esforço para traduzir em linguagem canónica, a doutrina eclesiológica conciliar» de que João Paulo II enumera cinco elementos: «A Igreja como povo de Deus; a autoridade eclesiástica como serviço; a Igreja como comunhão; os membros do povo de Deus como participantes cada um à sua maneira do tríplice poder de Cristo: sacerdotal, profético e real; e, afinal, a tarefa do ecumenismo».

«Eis bem aqui noções ambíguas, escreve o Arcebispo, que vão permitir aos erros protestantes e modernistas inspirar doravante a legislação da Igreja. É a autoridade do Papa e dos Bispos que vai sofrer»; é também a distinção entre o clero e os leigos que diminui; é o carácter absoluto e necessário da fé católica que se esfuma em proveito da heresia e do cisma, e as realidades fundamentais do pecado e da graça que se deixam cair na sombra. Outras tantas feridas perigosas para a doutrina da Igreja e para a salvação das almas».[4]

«O Professor Michiels escreve nas suas normas gerais que o fundamento da vida sobrenatural confiado à Igreja, é a Fé; por consequência, o dever do direito é de determinar tudo o que respeita à fé, a Pregação, a sua exposição, a confissão exterior, a sua recepção, a sua defesa.» Tudo isso é posto em perigo pelo novo Código. Portanto, é para nós impossível aceitá-lo globalmente; em todos os pontos essenciais, favorece a heresia.»[5]

Num certo sentido, este novo Código é mais grave do que o Concílio, pois que traduz em lei os desvios deste último.

---

[3] O papa, dum lado, o papa com os bispos, do outro lado. A nota preliminar que rectificava a interpretação de Lumem Gentium não é retomada pelo novo Código de direito canónico. Os bispos podem portanto reivindicar a todo o momento o poder de participar no governo da Igreja universal.

[4] LAB n° 24, 7 de Março de 1983

[5] COSPEC 100 A, 15 de Março de 1983

A atitude do Arcebispo assume uma viragem decisiva que nunca é demais sublinhar: por um lado, encara doravante, seriamente, uma consagração episcopal, doutro lado empenha-se na via dos protestos públicos contra os escândalos perpetrados nas altas esferas da Igreja.

No dia 21 de Novembro de 1983, na sequência da declaração da Comissão Mista Católica-Luterana, que releva sete pontos importantes «dentre as ideias do Concílio Vaticano II onde se pode ver o acolhimento dos requerimentos de Lutero,»[6] e na véspera da entrada em vigor doravante inevitável do novo Código de Direito Canónico, Monsenhor Lefebvre considera que «se excederam os limites». Em associação com Monsenhor Castro Mayer, que foi forçado a solicitar a sua demissão da sua Sé de Campos em Setembro de 1981, dirige ao Papa uma carta aberta, tornada pública simultaneamente em diversas capitais do mundo. [7]

Considerando que «a Igreja aparece como uma cidade ocupada», que a auto destruição continua e que as diligências que tentaram em privado durante quinze anos foram em vão, sentem-se obrigados a intervir publicamente junto ao Papa, com os mesmos sentimentos que São Paulo para com São Pedro, quando o censurava por não andar segundo a verdade do Evangelho (Gal 2, 11-14). Denunciam seis erros ou desvios que constituem o assunto dum desenvolvimento explicativo, num anexo junto à carta.

1- «Uma concepção latidudinarista[8] e ecumenista da Igreja, dividida na sua fé e condenada particularmente pelo Syllabus, n° 28, DS. 2918 » (Lúmen Gentium, Unitatis redintegratio de Vaticano II e Catechesi tradendae de João Paulo II).
2- «Um governo colegial e uma orientação democrática da Igreja, condenada particularmente pelo Concílio Vaticano I, DS 3055» (Lúmen Gentium de Vaticano II e o Novo Código de Direito Canónico).
3- «Uma falsa concepção dos direitos naturais do Homem

[6] DC 1855 (3 de Julho de 1983), 696. João Paulo II exalta pelo seu lado «a profunda religiosidade de Lutero.»

[7] A ideia duma carta pública enviada ao Papa era de Monsenhor Graber; o Cardeal Arcebispo de Toledo e Monsenhor Nestor Adam deviam igualmente assiná-la; mas Graber viu Ratzinger, que lhe desaconselhou esta diligência e o fez nomear Assistente ao Trono Pontifical. COSPEC 105 A, 15 de Dezembro de 1983.

[8] Concepção alargada da Igreja, encerrando duma certa maneira as outras confissões cristãs, até mesmo os elementos sãos das religiões não cristãs

a qual aparece claramente no documento da Liberdade religiosa, condenada expressamente por Quanta cura (Pio IX) e Libertas prestantissimum (Leão XIII)» (Gaudium et Spes e Dignidate Humanae, do Vaticano II, Redemptor Hominis de João Paulo II).

4- «Uma concepção errónea do poder do Papa, considerado absoluto, enquanto que na realidade está subordinado ao poder divino que se exprime na Tradição, na Sagrada Escritura e nas definições já promulgadas do Magistério eclesiástico (DS 3116)»

5- «A concepção protestante do Santo Sacrifício da Missa e dos sacramentos, condenada pelo Concílio de Trento (Sess. XXII). »

6- «Enfim, duma maneira geral, a livre difusão das heresias caracterizada pela supressão do Santo Oficio. »[9]

Apresentando à imprensa «este manifesto episcopal» no aeroporto de Roissy, no dia 9 de Dezembro, Monsenhor Lefebvre conclui:

«Na História, dir-se-á que no momento em que parecia que tudo estava a desabar na Igreja, houve ao menos duas vozes de Bispo que se levantaram e que bradaram o grito de alarme». [10]

## *Novas declarações e acções escandalosas*

Dois dias depois do grito de alarme dos dois Bispos, João Paulo II foi pregar num templo luterano de Roma, a 11 de Dezembro. No início do ano 1984, encontra em Bari o Metropolita ortodoxo de Mire: «A unidade, diz o Papa, não é, nem absorção, nem mesmo fusão», trata-se duma «unidade sinfónica entre «as duas Igrejas irmãs».[11]

No dia 18 de Fevereiro, intervém primeiro o acordo de reforma da Concordata entre a Santa Sé e a Itália, concluída por Pio XI segundo o qual «a religião católica, apostólica e romana é a única religião do Estado.»

O Cardeal Casaroli felicita-se com esta supressão: A Igreja, diz ele, não reivindica mais «privilégio» face aos concidadãos de outra fé religiosa».

«Privilégio de Quem? De quê? Pergunta Monsenhor Lefebvre; A realeza social de Nosso Senhor Jesus Cristo, um privilégio? Mas isso constitui o Seu direito, o mais estrito que há num

---

[9] Fideliter n° 36, Nov.-Dez. 1983

[10] Fideliter N° 37, Janeiro-Fevereiro de 1984, p. 10

[11] OR em língua francesa; DC 1872, 414 (texto expurgado)

Estado católico, de ser o Rei da sociedade, isso não constitui um privilégio.»[12]

Na Primavera de 1984, o ecumenismo liberal de João Paulo II abrange até o budismo. Na Coreia, no dia 6 de Maio, o Papa dirige «uma saudação particular aos membros da tradição budista que se preparam a celebrar a festa da vinda do senhor Buda.»[13] A 10 de Maio, o Papa visita um templo budista na Tailândia, tira os seus sapatos e senta-se ao pé dum monge que estava, ele mesmo, encostado a um altar sobre o qual estava uma grande imagem de Buda. Em Genebra, no decurso duma visita à sede do Conselho ecuménico das Igrejas, participa, na capela do COE, «numa Liturgia da Palavra» e afirma aí de novo que «o empenho da Igreja Católica no movimento ecuménico é irreversível».[14]

## *Não à tentação de «reconciliação»*

A publicação do indulto do 3 de Outubro de 1984 concedendo à Missa tradicional uma liberdade sob condições[15] (aceitar a nova missa), e depois a publicação, em Novembro, duma entrevista do Cardeal Ratzinger, «Eis porque a fé está em crise,» no mensário italiano *Jesus*, suscita a reacção de Monsenhor Lefebvre: «Cuidado com o cansaço do combate nas nossas fileiras!»[16]

Concedam-nos a Missa, dizem alguns tradicionalistas, e o Cardeal reconhece e analisa em pormenor a crise da Igreja, devida, segundo ele, a um «anti-espírito do Concílio», de maneira que o Cardeal convida a regressar «ao verdadeiro Concílio». «O que pedir mais?», pensam alguns fiéis. Aceitemos o Indulto e reintegremos o quadro da Igreja visível; «Uma vez dentro, poderemos empurrar, endireitar».

«É um raciocínio absolutamente falso», replica Monsenhor Lefebvre, «não entramos num quadro com superiores, que têm tudo na mão para nos jugular. «Uma vez reconhecidos, dizeis, poderemos actuar no interior da Igreja». Isso é um erro profundo e um desconhecimento total do espírito daqueles que compõem a hierarquia da Igreja actual. Basta ler a pequena frase do Cardeal Ratzinger na sua entrevista para ficar esclarecido.

---

[12] COSPEC, 109 A, 15 de Março 1984; confer. Em Torino, 24 de Março

[13] OR. 7-8 de Maio de 1984; DC 1876, 619, n° 4

[14] 12 de Junho 1984, DC 1878, 704

[15] Carta de SCCD assinada pelo Subprefeito Aug. Mayer e do secretário Virgílio Noé: Quattuor abhinc annos, OR. 17 de Outubro de 1984; Itinéraires n° 288, Dez. 1984 com comentários de Jean Madiran, p. 40

[16] COSPEC 112 A, 21 de Dez. De 1984

O problema dos anos 60, diz o Cardeal, era de adquirir os melhores valores de dois séculos de cultura liberal. De facto, são valores que, mesmo tendo nascido fora da Igreja, podem encontrar o seu lugar, uma vez apurados e corrigidos, na visão que a Igreja tem do mundo.[17] É o que foi feito. É verdade que os resultados desiludiram esperanças talvez um pouco ingénuas. É por isso, que é necessário encontrar um novo equilíbrio.»

O comentário do Arcebispo é implacável: O Cardeal reconhece portanto que a crise da Igreja é devida a esta tentativa conciliar de casar a Igreja com a Revolução, os princípios católicos com os valores liberais: ecumenismo, declaração dos direitos humanos, liberdade religiosa. Em resumo, confessa o Cardeal, foi este ensaio que provocou a crise; é por isso que quer encontrar um novo equilíbrio, um equilíbrio impossível.

«Isso é duma enorme gravidade, prossegue Monsenhor Lefebvre, e isso condena tudo o que ele próprio afirma na sua entrevista, porque reside aqui o âmago dos seus pensamentos e é isso que justamente não queremos.»

A conclusão segue:

«Não podemos colocar-nos sob uma autoridade cujas ideias são liberais e que nos condenariam pouco a pouco, pela força do andamento das coisas, a aceitar estas ideias e as suas consequências, e primeiro que tudo a nova missa. »

Quanto ao indulto, «Não foi feito para nós», pois que concedem a Missa tradicional aos que aceitam a nova missa.

«Isso permitiu a Jean Madiran, que tem sempre novas descobertas, escrever: «Em poucas palavras: a circular romana dá àqueles que quiseram suprimir a Missa, a faculdade de autorizar a sua celebração àqueles que fazem a prova de não possuírem motivo algum para a solicitar. »

## *A Paixão da Igreja*

Neste ano de 1984, Monsenhor lê as páginas «entusiasmantes» que o padre Emmanuel escreveu um século antes sobre a Igreja, descrevendo em particular qual será o drama da Igreja nos fins dos tempos: «A Igreja, diz ele, devendo ser em tudo semelhante a Nosso Senhor Jesus Cristo, sofrerá, antes do fim do mundo, uma prova que

[17] Cf. Yves Congar, Vraie et fausse reforme dans l'Eglise,(verdadeira e falsa reforma na Igreja) Cerf, Paris 1950, 345-346; Roger Aubert, em Tolérance et communauté humaine, (Tolerância e comunidade humana) Casterman, 1951, 81-82.

será uma verdadeira paixão.» O Arcebispo oferece o pensamento que lhe suscitam estas páginas:

«Sente-se nelas o sopro do Espírito Santo. Algumas dentre elas são mesmo proféticas quando descrevem a Paixão da Igreja.»[18]

Aos Amigos que lhe propuseram esta leitura, ele escreve:

«É preciso ter vivido desde 1960 até aos nossos dias para saber que Papas podem conduzir a Igreja à sua ruína. Isso parecia-nos impossível, conhecendo as promessas da assistência do Espírito Santo. Contra factum não fit argumentum». Contra os factos os argumentos não valem nada. Os factos estão lá, diante dos nossos olhos. Então, é necessário concluir que Nosso Senhor, pronunciando estas promessas da assistência até ao fim dos tempos, não excluiu períodos de trevas e tempo de Paixão para a sua Esposa Mística.»[19]

## *Do sínodo ao anúncio de Assis*

Ora, no dia 25 de Janeiro de 1985, em São Paulo Extra-Muros, João Paulo II anuncia a reunião dum Sínodo Extraordinário dos Bispos na ocasião dos 20 anos do encerramento do Vaticano II, a fim de examinar a aplicação do Concílio e de «favorecer a sua inserção constante na vida da Igreja»[20]

Reagindo a esta intenção, Monsenhor Lefebvre e Monsenhor Castro Mayer escrevem ao soberano pontífice uma «solene advertência» denunciando a liberdade religiosa e as suas consequências: o indiferentismo religioso reinante, o ecumenismo praticado por João Paulo II e a complacência para com todos os inimigos da Igreja, concluem os prelados: «Se o sínodo não corrige tais erros», os dois Bispos vão ser levados a concluir que «os membros do Sínodo já não professam a fé católica» e que João Paulo II «já não é o Bom Pastor»[21]

Contudo, o Sínodo que encerra no dia 8 de Dezembro de 1985, decide «unanimemente de continuar a avançar pelo caminho aberto pelo Concílio». Uma anedota: Encontrando Monsenhor Schwery, Bispo de Sion, nos corredores do Sínodo, João Paulo II diz-lhe com um piscar de olhos «cuidado! Agora, eu já não sou o Bom Pastor.»[22]

Monsenhor Lefebvre, que regressa duma estada cheia de esperança no seu Seminário da Argentina, La Reja, em que ordenou oito Padres

---

[18] Monsenhor Lefebvre, Prefácio à Eglise, do padre Emmanuel, Itinéraires n° 289, pp. 79-80.

[19] Carta à senhora Jean-Marc Le Panse, Écône, 29 Janeiro de 1984

[20] DC 1891 (3 de Março 1985), 283

[21] 31 de Agosto de 1985, Fideliter n° 49, pp. 4-6

[22] Nouvelliste du Valais, 9 de Dez. 1985, p. 1

no dia 1 de Dezembro, e onde o seu amigo, D. António de Castro Mayer, conferiu, na sua presença, as ordens menores, exprime a sua contrariedade ao ver uma tal obstinação no erro.

Ora, no 25 de Janeiro de 1986, encerrando a Semana da Unidade, o Papa anuncia um encontro especial de oração pela paz na cidade de Assis», «com os representantes não só das diversas Igrejas e comunhões cristã, mas também com outras religiões do mundo.»[23] Ninguém na Cúria Romana esperava numa tal proposição. Unicamente Monsenhor Lefebvre tinha dito aos seus próximos, desde 1985: «Tenho a certeza de que este Papa tem o desígnio de fazer um Congresso de todas as religiões.»

Ao anúncio da coisa, o Arcebispo recorda aos seus seminaristas de Écône o famoso congresso matizado das religiões[24] que se organizou em Chicago em 1895 e contra o qual Leão XIII reagiu. Íamos rever isso, orquestrado desta vez pelo Papa.

«Isto é diabólico, diz Monsenhor Lefebvre; é um insulto a Nosso Senhor Jesus Cristo. A quem vão rezar? A que Deus vão rezar eles pela Paz? Qual Paz vão eles pedir se não rezam ao único e verdadeiro Deus». Não rezarão a Nosso Senhor Jesus Cristo. Os judeus não querem isso, nem sequer os muçulmanos e os budistas. Muitos protestantes já não acreditam na divindade de Jesus Cristo. A que Deus vão rezar eles? Et Deus erat Verbum... Et Verbum caro factum est. Deus fez-se carne e habitou entre nós para nos salvar. Não há o direito de se dirigirem a qualquer outro. Colocando Jesus Cristo de lado, não nos podemos dirigir ao verdadeiro Deus. É uma impiedade inqualificável para com Nosso Senhor Jesus Cristo. »[25]

Ora, no dia 5 de Fevereiro de 1986, depois de ter praticado várias vezes no mês de Agosto um rito sagrado da religião animista no Togo, João Paulo II recebe em Madras, no decorrer da sua viagem à Índia, as cinzas sagradas da religião hindu das mãos duma sacerdotisa pagã; prega a compreensão mútua das religiões para promover em conjunto a Fraternidade universal.

Monsenhor Lefebvre denuncia estes escândalos de communicatio in sacris, isto é de participação activa nos ritos não católicos; actos proibidos pelo direito canónico tradicional (can. 1258) e que torna o arguido «suspeito de heresia» (can. 2316) pois que implica a

[23] DC 1913 (2 de Março de 1986), 235

[24] Jacques Ploncard d'Assac, L'Eglise occupée, (A Igreja ocupada) DPF, p. 191; O Padre Emmanuel Barbier, Histoire du catholicisme libéral, III, 226; COSPEC 121 B, 16 de Janeiro 1987

[25] COSPEC 117 B 28 de Janeiro de 1986, pp. 126-127

profissão duma falsa religião e por consequência a renegação da fé católica.[26]

Assim, na sua homilia da Páscoa de 1986 em Écône, o Prelado exclama:

«Eis a situação em que nos encontramos. Não sou eu que a criei. Preferia eu morrer para isto não acontecer!» Encontramo-nos diante duma dilema grave que, penso eu, nunca existiu na Igreja: Aquele que se senta na Santa Sé de Pedro participa nos cultos dos falsos deuses. Que conclusão devemos depreender, talvez em alguns meses, diante destes actos reiterados de comunicação com os falsos cultos? Não sei. Pergunto-me. Mas é possível que estejamos na obrigação de pensar que este Papa não é Papa. Porque me parece à primeira vista – não quero declarar isso ainda de maneira solene e pública – que seja impossível que um Papa possa ser herege, pública e formalmente.»[27]

## *O pecado de escândalo contra a fé – Assis*

Pela segunda vez desde 1976, a tentação «sedevacantista» assedia Monsenhor Lefebvre; mas não sucumbe. Realiza que não será seguido pelo instinto de Fé dos fiéis, e que o combate que Deus exige dele, é apenas o combate da fé com a denúncia do escândalo:

«Escândalo considerável – no sentido verdadeiro do sentido do termo escândalo: incitamento ao pecado. Por este ecumenismo, pela participação no culto das falsas religiões, os cristãos perdem a fé: eis o escândalo. Já não acreditam que apenas há uma só religião verdadeira, que há um só Deus verdadeiro, a Santíssima Trindade e Nosso Senhor Jesus Cristo. »

O escândalo reitera-se no dia 13 de Abril, quando João Paulo II foi recebido pelo Grão-Rabi na Sinagoga de Roma, por aqueles que o Papa chama «os nossos irmãos na fé. »

«Na mundovisão, comenta o Arcebispo, o mundo inteiro, talvez um bilião de pessoas, viram o Papa na Sinagoga. Tomaram conta da gravidade deste passo? Senão, é porque já não têm a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. Perderam a fé no único Salvador do Mundo que é Nosso Senhor Jesus Cristo.»[28]

No dia 27 de Agosto de 1986, Monsenhor Lefebvre escreve aos oito Cardeais em previsão da reunião de Assis. Pede-lhes para protestarem contra os actos de João Paulo II, em particular contra o «o cortejo das religiões previsto na Cidade de São Francisco».

---

[26] Cf. Raoul Naz, Dictionnaire de droit canonique

[27] HOMEC, 35 B1, 30 de Março de 1986

[28] COSPEC 118 A, 15 de Abril de 1986

«É o primeiro artigo do Credo e o primeiro mandamento do Decálogo que vão ser injuriados publicamente por aquele que está sentado na Sé de São Pedro. O escândalo é incalculável nas almas católicas. A Igreja está abalada nos seus alicerces. »

Numa conferência de imprensa, o Cardeal Etchegaray precisou: «Não se deve esperar uma oração comum, mas vamos estar juntos para rezar.»[29] Portanto, não haverá comunhão *in sacris*; mas o Papa vai mesmo assim presidir à jornada de demonstração pública sucessiva de cada culto, do canto do Dalai Lama ao discurso do Rabi Elio Toaff, passando pelo «tabaco» do cachimbo de John Pretty-on-top e o discurso do representante shintoísta. Um mês antes, contados dia a dia, Monsenhor Lefebvre enviou ao Papa dois desenhos formando «um pequeno catecismo ilustrado».[30] Um apresenta João Paulo II negando o acesso para o Congresso de Assis a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Sua Santíssima Mãe: «Não sois ecuménicos!» O outro mostra Nosso Senhor Jesus Cristo negando o acesso ao Paraíso a João Paulo II recordando-lhe que só Ele é a porta e a Salvação.

No dia 28 de Outubro, o Congresso matizado teve portanto lugar e, no dia 2 de Dezembro, Monsenhor Lefebvre e Monsenhor Castro Mayer protestam publicamente:

«O pecado público contra a unicidade de Deus, contra o Verbo Encarnado e a Sua Igreja faz tremer de horror: João Paulo II encorajando as falsas religiões a rezar aos falsos deuses: escândalo sem medida e sem precedentes, (...) Impiedade inconcebível e humilhação insuportável para os que permanecem católicos na fidelidade a vinte séculos de profissão da mesma fé.»[31]

No dia 22 de Dezembro, numa alocução aos Cardeais, e à Cúria, João Paulo II tenta expurgar-se destas acusações, fazendo apelo à «chave apropriada: o ensino do Vaticano II», à Igreja «sacramento da unidade do género humano» (LG 1, 9; GS, 42) e «às sementes do Verbo que estão presentes em todas as religiões» (Ad Gentes, 11)[32].

«A unidade universal, diz ele, fundamentada no evento da criação e da redenção não pode não deixar rastos na vida real dos homens, mesmo se pertencem a outras religiões diferentes.»[33]

A vontade salutar e universal de Deus, a obra redentora de Cristo devem necessariamente objectivar-se, concretizar-se no coração de

[29] DC, 1924, (7-21 de Setembro 1986), 799

[30] Fideliter n° 54, Nov.-Dez. 1986, pp. 17-20

[31] Fideliter n° 55, Jan.-Fev. 1987: Declaração assinada em Buenos-Aires

Cf. João Paulo II, Enc. Redemptor hominis, n° 11. Cf. Comentário apropriado no Sel de la terre n° 38, pp. 1-4

[33] DC 1963 (1 de Fev. 1987), 133-136

cada homem e no culto de todas as religiões.[34]

Esta releitura ou este desenvolvimento do Vaticano II à luz de Assis, feita pelo Papa, antigo Padre conciliar, não constituirá a mais autêntica interpretação do Concílio Vaticano II que possa haver? Esta conduz João Paulo II a ensinar que «Cristo é a realização da aspiração de todas as religiões do mundo e, por isso mesmo, Ele constitui o fim e o resultado único e definitivo de todas».[35]

Monsenhor Lefebvre não precisava ouvir este sofisma, a sua experiência missionária confirmou-lhe sobre este ponto o seu catecismo: as falsas religiões não acabam no Cristo, pois que o renegam e mantêm afastadas d'Ele as almas cativas nos erros.

Desde então, o Prelado de Écône esforça-se de fazer entender à volta dele que o problema já não é nem de «Monsenhor Lefebvre» – deveras – nem até da Igreja, cidade ocupada pelo inimigo, mas do Papa, ele mesmo, habitado, e como que infestado por uma ideologia contrária à fé católica. Para lá das interrogações dolorosas suscitadas por este facto, são as decisões graves e práticas que este mesmo facto torna cada vez mais legítimas e necessárias.

## 2. A grande Decisão duma consagração episcopal

Desde 1974, o Padre Roger-Thomas Calmel OP escreveu a Monsenhor Lefebvre,[36] para lhe dizer que um dia chegará em que ele será obrigado a consagrar um Bispo para assegurar a continuidade do combate. O Arcebispo respondeu-lhe pelas palavras que ainda em 1984 lhe atribuía Marc Dem?

«Encontrar-se-ão pelo mundo, eu sei, Bispos suficientes para ordenar os meus seminaristas.»[37]

Isso é possível, mas não por muito tempo, porque desde o mês de Fevereiro de 1981, na altura da sua hospitalização em Sierre, a questão da consagração episcopal preocupa-o. A sua saúde vacila, e no actual estado das coisas, deve ele reconhecer, nenhum Bispo estaria disponível para ordenar os seus seminaristas, nem sequer Monsenhor Pintonello. Certamente, de Roma promete-se-lhe um documento outorgando a liberdade de celebrar a Missa tradicional e perfila-se o envio dum Cardeal visitador a Écône. Mas se as coisas acabam mal?

---

[34] Cf. «Le christianisme et les religions», doc. Da Comissão teológica internacional (Card. Ratzinger, Presidente), Outubro 1996, n° 85; Cf. Le Courrier de Rome, SI SI NO NO, n° 193, (383), Setembro 1997.

[35] Carta apostólica Tertio millenio, 10 de Nov. 1994, n° 6

[36] o Padre Aulagnier atesta ter lido esta carta.

[37] Perplexes, (Perplexos) 216

É a esta interrogação que Monsenhor responde no *Monde et Vie* a André Figueras:

«Se a situação se agravasse na Igreja, se a Providência me mostrasse de maneira evidente que eu o devo fazer, então, sem dúvida resignar-me-ia a fazer a sagração dum Bispo, pois que posso fazê-lo validamente. Mas isso constituiria um acto de ruptura com Roma – cuja perspectiva, de resto, assusta as pessoas – Eu faria tudo para o evitar» [38]

«Ruptura com Roma», o que quer dizer? Monsenhor não pensa que um tal acto possa constituir ruptura com a Igreja Católica, com a Roma eterna. Mas isso seria uma fractura de facto com a Roma actual. Na altura dum retiro que prega no Outono, exorta os seus sacerdotes a amar a Igreja de Roma:

«O próprio do católico, é amar Roma. Pelo facto de sermos dolorosamente feridos e martirizados pelo obscurecimento da doutrina da Igreja Romana, devemos por isso afastar-nos da Igreja de Roma?» E vincular-nos directamente a Nosso Senhor Jesus Cristo? Perigoso erro! É nosso dever bem ponderar a questão, para não nos extraviarmos e não alimentar nos nossos corações sentimentos e orientações que nos arrastariam redondamente para fora da Igreja».[39]

Orientações cismáticas? Sim, aquelas que nos fariam considerar como nada as autoridades de Roma, actuar à nossa vontade, fundar uma «outra Igreja», coisa a que o Prelado sempre tinha horror. Mas por agora, ele quer ainda ter confiança nas actuais conjunturas:

«Um jovem australiano», narra ele, «disse-me: "Eu entraria de boa vontade no vosso Seminário, mas em seis anos tereis falecido, então já não vale a pena." E quando eu tusso, os seminaristas tremem: "Conquanto Monsenhor dure ainda até à minha ordenação!" Está bem, depositamos confiança na Providência e esperamos os eventos que o Bom Deus tenha por bem realizar.»[40]

## *Consulta teológica sobre uma Sagração*

Entretanto, Monsenhor decide consultar aqueles que o rodeiam sobre a legitimidade de uma ,sagração episcopal sem mandato do Papa. Um dos seus professores no Seminário de Albano, o Padre Philippe le Pivain, que ensina o Tratado da Igreja, responde-lhe com num breve estudo, que isso seria usurpar a prerrogativa do Pastor

---

[38] Monde et Vie, 12 de Junho de 1981, pp. 12-13

[39] RETREC, 17 de Set.1981

[40] COSPEC 88 B, 19 de Jan. 1982

supremo, que só pode atribuir ao rebanho pastores subordinados; por consequência, haveria ruptura na apostolicidade. Depois da leitura, o Arcebispo comenta: «Isso é a doutrina da Igreja.» E é o aviso geral dos seus colaboradores; mas pensa ele: esta doutrina supõe um Papa católico e um Papa a que nos podemos vincular.

Ora, em Campos, onde Monsenhor Alberto Navarro substituiu Monsenhor Castro Mayer, «é a perseguição aberta», diz D. António de Castro Mayer a Monsenhor Lefebvre de passagem no Rio. O novo Bispo fecha o Seminário, pondo na rua professores e seminaristas, expulsa os sacerdotes fiéis à Missa de sempre das suas paróquias, apesar de o povo se manifestar com bandeiras na porta das igrejas: «Deixai-nos os nossos sacerdotes!» O núncio, o episcopado brasileiro, a S. C. do Culto, todos se erguem contra a Tradição. O Prelado de Écône aconselha-os: «constituí desde agora paróquias de emergência, sem esperar ser expulsos pela polícia.» Um folheto explicando o porquê da sua fidelidade ao antigo rito da Missa não recebe respostas das Congregações romanas: todo o recurso a Roma é inútil.[41]

O mesmo acontece para a Fraternidade: em Roma, é o beco sem saída, apesar de todo o esforço de compreensão manifestado pelo Cardeal Ratzinger. Porque, enquanto o Arcebispo considera «a nova missa perigosa para a fé», Roma insiste para que lhe reconheça a legitimidade e não afaste os fiéis dela. Nesta condição (para ele inadmissível), Roma aceitaria enviar a Écône um visitador apostólico[42], como o deseja o Prelado.

O ano de 1983 traz os primeiros escândalos ecuménicos e o anúncio do novo Código de Direito Canónico para a Igreja. Monsenhor Lefebvre consulta de novo, bem como o seu sucessor no governo da Fraternidade, o Padre Schmiedberger. Reuniões tiveram lugar na casa generalícia de Rickenbach.[43] O Padre Joseph Bisig, Segundo Assistente, expõe as suas objecções que são exactamente as do Padre Philippe Le Pivain: «Isso seria renegar pràticamente a primazia de Jurisdição» pertencendo ao Papa de direito divino.

Sim, é a doutrina católica, reconhecem os Padres Tissier e Williamson. Mas supõem um Papa acessível moralmente e não «ocupado» pelos erros. Quem pode ser juiz disso? Responde o Padre Bisig; e a vontade expressa do Papa, que releva da Igreja visível, prevalece sobre a vontade habitual e implícita. Todavia, insistem os Padres

---

[41] COSPEC 94 A, 3 de Dez 1982

[42] Carta do Cardeal Ratzinger, 23 de Dez. 1982

[43] Nos 3 de dez. 1983, 4 de Fev. E 5 de Março de 1984

Tissier e Lorans, a crise da Igreja e a situação do Papa devem intervir na argumentação pois que seria a única razão da consagração do Bispo.

Isso é bem a ideia de Monsenhor Lefebvre, que comenta assim as páginas do Padre Bisig:

> «A situação do Papado desde João XXIII e os seus sucessores coloca problemas cada vez mais graves. (...) Eles fundam uma nova Igreja Conciliar, uma eclesiologia nova. (...) Em vez de constituirem os apóstolos da ordem social cristã pelo reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo, estes papas tornam-se partidários dum socialismo ou comunismo de cor cristã. [44] (...) Devemos ainda considerar estes Papas como católicos?»

## *A argumentação de Monsenhor Lefebvre*

Evitando fundamentar-se na opinião sedevacantista, o Arcebispo raciocina assim:

> «O problema da situação actual dos fiéis e da situação do Papado actual, torna caducas as dificuldades de jurisdição, de desobediência e de apostolicidade, porque estas noções supõem um Papa católico, na sua fé, no seu governo. » [45]

O argumento da História chegará mais tarde para completar estas razões radicais. O exemplo de Santo Eusébio, Bispo de Samosate (+ 380), é significativo. No tempo da crise ariana, regressando do exílio, e tendo notícia que numerosas Igrejas tinham falta de pastores, começou a percorrer a Síria, a Fenícia, a Palestina, para aí ordenar sacerdotes e diáconos e até consagrar e entronizar Bispos sem ter jurisdição sobre estas Igrejas.[46] Monsenhor leu e aprovou o comentário do Padre Grea:

> «Se portanto a História nos apresenta Bispos desempenhando, eles mesmos, este papel de «médico» (Breviário Romano, 16

---

[44] «A Igreja desde o Concílio assumiu e ultrapassou a Revolução Francesa. Está agora a assumir e a ultrapassar o Comunismo, graças a adopção dum socialismo post-Maxista, democrático, de raiz cristã, auto-gestionário e não totalitário.» Resumo da Encíclica Laborem exercens do 14 de Set. 1981, por Monsenhor Lefebvre, juntando-se ao comentário do professor Marcel de Corte, Courrier de Rome n° 21 (211), Dez. 1981, pp. 1-5

[45] Nota MS. De Monsenhor Lefebvre sobre o estudo do Padre Bisig, Novembro de 1983; Fideliter n° 123, p. 29

[46] Cf. Theodoret de Cyr, Histoire ecclesiastique, L. IV, Capitulo 12, PG 82, 1147 e L. V, Cap. 4 PG 12, 1203, citado em parte por Dom Adrien Grea, L'Eglise et sa divine constitution, Cap. 21 (A acção extraordinária do episcopado).

de Dezembro, na festa de S. Eusébio de Verceil) das Igrejas enfraquecidas, mostra-nos também simultaneamente as conjunturas urgentes que lhe ditaram esta conduta. Foi necessário, para a tornar legítima, haver necessidades tais que a existência mesma da religião estava em perigo, que o ministério dos pastores particulares fosse completamente aniquilado ou impotente, e que não pudéssemos já esperar nenhum socorro possível da Santa Sé.»[47]

Esta é bem a situação. O recurso a Roma, sempre fisicamente possível, é tornado moralmente impossível por causa do espírito de que o Papa está impregnado: «Comunhão com as falsas religiões», «espírito de adultério que sopra na Igreja», «este espírito não é católico».

«Desde há vinte anos, esforçámo-nos com paciência e firmeza para fazer entender às autoridades romanas esta necessidade de regressar à sã doutrina e à Tradição, para o renovar da Igreja, procura da salvação das almas e a glória de Deus. Mas permanece-se surdo às nossas súplicas, e bem mais, exige-se de nós que reconheçamos o valor positivo de todo o Concílio que está a arruinar a Igreja.»[48]

As três condições enunciadas por Padre Grea estão realizadas.

## *Um Bispo mediático*

De resto, a intervenção explícita da Santa Sé na Instituição dum Bispo não é requerida pelo direito divino, a História dos primeiros séculos nos revela isso bem.

«Tudo era implícito, encerrado na simples vontade da Communio cum Sede Apostólica. (vontade de ficar na comunhão com a Santa Sé). Na exacta medida em que não se actuava contra a Santa Sé, era então admitido, e pela própria Santa Sé, que se actuava em seu favor.»[49]

«Não agirei contra a Santa Sé, estima o Prelado, pois que agirei para salvar o sacerdócio católico.»[50]

Além disso, faz-se-lhe notar, a jurisdição suprema do Papa, mesmo por ser de direito divino, apenas é uma jurisdição, isto é ordenada

---

[47] Dom Grea, op. Cit. Ed. De 1965, pp. 236-237. Encurtámos voluntàriamente o texto do Autor, sem isso contraditório.

[48] Nota de Albano, 19 de Out. De 1983, tornada a «declaração pública» de Junho de 1988

[49] O Padre Victor-A. Berto, carta do 7 de Fev. De 1974 a Mons. Lef.. Sainte Eglise Romaine, 381-382

[50] Nota de Albano, 19 de Out. De 1983

ao Bem comum da Igreja, e não um poder dominativo ou arbitrário. Por isso mesmo, não há nenhuma falha desta autoridade, colocando em perigo o bem comum, que a Igreja não possa suprir, ela mesma, por exemplo, pela acção extraordinária dum membro do corpo episcopal.

Quanto mais se esfumam os escrúpulos do Prelado, mais se engrandece o pavor de Roma. No dia 20 de Julho de 1983, o Cardeal Ratzinger julga bom escrever-lhe:

> «O Santo Padre sabe que vos recusais ao que constituiria deveras o início dum cisma, a saber, a consagração dum Bispo.»

É pelos *media* que o Cardeal vai receber a resposta: aproveitando do «manifesto episcopal», o Arcebispo mediático está contente de replicar a Roma e de lançar um secundo «Ballon d'essai» (Balão de ensaio para ver a direcção do vento ou, no figurado, para sondar as disposições) na imprensa interpelando os jornalistas do aeroporto de Roissy no dia 9 de Dezembro de 1983:

> Estais todos presentes pensando que eu ia anunciar que iria fazer Bispos (risos). »
>
> Monsenhor, pergunta um repórter, porque não fazeis Bispos?
>
> Porque penso que, mesmo assim, seria aparentemente um acto de ruptura com Roma, que seria grave. Ainda digo «aparentemente», porque penso eu, que diante de Deus, é possível que o meu gesto constitua um gesto necessário para a História da Igreja, para a continuação da Igreja, (...) do sacerdócio católico. Então, não digo que um dia não o farei, mas em circunstâncias ainda mais trágicas.[51]

Dois anos depois, na véspera do sínodo, escrevendo ao Papa, Monsenhor Lefebvre e Monsenhor Castro Mayer asseguram-lhe que poderiam ser levados «a tomar todas as decisões necessárias para que a Igreja conserve um clero fiel à fé católica. »[52]

Naturalmente, o Cardeal Ratzinger avisa o Prelado tenaz de que o Papa lhe pede para «não perpetrar o acto que consistiria numa ruptura definitiva com a comunhão da Igreja».[53] Cinco dias depois, Monsenhor Lefebvre, por causa do anúncio de Assis, considera receber da Providência[54] o primeiro sinal que esperava.

---

[51] Fideliter n° 37, pp. 15-17; Le Fígaro, 10-11 de Dez. 1983

[52] «Solennelle mise en garde»(Solene advertência), 31 de Ag. 1985

[53] Carta do 20 de Jan. De 1986

[54] RETREC, 6 de Set. De 1985, COSPEC, 115 B2, 28 de Out. De 1985

### *Borrasca de opiniões*

> «Se é preciso agir, tinha ele dito, a Providência disporá as circunstâncias de tal maneira que as nossas resoluções serão claras, conformes ao sentido da Fé dos fiéis. »[55]

É por isso que, por volta de 1985, Monsenhor Lefebvre consulta secretamente os leigos amigos, e recebe deles conselhos e argumentos doutrinais ou pastorais. No dia 22 de Fevereiro, escreve ao seu amigo Jacques Chevry, Secretário-Geral da revista *Credo*:

> «A questão da consagração é árdua e as opiniões são muito partilhadas. Sou-lhe muito grato por me ter colocado diante dos olhos este estudo muito bem feito,[56] do Padre Quénard, que conheço bem. A Providência desenrola diante dos nossos olhos os eventos, actos, palavras do Papa, e devo dizer que estamos cada vez mais estupefactos, a tal ponto que podemos nos perguntar: mas quem é este homem?»

Os meses passam e os conselhos prodigalizados ao Prelado multiplicam-se: Um Padre Reynaud faz-se eco de «altos conselheiros» que sugerem a Monsenhor Lefebvre consagrar «no maior segredo», ao que o Arcebispo responde que agirá publicamente, um tal acto eclesial não pode sofrer ambiguidade.

Um Michel Martin, no seu boletim *De Rome et D'Ailleurs*, titula: «O tradicionalismo não deve suicidar-se por reacções inconsideradas» «Nenhuma dúvida», escreve ele, «de que, obrigados a escolher entre a Igreja regular, a de João Paulo II, e uma Igreja dissidente, a imensa maioria dos tradicionalistas se dissociariam de Monsenhor Lefebvre»[57] «Se a ruptura acontecer», escreve Jean Guitton ao Prelado, «que vai suceder aos vossos sacerdotes?» «Em que drama de consciência vão ser precipitados, desbaratados, desamparados?»[58]

Dom Gérard, por seu lado, é reticente e reza à Virgem Maria, no dia 22 de Agosto de 1986, na festa do Coração Imaculado de Maria, «que os assaltos do cisma (e da heresia) se quebrantem contra os nossos muros sem jamais penetrar até nós».[59]

---

[55] RETREC, 6 de Set. De 1985, 15 h.

[56] Invocando as virtudes de equidade, segundo São Tomás, que permitem aos súbditos de corrigir a lei segundo a mente do legislador quando a lei não previu tal ou tal caso. Mas como admitir a equidade e o seu acto, «l'Epikie» quando o legislador é o próprio Deus? Ao menos que Deus, ele mesmo, tenha providenciado à sua Igreja, regras mais gerais para aplicar em caso de necessidade.

[57] Op. Cit. N° 69, Maio de 1986, p. 13

[58] carta do 3 de Julho de 1986

[59] Livre Blanc, Reconnaissance canonique du Monastère (du Barroux), 1970- 1990

Assim, numerosas são as súplicas apressando o Arcebispo a proceder a uma consagração, frente à apostasia, aos escândalos cometidos em alto nível. «Um fiel de Saint-Nicolas, desde a primeira hora» reclama «a conduta firme e socorredora dum episcopado sempre renovado e sempre fiel».

«Este episcopado, Monsenhor, escreve ele, quem no-lo pode dar sem romper a cadeia que nos une a São Pedro, quem senão vós?»[60]

Esta reflexão de bom senso é cheia de um *sensus fidei* magnifico: A apostolicidade da doutrina é principal.

Finalmente um doutor, Joseph Knittel, é um pouco mais Sábio:

«Seja como for, a vossa decisão neste assunto tão grave, escreve ele, podeis contar sobre a minha fidelidade indefectível na vossa pessoa e na Igreja» [61]

## *Bispos sem jurisdição*

No seio da Fraternidade, o maior parte das tropas deposita confiança no fundador; no entanto, na direcção do Seminário da Baviera, manifestam-se desconfianças e dúvidas, enquanto que em Écône, seis seminaristas que difundem um espírito de dissidência foram expulsos. Em França, o Superior, o Padre Aulagnier, fez preparar um estudo sobre a acção extraordinária do Episcopado,[62] enquanto que o Padre François Pivert elabora um texto,[63] legitimando a consagração sem mandato pontifical, em nome dum suprimento da Igreja, esse que é da mesma ordem daquele que permite a Monsenhor pregar e confirmar nas dioceses sem permissão dos Ordinários.

Em Setembro de 1986, na altura do retiro sacerdotal, que prega em Êcône, Monsenhor define já o papel limitado dos Bispos que criaria o que evitaria todo o odor a cisma:

«Seriam meus auxiliares, sem nenhuma jurisdição e unicamente para confirmar e ordenar, mesmo podendo ter funções na Fraternidade; mas aos olhos da Igreja é o Superior Geral que conta, os Bispos estarão ao serviço da Fraternidade. É a Fraternidade que é obra da Igreja, que recebeu as aprovações da Igreja

«Nem por sombra se trata duma questão de constituir uma Igreja paralela. O objectivo é simplesmente continuar a Fraternidade, para que não morra de morte natural por não haver alguém para ordenar os sacerdotes.

---

[60] Carta do 5 de Março 1986; Le Chardonnet n° 37, Junho de 1988

[61] Carta do 27 de Junho de 1987

[62] Boletim oficial do Distrito, Jan. 1987

[63] Des sacres par Mons. Lef...Un Chisme? Ed. Fideliter, Abril 1988

«E no dia em que regressar a Roma a verdade da Igreja de sempre, estes Bispos deporão a sua dignidade episcopal nas mãos do Papa, dizendo-lhe: «Eis-nos. Que quereis fazer de nós? Se quereis, aceitamos agora viver como simples sacerdotes, se quereis servir-vos de nós, estamos ao vosso dispor.»

«Mas o que fica é a Fraternidade, é isso que é a obra de Deus, que Deus quer.»[64]

No Seminário de Zaitzkofen, o Prelado coloca a questão chave:

«Se Roma nos recusa a permissão de consagrar, será porque o que nós fazemos é mau? Não, mas porque isso seria contrário à orientação actual, modernista e liberal, de Roma»

E conclui:

«Não penso que seja a vontade de Deus que a Fraternidade desapareça, no momento em que Ele lhe dispensou tantas graças. Não penso que o Bom Deus tivesse podido dizer até agora: «Anda para a frente, anda para a frente!» e que de repente dissesse: «Pára!» Quando as obras são boas, Ele quer que a Fraternidade continue.»[65]

A consagração apenas constituirá uma humilde medida de conservação, e provisória, para a sobrevivência duma obra que Deus quer para o Bem da Sua Igreja; com uma dimensão histórica à medida da crise que abala a Igreja.

## *Resposta romana às Dubia – Resolução*

Para passar ao acto, o Prelado recebe «um segundo sinal» providencial na resposta que Roma dá, no dia 9 de Março de 1987, às Dúbia[66]: Trinta e nove dúvidas, que Monsenhor submeteu em Outubro de 1985 à SCDF, concernentes à discordância da doutrina da liberdade religiosa com o ensino anterior da Igreja. Este ensinamento tradicional, resumido pelo Papa Pio IX na sua Encíclica Quanta Cura, reconhece, recordam-se disso, à autoridade civil «o ofício de reprimir através de penas legais os transgressores da religião católica» para proteger esta única verdadeira religião.

Ora, a declaração conciliar sobre a liberdade religiosa, quer que nenhuma autoridade humana tenha o poder de impedir, quem quer que seja, de exercer em público um culto religioso erróneo, por causa do erro (DH, 3)

---

[64] RETREC 77 A, 8 de Set. De 1986; Fideliter n° 57, p. 12; cf. Carta aos sacerdotes 27 de Abril de 1987, em Pivert, op. Cit., pp. 57-58

[65] Fideliter n° 57, pp. 15, 16, et 18

[66] Mes doutes sur la liberté religieuse (Minhas dúvidas sobre a Liberdade religiosa)

A resposta romana às *Dubia*, redigida em francês por «um teólogo de confiança e particularmente qualificado»,[67] desenvolve-se em cinquenta páginas; e não consegue responder a uma única dúvida em particular; mesmo admitindo que a doutrina da Liberdade religiosa é uma «incontestável novidade», pretende que a liberdade religiosa é uma consequência dum «desenvolvimento doutrinal na continuidade».

Com a sua intuição habitual, Marcel Lefebvre discerne imediatamente o nó da argumentação do teólogo da SCDF: O pretenso «espaço social de actividade autónomo» em que a pessoa humana poderia, por razão da sua dignidade, agir pùblicamente em matéria de religião, sem que o Estado possa intervir.

Não, replica Monsenhor Lefebvre no dia 8 de Julho de 1987 ao Cardeal Ratzinger:

> «Não existe um espaço de não intervenção do Estado no que respeita aos actos humanos públicos das pessoas na sociedade, porque sendo actos humanos e públicos, comportam uma moralidade que conduz à edificação ou ao escândalo. Na medida em que o Estado pensa dever aceitar o escândalo, age em virtude da tolerância, como fala toda a tradição.»[68]

Em resumo, escreve o prelado a um dos seus sacerdotes, «Os adeptos da nova noção da liberdade religiosa querem a todo o custo fazer isentar a pessoa humana, numa certa medida, da ordem providencial estabelecida por Deus, quer dizer, das sociedades que Deus fundou e das leis que Ele deu para dirigir as pessoas.»[69]

O espaço autónomo social está subtraído definitivamente à livre difusão da caridade de Deus. [70]

Desde o mês de Junho de 1987, o Arcebispo publicou o seu livro tratando da destruição do reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo: Ils L'ont découronné, que coloca em causa o Papa Paulo VI, o Concílio, e as «autoridades romanas de hoje». E o seu sermão do 29 de Junho rebenta como uma trovoada. O Prelado ameaça consagrar Bispos. A resposta às Dúbia, diz ele, é o sinal que eu esperava, «um sinal mais grave do que Assis. Porque cometer um acto grave e escandaloso, é uma coisa, outra coisa é afirmar princípios falsos, que têm na prática consequências catastróficas», a

---

[67] Carta do Cardeal Ratzinger, 9 de Março de 1987

[68] Anexo a Carta de Mons. Lef. Do 8 de Julho de 1987

[69] Carta ao padre B. Tissier de Mallerais, 13 de Maio de 1987

[70] Cf. COSPEC 133, 3 e 6 de Março 1989

saber, o destronização de Nosso Senhor Jesus Cristo e o «panteão de todas as religiões. »

Esta constatação obriga-o a reflectir sobre as consequências desta apostasia para a Fraternidade, «esta obra que Deus colocou nas nossas mãos», e para a Igreja, que Ele não quer abandonar «no estado da Paixão em que ela vive».

> «Trata-se duma necessidade evidente, e por isso, diz ele, é verosímil que eu vá constituir para mim mesmo sucessores para continuar esta obra, porque Roma está nas trevas.»[71]

E, *in petto* (na sua mente), ele fixa a data da festa do Cristo-Rei.

Todo o pequeno mundo da Tradição é abalado pela lógica da conclusão depreendida da sua análise. Roma está muito emocionada. O Prelado de Écône aproveita para passar da ameaça à súplica:

> «Suplicamos ao Santo Padre, pelo vosso intermédio, escreve ele ao Cardeal Ratzinger no 8 de Julho, que procure o livre exercício da Tradição» e que permita «que S. E. Monsenhor Castro Mayer e eu mesmo possamos nos prover de auxiliares da nossa escolha.»

Contudo, as palavras que se seguem nada possuem de uma captatio benevolentiae (fórmula para cativar o interesse ou suscitar as boas disposições):

> «Um Magistério novo sem raízes no passado, e por maioria das razões, contrário ao Magistério de sempre, apenas pode ser cismático, senão mesmo herético. Uma vontade permanente de aniquilar a Tradição é uma vontade suicidária que autoriza, por isso mesmo, os católicos fiéis a tomar todas as iniciativas necessárias para a sobrevivência e a salvação das almas.»

## 3. Manejos e intrigas

### *Abertura romana inesperada*[72]

Assim colocada sob pressão, Roma cede. O Cardeal Ratzinger recebe Monsenhor Lefebvre no Santo Oficio no dia 14 de Julho. Sua Eminência teima primeiro em sustentar diante do Arcebispo que «o

---

[71] Fideliter n° 58, pp. 2-3, 5-6

[72] Mons. Lef. Relatório MS da entrevista; o Padre Tissier de Mallerais, notas MS. Sobre uma reunião do 22 de Julho em Saint-Michel-en-Brenne; RETREC, 4 Set. 1987; Sel de l aterre n° 31

Estado é incompetente em matéria religiosa».

Mas o Estado tem uma finalidade última, eterna, replica o Prelado.

Isso é a Igreja, Monsenhor, não é o Estado. O Estado por si próprio não sabe.

Monsenhor Lefebvre está despedaçado: Um Cardeal, prefeito do Santo Ofício, que quer demonstrar-lhe que o Estado não pode ter religião, que não pode impedir a difusão do erro.

O Cardeal todavia brande a ameaça antes de passar às concessões: Uma consagração episcopal teria por consequência «o cisma e a excomunhão.»

«O cisma? Replica Monsenhor Lefebvre, se cisma existe, é bem mais do lado do Vaticano, com Assis e a vossa resposta às *Dubia*: É a ruptura da Igreja com o seu Magistério tradicional. A Igreja contra o seu passado e a sua Tradição, não é a Igreja Católica; é por isso que pouco nos importa ser excomungados por esta Igreja liberal, ecuménica, revolucionária. »

O alude passado, Joseph Ratzinger cede:

«Encontremos uma solução prática. Fazei uma declaração atenuada sobre o Concílio e o novo missal, um pouco no estilo da fórmula que vos apresentou Jean Guitton. Então conceder-se-vos-á» um Bispo para as ordenações, encontrar-se-ia um arranjo com os Bispos diocesanos e continuareis tal como até aqui. Solicitai um Cardeal protector, fazei as vossas proposições. »

Como? Monsenhor não saltou de alegria? Roma cede! Mas a sua fé penetrante fora até ao fundo das negações doutrinais do Cardeal, reflecte Monsenhor Lefebvre: «Jesus já não deve reinar? Jesus portanto já não é Deus? Roma perdeu a fé, Roma está na apostasia, não podemos confiar neste mundo de cá!»

«Eminência, diz ele, mesmo se me concederdes tudo: um Bispo, uma certa autonomia em relação aos Bispos, a liturgia de 1962, continuar os Seminários... Não podemos colaborar, porque trabalhamos em duas direcções opostas: Vós, trabalhais contra a sociedade cristã, contra a Igreja, nós trabalhamos para cristianizar a sociedade.

«Para nós, Nosso Senhor Jesus Cristo, é tudo, é a nossa vida. A Igreja, é Nosso senhor Jesus Cristo; o sacerdote, é um outro Cristo; a Missa é o triunfo de Nosso Senhor Jesus Cristo pela Cruz; o nosso Seminário, estamos inteiramente nele orientados para o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo. E vós, fazeis o contrário: acabais de tentar provar-me que Nosso Senhor Jesus Cristo não

pode e não deve reinar sobre as sociedades.»[73]
Contando esta cena, o Arcebispo descrevia a atitude do Cardeal: «Olhava para mim imóvel, os olhos fixos, como se eu tivesse proferido coisas incompreensíveis, inauditas.» Ratzinger tentava argumentar: «A Igreja pode mesmo assim dizer ao Estado o que ela quer», enquanto que Lefebvre com intuição, metafísico e cristão, não perdia de vista a finalidade verdadeira das sociedades humanas: O reino de Cristo. De facto, o Padre de Tinguy julgava rectamente quando dizia de Marcel Lefebvre: «A sua fé desafia os amadores de nuances teológicas».

## *«Não podemos colaborar»*

Durante todo o Verão, o realismo da fé que penetra o Arcebispo – não um pessimismo que não reside no seu carácter – faz-lhe dizer interiormente: Não podemos colaborar com os adversários do reino de Nosso Senhor.

No entanto, a carta que lhe escreve o Cardeal no dia 28 de Julho é animadora.[74] Debaixo da sua fórmula negativa, constituí o prelúdio duma concessão sem precedentes, a dos «auxiliares»:

«A Santa Sé não pode conceder à Fraternidade auxiliares sem que esta seja dotada de estrutura jurídica adequada.» Fala de outorgar à Fraternidade «a sua justa autonomia», e confirma a concessão do Missal de 1962, da continuação dos Seminários, das ordenações. E anuncia a nomeação «sem prazo, sem nenhuma condição preliminar,» de um Cardeal visitador que, é verdade, deveria garantir «a ortodoxia do ensino» dos Seminários, «o espírito eclesial», e que decidiria o acesso às ordens.

No dia 22 de Agosto de 1987, em Fátima, onde acaba – na falta do Papa que tergiversa – de consagrar a Rússia ao Coração de Maria, segundo o pedido da Santíssima Virgem,[75] Monsenhor Lefebvre reúne os seus próximos: O Superior Geral, o Padre Franz Schmiedberger, os Padres Tissier de Mallerais, Williamson, de Galarreta e Fellay, dentre os quais já pressente alguns para os tornar seus «auxiliares».

---

[73] Conferência de Mons. Lefebvre na altura do retiro sacerdotal em Écône, 4 de Set. 1987. Texto integral na revista Sel de la Terre, n° 31, p. 193-207; e CD Pour l'Ammour de l'Eglise: Le Christ-Roi, Homilias e alocuções de Monsenhor Lefebvre, Serviço de Gravação do Seminário de Écône, CH-1908 Riddes

[74] Marchal, 148-150; Fideliter n° especial Junho 1988. O Cardeal não menciona nenhuma fórmula a assinar.

[75] «Por tanto quanto que isso esteja em nosso poder», diz ele. Fideliter n° 59, pp. 136-137

Sublinha os poderes exorbitantes que teria o Cardeal visitador:

«Ele pode constituir um factor de divisão e de afastamento de seminaristas.»

«Não podemos seguir tal gente, é a apostasia, não acreditam na Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que deve reinar. De que serve esperar mais? Procedamos à consagração! Proponho a data da festa do Cristo-Rei, 25 de Outubro. »

Mas o conselho dos seus colaboradores é de não precipitar as coisas:

«Esperemos antes para ver para onde leva a abertura romana, organizemos uma estrutura canónica adequada, tentemos obter a permissão da Consagração, assim de nada poderemos nos arrepender, teríamos tentado tudo».

Monsenhor parece seguir este conselho. Todavia, entrado em França, na paz que lhe ofereceu a hospitalidade dos seus amigos, O Senhor e a Senhora Laurent Meunier, em Gigondas, escreveu num papel, no dia 29 de Agosto, uma «carta aos futuros Bispos», que sem dúvida concebeu na véspera (daí no fim da carta a alusão a Santo Agostinho) e cujo texto ele guarda em seu poder, sem comunicá-lo a alguém, nem sequer aos seus destinatários.

«Bem estimados amigos, escreve ele, estando a Santa Sé de Pedro e os postos da autoridade de Roma ocupados por anticristos, a destruição do reino de Nosso Senhor Jesus Cristo prossegue rapidamente (...) pela corrupção da Santa Missa, expressão esplêndida do triunfo de Nosso Senhor na Cruz: *«Regnavit a ligno Deus»*, e fonte de extensão do Seu reino nas almas e nas sociedades. (...) Eu vejo-me constrangido pela Providência divina a transmitir a graça do episcopado que recebi, para que a Igreja e o sacerdócio católico continuem a subsistir. (...) Conferir-vos-ei esta graça, confiando que, sem tardar, a Santa Sé de Pedro será ocupada por um sucessor de Pedro perfeitamente católico, entre as Mãos do qual podereis depositar a graça do vosso episcopado, para que Ele a confirme. »

Arrumar Cristo no Panteão de Assis e renegar-Lhe o Seu reino social, não é o mesmo que renegar a sua Divindade, «dissolver Cristo» e ser, como diz o Apostolo são João, um «anticristo» (1 João 2, 22; 4, 3)?

Mas como a sala de Martigny em que encarava proceder a Consagração, já não se encontra disponível para a data do 25 de Outubro, adiou *in petto (na sua mente)* a data para 27 de Dezembro, festa do apóstolo São João.

## *Visita Apostólica do Cardeal Gagnon*

Mas decididamente, Marcel Lefebvre não é constituído duma só peça. Pesa e volta a sopesar as proposições romanas do 28 de Julho.

> «Já não exigem de mim nenhuma declaração, concedem-me a Missa, um Bispo, uma estrutura jurídica de relativa autonomia,[76] propõem-me um visitador. Há já tanto tempo que eu peço esta visita, para que Roma nos conheça melhor.»

Por outro lado, no mês de Agosto, Jean Guitton, o académico que o tomou em afeição, fez uma diligência junto ao Cardeal Ratzinger: Que o Cardeal Visitador apenas tenha um papel de informador, sem ter nenhum poder sobre a Fraternidade.

O Cardeal Oddi apoia este pedido, no qual o Cardeal Ratzinger consente, numa breve nota transmitida a Monsenhor Lefebvre por Eric Saventhem.

É o imponderável que faz oscilar a balança do destino.[77] No dia 3 de Outubro, o Arcebispo dá uma reviravolta pública: Perante 4000 fiéis vindos a Écône, para dar graças a Deus com ele pelos seus 40 anos de episcopado, na presença dos seminaristas de Écône, de Zaitzkofen e de Flavigny, bem como de numerosos sacerdotes e religiosos amigos dentre os quais Dom Gérard, anuncia que «lhe foram apresentadas soluções que parecem extraordinárias». «É uma pequena esperança», diz ele prudentemente, mas

> «se Roma quer deveras conceder-nos uma verdadeira autonomia, aquela que agora temos, mas com a submissão – nós queríamo--la, sempre a tínhamos desejado: Estar submissos ao Santo Padre – (...) se Roma aceita deixar-nos fazer a experiência da Tradição, já não haverá problema.»[78]

Enquanto os *media* repercutem «o lance teatral» e difundem a «retoma do diálogo», o mundo da Tradição está alvoroçado com uma intensa emoção: «Alegria indizível» de muitos, «alívio» na maioria das pessoas, «prudente esperança» em alguns, ao passo que o Padre Schmiedberger faz rezar à Virgem Maria para «que nos preserve de todas as falsas soluções» [79]

---

[76] Plano MS. Da Conferência aos seminaristas do 22 de Out. 1987. Carta de Mons. Lef. Ao Cardeal Ratzinger, 1 de Out. ; Conf. de imprensa de Mons. Lef., 2 de Out. ; COSPEC 122, 2 de Out. 1987

[77] Carta de Guitton ao Cardeal Ratzinger, 4 de Agosto.; Carta de Guitton a Mons. Lef., 6 de Ag.

[78] Fideliter n° 60, Nov. E Dez 1987, pp. 18-19

[79] Nouvelliste du Valais, 5 de Out. ; carta circular aos superiores, Out. 1987

No dia 11 de Novembro chega finalmente a Écône o Cardeal canadiano Edouard Gagnon, presidente do Conselho Pontifical pela Família. É o visitador ideal: bom e paciente, discreto e sorridente, nunca escondeu a sua simpatia para com a obra de Monsenhor Lefebvre e, sacerdote de Saint-Sulpice, toma a peito a formação sacerdotal. Acompanhado na maioria das vezes pela sua Eminência parda, o Prelado luxemburguês Camille Perl, visita as principais casas da Fraternidade e as comunidades amigas, na França, na Suíça e na Alemanha: Priorados e escolas, conventos e Seminários, movimentos de jovens e noviciados.

Fica satisfeito com tudo. Assim preocupa-se em ser portador para Roma, não só da expressão da sua satisfação, mas também dum projecto de solução. Aos sacerdotes contactados, pergunta ele: «Como desejaríeis a solução?» A resposta constante é «que um padre da Fraternidade seja sagrado Bispo»; e a cara do visitador ensombra-se.

A viagem acaba no dia de 8 de Dezembro em Écône, onde o Cardeal não teme em assistir publicamente à Missa Pontifical do Bispo suspenso e ao compromisso de jovens numa Fraternidade suprimida. No Livro de Ouro do Seminário confia ele

> «Que a Virgem Imaculada escute as nossas preces para que a obra de formação maravilhosamente cumprida nesta casa encontre toda a sua irradiação para a vida da Igreja.»

## *Novo Ultimato*

No dia 5 de Janeiro de 1988, o relatório de Sua Eminência está no escritório do Papa que o leu imediatamente. Teoricamente muito favorável, o documento – se se acredita no Jornal *30 Giorni* – revela estranhas estatísticas:

> «Ao menos 80 % dos tradicionalistas desejam a paz e a comunhão com Roma, mais da metade estão sobretudo escandalizados pelos abusos litúrgicos, e só 15 % são oriundos de meios políticos e intelectuais marcados pela Acção Francesa. A maior parte dos adeptos e dos benfeitores do Prelado são gente simples, mas o Arcebispo corre o risco de ser influenciado pelos «duros» do seu movimento.»[80]

Pouco importa o matutar fantasista de «Monsignore» Perl! Não há outros «duros» senão Monsenhor Lefebvre ele mesmo que, com serena independência, empurra Roma sem deferência.

Ao Cardeal Gagnon, notificou três exigências: Para garantir a isenção para com os Bispos diocesanos, um ordinariato cujo Ordinário

[80] Jornal 30 Giorni, Fev. 1988; ABC et Nouvelliste du Valais, 30-31 de Jan.

seja o Superior da Fraternidade; uma comissão romana presidida por um Cardeal, mas cujos membros, inclusive o Arcebispo Secretário-Geral, sejam apresentados pelo Superior Geral; finalmente três Bispos, dentre os quais o próprio Superior Geral.[81]

Monsenhor tem os seus candidatos na sua mente, bem como a data, que confia aos seus próximos: 17 de Abril, Domingo do Bom Pastor. Dito doutra maneira, acordo ou não, eu vou consagrar! Contudo o tempo passa, de Roma nada vem, Abril já é demais apertado, aliás está frio, adiamos para 30 de Junho. O que aconteceu então? Uma indiscrição, um sussurro, um rumor que a agência *France-Presse* publica, que os *media* repercutem: «Um novo ultimato de Monsenhor Lefebvre: Acordo com Vaticano no dia 17 de Abril, ou então cisma!»[82] Os tradicionalistas atemorizados tremem; Jean Madiran, tímido, publica o despacho e depois grita: «Falsa notícia!»[83]

No dia 2 de Fevereiro, Monsenhor Lefebvre confirma a notícia:

> «Estou decidido a consagrar ao menos três Bispos no dia 30 de Junho, esperando ter a aprovação de João Paulo II, mas se ele não ma conceder, eu continuarei o meu caminho para o Bem da Igreja, para a perpetuidade da Tradição. »

E, homem prático, explica em pormenores a Michelle Reboul, próxima de Guitton e colaboradora no *Le Fígaro.:*

> «No dia 30 de Junho, está a ver, é o dia seguinte às ordenações; os fiéis poderiam permanecer no local e a grande tenda da cerimónia sacerdotal servirá para a Consagração dos Bispos.»[84]

Gagnon, assustado, escreve-lhe: Monsenhor, cuidado! Paciência e discrição! Guitton, mais realista, garatuja simplesmente: «Vejo a Vossa serenidade, fundamentada na Fé», mas permanecei fiel à Vossa decisão de Outubro.[85] Quer dizer: procurai antes o acordo, mas Monsenhor não procura o acordo a todo o custo. Tenta o jogo, mas sabe onde parar, ou melhor sabe exactamente o que quer, o mínimo para depois não se deixar contaminar, dividir, absorver, «os três pontos particulares necessários», sempre os mesmos, que enuncia de novo, e ao Papa ele mesmo, num correio de 20 de Fevereiro, precisando

---

[81] Proposição de regularização, anexo a carta ao cardeal Gagnon, 21 de Nov. 1987. Mons. Lef. Propõe como modelo o Ordinariato às Tropas definida pela Constituição apostólica Spirituali Militiae do 21 de Abril de 1986, DC 1920, 613

[82] Le Meridional; Le Nouvelliste du Valais, 30-31 de Janeiro; Le Fígaro, 1 Fevereiro.

[83] Présent, 1, 2, 4 e 5 de Fevereiro

[84] Le Fígaro, 4 de Fevereiro 1988

[85] Card. Gagnon, 15 de Fevereiro; Jean Guitton, 14 de Março 1988

que «a Consagração de Bispos para me suceder» é um ponto por resolver «antes do dia 30 de Junho».

João Paulo II reúne à volta dele vários Cardeais: «o que fazemos?» Um dos *porporati* sugere: «É mister escrever-lhe, propondo-lhe alguma coisa, mas não é à Santa Sé que compete esse procedimento». Casaroli diz: «Sim, mas eu não posso escrever, para Monsenhor Lefebvre eu sou o Diabo!» [86]

Afinal no dia 18 de Março, é o Cardeal Ratzinger, encarregado da «regularização», que escreve ao Arcebispo: «Designai dois peritos, um canonista e um teólogo, para proceder a uma troca de pontos de vista sobre proposições concretas» com peritos da Santa Sé. O Prelado designa o Padre Patrice Laroche e Bernard Tissier de Mallerais que vão ser confrontados com o Padre Tarcissio Bertone (futuro Bispo de Verceil) e com o Padre Fernando Ocariz (do Opus Dei), consultor da SCDF, na presença do Padre Benoît Duroux OP, moderador, e sob a presidência do Cardeal Ratzinger.

As reuniões de 12 e 13 de Abril, perto do Santo Ofício acabam pela redacção duma declaração em cinco pontos, que Monsenhor Lefebvre depois de algumas correcções no dia 4 de Maio, estima poder assinar, pois que lhe foi permitido exprimir que certos pontos do Concílio e das reformas da liturgia e do Código de Direito Canónico parecem dificilmente conciliáveis com a Tradição».

Em contrapartida, Roma vai conceder-lhe as suas três exigências? Residiu aí o busílis da questão (o ponto da ferida). O desacordo é frontal e total: A comissão, «instrumento da Santa Sé, vai ser composta com pessoas das Congregações romanas», ponto final. E os Bispos? «Não precisais, diz o padre Duroux; uma vez que tiverdes uma aprovação de direito pontifical, tereis todos os Bispos do mundo para fazer as vossas ordenações.» Como conclusão, o Padre Bertone concede: «Por razões práticas e psicológicas, encaramos a utilidade da consagração dum Bispo escolhido na Fraternidade. »

Quanto à isenção para com os Bispos diocesanos, «para as confirmações, reconheceis as dos Ordinários, a jurisdição deles; não se deve consagrar em estado de divisão». Para com a liturgia actual, estima o Cardeal Ratzinger, «é necessário a reciprocidade da aceitação dos ritos». E quanto às comunidades ligadas à Fraternidade, «vão ser reintegradas nas suas ordens respectivas» possuindo porém «um estatuto particular».

---

[86] Relatório do padre Du Chalard, ROMEC, p. 1926

## *A assinatura do 5 de Maio de 1988*

A perspectiva está sombria. Para esclarecê-la, Monsenhor Lefebvre empurra o Cardeal nos seus redutos: Considerando por adquirido o que apenas era encarado, «alegra-se pelo facto de ter um sucessor no episcopado» e, aproveitando a passada, pede dois, o segundo «daqui por seis meses». Quanto à Comissão «desejo trazer o meu concurso.»[87] Claramente, isso quer dizer: eu estarei presente nela!

À importunação do seu impetuoso correspondente, Ratzinger responde pela táctica do atraso. Àcerca «do problema da escolha do Bispo, o Santo Padre inclina-se a considerar o problema», uma tal nomeação «não poderá intervir em todo o caso de imediato» por causa do tempo necessário para «estabelecer os *dossiers*».

Isso pouco importa! Monsenhor comunica-lhe no dia 3 de Maio, 4 nomes de candidatos episcopáveis, e anuncia-lhe o envio próximo dos seus *dossiers*.

E no dia 4 de Maio, num discreto convento da Via Aurélia, tem lugar a reunião decisiva entre o Arcebispo, assistido dos seus dois peritos, e o Cardeal, secundado pelos seus. A declaração é ajustada sem impedimentos, as modalidades da normalização não provocam a mínima dificuldade. É nesta altura que o cardeal emitiu o seu parecer:

> «Acharei bom que em Saint-Nicolas-du-Chardonnet, haja ao lado das missas da Fraternidade, uma nova missa da paróquia; a Igreja é una.»

De repente, Marcel Lefebvre está de alerta, os seus olhos abrem--se: «Ah!, diz a si próprio, é a convivência dos ritos, que eles querem, no seio da Igreja... Conciliar» E quando o Cardeal enuncia a composição da Comissão romana: «Um Cardeal presidente, um vice-presidente ou secretário romano, e cinco membros, dentre os quais dois da Fraternidade, sob apresentação de Monsenhor Lefebvre.» Monsenhor ficou silencioso.

«Fica a questão da data da consagração», observa sagazmente o inflexível Patrice Laroche. É a hora da verdade, a revelação dos corações. O Cardeal cala-se. Então O Padre Laroche lá sugere: «Antes do final do ano mariano, isto é antes de 15 de Agosto?» «Os escritórios estão fechados nesta altura», replica o Cardeal Ratzinger. «Então pelo 1° de Novembro, festa de Todos os Santos?», pergunta Monsenhor Lefebvre que acrescenta: «Normalmente os confrades

---

[87] Carte do 15 de Abril de 1988 ao Card. Ratzinger

estão a espera para 30 de Junho.» O Cardeal ilude a questão: «Que Monsenhor diga que as coisas estão em bom caminho.»

Depois da refeição tomada em comum, durante o qual ficou anormalmente silencioso, o Arcebispo, num tom grave, diz aos seus dois assistentes:

> «Fiquemos por aqui, não quero continuar! Ouvistes o Cardeal? A convivência, a minoria na Comissão e nenhuma data para a consagração!»

No entanto, o colóquio é retomado:

> «Desde que Monsenhor, conclui o Cardeal, tenha assinado o protocolo, um comunicado de imprensa anunciará o progresso da reconciliação.»

Eu tenho um Bispo, pensa Monsenhor Lefebvre, mas então para quê reconciliação?

É nestas disposições contraditórias que no dia 5 de Maio, na festa de São Pio V, que lhe parece de bom augúrio, Monsenhor Lefebvre assina a declaração e escreve ao Papa uma carta de acompanhamento, exprimindo o desejo da realização das medidas contidas no protocolo. Não fala explicitamente da Consagração. Enfim aplicou a sua assinatura no protocolo de acordo que primeiro lhe traz em Albano, às 16 horas 30, o Padre Josef Clemens, secretário do Cardeal. A fotografia tomada nesta circunstância mostra um Monsenhor Lefebvre meio sorridente, meio crispado, debruçado sobre o texto que relê atentamente. O seu rosto exprime exactamente estes dois sentimentos que o assediam: «real satisfação», como escreverá ao Cardeal Ratzinger, e desconfiança abafada, que exprimiu às irmãs *del cenacolo* por volta das 15 horas:

> «Se o Padre Putti estivesse cá, o que diria ele? «Monsenhor, para onde ides? O que fazeis?»

## *O tudo por tudo*

«Marcel para onde vais?» A cabeça entre as suas mãos durante todo o terço e a adoração do Santíssimo Sacramento na capela, o Arcebispo reza, suspira às vezes, depois sem dizer nada, retira-se. Não dorme toda a noite. Reflecte: Não nos dão uma data, é porque não querem dar-nos um Bispo. Apanhado por uma dúvida diz a si próprio: Devo a todo o custo saber de que se trata com a nomeação do Bispo. Revelará mais tarde ao seu condutor e confidente, Jacques Lagneau:

> «Se soubésseis a noite que passei na altura da assinatura dos famosos acordos! Oh! Tomara que o dia chegue para que possa

remeter a carta de retractação que tinha preparado durante a noite».[88]

No dia seguinte, depois da Missa e prima, foi acabar a sua carta de que mostra o envelope ao Padre du Chalard ao pequeno almoço:

«Padre, diz ele, antes de partir, é necessário absolutamente levar isso ao Cardeal Ratzinger, é uma pequena bomba.»[89]

É um novo ultimato.

«A data de 30 de Junho foi bem indicada numa das minhas cartas precedentes como sendo uma data limite. Enviei-vos um primeiro *dossier* no concernente aos candidatos. (...) O Santo Padre pode facilmente abreviar o procedimento para que o mandato nos seja comunicado em meados de Junho.

Se a resposta for negativa, em consciência, eu me sentirei na obrigação de proceder à consagração, fundamentando-me no assentimento dado pela Santa Sé no Protocolo para a consagração dum Bispo membro da Fraternidade.

As reticências expressas àcerca da consagração episcopal dum membro da Fraternidade, quer por escrito quer oralmente, fazem--me temer legitimamente os prazos. »

A fixação duma data é, para Monsenhor Lefebvre, o teste da sinceridade de Roma, a prova de que não estão a enganá-lo, de que Roma não vai esperar simplesmente a sua morte: «Muerto el perro, se acabó la rabia», diz o provérbio castelhano, e em Francês: «Morte la bête, mort le venin». (Morto o bicho, acaba-se a peçonha)

Ai meu Deus, Ratzinger não parece entender! Faz simplesmente suspender o comunicado de imprensa previsto e, em 6 de Maio à tarde, é recebido pelo Santo Padre, entrega-lhe a carta que o Arcebispo escreveu no dia 5 de Maio, para o Papa, a qual é bem aceite, mas ficou calado sobre o ultimato. Estima não poder constranger o Papa e dever prosseguir o plano que previu: Primeiro levantar a suspensão – depois dum pedido de perdão da parte de Monsenhor Lefebvre (sem dúvida por causa dos pequenos desenhos que chocaram o Papa João Paulo II), depois a erecção da comissão romana, a regularização... Isso levará tempo. Sem mesmo esperar encontrar o Papa, escreveu ao Prelado, pedindo-lhe para corrigir a sua posição.»

O Arcebispo dirige-se a Écône; o seu condutor observa-o «inabitualmente triste e silencioso». No dia 10 de Maio, expõe em porme-

[88] Jacques Lagneau, souvenir d'un chauffeur, 21 de Abril 1997, p. 16

[89] Relatório do padre Anthony Esposito, ROMEC, p. 1909; Conf. a Saint-Nicolas-du-Chardonnet, 10 de Maio de 1988

nor a situação aos seus sacerdotes, em Saint-Nicolas-du-Chardonnet:

> «A bola está no campo deles, estou à espera que me respondam. O dia 30 de Junho é a data limite. Sinto-o, chego ao fim da minha vida, as minhas forças diminuem, sinto dificuldade de viajar em carro. Não posso adiar mais, seria pôr em perigo a continuação da Fraternidade e dos nossos Seminários. Eu disse na Televisão na Alemanha: No dia 30 de Junho haverá consagrações episcopais, com ou sem o acordo de Roma.»[90]

No dia 17, Ratzinger escreve a Monsenhor Lefebvre: Uma carta ao Santo Padre, no tom «duma humilde súplica» de reconciliação e de perdão, seria bem-vinda; o pedido de um Bispo para a Fraternidade poderia ser sugerido «sem exigir alguma data». Monsenhor recebeu esta missiva quando, no dia 20 de Maio, decide de escrever directamente ao Papa? Não só ele sublinha que «o dia 30 de Junho» lhe aparece como data limite para assegurar a sua sucessão, mas também considera «necessário ter vários Bispos».

No dia 23 de Maio, ele parte para Roma: «É a entrevista da última oportunidade», diz ele ao seu condutor Marcel Pedroni que repara no seu semblante triste e cansado no dia 24 de manhã.

Não está bem, Monsenhor?

Não dormi nada. Há meses que, praticamente, durmo pouco ou nada.

Em Roma, no dia 24, o Prelado entregue ao Cardeal uma ultima súplica:

> «Antes do dia 1 de Junho, indicai-me as intenções da Santa Sé sobre a consagração de três Bispos, postulada para o dia 30 de Junho, e sobre uma maioria de membros da tradição integrando a Comissão romana. Eu escrevi ao Papa: Um só Bispo não é suficiente para todo o apostolado. »[91]

Ratzinger está um pouco sufocado, mas transmitiu o pedido.

A resposta de João Paulo II, comunicada por uma carta do Cardeal em data do 30 de Maio, é negativa sobre a questão da maioria na Comissão: a Fraternidade não terá a maioria, não precisa disso. Quanto aos Bispos, «O Santo Padre está disposto a nomear um Bispo da Fraternidade (...) de tal maneira que a consagração possa ter lugar antes de 15 de Agosto»[92] Para isso, é mister que o Arcebispo envie

[90] ROMEC, pp. 1947 e 1956

[91] Mons. Lef. entregue ao Card. A sua carta do 20 de Maio dirigida ao Papa e a do 24, no mesmo dia, dirigida ao próprio Card. Ratzinger.

[92] João Paulo II disse oralmente: «Intro l'anno mariano». (Dentro do ano mariano)

«um número mais elevado de *dossiers* para que o Santo Padre possa escolher livremente» um candidato tendo «o perfil encarado nos acordos».

É mister depositar «confiança no Santo Padre e no Senhor».

O convite a depositar confiança não pode cair pior. O Arcebispo está antes de tudo preocupado em preservar a família tradicional» de toda a contaminação dos erros modernos, de todo o compromisso com as reformas post-conciliares, de toda a ruptura na sua coesão. Ora, escreve ele, numa nota:

«O ambiente dos contactos e dos colóquios, as reflexões de uns e outros no desenrolar das conversas, manifestam-nos claramente que o desejo da Santa Sé é de nos aproximar do Concílio e das suas reformas, de nos colocar no seio da Igreja Conciliar.[93]»

«Desde então, as vantagens que constituem «a normalização canónica» das nossas obras, a garantia da Liturgia e da formação dos membros, os contactos missionários mais fáceis para converter à Tradição sacerdotes e fiéis, e por fim um Bispo consagrado com o acordo da Santa Sé»; entra tudo isso na balança?

## *Reunião do Pointet – Ruptura dos colóquios*

Há anos que ele reza para que o Espírito Santo o esclareça, à Virgem Maria para guiá-lo. Em Março de 1987, todas as noites, nas suas insónias, levanta-se para rezar. Muitas vezes exclama:

«Ah! Se a Virgem pudesse aparecer-me para me ditar o que eu devo fazer».

Mas Monsenhor está reduzido a contentar-se com a sua razão iluminada pela Fé.

Nos últimos meses, questiona de boa vontade os seus condutores, que são os seus íntimos. «O que faríeis ao meu lugar?» – «O que responder?», pergunta a si mesmo Marcel Pedroni; não precisa dos meus conselhos.»[94] «O que quer a Divina Providência?» é a sua pergunta preferida. No dia 25 de Maio de 1988, em Albano, interroga os seus sacerdotes: «O que devo fazer?» «Eu não sou o Superior Geral da Fraternidade, devo referenciar-me ao Padre Schmiedberger.» E o Superior Geral chamado por telefone, na América, acorre a Roma, anulando a sua viagem para o Canadá.[95]

De mesma maneira que o Prelado consultou em 1984 àcerca da «missa do indulto» os «chefes de fileiras» da resistência eclesiástica:

---

[93] Enunciado da situação concernindo o que Roma chama a reconciliação, nota destinada à reunião do 30 de Maio.

[94] M. Pedroni, Caderno de rota e recordação

[95] Relatório dos Padres Esposito e Du Chalard, ROMEC, 1912 e1918

Monsenhor Ducaud-Bourget, o Padre André, o Padre Coache, o Padre Vinson, Padre Guillou, etc. Igualmente, decide convocar ao Priorado de Nossa Senhora do Pointet, no dia 30 de Maio, os sacerdotes grandes defensores da fé, e os superiores de comunidades amigas de religiosos e religiosas.

> «Estou inclinado, declara-lhes ele então, a consagrar a todo o custo quatro Bispos no dia 30 de Junho. A minha idade, a minha saúde enfraquecida, impelem-me a assegurar a salvaguarda, não da «minha obra», mas deste pequeno empreendimento de restauro do sacerdócio e da preservação da Fé católica, antes de que o Bom Deus me chame para Ele, transmitindo o episcopado a «Bispos livres para fazer reviver a Fé», «num espaço inteiramente limpo dos erros modernos», como eu já escrevi a João Paulo II no dia 20 de Maio. Peço o vosso conselho. »

Todos os convidados ficaram comovidos por este gesto de atenção, deste cuidado de comunicação, deste desejo de esclarecer um consenso dos veteranos, bem como dos jovens responsáveis religiosos. Todos entendem a importância desta consulta que deve assegurar que depois das consagrações episcopais, quando as sanções e vocábulos infamantes caírem, a frente comum da Tradição se manterá firme.[96]

O Padre Duchalard, de Albano, transmite por telefone o texto da carta do Cardeal Ratzinger do mesmo dia: os candidatos propostos por Monsenhor Lefebvre não agradam. «Não têm o perfil». Roma encontrará na Fraternidade um candidato com o «perfil», isto é conciliador, fraco e liberal à medida dos desejos de Roma? A ameaça não é ilusória, Monsenhor Perl informou-se cuidadosamente a respeito deste assunto, na altura da visita apostólica.

Então, cada um dos participantes deste pequeno concílio da Tradição, manifesta francamente a sua opinião.

O Padre Lecareux, os Capuchinhos, o Padre Coache e o Padre Tissier de Mallerais pronunciam-se em favor do acordo. Igualmente Dom Gerard:

> «Se uma ruptura intervier, diz ele, tornamo-nos sociologicamente uma seita, tal como «as pequenas igrejas», de que não se volta já para a grande Igreja».
>
> Quanto aos perigos evocados por Monsenhor Lefebvre: «É a nós que nos compete defender-nos! Não substimemos a nossa força, que é doutrinal; e concluamos entre nós uma constituição de caridade, um compromisso católico de nada fazer que possa romper a frente

---

[96] Aulagnier, 182-184

comum e colocar os nossos irmãos em desacordo».

No sentido inverso fala o Padre André:

«Mantenhamos as nossas exigências, senão conservemos a nossa liberdade e suportemos as acusações e rótulos de Excomunhão.»

O Padre Aulagnier, por seu lado, fala a linguagem da prudência:

«Em Roma têm um pensamento teológico e filosófico contrário ao pensamento da Igreja. Tenho medo deste acordo; temo a astúcia do Demónio, do inimigo. Não me sinto a discutir com Lustiger, Decourtray, o Papa de Assis. O Bispo sagrado não possuirá a autoridade moral. Temo a comissão romana. «Adiro à Roma católica, renego a Roma modernista», que arrisca de ser o Leviatan que nos devora.»

As Irmãs, por sua vez são quase unanimemente categóricas:

«Não queremos mais tratar com os Bispos que perderam a fé», estimam as dominicanas de Fanjeaux; e as de Brignoles consideram que «a dependência para com a Comissão as obrigaria a ter contactos com as antigas Congregações convertidas ao modernismo» e que «isso é impossível». As Irmãs da Fraternidade evocam o risco «pela fé e pela coesão da Tradição». Finalmente, as Carmelitas pensam que «é um cavalo de Tróia na Tradição».

Monsenhor Lefebvre, que expôs objectivamente as vantagens e inconvenientes do acordo, mostra, em conclusão, para onde inclina a balança. O Princípio é luminoso:

«O vínculo oficial com a Roma modernista é nada em comparação com a preservação da fé!»[97]

A reunião encerra com a promessa de todos: «Conformarmo-nos com a decisão de Monsenhor».

Mas já nesta altura, Dom Gérard toma o Arcebispo à parte:

«A condição do mosteiro é particular, alega ele, tentar a sua normalização não apresenta os mesmos perigos que para a Fraternidade.»

O Prelado concede:

«O vosso caso não é semelhante, tendes os vossos monges à vossa volta, eu tenho oitenta casas e quinhentas capelas, seria a divisão.»[98]

Mas a divisão, subentende o Arcebispo, será entre vós e nós. Dom Gérard não percebe; esquecido do seu discurso de compromisso e da frente comum, foi negociar com as autoridades romanas, desde o dia 21 de Junho, um acordo separado.

---

[97] Segundo as nossas próprias notas manuscritas e «l'Exposé de la situation» «o enunciado da situação» distribuído por Mons. Lef. aos participantes.

[98] Livre Blanc, reconnaissance canonique du Monastère, 1970-1990, Abadia de Sainte-Madeleine.

## 4. As consagrações episcopais

### *Sozinho a poder decidir*

Tendo consultado, Monsenhor deve agora decidir. Assim o quer a virtude da prudência: ser lento no conselho, mas pronto na decisão. Esta decisão, ele tomá-la-á sozinho. O Vaticano vai pensar que estava «prisioneiro da sua comitiva» e enviar-lhe-á, de propósito, na véspera das consagrações episcopais, um carro Mercedes a Écône para retirá-lo das mãos dos pretensos «carcereiros».

«É surpreendente, dirá ele, que sempre se invoca a minha comitiva, quando sou eu que sustentei e revigorei a minha comitiva para chegar às Consagrações.»[99]

Isso é verdade: nem o tenaz Schmiedberger, nem o impetuoso Aulagnier auxiliaram.

A decisão das consagrações, Monsenhor Lefebvre é o único a poder tomá-la: impregnado do sentido da Igreja desde o seu Seminário romano, depois em África enquanto Delegado Apostólico, e confidente de Pio XII, arauto da fé durante o Concílio, quem melhor do que ele pode avaliar a traição à verdade da Igreja perpetrada pela autoridade? Bispo católico, sucessor dos Apóstolos desde há quarenta anos, sente fortemente a responsabilidade formidável que pesa sobre os seus ombros. Sente-se o único em condições de avaliar que o meio excepcional de salvação pública que encara, longe de ser ilícito, é legítimo e católico, que a acção, em lugar de ser um pecado, será um acto virtuoso; ele que depois da consagração dirá:

«Se eu tivesse consciência de cometer um pecado, eu, nunca teria feito isso».[100]

Assim, no dia da festa do Corpo de Deus, a 2 de Junho de 1988, escreve ao Papa a sua resolução:

«Devido à recusa de considerar os nossos pedidos, e sendo evidente que o objectivo da reconciliação de modo nenhum é o mesmo para a Santa Sé como para nós, acreditamos que é preferível esperar por tempos mais favoráveis para o regresso da Santa Sé à Tradição.

É por isso que nós mesmos nos concederemos os meios de prosseguir a obra que a Providência nos confiou, assegurado que foi pela carta da Sua Eminência o Cardeal Ratzinger datada do 30 de Maio, que a Consagração episcopal não é contrária a vontade da Santa Sé, pois que foi concedida para o dia 15 de Agosto.

[99] Aulagnier, 183

[100] RETREC 89 (3 A), 19 de Set. 1988; Cf. Fideliter nº 123, 28-29

Continuaremos a rezar para que a Roma moderna, infestada de modernismo, volte a ser a Roma católica e reencontre a sua Tradição bimilenar. Então o problema da reconciliação já não terá razão de ser e a Igreja reencontrará uma nova juventude.»[101]

## *Como se realiza um acto histórico?*

A carta que João Paulo II lhe escreve no dia 9 de Junho, qualificando o seu projecto de «acto cismático», não conseguiria parar Monsenhor Lefebvre. Perante a sua firmeza, Roma recua de novo, o Padre Duroux propõe reconsiderar a composição da Comissão. O secretário do Cardeal Ratzinger foi longamente recebido em Écône pelo Arcebispo no dia 10 de Junho: sem resultado. Dom Gérard, vindo advogar a causa da independência do seu mosteiro no dia 3 de Junho, regressou ao mosteiro de mãos a abanar.

O Prelado obteve a aceitação dos quatro sacerdotes sobre os quais progressivamente se determinou a sua escolha. Às vezes, questionava o seu condutor casualmente: «Quem colocaríeis?» E quer nomes![102] Os prognósticos vão com bom andamento entre os seminaristas. É apenas no dia 13 de Junho que os candidatos aparecem à luz do dia, em Écône: o inglês Richard Williamson e o espanhol Alfonso de Galarreta, um, Superior do Seminário norte-americano, o outro Superior do distrito da América do Sul; o jovem suíço Bernard Fellay, ecónomo geral, que passou a sua juventude ao pé de Écône, e o francês Bernard Tissier de Mallerais, Secretário-Geral. Os dois últimos residindo em Rickenbach, junto ao Superior Geral, o Padre Franz Schmiedberger, que os arrelia: «Excelência... » – «Não há aqui Excelência!» é a resposta invariável.

Não se trata disso, mas de prelados «de suprimento para a Igreja» e votados à excomunhão, ou o que se parecia como tal. Confiando-se no Arcebispo, assumem galhardamente os seus deveres:

«Monsenhor tem a graça para decidir, e nós temos a graça para seguir.»[103]

Monsenhor prepara com cuidado a cerimónia: a tenda das Sagrações, o grande mestre de cerimónias, os quatro barris de vinho que lhe serão oferecidos pelos futuros Bispos. Vai a Roma comprar as cruzes peitorais, faz cinzelar os anéis pastorais, talhar as batinas roxas. Toma o cuidado de explicar o seu gesto aos seminaristas de Écône e Flavigny, aprova artigos e brochuras que o explicam aos

---

[101] Fideliter extra-seria, 29-30 de Junho 1988
[102] MS. III, 34
[103] Fideliter n° 123, Maio-Junho, 1998, p. 29

fiéis. Sabe perfeitamente utilizar os *media* que convoca em Écône para uma conferência de imprensa, que organiza no dia 15 de Junho, mal apeado do carro de regresso duma viagem.

O *dossier* de imprensa preparado pelo director, o Padre Lorans comporta uma «declaração pública» do Prelado, que tinha ficado nos seus papéis, desde a sua redacção em 19 de Outubro... de 1983.

> «A Igreja, ali pode ler-se, tem horror de toda a comunhão (...) com as falsas religiões, com as heresias. (...) Não conhece unidade senão no seu seio. (...) Para salvaguardar o sacerdócio católico o qual continua a Igreja católica, e não uma Igreja adúltera, é mister ter Bispos católicos.»

É sempre o mesmo estilo conciso, acutilante, forte e verídico. Um longo texto escrito pelo Arcebispo no dia 29 de Março de 1988, acompanha a declaração, bem como um estudo do professor de Direito Canónico de Mayence, Georg May, sobre o direito em caso de necessidade na Igreja, «suma das regras jurídicas que vigoram em caso de ameaça contra a perenidade ou actividade da Igreja».[104]

Uma vez a exposição terminada, as perguntas difundem-se, na sala de aula, em que se apinham mais de cem jornalistas:

- O cisma vai afastar de vós numerosos fiéis...
- Está bem! Veremos. Mesmo que uma tal situação possa durar dez ou vinte anos.

Monsenhor Lefebvre está pronto a responder a todas as questões com calma, com uma certa complacência que pasma os repórteres. O que não impede um deles, muito franco, de confiar a um seminarista ao sair: «O vosso patrão, eu vou colocá-lo em má posição!»[105] Efectivamente, a imprensa do dia seguinte titula em coro: M«onsenhor Lefebvre: o cisma anunciado» (Jean Bourdarias, *Le Figaro* do 16); «Monsenhor Lefebvre às portas do Inferno» (*Le Quotidien*); «Desafia João Paulo II» (*Tribuna de Genève*). Encontra-se também de maneira mais colorida: «A guerra santa», «A guerra das mitras», ou mais convencional «O cisma programado», «A fractura».

André Frossard, às vezes mal inspirado, avança com um comentário, cujo estilo fácil não dissimula a indigência de âmago:

> «O que entristece mais é a obstinação do Prelado de Écône em desconhecer a generosidade dum Papa que foi longe, muito longe, para o reter no caminho do cisma. Prisioneiro das suas ideias, cuja rigidez deixa muito pouco espaço de movimento à sua

---

[104] Notwehr, Widerstand, Notstand (legítima defesa, resistência, necessidade), 1984

[105] Diário de Écône, 15 de Junho 1988

inteligência, prisioneiro da sua organização, talvez não pudesse senão impulsionar até à ruptura a lógica da sua desobediência. Todavia, não está obrigado a impulsioná-la até ao absurdo.»[106]

Jean Guitton, o liberal amigo, escreve no 21 de Junho ao Prelado uma última missiva com tinta vermelha cor de sangue:

«Eu sempre vos defendi. Expliquei que éreis um «mutin» (rebelde) e não «un mutant» (homem de mudança), que lutais pela verdade, que não pode mudar na sua essência. (...) O dia 30 de Junho será na minha vida a data da grande fractura. (...) Eu peço que me recebais sozinho, antes do 30 de Junho, (...) para vos dizer esta palavra cheia de esperança e de mistério que se pronuncia nas separações últimas (como um filho ao seu pai)... A-Dieu!» (A-Deus)

## *O Acto vitorioso*

Passando para além das injúrias e das súplicas, transgredindo tranquilamente a advertência do Cardeal Gantin,[107] o Arcebispo, sorridente e alegre, está feliz no dia 25 de Junho, ao acolher solenemente em Écône o seu amigo Monsenhor Castro Mayer, Bispo emérito de Campos, acompanhado de vários dos seus sacerdotes. Depois, no dia 29 de Junho, procede à Ordenação de 15 sacerdotes. Na parte da tarde, proporciona ao seu amigo Guitton o prazer de o receber, de o escutar, afável mas inflexível.

> Admiro a vossa calma, diz o académico.
> O que constitui a minha calma, replica o Prelado, é que tenho a noção de cumprir a vontade de Deus. É o que importa antes de tudo. Então acontecerá o que acontecer. Como eu tenho a intenção de fazer a vontade de Deus e de não me separar da Igreja de Pedro, estou em paz.[108]

E foi o A-Deus.

À tarde, um mensageiro da Nunciatura traz o texto dum telegrama do Cardeal Ratzinger:

«O Santo Padre pede-vos paternalmente, mas firmemente, para partirdes desde hoje para Roma sem proceder, etc. »

Ao Padre Cottard, o Arcebispo confia:

«Se hoje mesmo me trouxesse o mandato pontifical devidamente assinado, adiaria a consagração episcopal para 15 de Agosto e anunciá-lo-ia amanhã. »

---

[106] Le Fígaro, 16 de Junho 1988

[107] O Prefeito da Congregação dos bispos: Advertência do 17 de Junho 1988, conjurando o prelado a não realizar o seu projecto sob pena de excomunhão *ipso facto* prevista pelo cânone 1382 do Código de direito canónico.

[108] Jean Guitton, Un siècle, une vie, Robert Laffont, Paris

Mas já não se pode pensar nisso.

No dia seguinte, 30 de Junho 1988 de manhã, o prado de Écône povoa-se de dez mil fiéis provenientes do mundo inteiro.

Os jornalistas afluem e estão colocados numa Galeria especial de onde metralham o santuário.

O cortejo põe-se em marcha: Os seminaristas de vários dos seis Seminários da Fraternidade reunidos, centenas de sacerdotes e religiosos, dentre os quais Dom Gérard, os mestres de cerimónias, os quatros «consecrandi» (para ser consagrados), os ministros sagrados e os dois Bispos consagrantes. Um helicóptero que dá voltas desde há momentos atirou-se de repente para a procissão, mas só para filmá-la. A cerimónia principia pela leitura do mandato pontifical:

- Tendes mandato apostólico?
- Temos.
- Que seja lido.
- Recebemo-lo da Igreja Romana, sempre fiel às santas tradições recebidas dos Apóstolos...

Depois, num estilo simples e animado, Monsenhor Lefebvre propõe uma muita linda demonstração do caso de necessidade em que ele se encontra e do seu dever de transmitir o episcopado: «Não sou senão um Bispo da Igreja católica que continua a transmitir a doutrina. Penso que, e sem dúvida isso não vai tardar muito, que se poderão escrever no meu túmulo as palavras de São Paulo:

«Tradidi quod et accepi», «Transmiti o que recebi», muito simplesmente. (...)

«Parece-me ouvir as Vozes de todos estes Papas desde Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII, São Pio X, Bento XV, Pio XI, Pio XII, para nos dizer: «Por favor, por favor, que ides fazer do nosso Magistério, da nossa pregação, da Fé católica, ireis abandoná-la? Ireis deixá-la desaparecer desta terra? De graça, de graça, continuai a conservar este tesouro que nós vos confiámos. Não abandoneis os fiéis, não abandoneis a Igreja! Continuai a Igreja! Porque afinal, desde o Concílio, o que nós tínhamos condenado, eis que as autoridades romanas o adoptam e o professam.»

Ora para transmitir a fé íntegra, é necessário ter sacerdotes, e «não pode haver Padres sem Bispos. «De quem estes seminaristas vão receber o sacramento da ordem? Dos bispos modernistas? Não posso deixá-los órfãos, desaparecendo sem nada fazer para o futuro. Não é possível, isso seria contrário ao meu dever.»

O Prelado vai então responder à muda súplica de todos os Papas e, associando-se a Monsenhor Castro Mayer, vai transmitir o episcopa-

do que recebeu, efectuando assim a «operação de sobrevivência» da Tradição católica. E quando esta Tradição tiver reencontrado os seus direitos em Roma, «Seremos abraçados pelas autoridades romanas, que nos agradecerão por ter mantido a Fé...»[109]

De passagem, com um sorriso malicioso, arranha os *media* que «sem dúvida vão titular: «O cisma, a excomunhão!»; «mas estamos persuadidos que todas estas acusações e estas penas de que somos o alvo são nulas, absolutamente nulas.»

O Arcebispo sentou-se e é a vez de Monsenhor Castro Mayer de falar, com a mesma força concisa, pastoral e teológica:

> «Vivemos numa crise sem precedentes na Igreja. Crise que a atinge na sua substância mesma, que é o Santo Sacrifício da Missa e o sacerdócio católico, dois mistérios essencialmente unidos, porque sem o sacerdócio, já não há sacrifício da Missa, por consequência já não há forma de culto. Igualmente, é nesta base que se edifica o reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo. (...)
>
> Estou aqui para cumprir o meu dever: fazer uma profissão pública de fé (...) Quero manifestar aqui a minha adesão sincera e profunda à posição de Monsenhor Lefebvre, ditada pela sua fidelidade à Igreja de todos os séculos.»; «Ambos bebemos na mesma fonte: a Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana.»[110]

Ao ouvir estas palavras que exprimem a comunhão total do seu amigo e Bispo, a cara de Monsenhor Lefebvre acalmou-se, ilumina--se, o seu coração dilata-se: É mesmo verdade, ele não está sozinho, é a Igreja que actua nesta manhã, é ela que o anima, o leva, o levanta em todos os seus gestos que vai cumprir. Desde há uma dezena de dias, diz ele, «a cabeça me batia dia e noite». No fim da cerimónia, confia aos seus assistentes na sacristia: «Pensei não chegar ao fim.» Mas quando, havia pouco, impôs a mitra na cabeça dos seus filhos, todas as testemunhas repararam num Prelado radioso, com um semblante iluminado por um sorriso vitorioso. À calma firmeza da véspera e da manhã sucedia uma alegria profunda que, durante todo o dia, vai sustentar o seu corpo esgotado. O Prelado não procedeu às consagrações na perturbação e inquietação. As regras do discernimento dos espíritos permitem, por detrás desta tranquila felicidade, adivinhar a paz duma boa consciência e de julgar, mesmo indirectamente, da bondade moral do acto cumprido. Monsenhor Lefebvre pode agora cantar o seu *Nunc dimittis*: «Agora Senhor, deixai o

[109] Fideliter n° 64, Julho-Agosto 1988, pp. 4-8

[110] Ibid., p. 9

Vosso servidor partir em paz...» Deveras transmitiu tudo o que tinha por transmitir, no momento marcado pela Providência, nem demasiado tarde, nem demasiado cedo, em plena posse dos seus meios.

E no entanto, durante os três anos que Deus ainda lhe concedeu, de 1988 até o seu falecimento, no dia 25 de Março de 1991, ele vai acompanhar com a sua presença moral os seus jovens auxiliares, e introduzir nas suas funções os seus herdeiros, permitindo-lhe conferir doravante as ordenações, às quais assistirá modestamente, seguindo com os seus olhos ardentes os gestos dos seus filhos que estão a transmitir, à sua volta, o sacerdócio.

Por cima da grandeza de alma desta atitude humilde, há nesta presença, uma vontade total de assumir as suas escolhas e de fazê-lo de modo que prossigam em bom andamento.[111] Quão profunda é a visão do peso do porvir neste olhar doloroso que acende a chama duma fé inextinguível!

---

[111] Aulagnier, 184

# Capítulo XX

# Transmiti o que recebi

## 1. O acto mais magnânimo.

Frente a uma situação de emergência em que perigam a fé, a pureza do sacerdócio e a salvação das almas, Monsenhor Lefebvre deu portanto provas de alto discernimento e de madura decisão prudencial. Sozinho, colocado em posição de confrontar a necessidade «de Bispos plenamente católicos para continuar a Igreja Católica»,[1] com o estado de paralisia e de «sida espiritual» de Roma, deliberou, julgou e agiu com o sentido e o amor da Igreja. A solução das sagrações episcopais constitui, como escreveu o Padre Filipe Laguérie, «o acto mais magnânimo de Monsenhor Lefebvre: Para a honra de Jesus Cristo, a Terra inteira não conseguiu fazê-lo tremer.»[2]

### *Esfomeado e sedento da justiça*

A Igreja deverá julgar da heroicidade deste acto. Negá-la será fácil: Monsenhor Lefebvre não caiu para onde se inclinava? O seu carácter «obstinado», a sua confiança total nos seus princípios, o seu julgamento seguro de si, enfim, a sua alergia ao liberalismo não devia levá-lo a desempenhar um papel de cavaleiro solitário?

Os leitores que nos seguiram saberão corrigir estes lugares comuns, estes estereótipos e além disso evocar o homem de Igreja respeitoso da autoridade, obediente com paciência, leal aos seus chefes e inimigo de toda a oposição ruidosa e escandalosa, homem de oração e de sabedoria que apenas deseja seguir a Providência. Ao menos poderiam interrogar-se: O acto do Prelado não se deve explicar por uma graça especial ligada à sua missão particular? Uma graça levando-o até ao extremo das exigências duma tarefa percebida com

---

[1] Itinéraire spirituel,(Itinerário espiritual) Prólogo

[2] Citado por Joseph Lagneau, de que exploramos os pontos de vista acerca das sagrações episcopais. MS. Dirigida a Monsenhor Lefebvre «por uma testemunha», no dia 19 de Novembro de 1989

antecedência, mas realizada no dia a dia, custe o que custar, segundo as indicações providenciais. Marcel Lefebvre, tal como Deus o conduziu, seria então um mistério de graça.

A Providência, Monsenhor Lefebvre quis sempre segui-la. Mas confiança não significa indolência. O seu amigo, o Padre Calmel sentiu isso bem: «Confiar-se à graça de Deus não é nada fazer! É operar, permanecendo no amor de Deus, tudo o que nos compete.» O santo abandono situa-se não «na demissão e na preguiça, mas no coração da acção e do empreendimento».[3] Seria desonesto pedir a Deus a vitória na oração sem combater.[4] Aí encontra-se a Magnanimidade: numa resposta generosa à graça de Deus quando esta exige, para além da oração, que se realize um tributo estritamente pessoal: «The things I pray for», rezava magnanimamente São Thomas More, «dear Lord, give me the grace to work for» (Pelas coisas que peço, Senhor, dai-me a graça de trabalhar).

Mas àqueles dos nossos leitores que nos censurariam por falta de objectividade e de soçobrar no panegírico, deixamos a um outro São Tomás (de Aquinate) o cuidado de pintar o retrato do homem magnânimo.

A magnanimidade é o pensamento e a realização de coisas grandes e elevadas num amplo e glorioso desígnio; faz parte integrante da virtude de força e ajuda o homem a não falhar na execução duma obra por causa dos perigos. Por coisas grandes, devemos entender aquelas que são dignas duma grande honra. Deva por operá-las incorrer num desonra desmerecida, o homem magnânimo não se deixa abater por isso, mas despreza-o. Enfrenta portanto muito vivamente o perigo, para fazer o que deveras é grande, não por gosto do risco como o teimoso, mas enquanto homem destemido, ao contrário da alma tímida; unicamente um empreendimento repreensível consegue torná-lo tímido. E as oposições penosas não tornam o homem forte menos firme na perseverança do empreendimento árduo que tem de desenvolver.

Se se considera digno de grandes coisas, é em consideração dos dons que obteve da parte de Deus, porque, ao examinar os seus defeitos, humilde, considera-se como nada. Assim a Magnanimidade, fraternizando com a humildade, torna-se virtude cristã.

Sem dúvida, não falhar por causa dos obstáculos releva da virtude de força, mas quanto a chegar ao termo da obra boa e por ela entrar

[3] Artigo publicado no Itinéraires n° 64: «Do verdadeiro abandono».

[4] Itinéraires n° 325-326, Julho-Agosto de 1988, escrito por Jean Madiran citando, diz ele, Charles Peguy.

na vida eterna, fim último de todas as boas obras, isso é dom do Espírito Santo, pois só Ele pode infundir na alma uma confiança tal que exclua todo o temor contrário.

Não é aos magnânimos que o Senhor promete a bem-aventurança? Aspirando e obrando nas coisas grandes e justas, têm a certeza de ver os seus desejos satisfeitos e até cumulados para além para além do que sonharam neste mundo e no Além:

«Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados (Mateus 5, 6) [5]»

## *Aqueles que não têm nem fome nem sede*

Sentado àparte no alto da vertente que domina a tenda das cerimónias da sagração, Dom Gérard toma as suas distâncias. Na tarde deste 30 de Junho de 1988, declara ao seu amigo Laurent Meunier consternado: «A comédia já durou bastante, este *meeting* (encontro político), estes aplausos, já não temos aqui nada por fazer, voltemos para o mosteiro!»

No dia 26 de Julho, em Gigondas, encontrando pela última vez Monsenhor Lefebvre durante quatro horas a fio, o monge acaba por assegurar a Monsenhor: «Não realizaremos nada com Roma sem vos consultar.»[6] Mas o acordo estava já virtualmente pronto desde o dia 16 de Junho. Dom Gérard até escreveu ao Papa no dia 8 de Julho: «Recusamos toda a ideia de nos separarmos da Igreja pela aprovação duma ordenação episcopal conferida sem mandato apostólico.»[7] E, no dia 29 de Julho, o Mosteiro do Barroux foi integrado no «perímetro visível da Igreja», como se exprime Dom Gérard. Monsenhor Lefebvre chora a defecção daquele por quem fez tanto.

Até ficou mais afectado por isso do que pelos 15 sacerdotes e 15 seminaristas que abandonaram a Fraternidade, na sequência do decreto da excomunhão e do Motu Proprio *Ecclesia Dei Aflicta* (Igreja de Deus aflita) de João Paulo II. Este último acolheu em Roma, nos dias 5 e 6 de Julho, o Padre Joseph Bisig, bem como sete outros Padres, confortando-os no projecto de constituir uma nova Fraternidade sacerdotal. Essa foi fundada no dia 18 de Julho, na Abadia cisterciense de Hauterive, perto de Friburgo. Os membros fundadores elegem canonicamente – diz a sua comunicação – como Superior Geral, o Padre Bisig, e como assistentes, os Padres francês Denis

---

[5] S. Teológica, II-II, q. 128, a. 1; a. 2, c. E ad 3; a. 3ad4; a. 5, ad 2 e 3; q. 139, a. 1 e 2.

[6] Entrevista de Laurent Meunier, 31 de Maio de 1997, pp. 2 e11.

[7] Fideliter n° 67, Janeiro Fever. 1989, p.10. A frase do monge é alambicada.

Coiffet, e o Padre suíço Gabriel Baumann, todos antigos membros da Fraternidade São Pio X.

A Fraternidade São Pedro, bem como o mosteiro do Barroux e outras obras, sacerdotes e religiosos que se encontram no mesmo caso, dependerão da Comissão Pontifical *Ecclesia Dei* prevista pelo Motu Proprio para

> «facilitar a plena comunhão dos sacerdotes etc. , que desejam ficar unidos ao Sucessor de Pedro na Igreja Católica, conservando as suas tradições, espirituais e litúrgicas.»[8]

Questão de gosto ou de preferência, não questão de fé e de combate.

Em favor de todos «os que se sentem ligados à tradição litúrgica latina», João Paulo II recomenda aos Bispos «uma aplicação larga e generosa» do indulto do 3 de Outubro de 1984. O regime do indulto é portanto confirmado, nos limites aleatórios da benevolência dos Bispos para com esta sensibilidade religiosa particular.

## *A psicologia de «Ecclesia Dei»*

As motivações dos católicos «Ecclesia Dei» são diversas. O Padre Bisig é o mais nobre, na sua fé em Roma, uma fé mal esclarecida que quer esquecer a Roma ocupada, uma Roma contente em arrastar alguns aderentes ao Arcebispo «excomungado», para os arrastar paulatinamente até ao Vaticano II.

> «É evidente, diz Monsenhor Lefebvre, que, entregando-se nas mãos das actuais autoridades conciliares, eles admitem implicitamente o Concílio e as reformas que dele decorrem, mesmo se recebem privilégios que permanecem excepcionais e provisórios. As palavras deles ficam paralisadas por esta aceitação. Os Bispos vigiam-nos. »[9]

A Roma ocupada está satisfeita por provar que não existe o caso de necessidade invocado pelo Prelado de Écône. Vede, diz ela, concedemos tudo o que nós concedíamos a Monsenhor Lefebvre no dia 5 de Maio: A missa, os Seminários, a continuidade das ordenações segundo o rito de 1962, o direito pontifical. Tudo... menos o Bispo (e a liberdade de analisar o Concílio à luz da Tradição)!

> «Precisamente, sublinha Monsenhor Lefebvre, se alguma vez Roma concedesse um Bispo aos «Ecclesia Dei», qual seria ele?»
> «Qual Bispo? Um Bispo que teria o perfil desejado pelo Vaticano.

---

[8] Motu Próprio Ecclesia Dei Afflicta, 2 de Julho de 1988, DC 1967 (7 de Agosto de 1988), p. 789 (n° 6); Fideliter n° 65, pp. 13-14.

[9] Carta Ao Padre Daniel Couture, 19 de Março de 1989

Neste caso, terão um Bispo que paulatinamente os reconduzirá ao Concílio, isso é evidente. Nunca obterão um Bispo tradicional, oposto aos erros do Concílio e às reformas post-conciliares. Por este motivo, não assinaram o mesmo protocolo que nós, porque não têm Bispo. »[10]

Um Bispo plenamente tradicional, a Roma ocupada de maneira nenhuma o quer.

Outros católicos «Ecclesia Dei» julgam que a unidade eclesial é tão importante como a unidade da fé. Uma verdade para tempos de paz, mas não para época de heresia, de cisma com a tradição. Além disso, diz Monsenhor Lefebvre, a unidade da igreja não é apenas horizontal, no espaço, mas vertical, no tempo.

Dom Gérard, seguido por Jean Madiran, julga «prejudicial à Tradição mesma da Igreja» o facto de ser «relegada fora do perímetro visível da Igreja».[11] O Arcebispo replica:

«Esta história de Igreja visível de Dom Gérard e de Jean Madiran é para crianças. É incrível que se possa falar de Igreja visível falando da Igreja Conciliar, em oposição à Igreja Católica que tentamos representar e continuar. (...) Que Jean Madiran, que ainda assim conhece bem a situação, vá dizer que não somos a Igreja visível, que deixámos a Igreja visível que tem a infalibilidade, tudo isso são palavras que não exprimem a realidade. »[12]

Os católicos «Ecclesia Dei» em geral pensam obrar mais eficazmente «a partir do interior da Igreja» do que Monsenhor Lefebvre, que se colocou, dizem eles, «no exterior». O Prelado replica vivamente:

«De que Igreja se fala? Se é da Igreja Conciliar, seria necessário que nós, que lutámos contra ela durante vinte anos, porque só queremos a Igreja Católica, integremos esta Igreja Conciliar para pretensamente a tornar católica. Isso seria uma ilusão total. Não são os súbditos que fazem os superiores, mas os superiores que fazem os súbditos. Em toda esta Cúria romana, dentre todos os Bispos do mundo, que são progressistas, eu teria sido completamente afogado. Nada teria podido fazer, nem proteger os fiéis e seminaristas. Ter-se-nos-ia dito: «Está bem, vamos dar-vos tal Bispo para fazer as

---

[10] «Um ano depois da sagração episcopal», Fideliter n° 70 Julho-Agosto 1989, p. 5. Os «Ecclesia Dei» não têm nenhum representante na Comissão do mesmo nome.

[11] Declaração de Dom Gérard, Présent do 18 de Agosto de 1988; Fideliter n° 65 pp. 18-20

[12] Fideliter n° 70, pp. 6-8

ordenações, os vossos seminaristas deverão aceitar os professores vindos de tal ou tal diocese. É impossível isso! Na Fraternidade São Pedro, há professores que vêm da Diocese de Augsburgo. Quem são estes professores? O que ensinam?» [13]

Finalmente outros católicos «Ecclesia Dei» estão sobretudo preocupados, de maneira prática, em evitar o dano que causaria ao seu apostolado a rótulo de «excomungado»,[14] sobretudo nos meios burgueses «distinção e boas maneiras».

Os sacerdotes que permaneceram fiéis ao combate de Monsenhor Lefebvre – a imensa maioria – escolheram este risco antes do que dever calar ou diminuir a verdade. Acima de tudo, recusam que o Missal tradicional seja reduzido a uma «sensibilidade de moda antiga», num recanto do pluralismo conciliar, ou que seja encerrado no cofre frágil dum indulto precário.

Jean Madiran perfilhou esta opinião. Donde vem que não siga Monsenhor Lefebvre? Não é uma pessoa facilmente orientável e nem sempre compreendeu a Fraternidade do Prelado de Écône senão como «sacerdotes para as nossas catacumbas e as nossas arcas de Noé».[15] A organização de instituições estáveis de suprimento parece-lhe estranho ou facultativo. As Sagrações episcopais de 30 de Junho são para ele questão livremente discutida, a sua amizade por Romain Marie[16] e Dom Gérard coloca-o numa posição de abstenção. O Arcebispo preocupa-se, convidando, no dia 19 de Agosto de 1988, o jornalista a escolher:

«A vossa opinião e o vosso julgamento no decorrer dos vinte anos de combate teve uma grande importância para sustentar e orientar os combatentes; fazei portanto ainda agora a boa escolha. »

Mas é demasiado tarde. Jean Madiran não entende que, uma vez as Sagrações episcopais realizadas, o estado da questão muda: da hipótese dando lugar à livre opinião; elas tornam-se, no dia 30 de Junho, o acto de prudência dum chefe, acto que requer a opinião verdadeira e a adesão confiante. Vítima do seu espírito científico (no sentido em que se chama ciência a virtude intelectual da demonstração), Madiran quer provar o lugar onde é preciso

---

[13] Ibid.

[14] Cf. Neste sentido a declaração precipitada de Dom Gérard

[15] Carta à Monsenhor Lefebvre, 10 de Novembro de 1987

Criticado pela doutrina mal definida do seu «Centre Henri et André Charlier» numa conferência do prelado aos seus seminaristas de Flavigny no dia 11 de Junho, demarca-se ràpidamente de Monsenhor Lefebvre, em 23 de Junho de 1988 (National Hebdo)

aderir.[17] Não podendo provar, duvida, e duvidando, dissocia-se, separa-se.

Monsenhor Lefebvre não esmaga com sarcasmos ou epítetos desagradáveis os que não aderem; recomenda esta atitude nobre.

«Penso que é necessário talvez evitar tudo o que poderia manifestar por expressões demasiado duras a nossa desaprovação daqueles que nos deixam; não os enfarpelar de epítetos que podem ser interpretados como injúrias. Pessoalmente, tive sempre esta atitude para com aqueles que nos deixaram. (...) Tomei sempre como princípio: Não mais relação, acabo.»[18]

Esta regra não é contrária à caridade, é justiça; estas duas virtudes andam juntas no homem simultaneamente espiritual e prático que é Monsenhor Lefebvre.

Antes de evocar o fim da vida terrena do Prelado, resta-nos esboçar um rápido retrato espiritual, psicológico e moral de Monsenhor Marcel Lefebvre.

## 2. – Um homem contemplativo e activo

«Não tive revelações especiais, confessava Monsenhor Lefebvre em 1974, não sou infelizmente um místico. Fui empurrado pelas circunstâncias.»[19]

Pragmático, o Prelado é na realidade, sem querer dizê-lo, antes de tudo um homem de fé, um homem conduzido pela sua fé, uma fé contemplativa e activa, obra do dom de inteligência, que se enxerta nele num espírito profundo, simultaneamente ponderado e intuitivo. De passagem um dia no Carmelo de Tourcoing na companhia de Monsenhor Graffin, foi assediado pelas questões das irmãs. As respostas de Monsenhor Graffin saem imediatas como flechas.

«Marcel pelo contrário, leva tempo, reflecte atentamente, mas a sua resposta tem tanto peso, diz a sua Irmã Christiane, que vale a pena um pouco de paciência.»[20]

O que medita Monsenhor Lefebvre na sua oração? Sobre Deus muito simplesmente ou ao menos sobre o fim da sua vida, e é também o assunto dos retiros que pregava, como o revela um dos seus condutores:

---

[17] Joseph Lagneau, Op. Cit. J. Madiran tenta uma justificação no Itinéraires n° 325-326: «Adesão global, raciocinada, ardente, antiga, notória, proclamada e profunda e filialmente grata (...) até ao 11 de Junho de 1988.»

[18] Fideliter n° 66 Nov.-Dez. De 1988, p. 31

[19] COSPEC, 1ᴬ, 30 de Maio de 1974

[20] MFMM, 2-3

Sabeis sobre que vou pregar?
Não, Monsenhor!
Sobre Deus (pronuncia este nome muito lentamente). Que grande assunto... No fundo, tudo está por aí... Deus, a Santa Trindade! [21]»

As páginas do Padre Emmanuel sobre «o Bom Deus» parecem-lhe dignas de serem reproduzidas no Fideliter.[22]

«Os escritos do Padre Emmanuel, escreve ele, cumulam-me de alegria espiritual. Com que clareza doutrinal e com que simplicidade, trata ele dos assuntos mais importantes da nossa fé!»[23]

A um jovem sacerdote que lhe pede uma divisa para o seu apostolado, o Bispo não encontra nada para além destas breves linhas reveladoras: «No apostolado possuir somente um objectivo, aquele do nosso São Padroeiro São Pio X:

«Tudo instaurar em Cristo». E no cerne deste apostolado, conservar no coração, profunda e inalteravelmente, um desejo de contemplação, de oração, de união por Jesus Cristo e pela Virgem Maria à Santíssima Trindade infinitamente bem-aventurada».[24]

Monsenhor Lefebvre é penetrado «duma convicção fundamental», duma «disposição radical»: «O reconhecimento do nosso nada perante Deus e da nossa dependência contínua de Deus na nossa existência e na nossa actividade.» [25]

Esta consideração, que é também, diz ele, a da presença divina em nós, «deve conduzir-nos a um estado habitual de adoração; e esta adoração leva-nos a cumprir a vontade de Deus, (...) obriga-nos portanto a uma verdadeira e simples espiritualidade. » [26]

## *Itinerário espiritual*

No entardecer da sua vida, não tendo tido alguma vez o descanso suficiente para redigir o directório espiritual e pastoral que sonha dar aos seus filhos[27], contenta-se em entregar-lhes um Itinerário

---

[21] Jacques Lagneau, Souvenir de route, (recordação de viagens) 21 de Abril de 1997

[22] Fideliter n° 52 à 66, Julho 1986- Dez. 1988

[23] Carta à Senhora Jean-Marc Le Panse, 11 de Nov. 1986

[24] Carta ao padre B. L., 29 de Nov. De 1989

[25] Confer. Em Saint –Nicolas-du-Chardonnet, 13 de Dez. De 1984, Cor Unum, 99-100

[26] RETREC, 24 de Março de 1975; COSPEC 25 B, 2 de Dez. De 1975

[27] COSOEC 25 A, 28 de Nov. De 1975, 18h. 30

espiritual na peugada de São Tomás de Aquino na sua *Suma teológica*. Unicamente a Suma, com o seu plano unificador, e as pedras preciosas dos seus aforismos, parece-lhe capaz de «salvar a herança do sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo».

São Tomás... Mas também dois teólogos recentes que Monsenhor aprecia: O Padre Emmanuel e o Padre Calmel.

> «São os dois autores espirituais do nosso tempo, são profundamente tomistas, isso confere um fundamento sólido à sua espiritualidade, diferentemente dos outros autores influenciados por Saint-Sulpice, tal como Libermann. Com estes últimos, arriscamo-nos a cair no sentimentalismo ou voluntarismo, ou pacifismo. Por causa disso, o clero estava prestes a cair na altura da crise; faltava-lhe uma espiritualidade forte. »[28]

De São Tomás, recolhe ele este «principio e fundamento»: o Homem é «a Deo, ad Deum» o Homem é de Deus e para Deus.[29] Deve regressar ao seu Princípio, que também é o seu fim, é ordenado «por uma ordem não estática mas dinâmica»,[30] porque toda a ordem é finalidade.

> «É próprio da inteligência suprema pôr ordem, finalidade nas coisas: as coisas são umas para as outras. O Homem é para Deus. Deve tender para Deus. Dêmos aos nossos fiéis uma espiritualidade forte, alicerçada nas verdades fundamentais. »[31]

Neste quadro conceptual parece-lhe monstruosa a doutrina conciliar de Gaudium et Spes que faz do Homem, e não de Deus, «o centro e o cume» de toda a terra (GS 12 §1), «o principio e o fim de todas as instituições» (GS, 25 § 1). Pelo contrário, assevera o Prelado, «o princípio de finalização (para Deus) realizando a Caridade, constituirá o motor de toda a actividade. » Daí o erro fundamental do liberalismo em espiritualidade, bem como na ordem pública: «tenta ignorar a finalidade da liberdade, em detrimento da lei divina» e do «reino de amor de Deus. »[32]

Mas o «regresso da criatura racional a Deus», em que consiste a vida cristã, individual e social, não é constituída apenas pela obediência aos mandamentos de Deus. A Graça é necessária. E existe uma moral mais excelente que a dos mandamentos e dos preceitos: a Moral das virtudes sobrenaturais e dos dons do Espírito Santo, a

---

[28] Palavras recolhidas pelo Padre Philippe François.
[29] RETREC, 4 de Set. 1986, 9 h.
[30] Confer. Espiritual Friburgo 29 de Nov. De 1970
[31] RETREC, 4 de Set. De 1986; cf. RETREC, 24 de Março de 1975, 9 h.
[32] Itinerário espiritual, pp. 27-28

do combate espiritual, contra a qual o erro mais temível é o naturalismo, o de Paulo VI por exemplo.

Este Pontífice não asseverou outrora «a autonomia da ordem temporal» e considerou «o mundo, de certa maneira, como autosuficiente»? Monsenhor Lefebvre reagiu logo por uma carta dirigida ao Cardeal Seper, protestando contra esta «descrição inexacta e incompleta do mundo», que esquece que a ordem sobrenatural não é facultativa e que omite a queda e degradação da natureza humana. A resposta foi uma ordem telefónica do Cardeal Villot para deixar Roma e de nunca mais nela residir. O Arcebispo respondeu:

> «que se ordene o envio dum batalhão de Guardas suíços para me constringer!» [33]

O combate espiritual da moral viril do Prelado vai até aí. Mas este combate é impossível sem Cristo, que é, como diz São Tomás, «o caminho que devemos empreender para tender para Deus»

## *Jesus Cristo, Nossa sabedoria da parte de Deus*

Monsenhor Lefebvre é cativado pelo mistério que o fascinou desde o seu Seminário, o mistério de «Jesus Cristo e de Jesus Cristo crucificado» (1 Cor 2, 2), no qual encontra com São Paulo e São Luís Grignão de Montforte[34] a sabedoria do Verbo Incarnado.

> «A nossa teologia, diz ele, não é meramente intelectual; é uma pessoa que lhe constitui o objecto: Nosso Senhor Jesus Cristo que é Deus; uma teologia viva, incarnada: esta sabedoria que é ensinada pela Revelação. Podemos meditar isso durante quatro e cinco anos, durante toda a nossa vida, nunca conseguiremos exaurir o mistério de Nosso Senhor Jesus Cristo, este grande mistério da Sua Pessoa divina, bem como da Sua realidade humana, (...), a imensidão da Sua ciência, da Sua caridade. É isso que teremos de pregar. » [35]

---

[33] OR 24 de Abril 1969 (Alocução na Audiência geral, 23 de Abril) ; Carta de Mons. Lef. Do 24 de Abril. Nota anexa a declaração do 19 de Out. De 1983, Fideliter 29-30 de Junho 1988; COSPEC 124 B, 22 de Março de 1988. É o Padre Lécuyer que recebeu a ordem do cardeal Villot e o transmitiu a Mons. Lef. Cf. Romano Armério, Iota Unum, capit. 30

[34] O amor da Sabedoria eterna é uma obra que Mons. Lef. Recomenda: constitui, parece, o elenco das conferências dadas pelo Santo à comunidade de Poulard des Places. Feliz Parentela! Sublinha o Prelado

[35] COSPEC 39 B, 10 de Jan. De 1977. Cf. Dom Columba Marmion, autor tão apreciado por Mons. Lef., No Le Christ ideal du prêtre (Cristo ideal do sacerdote), cap. 4 «A fé sacerdotal».

Convida os seus seminaristas a sintetizar a sua ciência resumindo--a em Nosso Senhor Jesus Cristo. Possamos considerar todas as coisas «como Nosso Senhor Jesus Cristo as via na sua inteligência humana!»

A oração pessoal do Prelado já não é a dos lábios, nem sequer a da cabeça, é «a oração do coração».

«Mais avanço na idade, escreveu a um dos seus sacerdotes e mais penso que é a «oração do coração» que transforma a alma e a coloca em estado de oferta contínua. É a isso que devem apontar todas as orações vocais e mentais.»[36] «Se a contemplação, explica ele, é um olhar de amor a Jesus crucificado e glorificado, transfere a alma nas mãos de Deus» para cumprir «a Sua santa vontade. »[37]

«Ninguém é mais activo do que o contemplativo», diz Donoso Cortès. Esta lei verifica-se em Monsenhor Lefebvre. Instintivamente, a sua fé sintética depreende da sua contemplação uma linha de conduta e razões para agir. Quando contemplámos o mistério de Deus, o peso do pecado e o da graça, o mistério de Jesus Cristo, «isso transforma a vida», diz Monsenhor Lefebvre, e tais verdades são fermento de acção.

## 3. Carisma dum Chefe

Servidor dum grande princípio,: «Tudo reconduzir (levar) a Cristo», Monsenhor Lefebvre é um chefe verdadeiro. Quem mais é,

«Grande e de porte imponente, o semblante irradiante de interesse e de bondade, quando aparece, provoca uma impressão imediata e profunda; tem uma qualidade particular, um magnetismo, qualquer coisa mais do que o encanto, tem este prestigio de distinção, este poder pessoal irresistível.»[38]

A sua inteligência dirige-se instintivamente para os princípios, e não existe ninguém semelhante para discernir o busílis duma questão, esclarecer uma ideia ou o erro fundamental dum texto, que ele explicita numa fórmula surpreendente de clareza. Ajuíza excelentemente das coisas, dos lugares, dos eventos, mas é medíocre profeta do porvir. Arguto psicólogo, sonda bastante bem as pessoas, não sem às vezes se enganar sobre um defeito admitido ou uma virtude não entrevista de um colaborador.

---

[36] Carta ao padre Giulio Tam, 11 de Abril 1990

[37] «O espírito da Fraternidade», 26 de Junho de 1982, Cor Unum , 64-65

[38] Koren, 545; P. Michael O'Carroll, no *Mission Outlook,* Nov-Dez. 1976; Priest in the changing times, p. 95; Michel Lefebvre, MS. II, 5, 52-69; 6, 1-10

Mantém-se a par de tudo: política geral, situação religiosa, bom andamento das suas casas. «Tem olhos ajuizados». E com isso, uma cabeça cheia de ideias novas que jorram até se contradizer. Às vezes muito original nas suas audácias, Monsenhor Lefebvre é, no dizer do padre Emmanuel Barras, «muito aberto de espírito e na vanguarda, duma certa maneira.»[39]

A idade parece decuplicar as suas energias. Em Dakar, constata-se: «Não tem cinco minutos livres», e o Vigário-Geral interroga-se: «Ele carbura! Como faz ele?» Virado para as coisas práticas, «na área material, ele é extraordinário», mas sempre ao serviço do espiritual: trata-se de melhorar os recursos e a boa ordem para que reine o bom espírito. O «Pai nutridor» de Mortain faz assim «passar» a doutrina e a vida espiritual. Ele é, diz o Padre Gravrand, «simultaneamente espiritual e director de fábrica».[40]

«Organizador de génio», tem o sentido dos objectivos a apontar, na ordem da sua subordinação, e o sentido do «bom investimento para o melhor rendimento, em função dos meios disponíveis, sem negligenciar nada do essencial.»[41]

Em todo o lado, ele põe ordem, insistindo sobre os capítulos dos religiosos, a clausura das Irmãs, precisando as faculdades pastorais de que gozam os seus sacerdotes, insistindo sobre a regularidade das orações da comunidade, a preservação da vida comum, a boa ordem das cerimónias de confirmações, como por exemplo no Chile onde, um dia, recusa confirmar «enquanto não houver ordem», e indica como bem proceder.[42]

Ele marca uma presença extraordinária junto às pessoas e às coisas: «Os meus Padres, estou a vigiá-los de perto», dizia ele em Dakar, o que significa mesmo desde Madagáscar. Ele segue os progressos do seu apostolado e sabe reclamar tropas frescas ao Padre Griffin, Superior Geral CSSp: «Fazemos uma incursão, precisamos de reforço!»

Nos seus súbditos, superiores de distritos, professores de Seminários, ele deposita confiança, é o seu princípio. À excepção do que prescreveu nos Estatutos da Fraternidade, não é nada directivo. É preciso saber pedir-lhe conselho: Então ele responde com clareza

---

[39] Michel Lefebvre, MS. II, 6, 42-44; MS. 20, 29-50; Marziac I, 91; MS. I, 51, 10-11; III, 5, 54-55

[40] MS. I, 10, 38-42; 14, 20; 18, 57; 37, 26; 57, 25; II, 24, 48 – I, 10, 14-15; 65, 24-41; 67, 28-48; II 27, 50 – I, 25, 39-55; 49, 40-46; 50, 28-30; 52, 20-21; 61, 46-52; II, 71, 49-50.

[41] MS. I, 8, 33; 11, 1-4; 25, 51; 67, 6-9; II, 71, 38 e 50; 73, 44

[42] Michel Lefebvre, MS. 7, 14-30

e brevidade. Em visita, observa, mas não interroga, por este excesso de delicadeza que herdou do seu pai. Não seria manifestar uma falta de confiança? Pensa ele. Não gosta de se mostrar curioso. Um dia de passagem em San Damiano, foi convidado a cumprimentar a vidente. Ficou vinte minutos. O que se passa? Houve uma mensagem do Céu para ele? Quando regressou: «Ela parece muito delicada, muito simples; rezámos um terço juntos. Foi tudo o que fizemos. Não quis fazer-lhe perguntas.»[43]

Mas Monsenhor Lefebvre não hesita em fazer perceber o seu desacordo, como no dia em que, chegando à escola de Saint-Michel cujo director, um Padre com tez «mourisca» pronunciada, tomou a iniciativa de cortar todas as árvores, exclama, desolado deste acto:

> «Sois bem um mouro, tendes os hábitos; depois de vós é o deserto.»[44]

Em geral a correcção é arreliadora. Ao seu sucessor no comando da Fraternidade, que o ultrapassa em audácia fundadora, lança ele, durante uma refeição em Écône:

«Oh! O senhor até consegue fundar um priorado na Lua. »

Quando se trata dum defeito mais pessoal, a observação é feita em privado, com um pequeno sorriso embaraçado, e a ponta da língua entre os lábios, e a admoestação comove tanto melhor quanto ela é mais delicada.

O Prelado sabe com conhecimento de causa tomar as decisões necessárias para solucionar um problema, não deixa apodrecer uma situação penosa. Às vezes emprega a maneira forte, fazendo apelo ao seu ofício de Prelado,[45] mas na maioria dos casos, é com uma grande delicadeza, dir-se-ia com uma ponta de timidez, que revela as suas decisões mais perfeitamente amadurecidas e mais determinadas. Não é um Bispo «pesado», apesar de pleno de autoridade. «Todos lhe obedeciam, nunca houve recusa», diz o Padre Bussard. «Com tudo o que ele dizia, declara o Padre Gravrand, estive sempre de acordo, porque gostei muito dele e quando se gosta de alguém, quer-se fazer o que ele faz» Chamam-no «mão de ferro numa luva de veludo». O resultado disso é «muita eficácia». [46]

---

[43] P. Bussard MS. I, 11, 18-21; P. Gravrand, MS. II, 74, 2-5; 76, 27-30; III, 14, 5-7, Padre F.-O. Dubuis, no Savioz, anuário 2.1, p. 4; Entrevista com Remy Borgeat, MS. III, 33, 31-37; P. Thibault, MS. II, 46, 37-38 e 44

[44] Entrevista com Padre Laurençon, 15 de Nov. De 2001.

[45] Souvenirs personnels (recordações pessoais); P. Bussard MS. I, 10, 11-14; Entrevista André Cagnon, 21 de Fevereiro de 1997; Nomeação de Mons. Baud

[46] P. Bussard, MS. I, 11, 28-35; 13, 29; P. Carron, MS. I, 58, 38-55; 61, 3; P. Gravrand, MS. II, 77, 64-65; F. Christian Winckler, MS. I, 67, 11-18 e 33; P. Berclaz, MS. I, 52, 15-16

## 4. O «Suave obstinado»

Dotado duma inteligência profunda e dum bom juízo, Marcel Lefebvre está muito seguro de si próprio, e a sua «vontade de ferro», a sua «enorme energia», a sua tranquilidade constante[47] completa nele a fisionomia dum homem forte, ao qual não falta ainda a delicadeza de coração que vem aperfeiçoar o equilíbrio das qualidades. No entanto, esta personalidade tem as suas pequenas fraquezas que merecem ser analisadas.

### *A bonomia dum homem tenaz*

A força vai junta com a mansidão. A mansidão de Marcel Lefebvre proverbial, uma mansidão humilde, com ar de timidez. A sua «pequena voz» engana; em Mortain ou em Lambaréné, consideram-no como o irmão. Em Dakar, ele vai afirmar-se: «Teria podido ser um tímido que não faz nada», mas foi o contrário, diz o Padre Bussard. O seu Irmão Michel, que o visita no Senegal, nota que «está à vontade com os governadores» e mais tarde também «com os aristocratas, de que conhece as convenções, e diverte-se com isso; com estes últimos está da melhor vontade, colocando-se ao alcance deles, escutando-os, sem se sentir nunca embaraçado.»[48]

À mesa, em Écône, o Padre Dupuis nota que ele «é exactamente o mesmo com um arquiduque como com um latoeiro, igualmente amável e acessível». «Vi isso, fiquei muito impressionado e admirei vivamente; era igual, nada de esforçado, era muito pastoral.» Ninguém como ele para fazer um brinde espiritual ou humorístico no fim duma refeição de ordenação. Em todo o lado, Monsenhor Lefebvre manifesta «uma animação humana, uma capacidade de contacto» notáveis. É tão simples de acesso que tudo podemos dizer-lhe. Oito anos após Mortain, o Padre Barras encontra-o no Níger: «Como envelhecestes, Monsenhor!», exclama ele espontaneamente. Monsenhor sorriu.[49]

A sua mansidão e a sua bonomia escondem uma vontade firme: o que ele decide e organiza há-de ser realizado como ele entende, e ele vela sobre a sua realização. Nas discussões de ideias,, se está no meio de amigos, ou com os seus filhos da Fraternidade, ele diz o que

---

[47] F. Christian Winckler, MS. I, 67, 16-17

[48] MS.I, 18, 336-37; 35, 40; 67, 9-14; II, 8, 22-28 e 67; 71, 11-17 (Padre Fourmond, Gravrand, Bussard, F. Christian Winckler, Michel Lefebvre.)

[49] Entrevista, 31 de Out. De 1992, Savioz, Anuário 2.1 p. 1 (Rodolph d'Autriche et Marcel Pedroni); P. Fourmond, MS. I, 24, 7-8; P. Barras, MS. I, 51, 45-48.

pensa com uma estupenda franqueza, nota o Padre O'Carroll, e se se toca nos Princípios, como por exemplo propondo para a sobrepopulação na Colômbia a solução do Planning Familial, reagiu: «Ah, não ! Nem pensar! Não devemos abandonar um princípio para solucionar um problema.» Exprime-se com «convicção e energia», diz o Padre Michel, mas, precisa o Padre Berclaz CSSp, «mesmo com ideias determinadas, manifestava muita mansidão na sua maneira de falar, com um tom nunca contundente». Em família, faz observações. «Tendes escolas da Fraternidade», sob a forma de conselho positivo, não censurando as pessoas. Envia documentos ou aceita reuniões de famílias para explicar a sua posição. [50]

Apesar de tudo, Marcel Lefebvre sabe não impor as suas ideias, tem uma capacidade de escuta extraordinária, tenta lealmente entender o próximo e está disposto a adoptar as suas ideias, a conceder o que pode para conduzir o outro à verdade.

«Nas discussões com os fiéis, aconselha os seminaristas a conservar a caridade, a não manifestar uma intolerância inútil. Não temos obrigação de tornar a verdade desagradável! Saibamos primeiro escutar, depois exprimir reservas. » [51]

Assim Monsenhor Schwery, Bispo de Sion, em visita a Écône, conseguiu fazer-lhe reconhecer «que se deve fazer ecumenismo pois que não há cristão que não tenha o cuidado de constituir a unidade». O Arcebispo replica: sem dúvida que há ecumenismo e ecumenismo!

Na acção, Monsenhor Lefebvre é igualmente conciliador: Um dia, celebrando a Missa em Écône depois do Padre Mehrle, que omitiu o ultimo Evangelho, omite também o último Evangelho. Sim, comenta o Padre,

«Havia nele uma gentileza humana que queria evitar os aborrecimentos, mesmo se permanecia categórico.»

Uma outra vez, acaba de tomar conhecimento da morte da sua cunhada Monique, quando se encontrava na companhia do irmão desta, o Padre Xavier Lefebvre, Jesuíta e carismático. Este último, muito demonstrativo, propõe:

«Ponhamo-nos de joelhos e rezemos ao Senhor; onde estamos juntos, Deus também está!»

Isso foi feito duma maneira exaltada que desagradava a Marcel, re-

---

[50] P. Gravrand, MS. II,74, 18-27; P. Bourdelet, MS. II, 55, 45-58; P. O'Carroll, Entr. 26 de Nov. 1997; Michel Lefebvre, MS. 2, 11, 30-36 e 45-48; P. Berclaz, MS. I, 50, 5-7.

[51] Michel Lefebvre, MS. II, 11,42 e 47; COSOEC, 26 de Junho de 1973; P. Dupuis, no Savioz, An. 2.1, p. 1

lata o seu irmão Michel, isso não impediu que ainda assim aceitasse de dizer esta oração demasiado exteriorizada para o seu gosto.

Mas quando um princípio está em jogo, Monsenhor Lefebvre já não concede nada. Daí este diálogo com um padre dominicano à mesa de Écône:

> Actualmente fala-se tanto de pluralismo, mas aqueles que falam disso excluem a legitimidade duma concepção mais tradicional, arrisca o teólogo audacioso.
> É uma muito má argumentação que está a fazer, Senhor Padre! Replica o Prelado, metafísico.
> Mas Porquê?
> Nunca se deve falar assim porque a verdade é uma.[52]

E o teólogo foi reduzido ao silêncio com esta evidência filosófica asseverada sem rodeios. Mas acrescenta o padre: «Ele me disse isso muito amàvelmente». [53]

## *As duas faces de Monsenhor Lefebvre*

No entanto, há entrevistas em que o homem de diálogo se «obstina» verdadeiramente. Frente aos espíritos fortes, é «um homem a reacção».[54] Expomo-nos então a expressões um pouco vivas, da parte de um homem que mantém com afinco as suas posições, às vezes ao ponto de negar a evidência, na exasperação ou no embaraço de ter de explicar: revela então o defeito da sua qualidade, ou antes o excesso de tenacidade.[55]

É raro, porque habitualmente é um homem de grande tranquilidade, capaz de suportar durante seis anos um assistente espiritano de espírito inovador, ou de escutar sem hesitar as arremetidas de tal conselheiro ou de tal religioso que o agride verbalmente. Ele deve às vezes, diz o padre Bussard, «encaixar coisas – censuras, críticas – porque o segredo o obriga a ficar calado». Um dia, no entanto, a um leigo que lhe explica desde há um quarto de hora, como ele devia fazer para formar os seus sacerdotes, para acabar, atalha a conversa, excedido:

«Escutai, Senhor, sei o que devo fazer, preocupai-vos com as vossas

---

[52] Máxima familiar a Mons. Lef.. Cf. De Stefano, Op. Cit. P. 134

[53] Mons. Schwery, Entrevista 15de Junho de 1993, Savioz, an. 2.2, pp. 6-7; Savioz an. 2.6, p. 3; Michel Lefebvre, MS. II, 11, 69-12, 15; Savioz ibid., pp. 2, 6, 7, e 8

[54] MS. I, 74, 45-48; II, 31, 11.12; III, 12, 4-6; (P. Béguerie, Carron Gravrand)

[55] Robert Serrou, Paris-Match, Set. 1976; Michel Lefebvre, MS., 2, 11, 59-67; P. Carron, MS. I, 57, 32-39; P. Lucien Deiss MS. II, 32, 33-35.

tarefas, e pois, Senhor, agora, eu vos peço para partirdes!»[56]

Confrontado com espíritos falsos, prefere calar-se em vez de contestar, quando o seu interlocutor lhe é superior, pelo grau ou pela ciência. Por ocasião duma reunião dos «antigos alunos do Padre Deco», suporta as proposições violentas do seu condiscípulo Monsenhor Georges Leclercq e não disse nada, para depois confiar ao seu irmão Michel: «É espantoso, o que pode ser dito, deveras é assustador», Mas não tentou discutir. Ficou como que paralisado.

Monsenhor Lefebvre possui por demais o sentido da vaidade de toda e qualquer discussão quando um primeiro princípio está a ser renegado pelo seu interlocutor. Além disso, ele considerava inconcebível que um sábio ou um Prelado contradissesse a doutrina. Acima de tudo, ele tem um profundo respeito para com os depositários da autoridade, um grande respeito pelas pessoas, um demasiado respeito pelo próximo, efeito duma grande caridade, o contrário do desprezo do outro.

Marcel Lefebvre tem a preocupação de não humilhar o próximo, de não melindrar os seus súbditos; assim, ele sofre quando deve assinalar-lhes um defeito ou transferi-los para um outro posto. A um deles ele disse: «Não dormi durante noites; era para mim como a espada de Damoclès acima da minha cabeça, antes de tomar a decisão de afastá-lo» [57]

Esta delicadeza extrema é dum género particular, pois que não o afecta em público, mas somente nas relações entre pessoas. Configura uma certa dificuldade em comunicar quando as palavras signifiquem uma depreciação do próximo. Isso é afirmar todo o mérito do seu governo, o mérito também do seu diálogo perseverante com as autoridades da Igreja Conciliar.

Parece-nos admirável, em Marcel Lefebvre, este contraste, ou melhor, este equilíbrio entre a tenaz segurança de si e a mais delicada atenção para com o próximo; esta aliança forja nele uma personalidade muito humana e atraente, que inspira confiança e amizade. Numerosos espiritanos, que não seguiram as suas opções, disseram-nos tal como o Padre O'Carroll:

> «Oh! Como eu fui seduzido por este homem! E ainda agora estou»[58]

---

[56] P. Berclaz, MS., I, 49, 29-35; P. Bussard I, 13, 29-30; 67, 18-26; Rémy Borgeat, MS. III, 36, 55-68

[57] Mons. De Milleville, MS I, 40, 50-55; II 41, 1-2; Michel Lefebvre, MS. II, 11, 49-57; P. Du Chalard, Entrevista 8 de Junho de 1998, p. 2; P. Bussard, MS. I, 14, 28-29; P. Buttet, MS, I, 28, 26; Mons. Lef. , 26 de Out. De 1958, LPE 99.

[58] Cf Capitulo «Mortain» ; p. O'Carroll, Entrevista, 26 de Nov. 1997; P. Barras MS. I, 51, 20; 53, 12-13; e 46-47

Algumas pessoas não conseguem associar as duas faces de Monsenhor Lefebvre. «A Vossa mansidão é dura» lhe dirá Jean Guitton antes das Consagrações episcopais. Outros julgam: «É um orgulhoso!» «Não, responde então o Padre Carron, pessoalmente é humilde, é a sua doutrina que é orgulhosa – uma fórmula...»

Sim, uma bela fórmula, caro Padre Carron. O vosso Bispo não era liberal e, consequentemente, era inteiramente caridoso, in re e in modo: No assunto e na maneira de tratá-lo, ou de realizá-lo. Nele, como diz o Salmista, «encontraram-se a misericórdia e a verdade, abraçaram-se a justiça e a paz» (Salm. 84, 11)

> «Não havia homem mais manso do que Moisés e foi no entanto ele que, apanhado por uma santa ira, quebrou as tábuas da lei. Quando um manso se põe a ser forte, pode ir muito longe.»[59]

Este pensamento do padre Mehrle àcerca de Monsenhor Lefebvre é muito justo, mas a força de Marcel Lefebvre reside, mais profundamente, no persistente entusiasmo dos seus vinte anos de idade, na tocha recebida em Santa Chiara, cuja chama o devora e que deve transmitir.

Então a modesta reserva do «Manso obstinado» atinge a dimensão de gigante magnânimo, o zelo ordenado do religioso missionário torna-se o estofo dum Bispo à medida da Igreja.

## 5. A ponderação dum sacerdote modelo

### *A virtude de discrição*

Prudente e forte, este chefe é também sacerdote com o zelo pastoral duma grande discrição, bem como também duma eficácia toda sobrenatural.

Um dos seminaristas confia-lhe um dia o caso doloroso do seu avô, amigo e benfeitor de Écône, mas que outrora perdeu a fé e que, por lealdade, já não pratica. Ora encontra-se gravemente doente, e a família inquieta-se pela sua salvação.

A pedido do jovem seminarista, Monsenhor fez um desvio, no decorrer duma viagem de confirmações, e visita o velho. De regresso a Écône, o Prelado declara: «Mas está bem disposto o seu avô!

> Monsenhor, não lhe haveis falado de converter-se? De confessar-se?
>
> Oh! Não.

[59] Michel Lefebvre, MS. 11, 24-42; P. Fourmond, MS. I, 35, 47-51; Guitton, Un siècle une vie, Passim; P. Carron, MS. I, 57, 41-52; P. Mehrle, no Savioz, a. 2.6, p. 8; cf. O nosso Capitulo III

... Dos novíssimos?

Oh! Não, não.

Isso foi dito com um tom categórico, isso significa «Principalmente, não!» E Monsenhor explica:

> Veja, não vale a pena. Arriscar-se-ia apenas uma coisa, provocar uma recusa. E se, por infelicidade, devesse ser condenado, apenas agravaríeis o seu caso. Arriscaríeis uma blasfémia, uma recusa positiva; isso devemos evitar antes de tudo!

O Seminarista pouco seguro, foi ter com o seu Padre espiritual, o Padre Leboulch, que o reconforta:

«Com toda a evidência, Monsenhor rezou por ele; então não tenha dúvidas nenhumas, o seu avô está salvo. »

O velho homem, soube-se, tinha, por honestidade natural, reparado desde há muitos anos os danos que podia ter cometido contra o próximo. Mas a fé não vinha.

Rezou-se, esperou-se.

Finalmente, pouco antes que caisse no coma, um sacerdote amigo lhe propôs:

«Vou ter com ele, e propor-lhe a minha bênção e, de facto, vou conferir-lhe a absolvição sacramental.» Teologicamente não foi bem correcto...

O sacerdote veio e, por fim, diz ao doente:

- Senhor, vou dar-vos a minha bênção.

Mas depois, mudando de ideia, decidiu de proceder lealmente:

«Não, vou dar-vos a absolvição!»

Deu-a. Então o avô beijou-lhe a mão e diz:

«Tenho confiança no que estas mãos fizeram. »

Foi tudo. Deus deu este sinal. A oração e a prudência pastoral de Monsenhor Lefebvre tinha conseguido, lá onde um zelo menos discreto teria sem dúvida fracassado.

Eis aí bem o sacerdote justo e ponderado que a Igreja quer, o ministro de Deus que põe ordem nas almas e que mantém a sua alma em ordem, bem como o seu corpo. Marcel Lefebvre, adolescente ou jovem Padre, missionário ou Bispo, é por excelência aquele que põe em ordem, e por consequência põe em paz as pessoas e as coisas. A sua primeira conferência espiritual, dada no dia 15 de Outubro de 1969 aos jovens que reuniu em Friburgo, é transparente neste aspecto. Quais devem ser as minhas disposições ao entrar no Seminário? Pergunta ele. E responde: «Venho aqui para pôr em ordem as coisas que, em mim, não estão ordenadas, por causa do

pecado original, do espírito do mundo. Venho para despojar o meu espírito de toda a ilusão, para aprender que sou nada e que Deus é tudo; colocar-me de novo na dependência total de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo. Venho também para mais tarde pôr as almas em ordem. A primeira justiça, fonte da ordem, é de render a Deus o que Lhe é devido. A segunda justiça, é o amor para com o próximo: Amar nele o que é de Deus e amá-lo para o levar a Deus. »

A ordem que Marcel Lefebvre confere, reina na sua Diocese e na sua Delegação, nos espiritanos bem como na Fraternidade, não é de tipo disciplinar, mas de tipo orientação. Toda a ordem é uma disposição das coisas em previsão duma finalidade: Tal é a ordem que estabelece o Prelado, ele é ordenado a Deus.

Monsenhor Lefebvre realiza deste modo em si o retrato do sacerdote perfeito, tal como o desenha o Padre Spicq:

> «Um homem profundamente religioso que vive na adoração de Deus e no respeito das coisas sagradas, que se distingue tanto pela sua rectidão e a sua lealdade interior, como pela sua decência exterior.»[60]

Em todos os pormenores da sua atitude corporal, que reflecte a alma e se reflecte nela, em todo o tempo e em todo o lugar, ele é um homem perfeitamente modesto, porque todo repleto de reverência e de piedade para com Deus. Justiça e temperança andam a par em Marcel Lefebvre. Esta temperança, em toda a sua amplitude de virtude cardeal, e o sentido da medida em todas as coisas. São Paulo e depois o Concílio de Trento[61] fazem dela a virtude característica do sacerdote.

> «Está constituída, diz ainda o padre Spicq, de moderação, modéstia, reserva, simplicidade; se bem, diz ele, que uma das virtudes sacerdotais mais essenciais é a ponderação, isto é, uma medida no juízo, uma exactidão de concepção que se alia à moderação na conduta e consequentemente à temperança, daí a EGKRATEIA (Tt 1, 8) que é a moderação dum homem perfeitamente dono de si próprio, controlando os seus desejos e as seus impulsos, graças ao dom do Espírito Santo (Gal 5, 23)[62]

## *Asceta sem demonstrá-lo*

Lembremo-nos da admiração dum Padre Bussard pela mestria de si e a ascese discreta do Arcebispo de Dakar, ou da estima dum Padre

[60] P. Spicq OP. Spiritualité sacerdotal d'après Saint Paul, Cerf. Paris, 1949, p. 146

[61] Concílio de Trento, Sessão 22, De ref. , c. 1; S. Paul, 1 Tim. 3, 2-3; 2 Tim. 2, 24-25; Tito 1, 8-9

[62] Op. Cit., p. 1482

Berthet para com o seu seminarista exemplar em Roma. Em Écône, calcorreia os corredores do seu Seminário num passo rápido e tranquilo, o olhar modestamente baixo. Na sala de conferência, senta-se bem direito sem se apoiar nas costas da sua cadeira, os pés juntos, as mãos juntas e colocadas acima da mesa, os olhos virados para baixo, o conjunto sem nenhuma rigidez, mas com um natural simples que inspira a paz.

O escritório em que o seu sorriso acolhe os visitantes não difere em nada do dos seus professores da casa. As mesmas prateleiras de madeira aglomerada sustentam os livros sabiamente alinhados; a única diferença consiste no número muito reduzido dos livros, cuja encadernação módica, ou a ausência de encadernação denota o seu desapego. O Prelado encontra ao alcance das suas mãos a Suma de são Tomás, os actos dos Papas, um dicionário, um atlas mundial, um método de língua, o Inglês sem dificuldade. Em outras prateleiras figuram obras de Direito e de Teologia, ladeando uma consistente literatura contra-revolucionária e anti-liberal.

No armário da parede, estão arrumados os esquemas e documentos do Concílio Vaticano II, bem como os arquivos do Prelado, devidamente classificados em capas etiquetadas: notas de Seminários e de noviciado, de África, de Tulle, de Roma, do Concílio, planos de conferências e de retiros. Tudo para satisfazer a curiosidade dos aprendizes na História de amanhã!» «Encontrarão assim tudo isso depois da minha morte», explica ele a André Cagnon e aos outros íntimos.

Mas é com dificuldade que podemos encontrar um crucifixo de marfim, nesta exígua divisão; crucifixo para o qual Monsenhor Lefebvre frequentemente dirige o seu olhar[63]), uma pobre tela de São Francisco de Sales e um ícone da Virgem Maria, os quais alegram a austeridade do local.

O quarto contíguo é francamente ascético: A cama estreita com colchão duro está rodeada de paredes nuas com apenas uma cópia dum quadro da Imaculada Conceição ao qual estão afiveladas umas fotos de amigos falecidos, e um crucifixo sem estilo. Num recanto encontra-se uma minúscula mesinha de cabeceira.

Isso é, em resumo, a pobreza espartana do religioso fiel e do missionário aguerrido. Todos os presentes e recordações que recebeu na África e pelo mundo, foram distribuídas aos seus amigos, à sua família, ou à sacristia e à biblioteca do Seminário. Em Caserta, o seu

[63] Cf. Fideliter n° 59, p. 4

Amigo Monsenhor Vito Roberti, antigo Núncio, tem tesouros recebidos de África. Mas Monsenhor Lefebvre observa:

> «É verdade que recebíamos uma quantidade de coisas, mas sempre distribuí tudo. Não serve de nada conservar. Nada vamos levar para o paraíso!»[64]

Não conserva nada, de resto, nenhum dos seus livros tem a marca do seu nome: É muito simples, não possui nada.

Na sua indumentária aparece também o desapego religioso e sacerdotal, juntamente com um cuidadoso asseio de que testemunham os seus sapatos cuidadosamente lustrados.

O fundador recomenda também a mesma sobriedade aos seus filhos:

> «A batina esconde a forma do corpo para apenas deixar aparecer a face. Que o espírito do mundo não entre neste hábito de penitência, de discrição, de separação do mundo!»[65]

No Altar, Monsenhor Lefebvre pratica também a renúncia e exige-a aos seus sacerdotes: «O rito da missa (...) nos pormenores, deve ser perfeito; por consequência, não se trata de fazer mais ou menos! É muito importante de não deixar isso à livre iniciativa de cada um. A missa é antes de tudo um acto público, não um acto privado. Não somos livres de escolher a maneira de cumprir os gestos, tanto no sentido da negligência, como no sentido da ostentação.»[66]

## 6. Conferencista e pregador

### *Alternativamente soporífero e cativante*

Eram *sui generis*, etéreas, as conferências espirituais de Monsenhor Lefebvre. Quando explicava as quatro ciências de Jesus Cristo ou a união hipostática, os espíritos superficiais pensavam: «Mas tudo isso, já aprendi em Teologia!» Não discerniam logo à primeira vista as aplicações concretas que o Arcebispo divisava. Ao seu lado, as conversas do Padre Barrielle, tiradas do exemplo dos santos, pareciam animadas e atraentes. Marcel Lefebvre era dum género especial, mais árido, mas não abstracto e difícil, nada disso, mas menos impressionante, pouco atraente, fazendo pouco apelo aos sentimentos, mas tudo junto e por conseguinte, quão mais essencial, mais profundo, mais contemplativo!

---

[64] Entrevista de Remy Borgeat, MS, III, 37, 1-22

[65] COSPEC 3 de Dez. De 1973

[66] COSPEC 64 B, 28 de Out. De 1978, aos futuros diáconos

Para as inteligências dos seus estudantes, racionais e raciocinantes ou com fome de sensações fortes e de entusiasmo, as considerações meditativas do fundador cortavam com as tendências naturais, levantavam o debate, recentrava as coisas para cima, nos mistérios de Deus, de Nosso Senhor Jesus Cristo. É esta simplicidade que desorientava, mas no fundo era mais frutuosa.

O estilo do orador prejudicava-o; a sua voz tranquila sem ressalto, a ausência de todo o gesto, não despertava muito a atenção. Ele mesmo reconhecia-o: «Bem sei, tenho a reputação de ser soporífero.» Os seminaristas divertiam-se com esta reflexão que testemunhava um pouco a realidade.[67]

Todavia, para muitos deles, nunca Monsenhor foi maçador. Fazia-os contemplar, sem arte, mas simplesmente, o que ele mesmo contemplava habitualmente. É a sua alma, o seu estado de oração, que entregava, sem dizê-lo, aos seus ouvintes, levando-os à contemplação simples da fé, convidando-os a depreender todas as consequências práticas dos mistérios cristãos:

> «Quem confessa Jesus vindo em sua carne, aquele tem o espírito de Deus», diz São João (1 Jo. 4, 2). As consequências disso são imensas: é em relação a Jesus Cristo e à Sua divindade que tudo se decide dentre os homens. São Paulo, aos Hebreus, aos Colossenses, não faz distinção entre Jesus e o Verbo: É o mistério, precisamente! Como quereis então que este Ser não seja o Profeta, o Sacerdote e o Rei? Como pensar que uma criatura possa ser indiferente à presença do Verbo de Deus no meio de nós?»[68]

Alguns meses mais tarde, o Prelado volta ao mesmo assunto, respondendo a uma objecção implícita:

> «São um pouco especulativas as conferências de Monsenhor Lefebvre, diz-se? Mas se Nosso Senhor é Deus, todas as consequências decorrem para as sociedades, as pessoas e todas as coisas. As conferências que proferi em Madrid não tinham nada de especulativo: cinco mil pessoas do povo estavam apinhadas na rua antes mesmo do começo da minha conferência, exprimindo já este sentimento: «Viva o Cristo-Rei!» e durante todo o tempo não se cansavam de gritar na rua do lado: «Arriba Cristo Rey!» Se o Cristo não é Rei, será o Demónio que reinará em Espanha, pelo socialismo, pela ruína das famílias sãs. Sentem que Nosso Senhor já não é Rei em Espanha, esta gente que tem uma tradição da Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo.

---

[67] P. Buttet, MS, I 30, 52

[68] COSPEC, 52 A, e B, 5 e 6 de Dez. 1977

Se não estamos convencidos disso, não vamos ter a força de manter e afirmar o que as pessoas estão a espera. Com todas as consequências desta verdade sobre a moral do Estado, das famílias, do indivíduo.»[69]

Como se constata, as conferências públicas do Arcebispo, em si mesmas, não têm nada de soporífero. Assim como as do Seminário, quando o fundador faz uma aplicação dos princípios a uma actualidade quente, cujos eventos políticos e religiosos fornecem uma matéria muito animada às verdades da fé mais elevadas, e talvez mais desconhecidas.

Em público, o estilo do conferencista anima-se: figurado, às vezes trocista, irónico até, torna-se incisivo num fastígio de estro, ou confrontado com a gente dos médias, que sabe ou alienar pelas suas tomadas de posição politicas ou conciliar, pela sua figura de resistente, que desorienta e seduz simultaneamente.

As suas fórmulas são achados, tal como a descrição inusitada da Santa Virgem, «nem liberal, nem modernista, nem ecumenista; alérgica a todos os erros e por maioria de razão às heresias e à apostasia»[70]; ou esta troça lançada contra os sacerdotes que adiam o baptismo «até à idade em que a pessoa poderá decidir»: «Questiona Monsenhor Lefebvre: Será que uma mãe priva o seu filho do seu leite maternal, até que ele decida se quer morrer ou viver?»

Em Essen, na Alemanha, na Grußhalle, perante 10000 pessoas, desenvolve toda uma parábola trocista contra o ecumenismo liberal que «considera o erro com o mesmo respeito do que a verdade» e proclama:

«Já não há inimigos, mas apenas irmãos! Já não é preciso combater! Cessação das hostilidades!» Ora, é isso que fez o Vaticano II: «Imaginai um Congresso mundial de 2500 médicos cujos relatórios convergem para concluir: «É verdadeiramente inadmissível estar sempre a combater a doença; devemos acabar para sempre com a doença, há séculos que a combatemos. Decidimos agora que doravante a doença é saúde! Que os doentes estão bem de saúde. Não há mais necessidade de escola de medicina, os médicos podem regressar a suas casas. Já não precisamos de hospitais: a doença, é saúde.»[71]

Os ouvintes espantados aplaudiram estrondosamente. E o que é mais espantoso é que as sondagem mediáticas e periódicas proclamam Monsenhor Lefebvre «de preferência simpático»? Os próprios

---

[69] COSPEC 57 A, 13 de Março 1978

[70] Itinéraire spirituel, Cap. IX

[71] Conf. em Essen, 9 de Abril de 1978, cf. COSPEC 58 A, 14 de Abril 1978

jornalistas não fazem sempre o seu trabalho com ele, esquecendo-se, sob o encanto, de «o deitar abaixo», tal como o «Cavaleiro solitário» do Le Fígaro, André Frossard, que não esconde, por acaso, a sua admiração pelo rival no seu solitário anti-conformismo.

### *Modéstia e ousadia do pregador*

Um outro publicista, redactor do Paris-Match, Robert Serrou, esboça em duas linhas o estilo do pregador, na altura da Missa de Lille:

> «Se o tom é apaziguador, as expressões são inflamadas, apimentadas, verdadeiros brulotes. Ele é simultaneamente tímido e destemido, modesto e repleto de segurança. »

Os brulotes do género «Na Argentina ao menos reina a ordem» ou «O Papa não constitui a verdade» não são raros na boca de Monsenhor Lefebvre nas períodos de tensão. Mas geralmente, o tom é o dum Bispo doutrinal ou do sacerdote paternal. Os sermões de confirmações relevam deste modo familiar de expressão. Ao contrário, as homilias das festas: O Cristo-Rei, Todos os Santos... dispensam o ensino dum doutor.

O Prelado dá sempre doutrina, a única doutrina, não é moralizador. Para ele, as aplicações morais decorrem naturalmente da apresentação da dogma.

> «As almas precisam de ser iluminadas pela verdade, o ensino do que é Nosso Senhor, de que é Deus. Frequentemente, fala-se relativamente pouco de Deus mesmo e mais daquilo que Deus faz. Poderia fazer-se um esforço para falar das perfeições de Deus, da Santíssima Trindade, de Nosso Senhor que é Deus, porque quanto mais as almas se aproximam de Deus, mais têm o desejo de servi--l'O e mais têm o horror de afligi-l'O. Se a alma faz um pequeno progresso no conhecimento de Deus, fica simultaneamente maravilhada, assustada e trémula. Mais nos aproximamos de Deus mais trememos. «Os anjos tremem, os arcanjos fremem», diz o Prefácio da Missa. Quanto mais fazemos conhecer a uma alma a grandeza e a perfeição de Deus, tanto mais esta alma se torna desejosa de servir a Deus e, atemorizada, apercebe-se cada vez mais de que ir contra a vontade de Deus, é coisa terrível.»[72]

O Bispo revela ainda aqui a sua oração habitual: a Adoração de fé. A sua pregação aponta portanto em propor os fundamentos da Fé. Assinala aos seus futuros sacerdotes o perigo de assentar uma prega-

---

[72] Retiro de Ordenação, Montalenghe, 1989, a pregação

ção nas revelações privadas, mais ou menos inverosímeis:

«É perigoso! Certamente o Demónio aproveita isso para desviar as almas dos fundamentos da Fé, arrastá-las para o sentimentalismo, para uma piedade que já não se fundamenta deveras na Fé e em Nosso Senhor Jesus Cristo. Pessoalmente, esforcei-me sempre, acrescenta ele, no Seminário – Écône – por disponibilizar os princípios fundamentais da Fé. »[73]

Na exposição da Fé, acrescenta ele, «Afirmai a fé, não a demonstreis.»[74] Busca-se demasiado o demonstrar, a fazer a apologética, mas a Fé não é isso, é aderir a Deus que revela o seu mistério.

E qual mistério pregar, senão o de Nosso Senhor Jesus Cristo?

«Um sermão onde Jesus Cristo não tem o seu lugar, é inútil, ou falta a finalidade, ou falta o meio.»[75] «Não nos pregamos», diz São Paulo, «mas pregamos Jesus Cristo Nosso Senhor» (2 Cor. 4, 5). «É necessário que Nosso Senhor intervenha sem cessar nas nossa pregações, porque tudo se refere a Ele. Ele é a Verdade, o Caminho e a Vida. Por consequência, pedir aos fiéis para se tornarem mais perfeitos, para se converterem, sem falar de Nosso Senhor Jesus Cristo, é enganá-los, é não indicar o caminho pelo qual eles podem conseguir tal objectivo. «Pregamos Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado» (1 Cor. 1, 23)»[76]

Quanto à moral que prega Monsenhor Lefebvre, não é a ética natural, mas a moral cristã das virtudes sobrenaturais que se aperfeiçoam pela ajuda da Graça.

«Um defeito da pregação moderna, diz ele, é que já não se acredita na Graça, nesta palavra de Nosso Senhor: «Sem Mim, nada podeis fazer.»

Às vezes, nota ele, não depositamos a confiança suficiente nas almas: à possibilidade para as almas de crescer na virtude, com a graça de Nosso Senhor, evidentemente. Ora acontece que os fiéis fiquem cativados quando se fala dos dons do Espírito Santo, das bem-aventuranças, dos frutos do Espírito Santo, que fazem parte do organismo espiritual de todas as almas desde que recebem a graça no Baptismo. Quantos fiéis, quando se prega estas coisas, ficam maravilhados e dizem «mas nunca se falou disso. Não sabíamos que o Espírito Santo agisse desta maneira em nós.»[77]

---

[73] Loc. Cit. ; RETREC, 25 de Março 1975, 15 h.

[74] Aulagnier, 297

[75] Instruções aos futuros bispos, Sierre, 24 de Junho 1988

[76] Retiro de Ordenação, Montalenghe, 1989, 99, 2 A

[77] Loc. Cit.

Monsenhor Lefebvre lembra-se desta mesma surpresa alegre sentida pela sua mãe, com a leitura dum livro que o jovem seminarista romano tinha deixado em casa: Da morada do Espírito Santo nas almas dos justos. «Como não nos dizem estas coisas?» tinha ela escrita a Marcel.[78]

## *Quando o Espírito Santo se apodera dele*

Mas o conteúdo do sermão não é tudo, há também a forma. Monsenhor fala de maneira a ser ouvido e entendido. Não sendo forte a sua voz, não recusa o microfone. Fala com nenhuma afectação oratória, diz as coisas tranquilamente, simplesmente. Não é monótono, não, mas também não tem os arrebatamentos dum verdadeiro orador. A sua pregação não encanta o coração, não é sentimental, mas nutre as inteligências e mobiliza as vontades.

Às vezes ele é orador sem querer, quando o Espírito Santo parece entrar nele, apoderar-se dele e inspirá-lo. Com a mitra na cabeça, na altura dos sermões de ordenação, ele sente uma convicção comunicativa, o tom eleva-se, a voz fortalece-se de vez em quando, o seu dedo aponta e profere princípios de combate e verdades vindicativas na direcção dos inimigos da Igreja e do sacerdócio.

Então o tímido torna-se destemido e o modesto repleto de segurança. Parece, de resto, mais forte de longe do que de perto, mais veemente e audacioso quando prega do que quando dialoga com um Cardeal sem fé. É bem simples, em particular o respeito detém-no, ao passo que em público sente-se liberado, torna-se leão.

Monsenhor prepara sempre cuidadosamente os seus sermões. Escreve-os? Não. De resto, nenhum plano de redacção subsiste; lê os textos litúrgicos do dia ou do Pontifical, percorre o Evangelho, compõe algumas citações preferidas de São João ou de São Paulo, ordena as suas ideias, e no dia previsto, entrega tudo muito tranquilamente, em ordem, sem esforço, é o que parece. Salvo naquele dia em que, Bispo missionário, prega na Metrópole e, cansado da viagem, sofreu uma falha de memória, «uma *branca*», por completo. Parou de falar, a angústia a invadi-lo, o suor assomando no seu rosto. Mas de repente, um curto-circuito mergulha a igreja nas trevas. Durante o périodo de tempo necessário para o conserto, ele recuperou o fio do seu pensamento e termina como se nada tivesse acontecido.

«Era com uma precisão notável que expunha as verdades da Fé », recordava o Padre Bourdelet. Um jurista como Yves Pivert, até

[78] RETREC 23 de Março 1975, 18h. A obra do Padre Froget OP.

considera Monsenhor Lefebvre como um orador, «no sentido de que convence»: «É um dom que tinha: dom da evidência, é como um belo lance de causídico, não podemos ser duma outra opinião. Tudo residia na qualidade do andamento do raciocínio» [79]

Nos momentos de inspiração, o orador encontra fórmulas inimitáveis, por exemplo aquela:

«Nosso Senhor é o único homem que é Deus, logo é Rei, logo deve reinar, por consequência tem a Sua palavra por dizer em todas as coisas»

São «as palavras de verdade» dum São Paulo falando *in verbo veritatis*, tal como esta exclamação: «No Céu, não há nem budistas, nem muçulmanos, ou, se há, converteram-se.»[80]; e ainda esta: «A afirmação da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo constitui a ruína do ecumenismo!» [81]

São destas palavras de fé que beneficiavam o Apóstolo. Breves e concisas, dissipam as névoas da ambiguidade pelo influxo da luz do Alto. Tais «palavras de sabedoria e de fé» são consideradas por São Paulo e São Tomás como carisma pelo qual «alguém transmite aos outros a sua fé, distribuindo-a aos homens piedosos, e defendendo-a contra os ímpios.»[82]

Eis portanto Monsenhor Lefebvre colocado no número dos carismáticos, autênticos, é necessário precisar, beneficiando do carisma que os torna confessores e doutores da Fé.

Sim, este Prelado de todo dedicado à sua obra restauradora, terá sido, sem querer, um verdadeiro doutor: o doutor do Sacerdócio.

## 7. Doutor do Sacerdócio

Monsenhor Lefebvre contempla o sacerdócio no seu princípio que é a Pessoa do Verbo Incarnado. Ele ama «a maravilhosa descrição» que São Paulo faz do Filho de Deus que se fez homem: «Imagem do Deus invisível, primogénito de todas as criaturas», por Quem, em Quem, e para Quem tudo foi feito, em Quem tudo subsiste (Col. 1, 15-17).

«Esta presença de Deus incarnado na História da Humanidade», diz ele, «só pode constituir o centro desta História, como o sol em função do qual tudo caminha, e do qual tudo vem.»

---

[79] P. Mehrle, Entrevista, 17 de Nov. 1993, Savioz, an. 2.6, p. 4; P. du Chalard, Entrevista 28 de Junho 1998, p. 1; P. Jules Bourdelet e Y. Pivert, Entrevista. Vieux-Rouen, 28 de Maio 1999 MS. II 65-66.

[80] Conf. em Sierre, 27 de Nov. De 1988

[81] Perplexes, 101, 102; COSPEC 59 B, 8 de Junho 1978

[82] Suma Teolog. II,II, Q. 177, a. 1, ad 4; cf. S. Agostinho De Trindade, L. XIV

Ele medita a União Hipostática: A Assunção da natureza humana na Pessoa divina do Verbo.

«O facto do próprio Deus se encarregar desta alma e deste corpo confere a este homem atributos, direitos e privilégios únicos, (...) títulos únicos: Medianeiro, Salvador, Sacerdote e Rei. Toda a mediação, todo o sacerdócio, toda a realeza de entre os homens apenas podem constituir participações nestas jóias próprias de Nosso Senhor Jesus Cristo.»[83]

Nosso Senhor, ensina o Arcebispo na sequência de São Paulo (He. 10, 5), é constituído sacerdote pela Sua incarnação mesma, sendo a divindade como o óleo da consagração que vem ungir a Sua humanidade, desde o primeiro instante da Sua concepção em Maria Virgem. Como o ensinava o Padre Le Rohellec, «Maria é portanto o Santuário em que foi realizada a primeira ordenação sacerdotal (...) e engendrou Jesus na Sua mesma qualidade de Sacerdote.»[84] Daí se segue que a Virgem Maria é também a Mãe daqueles que, pelo carácter do Sacramento da Ordem, «participação nesta graça de união própria de Nosso Senhor »[85], estão configurados ao Cristo-Sacerdote.

Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja santa alma assumida pelo Verbo é, desde o inicio, adornada da plenitude da graça santificante e da caridade, inundada dos esplendores da visão beatifica, abisma-se na adoração do Seu Pai e oferece-Se com antecedência em sacrifício, por obediência de amor, a Deus, o Seu Pai, para satisfazer pelos pecados dos homens (He. 10, 5-10)

## *O verdadeiro mistério de fé*

Este sacrifício de obediência e de caridade, cumprido na cruz, o sacerdote, pelo seu carácter, recebe o poder de renová-lo *in Personna Christi*, na pessoa de Cristo, de maneira incruenta no Altar, em cada uma das suas missas. Esta doutrina é a da Tradição, transmitida por São Tomás, pelo Concílio de Trento e por Pio XII. O Sacerdote é essencialmente constituído para o sacrifício da Missa, para o sacrifício, para *sacrum facere*, «fazer o sagrado»; define-se pela Missa.

Em consequência das negações da presença real de Cristo na Eucaristia por Berenger e pelos protestantes, os catecismos e os livros de piedade insistiram, estima Monsenhor Lefebvre, demasiado

---

[83] Itinéraire spirituel, cap. 6

[84] P. Jean Le Rohellec, *Marie et le sacerdoce,* ex typis Cor Unum, s.d., 8p.

[85] Itinerário spirituel, loc. Cit., RETREC 92, 6 A, Entrada, 21 de Set. 1988. O vocabulário da Participação é bastante flutuante para permitir esta audácia teológica mas, por dizer a verdade, a União hipostática é uma graça não participável.

unilateralmente na presença real e na adoração do Santíssimo Sacramento, esfumando a devoção para com a própria Missa.

«E isso é muito grave, diz o Prelado, isso muda a perspectiva da Sagrada Eucaristia que torna a ser unicamente um alimento, uma refeição espiritual, menosprezando a imolação de Nosso Senhor Jesus Cristo, vítima que Se oferece em sacrifício de propiciação por nossos pecados. Daí a facilidade com que se pôde passar para a missa-refeição que se assimila à Ceia dos Protestantes, (...) que têm horror ao verdadeiro sacrifício propiciatório. Ora, este sacrifício é a obra essencial da Igreja; quando ela distribui a Comunhão, faz participar os fiéis na Vítima que continua a oferecer-se a Deus Seu Pai. Participamos portanto neste estado de vítima. (...) Se não se insiste sobre este aspecto, acabamos por não ter o espírito verdadeiramente católico. (...) Fazer de nós as vítimas unidas a Nosso Senhor Jesus Cristo Vítima, tudo isso constitui o espírito da Cristandade: O sofrimento e a oferta, é o que há de mais belo, de mais profundo, de mais real na religião católica.»[86]

É mister portanto precaver-se para não separar o Sacramento do sacrifício, bem como separar o sacrifício do Altar do sacrifício do Calvário. São Tomás resume as duas uniões indissolúveis numa frase: «Na celebração deste sacramento - da Eucaristia - O Cristo está imolado» (III, q. 83, a. 1).

A Missa, diz Monsenhor Lefebvre, «reactualiza o Sacrifício do Calvário», que é a Razão da Incarnação, a realização da Redenção, o acto que glorifica a Deus infinitamente e abre as portas do Céu à Humanidade pecadora». [87]

«Quanto mais se estuda o Santo Sacrifício da Missa, diz ele ainda, tanto mais nos apercebemos de que é verdadeiramente um mistério extraordinário. É verdadeiramente o mistério da nossa Fé. O sacerdote aparece aqui como alguém que não pertence ao tempo, que passa quase na Eternidade, porque todas as suas palavras têm um valor de eternidade. (...) Não é um simples rito realizado hoje, é uma realidade eterna, que ultrapassa o tempo, e que tem consequências eternas para a Glória de Deus, para a salvação das almas do Purgatório e para santificar as nossas almas. Cada missa tem deveras um peso de eternidade.» [88]

Neste sentido, o Prelado afirma que a Missa, e não só a cruz, é a fonte das graças de todos os sacramentos.[89]

---

[86] Retiro de Ordenação, Montalenghe, 1989, 99 2B, 4° instr.

[87] Itinerário spirituel, cap. 7, pp. 59-61

[88] COSPEC 85 A, 23 de Março 1981

[89] RETREC, 92, 6ª, retiro de entrada, 21 de Set. 1988

«É portanto à volta do sacrifício da Missa que se organiza a Igreja, (...) que viverá o sacerdócio para edificar o Corpo Místico», [90] pela pregação, o Baptismo e os outros sacramentos.

## *A integridade do Sacerdócio e o zelo Missionário*

«Este programa maravilhoso elaborado pela Sabedoria eterna de Deus não poderia realizar-se sem o Sacerdócio. (...) A irradiação da graça sacerdotal, é a irradiação da Cruz. O Sacerdote está portanto no coração da renovação merecida por Nosso Senhor Jesus Cristo. A sua influência é determinante sobre as almas e sobre a sociedade. Um sacerdote iluminado pela Fé e repleto das virtudes e dos dons do Espírito Santo pode converter muitas almas a Jesus Cristo, suscitar vocações, transformar a sociedade pagã numa sociedade cristã.» [91]

Assim o Sacerdote é também civilizador, primeiro artesão do reino social de Nosso Senhor Jesus Cristo. Uma Igreja sem sacerdotes é inconcebível, estima Monsenhor Lefebvre.

«A Igreja é verdadeiramente sacerdotal. Nosso senhor é essencialmente Sacerdote, e o Sacerdócio está essencialmente constituído para realizar e continuar a obra do Calvário, continuá-la pelo sacrifício da Missa. Isto não é senão o que há de mais essencial na nossa santa Religião, na vida da Igreja» [92]

«Nosso Senhor que veio para nos ensinar a ser verdadeiramente religiosos, a reencontrar o nosso estado de religioso, a restaurar não só a religião natural, mas também a sobrenatural, ensina-nos a rezar com a Sua própria oração, o Santo Sacrifício da Missa, a grande oração de Nosso Senhor, que doravante é o acto mais perfeito da religião » [93]

O que é verdade para os fiéis é ainda mais para os sacerdotes, «verdadeiro religioso de Deus», diz Monsenhor Lefebvre na sequência de M. Olier. No entanto, Monsenhor Lefebvre equilibra a escola francesa de espiritualidade colocando-a de novo na síntese tomista: A religião não é a única «virtude mãe» do Sacerdote, mas também a caridade e a prudência. Quanto à Missa, ela constitui, enquanto continuação do Calvário, a fonte do septenário sacramental e de toda a vida da Igreja. O Cardeal Journet enganou-se muito sobre a obra de

---

[90] Itinerário spirituel, loc. Cit.

[91] Itinerário spirituel, cap. 7, cf. Reflexões sobre o sacerdócio, no Le Courrier de Rome n° 11 (201), Jan. De 1981

[92] Retiro de Ordenação, Montalenghe, 1989, 99 2B, 4° instr.

[93] COSPEC 25 B, 2 Dez. 1975. Mons. Lef. Fala da virtude de religião

Monsenhor Lefebvre quando, narrando a visita que lhe fez o fundador no fim de 1970, disse:

«Escutei-o para falar do seu ideal de refazer hoje o que tinham feito no século XVII os Condren e Berulle» [94]

A incompreensão será total depois da «supressão» da Fraternidade, quando o Cardeal escrever a uma religiosa:

«Écône, é Port-Royal que continua, mas com menos inteligência»[95]

Bem pelo contrário, com a integridade do Sacerdócio, Monsenhor Lefebvre transmite inevitavelmente a santidade do Sacerdote e o seu zelo apostólico.

«É a minha vocação! Diz ele simplesmente aos seus seminaristas. Um Bispo é feito para fazer sacerdotes. Um Bispo faz crescer a Igreja, é assim que é missionário. É um tormento para mim, vivo numa inquietação continua, de tal forma desejo oferecer bons sacerdotes aos superiores de distritos e aos fiéis. (...) Onde se forjam sacerdotes? No Seminário!»[96]

O Sacerdote – o futuro Sacerdote – deve encontrar no seu Sacerdócio as virtudes religiosas e apostólicas, e primeiro, precisamente a virtude da religião; donde se infere que na sua alma devem habitar: «a primazia do amor de Deus, do louvor divino, da adoração, da oração.» [97]

Monsenhor Lefebvre acautela todos os seus sacerdotes contra uma actividade exterior desordenada: o Activismo.

«Quantos sacerdotes perderam todo o sentido sacerdotal, todo o interesse da contemplação, da oração, por causa dum activismo sob o pretexto do apostolado!» [98]

E por este motivo, quando o fundador resume o espírito da sua Fraternidade Sacerdotal, pode dizer: «É simultaneamente contemplativa e missionária». E explica:

«Não há apostolado sem contemplação. A contemplação, não envolve necessariamente a clausura. É a vida cristã: vida de fé e das realidades da nossa Fé. Ora a grande realidade a contemplar é a Santa Missa. É o que deve caracterizar os membros da

[94] Carta à Mons. Mamie, 10 de Janeiro 1973, Savioz, an. 1. 78; AELGF, Dossiê I, doc. 22

[95] Savioz, an. 2.7, p. 4

[96] COSPEC 96 A, 11 de Fev. 1983

[97] Carta aos membros da Fraternidade São Pio X, Natal, 1976, Cor Unum, 18-19.

[98] Carta aos membros da Fraternidade São Pio X, 18 de Nov. 1978, Cor Unum 39

Fraternidade: contemplar Nosso Senhor na Cruz, vendo aí o cume do amor de Deus, o amor empolgado até ao sacrifício supremo. É isso que constitui o objecto principal da contemplação da Igreja. (...)
Por aí, seremos missionários: pelo desejo de derramar o sangue de Nosso Senhor sobre as almas. Eis aí o Mistério da Fé para contemplar e realizar, a obra sacerdotal por excelência. E os fiéis apinham-se à volta de nós por causa do sacrifício da Missa, não por outra coisa. Não podemos religar-nos à Cruz de Nosso Senhor sem sermos missionários. (...)
«É mister ter uma confiança absoluta na posição que adoptámos, conclui ele, porque é a atitude da Igreja. Não é a minha, insiste ele, não é «a de Monsenhor Lefebvre», é a da Igreja. Num dia ou num outro, tudo o resto desmoronar-se-á» [99]

A fé do Arcebispo num porvir da restauração de todas as coisas é total. Os seus filhos partilham-na, bem como aqueles dos seus amigos que admitiu na sua familiaridade. Deixemos estes últimos retratar um Monsenhor Lefebvre íntimo.

## 8. O Amigo

### *Revelado pelos seus condutores*

Os amigos de Monsenhor Lefebvre, são especialmente estes habilidosos e fiéis condutores, do Valais ou doutra parte. Alguns são empreiteiros de construção civil que lhe restauram os seus priorados. Ele aproveita-lhes os talentos durante as suas viagens incessantes e prolongadas: permanece missionário apesar de tudo e poderia chamar-se-lo «o movimento perpétuo». Em função do programa trimestral que forma, é Marcel Pedroni que distribui os papéis aos membros da «companhia» dos condutores, dando as ordens com uma antecedência de 15 dias. São breves, claras e sem possibilidade de discussão, mas plenas de amizade fraterna. Um deles, cioso do seu ofício, teme os danos que vão sofrer os seus negócios do facto de tão frequentes viagens com o Prelado. Teve então a ideia de passar «um contrato com São José»; «Assim», nota ele, «quanto mais eu conduzir Monsenhor Lefebvre, tanto mais os meus negócios andam».

O Bispo prepara ele mesmo os seus itinerários; escolhe muitas vezes, em vez das auto-estradas, as boas velhas estradas.

No carro, ele segue o caminho sobre o mapa, tem um sentido inato da orientação e da topografia, dirige o seu condutor por atalhos que evitam as povoações:

[99] COSPEC 94 B, 3 de Dez. 1982

«Daqui, durante um quilómetro, pode andar a vontade, é tudo recto, depois cuidado, uma estrada à direita, depois vamos descer ligeiramente, depois ao longo da floresta, pode de novo ir a toda a velocidade.»

Uma vez foi como um rally, uma corrida contra-relógio, para fazer Paris-Dinan-Blois entre as 6 e as 14 horas.

Com ele não devemos abrandar, uma notificação discreta sobre o relógio faz logo entender ao condutor que deve acelerar para chegar a tempo à próxima etapa. Os excessos de velocidade inevitáveis serão muito rapidamente perdoados pelos polícias indulgentes, quando os *media* tiverem popularizado a sua pessoa. O seu solidéu roxo negligentemente colocado na parte de trás do carro, confirma as explicações do condutor às policias:

Sabe quem o senhor guarda acaba de apanhar? Monsenhor Lefebvre!

Ah! Está bem, está bem, neste caso nós vamos escoltar-vos.

Eis assim o Arcebispo a 160 km/hora numa simples estrada nacional, escoltado, um à frente e um atrás, por dois policias de mota, zelosos e contentes.

Quando chega a hora das notícias, manda ligar o rádio. Depois de cinco minutos, ou dez: «Bem, está bem, comecemos a rezar o terço». Depois do terço, paramos um pouco de rezar, e depois vem um segundo terço, e mais tarde um terceiro: assim o Rosário será rezado. Mas, nos últimos anos, a sua surdez sugere-lhe rezar o Rosário em silêncio. [100]

Sentado no banco de trás com o seu breviário, o Arcebispo reza o seu ofício, medita, pondera os seus planos e sermões, nenhum minuto está perdido. No desenrolar das conversas, os seus condutores admiram a sua grande cultura, não na literatura, mas no movimento das ideias, o seu conhecimento prático das construções, a sua contemplação das maravilhas da Criação. Medita e discorre sobre a atracção da terra: «O que será, pergunta ele, quem pode explicar isso?» Diz coisas estupendas sobre as obras dos anjos. Conhece os animais e as plantas, as especialidades das regiões e a cozinha.[101]

No tempo dos espiritanos, Monsenhor contentava-se em solicitar a compra pelo caminho, para ele e o seu condutor, de duas sanduí-

---

Entrevista Jacques Lagneau, 21 de Abril 1997; Remy Borgeat, MS III, 37-38; Marcel Pedroni, Caderno de rota, 16 de Junho 1998; Entrevista 17 de Maio 2001

[101] Remy Borgeat, MS III, 33, 52-63

ches e água mineral,[102] mas agora quer cuidar dos seus condutores. Conhece em todo o lado restaurantes bons, até aqueles que lhe estão abertos em tempo de encerramento. Aconselha os menus aos seus condutores e não deixa de agradecer ao chefe felicitando, no livro de ouro, «a boa cozinha champanhesa e o serviço à francesa» que soube apreciar. Se observa que o seu condutor, da parte da tarde, demonstra sinais de cansaço, diz-lhe com tacto, sobretudo se a esposa dele está de viagem com eles:

«Por aí conheço um albergue: paremos lá para tomar qualquer coisa. Oh! A senhora vai tomar um chazinho. »

Passa a noite de boa vontade num hotel, quer para não perturbar um prior a uma hora imprópria, quer para tratar com deferência os seus acompanhantes, e não vai dormir antes de ter feito a inspecção do quarto do seu condutor e o ter trocado com o seu, se necessário:

«É o condutor, tem necessidade dum quarto tranquilo; de resto, eu estou surdo.»

Ele pensa primeiro nos outros. Um dia, regressando de Corrèze por Clermont-Ferrand, Monsenhor Lefebvre tem uma grande dor de perna, mas recusa parar:

«Não, é necessário continuar, o Padre Bourdon está a nossa espera no seu novo Priorado.»

## *A Caridade em acto*

Em viagem de confirmações ou de conferências, mostra-se «encantador, a suavidade mesma»[103], acessível a todos, sem se melindrar com os esquecimentos ou familiaridades dos fiéis para com ele. Ele encoraja e encontra sempre a palavra certa para cada um, adaptando-se a todas as situações: mais familiar com os mais simples, mais delicado com os mais educados, tudo para todos. Depois das cerimónias, toma um banho de multidão para saudar quem quer, e levanta os braços quando reencontra alguém conhecido dele, para exprimir a sua alegria.

Em viagem ele permanece Sacerdote, apóstolo. Em Friburgo-em--Brisgau, avisa: «Há uma benfeitora em Straßburg que bem queria me encontrar, mas não tenho o seu endereço.» O companheiro chama Écône e, sendo o endereço encontrado, fazemos um desvio por Straßburg.[104] Uma outra vez é por Paray-le-Monial que ele

[102] P. Berclaz, MS. I 49, 28
[103] P. O'Carroll, Entrevista, 26 de Nov. 1997
[104] Marcel Pedroni, Caderno de viagem, 16 de Nov. 1973

manda o condutor fazer um desvio: «Um seminarista escreveu-me, coloca problemas, eis o seu nome.» E o condutor lá vai encontrar o jovem que poderá conversar com Monsenhor Lefebvre na Rua da Visitação. Um dia, é uma senhora de idade que Monsenhor Lefebvre visita, acompanhado dum sacerdote; regressa ao carro dizendo:

«É uma velha senhora que acabei por reconciliar com a Igreja, que ela abandonou desde a condenação da Action Française (Acção Francesa)».

O zelo de Monsenhor Lefebvre junta-se ao cuidado de dar prazer. Passando em Voiteur, Ele reflecte: «Mas estamos muito perto de Cressia! Fazemos um desvio, as irmãs dominicanas ficariam todas contentes.» Sabe também aproveitar da hospitalidade de morada tranquila, entre as quais em Berberino, perto de Florença, em casa da sua amiga, a senhora Bonomi, onde o acompanha sempre o condutor Marcel Pedroni. Sabe também fazer-se convidar em casa dos fiéis:

«Que diríeis, escreve ele, se Monsenhor Lefebvre viesse bater à vossa porta vindo de Saint-Michel-en-Brenne? Um casal amigo conduz-me para Vannes. Então nós convidamo-nos para vossa casa ou vós acompanhar-nos-eis a comer no restaurante.»[105]

Doutra vez, pelo contrário, tem a delicadeza de não perturbar:

> Passamos perto de Saint-Michel, paremos em casa das irmãs, propõe o condutor.
> Não, responde o Prelado. Por certo elas vão dizer: «Oh! Que alegria!». Mas não imaginais que perturbação isso provoca na comunidade, em que tudo está regulado quase ao minuto.

De regresso em Ecône, deposita a sua pequena mala e a sua carteira no seu escritório e dirige-se logo para a capela se o Terço está a ser rezado: «Prioridade à oração em comum!» explica ele ao seu condutor, apesar de ter já rezado o seu Rosário pelo caminho.

Depois do Jantar, arremete para o montão de correio que está à sua espera; metodicamente, acima do seu escritório sempre desimpedido, enegrece com a sua fina letra, inclinada e regularmente alinhada, dezenas de folhas que coloca num envelope. Cada um dos seus correspondentes terá assim uma resposta manuscrita breve, concisa, às suas preocupações. Encontra sempre uma fórmula cuidadosa e adaptada ao destinatário para concluir as suas cartas. A uma moça:

«Agradeço os seus encorajamentos, a sua dedicação, as suas

---

[105] Mons. Lef. Carta de Écône, 11 de Julho 1989, ao Comandante Pupin

orações e asseguro-lhe os meus sentimentos respeitosos e muito gratos em Jesus e Maria. »

A um dos seus condutores:

«Faça favor de apresentar os meus respeitosos cumprimentos à Senhora X – esposa do condutor – e de crer na minha muito fiel amizade e na certeza das minhas orações. »

Ou então:

«Que Deus vos ajude no vosso grande ministério, escreve ele a um dos seus sacerdotes, conservai bem as santas tradições da Igreja. Muito cordialmente em Xto e Maria.»

Ele usa também o dictafone, e a esposa de um dos seus condutores, em sua casa, passa-lhe à máquina o seu correio. Ela repara como Monsenhor Lefebvre é duma firmeza intransigente para com os que atacam a Fé, mas por outro lado, como ele responde mesmo às cartas injuriosas, sem nada replicar às injurias, mas tratando, «com imensa caridade» da Fé ou dos problemas pessoais do seu correspondente. Esta caridade vai paulatinamente convertê-lo à Tradição da Igreja, sobretudo quando Monsenhor Lefebvre for pessoalmente a casa, com muita gentileza com as crianças. [106]

No que respeita aos seus irmãos e irmãs e sobrinhos, ele é muito «famille» (de família), seguindo de perto as notícias de casamentos, nascimentos, falecimentos, não esquecendo de oferecer ou mandar oferecer um presente de aniversário à sua afilhada.

A esta, com idade de treze-catorze anos, oferece uma caixa de toucador: Tudo o que é preciso para tratar das unhas, perfumar-se. «Toma», diz ele, «agora que és uma moça, deves certamente precisar de tudo isso». O seus condutores são igualmente cumulados dos presentes que Monsenhor recebe. Na Ilhe-d'Yeu, foi-lhe oferecido um prato de faiança com a efígie do Marechal Petain: «Que quereis que eu faça com isso? Aceitai, com isso fareis gente feliz em vossa casa.»[107]

A caridade do Prelado faz-se serviçal: Na escadaria, ele deixa sempre aos outros o corrimão; à mesa, sozinho com alguém, levanta-se para buscar o que falta; no refeitório, diligencia para fazer servir os outros, vê o que os outros precisam, faz repassar os pratos com naturalidade e discrição. Um 26 de Dezembro em Écône, depois do pequeno-almoço, os seminaristas estão com pressa para apanhar o comboio das férias, mas ainda há a loiça para lavar. «Deixai isso, diz Monsenhor Lefebvre, arrumarei tudo» e lavou tigelas e colheres.

[106] MS.III, 38-55

[107] Michel Lefebvre, MS. II, 7, 47-58; 12, 45

Em Suresnes, o seu jovem ministrante de missa deve tomar o seu pequeno-almoço à pressa para estar a horas na escola. Monsenhor barrou de manteiga as suas fatias de pão: «Assim», diz ele, «terá tempo para comer.»[108]

Durante as refeições, é «um alegre conviva», excelente para contar histórias de África «para rebentar a rir», dizem os comensais todos contentes dos bons momentos que passam à sua mesa. É também esperto para arreliar as religiosas, para deixá-las enganar-se e quando já não sabem como reagir, ele ri de boa vontade. Os seus sacerdotes também, ele atormenta-os simpaticamente, às vezes em assuntos muito sérios, como um dia, em que chegando a Saint-Michel-en-Brenne com o Padre Le Boulc'h, ao qual confiou: «Senhor Padre, estou deveras cansado, pregareis o retiro no meu lugar»; ao pequeno-almoço declara ao Padre:

> «Estou melhor... Ah! Esperava muito que me enterrassem aqui ao pé da minha Irmã. Mas antes, teria sido necessário consagrar quatro bispos (estávamos em Abril de 1988, em fase crucial de negociações com Roma). Éreis três. Poderíamos ir buscar o padre Moulin para fazer o quarto. Ah! Senhor Padre, que pena, teríeis sido Bispo ».

É assim que ele sabia acalmar o ambiente e divertir-se a si mesmo. «Ele tem sempre, diz o seu irmão Michel, um ar calmo, alegre, dele nunca emana tristeza. »[109]

## 9. A idade não abrandou o seu passo

### *Para saudar Monsenhor Lefebvre*

> «A idade não abrandou o seu passo. O pouco tempo de que dispõe para cumprir a imensa tarefa que lhe foi reservada também o não precipitou. Monsenhor tem o passo sereno dos homens que sabem o que querem e para onde vão.
>
> «O que impressiona nele é a sua bondade. Quero dizer, a irradiação da bondade. Sentimo-la como o calor duma mão. Ela comove-vos. Logo, dá-vos o desejo de vos tornardes melhores. De termos menos indulgência por nós próprios, as nossas faltas e os nossos defeitos. De sermos mais dignos do respeito que, perante ele, Monsenhor Lefebvre, experimentamos.
>
> «Um só homem me inspirou um sentimento parecido: O Marechal

---

[108] Remy Borgeat, MS III, 42, 1-38; P. Marziac I, 64; P. Cottard MS, II, 52, 25-30

[109] Michel Lefebvre, MS. II, 8, 4-20 e 66; P. Cottard MS, II, 52, 8-10; Jacques Lagneau, Entrevista, 21 de Abril 1997

Petain. Monsenhor Lefebvre e ele partilham a mesma majestade natural, a mesma autoridade bondosa, a mesma simplicidade superior.

«São destes homens cuja inteligência não é intelectual. Não há nenhuma afectação na sua gravidade. São maliciosos sem malícia. Despertam espontaneamente as dedicações que podem ir sem esforço até ao sacrifício, porque sabemos de instinto, de convicção profunda e imediata, que eles se sacrificaram desde o início ao seu dever.

«Não fazem batotas, Não andam de esguelha, não procuram a escapulir-se, nem a explicações contorcidas. O seu sim é sim, o seu não é não. A provações não modificam o seu comportamento. Um servia a França. O outro servia Deus. Com a mesma coragem tranquila, a mesma confiança, prosseguem até às últimas consequências do seu empenho, sem fanfarronice, nem fraqueza.

«Antes de os condenar, devemos inclinar-nos diante do seu destino, o coração carregado de gratidão e de amor, em virtude da lição de grandeza ministrada.»[110]

Tínhamos de reproduzir integralmente o texto de François Brigneau, escrito em 1988 com o aproximar das sagrações episcopais, porque é uma das mais lindas homenagens que foi prestada à pessoa e à actividade de Monsenhor Lefebvre, dum Prelado que, no seu passo de alma, regular mas tanto mais rápido quanto mais se aproxima do seu termo terreno, progride numa vida de oração e de activa caridade.

## *Conselhos para o futuro*

Aliviado pelos seus Bispos auxiliares dos encargos de confirmações e ordenações, dedica-se mais do que nunca à pregação de retiros e recolecções onde a sua alma meditativa e apostólica se entrega mais intimamente aos seus futuros sacerdotes; Confia as *suas novíssimas verbas*, (últimos pensamentos), aos seus sacerdotes. Nunca lhes falou com tantas precisões, de pormenores vividos, de riquezas de experiências, de intensidade emocional até, sobre o que deve ser a atitude sacerdotal no apostolado. Recomenda a virtude de prudência, de precaução, de organização: Conciliar a actividade exterior e a vida de oração, não se lançar em obras secundárias negligenciando o essencial, proporcionar os esforços com as forças disponíveis.[111] Acima de tudo, recomenda a virtude de discrição, feita de mansidão

[110] François Brigneau, Pour saluer Monsenhor Lefebvre, «Mes derniers cahiers», n° 1, 1991, p. 3

e de ponderação.

Convida os seus sacerdotes a praticar a mansidão para com os leigos, às vezes críticos:

> «Se me tivesse consultado», escreve ele a um dos seus sacerdotes, «aconselharia eu o silêncio e a não relevar estas críticas. Continue o seu apostolado sem se preocupar com as críticas nem com os louvores. Que o serviço de Nosso Senhor e a união com Ele sejam a sua recompensa.»[112]

Não é isso o que o Prelado pratica e vive? Avisa também os seus futuros sacerdotes para evitarem todo o espírito de dominação sobre as almas, bem como toda a confidência inconveniente que conferiria um direito de direcção sobre eles, sacerdotes, a pessoas, mesmo piedosas. Monsenhor quer assegurar a pureza de intenção e a liberdade de acção sacerdotal.[113]

Para «ajudar os sacerdotes e as religiosas em casos difíceis de resolver», que dependem do poder episcopal ou romano, prevê a instituição duma Comissão canónica presidida por um dos seus filhos no episcopado. As decisões ou julgamentos desta instância atenuarão as deficiências dos tribunais ou dicastérios romanos, influenciados tal como o novo Código de Direito Canónico, «pelos falsos princípios de ecumenismo e do modernismo». [114]

No mesmo espírito de uso ampliado do poder de suprimento que a Igreja concede, em caso de necessidade, aos que têm o supremo poder da ordem, os Bispos, propõe ao seu amigo Monsenhor Castro Mayer, cuja saúde diminui, «uma consagração episcopal eventual para lhe suceder – em Campos – na transmissão da Fé católica e na colação dos sacramentos reservados aos Bispos.» Os sacerdotes de Campos designariam o sucessor, que seria sagrado pelos Bispos auxiliares da Fraternidade no seu título de Bispos católicos.[115] A jurisdição do novo Bispo seria «não territorial mas pessoal», e ser-lhe-ia concedida por causa «do apelo dos sacerdotes e dos fiéis por tomar cuidado das suas almas». E por esta razão última da autoridade não vir duma nomeação romana, mas da necessidade da salvação das almas, «deverá exercer esta autoridade com uma delicadeza especial e ter mais especialmente em conta o seu Conselho presbiteral» de

---

[111] Carta ao Padre A. De Galarreta, 10 de Set. 1985; Carta ao P. Tam, 22 de Fev. 1988; Carta ao P. Jesus Mestre, 21 de Nov. 1990; Retiro de ordenação, Montalenghe, 1989, 8° instr. 101 4 B.

[112] Carta a um Padre, 17 de Março 1982

[113] Retiro de ordenação, Montalenghe, 24 de Junho 1989, 101, B 4.

[114] Carta Ao P. Schmiedberger, 15 de Janeiro 1991

[115] Carta a Mons. De Castro Mayer, 4 de Dez. 1990; Fideliter n° 82, pp. 13-14

[116] Nota acerca do novo bispo sucedendo a Monsenhor de Castro Mayer, enviada no dia 20 de Fev. 1991 ao P. Fernando Arêas Rifan em Campos.

que será o presidente vitalício.[116]

D. António falecerá só depois do Arcebispo, um mês mais tarde, no mesmo dia, 25 de Abril de 1991, e o seu sucessor de suprimento, Monsenhor Licínio Rangel, eleito pelos seus pares Superior da Associação São João Maria Vianney, será consagrado em São Fidelis, no Brasil, por três dos Bispos auxiliares da Fraternidade São Pio X, no dia 28 de Julho de 1991.

## *Nova Ordem mundial e Islão*

O Prelado nunca limitou o seu combate ao âmbito dos seus presbitérios e sacristias. O Cristo Rei e Sacerdote constitui para Monsenhor Lefebvre a luz que ilumina tanto a vida da Igreja como também a vida politica. Ele deseja que, como ele, os seus sacerdotes não permaneçam alheados à politica nacional e mundial; ele quer que fiquem ao corrente, para que possam ministrar aos fiéis, também neste assunto, a luz católica. É por isso que ele sugere aos seus filhos no sacerdócio amparar «por uma acção apostólica», quer dizer, recordando os benefícios para a salvação das almas de possuírem autoridades civis nem laicistas nem ateias, mas católicas, «apoiar a eleição de candidatos cuja acção política favoreça o Reino social de Cristo, mesmo que tenham alguns defeitos.»[117]

Esta consideração do Cristo-Rei, leva-o a reflexões àcerca do Judaísmo, do mundialismo e do Islão.

Colaborando na redacção do *Précis de la doctrine social* (Compêndio da Doutrina Social) do Padre Marziac,[118] propõe umas linhas suplementares ao capítulo consagrado ao «mistério de Israel»:

> «Israel tendo recusado o verdadeiro Messias, dotar-se-á dum outro messianismo temporal e terreno: A dominação do mundo pelo dinheiro, pela Maçonaria, pela revolução, pela democracia socialista. No entanto, não devemos esquecer que serão Judeus, discípulos do verdadeiro Messias, que fundarão o verdadeiro Israel, Reino espiritual, preparando para o Reino celeste. Os desígnios mundialistas dos Judeus realizam-se na nossa época, desde a fundação da Maçonaria e da Revolução que decapitou a

[117] COSPEC 22 B, 30 de Set. 1975 pp. 71-74

[118] Précis de la doctrine social de l'Eglise à l'usage des chefs d'Etat (compêndio de doutrina social da Igreja para uso dos chefes de Estado), pelo Padre Marziac, antigo missionário, com o concurso de vários colaboradores, Caussade, 1991, 164 p.

[119] Keren Hayessod, «Apelo unificado por Israel», na revista Contact de Out. 1976, constata que «Monsenhor Lefebvre nada disse sobre os judeus, (...)

Igreja e instaurou a democracia socialista mundial.»[119]

No Bourget, no dia 19 de Novembro de 1989, o Arcebispo recordou «as previsões que as seitas maçónicas tinham realizado e que foram publicadas a pedido do Papa Pio IX por Cretineau-Joly: Fizeram alusão ao governo mundial e à sujeição de Roma aos ideais maçónicos.»[120]

O Apocalipse de São João, explica ele uma outra vez, predisse, na visão das duas bestas do Capítulo 13, como os chefes da Igreja, mudando de linguagem, colocarão, por uma profanação sacrílega, o seu poder ao serviço da sinarquia anticristã. Uma visão penetrante.

«Nem a idade, nem a doença conseguiram alterar o seu espírito», nota o Padre Du Chalard, permaneceu sempre curioso e informado de tudo. Durante a guerra do Golfo (1990-1991), ele segue o desenrolar das operações, quase hora após hora. Comenta. Explica. Anuncia o que está por acontecer. Isso é fascinante».[121]

Mas a instalação da nova Ordem mundial esbarra-se contra um mundialismo duma outra espécie: Teísta na sua pregação, universalista na sua concepção, militante na sua expansão. Trata-se do Islão, um Islão que está a operar uma suave «conquista» do que resta da Cristandade. É sobre o que se interroga Monsenhor Lefebvre em presença de François Brigneau nas ondas de *Rádio Courtoisie*:

«Como interpretar (...) esta invasão do Islão na Europa? Enquanto que a Europa cristã se tinha sempre defendido contra esta invasão, eis que de repente, agora, com a protecção dos governos e até da Igreja, somos invadidos por uma religião que é essencialmente anticristã, essencialmente anti-cristã, repito-o; e muito militante, portanto muito perigosa para a nossa civilização cristã.»[122]

E o Prelado lá vai acautelando os Bispos contra a atribuição de locais para mesquitas. Seria organizar religiosamente o Islão e, portanto, também politicamente, porque, para o Islão, «não há diferença entre religião e política.» Enquanto os muçulmanos estão em minoria num país cristão, explica ele ainda, aceitam as leis, «mas logo que são numerosos e organizados, tornam-se agressivos com a vontade de impor as suas leis.»

Sobre a questão onde a religião se torna política, o Arcebispo ex-

---

demasiado inteligente para nos atacar nominalmente», mesmo adivinhando que «por detrás da Maçonaria e do comunismo, são os judeus que Monsenhor Lefebvre aponta, atacando os erros da abertura de Vaticano II»

[120] Fideliter, n° 73, pp. 14-15

[121] François Brigneau, Op. Cit. P. 49. Convertemos a frase no presente

Entrevista difundida pelo Rádio Courtoisie no dia 22 de Nov. De 1989 (preparada em Suresnes, no dia 18 de Nov. ), cf. François Brigneau Op. Cit. P. 27

primiu-se também alguns dias antes numa conferência de imprensa organizada, em previsão do seu jubileu, no hotel Crillon no dia 14 de Novembro de 1989. É na época em que o lenço islâmico alvoroça a opinião pública francesa. Respondendo a um dos jornalistas, ele abalançou-se a proferir palavras que lhe valerão, no requerimento da LICRA (Liga Internacional Contra o Racismo e o Anti-Semitismo), um mandato de comparecer diante do XVII° Tribunal Correccional. Defendido com brio pelos seus advogados, Georges-Paul Wagner e Dominique Remy, o Prelado não evitou ser julgado, em segunda instância, no dia 21 de Março de 1991, diante do XI° Tribunal, arguido «do delito de difamação pública contra um grupo de pessoas em razão da (...) sua pertença (...) a uma religião.»[123]

No seu leito da morte, o julgamento dos homens prossegue, agora no foro civil. Ao Bispo «suspenso e excomungado», só faltava à sua honra esta última condecoração. Mas o belo testemunho do seu amigo, o Cardeal Hyacinthe Thiandoum basta para eximi-lo da censura de racismo![124]

## *Ultimo Jubiléu*

O antigo Arcebispo de Dakar nunca quis ser senão o arauto do Reino Social de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Sua Cruz. É o belo programa sacerdotal e episcopal que ele recorda no Bourget diante de 23 000 pessoas, no dia 19 de Novembro de 1989, onde celebra o jubileu dos seus sessenta anos de sacerdócio. Ele proferirá a mesma linguagem aos 10000 fiéis germanófonos reunidos, no dia 29 de Abril de 1990, em Friedrichshafen, demonstrando como desaparece, com a nova missa, «o espírito da Igreja Católica, essencialmente fundamentada na Cruz, no espírito de sacrifício.»[125]

É o mesmo tema que ele desenvolverá magnificamente na intimidade do jubileu dos dez anos de sacerdócio de um dos seus filhos, o Padre François Pivert, em Rouen, no dia 1 de Maio de 1990:

«A Missa é um sacrifício, toda a religião católica é marcada pelo

---

[123] Cf. Lei do 29 de Julho 1981, art. 29, 1 e 32, 2. Depois do falecimento de Mons. Lefebvre, a Fraternidade apelou para o supremo, mas o Tribunal declarou o procedimento público extinto pelo falecimento do arguido.

[124] Trata-se duma carta do cardeal a Jean Madiran publicada no Présent do 26 de Abril de 1990 e citada por Mestre Wagner no exercício da advocacia. G.- P. Wagner e D. Remy, La condamnation, Ulysse, 1992, pp. 45, 107-108, 118-119, etc. Na mesma obra lê-se, p. 139, o testemunho dum muçulmano Ababacar Sadhike Thiam, de Dakar. Cf. Os nossos apêndices.

[125] Le Bourget, Fideliter n° 72 pp. 1-3; n° 73, pp. 14-15; Friedrichshafen. Fideliter n° 76 p. 10

sacrifício, pela Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. É por este motivo que devemos ter a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo em todo o lado, nos nossos quartos, nas nossas casas, no cruzamento das nossas estradas. Para nos lembrar o quem é Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus crucificado; a lição do sacrifício que nos dá.

«Não temos escolha: Aqueles que não passam pela Cruz de Nosso senhor Jesus Cristo, não passam pela porta das ovelhas que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

«Porquê sacrificar-se? Para amar, para a caridade! E compreendeis bem: O que fazem um pai e uma mãe de família, senão sacrificar-se por amor da sua família e por amor recíproco? É mister sacrificar-se, senão não há amor!»

Não se contém toda a vida de Monsenhor Lefebvre nestas doze pequenas palavras?

## *Doença – Pequenas férias – Aniversários*

Desde há uma dezena de anos, a sua vida está confrontada com provas físicas da doença. O Arcebispo sofre de perturbações intestinais: Pergunta-se a si mesmo: «Não terei eu o cancro?»[126] Não morreu disso a sua mãe? – Falava-se pudicamente duma oclusão intestinal.

De tarde, o Prelado já não pode comer nada. Invariavelmente, contenta-se com uma infusão apesar do protesto dos seus hospedeiros, tal como a restauradora do *Faisan Doré* (Faisão Dourado) de Fontenai-sur-Orne que se melindra: «Mas Monsenhor, íeis passar para a sala do jantar.» «Mas Monsenhor vamos preparar-vos um menú excelente!» Nada resulta, encomenda ainda assim duas cervejas, uma para ele e uma para o seu motorista e depois recolhe-se aos seus aposentos.

Nos priorados ou em casa dos seus amigos, prolonga o consumo do seu chá para ficar um pouco com os seus hospedeiros e honrar os seus sacerdotes, e depois pede licença para retirar-se.[127]

A posição sentada prolongada, em carro ou no avião, incomoda-o. Por seu lado o seu coração «faz-lhe disparates». A insónia visita-o:

«De noite, eu já não preciso de muito sono; ao tocar da meia-noite, levanto-me, e rezo Matinas, [128] trato do meu correio, medito e

---

[126] Padre Pierre Verrier, MS. II, 53, 43-49

[127] Jacques Lagneau, Souvenirs de voyage (recordações de Viagem), 21 de Abril 1997

[128] O Padre Simoulin mandou constituir um oratório privado, ao lado do escritório de Monsenhor Lefebvre, em Écône, no qual o arcebispo celebra a sua missa e pode rezar diante do Santíssimo Sacramento.

[129] Padre Pierre Epiney, Entrevista 6 de Janeiro de 2001, MS. III, 18, 43-50; Mons. Lef. Carta ao Padre Simoulin, 8 de Fevereiro de 1990

recolho-me de novo à cama.»[129]

Deve abreviar as suas viagens; desde antes das sagrações episcopais, anuncia que já não atravessará os oceanos, «para fazer entender aos sacerdotes e aos fiéis, diz ele, a situação de necessidade.»

Assim, as famílias precipitam-se lá onde ele ministra as confirmações «para lhe apresentar crianças mesmo a partir de cinco anos», como ele próprio o sugere; e de cada vez ele confirma centenas. Muitas vezes, faz alusão à sua morte «que não vai tardar muito».

Aos seus amigos íntimos de visita em Écône, ele mostra o jazigo funerário que fez construir para os defuntos da comunidade: «É aí que serei sepultado», diz.[130]

No seu regresso do Jubileu do Bourget, confessa as suas indisposições e tonturas, e confia o seu desejo de tomar um pouco de repouso. Desde 1947 nunca teve férias propriamente ditas, apenas três ou quatro dias aqui e ali, em casa do seu irmão Joseph.[131] Decide tirar três meses de férias em Itália, Espanha e França, em lugares calmos, para redigir «uma pequena obra» que será o seu Itinéraire spirituel (Itinerário Espiritual).

No dia 24 de Dezembro de 1989, escreve de Albinia, da casa de Marcel Pedroni e da sua esposa,[132] ao Padre Simoulin:

> «O meu trabalho avança devagar, ser-me-á necessário um bom mês para fazer um trabalho útil. (...) Passo mais tempo a rezar do que a trabalhar. Não é demasiado cedo!»

No entanto, em 1990, o Prelado retoma um ritmo de viagens acelerado. Em Friedrichshafen, no dia 29 de Abril, ficou de pé mais do que uma hora, durante todo o seu sermão e a sua tradução. No dia 7 de Junho, voa para o Gabão, numa última peregrinação às origens – O seu último voo intercontinental – na companhia de quatro dos seus motoristas e fiéis soldados da Guarda. Procede à bênção da Capela da Missão São Pio e às confirmações.[133] Ao partir de Écône, entreabriu a sua capa com um piscar de olhos malicioso e de júbilo juvenil, para mostrar a sua batina branca com botões roxos, cingida por um cordão igualmente roxo, dizendo: «É aquela de Dakar» antes de soltar o seu rir pleno de frescura e de emoção.[134]

No dia 6 de Setembro, no decorrer do retiro sacerdotal em Écône,

---

[130] Michael O'Carroll, entrevista 26 de Nov. 1997

[131] Fideliter n° 59 p. 5; MS I, 48, 30-40

[132] Marcel Pedroni, Carnet de route (cadernos de viagem)

[133] Op. Cit. E André Cagnon, Fideliter n° 76, pp. 29-33

[134] O Padre Michel Simoulin, In Memoriam; La Lettre aux anciens n° 14, 29 de Junho 1991

Monsenhor apresenta enfim o seu *Itinéraire spirituel*, uma mensagem espiritual que ele pensa ainda não ter transmitido, ao menos desta maneira condensada em oitenta páginas, aos seus filhos.

> «Com isso dei tudo o que podia dar; eu não vejo o que podia dar mais... Peço-vos, acrescenta ele, para rezar para que eu tenha uma boa e santa morte, porque agora apenas me resta isso para fazer.»

Em meados de Outubro, Mestre Le Panse é o seu primeiro motorista a ir pela França inteira. É na ocasião duma passagem por Menil-Saint-Loup onde morra o notário e a sua família, que Monsenhor Lefebvre disse um dia à mesa em voz meia baixa à Senhora Le Panse: «Não somos nada, absolutamente nada!» e receando de não ter sido entendido, insistiu, com a mesma voz: «Entendeis bem? Nada... mas nada de nada!»[135] Para agradecer aos seus motoristas vai passar com eles e as esposas dez dias nas costas selvagens de Espanha, entre Gibraltar e Cádis: Uma estada de divertimento que, deseja ele, «poderia ter também um carácter espiritual e religioso.» Uma sala do pequeno hotel está convertida em capela e de 6 a 14 de Novembro, toda a tribo dos motoristas juntamente com as suas esposas seguem um programa quase monacal: Missa, pequeno-almoço, conferência espiritual («um pequeno *fervorino*, (momento de fervor) diz o Prelado»), turismo, banho para quem quiser, terço em comum, jantar (chá para Monsenhor) e canções, nas quais Monsenhor participa de boa vontade, «com grande espanto da hoteleira que nunca viu hóspedes tão contentes e tão alegres; e isso, acrescenta Rémy Borgeat, *cum grano salis*, apesar da vida de oração que levávamos.»[136]

No dia 29 de Novembro, depois dum adeus a Corrèze e a Quièvrain, o Arcebispo festeja em Écône o seu 85° aniversário e declara aos fiéis vindos para assistir à sua Missa:

> «Na idade que Deus me dá é normal pensar nos seus novíssimos. É mister pensar nisso sempre ao longo da nossa vida, mas particularmente quando nos aproximamos deles. Então agradeço-vos que me façais o favor de rezar para que, se for a vontade de Deus, no decorrer deste ano, Ele me conceda uma santa morte. O tudo é de bem.

No dia 11 de Fevereiro de 1991, faz uma última conferência aos seminaristas e conclui: «A situação na Igreja é muito mais grave do que se se tratasse de perder a fé. É a instalação duma outra religião com outros princípios que já não são católicos. »

---

[135] Senhora Jean Marc Le Panse, Carta 13 de Junho 1996

[136] Carta de Mons. Lef. Aos seus motoristas, 30 de Julho 1990; Marcel Pedroni, MS. III, 20-21; Remy Borgeat, MS III, 35-36.

Apesar dum coração «qui lui fait des siennes» (que lhe faz das suas), Monsenhor Lefebvre parte no dia 13 de Fevereiro para uma última viagem que o leva para Gigondas e Fanjeaux, e depois Brignoles. A uma superiora que lhe evoca projectos para um futuro muito próximo, o Bispo responde:

«Já não estarei cá... Fá-lo-ia de boa vontade, mas terei partido».

E no momento de deixar a comunidade que o convida a voltar:

«Minha Madre», diz ele, «trabalhei muito tempo. Tudo está no seu lugar, tendes Bispos. Agora, por mim, *Requiem eternam*! (repouso eterno!)»

E no momento de entrar no carro:

«Cumpri a minha tarefa... Agora, repouso!»[137]

Em Nice, revê pela última vez o Padre Guillou O.S.B e, mal passado a Itália, fala ao seu condutor duma carta que recebeu «das Ilhas de por acolá» de três benfeitoras, as irmãs Monzita: queria muito agradecer-lhes. E ei-lo no barco para Civitavecchia em Sardenha, afim de visitar três velhas senhoras que não acreditam nos seus ouvidos nem nos seus olhos. Até ao fim, a sua caridade quer fazer prazer.

## *10. Tempo da Paixão*

Tomando conhecimento da morte da sua irmã mais velha Jeanne, Monsenhor Lefebvre renunciou a ir às exéquias e confiou:

«Rezo todos os dias para que, como ela, possa morrer antes de perder as faculdades intelectuais. Bem queria partir, porque se eu me contradissesse, eles diriam: «Já está, ele disse que se enganou!» e aproveitar-se-iam disso»

Por várias vezes, o Prelado evocará a morte muito suave desta sua irmã mais velha, chamada por Deus num momento de adormecimento; queria muito morrer assim, com a extrema-unção, porém. Mas do sacerdote e do Bispo que Monsenhor Lefebvre é, Deus vai solicitar uma plena participação aos seus sofrimentos redentores.

No dia 7 de Março de 1991, na festa de São Tomás de Aquino, Monsenhor dá aos seus amigos e benfeitores do Valais a tradicional conferência plena de fé e de estro, e conclui por estas palavras: «Vamos triunfar sobre eles!» E no dia seguinte, às 11 horas, celebra a que será a sua última missa da Terra. Bem pensou ele nunca poder acabá-la, tantas são a sua fadiga e as suas dores de intestino. No entanto, parte de carro para Paris, para assistir à reunião fundadora

[137] In Memoriam. A maior parte dos factos que relatamos aqui são extractos desta preciosa compilação.

«Cercles de Tradition» («Círculos de Tradição»): «É uma tarefa demasiadamente importante, diz ele, e que tomo a peito. »

### *Hospitalização, operação*

Mas não passa além de Bour-en-Bresse: a meio da noite no hotel, por volta das 4 horas da manhã, Monsenhor desperta o motorista, Remy Borgeat: «Não estou bem, diz ele, voltemos para a Suíça». E, a seu pedido, está hospitalizado de emergência no dia 9 de Março, de manhã, no hospital de Martigny cujo director, O Dr. Jo Grenon, é um amigo de Écône. Confiam-no ao serviço de cirurgia e no Quarto 213. Atrás das montanhas: La Forclaz e a França e, não muito longe, o Grand Saint-Bernard, a Itália e Roma.

O Prelado está confiante, mas sofre:

«É como que um fogo que me queima e sobe para o peito.»

O Padre Simoulin leva-lhe a Sagrada Comunhão – que receberá até à sua operação. Agradece:

«Eu fiz-vos faltar às Vésperas... Mas realizastes uma obra de caridade. Troxestes-me o melhor Médico. Nenhum dentre eles me pode dar o que vós me dais.» Admira o crucifixo que trouxemos para o pequeno Altar montado no seu quarto: «Isso ajuda a aguentar as dores. »

Os medicamentos diminuem as dores; está a ser alimentado por via intravenosa. Brinca e diz às enfermeiras: «Fazeis um bom negócio comigo: pago tarifa completa e não me alimentais!»

Além disso é muito paciente: Os médicos são obrigados a repreendê-lo para que fale mais das suas dores. As enfermeiras acham-no muito manso, excepcionalmente discreto: nunca usa a campainha de serviço. Não quer perturbar. Está um pouco preocupado com as consequências duma operação, mas no mesmo tempo resignado e confiante. Por várias vezes, diz ele: «acabei o meu trabalho, não posso mais, apenas me resta rezar e sofrer».

Na Segunda-Feira 11, sentindo um frio que lhe sobe pelas pernas, o Prelado solicita a Extrema-Unção, que recebe com muito recolhimento e muita simplicidade, os olhos fechados e respondendo muito claramente ao Ministro. Pede em seguida a bênção apostólica *in articulo mortis*, depois abre os olhos pacíficos, sorri e agradece. Acrescenta: «para as orações dos agonizantes, vamos ainda esperar um pouco.»

Encontra-se apaziguado mas não conseguiu ainda retomar o seu Breviário. «Então», diz ele, «faço oração. Não estou em condição para fazer mais nada. Mas é uma boa coisa. »

Na Quinta-feira 14 de Março, quando que já se submeteu a vários exames, os médicos decidem afinal oferecer-lhe uma verdadeira refeição, que lhe dará prazer e o fortificará. Mas não lhe tocará para poder receber a Santa Comunhão... que se faz esperar. No mesmo dia, um dos médicos confia ao Padre Denis Puga:

«Senhor Padre, devo confessar alguma coisa: Passei o dia em companhia de Monsenhor, para os exames. É um homem extraordinário, é uma verdadeira felicidade ficar ao pé dele. Que bondade! Descobre-se uma bondade divina no seu olhar. Tem um verdadeiro privilégio, de ser um dos seus próximos. Não nos damos conta disso através da imagem que difundem os *media*. Pedi a Monsenhor para rezar por mim. »

Ora, este médico não é católico. Na Sexta-feira 15 de Março, Monsenhor é levado a Monthey para um exame de radiografia. No seu regresso no hospital, os seus padres encontram-no com as suas perfusões que provocam edemas.

Tendes as veias demasiada duras, disse-lhe o Padre Simoulin.

Não, pelo contrário, parece que até são demasiado finas e delicadas. Imaginais isso... Para um Bispo de Ferro!

No Sábado 16, Sitientes, têm lugar em Écône as ordenações ao sub-diaconato.

Uni-me muito pela oração à ordenação, diz o Arcebispo ao Padre Puga.

É a primeira ordenação que não teria podido acontecer se não nos tivésseis dado Bispos.

Sim, é, respondeu ele, deveras, este ano de 1988 foi uma grande graça, uma bênção de Deus, um verdadeiro milagre. É a primeira vez que, estando gravemente doente, estou perfeitamente tranquilo. Devo confessar... Desculpe... Mas antes, quando estava doente, tinha a preocupação, por causa da Fraternidade ter necessidade de mim, por causa de ninguém estar cá para me substituir no meu trabalho. Agora, estou em paz, tudo está em ordem e funciona.

No Domingo 17, Domingo da Paixão, depois de ter recebido a Comunhão, explica ele que será operado no dia seguinte e comenta: «Que Deus me leve se quiser».

É portanto na segunda-feira da Paixão que teve lugar a operação:

«Quando o médico me disse para contar até dez no momento de me adormecer, fiz o sinal da cruz... depois... mais nada. Logo que acordei, perguntei:

- Então, já não se opera?

- Mas sim, Monsenhor, já está, responderam-me.

Tal foi a narração que Monsenhor fez da sua operação. O cirurgião retirou um grande tumor do tamanho de três pamplumossas. Revelou-se cancerígeno, mas nada foi dito ao paciente. Está exausto por causa da operação, mas sorri por detrás da sua máscara de oxigénio e da sua sonda gástrica.

Na Quarta-Feira à tarde, ele torna-se angustiado: fortes edemas manifestam-se nos membros, sofre das costas e da cabeça.

«É o fim, diz ele, sofro terrivelmente na cabeça, é necessário que Deus me venha buscar. Desejo ardentemente morrer acompanhado de alguns dos meus sacerdotes para rezar as preces dos agonizantes. Não se me pode recusar isso.»

Ele pensa que se impedem as visitas aos seus sacerdotes, a vinda do Padre Puga na quinta-feira, apazigua-o; reencontra todo o seu optimismo e o seu vigor moral. Chega o Sábado da Paixão, Monsenhor fala dos cuidados humilhantes e penosos que lhe são impostos, fala do esgotamento que lhe causa o mínimo esforço. As suas mãos estão inchadas pelos edemas.

«Estamos no tempo da Paixão», anuncia o Padre Simoulin. Monsenhor Lefebvre fecha os olhos e repete:

«Sim, é mesmo a Paixão!» Não pode ainda comungar: «Isso me falta... Preciso disso... Isso me daria forças», lamenta ele.

Na tarde do mesmo dia, o Padre Puga informa-o sobre as declarações do Cardeal Gagnon ao jornal *30 Giorni*, segundo as quais não encontrou erros doutrinais em Écône. Monsenhor Lefebvre encolhe os ombros:

«Um dia a verdade se manifestará. Não sei quando, Deus sabe, mas ela se manifestará.»

## *Morte dolorosa*

Até ao fim, nenhuma dúvida sobre a rectidão da sua causa aflorará ao espírito do fundador.

E como se vê, o seu fim foi à imagem da sua vida: focada na Fé e nela fortalecida, simples, discreta, púdica. Nenhuma mensagem espiritual, nem *novíssima verba* (últimas palavras), ao que parece. Algumas reflexões aparentemente banais, «maliciosas até, mas sem maldade», cujo significado só depois toma relevo, sobretudo para aqueles que pouco conheceram Monsenhor Lefebvre ou não o tinham conhecido, e que poderão adivinhar como ele morreu, na falta de o ter visto viver.[138]

[138] In Memoriam, prefácio

Foi no Domingo de Ramos, 24 de Março, primeiro dia da Semana Santa, da Grande Semana, que o estado do doente se agravou de repente. Contudo, na Sexta-Feira, pedira o seu relógio e o seu aparelho de audição, prova das melhoras do paciente, e no Sábado pensaram fazê-lo regressar ao seu quarto no dia seguinte. Mas no Domingo a esperança foi substituída pela inquietação: Monsenhor sofreu um forte ataque de febre, o cardiologista decide mantê-lo na sala dos cuidados intensivos. O doente, doloroso e agitado, irrompe a falar sem interrupção, mas através da máscara de respiração é difícil entendê-lo. Jo Grenon percebe porém: «Somos todos os seus filhos» e, no momento em que deixa o Prelado, este dirige-lhe um sorriso e estende-lhe a mão em sinal de adeus.[139]

Ao Padre Simoulin que lhe anuncia a chegada do seu irmão Michel Lefebvre, sorriu tanto quanto pôde e a alegria brilhou no seu olhar. Mas por volta das 19 horas, quando o director de Écône regressa ao hospital, logo ao entrar na sala dos cuidados intensivos, foi surpreendido por um som terrível: Um estertor sonoro e precipitado supera todos os outros ruídos provenientes dos outros compartimentos, amplificado ainda pela máscara de respiração. O Prelado está como que aniquilado, já não pode articular palavra mas entende tudo o que o Padre lhe diz: «O retiro, Monsenhor, que devíeis pregar-nos, pregais agora de uma maneira que nós não tínhamos previsto!» E Monsenhor sorriu. «Um certo número de Valaisanos dentre os quais os vossos motoristas, fazem o retiro connosco.» E o Prelado sorriu ainda.

Quando o Padre repara no crucifixo do compartimento e produz um juízo elogioso sobre este hospital e o seu director que coloca os seus doentes debaixo da protecção do redentor, Monsenhor, muito devagar vira a cabeça e o olhar para a esquerda, onde o Padre está a apontar o dedo, para lhe assinalar o crucifixo, depois fecha suavemente os olhos.

Um sorriso... Um olhar para o crucifixo... Tais foram as últimas palavras de Monsenhor Lefebvre. Um sorriso... Para agradecer, para assegurar, para convidar à mesma serenidade, um sorriso de caridade e de atenção para com os outros e de esquecimento para si mesmo. Um olhar para o crucifixo, último gesto consciente que os seu filhos nele osbservaram, o olhar do adorador e do sacerdote.[140]

---

[139] Entrevista com Jo Grenon, Les 17 derniers jours de Monsenhor Lefebvre (os 17 ultimos dias de Monsenhor Lefebvre), no *Controverses* n° 30, Abril 1991, p. 3

[140] Cf Padre Simoulin, Controverses n° 30 p. 10

Por volta das 23 horas e 30, o Hospital chama Écône: Monsenhor acaba de dar um sinal de alarme, e está na sala de reanimação.

Os Padres Simoulin e Laroche encontram o Prelado respirando com grande dificuldade, os olhos fixos e vítreos, fazem-lhe uma massagem cardíaca, ele deve ter uma embolia pulmonar. Enquanto que o Padre Laroche foi despertar o Seminário e convidar a comunidade para rezar na capela, o Padre Simoulin fica ao lado do doente que procura dolorosamente a sua respiração: É um pouco a agonia do crucificado. A testa, com o passar do tempo, está cada vez mais sulcada pela crispação de sofrimento, enquanto que os indícios dos aparelhos de controlo diminuem pouco a pouco.

A partir das 2 horas 30, a queda acelera-se, a respiração abranda, ao passo que a testa fica marcada por um sulco de dor. Tudo se apazigua pouco a pouco. por volta das 3 h 15, o Padre diz à enfermeira:

- A sua alma está apenas à espera duma coisa, deixar este corpo doloroso para se juntar a Deus.
- Penso que agora ela está a partir, diz a enfermeira que se retira então.

O Padre Simoulin começa as preces dos agonizantes. «No preciso momento », diz ele, «quando acabo, perto de 3horas 20, entra na sala dos cuidados intensivos o Superior Geral, o Padre Schmiedberger. O quadrante marca «00» para as pulsações. Um sopro faz-se ainda ouvir, mas é de Monsenhor ou do aparelho? Apresento o ritual ao Padre Schmiedberger, que relê as orações *in expiratione* (na expiração)».

Alguns últimos sobressaltos crispam a face de Monsenhor Lefebvre e, por volta das 3 horas 25, o sofrimento deixa para sempre o seu corpo, enquanto o seu olhar recupera a serenidade. O Superior Geral fecha os olhos do pai muito amado.

Estamos na Segunda-Feira Santa, 25 de Março, festa da Anunciação da Santíssima Virgem Maria, no dia do sorriso do Céu dirigido à Terra, e dia em que renasce a esperança para as almas, dia da Incarnação do Filho de Deus e da Ordenação sacerdotal de Jesus Cristo, sacerdote soberano. Neste dia, a alma de Monsenhor Lefebvre foi julgada...

> «Quando eu estiver diante do meu Juiz, tinha ele dito em Lille quinze anos antes, não quero que Ele possa dizer me: «Tu também deixaste destruir a Igreja.»

Então, neste dia de 25 de Março de 1991, quando Deus lhe perguntou: «O que fizeste da tua graça sacerdotal, da tua graça episcopal?», o que quereis que tivesse respondido o velho combatente da fé, o

Bispo restaurador do sacerdócio católico?

«Senhor», disse ele, «vede, transmiti tudo o que podia transmitir: A Fé católica, o sacerdócio católico e também o episcopado católico; tudo isso, me confiastes, tudo isso, comuniquei, para que a Igreja continue.»

«Tradidi quod et accepi,[141] disse o Grande Apóstolo São Paulo, e consequentemente, eu também quis dizer: «Tradidi quod et accepi, Transmiti o que recebi. Tudo o que recebi, o transmiti».

## 11. O maior amor

Os restos mortais do fiel lutador foram transportados solenemente para Écône. Paramentado com os ornamentos pontificais, foi exposto na capela Notre-Dame-des-Champs. A multidão desfilou toda a semana; o Núncio Apostólico e Monsenhor Schwery, Bispo da Diocese de Sion, vieram e até abençoaram o corpo daquele que o Papa declarou excomungado.

Velado durante toda a noite de Segunda-Feira à Terça-Feira da Pascoa, o Arcebispo recebe a última bênção nesta manhã do 2 de Abril, e o esquife é encerrado. É afixada uma placa em que figuram as armas do Prelado com estas palavras que ele mandou expressamente gravar: «Tradidi quod et accepi.»

Lentamente, transportado sobre os ombros dos seus sacerdotes, Monsenhor Lefebvre passa através da multidão de 20 000 fiéis apinhados, desce o relvado que tantas vezes atravessou para transmitir o sacerdócio. Chega à «Basílica de tela», no nível inferior, na qual se desenrolam a Missa e as Absolvições pontificais.

Faz frio e um tempo cinzento; o sol apenas ilumina a vertente do lado oposto do vale. De repente, no meio da cerimónia fúnebre, o sol ilumina a multidão imensa dos amigos da Fraternidade São Pio X. O calor difunde-se. Depois, quando o corpo é reconduzido pelo relvado que sobe na direcção do céu azul rumo a sua última morada de Écône, vinte mil almas sentem no seu fundo íntimo que é a vida que passa e que continua. Ela está no coração dos seus filhos sacerdotes, que têm cada um uma vela acesa na deslumbrante luz de Écône que cai na vertical. A Tradição vive.

[141] 1 Cor. 11, 23. Para o que está a seguir: In memoriam; Philippe Heduy, No Le Chardonnet n° 65, Maio 1991; João 13,1; 15, 13; 1 João 4, 16.

No livro dos pêsames, «um católico de base», que vive desta tradição graças a Monsenhor Lefebvre, traça estas linhas:

«Agradecido por terdes intervindo, por terdes salvo o sacerdócio, por terdes sido o nosso estandarte e por vos terdes oferecido em holocausto para salvar o vosso povo.»

Sim, Amou a Igreja com toda a força da sua alma, até ao extremo da caridade: *In finem dilexit.* Não demonstrou ele o maior amor que possa existir? Amou excessivamente, aquele que, até ao fim «creu na caridade que Deus tem por nós.»

# ANEXOS

# APENDICES

## Anexos I

7 de Agosto de 1952

### Voto

Formulado por Monsenhor Lefebvre, Delegado Apostólico em Dakar, no livro de ouro da obra dos doentes de Bourguillon.

O missionário sente-se muitas vezes fraco e impotente frente à tarefa a cumprir. Aquele que o enviou a evangelizar os pobres não lhe prometeu o êxito fácil. Assim, o Missionário busca em todo o lado aquele que o ajudará a iluminar as almas, infundir-lhes a chama da caridade, enquanto que elas são milhões a permanecer entorpecidas nas trevas dos erros e da escravidão do vício. O doente, pelo contrário, possui uma riqueza insondável e misteriosa, e a sua grande dificuldade é de pensar às vezes que os seus sofrimentos são debalde, debalde pela sua própria perfeição, porque não está sempre resignado, debalde pelos os outros, porque Deus não permite que ele conheça todos os efeitos maravilhosos dos seus sofrimentos unidos aos de Jesus Cristo crucificado.

Assim Nosso Senhor, na sua infinita sabedoria, quis que cada um traga a cruz em união com Ele. Não há entre estes dois eleitos do Senhor, o missionário e o doente, bem como entre o missionário e o contemplativo, uma união mística em Jesus crucificado? Sim! Bendita seja a obra dos doentes de Notre-Dame de Bourguillon que concretiza e torna eficaz esta união em Nosso Senhor do Missionário e do Doente, pela Virgem, Apóstolo e Mãe das Dores.

Aos numerosos pedidos já formulados, acrescento o do Vigário Apostólico do Senegal para todo o seu Vicariato e em particular para as suas missões no meios dos Sereres que solicitam massivamente a graça do Baptismo. Pediria aos padres que se dedicam nesta região, e a todos os do Vicariato, que rezassem em recompensa para todos os doentes que terão uma intenção particular na oferta dos seus sofrimentos para o Vicariato de Dakar.

Convicto do beneficio imenso que podem trazer as ofertas dos esti-

mados doentes para todos os missionários, recomendo os cinquenta Vicariatos e prefeituras apostólicas da Delegação Apostólica de Dakar às suas santas intenções e agradeço-lhes profundamente, bem como às pessoas que se dedicam à obra dos doentes de Notre-Dame de Bourguillon.

Que Nosso Senhor e a Virgem Maria Se dignem difundir abundantes bênçãos sobre os nossos caros benfeitores espirituais.

+ Marcel Lefebvre Delegado e Vigário Apostólico de Dakar Friburgo, no dia 7 de Agosto de 1952

## ANEXOS II

1963-1965

MEMBRES « LES PLUS COURAGEUX ~ DU COETUS INTERNATIONALIS PATRUM

LISTA FIÁVEL DUMA PARTE MÍNIMA DOS MEMBROS DO COETUS, DAQUELES QUE MONS. LEFEBVRE CHAMA «OS MAIS SÓLIDOS, OS MAIS MILITANTES»

Geraldo de PROENÇA SIGAUD, Arcebispo de Diamantina, Brasil.
Marcel LEFEBVRE, Superior Geral dos Padres do Espírito Santo.
António de CASTRO MAYER, Bispo de Campos, Brasil.
Luigi CARLI, Bispo de Segni, Itália.
Dom Jean PROU, OSB, Abade de Solesmes, França.
Georges CABANA, Arcebispo de Sherbrooke, Canadá.
Xavier MORILLEAU, Bispo de La Rochelle (antigo noviço espiritano), França.
Alfredo SILVA SANTIAGO, Reitor da Universidade de Santiago, Chile.
Secondino LAcchio, OFM, Arcebispo de Changsha, China.
Joseph CORDEIRO, Arcebispo de Karchi, Pakistan.
TRP Luciano RUBIO, Superior Geral dos Agostinianos.
Pierre de LA CHANONIE, Bispo de Clermont-Ferrand, França.
Julien LE COUÉDIC, Bispo de Troyes, França,

Luiz Gonzaga da CUNHA MARELIM, Bispo de Caxias de Maranhão, Brasil.
João PEREIRA VENÂNCIO, Bispo de Leiria, Portugal.
José Luis CASTRO, Bispo de San Felipe, Chile.
Carlo SABOIA BANDEIRA DE MELLO, OFM, Bispo de Palmas, Brasil.
José NEPOTE Fus, Prelado nullius de Rio Branco, Brasil.
Giocondo GROTTI, OSM, Prelado nullius de Acre et Purús, Brasil.
Auguste GRIMAULT, CSSp, ant. Vigário Apostólico de Dakar, Sénégal.
René GRAFFIN, CSSp, Arcebispo emérito de Yaoundé, Cameroun.
Alfred MARIE, CSSp, Bispo de Cayenne, Guyane francesa.
John Charles Mc QUAID, CSSp, Arcebispo de Dublin. Irlanda.
Richard ACKERMAN, CSSp, Bispo de Covington. Kenlucky, Estados Unidos
Michlael Moloney, CSSp, Bispo de Bathurst Gambia.
Laureano Castán Lacoma, Bispo de Sigüenza-Guadalajara, Espanha.
Jean Rupp, Bispo do Mónaco.
Dino STAFFA (Cúria Romana).
Casimiro MORCILLO, Bispo de Saragoça, depois Arcebispo de Madrid, Espanha.
José MARTINEZ VARGAS, Bispo de Armeria, Colômbia.
Aníbal MUNOZ DUQUE, Arcebispo de Nueva Pamplona, Colômbia.
José PIMIENTO RODRIGUEZ, Bispo de Garzón-Neiva, Colômbia.
Dom Ildefonse REA, OSB, Abade do Mont-Cassin, Itália.
Dom Aelred SILLEM, OSB, Abade de Quarr, Inglaterra.
Abílio del CAMPO, Bispo de Calahorra, Espanha.
Cesário D'AMATO, OSB, Abade de Saint-Paul-Extra-Murros, Itália.
Jorge CARRERAS, Bispo Auxiliar de Buenos Aires depois bispo de San Justo (1965),
Argentina.
Georges PELLETIER, Bispo de Trois- Rivières, Canadá.
João Batista PRZYKLENK, MSF, Bispo de Januária, Brasil.
Manoel da CUNHA CINTRA, Bispo de Petrópolis, Brasil.
Enrique BARBOSACHAVES, Arcebispo de Cuiaba, Brasil.

Cado QINTERO ARCE, Bispo de Ciudad Valles, México.
Alfonso ESPINO Y SILVA, Arcebispo de Monterrey, México.
Angel TEMIÑO SAIZ, Bispo de Orense, Espanha.
Francisco RENDEIRO, OP, Bispo de Faro depois Coadjutor de Coimbra (1965),
Portugal.
Manoel dos SANTOS ROCHA, Bispo de Beja, Portugal.
Mario Di LIETO, Bispo de Ascoli Satriano, Itália.
Felice LEONARDO, Bispo de Telese, Itália.
Giovanni LEONETTI, Arcebispo de Capoue, Itália.
Giuseppe BONFIGLIOLI, Bispo Coadjutor de Syracuse, Itália.
Artemio PRATI, Bispo de Carpi, Itália.
Arrigo PINTONELLO, Bispo Castrense de Itália.
Rudolf GRABER, Bispo de Ratisbona, Alemanha.
Richard GUILLY, SJ, Bispo de Georgetown, Guyane britânica.
Santos MORO BRIZ, Bispo de Ávila, Espanha.
Demetrio MANSILLA Reoyo, Bispo Auxiliar de Burgos, depois Bispo de Ciudad Rodrigo
(1964), Espanha.
Elias Mc HONDE, Bispo de Mahenge (1964), Tanzânia.
Edgard MARANTA, OFM Cap, Arcebispo de Dar es-Salaam, Tanzânia.
Charles LEMAIRE, Superior Geral das Missões estrangeiras de Paris.
António LANUCCI, Bispo de Pescara, Itália.
Vito ROBERTI, Delegado Apostólico no Congo (1962).
Pacifico M. Luigi PERANTONI, OFM, Bispo de Gerace-Locri, Itália (além disso,
secretário do Secretariado dos Bispos no Concílio).
Giovanni PRONI, Bispo de Termoli, Itália.
Bertrand LACASTE, Bispo de Oran, Argélia.
Henry PINAULT, Bispo de Changtu (expulsado). China.
Moisés Alves de Pinho, CSSp, Arcebispo de Luanda, Angola.
Dino Romoli, OP. Bispo de Pescia, Itália.
Adolfo Tortolo, Arcebispo do Paraná, Argentina.
Emilio Tagle Covarrubias, Bispo de Santiago e depois Bispo de Valparaiso, Chile.

# Anexos III

## 1 de Novembro de 1970
## Erecção da Fraternidade Sacerdotal São Pio X

Bispado
de Lausanne, Genebra
e Friburgo

### Decreto de Erecção
### da Fraternidade Sacerdotal São Pio X

Dados os encorajamentos expressos pelo Concílio Vaticano II no decreto Optatam Totius, concernente aos seminários internacionais e a repartição de clérigos;

Dada a necessidade urgente da formação de sacerdotes zelosos e generosos conforme às directivas do decreto acima referido;

Constatando que os estatutos da Fraternidade Sacerdotal correspondem bem àqueles objectivos:

Nós, François Charrière, Bispo de Lausanne, Genebra e Friburgo, tendo invocado o santo Nome de Deus, e observando todas as prescrições canónicas, decretamos o seguinte:

1) Está erecta na nossa diocese ao título de Pia Unio a Fraternidade Sacerdotal internacional São Pio X.
2) A sede da Fraternidade está estabelecida na Casa São Pio X, 50, Estrada da Vignettaz, na nossa cidade de Friburgo.
3) Aprovamos e confirmamos os Estatutos anexos da Fraternidade para um período de seis anos *ad Experimentum*, período que poderá ser seguido dum outro idêntico por tácita prorrogação, após o que a Fraternidade poderá ser definitivamente erecta na nossa diocese, ou pela Congregação Romana competente.

Imploramos as bênçãos divinas sobre esta Fraternidade Sacerdotal para que alcance os seus objectivos que são a formação de santos sacerdotes.

Feita em Friburgo, no nosso Bispado, no dia 1 de Novembro de 1970, na festa de todos os santos.

+ François Charrière, Bispo de Lausanne, Genebra e Friburgo.

## ANEXOS IV

18 DE FEVEREIRO DE 1971

CARTA DE ENCORAJAMENTO DO CARDEAL WRIGHT
TRADUÇÃO DO ORIGINAL LATINO

Sagrada Congregação para o Clero
Prot. N° 133515/1
Roma, dia 18 de Fevereiro de 1971

Excelentíssimo Monsenhor,

Foi com uma grande alegria que recebi a vossa carta em que Vossa Excelência me dava conhecimento das notícias e dos estatutos da obra chamada "Fraternidade Sacerdotal"

Tal como Vossa Excelência a apresenta, a associação que, pelos vossos cuidados, recebeu no dia 1 de Novembro de 1970 a aprovação do Bispo de Friburgo, Monsenhor François Charrière, já passou as fronteiras da Suíça e vários Ordinários de diversas partes do mundo a louvam e aprovam. Tudo isso, e especialmente as sábias normas que constituem e regulam a obra, dão boa esperança acerca da referida associação.

Quanto ao que respeita a esta Sagrada Congregação, a "Fraternidade Sacerdotal" poderá sempre contribuir para realizar o objectivo do Conselho para a repartição do clero pelo mundo, constituído neste sagrado discastério.

Com todo o respeito que convém, me considero como muito dedicado no Senhor Jesus Cristo a Vossa Excelência Reverendíssima.

J. Wright
Prefeito

Palazzini
Secretario

Ao Excelentíssimo e Reverendíssimo
Monsenhor Marcel Lefebvre
Arcebispo tit. De Synnada em Phrygia
Via Casalmonferrato, n° 33

# Anexos V

## A «Declaração» de 21 de Novembro de 1974

Aderimos de todo o coração, de toda a nossa alma, à Roma católica, guardiã da Fé católica e das tradições necessárias à conservação desta Fé, à Roma eterna, mestra de sabedoria e de verdade.

«Pelo contrário, recusamos, e sempre nos recusámos a seguir a Roma de tendências neo-modernistas e neo-protestantes que claramente se manifestou no Concílio Vaticano II e depois do Concílio, em todas as reformas que dele emanaram.

«Todas essas reformas, com efeito, contribuíram e contribuem ainda para a demolição da Igreja, para a ruína do sacerdócio, para a aniquilação do sacrifício da Missa e dos Sacramentos, para o desaparecimento da vida religiosa, para um ensino naturalista e teilhardiano, nas universidades, nos seminários, na catequese, ensino saído do liberalismo e do protestantismo que foram tantas vezes condenados pelo Magistério solene da Igreja.

«Nenhuma autoridade, nem a mais elevada na hierarquia, nos pode obrigar a abandonar ou a minimizar a Fé católica, claramente expressa e professada pelo magistério da Igreja desde há dezanove séculos.

Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do Céu vos anuncie um Evangelho diferente daquele que vos tenho anunciado, seja anátema (Gal I, 8). «Pois não é isso o que o Santo Padre hoje nos repete? E se se manifestasse uma certa contradição nas suas palavras e nos seus actos, tal como nos actos dos dicastérios, então escolheríamos o que sempre nos foi ensinado e faríamos ouvidos de mercador às novidades destruidoras da Igreja.

Não se pode modificar profundamente a lex orandi sem modificar a lex credendi. À Missa nova corresponde catecismo novo, sacerdócio novo, seminários novos, universidades novas, Igreja carismática, pentecostista, todas estas realidades opostas à ortodoxia e ao magistério de sempre.

«Esta Reforma, sendo emanada do liberalismo e do modernismo, está completamente envenenada; sai da heresia e conduz à heresia, mesmo que nem todos os seus actos sejam formalmente heréticos. É, portanto, impossível a todo o católico consciente e fiel adoptar esta Reforma e submeter-se a ela seja de que modo for.

«A única atitude de fidelidade à Igreja e à doutrina católica, para a

nossa salvação, é a recusa categórica da aceitação da Reforma.

«É por isto que, sem nenhuma rebelião, sem nenhuma amargura, sem nenhum ressentimento, nós continuamos a nossa obra de formação sacerdotal, sob o signo do magistério de sempre, persuadidos de que não podemos prestar um serviço maior à santa Igreja Católica, ao Sumo Pontífice e às gerações futuras.

«É por isso que nós nos vinculamos firmemente a tudo aquilo em que se creu e que foi praticado na Fé - os costumes, o culto, o ensino do catecismo, a formação do padre, a instituição da Igreja - pela Igreja de sempre, e codificado nos livros publicados antes da influência modernista do Concílio, esperando que a verdadeira luz da Tradição dissipe as trevas que obscurecem o céu da Roma eterna.

«Ao fazer isto, com a graça de Deus e o auxílio da Virgem Maria, de São José, de São Pio X, estamos convictos de que permanecemos fiéis à Igreja Católica Romana, a todos os sucessores de Pedro, e somos os *fideles dispensatores misteriorum Domini Nostri Jesu Christi in Spiritu Sancto*. Amen.»

Na festa da Apresentação
da Virgem Maria,
Roma, 21 de Novembro de 1974
+Marcel Lefebvre

******

## ANEXOS VI

### 17 DE JULHO DE 1976
### CARTA DE MONSENHOR LEFEBVRE AO PAPA PAULO VI

*Resposta à carta do Cardeal Baggio, Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos, recebida no dia 10 de Julho de 1976, dando-lhe a ordem de manifestar ao Santo padre o seu arrependimento pelas ordenações realizadas no dia 29 de Junho. Foram-lhe concedidos 10 dias de prazo.*

*A resposta de Paulo VI foi a suspensão a divinis fulminada no dia 22 de Julho.*

Santíssimo Padre,

Todos os caminhos para chegar até Vossa Santidade me tendo vindo a ser vedados, que Deus permita que esta carta ao menos consiga

chegar às vossas mãos para vos exprimir os meus sentimentos de profunda veneração e, pela mesma ocasião, vos formular com uma súplica instante o objecto dos meus mais vivos desejos que, ai meu Deus!, parece ser assunto de litigio entre a Santa Sé e numerosos católicos fiéis:

Dignai-vos, Santíssimo Padre manifestar a vossa vontade de verdes estender-se o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo neste mundo, restaurando o Direito público da Igreja.

Devolvendo à liturgia todo o seu valor dogmático e a sua expressão hierárquica, segundo o rito latino consagrado por tantos séculos de uso,

Colocando de novo em lugar de honra a Vulgata.

Devolvendo aos catecismos o seu verdadeiro modelo, o catecismo de Trento.

Fazendo isso, Santidade, restaurareis o sacerdócio católico e o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre as pessoas, as famílias e as sociedades civis;

restabelecereis a justa concepção para as ideias falsas que se tornaram ídolos do homem moderno: a liberdade, a igualdade e a fraternidade, a democracia, segundo o exemplo dos vossos predecessores.

Que Vossa Santidade abandone este nefasto empreendimento de compromisso com as ideias do homem moderno, empreendimento que tem a sua origem nas lojas maçónicas desde antes do Concílio.

Perseverar nesta orientação, é prosseguir a destruição da Igreja. Vossa Santidade compreenderá facilmente que não podemos colaborar num tão funesto desígnio, o que faríamos se consentíssemos no encerramento dos nossos seminários.

Que o Santo Espírito se digne conceder a Vossa Santidade as graças do dom de força para que a Vossa Santidade possa manifestar por actos não equívocos que é verdadeiramente e autenticamente o sucessor de São Pedro, proclamando que não há salvação senão em Jesus Cristo e na sua Esposa mística, a Santa Igreja Católica e Romana.

+ Marcel Lefebvre
Arcebispo-Bispo emérito de Tulle
Albano, 17 de Julho de 1976

## ANEXOS VII

### 27 DE AGOSTO DE 1986
### CARTA DE MONSENHOR LEFEBVRE A OITO CARDEAIS ANTES DA REUNIÃO DE ASSIS

Écône, no dia 27 de Agosto de 1986

Eminência,

Face aos eventos que sucedem na Igreja e de que João Paulo II é o autor, face aos propósitos que ele tenciona realizar em Taizé e em Assis no mês de Outubro, não posso resistir a dirigir-me a vós, para vos suplicar em nome de numerosos sacerdotes e fiéis, para salvar a honra da Igreja, humilhada como nunca foi em toda a sua história.

O discurso e os actos de João Paulo II no Togo, no Marrocos, nas Índias, na Sinagoga de Roma, provocam nos nossos corações uma santa indignação. O que pensam disso os santos do Antigo e do Novo Testamento? O que faria a Santa Inquisição, se ainda existisse?

É o primeiro artigo do Credo e o primeiro Mandamento do Decálogo que são injuriados publicamente por aquele que está sentado na sede de São Pedro. O escândalo é incalculável nas almas dos católicos. A Igreja está abalada nos seus alicerces.

Se na Igreja, única arca da salvação, desaparece a Fé, é a própria Igreja que desaparece. Toda a sua força, toda a sua actividade sobrenatural, têm por fundamento este artigo de fé.

Vai João Paulo II continuar a arruinar a Fé católica, publicamente, em particular em Assis, com o cortejo das religiões previsto nas ruas da cidade de São Francisco, e com a repartição das religiões nas diversas capelas da Basílica para exercer cada uma o seu próprio culto em favor da paz, tal como é concebida a ONU? É o que foi anunciado pelo Cardeal Etchegaray, encarregado deste abominável congresso das religiões.

Será concebível que nenhuma voz autorizada se erga na Igreja para condenar este pecado público? Onde estão os Macabeus?

Eminência, pela honra do único Deus verdadeiro, Nosso Senhor Jesus Cristo, protestai publicamente, vinde em socorro dos bispos, dos sacerdotes e dos fiéis que permaneceram católicos.

Eminência, se eu me permiti intervir junto de vós, é porque não posso duvidar dos vossos sentimentos acerca disso.

Este apelo, eu também o dirijo aos cardeais cujos nomes figuram

abaixo, para que eventualmente possais agir em concerto com eles.

Que o Espírito Santo acorra em vosso auxílio, Eminência, e dignai-vos aceitar a expressão dos meus sentimentos fraternalmente dedicados *in Christo et Maria.*

+ Marcel Lefebvre
Arcebispo-Bispo emérito de Tulle

A Sua Eminência o Cardeal Giuseppe Siri
Arcebispo de Génova
A Sua Eminência o Cardeal Zoungrana Paul
Arcebispo de Ouagadougou
A Sua Eminência o Cardeal Sílvio Oddi
Em residência em Roma
A Sua Eminência o Cardeal Martin Gonzalez
Arcebispo de Toledo
A Sua Eminência o Cardeal Palazzini
Em residência em Roma
A Sua Eminência o Cardeal Hyacinthe Thiandoum
Arcebispo de Dakar
A Sua Eminência o Cardeal Alfons Stickler
Bibliotecário S.R.E. em Roma
A Sua Eminência o Cardeal Edouard Gagnon
Em residência em Roma

## ANEXOS VIII

# CARTA DE MONSENHOR LEFEBVRE PARA OS FUTUROS BISPOS

AOS SENHORES PADRES WILLIAMSON, TISSIER DE MALLERAIS, FELLAY E DE GALARRETA.

ADVENIAT REGNUM TUUM

Caríssimos amigos,

Estando a Cátedra de Pedro e os postos de autoridade de Roma ocupados por anticristos, a destruição do Reino de Nosso Senhor alastra rapidamente no seio do seu Corpo Místico nesta terra, especialmente pela corrupção da Santa Missa, expressão magnífica do

triunfo de Nosso Senhor pela Cruz - "Regnavit a ligno Deus" e fonte de extensão do seu Reinado nas almas e nas sociedades.

Surge assim, com toda a evidência. a necessidade absoluta da permanência e da continuação do adorável Sacrifício de Nosso Senhor, para que "venha a nós o Seu reino"

A corrupção da Santa Missa levou à corrupção do Sacerdócio e à decadência universal da fé na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Deus suscitou a Fraternidade Sacerdotal São Pio X para conservação e perpetuação na Igreja do seu Sacrifício glorioso e expiatório. Escolheu verdadeiros padres, instruídos e convictos desses mistérios divinos. Deus concedeu-me a graça de preparar esses levitas e de lhes conferir a graça sacerdotal para permanência do verdadeiro Sacrifício. segundo a definição do Concilio de Trento.

Isso valeu-nos a perseguição da Roma anticristo.

Prosseguindo essa Roma modernista e liberal a sua obra de destruição do Reinado de Nosso Senhor, como o provam Assis e a confirmação das teses liberais de Vaticano II sobre a liberdade religiosa, vejo-me forçado pela Providência Divina a transmitir a graça do episcopado católico que recebi, para que a Igreja e o sacerdócio católico continuem a subsistir para glória de Deus e salvação das almas.

É por isso que, convencido de apenas realizar a Vontade de Nosso Senhor, venho por esta carta pedir-vos que aceiteis receber a graça do episcopado católico, como já a conferi a outros padres noutras circunstâncias.

Conferir-vos-ei essa graça, confiando em que, sem tardar, a Sé de Pedro será ocupada por um Sucessor de Pedro perfeitamente católico, em cujas mãos podereis entregar a graça do vosso episcopado para que ele a confirme.

O fim principal dessa transmissão é conferir a graça da ordem sacerdotal para continuação do verdadeiro Sacrifício da Santa Missa, e conferir a graça do sacramento da confirmação às crianças e aos fiéis que vo-la pedirem.

Suplico-vos que permaneçais vinculados à Sé de Pedro, à Igreja Romana, Mãe e Mestra de todas as Igrejas, na Fé católica integral e expressa nos símbolos da Fé. no catecismo do Concílio de Trento. em conformidade com o que vos foi ensinado no seminário. Permanecei fiéis na transmissão dessa Fé para que venha o Reino de Nosso Senhor.

Peço-vos. enfim. que permaneçais unidos à Fraternidade Sa-

cerdotal São Pio X", que permaneçais profundamente unidos entre VÓS. submetidos ao Superior Geral, na Fé católica de sempre. recordando as palavras de São Paulo aos Gálatas (1. 8-9): "Mas ainda que alguém - nós mesmos ou um anjo do Céu - vos anuncie outro evangelho, além do que vos tenho anunciado, esse seja anátema. Repito mais uma vez o que já disse: se alguém vos anunciar outro evangelho, além do que já recebestes esse seja anátema.

Caríssimos amigos, sede o meu consolo em Jesus Cristo; permanecei fortes na Fé, fiéis ao verdadeiro Sacrifício da Missa, ao verdadeiro e sacro Sacerdócio de Nosso Senhor, para triunfo e a glória de Jesus no Céu e sobre a Terra, para salvação das almas, para a salvação da minha alma.

Nos corações de Jesus e de Maria. abraço-vos e abençoo-vos.

Vosso Pai em Jesus Cristo. + Marcel Lefebvre

na festa de Santo Agostinho. 29 de Agosto 1987

## ANEXOS IX

20 DE FEVEREIRO DE 1988

CARTA DE MONSENHOR LEFEBVRE AO PAPA JOÃO PAULO II

Santíssimo Padre,

Sua Eminência o Cardeal Gagnon acaba de me enviar uma carta em que ele me participa da entrevista que teve convosco, depois de ter entregue o relatório da sua visita.

A propósito disso, dai-me licença de vos exprimir a profunda satisfação que esta visita causou a todos os que foram objecto dela e de vos formular a nossa profunda gratidão.

Seria deplorável que a esperança despertada por esta visita se transforme em desilusão constatando as contínuas moratórias para aplicação duma solução, mesmo provisória.

Posso permitir-me dar umas sugestões acerca destas soluções?

Em primeiro lugar, parece fora de questão o retomar os problemas de doutrina imediatamente, isso seria regressar ao ponto de partida e retomar as dificuldades que duram desde há 15 anos. A ideia duma comissão intervindo depois do regulamento jurídico é mais conve-

niente, se queremos encontrar realmente uma solução prática.

A Fraternidade Sacerdotal São Pio X, tendo sido reconhecida durante cinco anos pela Diocese de Friburgo e pela Sagrada Congregação do Clero, de 1970 a 1975, não deveria constituir dificuldade o reconhecê-la de novo: seria reconhecida então de direito pontifical.

Três pontos particulares parecem necessários para uma solução feliz:

1° Estabelecer em Roma um Gabinete, uma comissão, pouco importa o termo, que teria para com todas as iniciativas da Tradição o papel que tem a Congregação para as Missões face às dioceses e às Congregações missionárias.

Esta comissão teria ao seu comando um cardeal, e se tanto for possível, o Cardeal Gagnon, auxiliado por um secretário-geral ou um ou dois colaboradores, todos escolhidos na Tradição.

Este Gabinete terá como encargo o regular todos os problemas canónicos da Tradição e desenvolveria relações com a Santa Sé, os dicastérios e os bispos.

Os bispos exercendo os seus ministérios na Tradição dependeriam, quanto ao seu ministério, deste Órgão.

Não me parece que a erecção deste órgão apresente dificuldades.

2° A consagração de bispos que me sucedam no meu apostolado apresenta-se urgente e imprescindível.

Para a primeira designação, e aguardando que o Gabinete romano para a tradição assuma as suas funções, parece-me que podeis colocar em mim a vossa confiança, tal como acontece com os Patriarcado orientais.

Se houver acordo de princípio, apresentaria eu os nomes ao Cardeal Gagnon.

O segundo ponto é o mais urgente para resolver, dada a minha idade e o meu cansaço. Reparai que já há dois anos que não ocorre a ordenação no seminário dos Estados Unidos. Os seminaristas aspiram vivamente às ordenações, mas já não tenho saúde para atravessar os Oceanos.

É por isso que suplico a Vossa Santidade que resolva este ponto antes do dia 30 de Junho deste ano.

Estes bispos encontrar-se-iam na mesma situação para com Roma e para com a sua própria sociedade em que estavam os bispos missionários para com a S. C. Da Propaganda e para com a sua respectiva sociedade. Em lugar duma jurisdição territorial, teriam uma jurisdição sobre as pessoas.

É natural que os bispos sejam escolhidos dentre os sacerdotes da tradição.

3° A isenção em relação aos bispos ordinários das dioceses.

As obras e iniciativas da Tradição seriam isentas da jurisdição dos Ordinários das dioceses; todavia para que se instaurem bons relacionamentos, os superiores das obras tradicionais estabelecerão relatórios sobre as casas existentes nas dioceses e comunicariam aos bispos; analogamente, antes de fundar um novo centro, comunicarão um relatório ao bispo diocesano, mas não seriam obrigados a pedir uma autorização.

Depois do exame dos diversos pontos, penso que vossa Santidade reconhecerá que a Tradição poderá encontrar uma solução rápida e satisfatória.

Ficaremos muito felizes por retomar relações normais com a Santa Sé, mas sem mudar o que for no que somos; porque é assim que ficamos seguros de permanecer filhos de Deus e da Igreja Romana.

Dignai-vos aceitar , Santíssimo Padre, a expressão da minha filial e muito respeitosa dedicação em Jesus e Maria.

+ Marcel Lefebvre

Écône, dia 20 de Fevereiro de 1988

## ANEXOS X

# PROTOCOLO DE ACORDO

[ESTE PROTOCOLO FOI ESTABELECIDO DURANTE A REUNIÃO ENTRE O CARDEAL RATZINGER E MONS. LEFEBVRE QUE TEVE LUGAR EM ROMA, NO DIA 4 DE MAIO. FOI ASSINADO NO DIA 5 DE MAIO PELO ARCEBISPO]

## TEXTO DA DECLARAÇÃO DOUTRINAL.

Eu, Marcel Lefebvre, Arcebispo-Bispo emérito de Tulle, assim como os Membros da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, por mim fundada:

1) Prometemos ser sempre fiéis à Igreja Católica e ao Romano Pontífice, seu Sumo Pastor, Vigário de Cristo, Sucessor do Bem--Aventurado Pedro no seu primado e Chefe do Corpo dos Bispos.

2) Declaramos aceitar a doutrina contida no número 25 da Constituição dogmática "Lumen gentium" do Concílio Vaticano 11 sobre o

Magistério eclesiástico e a adesão que lhe é devida.

3) A propósito de certos pontos ensinados pelo Concílio Vaticano II ou respeitantes às reformas posteriores da Liturgia e do Direito e que nos parecem dificilmente conciliáveis com a Tradição, comprometemo-nos a ter uma atitude positiva de estudo e de comunicação com a Sé Apostólica, evitando toda a polémica.

4) Declaramos, por outro lado, reconhecer a validade do Sacrifício da Missa e dos Sacramentos celebrados com a intenção de fazer o que faz a Igreja e segundo os ritos indicados nas edições típicas do Missal Romano e dos Rituais dos Sacramentos promulgados pelos Papas Paulo VI e João Paulo 11.

5) Por fim, prometemos respeitar a disciplina comum da Igreja e as leis eclesiásticas, especialmente as contidas no Código de Direito Canónico promulgado pelo Papa João Paulo II, ressalvando-se a disciplina especial concedida à Fraternidade por uma lei particular.

+ Marcel Lefebvre

******

## ANEXOS XI

## CARTA DE MONSENHOR LEFEBVRE AO PAPA JOÃO PAULO II

+ Écône, 2 de Junho de 1988

Beatíssimo Padre,

Os colóquios e encontros com o Cardeal Ratzinger e com os seus colaboradores, embora tenham decorrido numa atmosfera de cortesia e de caridade, convenceram-nos de que o momento de uma colaboração franca e eficaz ainda não tinha chegado.

Com efeito, se qualquer cristão está autorizado a pedir às autoridades competentes da Igreja que seja conservada a fé do seu baptismo, que dizer em relação aos sacerdotes, religiosos e religiosas?

Foi para manter intacta a fé do nosso baptismo que tivemos de nos opor ao espírito do Vaticano II e às reformas que ele inspirou.

O falso ecumenismo, que está na origem de todas as inovações do Concílio, na liturgia, nas novas relações da Igreja e do mundo, na concepção da própria Igreja, conduziu a Igreja à sua ruína e os católicos à apostasia.

Radicalmente opostos a esta destruição da nossa fé, e decididos a

manter-nos na doutrina e na disciplina tradicional da Igreja, especialmente no que respeita à formação sacerdotal e à vida religiosa, sentimos necessidade absoluta de ter autoridades eclesiásticas que partilhem as nossas preocupações e nos ajudem a premunir-nos contra o espírito do Vaticano II e contra o espírito de Assis.

Foi por isso que pedimos vários bispos escolhidos na Tradição e, na Comissão Romana, a maioria dos membros, para nos protegermos da possibilidade de comprometerem os acordos.

Tendo em conta a recusa em considerar os nossos pedidos, e sendo evidente que o objectivo desta reconciliação não é, em absoluto, o mesmo para a Santa Sé e para nós, julgamos preferível esperar tempos mais propícios ao regresso de Roma à Tradição.

É por isso que nos dotaremos dos meios para prosseguir a Obra que a Providência nos confiou, certos, pela carta de S.E. o Cardeal Ratzinger, de 30 de Maio, de que a consagração episcopal não é contrária à vontade da Santa Sé, uma vez que é concedida para 15 de Agosto.

Continuaremos a rezar para que a Roma moderna, infestada de modernismo, torne a ser a Roma católica e reencontre a sua Tradição bimilenária. Então o problema da reconciliação deixará de ter razão de ser, e a Igreja encontrará uma nova juventude.

Dignai-vos aceitar, Beatíssimo Padre, a expressão dos meus sentimentos muito respeitosos oficialmente devotos em Jesus e Maria.

+ Marcel Lefebvre
Arcebispo-Bispo emérito de Tulle,
Fundador da Fraternidade São Pio X

# ANEXOS XII

## CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II A MONSENHOR LEFEBVRE

A SUA EXCELÊNCIA MONSENHOR MARCEL LEFEBVRE
ARCEBISPO-BISPO EMÉRITO DE TULLE

É com viva e profunda aflição que tomei conhecimento da vossa carta de 2 de Junho.

Guiado unicamente pela solicitude da unidade da Igreja na fidelidade à Verdade revelada - dever imperioso imposto ao Sucessor do Apóstolo Pedro -, tinha disposto o ano passado uma Visita Apostólica à Fraternidade São Pio X e às suas obras. que foi realizada pelo Cardeal Édouard Gagnon. Seguiram-se colóquios, primeiro com peritos da Congregação para a Doutrina da Fé, depois entre vós próprio e o Cardeal Joseph Ratzinger. Durante esses encontros, foram elaboradas soluções, aceites e assinadas por vós a 5 de Maio de 1988: elas permitiam à Fraternidade São Pio X existir e trabalhar na Igreja em plena comunhão com o Sumo Pontífice, guardião da unidade na Verdade. Por seu lado. a Sé Apostólica não visava senão um objectivo nessas conversações convosco: favorecer e salvaguardar essa unidade na obediência à Revelação divina, traduzida e interpretada pelo Magistério da Igreja, nomeadamente nos vinte e um Concílios ecuménicos, desde o de Niceia até ao Vaticano II.

Na carta que me dirigistes, pareceis rejeitar tudo o que foi obtido nos precedentes colóquios, dado que manifestastes claramente a vossa intenção de "vos dotardes de meios para continuar a vossa Obra", nomeadamente ao proceder em breve e sem mandato apostólico a uma ou várias ordenações episcopais, em flagrante contradição, não só com as prescrições do Direito Canónico. mas também com o protocolo assinado a 5 de Maio e com as indicações relativas a este problema contidas na carta que o Cardeal Ratzinger vos escreveu, a meu pedido, a 30 de Maio.

Com coração paternal, mas com toda a gravidade que requerem as circunstâncias presentes, exorto-vos, Venerável Irmão, a renunciar ao vosso projecto que, se for realizado, não poderá parecer senão um acto cismático, cujas inevitáveis consequências teológicas e canónicas são por vós conhecidas. Convido-vos ardentemente ao retorno,

na humildade, à plena obediência ao Vigário de Cristo.

Não só vos convido a isso, mas peço-o pelas chagas de Cristo nosso Redentor, no nome de Cristo que, na vigília da sua Paixão, orou pelos seus discípulos, para que todos sejam um só (Jo. 17, 20).

Do Vaticano, dia 9 de Junho de 1988

JOÃO PAULO II

## ANEXOS XIII

## O MANDATO APOSTOLICO DE MONSENHOR LEFEBVRE

[NO INÍCIO DA CERIMÓNIA DA CONSAGRAÇÃO EPISCOPAL, É PEDIDO AO BISPO QUE CONSAGRA QUE APRESENTE O MANDATO, OU DELEGAÇÃO DA SANTA SÉ (CAN. 953. C. I .C. 1917), PARA PROCEDER AO ACTO. EIS O MANDATO LIDO POR MONSENHOR LEFEBVRE EM 30 DE JUNHO.]

- Tendes mandato apostólico?
- Temos.
- Lede-o.

«Esse mandato, temo-lo da Igreja Romana, sempre fiel à Santa Tradição que recebeu dos Apóstolos. Essa Santa Tradição é o depósito da Fé, que a Igreja nos manda transmitir fielmente a todos os homens, para salvação das suas almas.

«Desde o Concílio Vaticano II até hoje, as autoridades da Igreja Romana estão animadas do espírito do modernismo: agiram contrariamente à Santa Tradição: "Já não suportarão a sã doutrina ( ). Hão-de afastar os ouvidos da verdade. aplicando-os a fábulas. como diz S. Paulo na segunda epístola a Timóteo, IV. 3-5). É por isso que consideramos sem nenhum valor todas as sanções e todas as censuras dessas autoridades.

«Quanto a mim, quando «já me ofereci em sacrifício e já chegou o momento da minha partida", oiço o apelo dessas almas que pedem que lhes seja dado o Pão de Vida que é Jesus Cristo. Tenho pena dessa multidão. Constitui, pois, para mim uma grave obrigação o

transmitir a graça do meu episcopado aos caros padres que aqui estão, para que possam, por sua vez, conferir a graça sacerdotal a outros clérigos. numerosos e santos. instruídos segundo as santas tradições da Igreja Católica.

«É em virtude desse mandato da Santa Igreja Romana, sempre fiel. que escolhemos para o Episcopado na Santa Igreja Romana os padres aqui presentes, como auxiliares da Fraternidade Sacerdotal São Pio x:

«P. Bernard Tissier de Mallerais,

«P. Richard Williamson,

«P. Alfonso de Galarreta,

«P. Bernard Fellay.»

## ANEXOS XIV

### CARTA A MONSENHOR CASTRO MAYER
### ACERCA DA CONSAGRAÇÃO EPISCOPAL DE CAMPOS

Caríssimo Monsenhor António de Castro Mayer

Rumores me chegam aos ouvidos, desde o Brasil, acerca da vossa saúde, que diminui! O chamamento de Deus estaria próximo? Somente este pensamento enche-me de dor profunda. Em que solidão irei encontrar-me sem o meu irmão mais velho no episcopado, sem o combatente exemplar para a honra de Jesus Cristo, sem o amigo fiel e único no deserto medonho da Igreja conciliar?

Mas por outro lado, retinem aos meus ouvidos os cânticos da liturgia tradicional do oficio dos confessores Pontífices! É o acolhimento celeste para o bom e fiel servidor! Se tal for a vontade de Deus.

Nestas circunstâncias, estou mais do que nunca perto de vós, à vossa cabeceira e as minhas orações não deixam de subir para Deus em vossa intenção, confiando-vos a Maria e José.

Queria aproveitar desta oportunidade para deixar por escrito, para vós e para os vossos sacerdotes, a minha opinião, porque só se trata de opinião, acerca duma consagração episcopal eventual para vos suceder na transmissão da fé católica e na colação dos sacramentos

reservados aos Bispos.

Porque encarar uma tal sucessão fora das normas canónicas habituais?

1) porque os sacerdotes e os fiéis têm um direito estrito de ter pastores que professam na sua integridade a fé católica, essencial para a salvação das suas almas, e sacerdotes que sejam na verdade pastores católicos;

2) Porque a Igreja conciliar estando disseminada pelo mundo inteiro, difunde erros contrários à fé católica e, em razão desses erros, corrompeu as fontes da graça que são o santo sacrifício da Missa e os sacramentos. Esta falsa Igreja encontra-se em ruptura, cada vez mais acentuada, com a Igreja católica.

Resulta destes princípios e destes factos a necessidade absoluta de continuar o episcopado católico para continuar a Igreja Católica.

O caso da Fraternidade São Pio X apresenta-se duma maneira diferente do caso da diocese de Campos.

Parece-me que o caso de Campos é mais simples, mais clássico, porque se trata da maioria dos sacerdotes diocesanos e dos fiéis que, com o conselho do antigo Bispo, designam o sucessor e pedem aos Bispos católicos que o consagrem.

Foi bem desta maneira que a sucessão dos primeiros bispos se realizou nos primeiros séculos, em união com Roma, como também nós estamos em união com a Roma católica e não com a Roma modernista.

É por isso que, a meu ver, não é necessário vincular o caso de Campos à Fraternidade. O apelo aos bispos da Fraternidade para a consagração eventual não é feito enquanto bispos da Fraternidade, mas enquanto bispos católicos.

Os casos devem ser bem separados. Não é sem importância para a opinião pública e para a Roma actual. A Fraternidade não deve estar em causa e remete toda a responsabilidade, aliás legitima, aos sacerdotes e aos fiéis de campos.

Para que esta distinção seja bem clara, seria preferível que a cerimónia tenha lugar em Campos, ao menos na diocese. É o clero e o povo fiel de Campos que decidem dotar-se dum sucessor dos Apóstolos, um Bispo católico e romano, pois que já não podem tê-lo pela Roma modernista.

Eis a minha opinião, penso que se fundamenta nas leis fundamentais do Direito eclesiástico e na Tradição.

Muito estimado Monsenhor, submeto-vos muito simplesmente os

meus pensamentos, mas sois vós que julgareis e me remeto ao vosso julgamento.

Digne-se Deus devolver-vos uma saúde suficientemente robusta para cumprir esta consagração episcopal!

Crede, muito estimado Monsenhor, na minha profunda e respeitosa amizade em Jesus e Maria.

+ Marcel Lefebvre

## ANEXO XV

### TESTEMUNHO DUM MUÇULMANO

Senhor Ababacar Sadikhe Thiam
Sicap amitié I, Villa 3083
Avenida Bourguiba
Dakar
Sindicaliste Senegalês

A Sua Eminência o Cardeal
Hyacinthe Thiandoum
Bispo de Dakar
Dakar

Meu Cardeal e caro Bispo,

Tenho a honra de vos apresentar os meus pêsames muito sentidos, na ocasião do falecimento de Monsenhor Marcel Lefebvre, chamado por Deus para junto de Si, e por meio de vós a toda a comunidade cristã do Senegal.

Monsenhor Lefebvre era mais do que um amigo, um irmão, era um verdadeiro guia espiritual para mim, fora de todo o materialismo, um homem que eu adorava.

Confesso que eu era um fiel peregrino de Écône, onde ele me falava muito de vós, na altura das minhas viagens para a Suíça, um dos motivos porque eu vos envio cada fim de ano uma carta de votos.

Monsenhor, o Bispo, o dakarense, o Senegalês, o maior construtor, o homem de Deus, de fé, partiu.

Já não jantarei com ele em Écône, entre os seus paroquianos de todas as nacionalidades.

Abençoando-me, rezando por mim no meio de toda esta gente, gostava de me apresentar como um muçulmano senegalês, assim eu ficava orgulhoso e contente. Um belo homem, com uma inteligência viva e que só tinha amor por Deus e Jesus.

Solicitando-vos a concessão duma audiência para que possa vos apresentar de viva voz os meus pêsames, assistirei à missa de *requiem* para o repouso da sua alma que tencionais celebrar.

Em anexo, uma fotocópia da sua carta de voto e uma fotocopia da oração que cada ano me enviava. Que Deus o todo poderoso o acolha no seu paraíso eterno.

Dignai-vos aceitar, caro Cardeal e Bispo de Dakar, o meu pedido de orações pelo vosso povo e por todos os homens da terra,

As minhas melhores saudações.

A. S. Thiam

P.S.: O meu livro de cabeceira, Fideliter – *Monsenhor Lefebvre, os meus Quarenta anos de episcopado* que ele me ofereceu.a Carta aos amigos e benfeitores e o boletim de vinculação interna da Fraternidade São Pio X, Cor Unum. Alguns números especiais do jornal Controverses, de La Cloche d'Écône (O sino de Écône) e de La Lettre aux Anciens d'Écône (carta aos antigos alunos de Écône) nos informam também. Enfim a revista Itinéraires fornece, com abundância, correspondências oficiais e artigos de Mons. Lefebvre de 1964 à 1987.

# CRONOLOGIA RESUMIDA

**1905**
- 29 de Novembro: nasceu em Tourcoing, Norte.
- 30 de Novembro: foi baptizado em Tourcoing.

**1910**
- 25 de Dezembro: fez a sua primeira comunhão, escreveu a São Pio X.

**1923**
- 25 de Outubro: entra no Seminário francês de Roma, sob a direção do P. Remi Le Floch.

1926-1927
- Condenação da Action Française - ele efectua então o seu serviço militar em Valenciennes.

**1929**
- 21 Setembro: é ordenado sacerdote em Lille pelo cardeal Liénart.

**1930-1931**
Vigário em Lomme, Arrabalde operário de Lille.

**1931**
1 de Setembro: entra no noviciado dos Padres do Espírito Santo em Orly.

**1932**
- 8 de Setembro: fez a sua profissão religiosa.
-12 de Novembro: embarca em Bordéus como missionário no Gabão.

**1935**
- 28 de Setembro: pronuncia os seus votos perpétuos de religião.

**1945**
16 de Outubro: foi nomeado superior do escolasticado de Mortain na Normandia.

**1947**
12 de Junho: foi nomeado vigário apostólico de Dakar.

- 18 de Setembro: foi consagrado Bispo em Tourcoing pelo Cardinal Liénart.

**1948**

- 22 de Setembro: foi nomeado delegado apostólico pela África negra francesa e Madagáscar.

**1955**

- 14 de Setembro: foi promovido primeiro Arcebispo de Dakar.

**1958**

- 12 de Junho: recebe o pálio,

**1959**

- 22 Julho: exonerado das suas funções de delegado apostólico, permanece

Arcebispo de Dakar.

**1960**

- 15 Novembro: foi nomeado Assistente ao trono pontifical.

**1962**

_ 23 Janeiro: é transferido para a Sé residencial de Tulle com o título d'Arcebispo-Bispo,
- 13 Março: foi nomeado consultor na S. C. de Propaganda da Fé,
- 26 Julho: é eleito (preconizado) Superior Geral dos Padres do Espírito Santo.

**1962-1965**

- Padre conciliar, chefe da resistência durante o Concílio Vaticano II.

**1968**

- 28 Outubro: abandona o cargo de Superior Geral durante o capítulo geral de « renovação» da sua congregação,

**1969**

-13 Outubro: abre um « convict internacional São Pio X» em Friburgo com os encorajamentos do Bispo da diocese,

**1970**

- 1 de Outubro: abre em Écône, Valais, na Suíça, um « ano de espiritualidade» preparatório aos estudos eclesiásticos, com a autorização do Bispo de Sion,
- 1 de Novembro: recebe do Bispo de Friburgo, S. Exc. Mons. François Charrière, a aprovação da Fraternidade sacerdotal São Pio X *ad experimentum* por seis anos,

**1974**

-11-13 Novembro: visita apostólica do Seminário de Écône,

- 21 Novembro: « declaração» de Mons. Lefebvre,

**1975**

- 6 Maio: aprovação da Fraternidade sacerdotal São Pio X é retirada par S. Exc. Mons. Pierre Mamie, sucessor de Mons. Charrière,

**1976**

- 22 de Julho: suspenso a divinis pelo Papa Paul VI.
- 29 Agosto: celebra em Lille « a Missa interdite» (Missa proibida) que fez conhecer mundialmente o seu combate,

**1978**

- 6 Agosto: morte de Paulo VI,
- 29 Setembro: morte de João Paulo I,
  16 Outubro: eleição de João Paulo II,
  18 Novembro: foi recebido em audiência por João Paulo II.

**1983**

- 21 Novembro: publica com Mons. de Castro Mayer uma carta aberta

ao Papa.

**1986**

- 27 Agosto, 28 Setembro e 2 Dezembro: protesta contra o « escândalo» da reunião inter-religiosa presidida por João Paulo II em Assis.

**1988**

- 30 Junho: consagração de quatro bispos em Écône, com o mandato pontifical « da Igreja sempre fiel».

**1991**

- 25 Março: morreu em Martigny, Valais, Suiça.

S. Exc. Mons. Marcel Lefebvre era: - doutor em Filosofia e en téologia da l'Universidade pontifical Grégoriana,
- doutor honoris causa da l'Universidade de Pittsburgh, Pennsylvania.

Foi honrado com as distinções seguintes:
- oficial da *Légion d'honneur*, (Legião de Honra) França,
- comendador da Ordem de Cristo, Portugal,
- oficial superior da l'Ordre National (Ordem Nacional), Senegal,
- oficial de l'Ordre de l'Étoile Équatoriale (Ordem da estrela equatorial), Gabão.

# PRINCIPAIS SIGLAS E ABREVIATURAS

**A. Doc** - Acta e documenta de concilio Vat. II apparando.
**A. Syn.** - Acta synodalia concilii Vat. II. (Autos do Concílio Vaticano II)
**AAS** - Acta Apostolicae Sedis. (Actas da Sé Apostolica)
**AEF** - Àfrica équatorial francesa.
**AELGF** - Arquivos da Sé de Lausanne, Geneva e Fribourg.
**AES** - Arquivos da Sé de Sion.
**AN** - Àfrica Nova, periódico católico ouest-africano.
**AOF** - Africa ocidental francesa.
**Arq. . Lef**. - Arquivos de Mons. Lefebvre, Écône.
**Arq. . OPM** - Arquivos das Obras pontificais missionárias, Lião.
**ASS** - Acta Sanctae Sedis. (Actas da Santa Sé)
**BF** - Boletim da província de França da congregação do Espírito Santo.
**BG** - Boletim geral da congregação do Espírito Santo (bimensal).
**BP** - Bonne Presse (Edições), documentos pontificais de Leão XIII, Pie X,
Pie XI, etc.
**COSPEC** - Conferências espirituais de Mons. Lefebvre em Écône.
**CR** - Courrier de Rome (Edições), documentos pontificais de São Pio X.
**CU** - Cor Unum, Cartas e advertências aos membros da FSSPX.
**DC** - A Documentation catholique. (documentação católica)
**E.** - Entrevista.
**Échos** - Éehos de Santa Chiara. (revista de Santa-Chiara)
**EPS** - Les enseignements pontifieaux (Solesmes). (ensinamentos pontificais)
**HA** - *Horizons Africains*, revista do arcebispado de Dakar.

**HOMEC** - Homilias de Mons. Lefebvre em Ecône.

**LAB** - Lettre aux amis e bienfaiteurs. (carta aos amigos e benfeitores)

**LC** - Cartas de Mons. Lefebvre aos seus sacerdotes, Dakar.

**LE** - Les événements du Seminário français de Rome, (os *acontecimentos do Seminário francês de Roma) pelo P. Henri* Le Floch.

**LPE** - Cartas pastorais e escritos de Mons. Lefebvre, 1947-1968.

**MFMM** - Mon frère, Monseigneur Marcel, recordações da Madre Marie Christiane Lefebvre, n° especial 131 bis de A Cloche d'Écône, 25 Março de 1996, 12 p.

**MS** - Mémoire spiritaine, collection d'histoire spiritaine, (Memória espiritana, colecção de história espiritana) periódico.

**MSR** - Mémoires de science religieuse, univ. cath. de Lille, (Memória de ciência religiosa de Lille) revista anual.

**OPF** - Obra da propagação da fé.

**OPM** - Obras pontificais missionárias.

**PHLH** - La petite histoire de ma longue histoire, (A pequena história da minha longa história) vida de Mons. Lefebvre narrada por ele próprio (às Irmãs da Fraternidade São Pio X), imp. Corlet, 1999, 122 p.

**PIN** - A Paz interior das nações (EPS),

**PQR** - Jean Ousset, Pour qu'Il regne, A Cité Catholique, 1959 (Para que Ele reine, a Cidade Católica)

**RETREC** - Retiros e instruções pregadas par Mons. Lefebvre em Ecône,

**ROMEC** - As relações entre Roma e Écône, compilação dactilografada de documentos e de comentários, par André Cagnon,

**UEP**- Mons. Lefebvre, Un Évêque parle (Um Bispo fala), **DMM,** Edição, de 1974 e 1975,

**UPUM** –*Un Père et une Mère* (Um Pai e uma mãe), breve biografia dos pais de Mons. Lefebvre, Bulle,1993,

# FONTES

## DEPÓSITOS DE ARQUIVOS

Além dos Arquivos de Mons. Lefebvre em Écône, aqueles da casa generalícia da Fraternidade sacerdotal São Pio X, abrangem as correspondências do Arcebispo, os Arquivos do Courrier de Rome e os de Fortes in Fide, consultámos um dóssier dos Arquivos das OEuvres pontificais missionaires (Obras pontificais missionárias) (em Lião).

Infelizmente não nos foi possível ter acesso aos Arquivos da Congregação do Espírito Santo, nem aos da Sé de Lille, nem aos do arcebispado de Dakar e da Delegação apostólica de Dakar, nem aos Arquivos da Santa Sé.

FONTES MANUSCRITAS

Tínhamos empregado os nossos três cadernos (ms. I, 11 e I1I) congregando os testemunhos que nos tinham confiado uma trintena de amigos e confrades, sobretudo espiritanos, de Mons. Lefebvre, entrevistas ou na maior parte transcritas a partir da sua gravação sonora;

Abundantes correspondências recentes com diversos parentes e antigos colaboradores do Arcebispo foram um substancial apoio de testemunhos cujo artesão foi o Padre Jean-Marc Ledermann a quem agradecemos muito.

Enfim, a tese do padre Jean-Marie Savioz (cf. bibliografia) sobre a fundação do Seminário de Ecône, rico em numerosas correspondências e transcrições de entrevistas, é uma mina de informações sobre a psicologia do prelado e a sua inteligência prática.

Particularmente preciosas são as correspondências familiares decorrendo de 1900 à 1948, mas as Cartas de Marcel Lefebvre faltam quase totalmente até 1944.

FONTES SONORAS E DOCUMENTARIOS

Explorámos, como fonte primeira e constante, as gravações das eonferências espirituais dadas por Mons. Lefebvre em Écône (COSPEC) bem como as das suas homilias em Écône (HOMEC), gravações que foram transcritas cuidadosamente e com dedicação pelo Senhor e a Senhora André Cagnon, e também recorremos aos seus retiros pregados em Écône (RETREC).

Transcrições de entrevistas com diversos testemunhas do Gabão e do Senegal, de conversações com o P. Groehe, o padre Aulagnier, o P. Marziac, os condutores de Mons. Lefebvre, bem como as entrevistas do Arcebispo com André Cagnon para Fideliter n° 59, forneceram-nos uma matéria substancial.

A compilação de documentos acompanhados de comentários de Mons. Lefebvre, réalizada por André Cagnon e dactilografada (ROMEC), será útil a todos os investigadores.

PERIÓDICOS

O Boletim geral da Congregação do Espírito Santo, os Échos de Santa Chiara, o Courrier de Rome e a colecção da revue française da Fraternidade São Pio X, Fideliter, são fontes essenciais com a Carta aos amigos e benfeitores e o boletim de vinculação interna da Fraternidade São Pio X, Cor Unum. Alguns números especiais do jornal Controverses, de La Cloche d'Écône (O sino de Écône) e de La Lettre aux Anciens d'Écône (carta aos antigos alunos de Écône) nos informam também. Enfim a revista Itinéraires fornece, com abundância, correspondências oficiais e artigos de Mons. Lefebvre de 1964 à 1987.

# BIBLIOGRAFIA

## ACTOS DO MAGISTÉRIO

Acta Santae Sedis
Acta Apostolicae Sedis,
Acta e documenta de concilio Vaticano apparando; polygI. vat. [A, Doc,] Acta synodalia concilii Vat, II [A. Syn,]
Actos dos papas Leão XIII, Pie X, Pie XI, edição, de la Bonne Presse [BP].
Les enseignements pontificaux, présentação pelos monges beneditinos de Solesmes, Desclée [EPS], entre outras:
- A Paz interior das nações [PIN}, 1962,
- A Igreja,
-O Laicado,
Documentos pontificais de S,S, Pie XII, ed. S, Agostinho, St. -Maurice (Suíça), 20 voI. (1961) e 1 de tables (1984),

## OBRAS DE MONSENHOR LEFEBVRE

En cette crise de I'Église, gardons a foi, (nesta crise conservemos a fé) conf. em Brest, 17 jan. de 1973, ed, Saint-Gabriel, Martigny, 32 p.
Un évêque parle, (Um Bispo fala) conferências e alocuções, DMM, 1974, aumentado em 1975 e 1976 [UEP],
A Missa de Lutero (duas conferências de 1975), ed. Saint-Gabriel, 1975,20 p, Homilias « été chaud 1976 », Lille, Genebra, Besançon, Écône, ed. Saint-Gabriel, 1976,50 p,
J'accuse le concile (acuso o Concílio) (As intervenções de Mons. Lefebvre no Concílio), ed. Saint-Gabriel, Martigny, 1976 [J'accuse],
Le coup de maître de Satan, Écône face a perseguição (notas e conferências 1974-1977), ed. S, Gabriel, Martigny, 1977, 48 p,
Lettre aux catholiques perplexes (en collab, com Marc Dem), Albin Michel, 1985 [Cath. perplexes],
Ils l'ont découronné (en collab,), ed. Fideliter (Clovis), 1987

(conferências sobre o liberalismo) [Ils l'ont découronné],
Mes doutes sur la liberté religieuse (en collab,), avant-propos de Mons. Lefebvre, 1987, reed. Clovis, 2000 (as « dubia »),
Lettres pastorales e écrits, Fideliter (Clovis), 1989 (bispo à Dakar, supérior geral, 1947-1968) [LPE].
Cor Unum, Cartas e advertências aos membros da FSSPX, 1970-1989, Écône, 1989, 192 p.
ltinéraire spirituel, na sequência de são Tomás de Aquino na sua Suma teológica, Écône, 1990,94 p. ; reed. Tradiffusion, Bulle, 1991,96 p.
Damit die Kirehe fortbestehe, S. E. Erzbisehof Mareel Lefebvre, der Verteidiger des Glaubens, der Kirehe und des Papsttums, Priesterbrudersehaft St. Pius X. , Stuttgart, (Para que a Igreja continue, Sua Exc. Arcebispo Marcel Lefebvre, o defensor da fé, da Igreja e do papado, Fraternidade sacerdotal São Pio X) 1992, 978 p. (compilação de escritos e alocuções de Mons. Lefebvre, 1966-1991, com notas explicativas, pelo doutor Ferdinand Steinhart) [STEINHART I].
S. E. Erzbisehof Marcel Lefebvre, Missionar und Zeuge in der naehkonzi/iaren Christenheit, (Sua Exc. Arcebispo Marcel Lefebvre, missionário e Testemunha na cristandade post-conciliar) mesmas ed. , 1994, 624 p. (compilação de conferências e Cartas cireulaires, 1974-1994) [STEINHART 11]
C'est moi l'accusé qui devrais vous juger, (Sou eu o arguido que deveria vos julgar) Fideliter (Clovis), 1994 (curso das actas do magistério) [O arguido].
Le mystère de Jesus, (o mistério de Jesus) Clovis, 1995 (conferências espirituais sobre a pessoa de Nosso Senhor Jésus-Cristo).
Notre croisade (Homilias de Lille, 1976 e do jubileu, 1979), ed. do Lion, Lião, 1997,40 p.
Sermons historiques, Les classiques retrouvés, Sermões históricos, Os clássicos reencontrados ed. Servir, 2001, 202 p.

## OBRAS SOBRE MONSENHOR LEFEBVRE

GAUCHER, Roland, Monseigneur Lefebvre, combat pour l' Église, (Monsenhor Lefebvre, o combate para a Igreja) Albatros, 1976.

HANU, José, Non, Entretiens de José Hanu avec Mons. Lefebvre, (Entrevistas de José Hanu com Monsenhor Lefebvre) Stock, 1977.

MARZIAC, P. Jean-Jacques, Monseigneur Lefebvre, soleil levant ou couchant ? (Monsenhor Lefebvre, sol nascente ou sol poente?) NEL, Paris, 1979 [MARZIAC Il.

MARZIAC, P. Jean-Jacques, Des évêques français contre Mons. Lefebvre, (Bispos franceses contra Monsenhor Lefebvre) Fideliter, 1989 [MARZIAC 11].

MUZZIO, Nelly c. , Por razão de fé, Vida de Monsenhor MarceI Lefebvre, 2° ed. , Buenos Aires, 2000.

## O COMBATE DA FÉ, SÉCULOS XIX-XX

AMERIO, Romano, lota Unum, Étude des variations de l'Eglise catholique au XX siecle, Iota Unum, (Estudos das variações da Igreja católica do século XX) NEL, 1987,662 p.

BERTO, abbé V. -A. , Notre-Dame de Joie, eorrespondance de l'abbé V. -A. Berto, prêtre, 1900-1968, (Nossa Senhora da Alegria, correspondência do Padre V. -A. Berto, sacerdote.) NEL, 1974,376 p.

CALMEL, R-Th. , OP, Breve apologie pour l'Eglise de toujours (breve Apologia para a Igreja de sempre), ed. Difralivre, Maule, 1987, 154 p.

CASTRO MAYER, D. António de, Bispo de Campos, Por um Cristianismo autêntico, éd. Vera Cruz, São Paulo, 1971, 402 p. (Cartas pastorais e escritos).

COACHE, abbé Louis, Les batailles du Combat de la Foi, (as batalhas do combate da fé) Chiré, 1993, 326 p.

MARTEAUX, Jacques, L'Eglise de France devant la révolution marxiste, (A Igreja da França face a revolução marxista) 2 vol: *Les catholiques dans l'inquiétude, (os católicos na inquietação) 1936-1944; Les catholiques dans la tourmente, (os católicos na tormenta) 1944-1958, LTR, 1958 (662 p. ) e 1959 (608 p. )*

VATRÉ, Eric, A la droite du Père, enquête sur la tradition catholique aujourd'hui (Na direita do Pai, inquérito sobre a tradição católica hoje) (em colab. ), Guy Trédaniel, éd. de a Maisnie, 1994.

WHITE, Dr, David Allen, The Mouth of the Lion, Bishop de Castro Mayer, The Diocese of Campos, Brazil (A goela do

Lião, o bispo Castro Mayer, a diocese de Campos, Brasil), Angelus Press, Kansas City, 1993,

## FAMILIA, VOCAÇÃO, SEMINÁRIO, VIGÁRIO

DELSALLE, Paul, Lille, Roubaix, Tourcoing, histoire et tradition, (Lille Roubaix, Tourcoing, história e tradição) éd. Charles Corlet, 1991, 296 p.

HACHE, Victor, Généalogies des familles de Roubaix-Tourcoing et environs, (Genealogias das famílias de Roubaix-Tourcoing e arredores) Roubaix, 1950.

Le CROM, R. P. e alii, Un Père e une mère, breve biographie de M. e Mm. Lefebvre, parents de S. Exc, Mons. Marcel Lefebvre, (Um pai e uma mãe, breve biografia dos pais de Sua Exc. Monsenhor Lefebvre) publicações de Controverses, Bulle, 1993.

Le Floch, P. Henri, Les événements du Seminário français de Março à Julho 1927, texte dactylographié. (os eventos do Seminário francês de Março a Julho de 1927, textos dactilografados)

Le Floch, P. Henri, Cinquante ans de sacerdoce, (cinquenta anos de sacerdócio) imp. E, Fourcine, Aix-enProvence, 1937, 358 p.

MICHEL, Joseph, Claude-François Poullart des Places, ed. S, Paul, Paris 1962, 352 p, [MICHEL],

MICHEL, Joseph, L'influence de I'AA sur Cl,-F Poullart des Places, (a influência de AA sobre Cl. -F. Poullart des Places ) Beauchesne, 1992,110 p,

MINIER, Marc, L'épiscopat français du ralliement à Vaticano II, (O bispado francês da reconciliação (com a República maçónica) até ao Vaticano II) CEDAM, ed. Dott, Ant. Milani, Padova, 1982, 228 p,

PIERRARD, Pierre (sob a direcção de), Les diocèses de Cambrai et de Lille, (as dioceses de Cambrai e de Lille) Beauchesne, 1978, 352 p,

POUCHAIN, Pierre, Les maitres du Nord du XIX siècle à nos jours, (os mestres do Norte do século XIX até aos hodiernos dias) Perrin, 1998, 416 p.

PRÉVOST, Philippe, A « condamnation » de l'Action française

vue à travers les Archives du ministere des Affaires étrangères, (A «condenação » da *Action Française* vista àluz dos Arquivos do Ministério dos negócios estrangeiros) La librairie canadienne, Paris, 1996, 210 p.

PRÉVOST, abbé Robert, Dieu n'échoue pas, 1895-1980 (Deus não falha, 1895-1980),3 vol. , Téqui, 1983, T. L Un témoin se leve (autobiografia) (Uma testemunha ergue-se).

PRÉVOTAT, Jacques, Les catholiques e I'Action française, histoire d'une condamnation, 1899-1939, (Os católicos e a Action Française, a história duma condenação, 1899-1939) Fayard, 2001.

VALYNSEELE, Joseph e GRANDO, Denis, A la recherche de leurs racines, Généalogies de 85 célébrités, (À busca das suas raízes, genealogias de 85 celebridades) Ire série, L'intermédiaire des chercheurs e des curieux, (por intermédio dos investigadores e dos curiosos) Paris, 1988 [VALYNSEELE],

## SPIRITAINO E AFRICANO: GABON, DAKAR

O cardinal Liénart e la mission universelle (O Cardeal Liénart e a missão universal) (en collab,), MSR, Lille, T. 54, 1997, n°, 3,

BIARNES, Pierre, Les Français en Afrique Noire de Richelieu à Mitterrand, (Os franceses na Africa negra de Richelieu até François Mitterand) Armand Colin, 1987, 450 p,

BOUCHAUD, P. Joseph, Mons. Pierre Bonneau, évêque de Douala, (Monsenhor Bonneau, bispo de Douala) éd. de l'Effort camerounais, Yaoundé, 1959,64 p.

CHORT-ROUERGUE, Gabrielle, Mémoires d'Outre-Mer, (Memória do ultramar), éd. Alma, s,l. n,d» 114 p,

CRIAUD, Jean, La geste des spiritains, histoire de I'Église au Cameroun, 1916-1990 (a gesta espiritana, história da Igreja nos Camarões, 1916-1990), Publicação do Centenário, Mvolyé-Yaoundé, 1990, 338 p.

DÉDET, Christian, La mémoire du fleuve, L'Afrique aventureuse de Jean Michonnet, (A memória do rio, a África aventurosa de Jean Michonnet) éd. Phébus, Paris, 1984, 464 p.

DELCOURT, P. Jean, Histoire religieuse du Sénégal, (História do Senegal) éd. Clairafrique, Dakar, 1976.

DUGON, Robert, Dakar et ses premiers missionaires, em

L'Eglise catholique en Afrique, AOF (Dakar e os primeiros missionários, em Igreja católica na África AOF) Magazine, n. 15, Agosto de 1956.
GRAVRAND, Henri, Visage africain de l'Eglise, (O rosto africano da Igreja) col. Lumière des nations, Orante, Paris, 1961,288 p. (a mission au Sénégal).
KOREN, H. , CSSp, Les Spiritains, trois siècles d'histoire religieuse e missionnaire, (Os espiritanos, 3 séculos de história religiosa e missionária) Beauchesne, 1982, 634 p.
LENOBLE-BART, Annie, Afrique Nouvelle, un hebdomadaire cathoLique dans l'histoire, 1947-1987 (África nova, um hebdomadário católico na história, 1947-1987), éd. de la Maison des sciences de l'homme d'Aquitaine, Toulouse, 1996, 314 p.
LIAGRE, Louis, CSSp, Retraite com sainte Thérese de I'Enfant-Jésus, (Retiros com Santa Teresa do Menino Jesus) éd. Office central Lisieux, 1991.
MESSMER, Pierre, Après tant de batailles (depois de tantas batalhas), Albin Michel, 1992, 462 p.
NYONDA, Vincent de Paul, Autobiographie d'un Gabonais, du villageois au ministre, (Autobiografia de um Gabonês, do aldeão até ao ministro) l'Harmattan, 1994,224 p.
PANNIER, Guy, L'Eglise de Pointe-Noire, (A Igreja de Pointe-Noire) col. Mémoire d'Église, Karthala, Paris, 1999, 378 p.
SOREL, Jacqueline, Léopold Sédar Senghor, La raison et L'émotion, (Léopold Sédar Senghor, a razão e a emoção) ed. Sépia,
1995,200 p.
VIEIRA, Gérard, Sous le signe du Laicat, L' ÉgLise catholique de Guinée, (Sob o sinal do laicado, a Igreja católica de Guinea) T. II Le temps des prémices 1925-1958 (O tempo das primícias, 1925-1958), s. l. n. d. (depois de 1992),642 p.

## MORTAIN, TULLE, SUPÉRIOR GERAL

AGULHON, Maurice, NOUSCHI, André, SCHOR, Ralph, La France de 1940 à nos jours, (A França de 1940 aos nossos dias de hoje) Fac. histoire, Nathan, 1995,574 p.
BUISSON, Glies, Mortain 44, objectif Avranches, (Objectivos Avranches) éd. OCEP, Coutances, 1997, 208p.
BUTTET, André, Le bâton et le rocher, (A vara e o rochedo)

Valprint, Sion, 1977,205 p. (Antologia dos comentários paroquiais).
DICKES, Jean-Pierre, A blessure, Clovis, Etampes, (A ferida) 1998,222 p. (A Revolução numSeminário no momento do Concílio).
MADIRAN, Jean, A Cité catholique aujourd'hui, (A cidade católica hoje) extractos de ltinéraires n. 61, 62,64 e 65, Paris, 1962.
O'CARROLL, Michael, CSSp, A Priest in Changing Times, (O sacerdote em tempos de mudança) The Columba Press, Dublin, 1998, 194 p.
SAINT-MARC, Hélie de, Mémoires, Les champs de braises, (Memória, os campos de brasas) Perrin, 1995,344 p.
VINATIER, Jean, Histoire religieuse du Bas-Limousin et du diocese de Tulle, Lucien Souny, (História religiosa do Baixo limousim e da diocese de Tulle, Lucien Souny) 1991,294 p.

## O CONCÍLIO VATICANO II

*Église e contre-Église au Concílio Vaticano II, actes du 11° congres théologique de Si, si, no no, Janeiro 1996, publicaçãos du Courrier de Rome, 1996; obra colectiva, artigos de:*

- LOVEY, abbé Philippe, Les schémas préparatoires, (Os esquemas preparatórios)
- SIMOULIN, abbé Michel, Les votes des évêques en réponse à la consultation préparatoire au Concílio (Os votos dos bispos em resposta à consulta preparatória ao Concílio)
- FELLAY, S, Exc, Mons. Bernard, Les intervenções de Mons. Lefebvre au Concílio (As intervenções de Mons. Lefebvre no Concílio).

ALBERIGO, Giuseppe, Jean XXIII devant l'histoire, (João XXIII diante da História) Seuil, 1989 [ALBERIGO I]. CAPRILE, Giovanni, SI, il concilio Vaticano 11, Cronache dei concilio Vaticano 11, Civiltà cattolica, Roma, voI. V, 1968,
DAVIES, Michael, Pope John's Council, Liturgical Revolução, (O Concílio do Papa João, revolução litúrgica) part 11, Augustin Publishing Company, Chawleigh, Devon, 1977, 336 p.
DAVIES, Michael, The second Vaticano. Council and Religious

Liberty, (O Vaticano II, e Concílio da liberdade religiosa) The Neumann Press, Long Prairie MN, 1992 [DAVIES].
DULAC, Raymond, A collégialité épiscopale au deuxième concile du Vatican, Cedre, Paris, 1979.
FOUILLOUX, Étienne, Vaticano Il commence, Univ. cath, de Louvain, 1993.
ROUTHIER, G. , O cardinal Léger e a préparação de VaticanolI, in Revue d'histoire de I'Église de France, n, 205,1994,
SCHMIDT, Stjepan, Augustin Bea, der Kardinal der Einheit, Styria, Graz, 1989,
WILTGEN, Ralph, O Rhin se jette dans le Tibre, Odre, 1975, 302 p.

## MONSEIGNEUR LEFEBVRE NO CONCÍLIO - O COETUS

ALBERIGO, Giuseppe (sob a direcção de), Histoire du Concílio VaticanolI, A formação da consciência conciliar, Cerf, 1998 [ALBERIGO 11].
BERTO, abbé V. -A. , Pour la sainte Église romaine, texos e documentos de v. -A. Berto, prêtre, 1900-1968, Cèdre, Paris, 1976,438 p.
BUONASORTE, Nicla, Università cattolica del Sacro Cuore di Milano, Dottorato di Ricerca in Storia Sociale e religiosa, XI ciclo, Percorsi e prospettive dei tradinazionalismo cattolico italiano dei Concílio Vaticano Il ai postconcilio, an. 1997-1998.
PERRIN, Luc, O Coetus internationalis Patrum e a minorité à Vaticano lI, art. paru dans Catholica sous la rubrique: Histoire religieuse contemporaine.

## O POST-CONCÍLIO

L'Oecuménisme, Assise, solução ou dissolução ? Publicações do *Courrier de Rome* (artigos publicados no Sim sim não não e o Courrier de Rome de 1984 à 1989), Versailles, 1990, 144 p,
La tentation de l'Oecuménisme, (a tentação do ecumenismo) actas do III° congresso teologico de Sim sim não não, abril 1998, Publicações do Courrier de Rome, Versailles,

1999,518 p.

La raison de notre combat, la Messe catholique, (o motivo do nosso combate, a Missa católica) Clovis, Étampes, 1999, 378 p. (textos fundamentais de: card, OTTAVIANI e BACCI, R. -Th. CALMEL, Mons. LEFEBVRE, Didier BONNETERRE, Paul AULAGNIER, Dom Édouard GUILLOU, Raymond DULAC),

Fsspx, Le problème de la réforme liturgique, A Missa de Vaticano II e de *Paul VI, étude théologique e liturgique, (O problema da reforma litúrgica, a missa de Vaticano II e de PauloVI, estudo teológico e litúrgico) Clovis, Etampes, 2001, 126 p,*

*BONNETERRE, abbé Didier, Le mouvement liturgique, (o movimento liturgico) éd, Fideliter, 1980, 190 p, BUGNINI, Annibale, A Riforma liturgica, CLV, Roma, 1997,*

*COOMARASWAMY, Rama P. , Les problèmes de a nouvelle Messe, (Os problemas da nova missa) ed. Age* d'Homme, Lausanne, 1995 (trad. de l'anglais).

DA SILVEIRA, Amaldo Xavier, A nouvelle Messe de Paul VI, qu'en penser ? (A nova misssa de Paulo VI o que pensar? )

DPF, Chiré-en-Montreuil, 1975,358 p. (trad. du portugais).

DAVIES Michael, Pope Paul's New Mass, The Liturgical Revolution, (A revolução litúrgica) vol. lII, The Angelus Press, Dickinson, 1980, 674 p.

DÖRMANN, Johannes, La théologie de Jean-Paul II et l'esprit d'Assise, (A teologia de João Paulo II e o espírito de Assis) trad. do alemão (comentário de l'encíclica Redemptor hominis à luz da réunião ecuménica de Assis em 1986), Publicações do Courrier de Rome, Versailles, 1995, 226 p.

GIAMPIETRO, Nicola OFM Cap, Il Card. Ferdinando Antonelli e gli sviluppi della riforma liturgica del 1948 ai 1970, Studia Anselmiana, Roma, 1998.

MADIRAN, Jean, L'hérésia du XX° siècle, (A heresia do século XX) NEL, 1968, 310 p.

MISSUS ROMANUS do « Courrier de Rome », La Révolution permanente dans la liturgie, A revolução permanente na Liturgia ed. du Cèdre, Paris, s. d. (1975),84 p.

OTIAVIANI, card. Alfredo e BACCI, card. A. , Bref examen critique du nouvel « Ordo missae» (o breve exame critico da nova missa), fundação « Lumen Gentium », Vaduz, Liechtenstein, s. d. (1970); reproduzido em la raison de

notre combat. (o motivo do nosso combate)

SALLERON, Louis, la nouvelle Messe, (A nova missa) NEL, Paris, 1970 (colecção Itinéraires), 190 p.

## MONSEIGNEUR LEFEBVRE, A FSSPX E ROME

Écône portes ouvertes, (Écône, porta aberta) éd. Saint-Gabriel, Martigny, 1976,48 p.

La religion, spécial Écône, (A religião, especial Écône) n. 6 de Natal 1976 de Item, Revista de opinião livre, SPL, Paris, 1976 « (Examen »: Écône ou la religion vraie; « opinions »: 23 auteurs parlent d'Écône e de la tradition (Écône ou a religião verdadeira; opiniões: 23 autores falam de Écône e da Tradição)).

La condamnation sauvage de Mons. Lefebvre (A condenação salvagem de Monsenhor Lefebvre), Itinéraires, n° especial 200 bis, Fevereiro 1976, aumentado Abril 1977 (os documentos, Novembro 1974 - Março 1977, anotados par J. Madiran).

*Mons. Lefebvre e le Saint-Office, Itinéraires n° 233, Maio 1979 (Os textos oficiais, Janeiro 1978 - Janeiro 1979).*

*Mons. Marcel Lefebvre e le Vatican sous le pontificat de lean-Paul II, Itinéraires n° Especial 265 bis, (os documentos de Março 1979 à Outubro. 1981).*

*Fideliter (boletim bimensal) n° 11, Setembro 1979; 59, Setembro 1987; 85, Jan. 1992.*

*A Fraternidade São Pio X, une Oeuvre d'Église, le miracle d'Écône, (A fraternidade São pio X, uma obra da Igreja, o milagre de Écône) ed.* Saint-Gabriel, Martigny, 1982, 80 p.

La Tradition excommuniée, (A Tradição excomungada) publicações do Courrier de Rome (artigos inéditos ou publicados em Si si no no e o Courrier de Rome àcerca das consagrações episcopais de 1988), Versailles, 1989, 134 p.

ANZEVUI, abbé Jean, O drame d' Écône, analyse et dossier, (O drama de Écône, análise e dossiê) Valprint, Sion, 1976,172 p.

AULAGNIER, abbé Paul, La Tradição sans peur, (A tradição sem medo) ed. Servir, Paris, 2000,350 p. CAGNON, André, Les relations de Rome avec Écône, (as relações de Roma e de Écône) compilação dactilografada dos documentos comentados por Mons. Lefebvre [ROMEC].

CAVATERRA, Emilio, Il prefetto del Sant'Offizio - O opere ed i giorni del cardinale Ottaviani (o prefeito do Santo ofício – a obra e os dias do Cardeal Ottaviani) (de 1965 até a sua morte, o cardeal a escreveu um jornal pessoal abundantemente citado na obra), ed. Mursia, Milano, 1990, 200p.

CHALET, Jeanue-Anne, Monseigneur Lefebvre, dossier complet, (Mons. Lefebvre, dossier completo) Pygmalion, Paris, 1976,256 p, (Tout « l'été chaud » 1976) (todo «O verão quente» de 1976).

CHIRON, Yves, Paul VI, Le pape écartelé, (Paulo VI, o Papa esquartejado) Perrin, 1993, 368 p.

DAVIES, Michael, Apologia pro Marcel Lefebvre, (Apologia em favor de Monsenhor Lefebvre) 3 voI. , The Angelus Press [Apologia I, 11 e I1I].

FOUCART, Françoís, Mons. Lefebvre, un an apres, (Mons. Lefebvre um ano depois) em Les dossiers de Franee-Inter, La vérité sur Mons. Lefebvre... (Averdade sobre Monsenhor Lefebvre), Presses de a Cité, Paris, 1977, 192 p. (La secousse sísmíque de l'été 1976 e ses suítes), (O abalo sísmico do Verão de 1976 e as consequências)

GUlTTON, Jean, Paul Vl secret (Paulo VI, segredo), DDB, 1979, 174 p,

KRÂMER-BADONI, Rudolf, Revolução in der Kirehe, Lefebvre und Rom, (A revolução na Igreja, Lefebvre e Roma) Herbíg, München, 1980, 316 p,

LAI, Benuy, Il Papa non eletto, Giuseppe Siri, eardinale di Santa Romana Chiesa (O Papa não eleito, José Siri, Cardeal da Santa Igreja Romana) A obra cita abundantemente a correspondência e o diario du cardeal), ed. Laterza, Roma, 1993,416 p.

LAISNEY, Rev. Fr, Françoís, Archevêque Lefebvre and the Vatican (O Arcebispo Lefebvre e o Vaticano) (documentos e comentários, 1987-1988), The Angelus Press, Kansas City, 1999,240 p.

Le Roux, Daníel, Pierre m'aimes-tu ? Jean-Paul II: pape de tradition ou pape de la révolution ? (Pedro amas-Me? João Paulo II Papa da tradição o Papa da revolução) ed. Fideliter, 1988, 180 p.

MARCHAL, abbé Denis, Monseigneur Lefebvre, vingt ans de combat pour le sacerdoce et la foi, 1967-1987, (Monsenhor Lefebvre, vinte anos de combate para o sacerdócio e a

Fé, 1967-1987) NEL, 1988, 160 p, (resumo de todos os documentos das relações entre Roma e Écône).

MONTAGNE, Yves, L'évêque suspens, (O bispo suspenso) Catholíc Laymen's League, Rome, 1977.

PEROL, Huguette, Les Sans-papiers de I'Église, (os indocumentados da Igreja) E-X. de Guibert, Paris, 1996, 196 p.

SAVIOZ, abbé Jean-Marie, Essai historique sur la fondation de la Fraternidade sacerdotale São Pio X par Mons. Marcel Lefebvre e sur l'installation de son Seminaire à Écône en Valais, I969-1972, (Ensaio histórico sobre a fundação da Fraternidade São Pio X por Monsenhor Lefebvre e a instalação do seu Seminário em Écône no Valais, em 1969-1972) memória de licenciatura em teologia, Universidade de Friburgo, 1995, 138 + 28 p. , e 4 serias d'anexos en 2 voI. de 160 e 120 p.

WAGNER, Georges-Paul, e REMY, Dominíque, La condamnation, (a condenação) Ulysse, Bordeaux, 1992,200 p. (o processo da LICRA –propos sobre o l'íslão).

# ÍNDICE DAS MATÉRIAS

## ÍNDICE DAS MATÉRIAS

## Capítulo III
## SEMINARISTA ROMANO

Capítulo IV
O Vigário dos arrabaldes operários
1930-1931



Capitulo V
Noviço – Sacerdote
1931-1932



Segunda Parte
O Missionário

Capítulo VI
Sertanejo no Gabão

Capítulo VIII
Arcebispo de Dakar

Capítulo IX
Delegado Apostólico



Capítulo X
Escaramuças africanas

Terceira Parte
O Combatente

Capítulo XI
Interlúdio de Tulle



Capítulo XII
Face à tormenta conciliar

Capítulo XIII
Arauto de Cristo-Rei

Capítulo XIV
Superior Geral – derradeira tentativa de salvação



Capítulo XV
Constituição da resistência
(1965-1969)

Capítulo XVII
«Adiro à Roma eterna»

Capítulo XVIII
Os Baluartes da reconquista

Capítulo XIX
Operação de sobrevivência

## Capítulo XX
## Transmiti o que recebi

## «ANEXOS